

Universidade de Évora - Instituto de Investigação e Formação Avançada

Programa de Doutoramento em Arqueologia

Tese de Doutoramento

Megalitismo e povoamento entre o Zêzere e o Tejo na região de Castelo Branco. Identidades

João Carlos Pires Caninas

Orientador(es) | Jorge de Oliveira

Évora 2020



Universidade de Évora - Instituto de Investigação e Formação Avançada

Programa de Doutoramento em Arqueologia

Tese de Doutoramento

Megalitismo e povoamento entre o Zêzere e o Tejo na região de Castelo Branco. Identidades

João Carlos Pires Caninas

Orientador(es) | Jorge de Oliveira

Évora 2020



A tese de doutoramento foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Instituto de Investigação e Formação Avançada:

- Presidente | António José Estevão Grande Candeias (Universidade de Évora)
- Vogal | António Faustino Carvalho (Universidade do Algarve)
- Vogal | Raquel Maria da Rosa Vilaça (Universidade de Coimbra)
- Vogal | Primitiva Bueno Ramírez (Universidad de Alcalá)
- Vogal | Mariana Teodósia Castelo Branco Diniz (Universidade de Lisboa)
- Vogal | Leonor Maria Pereira Rocha (Universidade de Évora)
- Vogal-orientador | Jorge de Oliveira (Universidade de Évora)

Évora 2020

Índice

Abreviaturas 4
Introdução 5
1. Objectos e objectivos 9
Os objectos do estudo 9
Os objectivos do estudo 10
2. Área de estudo 12
2.1. Introdução 12
2.2. Enquadramento 13
2.3. Caracterização dos factores físicos, biofísicos e bióticos 14
2.4. Compartimentação 20
3. Historiografia 21
3.1. Introdução 21
3.2. Faseamento 23
3.3. Comentários 36
4. Metodologia 37
4.1. Introdução 37
4.2. As fontes do conhecimento 37
4.3. Caracterização e composição dos dados 38
4.4. Nomenclatura e taxonomia 41
4.5. Limitações e lacunas de conhecimento 43
5. Informação disponível 46
5.1. Estruturas funerárias 46
5.1.1. Vila Velha de Ródão 46
5.1.1.1. Território 46
5.1.1.2. Síntese da investigação 47
5.1.1.3. Contexto arqueológico 49
5.1.1.4. Catálogo 50
5.1.2. Proença-a-Nova 54
5.1.2.1. Território 54
5.1.2.2. Síntese da investigação 55
5.1.2.3. Contexto arqueológico 58
5.1.2.4. Catálogo 59
5.1.3. Castelo Branco 61
5.1.3.1. Território 61
5.1.3.2. Síntese da investigação 62
5.1.3.3. Contexto arqueológico 65
5.1.3.4. Catálogo 68
5.1.4. Idanha-a-Nova 69
5.1.4.1. Território 69
5.1.4.2. Síntese da investigação 70

5.1.4.3. Contexto arqueológico 78
5.1.4.4. Catálogo 80
5.1.5. Oleiros 81
5.1.5.1. Território 81
5.1.5.2. Síntese da investigação 82
5.1.5.3. Contexto arqueológico 83
5.1.5.4. Catálogo 84
5.2. Outras modalidades funerárias 86
5.3. Monumentos não funerárias 89
5.3.1. Introdução 89
5.3.2. Menires e estelas 92
5.3.3. Alinhamentos e cromeleques 97
5.3.4. Comentários 99
5.4. Sítios de uso quotidiano 100
5.4.1. Introdução 100
5.4.2. Os sítios 101
5.4.3. Comentários 114
5.5. Sítios com expressões gráficas 117
5.5.1. Introdução 117
5.5.2. Retrospectiva cronológica 119
5.5.3. Distribuição e temáticas 121
5.5.4. Comentários 131
6. Perspectivas 132
6.1. Distribuição geral e representatividade 132
6.2. Inserção no território 134
6.2.1. Altimetria 134
6.2.2. Geologia 140
6.2.3. Morfologia 143
6.3. Agregações e trânsito 144
6.3.1. Introdução 144
6.3.2. Casos de estudo 146
6.3.3. Comentários 155
6.4. Integração entre diferentes tipos de sítios 159
6.4.1. Introdução 159
6.4.2. Alguns casos 159
6.4.3. Na área de estudo 167
6.5. Arquitecturas 172
6.5.1. Introdução 172
6.5.2. Morfologia e dimensões 178
6.5.2.1. Envergaduras 179
6.5.2.2. Tipologia de subestruturas internas 183
6.5.2.3. Aspectos construtivos das câmaras 186
6.5.2.4. Corredores e átrios 191

6.5.2.5. Modalidades de acesso à câmara 196
6.5.2.6. Os *tumuli* e subestruturas associadas 202
6.5.2.7. Fogueiras e combustões 207
6.5.3. Materiais de construção 209
6.5.3.1. Elementos grosseiros 209
6.5.3.2. Elementos finos 212
6.6. Artefactos e rituais 213
6.6.1. Artefactos 213
6.6.1.1. Peças macrolíticas lascadas e afeiçoadas 220
6.6.1.2. Instrumentos em pedra lascada 226
6.6.1.3. Instrumentos em pedra afeiçoada 228
6.6.1.4. Instrumentos de pedra polida 229
6.6.1.5. Adornos 229
6.6.1.6. Artefactos simbólicos 230
6.6.1.7. Cerâmica 232
6.6.1.8. Metais 234
6.6.1.9. Ossos humanos 235
6.6.2. Rituais 235
6.7. Cronologia 247
6.7.1. Introdução 247
6.7.2. Diacronias 250
6.7.3. Na área de estudo 257
6.8. Toponímia 259
6.9. Conservação e valorização 266
7. Enquadramento 277
8. Conclusões gerais 286
Resumo e abstract 296
Dedicatórias, homenagens e agradecimentos 298
Fontes de informação 300
Índice das figuras 351
Índice das tabelas 357
Anexo 1. Tabelas gerais
Anexo 2. Catálogo das construções funerárias do concelho de Vila Velha de Ródão
Anexo 3. Catálogo das construções funerárias do concelho de Proença-a-Nova
Anexo 4. Catálogo das construções funerárias do concelho de Castelo Branco
Anexo 5. Catálogo das construções funerárias do concelho de Idanha-a-Nova
Anexo 6. Catálogo das construções funerárias do concelho de Oleiros
Anexo 7. Tabela de inserção das construções funerárias no território
Anexo 8. Tabela das características construtivas
Anexo 9. Tabela das tipologias construtivas
Anexo 10. Tabela de artefactos provenientes de escavações

Abreviaturas

AEAT	Associação de Estudos do Alto Tejo
CAVVR (2012)	Carta Arqueológica de Vila Velha de Ródão (Coordenador: F. Henriques)
CGP	Carta Geológica de Portugal à escala 1:50000 ou nº da respectiva folha
CMP	Carta Militar de Portugal à escala 1:25000 ou nº da respectiva folha
CNS	Código Nacional de Sítio arqueológico (DGPC)
CIMBB	Comunidade Intermunicipal da Beira Baixa
CMVVR	Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão
CAPN	Campo Arqueológico de Proença-a-Nova
DGPC	Direcção Geral do Património Cultural
EIA	Estudo de Impacte Ambiental
IGESPAR	Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico
IGM	Instituto Geológico e Mineiro
ipp	Instrumento de pedra polida
LNEG	Laboratório Nacional de Energia e Geologia
MFTPJr	Museu de Francisco Tavares de Proença Júnior
ONGA	Organizações não governamentais de ambiente
PDM	Plano Director Municipal
na	não atribuído
nd	não determinado
ni	não identificado
SAMFTPJr	Sociedade dos Amigos do Museu de Francisco Tavares de Proença Júnior
SGP	Serviços Geológicos de Portugal
vg	vértice geodésico

Introdução

A morte, seja como fim da vida ou como transição para uma outra vida, tem um significado tão importante para as comunidades humanas ao ponto de conhecermos muitas das antigas culturas unicamente através das suas manifestações funerárias (Kerrigan, 2007). A visibilidade, a monumentalidade e a perenidade material das "casas" dos mortos têm superado em muitos casos as construções dos vivos.

A construção de monumentos funerários e rituais com pedras rudemente aparelhadas, postas a pino, isoladas, alinhadas ou delimitando espaços fechados e atingindo, muitas vezes, grandes dimensões explicam a ampla adesão, nomeadamente da comunidade científica, ao conceito de megálito e de megalitismo, concepção unificadora que esconde o seu polimorfismo (Jorge, 1987b) e uma pluralidade de intenções, consideradas num tempo longo. Encaradas desta forma simplificadora, agregadora e falsamente identitária, as grandes pedras postas ao alto, a par das colinas funerárias de variadas dimensões e formas, representam um fenómeno funerário, focado em rituais de entrega, principalmente, dos mortos humanos à terra, com uma larga expressão mundial, ultrapassando, mesmo, as fronteiras da Eurásia (Mohen, 2009).

As diferentes formas megalíticas motivaram, por exemplo na Europa ocidental, reacções díspares da parte das sucessivas comunidades humanas, históricas, que com elas se confrontaram, para além do seu tempo de vida original, pré-histórico. Referimo-nos a reacções de rejeição, desde os éditos de destruição destes símbolos considerados pagãos, promovidos pelo cristianismo a partir do séc. IV, à sua aceitação e conservação no espaço humanizado por sucessivas gerações, como marcas de termo (Fabião, 2016) ou como protagonistas de lendas e, principalmente, à sua reutilização, motivada por interpretações e concepções tão subjectivas como os cultos de fertilidade, os novos rituais relacionados com o druidismo, a celtomania (Mohen, 2009: 13-29) ou o sincretismo religioso, bem evidenciado nos inúmeros casos, portugueses, da transformação de antas em capelas (Oliveira *et al.,* 1995).

Na linha das variadas formas de especulação lendária e narrativa mais antigas, a temática dos monumentos megalíticos não podia deixar de ser acompanhada com vivo interesse também em Portugal, dada a proliferação extensiva e a presença incontornável destas antigas e resistentes arquitecturas, motivando abordagens eruditas a partir do séc. XVI, pela pena de Frei Martinho de São Paulo, passando pela referencial conferência de Martinho de Mendonça e Pina, em 1733, pela *monografia fundadora* da abordagem científica do tema, de F. A. Pereira da Costa, em 1868 (Fabião, 2016), por outros valiosos estudos, por exemplo de Estácio da Veiga e de Leite de Vasconcelos, por leituras de pendor nacionalista (Corrêa, 1944), pelo *corpus* de âmbito peninsular da responsabilidade de Georg e Vera Leisner e por uma multiplicidade de autores contemporâneos que nos dispensamos de citar. Todo este labor representa, em retrospectiva, "o maior número de publicações" (Cardoso, 2002: 185) entre as que foram dedicadas à Pré-História em Portugal.

O presente estudo pretende dar continuidade e desenvolvimento ao tema abordado pelo autor na dissertação de mestrado defendida em 2012 na Faculdade de Letras da Universidade do Porto com o título *As construções funerárias da Pré-História Recente na região de Castelo Branco no contexto da carta arqueológica regional*.

Esse estudo incidiu num território correspondente ao antigo distrito de Castelo Branco[1] no âmbito do qual se procurou fazer uma abordagem historiográfica da evolução do conhecimento acerca das construções funerárias da Pré-História Recente, desde o séc. XIX até ao presente, tomando, no presente, como lista de sítios a base de dados pública, sob gestão da actual DGPC. Dedicou-se um último capítulo ao aprofundamento arqueográfico das sepulturas do concelho de Vila Velha de Ródão e dos materiais obtidos na escavação de alguns daqueles monumentos. A escolha deste espaço, fechado a norte e a ocidente por relevos associados ao Maciço Central mas aberto a leste e a sul, embora limitado no seu estudo por fronteiras internacionais, revelou-se ajustada face às especificidades fisiográficas daquela região, a uma noção de isolamento geográfico (Matoso *et al.*, 2010), em relação ao restante território continental, e a um quadro de referência iniciado por Francisco Tavares de Proença Jr, com a sua carta arqueológica distrital, que consubstanciou ponto de partida incontornável para estudos comparativos.

Procurou-se, então, caracterizar a humanização daquele território com a convicção de que as sepulturas pré-históricas, devido à sua natureza perene, são "os vestígios arqueológicos ainda mais abundantes, e desse modo provavelmente mais expressivos ou significantes, a uma escala regional, porque [...] embora constituindo espaços de mortos são consequência directa da vida e, por isso, os indicadores possíveis (quando outros faltam) da geografia do povoamento antigo do território" (Caninas, 2012). Em acréscimo, tentou-se explicar a variabilidade na distribuição dos sítios, observada entre as terras baixas meridionais, as terras baixas setentrionais e as terras altas, em consequência, principalmente, de factores pós-deposicionais, de distorção e assimetria do conhecimento acerca do registo arqueológico, condicionada por diferentes eixos de investigação (arqueológica), ao longo de mais de um século, e por diferentes modos de utilização do solo e subsolo com efeitos destrutivos muito diferenciados ao longo daquele território.

O presente estudo, *Megalitismo e Povoamento entre o Zêzere e o Tejo na região de Castelo Branco,* restringe a área de estudo (Figura 1.1) a cinco[2] dos onze municípios do antigo distrito, os quais correspondem ao cantão de pesquisa da Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT), em cujas actividades o autor tem participado activamente desde há vários anos. Embora restringida comparativamente com a abordagem anterior, a área de estudo pode considerar-se significante como amostra de território, com 4042 km^2 de extensão. Ao invés do que foi executado em estudo anterior, agora, faz-se uma análise extensiva da totalidade da informação disponível acerca das sepulturas pré-históricas daquela área tendo como fonte de informação, actualizada[3], os inventários arqueológicos elaborados pela AEAT e que estão materializados nos catálogos anexos ao presente estudo. Somos devedores do labor do arqueólogo Francisco José Ribeiro Henriques, o melhor conhecedor desta realidade a nível regional e o responsável pela descoberta da grande maioria dos sítios em apreço.

Este novo estudo privilegia uma análise endógena, ou seja, uma procura de respostas na informação disponível na área de estudo, mas não resiste a exercícios comparativos com outros conjuntos regionais, embora não deva ser considerado um estudo de arqueologia comparativa. Reconhecem-se, contudo, limitações a um conhecimento mais detalhado das utilizações funerárias destas sepulturas por ainda não se dispor de informação acerca da totalidade dos espólios e das estratigrafias das mais recentes intervenções

[1] Concelhos de Belmonte, Castelo Branco, Covilhã, Fundão, Idanha-a-Nova, Oleiros, Penamacor, Proença-a-Nova, Sertã, Vila de Rei e Vila Velha de Ródão.
[2] São eles Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Oleiros, Proença-a-Nova e Vila Velha de Ródão. Juntamente com Penamacor formam a actual Comunidade Intermunicipal da Beira Baixa, e com Nisa integram o Geoparque Naturtejo.
[3] Comparativamente com a base de dados pública (DGPC) utilizada em estudo anterior (Caninas, 2012).

arqueológicas executadas nos concelhos de Proença-a-Nova e de Vila Velha de Ródão[4], algumas ainda em curso, além de insuficiências, também do ponto de vista artefactual e estratigráfico, na informação publicada em trabalhos antecedentes.

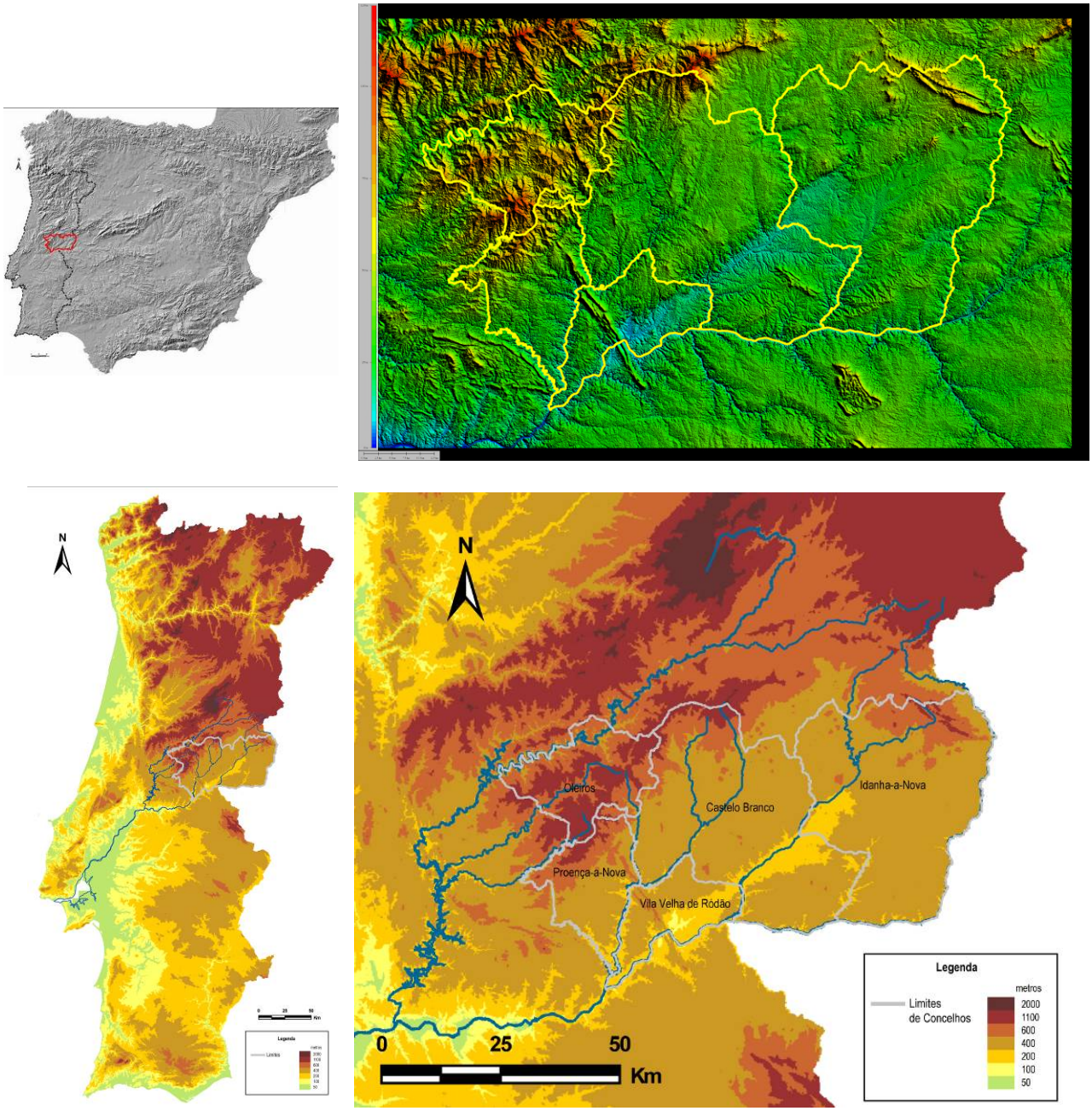


Figura 1.1. Localização da área de estudo sobre modelo digital do território da Península Ibérica (fonte: http://www.ricardocosta.com), sobre modelo digital do terreno local (cortesia de Hugo Pires), sobre mapa hipsométrico de Portugal Continental (http://www.guiadeportugal.pt), geral e ampliado com os limites entre os cinco municípios da Comunidade Intermunicipal da Beira Baixa.

A pertinência da escolha deste tema resulta em primeiro lugar da elevada representatividade regional destas antiquíssimas construções, do seu valor cultural intrínseco e da sua relevância na memória colectiva e na paisagem da área de estudo, proporcionando, tal como o sentimos, desde o primeiro momento, o mesmo fascínio que Antón Rodríguez Casal releva a propósito dos monumentos megalíticos da Galiza, quando afirma que "sorpresa, fascinación, incredulidade son impresións que chegan abraiar cando nos colle de súpeto o maxestoso

[4] O seu estudo e publicação estão comprometidos com outros investigadores no âmbito do Projecto de Investigação Mesopotamos (2015-2020).

empaque dun moimento megalítico, enchendo coa súa presencia toda a paisaxe circundante" (Rodríguez Casal, 1990: 13). As sepulturas desta região não têm a visibilidade pública - em parte por insuficiência de valorização - nem a monumentalidade das sepulturas construídas em granito, que pontuam outras regiões do Norte, do Centro e do Sul de Portugal, o que explica a ausência da Beira Baixa na obra *Portugal Megalítico* (Pereira *et al*, 2008). Mas esse atraso tem vindo a ser compensado com a atenção que o Campo Arqueológico de Proença-a-Nova tem dedicado desde 2012 ao estudo destes monumentos.

Por outro lado, a escolha do tema foi motivada pelo reconhecimento da inexistência de uma análise global sobre o fenómeno funerário nesta região[5], apoiada numa análise quantificada dos dados disponíveis, por comparação com outras regiões do território continental que têm sido contempladas com abordagens aprofundadas em teses académicas, em monografias e até em roteiros e percursos de visita. Admitimos que esse trabalho poderia ter avançado no início do séc. XX não fora a morte prematura de Francisco Tavares de Proença Júnior, tal o empenho que dedicou ao inventário e ao estudo das sepulturas megalíticas da região albicastrense, esforço que as poderia ter retirado mais cedo das margens do conhecimento. Mas se o fenómeno funerário está insuficientemente caracterizado nesta região, de um modo global, o mesmo não sucede com as expressões gráficas, em particular no rio Tejo (Gomes, 2010), e com a rede de povoamento, pelo menos em determinadas etapas históricas, nomeadamente no final da Idade do Bronze (Vilaça, 1995, 2008a, 2008b).

A ênfase no mundo funerário, para além das razões atrás invocadas, comporta, em nosso entender, uma oportunidade de conhecimento mais alargado da ocupação extensiva deste território, de acordo com a percepção que "o fenómeno tumular sob mamoa indica […] não somente no Norte de Portugal mas em todo o Noroeste peninsular, incluindo parte da Meseta Norte, a primeira ocupação sistemática do território, tanto pela densidade de construções (embora variável de região para região), como pela diversidade de topografias e ecossistemas escolhidos" (Sanches, 1997: 234).

Quanto à forma, procurou-se não circunscrever esta abordagem apenas ao conjunto limitado das construções estritamente megalíticas, alargando o seu universo a outras escalas, mas sempre referentes a sepulturas dotadas de coberturas monticulares. No tempo, procurou-se alargar o horizonte de estudo entre o 5º e o 1º milénio AC, para além e aquém do clímax do megalitismo funerário ocorrido ao longo do 4º milénio AC. O foco de atenção nas sepulturas de morfologia monticular, uma característica invariante (ou um *fio condutor*) do conjunto estudado, resulta da sua hegemonia na área de estudo, desde logo pela maior visibilidade que a sua natureza positiva detém na paisagem, comparativamente com a invisibilidade (não diremos inexistência) de outras formas, nomeadamente das estruturas negativas, como silos, fossas[6] e hipogeus. Tivemos em atenção o risco de ilusão proporcionado por uma aceitação acrítica das formas monticulares, que não devem ser correlacionadas exclusivamente com funções funerárias, dado que também podem representar vestígios de ocupações residenciais, como são os casos da Serra da Aralar (Moraza Barea *et al.,* 2003; Moraza Barea & Mujika Alustiza, 2005), das motas medievais (Alarcão & Barroca, 2012: 243), das *motillas* manchegas ou dos mais distantes *cerritos* sulamericanos (Bonomo *et al.,* 2011).

[5] Existe um ensaio de faseamento (Cardoso *et al.,* 2003) que não se deve extrapolar para a região de Castelo Branco uma vez que respeita a uma pequena parcela desta região.

[6] Embora não documentadas até ao momento, na área de estudo, não são de excluir as associações entre *tumuli* e contentores funerários profundamente escavados na rocha, e amplamente representados na Eurásia (v. por exemplo: Díaz-Guardamino Uribe, 1997; Seregin & Matrenin, 2016; Shulga, 2016).

1. Objectos e objectivos

1.1. Os objectos do estudo

Os objectos de estudo são principalmente construções de valor arqueológico. As relações espaciais entre estes e a relação destes com o espaço onde se inserem são vectores de análise. Os artefactos e os restos antropológicos neles recolhidos em escavação, mas também as manifestações gráficas, são considerados elementos complementares de caracterização e de diferenciação dos tempos, das funções e dos seus modos de uso. A informação arqueométrica seria do maior interesse para completar essa caracterização mas, de momento, está omissa na informação disponível.

A substantivação expressa no título não pretende evidenciar qualquer duplicidade na delimitação dos objectos em análise. A escolha do termo *megalitismo* visa sinalizar a relevância regional das construções ditas megalíticas, e principalmente das que se julga terem servido propósitos funerários, no contexto do conhecimento do *povoamento* do território situado *entre o Zêzere e o Tejo na região de Castelo Branco*. A adopção daquele conceito não pretende restringir o universo das construções às *dimensões* ou tipologias megalíticas, uma vez que o estudo será ampliado a outras formas e dimensões num tempo longo balizado entre o 5º e o 1º milénio AC. Outro aspecto distintivo destas construções decorre da circunstância de serem as únicas a deterem nomes específicos nos falares regionais, *anta e mamoa*, facto decorrente, talvez, da sua evidência na paisagem e resistência ao tempo.

Os objectos mais significantes ou mais representativos desta ocupação do território, em termos quantitativos, são construções de morfologia monticular (*tumulus*), dotadas geralmente de subestruturas ortostáticas centrais (vulgarmente nomeadas como *antas*), que se associam aprioristicamente a funções funerárias. A representatividade deste tipo específico de sítios explica a circunstância de terem sido sujeitos a uma caracterização arqueográfica sistemática, materializada nos catálogos anexos a este estudo. Consideram-se incluídos nesta abordagem, até por simples enquadramento cronológico, outros tipos de estruturas funerárias, nomeadamente as de morfologia planar, assim qualificadas por não possuírem *tumulus* destacado acima do solo, embora tal ausência possa ser consequente de um processo erosivo, como é admitido (Correia & Parreira, 2002)[7] a propósito de pequenas sepulturas individuais da Idade do Bronze e da Idade do Ferro, no sul de Portugal.

Na área deste estudo não se conhecem, até ao momento, e à excepção de um caso, outras morfologias funerárias, positivas ou negativas, nomeadamente cistas, sem estruturas envolventes, e deposições em cavidades naturais ou artificiais (fossas, silos). Esta ausência pode resultar da menor visibilidade e de uma mais difícil detecção dessas modalidades funerárias. A excepção corresponde à urna cinerária depositada

[7] No caso da sepultura aplanada do Casarão (sec. VIII-VII AC), em Ourique, é referido que "o que resta do monumento é o anel periférico de lajes de xisto cravadas obliquamente na rocha de base, contendo um enchimento de pedras. Estas constituíam a base do monumento que, provavelmente, teria um volume original muito maior do que aquele que hoje se conserva: outras camadas de taipa ou terra acumulada poderiam ter criado um volume hemisférico mais visível na paisagem como aconteceria com sepulturas principescas por toda a Europa de então" (Correia & Parreira, 2002: 54-55). No Cerro do Malhão, em Alcoutim, observa-se um outro caso que, em nosso entender, ilustra a perda da massa monticular, evidenciada pelo desnível entre a estrutura pétrea basal e os topos dos esteios da cista megalítica. Contudo, os seus escavadores consideram-no um sarcófago desprovido de *tumulus* (Cardoso & Gradim, 2011:62).

sob o chão de uma construção circular dotada de espaço central coberto (Monte de São Domingos), uma opção que não corresponde aos modelos funerários mais comuns[8].

Outros sítios, significantes para o conhecimento da ocupação do território (*povoamento*), embora não sujeitos a uma descrição individualizada como a que foi concedida às sepulturas, são os locais destinados a funções quotidianas de habitação e de trabalho, genericamente nomeados como *habitat,* e aqueles outros conectos com práticas sociais de ritualidade e de marcação simbólica do território, englobando desde as formas mais complexas da chamada *arte rupestre* até discretos marcadores gráficos sobre afloramentos e ainda monólitos fincados no solo (menires e estelas), com ou sem expressões gráficas.

Na linha da opção metodológica adoptada por Francisco Tavares de Proença Júnior, na sua carta arqueológica do distrito de Castelo Branco (Proença Jr, 1910), que individualiza os *machados de pedra*[9] como ocorrências arqueológicas georreferenciáveis e postas ao nível de sítios e construções, valorizou-se a sua distribuição como indicadora de ocupação humana (*povoamento*) naqueles sectores da área de estudo onde a rede de sepulturas é deficitária, seja por deficiência de investigação, seja em consequência de uma maior incidência das destruições históricas.

Em síntese, o *povoamento* é entendido como o conjunto das materialidades organicamente relacionadas no tempo pretérito, numa determinada região, e que, no contexto de análises especializadas se desagregam habitualmente em sepulturas, sítios de habitat e sítios com grafismos rupestres.

1.2. Os objectivos do estudo

Os objectivos deste estudo foram assumidos como limitados pelo alcance de conhecimento que a informação disponível permitia atingir. Em primeiro lugar, interessava sistematizar a documentação inédita disponível na AEAT acerca das estruturas funerárias pré-históricas da região de Castelo Branco, na forma de um catálogo, e responder, entre outras, às seguintes perguntas: *o que são?* E *onde estão?*

Seguidamente, interessou-nos evidenciar os factores de diferenciação e de diversidade deste acervo, no espaço e no tempo históricos, tentando identificar as razões intrínsecas aos processos de criação dessas materialidades (presença/ausência) e à sua transformação (reutilização, reconfiguração), discriminando-as das causas extrínsecas (destruição, degradação), conectas com os usos posteriores do território e dos seus recursos. As perguntas seguintes são: *porquê?* E *quando?*

Na linha das causas extrínsecas, além da degradação por factores naturais, o desmantelamento de estruturas pré-históricas por motivos ideológicos, a libertação dos respectivos espaços para outros usos ou o saque dos seus materiais (pedra ou argila), para outras utilizações, têm sido as explicações avançadas para a degradação dos antigos monumentos e baseiam-se, por outro lado, na presunção de uma prática essencialmente conservacionista das comunidades pré-históricas em relação aos seus monumentos. De

[8] A qualificação alternativa, como sepultura, da maior das chamadas cabanas circulares do Monte de São Domingos (Cardoso *et al. 1998*) só encontra paralelo no território português na também excepcional sepultura da Roça do Casal do Meio (Cardoso, 2002: 415). Esta construção, embora de complexidade e envergadura superior à do Monte de São Domingos, também dispunha de um murete periférico suficientemente largo para servir de suporte à cobertura da câmara funerária.

[9] Designação que também engloba outros instrumentos em pedra polida como enxós e goivas.

facto, revelou-se difícil documentar casos de desmantelamento total de estruturas[10], por parte dos seus construtores ou de grupos pré-históricos sucedâneos, embora tais actos possam ser indiciados pela reutilização de peças notáveis, como por exemplo, de menires em sepulturas.

Para completar o quadro de conhecimento sobre a ocupação pré-histórica deste território, interessava compreender as conexões ou correlações dos vários segmentos do sistema cultural (residencial, funerário, ritual, simbólico) entre si, embora se admita ser um objectivo de difícil alcance face às limitações inerentes à informação actualmente disponível e à sua repartição espacial.

Por último, assinalam-se as lacunas de conhecimento como tópicos de partida para pesquisas futuras.

A resposta a algumas destas perguntas foi iniciada em estudo anterior (Caninas, 2012), que teve de comum com o presente tanto o tema como o espaço físico, e no qual foi concedida especial ênfase à narrativa da construção do conhecimento acerca das construções funerárias da área de estudo desde o século XIX até ao presente.

[10] Comportamentos distintos dos casos de "condenação" ou encerramento de sepulturas complexas, ou seja, com a conservação das estruturas após o fim do tempo da sua utilização.

2. Área de estudo

2.1. Introdução

Optou-se por titular este capítulo como *Área de Estudo* em detrimento dos conceitos de *Espaço*, de *Paisagem* ou de *Território*. O termo *Espaço* de aplicação indiferenciada, que pode ser invocado desde os caracteres dimensional ou geométrico até à totalidade do universo, carece de adjectivação para lhe conferir especificidade. O conceito de *Paisagem,* privilegiado como *entidade visual,* traduz uma abordagem orgânica, dinâmica, da resultante terrestre da interacção entre os factores abióticos, bióticos e humanos (Cancela d´Abreu *et al.,* 2004).

"Para além de ser a imagem do espaço físico e biológico em que vivemos é também no seu sentido mais lato, o reflexo no território da vida e cultura de uma comunidade" (Telles, 1994: 31). E deste ponto de vista faria mais sentido invocá-lo numa perspectiva mais reflexiva ou de compartimentação do espaço físico. Já o conceito de *Território*, estribado na Paisagem, embora distanciado desta, tende a ser entendido, de um modo mais estático, inorgânico e segmentado, como "manancial de recursos materiais" (Telles, 1994: 32)[11] não condicionado pela coerência dos seus conteúdos (Araújo, 1994)[12].

Nesta abordagem espacial das materialidades arqueológicas é pertinente procurar delimitar parcelas terrestres dotadas de especificidades que as distingam das que lhes são adjacentes, numa tentativa de identificar algum condicionamento do povoamento humano, reconhecendo que "uma região geográfica caracteriza-se por certa identidade de aspectos comuns a toda ela. Não apenas as condições gerais de clima e posição, mas ainda as particularidades da natureza e do relevo do solo, o manto vegetal e as marcas da presença humana, nos darão o sentimento de não sairmos da mesma terra" (Ribeiro, 1986: 140).

Neste âmbito, além dos caracteres dimensionais e geométricos, dos aspectos físicos terrestres como a morfologia, o substrato geológico, as reservas de água, ou aéreos como o clima, o regime de ventos ou a exposição solar, teria interesse considerar as componentes bióticas ou as resultantes da interacção entre os factores abióticos, bióticos e antrópicos como é o caso do solo, "a película de transição que separa em geral a rocha da atmosfera" (Ribeiro *et al.,* 1988: 532), estrutura essencial como suporte da vida. Contudo, não iremos tão longe, procurando, simplesmente, traçar um enquadramento mais simples para as evidências arqueológicas.

Optou-se por confinar a área de estudo ao conjunto contemporâneo formado pelos municípios de Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Oleiros, Proença-a-Nova e Vila Velha de Ródão por corresponder a um território pesquisado desde há vários anos pela entidade que é a principal fonte de informação utilizada, a AEAT, até porque se adapta bem a uma demarcação baseada em critérios fisiográficos.

[11] Sobre o conceito de Território, "ao deixar de se falar em paisagem, mas sim em território, deixou-se de entender a unidade ecológica e estética daquela para apenas se considerar a quantificação dos recursos disponíveis neste, a utilizar no mais curto intervalo de tempo" (Telles, 1994: 32). Daí o conceito de *ordenamento do território*.

[12] "... o vocábulo Paisagem identifica portanto todo o conteúdo material e fenomenal que, integrado num compartimento do território, e por uma determinada ordem, o caracteriza e distingue de outros compartimentos. Não é pois sinónimo de Território, vocábulo que designa uma parcela da superfície terrestre, independentemente do seu conteúdo" (Araújo, 1994: 123-124).

2.2. Enquadramento

A área de estudo localiza-se no centro-interior do território continental de Portugal numa unidade administrativa, actual, denominada *Comunidade Intermunicipal da Beira Baixa* (CIMBB). No passado integrou outras configurações político-administrativas, nomeadamente a *Província da Beira Baixa*[13], o *Distrito de Castelo Branco* ou a *Beira Interior* e outras, mais atrás no tempo, nomeadamente a *Lusitania* romana e diversos senhorios medievais e modernos (Alarcão, 2013).

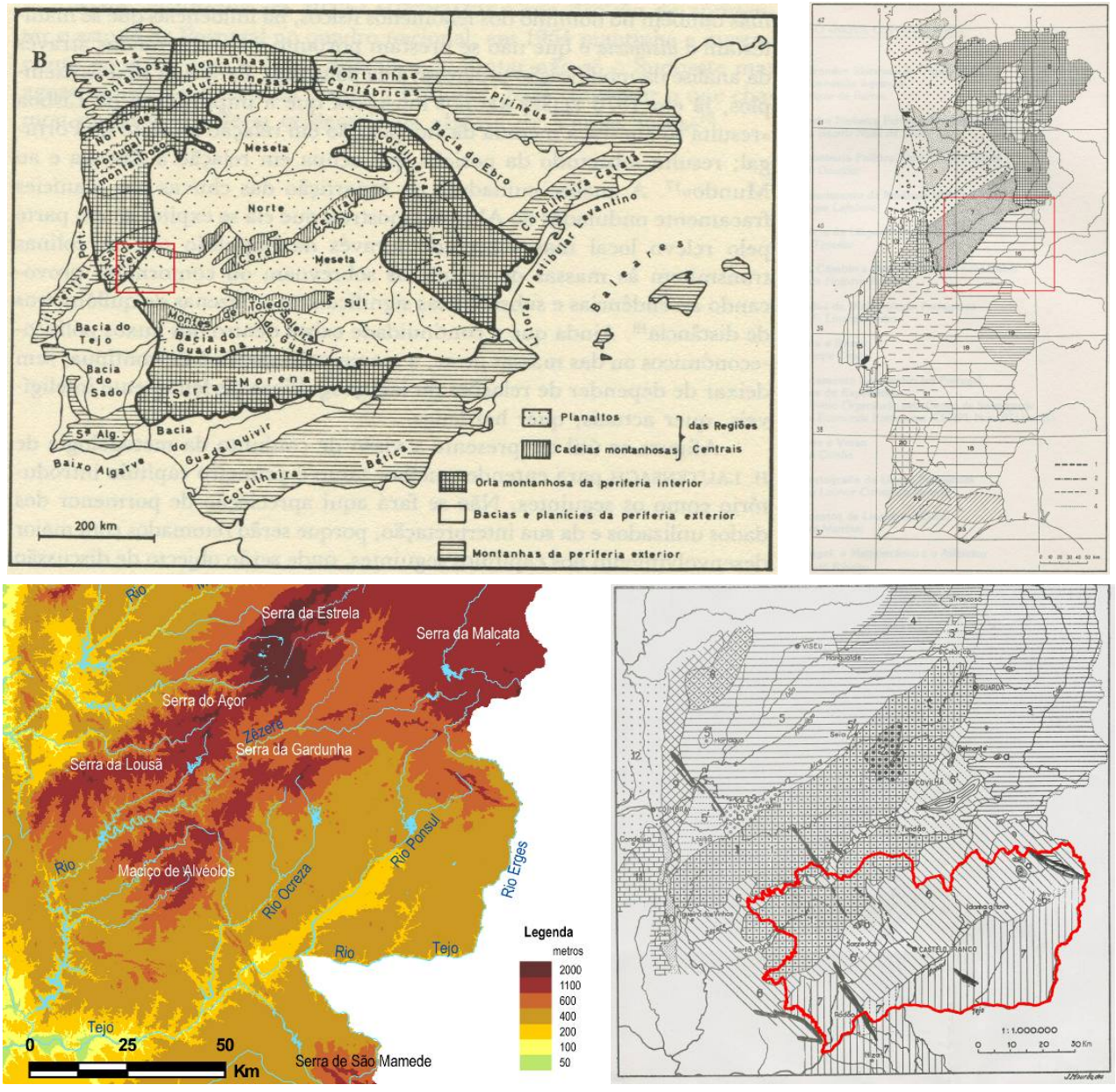


Figura 2.1. Da esquerda para a direita e de cima para baixo: (A) na figura da esquerda, o relevo da Península Ibérica (Ribeiro *et al.,* 1987: 33); (B) na figura da direita, as divisões geográficas de Portugal Continental (Ribeiro, 1986: 188-189). O tracejado grosso indica a divisão entre Norte e Sul. Unidades de paisagem: 7 – Cordilheira Central; 16 – Beira Baixa; (C) mapa hipsométrico onde assinalam-se os principais relevos e linhas de água (representação parcial da fonte: www.guiadeportugal.pt); (D) esboço morfológico da Beira Baixa (Ribeiro *et al.*, 1987: 239). 1 – Cordilheira Central; 6– Superfície de Castelo Branco; 7– Superfície do Alto Alentejo. A linha vermelha delimita a área de estudo.

[13] No século XVIII a parte ocidental desta área, incluindo Vila Velha de Ródão, Proença-a-Nova e Oleiros, integrou a Província da Estremadura.

À escala da Península Ibérica (A na Figura 2.1) e numa perspectiva morfoestrutural, observa-se o posicionamento da área de estudo na parte ocidental do Maciço Antigo, sobre a transição deste para a bacia sedimentar cenozóica exterior do Tejo, no interior do corredor fluvial daquele rio, encaixado entre as cadeias montanhosas centrais dos Montes de Toledo[14], a sul, e da Cordilheira Central Ibérica, a norte (Ribeiro *et al.*, 1987: 33). Este condicionamento oro-hidrográfico terá conferido importância à rota de trânsito e de trocas, de alcance milenar, estribada no rio Tejo, mas não diminui a relevância de outras rotas de orientação meridiana, transversais àquele corredor, bem ilustradas, por exemplo, pela rede principal de canadas reais que ligavam o Norte ao Sul da Península no séc. XVIII (Estepa Garcia, 2000: 8-9). A área de estudo também se encontra sobre o cruzamento da via tagana com a rota terrestre que ligava os planaltos do Norte da Beira ao Alentejo[15].

Esta área posiciona-se na transição entre duas entidades geográficas denominadas *Norte* e *Sul* (Ribeiro, 1986: 189), com uma fronteira (B em Figura 2.1) assinalada pelo bordo meridional da Cordilheira Central[16] - embora ocupe principalmente a segunda - de acordo com uma proposta de zonamento do território continental fundamentada entre outros factores na morfologia, mais montanhosa e elevada a norte mais baixa e aplanada a sul, e no clima, que transita das influências mediterrânicas, dominantes no Sul, mas ainda presentes no interior Norte, para as influências atlânticas dominantes no Norte, central e ocidental.

Na perspectiva da arquitectura paisagística (Cancela d´Abreu *et al.*, 2004) a região de Castelo Branco é repartida por dois grupos de unidades de paisagem denominados *Beira Interior*, a leste, e *Pinhal do Centro*, a oeste. Correspondem, aproximadamente, à anterior diferenciação geográfica entre *Campo* e *Charneca*.

A partir da Idade Média, o condicionamento político-administrativo resultante da formação de Portugal como estado independente poderá ter acentuado as características que individualizam este recanto beirão (Mattoso *et al.,* 2010)[17], isolado entre os relevos da Cordilheira Central (C em Figura 2.1), onde se destacam as serras de Alvélos, Gardunha, Estrela, Malcata, Açor e Lousã, a norte e ocidente, e o deserto demográfico, planáltico, a oriente, quebrando, desse lado, continuidades culturais que terão existido num passado pré-nacional. É delimitada pelos rios Tejo, Zêzere e Erges e percorrida no seu interior pelos rios Ponsul e Ocreza, para citar apenas os cinco cursos de água principais.

2.3. Caracterização dos factores físicos, biofísicos e bióticos

Os factores de caracterização da área de estudo e da região mais ampla em que se insere, contornada a norte e a ocidente pelos relevos da Cordilheira Central, oferecem imagens com graus de regularidade diferenciados. Contudo, têm especial relevância pela significativa redundância que comportam, aqueles que convergem na variação regular dos parâmetros representados como são, entre os factores físicos, a morfologia e o clima ou o factor (biofísico) fito-edafo-climático. Outros temas como a geologia ou os solos

[14] O relevo mais ocidental, situado em território português, é a Serra de São Mamede.

[15] Esse trânsito era proporcionado pela "larga porta da Guarda entre a Serra das Mesas e a Serra da Estrela", ligando a Meseta Norte e o planalto da Guarda às terras baixas situadas a sul. Esta passagem proporciona "uma circulação fácil entre o norte e o sul […]. Não é por acaso que a região histórica das Beiras se estende desde o Douro até ao Tejo" (Ribeiro *et al.,* 1987:12). Estes autores reforçam a ideia que "as grandes vias norte-sul, ao longo das quais se elaborou Portugal, estão na estreita dependência do seu relevo." (Ribeiro *et al.,* 1987: 276)

[16] "A Cordilheira Central deve à sua massa e altitude o poder ligar-se ainda às regiões atlânticas, de que forma uma espécie de promontório. Todavia, à excepção das áreas mais elevadas, uma vegetação mediterrânica, de sobreiros, medronheiros e estevas, reveste o boleado monótono das encostas de xisto, que hoje se cobrem de oliveiras" (Ribeiro, 1986:148).

[17] "… a Beira Baixa é uma típica área de transição entre o Norte e o Sul do país; caracteriza-se pela sua complexidade, o seu isolamento e a sua passividade" (Mattoso *et al.*, 2010: 366).

oferecem imagens mais heterogéneas. Estes factores poderão explicar, pelo menos em parte, o condicionamento da actividade humana no passado, quanto ao padrão de ocupação do território e do uso dos recursos minerais e da subsistência alimentar.

E "para identificar a variabilidade desses factores, considerámos preferenciais os registos relativos a componentes ambientais mais intemporais, como por exemplo a morfologia, a geologia e o clima, evitando aqueles que enfermem de maior temporalidade e do efeito de transformação ocorrida após o período histórico considerado, casos dos factores biológicos (os vários tipos de cultivos) e dos factores biofísicos, mais contingentes, como a capacidade de uso do solo. Enquanto os factores físicos nos podem aproximar mais do ambiente utilizado pelos grupos pré-históricos, os factores biológicos e biofísicos poderão ser mais úteis na compreensão da distribuição regional dos efeitos antropogénicos, modernos, de perturbação do registo arqueológico. A evolução da demografia e da mobilidade também poderiam ser úteis na compreensão dos efeitos degradativos ocorridos em períodos históricos subsequentes" (Caninas, 2012).

Entre os factores físicos conferimos destaque à morfologia regional[18], resultante da tectónica mas condicionada pela geologia e pela erosão natural, por atenção à sua influência noutros factores, nomeadamente climáticos e bióticos. A morfologia regional (D em Figura 2.1) foi sintetizada (Ribeiro, 1982) numa escadaria, de origem tectónica, formada por três degraus com desníveis orientados, de modo regular, de nordeste a sudoeste. Foram denominados (Ribeiro *et al.*, 1987: 152-154) *Cordilheira Central*, o mais elevado, *Superfície de Castelo Branco*, em posição intermédia, e *Superfície do Alto Alentejo*, o inferior. Acima ou abaixo do plano médio destes *blocos* existem formas positivas, como relevos quartzíticos, alongados, relevos isolados ou montes-ilha (inselbergs) e depósitos detríticos cenozóicos, mais ou menos extensos, com formas amesetadas, e depressões como a Cova da Beira. A série de falhas que esteve na génese desta escadaria condicionou o andamento da rede hidrográfica com destaque para o rio Ponsul que se encaixou em grande parte do trecho da falha homónima.

Esta caracterização é bem acompanhada por uma leitura hipsométrica como a que se representa na Figura 2.1.C. e que será utilizada por comodidade gráfica na projecção da informação arqueológica deste estudo. Observa-se que, na área de estudo, a altitude varia de norte e de oeste para sul e leste, desde os 1000 m, na Cordilheira Central, até níveis inferiores a 100 m, ao longo do rio Tejo e da longa depressão associada à falha do Ponsul, entre as Portas de Ródão e o concelho de Idanha-a-Nova. Os três níveis de altitude representados estão balizados na seguinte sequência: acima de 700 m; entre 400 m e 700 m; abaixo de 400m. Por ordem decrescente de superfície ocupada, a parte maior da área de estudo está situada no nível intermédio, seguindo-se o nível inferior e finalmente o nível superior. A altitude de 400m pode ser convencionada como limite entre as *terras altas* e as *terras baixas*, na área de estudo.

O efeito condicionante da morfologia e do relevo, noutros factores, pode ser traduzido por um gradiente de variação orientado de noroeste a sudeste, com amplitudes por vezes muito elevadas à escala de Portugal Continental. São exemplos do modo de variação apontado os mapas de distribuição da precipitação (A na Figura 2.2) e da temperatura do ar (B na Figura 2.2) ou, no que concerne às amplitudes de temperatura e de humidade, os mapas de termotipos (C na Figura 2.2) e de ombrotipos (D na Figura 2.2), tendo como referencial o zonamento do território continental em termos de contraste climático (Ribeiro *et al.,* 1988: 357-360), entre *norte versus* sul e *litoral versus interior*, a área de estudo coloca-se no lado *continental* (interior) por oposição a *marítimo* e no *sul* menos pluvioso.

[18] Este conhecimento é devedor de trabalhos pioneiros de Orlando Ribeiro (por ex.: Ribeiro, 1990: 167-305).

De acordo com a Figura 2.2.A e outras fontes (Ribeiro *et al.,* 1988: 399) no período temporal considerado a precipitação em Oleiros triplicou (entre 1600mm e 2000mm) a registada no sudeste de Idanha (de 500mm a 600mm), oferecendo uma das mais elevadas variações espaciais (se a estendermos à Serra da Estrela com valores superiores a 2500mm) só comparável às que se observam entre as serras orientais do Minho e a baixa de Mirandela numa distância equivalente. A temperatura média diária do ar (B na Figura 2.2) teve uma variação menos acentuada, mas ainda assim muito significativa, entre as serras de Alvélos e da Gardunha, com um intervalo entre 7,5 ºC e 10,0 ºC, e a depressão do Ponsul, com um intervalo térmico entre 16,0 ºC e 17,5 ºC.

No caso da informação bioclimática, os termotipos variam de *termomediterrâneo superior,* na bacia tectónica do Ponsul e nos vales dos rios Tejo e Aravil, até *supramediterrâneo superior* no cimos da Cordilheira Central, na Gardunha, em Alvélos e na Serra Vermelha, existindo andares intermédios *mesomediterrâneo inferior* na maior parte das *terras baixas* e *mesomediterrâneo superior* na maior parte das *terras altas* da Cordilheira Central. A diversidade de ombrotipos é superior, repartida em oito diferentes andares, e variando essencialmente entre *seco inferior*, nos vales fluviais da parte sudeste da área de estudo, e *húmido superior*, nos cimos da Cordilheira Central, embora dois extremos tenham uma representação marginal (*semiárido superior* e *hiper-húmido inferior*) na região mais ampla de Castelo Branco.

Pode encontrar-se informação convergente com a anterior no gradiente de variação dos *tipos de inverno* (E na Figura 2.2) e dos *tipos de verão* (F na Figura 2.2), exibindo a cartografia do segundo caso uma elevada amplitude à escala regional, só comparável à de Trás-os-Montes. À escala da região de Castelo Branco, os *tipos de verão* variam entre *muito quente*[19], nos vales fluviais do Tejo, Ocreza, Ponsul e Erges, passando por *quente*[20], na maior parte das *terras baixas* do planalto, por *verão moderado*[21] nas serras da área de estudo, e culminando em *fresco*[22] na Cordilheira Central a norte do Zêzere (Ribeiro *et al*., 1988). Os *tipos de inverno* são menos diversificados, atingindo apenas três níveis diferenciados, em *fresco*[23], nas terras baixas, *frio*[24], na Cordilheira Central e nas cotas mais elevadas a norte, e *muito frio*[25], na Serra da Estrela.

As características da vegetação endógena, de importância determinante para a subsistência, são condicionadas pelos factores climáticos, pelas disponibilidades de água, pela natureza dos solos, mas também pelo efeito histórico cumulativo dos factores antropogénicos (Costa, 2011; Franco, 2000; Veigas *et al.*, 2010). A carta ecológica fito-edafo-climática (A na Figura 2.3) é um bom exemplo de caracterização biofísica evidenciando novamente um zonamento com forte dependência da morfologia. A maior representação corresponde ao nível basal (abaixo de 400 m) com zonas fitoclimáticas entre sub-mediterrânea e ibero-mediterrânea (zonas 20 a 22), contra as zonas atlânticas, dos andares sub-montano (400 m a 700 m) e montano (700 m a 1000 m) da Cordilheira Central.

[19] Temperatura máxima média do mês mais quente superior a 32º e mais de 120 dias com máxima superior a 25º.
[20] Temperatura máxima média do mês mais quente entre 32º e 29º e entre 120 e 100 dias com máxima superior a 25º.
[21] Temperatura máxima média do mês mais quente entre 29º e 23º e entre 100 e 20 dias com máxima superior a 25º.
[22] Temperatura máxima média do mês mais quente inferior a 23º e menos de 20 dias com máxima superior a 25º.
[23] Temperatura mínima média do mês mais frio inferior a 4º e superior a 2º e entre 10 e 30 dias com mínimo inferior a 0º.
[24] Temperatura mínima média do mês mais frio inferior a 2º e superior a 1º e entre 30 e 40 dias com mínimo inferior a 0º.
[25] Temperatura mínima média do mês mais frio inferior a 1º e mais de 40 dias com mínimo inferior a 0º.

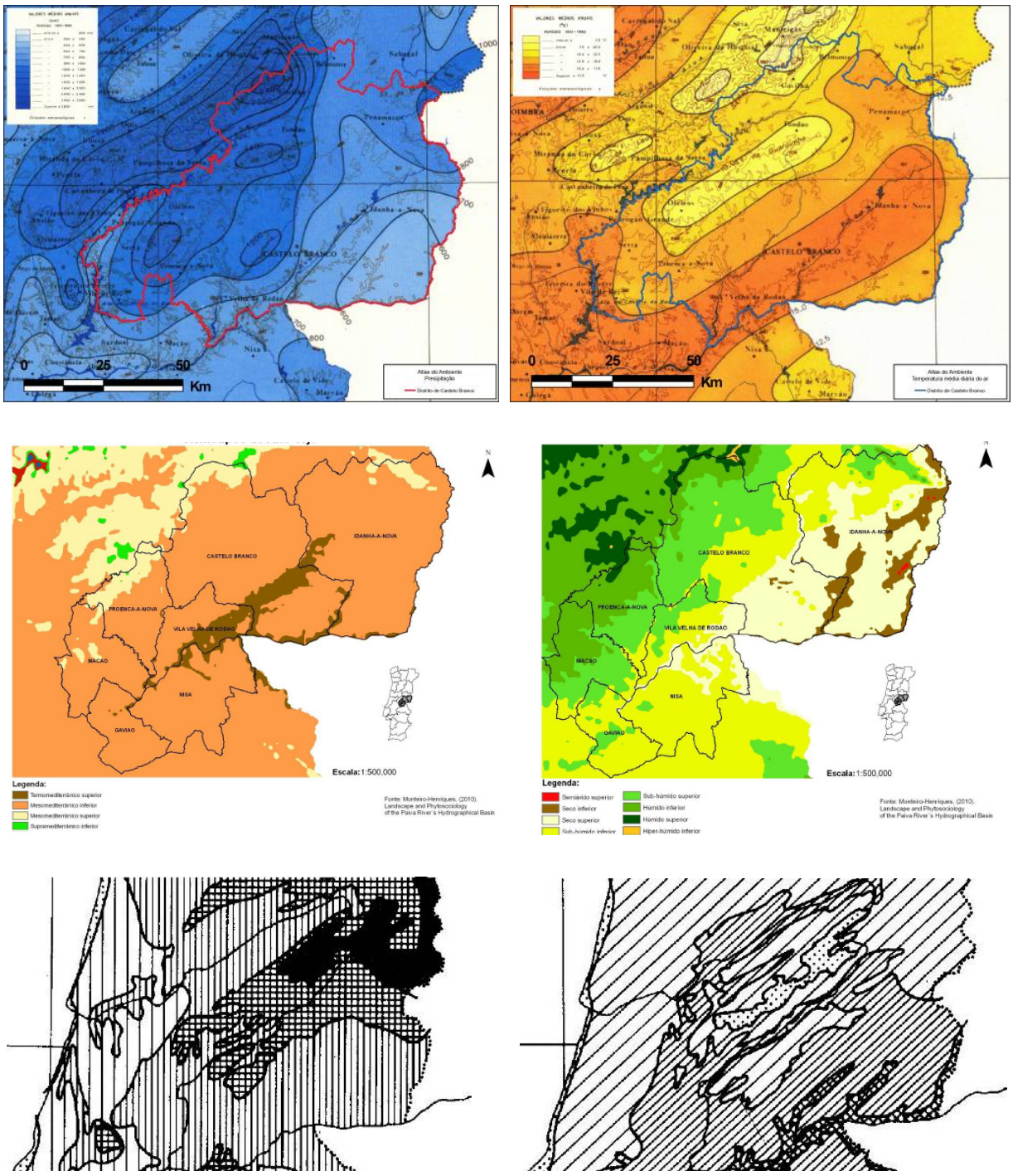


Figura 2.2. Da esquerda para a direita e de cima para baixo: (A) extracto do mapa de precipitação do continente – quantidade total – valores médios anuais de 1931 a 1960; (B) extracto do mapa de temperatura média diária do ar no continente - valores médios anuais de 1931 a 1960. Informação disponível em Atlas do Ambiente, 1975, www.apambiente.pt. As linhas azul ou vermelha delimitam o distrito de Castelo Branco; (C) termotipos do Alto Tejo segundo Monteiro-Henriques (2010), in Veigas *et al* (2010); (D) ombrotipos do Alto Tejo segundo Monteiro-Henriques (2010), in Veigas *et al* (2010); (E) tipos de inverno: *muito frio*, a negro, *frio*, a reticulado, e *fresco*, a traço vertical estreito (fonte: Ribeiro *et al.*, 1988: 435); (F) tipos de verão: *muito quente*, a reticulado, *quente*, a traço oblíquo estreito, *moderado*, a traço oblíquo largo, e *fresco*, a ponteado (fonte: Ribeiro *et al.*, 1988: 442).

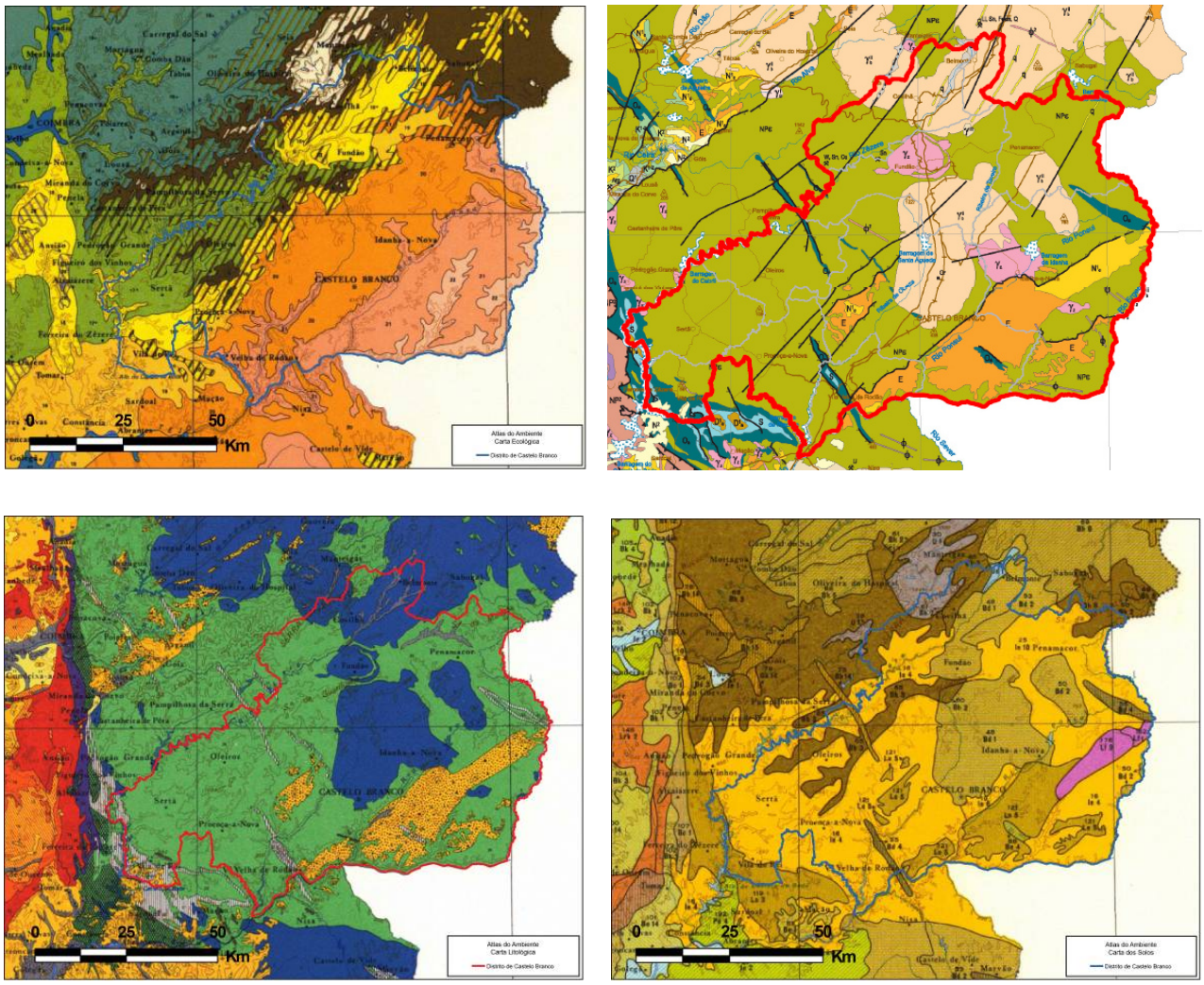


Figura 2.3. Da esquerda para a direita e de cima para baixo (as linhas azul ou vermelha delimitam o distrito de Castelo Branco): (A) extracto da carta ecológica – fito-edafo-climática – do território continental (Atlas do Ambiente, 1984, disponível em www.apambiente.pt). A zona fitoclimática submediterrânea está representada com cor laranja, a cor rosa a zona submediterrânea – ibero-mediterrânea e a cor rosa claro a zona ibero-mediterrânea. As restantes cores indicam transições para as influências atlânticas com a cor castanha escura a indicar zona subatlântica; (B) extracto da carta geológica do território continental (LNEG Laboratório de Geologia e Minas, 2010); (C) extracto da carta litológica do território continental (Atlas do Ambiente, 1982, disponível em www.apambiente.pt). Formações: metamórficas (verde e branco riscado), eruptivas (azul) e sedimentares (amarelo ponteado); (D) extracto da carta dos solos do território continental (Atlas do Ambiente, 1978, disponível em www.apambiente.pt). Os litossolos estão representados a cor amarela, os luvissolos a cor roxa, e os restantes em tons castanhos são cambissolos.

A Geologia e a Litologia (B e C na Figura 2.3), com idêntico recorte espacial, apresentam um zonamento mais heterogéneo e menos convergente com o esboço morfológico apresentado no início, sobretudo no que concerne à diferenciação espacial entre as rochas metassedimentares e as rochas magmáticas intrusivas. De facto, as rochas metamórficas do chamado Grupo das Beiras, do Neoproterozóico e Paleozóico, dominam toda a amplitude de altitudes desta região estando presentes em todos os andares. As rochas magmáticas intrusivas (vulgo granitos) do chamado Ciclo Varisco, concentram-se na parte Norte do andar morfológico intermédio. De modo mais discreto, em termos de área útil, evidenciam-se as longas cristas de rochas muito duras de quartzitos armoricanos do Ordovícico. São também representativas, pela expressão territorial, as formações sedimentares, cenozóicas, areno-argilosas-conglomeráticas, que culminam as rochas do Maciço Antigo, mas estão confinadas essencialmente à parte sudeste do território e ao andar morfológico inferior.

Estes factores determinaram as disponibilidades de matérias-primas utilizadas no trabalho e nas construções das comunidades pré-históricas. Para a produção de instrumentos durante a Pré-história merecem destaque as elevadas disponibilidades de quartzito rolado, em depósitos de terraço, ou anguloso, nos depósitos de vertente das cristas quartzíticas. Em território nacional, o rio Tejo tem beneficiado de projectos de caracterização e datação dos seus depósitos de terraço, numa perspectiva geo-arqueológica. Essa pesquisa sustentou uma revisão crítica do anterior modelo altimétrico com a introdução de critérios geomorfológicos e litoestratigráficos na definição das respectivas escadarias (Martins & Cunha, 2009). Na área de estudo essa pesquisa tem incidido na zona de Ródão com resultados de grande alcance não apenas na discriminação e datação daquelas formações geológicas como na integração cronológica das suas ocupações humanas paleolíticas (Cunha *et al.,* 2016), com a identificação de seis níveis de depósitos de terraço, entre a Unidade Culminante de Enchimento Sedimentar (Formação de Falagueira) e a planície aluvial, aqui reduzida aos depósitos da depressão das ribeiras do Açafal e do Lucriz: o mais elevado, o T1, entre 114m e 180m de altitude, foi datada em ~903 ka no troço Gavião - Chamusca; o T2 (de 87m a 150m) ainda não foi datado; o T3 (de 67m a 113m) foi datado entre 405 ka e 461 ka também no troço Gavião - Chamusca. Estes três terraços não têm evidências arqueológicas coevas; o T4 (de 40m a 55m) foi datado com idades limites superiores a 135 ka e 280 ka e tem associadas indústrias líticas do Acheulense; o T5 (de 22m a 34m) foi datado entre 73 ka e 135 ka e tem ocupação Mustierense; finalmente o T6 (acima de 14m), datado entre 32 ka e 39 ka, tem ocupação arqueológica do Mustierense final (Cunha *et al.,* 2016: quadro 1).

Na área de estudo relevam-se diversos geomonumentos (Neto de Carvalho & Martins, 2006) com uma presença tão destacada no território que se especula (Bradley, 2000) quanto à sua integração na paisagem mental das comunidades pré-históricas. São os casos das Portas de Ródão consideradas um referencial de partição do complexo de gravuras rupestres do rio Tejo (Gomes, 2010), do *inselberg* de Monsanto ou das cristas quartzíticas que acolhem recorrentemente manifestações gráficas pintadas (Henriques *et al.*, 2011a) também presentes discretamente no canhão fluvial de Segura (Martins & Nobre, 2013). Mas muitas outras formações, mais discretas, como os cogumelos graníticos (Neto de Carvalho & Martins, 2006: 120) podem ter sido incorporadas como marcadores territoriais mesmo que não se identifiquem provas materiais dessa apropriação.

A diversidade dos solos (D na Figura 2.3) acompanha as características litológicas do substrato geológico que está na sua génese com a incidência de factores físicos (pluviosidade, erosão), bióticos (vegetação) e antropogénicos (actividade agrícola e florestal). De acordo com nomenclatura não actual, na área de estudo dominam os *litossolos* sobre as rochas metassedimentares do Grupo das Beiras, excluindo os topos da Cordilheira Central, de influência atlântica, onde ocorrem *cambissolos* que também aparecem sobre rochas eruptivas e quartzitos. As formações sedimentares acolhem *luvissolos*. Os *fluvissolos* embora presentes nos aluviões fluviais não têm expressão à escala utilizada.

A natureza do substrato geológico condiciona o armazenamento de água em profundidade, agravado nas rochas metassedimentares, dominantes na área de estudo, devido à sua impermeabilidade e ao consequente elevado escoamento superficial, potenciado pela desflorestação (milenar) e pela perda de solo por erosão. As reservas subterrâneas de água vão encontrar-se nos depósitos argilosos de vertente associados aos relevos quartzíticos que são bons acumuladores de água devido à sua elevada fracturação ou nas mesas detríticas. As rochas eruptivas embora igualmente impermeáveis proporcionam melhores condições de armazenamento de água devido à sua múltipla e profunda facturação, efeito de reservatório que se estende aos depósitos saibrosos resultantes da meteorização daquelas rochas (Ribeiro *et al.,* 1988). Na área de estudo,

exceptuando as áreas graníticas situadas a norte da cidade de Castelo Branco, existe um quadro desfavorável à existência de importantes reservas de água em profundidade. A maior pluviosidade ocorrente nos relevos da Cordilheira Central não é eficazmente aproveitada devido à natureza das rochas aí existentes. De igual modo, os extensos depósitos sedimentares cenozóicos, dominantes no degrau inferior da escadaria tectónica regional, não aproveitam as suas capacidades de retenção de água, por se situarem em áreas com menor precipitação atmosférica.

As disponibilidades de água à superfície estavam confinadas à rede fluvial representada por diversos rios e ribeiras (C na Figura 2.1) cujo andamento se adaptou à morfologia regional. Pela dimensão, caudal e permanência de água destacam-se nas posições limites os rios Tejo e Zêzere. Seguem-se por ordem de importância, também com caudal permanente, pelo menos nos trechos inferiores, os rios Ocreza, Ponsul e Erges e as ribeiras do Aravil e da Pracana, afluentes do rio Tejo e as ribeiras da Sertã/Oleiros e da Isna, afluentes do Zêzere. Contudo, grande parte destes cursos de água correm em vales muito encaixados em grande parte dos seus percursos, na área de estudo, dificultando o assentamento humano nas proximidades e desfavorecendo o aproveitamento directo das suas águas para consumo. Sintomático dessa realidade é a existência, na actualidade, de raros povoados de maior dimensão nas suas margens, como são os casos, entre sedes de concelho, de Vila Velha de Ródão, junto ao Tejo, e de Oleiros, junto à ribeira da Sertã/Oleiros.

Na área de estudo, de momento, falta informação directa sobre os factores ambientais bióticos (flora e fauna) coevos do povoamento pré-histórico, sejam os obtidos no contexto de estudos paleoecológicos, sejam os resultantes da contextualização directa de sítios arqueológicos. A informação obtida em turfeiras da Serra da Estrela, por W. Knapp, C. Janssen e J. van Leeuwen, documenta a degradação da floresta temperada de carvalhos, entre o final do 4º e o início do 3º milénio AC, em resultado talvez da criação de pastagens para pastoreio sazonal[26]. A investigação de sepulturas megalíticas no Tejo Internacional (Bueno *et al.,* 2006: 25-28) e no Norte Alentejano (Oliveira, 2006: 242-256) e de diversos sítios no Baixo Zêzere (Cruz, 2011: 32-32) têm proporcionado contribuições importantes para o conhecimentos dos ambientes coevos daquelas presenças humanas, e por elas condicionados, a partir principalmente de informação arqueobotânica, que documenta o impacto na flora resultante do incremento da actividade agro-pastoril e de condições para uma ocupação permanente (Bueno *et al.,* 2006: 29).

2.4. Compartimentação

Do exposto evidencia-se um acentuado gradiente de variação de factores físicos, comandados pela configuração da escadaria tectónica regional, com orientação noroeste-sudeste. No caso dos parâmetros climáticos registam-se valores máximos e valores mínimos nas posições extremas daquele gradiente e condições médias ou amenas nas posições intermédias correspondentes ao degrau central da referida sequência tectónica. Estes factores, a par do relevo, podem ter condicionado a preferencial ocupação deste território e a utilização dos seus recursos.

Pode-se perguntar se existem sugestões apriorísticas no sentido de uma compartimentação ou uso diferenciado deste território. Atentas as características e a escala desta região pode presumir-se o carácter aberto deste espaço, isto é, sem barreiras significativas à vontade humana de o ocupar. Contudo deve-se

[26] Trabalhos citados por inúmeros investigadores (ver por exemplo: Senna-Martinez *et al*, 1999; Cardoso & Gonzalez, 2002).

ponderar que mesmo numa conjuntura de baixa conflitualidade intercomunitária aquele território oferecia riscos e dificuldades à progressão humana muito distintos dos que caracterizam a vivência contemporânea, com contingentes muito superiores de animais silvestres, potencialmente agressivos, e espaços silvestres mais extensos e isentos de intervenção humana, oferecendo por isso maior resistência à sua progressão, pelo menos nas zonas mais montanhosas e mais afastadas das rotas de mais fácil mobilidade, ao menos durante uma etapa ainda inicial de expansão das comunidades humanas, em processo de crescimento e de sedentarização.

A combinação das variações espaciais dos factores climáticos abordados, extrapoláveis para o passado pré-histórico, a par de outros factores, sugerem o posicionamento no degrau tectónico intermédio, com condições médias de pluviosidade e de temperatura, de uma maior amenidade, à escala regional, para um assentamento preferencial de comunidades humanas. Importa verificar se os dados arqueológicos sustentam essa hipótese.

Noutra perspectiva, as actividades produtivas de subsistência diária imporiam limites à deslocação dos grupos humanos por razões de economia do esforço físico. Numa situação de ocupação plena do território e de equilíbrio intercomunitário ou de baixa conflitualidade na repartição dos recursos naturais, os limites espaciais para o alcance dessas actividades de subsistência poderiam traduzir-se em acidentes orográficos mais acentuados, nomeadamente relevos e cursos de água principais (Caninas *et al.,* 2017). Mas tais limites[27], devem ser interpretados apenas como condicionantes para a subsistência diária e não como barreiras à interacção entre grupos vizinhos e à diversificação cultural (Ribeiro, 1986: 140-141)[28].

[27] Evita-se a invocação do conceito de *fronteira*, mesmo na acepção de *fronteira natural*, dada a sua vinculação comum a sociedades estatais (AA VV, 1989). Para comunidades pré-históricas prefere-se o conceito de *limite*, assumido de forma mais permeável e flexível em função das variáveis em análise (Díaz-Andreu, 1989: 20-21).

[28] "Um rio profundo pode constituir, para as relações humanas, um obstáculo ou um limite e, todavia, marcar, num tracto da mesma natureza, apenas um acidente pouco importante […] e há muito também se renunciou a procurar, nas divisórias de águas, um limite necessário das diversidades regionais. Do mesmo modo, as montanhas, se podem opor uma barreira aos fenómenos do clima, e portanto à decorrente vegetação e economia, formam em si mesmas um todo, ainda quando assaltem os seus flancos influências vindas de lados opostos. A maioria dos limites geográficos há-de passar, portanto, ora no contorno das massas de relevo, onde elas se degradam ou fundem na terra baixa, ora no interior das bacias fluviais, onde se apaga a influência dos «rios que unem»" (Ribeiro, 1986: 140-141).

3. Historiografia

3.1. Introdução

Em estudo anterior fez-se uma detalhada narrativa da evolução do conhecimento acerca da ocupação da área de estudo durante a Pré-História Recente, com ênfase nas construções funerárias (Caninas, 2012). Nessa abordagem retomou-se uma perspectiva anterior (Henriques & Caninas, 2004) acerca do faseamento desse processo tendo como referenciais os seus principais investigadores e como critérios o carácter sistemático do trabalho que executaram e o volume de informação que nos legaram. Dispensamo-nos de repetir essa narrativa, com idêntico detalhe, pelo que tentaremos fazer uma síntese, actualizada, do que então foi escrito.

Focando a atenção nas construções funerárias e no contexto das abordagens científicas, identificam-se, ao longo do século XX, três fases principais de construção do seu conhecimento que têm como agentes diferenciadores, considerados em sequência, um investigador solitário, Francisco Tavares de Proença Júnior, no início do século, um casal de arqueólogos de nacionalidade alemã, Georg e Vera Leisner, no segundo quartel do mesmo século, e um conjunto de investigadores agregados na Associação de Estudos do Alto Tejo, a partir dos anos 70 também do séc. XX.

Existiram outros protagonistas no estudo de realidades arqueológicas diversas, como as expressões gráficas e os assentamentos quotidianos (*habitat*). No primeiro caso, a descoberta da arte rupestre do Tejo, no início dos anos 70, foi o acontecimento marcante, tendo a sua investigação merecido até ao presente importantes desenvolvimentos na forma de estudos e teses, com destaque para os trabalhos de Mário Varela Gomes, de António Martinho Baptista, de Sara Garcês e de Luis Oosterbeek. A partir do século XXI a avaliação ambiental de projectos de energia eólica revelou outros conjuntos gráficos na Cordilheira Central em zonas adjacentes à área de estudo.

Quanto ao povoamento merecem destaque, a partir dos anos 90, as investigações promovidas pela arqueóloga Raquel Vilaça, a título individual ou em equipa, em diversos sítios com ocupações entre o Neolítico e a Idade do Ferro, embora com maior ênfase no final da Idade do Bronze que foi o tema da sua tese de doutoramento (Vilaça, 1995).

Muito antes destas abordagens científicas há referências a sepulturas megalíticas em tombos de demarcação de propriedades. O caso identificado na área de estudo - outros haverá por descobrir mediante uma leitura atenta do património documental – reporta-se à utilização, em 1505, de uma *anta velha* como elemento liminar (Gonçalves, 2013) da Comenda da Ordem de Cristo, no Rosmaninhal (Hormigo, 1998: 13; Chambino, 2000: 111). Esta apropriação de sepulturas e de menires como marcos de termo[29] é corrente e ultrapassa os casos documentados em antigos tombos, remontando pelo menos até ao séc. VIII (Menéndez de Luarca, 2000: 72).

[29] Casos por exemplo do *menir* do Marco da Anta (Gomes, 1993), em Tondela, de esteio da sepultura dolménica do Chão do Brinco 1 (Caninas & Henriques, 2016), do *menir* também denominado Marco da Anta, posicionado entre os concelhos de Ponte da Barca e Terras do Bouro (Lopes da Silva, 1989), e do *menir* do Marco da Jugada, situado perto da fronteira entre os concelhos de Arouca e Cinfães (Lopes da Silva, 1995).

3.2. Faseamento

A primeira referência a monumentos megalíticos na área deste estudo, em contexto científico, data do terceiro quartel do séc. XIX e reporta-se, provavelmente, a uma sepultura, noticiada por Pereira da Costa do seguinte modo: "XLII Dolmin? Trilithes próximo a Villa Velha de Ródão, e ao nascente da Ribeira de Açafalla. O sr. Schiappa diz-nos que nesta localidade se encontram na parte superior de uma collina tres lages (menhires) das quaes uma está cravada verticalmente, outra bastante inclinada, e a terceira caída no chão. A sua altura, proximamente egual é de 1m,5; e acrescenta que monumentos analogos, segundo informações colhidas, existem não longe d´aqui em dois sitios chamados Fantel [Fratel] e Monte Fidalgo" (Costa, 1868: 91). As três localizações são compatíveis com a existência de *antas* (Proença Jr, 1910) e foram erradamente divulgadas, em data posterior, como sendo menires (Santos, 1972).

Ainda no decurso daquele século (1881), o relatório da missão científica à Serra da Estrela (Sarmento, 1933) refere, como se transcreve, a presença de *antelas* na parte norte do distrito de Castelo Branco, as quais não terão sido observadas directamente pelos integrantes daquela expedição, embora se proporcionem detalhes interessantes como a ausência de tampas e outros claramente exagerados como a altura dos respectivos ortostatos. "Antinhas. Com o nome de antinhas são conhecidas, desde Belmonte até Idanha-a-Velha, algumas construções, que não sabemos classificar, por não podermos fazer delas uma perfeita ideia. São antas? São antelas? Forcejámos inutilmente por apurar se estas construções tinham um dos lados abertos. A resposta insistente é que são uma «espécie de poço». Sendo antas, falta-lhes em todas a mesa. Umas são redondas, outras quadrilongas. As redondas compõem-se de 7 ou 8 pedras, que têm de altura umas 3, outras 4 metros e mais. Estão descobertas; mas é para notar que outro nome, com que são designadas, é o de «madorras», que em muitas partes é sinónimo de mamoa. Algumas ocupam o cimo dos outeiros, como a do Torrão[30] (Idanha-a-Velha), que fica no alto do «Cabeço dos Mouros», outras acham-se em planícies. Nomearam-nos, além da do Cabeço dos Mouros, uma em Belmonte, perto do Zêzere; três na ribeira da Meimoa; uma perto da Quinta do Orgal; uma no Arundinho, perto de Unhais; três na ladeira dos Vinte" (Sarmento, 1933: 150-151).

A primeira e talvez a mais marcante personalidade associada ao estudo do megalitismo regional é Francisco Tavares de Proença Jr, cujo multifacetado labor se concentrou tão só no primeiro decénio do séc. XX, embora repartido por actividades tão distintas como a colecta de artefactos para o futuro museu que tem o seu nome, a elaboração de um inventário arqueológico publicado de modo preliminar (Proença Jr, 1910) - ainda assim o principal contributo para o conhecimento da Arqueologia desta região -, inúmeras escavações, sobretudo de *antas*, a apresentação e a publicação de estudos em congressos internacionais e a edição da revista *Materiaes para o Estudo das Antiguidades Portuguezas*, retomada em 2016 pela Sociedade dos Amigos do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior. Esta personalidade, ímpar na investigação arqueológica deste distrito (Ferreira, 2004; Fabião, 2004; Antunes, 2008; Cardoso, 2010), continua a merecer, justo, reconhecimento em sucessivas comemorações promovidas, principalmente, pela SAMFTPJr.

As sepulturas megalíticas, *antas* e *túmulos*, de acordo com a nomenclatura, dicotómica, que adoptou, consubstanciam o foco principal da sua curta mais intensa investigação, atendendo ao número de sítios que escavou (Tabela 3.1). Além do inventário e da pesquisa de sítios, bem sustentada do ponto de vista metodológico como o comprova a publicação da *anta* da Urgueira, Proença Jr dedicou a este tipo de monumentos inúmeras páginas de reflexão teórica no que concerne à tipologia (Tabela 3.2), aos aspectos construtivos, aos rituais e à cronologia. Sobre megalitismo e materiais conectos legou-nos pelo menos doze

[30] A anta do Torrão (refª 4131 no catálogo) não se situa no Cabeço dos Mouros, onde existe uma estrutura muralhada, mas no topo de um proeminente cabeço, a ocidente daquele. A par do Cabeço da Anta, em Proença-a-Nova, é um dos dois maiores monumentos deste tipo que se conhecem na área de estudo.

trabalhos, entre publicados e inéditos (Proença Jr, 1905a, 1905b, 1906a, 1906b, 1907a, 1907b, 1907c, 1908a, 1908b, 1909, 1910b, 1910c).

Tabela 3.1. Intervenções arqueológicas efectuadas por Proença Jr e Félix Alves Pereira em sepulturas megalíticas. Fontes: Proença Jr (1910), Henriques & Caninas (2004), Antunes (2008) e manuscritos arquivados no MFTPJr

Monumento	Lugar (Concelho)	Data
Anta 1 de Escalos de Baixo (Anta da Manga)	Escalos de Baixo (CB)	4 a 6 de Abril de 1904
Anta 2 de Escalos de Baixo	Escalos de Baixo (CB)	6 de Abril de 1904 (início)
Anta 1 do Ponsul	Castelo Branco	6 e 7 ou 7 e 8 de Abril de 1904 e 3 de Janeiro de 1907
Anta da Urgueira	Perais (VVR)	7 e 8 de Agosto e 10 de Outubro de 1904. Publicada em 1909
Anta Pequena de Medelim (Antinha)	Medelim (IN)	26 ou 30 de Setembro de 1904 (Proença Jr, 1910; Pereira, 1933; Antunes, 2008)
Túmulo 1 do Ponsul	Castelo Branco	13 e 14 de Outubro de 1904 e 23 de Março de 1907
Anta Grande de Medelim	Medelim (IN)	Escavada por Félix Alves Pereira em Maio de 1904. Publicada em 1933 pelo próprio.
Anta 2 do Ponsul	Castelo Branco	10 de Março de 1905
Anta 4 do Ponsul (Couto do Abrunhosa)	Escalos de Baixo (CB)	12 de Março de 1905
Anta 6 do Ponsul (Couto do Abrunhosa)	Escalos de Baixo (CB)	14 de Março de 1905
Túmulo 1 ou 2 do Lucriz	Vale de Pousadas (VVR)	30 de Outubro de 1905 (início)
Túmulo 2 do Ponsul	Castelo Branco	22 de Março de 1907 (início)
Túmulo 3 do Ponsul	Castelo Branco	27 de Março de 1907 (início)
Túmulo 5 do Ponsul	Castelo Branco	26 de Março de 1907 (início)
Anta 7 do Ponsul (Couto do Abrunhosa)	Escalos de Baixo (CB)	Entre 1904 e 1907
Duas antas	Ladoeiro (IN)	Exploração iniciada em 1904 mas não concluída
Anta em Vila Velha de Ródão	Vila Velha de Ródão	Executou sondagem talvez em 1906
Necrópole de Atalaia: um número indeterminado de monumentos	Sarnadas de Ródão (VVR)	Não especificada; escavou pelo menos a anta 4 (Proença Jr, 1906a, manuscrito inédito)

Abreviaturas: CB = Castelo Branco, IN = Idanha-a-Nova, VVR = Vila Velha de Ródão.

Estima-se que tenha executado escavações em 19 sepulturas, com maior incidência na necrópole do Ponsul, embora essa quantidade possa ser superior uma vez que não se conhece o número exacto das que intervencionou na necrópole de Sarnadas de Ródão - Atalaia, o que representa 20% do total das 96 sepulturas que integram o seu inventário distrital (Proença Jr, 1910). Contudo, por *desaparecimento* dos seus cadernos de campo, apenas se conhece a escavação que executou na *anta* da Urgueira, a única que teve oportunidade de editar em vida (Proença Jr, 1909). Ponderada a época em que foi executado, este estudo tem sido considerado exemplar a vários níveis, nomeadamente pela metodologia de escavação, com representação de estratigrafia, pela observação atenta das condições de jazida das peças e até pela contextualização etnográfica. Nos anos 80 foi publicada (Batista, 1983) uma revisão dos materiais recolhidos naquela escavação com descrição e desenho dos artefactos cerâmicos e líticos. Mas Proença Jr legou também desenhos de plantas de muitas outras *antas* (Proença Jr, 1906a) e um acervo de artefactos que se pode relacionar pelo menos com as escavações efectuadas na necrópole do Ponsul, onde avultam as pontas de seta (Ferreira, 2004).

A intervenção de Félix Alves Pereira, em 1904, na chamada Anta Grande de Medelim é contemporânea das escavações de Proença Jr em sepulturas megalíticas. O seu estudo, publicado cerca de 30 anos depois (Pereira, 1933), documenta uma pesquisa exemplar do ponto de vista arqueográfico e interpretativo, da caracterização estrutural, da origem dos materiais de construção (refere piso de barro endurecido com calhaus rolados "que só podiam ser trazidos do Ponsul") e dos artefactos recolhidos, que não dispensou a abordagem dos grafismos rupestres insculpidos na face superior da laje de cobertura da câmara. A referida publicação inclui referências a outros monumentos (como uma anta na margem esquerda da ribeira da Meimoa, no Fundão), a materiais (um machado de pedra polida e uma lâmina de sílex de uma anta de Atalaia, em Vila Velha de Ródão) e publica desenhos de duas pontas de seta e de um núcleo de lamelas recolhidos por Proença Jr na chamada Anta Pequena de Medelim (Idanha-a-Nova). Nesse ano, aquando da colecta de materiais para o Museu Etnológico Português, visita uma anta nas margens do Aravil (Pereira, 1904: 39) que poderá ser o monumento da Granja da São Pedro (refª 4088 no catálogo), escavado por O. da Veiga Ferreira, e 34 anos mais tarde refere uma outra que supomos corresponder ao Chão da Forca (refª 4053 no catálogo): "defronte de Idanha, na margem esquerda do Ponsul, me pareceu ver uma pequena elevação de terra já muito arrasada, onde talvez outrora tivesse existido um mamão" (Pereira, 1938: 189).

Tabela 3.2. Classificação dos dolmens portugueses segundo Proença Jr (1906a)

Quanto à proporção	Tumulus, antas, antelas, antinhas	
Quanto à época	Préhistóricas	(Pedra)
		(Cobre), (Bronze)
Quanto às dimensões	Grandes	Tumulus, antas
	Pequenas	Antelas, antinhas
Quanto aos materiais	Calcário, granito, xisto, grés	
Quanto à aparência	Cobertas	Com mesa
	Descobertas	Sem mesa
Quanto à composição	Simples	Câmara
	Composta	Câmara e galeria
Quanto ao estado	Completas, incompletas	
Quanto à forma da câmara	Circulares, poligonais	
Quanto ao tipo		
Quanto à integridade	Intactos, profanados, vazios, destruídos	
Quanto ao conteúdo	Guarnecido, violados, vazios	
Quanto à orientação	Normais	(NE – SO)
	Anormais	

No que concerne à Pré-História recente além das *antas* e *túmulos* o inventário de Proença Jr inclui (Tabela 3.3, Figura 3.1) sete *estações neolíticas,* qualificadas como "as que produziram apenas armas de pedra polida geralmente ditas machados" (Proença Jr, 1910: III), que arriscamos fazer corresponder a locais de *habitat*, e 1136 *machados de pedra*, grande parte dos quais sem proveniência conhecida. À rede de povoamento podiam-se

acrescentar os *castros*, que o autor atribui à Idade do Bronze ou épocas posteriores, embora com o risco de se distorcer a rede de ocupação do território com a inclusão de ocupações posteriores à Pré-História. Representativos de etapas avançadas do balizamento cronológico considerado são os *machados de bronze* (24 exemplares).

Tabela 3.3. Ocorrências arqueológicas (imóveis e móveis) atribuíveis à Pré-História Recente na carta arqueológica distrital de Proença Jr (1910) segundo a nomenclatura do autor

Concelho	Estações Neolíticas	Antas + Túmulos	Machados de pedra	Castros	Machados de bronze
Belmonte		7	6		
Castelo Branco	5	18 + 5	712	6	3
Covilhã		3	12	11	11
Fundão	1	5	54	6	4
Idanha-a-Nova	1	12 + 1	199	5	5
Oleiros			10		
Penamacor		7	35		1
Proença-a-Nova		6	5		
Sertã		4	9		
Vila Velha Ródão		24 + 2	94	2	
Vila de Rei					
Totais	**7**	**86 + 8**	**1136**	**30**	**16 + 8**

São reduzidas, e por isso pouco representativas a nível regional (Figura 3.1), as ocorrências de *estações neolíticas,* cinco das quais concentradas a norte de Castelo Branco, em Alcains (três sítios), Caféde e Tinalhas, ficando as duas restantes, uma no Fundão (Capinha) e outra em Idanha-a-Nova (Monsanto). Estes sítios evidenciam-se sobretudo pela concentração de instrumentos de pedra polida, dos quais 87 exemplares são oriundos da Lameira de Caria (Alcains), sendo mais diversificado o acervo recolhido em Capinha com *machados de pedra* e "grande quantidade de facas e pontas de setta e de lança de silex, hoje perdidas" (Proença Jr, 1910:4) mas também machados de bronze e um *castro*, o que evidencia uma maior diacronia de ocupação naquela área. O sítio que identifica em Tinalhas além de *machados de pedra* forneceu restos de talhe em sílex pelo que sugere ter ali havido oficina de líticos (Proença Jr, 1910:15). Ilustrativos de uma ocupação mais tardia, que poderá ultrapassar a baliza cronológica deste estudo, são os *castros*, mais numerosos (30) que as *estações neolíticas* e com uma distribuição mas ampla embora concentrados na parte norte do antigo distrito de Castelo Branco, onde também são mais numerosos os achados de machados de bronze (Figura 3.2).

É notável, aquele investigador ter concedido estatuto geográfico aos 1136 *machados de pedra* do seu inventário distrital. Cerca de 43% destas peças têm origem no aro de três povoações vizinhas, Castelo Branco (186 peças), Alcains (179 peças) e Escalos de Baixo (120 peças), em correspondência parcial com a distribuição de *estações neolíticas*. As concentrações seguintes situam-se a leste e a nordeste das anteriores em Ladoeiro (66 peças), Zebras (38 peças) e Oledo (37 peças), ou próximas das primeiras, Caféde (29 peças), Lousa (24 peças) e Mata (24 peças), destacando-se Perais (29 peças) a sul. São menores as quantidades obtidas nas restantes localizações da carta arqueológica distrital.

Ao tempo de Proença Jr ou após a sua saída de cena, tem-se notícia do périplo de Leite de Vasconcelos (Vasconcelos, 1917 e 1918) pela Beira Baixa com a colecta para o Museu Etnológico de Lisboa de quase cinco dezenas de instrumentos de pedra polida, provenientes, sobretudo, da área de Castelo Branco e de

localidades situadas imediatamente a norte daquela cidade, como Alcains, Escalos de Cima e Escalos de Baixo.

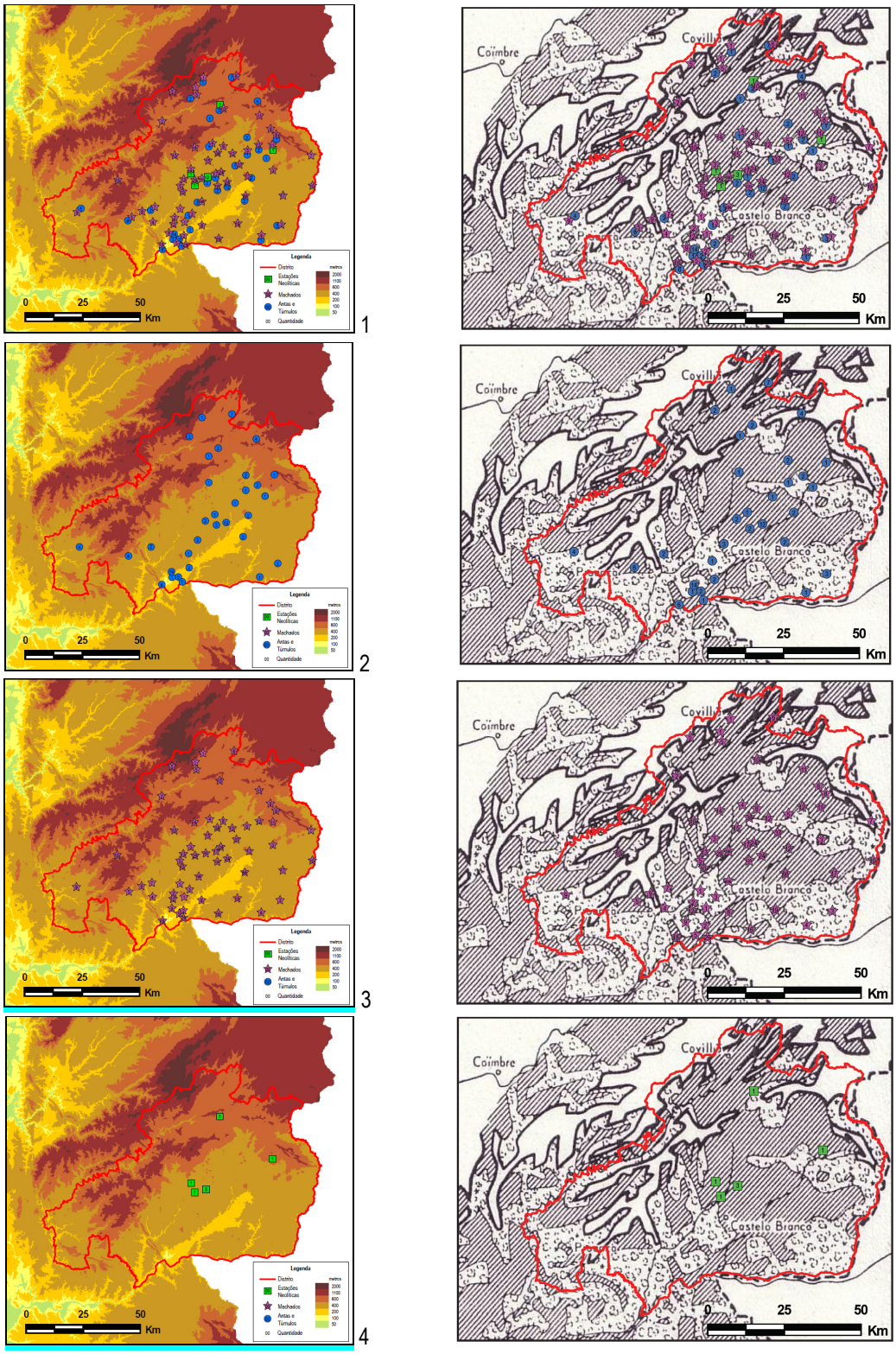


Figura 3.1. À esquerda, distribuição de *antas* e *túmulos* (2), *machados* (3), *estações neolíticas* (4) e cumulativo (1), por localidades, segundo Proença Jr (1910), projectada sobre mapa hipsométrico. À direita, a mesma distribuição sobre mapa (Silbert, 1978) com a delimitação de terras agricultadas, incultas e mistas (fonte: Caninas, 2012).

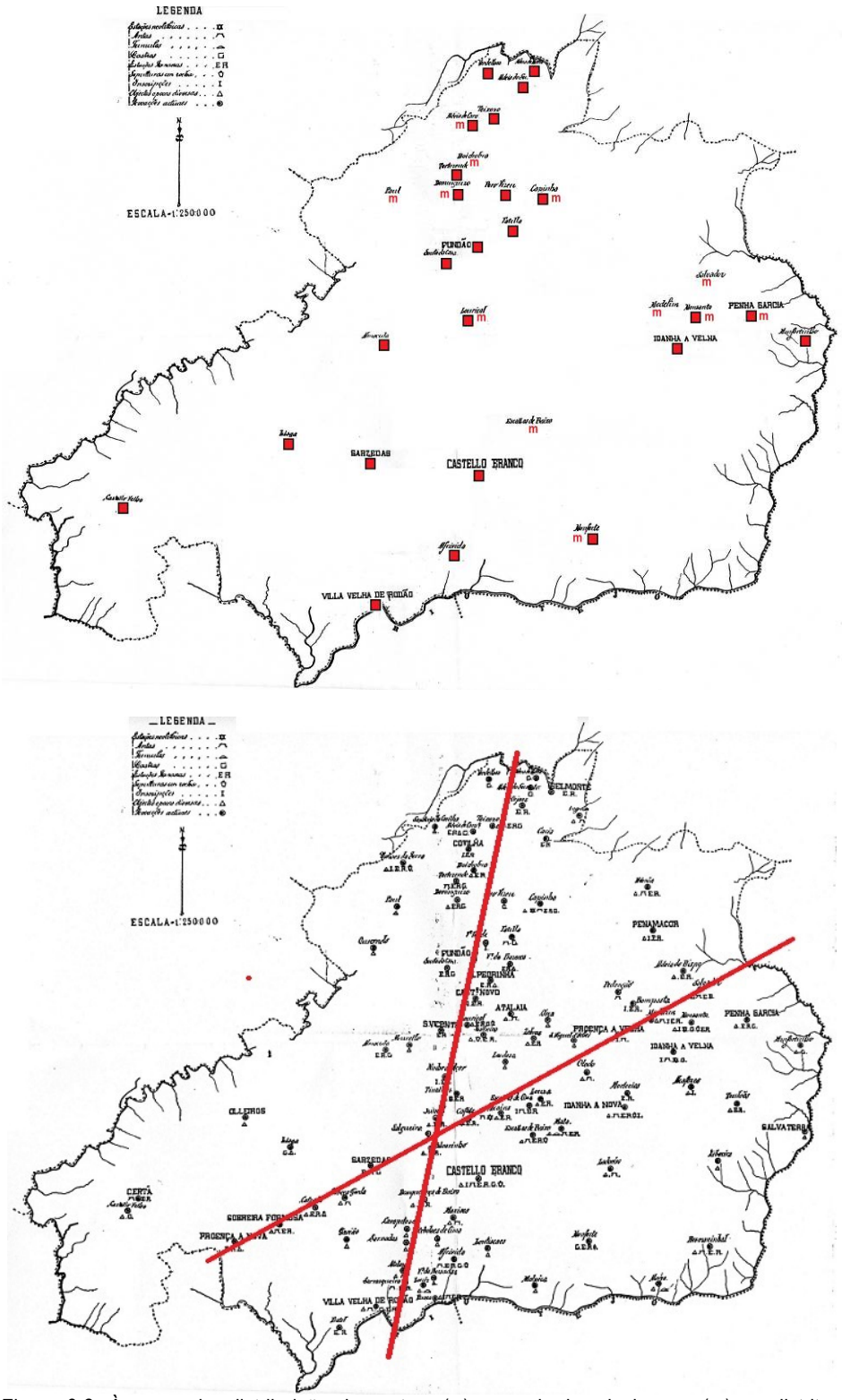


Figura 3.2. À esquerda, distribuição de castros (■) e machados de bronze (m) no distrito de Castelo Branco segundo Proença Jr (1910). À direita, reprodução da Carta Arqueológica do Distrito de Castelo Branco (Proença Jr) sobre a qual se assinalam as linhas de concentração de ocorrências.

As manifestações gráficas não merecem individualização no inventário de Proença Jr talvez por serem escassas as ocorrências que conheceu, casos das covinhas no Castelo de Monsanto (Proença Jr, 1910: 11), dos lofóglifos do ribeiro das Ferraduras, de que nos legou um registo gráfico inédito (Antunes, 2008: 145), ou por estarem integradas noutros tipos de sítios, como é caso das covinhas presentes na tampa da Anta

Grande de Medelim[31]. Nos trabalhos deste investigador também não constam referências a menires e a cromeleques, sendo excepção, indirecta, o menir de São Martinho, reutilizado como estela (Vilaça *et al.,* 2004: 164-166) e por isso valorizado em função da rica iconografia que adquiriu na Idade do Bronze a que o seu descobridor deu enorme relevo comunicando-o ao Congres Préhistorique de France, realizado em França, em 1905 (Proença Jr, 1906).

Sobre o fim da 2ª Guerra Mundial os arqueólogos alemães Georg Leisner e Vera Leisner, casados desde 1909 (Boaventura & Langley, 2007), percorrem o concelho de Proença-a-Nova durante oito dias, de 28 de Agosto a 5 de Setembro de 1945[32]. Foi durante este período que terão colhido a informação que foi postumamente publicada (Leisner, 1998; Kalb, 1987) e que esteve na origem de um numeroso inventário de 95 antas, só neste concelho. Cerca de um ano antes, de 9 a 16 de Junho de 1944, fazem um périplo exploratório por várias localidades da Beira Baixa[33], certamente a preparar uma visita mais demorada às sepulturas megalíticas desta região. Esta missão marcou um novo momento de abordagem do megalitismo regional, atendendo à abrangência regional do inventário que legaram e, principalmente, pela contribuição para o conhecimento de novos monumentos ainda que circunscritos ao município de Proença-a-Nova, que terá sido a única área onde fizeram prospecção em escala significativa (Figura 3.3).

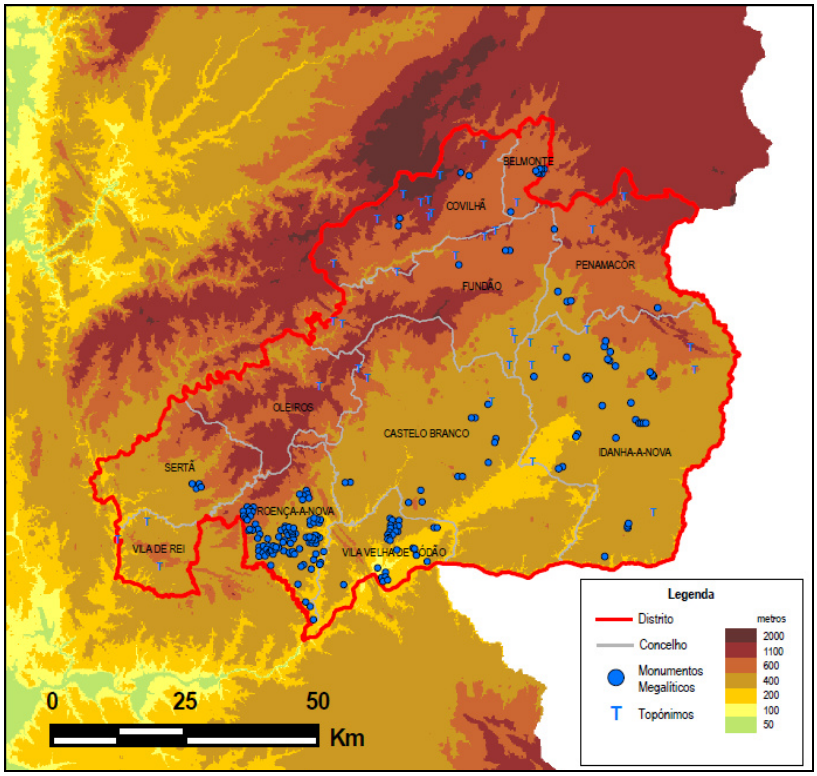


Figura 3.3. Adaptação sobre mapa hipsométrico da distribuição de sepulturas megalíticos e topónimos no distrito de Castelo Branco, segundo Leisner (1998).

[31] Este autor publica o desenho do que parece ser, pelo menos em parte, uma inscrição rupestre alfabetiforme, que observou a 1550 m de altitude em encosta sobranceira a Unhais da Serra (Proença Jr, 1903b) e que pode corresponder, também em parte, aos "sinais referidos a Sarmento pelos pastores em 1881" (Proença Jr, 1910:15).

[32] Informação colhida nos manuscritos inéditos do Arquivo Leisner (caixa 59, documentos 1, 3 e 4; caixa 69, documento 10) depositado pelo Instituto Arqueológico Alemão na Biblioteca de Arqueologia da DGPC e cuja consulta foi eficazmente providenciada pelas Drª Fernanda Torquato e Teresa Julião. Falta conhecer melhor o conteúdo destes manuscritos providenciando a sua tradução para português embora as referências toponímicas neles inscritas permitam uma primeira aproximação à sua leitura.

[33] Por ordem cronológica, Vila Velha de Ródão, Perais, Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Escalos de Cima, Ladoeiro, Oledo, Medelím, São Miguel D´Acha, Proença-a-Velha, Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco e regresso a Lisboa. Nas estadas na cidade de Castelo Branco ter-se-ão encontrado com Elias Garcia e visitado o Museu distrital.

O inventário relativo ao distrito de Castelo Branco, publicado no contexto do volume dedicado às províncias das Beiras, sob coordenação e com actualizações de Philine Kalb[34], representa uma primeira sistematização georreferenciada de sepulturas, onde se incluem topónimos[35] considerados indicativos de monumentos megalíticos, mas não contempla menires além dos dois existentes na anta da Granja de São Pedro. São apontadas algumas especificidades, extensivas aos outros distritos estudados, como a ausência de *tholoi*, de hipogeus e de placas de xisto incisas e a raridade de achados metálicos. A concentração destes monumentos na parte meridional do distrito de Castelo Branco é interpretado como significando uma continuidade com a chamada "zona megalítica alentejana" (Kalb, 1987:96).

Ao contrário do que sucedeu noutras províncias beirãs, os Leisner não executam nenhuma escavação em sepulturas da região de Castelo Branco e a informação que legam é escassa, quanto aos espólios e às tipologias construtivas. De facto, no que concerne à componente gráfica reportável à área de estudo[36], são publicadas as plantas de apenas 16 monumentos, com apenas cinco[37] de produção própria, sendo escasso o espólio contemplado, a que tiveram acesso, em museus e colecções, referentes a pelo menos 22 sítios (Leisner, 1998: estampas 72 a 78). Entre estes últimos destaca-se o numeroso acervo recolhido na escavação da Anta Grande de Medelim e diversas placas com recorte antropomórfico, algumas com gravações incisas, provenientes de sepulturas do concelho de Idanha-a-Nova.

No âmbito do reconhecimento do inventário e cartografia Leisner respeitantes às sepulturas megalíticas do concelho de Proença-a-Nova, até 2015 (Henriques *et al.,* 2016), foram visitados 84 locais (88%) tendo sido apenas identificadas 16 *antas* (17% do total). De acordo com a mesma fonte, há a convicção de nunca terem existido antas na maior parte das posições indicadas naquela cartografia, onde não foram encontradas evidências daquele tipo de estruturas ou onde seria impossível terem existido, e, como explicação para essa deficiência, afirma-se que "a listagem de 95 antas e a respectiva cartografia devem ser qualificadas como possíveis apontamentos para confirmação futura, tarefa que não foi concluída, nem à época nem aquando da edição póstuma" (Henriques *et al.,* 2016: 456), uma explicação plausível e que não contradiz o rigor atribuído aqueles investigadores. Em contraste com esta circunstância, verifica-se que dos cinco sítios que foram comprovadamente visitados pelos arqueólogos alemães, dado que nos legaram as respectivas plantas (Covão do Ribeiro, Vale de Alvito, Moita da Galinha, Chã das Vargens e Portela da Lameira), as estruturas ortostáticas de três deles (Covão do Ribeiro, Vale de Alvito e Moita da Galinha) conservaram-se até ao presente com pequenas alterações.

Na década seguinte à presença dos investigadores alemães, aquando das cerca de 20 campanhas arqueológicas de Idanha-a-Velha (Salvado, 1988:9), promovidas por D. Fernando de Almeida, ao longo de 15 anos (Cardoso, 2008a:43), Octávio da Veiga Ferreira aplica a sua insaciável curiosidade de arqueólogo no reconhecimento do território circundante tendo-nos legado muita informação, até então inédita, e divulgada em várias publicações, a última das quais na forma de um "subsídio para a Carta Arqueológica da região egitaniense" (Ferreira, 1978). Estas pesquisas revelaram novidades pré-históricas, como indústrias líticas em pedra lascada, no vale do rio Ponsul, qualificadas como paleolíticas (Almeida & Ferreira, 1956a) e como languedocenses (Almeida & Ferreira, 1970), grafismos rupestres, em Penedo Gordo e Lapa da Moura, onde

[34] Este inventário foi divulgado de modo preliminar em reuniões ou revistas científicas (Kalb, 1987 e 1990).
[35] Cova da Moura, Lapa (palavra isolada ou associada a outras como Ribeira (o) da, Arraial da, da Piçarra, Quinta do Vale da e Malhada da), Madorro e Madurrada, Meimão e Meimoa, Orca, Pedra ou Pedras (palavras isoladas ou associadas a outras como Ninhas, Abelheira, Aguda, Alta, Figueira, Brancas, da Mesa, da Albarda) e ainda Pedralta e Pedrão.
[36] Esta edição não incluiu nenhum registo fotográfico embora tenha sido publicada anteriormente uma fotografia (Leisner & Leisner, 1956: estampa 57) da sepultura do Cão do Ribeiro e existam quatro imagens inéditas da sepultura da Moita da Galinha.
[37] Das sepulturas de Chã das Vargens, Covão do Ribeiro, Vale de Alvite, Moita da Galinha e Portela da Lameira (Leisner, 1998: estampas 77 e 78), situadas no concelho de Proença-a-Nova.

predominam figuras cruciformes e antropomorfos esquemáticos que os autores relacionam com ocorrências idênticas em abrigos e afloramentos doutras regiões (Almeida & Ferreira, 1966), inúmeras sepulturas megalíticas (Almeida & Ferreira, 1958, 1959 e 1971) e o estudo de curiosos artefactos simbólicos, em rochas metassedimentares, de feição antropomórfica (Almeida & Ferreira, 1956b).

Das cerca de duas dezenas de sepulturas que assinala no inventário geral (Ferreira, 1978), circunscrito à parte norte do concelho de Idanha-a-Nova, quatro das quais conhecidas antecedentemente (Anta Grande de Medelim, Cabeço da Forca, Ferreirinhos e Torrão), terão sido escavados pelo menos nove monumentos (Tabela 3.4). A concentração do esforço de escavação em Idanha-a-Velha terá prejudicado, certamente, um adequado desenvolvimento arqueográfico das publicações que nos legou em parceria com D. Fernando de Almeida. Parte dessas intervenções ficaram inéditas, outas foram objecto de simples notícias que incluem plantas simplificadas, casos dos Corgos, do Chão da Forca, da Horta da Serra 1 e 2 e de Caféde 2 e 3 (Almeida & Ferreira, 1958, 1959), e apenas um sítio, uma das sepulturas da Granja de São Pedro, no vale do Aravil[38], mereceu estudo mais detalhado, com apresentação da distribuição dos achados em planta (Almeida & Ferreira, 1971). Este estudo terá sido motivado pela especificidade do monumento, contendo dois menires inseridos na mamoa, e pela maior quantidade e diversidade do espólio colectado. De outras sepulturas, como uma grande mamoa situada entre Carro Quebrado, Lodeiro e Serralheira, apenas se sabe que continha câmara trapezoidal e que não revelou espólio (Ferreira, 1978:229) e que identificou uma outra grande mamoa 300m a SE daquela. Visitámos esta área, sem sucesso, e verificámos que no local da hipotética mamoa existe o topónimo Moita. Mais imprecisa é a informação acerca das escavações efectuadas no rio Ponsul no local da Barragem Marechal Carmona: "a sul do marco geodésico Torrão...vêem-se várias pequenas sepulturas megalíticas exploradas por nós mas sem espólio. Existem também nesta área e em poderosas mamoas duas grandes antas destruídas e exploradas não sabemos por quem em épocas recuadas" (Ferreira, 1978:234).

Tabela 3.4. Intervenções arqueológicas efectuadas por O. da Veiga Ferreira e D. Fernando de Almeida em monumentos megalíticos no concelho de Idanha-a-Nova (fonte: Caninas, 2012)

Monumento	Lugar	Data (publicação)
Anta dos Corgos – Chão do Braz	Idanha-a-Nova	Escavadas talvez em 1957 (3ª campanha arqueológica de Idanha-a-Velha) embora também seja referida a data 1958 (Almeida & Ferreira, 1958)
Anta do Chão da Forca	Idanha-a-Velha	
Sepultura de Horta da Serra 1	Idanha-a-Velha	Escavadas em Outubro-Setembro de 1958 (4ª campanha arqueológica de Idanha-a-Velha) de acordo com a referência a respectivo espólio (Almeida & Ferreira, 1959)
Sepultura de Horta da Serra 2	Idanha-a-Velha	
Anta de Caféde 2	Idanha-a-Nova	
Anta de Caféde 3	Idanha-a-Nova	
Anta na área da Barragem Marechal Carmona	Idanha-a-Nova	Escavada em Outubro de 1960 (Cardoso, 2008). Pode corresponder ao monumento 1 com planta publicada em 1959 e actualizada em 1960. Terão sido escavadas outras antas neste local (Ferreira, 1978:234)
Mamoa na vizinhança de Carro Quebrado	Idanha-a-Nova	Escavada em Outubro de 1961 (segundo Ferreira, 1978)
Anta da Granja de São Pedro	Idanha-a-Nova	Escavada em 1969 e publicada (Almeida & Ferreira, 1971)

[38] O. da Veiga Ferreira (1978:228) assinala em mapa três sepulturas no Aravil a leste do vg Lomba da Moita, uma das quais a que foi escavada (Almeida & Ferreira, 1971) e duas outras a montante próximo das casas da Granja de São Pedro.

Dois anos depois da última intervenção arqueológica de Veiga Ferreira (1969), com a descoberta do complexo de arte rupestre do Tejo, a partir de 31 de Outubro de 1971, inicia-se um novo ciclo de pesquisas na área de estudo com novos actores repartidos por acções e projectos focados em materialidades ilustrativas de diferentes formas de ocupação do território, seja ao nível das manifestações gráficas, das arquitecturas funerárias ou dos sítios de *habitat*. Esta etapa da investigação, que se desenrola até ao presente e que se diferencia das anteriores pela multiplicidade dos temas e dos intervenientes, será detalhada em próximos capítulos dedicados especificamente à rede de povoamento e à chamada arte rupestre.

Na Figura 3.4, onde se projectaram quatro tipologias de sítios arqueológicos registados no Endovélico (Anexo 1), em 2011, pode obter-se uma boa aproximação, de base geográfica, acerca conhecimento adquirido neste período, no distrito de Castelo Branco. Constata-se que muitas das ocorrências identificadas em etapas anteriores, decorrentes dos trabalhos de Francisco Tavares de Proença Júnior, na generalidade do território distrital, de Georg e Vera Leisner, em Proença-a-Nova, e de Octávio da Veiga Ferreira, em Idanha-a-Nova, não estão contempladas nesta nova cartografia pelo simples facto de não terem sido procuradas ou encontradas pelos investigadores que se têm dedicado à Pré-história desta região, desde o início dos anos 70. Por outro lado, como já foi realçado (Caninas, 2012), observa-se uma grande assimetria na distribuição das três principais categorias de sítios arqueológicos seleccionados (arte rupestre, construções funerárias e sítios de *habitat*), que resultam dessa diversidade de agentes e de conjunturas de acção, nomeadamente, projectos de investigação focados em temáticas específicas, inventários municipais e estudos de avaliação ambiental de projectos.

Entre as manifestações gráficas, consistindo sobretudo em gravuras rupestres ao ar livre, é evidente uma concentração de posições, na parte meridional do território, em torno dos rios Tejo, Ocreza e Erges e uma outra a norte e a ocidente, nas serras da Cordilheira Central. A descoberta do complexo de arte rupestre do Tejo, pela chamada Geração do Tejo (Silva, 1996, 2010), a partir dos anos 70, e a continuação do seu estudo até ao presente, maioritariamente em contexto de investigação (Gomes, 2010; Garcês, 2017; Oosterbeek *et al.,* 2012; Henriques *et al.,* 2011, 2013; Nobre, 2008; Baptista, 2001), explica essas existências nos rios Tejo, Ocreza e Erges. Descobertas mais tarde, as ocorrências gráficas serranas resultaram sobretudo de avaliações ambientais e de acompanhamentos de obras, nomeadamente de projectos de produção de energia, tanto a norte como a sul do Zêzere bem como no vale daquele rio (Baptista, 2004; Jacinto, 2006; Ribeiro, 2006; Santos & Baptista, 2011, Caninas *et al.,* 2004b), e da elaboração de cartas arqueológicas (Batata, 1998; Batata & Gaspar, 2000b, 2009; Coimbra & Garcês, 2010, 2013). As ocorrências situadas nas terras baixas, entre a Cordilheira Central e os rios mencionados, são menos numerosas tanto em número de sítios como em quantidade de motivos, não atingindo os milhares de grafismos compulsados naqueles duas zonas, e correspondem principalmente a conjuntos monótonos de covinhas (Henriques *et al.,* 1995b).

Acerca da rede de sítios conectos com actividades residenciais ou de produção de instrumentos (Figura 3.4), que representam, tal como os grafismos rupestres, uma ampla diacronia ao longo da Pré-História Recente, observa-se uma distribuição menos assimétrica, com dispersão de norte a sul do território, mas com vazios nas áreas centrais de Idanha-a-Nova e Castelo Branco e ainda nas terras altas da parte ocidental do distrito, onde as escassas ocupações identificadas correspondem a fases terminais da Pré-História. Este novo quadro de referência ultrapassa o inventário legado em fases anteriores, sobretudo por Francisco Tavares de Proença Júnior com as suas sete estações neolíticas, embora se aproxime da superior quantidade de castros (trinta) também por ele assinaladas.

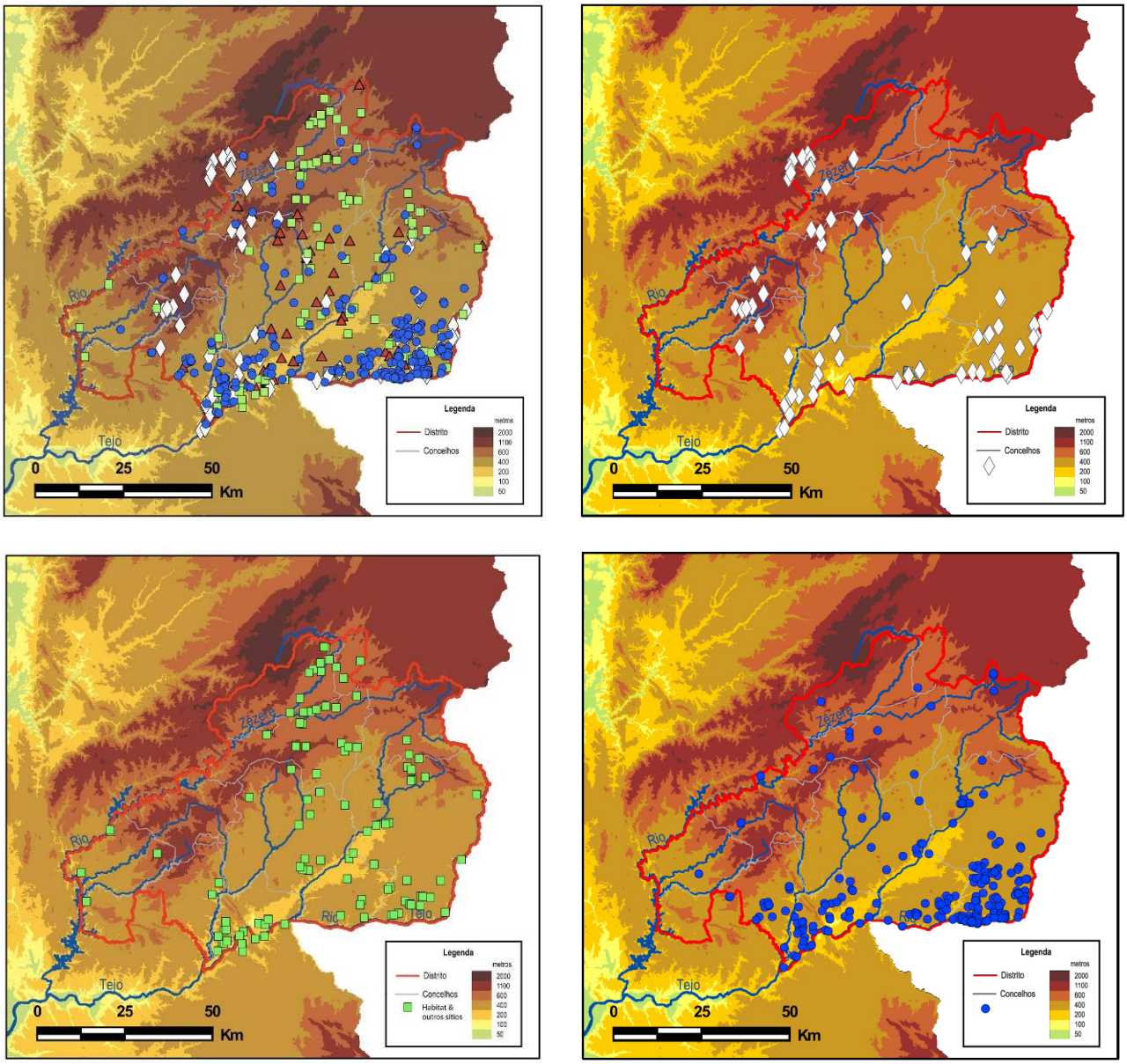


Figura 3.4. Distribuição no distrito de Castelo Branco de monumentos megalíticos (círculo azul), grafismos rupestres (losango branco), sítios de *habitat* e outros (quadrado verde) e achados isolados (triângulo vermelho), segundo base de dados Endovélico (Fonte: IGESPAR, Agosto de 2011) sobre mapa hipsométrico (Fonte: Caninas, 2012).

Uma significativa mancha de sítios situa-se a norte, em torno da Cova da Beira, fora da nossa área de estudo. Não se pesquisou a génese desses registos embora se admita que resultem de inventários municipais e de trabalhos de arqueologia empresarial. Os sítios posicionados a sul, nas partes meridionais dos concelhos de Idanha-a-Nova e de Castelo Branco e ainda no de Vila Velha de Ródão, na envolvente do rio Tejo, correspondem a ocupações identificadas no âmbito de projectos de cartografia arqueológica promovidos pela AEAT e atribuíveis maioritariamente ao 4º/3º milénio AC (Soares, 1988; Henriques *et al,* 1993, 1995; Cardoso *et al,* 1998b; Caninas *et al,* 2017), como comprovado nas sondagens efectuadas em dois desses sítios (Soares, 1988; Cardoso *et al,* 1998b).

As pesquisas lideradas por Raquel Vilaça e colaboradores (Vilaça, 1991, 1993, 2007; Vilaça & Cristóvão, 1995; Oliveira, 1998), em sítios da parte centro-oriental e norte da região de Castelo Branco, são representativas de uma ampla diacronia de ocupação deste território e estão documentados numa boa síntese sobre o povoamento entre o 4º e o 3º milénio AC nesta região (Vilaça, 2008a, 2008b) depois do

estudo que aquela investigadora dedicou ao Bronze Final na Beira Interior (Vilaça, 1995). Na parte mais acidentada e ocidental da região de Castelo Branco o povoamento está evidenciado, até ao momento, por ocupações tardias das Idades do Bronze e do Ferro, o que motivou a admissão de uma presença humana mais estável a partir dessas épocas (Batata, 2006), hipótese que é contrariada pelas evidências funerárias mais antigas, identificadas em Oleiros (Caninas *et al.,* 2014).

Tabela 3.5. Intervenções arqueológicas em monumentos megalíticos
desde o último quartel do séc. XX até à actualidade (baseado em Caninas, 2012)

Monumento (concelho)	**Datas**	**Arqueólogo responsável (bibliografia)**
Anta do Farranhão (VVR)	1983, 1985	João Carlos Caninas e Francisco Henriques (inédito)
Mamoa da Charneca das Vinhas (VVR)	1987	Fernando Augusto Pereira da Silva (Pereira da Silva, 1991)
Menir de Cegonhas (IN)	1993	João Luis Cardoso e João Carlos Caninas (Cardoso *et al,* 1995)
Anta 6 do Couto da Espanhola (IN)	1995	João Luis Cardoso, João Carlos Caninas, Francisco Henriques (Cardoso *et al*., 1995b, 1997b, 2000)
Recinto Lítico 1 do Couto da Espanhola (IN)	1995	João Carlos Caninas e Francisco Henriques (Caninas & Henriques, em preparação)
Anta 2 do Couto da Espanhola (IN)	1996	João Luis Cardoso, João Carlos Caninas e Francisco Henriques (Cardoso *et al*., 1997a, 1997b, 2000)
Anta do Amieiro 2 (IN)	1997	João Luis Cardoso e João Carlos Caninas (Cardoso *et al*., 2003)
Anta do Amieiro 3 (IN)	1997	João Luis Cardoso e João Carlos Caninas (Cardoso *et al*., 2003)
Anta do Poço do Chibo (IN)	1998	João Carlos Caninas e Francisco Henriques (Cardoso *et al*., 2003)
Anta do Ameiro 5 (IN)	1998	João Luis Cardoso e João Carlos Caninas (Cardoso *et al*., 2003)
Anta do Ameiro 8 (IN)	1999	João Luis Cardoso (Cardoso *et al*., 2003)
Recinto Lítico 2 do Couto da Espanhola (IN)	1999 e 2000	João Carlos Caninas e Francisco Henriques (Caninas & Henriques, em preparação)
Anta do Cabeço da Forca (IN)	1999 a 2003	João Carlos Caninas e Francisco Henriques (Cardoso *et al*., 2003)
Anta do Ameiro 1 (IN)	2000	João Luis Cardoso (Cardoso *et al*., 2003)
Tumulus do Amieiro 9 (IN)	2000	João Luis Cardoso (Cardoso *et al*., 2003)
Mamoa da Charneca das Vinhas (VVR)	2000 e 2001	João Carlos Caninas, Francisco Henriques e João Luis Cardoso (Caninas *et al*., 2009, 2011)
Tumulus de Vale de Mós (O)	2005	João Carlos Caninas (Caninas *et al*, 2011b)
Mamoa da Selada do Cavalo (O)	2006	João Carlos Caninas (Caninas *et al,* 2015)
Mamoa de Cimo dos Valeiros (O)	2006 a 2010	João Carlos Caninas (Caninas *et al,* 2014)
Tumulus da Eira da Vinha (VVR)	2007	Filipe Santos e Nadia Figueira (Santos & Figueira, 2011)
Anta do Cão do Ribeiro (PN)	2012	João Carlos Caninas (Caninas *et al*, no prelo; Henriques *et al.,* 2016)
Anta do Cimo do Vale de Alvito (PN)	2013-2015	João Carlos Caninas (Caninas *et al,* no prelo; Henriques *et al.,* 2016)
Anta do Cabeço da Anta (PN)	2013-2018	João Carlos Caninas (Caninas *et al,* no prelo; Henriques *et al.,* 2016)
Anta do Cabeço d´Ante (VVR)	2014-2015	João Carlos Caninas (em preparação)

Abreviaturas: IN = Idanha-a-Nova, O = Oleiros, PN = Proença-a-Nova, VR = Vila Velha de Ródão.

Em último lugar, o panorama moderno da distribuição de sepulturas megalíticas na região de Castelo Branco mudou significativamente (Figura 3.4), por comparação com as etapas anteriores, embora também se verifiquem ausências em posições documentadas por anteriores investigadores como Proença Jr (na parte central do território), Georg e Vera Leisner (em Proença) e O. da Veiga da Ferreira (em Idanha-a-Nova). A situação documentada na figura anterior caracteriza-se por uma assimetria com concentração de sítios na envolvente do rio Tejo, sobretudo em Vila Velha de Ródão e em Idanha-a-Nova. Estes resultados, obtidos maioritariamente no âmbito de projectos de investigação promovidos pela AEAT, no quadro de prospecções continuadas e de escavações em áreas específicas, fundamentaram uma primeira proposta de faseamento do megalitismo regional (Cardoso *et al.,* 2003). No caso do concelho de Oleiros a realidade está sub-representada por falta de actualização da base de dados do Endovélico.

As intervenções arqueológicas executadas nesta etapa das investigações, ao longo de 33 anos, estão representadas na Tabela 3.5, sendo mais numerosas que as antecedentes, em parte, como resultado do maior número de investigadores envolvidos.

A Figura 3.5 documenta a localização das sepulturas pré-históricas, monticulares ou megalíticas, que foram sujeitas a escavações arqueológicas na área de estudo entre 1904 e 2018, diferenciadas de acordo com as etapas e os investigadores a que nos referimos no texto antecedente.

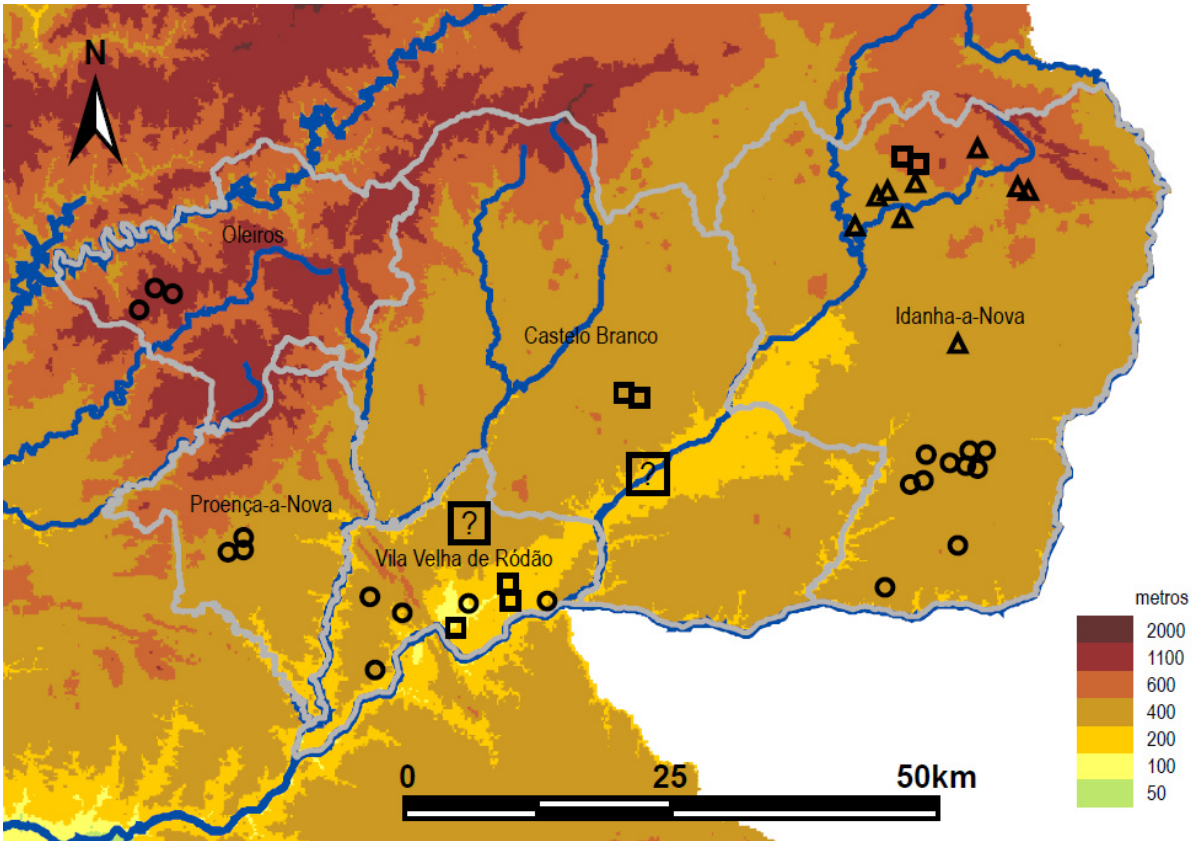


Figura 3.5. Escavações em sepulturas no distrito de Castelo Branco, diferenciadas por fases, sobre mapa hipsométrico. *Quadrados*: F. Tavares de Proença Jr (incluindo escavação de F. Alves Pereira); *triângulos*: O. da Veiga Ferreira; *circunferências*: trabalhos posteriores a 1983. O ponto de interrogação assinala quantidades e/ou localizações indeterminadas.

3.3. Comentários

Os contributos dos vários investigadores que abordaram as sepulturas pré-históricas na região de Castelo Branco, ao nível do inventário, desde o início do séc. XX, complementaram-se no espaço, na medida em que incidiram, em parte, em áreas diferenciadas. Francisco Tavares de Proença Jr investiu o seu labor em espaço diagonal situado entre Monsanto e Vila Velha de Ródão, este último, município onde a AEAT também desenvolveu trabalho sistemático. Georg e Vera Leisner proporcionaram novos conhecimentos apenas no concelho de Proença-a-Nova, embora com uma dimensão inferior à documentada na bibliografia, e a AEAT também investiu nessa área na actualização dessa informação. O. da Veiga Ferreira legou importante conhecimento acerca desta realidade na parte norte do concelho de Idanha-a-Nova em torno de Idanha-a-Velha, trabalho que foi pontualmente continuado (Santos, 2000; Sousa, 1991). A AEAT, além das duas áreas indicadas (Proença-a-Nova e Vila Velha de Ródão), ampliou o inventário de sepulturas nas freguesias meridionais dos concelhos de Idanha-a-Nova e de Castelo Branco e mais recentemente no concelho de Oleiros.

Como apreciação geral da cartografia de pontos apresentada na Figura 3.4 registamos o facto de as três categorias seleccionadas (sepulturas, sítios de *habitat* e grafismos) convergirem e densificarem-se na envolvente do rio Tejo entre Vila Velha de Ródão e o sul de Idanha-a-Nova. Esta circunstância resulta de uma maior persistência da pesquisa arqueológica nessas áreas mas pode também dever-se à ocorrência de melhores condições para a conservação daquelas materialidades (sepulturas e *habitat*).

4. Metodologia

4.1. Introdução

Tendo sido definidos nos capítulos precedentes os objectivos, o tempo histórico, os objectos e o território deste estudo, pretende-se, agora, explicar a sequência de acções que serviram de base ao desenvolvimento da componente arqueográfica da pesquisa, desde as fontes e modos de obtenção da informação, de relevância arqueológica, até aos critérios da sua selecção e tratamento.

Como foi referido, o foco de atenção incidiu sobre as construções funerárias (ou consideradas como tal) consubstanciadas em morfologias monticulares, habitualmente representadas na bibliografia especializada com os termos *mamoa e tumulus*, dotadas, consoante os casos de *anta* ou *cista.* Contudo, a compreensão desta realidade não ficaria completa sem uma contextualização destas construções com outros tipos de materialidades, com destaque para os monumentos não funerários, para as manifestações gráficas e para os sítios de cariz residencial. Estas outras categorias de sítios arqueológicos, embora contempladas de modo sistemático e não apenas ilustrativo, não mereceram o desenvolvimento descritivo, desenvolvido em catálogo, que foi dedicado às construções funerárias.

4.2. As fontes do conhecimento

Abordam-se, em primeiro lugar, as fontes de informação utilizadas na obtenção dos objectos do estudo. São eles, o acervo documental da AEAT (diários de campo, relatórios e inventários), a base de dados de sítios arqueológicos (Endovélico) da DGPC, a bibliografia da especialidade e, para a obtenção de registos toponímicos, a cartografia militar (na escala 1:25.000) e a cartografia corográfica (na escala 1:50.000).

Também se considerou como fonte de informação a observação directa dos sítios. O trabalho de campo foi utilizado como método complementar de captação de informação sobre um conjunto seleccionado de sítios que estavam referenciados na bibliografia arqueológica. Esta acção abrangeu monumentos funerários situados maioritariamente no concelho de Idanha-a-Nova[39]. Ao invés, no decurso deste estudo, não se fez o reconhecimento sistemático da maioria dos sítios que integram os catálogos anexos, atendendo ao seu elevado número e à circunstância de termos participado na maioria das prospecções arqueológicas executadas pela AEAT, que conduziram à sua identificação. Acresce que em relação a muitos deles, destruídos principalmente por actividades agro-florestais, a informação que se utiliza é anterior a essas acções, danosas, e mais completa do que a que se poderia obter no presente.

A principal fonte de informação consistiu no acervo da AEAT e, em particular, no conhecimento produzido por alguns dos seus investigadores, desde há mais de 40 anos (Henriques *at al.*, 1999a), com destaque para o arqueólogo Francisco Henriques, com quem mantivemos um diálogo crítico no decurso da redacção deste estudo. Os projectos de investigação liderados por esta associação, focados de modo permanente na

[39] Apesar de várias tentativas encetadas junto dos proprietários, mediadas por Joaquim Batista, não foi possível visitar uma importante e muito citada sepultura megalítica situada na Granja de São Pedro, no vale da ribeira de Aravil, em Idanha-a-Nova, escavada e publicada (Almeida & Ferreira, 1971).

elaboração de uma carta arqueológica regional, têm incidido nos cinco municípios que integram a área de estudo, de modo mais intensivo em três deles (Vila Velha de Ródão, Proença-a-Nova e Oleiros) e, de modo parcial, na parte central e meridional dos outros dois (Idanha-a-Nova e Castelo Branco).

A base de dados Endovélico (DGPC) foi utilizada com dois propósitos diferenciados, o de fornecer um enquadramento arqueológico num território mais amplo, correspondente à unidade administrativa do antigo distrito de Castelo Branco (Caninas, 2012) e de identificar sítios, com relevância para este estudo, que pudessem estar ausentes no acervo da AEAT.

A bibliografia analisada contemplou sobretudo a pesquisa de sítios, abordados no contexto de escavações arqueológicas, executadas ao abrigo de projectos de investigação ou da minimização de impactes ambientais de projectos. São escassos os documentos publicados com informação territorialmente extensiva, à excepção do antigo inventário distrital (Proença Jr, 1910), muito desactualizado, e de outros, limitados na sua incidência regional ou cronológica (Henriques & Caninas, 1980, 1986; Henriques *et al.,* 1993, 1995, 2008). Embora em preparação pela AEAT, ainda não estão publicadas as cartas arqueológicas relativas aos concelhos de Vila Velha de Ródão, Proença-a-Nova e Oleiros. A informação disponível noutras publicações, como monografias locais e instrumentos de ordenamento territorial, foi transposta, em grande parte, para o acervo da AEAT. Contudo, não se explorou a pesquisa de fontes documentais mais antigas e em particular as manuscritas.

A toponímia, desde que georreferenciada, nomeadamente na cartografia disponível, é considerada uma fonte de informação relevante para a identificação de sítios arqueológicos (Ferreira, 1985a), embora deva ser utilizada com sentido crítico. "Nem sempre o que parece é" e um exemplo disso é a falibilidade do termo *anta* na representação de sepulturas megalíticas, como se comprovou, por exemplo, em Vila Velha de Ródão e noutras partes do território continental (Cruz, 2001)[40]. Tal como para outros termos, o topónimo *anta* não denomina de modo exclusivo as sepulturas megalíticas, embora seja representativo deste tipo de monumentos em grande parte do território nacional, nomeadamente no Sul. Igual prudência deve ser adoptada na aceitação da localização dos topónimos, face a reconhecidos fenómenos de desdobramento e migração de que estes enfermam, como é o caso da sua aplicação a vértices geodésicos. A validade desta fonte de informação deve ser testada no terreno procurando indícios materiais compatíveis com a tipologia sugerida pelo topónimo.

4.3. Caracterização e composição dos dados

O processamento da informação obtida, na pesquisa documental e institucional, está documentado em quatro diferentes tipos de composições: catálogos (anexos 1, 2, 3, 4, 5 e 6), tabelas (anexos 1, 7, 8, 9 e 10), mapas e gráficos inseridos ao longo do texto.

Os catálogos, em número de cinco, um por município, formam o *corpus* descritivo das construções funerárias visadas por este estudo e são a fonte primária das restantes composições. As ocorrências contempladas são caracterizadas de modo individualizado com uma ficha descritiva desdobrada em quatro secções principais: *identificação e localização*; *caracterização*; *fontes de informação*; *documentação gráfica*. Na primeira secção

[40] «Na região o termo "anta" anda associado a particularidades do relevo, normalmente afloramentos imponentes, como acontece no sítio das "Antas", na freguesia de Queiriga (Vila Nova de Paiva); próximo existem, de facto, duas construções megalíticas, em xisto; não estará nestas a origem daquela designação, mas nas duas cristas quartzíticas, assumindo a forma de penhasco, marcante no contexto geográfico local, e são estes acidentes que a população e a cartografia identificam como "Antas"» (Cruz, 2001:48-49).

é fornecido o número de identificação, constituído por quatro algarismos, o topónimo, o concelho, a freguesia, o número de inventário no acervo da AEAT, o CNS (DGPC), a folha da Carta Militar de Portugal, a altitude e a implantação, com referência à geologia e à morfologia. Na secção seguinte indica-se o estado de conservação da sepultura, a que se segue uma descrição sumária e uma quantificação / qualificação dos elementos constitutivos da câmara, do corredor, da mamoa e dos materiais móveis associados ao ritual funerário. A documentação gráfica inclui, sempre que possível, esboços de plantas, obtidos em prospecção, desenhos e cortes obtidos em escavação, desenhos de materiais e um registo fotográfico.

A informação quantitativa, disponível nos catálogos, foi parcialmente vertida para três diferentes tipos de tabelas:

- na tabela do Anexo 7 registam-se as posições de cada uma das 352 ocorrências inventariadas (65 em Vila Velha de Ródão, 28 em Proença-a-Nova, 48 em Castelo Branco, 145 em Idanha-a-Nova e 66 em Oleiros) em relação à morfologia do terreno e à geologia, tendo sido consideradas inválidas, para tratamento, as ocorrências com localização ou qualificação indeterminadas e os topónimos;

- nas tabelas dos Anexo 8 e 9 indicam-se as características e a tipologia construtiva das 30 construções funerárias que beneficiaram de estudos aprofundados, nomeadamente, com recurso a sondagens ou escavações integrais;

- a tabela do Anexo 10 contém uma quantificação dos materiais arqueológicos obtidos nas 26 intervenções arqueológicas, concluídas até ao fecho deste estudo, distribuídos por 43 diferentes tipos de artefactos, líticos, cerâmicos e metálicos, aos quais se acrescentou um 44º relativo a ossos humanos.

A convicção que não se poderá caracterizar, de modo efectivo e completo, a estrutura de uma sepultura monticular, nem fazer uma aproximação aos rituais, através, nomeadamente, dos materiais arqueológicos (artefactos e restos humanos) e sua distribuição, sem recurso a escavação arqueológica, justifica a restrição que foi imposta ao universo de dados utilizado nas tabelas dos Anexos 8 e 9, de 352 para respectivamente 30 e 26 ocorrências. A observação de uma construção funerária, num nível estritamente superficial, não permite, caracterizar a totalidade das subestruturas que a formam, por efeito de ocultamento ou distorções de génese natural ou antrópica. De igual modo, sem recurso a escavação arqueológica será difícil determinar a forma, a dimensão e a estruturação interna de uma mamoa. Materiais avulsos, resultantes de remeximentos, recolhidos à superfície, são insuficientes, para não dizer insignificantes, na caracterização dos rituais e no estabelecimento do faseamento da sua ocupação e respectivas cronologias.

Os conteúdos das tabelas foram parcialmente utilizados na produção de gráficos de distribuição e gráficos de correlação entre diferentes tipos de parâmetros. A representação dos materiais arqueológicos, de acordo com a taxonomia acima indicada, com recurso a gráficos cumulativos (Bicho, 2006:420-421) visou fornecer uma visão rápida da diversidade tipológica presente naquelas sepulturas e proporcionar, simultaneamente, uma comparação expedita entre conjuntos. Esta abordagem foi restringida aos materiais líticos por serem os mais abundantes e pelo facto de não existirem, para a totalidade dos sítios, estudos conclusivos dos artefactos cerâmicos. De facto, a cerâmica, que se apresenta em geral muito fragmentada, não havendo uma identificação de quantidades finais de recipientes a partir de colagens, está em pior estado de conservação que as restantes matérias. Os restos humanos e os artefactos metálicos, estes últimos associados, aparentemente, a utilizações secundárias das sepulturas, também não foram considerados naquela análise, por serem pouco representativos.

Deve reconhecer-se que o conjunto artefactual recolhido numa sepultura deverá corresponder a uma diacronia de utilização, da qual nos podemos aproximar conhecendo a distribuição estratigráfica e espacial dos artefactos e a sua correlação com as diferentes subestruturas que formam a sepultura. Estamos por isso conscientes que a comparação de curvas cumulativas conduz-nos à comparação de acumulações temporais de materiais. Além disso, em monumentos violados, estes conjuntos poderão estar incompletos por dispersão dos artefactos móveis no espaço envolvente e por saque das peças mais resistentes, de maior dimensão e por isso de mais fácil identificação, como são os instrumentos de pedra polida, vulgo "pedras de raio", e que têm um destacado valor no universo das crenças populares (Proença Jr, 1910: VI-VIII). Ainda assim, esta aproximação pareceu-nos válida na comparação da diversidade e variabilidade dos conjuntos de artefactos em presença.

Os mapas[41] documentam a distribuição no território dos seguintes tipos de conteúdos: limites administrativos dos municípios abrangidos, representados por linhas; factores ambientais, representados por áreas diferenciadas de modo cromático; pontos indicativos da posição das diferentes categorias de sítios arqueológicos. O suporte privilegia maioritariamente uma informação altimétrica, seja na forma de isolinhas, seja de um modelo digital do terreno, embora também se associe, em alguns casos, a rede hidrográfica. Esta opção resulta da convicção que a morfologia do território, determinada pela geologia e pela tectónica, condicionaram outros factores, nomeadamente os biofísicos, os bióticos e os antropogénicos.

Merecem destaque os mapas de distribuição das ocorrências representadas nos cinco catálogos de âmbito municipal. Estas ocorrências estão representadas com um ícone circular e um número de referência de quatro algarismos, que se inicia em 1001 e termina em 5066 (o primeiro algarismo indica o município e os três restantes a sua posição nesse conjunto, estando dispostos por ordem alfabética do respectivo topónimo). A cor do ícone indica a repartição das ocorrências pelos quatro seguintes estatutos: qualificação e localização confirmadas; localização hipotética; qualificação hipotética; topónimo.

Para o enquadramento arqueológico, à escala do antigo distrito de Castelo Branco[42], foram elaborados mapas de distribuição de pontos correspondentes a sítios arqueológicos (capítulo 3), obtidos e tratados a partir de uma listagem fornecida em 2011 pelo IGESPAR I. P., através da Divisão de Inventário, Documentação e Arquivo[43].

Para a selecção dos dados na origem foi fornecida uma lista[44] de tipos (Anexo 1) com referência: aos onze concelhos do distrito de Castelo Branco; ao período cronológico, balizado entre o Neolítico Antigo e o Bronze Final[45]; à tipologia, tendo sido considerados 39 diferentes tipos[46]. No caso dos dois últimos campos considerou-se relevante consignar o conteúdo *indeterminado.*

[41] Agradece-se a ajuda de Hugo Pires no fornecimento de suportes digitais e a Alexandre Lima e Mário Monteiro na produção e adaptação dos mapas utilizados.
[42] Este distrito integrava os concelhos de Belmonte, Castelo Branco, Covilhã, Fundão, Idanha-a-Nova, Oleiros, Penamacor, Proença-a-Nova, Sertã, Vila de Rei e Vila Velha de Ródão.
[43] Agradece-se a pronta disponibilização da informação por parte da técnica do então IGESPAR, Drª Filipa Bragança.
[44] Os campos fornecidos foram: designação do sítio arqueológico; código nacional de sítio (CNS); tipo; concelho; período; topónimo; coordenadas geográficas; folha da Carta Militar de Portugal (CMP).
[45] Neolítico Antigo, Neolítico Médio, Neolítico Final, Neo-calcolítico, Calcolítico, Calcolítico - Inicial, Calcolítico - Pleno, Calcolítico - Final, Idade do Bronze, Idade do Bronze - Inicial, Idade do Bronze - Médio, Idade do Bronze - Final, Indeterminado.
[46] Abrigo, acampamento, achado (s) isolado (s), alinhamento, anta, arte rupestre, cista, cromeleque, depósito, dolmen, fossa, estação de ar livre, estela, estrutura, galeria coberta, gruta, gruta artificial, habitat, hipogeu, indeterminado, inscultura, jazida, mamoa, menir, monumento megalítico, muralha, necrópole, núcleo de povoamento, oficina, ossário, outros, povoado, povoado fortificado, recinto, santuário, sepultura, silo, tholos, vestígios diversos, vestígios de superfície.

A partir da listagem fornecida pelo então IGESPAR, com 835 registos, fez-se uma triagem para eliminar erros (casos de sítios de outras regiões erradamente imputados a esta), repetições (diferentes registos referentes ao mesmo sítio[47] ou desdobramentos cronológicos do mesmo sítio) e dados não aplicáveis ou não fiáveis (por se basearem em fontes antigas ou por corresponderem a qualificações duvidosas). A lista assim obtida ficou reduzida a 501 ocorrências.

Para a exclusão de registos, inadequados aos objectivos, consultou-se o respectivo descritivo, principalmente daqueles que tinham características indeterminadas. Foi o caso de um elevado número de *conheiras*, atribuídas à época romana, que se excluíram desta abordagem, embora se partilhe (Henriques *et al.,* 2011b) a hipótese de a exploração aurífera que lhes está associada poder ter sido iniciada na Pré-história Recente (Bueno *et al.,* 2006:95[48]; Bueno-Ramírez *et al.*, 2011; Batata, 2006:104).

As ocorrências da listagem inicial de sítios (Anexo 1) foram distribuídas por diferentes categorias tipológicas, conforme expresso na respectiva tabela tipológica: *achado isolado*; *habitat ou outros sítios*; *estruturas funerárias*; *menires, recintos* e *estelas*; *depósitos de peças*; *arte rupestre*. Contudo, nos mapas (capítulo 3) representaram-se apenas quatro categorias: sepulturas; grafismos rupestres; sítios de *habitat*; achados isolados.

4.4. Nomenclatura e taxonomia

Nas fichas descritivas por sepultura, que integram os catálogos anexos a este estudo, optou-se por eliminar o campo *tipologia* que nos poderia conduzir a uma escolha alternativa entre os termos *mamoa* (ou *tumulus*) e *anta* (*dólmen* ou cista, embora existam também cistas sem *tumulus*), uma vez que aqueles conceitos representam subestruturas de uma mesma construção[49]. Mas aceita-se que tal opção tipológica enfatiza uma abordagem descritiva, significando a escolha do termo *mamoa* a evidencia de uma melhor conservação da subestrutura monticular (comum nas terras altas do Norte e Centro de Portugal), enquanto a opção pelo termo *anta* traduz uma maior evidência, ou melhor conservação, da estrutura ortostática (comum nas terras baixas do Sul de Portugal) em oposição à mamoa.

Aliás foi esta a opção taxonómica (descritiva) adoptada por Francisco Tavares de Proença Jr, embora ciente da unidade existente entre *anta* e *mamoa* (Proença Jr, 1910: III): "Comprehendo na designação geral de *tumulos* os monumentos megalithicos de qualquer typo ainda recobertos pela mamoa ou monticulo de terra e na de *antas* os monumentos já descobertos, isto é, cuja mamôa desappareceu já por qualquer motivo."

O carácter unitário destas sepulturas pré-históricas, na integração entre contentor e montículo envolvente, foi percepcionado quase desde os primórdios da Arqueologia portuguesa, para além do investigador atrás citado, por exemplo, por Leite de Vasconcelos e por Martins Sarmento (Sousa, 2006). Este último afirma: "a principal observação que me suscita o conhecimento das antas [...], é que tôdas elas eram cobertas por mamoas. Insisto nesta observação, porque já li impresso, e por mais de uma vez, que as antas de Portugal eram tôdas descobertas. No Minho […] ainda não encontrei

[47] Caso por exemplo do Chão da Forca, em Idanha-a-Velha (sítio 4053).
[48] Acerca dos construtores de sepulturas pré-históricas na zona do Tejo Internacional é referido por estes investigadores que "se trataria de grupos agrícolas y ganaderos, cuya riqueza debería proceder, al menos en parte, de la explotación de los recursos minerales y auríferos de la zona."
[49] Como lembra Vitor Oliveira Jorge "no caso dos sepulcros megalíticos […] mamoa e anta constituíam uma unidade, e devem ser estudados em conjunto" (Jorge, 1985).

uma só anta sem mamoa; e não compreendo mesmo que pudesse haver antas descobertas, salvo se algumas tinham outras serventia que não a de monumentos sepulcrais - que tem sido sustentado, mas com razões muito ambíguas" (Sarmento, 1933b: 97-98).

Àquelas duas subestruturas, acrescem outras, também percepcionadas desde o início do séc. XX, por exemplo, por Félix Alves Pereira que dedica particular atenção aos elementos construtivos das mamoas que reconhece serem constituídas por "terra à mistura com cascalho graúdo", ou exclusivamente por pedras (cairns) e que assinala a presença de couraças pétreas (1902:204). De qualquer modo, na segunda metade do XIX as mamoas ainda não são objecto de investigação aprofundada, focando-se a atenção na estrutura funerária central e no seu espólio. As investigações retomadas a partir de meados do séc. XX continuam a não investir nas mamoas, o que só irá acontecer, com uma mudança metodológica profunda, a partir dos anos 70 do séc. XX, com o Campo Arqueológico Serra da Aboboreira, liderado por Vitor Oliveira Jorge (Sousa, 2006), e o estudo exaustivo e sistemático das subestruturas monticulares.

Estas considerações estão contempladas nas tabelas do Anexo 8 relativas à caracterização dos elementos construtivos de 30 sepulturas, em cuja concepção também se teve em consideração outros estudos sobre conjuntos megalíticos (Cruz, 2001; Oliveira, 1997; Parreira, 1996; Galego, 2007).

Nas primeiras colunas desta tabela qualifica-se a metodologia de investigação de cada monumento, diferenciando os casos em que a mamoa foi sondada, mediante escavação de sanja, daqueles em que não foi investigada. A caracterização morfológica e dos materiais utilizados foi separada em duas partes principais, uma concernente à subestrutura funerária central, a câmara e subestruturas associadas, corredor (ortostático, coberto, e/ou intratumular, aéreo), átrio e contrafortes, uma segunda relativa à mamoa e subestruturas associadas, como couraças e anéis líticos, internos ou periféricos.

Os campos desta tabela são maioritariamente preenchidos com 0 e 1, indicando ausência ou presença. Nas opções de preenchimento considera-se o estado "indeterminado" naqueles casos em que não é possível indicar outra opção devido ao estado de degradação do monumento ou de ocultação das suas características. Apenas com uma observação superficial das mamoas não é possível saber se a sua composição é mista (conjugação de inertes finos, vulgo terra ou argila, e grosseiros), se é constituída apenas por inertes finos ou apenas por elementos grosseiros (*cairn*), com calibre superior a seixo[50].

A determinação da envergadura das câmaras e das mamoas merece particular atenção. A diferença entre a envergadura horizontal da mamoa, na origem e a actual (deformada e abatida por vários factores), terá de ser estabelecida com recurso a sanjas que permitam conhecer o seu limite periférico. A altura original das mamoas, em regra superior à actual[51], estará em correlação com a altura da câmara, que deve sobre-passar. A altura da câmara poderá ser estimada a partir do esteio completo mais elevado (solto ou implantado, mas neste caso é necessário descontar a parte que estaria inserida em alvéolo escavado na rocha e verificar se o topo do esteio está completo ou fracturado).

A tabela do anexo 7 regista a inserção no território da totalidade das ocorrências em relação à morfologia, à altimetria e ao suporte geológico. No caso do segundo parâmetro foi relativamente fácil estabelecer as suas

[50] Na caracterização granulométrica, ou dimensional, dos clastos segue-se a nomencaltura adoptada na escala de Wentworth quanto ao significado dos termos *bloco*, *calhau* e *seixo*.

[51] Excepto naqueles casos em que ocorra sedimentação em vez de erosão. Caso extremo é o do *cairn* da Eira da Vinha que foi descoberto sob aluvião (Santos & Figueira, 2011).

subdivisões, que correspondem às grandes categorias de suportes existentes no território, excluindo os alinhamentos filonianos[52], desde as formações mais antigas, as rochas metassedimentares do Grupo das Beiras (610-542 Ma), que ocupam a maior parte da área de estudo, os quartzitos armoricanos e xistos associados (488-435 Ma), as rochas magmáticas intrusivas (480-300 Ma), até às formações detríticas cenozóicas, de várias idades (de 50 Ma até ao presente), arcoses, depósitos culminantes, terraços fluviais e aluviões modernos.

Foi mais difícil tipificar as diferentes categorias morfológicas, concordantes com a realidade deste território. Além disso, são muito contrastadas as grelhas de referência propostas pelos investigadores. Essas diferenças podem ser condicionadas pela orografia dos diferentes territórios analisados mas são-no também pelas perspectivas desses diferentes investigadores. Por exemplo Jorge de Oliveira (1997) identifica duas posições topográficas principais, em *linha de festo* e *em encosta*. Na segunda opção sistematiza a orientação em relação aos pontos cardeais, ou seja, em *encosta voltada a norte*, *encosta volta a sul, encosta voltada a este* e *encosta voltada a oeste*. Eguileta Franco (1999) segue uma partição mais comum entre *encosta*, *fundo de vale*, *cume*, *chã* e *portela*.

No caso em apreço, convencionou-se uma grelha mais complexa com 13 opções, de escolha exclusiva, válidas à escala local, e agregadas em três situações principais, que são comandadas pela altitude relativa, as *posições superiores ou culminantes*, as *posições intermédias ou vertentes* e as *posições inferiores ou depressionárias.*

4.5. Limitações e lacunas de conhecimento

A anterior retrospectiva da produção de conhecimento acerca das materialidades funerárias da região de Castelo Branco (capítulo 3) proporcionou uma acumulação diacrónica de dados cuja investigação actual, ainda insuficiente, não nos permite discriminar, finamente, as cronologias dos sucessivos momentos da formação desses registos (construções, artefactos), limitação agravada pela ausência de datas absolutas.

Acresce o facto de podermos incorrer em erros de avaliação considerando funerárias e pré-históricas estruturas que o não são. Referimo-nos à inclusão na categoria de *tumuli* pré-históricos de volumetrias monticulares que numa primeira abordagem se podem associar, erroneamente, àquele conceito, atentas as suas características geométricas (circulares), dimensionais e estruturais[53]. Nesse sentido, restringimos o universo de ocorrências significantes, atribuindo a parte delas um estatuto hipotético, na qualificação, como sepulturas. Encontram-se nesta situação as ocorrências que considerámos muito destruídas, devido sobretudo a actividades agro-florestais, e que se apresentam em estado vestigial.

Na abordagem da distribuição das ocorrências no território também excluímos aquelas que, sendo embora de qualificação certa, ofereciam uma localização imprecisa ou mesmo indeterminada. São os casos de monumentos inventariados ou escavados por investigadores já falecidos, nomeadamente por Francisco Tavares de Proença Jr (inúmeros monumentos no distrito de Castelo Branco, com destaque para as necrópoles da Atalaia-Sarnadas de Ródão e da Mata-Ponsul), por Félix Alves Pereira (Anta Grande de Medelim) e por O. da Veiga Ferreira (diversos monumentos do concelho de Idanha-a-Nova). Contudo,

[52] www.naturtejo.com e Carta Geológica de Portugal na escala 1:1000000, LNEG, 2010.
[53] Como é o caso das *motas* medievais (Alarcão & Barroca, 2012:243).

ensaiou-se uma aproximação à sua posição no território assinalando alguns destes monumentos nos mapas anexos.

No que concerne às prospecções promovidas pela Associação de Estudos do Alto Tejo a qualificação dos sítios arqueológicos baseou-se sempre em indicadores observáveis à superfície. A prioridade foi concedida à identificação de câmaras funerárias, reportáveis a tipologias conhecidas ou de *facies* antigo, acompanhadas por estruturas monticulares, conservadas ou vestigiais. Naqueles casos em que as câmaras funerárias estavam ausentes ou invisíveis a qualificação daquelas ocorrências como sepulturas baseou-se na avaliação das estruturas monticulares, suas dimensões, composição e forma.

Por exemplo, no sul de Idanha-a-Nova verificou-se existir uma característica invariante na construção das mamoas; a presença de quartzo filoniano, geralmente de cor branca. Esta circunstância facilitou o diagnóstico dos casos menos evidentes da sua destruição, em consequência da instalação de povoamentos florestais, situações em que a presença de concentrações regulares de quartzo, com forma e dimensão compatíveis, e de fragmentos de antigos esteios, foi correlacionada com uma sepultura destruída e respectiva mamoa. Estas qualificações foram muitas vezes reforçadas pela presença de artefactos compatíveis, como elementos de moagem, instrumentos em pedra polida ou em pedra lascada, em sílex, cerâmica ou outros.

No Monte de São Domingos (Malpica do Tejo), no concelho de Castelo Branco, foram qualificadas como cistas, funerárias (Henriques *et al.,* 1993), duas construções ortostáticas, cuja escavação arqueológica (Cardoso *et al.,* 1998) revelou serem cabanas, da Idade do Bronze, embora com uso funerário, documentado pela presença de urna cinerária no chão de uma delas. Estas estruturas foram incluídas no catálogo, atento o seu uso funerário, mas não foram comparadas com as sepulturas monticulares.

Numa área de estudo com acentuada diferenciação de características físicas e bióticas é expectável que o processo de humanização tenha decorrido de forma heterogénea ao longo do tempo, introduzindo mais um factor de assimetria na apreciação dos dados arqueológicos. Os diferentes cenários criados pelo homem perderam a sua originalidade na medida em que as posteriores etapas de ocupação do território alteraram os registos de etapas anteriores, também alterados por factores estritamente naturais. Essas alterações fizeram-se também de modo não-uniforme em resultado da demografia e das diferentes estratégias de exploração de recursos naturais que lhes sucederam, com diferentes graus de intrusão no solo e no subsolo.

Um outro factor limitativo, na avaliação da geografia destes dados, resulta da diversidade de métodos adoptados na obtenção de dados arqueológicos ao longo do tempo. Dos investigadores que nos antecederam na região quase nada se sabe acerca da metodologia que adoptaram na prospecção arqueológica. Crê-se que no caso de Francisco Tavares de Proença Jr., o veículo seguido, tanto na identificação de sítios como na aquisição de espólio para o futuro museu, terá sido o recurso a informantes e a colectores indígenas. No caso da AEAT os parâmetros utilizados na descrição dos sítios arqueológicos também mudaram significativamente desde os primeiros trabalhos até ao presente, dificultando a comparabilidade entre ocorrências. Reconhece-se que em trabalhos mais antigos foi prestada menor atenção descritiva às mamoas e nos registos gráficos, por exemplo de plantas, faltam escalas e medidas, e noutros não existem registos fotográficos.

Em alguns territórios, persistentemente prospectados, como são os casos do concelho de Vila Velha de Ródão e da parte meridional do concelho de Idanha-a-Nova (freguesia de Rosmaninhal), que por esse motivo têm fornecido uma maior quantidade de dados, apesar de tal persistência, não se pode afirmar que tenham sido prospectados de modo sistemático, com uma malha apertada de pesquisa. Nessas áreas, a *intensidade*

da prospecção pode qualificar-se com *grau médio* (Bicho, 2006:97-98), tendo havido a preocupação de eliminar vazios nos territórios abrangidos por esses projectos, um procedimento que está nas antípodas dos métodos de amostragem (Bicho, 2006: 100-103).

Em Idanha-a-Nova, em Vila Velha de Ródão e em Proença-a-Nova têm sido efectuadas prospecções dirigidas ou selectivas, baseadas no seguimento de informações locais, na confirmação de registos antecedentes, ou na orientação em função de critérios fisiográficos ou em padrões antrópicos construídos empiricamente. Nestes casos praticou-se uma *prospecção completa*, em termos de abrangência temporal, por *unidades institucionais* (concelhos ou freguesias), ainda de acordo com os critérios expressos por N. Bicho (2006:91). No caso do concelho de Oleiros, onde esta prática é mais recente, datando do início deste século, no contexto da minimização de impactes de projectos eólicos, a prospecção foi direccionada para cumeadas, seguindo um *critério natural* (Bicho, 2006:91-92), sobretudo na parte ocidental daquele município.

Os resultados que procurámos obter estão, portanto, condicionados por estas diferentes estratégias de investigação e diferenciados métodos de registo. Contudo, dispõe-se de um acervo significante, ao nível quantitativo, e representativo, pelo menos em determinadas sectores ou compartimentos da área de estudo, como são os casos do enclave situado entre os rios Tejo, Erges e Aravil (Rosmaninhal, Idanha-a-Nova) e do compartimento fechado por trechos do rio Tejo, do rio Ocreza e da Serra das Talhadas (Fratel, Vila Velha de Ródão).

As lacunas de conhecimento, no que concerne às construções funerárias, correspondem sobretudo a *deficit* de dados em determinadas parcelas da área de estudo, mormente nas partes centrais e setentrionais dos concelhos de Castelo Branco e de Idanha-a-Nova, resultantes de menor, ou inexistente, incidência de investigação dedicada a este tipo de sítios. Devem também reconhecer-se insuficiências de conhecimento desta realidade, consequentes do reduzido número de estudos aplicados a sepulturas, a partir do último quartel do séc. XX, à inexistência de datações absolutas e a uma insuficiente integração daqueles sítios na rede de sítios de *habitat* e de manifestações gráficas, exceptuando o caso de estudo de Fratel (Caninas *et al.,* 2017). Ao invés, o conjunto gráfico do Tejo já mereceu um estudo exaustivo tanto do ponto de vista descritivo como interpretativo (Gomes, 2010).

5. Informação disponível

5.1. Estruturas funerárias

Neste apartado faz-se uma síntese do contexto arqueológico e da informação disponível acerca das sepulturas e de outros arqueossítios da Pré-História Recente em cinco territórios correspondentes aos actuais municípios abrangidos por este estudo.

5.1.1. Vila Velha de Ródão

5.1.1.1. Território

O território do concelho de Vila Velha de Ródão, com 330 km^2 de superfície, corresponde a 8% da área de estudo em cujo lado sudoeste se situa. Encontra-se abrangido pelo degrau intermédio (bloco de Castelo Branco) e pelo degrau inferior (bloco do Alto Alentejo) da escadaria tectónica regional (Ribeiro *et al,* 1987), com uma variação altimétrica superior a 450 m, entre a foz do rio Ocreza (90 m) e o topo da Serra das Talhadas, no sítio do Cabeço Gordo (570 m).

Este território está limitado de modo contínuo por vales profundos, a norte e oeste (rio Ocreza), a sul (rio Tejo) e a leste (rio Ponsul), reduzindo-se a fronteira terrestre, ou raia seca, ao sector nordeste. Estes vales de águas permanentes estão actualmente muito artificializados devido à presença de diversas albufeiras (Fratel, Pracana e Cedillo). O espaço interior está compartimentado por dois obstáculos, a Falha do Ponsul, que provoca um desnivelamento diagonal entre o rio Tejo, nas Portas de Ródão, e o ponto de entrada do rio Ponsul na fronteira leste do município, e a serra das Talhadas que o atravessa no lado ocidental, com orientação NNO-SSE, entre o rio Ocreza e o rio Tejo.

A geologia e a morfologia deste território apresentam acentuada variabilidade (Carvalho *et al,* 2006), por comparação com a sua dimensão e com outros sectores da área de estudo (casos de Proença-a-Nova e de Oleiros), proporcionando diferentes tipos de solos e de substratos geológicos e correspondentes possibilidades de armazenamento de água (nos rios envolventes, nos depósitos detríticos, nos quartzitos e nos depósitos de vertente associados) e também diversidade de matérias-primas (argilas e rochas) para construção e para produção de instrumentos. Integra geomonumentos de elevada importância, no espaço do Geopark Naturtejo da Meseta Meridional (Neto de Carvalho & Martins, 2006), como é o caso das Portas de Ródão (Gouveia, 2009; Canilho, 2011), um acidente geológico que têm sido muito valorizado do ponto de vista simbólico no contexto do complexo de arte rupestre do Tejo (Gomes, 2010). Estas características locais, além da posição geográfica de charneira entre o rio Tejo e a rota continental de orientação meridiana que liga a Meseta Norte-ocidental ao sul do actual território português, terão proporcionado condições favoráveis à presença de comunidades humanas desde a Pré-História Antiga e diferentes possibilidades de assentamento.

A topografia culminante em Ródão, com cotas entre 370 m e 570 m de altitude, corresponde a trecho da crista quartzítica da Serra das Talhadas, e respectivos depósitos de vertente, um alinhamento que se prolonga para fora daquele espaço nos sentidos noroeste e sudeste. Contudo, a parcela maior deste território,

com altitudes situadas entre 130 m e 370 m, corresponde às rochas metassedimentares do chamado Grupo das Beiras e forma o degrau tectónico de Castelo Branco. No lado ocidental desta plataforma existem vestígios expressivos da *superfície culminante do enchimento sedimentar* (Carvalho *et al.,* 2006), cenozóica, anterior ao encaixe do Tejo, a chamada Formação de Falagueira (arenitos e conglomerados), que ali está reduzida a cinco *mesas* detríticas, localmente denominadas *charnecas*. Na extremidade sudoeste existem as duas únicas formações magmáticas intrusivas deste concelho, o aplito de Gardete e uma pequena mancha de granitos encaixada na confluência do rio Ocreza com o Tejo.

No lado oriental do território municipal, que integra o bloco tectónico do Alto Alentejo, situado a sudeste da Falha do Ponsul, ocorrem as topografias mais baixas com cotas entre 50 m e 210 m de altitude indicando um abatimento com elevação progressiva para sudeste. Era neste sector depressionário que fluía o antigo leito do rio Ponsul, num tempo em que a sua entrada no Tejo se fazia imediatamente a montante das Portas de Ródão, antes da sua captura pelo trecho que faz, actualmente, o limite leste deste território. Aquela circunstância topográfica explica o facto deste espaço permanecer ocupado pelos depósitos paleogénicos da Formação de Cabeço do Infante (arcoses), à excepção do bordo sudeste, que está mais elevado. Sobre as arcoses conserva-se uma escadaria de depósitos de terraço (do T1, o mais elevado e mais antigo, ao T6), contendo cascalheiras de clastos rolados de quartzito, cuja idade absoluta tem vindo a ser calculada com os seguintes resultados: T1 (topo) - 1.0 a 1.1 Ma; T2 (topo) – 500 a 700 Ka; T3 (topo) – 350 a 450 Ka; T4 – 340 a 160 Ka; T5 – 136 a 75 Ka; T6 – 62 a 32 Ka (Martins & Cunha, 2009; Cunha *et al.*, 2008, 2012). É no fundo deste bloco que se situam os aluviões holocénicos mais extensos, nos vales das ribeiras do Açafal e do Lucriz.

Os principais acidentes orográficos, positivos (elevações) e negativos (depressões), permitem seccionar o território de Ródão em três compartimentos: o ocidental, de configuração triangular, fechado entre a serra das Talhadas e os rios Tejo e Ocreza; o meridional, fechado entre a Falha do Ponsul e os rios Tejo e Ponsul; o setentrional, limitado pela serra das Talhadas, pela Falha do Ponsul e pelo rio Ocreza, estando apenas aberto a nordeste. Os acidentes mencionados constituíram obstáculos, ou factores de resistência, ao seu atravessamento, embora existam alguns pontos favoráveis, correspondentes às portelas, às passagens a vau ou em barcas.

5.1.1.2. Síntese da investigação

A referência mais recuada às sepulturas megalíticas deste território corresponde a uma notícia publicada no séc. XIX acerca do *thrilithes* de Vila Velha de Rodão, situado "a nascente da ribeira de Açafalla", ou seja, Açafal, e de monumentos idênticos em *Fantel* (será Fratel) e Monte Fidalgo, erradamente colocados na província de Trás-os-Montes (Costa, 1868:91). Trata-se de restos de antas e não de menires (Santos, 1972:57) que nunca saberemos se correspondem a algum dos monumentos que encontrámos naquelas áreas.

Depois desta notícia, episódica, foram vários os investigadores que em diferentes momentos se dedicaram ao tema, ocorrendo descobertas, reconhecimentos e inclusivamente escavações (Tabelas 3.1 e 3.5). No primeiro decénio do séc. XX merece destaque o intenso labor que Francisco Tavares de Proença Júnior dedicou à arqueologia da região de Castelo Branco, com particular ênfase no estudo das sepulturas megalíticas (Henriques & Caninas, 2004), das quais inventaria 94 e escava mais de 17, repartidas pelos concelhos de Castelo Branco, Idanha-a-Nova e Vila Velha de Ródão. A cartografia utilizada por Proença Júnior é muito

deficiente em detalhe topográfico, embora já existisse carta militar, em 1881, da responsabilidade de Filipe Folque.

No conjunto dos 11 municípios do antigo distrito de Castelo Branco é ao concelho Vila Velha que corresponde a maior quantidade e a maior densidade de monumentos inventariados (tabela 3.3), em número de 26 (28 % do total), superiores às de Castelo Branco e de Idanha-a-Nova. Em Sarnadas-Atalaia delimita uma das duas necrópoles do seu inventário distrital (Proença Jr, 1910), onde inclui 14 monumentos. Além destes assinala dois em Alfrívida, dois no Lucriz, um em Perais, um em Serrasqueira e seis em Vila Velha de Ródão. Escavou a anta da Urgueira, a mamoa 1 do Lucriz, uma anta, que se presume situada perto de Vila Velha de Ródão (Vale das Vinhas?), e um número indeterminado de monumentos da necrópole mencionada (pelo menos o monumento 4), tendo publicado apenas a primeira intervenção citada (Proença Jr, 1909).

Entre os seus inéditos existe o manuscrito de um texto dedicado às antas do distrito de Castelo Branco que inclui plantas e localizações esquemáticas (Proença Jr, 1906a) de sete monumentos da necrópole de Atalaia/Sarnadas. Essas plantas reportam-se às antas 1, 2, 3 (Vale Mouro), 4, 5, 6 e 7 da referida necrópole e ainda ao túmulo 1 (mamoa) do Lucriz correspondente ao primeiro plano ou de "começo da exploração" que efectuou naquele monumento. As antas 1 e 2 podem corresponder ao conjunto que denominámos Vale das Cobras, atendendo à semelhança entre a planta que anexamos (refª 1047 no Anexo 2)[54] e o esboço feito por aquele investigador; a anta 1, situada junto da EN18, já não se conserva. Os monumentos 4 e 5 formam um outro par, tendo sido escavado o 4, também situado junto da EN18.

Aos achados móveis, em grande parte avulsos e de origem desconhecida, referenciada à povoação mais próxima, a que Proença Júnior confere importância para figurarem na carta arqueológica distrital, correspondem 94 *machados de pedra* (na realidade, instrumentos de pedra polida de vários tipos, adiante abreviados como ipp), em quantidade muito inferior aos recolhidos nos concelhos de maior dimensão, como Castelo Branco (712 ipp) e Idanha-a-Nova (199 ipp). Infelizmente, por desaparecimento ou ocultamento dos seus cadernos de campo, não foi possível relacionar estes achados com as escavações inéditas que efectuou neste concelho. De qualquer modo, estes dados demonstram que Vila Velha de Ródão figurou ao lado de Castelo Branco e de Idanha-a-Nova na primeira linha do estudo que Proença Júnior dedicou ao megalitismo deste distrito.

No segundo quartel do séc. XX, em particular nos anos de 1944 e 1945, de acordo com pesquisa que se efectuou em Fevereiro de 2016 no Arquivo Documental Leisner à guarda da DGPC, o inventário das sepulturas megalíticos da Beira Baixa é objecto de actualização pelos arqueólogos Georg e Vera Leisner. Após a morte daqueles arqueólogos o acervo documental foi organizado por Philine Kalb, ao tempo responsável da Delegação de Lisboa do Instituto Arqueológico Alemão, tendo sido publicado no final do século (Leisner, 1998). O trabalho subjacente a esta edição, que inventaria 29 monumentos, corresponde basicamente a uma compilação dos dados de Proença Júnior acompanhada de uma tentativa de implantação cartográfica *mais rigorosa* do que a efectuada por Proença Júnior mas que não terá sido suportada por trabalho de campo. São desenhados fragmentos de quatro recipientes cerâmicos e de três machados de pedra polida provenientes da escavação da anta da Urgueira (Proença Jr, 1909), que também fora republicada por Joaquim Batista (Batista, 1983), uma enxó da anta do Vale das Vinhas, e uma placa perfurada da anta 1 de Sarnadas. Este conjunto foi actualizado com duas enxós resultantes de uma recolha efectuada por membros da AEAT na anta do Farranhão.

[54] Os números com quatro algarismos indicam o número de referência de uma sepultura inscrita nos catálogos anexos.

A investigação voltaria a incidir neste tipo de monumentos a partir do último quartel do Séc. XX, no âmbito de projectos de investigação arqueológica ou da minimização do impacte ambiental de projectos. Tal como ocorrido noutros concelhos da Beira Baixa, deve-se à AEAT um esforço permanente de actualização do inventário arqueológico municipal, sobre o qual foram publicadas duas contribuições nos anos 80 (Henriques & Caninas, 1980, 1986), que veio a ser reforçado no âmbito de projectos de investigação e, em especial, por ocasião da elaboração do primeiro plano director municipal (1993) e da sua revisão mais recente, a partir de 2004 (Henriques *et al.*, 2008).

No actual inventário, com cerca de 490 registos, em fase de preparação para publicação sob a coordenação de Francisco Henriques, constam 65 referências a sepulturas megalíticas e/ou monticulares, evidenciando um significativo acréscimo de conhecimento comparativamente com as etapas anteriores. Deste conjunto foram executadas intervenções arqueológicas em cinco monumentos: Farranhão, em 1983-1985 (inédita); Charneca das Canas, em 1990 (Pereira da Silva, 1991); Charneca das Vinhas, em 2000-2001 (Caninas *et al.,* 2009, 2011); Eira da Vinha, em 2007 (Santos & Figueira, 2011); Cabeço d´Ante, em 2014-2015 (em estudo para publicação).

5.1.1.3. Contexto arqueológico

A partir dos anos 70 do séc. XX a arqueologia pré-histórica da área de Ródão ganha novamente visibilidade e projecção internacional, primeiro com a descoberta e estudo do vasto complexo de gravuras rupestres do Tejo (Serrão *et al,* 1972a; Gomes, 2010) e mais tarde dos sítios com ocupação paleolítica (Raposo, 1987a, 1987b) identificados em terraços fluviais situados imediatamente a jusante e a montante das Portas de Ródão. Se estes últimos não têm relevância para a contextualização das construções funerárias que nos interessam já as expressões gráficas gravadas nas margens do rio Tejo e dos seus afluentes terão uma relação directa com o fenómeno funerário, apesar do desacordo acerca do faseamento da sua produção. As propostas cronológicas mais sustentadas pelo estudo desta realidade, nomeadamente as que são subscritas por Mário Varela Gomes (Gomes, 1987, 2010) e por António Martinho Baptista (Baptista *et al.,* 1978; Baptista, 1981), coincidem na atribuição da sua manufactura a um tempo coevo das sepulturas megalíticas.

Mais recentemente, foi revelado um terceiro segmento do património arqueológico rodanense cuja importância resulta da sua representatividade à escala local, testemunhada pelo elevado conjunto de evidências, e à escala regional. Referimo-nos aos diversos tipos de vestígios relacionados com a exploração de ouro aluvionar que se atribui, geralmente, à romanização, período durante o qual terá adquirido expressão industrial, mas cuja génese poderá remontar à Pré-história Recente (Bueno *et al.,* 2006; Henriques *et al,* 2011b), numa etapa durante a qual se admite que aquela actividade estivesse reduzida a simples colecta, ainda não acompanhada por produção metalúrgica.

A especificidade geomorfológica deste território, baseada na presença de extensos depósitos detríticos cenozóicos, terá propiciado, em diversos momentos da Pré-História, Antiga e Recente, o assentamento de grupos humanos em funções residenciais (domésticas) e produtivas (manufactureiras) e a conservação dos vestígios materiais de tais actividades. Alguns desses sítios terão coincidido no tempo com a construção/utilização das sepulturas megalíticas e a produção do complexo gráfico do rio Tejo, pelo que supomos que os seus protagonistas terão sido os mesmos. Para além dos reconhecimentos de superfície, no âmbito de projectos de investigação plurianuais, foi possível caracterizar a natureza dessas evidências em

dois locais, o Cabeço da Velha (Cardoso *et al.*, 1998b), com presença atribuível ao Neolítico Final, e a Charneca da Fratel (Soares, 1988), onde foram documentadas fases de ocupação no Neolítico Final e no Calcolítico Inicial. Por outro lado, a conexão espacial entre aquelas três realidades, residencial/produtiva, gráfica e funerária, é particularmente expressiva na área de Fratel (Caninas & Henriques, 1985; Caninas *et al.*, 2004; Caninas *et al.*, 2017).

5.1.1.4. Catálogo

O inventário das construções funerárias monticulares identificadas no concelho de Vila Velha de Ródão está documentado no Anexo 2, nas tabelas dos Anexos 7 a 10 e projectado na cartografia associada. Este inventário contempla 65 registos, repartidos do seguinte modo: 51 ocorrências com qualificação como sepulturas monticulares confirmada no decurso dos trabalhos de prospecção promovidos pela AEAT; seis ocorrências de localização aproximada, dado terem sido destruídas ou não encontradas, mas cuja qualificação como sepulturas pré-históricas se considera fiável de acordo com outras fontes, nomeadamente os sítios 1016, 1061, 1062, 1063 (Monteiro & Gomes, 1978), 1064 (Batista, 1983) e 1065 (Proença Jr, 1906a); seis ocorrências de qualificação hipotética, assim atribuída por não terem sido directamente observadas por arqueólogo ou por insuficiente evidência, casos de Senhora da Graça (1053) e Monte da Coutada (1060); dois topónimos, Anta (1055) e Antas (1054), que correspondem a afloramentos naturais e que documentam a não associação deste topónimo a sepulturas megalíticas, tal como documentado noutras regiões (Cruz, 2001), associação que já é válida no caso de nomes compostos como Cabeço d´Ante, Lomba d´Antes e Curral da Anta. No caso da *Anta* de Gardete (1055), um conjunto de grandes blocos extraídos a um filão e arrumados ao lado de um caminho florestal, não se pode excluir uma realidade atípica como a que foi documentada na Pedra Encavalada (Cruz, 2011: 111-127; 2016). Neste inventário destaca-se uma concentração de 13 pequenos montículos (1024 a 1036), no sítio do Mulato, com características morfológicas e dimensões distintas das restantes ocorrências monticulares.

Excluímos deste inventário a maioria das 14 antas da necrópole de Atalaia / Sarnadas por não terem sido reencontradas, embora se admita a integração naquela lista por exemplo dos monumentos de Vale das Cobras (1047, 1065) e talvez outros situados na actual freguesia de Sarnadas. Exclui-se desta lista pelo menos a anta da Silveirinha que pertence ao concelho de Castelo Branco. Também excluímos as localizações propostas pelos arqueólogos alemães (Leisner, 1998) para a generalidade do inventário de Proença Jr, por suspeitarmos que não foram observadas directamente por aqueles investigadores. Dos restantes casos do inventário de Proença Jr foram observados restos de um dos dois monumentos de Alfrívida, na Vinha do Torão (1052), os dois do Lucriz, no Olival dos Morouços (1022, 1023), o de Perais, a anta da Urgueira (1045), e pelo menos um de seis em Vila Velha de Ródão, no Monte do Famaco (1018). A anta da Serrasqueira poderá corresponder à localização referenciada no Prior, em cabeço situado entre o Monte da Coutada e a Serrasqueira (1063). Não encontrámos vestígios do monumento citado por Leisner no Vale das Vinhas, de onde provêm uma enxó (Leisner, 1998: 99 e estampa 77) e que pode corresponder à lista de Proença Jr.

Existem informações e referências a outros monumentos que por insuficiência descritiva ou de localização não foram elencados ou relacionados com outros já conhecidos. São os casos dos *trilithes* de Vila Velha de Ródão, Fratel e Monte Fidalgo (Costa, 1868) e das sete antas de Fratel referidas por Serrão & Serrão (s/d). O Inspector José Batista Martins, ao tempo Presidente da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão,

comunicou a existência de uma anta no cimo da Barroca dos Ulmeiros, não encontrada, a qual poderá corresponder ao Curral da Anta. Em Abril de 1977, José Pires, natural de Salavessa e residente em Perais, referiu uma outra anta entre Perais e Monte Fidalgo, para além da que foi reconhecida no Farranhão (1014).

Os monumentos com localização conhecida têm uma distribuição que abrange todo o território municipal aproximando-se dos seus limites nos rios Tejo, Ocreza e Ponsul. Ocupam morfologias e geologias diversificadas, como lombas de metassedimentos, terraços fluviais, mesas detríticas e planícies aluviais, mas estão ausentes dos quartzitos embora se aproximem dos depósitos de vertente, como é o caso da Brejinha (1004). Observam-se vazios significativos na área de Sarnadas, que tem sido prospectada de modo menos exaustivo e onde não se atingiu a quantidade de antas indicada por Proença Jr, e na área de Perais onde, devido a uma exploração agrícola mais antiga, podem ter sido desmantelados monumentos em épocas mais recuadas, embora não se exclua a possibilidade de existirem outros imersos nos aluviões modernos como comprovou a descoberta da Eira da Vinha (1012).

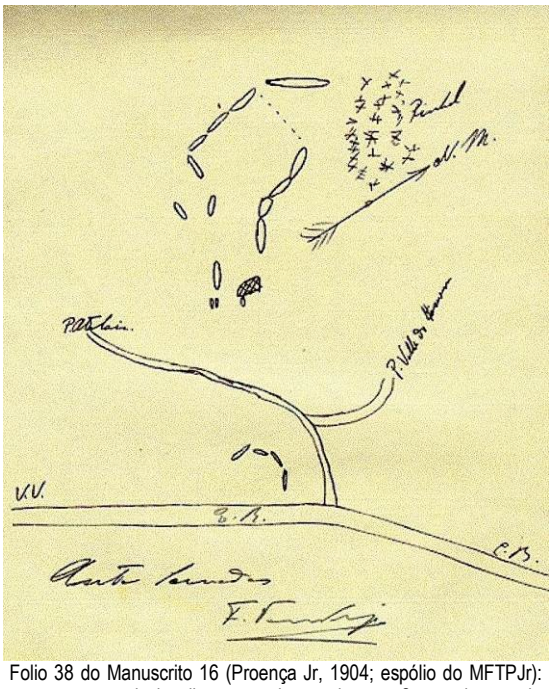
Foram seis as sepulturas investigadas até à data com resultados conhecidos (Tabelas 31 e 3.5), Urgueira (1045), Farranhão (1014), Charneca das Canas (1009), Charneca das Vinhas (1010), Eira da Vinha (1012) e Cabeço d´Ante (1005). A este conjunto acrescem as escavações executadas por Proença Jr na necrópole de Atalaia / Sarnadas e nos *tumuli* do Lucriz, mas de que nos chegaram escassas indicações. De acordo com o manuscrito inédito nº 16 (folha 39), guardado no MFTPJr (figura 5.1), a planta de localização da anta 4 de Atalaia / Sarnadas tem a anotação *escavada*. A mesma fonte (folha 44) refere o início da escavação do túmulo 1 do Lucriz. As *Notações e dados iconográficos respeitantes às antas do districto de C. Branco,* de 1907, também pertencentes ao acervo de inéditos do MFTPJr, indicam que a exploração do túmulo 2 do Lucriz foi começada em 30 de Outubro de 1905.

Em 1904 Proença Jr escava a anta da Urgueira (Proença Jr, 1909), uma sepultura com câmara e corredor diferenciados, tanto em planta como em altura, e de uma tipologia que se aproxima do modelo de polígono unilateral (Leisner & Leisner, 1951). Embora muito arruinada, como bem documentam as fotografias que dela tirou (Figura 5.2), ainda conservava um espólio, embora pouco diversificado, composto por quatro recipientes cerâmicos, recolhidos na câmara, e três instrumentos de pedra polida, retirados do corredor, e ossos humanos. A mamoa seria constituída, além de terra, por quartzo filoniano e quartzito, mas à data já estava muita arrasada pela lavoura. Este acervo poderia ser superior se a escavação tivesse abrangido o exterior da estrutura ortostática, onde poderiam conservar-se materiais resultantes das terras para aí lançadas em consequência das violações do enchimento da sepultura. Assinala-se a ausência de instrumentos em pedra lascada, materiais que aquele investigador conhecia.

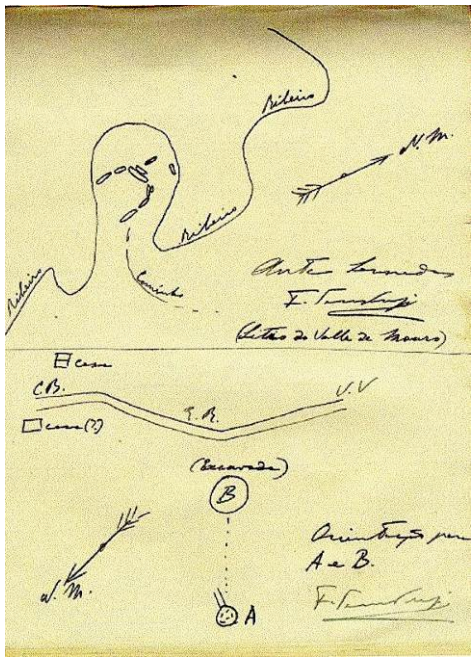
Em 1983 e 1985 foram executadas sondagens no Farranhão (1014) após a destruição desta sepultura de câmara equiparável ao modelo *poligonal de tendência trapezoidal* (Leisner & Leisner, 1951), bem diferenciada de um corredor estreito mas de comprimento indeterminado. A mamoa, muito arrasada pela lavoura, seria constituída por quartzo filoniano, que ainda era abundante no espaço envolvente. No decurso daquela intervenção, que permanece inédita, foi recolhido um espólio diversificado constituído por lâminas e lamelas, pontas de seta, geométricos, uma alabarda, instrumentos de pedra polida, contas em matéria verde e cerâmica, incluindo prato de bordo almendrado.

No início dos anos 90, por diligência do Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, foi escavada (Pereira da Silva, 1991) uma mamoa situada no bordo da *mesa* detrítica da Charneca de Fratel, em local denominado Charneca das Canas ou Charneca do Sobreiro-da-cor-da-Terra (1009). A escavação revelou uma construção

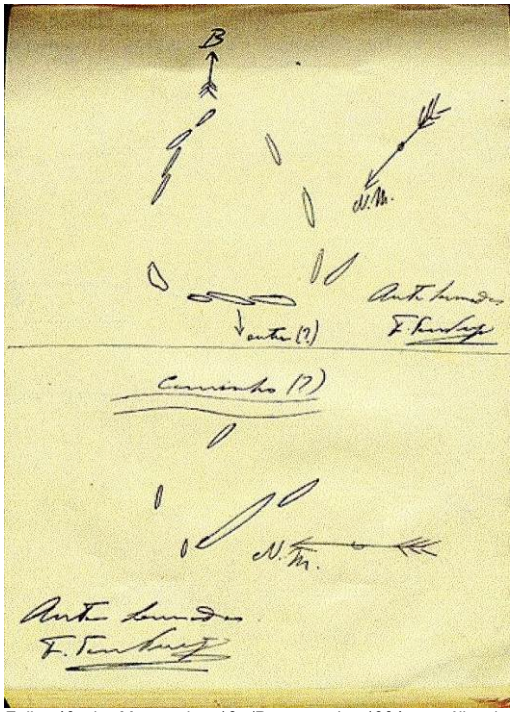
monticular bem conservada na sua morfologia geral, constituída por sedimento arenoargiloso e subestruturas líticas (couraça superficial, contenção periférica, anel de envolvimento do contentor funerário). A subestrutura ortostática central estava reduzida a um pequeno esteio e a fragmentos de outros, em metassedimento, talvez devido a destruição provocada por violação. Não foi identificado corredor. Foi recolhido numeroso e diversificado espólio lítico, com predomínio de lâminas longas, pontas de seta de base côncava, punhais e espólio cerâmico, materiais atribuídos ao 3º milénio AC.



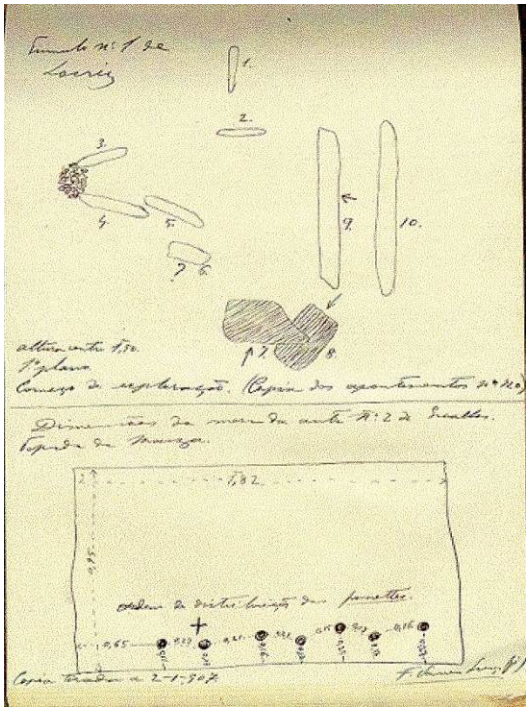
Folio 38 do Manuscrito 16 (Proença Jr, 1904; espólio do MFTPJr): representação da localização e plantas da anta 2, em cima, e da anta 1, em baixo, da necrópole de Atalaia - Sarnadas.



Folio 39 do Manuscrito 16 (Proença Jr, 1904; espólio do MFTPJr): representação da localização e plantas da anta 3, em cima, da anta 4 (B) e da anta 5 (A) da necrópole de Atalaia - Sarnadas.



Folio 40 do Manuscrito 16 (Proença Jr, 1904; espólio do MFTPJr): representação da localização e plantas da anta 6, em cima, e da anta 7, em baixo, da necrópole de Atalaia - Sarnadas.



Folio 44 do Manuscrito 16 (Proença Jr, 1904; espólio do MFTPJr): representação da planta do túmulo 1 do Lucriz.

Figura 5.1. Plantas de antas em manuscrito de Proença Júnior (Fonte: MFTPJr).

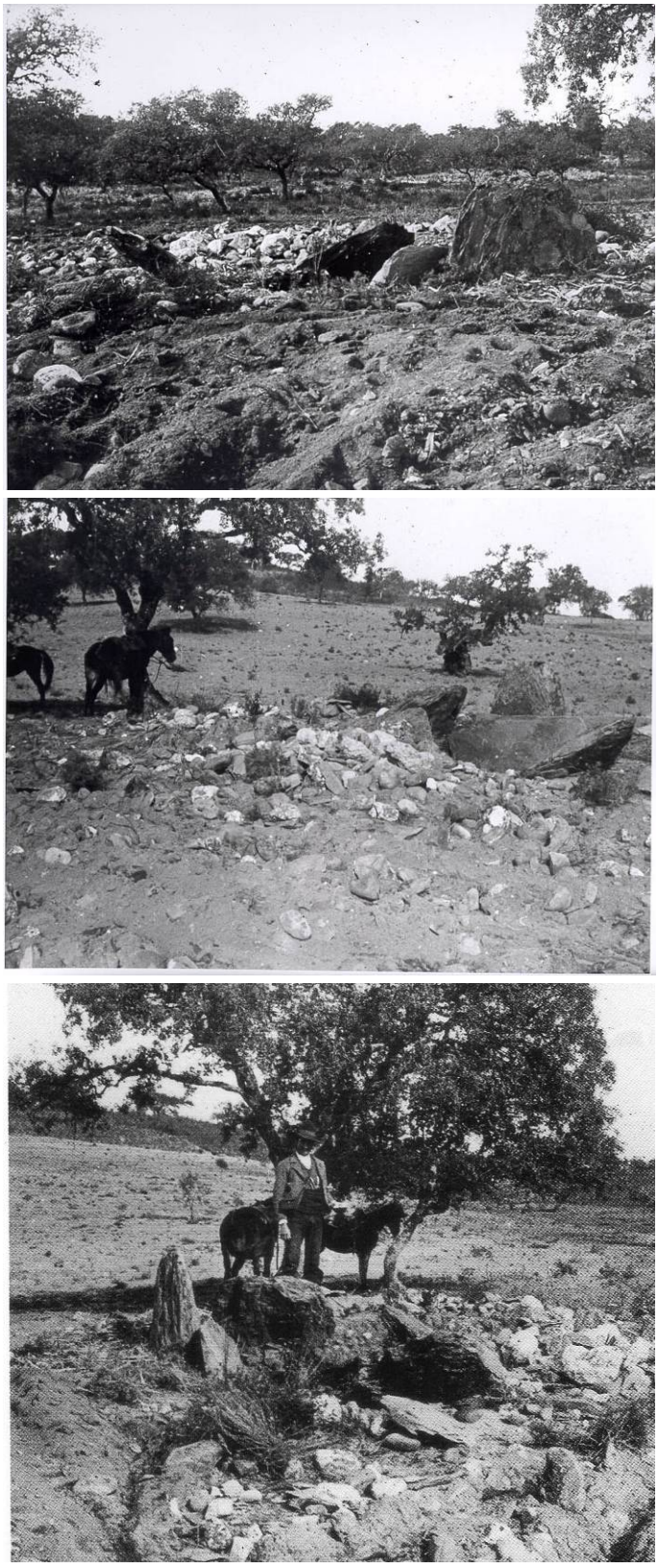


Figura 5.2. Fotografias da anta da Urgueira tiradas por Francisco Tavares de Proença Júnior (MFTPJr; Ferreira, 2004: 30 e 248).

Uma década mais tarde (Caninas *et al.,* 2009 e 2011) foi escavada na freguesia de Fratel uma outra mamoa, na Charneca das Vinhas ou Charneca dos Pequenos de Vilar de Boi, no bordo de uma mesa detrítica, com

características morfológicas e posição topográfica idêntica à da Charneca das Canas (1010). Os trabalhos revelaram uma construção monticular bem conservada, com depressão central, composta maioritariamente por material arenoargiloso e cuja estrutura ortostática central estava reduzida a um grande esteio tombado no interior da câmara. Foi recolhido um conjunto, numeroso, de artefactos líticos e cerâmicos, formando conjunto tipológico semelhante ao obtido na Charneca das Canas. Estes materiais foram encontrados no interior do compartimento funerário, sobre a mamoa e no exterior desta no espaço fronteiro à entrada no que teria sido um corredor despojado de ortostatos. A presença de uma placa gravada em xisto correspondente a um modelo circunscrito a várias sepulturas do Norte Alentejano (Caninas & Henriques, 1994) documenta intercâmbio regional. As características morfológicas e artefactuais das mamoas das Charnecas das Canas e das Vinhas sugerem uma etapa comum do processo funerário pré-histórico, com uma aproximação da necrópole aos bordos das mesas detríticas sobre as quais se documentou *habitat.*

Mais recentemente, na Eira da Vinha (1012) foi escavado de modo integral um *cairn* de quartzo filoniano, com câmara de planta elíptica, fechada, desprovida de estrutura ortostática completa, reduzida a uma laje de xisto no seu interior (Santos & Figueira, 2011). Revelou escasso espólio, composto por dois machados, uma enxó, um geométrico e fragmentos cerâmicos dispersos sobre o *tumulus* além de elementos de moagem. Singular é a posição daquela sepultura no leito de cheia de um pequeno curso de água, sob espesso aluvião, talvez resultante de processo erosivo, acelerado pela ocupação romana do Monte da Coutada que lhe é sobranceiro. Esta descoberta só foi possível devido à escavação das fundações de uma barragem associada ao projecto de regadio do vale do Lucriz.

A última intervenção arqueológica em sepulturas megalíticas no concelho de Vila Velha de Ródão teve lugar no Cabeço d´Ante (1005), próximo das Portas de Ródão e dos depósitos de vertente da serra das Talhadas. Este monumento, apesar do estado residual da mamoa, conservava estrutura ortostática de metassedimentos, muito completa, constituída por câmara e corredor integráveis no modelo de polígono unilateral (Leisner & Leisner, 1951), bem diferenciados em planta e altura. O espólio arqueológico diversificado mas marcado pela quantidade e variedade das pontas de seta, forma um conjunto com perfil tipológico distinto dos recolhidos nos outros monumentos mencionados e em particular dos que se situam no território de Fratel, casos das Charnecas das Canas e das Vinhas. Este acervo foi objecto de um primeiro estudo no âmbito de uma tese académica (Anacleto, 2017). A sepultura foi reconstruída, parcialmente, no âmbito do projecto de investigação Mesopotamos (2015-2019), como modo de conservação e de qualificação para visitas.

5.1.2. Proença-a-Nova

5.1.2.1. Território

O território do município de Proença-a-Nova, com 395 km^2 de superfície, corresponde a cerca de 10% da área de estudo. Tem uma configuração geral sub-triangular e está encaixado entre o vale do Tejo, a sul, e a Cordilheira Central, a norte.

O município adaptou os seus limites administrativos a acidentes orográficos destacados, de morfologias opostas, ora profundos ora elevados. A noroeste, a oeste, a sul, a leste e a nordeste a fronteira fluvial estabelece uma continuidade de confluências entre a ribeira da Isna, a ribeira do Mesão Frio, a ribeira da

Pracana, o rio Ocreza e a ribeira do Alvito. A noroeste e a norte o limite administrativo transita entre cumeadas da Cordilheira Central, ligando-se aos limites atrás mencionados. O trecho setentrional da serra das Talhadas não foi utilizado como limite administrativo contemporâneo mas terá sido limite no hipotético traçado da demarcação oriental da doação da Herdade da Guidintesta à Ordem do Hospital no séc. XII (Alarcão, 2013:43).

A parte central do território de Proença-a-Nova pode ser caracterizada como formando uma plataforma inclinada para sudeste, muito fissurada pela rede hidrográfica, fechada no seu maior perímetro por vales profundos e encimada, a norte, pela serra de Paio Martinho (Catharino, 1933:37), hoje denominada serra das Corgas, que corresponde ao trecho meridional-ocidental da Cordilheira Central Ibérica em território português. É atravessada por diversas falhas com destaque para aquela que separa o bloco tectónico da Cordilheira Central do bloco de Castelo Branco (Ribeiro *et al,* 1987), com orientação nordeste-sudoeste, e que limita a norte a serra da Talhadas (vg Venda). Uma outra falha atravessa este território de leste, junto à Garganta do Almourão, a oeste, onde separa a serra da Porca (hoje Vergão) da serra das Corgas. Numa outra falha, com orientação norte-sul, encaixou-se a ribeira de Mesão Frio.

A acentuada variação altimétrica que caracteriza os limites deste território confere-lhe algum isolamento e especificidade, bem documentada, por exemplo, na sua delimitação como subunidade (Charneca) da região natural da Beira Baixa, segundo o Atlas do Ambiente de 1985 (Comissão Nacional do Ambiente), expandida numa abordagem recente da paisagem de Portugal Continental (Cancela d´Abreu *et al,* 2004) ao formar, com o território de Fratel, uma subunidade do Pinhal Interior.

Esta unidade é reforçada, ou uniformizada, pela reduzida variabilidade do substrato geológico que é constituído, maioritariamente, por rochas metassedimentares do Grupo das Beiras (de 610 a 542 Ma), apenas interrompida por uma crista de quartzitos (de 488 a 435 Ma) no trecho setentrional da Serra das Talhadas. Além disso, na parte do território de Proença-a-Nova abrangida pelo bloco tectónico de Castelo Branco não se conservam, de modo extensivo ou com expressão cartográfica, as coberturas sedimentares cenozóicas (de 65 a 1Ma), ainda presentes fora deste município no bloco tectónico inferior ou do Alto Alentejo (Ribeiro *et al,* 1987). Esta ausência é comum para nordeste nas partes do bloco de Castelo Branco que pertencem aos concelhos de Castelo Branco e de Idanha-a-Nova, à excepção de uma pequena parcela situada entre falhas na área de Sarzedas. Como formações cenozóicas mais recentes (Plistocénico, com menos de 1 Ma) restam, embora muito reduzidos pela mineração de ouro (Henriques *et al,* 2011b), depósitos de terraço, constituídos por sedimentos finos e por detritos grosseiros (cascalheiras), envolvendo os principais cursos de água, com destaque para o rio Ocreza.

5.1.2.2. Síntese da investigação

Os estudos de arqueologia pré-histórica tiveram um desenvolvimento recente no concelho de Proença-a-Nova, a partir dos anos 70, com prospecções continuadas, promovidas pela AEAT, e com a realização da primeira escavação de um sítio pré-histórico, a anta do Cão do Ribeiro, no ano de 2012, a que se seguiram investigações em dois outros monumentos. No entanto, quase 100 anos antes este território mereceu a atenção de Francisco Tavares de Proença Jr ao incluir na sua carta arqueológica distrital (Proença Júnior, 1910) a referência aos achados de nove machados de pedra polida, na localidade de Catraia, e de seis antas

e cinco machados de pedra polida, na Sobreira Formosa. A morte prematura em 1916, aos 33 anos (Ferreira, 2004), impediu-o de dar continuidade ao estudo do património arqueológico proencense.

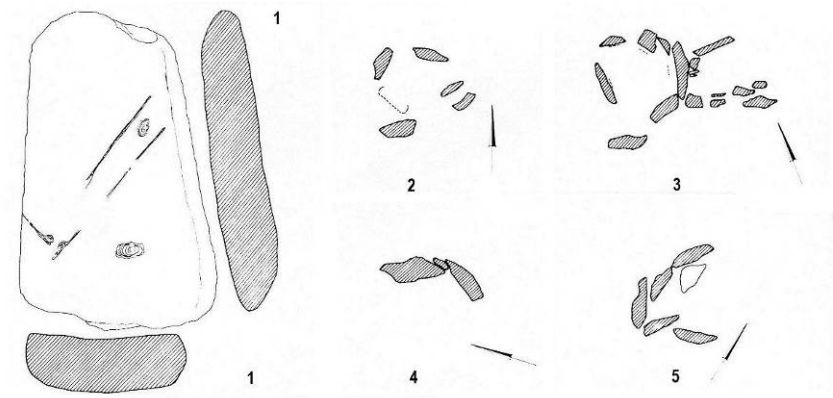
Surgiu uma nova oportunidade para a arqueologia pré-histórica de Proença-a-Nova com Georg e Vera Leisner, chegados a Portugal em 1943 (Boaventura & Langley, 2007), e de cuja passagem por este concelho resultou um inventário de 95 antas cartografado genericamente em meados do século (Leisner & Leisner, 1956) mas só publicado com maior detalhe, de forma póstuma, no final do mesmo (Leisner, 1998). Este elevado acervo de sítios representou um contributo destacado para o conhecimento do megalitismo da região de Castelo Branco, sem equivalente noutras partes daquela região (Caninas, 2012) o que sugere terem aqueles investigadores focado a atenção em Proença-a-Nova. A razão dessa opção está por explicar mas pode ter resultado de contacto estabelecido com o Padre Henrique Louro que emite, em 9 de Abril de 1944, carta de recomendação do casal Leisner para que lhes seja mostrada uma anta sita no Caniçal Cimeiro. Contudo, irão centrar a atenção nas Moitas, localidade onde visitam e documentam vários monumentos, mas este contributo também não teve continuidade em termos de investigação aplicada. De facto, de acordo com a consulta efectuada no Arquivo Leisner, à guarda da DGPC, em Fevereiro de 2016, foi possível documentar em cadernos de apontamentos que Georg Leisner fez uma primeira visita à Beira Baixa de 9 a 16 de Junho de 1944 (caderno manuscrito guardado na Caixa 59/3) tendo voltado de 29 de Agosto a 6 de Setembro de 1945 para trabalho de campo principalmente em Proença-a-Nova (caderno manuscrito guardado na Caixa 59/4 cujo original de campo parece corresponder ao arquivo na Caixa 61/22).

O volume do *corpus* dos monumentos megalíticos da Península Ibérica, editado em meados do século (Leisner & Leisner, 1956) dedica alguma atenção a Proença-a-Nova e, em particular, ao monumento do Covão do Ribeiro, o único do distrito de Castelo Branco que aparece ilustrado com uma fotografia (estampa 57 na Figura 5.3) embora existam fotografias, não editadas, de um outro monumento, o de Moita da Galinha (Arquivo Leisner, Caixa 69/10, com duas vistas de sudeste e duas de leste). Estas imagens e as plantas de cinco sepulturas (Chã das Vargens, Covão do Ribeiro, Vale de Alvite, Moita da Galinha e Portela da Lameira, em Leisner, 1998: estampas 77 e 78), publicadas em volume posterior dedicado às Beiras, testemunham os locais que foram efectivamente visitados por aqueles investigadores.

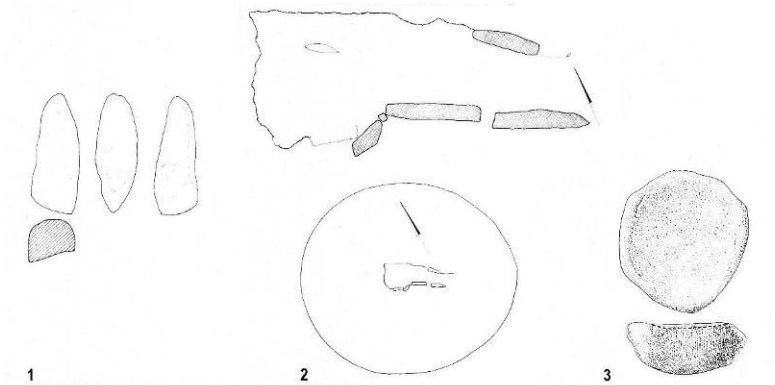
Na edição de 1956, a propósito da Beira Baixa, os autores referem que "os inúmeros sepulcros descobertos por nós nas regiões xistosas imediatamente ao Norte do Tejo, no concelho de Proença-a-Nova..., pertencem a um tipo pequeno; estão hoje, menos a colina tumular, quási completamente destruídos" (Leisner & Leisner, 1956:36; utilizou-se tradução dactilografada do arquivo Leisner facultada pelo Doutor Rui Boaventura). Outra citação desta edição (op. cit. p. 65) sugere que tenham observado outra anta perto do Peral, no Cabeço da Fonte, mas tal topónimo não aparece na edição de 1998. O monumento mais citado, e documentado em planta e fotografia, é o do Covão do Ribeiro (op. cit. estampas 57 e 77 e p. 111) a propósito da sua tipologia de pequena câmara poligonal com corredor. Noutro passo, acerca da utilização de argila na construção da colina tumular, é referido que "do mesmo modo são também construídas as colinas na Beira Baixa; isto manifesta, por exemplo o sepulcro da Portela da Lameira, em que a colina tumular foi demolida pelos habitantes da vizinha, para utilizarem a terra argilosa, que lá não existe" (op. cit. p. 187).

Num outro trabalho, sobre megalitismo alentejano (Leisner & Leisner, 1951), aqueles investigadores fazem referências a Proença-a-Nova reforçando a convicção que o seu conhecimento acerca do megalitismo da Beira Baixa se terá circunscrito àquele concelho. Em Reguengos de Monsaraz, a propósito da maior sobrevivência das antas construídas com granito, a que contrapõem a raridade de antas em xisto, aqueles investigadores afirmam que "nós mesmos visitámos uma região xistosa da Beira Baixa, onde, em tempos antigos, houve

abundância de dólmenes, actualmente quase todos destruídos e dos quais apenas se conservam as mamoas. É que, nos anos de estiagem, ao abrirem-se novos poços, arrancaram-se, naquela região, as pedras das antas para a construção dos mesmos, e, deste modo, daqui a alguns decénios, desaparecerão todos os vestígios da cultura megalítica naquele concelho" (op. cit., p. 14-15). O argumento não parece plausível, aplicado à construção de poços, mas já o é na aplicação de esteios em soleiras, lajeados, pontões e até na produção de marcos de divisão de propriedade. E na mesma obra é referido que "no concelho de Proença-a-Nova todos os *tumuli* são de barro, que é levado pelo povo para construções caseiras, dando-se às vezes o facto estranho de o *tumulus* ter desaparecido e conservar-se a anta com o seu recheio. Encontrámos deste barro sobretudo nas antas neolíticas" (op. cit., p. 32), uma observação verídica embora de sentido oposto à anterior.



Extracto da estampa 77 segundo Leisner (1998). Espólio: 1 - Caniçal Cimeiro 2. Plantas de monumentos: 2 - Chã das Vargens, 3 - Covão do Ribeiro, 4 - Vale de Alvite, 5 - Moita da Galinha.



Extracto da estampa 78 segundo Leisner (1998). Espólio: 1 - Pedra do Altar, 3 - Portela da Lameira. Planta de monumento: 2 - Portela da Lameira.



Vista da anta do Cão do Ribeiro segundo Leisner & Leisner (1956:estampa 57).

Figura 5.3. Documentação gráfica relativa a antas de Proença-a-Nova publicada por Georg e Vera Leisner.

Apesar do potencial interesse do conjunto megalítico de Proença-a-Nova, Georg e Vera Leisner não chegaram a dedicar-lhe maior atenção do que o singelo inventário publicado em 1998. As descrições que nos legam acerca dos 95 monumentos são estranhamente exíguas mesmo para aqueles pouco sítios cuja descoberta se lhes deve, como comprovam as respectivas plantas e as fotografias de dois deles, uma das quais a única imagem de um monumento da Beira Baixa que veio a público (Figura 5.3). O espólio desenhado reduz-se a três peças (Leisner, 1998, estampas 77 e 78), um machado proveniente de Vale da Navecinha, em Pedra do Altar, um dormente de mó manual da anta da Portela da Lameira e uma placa trapezoidal da anta da Terra do Calço ou Caniçal Cimeiro 2. Esse deficiente conhecimento é realçado pela organizadora do volume póstumo (Kalb, 1987:98).

Deve-se à AEAT, desde o último quartel do séc. XX até hoje, a renovação da pesquisa do património arqueológico de Proença-a-Nova (Henriques & Caninas, 1980, 1986), nomeadamente das sepulturas megalíticas cuja inventariação tem um incremento significativo (Henriques *et al,* 1999) com o projecto de investigação *Altejo – Pré-História Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português* (1998-2003) e mais recentemente com o projecto de investigação *Mesopotamos* (2015-2019). No decurso do reconhecimento do território, com vista à elaboração de carta arqueológica municipal, foi concedida prioridade à revisão da cartografia legada pelos arqueólogos alemães (Leisner, 1998). Até 2015 foram identificadas 28 antas, sendo apenas 16 as coincidentes com a cartografia alemã. A observação das características do terreno, a ausência de evidências arqueológicas e de referências populares sugerem a inexistência *ab initio* de sepulturas megalíticas (Henriques *et al,* 2016) na maioria das 95 posições cartografadas naquele inventário (Leisner, 1998). Admite-se, por isso, que a referida cartografia terá sido um apontamento no qual foram assinaladas, na maior parte dos casos, as posições de hipotéticas antas cuja observação não chegou a concretizar-se, juntamente com os que foram efectivamente observados.

5.1.2.3. Contexto arqueológico

No conjunto das materialidades da Pré-História Recente ainda não se identificaram locais com características de *habitat* que possam relacionar-se organicamente com as sepulturas megalíticas, mas existem algumas ocorrências gráficas, na forma de gravuras e de pinturas sobre rocha. A distribuição destas expressões gráficas juntamente com as sepulturas megalíticas é considerado um indicador da ocupação plena deste território até aos seus limites orográficos, a partir, talvez, do 4º milénio AC (Henriques *et al,* 2016; Caninas *et al.,* 2017).

A ausência de evidências materiais de ocupações residenciais pode ser imputada à insuficiência do reconhecimento sistemático do território. Contudo, tem-se admitido que tal lacuna de conhecimento pode resultar da erosão das coberturas sedimentares do Maciço Hercínico, de idade Cenozóica (Caninas, 2012). De facto, na parte meridional da área de estudo, nos concelhos de Vila Velha de Ródão (Henriques *et al.,* 2008), de Castelo Branco (Henriques *et al.,* 1995) e de Idanha-a-Nova (Henriques *et al.,* 1993), os vestígios de *habitat* atribuíveis ao 4º/3º milénio AC têm sido identificados exclusivamente sobre aqueles depósitos e confirmados em escavações efectuados sobre as mesas detríticas da Formação de Falagueira (Cardoso *et al.,* 1998; Soares, 1988).

As representações pintadas estão documentadas em alguns abrigos quartzíticos situados em encostas da serra das Talhadas (Henriques *et al.,* 2011a e 2017) voltadas a leste (Portas do Almourão) e a sudoeste

(Buraca da Moura do Chão de Galego). São conjuntos de pintura esquemática, a vermelho, reduzidos à representação de barras, pontos (ou digitações arrastadas) e raros motivos indeterminados[55]. Este acervo é pouco expressivo e ocorre no trecho da serra das Talhadas que está mais afastado da chamada arte rupestre do Tejo. A raridade dos motivos pintados nesta serra, apesar das longas tentativas para os encontrar desde os anos 80 do séc. XX, tem sido explicada (Henriques *et al,* 2011a) como resultado de um efeito de substituição exercido pelo rio Tejo e seus afluentes, em cujas margens rochosas as comunidades da Pré-História Recente teriam concentrado as suas expressões gráficas.

Em complemento do conjunto gráfico situado no rio Tejo, entre Vila Velha de Ródão e Nisa, o rio Ocreza é um dos afluentes daquele rio com maior número de gravações nas suas margens, a jusante e a montante do trecho que margina Proença-a-Nova (Gomes, 2010; Oosterbeek *et al.,* 2012; Henriques *et al.,* 2013). De facto, naquele trecho apenas se observaram algumas nuvens de pontos, em oportunidade proporcionada por abaixamento temporário das águas da albufeira da Pracana, ocorrido em 1986; nessa data obteve-se informação da existência, junto ao Pego do Vale das Cornas, do que poderá ser um conjunto mais expressivo, com representações zoomórficas, mas não pôde ser observado por se encontrar enterrado no aluvião. Além destes casos existem rochas com covinhas em diversos locais, com destaque para a margem direita da ribeira da Pracana (Monteiro & Gomes, 1977). Uma ocorrência mais significante, por poder estabelecer conexão entre o sistema funerário e a arte do Tejo, é a presença de dois círculos picotados sobre a face externa de um dos esteios da anta do Cimo do Vale de Alvito e de diversos outros motivos (em estudo) na sepultura do Cabeço da Anta.

A Pedra das Letras (Louro, 1939:14; Henriques & Caninas, 2009) documenta um outro conjunto gráfico, sobre painel sub-horizontal, constituído por quatro sequências paralelas de incisões lineares finas ou fusiformes, paralelas ou formando ângulos entre si, com bons paralelos no leste transmontano (Sanches, 1992). É convencional atribuir a estas representações uma cronologia entre a Idade do Bronze (final) e a Idade do Ferro (Baptista, 1983; Batata, 2006). No entanto, a partir da estratigrafia figurativa de sítios de Trás-os-Montes, foi proposto o recuo da cronologia deste tipo de gravações até ao Paleolítico Superior (Sanches & Teixeira, 2014).

5.1.2.4. Catálogo

O conhecimento actual acerca das arquitecturas funerárias monticulares, no concelho de Proença-a-Nova, está documentado no catálogo do Anexo 3, nas tabelas dos Anexos 7 a 10 e na cartografia associada. Este inventário integra todas as localizações observadas em campo por equipas da AEAT, em acções de prospecção executadas desde o século passado, que proporcionaram indícios compatíveis com a presença de construções daquele tipo. De acordo com esse critério, de evidências positivas, não se incluem neste acervo a maioria das posições assinaladas na lista dos investigadores alemães (Leisner, 1998) bem como as referências de Proença Júnior (1910) a seis antas na Sobreira Formosa, pelo facto de ainda não terem sido localizadas.

Das 28 ocorrências observadas em campo consideram-se fiáveis 24 enquanto as quatro restantes (2007 - Castanheira, 2016 - Forno dos Mouros, 2027 - Vale de Amodeis 1 e 2028 - Vale de Amodeis 2) são de

[55] Mais recentemente foi identificado um zoomorfo considerado de cronologia mais antiga (Henriques *et al.,* 2017).

qualificação hipotética, por corresponderem a montículos que pela sua menor evidência (mau estado de conservação, insuficiente registo, pequena dimensão e ausência de outros indicadores estruturais ou artefactuais) tivemos relutância em qualificar como sepulturas pré-históricas. Neste inventário evitámos repetir a referência a dois montículos que estão situados sobre a fronteira entre este município e o de Oleiros em cujo acervo foram inseridos (5055 - Vale Coelho 1 e 5056 - Vale Coelho 2).

Neste conjunto, além dos cinco monumentos cujas plantas foram elaboradas pelo casal Leisner (2005 - Cão do Ribeiro, 2004 - Portela da Lameira ou Cabeço da Anta 2, 2008 - Chã das Vargens, 2010 - Vale de Alvito e 2021 - Moita da Galinha) temos evidências de câmaras funerárias, com esteios *in situ* ou indiciadas por esteios soltos, em apenas dez outros sítios (2006, 2009, 2012, 2013, 2014, 2018, 2019, 2022, 2023 e 2026) mas com informação estrutural inferior aos cinco casos mencionadas em primeiro lugar. Situação distinta ocorre no Cabeço da Anta 1 (2003) onde as escavações arqueológicas iniciadas em 2013 revelaram uma câmara dolménica completa, a qual, antes daqueles trabalhos, tinha apenas visível o topo de um esteio. Merece ainda referência o caso da Portela de Anavinhas (2023) sobre cuja mamoa, além de vestígios de pequena sepultura, se observou uma cista, que sugere a reutilização deste monumento em época posterior. A característica comum às ocorrências deste inventário é a presença de estruturas monticulares subcirculares.

Quanto à distribuição geral a informação actual indica uma preferência pelos espaços planálticos deste território, onde podem ter existido locais de *habitat,* embora atingindo os seus limites orográficos, a norte e a noroeste, nas serras, e na extremidade sul, na cunha definida pela confluência entre o Ocreza e a Pracana. Aproximando a forma deste território a um triângulo, observa-se uma concentração de monumentos nas Moitas, próximo do centro geométrico definido pelo cruzamento das bissectrizes dos ângulos daquele espaço triangular. Refira-se ainda a concentração de monumentos nas proximidades da via rodoviária que liga actualmente Moitas a Vale da Mua (melhorada pelo novo traçado do IC8) descendo para o Ocreza, sugerindo o traçado de um caminho natural de uso milenar.

A investigação iniciada em 2012, no âmbito do Campo Arqueológico de Proença-a-Nova (ver http://archaeologicalfieldcamps-portugal.pt), nas antas de Cão do Ribeiro (368 m de altitude), de Cimo do Vale de Alvito (371 m) e do Cabeço da Anta (386 m), concluída na primeira e ainda a decorrer nas outras duas, tem proporcionado resultados muito significativos para o conhecimento das técnicas e materiais utilizados na construção daquelas sepulturas e seus rituais funerários (Caninas *et al.,* no prelo).

Aqueles três monumentos estão situados num planalto bem delimitado, em torno da cabeceira da ribeira de São Gens, e espacialmente próximos (o Cão do Ribeiro fica a 1 km de distância de Cimo do Vale de Alvito e a 1,2 km de Cabeço da Anta; a distância entre Cimo do Vale de Alvito e Cabeço da Anta é de 0,4 km), circunstância que sugere que possam relacionar-se com um mesmo *habitat,* hipoteticamente situado entre o aeródromo das Moitas e as povoações actuais. Embora tenham mamoas com envergaduras diferenciadas (Cão do Ribeiro com 16 m de diâmetro e 1,2 m de altura, Cimo do Vale de Alvito com 22 m de diâmetro e 1,5 m de altura e Cabeço da Anta com 38 m de diâmetro e 3,7 m de altura), parecem corresponder a um mesmo padrão construtivo com recurso a rochas metassedimentares de origem local e argila (Caninas *et al.,* no prelo).

5.1.3. Castelo Branco

5.1.3.1. Território

O território do município de Castelo Branco, com 1438 km^2 de superfície, correspondentes a cerca de 36% da área de estudo, tem uma configuração irregular, não aproximável a um qualquer polígono de fácil descrição. Ocupa a parte central da área de estudo, está limitado a noroeste pela Serra da Gardunha, relevo pertencente à Cordilheira Central Ibérica, onde atinge 1227 m de altitude (vg Gardunha), e a sudeste pelo rio Tejo, onde atinge a cota mínima de 70 m de altitude, na foz do rio Ponsul, embora elevada, no presente, pela albufeira de Cedillo. Apesar desta acentuada variação altimétrica a maior parte deste território corresponde a *terras baixas*, inferiores a 400 m de altitude.

O limite administrativo é muito irregular percorrendo alternadamente linhas de água principais e espaço terrestre. O limite meridional acompanha a margem do rio Tejo entre a foz do Aravil e a foz do Ponsul. Neste último ponto sobe o rio até ao paralelo de Lentiscais de onde inflecte para noroeste, por terra, entrando no ribeiro da Quinta a ocidente de Retaxo, o qual aflui no rio Ocreza em ponto a partir do qual percorre aquele rio para jusante até à foz da ribeira do Alvito. Seguidamente sobe aquela ribeira até à Cerejeira onde inflecte por terra para noroeste e descreve um meandro em torno da aldeia da Lisga, percorrendo quase sempre linhas de cumeada. Continua para norte com traçado sinuoso galgando a serra do Moradal, perto do vg Picoto, e atravessa, seguidamente, também de modo transversal, a extremidade setentrional da Serra da Pedragueira imediatamente a leste do vg Lapa. Prossegue por uma extensa linha de cumeada que ascende ao topo da Serra da Gardunha em cabeço situado a 1097 m de altitude (vg Zibreiro).

Continua pela linha culminante daquela serra até ao seu ponto mais elevado (vg Gardunha) iniciando descida para sul e atingindo a ribeira de Água d´Alto / ribeiro de Mioso a leste de Louriçal do Campo. Segue esta linha de água para sul até ao paralelo de Lardosa onde inflecte para nordeste e depois para leste intersectando a ribeira de Alpreade junto de Zebras. A partir dali segue o curso daquela ribeira para sul, entrando seguidamente no rio Ponsul a norte da Ponte da Munheca. A montante da Granjinha de Cima abandona o Ponsul tomando o curso ascendente do ribeiro do Povo para leste e depois por terra até atingir a ribeira do Aravil entre os vg Ferrarias e Marcelina. Desce pelo Aravil até ao Tejo. Entre os séculos XII e XIII este território esteve integrado, com uma abrangência variável, em diferentes domínios, nomeadamente a Terra da Covilhã, a Herdade da Açafa e a Herdade da Cardosa (Alarcão, 2013:43).

Devido à sua elevada superfície, o território do município albicastrense é o único da área de estudo que se reparte pelos três andares da escadaria tectónica regional (Ribeiro *et al,* 1987): a parte montanhosa situada a noroeste está integrada no bloco da Cordilheira Central; a área planáltica subjacente, situada entre aquele bloco e a Falha do Ponsul, está integrada no Bloco de Castelo Branco; e o compartimento inferior, posicionado a sudeste da falha do Ponsul e de morfologia planáltica excluindo a vasta depressão que acompanha a referida falha, está integrado no bloco do Alto Alentejo.

O território albicastrense tem um substrato geológico heterogéneo. As rochas metassedimentares do Grupo das Beiras (de 610 a 542 Ma) têm uma representação maioritária, estando presentes em todos os blocos tectónicos referidos, embora se encontrem quase integralmente cobertas por depósitos sedimentares do Paleogénico no compartimento situado a sudeste da Falha do Ponsul. O substrato geológico do bloco tectónico intermédio (Bloco de Castelo Branco) além dos metassedimentos comparte, para norte da cidade de Castelo Branco, extensa área de rochas magmáticas intrusivas, granitóides, e um significativo retalho de

depósitos detríticos do Paleogénico e do Neogénico, enquadrados por duas falhas paralelas, na área de Sarzedas. O território é atravessado diagonalmente por uma extensa crista de quartzitos, do Ordovícico, muito segmentada. Nos arredores da cidade de Castelo Branco a crista está reduzida a pequenos relevos, a Serra da Cardosa, a noroeste, e o Monte de São Martinho, a sudeste. Entre a aldeia de Salgueiro e a fronteira noroeste os diferentes trechos quartzíticos têm diferentes nomes ou estão assinalados por vg, de acordo com a CMP, nomeadamente, vg Salgueiro, vg Raposa, Serra do Lobo, Serra de São Brás, vg Medronheira, vg Valbom e Serra da Pedragueira. Para sudeste da Falha do Ponsul fica a Serra de Monforte da Beira. Os depósitos de terraço, do Quaternário, estão bem documentados na margem direita do rio Ponsul principalmente a montante do Monte do Chaveiro (folha 24D da CGP na escala 1:50000), onde ocorre ocupação do Paleolítico (Raposo *et al.,* 1993; Bicho *et al.,* 1994) e exploração de ouro aluvionar (Henriques *et al.,* 2011b).

A extensão, a variabilidade morfológica e a variabilidade geológica deste território explicam a sua repartição por diferentes unidades de paisagem (Cancela d´Abreu *et al.,* 2004).

5.1.3.2. Síntese da investigação

Este território foi pouco beneficiado no que concerne à investigação da sua ocupação durante a Pré-História Recente, após o legado de Francisco Tavares de Proença Jr, se exceptuarmos o estudo de alguns sítios, nomeadamente o *castro* de São Martinho (Farinha *et al.,* 1996; Vilaça, 1995, 2004), o *castro* de Monforte da Beira (Canas, 1999; Vilaça, 1995), o *castro* da Serra do Carregal (Henriques *et al.,* 2016b), as cabanas do Monte de São Domingos (Cardoso *et al.,* 1998), diversas estelas (Gomes & Monteiro, 1977; Vilaça, 1995; Vilaça *et al.,* 2004) e de achados metálicos (Coffyn, 1976; Vilaça, 1995) com cronologias do Bronze Final e posteriores.

Foi no concelho de Castelo Branco que Francisco Tavares de Proença Jr mais investiu no estudo das sepulturas megalíticas e na recolha de achados coevos como instrumentos de pedra polida. De facto, do acervo de *machados de pedra* (Tabela 3.3) mencionados na primeira carta arqueológica regional (Proença Jr, 1910), no universo dos 11 municípios do distrito de Castelo Branco, 712 (63%) são provenientes deste concelho, com elevadas concentrações nas envolventes de Castelo Branco (186 unidades), de Alcains (179 unidades) e de Escalos de Baixo (120 unidades). Esta quantidade não é acompanhada, em proporção, pelo número de sepulturas (antas e *tumuli*), 23, ou seja 24% do inventário distrital, de acordo com a mesma fonte (Proença Jr, 1910), uma quantidade proporcionalmente inferior à que regista em Vila Velha de Ródão.

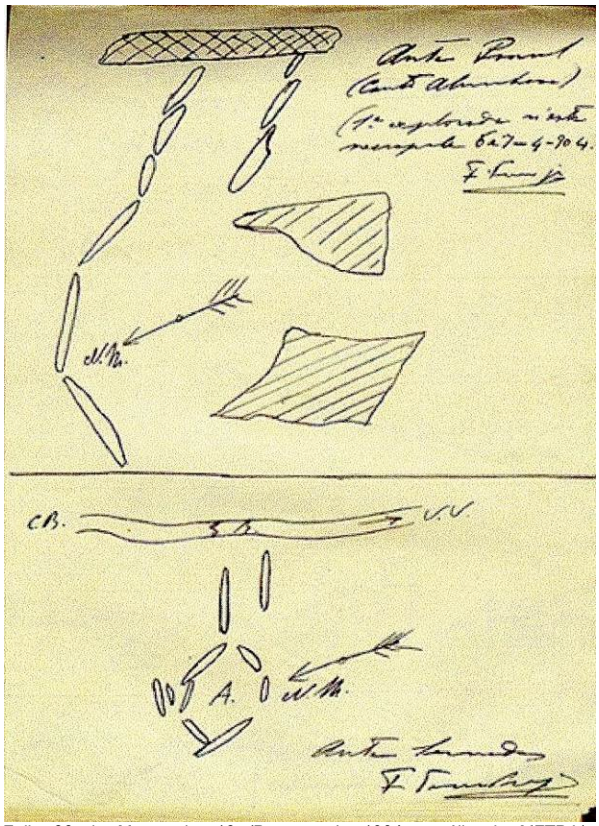
Apesar disso, é na região de Castelo Branco que aquele arqueólogo concentra a investigação do megalitismo regional, executando a escavação de nove (Tabela 3.1) das 12 sepulturas (sete antas e cinco *tumuli*) integrantes da chamada *necrópole dolménic*a do Ponsul (túmulos 1, 2, 3 e 5 e antas 1, 2, 4, 6 e 7) e como afirma "já quasi todos esses monumentos foram por mim explorados em 1904, 1905 e 1907 e os seus espólios conservam-se hoje no Museu de C. Branco em parte não expostos ainda ao público. O resultado d´essas explorações será publicado oportunamente" (Proença Jr, 1910:9). Escavou duas outras antas em Escalos de Baixo, incluindo a anta da Manga.

Proença Jr, como referido anteriormente, não teve oportunidade de publicar os resultados destas escavações mas legou o espólio nelas recolhido (Figura 5.4), e escassos registos gráficos, admitindo-se que se tenham extraviado os cadernos de campo onde terá documentado, decerto, de forma minuciosa, informação

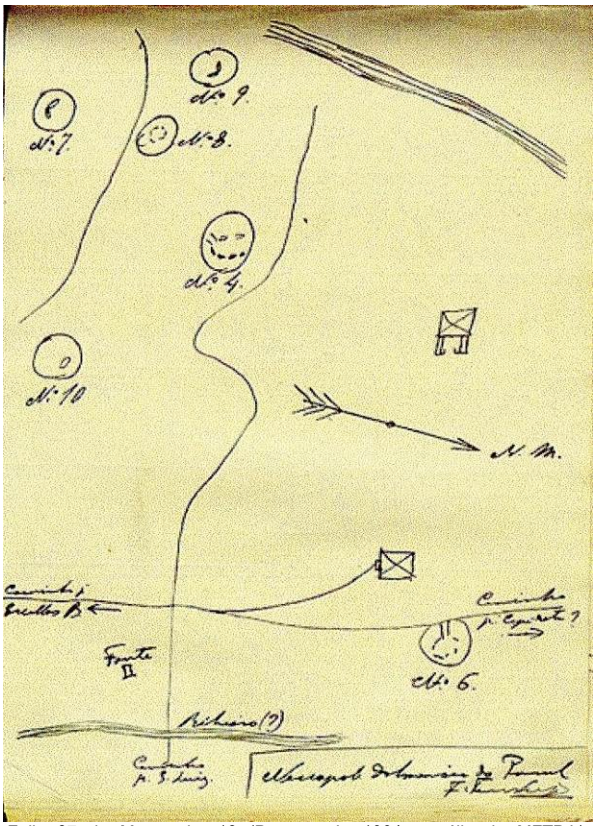
arqueográfica relativa a cada escavação. A informação gráfica que se conhece, inédita, corresponde a uma planta esquemática de localização de alguns monumentos (Figura 5.5), seis dos quais muito próximos entre si (monumentos 4, 6, 7, 8, 9 e 10) e respectivas plantas, registos que documentam uma câmara simples, fechada, uma sepultura de planta diferenciada com câmara poligonal e corredor curto, uma câmara alongada, incompleta, com corredor curto, descentrado, e três monumentos representados por um ou dois esteios. Noutro esboço está representada a anta 1 do Ponsul (Couto do Abrunhosa), uma sepultura com câmara poligonal, talvez de sete esteios, e corredor, com três esteios de cada lado, bem diferenciados em planta (Caninas & Henriques, 2004).



Figura 5.4 Espólio lítico (lamela, lâminas, geométricos, pontas de seta, machado, percutor, contas de colar e fragmento de placa gravada) recolhido por FTPJr na escavação da necrópole do Ponsul (Ferreira, 2004: 142-149). Sem escala.



Folio 36 do Manuscrito 16 (Proença Jr, 1904; espólio do MFTPJr): representação da anta 1 do Ponsul (em cima).



Folio 37 do Manuscrito 16 (Proença Jr, 1904; espólio do MFTPJr): monumentos 4, 6, 7, 8, 9 e 10 da necrópole do Ponsul.

Figura 5.5. Plantas de antas da necrópole do Ponsul em manuscrito de Proença Júnior (Fonte: MFTPJr).

Parte dos artefactos recolhidos naquelas escavações está exposto e publicado em catálogo de exposição (Ferreira, 2004: 142-149) mas não é possível fazer a sua correspondência com os monumentos de origem e respectivas arquitecturas. Neste conjunto predominam as pontas de seta (19, quatro das quais de base côncava), duas lâminas, uma lamela, dois geométricos, três contas de colar, um fragmento de placa de xisto gravada, um machado, um percutor e cerâmica (Caninas & Henriques, 2004). A presença de pequenas peças (lamela e geométricos) indica escavação meticulosa, certamente com recurso a crivagem das terras retiradas.

O último volume do *corpus* dos monumentos megalíticos da Península Ibérica (Leisner, 1998) procura sistematizar a informação legada por Proença Jr incluindo a sua georreferenciação. No que concerne à chamada *necrópole dolménica do Ponsul* são assinaladas as posições de 14 monumentos repartidos por ambas as margens daquele rio, seis no concelho de Castelo Branco e oito no concelho de Idanha-a-Nova. Além dos seis monumentos da necrópole do Ponsul são assinalados 13 outros monumentos em diferentes localidades, em Alcains (dois), em Cabeça Gorda (dois), entre Castelo Branco e São Martinho (dois), entre Benquerenças e Cebolais de Cima (três, um dos quais a anta da Silveirinha), em Escalos de Cima (um), em Escalos de Baixo (dois, as antas da Manga), a anta da Capa Rota e dois topónimos (Lapa e Pedragueira) sem relevância como indicativos de sepulturas megalíticas. Esta edição inclui desenhos esquemáticos de alguns artefactos recolhidos em monumentos do concelho de Castelo Branco, na necrópole do Ponsul, nas antas 1 e 2 de Escalos de Cima e na anta da Capa Rota.

A partir do início dos anos 70 do séc. XX, com origem na cidade de Castelo Branco (Raposo, 1973), têm lugar acções de prospecção arqueológica que darão corpo ao Núcleo Regional de Investigação Arqueológica e

mais tarde à AEAT. As pesquisas expandem-se para norte e para sul daquela cidade, mas, no que concerne à Pré-História Recente, não adquirem o desenvolvimento atingido noutros concelhos da área de estudo, como por exemplo em Vila Velha de Ródão e em Idanha-a-Nova. Ainda nos anos 70 é publicada uma lista de sepulturas dolménicas do concelho de Castelo Branco que segue em grande parte a informação legada por Proença Júnior (NRIA, 1979) e uma notícia de descoberta da anta da Capa Rota com breve descrição do espólio arqueológico então recolhido (Leitão, 1978).

No âmbito de projectos de investigação arqueológica liderados pela AEAT, como foi o caso do *Altejo – Pré-História Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português* (1998-2003), foram procurados alguns monumentos da *necrópole dolménica do Ponsul* (Henriques *et al*., 1999b), embora com resultados escassos e de difícil correlação com o inventário de Proença Jr. Os monumentos identificados apresentavam-se muito danificados devido ao plantio de sobreiros e eucaliptos. No âmbito de projecto anterior, denominado *Ocupação Pré-Histórica do Alto Tejo Português*, foi pesquisado território correspondente às freguesias de Malpica do Tejo e de Monforte da Beira, entre o rios Ponsul e a ribeira do Aravil, tendo sido identificadas 20 sepulturas monticulares (Henriques *et al.,* 1995), umas de qualificação fiável outras de caracterização duvidosa, o que representou um acréscimo significativo de conhecimento num espaço onde antes não estava assinalada nenhuma estrutura daquele tipo. A elevada percentagem de território ocupado por monoculturas florestais, sobretudo de eucalipto, entre o Aravil e o Ponsul, motivaram a redução do investimento nesta área em detrimento de outras menos atingidas pelos efeitos destrutivos daqueles povoamentos florestais.

No seguimento daquele inventário foram executadas escavações arqueológicas em duas estruturas situadas no Monte de São Domingos, qualificadas como cistas pré-históricas (Henriques *et al.,* 1995: 62). Os trabalhos revelaram os embasamentos de duas construções circulares, qualificadas como habitacionais (Cardoso *et al.,* 1998), atribuíveis ao final da Idade do Bronze, tendo uma delas um uso cumulativamente funerário, evidenciado pela presença de uma urna com ossos[56] e cinzas enterrada no solo interior.

São escassas as notícias de novas descobertas de estruturas funerárias pré-históricas. Referem-se por isso alguns casos conhecidos. A propósito do estudo de um machado plano de apêndices laterais, do Bronze Final (Vilaça & Gabriel, 1999), foi noticiada a existência de quatro cistas envolvidas por *tumulus* em Risca do Cuco, perto da aldeia de Barbaído. A elaboração de estudos de impacte ambiental, de projectos, também deu alguns contributos em datas recentes. É o caso do Aproveitamento Hidroeléctrico do Alvito no âmbito do qual a empresa Zephyros revela o achado de uma mamoa em Calvos (3004). Numa outra pesquisa, conecta com a construção de uma Linha de Transporte de Energia, são identificadas por EMERITA (Chaves *et al.,* 2010) três mamoas em Mourelo (3030 a 3032), perto talvez do sítio onde Proença Jr referira o achado de sete machados de pedra polida na fenda de um rochedo (Proença Jr, 1910: 11).

5.1.3.3. Contexto arqueológico

Os dados disponíveis acerca das estruturas funerárias da Pré-História Recente no vasto município de Castelo Branco são quantitativamente escassos, por comparação com a dimensão daquele território, e desprovidos de informação substantiva acerca das suas características intrínsecas. É de igual modo escasso o conhecimento acerca do seu contexto arqueológico ao nível, por exemplo, dos sítios de *habitat* coevos ou das

[56] Os ossos humanos foram recentemente datados com um novo método aplicado a materiais cremados (Brandherm *et al.,* 2017).

manifestações gráficas. Sobre o território vizinho de Idanha-a-Nova, com uma dimensão e características fisiográficas semelhantes a Castelo Branco, dispõe-se de um acervo de conhecimento comparavelmente superior, acerca do sistema de povoamento, das arquitecturas funerárias e até das manifestações gráficas, pela simples razão de ali ter havido uma maior incidência de investigação, desde pelo menos meados do séc. XX.

Curiosamente, é no município de Castelo Branco, a norte da cidade, que Proença Jr assinala cinco das sete *estações neolithicas*, evidenciadas pela ocorrência de machados de pedra polida e indústria lítica em sílex, reportadas na sua carta arqueológica distrital (Proença Jr, 1910), três em Alcains, uma em Tinalhas e outra em Caféde. De um dos sítios do aro de Alcains, na Lameira de Caria, com 300 m^2 de superfície, obteve 87 machados de pedra polida, sendo referidas duas antas (Grulha) nas proximidades dos outros. Alguns destes sítios, da área granítica, foram reconhecidos mais tarde (Leitão, 1982a, 1982b) admitindo-se que correspondam a manchas de ocupação. Próximo de Alcains existe um outro sítio por estudar com características residenciais, o Cabeço Pelado (Baptista & Henriques, 1982), onde foi recolhido fragmento de cerâmica decorada (Calcolítico), existindo algumas mamoas nas imediações (3034 e 3035).

É expectável que se venham a encontrar ocupações dos primórdios do Neolítico, nomeadamente juntos dos afloramentos graníticos situados a Norte de Castelo Branco, por comparação com o padrão que se observa a norte, por exemplo na bacia hidrográfica do Mondego (Valera, 2006), e a sul desta região, no Norte Alentejano (Oliveira, 2006). Essa possibilidade foi avançada a propósito da ocorrência de machados de pedra polida e de cerâmica lisa e decorada no Barrocal (Batista, 1982a).

No sudeste do território albicastrense, entre o Ponsul e o Aravil, sobre substrato de depósitos detríticos cenozóicos, foram reconhecidas diversas ocorrências com potencial vinculação a assentamentos pré-históricos, em relação de proximidade com sepulturas (Henriques *et al.,* 1995), mas, por ausência de investigação aplicada, não se dispõe de informação substantiva sobre as suas características, para além dos materiais observados à superfície.

O arqueossítio melhor conhecido, embora insuficientemente investigado apesar das várias campanhas de escavações que ali tiveram lugar desde Proença Jr, tem como assentamento um pequeno relevo quartzítico denominado Monte de São Martinho. Este sítio tem sido muito referido principalmente devido ao achado, no seu sopé, de três monólitos de granito com iconografia do final da Idade do Bronze, um menir reutilizado e duas estelas (Proença Jr, 1906; Gomes & Monteiro, 1977; Vilaça *et al,* 2004). Os materiais cerâmicos, líticos e metálicos ali recolhidos, em diferentes momentos, correspondem maioritariamente ao Bronze Final (Farinha *et al.,* 1996) embora seja admitida a possibilidade da ocupação remontar ao Neolítico ou ao Calcolítico (Vilaça, 2004: 58). Esta possibilidade, embora carente de comprovação estratigráfica, converge com a reutilização na Idade do Bronze do referido *menir,* originalmente Neolítico (Monteiro & Gomes, 1978: 14).

As chamadas *cabanas* do Monte de São Domingos são um caso atípico de *habitat* no contexto regional, por se situarem numa topografia baixa, ao contrário da generalidade das ocupações da mesma época (Bronze Final), e por conterem prática funerária no seu interior. Não se deve excluir a hipótese de estarem vinculadas a práticas rituais, tanto mais que no decurso das escavações ali efectuadas (Cardoso *et al.,* 1998) não foram encontrados indícios artefactuais comprovativos de um efectivo uso doméstico, sugerido pelas suas características arquitectónicas.

As ocorrências gráficas ao ar livre, na forma de gravuras, estão representadas nos rios Ocreza e Ponsul, na área planáltica, sobretudo no compartimento sudeste, e na zona montanhosa noroeste. Formam um conjunto pouco numeroso e de reduzida diversidade temática por comparação com outros sectores da área de estudo. Mas tal situação deve-se seguramente a uma insuficiente pesquisa do vasto território albicastrense. Os dados mais expressivos de uma vinculação ao complexo gráfico do rio Tejo situam-se no rio Ocreza a montante das Portas do Almourão, estando repartidos pelos municípios de Castelo Branco e de Vila Velha de Ródão, com destaque para formas circulares e manchas, a picotado, e covinhas (Henriques *et al.,* 2013: 94-99). As ocorrências conhecidas no rio Ponsul, confinadas à envolvente da Ponte da Munheca, são ainda mais escassas e menos expressivas (Henriques *et al.,* 2013: 88-90).

Além dos casos documentados no rio Ocreza, a temática das covinhas é comum na área planáltica, nomeadamente entre o Ponsul e o Aravil (Henriques *et al.,* 1995), por vezes em relação de proximidades com outras evidências arqueológicas, como sepulturas monticulares e espaços sacralizados modernos (Henriques *et al.,* 1995b). Em Sarzedas foi documentada uma figura podomórfica (Rasto da Moura) em posição de aproximação à zona mais acidentada do concelho, onde foram reconhecidos painéis com figuras geométricas incisas (Almaceda), que se inscrevem no universo serrano da Cordilheira Central, onde aqueles temas e o modo de gravação por incisão são mais abundantes (Batata & Gaspar, 2009; Caninas*,* 2012; Ribeiro, 2006; Ribeiro *et al.,* 2011; Santos & Baptista, 2011).

Já foi realçada a relevância da cartografia dos achados de instrumentos de pedra polida como indicativa de presença, independentemente da sua vinculação a práticas quotidianas (Henriques & Caninas, 2004), funerárias (Kalb, 1987: 98) ou outras de carácter ritual (Vilaça, 2008a: 41-42). No caso do município albicastrense tal circunstância tem interesse acrescido pela quantidade de artefactos daquele tipo ali recolhidos, pese embora o facto de se desconhecerem, na generalidade dos casos, os contextos e as localizações exactas desses achados. De qualquer modo, são uma sugestão para um investimento no reconhecimento arqueológico, tendo como ponto de partida as localidades de referências daqueles achados. Face à escassez de sepulturas conhecidas, ou conservadas, a sua distribuição pode ser uma aproximação ao conhecimento do território ocupado, apesar de latitude cronológica deste tipo de instrumentos durante a Pré-História Recente.

O depósito de sete machados de pedra polida, localizado na fenda de um rochedo, em Mourelo (Proença Jr, 1910: 11), já interpretado como depósito ritual (Vilaça, 2008a:42; onde se cita outro caso em Barroca do Castinçal, no Fundão), quiça percursor de uma prática generalizada, mais tarde, com artefactos metálicos (Vilaça, 2007a), merece ser referido pela convergência com concentrações de peças do mesmo tipo observadas em sepulturas megalíticas, casos, por exemplo, de Moinhos de Vento 1 (Senna-Martinez & Luz, 1983) e de Cabeço da Forca (4039).

A ocupação deste território entre o 2º milénio AC e o início do 1º milénio AC tem uma representação reforçada, para além dos sítios de *habitat,* pelos achados metálicos, avulsos, sobretudo machados de diversos tipos, em Escalos de Baixo, Malpica do Tejo, Monte Barata, Monte do Carregal, Quinta do Espadanal, São Vicente da Beira, e ainda de uma bráctea de ouro em Ninho do Açor e de um bracelete de cobre ou bronze em Juncal do Campo (Vilaça, 1995: 78-80).

5.1.3.4. Catálogo

As arquitecturas funerárias monticulares referentes ao concelho de Castelo Branco estão documentadas no catálogo do Anexo 4, na tabela do Anexo 7 e na cartografia associada. Tal como para outros sectores da área de estudo, este inventário contempla apenas as localizações observadas em campo por equipas da AEAT. Por esse motivo, excluíram-se a maioria das referências de Proença Jr situadas a norte do paralelo de Castelo Branco, por insuficiência de prospecção ou por não terem sido encontrados vestígios da sua existência. São os casos da *necrópole dolménica do Ponsul,* área onde se identificaram diversos monumentos que não foi possível fazer corresponder aqueles, e das ocorrências indicadas nas proximidades de Cabeça Gorda, de Escalos de Baixo e de Escalos de Cima.

A anta reportada a Maxiais pode corresponder ao monumento denominado Silveirinha (3046). No caso de Alcains não é possível saber se as duas antas citadas por Proença Jr (1910) correspondem aos pequenos montículos identificados perto do Cabeço Pelado (3034 e 3035). Por idêntica razão, ignoraram-se as localizações propostas pelos investigadores alemães (Leisner, 1998) para todas as ocorrências que ainda não foram reconhecidas em trabalho de campo.

O catálogo referente ao território de Castelo Banco contém 48 registos, dos quais três são de qualificação hipotética (3029 - São Domingos 3, 3040 - Represa, 3042 - Serra do Vigário) por insuficiente evidência no terreno. A anta da Capa Rota (3005) encontra-se destruída mas indicou-se como provável a posição onde estão amontoados os respectivos esteios. Fez-se o reconhecimento do *tumulus* da Risca do Cuco (3048) caracterizado como contendo quatro cistas, situação incomum embora com paralelos locais (4009 - Amieiro 5) e regionais, por exemplo em Paranho (Cruz, 1997), no concelho de Tondela, e em Junqueira (Leisner, 1998: estampa 80), no concelho de Arouca. Nesta lista, incluíram-se, excepcionalmente, as duas estruturas circulares do Monte de São Domingos (3028) por evidenciaram uso funerário, embora se afastem das características gerais das construções funerárias de morfologia monticular.

A maioria dos casos corresponde a montículos desprovidos de estruturas ortostáticas, por estarem ocultas ou pela sua ausência *ab initio*, muitos dos quais degradados pelo uso agro-florestal dos respectivos terrenos. À data dos reconhecimentos registados, conservavam-se estruturas ortostáticas na Silveirinha (3046), uma sepultura com câmara completa e corredor, encaixada numa estreita faixa de terreno entre o IP2 e a A23, na Casa da Moura (3006), uma câmara completa com corredor longo envolvida por uma ampla mamoa bem conservada em volume e altura. Câmaras ou corredores com circuito incompleto foram identificados no Monte da Brada D´Ouro (3022), no Monte do Ribeiro do Gato 3 (3026), no Monte de São Domingos 1 (3027), em Mourelo 3 (3032), no Vale das Favas 1 (3043) e na Tapada da Cidade (3047). O caso de Calvos (3004) merece realce pelo bom estado de conservação da respectiva mamoa, embora já desprovido de ortostatos, pelo menos na câmara.

A distribuição geral destes monumento no território municipal é muito assimétrica o que resulta essencialmente da incidência das prospecções. Destacam-se amplos vazios a norte, a oeste e a sudeste da cidade de Castelo Branco. A mancha de pontos densifica-se na parte sudeste num espaço confinado entre o eixo que liga as povoações de Malpica do Tejo e de Monforte da Beira e os rios Tejo e Aravil, em consequência das prospecções ali executadas, episodicamente, pela AEAT.

5.1.4. Idanha-a-Nova

5.1.4.1. Território

O município de Idanha-a-Nova tem território com 1413 km^2 de superfície que corresponde a 35% da área de estudo, onde ocupa uma posição oriental. A sua configuração pode ser aproximada a um trapézio invertido (embora com uma pronunciada reentrância em trecho inferior da fronteira ocidental) balizado entre a serra do Ramiro, a norte, onde antige a altitude máxima de 768 m, no vg Campo Frio, e o rio Tejo, a sul, com a cota mais baixa deste território, cerca de 80 m, na foz da ribeira do Aravil. Contudo, no passado essa posição seria inferior dado que actualmente aquele valor está elevado pela albufeira da barragem de Cedillo. A maior parte deste território corresponde a *terras baixas*, com altitudes inferiores a 400 m. O limite administrativo acompanha maioritariamente o traçado de cursos de água, a sul, a este e parcialmente a oeste. Um pequeno trecho do limite norte percorre a linha de cumeada da Serra do Ramiro. Fora destas linhas de água principais o traçado percorre terra ou pequenas linhas de água.

O limite meridional acompanha a margem do rio Tejo entre a foz da ribeira do Aravil e a foz do rio Erges. A fronteira leste acompanha o rio Erges desde a foz, no Tejo, até ao Porto dos Marmeleiros, ponto situado a jusante da foz do Bazágueda, onde inflecte para oeste dando início à fronteira norte, por terra. Desenha traçado sinuoso até à cumeada da serra do Ramiro, entre o Arraial do Manuel Pascoal e o Arraial do Paulo André. A partir dali percorre a linha de festo numa extensão de cerca de 4 km até ao vg Campo Frio onde abandona a serra inflectindo para sul. O traçado desenha amplas inflexões para norte e para sul até à ribeira do Ceife onde inicia a fronteira oeste, a ocidente da Cancela da Mata. Percorre aquela ribeira para jusante até atingir a ribeira do Taveiro e continua por esta até à sua afluência na ribeira de Alpreade. Segue esta última para jusante até à sua entrada no rio Ponsul, cerca de 1,5 km a montante da Ponte da Monheca, e acompanha o traçado deste rio para jusante. Entre Fonte do Ferro e Granjinha de Cima o limite abandona o Ponsul percorrendo o ribeiro do Povo para leste e depois por terra até atingir a ribeira do Aravil, entre o vg Ferrarias e o vg Marcelina, que acompanha até ao rio Tejo. O limite faz fronteira com a Província de Cáceres (Espanha) no rio Tejo e no rio Erges.

O território deste município, embora extenso, quase atingindo a dimensão de Castelo Branco, reparte-se apenas por dois degraus da escadaria tectónica regional, ocupando maioritariamente o degrau inferior (bloco do Alto Alentejo), situado a sudeste da Falha do Ponsul, onde ocorrem rochas metassedimentares cobertas em grande parte daquela superfície por depósitos sedimentares cenozóicos e pequenas ocorrências de granito nomeadamente no rio Erges onde se formaram dois magníficos canhões fluviais (Rodrigues *et al.,* 2008). O substrato geológico do degrau superior, correspondente ao bloco de Castelo Branco, situado a norte da Falha do Ponsul, é mais diversificado, repartindo-se por metassedimentos, por rochas magmáticas intrusivas e por quartzitos, estes últimos integrados num extenso e espesso relevo, com cerca de 23 km de comprimento entre as Termas de Monfortinho e Aranhas (Penamacor), atingindo mais de 2 km de largura entre as cristas da serra do Medronhal e da serra Gorda.

No interior do território, a norte do paralelo de Rosmaninhal, existem múltiplos depósitos de terraço, do Quaternário, muito fragmentados ou formando manchas maiores mas muito recortadas (folha 25C da CGP na escala 1:50000, LNEG, 2010). A extensão, a variabilidades morfológica, a variabilidade geológica e a diversidade de usos deste território fundamentam a sua repartição por cinco diferentes unidades de paisagem (Cancela d´Abreu *et al.,* 2004).

5.1.4.2. Síntese da investigação

Tal como ocorrido em Vila Velha de Ródão (Proença Jr, 1909), Idanha-a-Nova foi beneficiada com uma investigação precoce do seu património megalítico através da escavação da Anta Grande de Medelim em 1904, publicada quase trinta anos depois (Pereira, 1933) em texto que documenta uma escavação criteriosa e amplamente comentada. Referimo-la em primeiro lugar pela importância do sítio arqueológico e dos resultados ali obtidos, adequadamente divulgados, em contraponto à intervenção executada por Proença Jr em pelo menos uma anta, cujos resultados não chegaram ao prelo e cujo registo de campo permanece incógnito. Além das escavações executadas por Proença Jr na Anta Pequena de Medelim e em duas antas perto do Ladoeiro, iniciadas em 1904 mas que foram interrompidas devido à intempérie (Proença Jr, 1910: 7), não se logrou confirmar se pode ser imputada ao território de Idanha-a-Nova alguma das escavações que fez na *necrópole dolménic*a do Ponsul.

A Anta Grande de Medelim, ou Pedra d'Anta, e a Anta Pequena foram identificadas por Tavares de Proença, em 26 e 27 de Dezembro de 1903, nas proximidades de Medelim, povoação do concelho de Idanha-a-Nova (Proença Jr, 1910: 10). O primeiro monumento foi escavado por Félix Alves Pereira em Maio de 1904 e o segundo por Proença Jr em 26 ou 30 de Setembro de 1904. O primeiro, estruturalmente bem conservado, forneceu um conjunto diversificado de artefactos (Pereira, 1933; Leisner, 1998; figuras 5.6 e 5.7), o segundo, reduzido a um esteio, continha espólio «pobrissimo» como refere Tavares Proença consistindo em duas pontas de seta e um núcleo em quartzo. Nos inéditos deste investigador conserva-se a planta da câmara da anta do Torrão (folio 41, figura 5.6), monumento de onde provém uma conta de colar com perfuração bicónica (Ferreira, 2004: 150).

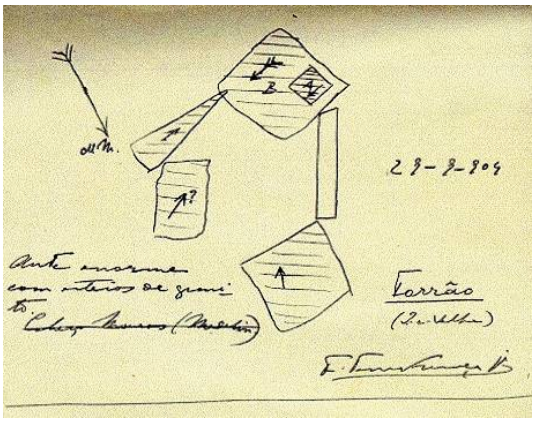
Um caderno de campo, iniciado em 20 de Dezembro de 1903 (Proença Jr, 1903), contém um primeiro esboço da planta da Anta Grande de Medelim tendo sido inscrita no topo da página a seguinte anotação: "exploração concedida ao Sr. Dr. Felix Alves Pereira". Em caderno de apontamentos posterior (Proença Jr, 1904; folio 40v, figura 5.6) existe um outro esboço da planta daquele monumento com diferenças em relação ao anterior. O investigador albicastrense legou-nos dois bons registos fotográficos deste monumento (Figura 5.6). É curioso verificar que a planta publicada por Alves Pereira, em 1933 (Figura 5.6) difere significativamente das executadas por Proença Jr e que Vera Leisner (1998: estampa 72) reproduz fielmente, exceptuando o facto de ter eliminado os cinco cruciformes e um semicírculo que acompanhavam as 16 covinhas gravadas na face superior da laje de cobertura da câmara funerária.

A Anta Grande, hoje destruída, era um monumento de médias dimensões, em granito, com câmara seguida de corredor longo e comparativamente largo quando comparado com aquela, da qual estava separado por dois esteios que o autor designou como pilares. À data da escavação conservava a pedra de cobertura da câmara e duas tampas do corredor. Da estrutura da câmara, poligonal, restavam três esteios, estreitos também em comparação com as duas longas lajes que ladeavam o corredor. O espólio, diversificado, integrava diversas lâminas, geométricos, duas pequenas pontas de seta (de base recta e de base côncava) e uma alabarda, em sílex, dois machados, uma enxó («raspadeira de fibrolite»), um disco em quartzito, um movente e um dormente de mó, duas contas de colar em matéria verde e fragmentos de diversos recipientes cerâmicos, além de um possível «machado liso de cobre ou bronze» recuperado nos entulhos exteriores (Caninas & Henriques, 2004b). Refira-se a atenção dedicada aos grafismos presentes na laje de cobertura da câmara para os quais menciona paralelos em Portugal, Espanha e França, realçando a associação entre cruzes e círculos e a intenção, original, de ocultar ou não ocultar estas gravações (Pereira, 1933: 55-56).

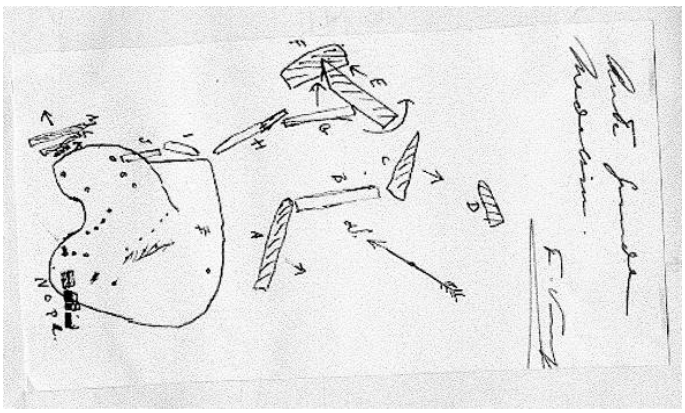
O mérito na valorização precoce do património arqueológico pré-histórico de Idanha-a-Nova pertence, mais uma vez, a Francisco Tavares de Proença Jr, desde logo com o inventário distrital onde assinala (Tabela 3.3) 12 antas, um *tumulus* e 199 *machados de pedra*, sendo este o segundo maior quantitativo por município no conjunto de onze que formavam o antigo distrito de Castelo Branco. Anote-se o facto dos achados de *machados de pedra* ocorrerem em quase todas as localidades do concelho de Idanha assinaladas naquele inventário, com maiores concentrações no Ladoeiro (66 peças) e Oledo (37 peças), verificando-se mais uma vez uma relação desproporcional entre as quantidades de *machados* e de antas.



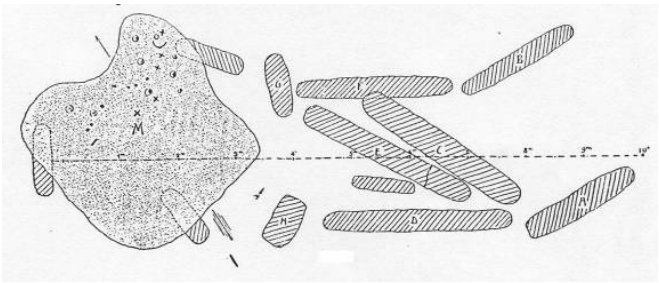
Fotografias da Anta da Grande de Medelim tiradas por Francisco Tavares de Proença Júnior (MFTPJr; Ferreira, 2004: 30)



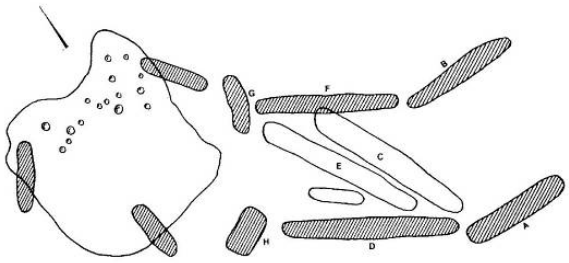
Folio 41 do Manuscrito 16 (Proença Jr, 1904; espólio do MFTPJr): planta da anta do Torrão



Folio 40v do Manuscrito 16 (Proença Jr, 1904; espólio do MFTPJr): planta da Anta Grande de Medelim



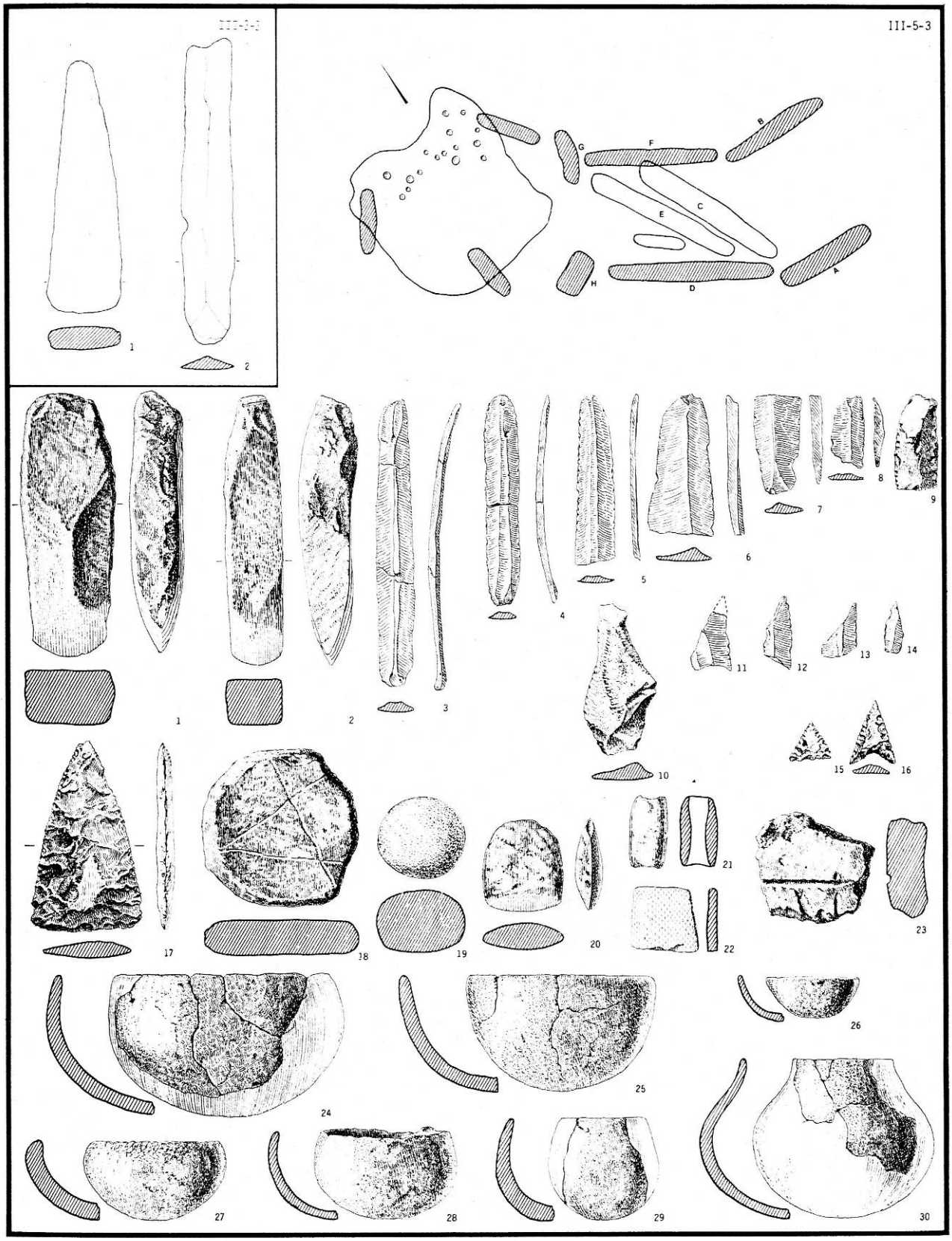
Planta da Anta Grande de Medelim segundo Félix Alves Pereira (1933)



Planta da Anta Grande de Medelim segundo Vera Leisner (1998: estampa 72)

Figura 5.6. Documentação gráfica relativa a antas de Idanha-a-Nova.

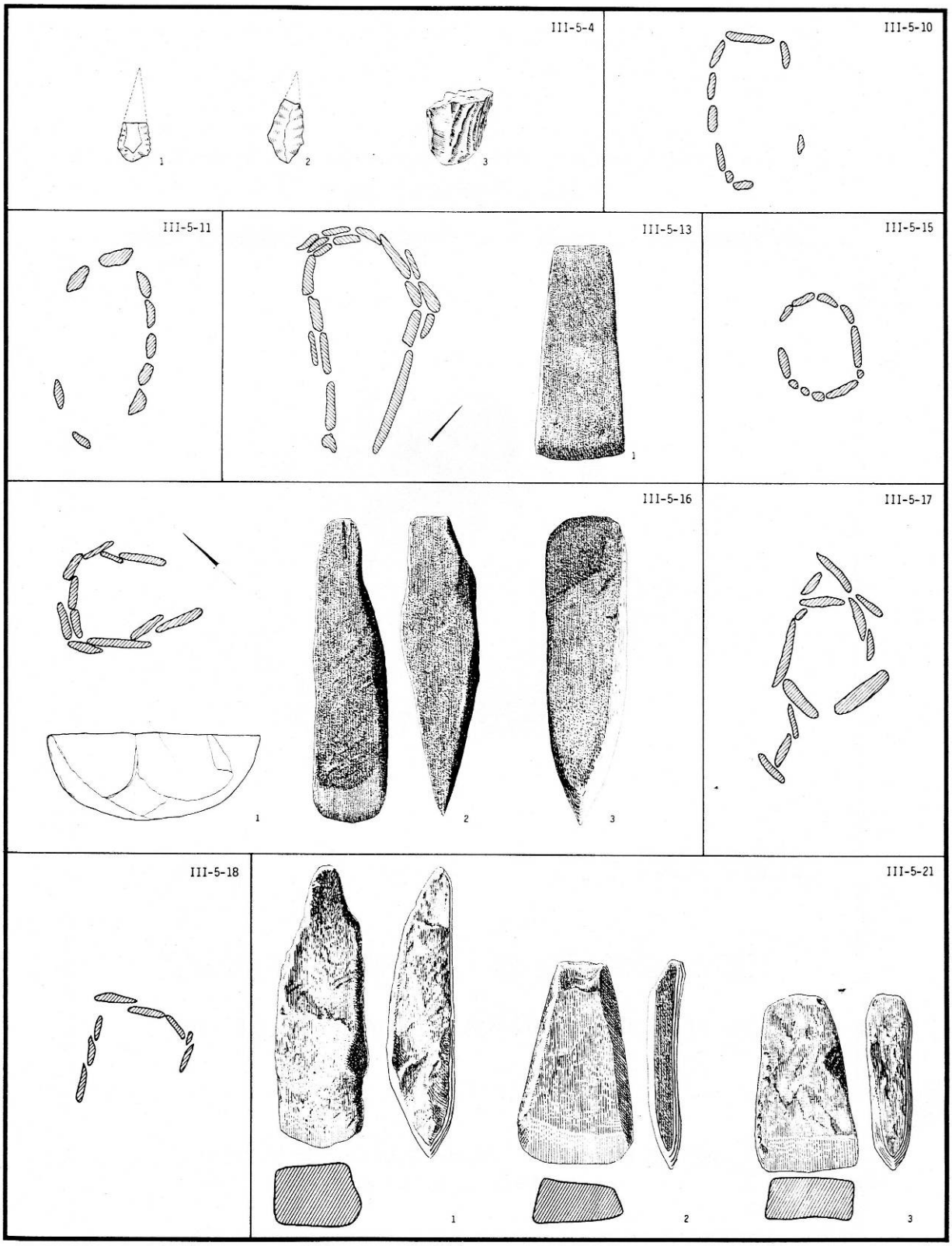
TAFEL 72 DISTRIKT CASTELO BRANCO



Distrikt Castelo Branco. Concelho Fundão: III-3-3 Salgueiro. Concelho Idanha-a-Nova: III-5-3 Anta Grande de Medelim. – Grundriß 1 : 100; Funde III-3-3,1 und III-5-3,1-2.18.19.24-30 1 : 3; andere Funde 1 : 2.

Figura 5.7. Espólio da anta do Salgueiro e da Anta Grande de Medelim (Leisner, 1998: estampa 72).

DISTRIKT CASTELO BRANCO TAFEL 73

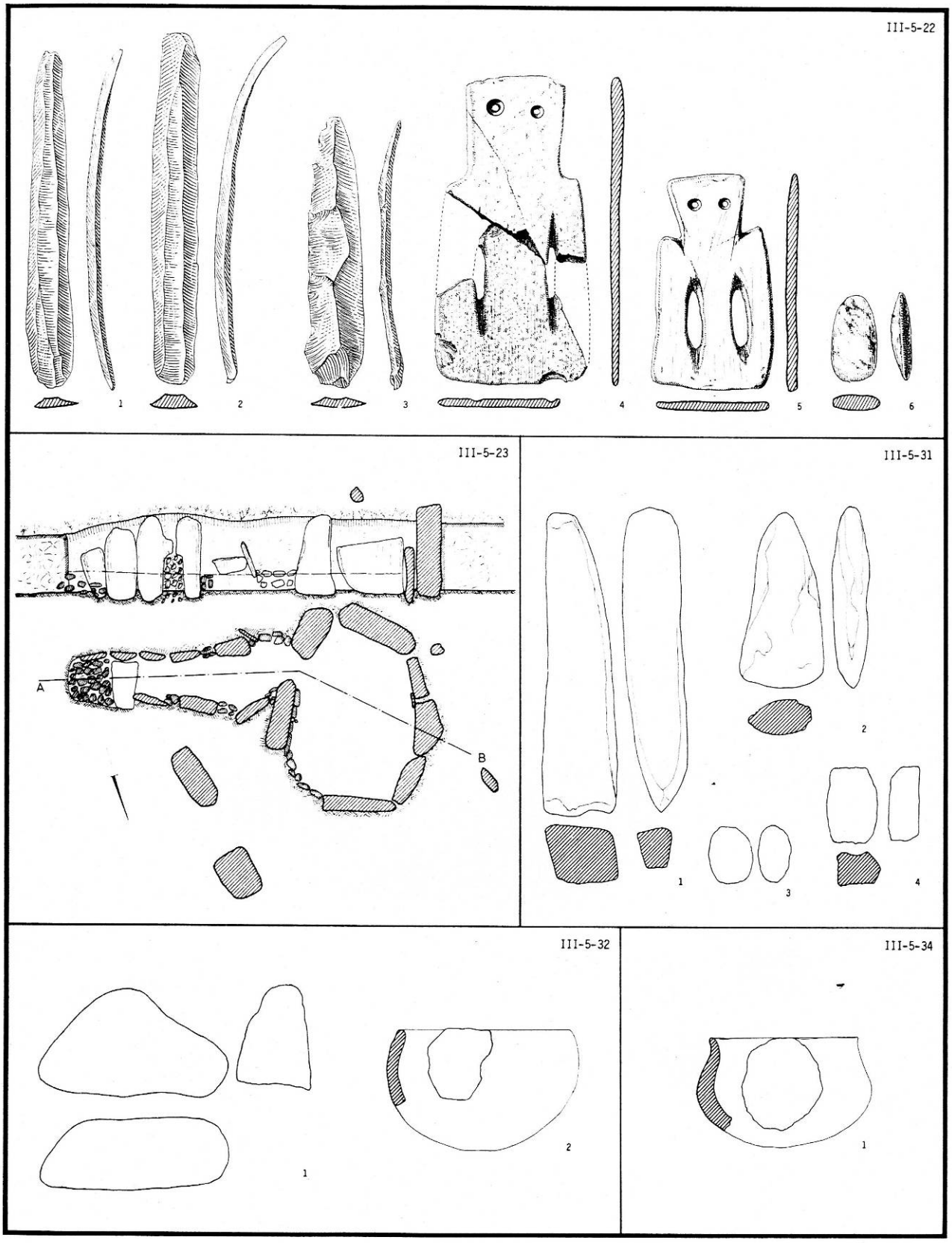


Distrikt Castelo Branco. Concelho Idanha-a-Nova: III-5-4 Anta Pequena de Medelim; III-5-10 Barragem de Marechal Carmona 1; III-5-11 Barragem de Marechal Carmona 2; III-5-13 Chão de Braz; III-5-15 Horta da Serra 2; III-5-16 Chão da Forca; III-5-17 Caféde 1; III-5-18 Caféde 2; III-5-21 Alcafozes. – Grundrisse 1 : 100; Funde III-5-4,1-3 1 : 2; andere Funde 1 : 3.

Figura 5.8. Espólios e plantas da Anta Pequena de Medelim, das antas da Barragem Marechal Carmona 1 e 2, das antas do Chão do Braz, da Horta da Serra 2, do Chão da Forca, de Caféde 1 e 2 e de Alcafozes (Leisner, 1998: estampa 73).

TAFEL 74

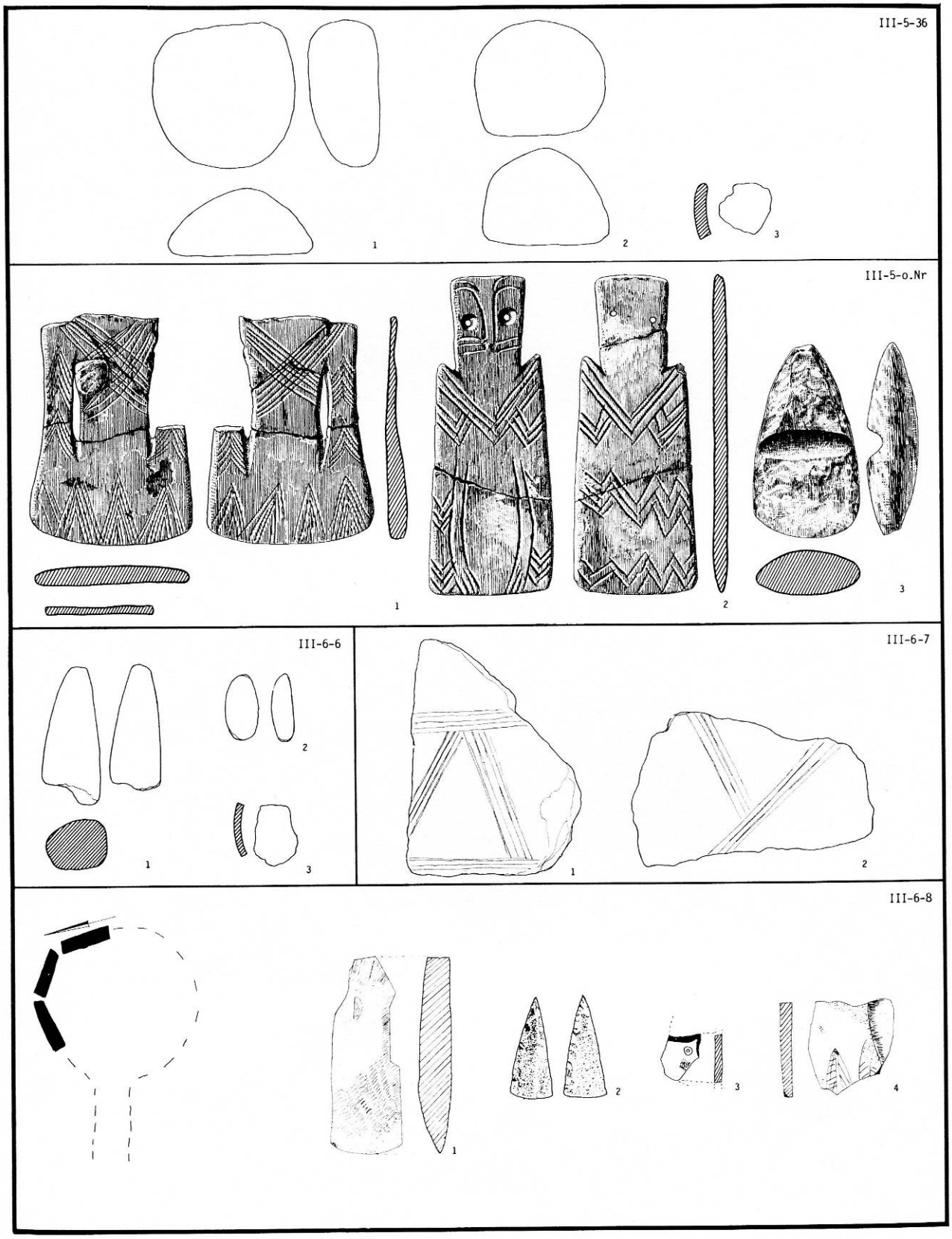
DISTRIKT CASTELO BRANCO



Distrikt Castelo Branco. Concelho Idanha-a-Nova: III-5-22 Ferreirinhos; III-5-23 Anta da Granja de São Pedro; III-5-31 Anta 1 do Ponsul; III-5-32 Anta 2 do Ponsul; III-5-34 Anta 4 do Ponsul. – Grundriß 1 : 100; Funde III-5-22,1-3.6 1 : 2; andere Funde

Figura 5.9. Espólios e plantas das antas de Ferreirinhos, da Granja de São Pedro e do Ponsul 1, 2 e 4 (Leisner, 1998: estampa 74).

DISTRIKT CASTELO BRANCO TAFEL 75



Distrikt Castelo Branco, Concelho Idanha-a-Nova: III-5-36 Anta 6 do Ponsul; III-5-o.Nr. »Idanha-a-Nova«. Concelho Castelo Branco: III-6-6 Anta 1 de Escalos de Baixo; III-6-7 Anta 2 de Escalos de Baixo; III-6-8 Anta da Capa Rota. – Funde III-6-7,1.2 und III-6-8,1-4 1 : 2; andere Funde 1 : 3.

Figura 5.10. Espólio da anta do Ponsul 6 e espólio de Idanha-a-Nova de origem não determinada (Leisner, 1998: estampa 75).

A revelação e o estudo das sepulturas megalíticas de Idanha, e de outros sítios de cronologia pré-histórica, ganham novo fôlego, a partir dos anos 50 do século passado, no decorrer das campanhas de escavação arqueológica promovidas por D. Fernando de Almeida em Idanha-a-Velha (Salvado, 1988; Cardoso, 2008a; Henriques *et al*, 2015). Embora à margem daqueles trabalhos, é legado um novo e diversificado acervo arqueológico com a publicação de notícias ou de estudos de sítios e de materiais em revistas científicas e uma carta arqueológica local (Ferreira, 1978) onde se mencionam 21 sepulturas megalíticas (uma em Medelim, uma no Chão da Forca, uma no Chão do Braz, duas na Horta da Serra, três na Barragem Marechal Carmona, cinco na Granja de São Pedro, três no Arraial de Caféde, duas a leste de Monsanto, uma em Alcafozes, uma perto do vg Gravaia e outra do vg Vieiros). Merecem destaque as escavações efectuadas de 1957 a 1969 em nove antas (Tabela 3.4; Almeida & Ferreira, 1958, 1959 e 1971), o estudo de grafismos rupestres (Almeida & Ferreira, 1966), de indústrias líticas em pedra lascada (Almeida & Ferreira, 1956a, 1970) e de artefactos de interesse excepcional, caso das placas antropomórficas, ditas fenestradas, provenientes da anta dos Ferreirinhos (Alcafozes), que qualificam como "raras e muito curiosas" (Almeida & Ferreira, 1956b).

A escavação da anta da Granja de São Pedro (Almeida & Ferreira, 1971), ou Corcho 1 (Cardoso, 2008:46) é a que merece maior atenção arqueográfica relevando particularidades construtivas e a presença de dois menires na mamoa, um dos quais está gravado com 33 covinhas em face frontal e 13 covinhas em face lateral, motivos que também estão presentes em dois esteios da câmara, conforme documentado em diário de campo (Cardoso, 2008:47). Consiste em câmara larga, com sete esteios, associada a corredor com eixo desviado do eixo da câmara. A escavação individualiza dois *covachos sepulcrais* no interior câmara. O desenvolvimento deste estudo também foi potenciado pela maior relevância dos artefactos ali conservados, em diversidade e quantidade, consistindo em pontas de seta, lâminas, lascas, núcleos, cristais, enxós, machados, escopro, amoladeira, cerâmica, incluindo exemplar decorado, e placa de xisto, material recolhido maioritariamente na câmara. Tal como afirmado por Proença Jr noutros casos, "não foi colocada na sepultura qualquer cerâmica completa mas apenas fragmentos de vasos" (Almeida & Ferreira, 1971: 165).

A publicação relativa às sepulturas dos Corgos e do Chão da Forca é uma simples notícia (Almeida & Ferreira, 1971). Chão da Forca, ou Cabecinho da Forca, é uma pequena câmara poligonal, com alguns esteios de reforço, e o esboço de um corredor, evidenciado por um esteio no lado sul. A escavação proporcionou dois machados, junto da cabeceira, fragmento de vaso hemisférico, pilão de quartzito e disco de xisto. Corgos ou Chão do Braz é um monumento de câmara ovalada, com uma fiada de duplicação de esteios na câmara, cuja escavação forneceu duas mós no exterior do contentor funerário. Foi obtido um machado plano, de cobre, nas proximidades do monumento.

As outras escavações estão identificadas ou sugeridas em parcas referências, casos: das sepulturas de Horta da Serra 1 e 2, uma das quais de planta elíptica, que não deram materiais coevos; das sepulturas de Caféde 2, qualificada como cista megalítica, que deu duas mós, e Caféde 3, reduzida a dois esteios (outro monumento, Caféde 1, é descrito como tendo uma câmara elíptica; Almeida & Ferreira, 1959); da mamoa situada cerca de 4 km a nordeste de Monsanto, entre os sítios de Carro Quebrado, Lodeiro e Serralheira, que revelou uma câmara trapezoidal e não deu espólio (Ferreira, 1978), e de uma anta situada na área da barragem Marechal Carmona com planta documentada em diário de campo onde O. da Veiga Ferreira anotou: "apresenta em planta uma pequena cripta elíptica precedida de um átrio pequeno de forma quadrangular" (Cardoso, 2008: 46). Um dos três monumentos identificados na área daquela albufeira é uma grande mamoa (Santos, 2000) com câmara dolménica esboçada por Proença Jr e referência ao topónimo Torrão (Proença Jr, 1910).

Trinta anos mais tarde (Almeida & Ferreira, 1959) os três monumentos do Arraial de Caféde são reconhecidos no âmbito de trabalho académico (Sousa, 1991) estando muito danificados por povoamentos florestais de uso industrial. São descobertos novos monumentos em Sapateiras, Matafome e Viveiros 1 e 2, embora um destes últimos deva corresponder a uma referência anterior (Ferreira, 1978). A autora proporciona uma boa descrição dos monumentos e dos artefactos neles encontrados sendo desenhados os que correspondem à mamoa de Matafome. No conjunto foram identificadas lâminas, em sílex, completas ou em fragmentos (uma em Caféde 1, dez em Caféde 2 e três em Matafome), pontas de seta de bases convexas, em sílex (quatro em Matafome), machados e enxós (33 em Caféde 2 e sete em Matafome), mós completas ou em fragmentos (quatro em Caféde 3), esferóides, em granito, quartzito ou quartzo (cinco em Caféde 3) e um fragmento de cerâmica atribuído à Idade do Bronze (em Matafome).

Em Idanha-a-Nova, identicamente à abordagem concedida aos monumentos megalíticos de outros municípios do distrito de Castelo Branco, com a excepção de Proença-a-Nova, o último volume do *corpus* peninsular (Leisner, 1998) segue a informação proporcionada por investigadores antecedentes (F. Tavares de Proença Jr, O. da Veiga Ferreira e D. Fernando de Almeida). A lista contém 46 ocorrências incluindo os oito seguintes topónimos: *Antinha; Coito da Lapa; Cova da Moura; Pedra Abelheira; Pedras; Pedras Ninhas; Pizarra da Lapa; Ribeiro da Lapa*. A maioria destes locais, situados maioritariamente no lado setentrional do município, carece de confirmação. Contudo, os casos que mencionam *lapas* não nos parecem aplicáveis, sobretudo os que estão situados em relevos quartzíticos, caso da *Piz(ç)arra da Lapa*. A *Antinha* pode corresponder ao monumento identificado em Santa Catarina (4120).

No que concerne à chamada *necrópole dolménica do Ponsul,* já referida em Castelo Branco, são assinalados oito monumentos no concelho de Idanha-a-Nova. A documentação gráfica publicada (Leisner, 1998: estampas 72 a 75; Figuras 5.7 a 5.10) corresponde às plantas de dez monumentos, a desenhos detalhados dos materiais recolhidos na Anta Grande de Medelim, de machados provenientes de Chão da Forca, de Chão do Braz (machado plano metálico), de Alcafozes e de Idanha-a-Nova, de lâminas em sílex, de Ferreirinhos, e de quatro magníficas placas gravadas com caracteres antropomórficos. Inclui ainda desenhos esquemáticos de artefactos de outras proveniências.

A partir do final dos anos 80 do século passado a AEAT concentra o seu esforço de pesquisa na parte meridional do concelho de Idanha, nomeadamente na freguesia de Rosmaninhal, na senda do trabalho pioneiro do Grupo de Estudos e Pesquisas Arqueológicas e dos alertas dos seus membros, em particular de Mário Chambino, para a destruição do vasto património megalítico. Esse trabalho foi sustentado em dois projectos denominados *Ocupação Pré-Histórica do Alto Tejo Português* e *Altejo – Pré-História Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português*[57], com resultados expressivos e numerosos, ao nível do inventário (Henriques *et al.,* 1993, 1998, 1999a, 1999b, 2001, 2003, 2004, 2009; Hoskin & Henriques, 1998), da escavação de sepulturas (Cardoso, 2008b; Cardoso *et al.,* 1995, 1995b, 1997a, 1997b, 2000, 2003) e da valorização de uma delas, no Cabeço da Forca (Caninas *et al.,* 2008). Estes trabalhos prosseguiram com outros enquadramentos, embora com menor intensidade, tendo proporcionado outras publicações (Caninas & Henriques, 2010; Caninas *et al.,* 2016; Cardoso, 2011a, 2011b; Henriques *et al.,* 2011, 2012, 2012b). Os trabalhos de escavação incidiram em dois núcleos (Couto da Espanhola e Amieiro) e em dois monumentos isolados (Poço do Chibo e Cabeço da Forca), totalizando dez sepulturas (Tabela 3.5). Esta amostragem, de um conjunto funerário mais vasto, permitiu esboçar um faseamento cronológico, em cinco etapas, baseado na combinação das arquitecturas com os conjuntos artefactuais recolhidos no decurso daquelas escavações

[57] Projectos coordenados por João Carlos Caninas.

(Cardoso *et al.,* 2003). Foram também efectuadas sondagens num suposto sítio de *habitat* que revelou um grande dormente de mó manual reutilizado como menir (Cardoso *et al.,* 1995) e em dois recintos líticos, sem resultados conclusivos quanto à sua função e cronologia (Caninas & Henriques, em preparação).

5.1.4.3. Contexto arqueológico

A partir do séc. XVI Idanha-a-Nova suscita o interesse de historiadores e antiquários focados no património arqueológico de Idanha-a-Velha e em especial do seu notável acervo de epigrafia romana. Tal interesse é consolidado com o estudo arqueológico deste sítio por Félix Alves Pereira, do Museu Etnológico Português (Henriques *et al.,* 2015). Esse investimento ganhou fólego com as campanhas de escavação promovidas por D. Fernando de Almeida naquela antiga cidade a partir de meados do séc. XX, uma investigação que seria retomada no final do séc. XX por iniciativa do Instituto Português do Património Cultural (Corte-Real, 1996). Este esforço de pesquisa e de valorização com intervenções ao nível museológico e do património construído, no âmbito do Programa Nacional das Aldeias Históricas, conduziu a novas pesquisas até à actualidade (Batista, 1998; Cristovão, 2005; Carvalho, 2009), processo que confere a Idanha-a-Velha a mais expressiva referência arqueológica no município de Idanha-a-Nova.

Com menor projecção pública, mas não inferior relevância científica, foram investigados outros sítios arqueológicos no município egitaniense, com destaque para as ocupações de tipo residencial, situadas geralmente em posições elevadas, atribuíveis ao Calcolítico, à Idade do Bronze e à Idade do Ferro, em Monte do Trigo, Alegrios, Moreirinha, São Gens e Cachouça, cuja investigação representa um contributo inestimável para uma aproximação à rede de povoamento deste território durante parte da Pré-História Recente e da Proto-História (Vilaça, 1995, 1995c, 1995d, 2007, 2008a; Vilaça & Cristovão, 1995; Vilaça *et al.,* 1999). Neste conjunto importa registar que alguns daqueles sítios foram frequentados em diferentes fases. É o caso da Cachouça, onde as ocupações mais expressivas da Idade do Bronze e do início da Idade do Ferro (Vilaça, 2008a: 46-47), associadas a um talude de planta elíptica, se sobrepõem a materiais conotáveis com ocupação no final do Neolítico, e do Monte do Trigo, um cabeço cónico, onde foram documentados materiais atribuíveis ao Calcolítico e à Idade do Bronze (Vilaça, 2008a: 53-56).

Mas a rede de sítios potencialmente relacionados com uso quotidiano, de tipo residencial, é superior aos da pequena lista de ocorrências já investigadas. De facto, a área meridional do território egitaniense, ocupada com coberturas detríticas cenozóicas, tem oferecido inúmeros indícios desse tipo de ocorrências, evidenciadas pela presença maioritária de indústrias macrolíticas em quartzito (Henriques *et al.,* 1993; Projecto Altejo), em potencial associação com a rede de sepulturas monticulares ali reconhecida (Henriques *et al.,* 1993; Cardoso *et al.,* 2003) e com as manifestações gráficas que têm vindo a ser estudadas no rio Erges (Henriques *et al.,* 2011, 2012b; Nobre, 2008, 2009; Caninas *et al.,* 2016).

No início do séc. XX Proença Jr (1910) assinalara uma *estação neolithica* em Monsanto e outra hipoteticamente em Idanha-a-Velha, mas não caracteriza essas ocorrências, apenas referindo o achado de sete *machados de diorite* e uma *faca de sílex* na segunda. Mas essa lista poderia ampliar-se acrescentando os *castros*, embora tenhamos relutância em o fazer porque a ocupação desses sítios pode ultrapassar o final da Idade do Bronze. Aparentemente mais antigas do que o tempo de que nos ocupamos são as quatro ocorrências de instrumentos em pedra lascada cartografadas perto de Idanha-a-Velha, a sul do rio Ponsul (Ferreira, 1978), algumas em terraço fluvial. O seu reconhecimento teve início em 1955 (Almeida & Ferreira,

1956a) e motivou o estudo de um conjunto de artefactos, em quartzito, recolhidos num desses sítios (Almeida & Ferreira, 1970), consistindo num núcleo e em sete calhaus com talhe unifacial, qualificados como raspadores, languedocenses. Estes achados, restritos a uma pequena área, nas proximidades do rio Ponsul, condicionados pelas limitações de tempo e de meios a que O. da Veiga Ferreira estaria sujeito naquela época, ilustram que há muito trabalho a fazer no vasto território egitaniense em busca dos indícios da sua ocupação mais remota.

Aliás o dinamismo e a multiplicidade de interesses de O. da Veiga Ferreira conduziu-o também à descoberta dos primeiros conjuntos significativos de grafismos rupestres em Idanha-a-Nova (Almeida & Ferreira, 1966), se excluirmos os motivos gravados em monumentos megalíticos e a referência de Proença Jr (1910: 11) à "pedra com *fossettes* que na minha visita de 1904 se me afigurou incontestavelmente chalcolitica", em Monsanto. São duas ocorrências, uma situada no Penedo Gordo, a norte de Idanha-a-Velha, e outra na Lapa da Moura, a nordeste de Monsanto, caracterizadas pelo predomínio das representações cruciformes e antropomórficas esquemáticas e pela presença de pintura na forma de dois ondulados. Os autores comparam um par antropomorfo-cruciforme do Penedo Gordo com o par cruciforme-antropomorfo da anta da Pedra do Mouros, em Belas (Correia, 1972b).

A temática antropomórfica domina também o acervo gráfico reconhecido em data mais recente no rio Erges, sobretudo na sua margem direita (Henriques *et al.,* 2011; Nobre, 2008). Estes motivos, em conjunto com outras tipologias gráficas, como as formas circulares, dominantes na margem esquerda daquele rio, podem ser vinculados ao chamado *complexo de arte rupestre do Tejo*, e correlacionados com representações similares em inúmeros abrigos quartzíticos identificados na região envolvente sul (Bueno *et al,* 2006; Oliveira & Oliveira, 2015) e associados mais directamente à "necrópole" megalítica adjacente, no Rosmaninhal (Cardoso *et al,* 2003) e em Alcântara (Bueno *et al.,* 2006, 2011). Com uma maior representação territorial refiram-se as omnipresentes rochas com conjuntos “monótonos” de covinhas (Henriques *et al.,* 1995), também presentes em menires (Almeida & Ferreira, 1971) e ortostatos (Pereira, 1933), que consideramos estarem em relação de proximidade com sepulturas megalíticas.

Nesta área meridional do município egitaniense têm vindo a ser descobertos inúmeros monumentos monolíticos com características morfológicas diversificadas (estelas, menires, bétilos), isolados, associados a sepulturas ou formando conjuntos (Henriques *et al.,* 1993; Cardoso *et al*., 1995; Caninas & Henriques, em preparação). Alguns destes monumentos exibem iconografias atribuíveis ao Bronze Antigo (Cardoso, 2011a, 2011b) e ao Bronze Final (Henriques *et al.,* 2012).

Tal como observado em Castelo Branco, os achados de instrumentos de pedra polida em Idanha-a-Nova, convenientemente destacados por Proença Jr no seu inventário distrital (1910), constituem indicadores de presença e uma aproximação à geografia da ocupação do território na Pré-História Recente, com uma relevância proporcional à sua quantidade e quando faltam outros indicadores (sítios de *habitat,* sepulturas).

Em Idanha-a-Nova à rede de sítios de *habitat* acrescem importantes achados metálicos, em cobre e bronze, avulsos ou em conjuntos, balizáveis entre o 3º milénio AC e o início do 1º milénio AC. São os casos de diversos machados, de pontas de lança, de uma ponta de seta e de um escopro, de Corgos, de Medelim e do Cabeço de Santiago (Vilaça, 1995: 83-84).

5.1.4.4. Catálogo

As arquitecturas funerárias monticulares referentes ao concelho de Idanha-a-Nova estão documentadas no catálogo do Anexo 5, nas tabelas dos Anexos 7 a 10 e na cartografia associada. Este inventário contém as localizações observadas em campo por equipas da AEAT às quais se associaram os registos de monumentos documentados por outros investigadores detentores de suficiente detalhe arqueográfico para serem considerados naquele conjunto. Referimo-nos a casos emblemáticos como a Anta Grande de Medelim ou a anta da Granja de São Pedro mas também aos que resultaram de outros trabalhos de O. da Veiga Ferreira, com D. Fernando de Almeida, e de Lucília de Sousa, situados na parte norte do concelho de Idanha-a-Nova. Apenas se logrou reconhecer os monumentos situados naquela região setentrional perto dos arraiais de Caféde e de Viveiros, os monumentos referenciados na albufeira da barragem Marechal Carmona, com excepção de um imerso a maior profundidade, e a sepultura do Chão da Forca perto de Idanha-a-Velha. Apesar de sucessivas tentativas, não obtivemos autorização para observar a anta da Granja de São Pedro, pertencente à Casa Marrocos (Almeida & Ferreira, 1971).

Por insuficiência de informação excluíram-se as referências de Proença Jr que não pudemos relocalizar em campo como são os casos da *necrópole dolménica do Ponsul,* as duas antas reportadas a Idanha-a-Nova (Proença Jr, 1910: 7), uma já citada no *Arqueólogo Português* e nas *Religiões da Lusitânia* de onde saíram duas placas antropomórficas, republicadas (Leisner, 1998: estampa 75), e uma segunda situada no Aravil, visitada por Félix Alves Pereira em 1904, segundo a mesma fonte, que poderá corresponder a uma das cinco sepulturas da Granja de São Pedro. O mesmo sucedeu com um anta em Oledo, outra em Proença-a-Velha e duas perto do Ladoeiro com exploração iniciada em 1904 mas não concluída (Proença Jr, 1910: 7). Das duas antas de Medelim incluiu-se a Anta Grande (4110) mas exclui-se a Anta Pequena por desta apenas se conhecer o escasso espólio resultante da exploração efectuada por Proença Jr. A anta reportada a Idanha-a-Velha supõe-se que corresponda à do Chão da Forca (4053). O túmulo referido em Alares há-de corresponder a algum dos monumentos descobertos naquela área tal como os "restos muito apagados de trez antas" (Proença Jr, 1910: 13), a poente de Rosmaninhal que podem ser o Cabeço da Forca e Maias 1 e 2 (4039, 4092 e 4093). Por idêntica razão, ignoraram-se as relocalizações propostas pelos investigadores alemães (Leisner, 1998) para todas as ocorrências que ainda não foram reconhecidas em trabalho de campo. Também não se inventariou a anta dos Ferreirinhos (Alcafozes), da qual se conhece apenas o espólio constituído por duas placas antropomórficas e três lâminas (Leisner, 1998: estampa 74), embora se tenha visitado uma sepultura (4145) que na opinião de Joaquim Batista corresponde àquele monumento.

O catálogo referente ao território de Idanha-a-Nova é o mais numeroso da área de estudo, por município, atingindo 145 registos. Neste conjunto constam 14 casos de qualificação hipotética (4010, 4014, 4040, 4047 a 4049, 4054, 4066, 4078, 4080, 4081, 4111, 4112 e 4137), por serem insuficientes os indicadores da sua classificação como sepulturas monticulares. A lista também inclui sete casos (4024, 4058, 4076, 4088, 4090, 4091 e 4110) de localização hipotética, que correspondem maioritariamente a sepulturas publicadas com resultados expressivos, no que concerne à estrutura e artefactos recolhidos, mas cuja georreferenciação era insuficiente não tendo sido possível lograr o seu reconhecimento. Estão nesta situação a Anta Grande de Medelim, destruída, e as sepulturas escavadas por O. da Veiga Ferreira na Granja de São Pedro, em Corgos (Chão do Braz) e na Horta da Serra.

Em Idanha-a-Nova, a quase totalidade das estruturas monticulares inventariadas é caracterizada pela presença de quartzo filoniano entre os materiais empregues na sua construção. A omnipresença desta

litologia, a par da morfologia da sua distribuição no terreno, confere ao quartzo filoniano, branco, o estatuto de elemento identificador deste tipo de sepulturas naquela região. Esta característica é particularmente útil na detecção de estruturas destruídas por usos do solo mais impactantes como são os povoamentos florestais, seja de eucalipto ou de sobreiro, embora em muito daqueles casos ocorram outros indicadores como artefactos e fragmentos de ortostatos. Por outro lado, na maioria dos casos inventariados, os montículos, ou os restos deles, estão acompanhados de estruturas ortostáticas, mais ou menos complexas, desde a simples cista, sub-rectangular, envolta por *tumulus* baixo, sugerindo cronologia do II-I milénios AC, na Pasteira 1 (4108), até ao conjunto câmara-corredor-átrio, de Amieiro 3 (4007).

A distribuição geral destes monumentos no território municipal é muito assimétrica, tal como observado noutros municípios, sendo uma consequência da assimetria dos focos de investigação. No compartimento meridional, enquadrado pelos rios Tejo, Erges e Aravil, que corresponde à freguesia de Rosmaninhal, a rede de monumentos é densa e mais regular, como resultado das sucessivas campanhas de prospecção ali promovidas pela AEAT, na sequência dos trabalhos pioneiros do Grupo de Estudos e Pesquisas Arqueológicas de Rosmaninhal. Mas tal quantidade também resultou de uma melhor conservação das sepulturas em área de economia maioritariamente agro-silvo-pastoril, hoje convertida à actividade cinegética. Nesta freguesia, os efeitos destrutivos dos povoamentos florestais tiveram menor expressão mas foram substituídos pelos efeitos igualmente nefastos da instalação de povoamentos de sobreiros. A norte, as pequenas concentrações de monumentos devem-se aos trabalhos de O. da Veiga Ferreira, de Lucília Sousa e de trabalhos pontuais da AEAT. Os vazios que se observam na zona ocidental correspondem, em parte, a áreas desfavoráveis à conservação de monumentos e à execução de trabalhos de prospecção como são as de agricultura regada, nomeadamente em Ladoeiro.

5.1.5. Oleiros

5.1.5.1. Território

O território do município de Oleiros tem 466 km^2 de superfície e corresponde a cerca de 12% da área de estudo. Está em grande parte ancorado no vale superior da chamada ribeira de Oleiros, mais conhecida como ribeira da Sertã, com uma bacia hidrográfica enquadrada no lado sul pela serra do Cabeço Rainha, designada alternativamente como serra de Alvélos (fontes cartográficas e documentais) e serra da Lontreira (fontes orais), no lado norte pela serra Vermelha, nomeada como serra de Alvélos em algumas fontes cartográficas e documentais[58], e no lado oriental pela crista quartzítica da serra do Muradal, do Moradal ou do Moledal, assim designada até ao séc. XVIII (Cardoso, 2009:8).

Para nordeste desta crista desenvolve-se uma longa linha de cumeada genericamente designada serra da Gardunha até ao Cabeço Zibreiro mas que se prolonga para fora do município onde faz fronteira entre o Fundão e Castelo Branco. Estes relevos formam uma unidade de paisagem, denominada *Serras da Gardunha, de Alvélos e do Moradal* (Cancela d´Abreu *et al.*, 2004). A norte, a fronteira deste município

[58] "Esta serra principia no bis, digo no Catram, citio do bispado da Guarda e termo de Alpedrinha e dahi vem a s. vicente da Beira e ahi se chama a serra da Garudana; de S. Vicente corre [a]thé o lugar do Esreito, do Estreito corre [a]thé o lugar de Sendinho de Santo Amaro termo, e se chama da serra do Estreito e a serra da Rasca; do Sendinho corre [a]thé o lugar do Cavallo termo de Oleiros e ahi se chama serra de Alvellus e hé a maior altura della" (Cosme & Varandas, 2011:266).

acompanha o traçado meandrizado do rio Zêzere excepto numa pequena parcela situada a norte daquele rio na freguesia de Cambas.

Este espaço, o mais montanhoso da área de estudo, oferece uma variação altimétrica de mais de 700 m, com ponto mais elevado a 1080 m de altitude no vg Besteiros, na serra do Cabeço Rainha. Está integrado exclusivamente no bloco tectónico da Cordilheira Central (Ribeiro *et al.,* 1987). O substrato geológico é constituído maioritariamente por rochas metassedimentares do Grupo das Beiras (de 610 a 542 Ma) repartidas por duas variantes, a Formação de Perais, maioritária, formada por turbiditos, e, a leste, a Formação de Rosmaninhal, constituída por "turbiditos finamente estratificados intercalados por metagrauvaques e metaconglomerados" (Neto de Carvalho *et al.*, 2013). A Formação de Rosmaninhal está interrompida por um alinhamento de Quartzito Armoricano (de 488 a 435 Ma), a serra do Muradal. Tal como observado em Proença-a-Nova, em Oleiros não se encontram cartografadas coberturas sedimentares cenozóicas (de 65 a 1Ma) anteriores ao Plistocénico, com extensão significativa à escala da área de estudo.

5.1.5.2. Síntese da investigação

No conjunto dos cinco municípios abrangidos por este estudo, Oleiros foi o menos beneficiado por pesquisas arqueológicas até ao início do séc. XXI. Tal circunstância pode dever-se, em parte, a factores de isolamento, à deficiente acessibilidade a partir das terras baixas da região de Castelo Branco, à resistência ao seu trânsito imposta por uma orografia alcantilada e ao denso coberto arbóreo e arbustivo.

Encontramos em Proença Jr (1910:11) uma primeira e única referência ao património pré-histórico de Oleiros quando afirma que "apparecem nos campos com bastante frequencia machados de pedra polida. De lá possuo 10, hoje depositados no Museu de C. Branco". Para explicar tão exíguo conhecimento admite-se que este território estaria distante das possibilidades de pesquisa daquele arqueólogo, talvez por razões relacionais e de mobilidade (Caninas, 2012). De facto, além daquele espólio, pouco mais se conhece referente a Oleiros, casos do *castro* do Picoto (Caninas & Henriques, 2014), que reporta erradamente a Sarzedas (Proença Jr, 1910:14), e de um tauromorfo em bronze proveniente das proximidades da serra de Oleiros atribuído aos séculos II-III (Gomes, 2004).

No final do segundo quartel do séc. XX, os arqueólogos alemães Georg e Vera Leisner não tiveram oportunidade de progredir no reconhecimento do património megalítico deste município, talvez pelas mesmas razões atrás invocadas e cativados por áreas aparentemente mais promissoras como Proença-a-Nova. A sua obra póstuma sobre o megalitismo das Beiras inclui uma única citação a um topónimo, a Lomba das Antas (Leisner, 1998:98), local que não terão visitado.

É só a partir de 2003 que se identificam em Oleiros as primeiras sepulturas monticulares atribuíveis à Pré-História Recente, no âmbito das avaliações ambientais do Aproveitamento Eólico do Pinhal Interior, cujos resultados têm vindo a ser divulgados em vários *fora* científicos (Caninas *et al.,* 2004b, 2005, 2008a, 2008b). No decurso da construção daquele projecto eólico foram realizados trabalhos de sondagem e escavação arqueológica em três diferentes sítios da serra Vermelha: em Vale de Mós (Caninas *et al.,* 2011b); em Cimo dos Valeiros (Caninas *et al.,* 2014); e em Selada do Cavalo (Caninas *et al.,* 2015). Esta investigação permitiu remontar ao Neolítico a ocupação daquele território.

A partir de 2005 a Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT) associou-se a esta pesquisa promovendo trabalhos de prospecção arqueológica, dirigida prioritariamente a áreas de cumeada, na tentativa de alargar o conhecimento acerca das construções funerárias de tipo monticular, com resultados positivos.

5.1.5.3. Contexto arqueológico

Como referimos, até ao início do séc. XXI eram escassas as referências a vestígios arqueológicos pré-históricos e proto-históricos neste concelho, sendo um pouco mais numerosos os achados atribuíveis à época romana, caso de dois tesouros monetários (Alarcão, 1988; Batata, 2006), de minas, de sítios de *habitat* e rede viária associada (Batata, 2006). As sondagens efectuadas em Vale do Souto revelaram uma ocupação romano-visigótica (Diogo & Neto, 2000).

Idêntico panorama se observa na região montanhosa do distrito de Castelo Branco, entre a Sertã e o Fundão, com raras ocorrências de cronologia pré-histórica anteriores ao final da Idade do Bronze, de acordo com uma recente sistematização acerca da ocupação deste território (Batata, 2006). Entre as ocorrências mais antigas refiram-se os sítios próximos de Fonte das Rimas e de Lajeira (Batata, 2006:59) com gravações picotadas. Na Lajeira conserva-se extenso painel com um conjunto heterogéneo de gravações geométrico-simbólicas (círculos concêntricos, espirais, linhas meândricas) identificáveis com a temática da arte rupestre do Vale do Tejo. Contudo nesta região serrana e ao contrário do que se observa no rio Tejo são mais abundantes as gravações incisas (Coimbra, 2013), casos da Fechadura, na Sertã (Batata, 2006:57-59), e da Pedra das Letras, em Proença-a-Nova (Henriques & Caninas, 2009).

Como já referido existe um espaço muralhado da Idade do Ferro (Batata, 2006; Caninas & Henriques, 2014), no sítio do Picoto, na extremidade sul da serra do Muradal, anteriormente assinalado por Proença Júnior (1910). Foi divulgada por A. Dias Diogo[59] a descoberta de achados de idêntica cronologia, no sítio do Zebro. Mais recentemente, foram descobertas, por indicação do geólogo Daniel Gonçalves, outras estruturas muralhadas na serra do Muradal no decurso de trabalhos de integração daquele relevo no Trilho Internacional dos Apalaches (Neto de Carvalho *et al.,* 2013; Henriques, 2016).

No decurso das prospecções executadas no âmbito da avaliação ambiental do Aproveitamento Eólico do Pinhal Interior (Caninas *et al,* 2004b) e em trabalhos posteriores promovidos pela AEAT (Caninas *et al,* 2005, 2008a, 2008b) foram descobertas diversas rochas com grafismos rupestres esquemáticos, com destaque para dois locais, nas Sesmarias, na serra Vermelha, e no Alto do Pobral, na serra do Cabeço Rainha. Nesta serra foi identificado outro importante painel (laje 40) com círculos e podomorfos (Ribeiro *et al.,* 2010:203).

Em Oleiros existem outras ocorrências menos notáveis, por exemplo com círculos picotados (Fernão Porco, em contraforte da serra do Cabeço Rainha) e covinhas (vg Mosteiro, na serra Vermelha). Porém, estes casos não atingem a diversidade patente nos locais próximos de Lajeira e Fechadura (Batata, 2006) nem a densidade de idênticas manifestações em diversos municípios da Cordilheira Central a norte do rio Zêzere, como em Pampilhosa da Serra (Batata & Gaspar, 2009) e na serra do Açor (Ribeiro *et al,* 2011; Santos & Baptista, 2011).

[59] Tema apresentado no colóquio "Um olhar sobre a Arqueologia e a Geologia de Oleiros", Casa da Cultura de Oleiros, 20 de Fevereiro de 2009.

As ocorrências conhecidas estão gravadas, em geral, em painéis sub-horizontais com uma inserção discreta na paisagem. No território de Oleiros, caracterizado por uma morfologia acidentada, são frequentes os afloramentos rochosos por vezes de grandes dimensões. Apesar dessa disponibilidade de suportes, os casos conhecidos ocorrem em pequenos painéis ao nível do solo, com excepção do afloramento com covinhas de Mosteiro.

As gravuras do Alto do Pobral estão repartidas por seis diferentes posições, entre 980m e 900m de altitude, no lado oriental da serra do Cabeço Rainha. Os motivos gravados por picotagem, por abrasão e por incisão estão distribuídos do seguinte modo: rocha 1, dois lofóglifos gravados a picotado; rocha 2, um podomorfo representado com sulco fino; rocha 3, círculo picotado; rocha 4, motivo circular gravado em lentícula de quartzo leitoso, de sulco irregular; rocha 5, dois círculos picotados com sulco largo; rocha 6, duas linhas quebradas, incisas, em forma de M.

Reportável ao topónimo Sesmarias, na encosta ocidental de uma lomba sobranceira à vila de Oleiros, identificaram-se três rochas testemunhando conjunto gráfico dominado por podomorfos gravados de diferentes modos, por vezes com sulcos transversais internos e com sobreposições. Além dos podomorfos existem algumas formas sub-rectangulares e um antropomorfo esquemático. Estão documentados três modos diferentes de gravação: sulco estreito ou traço fino, talvez um esboço (Gomes & Monteiro, 1977), na base da estratigrafia figurativa; sulco picotado profundo e largo; picotado profundo, grosseiro e extensivo, sobrepondo figuras antecedentes.

Face aos dados actualmente disponíveis, que resultam de direccionamentos específicos da prospecção arqueológica, em grande parte condicionada pelos projectos eólicos, verifica-se uma assimetria na distribuição territorial entre a distribuição das sepulturas monticulares e as rochas gravadas ao ar livre, que nos impede de estabelecer uma relação orgânica entre aquelas duas realidades. Até ao momento não se identificaram vestígios de habitat anteriores ao final da Idade do Bronze nem expressões gráficas pintadas nos suportes quartzíticos da Serra do Muradal.

5.1.5.4. Catálogo

O inventário das estruturas funerárias monticulares identificadas até ao momento no concelho de Oleiros está documentado no catálogo do Anexo 6, nas tabelas dos Anexos 7 a 10 e na cartografia associada. Nele constam todas as localizações observadas em campo por equipas de EMERITA Lda e da AEAT desde o início do séc. XXI conforme referido.

Das 66 ocorrências inventariadas 55 consideram-se confiáveis. As onze restantes repartem-se por nove qualificações hipotéticas, conectas com concentrações de clastos de génese antrópica mas cujo estado de conservação ou morfologia nos impedem de as relacionar com sepulturas monticulares, e a dois topónimos, Lomba das Antas (5017) e Marmoural (5020), locais onde não se encontraram quaisquer evidências de sepulturas pré-históricas. Os casos de qualificação hipotética, materializadas por concentrações de quartzo filoniano e de metassedimentos, em geral de pequenas dimensões e de volumetria imperceptível, podem corresponder a "construções" de época desconhecida, cuja finalidade não pôde ser determinada por observação exterior ou com recurso a informantes locais. Porém, afasta-se a hipótese de serem morouços agrícolas, vestígios de carvoeiras ou ruínas de malhões ou de abrigos pastoris.

Os *tumuli* de Oleiros têm uma especificidade que se traduz numa significativa variabilidade na composição e nas dimensões das suas estruturas. Esta variabilidade pode corresponder a uma cronologia longa, do 4º ao 1º milénio AC, mas tal hipótese carece de ser comprovada com recurso a escavação. Podem ser ilustrativos dessa dispersão temporal os casos de Cimo dos Valeiros (5013), atribuível ao Neolítico, e Selada do Cavalo 2 (5034), uma estrutura de inumação subjacente a montículo, que se presume tardia (Caninas *et al.,* 2015). Até ao momento foram identificadas estruturas ortostáticas centrais apenas em Vale de Mós 1, graças à intervenção arqueológica ali efectuada (Caninas *et al,* 2011b), e em Serra dos Covões 4 (5050), caso em que o atravessamento de um montículo por um estradão expôs o que parece ser uma cista.

As formas são maioritariamente subcirculares, com diâmetros que variam entre 23 m, na Selada da Póvoa 1 (5030), e 3 m, em Vale de Mós 1 (5060), esta última uma estrutura de características incomuns. Os monumentos de maiores dimensões como Selada da Póvoa 1 e Mouro (5025), com 14 m de diâmetro, são constituídas essencialmente por sedimentos finos embora incorporem clastos de metassedimentos e de quartzo filoniano. Com dimensões intermédias existem estruturas constituídas maioritariamente por clastos de quartzo, caso do Cabeço do Seixo 1 (5005), com 12,5 m de diâmetro, outros constituídos maioritariamente por calhaus e blocos de metassedimentos, como em Cimo dos Valeiros (5013), com 9 m de diâmetro, neste caso formando couraça a capear núcleo de argila, e outros de composição mista, incorporando quartzo filoniano e metassedimentos como é o caso de Selada do Cavalo 1 (5033), com 9 m de diâmetro. Contudo, predominam as concentrações de diâmetros inferiores aos acima indicados, constituídos geralmente por quartzo filoniano, com características que se podem aproximar das ocorrências identificadas noutras paragens da Cordilheira Central, como em Pampilhosa da Serra (Batata & Gaspar, 2009, 2009b, 2011), e na serra da Malcata (Caninas *et al,* 2009b; Fernandes *et al.*, s/d).

A distribuição destas estruturas pelo território municipal evidencia uma concentração na serra Vermelha e num alinhamento entre esta e a serra do Cabeço Rainha passando pela serra do Carujo, que é o resultado da incidência das prospecções no Parque Eólico do Pinhal Interior e nos corredores das respectivas linhas de transporte de energia. Há uma outra circunstância a explicar a conservação daquelas construções monticulares que é a menor incidência de povoamentos florestais industriais e infra-estruturas impactantes, como aceiros, na serra Vermelha e seus contrafortes (Caninas & Henriques, 2008). Ao invés, os vazios que se observam noutras partes do concelho resultam de ausência de pesquisa.

Refira-se ainda a circunstância da maioria destes montículos se situarem junto de antigos caminhos de carroças (Caninas *et al,* 2008a), testemunhados por sulcos resultantes do desgaste da passagem de rodas, tal como foi bem documentado em Selada do Cavalo (Caninas *et al,* 2015). Esta convergência sugere a atribuição de uma antiguidade pré-história às vias que percorrem as longas cumeadas daquelas serras da Cordilheira Central, relação que tem sido proposta noutras regiões da Península Ibérica (Gómez Vila, 2005).

A partir de 2005, o aprofundamento da investigação desta realidade foi proporcionado pela minimização de impactes negativos da construção do Parque Eólico do Pinhal Interior, mediante escavações arqueológicas em Vale de Mós 1 (5060), em Selada do Cavalo 1 (5034), em Selada do Cavalo 2 (5035) e em Cimo dos Valeiros (5013), com resultados publicados (Caninas *et al*., 2011b, 2014, 2015). Terão sido as primeiras pesquisas deste tipo efectuadas na Cordilheira Central em território português (Caninas *et al.,* 2009b), tendo tido continuação noutras áreas deste região montanhosa, em Miranda do Corvo (Caninas *et al.,* 2012), em Pampilhosa da Serra (Batata & Gaspar, 2009b e 2011) e em Arganil (Ribeiro *et al.*, s/d).

A intervenção arqueológica executada, de modo parcial, em Cimo dos Valeiros (Caninas *et al.,* 2014), mediante decapagem superficial em área e abertura de sanja radial, revelou um montículo circular constituído por aterro de argila coberto por uma couraça pétrea de calhaus e blocos de metassedimentos. Em posição interna, embora descentrada, foi ainda escavado um abatimento reportável a contentor funerário. No seu interior foram postas à vista as fundações de uma estrutura ortostática elíptica, mas não foram encontrados monólitos *in situ* nem espólio arqueológico. Porém, foram recolhidos artefactos significantes na decapagem da mamoa com destaque para dois geométricos e uma lâmina em sílex, além de escassa cerâmica, materiais que permitem averbar uma cronologia do Neolítico para este monumento.

As escavações arqueológicas, parciais, efectuadas em Selada do Cavalo 1 e Selada do Cavalo 2 (Caninas *et al.*, 2015) também proporcionaram resultados interessantes, embora persistam dificuldades em datar de modo preciso a construção destes monumentos. Selada do Cavalo 1 parece corresponder a uma sepultura monticular eventualmente atribuível ao 4º milénio AC. A abertura de uma sanja radial revelou uma construção mista de terra e de calhaus e blocos de quartzo filoniano e de metassedimentos. A depressão central revelou um vazio sem estrutura ortostática. Como materiais mais significativos, além de escassos fragmentos de cerâmica, destacam-se uma enxó e um núcleo de lamelas em sílex branco. Selada do Cavalo 2 é um montículo menor que o anterior contendo uma cavidade alongada, bitrapezoidal, definida por sequência de blocos e calhaus, de formas heterogéneas. Esta estrutura foi equiparada a sepultura de inumação individual, atribuível, hipoteticamente, a lapso de tempo situado entre a Idade do Bronze e a Alta Idade Média, indeterminação inerente à ausência de artefactos associados e de datações absolutas.

Em Vale de Mós 1 foi executada a escavação integral e sequente desmontagem do que restava de uma pequena estrutura evidenciada, à superfície, por concentração irregular de clastos de quartzo filoniano e de metassedimentos (Caninas *et al.,* 2011b). A intervenção revelou um pequeno montículo muito regular, circular, baixo, formado por um aterro perimetral de argila, capeado com pequenos calhaus e seixos de quartzo filoniano, envolvendo ampla depressão central cuja parede era forrada por sequência de calhaus e blocos de metassedimentos, inclinados, parte dos quais de formato laminar ou tabular[60]. Um destes blocos evidenciou manufactura humana (Igreja, 2011). Na base do montículo foi encontrado pequeno fragmento de cerâmica correspondente a taça. Esta estrutura, de características incomuns, pode equiparar-se do ponto de vista estrutural aos *baratze* pirenaicos (Peñalver, 2005).

Até ao presente não foi possível confirmar o potencial arqueológico da serra das Casinhas, em referência ao topónimo como indicativo de pequenos *tumuli.*

5.2. Outras modalidades funerárias

Este estudo está centrado em estruturas funerárias da Pré-História Recente, materializadas em construções monticulares (*tumuli*) de geometria circular, pelo simples facto destas, por serem duráveis e numerosas na área de estudo, terem condicionado desse modo o foco de atenção. Deve por isso perguntar-se se não existiram, nesta região, outras modalidades funerárias tanto ao nível estrutural como locacional. Admite-se que as sepulturas desta zona, a exemplo do que foi possível documentar em estruturas idênticas de outras regiões do território continental, onde os restos humanos se conservaram melhor, foram destinadas a acolher

[60] Formas de Zing (x, y e z são as três medidas ortogonais): esférica, x=y=z; tabular, x=y>z; alongada, x=y<z; laminar, x, y e z diferentes.

a deposição de cadáveres humanos, acompanhados de diversos tipos de artefactos rituais (adornos, artefactos simbólicos e artefactos equivalentes a instrumentos de uso quotidiano), em posições primárias ou secundárias (ossários)[61], incluindo a utilização de fogo[62].

Entre as diversas estratégias funerárias documentadas a nível mundial refiram-se a *inumação*, a entrega do corpo à terra, a *imersão*, com a entrega à água, a *incineração*, submetendo-o ao fogo, e a *exposição*, com a sua deposição ao ar livre (Schutter, 2005: 5). A perduração de vestígios dos rituais, associados àquelas diferentes modalidades, tem graus de visibilidade inerentemente diferenciados. A inumação em contentores positivos (acima do nível do solo) obrigou à construção de estruturas protectoras (colinas artificiais, em terra, ou construções de alvenaria) executadas para perdurarem. A inumação em cavidades escavadas na rocha pode determinar um menor grau de visibilidade à superfície tal como no caso da incineração, seja em fossa com ou sem urna ou simplesmente em urna enterrada no solo. A exposição, tal como se conhece na Ásia, pode ser documentada em estruturas de descarnação (*sky burial*) ao nível do solo, como no Tibete (Caninas *et al.,* 2011b: 44), elevadas em estruturas denominadas *torres de silêncio*[63]*,* entre os cultos mazdeístas, documentados por exemplo no território iraniano, ou em plataformas de madeira, entre os aborígenes americanos. Na Europa, este ritual foi admitido na Sardenha, por exemplo em estruturas circulares, não monticulares, da Idade do Bronze (Puglisi & Castaldi, 1966: 75), mas também na Península Ibérica (Barandiáran *et al.,* 2007), referido, por exemplo, entre os celtiberos por Silo Itálico (Fabián García, 2005:57). A possibilidade de documentar o ritual de imersão é reduzida comparativamente com as opções anteriores. De modo diverso, a ausência de corpo, mas não de ritual, tem sido adoptada para qualificar algumas estruturas como cenotáfios.

Reduzindo o reconhecimento à presença de outros tipos de estruturas, positivas ou negativas, refiram-se algumas possibilidades documentadas em regiões vizinhas. É o caso das chamadas estruturas planas de geometria circular ou oval[64], contendo geralmente cistas no seu interior, do final da Pré-História Recente e da Proto-História, presentes a sul[65] e a norte[66] da área de estudo, embora se deva admitir que, de origem, pudessem ter sido dotadas de montículos baixos, como no Talho do Chaparrinho 2 (Soares, 1994: 194), conferindo-lhes uma morfologia convexa[67]. A propósito da perduração de estruturas monticulares de geometria circular veja-se o notável caso da sepultura denominada *Montón de Tierra Chico* associada ao edifício senhorial, proto-histórico, de La Mata, na província de Badajoz (Rodríguez Díaz *et al.,* 2007: 90-91). Trata-se de um *tumulus* de terra e pedras, em cujo interior foram recolhidos "algunos fragmentos cerámicos de factura protohistórica y de molinos barquiformes", de 19 m de diâmetro máximo e 1,7 m de altura máxima, com murete de contenção periférica. Esta estrutura envolvia câmara rectangular, construída com pedras

[61] Foi identificado um depósito deste tipo, em condições excepcionais de conservação, no decurso da escavação do Cabeço d´Ante (1005), em estudo pelo antropólogo Francisco Curate.

[62] Este uso está documentado nos rituais que presidiram ao uso das sepulturas da bacia hidrográfica do rio Sever (Oliveira, 1997: 387-431, 631) com "cremação prévia, provavelmente total, dos cadáveres, em conjunto com os materiais votivos" na área dos metassedimentos da foz do Sever. Na área granítica o ritual terá sido diversificado com "enterramento directo do cadáver, enterramento com cremação parcial no interior do sepulcro, descarnação (raspagem) e cremação, provavelmente efectuada no exterior, raspagem e abertura dos ossos longos, cremação total no exterior e depósito de bolsas contendo as cinzas e pequenas esquírolas".

[63] https://pt.wikipedia.org/wiki/Torre_do_sil%C3%AAncio

[64] Diversos autores qualificam estas estruturas como *tumuli* não esclarecendo se teriam cobertura monticular para além da estrutura basal, pétrea e térrea, que envolve o contentor funerário.

[65] Isoladas como Casarão ou em necrópole densa de estruturas coalescentes como Alcaria 1 (Correia & Parreira, 2002) e Alfarrobeira (Gomes, 1994b).

[66] Caso da Fonte da Malga 1 (Kalb & Hoch, 1982).

[67] Essa cobertura para além de valores simbólicos, atenta a forma e a geometria circular que foi adoptada durante milénios, garantia a inviolabilidade da sepultura e dos restos humanos nela encerrados contra necrófagos silvestres. Com a generalização da incineração tal necessidade ficaria muito diminuída.

aparelhadas, de acesso vertical, "entroncada en la arquitectura funeraria orientalizante e ibérica". No seu interior terão sido recolhidos vasos com cinzas e ossos.

Outras possibilidades, com menor ou nula visibilidade superficial, são as sepulturas cistóides, sem densas estruturas envolventes ou de contenção, geralmente integradas em necrópoles, comuns no Bronze de Sudoeste[68], os conjuntos de urnas enterradas no solo, em campo aberto, documentadas em diferentes regiões do território continental[69] e os sepultamentos em espaço habitacional. Com uma maior representação, sobretudo a sul, mas também a nível peninsular (Barandiarán *et al.,* 2007; Bueno *et al.,* 2000; Barroso Bermejo *et al.,* 2015; Miret, 2015: 187-196), as estruturas integralmente escavadas na rocha, como os hipogeus de planta complexa (câmara, antecâmara e corredor) e acesso horizontal (Cardoso, 2002: 226; Sousa, 2016) e os silos funerários de acesso vertical a subvertical, abundantes na área de influência do projecto hidroagrícola de Alqueva (Valera, 2012; Valera *et al.,* 2014)[70]; são outras modalidades a considerar, embora possam estar condicionados pela dureza dos substratos geológicos. Finalmente, refiram-se os usos funerários em cavidade naturais e em grutas, numerosos nas principais formações calcárias do território continental[71].

Estas modalidades funerárias estão quase ausentes na área de estudo, à luz da informação a que se teve acesso e do conhecimento que temos deste território. São também muito escassos os indícios na base de dados de sítios arqueológicos da DGPC (Endovélico) indicativos de tais possibilidades, com apenas quatro referências a cistas nos cinco municípios abrangidos por este estudo (CNS 12430, 13030, 13032 e 22419)[72]. Contudo, são variadas as informações, em geral antigas, relativas ao aparecimento de sepulturas de tipo cistóide, materializadas por pedras postas a pino, mas cuja descoberta foi seguida de destruição, não tendo sido possível traduzir essas indicações em inventário por falta de evidências no terreno. Acresce haver indeterminação acerca da cronologia dessas cistas que poderão ser já de épocas históricas[73]. Exemplo de um destes casos é o chamado Cemitério dos Castelos, supostamente associado ao povoado homónimo (nº de inventário 33 na CAVVR), em Vila Velha de Ródão, sobre o qual se sabe que foi descoberto no decurso de trabalhos agrícolas e destruído de seguida não tendo sido reconhecido até ao momento.

Nos catálogos anexos a este estudo documentámos a presença de pequenas cistas sub-rectangulares, nos vários municípios que integram a área de estudo, abordadas noutros apartados pelo facto de estarem integradas em *tumuli,* como são os casos de Pasteira (4108) e Serra dos Covões 4 (5050), ou representarem reutilizações de montículos pré-existentes, dotados de outros tipos de câmaras funerárias em posição central, como são os casos de Portela da Anavinhas (2023), da Risca do Cuco (3048) e de Amieiro 5 (4009). Por esse motivo não merecem comentário neste apartado.

[68] As necrópoles do Pessegueiro, Provença e Quitéria apresentam estas características embora os escavadores refiram a existência de recintos, geralmente pequenos, a envolver as cistas e admitam que a cada um deles "corresponderia um *tumulus* formado por terra e pedras que assentariam directamente sobre a tampa da sepultura; a sua forma seria talvez subpiramidal. Os esteios que limitam os recintos teriam como função suster a terra e as pedras do *tumulus*" (Tavares da Silva & Soares, 1981: 147), característica que ilustra a perduração de modelos do Neolítico. Outro caso notável pela sua configuração geral é a necrópole de cistas, dispostas em linha, das Soalheiras, em Alcoutim, sem vestígios de *tumuli* associados (Cardoso & Gradim, 2011).

[69] Casos das necrópoles de Alpiarça (Marques, 1972; Vilaça *et al.,* 1999b), com cerâmicas brunidas, de Caldelas (Cardoso, 2002: 390), com vasos de largo bordo horizontal, ou os conjuntos mais complexos, da região de Elvas, dotadas de estruturas de cremação (*ustrina*) e com reutilizações até à época romana (Viana & Deus, 1958).

[70] Que se distinguem de outras estruturas negativas, rituais mas não funerárias (Miret, 2015: 161-177).

[71] Refiram-se como casos emblemáticos, de diferentes cronologias, o Escoural (Silva, 2011), o Algar do Bom Santo (Carvalho *et al.,* 2012) e a Lapa da Furada (Cardoso & Cunha, 1995).

[72] Os sítios 13030 e 13032, Horta da Serra 1 e 2 estão incluídos no catálogo de Idanha-a-Nova. O sítio 12430, Curral do Couto (Vila Velha de Ródão) foi excluído por falta de evidências como sepultura pré-histórica. O sítio 22419 (Monte de São Domingos) será abordado mais à frente.

[73] Excluíram-se os casos de estruturas de época romana ou posteriores, cuja idade foi evidenciada pela referência ou pela observação de materiais compatíveis, como moedas, cerâmicas finas e vidros.

As construções circulares de Monte de São Domingos 2 e 3 (3028 e 3029), também abordadas noutras partes deste estudo, não são comparáveis com as estruturas de uso intrinsecamente funerário, na hipótese de serem cabanas, se não as duas pelo menos uma delas. Mas ilustram uma solução radicalmente diferente, de colocação de restos humanos em urnas, depois de incinerados, e o seu encerramento em espaço doméstico, acima referido como opção, muito expressiva em alguns contextos peninsulares. A estrutura de Piornal (4111) poderá ser deste tipo mas essa possibilidade só poderá ser confirmada com escavação.

Em Vale de Mós 1 (5060) foi identificada uma estrutura atípica cujo estudo se revelou inconclusivo quanto ao uso que teve, não tendo sido comprovada uma função funerária. A comparação com estruturas térreas associadas a rituais de exposição é especulativa. Por outro lado, a eventual semelhança com alguns *cromelechs* pirenaicos (Peñalver, 2005) também não é demonstrativa de uso funerário, tanto mais que muitas daquelas estruturas revelaram não conter (ou não conservar) vestígios de utilização, o que motivou a sua qualificação como hipotéticos cenotáfios.

Já foi referido que perante a elevada quantidade de instrumentos de pedra polida documentados no distrito de Castelo Branco, graças às recolhas de F. Tavares de Proença Jr, Vera Leisner suspeitou que pudessem corresponder a sepulturas rasas, exemplificando com a *cultura* de Trichterbecher do Norte da Europa (Kalb, 1987), mas essa hipótese está por demonstrar.

Na região não estão documentadas outras formas de estruturas funerárias como hipogeus, fossas e silos ou a utilização de cavidades naturais. Contudo, não se exclui a possibilidade de se identificarem, no futuro, usos funerários em cavidades artificiais, por exemplo nos substratos geológicos da Formação de Cabeço do Infante, ou nos inúmeros abrigos naturais reconhecidos nas formações quartzíticas da região.

5.3. Monumentos não funerários

5.3.1. Introdução

Para a contextualização das construções funerárias interessa referir a presença na área de estudo de outros monumentos coevos ou pelo menos relacionáveis com aquelas, num mesmo quadro de monumentalização e marcação ou transformação (Scarre, 2008) da paisagem, mas com diferentes morfologias e funções. Referimo-nos a menires, alinhamentos e cromeleques, embora no caso dos primeiros se deva considerar (Calado, 2004, 2015) que são antecedentes ao megalitismo funerário circunstância reiterada pelas datações absolutas neles obtidas (Oliveira, 2016). Além dos primeiros, devemos contemplar outras modalidades de pedras fincadas, isoladas, em grupo ou integradas em sepulturas, como os pequenos menires, chamados bétilos por alguns autores, as estelas e as estátuas-menires, monumentos que se reportam a um tempo longo, desde pelo menos o 6º milénio AC até ao 1º milénio AC[74].

Menires, estelas e estátuas-menir (Alarcão & Barroca, 2012: 130, 215; Baptista, 1982; Jorge, 1985b e 1989; Vilaça, 2011: 7-9) têm em comum serem monólitos de implantação vertical que se diferenciam pela forma, pela dimensão, pela iconografia que suportam e pela mensagem que transmitem. A simbologia inerente à mundividência das comunidades pré-históricas que os utilizaram está presente de modo gráfico, através de

[74] Sobre cronologia absoluta, dados e discussão, refiram-se Calado (2015), Gomes (1997, 1997b), Mendes (2000) e Oliveira (2014, 2016), entre outros.

gravura ou de pintura, com uma mudança progressiva das temáticas naturalistas (soliformes, luniformes, meandros e outros temas) e abstractas (covinhas e figuras geométricas) para as de cariz antropomórfico (representações esquemáticas do corpo, da face e de artefactos de uso humano). Essa simbologia também se expressa na morfologia dos respectivos suportes, por exemplo através da modelação de formas fálicas, nos exemplares mais antigos (menires), ou antropomórficas nas mais recentes (estelas e estátuas).

A presença de menires e cromeleques está bem atestada, sobretudo no Sul de Portugal, tanto no Alentejo Central como no Algarve Ocidental, regiões onde terão sido mais numerosos e a investigação se desenvolveu de uma forma mais sistemática, proporcionando maiores acervos, mais diversificados e de características mais complexas, também ao nível da iconografia e das suas reutilizações, tanto simbólicas como estruturais. Foi nesta região que se obtiveram indícios cronométricos do balizamento dos primeiros monumentos deste tipo no Neolítico Antigo, através das datas absolutas obtidas nos menires do Padrão, da Meada e do Patalou (Gomes, 1997b; Oliveira, 2016)

Exemplo da expressão territorial dos menires no sul de Portugal são os 219 exemplares reportados apenas no Barlavento Algarvio (Gomes, 1997). No Centro Interior e Norte do território continental têm vindo a acumular-se dados significativos acerca da presença destas tipologias mas sem a representatividade atingida a sul. Na bacia hidrográfica do rio Douro foram recentemente contabilizados 23 menires, incluindo dois transformados em estátuas (Vieira, 2015) e numa síntese mais antiga foram referenciados 28 menires no Centro e Norte de Portugal (Silva & Silva, 1994: 110). O Centro Litoral é talvez a área continental mais deficitária quanto à presença deste tipo de monumentos, enquanto o Centro Interior tem vindo a oferecer recentemente um número crescente de estelas e estátuas-menires (vários autores em Vilaça, 2011; Banha *et al.,* 2009; Henriques *et al.,* 2012).

Os alinhamentos de menires são escassos em Portugal (Calado, 2015) estando insuficientemente documentada a sua geometria mediante escavação. No Algarve são mencionados (Gomes, 1997: 147, 164-165; Gomes, 2008) diversos casos formados maioritariamente por três a cinco menires, em Serro das Pedras (Loulé), Portela do Padrão (Lagos), Aspradantes, Padrão, Carriços, Marmeleiro, Marreiros (Vila do Bispo) e Vilarinha (Silves), existindo outros em grupos não estruturados. O menir Padrão 9 estava associado a pequeno *tumulus* empedrado (Gomes & Silva, 1987: 54), situação similar à observada em Arouca com o menir do Marco da Jogada (Silva, 2004: 162). No Algarve Oriental estão documentados dois conjuntos de menires e estelas um dos quais, Lavajo 2, configurando também um alinhamento (Cardoso *et al,* 2002).

No Norte citam-se dois duvidosos alinhamentos, um constituído também por três menires, conhecidos como Três Irmãos (Silva & Silva, 1994), em Arouca, e outro por nove monólitos, sendo um insculturado e de maiores dimensões, o Marco da Anta, em Tondela (Gomes, 1993). Mas neste último caso também é admitido que pudessem ter pertencido a um recinto. O caso mais expressivo, convenientemente documentado em escavação, é o alinhamento de Tera, originalmente constituído por nove menires, inseridos num empedrado regular, de que se conservaram cinco *in loco* embora tombados (Rocha, 1997; Rocha, 2000a), um conjunto mais tarde atribuído à Idade do Ferro (Rocha, 2000b).

No Alentejo são referidos dois outros casos em Portela de Mogos e Pedra Longa (Gomes, 1997e, 2008: 69). Os casos relatados reportam-se a alinhamentos de intervalo métrico (Tera) ou hectométrico (Vilarinha), distintos do longo alinhamento de intervalo quilométrico identificado no Norte Alentejano (Nisa, Castelo de Vide e Marvão) constituído por dez menires (Oliveira & Oliveira, 2000 e 2000b), um dos quais um afloramento (Pombais) e dois desalinhados para sul.

Em contrapartida, os recintos de menires, ou cromeleques, os mais antigos espaços públicos e cerimoniais da Pré-História Recente, em geral de forma elíptica, aberta a nascente (Alarcão & Barroca, 2012: 130; Calado, 2015), ocorrem em muito menor número do que os menires isolados e oferecem uma distribuição mais assimétrica do que os anteriores, tendo em atenção a sua concentração no Alentejo Central (Calado, 2004; Gomes, 1994). São referidos outros recintos a sul, no Algarve Ocidental, em Amantes 1 e Amantes 2 (Gomes, 1997: 164-165; Gomes & Silva, 1987: 49-50). A C*erca dos Antões* (Correia, 1999: 97), em Mora, consubstanciada por amplo circuito de blocos ciclópicos, de planta alongada, no interior do qual se conserva uma sepultura megalítica, e outro recinto denominado Barroqueiros da Oliveira (Correia, 1999: 98)[75] têm relação muito duvidosa com os contextos em apreço.

Os casos relatados no Centro e Norte de Portugal são de qualificação mais duvidosa, exceptuando talvez o recinto de estelas do Cabeço da Mina de onde se admite provirem 63 exemplares, 35 dos quais com atributos gráficos ou morfológicos (Sanches, 2011). Quanto a São Cristovão 1 (Lopes da Silva, 1997 e 2003: 274-275) é problemático considerá-lo um recinto megalítico, comparável aos cromeleques meridionais, atendendo à ausência de informação substantiva acerca da forma geral deste conjunto de 40 menires[76]. A bibliografia disponível cinge-se a fornecer detalhes sobre a estruturação de alguns daqueles monólitos em empedrados basais, que são equiparados ao do Marco da Jogada. Ainda nesta região é referido um outro *círculo lítico*, de "função provavelmente ritual", na Portela da Anta (Pereira da Silva, 1997b; Silva, 2004: 72) mas parece reportar-se a realidade diversa, uma vez que não é referida a presença de menires e se adossa a uma mamoa. Também carecem de avaliação os sugestivos círculos líticos do Monte da Escadinha (Cardozo, 1975: fig. 17), com 10 m de diâmetro, e do Lombo da Levada (Cardozo, 1975: 82-83), situados em São Pedro do Sul.

As micromorfologias boleadas ou sem arestas vivas dos menires meridionais propiciaram a formulação de um padrão para este tipo de monumentos, no espaço (Alentejo e Algarve) e no tempo (Neolítico), que tem induzido alguns autores a qualificar como atípicos os exemplares setentrionais (Calado, 2015: 243). As diferenças de boloeamento de arestas, facilitado pelo carácter brando dos suportes graníticos e calcários, e as formas adoptadas (alongadas, cilíndricas, paralelepipédicas, ovóides ou cónicas) serão intencionais, impostas por concepções ideológicas, ou foram condicionadas pela natureza da matéria-prima? Veja-se a morfologia mais irregular e angulosa dos menires do Lavajo, obtidos a partir de rochas mais resistentes como são as metassedimentares (Cardoso *et al.,* 2002), e o reconhecimento de diferenças desse nível na comparação (Rocha & Calado, 2006: 25) entre menires tão dissociados no tempo como são os de Vale d´El Rei, mais bojudos e antigos, e de Tera, mais alongados e recentes.

Releva-se a integração destes monumentos noutras realidades arqueológicas evidenciando os diferentes papéis que lhes foram sendo atribuídos pelas comunidades pré-históricas. No Algarve Ocidental a convergência de menires com contextos habitacionais (Mendes, 2000), como Caramujeira, Areias das Almas, Benagaia e São Rafael é significativa, com uma atribuição dos menires mais pequenos (bétilos) à fase mais antiga da ocupação de alguns daqueles sítios, no Neolítico Antigo final (Gomes, 1997b: 197).

O polimorfismo na relação de menires e estelas com sepulturas é outro aspecto relevante no papel destes monumentos, como ilustram os casos, abundantemente documentados, da sua integração em estruturas ortostáticas internas (Bueno Ramírez *et al.,* 2016), da sua incorporação em acessos, átrios ou espaços cerimoniais externos, por exemplo, em Parxubeira (Rodríguez Casal, 1990), em Dombate (Bello Diéguez,

[75] Também citados por Gomes (2000: 124)
[76] Refira-se a aparente semelhança com estruturas pastoris existentes noutros pontos da Serra de Montemuro.

1994 e Cebrián del Moral *et al.,* 2011: 152) e em Lameira de Cima (Gomes, 1996: 87), da sua presença no interior de *tumulus* (Granja de São Pedro, Almeida & Ferreira, 1971), na periferia das construções monticulares, por exemplo, em Vale de Rodrigo (Gomes, 1994: 322), Zambujeiro (Soares & Silva, 2010) ou mesmo na vizinhança destas como em Luzim (Aguiar & Santos Jr, 1940).

Embora estas inclusões possam ter ocorrido com peças coevas, *ab initio* ou em momentos de reformulação ritual, posteriores à construção original da sepultura, interessante é a possibilidade de se terem reutilizado monólitos mais antigos, incorporados completos ou em fragmentos, ocupando-se desse modo cenários mais antigos (Calado, 2015: 245; Bueno Ramírez *et al.,* 2016; Oliveira, 2006).

A longevidade destes monumentos, isolados ou em conjuntos, também pode ser testemunhada com as reutilizações iconográficas, patentes por exemplo na reutilização e transformação de menires fálicos em estelas e estátuas, inscrevendo neles outras simbologias, antropomórficas, como são os da Bouça, em Mirandela (Sanches & Santos, 1989) e de Chaves (Vieira, 2015: 303), ou artefactuais, como em Alfarrobeira (Gomes, 1997: 163). Impressivo quanto à pervivência destes monumentos apesar das mudanças ideológicas a que são sujeitos é a inscrição, a partir do Neolítico final, de novas simbologias, como faces antropomórficas ou covinhas, sobre superfícies previamente aplanadas dos menires de alguns cromeleques alentejanos como Almendres, Portela de Mogos (Gomes, 1997c) e Xarez (Gomes, 2000: 152).

Parece-nos que o principal factor de diferenciação reside na assimetria da representação quantitativa destes monumentos, sobretudo de menires, estelas e estátuas, à escala regional, entre Norte e Sul. Porquê? Podemos especular, com a convicção que foram sempre mais abundantes a sul do que a norte. Ou terão existido factores mais acentuados de eliminação destes monumentos a Norte, para uso profano ou em resultado de um integrismo mais efectivo na eliminação de símbolos pagãos? Porque, quanto às expressões morfológicas e gráficas parece haver um maior equilíbrio na repartição de diferentes tipos e formas, de menires, de estelas e de estátuas entre o Norte e o Sul do território continental. Exemplo disso é a ampla latitude na distribuição territorial por exemplo de menires com caracteres fálicos, de estelas diademadas e de estelas de guerreiro (vários autores em Vilaça, 2011). Nos apartados seguintes caracteriza-se esta realidade na área de estudo.

5.3.2. Menires e estelas

Passamos a caracterizar os monumentos conhecidos na área de estudo e na região envolvente, de acordo com o inventário disponível na Tabela 5.1. complementado com representações gráfica e cartográfica (Figuras 5.11 e 5.12).

Afirmou-se anteriormente que a menção do séc. XIX a menires em Vila Velha de Rodão (Costa, 1868) não se reportava a monumentos não funerários, como mais tarde foi divulgado (Santos, 1972), isolados ou a alinhamento, mas a restos de uma sepultura, tal como o autor supõe ao titular a notícia de modo interrogativo como *Dolmin? Trilithes proximo a Villa velha de Rodão, e ao nascente da Ribeira de Açafalla*, que associou ao seguinte texto (Costa, 1868:91): "o sr. Schiappa diz-nos que n´esta localidade se encontram na parte superior de uma colina tres lages (menhirs) das quaes uma está cravada verticalmente, outra bastante inclinada, e a terceira caida no chão. A sua altura, proximamente egual é de 1^{m},5; e acrescenta que monumentos analogos, segundo informações colhidas, existem não longe d´aqui em dois sitios chamados Fantel e Monte Fidalgo

Tabela 5.1. Cromeleques, alinhamentos, menires e estelas

Ref.ª (ver mapa)	Tipologia								Local (concelho)	Fonte de informação principal
	Cromeleque	Alinhamento	Menir	Menir - bétilo	Menir - dormente	Estela ou estátua - menir	Estela, estátua	Esteio-estela		
Área de estudo										
1	**1**								Fonte Fundeira (CB)	Henriques (1974)
2	**1**								Couto da Espanhola (IN)	Henriques *et al.* (1993)
3	**1***								Cabeço Mouro (IN)	
4			**1***						Monte do Lucriz (VVR)	Henriques *et al. (*1995b)
5			**1**						Búzio (CB)	DGPC, CNS 20541
6			**1***						Nave Redonda (CB)	Chaves *et al.* (2010)
7			**2**						Granja de São Pedro (IN)	Almeida & Ferreira (1971)
8				**1**					Castelejo (VVR)	Monteiro & Henriques (2008)
9				**1**					Tremal 2 (IN)	Henriques *et al.* (1993)
10				**1**					Rosmaninhal (IN)	AEAT
11					**1**				Cegonhas (IN)	Cardoso *et al*. (1995)
12					**1***				Vermelhas (VVR)	AEAT
13						**1**			Monte de São Martinho 1 (CB)	Gomes & Monteiro (1977), Vilaça *et al*. (2004)
14							**1**		Monte de São Martinho 2 (CB)	
15							**1**		Monte de São Martinho 3 (CB)	
16							**1**		Zebros 1 (IN)	Cardoso (2011a e 2011b)
17							**1**		Zebros 2 (IN)	Henriques *et al.* (2012)
18							**1**		Poço do Chibo (IN)	Henriques *et al.* (1998)
19								**1**	Poço do Chibo (IN)	AEAT
20								**1**	Cabeço da Forca (IN)	AEAT
Envolvente próxima										
A		**1**							Nisa, Crato, Castelo de vide e Marvão	Oliveira & Oliveira (2000b)
B			**1**						Medroa (Ab)	Cruz *et al*. (2011)
C			**1**						Alcântara	Bueno Ramírez *et al*. (2011 e 2011b)
D						**1**			Corgas (F)	Banha *et al*. (2009)
E						**1**			Telhado (F)	Capa da revista Ebvrobriga, 8 (2015)
F						**1**	**4**		Lagunita 3 (SA)	Bueno Ramírez *et al*. (2011)
G							**1**		Tapada da Moita (CV)	Oliveira (1986)
H							**1**		Crato	Vasconcelos (1910)
I							**4**		Valência de Alcântara	Bueno & Vásquez (2008)

Abreviaturas: * = qualificação hipotética; Ab = Abrantes, CB = Castelo Branco, CV = Castelo de Vide, F = Fundão, IN = Idanha-a-Nova, N = Nisa, SA = Santiago de Alcântara, VVR = Vila Velha de Ródão.

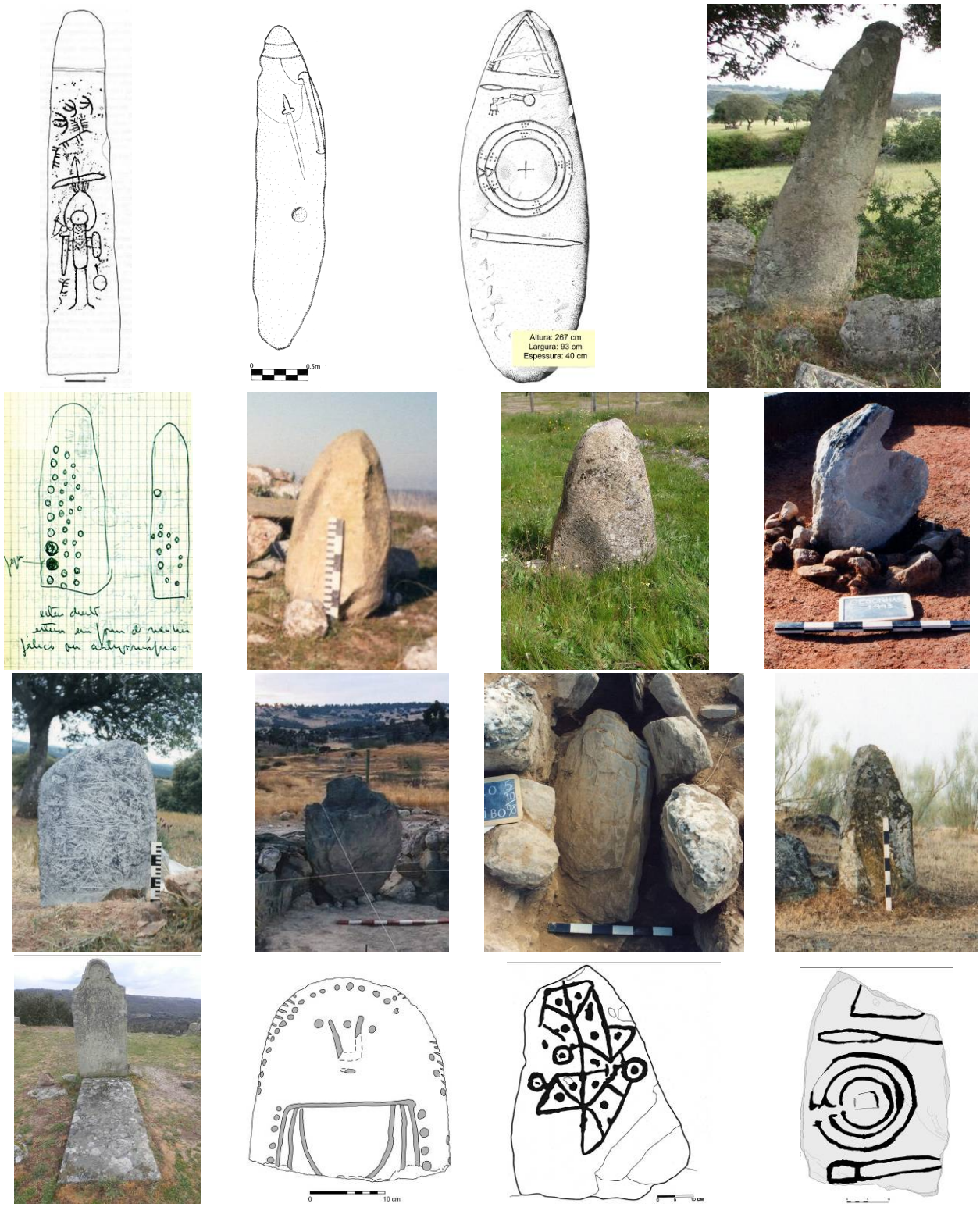


Figura 5.11. Menires e estelas (indica-se altura total ou visível). Castelo Branco: (1) estela-menir de São Martinho, 207cm (Monteiro & Gomes, 1978). Fundão: (2) estela-menir de Corgas, 280cm (Banha *et al.,* 2009); (3) estela-menir de Telhado, 267cm (Trebaruna-Boletim Informativo, 1, 2012: 3). Idanha-a-Nova: (4) esteio-menir da anta do Torrãozinho 1, 210cm (AEAT); (5) menir da anta da Granja de São Pedro (Cardoso, 2008a); (6) bétilo da anta do Tremal 2, 55cm (Henriques *et al*., 1993); (7) bétilo de Rosmaninhal (AEAT); (8) menir-dormente de Cegonhas, 57cm (Cardoso *et al.,* 1995); (9) menir do Arraial do Cabeço Mouro, 50cm (Henriques *et al.,* 1993); (10) esteio-estela da anta do Cabeço da Forca, 100cm (AEAT); (11) esteio-estela da anta do Poço do Chibo, 100cm (AEAT); (12) menir do recinto 1 do Couto da Espanhola (AEAT); (13) estela epigrafada no Castelo de Castelo Mendo (fotografia de F. Henriques); (14) estela diademada de Zebros, 27,5cm (Cardoso, 2011a, 2011b); (15) estela do Poço do Chibo, 65cm (Cardoso *et al.,* 2003); (16) estela de guerreiro de Zebros, 50cm (Henriques *et al.,* 2012).

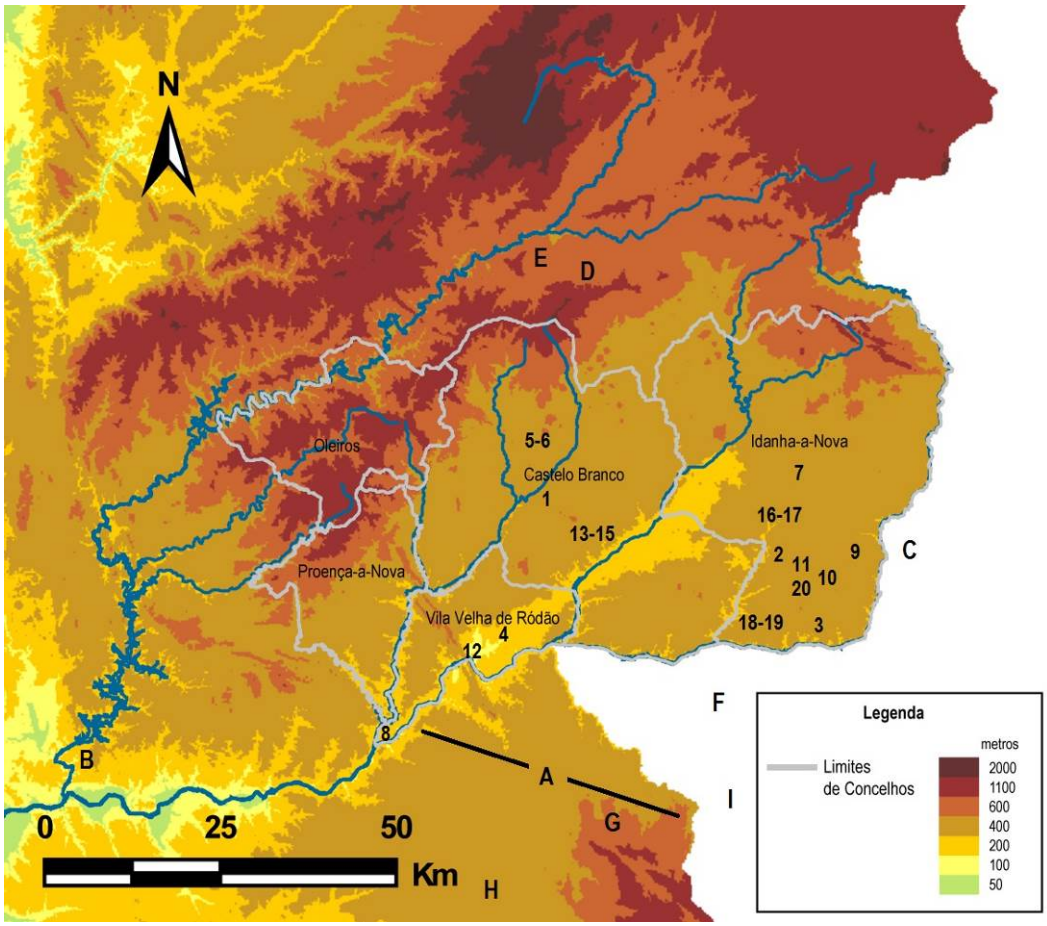


Figura 5.12. Distribuição das ocorrências assinaladas na tabela 5.1.

A presença de menires de aparência meridional, em granito, com atributos fálicos, está documentada em duas localidades da região de Castelo Branco, uma perto daquela cidade e a outra a norte, na Cova da Beira. São contudo peças reutilizadas no final de Pré-História Recente e, aparentemente, deslocados do seu contexto Neolítico. O primeiro caso corresponde à emblemática estela-menir de São Martinho 1, de configuração longilínea, descoberta e divulgada por Francisco Tavares de Proença Jr (Proença Jr, 1906), e que tem sido interpretada com um menir reutilizado, mediante aplanamento de uma das faces para inscrição de uma iconografia comum às chamadas estelas de guerreiro, atribuída ao final da Idade do Bronze (Monteiro & Gomes, 1978: 14). Duas outras estelas, com gravações atípicas, encontradas por Proença Jr na mesma área (São Martinho 2 e 3), são também qualificadas como estátuas-menir e atribuídas ao início do 1º milénio AC (Vilaça *et al.,* 2004).

Um outro exemplar de menir, alongado, fálico, em material granitóide, atribuível ao Neolítico mas reutilizado na Idade do Bronze, como estátua-menir (Banha *et al.,* 2009), com a iconografia das chamadas estelas alentejanas, mediante representação de artefacto biancoriforme, espada e correias, foi encontrado a norte da área de estudo, em Corgas, 4 km a leste de Fundão, em plena Cova da Beira. Na capa da oitava edição da revista Eburobriga (2015) foi divulgado decalque de outra estela-menir, com iconografia comum às chamadas estelas de guerreiro, encontrada a ocidente do Fundão, no Telhado, cujo estudo se aguarda. É de relevar a possibilidade de também esta peça corresponder ao reuso de um menir antigo. Os três exemplares apresentados têm comprimentos que variam entre 2,07 m (São Martinho 1) e 2,8 m (Corgas). Estes são os casos que se podem aproximar de alguns modelos meridionais atribuídos ao Neolítico.

Em contexto funerário existem dois menires, um dos quais de configuração fálica (Gomes, 1994: 320), inseridos no *tumulus* de sepultura megalítica da Granja de São Pedro, citada recorrentemente na bibliografia arqueológica e considerado caso paradigmático de relação estratigráfica entre menires e sepulturas (Calado, 2015), com os primeiros a antecederem a estrutura funerária na opinião dos seus descobridores (Almeida & Ferreira, 1971). Voltaremos mais tarde a este caso com uma proposta de explicação para o significado daqueles menires na relação com a sepultura, admitindo-se outras relações estratigráficas, que precisarão de ser confirmadas com recurso a nova escavação daquele monumento. Um destes menires e dois esteios da câmara estavam gravados com covinhas, marcas que têm sido conectadas com o derrube de menires meridionais e o abandono de cromeleques durante o Calcolítico (Gomes, 2008: 72).

A inserção de menires no *tumulus* da Granja de São Pedro é incomum comparativamente com outros tipos de relações espaciais entre menires e sepulturas como são os casos já citados da presença de monólitos daquele tipo na periferia (Vale de Rodrigo) ou em alinhamento com sepulturas (Luzim), de bétilos e estelas, em átrios (Dombate) ou inseridos na própria estrutura ortostática de sepulturas megalíticas, abundantemente citados na bibliografia arqueológica. Colhemos exemplos locais desta última relação na anta do Torrãozinho 1 cujo único esteio completo (nº 4, figura 5.11) tem características meníricas, morfologia fálica e dimensão (2,1 m de comprimento mínimo) equivalente aos anteriormente citados. Observam-se situações idênticas em cinco antas de Nisa e Alter do Chão (Oliveira, 2016) e ainda na anta do Telhal, onde além de um menir também existem duas estelas, uma das quais se apresenta gravada (Bueno Ramírez *et al.,* 2015).

No catálogo das sepulturas referenciadas na área de estudo encontramos diversas indicações acerca da presença de esteios longilíneos no circuito ortostático daqueles monumentos. São os casos de Morouços 1 (1022), Tavelinha (1044), Vale Feito 2 (1049), Vale Mouro (1050) e Tapada da Cidade (3047), mas carecem de análise dedicada para melhor caracterização da sua morfologia e para os distinguir dos pilares de segmentação do circuito ortostático. Outros exemplos (nº 10 e 11, Figura 5.11) são ilustrados pela presença de esteios de evidente conformação antropomórfica como observado no Cabeço da Forca (4039) e no Poço do Chibo 1 (4113), situação documentada noutros monumentos, nomeadamente em Dombate (Bueno Ramírez *et al.,* 2016: 7). Esta simbologia atinge a era contemporânea (nº 13, Figura 5.11).

Em Idanha-a-Nova documentou-se outra modalidade de marcação do território mediante a reutilização de um grande dormente de mó manual, o menir de Cegonhas (Cardoso *et al.,* 1995). Esta situação foi identificada porque se pretendia comprovar a presença de um sítio de *habitat* num local com concentração anormal de dormentes e de moventes de mós manuais, à superfície (Henriques *et al.,* 1993). No espaço pesquisado, com 16 m^2 de área, marcada em torno do topo de um dormente que emergia alguns centímetros acima do solo, foi identificada estrutura de sustentação fundada em cavidade previamente aberta no substrato geológico. Além destas materialidades não foram encontrados *in situ* indícios de *habitat*. Mas, na área envolvente, não se deve excluir essa possibilidade, tendo em consideração os casos meridionais de convergência de menires com áreas de ocupação residencial (Gomes, 1997b).

A presença de elementos de moagem em cromeleques, em menires e em sepulturas está profusamente documentada, sendo usados principalmente nas fundações, de menires e de esteios, ou na estrutura dos *tumuli,* desde o Neolítico até à Idade do Bronze (Cardoso *et al.,* 1995: 10-12). Em cromeleques também estão assinalados dormentes com função individualizada, como é o caso do menir-dormente 52 do cromeleque dos Almendres (Gomes, 1997d: 32). Os três dormentes reportados no cromeleque do Xarez com comprimentos que variam entre 0,7 m e 0,93 m não foram qualificados como menires apesar da sua dimensão significativa e

forma alongada (Gomes, 2000: 103). Também foi qualificado como hipotético menir o enorme dormente de mó[77], em material granitóide, encontrado em lomba sobranceira à planície do Açafal e a sul do qual existe uma mamoa (1051, Vermelhas) sobre a mesma cumeada.

Situação diversa é a presença de pequeno menir ovóide em amontoado de pedras que formavam morouço sobre a pequena mamoa de Tremal 2 (4136), a par de uma pequena laje de contorno subcircular com três covinhas (Henriques *et al.,* 1993). Peça de morfologia idêntica foi recolhida num depósito de entulhos junto à aldeia de Rosmaninhal, e colocada provisoriamente sobre a mamoa do Cabeço da Forca. Este bétilo tem a particularidade de apresentar afeiçoamento concoidal numa das faces, ocorrência que parece reiterar uma associação simbólica entre menir e artefacto de moagem. Admite-se que esta peça provenha da demolição de alguma casa.

Um outro caso de características morfológicas atípicas está representado numa escultura em forma de sela, de aproximação zoomórfica, gravada, situada 65 m a este da sepultura do Poço do Chibo 1 (4113), em Idanha-a-Nova. O painel frontal, oblíquo, exibe uma representação esquemática composta por corpo de assimetria vertical, compartimentado em pelo menos 12 células, quase todas preenchidas com uma covinha, ao qual coalescem três círculos com covinha central. Trata-se de uma composição e temática que podemos equiparar às representadas na Pedra Partida de Ardegães (Twohig, 1981b), exibindo células com pontos e pequenos círculos concêntricos, e no Monte da Laje (Cunha & Silva, 1980), com círculos concêntricos, círculos com pontos, punhais e idoliformes, cujo balizamento cronológico foi situado entre o Calcolítico e a Idade do Bronze (Baptista, 1986: 46).

Não se teve oportunidade de comprovar a existência de menires no Monte da Muralha, em Caféde, citados em monografia local (Castela, 1996) e do exemplar de Búzio, incluído na base de dados da DGPC. Encaramos com reserva a vinculação a menir de um bloco de granito, gravado com covinhas, encontrado na ombreira de uma casa no Monte do Lucriz (Henriques *et al.,* 1995b), em Vila Velha de Ródão, apesar da vizinhança de algumas mamoas.

Importa referir a presença nesta região de sete estelas (Corgas, São Martinho 1, 2 e 3, Telhado, Zebros 1 e 2) com iconografias diversificadas que reportam a um longo período balizado entre o final do 3º milénio AC e o início do 1º milénio AC, incluindo uma rara estela antropomórfica diademada (Cardoso, 2011a).

5.5.3. Alinhamentos e cromeleques

A primeira referência a um recinto megalítico na região de Castelo Branco, situado em Fonte Fundeira, foi noticiada em 1974 na imprensa regional (Henriques, 1974). Em 1992, em complemento da publicação da planta, é descrito como sendo constituído por "quatorze monólitos em granito, mantendo-se dois em posição erecta. Em 1973 eram três os que se encontravam nas mesmas condições. Quatro monólitos têm uma feição quase paralelepipédica. Os restantes têm secções quase subcirculares e muito semelhantes às "pedras talhas" de recintos megalíticos alentejanos. Os monólitos erectos elevam-se do solo 70 a 100 cm. Estes blocos circunscrevem um afloramento granítico de planta subelíptica, com cerca de três metros de altura e vinte e seis de perímetro na base" (Henriques & Caninas, 1992). De acordo com a figura

[77] Está depositado nas instalações da AEAT em Vila Velha de Ródão. No local do achado foram observados vestígios do que poderia ser uma estrutura de sustentação daquela peça como menir.

disponível, os menires tinham uma distribuição irregular, devido certamente a deslocações provocados por lavras, mas podem aproximar-se de uma elipse com um alongamento, não canónico, na direcção norte-sul[78].

Cerca de 1 km a nordeste do Arraial do Cabeço Mouro (Idanha-a-Nova) foram reportados seis menires em rochas metassedimentares, reutilizados como marcos de termo de propriedade. Têm alturas acima do solo que variam entre 0,65 m e 1,1 m. Alguns exemplares têm inscritas as iniciais do nome do proprietário AS (António Serejo) e a data de 1919. Um destes monólitos, de configuração planar, pode ser qualificado como estela, ou estela-esteio; numa das faces conserva múltiplas gravações de difícil discriminação, entre as quais avulta um motivo idêntico ao que foi inciso num peso de tear do castro de Vila Nova de São Pedro, qualificado como "representação abstracta e simbólica de significado desconhecido", um segmento de recta que é intersectado por dois conjuntos de traços arqueados, concêntricos, com concavidades orientadas para direcções opostas (peça 3.1, figura 3, Arnaud, 2013: 454). Um outro exibe múltiplas marcas provavelmente de sucessivas passagens de arado (nº 9, Figura 5.11). Foi admitida a relação destes menires com um cromeleque desmantelado (Henriques *et al,* 1993).

Ainda na freguesia de Rosmaninhal, em Idanha-a-Nova, foram efectuadas sondagens arqueológicas em dois recintos líticos identificados no Couto da Espanhola (Henriques *et al.,* 1993) em pendente voltada a norte. Os recintos estão distanciados entre si cerca de 200 m, têm planta irregularmente circular e estão materializados por circuitos de pequenas pedras, estruturalmente heterogéneos. O contexto arqueológico destes recintos, num raio de 1 km, é caracterizado por uma densificação de vestígios arqueológicos pré-históricos com três sepulturas megalíticas, duas das quais escavadas (Couto da Espanhola 2 e 6; Cardoso *et al.,* 1995b, 1997a), um menir (Cegonhas) também identificado em sondagem (Cardoso *et al.,* 1995), quatro conjuntos de mós manuais e quatro conjuntos de rochas com covinhas.

O recinto 1, com cerca de 40 m de diâmetro, é formado em parte do seu circuito por alinhamento espaçado de pequenos menires, dos quais dois ainda se encontravam em posição erecta no final do séc. XX, sendo o restante circuito também descontínuo, mas constituído por blocos de formas variadas, parte dos quais dispostos em conjuntos sequenciais. Ao lado do menir mais alto, e situado na posição mais elevada (nº 12, Figura 5.11), existe um afloramento marcado com mais de uma dezena de covinhas.

O recinto 2 está situado em posição topograficamente inferior e tem menor controlo sobre a paisagem. Foi objecto de um programa de sondagens que permitiu caracterizar a estrutura mas que não foi conclusivo quanto à determinação da sua função e cronologia (Caninas *et al.,* 1999, 2003; Caninas & Henriques, em preparação). Este recinto tem cerca de 30 m de diâmetro e encontra-se materializado por dois alinhamentos concêntricos de pequenas pedras postas a pino apenas interrompidos no lado norte talvez devido às sucessivas entradas de charruas para lavrar o seu interior. Nas áreas sondadas foi possível verificar que aquele duplo alinhamento era envolvido na base por empedrado regular, uma solução equiparável à que se observa por exemplo no alinhamento de Tera (Rocha, 2000a) ou no embasamento do menir do Marco da Jogada (Silva, 2004). O duplo paramento de pedras fincadas seria preenchido por pedras soltas, formando um muro baixo que poderia ser alteado com taipa ou elementos vegetais. Os escassos materiais recolhidos em escavação ou à superfície, como cerâmicas dos séculos XVI-XVII, dois elementos de moagem e uma pederneira, não se encontravam em relação estratigráfica esclarecedora da cronologia da estrutura.

[78] Mário Varela Gomes informou o signatário ter executado sondagens neste local e não ter comprovada a relação daqueles monólitos com um cromeleque.

Na região em apreço apenas se conhece um paralelo para a estrutura do recinto 2 do Couto da Espanhola numa das construções circulares do Monte de São Domingos, em Malpica do Tejo, atribuídas ao final da Idade do Bronze (Cardoso *et al.,* 1998).

A existência de uma pequena cabana adjacente ao recinto, definida por muro de pedra seca adaptado a um afloramento é sugestiva quanto à interpretação do conjunto como um cercado pastoril (redil) e respectivo abrigo de pastor por analogia com exemplos arqueológicos, caso de Navan Fort, do final da Idade do Bronze, na Irlanda (Harbison, 1988: 153), e etnográficos, casos dos conjuntos corral-chozo, de arquitectura arcaica, da Alta Extremadura espanhola (Martín Galindo, 1995), dos conjuntos de fornos-currais das brandas do Alto Minho ou das malhadas de cabras de construção perecível do Sul de Portugal (Oliveira *et al.,* 1988).

5.3.4. Comentários

A leitura cartográfica destes dados, no seu conjunto, revela em primeiro lugar uma elevada concentração de vestígios no compartimento meridional do concelho de Idanha-a-Nova, em contraponto à sua escassez ou ausência noutras áreas, nomeadamente na parte ocidental da área de estudo. Tal assimetria pode dever-se à persistência das prospecções de campo e a condições de melhor conservação em áreas de exploração agro-silvo-pastoril, moderna, menos destrutivas dos vestígios arqueológicos, como são os montados, não excluindo diferenças de representação *ab initio*.

Em segundo lugar, constata-se uma elevada diversidade de menires e estelas, no que concerne às suas características intrínsecas, morfológicos e iconográficas, mas também contextuais. Contudo, os exemplares mais antigos (Neolítico) e mais próximos dos modelos meridionais foram reutilizados na Idade do Bronze ou associado a sepulturas. Esta circunstância pode indicar que a sua sobrevivência se deveu a uma reutilização (talvez de exemplares sobreviventes) durante a Idade do Bronze e que podem ter sido desmantelados muitos outros naquela época ou em época anterior (Calcolítico).

No que concerne aos recintos megalíticos esta região parece acompanhar a rarefacção daquele tipo de monumentos fora do Alentejo Central. Contudo, existem indícios da presença daquele tipo de construções na área de estudo, mas carecem de estudo aprofundado. São os casos dos recintos líticos 1 e 2 do Couto da Espanhola. É admitida a génese no Neolítico do recinto 1, com reformulação em época posterior, à qual também se poderia associar a construção do recinto 2. A analogia estrutural com uma das construções do Monte de São Domingos sugere uma cronologia pré-histórica tardia para aquelas construções. Esta hipótese cronológica é potenciada pela generalização de construções circulares de pedras fincadas, de carácter ritual ou funerário, entre o 2º milénio AC e o 1º milénio AC, na Europa Ocidental. Refiram-se a título de exemplo os pares de *stone circles* de Beaghmore, do 2º milénio AC (Scarre, 2007: 148), na Irlanda, ou dos cromeleques pirenaicos, sem *tumulus*, atribuídos maioritariamente 1º milénio AC (Peñalver, 2005).

Contudo existem alguns casos galegos de recintos líticos (Mourela, em A Corunha, e Monte Lobeira, em Pontevedra), similares ao recinto 2 do Couto da Espanhola, outrora considerados pré-históricos, devido às suas características específicas e ao contexto próximo, constituído por *tumuli,* que sondagens recentes vieram atribuir à Época Moderna (Bonilla Rodríguez & Fábregas Valcarce, 2009; López-Romero & Manãna Borrazás, 2013).

5.4. Sítios de uso quotidiano

5.4.1. Introdução

Os assentamentos residenciais, permanentes ou temporários, são pontos focais da ocupação dos territórios, no pressuposto de a partir deles se estruturarem outras actividades humanas, maioritariamente as de cariz produtivo, já que outros critérios podem ter determinado a escolha da posição, nesses territórios, dos espaços rituais e dos lugares simbólicos, estes materializados por outros tipos de construções, por grafismos rupestres ou apropriados sem marcas. A leitura que fizemos em Fratel, da ocupação do seu território durante a Pré-História Recente (Caninas *et al.,* 2017), apoia a hipótese da centralidade da ocupação do território a partir dos locais de *habitat,* mas podem ter existido outras modalidades A caracterização da ocupação do território ficará mais completa com a identificação da posição e das características das materialidades associadas às diversas actividades humanas, correspondentes a uma partição básica entre sítios, residenciais, de produção, rituais e funerários (García Sanjuán, 2005:46-57).

Neste apartado pretendemos abordar os sítios relacionados com actividades quotidianas de estada, seja de alimentação, de dormida e de trabalho. As áreas de empréstimo ou de captação de matérias-primas serão de evidência mais difícil, embora diversos autores arrisquem identificar, por exemplo, as pedreiras que abasteceram a construção de estruturas funerárias[79]. Os locais residenciais têm sido qualificados de modo diverso, como *mancha de ocupação*, *estação de ar livre* ou mais especificamente como *habitat,* naqueles casos em que a matriz de assentamento é aberta, dispersa, ou como *povoado*, nos casos em que a densidade, a dimensão ou a complexidade dessa ocupação são superiores, ou existe concentração e contenção com recurso a estruturas pétreas, qualificando-se esses espaços como *recintos muralhados* ou *povoados fortificados* consoante as perspectivas (Jorge, 2005).

Esta partição não é absoluta porque podem convergir no mesmo sítio diferentes funções, no contexto da indissociabilidade do sagrado e do profano ou da continuidade no uso do mesmo espaço, com sobreposição, por exemplo, entre estruturas funerárias e espaços residenciais. Porém, serão procuradas evidências que nos indiquem um uso predominante mesmo que não exclusivo. Um bom exemplo dessa dificuldade está representado na área de estudo pelas estruturas circulares do Monte de São Domingos (Cardoso *et al.,* 1998), qualificadas como cabanas, sugerindo um uso doméstico, mas tendo potencial valência ritual, induzida pela presença de uma urna cinerária e de um hipotético crematório.

A diferenciação entre sítios de estada e de produção, por um lado, espaços funerários e espaços dotados de expressões gráficas (imóveis), por outro, será mais fácil de estabelecer por parâmetros morfológicos e de conservação. O maior valor ontológico destes últimos poderá explicar a sua melhor conservação e, consequentemente, uma melhor diferenciação face aos restantes. Ao invés, o carácter precário dos espaços de estada e de trabalho, com uma mais deficiente conservação, devido à sua maior exposição aos factores erosivos, por razões estruturais e até topográficas, pode explicar a maior dificuldade em os identificar e discriminar. Além disso, as funções de residência e de trabalho podem ter convergido nos mesmos sítios, embora, quando dissociadas, se admita que as segundas se possam distinguir das primeiras por conterem uma menor diversidade de indicadores tipológicos.

[79] Casos da Urgueira, onde "os blocos de schisto utilizados pelos constructores da anta da Urgueira, foram extrahidos da pedreira que ainda hoje pode examinar-se 250 metros a S.O. do megalitho" (Proença Jr, 1909), e do Cimo dos Valeiros (Caninas *et al.,* 2014).

Na ausência, ou na falta de evidência, de sítios de uso quotidiano, de estada e de trabalho, as outras categorias de sítios (funerários, rituais ou simbólicos) podem considerar-se aproximações à matriz de ocupação do território, de comunidades em curso de sedentarização, de acordo com um princípio de proximidade relativa, pelo menos, entre espaços de *habitat* e espaços funerários (ver por exemplo Caninas *et al.,* 2017). Nesta linha de análise, também interessa valorar, como indicadores de ocupação do território, os numerosos instrumentos de pedra polida que Francisco Tavares de Proença Jr recolheu e a que conferiu estatuto aproximável a *sítio* (Proença Jr, 1910).

5.4.2. Os sítios

Faremos seguidamente uma caracterização dos sítios de uso quotidiano (Tabela 5.2) que foram investigados, mediante escavação, na área de estudo e zonas envolventes, com destaque para os que convergem com cronologias do 4º milénio AC e do 3º milénio AC. Serão apresentados outros, caracterizados a partir de recolhas de superfície, que proporcionam uma visão mais extensiva da ocupação deste território. Alguns dos locais que foram objecto de sondagens arqueológicas revelaram mais do que um momento de ocupação, entre o Neolítico e a Idade do Ferro. Permanecem ocultas as presenças mais antigas, atribuíveis ao Neolítico Antigo, decerto por deficiência de investigação.

Tabela 5.2. Sítios arqueológicos de *habitat* referenciados na área do estudo e zona envolvente norte

Sítios			Elevação topográfica	Morfologia	Fases de ocupação (A=antigo, I=inicial, M=médio, P=pleno, F=final)									Fonte de informação
					Neolitico			Calcolítico			Bronze		Ferro	
Nº	Topónimo	Município			A	M	F	I	P	F	I+M	F		
Caracterização apoiada em sondagem ou escavação														
1	Cabeço da Malhoeira	P	média	planalto			●							Oliveira (1998)
3	Ramalhão	P	superior	cabeço			●							Vilaça (1991)
4	Monte do Frade	P	superior	cabeço			●					●		Vilaça (1993)
6	Cachouça	IN	média	esporão			●	●				●	●	Vilaça (2007), Vilaça & Basílio (2000)
8	Cabeço Pelado	CB	superior	cabeço			●							Baptista & Henriques (1982), DGPC
11	Barrocal	CB	média	cabeço			●				●			Batista (1982a), DGPC
20	Charneca de Janome	VVR	superior	planalto			●							AEAT
21	Charneca de Fratel	VVR	superior	planalto			●	●						AEAT, Soares (1988)
22	Cabeço da Velha	VVR	superior	cabeço			●							AEAT, Cardoso *et al* (1998)
23	Monte São Martinho	CB	superior	cabeço			?					●	●	Farinha et al (1996), Vilaça (2004)
7	Monte do Trigo	IN	superior	cabeço					●	●		●		Vilaça (2008a, 2008b)
Caracterização a partir de dados de superfície														
5	Pedrichas	P	superior	cabeço			●					●		Vilaça (1993)
9	Azenha do Valjuge	CB	média	cabeço			●							Chaves (2010), Henriques (2016)
10	Casal das Águas de Verão	CB	superior	planalto			●							Henriques (2016)
12	São Roque	IN	média	planalto			●							Henriques *et al.* (1995)
13	Fonte Ferrenha	IN	média	planalto			●							Henriques *et al.* (1995)
14	Ovelheiros	IN	superior	planalto			●							Henriques *et al.* (2004)
15	Monte do Ribeiro do Gato	CB	média	planalto			●							Henriques *et al.* (1995)
16	Atalaia	VVR	superior	planalto			●							Henriques *et al.,* (2008)
17	Monte do Pinhal	VVR	superior	planalto			●							Henriques *et al.,* (2008)
	Serranos	VVR	superior	planalto			●							Henriques *et al.,* (2008)
	Cabeça D´ Ega	VVR	superior	planalto			●							Henriques *et al.,* (2008)
18	Monte do Chaparral	VVR	superior	planalto			●							Henriques *et al.,* (2008)
19	Monte da Charneca	VVR	superior	planalto			●							Henriques & Caninas (1986)
24	Lameira de Caria	CB	indeterminada				●							Proença Jr (1910)
2	Castelo de Penamacor	P	superior	cabeço				●						Silvério *et al. (* 2004); Vilaça (2008)

Municípios: CB = Castelo Branco; IN = Idanha-a-Nova; P = Penamacor; VVR = Vila Velha de Ródão.

A norte da área de incidência deste estudo, embora fora da mesma, devem ser referidas, pela relevância dos resultados ali obtidos, as sondagens efectuadas em diversos sítios do concelho de Penamacor. O Cabeço da Malhoeira, o Ramalhão, o Monte do Frade, que foram escavados, e ainda o Castelo de Penamacor e Pedrichas, têm de comum a especificidade topográfica de se situarem em cabeços dispostos segundo um amplo alinhamento de orientação oblíqua, que prolonga para noroeste a linha de cumeada quartzítica da serra do Ramilo (Idanha-a-Nova), como que formando uma frente entre dois territórios (1 na Figura 5.13, sítios 1 a 5). De facto, a sugestão de um efeito de fronteira, geográfica, entre o Norte e o Sul de Portugal (Ribeiro *et al.,* 1987) é evidenciada pela posição, a norte desta linha, das terras altas planálticas, situadas a leste da Guarda, em contraponto às terras baixas e depressionárias posicionadas a sul do mesmo alinhamento.

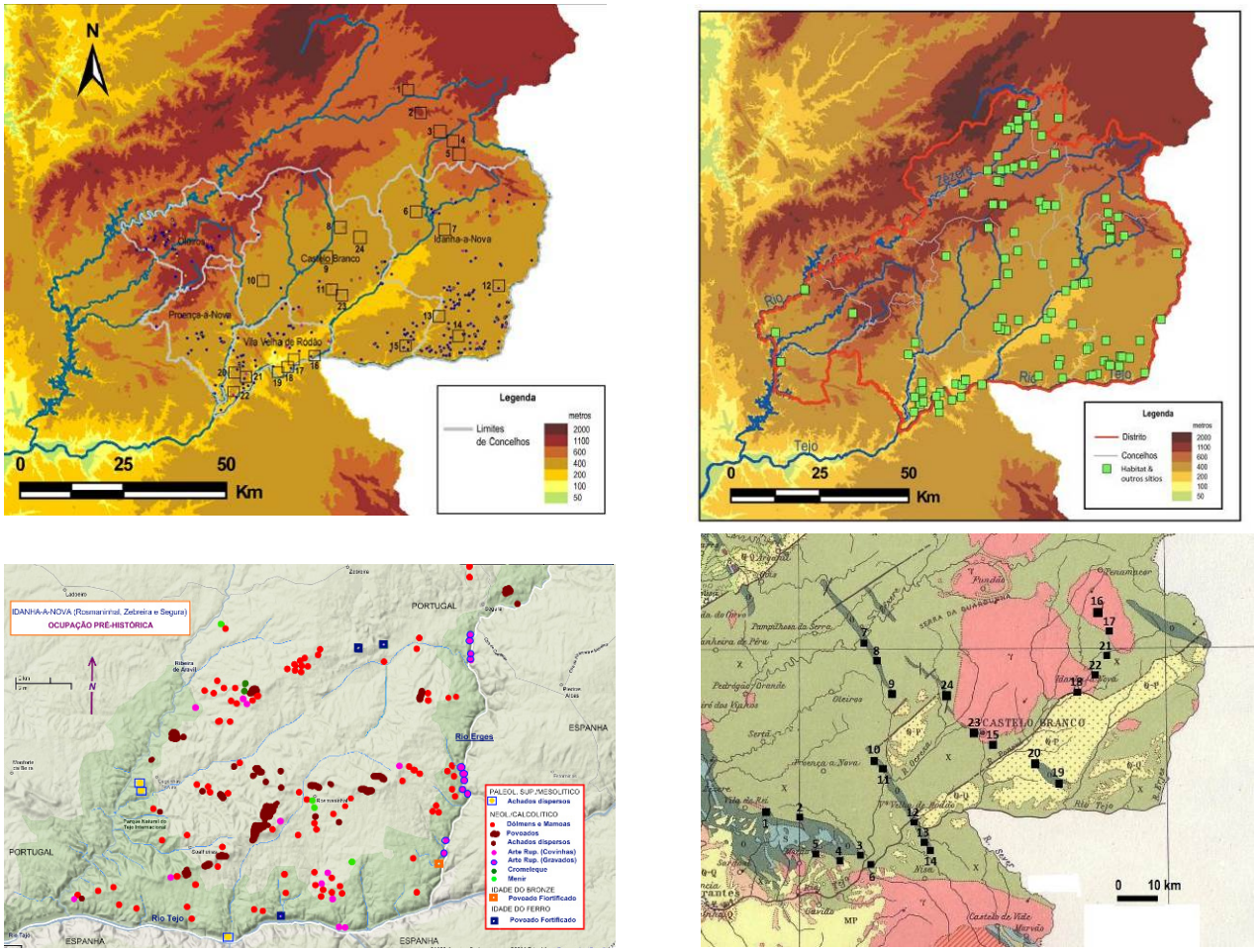


Figura 5.13. (1) Em cima à esquerda, distribuição dos sítios de *habitat* citados no texto e identificados na Tabela 5.2 com o mesmo número de ordem: 1 Cabeço da Malhoeira; 2 Castelo de Penamacor; 3 Ramalhão; 4 Monte do Frade; 5 Pedrichas; 6 Cachouça; 7 Monte do Trigo; 8 Cabeço Pelado; 9 Azenha de Valjuge; 10 Casal das Águas de Verão; 11 Barrocal; 12 São Roque; 13 Fonte Ferrenha; 14 Ovelheiros; 15 Monte do Ribeiro do Gato; 16 Atalaia; 17 Monte do Pinhal, Serranos e Cabeça d´Ega; 18 Monte do Chaparral; 19 Monte da Charneca; 20 Charneca de Janome; 21 Charneca de Fratel; 22 Cabeço da Velha; 23 Monte de São Martinho; 24 Lameira de Caria. (2) À direita, distribuição de ocorrências do mesmo tipo registadas no Endovelico (segundo dados de 2011). (3) Sítios da Pré-História no Rosmaninhal, Idanha-a-Nova, com locais de *habitat* assinalados com manchas castanhas (Henriques & Caninas, 2009b). (4) Em baixo à direita, ocupações pré-históricas de altura (Henriques *et al.,* 2016b): 1 Castelo da Amêndoa; 2 Castelo do Santo; 3 Castelo Velho da Zimbreira; 4 Castelo Velho de Vale de Grou; 5 Castelo Velho do Caratão; 6 Castelejo de Gardete; 7 Orvalho; 8 Portelo; 9 Picoto; 10 Catraia Cimeira; 11 Chão de Galego; 12 Portas de Ródão; 13 Galiana; 14 São Miguel; 15 Monte de São Martinho; 16 Alegrios e Moreirinha; 17 Monsanto; 18 Castelo de Idanha-a-Nova;19 Castelo de Monforte; 20 Castelo da Serra do Carregal; 21 Cabeço dos Mouros; 22 Monte do Trigo; 23 Castelo de Castelo Branco; 24 São Brás.

O Monte do Frade, um cabeço granítico alongado que emerge na paisagem, ofereceu duas fases de ocupação separadas por um lapso de tempo de cerca de dois milénios, sendo a mais recente e mais expressiva do Bronze Final, em posição sobranceira, e a mais antiga do Neolítico / Calcolítico, temporária, em posição periférica e subjacente àquela (Vilaça, 1993). A escavação documentou dois empedrados (pisos ou lareiras) subcirculares e uma fossa. Entre o espólio recolhido os líticos são escassos, incluindo um bidormente/polidor, uma goiva, uma conta discóide (encontrada num dos empedrados) e um fragmento de lâmina retocada, em sílex. A cerâmica, toda alisada, reparte-se por três formas de um único tipo "esférico de boca mais ou menos fechada", sendo 30% exemplares decorados com motivos que têm paralelos em contextos neolíticos, "de tradição neolítica" (caso dos puncionamentos) e calcolíticos, tanto no Norte, do território continental de Portugal, como no Sul. Entre os exemplares documentados refira-se, num caso, a aplicação de botões no bordo e a incisão de reticulados e de linhas quebradas paralelas, noutro caso, a aplicação de incisões perpendiculares ao bordo a par de puncionamentos em linhas paralelas no bojo, e num terceiro caso, a presença de linhas paralelas incisas. Amostra de carvões, relacionados com o uso de um dos empedrados, forneceu data calibrada na segunda metade do 4º milénio AC, mais antiga do que sugere a globalidade da cerâmica decorada.

O sítio do Ramalhão, um cabeço granítico isolado e com bom destaque na paisagem, foi noticiado como tendo materiais da Idade do Bronze / Idade do Ferro, em posição topográfica sugestivamente elevada, razão pela qual foi investigado por Raquel Vilaça no âmbito da sua tese (Vilaça, 1995). Porém, as sondagens ali efectuadas revelaram uma única ocupação, mais antiga, do Neolítico Final / Calcolítico, também admitida como dispersa e precária (Vilaça, 1991). Estes trabalhos foram considerados insuficientes para caracterizar a organização espacial daquela presença. Foi detectada uma única estrutura, negativa (fossa). Entre o espólio, fragmentado, recolhido em escavação ou à superfície, com ausência de metais, referem-se: entre mós manuais, dormentes (três) e moventes (sete), um destes também reutilizado como percutor/bigorna; lascas (quatro) e lâminas (três), sem retoque; entre a pedra polida, machados (dois), enxós (uma) e peças indeterminadas (duas), talvez os "seixos naturais utilizados como instrumentos" como refere a autora; uma conta de colar, discóide, com furo central, em xisto; um conjunto morfologicamente diversificado de cerâmica, repartida por nove tipos, muito fragmentada e rolada, maioritariamente de superfícies alisadas, com ausência de asas, oferecendo uma maioria (73%) de recipientes esféricos e em calote, com paralelos a Norte (onde os esféricos calcolíticos abundam na forma decorada) e a Sul, uma presença diminuta de taças carenadas (<3%), forma abundante no Neolítico / Calcolítico do Sul e rara no Norte, e os fundos planos, correspondentes a vasos ovóides ou troncocónicos (<3%), raros no Sul e comuns no Norte e na Meseta. A cerâmica decorada, com elementos plásticos (mamilos sob o bordo) e motivos incisos (triângulo) e puncionamentos simples (no interior do triângulo), também representado em exemplar da Cabeça Pelada, é escassa (~1%). Este acervo sugeriu à investigadora uma ocupação balizável na primeira metade do 3º milénio AC (Vilaça, 1991: 26).

O Cabeço da Malhoeira (Oliveira, 1998) é descrito como sendo um relevo suave integrado em planalto rodeado de relevos mais elevados, sobranceiro à ribeira da Meimoa. De entre o espólio cerâmico e lítico encontrado à superfície, antes das sondagens, são relevados 23 pesos (de tear ou de pesca) obtidos sobre seixos rolados com entalhes laterais. As estruturas postas à vista na área pesquisada são um alinhamento de pedras definindo o contorno arqueado de um fundo de cabana, uma "estrutura de armazenamento", trapezoidal, definida por pedras posta a pino, uma das quais um dormente de mó, e uma "lareira" subcircular também delimitada por pedras postas a pino, com nove dormentes de mó, em granito, e dois blocos de quartzito, preenchida de modo ordenado por duas camadas de fragmentos cerâmicos, a segunda com barro cozido, seguindo-se um camada de terra e carvões assente sobre um lajeado parcial no fundo da estrutura.

Foram identificadas outras estruturas positivas e negativas ("buracos"). O espólio recolhido, lítico e cerâmico com ausência de metais, é diversificado. A autora (Oliveira, 1998: 248-251) refere lamelas, lâminas, furadores, pontas de seta (base côncava e recta embora publique uma de base convexa), quantidade elevada de pesos de entalhes laterais, mós manuais e bigornas, machados, enxós e novamente contas de colar (uma discóide e outra bitroncocónica). Entre o espólio cerâmico são destacados os pesos rectangulares e os recipientes na forma de taças, esféricos, globulares e troncocónicos. As decorações são plásticas, incisas e impressas, com referência a motivos penteados, pontilhados, unguliformes, pequenos círculos, triângulos e pastilhas repuxadas. É caracterizado como ocupação de natureza habitacional entre o Neolítico Final e o Calcolítico. Foi obtida data de Radiocarbono do início do 3º milénio AC.

Em Pedrichas (Vilaça, 1993: 509), também considerado um povoado de altura, além de cerâmicas do Bronze Final foram recolhidas outras, com puncionamentos, do Neolítico Final ou já calcolíticas. Vestigiais são também os indícios de presença calcolítica no Castelo de Penamacor, a partir da ocorrência de fragmento de cerâmica com decoração plástica e penteada (linhas onduladas), a par de diversa indústria lítica incluindo lamela retocada, dois raspadores, lascas, em sílex, e dois percutores, em anfibolito (Silvério *et al.,* 2004: 537-538; Vilaça, 2008).

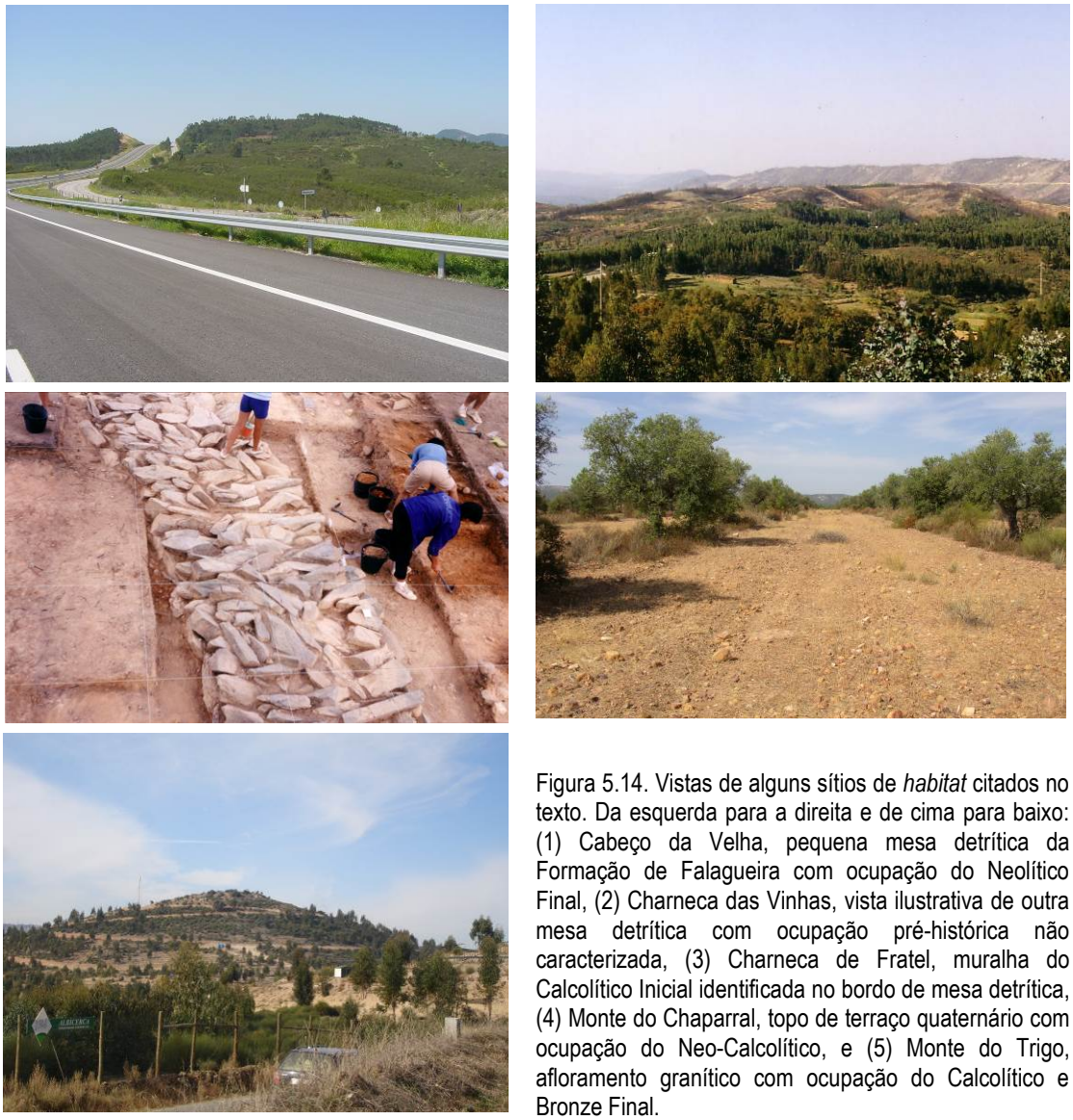


Figura 5.14. Vistas de alguns sítios de *habitat* citados no texto. Da esquerda para a direita e de cima para baixo: (1) Cabeço da Velha, pequena mesa detrítica da Formação de Falagueira com ocupação do Neolítico Final, (2) Charneca das Vinhas, vista ilustrativa de outra mesa detrítica com ocupação pré-histórica não caracterizada, (3) Charneca de Fratel, muralha do Calcolítico Inicial identificada no bordo de mesa detrítica, (4) Monte do Chaparral, topo de terraço quaternário com ocupação do Neo-Calcolítico, e (5) Monte do Trigo, afloramento granítico com ocupação do Calcolítico e Bronze Final.

Um outro conjunto regional, de abordagem relevante pela informação proporcionada, embora insuficientemente publicada, situa-se na envolvente do Tejo (1 e 2 na Figura 5.13 e 5.13), no chamado território de Fratel que foi objecto de abordagem espacial (Caninas *et al.,* 2017), com destaque para os sítios do Cabeço da Velha e da Charneca de Fratel. A Charneca de Janome foi também objecto de sondagens mas a informação ainda não se encontra tratada. Na continuidade da ocupação da envolvente do rio Tejo existem inúmeras posições, para montante, na chamada Charneca de Ródão (Henriques *et al*., 2008), no enclave de Malpica do Tejo e Monforte da Beira, em Castelo Branco (Henriques *et al.,* 1995), e no enclave de Rosmaninhal, em Idanha-a-Nova (Henriques & Caninas, 2009b). Estes sítios oferecem densidades artefactuais muito variadas, o que pode ser consequência do grau de revolvimento provocado pelas lavouras, mas também pela intensidade da ocupação dos respectivos espaços.

O Cabeço da Velha (Vila Velha de Ródão) é um relevo detrítico que se apresenta actualmente na forma de um cabeço (1 na Figura 5.14) com reduzida superfície aplanada no topo e um suave vale com drenagem para sudeste. Fez parte de extensa superfície de acumulação detrítica (Formação de Falagueira) anterior à incisão da rede hidrográfica do rio Tejo, que se encontra actualmente reduzida, no território de Fratel, a cinco relevos isolados, de forma amesetada, sendo este o de menor dimensão. A sua posição, sobranceira à parte sudeste do território de Fratel, entre o rio Tejo e o rio Ocreza, confere-lhe posição privilegiada de controlo visual da envolvente o que pode explicar o topónimo *Cabeço da Velha* que consideramos ser deturpação de *Cabeço da Vela*. A sondagem (Cardoso *et al,* 1998) efectuada em ponto situado imediatamente a sul do vértice geodésico, na cabeceira de pequeno vale, revelou um único nível de ocupação, embora não episódico, correspondente a uma ocupação continuada durante um lapso de tempo indeterminado[80]. Poderia tratar-se de um sítio de actividade especializada na caça e pesca em associação à rede de povoamento local (Caninas *et al.,* 2017).

O espaço sondado coincidiu com unidade habitacional coerente e complexa quanto à diversidade das estruturas (positivas e negativas) postas à vista, em bom estado de conservação apesar de se situarem a pequena profundidade (25 cm no caso dos cinzeiros), numa parcela de terreno ocupada com oliveiras. Foi identificada uma cabana, evidenciada por alinhamento de blocos que delimitavam paravento contra os ventos predominantes do quadrante noroeste, e diversas subestruturas associadas como buracos de poste (três), empedrados de combustão (três) e fossas preenchidas com cinzas (duas). Os materiais arqueológicos, líticos e cerâmicos, relativamente abundantes e diversificados, concentravam-se a sul e sudoeste da cabana e das subestruturas identificadas, concordante com a sua função habitacional.

Os instrumentos ali recolhidos sugerem grupo com vocação cinegética. Releva-se a ausência de elementos de moagem e a presença de um único machado em anfibolito, fragmentado, com vestígios de uso no gume, recolhido à superfície. Em reconhecimentos efectuados após aquela sondagem foram recolhidos pesos de rede[81] na forma de seixos de entalhes laterais. As cinco pontas de seta recolhidas, de pequena dimensão (entre 3 cm e 2 cm de comprimento) são de base convexa (quatro) e triangular (uma). O sítio ofereceu um conjunto micro e macrolítico, em sílex e quartzito, diversificado com raspadeiras e raspadores, furadores, denticulados, lâminas, lamelas, lascas retocadas, geométricos (triângulo e trapézio), truncaturas e núcleos de lascas e de lamelas. A cerâmica de que foram caracterizados 102 exemplares "é dominada por formas simples, esféricas ou ovóides, sendo raros os exemplares pertencentes a formas consideradas especializadas (pratos, taças de bordo

[80] A reduzida área de escavação não permite sustentar a possibilidade deste local ter sido utilizado em sucessivos episódios sazonais, próximos entre si no tempo histórico.

[81] Esta função é mais concordante com o conjunto artefactual obtido apesar de também ser atribuída a este tipo de peças uma função relacionada com a tecelagem, em contextos do final da Pré-História Recente.

espessado, taças carenadas)" (Cardoso *et al.,* 1998b). Registam-se quatro fragmentos de vasos de fundo plano (um prato e três vasos altos). A decoração plástica (dois casos com um mamilo) e incisa (um bordo denteado com três sulcos horizontais paralelos abaixo do bordo) ocorre em apenas três exemplares.

Ao contrário do sítio anterior, que foi publicado de modo completo, dispõe-se de informação sumária (Soares, 1988) acerca das sondagens executadas em vários pontos do *habitat* da Charneca de Fratel onde se documentou uma maior diacronia de ocupação estruturalmente mais complexa. O sítio arqueológico dispersa-se sobre um extenso planalto detrítico (Formação de Falagueira), o mais extenso dos cinco que se conservam no território de Fratel, todos com ocupação pré-histórica (Caninas *et al.*, 2017). As sondagens permitiram documentar uma primeira fase de ocupação, dispersa mas extensa, correspondente ao Neolítico Final. Em local específico da periferia daquele planalto, onde os trabalhos atingiram maior área de escavação, foi documentada a sobreposição daquela fase por uma muralha (3 na Figura 5.14) atribuível ao Calcolítico Inicial (fase 2). Na opinião dos escavadores foi identificada uma terceira fase, não especificada (Soares, 1988), talvez da Idade do Bronze, sobreposta à estrutura murária. A escavação neste sector revelou a base pétrea de uma muralha com um bastião, formada por engrenado de grandes blocos de metassedimentos, dispostos em posição horizontal e integrando elementos de moagem, a qual seria alteada com argila, evidenciada pela presença de barro queimado. De entre os artefactos líticos recolhidos (sílex e quartzito) são referidas lâminas retocadas, raspadores sobre lâminas, pontas de seta de base côncava, instrumentos de pedra polida, pesos de rede e elevada quantidade de mós manuais. Da cerâmica, essencialmente lisa, a notícia destaca taças de bordo espessado internamente e taças carenadas com decoração impressa. Noutro local, à superfície foi recolhido um peso de tear rectangular com quatro furos nas extremidades. A informação disponível indica um sítio de longa ocupação, talvez um lugar central na rede de povoamento do território de Fratel, aparentemente, com uma forte relação com a produção agrícola.

No território de Fratel foram identificados vestígios de povoamento nas restantes mesas detríticas (Charneca de Vilar de Boi e Charneca das Vinhas), com destaque para a Charneca de Janome, e uma ocupação, aparentemente mais tardia, atribuível à Idade do Bronze, sobre um suporte geológico e morfológico distinto dos anteriores, o aplito chamado *Castelejo* de Gardete[82] (nº 6 na Figura 5.13-4). Para leste, na chamada Charneca de Ródão[83], sobre formações detríticos cenozóicas, incluindo depósitos de terraço com cascalheiras de calhaus rolados, foram identificados inúmeros locais com evidências de ocupação. Estes sítios distribuem-se maioritariamente sobre depósitos do terraço fluvial mais elevado, o T1 (Cunha *et al*., 2008), e na periferia de vasta área de exploração de ouro aluvionar (Henriques *et al.,* 2011b) testemunhada de modo mais visível em extensos amontoados de calhaus e blocos de quartzito muito rolados (conheiras). Referem-se apenas algumas dessas ocorrências.

O sítio do Monte da Charneca, um dos primeiros a ser identificado nesta zona (Henriques & Caninas, 1986), situa-se num terraço sobranceiro ao rio Tejo, tendo então revelado cerâmica, indústria lítica em sílex, instrumentos de pedra polida e uma conta de colar. A sepultura megalítica mais próxima situa-se a mais de 2 km de distância. No Monte do Chaparral (4 na Figura 5.14), em 18 pontos de amostragem, observados em 2006, numa área de cerca de 50 hectares, no topo e periferia de extenso terraço, foram observados diversos tipos de instrumentos de pedra lascada, em quartzito e sílex, instrumentos de pedra polida, elementos de moagem e pesos de rede com entalhes laterais. Estes núcleos de achados também coincidem com clastos de

[82] Base de dados da Carta Arqueológica de Vila Velha de Ródão (AEAT).

[83] Os sítios caracterizados neste apartado têm como fonte de informação a carta arqueológica de Vila Velha de Ródão coordenada por Francisco Henriques, actualizada no âmbito do Plano Director Municipal de Vila Velha de Ródão e em preparação para publicação.

rochas metassedimentares (xisto e grauvaque), talvez resultantes da destruição pela lavoura de pequenas estruturas. A indústria de pedra lascada em quartzito e os elementos de moagem são recorrentes em toda a área. A cerca de 1 km de distância foi identificada uma mamoa. As características ocupacionais e artefactuais são idênticas noutros trechos de depósitos de terraço da Charneca de Ródão, nomeadamente no Monte do Pinhal, na plataforma assinalada pelo vg Serranos, na Cabeça d´Ega e em Atalaia (em nível de aplanamento do T1, segundo Carvalho *et al.,* 2006), incluindo-se outros artefactos como bigornas e percutores. Na vizinhança deste último sítio existia a *anta* do Farranhão (1014).

Acompanhando a envolvente do rio Tejo para montante, no enclave situado entre aquele rio e os rios Ponsul e Aravil, em território pertencente às povoações de Malpica do Tejo, Monforte da Beira e Lentiscais, são reduzidas as evidências de povoamento Neo-Calcolítico identificadas até ao momento (Henriques *et al.,* 1995), exclusivamente por insuficiência de pesquisa, e excluindo os sítios de ocupação mais tardia (4 na Figura 5.13) da serra de Monforte, em Castelo (Canas, 1999; Vilaça, 1995) e em *Castelo da Serra do Carregal* (Henriques *et al.,* 2016b). O sítio mais expressivo, Monte do Ribeiro do Gato (1 em Figura 5.13) foi evidenciado pelo achado, à superfície, de elementos de moagem, instrumentos de pedra polida e cerâmica. Até 1,5 km de distância em torno deste sítio foram identificadas três estruturas funerárias. Além deste conhecem-se ocorrências, isoladas ou dispersas, de elementos de moagem e de instrumentos de pedra polida que não permitem uma caracterização funcional mais precisa. Neste território são mais numerosas as ocorrências coevas relacionadas com estruturas funerárias.

Para montante, em relação ao curso do rio Tejo, o enclave seguinte é balizado por este rio e pelos seus afluentes Erges e Aravil. Este território, que corresponde à totalidade da freguesia de Rosmaninhal (Idanha-a-Nova) e parte das freguesias de Zebreira e Segura, é caracterizado por uma densa rede de ocorrências da Pré-História Recente (3 na Figura 5.13), na qual, para além das sepulturas megalíticas, se conhecem inúmeros sítios com grafismos, tanto no planalto onde predominam as covinhas (Henriques *et al,* 1995b) como nas margens do rio Erges onde dominam os antropomorfos esquemáticos (Henriques *et al.,* 2011) e as figuras circulares (Nobre, 2008), e vestígios de *habitat,* evidenciados por achados dispersos e por manchas de ocupação, em alguns casos muito extensas, de que iremos referir apenas as principais, de modo ilustrativo. Ao contrário do que foi observado em Fratel (Caninas *et al.*, 2017), em Rosmaninhal a correlação espacial entre sítios de *habitat,* situados também invariavelmente sobre depósitos cenozóicos, e sepulturas megalíticas parece ser mais assimétrica.

O sítio arqueológico denominado Ovelheiros[84] (Henriques *et al.,* 2004) situa-se num extenso planalto detrítico (com cerca de 2 km de amplitude), que integra a chamada "serra"[85], num trecho situado entre aquele vg, o vg Guedelha e Vale Mosteiro, na parte central do território de Rosmaninhal. É uma das mais extensas manchas de ocupação, dispersa, embora com núcleos de maior densidade de materiais, evidenciada pela presença de núcleos e lascas em quartzito, elementos de moagem (moventes e dormentes), os tipos dominantes em quantidade, bigornas, percutores, instrumentos de pedra polida (machados e enxós)[86] e fragmentos de cerâmica em menor quantidade. A identificação dos materiais tem sido potenciada pelas lavouras e os materiais identificados são um simples amostra da quantidade e diversidade potencial desta área em termos povoamento disperso. Na envolvente deste sítio estão referenciadas inúmeras sepulturas megalíticas. Ao

[84] Referência ao vg homónimo que deturpou o verdadeiro nome de Abelheiros.

[85] Constituída maioritariamente por arenitos, conglomerados e siltitos da Formação de Cabeço do Infante, do Paleogénico, sobre a qual se conservam retalhos menos extensos da Formação de Falagueira, do Pliocénico (Romão *et al.,* 2010).

[86] No reconhecimento efectuado em 11 de janeiro de 2003 foram observados sete exemplares (Henriques *et al.,* 2004). A área tem sido pilhada por curiosos que recolhem sobretudo este tipo de instrumentos.

longo da superfície culminante, planáltica, da "serra", que percorre diagonalmente o território de Rosmaninhal entre o Aravil e o Erges, existem outros assentamentos, para nordeste e sudoeste do sítio de Ovelheiros, aparentemente com menor extensão. Dois desses sítios, Bastarda[87] (Henriques *et al,* 1998) e Capitão[88] (Henriques *et al,* 1993), são sobranceiros, em lados opostos, a uma importante portela, de passagem entre o vale de Soalheiras a norte da "serra" e a superfície de erosão situada entre aquela "serra" e a margem do rio Tejo, com passagem por Alares, onde se conhecem inúmeras sepulturas megalíticas.

Em planalto detrítico sobranceiro ao Aravil, em Porto dos Barros, entre aquela ribeira e o ribeiro do Concelho, na parte noroeste do território de Rosmaninhal, identificou-se outra presença do mesmo tipo, Fonte Ferrenha (Henriques *et al.,* 2004), em área de lavoura ocupada por olival. Neste sítio predomina a indústria lítica em quartzito mas também marcam presença elementos de moagem, percutores, instrumentos de pedra polida[89] e cerâmica. As sepulturas megalíticas mais próximas situam-se vários km para nordeste, sobre a mesma formação geológica, detrítica, aplanada, no Couto da Espanhola e no Amieiro (Cardoso *et al.,* 2003). Coincidente com a "necrópole" do Couto da Espanhola foi identificada elevada quantidade de elementos de moagem, alguns de grandes dimensões (Henriques *et al.,* 1993: 100; Caninas & Henriques, em preparação). Foi executada sondagem num desses locais, para confirmar a presença de *habitat,* tendo sido revelado caso de reutilização ritual de grande dormente posto a pino como menir (Cardoso *et al.,* 1995). Não foi documentada a existência de *habitat* mas também não foi demonstrada a sua inexistência, apesar da carga simbólica e ritual que caracteriza este sítio (Figura 5.15). A reutilização de elementos de moagem é comum em Pré-História, seja em contexto ritual, integrando os materiais de construção de sepulturas megalíticas, ou como no caso agora citado, convertido em menir, ou em contexto residencial como é o caso da estrutura de lareira, já citada, do povoado do Cabeço da Malhoeira, estruturado quase exclusivamente com mós (Oliveira, 1998).

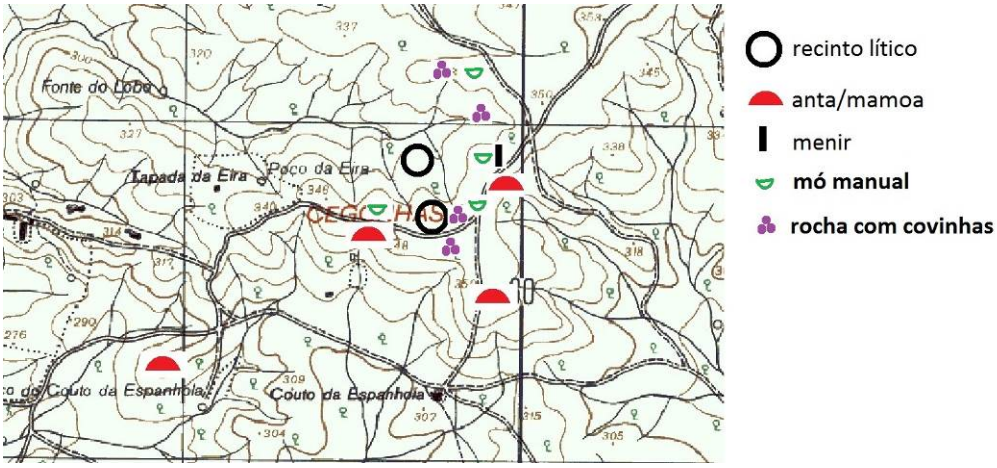


Figura 5.15. Sítio do Couto da Espanhola (Caninas & Henriques, em preparação).

Noutra plataforma detrítica, situada na parte nordeste deste território, em local sobranceiro à capela de São Roque e ao vale da Enxacana, foram recolhidos por Vitor Camisão pelo menos seis machados e quatro enxós, de secções quadrangulares e ovais, de acordo com registo de 10 de maio de 2003 (Henriques *et al.,* 2004). Fora ali referenciado anteriormente (Henriques *et al.,* 1998) o achado de outro instrumento de pedra

[87] Aqui foram observados seis moventes, dois dormentes de mós manuais e fragmentos de cerâmica.
[88] Aqui foram observados vários fragmentos de moventes de mós manuais, lascas em quarzito e fragmentos de cerâmica.
[89] Quatro exemplares observados em 13 de dezembro de 2002 (Henriques *et al.,* 2004).

polida, dois elementos de moagem e cerâmica. Nas proximidades existem vestígios de uma sepultura pré-histórica.

Na área noroeste do concelho de Idanha-a-Nova são relevantes para esta abordagem os resultados das sondagens arqueológicas dirigidas por Raquel Vilaça nos sítios da Cachouça e do Monte do Trigo, bem diferenciados do ponto de vista da sua inserção topográfica e com reocupações em diferentes momentos da Pré-História Recente.

O povoado da Cachouça (Vilaça, 2007; Vilaça & Basílio, 2000) situa-se em esporão sobranceiro ao rio Torto, à Barroca da Canada e à depressão onde se instalou a albufeira da barragem Marechal Carmona. Neste local foi identificada uma ocupação do Bronze Final / Ferro inicial[90], associada a uma estrutura em forma de talude de pedra e terra, de planta elíptica com diâmetros de 39 m e 26 m[91]. Releva-se o facto desta posição topográfica, intermédia, se distinguir da maioria dos assentamentos em relevos culminantes reconhecidos para o Bronze Final desta região, à excepção do Monte de São Domingos (Cardoso *et al.,* 1998). Foram também obtidos em escavação vestígios de uma presença menos expressiva atribuível ao Neolítico Final / Calcolítico, qualificada como episódica, em face da escassa e pouco diversificada indústria lítica (pontas de seta de base recta, triangular e côncava, elemento de foice, furador, lamelas, lascas retocadas e lascas com entalhes) e cerâmica (recipientes globulares ou em calote, por vezes com mamilos) ali recolhidas. Na envolvente deste povoado, na albufeira da referida barragem, existem restos de necrópole megalítica de cinco sepulturas monticulares com características diversificadas (dimensão e tipo de câmaras funerárias) e rochas com covinhas. A distância mínima entre este assentamento Neo-Calcolítico e a necrópole megalítica é de 3 km.

No Monte do Trigo (Vilaça & Cristovão, 1995; Vilaça, 2008a), um pico granítico bem elevado na paisagem, foi identificada ocupação mais antiga, mal conservada, correspondente a duas etapas, uma do Calcolítico Pleno, evidenciado pela presença de pratos e taças de bordo espessado e pesos cerâmicos, e outra do Calcolítico Final, documentada por quatro fragmentos de cerâmica campaniforme, reportáveis ao estilo marítimo na variante internacional. O primeiro destes momentos é anterior e o seguinte é coevo de uma muralha, sobre a qual se registou ocupação do Bronze Final, documentada por materiais cerâmicos, metálicos e eventualmente os elementos de moagem detectados à superfície. As cerâmicas recolhidas em escavação, lisas na sua maioria, evidenciam afinidades culturais meridionais e setentrionais, incluindo prato de bordo almendrado, taça de bordo espessado, pesos de tear em crescente e paralelepipédicos. Os exemplares decorados, com motivos incisos, impressos e penteados, integram unguliformes, pontilhados, penteados, e a já referida temática campaniforme. O instrumental lítico, em pedra lascada, é reduzido, com destaque para lascas, restos de talhe, raspadeira sobre lâmina e pequena ponta de seta de base côncava. As duas datas de C^{14}, correspondentes a momento anterior e a momento coevo da muralha, calibradas para 2 sigma, oferecem elevado desvio padrão, apontando para lapso de tempo entre a segunda metade do 4º milénio e a primeira metade do 3º milénio AC.

Ocupações posteriores ao 4º milénio AC e ao 3º milénio AC ganham expressão apenas no final do 2º e início do 1º milénio AC, quase sempre em locais elevados, de difícil acesso e bom controlo visual sobre o

[90] Em cujo contexto se destacam as cerâmicas a torno de influência fenícia.

[91] A dimensão geral e a presença de estruturas pétreas com dois paramentos dotada de um empedrado basal adjacente à face exterior aproximam esta construção, em termos de forma, de um dos círculos líticos do Couto da Espanhola (Caninas & Henriques, em preparação), além da adjacência de rochas com covinhas e da presença de uma cabana. Em ambos os casos é admitido o alteamento daquela estrutura com argila.

território[92], dotadas de estruturas precárias "polarizadas em lareiras" e ausência de muralhados robustos[93]. Os tipos cerâmicos evidenciam franca abertura ao exterior, trans-regional (interior, litoral, setentrional e meridional) e trocas à escala europeia, atlântica e mediterrânica. São considerados povoados de pequena dimensão, atingindo máximos de 200 residentes em Alegrios e Moreirinha (Vilaça, 1995c, 1995d) e mínimos de 8 a 20 indivíduos por exemplo em Monte do Frade[94] (Vilaça, 1995b). Os sítios de maior dimensão têm na produção metalúrgica uma das suas características mais vincadas, além da tecelagem e moagem. Além da Moreirinha, dos Alegrios, de São Gens (Vilaça *et al.,* 1999) foram identificadas ocupações coevas nos já referidos locais frequentados em épocas anteriores como o Monte do Frade, o Monte do Trigo e a Cachouça e também indiciadas no Castelo de Idanha-a-Nova (Batista, 1982b).

Os dados sobre povoamento são menos representativos na área do município de Castelo Branco, a norte do Ponsul, exclusivamente por insuficiência de investigação. De facto as escassas sondagens executadas em sítios considerados de *habitat* como São Martinho, Barrocal e Cabeça Pelada, a par de achados de superfície, indicam a possibilidade da sua ocupação a partir do Neo-Calcolítico.

Essa ocupação mais antiga é admitida no Monte de São Martinho, a partir do achado de instrumentos de pedra polida e indústria lítica[95] (Vilaça *et al.,* 2004: 58), embora a sua principal utilização corresponda ao final do 2º e início do 1º milénios AC, em linha com o tipo de implantação topográfica de sítios coevos, evidenciada por artefactos cerâmicos, e com menor expressão, líticos e metálicos (Farinha *et al.,* 1996), e principalmente por duas estátuas-menir e por um menir gravados com iconografias da Idade do Bronze. O sítio pode ter sido convertido à função religiosa a partir da romanização (Cristovão, 2004), sendo retomada pelo cristianismo, com a construção da capela de São Martinho, pelo menos a partir do séc. XVI. A noroeste de São Martinho, no sítio do Castelo (Castelo Branco) também foi indiciada ocupação remontável à Idade do Bronze (Batista, 1982c)

A ocupação pré-histórica do magnífico maciço rochoso do Barrocal (Neto de Carvalho & Rodrigues, 2015), situado na área periurbana da cidade de Castelo Branco, carece de uma melhor caracterização. Os dados de superfície (cerâmicas lisas, cerâmicas decoradas e machados de pedra polida) identificados pelos seus descobridores (Batista, 1982a; Henriques, 1982) sugerem cronologia do Neo-Calcolítico embora Fernando Augusto Pereira da Silva a atribua à Idade do Bronze, a partir das sondagens de emergência que ali efectuou em 1991 (CNS 1681, no Portal do Arqueólogo, http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/). Cerca de 5 km para leste de Castelo Branco, em torno da Pedra da Garalheira (Leitão, 1982a), um afloramento granítico[96] destacado na paisagem planáltica onde se insere, também foram encontrados artefactos em sílex, instrumentos de pedra polida e cerâmica que sugerem uma ocupação neo-calcolítica. A anta da Capa Rota situa-se a menos de 1 km de distância deste sítio.

A norte destes dois sítios a Cabeça Pelada revelou abundância de materiais arqueológicos tanto no cimo do relevo, como nas suas vertentes e no sopé. Aquando das primeiras notícias (Baptista & Henriques, 1982) e em trabalhos posteriores (CNS 6841, no Portal do Arqueólogo, http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/), no

[92] São excepções, como referido, a Cachouça e o Monte de São Domingos.
[93] Contudo, na área de estudo, nomeadamente na área montanhosa ocidental, existem diversos sítios atribuídos ao Bronze final caracterizados pela presença de robustas muralhas e taludes (Félix *et al*., 2017; Henriques *et al*., 2016b).
[94] Talvez uma simples atalaia como São Gens (Vilaça *et al.,* 1999) hipótese também formulada por outros autores (Caninas *et al.,* 2011c).
[95] A perda dos registos das escavações ali efectudas por Proença Júnior não permitem conhecer com rigor arqueográfico os resultados desses trabalhos sobre os quais também referiu ter identificado uma muralha e um fosso adjacente.
[96] Este afloramento tem degraus escavados na rocha, também presentes em afloramentos do Barrocal de Castelo Branco (AEAT).

âmbito do Estudo de Impacte Ambiental (EIA) do IP2 Soalheira – Castelo Branco[97] e do EIA da Linha de Alta Tensão Ferro – Castelo Branco, é referida a ocorrência de artefactos em pedra lascada (ponta de seta e punhal), pedra polida (machados), pedra afeiçoada (abundantes mós) e cerâmica. O artefacto mais citado é um fragmento de bordo de vaso cerâmico com decoração geométrica (triângulo inciso com pontilhado preenchido com matéria branca), atribuível ao Calcolítico. É referida também a presença de rochas com covinhas e um possível menir. Nas proximidades foram identificados *tumuli*.

No âmbito de trabalhos de prospecção mais recentes refiram-se duas ocorrências situadas na parte ocidental do município de Castelo Branco. Junto a Sarzedas, o sítio do Casal das Águas de Verão, assim nomeado com referência ao topónimo cartografado mais próximo, corresponde à identificação de materiais líticos e cerâmicos[98] (Henriques, 2016) concentrados no bordo sul de um planalto detrítico (Formações de Cabeço do Infante e de Falagueira) alongado na direcção Norte-Sul e com uma extensão de 2 km. Estes materiais sugerem tratar-se de *habitat,* com uma implantação topográfica, sobre mesa detrítica, idêntica à observada no território de Fratel. Nos arredores há referências a sepulturas megalíticas que ainda não tivemos oportunidade de identificar. Em cabeço sobranceiro ao rio Ocreza, próximo da Azenha de Valjuge (Chaves *et al.,* 2010; Henriques, 2016)[99] foi observado conjunto expressivo de artefactos líticos e cerâmicos que sugerem tal como no caso anterior ocupação residencial do Neo-Calcolítico.

Finalmente, no contexto das sete ou oito[100] *estações neolíticas* identificadas por Proença Jr no distrito albicastrense (Proença Jr, 1910), cinco das quais situadas imediatamente a norte da cidade de Castelo Branco, em Alcains (três sítios)[101], Caféde e Tinalhas[102], destacamos Lameira de Caria (Leitão, 1982b), em Alcains, pelo facto de estar identificada com um topónimo local. Deste sítio, com diminuta área, estimada em 300 m^2, são provenientes 87 machados não havendo referência a outros tipos de materiais. Trata-se de uma quantidade muito elevada, comparativamente com a área indicada, compatível eventualmente com um *habitat* concentrado, com uma actividade artesanal especializada na produção daquele tipo de instrumentos ou com deposições rituais. De facto, os sítios de *habitat* apresentados neste apartado, e o conhecimento que deles se obteve a partir de escavações muito parciais, revelaram quantidades muito menores de instrumento de pedra polida (máximo de 10 exemplares por sítio). Compare-se com Leceia (Cardoso, 2000) onde foram colhidos, ao longo de 18 anos de escavações, 184 instrumentos do mesmo tipo, numa área habitável de 10000 m^2, correspondentes a uma ocupação entre o Neolítico Final e o Calcolítico Pleno, ou seja, pouco mais do dobro da quantidade reportada a Lameira de Caria. Como paralelo regional, podemos citar o caso do *habitat* do Chão da Velha (Henriques & Caninas, 1980)[103], situado em Nisa, de onde são provenientes, segundo informantes locais, quantidades elevadas de instrumentos de pedra polida e que pudemos comprovar num só dia de prospecção.

[97] As cinco sondagens efectuadas neste âmbito não intersectaram vestígios arqueológicos, "não existindo prolongamentos de uma ocupação pré-histórica para a base Este do cabeço" (fonte: http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/).

[98] Em 2011 foram observados "machado de pedra polida, pequeno machado de pedra polida sem gume, fragmento de enxó plana com gume, movente/bigorna em granito, lasca de dormente ou polidor em metagrauvaque. Material de pedra lascada em quartzito: núcleo discóide e lasca muito erodida, duas lascas, disco com levantamento e vestígios de percussão em todo o bordo, fragmento de disco com vestígios de percussão no bordo" (Henriques, 2016).

[99] Em 2005 foram observados "dois fragmentos de instrumentos de pedra polida; vários fragmentos de cerâmica, sem decoração; indústria lítica em quartzito e quartzo leitoso, de pequenas dimensões; fragmento de movente em granito, de contorno subcircular; vários seixos rolados de quartzo leitoso de forma discóide mas sem vestígios de afeiçoamento" (Chaves *et al.,* 2010).

[100] Se considerarmos o caso não esclarecido de Idanha-a-Velha.

[101] Lameira de Caria, Grulha e um terceiro sítio não nomeado.

[102] Neste sítio, Proença Jr admite ter existido uma oficina de talhe, a avaliar pela quantidade de "rebotalhos de sílex".

[103] Refira-se ainda a carga ritual documentada nos menires (Monteiro & Gomes, 1978) encontrados naquela extensa mesa detrítica (Formação de Falagueira).

Nas áreas correspondentes aos municípios de Proença-a-Nova e Oleiros, exceptuando a ocupações tardias atribuíveis ao Bronze Final e Idade do Ferro (Batata, 2006; Henriques *et al.,* 2016; Félix *et al.,* 2017), não foram identificados até ao momento sítios de *habitat* conectos com as primeiras comunidades agro-pastoris. Porém, as ocupações de altura identificadas nestes dois municípios, situadas quase sempre no topo e nas extremidades de cristas quartzíticas, encontram correspondência em todo o território situado a leste, dentro da área de estudo, embora aqui também utilizando relevos graníticos igualmente elevados e bem destacados na paisagem (3 na Figura 5.13 segundo Henriques *et al.,* 2016b).

Terminamos este apartado com a problemática dos instrumentos de pedra polida, procurando contribuir de modo breve para a discussão acerca da sua representatividade, distribuição e possíveis contextos. Gostaríamos de poder simular, de modo georreferenciado, a correspondência deste tipo de materiais com diferentes tipos de sítios e compensar, desse modo, a lacuna de conhecimento que existe acerca da sua distribuição nas áreas centrais e setentrionais dos vastos municípios de Castelo Branco e de Idanha-a-Nova. Mas tal objectivo afigura-se impossível de atingir com um mínimo de objectividade, desde logo pela dificuldade de estabelecer essa correspondência[104] agravada pela impossibilidade em obter a respectiva diacronia de ocupação. Na ausência desta especificação teríamos, aliás como em Fratel, uma estimativa baseada numa acumulação diacrónica de dados.

De qualquer modo, poderá admitir-se que as três possibilidade de proveniência deste tipo de materiais residem em sepulturas[105], em sítios de *habitat* e/ou oficinas e em depósitos rituais isolados, isto é, dissociados de sepulturas. Esta última hipótese é a mais difícil de sustentar, por não estar documentada de modo directo, apesar das duas (Mourelo e Barroca do Castinçal) referências a tal possibilidade, interpretadas como hipotéticas "deposições rituais de culto e sacralização da terra" (Vilaça, 2008a: 41-42).

As quantidades disponíveis documentam um máximo de 10 instrumentos por *habitat*[106] no universo dos sítios apresentados anteriormente (Tabela 5.2). No caso das sepulturas que foram objecto de intervenções arqueológicas verifica-se que o intervalo de presenças (Tabela 5.3) varia entre zero (nove casos) e 15 exemplares por monumento, o que dá uma média de 5, mesmo incluindo o caso atípico de Vale de Mós 1. As quantidades colectadas por Proença Jr[107] (Tabela 5.4), na sua curta vida enquanto arqueólogo, são incomparavelmente superiores, com o máximo de 712 exemplares no concelho em Castelo Branco, e tendo também como montantes elevados os correspondentes às localidades de Castelo Branco (186 peças), Alcains (179 peças) e Escalos de Baixo (120 peças). Voltando a Alcains, onde foram referenciadas três estações neolíticas, se excluirmos a quantidade anómala de 87 peças num único sítio (Lameira de Caria) ainda sobram 92 instrumentos. É tentador fazer uma pequena aritmética a este respeito. Retirando 20 instrumentos repartíveis pelas duas outras *estações neolíticas* ficariam 72 *machados de pedra* que poderiam corresponder a 14 sepulturas. Nunca saberemos a que contextos correspondem estes materiais.

[104] Um possível critério pode basear-se no estado de conservação dos instrumentos, diferenciando o uso doméstico do uso ritual / funerário, entre os que estão completos e os que estão fragmentados, os que exibem vestígios de uso e os que nunca foram usados.
[105] Monticulares, megalíticas ou de outros tipos. Refira-se, novamente, que acerca da quantidade de machados de pedra reportados por Proença Jr "Vera Leisner levantou a hipótese de se tratar do espólio de sepulturas rasas, não reconhecíveis como tais por não estarem assinaladas por algum tipo de marco…" (Kalb, 1987: 98).
[106] Deve reconhecer-se que estas quantidades serão inferiores à realidade se tivermos em conta que foram obtidas em parcelas de espaço e de tempo, na prospecção e escavação dos respectivos sítios, ignorando as colheitas feitas antes dessas intervenções.
[107] Podia-se acrescentar a estas quantidades as quase cinco dezenas de instrumentos de pedra polida colectados por Leite de Vasconcelos (Vasconcelos 1917, 1918) para o Museu Etnológico de Lisboa, provenientes, sobretudo, de Alcains, Escalos de Cima e Escalos de Baixo.

Tabela 5.3. Quantidades de instrumentos de pedra polida obtidos em escavações de sepulturas megalíticas na área de estudo (os resultados estão ordenados de modo crescente, por sítio, no histograma abaixo).

Refª	Topónimo	Grau de incidência da escavação arqueológica (N não incidente, P parcial, T total)												Pedra polida				
		Câmara			Corredor			Átrio ou entrada			Mamoa			Machado	Enxó	Goiva	Sacho Escopro	Totais
		N	P	T	N	P	T	N	P	T	N	P	T					
1005	Cabeço d´Ante			●			●		●			●		2	2	0	0	4
1009	Charneca das Canas			●								●		3	2	0	0	5
1010	Charneca das Vinhas			●			●			●		●		2	5	0	2	9
1012	Eira da Vinha			●									●	2	1	0	0	3
1014	Farranhão		●									●		0	3	0	0	3
1043	Urgueira			●			●							3	0	0	0	3
2005	Cão do Ribeiro			●			●		●			●		13	1	0	0	14
4005	Amieiro 1			●	●			●				●		0	0	0	0	0
4006	Amieiro 2			●			●	●			●			2	0	0	0	2
4007	Amieiro 3			●			●			●	●			0	0	0	0	0
4009	Amieiro 5			●								●		0	0	0	0	0
4012	Amieiro 8			●								●		1	0	0	0	1
4013	Amieiro 9			●								●		0	0	0	0	0
4039	Cabeço da Forca			●			●		●			●		6	8	1	0	15
4053	Chão da Forca			●		●			●		●			2	0	0	0	2
4058	Corgos			●			●	●			●			0	0	0	0	0
4061	Couto da Espanhola 2			●			●	●				●		4	0	0	0	4
4065	Couto da Espanhola 6			●								●		2	1	0	0	3
4088	Granja de São Pedro			●			●		●		●			3	1	0	1	5
4090	Horta da Serra 1			●							●			0	0	0	0	0
4091	Horta da Serra 2			●							●			0	0	0	0	0
4110	Pedra d´Anta			●			●		●		●			2	1	0	0	3
4113	Poço do Chibo 1			●			●	●				●		0	0	0	1	1
5013	Cimo dos Valeiros			●	●			●				●		0	0	0	0	0
5033	Selada do Cavalo 1		●		●			●				●		0	1	0	0	1
5060	Vale de Mós 1			●	●				●				●	0	0	0	0	0
													Quantidades	47	26	1	4	78

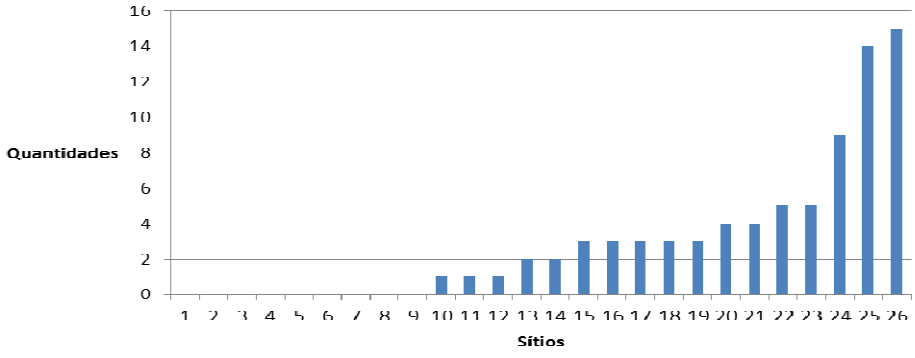


Tabela 5.4. Quantidades de instrumentos de pedra polida por municípios do distrito de Castelo Branco (seg. Proença Jr, 1910): destacam-se os três municípios com maior representação

Concelho (área)	***Estações Neolíticas***	***Antas + Túmulos***	***Machados de pedra***	***Densidade de machados de pedra por 10 km²***
Castelo Branco (1438 km²)	5	18 + 5	712	5,0
Idanha-a-Nova (1413 km²)	1	12 + 1	199	1,4
Vila Velha Ródão (330 km²)	0	24 + 2	94	2,8
Restantes oito municípios (3437 km²)	1	32	131	0,4
Totais	**7**	**86 + 8**	**1136**	

5.4.3. Comentários

A obtenção de um bom cenário do povoamento, à escala regional, no caso vertente durante o Neo-Calcolítico, terá de se apoiar num conjunto significante de sítios bem caracterizados com recurso a escavações arqueológicas. Entende-se que essas condições ainda não foram reunidas dada a insuficiência da informação disponível, agravada pelo facto dos projectos de investigação que tiveram lugar nesta região se terem focado principalmente nas arquitecturas funerárias ou no povoamento do Bronze Final. As sondagens executadas em onze sítios (Tabela 5.2), em geral insuficientes para os caracterizar adequadamente, conduziram em vários casos a resultados escassos, residuais, por razões de conservação, nomeadamente naqueles locais onde as ocupações mais antigas foram sobrepostas e talvez degradas por reocupações durante o Bronze Final e a Idade do Ferro, casos, por exemplo, de Cachouça e Monte do Trigo. Mas também foram obtidos dados expressivos, até porque bem conservados, embora baseados numa única sondagem, no assentamento do Neolítico Final de Cabeço da Velha (Vila Velha de Ródão), e o mesmo se poderá afirmar dos sítios da Charneca de Fratel, do Cabeço da Malhoeira e do Monte do Frade, estes dois últimos em Penamacor. Comparativamente, a investigação executada, de modo mais intensivo e extensivo, em sítios do Bronze Final nesta mesma região, até porque focada no *habitat*, produziu resultados mais robustos (Vilaça, 1995 e trabalhos posteriores).

A dificuldade em obter um faseamento fino e estratigráfico, entre o Neolítico e o Calcolítico, é outra limitação da caracterização deste povoamento, talvez condicionada pela precariedade da formação do registo arqueológico e pela intensidade da ocupação, resultando numa indiferenciação do Neo-Calcolítico na maioria dos sítios. Essa dificuldade pode ser em parte sublimada pela diversidade tipológica da cerâmica. Mas foi possível estabelecer diferenciações cronológico-culturais, por exemplo, na Charneca de Fratel, entre Neolítico Final e Calcolítico Inicial, marcada pela presença do embasamento de uma muralha e pela variação dos tipos artefactuais, ou no Monte do Trigo, entre o Calcolítico Pleno e o Calcolítico Final. O Neolítico Antigo, como já referido, não foi identificado até ao momento embora se admita a possibilidade da sua presença pelo menos em abrigos naturais ou junto a algum *tor* granítico.

Excluindo a parte ocidental, mais alcantilada, da área de estudo, correspondente ao bloco tectónico da Cordilheira Central, a partir da acumulação das ocorrências obtidas ao longo dos últimos cem anos, a rede de sítios relacionados com usos de base habitacional documenta uma ocupação plena[108] deste território (Figura

[108] Esta amplitude é sugerida também pela já referida ocorrência de instrumentos de pedra polida junto à actual barragem de Vale de Rossim (Gouveia), a cerca de 1700 m de altitude, no interior da Serra da Estrela (Cardoso & Gonzalez, 2002).

5.16). Tal ocupação pode ter atingido a sua plenitude no Neolítico Final tanto em termos demográficos como de dispersão pelo território. Essa representação fica reforçada, e ampliada, se lhe associarmos a rede de sepulturas e de achados de *machados de pedra,* como indicadores próximos de *habitat,* sobretudo onde aqueles sítios ainda não foram identificados, como são os casos dos territórios de Proença-a-Nova, de Oleiros e do *campo albicastrense*.

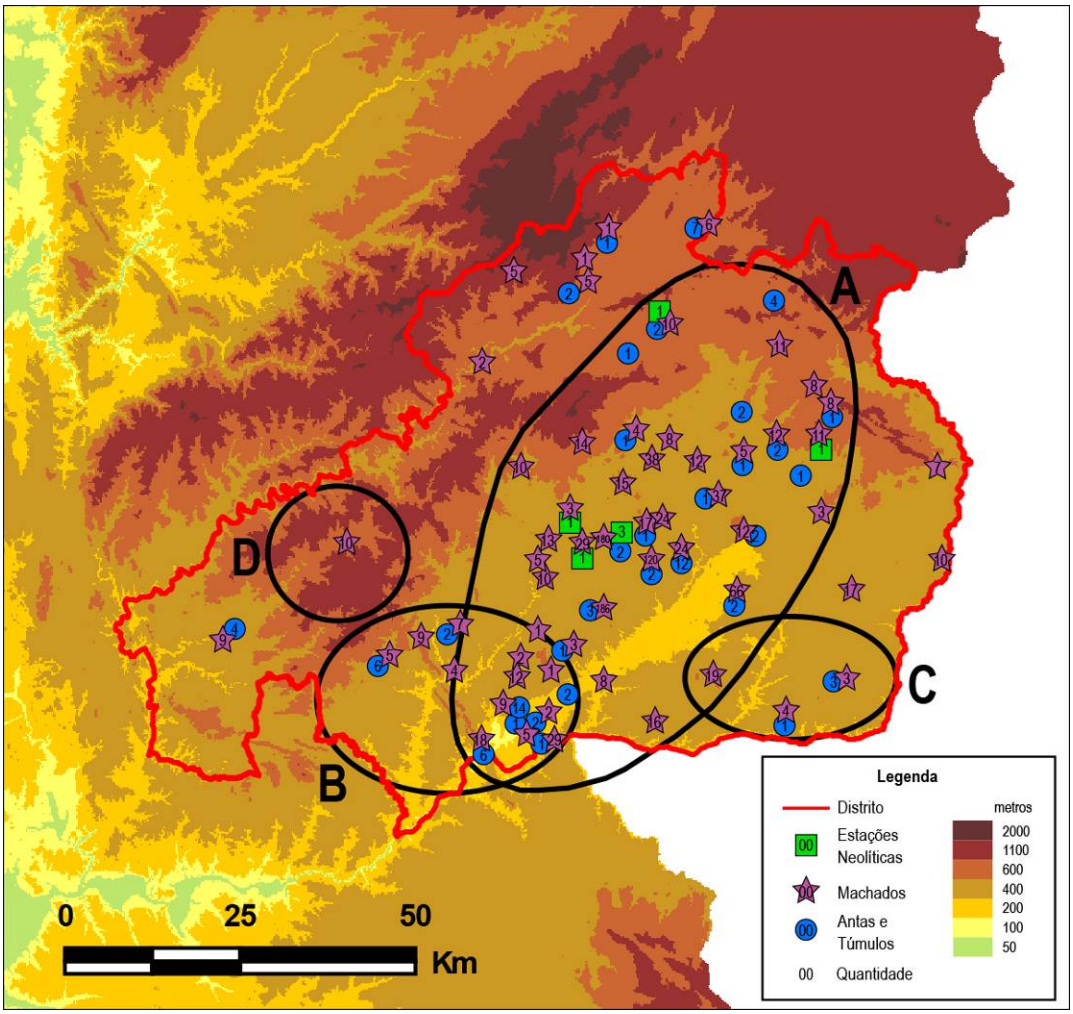


Figura 5.16. Áreas de maior densidade de sítios, desde Proença Jr (A) até ao presente, em Ródão/Proença (B), em Rosmaninhal (C) e em Oleiros (D), sobre mapa de pontos adaptado da carta arqueológica distrital de Proença Jr (1910).

A posição topográfica dos sítios documentados na Tabela 5.2, em termos de morfologia e de elevação, indica preferência por sítios elevados, ou culminantes, à escala local, e em menor grau por locais de elevação média, mas não se conhecem ocorrências em posições inferiores ou depressionárias, o que não significa que não existam[109]. A selectividade da pesquisa também pode ter condicionado esse reconhecimento, nomeadamente fora dos depósitos cenozóicos[110], ou onde estes não têm expressão dimensional. É o caso do território de Proença-a-Nova onde se coloca a hipótese dos antigos assentamentos do Neolítico poderem ter sido ocupados por aldeias modernas, sobretudo as que estão situadas em altiplanos, equiparáveis às mesas

[109] As ocupações baixas, conectas com sectores aluvionares, pela sua maior aptidão agrícola podem ter sido destruídas pelas lavouras desde pelo menos a época romana ou estarem ocultas sob sedimentos provenientes de cotas superiores como se documentou no Vale do Lucriz com a sepultura da Eira da Vinha (Vila Velha de Ródão). Um exemplo de ocupação baixa, insuficientemente caracterizada, situa-se num cabeço sobranceiro à margem do rio Tejo (denominado Barroca da Senhora, na carta arqueológica de Vila Velha de Ródão)

[110] Nas áreas com vestígios de ocupação de tipo residencial, da Pré-História Recente, sobre formações cenozóicas, também se têm identificado artefactos macrolíticos atribuíveis ao Paleolítico Médio.

detríticas de Fratel, como são os casos das Moitas, de Montes da Senhora, de Catraia e de Sobreira Formosa.

Outra hipótese de localização, sugerida principalmente pela distribuição de sepulturas megalíticas em torno de assentamentos modernos, discutida em apartado anterior acerca do território de Rosmaninhal, pode estar na sobreposição do *habitat* pré-histórico por aldeias ou simples arraiais em topografias baixas, como é o caso de Alares[111]. Nesta hipótese, o *habitat* ficaria em cotas inferiores à maioria das sepulturas referenciadas na sua envolvente, ao invés do que se documentou em Fratel onde os sítios de *habitat* estão sobranceiros às sepulturas circunvizinhas. A ocupação da Cachouça no Neo-Calcolítico também reside em posição elevada em relação à necrópole megalítica situada na depressão fluvial do rio Ponsul[112].

Quanto à morfologia foram privilegiados cabeços e planaltos, incluindo nesta categoria os terraços (fluviais) de acumulação e as mesas detríticas. A escolha destas formas, com elevações superiores ou médias, não indica uma opção evidente pela defensabilidade. Ao contrário dos cabeços rochosos, os planaltos em apreço não oferecem condições naturais de defesa, que dispensem estruturas murárias ou aterros e fossos, mas detém bom controlo visual sobre o território circundante.

A maioria dos locais investigados, com recurso a escavação arqueológica, é de reduzida dimensão espacial, à excepção da Charneca de Fratel que pode ter sido ocupada numa área de cerca de 20 hectares, embora de modo disperso. A partir de dados de superfície identificaram-se mais algumas extensas manchas de dispersão de artefactos, por exemplo em Ovelheiros (Idanha-a-Nova) e na Charneca de Ródão.

O conhecimento adquirido até ao momento e a ausência de séries arqueométricas representativas impedem a formulação de modelos de ordenamento e sincronia entre sítios nos vários territórios. A análise que se fez no território de Fratel logrou identificar uma relação de centralidade dos sítios de *habitat* em relação à rede de sepulturas coevas e às expressões gráficas ao ar livre, mas deixando em aberto a questão da sincronia de utilização desses sítios e funcionamento em rede com diferenciação de actividades (especialização). O sítio de *habitat* (disperso) potencialmente mais vasto (Charneca de Fratel), situa-se na parte mesial daquele território e pode ter funcionado como lugar central, de ocupação permanente, em complementaridade com sítios de menor dimensão, especializados, por exemplo, como acampamentos sazonais de caça (caso de Cabeço da Velha) ou dedicados a outras actividades. O conjunto de arqueossítios de Fratel é talvez o mais próximo de proporcionar uma proposta de modelo de povoamento com a inclusão da componente funerária e da componente simbólica.

Diversa é a situação dos sítios assinalados na Figura 5.13, com os números 1 a 5, pela linearidade das suas posições, como que definindo uma fronteira, potenciada pela morfologia regional. Exceptuando o primeiro, Cabeço da Malhoeira, em posição menos elevada, sobre uma importante linha de água, em espaço mais aberto, são pequenos assentamentos, talvez em posição marginal em relação a uma rede de povoamento maior. Não se conhecem as respectivas necrópoles.

Outra realidade omissa, embora de existência expectável, corresponde às estruturas negativas, tanto domésticas como funerárias, e aos espaços envolvidos por fossos. A sua identificação ainda não foi lograda a partir da análise de fotografia aérea. E não se verificam as condições práticas para a sua identificação em contexto de obra como ocorreu na área de influência do projecto hidroagrícola de Alqueva.

[111] Os sítios mais próximos, Bastarda e Capitão, estão sobre uma portela de acesso setentrional a esta área.
[112] Neste caso a necrópole tem uma distribuição muito assimétrica em relação ao povoado estando concentrada mais de 1 km a leste daquele.

As características morfológicas e simbólicas do acervo cerâmico[113], obtido nas escavações de sítios de *habitat* desta região, evidenciam, pelo menos a partir do Neolítico Final, posição de charneira e afinidades trans-regionais com áreas culturais situadas a Norte, a Sul, a jusante (Baixo Tejo) e no interior da Península Ibérica.

5.5. Sítios com expressões gráficas

5.5.1. Introdução

Neste subcapítulo pretende-se caracterizar o acervo de manifestações gráficas, tanto na forma de gravura como de pintura, sobre suportes rochosos imóveis. Elegem-se como suportes/contextos as *rochas ao ar livre* - que congregam a grande maioria dos casos reportados na área de estudo -, os *abrigos* - naturais ou antrópicos - e as *sepulturas megalíticas*. Excluem-se desta abordagem os casos documentados sobre elementos móveis, líticos ou cerâmicos, nomeadamente os artefactos simbólicos em placas de metassedimentos, os recipientes cerâmicos ou os monólitos, como menires ou estelas, uma vez que foram tratados noutras partes deste estudo.

Com excepções[114], tendencialmente, os estudos dedicados ao tema não aprofundam a discussão acerca da essência, mais sagrada ou mais profana, deste tipo de representações que são acriticamente englobadas dentro do conceito de *arte*, antes focando a atenção nos aspectos relativos à sua caracterização morfológica, técnica e estilística e, quando possível, à sua diacronia ou faseamento. Mas não se nega a capacidade intelectual do homem pré-histórico para exprimir graficamente conceitos abstractos para além da transmissão de informações ou de narrativas.

Contextos específicos, como os das grutas paleolíticas, fundamentaram a interpretação destas expressões gráficas como manifestações de um pensamento mágico-religioso, concebendo-se a religião como as "manifestações de preocupações que parecem ultrapassar a ordem material" (Leroi-Gourhan, 1983: 26). Esta perspectiva tradicional, que motivou a qualificação *ab initio* do monumental conjunto gráfico do alto Tejo português como santuário rupestre (Gomes, 1989), a exemplo de muitos outros sítios do território português, tem vindo a ser contestada com novas concepções, por exemplo por Bradley *et al.* (1994) e Bueno Ramírez *et al.* (2008b), com a introdução do conceito de *marcador gráfico*, mas não são consensuais (Jorge, 2003b).

Para o período que nos interessa, que acompanha uma tendência geral em direcção ao esquematismo, esta expressão gráfica é considerada uma "arte simbólica, mais de conceitos que de narração do real..." (Baptista, 1986). Por outro lado, há quem considere que "a arte pré-histórica pouco terá de motivações de ordem exclusivamente plástica e artefactual; antes se resolve na relação do homem com o meio e com outros homens, curiosamente num processo de comunicação útil, o que não quer dizer que compreenda uma plástica - que no entanto lhe é subjacente..." (Pereira, 2011:19). Afirma o mesmo autor que a partir do Neolítico "qualquer pintura ou gravura rupestre é essencialmente «comunicação», «informação» e, em última instância, «linguagem». Os testemunhos de arte rupestre pós-glaciar, no lugar em que se encontram, parecem sinalizar lugares de passagem, lugares santificados: enunciam hierofanias e, definitivamente, narram factos míticos" (Pereira, 2006: 51). Vitor Jorge critica essa opção, afirmando que "querer definir globalmente aqueles grafismos pré-históricos, como sugere Bradley (…) para a «arte rupestre», como signos portadores de informação, inscritos em pontos específicos

[113] Ver discussão em Vilaça (1993).
[114] Por exemplo Jorge (2003c) e Bueno Ramírez *et al.* (2008b).

do terreno, é algo de extremamente vago. Que sentido (s) teria a palavra «informação» num contexto neolítico ou posterior?" (Jorge, 2003b: 156).

Refiram-se as abordagens de contexto alargado ao território (Gomes, 2002: 180), à sua presença em sepulturas ou em menires, e a relação espacial entre rochas gravadas e outros tipos de sítios arqueológicos, como a vinculação de rochas gravadas à delimitação de recursos naturais sensíveis ou as rotas de trânsito de animais silvestres, servindo tais gravações como meios de comunicar direitos de exploração, por grupos humanos em estádio de itinerância, na linha do proposto pelo antropólogo M. Casimir, num sistema em que os conjuntos gráficos mais complexos indicariam uma maior pressão (antrópica) sobre esses recursos (Bradley *et al.,* 1994, 1995).

A chamada "arte megalítica", que adquiriu estatuto específico (Vilaça, 1986b; Pereira, 2011), por contraste por exemplo com a arte paleolítica, representa um outro contexto que tem merecido assinalável desenvolvimento (por exemplo, Twohig, 1981), tanto ao nível do alargamento da sua representação territorial, com a descoberta de novos sítios gravados (sepulturas e menires), como da sua interpretação, com a abordagem estruturalista da distribuição de temas no interior de sepulturas (Jorge, 2003b), e da integração com outros tipos de sítios (ar livre e abrigos), reportados a diferentes técnicas executivas (gravura e pintura). Nessa linha, importa referir a tese reiterada da coetaneidade e integração num mesmo e coerente sistema cognitivo dos vários tipos de marcadores gráficos, gravados ou pintados, presentes no território, em sepulturas, em menires, em rochas ao livre ou em abrigos rupestres (Bueno Ramírez *et al.,* 2008b). "These observations joined our ideia of rock art as indicators of the position of the human groups within a particular territory (…) and consolidated the model that could suggest how the diferente graphical indicators, open-air engravings and paintings, standing stones and decorated monuments, were connected within the territories of the megalith builders" (Bueno Ramírez *et al.,* 2008b: 10).

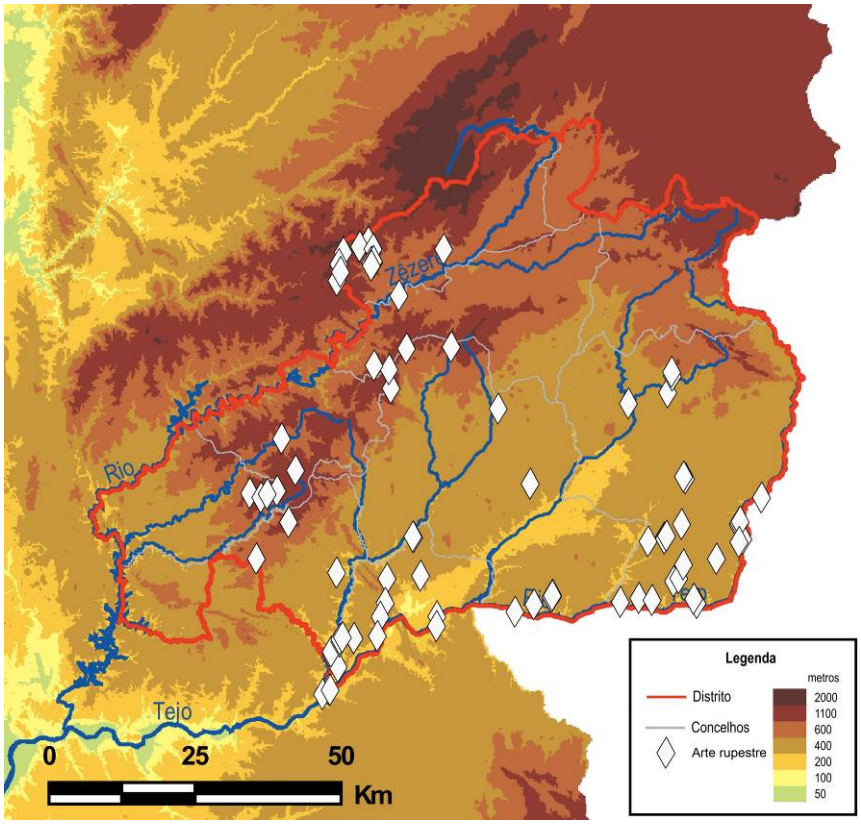


Figura 5.17. Distribuição de sítio de arte rupestre no distrito de Castelo Branco segundo dados do Endovelico - IGESPAR, 2011 (Caninas, 2012).

A especificidade da área abrangida por este estudo (Figura 5.17) enquadra-se na perspectiva de Portugal (continental) como o território europeu, talvez, com a maior densidade relativa de vestígios pré e proto-históricos, incluindo as manifestações gráficas e artísticas, por comparação com a sua extensão (Gomes: 2002: 139). O chamado complexo de arte rupestre do Tejo confere, por si só, tal mérito. Uma qualificação estritamente informativa dos grafismos rupestres dificilmente explicará aquele extraordinário complexo simbólico, o que nos confronta com a variabilidade das explicações ou da funcionalidade dos sítios. De qualquer modo, e à margem da essência comunicacional, social ou religiosa, preferimos catalogar estas expressões, *a priori,* isto é, antes do estudo e da tentativa da sua explicação, de uma forma mais descritiva do que interpretativa, com o conceito, descomprometido, de *grafismo* em detrimento de *arte* ou até de *marcador gráfico*.

5.5.2. Retrospectiva cronológica

Começamos com a identificação dos principais momentos e agentes da descoberta das ocorrências gráficas na área em apreço, desde o século XIX até ao presente, passando a uma caracterização das principais áreas de distribuição espacial, que são os rios, o planalto central e a cordilheira central, terminando com a abordagem da sua representação por tipos de suportes ou contextos, ao ar livre, em abrigos naturais e em construções, e à sua diferenciação técnica e temática.

As primeiras referências devem-se a Francisco Tavares de Proença Jr, embora em quantidade ínfima comparativamente com o potencial que esta região veio a revelar, razão pela qual talvez não tenha eleito esse tipo de sítios na sua carta arqueológica regional. Contudo, o seu interesse pelo tema é manifesto, como se comprova pela lista de quinze assuntos que Proença Jr pretendeu incluir na prospecção arqueológica de vestígios proto-históricos, com destaque para o oitavo objectivo, "fazer o levantamento dos penedos com gravuras, letras ou sinais, círculos, espirais, fossettes" (Antunes, 2008: 63), na linha do proposto por Francisco Martins Sarmento (1933). E no que concerne à inventariação de vestígios pré-históricos e monumentos megalíticos, em quinze tópicos assinala, em décimo lugar, o interesse em "verificar se os blocos apresentam figuras gravadas ou pintadas, no exterior ou interior e se revelam vestígios de aparelhamento ou desbastamento executados quando da utilização" (Antunes, 2008: 64). Excluindo as gravações alfabetiformes[115], os casos de maior realce correspondem aos lofóglifos da ribeira das Ferraduras (Vila Velha de Ródão), aos covachos do Castelo de Monsanto (Proença Jr, 1910) e às covinhas gravadas na tampa da Anta Grande de Medelim (Antunes, 2008: 85), tal como figuram em desenho inédito do autor que refere a presença de *desenho archaico* (Proença Jr, 1910). Suscita reflexão o facto de Proença Jr citar tão poucos casos de rochas gravadas ao ar livre, embora ciente do seu interesse, talvez porque não tenha tido a oportunidade de as encontrar, ou em consequência da desatenção dos seus informantes, mas a sua sensibilidade para a realidade gráfica é bem patente no estudo e divulgação que dedicou, por exemplo, às estelas do Monte de São Martinho (Proença Jr, 1906).

Também no início do século XX, F. Alves Pereira dedica rigorosa atenção às gravações presentes na face superior (ocultável) da tampa camarária da Anta Grande de Medelim, assinalando outras gravações para além das covinhas: "seis còvinhas ou escudelas maiores e nove menores e pouco perceptíveis (…). Além disto, cinco figuras ou sinais cruciformes, fazendo um destes parte de um conjunto constituído por um meio-círculo gravado e um círculo menor ou anel,

[115] Casos da "inscripção latina gravada n´um afloramento schistoso" (Proença Jr, 1910) junto à Eira dos Ratinhos, em Vila Velha de Ródão, da inscrição de Covões de Unhais e da provável marca de termo da ribeira de Unhais (Proença Jr, 1903b) também citada por Martins Sarmento (Sarmento, 1933).

como se fosse um pequeno O incluso de um C…" (Pereira, 1933: 55-56). Extraordinária descrição, dado que tanto Proença Jr como, posteriormente, Vera Leisner (Leisner, 1998, estampa 72) só representam as covinhas ignorando as restantes gravações. Este autor refere a presença de outra covinha numa anta situada nas Terras de Ereus, na Granja de São Pedro, 15 km a SSE da Anta Grande de Medelim (Pereira, 1933: 57), talvez a mesma que O. da Veiga Ferreira escavou. Nesta época foi publicado um estudo, quase desconhecido, relativo a grafismos rupestres perto de Louriçal do Campo, em Castelo Branco (Pessoa, 1932)[116]. Consistem em gravações nas faces verticais de dois afloramentos graníticos situados no Cabeço das Pombas, no cimo da Tapada da Serra. Numa das faces do bloco maior pretende ver uma figura antropomórfica. De um outro afloramento documenta uma figura que se aproxima das representações de lofóglifos com traço interno ou a esquematização de figura humana acéfala. De outro afloramento, no Loural, lega-nos fotografia do que considera ser um antropomorfo esquemático com pernas e braços rectilíneos horizontais.

A meio do século XX, O. da Veiga Ferreira revela entre Idanha-a-Velha e Monsanto da Beira (Almeida & Ferreira, 1966) três ocorrências gráficas sobre rochas granitóides, duas ao ar livre (Penedo Gordo e Vale da Figueira) e uma em abrigo (Lapa da Moura), em cuja temática domina a esquematização de antropomorfos, incluindo simples cruciformes, na forma gravada, e apenas uma representação em pintura de duas linhas onduladas. Mas para além destes achados, na área planáltica a temática antropomórfica revelou-se escassa no contexto geral da área de estudo, até às descobertas efectuadas nos rios Tejo, Ocreza e Erges, em comparação com a grande dispersão de rochas com covinhas (Henriques *et al.,* 1995b) que aí predominam. Podemos correlacionar os achados de Veiga Ferreira com os conjuntos obsessivos de cruciformes de diversos tipos, abundantes no Norte de Portugal e que mereceram a inclusão em etapa final de grupo regional específico (Baptista, 1981b, 1984 e 1986), com cronologias entre o Bronze Final e a Alta Idade Média, sendo conveniente distinguir os casos mais antigos dos "tipos antropomórficos esquemáticos de cristianização" (Baptista, 1984:71). Em contraste, no Sul, onde parece predominarem as rochas com covinhas, também foram identificados conjuntos monótonos de cruciformes, por exemplo em Mora, no Penedo das Gamelas, no Penedo das Taliscas (Correia, 1999) e no Penedo das Almoínhas (Zbyszewski *et al.,* 1977). As gravuras de Idanha-a-Nova, um contributo singular de Veiga Ferreira, podem integrar-se nesta realidade, embora se admita uma cronologia muito tardia para as formas cruciformes simples que se concentram, especificamente, no afloramento de Vale de Figueira. As figuras antropomórficas mais próximas, claramente pré-históricas, situam-se no rio Erges (Nobre, 2008; Henriques *et al.,* 2011).

O grande acontecimento relacionado com o conhecimento de manifestações gráficas na área de estudo tem início a 31 de Outubro de 1971[117] com a descoberta do *complexo de arte rupestre do Tejo* (Silva, 1996) a designação convencionada para um acervo de 10000[118] a 20000[119] gravuras rupestres pré-históricas, insculpidas nas bancadas rochosas das margens do rio Tejo e afluentes, com concentração nos trechos fluviais que fazem fronteira entre Vila Velha de Ródão e Nisa (Médio Tejo) e entre Mação e Vila Velha de Ródão (Baixo Ocreza). Até ao presente, os estudos e as publicações iniciadas nos anos 70 foram continuados por alguns dos seus descobridores, com destaque para M. Varela Gomes e A. Martinho Baptista, e por novas gerações de investigadores, enquadrados pelo Instituto Terra e Memória / Museu de Mação, e

[116] Agradecemos a Dina Pinheiro (DGPC), a Branca Mories (do extinto Instituto de Investigação Científica e Tropical), a André Pereira (UNIARQ) e a Ana Paula Alexandre (Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) a ajuda na difícil localização deste trabalho e na tentativa de o consultar.

[117] A quarta edição (2011) da revista digital *Açafa on line* publicou um dossier evocativo da passagem de 40 anos sobre esta descoberta. http://www.altotejo.org/acafa/acafa_n4.html

[118] Estimativa de Mário Varela Gomes.

[119] Estimativa de António Martinho Baptista.

em menor escala no âmbito de projectos liderados pela AEAT. Desde os anos 70 foram publicados inúmeros estudos, focados na análise integrada de rochas específicas ou em tipologias gráficas, e mais recentemente foram produzidas diversas teses de doutoramento, pela pena de M. Varela Gomes, de Fernando Coimbra e de Sara Garcês, entre outros. O estudo de M. Varela Gomes (2010), o mais perene investigador deste tema, merece destaque por se sustentar num exaustivo catálogo gráfico.

A partir do final do século XX trabalhos de prospecção realizados no âmbito de cartas arqueológicas e de projectos eólicos com avaliação ambiental revelaram uma outra região gráfica de ampla expressão em torno das serras da Cordilheira Central, no território português, a norte e a sul do Zêzere, na Serra do Açor (Jacinto, 2006; Ribeiro, 2006; Batata & Gaspar, 2009; Santos & Baptista, 2011) e no maciço de Alvélos (Batata, 2006; Caninas *et al.,* 2008a; Coimbra & Garcês, 2013), caracterizada pela abundância de figuras podomórficas e por conjuntos gráficos mais heterogéneos tanto do ponto de vista temático (embora com aproximação ao complexo tagano) e técnico, com a permanência da picotagem e uma maior representação da incisão. Esta realidade tem analogias noutras paragens serranas da Cordilheira Central Ibérica (Sevillano San José, 1991; Gonzalez Cordero, 2000) e noutras partes do território português (por exemplo: Nunes & Pereira, 1959; Santos Jr, 1963; Baptista, 1983; Coimbra & Garcês, 2013, 2015).

Os inventários arqueológicos proporcionados pelos projectos de investigação liderados pela AEAT revelaram, sobretudo, monótonos conjuntos de rochas com covinhas que mereceram uma análise específica já desactualizada (Henriques *et al.,* 1995b). Desde 2013, os trabalhos de demorada escavação de sepulturas megalíticas, realizada no âmbito do Campo Arqueológico de Proença-a-Nova (CAPN), documentaram os mais expressivos conjuntos gráficos sobre ortostatos, existentes na área de estudo, naquele tipo de sítios, com figuras antropomórficas e geométricas de diversos tipos (em estudo), equiparáveis às que têm sido reveladas em idênticos suportes, na província de Cáceres, por Primitiva Bueno, Rodrigo de Balbín e Rosa Barroso.

5.5.3. Distribuição e temáticas

Os conjuntos de maior expressão quantitativa situam-se nas margens rochosas dos principais cursos de água que drenam a Beira Baixa, em primeiro lugar no trecho do rio Tejo que faz fronteira entre Vila Velha de Ródão e Nisa, tendo como balizas montante e jusante os rios Sever e Ocreza. Os conjuntos seguintes, em quantidade, situam-se sobretudo no Baixo Ocreza, no Baixo Erges e no Médio Zêzere. A presença de grafismos rupestres no Sever, no Aravil e no Ponsul[120] são residuais ou estão ausentes. A situação do trecho internacional do Tejo, que estabelece fronteira entre a Província de Cáceres e a Beira Baixa, a montante da foz do Sever naquele rio, configura uma lacuna de conhecimento, uma vez que as suas margens foram submersas pela albufeira de Cedillo antes da descoberta da "arte do Tejo" em 1971, embora tenham sido detectadas figuras pré-históricas, nas suas margens, em cota mais elevada, próximo de Herrera de Alcântara (Baptista *et al.,* 1978:90)[121], o que sugere que tais manifestações possam existir em maior quantidade naquele sector, em correlação com a densa rede de sepulturas megalíticas documentada na sua envolvente. Os raros motivos paleolíticos, publicados até à data, situam-se no rio Zêzere, com três zoomorfos (Baptista,

[120] O trecho inferior deste rio está submerso pela albufeira de Cedillo desde o início dos anos 70 não permitindo conhecer a existência de grafismos.

[121] Figuras circulares e linhas estão presentes na zona planáltica adjacente, em Arroyo de Los Canchitos, um afluente do rio Aurela, por sua vez afluente do Tejo, na zona de Santiago de Alcântara (Bueno *et al*, 2006:49-53).

2004), no rio Ocreza, com um zoomorfo (Baptista, 2001) e em Santiago de Alcântara nos sítios de La Grajera e El Boquerón (Bueno Ramírez *et al.,* 2011c).

O outro conjunto regional representativo do ponto de vista quantitativo situa-se em altitudes elevadas da Cordilheira Central, em território português, entre a Serra da Estrela, com uma maior concentração na Serra do Açor, a norte do rio Zêzere, e o Maciço de Alvélos, a sul do Zêzere. Esta região gráfica, em contexto montanhoso, o mais elevado desta região, distribui-se maioritariamente fora da área deste estudo embora também esteja presente, de modo marginal, no seu interior, nomeadamente em Oleiros e na área serrana de Castelo Branco.

Em cotas intermédias, correspondentes às terras baixas planálticas da Beira Baixa, que são contornadas pela Cordilheira Central e pelos principais cursos de água que marginam esta região, os rios Tejo, Zêzere e Erges, ocorrem outros conjuntos gráficos mais dispersos e menos numerosos, de acordo com o conhecimento que deles temos actualmente. Uma quarta situação, mista quanto à sua posição e morfologia, corresponde aos relevos quartzíticos, cuja orientação e distribuição se afastam dos extensos relevos metassedimentares e eruptivos da Cordilheira Central, atravessando o planalto central (trata-se na realidade de uma superfície dissociada em dois degraus tectónicos), mas quanto à topografia também oferecem posições culminantes, destacadas na paisagem na forma de longas cristas ou cabeços mais ou menos alongados. Embora em menor quantidade, estes relevos - ainda não prospectados no Norte de Idanha-a-Nova - oferecem uma diversidade de situações, com gravação de covinhas (um caso) e pintura, maioritariamente esquemática, pós-paleolítica, e de um zoomorfo que poderá ser já tardiglaciar (Henriques *et al.,* 2017).

Quanto ao tipo de suporte ou contexto físico, a situação mais representativa corresponde às gravações em afloramentos de rochas metassedimentares ao ar livre[122], maioritariamente em painéis sub-horizontais[123], que ocorrem em três dos quatro espaços mencionados, ou seja, nas margens dos principais cursos de água[124], no planalto central e na Cordilheira Central. A seguir, o tipo de suporte mais numeroso corresponde aos ortostatos e tampas de sepulturas megalíticas, tanto em faces visíveis, ou seja, no lado voltado para o interior das câmaras e dos corredores, como em faces ocultas pela cobertura monticular[125]. A terceira situação corresponde a abrigos ou pequenas cavidades naturais que acolhem pinturas em painéis subverticais inseridos em formações quartzíticas[126], como documentado na serra das Talhadas (Henriques *et al.,* 2017), a gravuras maioritariamente, cruciformes, em suportes graníticos no planalto central, na área de Monsanto (Almeida & Ferreira, 1966), e no rio Erges (Martins & Nobre, 2013) e, finalmente, em suportes metassedimentares nas margens de rios, caso do abrigo Catarina, também no Erges (Nobre, 2008, 2009). A presença de grafismos em abrigos antrópicos, consistindo em construções ciclópicas, megalíticas, está

[122] Também presentes em granitos na forma de gravuras (Almeida & Ferreira, 1966).
[123] É essa a regra nos núcleos do complexo gráfico do rio Tejo. Na margem direita do Erges existem alguns casos de superfícies gravadas verticais ou subverticais com destaque para o painel da Foz do Ribeiro da Enchacana 1 (Henriques *et al,* 2011).
[124] Existem painéis gravados em pequenos afluentes do rio Tejo, com o é o caso dos lofóglifos da ribeira das Ferraduras (Henriques & Caninas, 1980), ou em subafluentes como a ribeira da Pracana, onde foi identificada rocha com numeroso conjunto de covinhas (Monteiro & Gomes,1977).
[125] Os casos mais conhecidos reportam-se à face superior da tampa da Anta Grande de Medelím (Pereira, 1933) e dos esteios e menires da anta da Granja de São Pedro (Almeira & Ferreira, 1971). Em Vila Velha de Ródão, nas sepulturas da Casarona (1008) foram observadas em esteio duas covinhas e na Vinha do Torão (1052) três covinhas e um picotado circular. Em Proença-a-Nova foram observados dois círculos poicotados na face externa de esteio do Cimo do Vale de Alvito (2011) e uma grande diversidade de gravações geométricas e antropomórficas nos esteios do Cabeço da Anta 1 (2003). Em Castelo Branco, na sepultura da Tapada da Cidade (3047) foram documentadas dez covinhas e sulco transversal em esteio longilíneo. Em Idanha-a-Nova, na Granja de São Pedro o esteio de cabeceira tem alinhamento de covinhas, motivos também presentes num dos menires da mamoa, e no Tremal 2 (4136) foi observado um bloco tabular com três covinhas. Finalmente, em Oleiros, no Cimo dos Valeiros (5013) foi encontrado bloco solto sobre a mamoa com gravações triangulares.
[126] É conhecido apenas um caso de covinhas abertas por abrasão num painel horizontal situado no interior de um abrigo natural, na área do Penedo Gordo, na fachada nordeste da serra das Talhadas (fonte: carta arqueológica de Vila Velha de Ródão, coordenada por F. Henriques).

confinada a três ocorrências nas margens dos rios Erges e Ocreza (Henriques *et al.,* 2012b; Caninas *et al.,* 2016).

O sistema gráfico do rio Tejo e seus afluentes comporta o acervo mais robusto desta região, pela dimensão que atinge, pela diversidade temática, pela complexidade das composições, potenciada por sobreposições, evidenciando uma acumulação estruturada (Baptista, 1999), e pela diacronia das suas gravações. A informação disponível acerca da geografia destas expressões (Gomes, 1980, 2010; Henriques *et al.*, 2013) indica elevada assimetria, quantitativa[127] e de diversidade temática, entre o rio Tejo – com uma lacuna de conhecimento no trecho internacional - e os seus afluentes, nomeadamente o Ocreza e o Erges[128], rios que se configuram como balizas, jusante e montante, deste complexo gráfico, face a uma centralidade posicionada em trecho específico do rio principal. Esta assimetria, num mesmo contexto cultural contemporâneo, indicará necessariamente diferentes funcionalidades para os vários conjuntos, distribuídos por tão vasto território.

A complexidade deste conjunto tagano está bem expressa na diversidade de opiniões acerca da sua natureza, significado[129], faseamento e amplitude cronológica, desde Emanuel Anati (Anati, 1975; Baptista *et al.,* 1978: 108) e E. Cunha Serrão (Serrão, 1974; Baptista *et al.,* 1978: 108) até A. Martinho Baptista (Baptista, 1981), defensor de um ciclo curto, de cerca de 3000 anos, balizado entre o Neolítico Antigo e o Bronze Antigo, segmentado numa fase pré-megalítica e duas fases megalíticas, e M. Varela Gomes (Gomes, 1987, 2010), adepto de longo ciclo crono-estilístico de cerca de 6000 anos, entre o Epipaleolítico e a Idade do Ferro[130].

Pode afirmar-se que nos conjuntos gráficos situados em contexto fluvial domina a técnica do picotado, que é extensiva aos raros motivos paleolíticos identificados nestas morfologias depressionárias. Contudo, nos últimos anos têm vindo a ser identificadas representações incisas, por vezes de dimensão filiforme, e também se admite que gravuras com a mesma técnica tenham escapado, por desvalorização ou invisibilidade, aos levantamentos de emergência executados a partir dos anos 70 do séc. XX no rio Tejo a montante da barragem de Fratel.

Quanto à repartição do conjunto tagano pela grelha tipológica que é habitual adoptar, numa abordagem desagregada, refira-se a presença de 1,5% de zoomorfos, de 3% de antropomorfos, de 77% de motivos geométrico-simbólicos e de 18,5 % de figuras indeterminadas (Henriques *et al.*, s/d), resultados que expressam diversidade e assimetria, embora importe referir que é mais substantivo abordar as associações e as sobreposições entre motivos, análise que está fora do âmbito deste estudo.

À assimetria quantitativa de gravuras entre o rio Tejo e os seus afluentes, acresce uma diferente repartição territorial das diferentes tipologias de motivos, com ausência de zoomorfos nos territórios marginais representados pelos afluentes, como é o caso do Erges (Henriques *et al.,* 2011:214) onde dominam os antropomorfos, na sua margem direita, e as formas circulares, na margem esquerda[131]. No rio Ocreza

[127] Quantidade ou densidade gráfica por sítio ou estação e por painel. *Estação* é termo usado tradicionalmente para representar um conjunto ou concentração de rochas gravadas, sendo os mais numerosos Fratel (Vila Velha de Ródão), Cachão de São Simão (Nisa) e Cachão do Algarve (Vila Velha de Ródão).

[128] Nos rios Ponsul e Aravil, dois afluentes na margem direita do Tejo, foram documentados escassos grafismos no primeiro daqueles rios, estando ausentes no segundo.

[129] Diferente enfatização do carácter mais pictográfico ou mais mitográfico desta arte, e diferente reconhecimento da presença de composições narrativas (cenas) e de armas (Gomes, 2011).

[130] Desdobrado em seis etapas sequenciais: arcaica, estilizada-estática, estilizada-dinâmica, meridional, atlântica, círculos e linhas.

[131] Neste rio, as figuras circulares posicionam-se maioritariamente a jusante das figuras antropomórficas (Caninas *et al.,* 2016: tabela 1).

(Henriques *et al.,* 2013) os zoomorfos também estão ausentes nas zonas mais afastadas do rio Tejo, a montante da barragem da Pracana, mas aparecem, embora escassamente a jusante daquele represamento, num contexto de domínio de formas circulares e de manchas de picotado. Esta circunstância sugere que as práticas gráficas se tenham estabelecido a partir do Epipaleolítico ou do Neolítico Antigo (Baptista, 1981) no rio Tejo, entre Vila Velha de Ródão e e Nisa - área com uma presença efectiva de grupos humanos desde o Paleolítico - onde permaneceram por longo período da Pré-História Recente, tendo atingido progressivamente territórios mais afastados deste lugar central[132].

No contexto das figuras geométrico-simbólicas "… o que ressalta da arte tagana é uma grande homogeneidade temática, em que o círculo, como tipo dominante (talvez constitua mais de 50% da arte do Tejo), se tornará, a partir de certo momento, como que um conceito de absoluto, cujo desenho, simples e conclusivo, é como que um ideograma de qualquer representação ou de qualquer mito. O (s) seu (s) significado (s) pode(m) ter variado no tempo, perdendo-se para sempre com o desaparecimento do último dos gravadores" (Baptista, 1986:41). Este motivo pode corresponder ao apogeu deste complexo gráfico ao qual arriscámos associar, na linha do proposto por P. Bueno, R. Balbín e também por C. Batata, a exploração da riqueza aurífera do rio Tejo, como bem de troca, mesmo na ausência de prática metalúrgica, o que motivou (Henriques & Caninas, 2009b) a proposta de interpretação do círculo como voto de agradecimento ao grande rio por aquela dádiva (Figura 5.18), uma hipótese especulativa.

Os conjuntos gráficos reconhecidos até ao momento, também em elevada quantidade[133], na segunda sub-região mencionada, correspondente aos relevos da Cordilheira Central – situada em grande parte fora da área deste estudo – exemplificam uma diversificação técnica com quantidade significativa de gravuras executadas por incisão[134]/abrasão[135] embora se mantenha o predomínio da picotagem[136]. Outro aspecto diferenciador consiste na abundância de representações podomórficas[137] (Ribeiro *et al.,* 2010), de pés descalços ou calçados, entre o acervo gráfico das *terras altas,* comparativamente com o dos espaços fluviais[138]. Estes motivos, com significativa diversidade estilística, podem remontar ao Bronze Final mas parece atingirem épocas históricas. Por outro lado, os tipos antropomórficos representados nesta região montanhosa também se diferenciam, aparentemente, das formas presentes na chamada "arte do Tejo", com uma maior evidência de representações de mãos, isoladas ou em corpos (Ribeiro & Joaquinito, 2013), por vezes de grande dimensão (Bregada: Batata & Gaspar, 2011).

---

[132] Exemplifica-se com a presença de figurações-simbólicas: no sítio do Poço do Caldeirão (Baptista, 2004), no médio-alto Zêzere, onde ocorrem as formas circulares e ovaladas, picotadas, na margem esquerda, e, um pouco para montante, diversas rochas com covinhas, no Penedo da Costalta (Caninas *et al*., 2006); no maciço de Alvélos, um conjunto complexo na Lajeira (Batata, 2006) ou motivos dispersos no Alto do Pobral (Caninas *et al.,* 2008a); na serra do Açor, por exemplo (Ribeiro *et al.,* 2016) nos Carvalhinhos e na Encosta da Pedra Negra (Santos & Baptista, 2011).

[133] É o caso da carta arqueológica do município de Pampilhosa da Serra que publicou 130 rochas com grafismos (Batata & Gaspar, 2009).

[134] A incisão deriva para abrasão linear no caso das formas lineares espessas ou fusiformes. No caso das covinhas, cujo processo de representação é muitas vezes iniciado com picotagem, a abrasão é rotativa. O termo filiforme (Baptista, 1986:52) merece uma aplicação muito restrita uma vez que a maioria das gravações não atinge a espessura por ele sugerida.

[135] Uma descoberta percursora teve lugar em meados do século XX na Pedra Letreira da Fonte Fria, em Góis (Nunes & Pereira, 1959).

[136] Por exemplo (Jacinto, 2006), na Serra da Alvoaça, em 39 figuras, 72 % são picotados e as restantes gravadas por incisão/abrasão, em Pedras Lavradas, na mesma área, foi gravada por abrasão apenas uma de 26 figuras sendo as restantes picotadas, noutras áreas, abrangidas por outros parques eólicos, identificaram-se 196 motivos, a maioria gravados por picotagem embora possa existir maior quantidade de figuras incisas finas não detectadas. Nas cabeceiras dos rios Alva e Ceira, em estudo de outros investigadores, onde estão contabilizadas 700 rochas (Ribeiro *et al.,* 2010) é afirmada a predominância das formas picotadas associadas a abrasão sobre as incisas: "the technique of stippling/hammering is present, associated with abrasion in 70% of the slabs. From a total of more than 200 slabs, only one – "Pedra Letreira" in Góis – has 90% of its area carved using the method of incision with a sharp object, predominantly filiform in style" (Ribeiro, 2006: 46).

[137]No Parque Eólico da Serra da Alvoaça (Jacinto, 2006), em 39 figuras, 21% são podomorfos, 13% cruciformes, 33% motivos indeterminados e os restantes 33% incluem formas circulares; no Parque Eólico das Pedras Lavradas, em 26 figuras constam 19% são podomorfos, 35% são motivos indeterminados e os restantes 46% incluem formas circulares e cruciformes; finalmente noutro conjunto de parques eólicos em 196 motivos, existem 17% de motivos geométricos, incluindo possíveis idoliformes, 15% de podomorfos e os restantes motivos não estão discriminados estatisticamente mas incluem antropomorfos, serpentiformes, zoomorfos, cruciformes, entre outros.

[138] Embora de modo escasso os podomorfos estão presentes no Tejo, principalmente em Gardete (Gomes, 2004b).

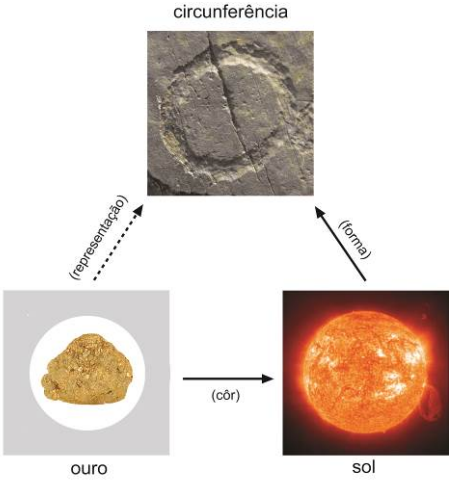


Figura 5.18. Relação transitiva de representação do ouro na forma de círculo (Henriques & Caninas, 2009b).

As figurações incisas, evidenciadas na Cordilheira Central a partir da Pedra Letreira (Nunes & Pereira, 1959), têm larga representação entre as Beiras e Trás-os-Montes, com os casos da Pedra Letreira de Ridevides, em Alfândega da Fé (Santos Jr, 1963), de Molelinhos, no concelho de Tondela (Cunha, 1991), do Vale da Casa, em Vila Nova de Foz Côa (Baptista, 1983), e em diversos sítios do planalto mirandês (Sanches, 1992).

No que concerne à área deste estudo (Oleiros) e zona envolvente próxima, incluindo os relevos do Maciço de Alvélos, os sítios conhecidos testemunham a mesma diversidade técnica e temática acima referida, casos da Fechadura, da Fonte das Rimas e da Lajeira, na Sertã, do Alto do Pobral, do Cabeço Rainho, de Fernão Porco e das Sesmarias, em Oleiros, ou da Pedra das Letras, já no sopé da serra das Corgas, em Proença-a-Nova. A sul do Zêzere, no que concerne mais directamente à área deste estudo, os grafismos rupestres ocorrem em três situações bem diferenciadas, num padrão similar ao que se observa nos acervos fluviais: conjuntos numerosos, homogéneos ou monotemáticos; conjuntos igualmente numerosos mas tematicamente heterogéneos; conjuntos singulares ou com escassas gravações.

Como exemplos da primeira situação indicam-se os seguintes casos (Figura 5.19): o painel situado no Cabeço Rainho, entre os concelhos de Oleiros e Sertã (Ribeiro *et al.*, 2010: 203), com várias dezenas de figuras circulares, algumas com ponto central, e vários podomorfos; as rochas das Sesmarias (Caninas *et al*., 2008b: 94-95), em Oleiros, onde a representação obsessiva de podomorfos, com sobreposições e diferentes técnicas de gravação (incisão fina, abrasão e picotado), é quebrada por um par formado por um antropomorfo esquemático (à esquerda)[139] e por uma figura sub-rectangular[140]; a chamada Pedra das Letras (Henriques & Caninas, 2009), em Proença-a-Nova, é outro exemplo de repetição de segmentos de recta, gravados por incisão/abrasão, dispostos em bandas e maioritariamente fusiformes.

[139] Trata-se de figura masculina cuja cabeça foi sobredimensionada com um arco de círculo a exemplo do que se observa em vários antropomorfos da rocha 175 de Fratel (Gomes, 2000b), com adição de cabeças numa segunda fase, atribuída ao Neolítico Final ou ao Calcolítico. De referir a presença de um podomorfo nesta rocha a qual documenta quatro fases da periodização proposta por M. Varela Gomes para a arte do Tejo.

[140] Refira-se um outro par idêntico, um antropomorfo simples (equiparável a cruciforme assimétrico) à esquerda de uma figura subrectangular segmentada, gravados a picotado num painel vertical na serra da Gardunha (Parque Eólico da Maunça, Fundão).

Os sítios da Lajeira e da Fechadura (Batata, 1998, 2006; Batata & Gaspar, 2000), situados em trecho terminal do maciço de Alvélos, são exemplos expressivos de conjuntos de iconografia heterogénea, patenteando diferentes técnicas de execução. Na Lajeira, as gravações, a picotado, comportam formas circulares[141], predominantes, incluindo espirais e círculos concêntricos, e também meandriformes, antropomorfos e covinhas (Batata, 1998: 20 e 21). É referida a presença do mesmo tipo de motivos na Fonte das Rimas, em local próximo da Lajeira (Batata, 2006:137). De modo diferente, o sítio da Fechadura, mais tardio, testemunha a incisão (Batata, 1998:18 e 19) de sequências de segmentos lineares, figuras geométricas, formas vulvares, escaleriformes, pentalfas e diversas inscrições pré-latinas e latinas (Batata, 2006:57-58)[142].

Finalmente, os casos singulares ou com reduzido número de grafismos foram também documentados (Figura 5.19) em Oleiros e zonas limítrofes, no Alto do Pobral (Caninas *et al.,* 2004b), em Fernão Porco (Caninas *et al,* 2005b), no Fundeiro (Caninas & Carvalho, 2007) e no Zibreiro, já no concelho do Fundão (Henriques *et al.,* 2005). Embora em maior quantidade refira-se a rocha com covinhas identificada junto ao vértice geodésico Mosteiro (Caninas *et al.,* 2008b) em cabeço que termina, sobre a ribeira de Oleiros, extensa lomba adjacente à serra Vermelha.

No Alto do Pobral, na parte oriental do Cabeço Rainho, ou serra da Lontreira, foram identificados, em seis diferentes rochas, um podomorfo isolado (abrasão), dois círculos isolados (picotagem), um par de círculos e noutro painel dois lofóglifos (picotagem), tema presente a noroeste, no Cabeço Zibreiro (serra da Gardunha), com três pequenas figuras, juntas, na extremidade mais elevada de um painel sub-horizontal. A sexta rocha do Alto do Pobral contém duas linhas quebradas, incisas, formalmente idênticas à letra M, e de presença recorrente em rochas gravadas. Em contraforte norte do Cabeço Rainho, junto à aldeia de Fernão Porco, existe amplo painel com três representações circulares. Na parte ocidental do Cabeço Rainha, na área do Parque Eólico do Fundeiro, foi detectada uma espiral isolada, não longe do denso painel gravado da Lajeira, com o qual estará em relação.

Nas terras baixas aplanadas que formam a parte maioritária da área de estudo, o conjunto gráfico identificado até ao momento, não atinge nem os quantitativos nem a diversidade tipológica dos acervos documentados nos espaços fluviais e nos espaços serranos atrás apresentados. Embora se tenha considerado incomportável constituir catálogo dos grafismos rupestres, o conhecimento que deles temos permite afirmar que o tema e a forma dominantes nesta área intermédia, altimetricamente, correspondem às *covinhas*[143], designação adoptada para designar pequenas ou grandes depressões antrópicas de geometria circular, finalizadas por abrasão rotativo ou simplesmente por picotagem. Além destas conhecem-se outros tipos de ocorrências, como podomorfos, por exemplo no Rasto da Moura, em Castelo Branco (Henriques, 2016), lofóglifos e idoliformes, exemplificados no atípico afloramento ou monólito do Poço do Chibo (Figura 5.20).

[141] Informação pessoal do arqueólogo Carlos Batata.
[142] A Lajeira, a Fechadura, a Fonte das Rimas e a Pedra das Letras situam-se junto de nascentes, de linhas de águas e de vias antigas (Batata, 2006:57).
[143] *Fossetes*, em francês, termo também utilizado na bibliografia mais antiga, *cazoletas*, em castelhano, e *cupmarks* ou *cupules*, em inglês.

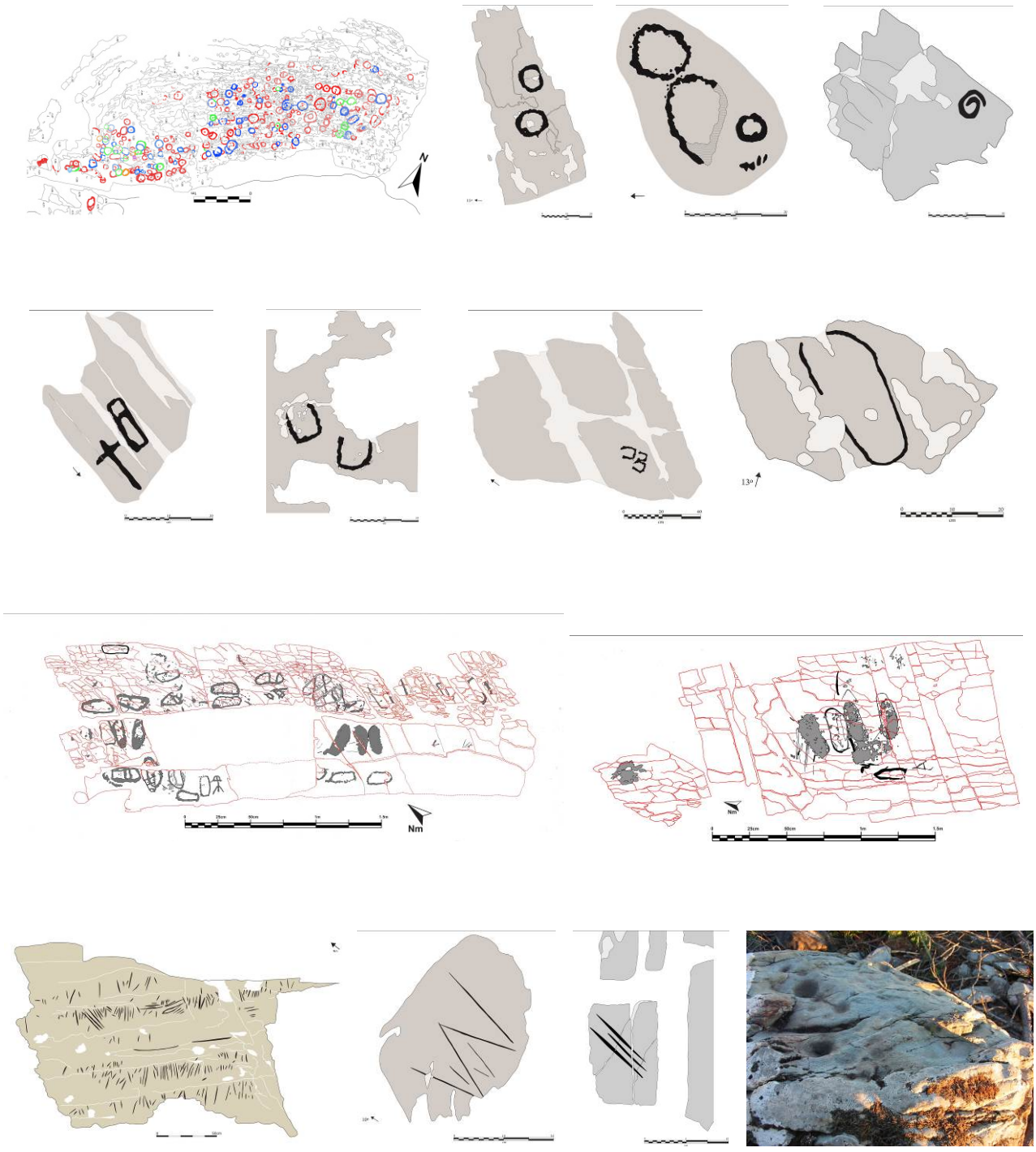
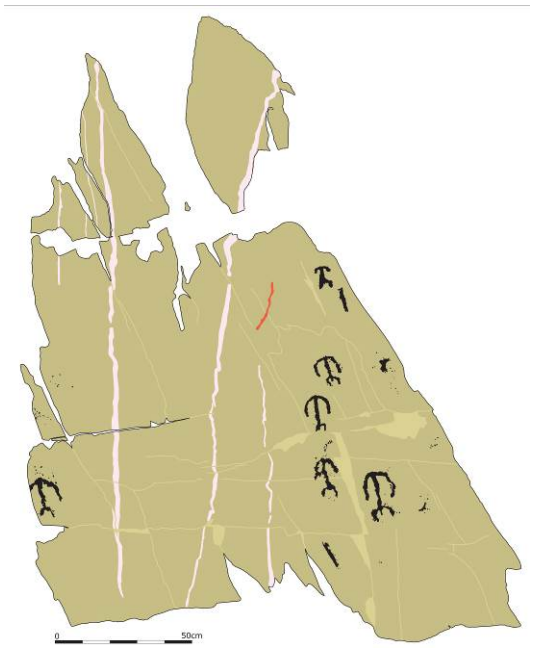
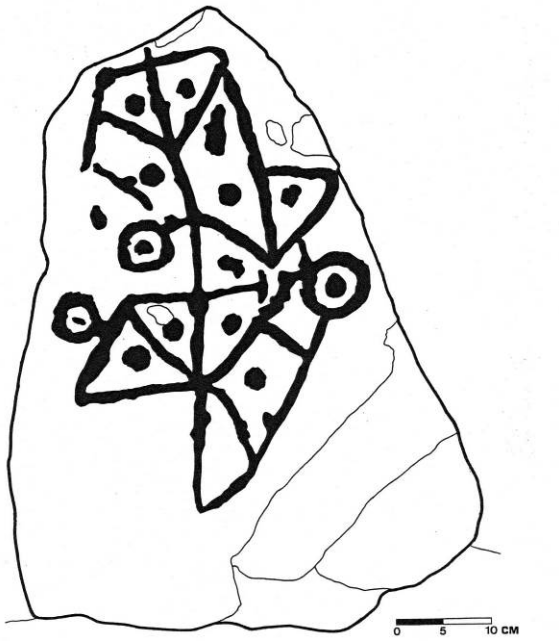


Figura 5.19. Exemplos de grafismos referentes à área serrana citados no texto (da esquerda para a direita e de cima para baixo – levantamento / tintagem): Cabeço Rainho, Sertã-Oleiros (seg. Ribeiro *et al.,* 2010); Alto do Pobral, Oleiros (FH & JC / AP), Caninas *et al,* 2004b; Fernão Porco, Oleiros (FH & JC / AP); Fundeiro, Sertã (JC & AS / AP); Alto do Pobral (FH & JC / AP), Caninas *et al,* 2004b; Maunça, Fundão (FH & JC / AP); Alto do Pobral (FH & JC / AP), Caninas *et al,* 2004b; Zibreiro, Fundão (FH & JC / AP), Henriques *et al,* 2005; Sesmarias 1 e Sesmarias 2, Oleiros (FH, JC, AS, M. Monteiro, E. Carvalho, J. L. Monteiro, A. Canha / AS), Caninas *et al,* 2008a; Pedra das Letras, Proença-a-Nova (FH & JC / AP), Henriques *et al,* 2009; Alto do Pobral (FH & JC / AP) Caninas *et al,* 2004b; São Lourenço, Oleiros (FH & JC / AP); Mosteiro, Serra Vermelha, Oleiros (JC). Abreviaturas: Francisco Henriques (FH); João Caninas (JC), André Pereira (AP); Armando Sabrosa (AS).





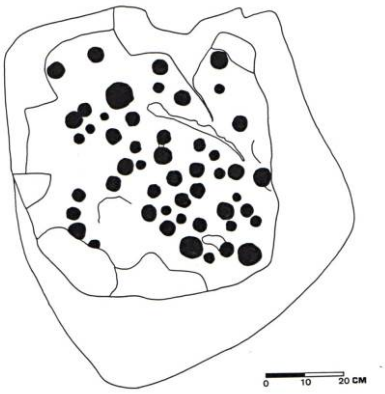








Figura 5.20. Exemplos de grafismos referentes a espaços fluviais ou planálticos, citados no texto (da esquerda para a direita e de cima para baixo – levantamento / tintagem): Foz do Ribeiro da Enxacana, Idanha-a-Nova (F. Henriques, J. Caninas & M. Chambino/ A. Pereira), Henriques *et al.,* 2011; Poço do Chibo (FH & JC / JC), Cardoso *et al.,* 2003; Cubeira, Idanha-a-Nova (JC / JC), Henriques *et al.,* 1998; Senhora das Neves, Castelo Branco (JC), Henriques *et al.,* 1995b; abrigo megalítico com gravuras na Tapada da Foz, Idanha-a-Nova (FH), Henriques *et al.,* 2011; Ribeiro da Malaguarda, Vila Velha de Ródão (CMCD de Vila Velha de Ródão), Henriques *et al.,* 1995b.

A compreensão do significado e contexto das covinhas constituem desafios à investigação, pela sua universalidade e quase intemporalidade, desde a mais antiga referência, na gruta de Daraki-Chattan, datada de há 200 mil anos (Lorblanchet, 2009), tendo por isso sido considerada a primeira arte rupestre do mundo (Bednarik, 2008). As particularidades observadas nos contextos nacionais repetem-se noutras paragens tão distantes quanto a Escandinávia (Horn, 2015) e o Paquistão (Kalhoro, 2013, 2014), reportadas ao seu isolamento ou à associação a outras representações como figuras humanas, zoomorfos, podomorfos e outros motivos, às conexões entre covinhas adjacentes com sulcos, à sua refuncionalização, à presença ao ar livre, em abrigos ou em megálitos, e à sua ampla cronologia. Contudo, a comparabilidade deste tipo de representações, fora de contextos regionais específicos, fica prejudicada pela multiplicidade de estatutos que lhes têm sido atribuídos, atingindo o extraordinário montante de 216 diferentes funções (Bednarik, 2010).

Na área de estudo, as covinhas embora dominantes em rochas ao ar livre ou em sepulturas megalíticas, como são os casos, clássicos, em tampa, esteios e menires da Anta Grande de Medelim (Pereira, 1933)[144] e da sepultura da Granja de São Pedro (Almeida & Ferreira, 1971), aparecem noutros contextos e limites topográficos, nomeadamente em afloramento na margem da ribeira da Pracana[145] (Monteiro & Gomes, 1977), em abrigo construído, da Tapada da Foz, no rio Erges (Figura 5.19), em abrigo natural (quartzítico) da serra do Penedo Gordo, em Vila Velha de Ródão (AEAT) ou em lomba adjacente à serra Vermelha, em Oleiros (Figura 5.18).

As covinhas ocorrem em quantidades reduzidas, de uma, duas ou mais frequentemente três gravações por painel, ou em quantidades elevadas, como os casos de um afloramento na Senhora das Neves (Castelo Branco), com 85 gravações e de outro no Couto da Espanhola (Idanha-a-Nova), com 84 gravações (Henriques *et al.,* 1995b), em quantidades curiosamente idênticas. Embora predominem as representações de pequeno diâmetro, em alguns painéis existem covachos de dimensões muito superiores às da generalidade das covinhas que as envolvem, como se observou na rocha da Malaguarda (Figura 5.20) característica que também se repete num dos menires da Charneca do Vale Sobral, em Nisa, do outro lado do rio Tejo (Monteiro & Gomes, 1978).

Formam em geral conjuntos monótonos, incoerentes, isto é sem uma composição explícita ou geométrica, raramente associadas a outros motivos. A técnica dominante é a abrasão mas existem evidências de terem sido iniciadas por picotagem (Henriques *et al.,* 1995b), tal como referido por diversos investigadores, e também de permanecerem na forma de concentrado de pontos picotados, formando de igual modo uma depressão subcircular, embora irregular, como documentámos no Cabeço da Anta 1 (Proença-a-Nova). No chamado santuário exterior do Escoural, as covinhas parece marcarem presença nas duas formas (Gomes, 1991), posicionando-se estratigraficamente sob as estruturas e derrubes de um povoado Calcolítico, e sobrepondo bucrânios, o que permite advogar-lhes, neste caso, uma posição cronológica no Neolítico final.

Além da proximidade associativa a sepulturas e a recintos líticos, como os do Couto da Espanhola (Caninas & Henriques, em preparação) é relevada a associação cultual ao povoado do Monte do Frade[146] e ao recinto da

[144] A sua presença em faces ocultas como na parte superior da tampa da Anta Grande de Medelím, sugere que sejam tardias e tenham sido gravadas após a erosão da mamoa com exposição daquele peça, o que não invalida que tenham sido gravadas e intencionalmente tapadas aquando da construção. A sepultura de Azután, apoia esta segunda hipótese, dado que "hay una enorme profusión de cazoletas que se encuentran no sólo en la cara visible de los ortostatos, sino también en la pate superior de los mismos donde es de suponor que se apoyaría la cubierta. Esto mismo sucede em Magacela" (Bueno Ramírez, 1987:80).

[145] O caso da Ribeira da Pracana tem uma implantação incomum, em fundo de vale. No Penedo da Costalta, um afloramento bem destacado na margem esquerda do rio Zêzere a jusante da Barroca (Fundão), foi identificado um caso similar (Caninas *et al.,* 2006). Para jusante, fora da área de estudo também ocorrem no baixo Zêzere (Cruz *et al*., 2011).

[146] A presença de rochas com covinhas em torno do *habitat* sugere dúvidas acerca do carácter estritamente profano deste sítio (Vilaça, 1997).

Cachouça, embora não se saiba, em ambos os casos, se a sua conexão é com a ocupação do Neo-Calcolítico ou do Bronze final/Ferro (Vilaça, 2008a: 32, 98).

Em relação ao complexo do Tejo foi admitido que "algumas rochas decoradas, somente com covinhas, ocupando posições limítrofes em relação às áreas de maior concentração de gravuras, como a da ribeira da Pracana, as dos arredores de Nisa, Chão da Velha e Fratel, ou da ribeira da Ferradura, parecem anunciar o santuário e fazerem a introdução, ou a iniciação, ao seu espaço, como acontece em outros locais sagrados" (Gomes, 1987:28), conferindo-lhes estatuto de marcador territorial. Na mesma região e noutra perspectiva (Henriques *et al.,* 1995b) foi contraposta a integração destes motivos em espaços sagrados autónomos, comparativamente com os acervos do rio Tejo. Perto daqui, na província de Cáceres, foi constatada a presença de covinhas junto a pinturas esquemáticas que delimitam o espaço de cerca de uma dezena de povoados calcolíticos, razão pela qual se entende que "esta relación simbiótica sirve para entender las cazoletas como una faceta más del arte esquemático, para delimitar su marco cronológico en el território estremeñon y explicar posibles funciones ceremoniales o sacralizadoras del espacio doméstico e incluso funerário" (González Cordero, 2000:532).

Terminamos este apartado, referentes às gravuras, referindo dois casos particulares. O primeiro reporta-se à presença de gravações em relevo, especificamente na forma de um círculo, destacado acima da face interna de um esteio da sepultura do Cabeço da Anta 1, em Proença-a-Nova, por rebaixamento de toda a superfície envolvente. Não é caso único uma vez que se conhecem situações idênticas na Andaluzia exemplificadas por círculos em relevo em esteios das sepulturas de Alberite 1 e Alberite 2 (Bueno Ramírez & Balbín Behrmann, 2002).

O segundo caso, referente ao município de Idanha-a-Nova, situa-se na periferia da sepultura do Poço do Chibo 1 (4113 no catálogo) e corresponde ao extraordinário monólito, ou afloramento, em forma de sela, em cuja face frontal, oblíqua, foi representada uma figura geométrica compartimentada em diversas células incluindo círculos com ponto interior (Figura 5.20). Representações idênticas foram consideradas idoliformes, com cronologias entre o Calcolítico e a Idade do Bronze, e estão representadas, tanto na forma de gravura como de pintura, sobretudo em afloramento ao ar livre, casos da figura central da rocha 1 de Bouça do Colado (Baptista, 1984), de idênticas representações do Monte da Laje (Cunha & Silva, 1980) e dos reticulados alongados da Eira de Lamelas (Sanches, 2017), e em monólitos, casos da Pedra Escrita de Serrazes (Gomes, 2002:151) e da Pedra Partida de Ardegães (Twohig, 1981b), também caracterizadas pela adjacência entre compartimentos poligonais e circulares, com ponto central.

A pintura rupestre é uma variante gráfica insuficientemente representada na área de estudo. Como referido anteriormente, foram identificadas duas existências isoladas no concelho de Idanha-a-Nova, especificamente, dois segmentos ondulados paralelos, de cor negra "sobre fundo previamente pintado a branco" no tecto do abrigo granítico denominado Lapa da Moura (Almeida & Ferreira, 1966), e um conjunto de pontos, manchas e um soliforme em pequeno abrigo localizado em ponto inacessível do canhão fluvial, granítico, de Segura (Martins & Nobre, 2013). Além destas ocorrências, os exemplos mais significativos ocorrem em abrigos naturais, abertos nos quartzitos da serra das Talhadas, em três diferentes locais, no Chão de Galego e na garganta do Almourão (Henriques *et al.,* 2011a, 2017). À excepção de uma representação zoomórfica, mais antiga, estas ocorrências são caracterizadas por uma temática monótona de pontos, pontos arrastados e traços, grande parte dos quais só foram plenamente identificados com a aplicação de fotografia espectral (Henriques *et al.,* 2017). Continua por explicar a sua raridade nos relevos quartzíticos da área de estudo, caso da longa serra das Talhadas, pesquisada com este objectivo há mais de 20 anos, embora se reconheça a insuficiência

dessa pesquisa noutros relevos dimensionalmente significativos com a serra do Muradal (Oleiros) e a serra do Ramilo (Idanha-a-Nova).

O caso comparável, ao nível da temática, mais próximo, situa-se no Pego da Rainha, em Mação, onde foi documentado conjunto numeroso de figuras geométricas, pintadas a vermelho, incluindo "pontos, manchas, barras e traços" (Cardoso, 2003). Mas, mais uma vez, não se conhecem outras ocorrências do mesmo tipo na densa rede de relevos quartzíticos daquele município. Esta baixa representação é um factor de diferenciação entre este espaço gráfico, situado a norte do rio Tejo, e a complexa e heterogénea iconográfica documentada, a sul do Tejo, nas serras quartzíticas, circunvizinhas, de São Mamede (Oliveira & Oliveira, 2008; Martins, 2014) e de Santiago de Alcántara (Bueno *et al.*, 2006, Carrera *et al.*, 2007), para não falar de outras paragens estremenhas, mais distantes, como Monfrague e Villuercas, onde para além dos sempre presentes pontos e linhas se exprimem muitas outras tipologias geométrico-simbólicas, além de antropomorfos e soliformes.

5.5.4. Comentários

Como aspectos salientes desta abordagem refiram-se a heterogeneidade e a assimetria na distribuição espacial dos grafismos rupestres, com densificações no rio Tejo e na Cordilheira Central, que representam os limites altimétricos da área de estudo, o domínio das formas gravadas ao ar livre, em contraponto a uma estranha rarefacção de pinturas nos suportes quartzíticos, comparativamente com espaços homólogos que confinam com esta área, no Norte Alentejano e na Província de Cáceres, a presença de "tradições" picotadas, incisas e erodidas também com diferentes distribuições e uma omnipresença de motivos circulares. Esta diversidade, olhada de modo tão global, tem de ser compreendida no contexto de uma diacronia de vários milhares de anos, embora essencialmente posicionada na Pré-História Recente.

Como impressão geral, e com risco de alinharmos com processo de explicação difusionista, em todo o caso mais plausível a uma escala regional como a considerada, diríamos terem existido duas tradições gráficas em processo de interacção: uma, mais antiga, de longa maturação, com foco no rio Tejo e marcada pela técnica da picotagem, com auge no círculo, e uma variedade temática que se dilui com o afastamento em relação à origem fluvial; e uma outra irradiando da região montanhosa, mais tardia e incorporando as formas incisas, fortemente marcada pela temática da viagem, ilustrada pelos podomorfos. A este propósito foram sugeridas ligações entre as *terras altas* e as *terras baixas* desta região, por via da transumância pecuária de ovicaprinos, que não nos parecem suficientemente demonstradas no plano gráfico, a não ser à vista da distribuição da temática circular.

6. Perspectivas

6.1. Distribuição geral e representatividade

A observação dos mapas (Figura 6.1) com as posições das sepulturas na área de estudo revela uma distribuição assimétrica com concentrações em diversos sectores do território considerado e amplos vazios na parte norte e central de Idanha-a-Nova, nos lados central e oriental de Oleiros, no canto nordeste de Proença-a-Nova e em quase todo o território de Castelo Branco à excepção do canto sudeste. A principal acumulação de pontos observa-se na parte meridional do concelho de Idanha-a-Nova, num compartimento delimitado a leste, a sul e a oeste respectivamente pelos rios Erges, Tejo e pela ribeira do Aravil. Admite-se que este conjunto, balizado na freguesia de Rosmaninhal, represente uma amostra elevada da *população* original. Esta distribuição geral, como já foi referido, resulta fundamentalmente da incidência da investigação efectuada nos últimos 100 anos, a qual se dissociou das áreas de uso agrícola mais persistente ou intensivo onde a taxa de destruição de vestígios arqueológicos terá sido mais elevada.

A informação disponível representa uma aproximação, ou amostragem, da *população* que formou originalmente o *universo* (Ferreira & Simões, 1987) das sepulturas monticulares na área de estudo. Esta amostragem, não sendo aleatória nem sistemática, está distorcida por dois factores de assimetria no que concerne à distribuição dos dados naquele território. São eles, a variabilidade da conservação dos sítios, resultante dos diferentes usos a que o solo foi sujeito ao longo do tempo, e as variabilidades da incidência e da intensidade da investigação, em particular das acções de prospecção de campo.

Coloca-se a questão de saber se esta amostragem é representativa da *população* original em termos quantitativos e em termos de repartição espacial. Quanto ao primeiro aspecto podemos considerar como referência uma área de 324 km^2 no sul do concelho de Idanha-a-Nova onde ocorrem 91 monumentos a que corresponde uma densidade de 28 monumentos por cada 100 km^2. Fazendo uma extrapolação desta densidade para a área de estudo, um território com cerca de 4042 km^2, teríamos uma população, hipotética, uniforme, de 1132 monumentos. Em face desses valores, a amostra de 282 ocorrências (~25% da população hipotética) pode considerar-se representativa comparativamente com aquela quantidade. No território em estudo regista-se actualmente uma densidade de uma ocorrência em cada 16 km^2, ou de 6,3 ocorrências por 100 km^2.

Quanto à representatividade no espaço vimos que a amostra está distorcida tendo em consideração a assimetria da sua distribuição e que por esse motivo não se pode enquadrar em métodos de geração sistemática ou aleatória. Devemos admitir, *a priori,* que a ocupação do território possa ter ocorrido de modo não homogéneo, pelo menos entre áreas com diferentes características biofísicas, no pressuposto que o ambiente condicionou de modo diferenciado a sua ocupação por grupos humanos no espaço mas também no tempo. Vamos admitir como representativas de três sectores da área de estudo (associados a diferentes realidades geomorfológicas) as três seguintes amostras: (1) as ocorrências identificadas em Oleiros, em representação das terras altas do bloco tectónico superior (Cordilheira Central), caracterizado por metassedimentos acidentados; (2) as ocorrências do compartimento sudeste (Rosmaninhal), posicionadas no andar inferior, do bloco tectónico do Alto Alentejo, ocupado por depósitos cenozóicos e superfícies aplanadas; (3) as ocorrências referenciadas em Proença-a-Nova e Fratel em relação ao bloco tectónico, intermédio, dito

de Castelo Branco, com escassa representação de depósitos cenozóicos e morfologia medianamente aplanada. Nesta seriação morfológica e altimétrica ficam de fora a depressão associada à Falha do Ponsul e as áreas com substratos granitóides.

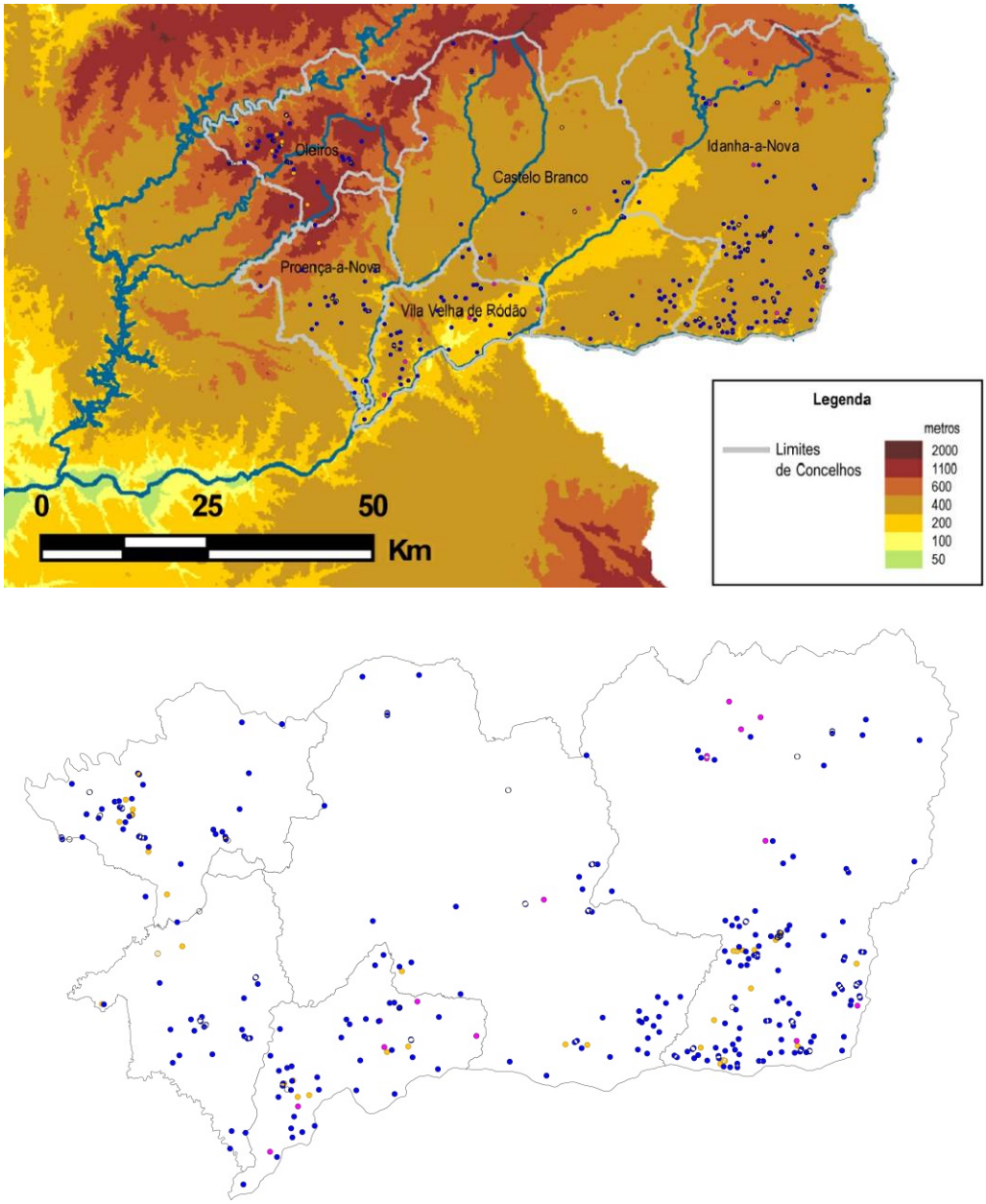


Figura 6.1. Distribuição geral das sepulturas contantes dos catálogos (Anexo 2 a 6). Em cima, hipsometria simplificada com distribuição de pontos (a azul, sítios confirmados, a rosa, sítios de localização hipotética, a amarelo, sítios de qualificação hipotética, a branco, sobreposições). A figura inferior, sem suporte altimétrico, mostra a distribuição geral das sepulturas dentro dos limites municipais.

A representatividade destes dados pode ter sido mais prejudicada pelo segundo factor (assimetria de distribuição) do que pelo primeiro factor (destruição/conservação) acima indicados. De facto, para além do grau de destruição deste tipo de sítios, é quase sempre possível encontrar algum indício da sua existência pretérita, desde que o suporte não tenha sofrido alterações drásticas em termos de acesso ou observação, como são os casos de submersão por albufeira, de ocultamento por acentuada sedimentação natural ou por

aterro, de desaparecimento por exportação de inertes, de construção de terrapleno ou em consequência de saque.

Por outro lado, releva-se o facto das construções dos mortos, abundantes nesta área de estudo, serem uma aproximação à ocupação do território ocupado pelos vivos, sobretudo quando os vestígios das construções destes últimos estão incógnitas ou são menos abundantes ou menos evidentes.

6.2. Inserção no território

Neste apartado abordamos a relação espacial entre as sepulturas e vários parâmetros de caracterização física do território, como a altimetria, a morfologia e a geologia. Faz-se seguidamente uma abordagem relacional das sepulturas procurando identificar agregações, linhas de trânsito e a sua integração com outros tipos de sítios arqueológicos coevos.

Como universo de dados, obtido a partir da tabela do Anexo 7, apenas se consideram válidos para esta análise os 282 registos correspondentes a sepulturas de qualificação e localização fiáveis.

6.2.1. Altimetria

A altitude[147] da ocorrência das sepulturas, enquanto valor absoluto, não terá significado no quadro das preferências locacionais dos povoadores pré-históricos. Ao contrário, a altitude relativa de uma sepultura em relação às que lhe são mais próximas ou à envolvente local, que poderá ser abordada alternativamente e de modo qualitativo no quadro das formas de relevo, já poderá ter significado arqueológico. Em acréscimo, a distribuição altimétrica de uma série numerosa como a que corresponde ao presente inventário também pode ter significados em relação ao parâmetro presença/ausência. Poderão ter mais sucesso as correlações entre altitude e tipologia arquitectónica, entre altitude e cronologia, mas de momento faltam dados para estabelecer essas relações com significância adequada. Apesar dessa restrição iremos caracterizar a relação entre altitude e envergadura horizontal da mamoa. Na Figura 6.2 ilustra-se a altimetria da área de estudo através de um modelo digital do terreno.

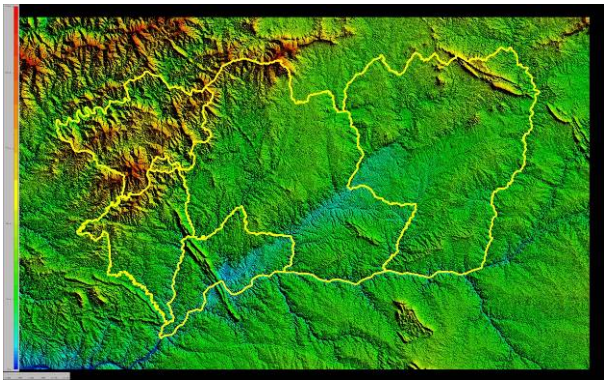


Figura 6.2. Modelo digital do terreno (editado por Hugo Pires) no qual se assinalam os limites dos cinco municípios abrangidos pelo estudo.

[147] Os valores de altitude obtiveram-se por leitura directa das folhas da carta militar de Portugal na escala 1:25000 ou por interpolação no mesmo suporte.

Na figura seguinte (Figura 6.3) apresentam-se dois gráficos relativos à distribuição de 282 ocorrências em função da altitude. Refiram-se como limites absolutos da área de estudo as cotas de 1080m, em Oleiros, e 90m, em Vila Velha de Ródão. Os *tumuli* do Mulato (Vila Velha de Ródão) têm uma presença individual nesta série, atendendo à sua localização numa área muito reduzida, formando o que parece ser um conjunto de sepulturas (necrópole). A *amplitude* da distribuição altimétrica das ocorrências em apreço tem como limites as cotas 1030m, em Oleiros, no sítio 5030, e 97m, em Vila Velha de Ródão, no sítio 1013[148]. No primeiro gráfico da mesma figura apresenta-se a sequência crescente das cotas absolutas correspondentes às posições das sepulturas inventariadas na área de estudo. O segundo gráfico, um histograma, mostra uma distribuição quantitativa das sepulturas por onze[149] intervalos de altitude, ou *classes* (Ferreira & Simões, 1987), com espaçamento regular de 99m (*amplitude da classe*).

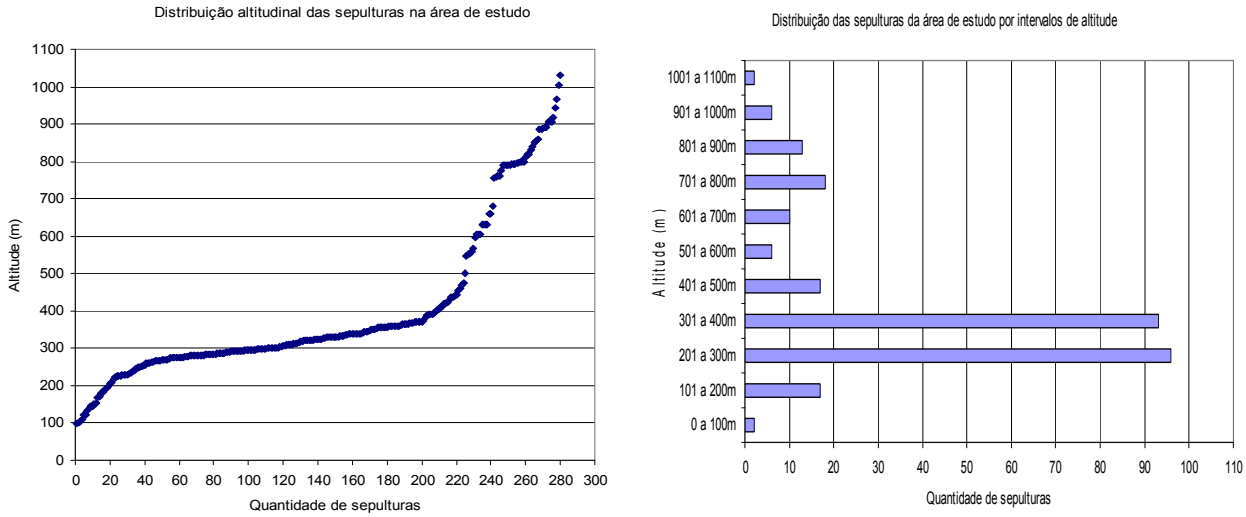


Figura 6.3. Distribuição altimétrica das sepulturas da área de estudo.

Como resultados mais significativos identificam-se dois. Em primeiro lugar, a amplitude e quase ubiquidade das sepulturas em altitude, atingindo os limites topográficos do território, desde cerca de 7m acima da cota inferior do território (90m) até 50m abaixo da cota superior. Esta informação pode significar uma ocupação plena do território, com exploração de diferentes biótopos, no tempo longo de existência deste conjunto de sepulturas. Porém existem alguns saltos, correspondentes a intervalos não representados, acima de 474m de altitude. Um outro resultado é a concentração de quase 68% das sepulturas no intervalo de cotas compreendido entre 201m e 400m, o qual se deve, decerto, ao facto daquele intervalo altimétrico ocupar a maior parte do território em apreço como se pode constatar pela observação do correspondente mapa hipsométrico.

A desagregação desta série por compartimentos, isto é, por parcelas de território delimitadas por acidentes orográficos marcantes que possam ter condicionado a distribuição de grupos humanos no território, em processo de crescente fixação (sedentarização) e marcação do mesmo, poderá proporcionar uma melhor percepção da variabilidade da sua ocupação. Foi isso que se concluiu em Vila Velha de Ródão (Caninas, 2012) com uma ausência de monumentos no intervalo entre 400 m e 570 m altitude, que abarca as cristas

[148] Esta amplitude de distribuição altimétrica também se observa à escala do território continental, desde o litoral atlântico, caso da mamoa da Eireira, em Viana do Castelo (Lopes da Silva, 1987), situada a 25 m de altitude e a cerca de 400 m de distância do mar, até 1418 m de altitude, na Cordilheira Central, caso da mamoa 3 do Pico de Cebola (Batata & Gaspar, 2009:116).

[149] Esta quantidade está dentro do intervalo máximo recomendado (12) para o número de dados (280), de acordo com Ferreira & Simões (1987: 29-30).

quartzíticas e os seus depósitos de vertente, áreas de exclusão anteriormente mencionadas nesta região (Caninas *et al.,* 2008a)[150].

Mas ao ponderar estes resultados em função das diferentes superfícies abrangidas por aqueles andares obtém-se resultados substancialmente diferentes. Tenha-se em consideração que as cotas situadas abaixo de 200m de altitude correspondem a cerca de 8% do território, que essa percentagem é de 67% para o intervalo de cotas de 201m a 400m de altitude e o restante território, 25%, atinge cotas acima de 401m. Deste modo podem calcular-se, a partir do mapa hipsométrico e de modo aproximado, as seguintes densidades de sepulturas por 100 km^2: (1) 5,0 no intervalo 0m a 200m; (2) 6,3 no intervalo de 201m a 400m; (3) 6,5 acima de 401m de altitude. Estes resultados são muito próximos, sugerindo uniformidade, apesar dos factores de distorção espacial identificados.

Este parâmetro não tem merecido tratamento sistemático pelos investigadores do fenómeno funerário. Vamos apreciar quatro casos em que tal abordagem foi feita e que correspondem a territórios com bom contraste orográfico. São eles, a bacia hidrográfica do rio Sever (distrito de Portalegre e Província de Cáceres), o município de Santiago de Alcantara (província de Cáceres), territórios próximos e comparáveis à área de estudo, o Alto Paiva (distrito de Viseu) e a Baixa Limia (Galiza).

Na bacia hidrográfica do Sever, em espaço enquadrado entre a margem esquerda do rio Tejo e a Serra de São Mamede (entre 800 m e 1025 m de altitude), foram caracterizadas 160 sepulturas[151] dissociadas em duas manchas de distribuição espacial (Oliveira, 1997: 116; Oliveira, 2000a: 150). Seguindo os mesmos procedimentos de cálculo efectuados para o conjunto beirão e tendo como dados as cotas disponíveis no catálogo (Oliveira, 1997: 665-669), obtiveram-se os dois gráficos seguintes (Figura 6.4), que documentam um conjunto mais afastado das altitudes extremas. De facto, não existem ocorrências sobre as margens do rio Tejo, que apresenta neste trecho encostas abruptas e sem bacias tectónicas como a jusante, não havendo também monumentos sobre as encostas e cimos do relevo quartzítico da Serra de São Mamede. Contudo, e apesar da referida dissociação espacial dos monumentos, entre um conjunto sobranceiro ao rio Tejo e um outro mais interior, no sopé da serra, parece haver uma ocupação progressiva de cotas entre 150m e 600m de altitude, embora com alguns saltos. No entanto, a concentração de monumentos atinge cotas mais elevadas, com a *moda* entre 301m e 400m. Deste modo a altitude é factor de diferenciação apenas nos extremos da escala de cotas proporcionada pelo território, com ausências entre 601m e 1025 m e abaixo de 150m.

No município espanhol de Santiago de Alcântara, cujo território apresenta um perfil topográfico idêntico ao da bacia do Sever, entre a margem esquerda do rio Tejo e a serra de San Pedro (quartzitos), com uma variação entre 100m e 600m, constata-se que a necrópole megalítica de 25 monumentos[152], à data da publicação utilizada (Bueno *et al.*, 2006:96), estava concentrada (84%) no andar intermédio de 300 m a 400 m altitude, no sopé daquela serra, em sintonia com a *moda* registado na bacia do Sever. Abaixo deste andar registam-se, aparentemente, quatro monumentos (16% da amostra) entre 200m e 300m de altitude.

[150] No território continental apenas se conhece a implantação de sepulturas monticulares sobre quartzitos no Maciço da Gralheira (Caninas *et al.,* em preparação).

[151] Considerando um território de 1267 km^2 obtém-se uma densidade de cerca de 13 monumentos por 100 km^2 ou um monumento por cada 7,9 km^2.

[152] Esta amostragem é menos numerosa que as anteriores mas oferece uma densidade mais elevada tendo em conta que o território municipal atinge 96 km^2 de superfície com um monumento por cada 3,8 km^2.

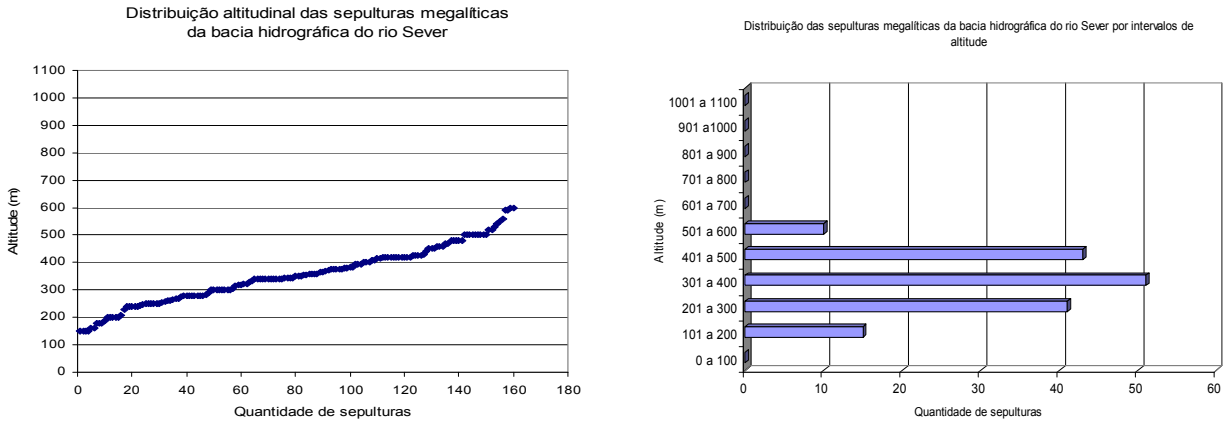


Figura 6.4. Distribuição das sepulturas da bacia hidrográfica do rio Sever (fonte: Oliveira, 1987).

No Alto Paiva (Cruz, 2001: 70-71) para uma amostra de 196 monumentos observa-se uma distribuição aproximável a uma curva normal assimétrica, entre 600m e 1000m de altitude, com moda no intervalo de 850m a 900m, a que correspondem 36% dos casos. Embora não se tenha identificado o valor da altitude mais baixa do território em apreço constata-se uma tendência para a ocupação de cotas mais elevada, com concentração de 74% dos casos entre 750m e 950m.

Na Baixa Limia, num território balizado entre 450m e 1330m de altitude, com 580 km^2, o perfil topográfico das cerca de 177 mamoas[153], distribuídas por 59 posições individuais ou conjuntos, apresenta uma ampla distribuição (Eguileta Franco, 1999: 476), embora com vários saltos, com destaque para a ausência de monumentos no intervalo entre 550m e 700m. Neste território 81% dos monumentos ocorrem em posições elevadas, entre 701m e 1200m de altitude, a que correspondem na convenção local as chamadas terras médias e terras altas. Esta distribuição parece estar ponderada pela concentração de monumentos em torno de 1100m nas pastagens envolventes da serra de Leboreiro (Eguileta Franco, 1999: 196-198).

A comparabilidade destas cinco séries regionais é garantida pelo facto das amplitudes altimétricas dos respectivos territórios terem um extenso intervalo de sobreposição. Documentam uma ampla distribuição altimétrica das sepulturas com ausências que correspondem, em três dos quatro casos documentados, a formações quartzíticas.

Fez-se um outro ensaio de distribuição altitudinal das sepulturas da área de estudo em função da envergadura horizontal da mamoa (diâmetro). Num primeiro gráfico (Figura 6.5) apresenta-se a distribuição altitudinal com referência ao valor absoluto do diâmetro da mamoa. Introduziu-se um terceiro nível de informação ao separar as sepulturas em três sectores geográficos, considerados mais significantes: Oleiros; Vila Velha de Ródão e Proença-a-Nova; Idanha-a-Nova. Embora formando um conjunto menos expressivo, optou-se por não excluir os monumentos situados no concelho de Castelo Branco. O universo de dados corresponde a ocorrências de qualificação certa e com valor de diâmetro máximo atribuído, num total de 218 sepulturas.

Num segundo gráfico (Figura 6.6) quantifica-se a repartição altitudinal da envergadura horizontal das mamoas por classes ou intervalos. Para ilustrar a diversidade de valores observados convencionaram-se[154] as

[153] Uma densidade de um monumento em cada 3,3 km^2.

[154] Esta caracterização nem sempre está contemplada na bibliografia consultada. Para o conjunto tumular do Alto Paiva (Cruz, 2001) são adoptadas seis classes de compasso uniforme: 0<Ø<5 m; 5<Ø<10 m; 10<Ø<15 m; 15<Ø<20 m; 20<Ø<25 m; 25<Ø<30 m. Noutro trabalho académico (Galego, 2007) são adoptadas três classes: pequena, Ø<10m; média, 10m≤Ø<20m; grande, Ø≥30m.

seguintes seis classes, com intervalos não uniformes: (1) muito pequena Ø<5m; (2) pequena 5m≤Ø<10m; (3) média-baixa 10m≤Ø<15m; (4) média-alta 15m≤Ø<20m; (5) grande 20m≤Ø<30m; (6) muito grande Ø≥30m.

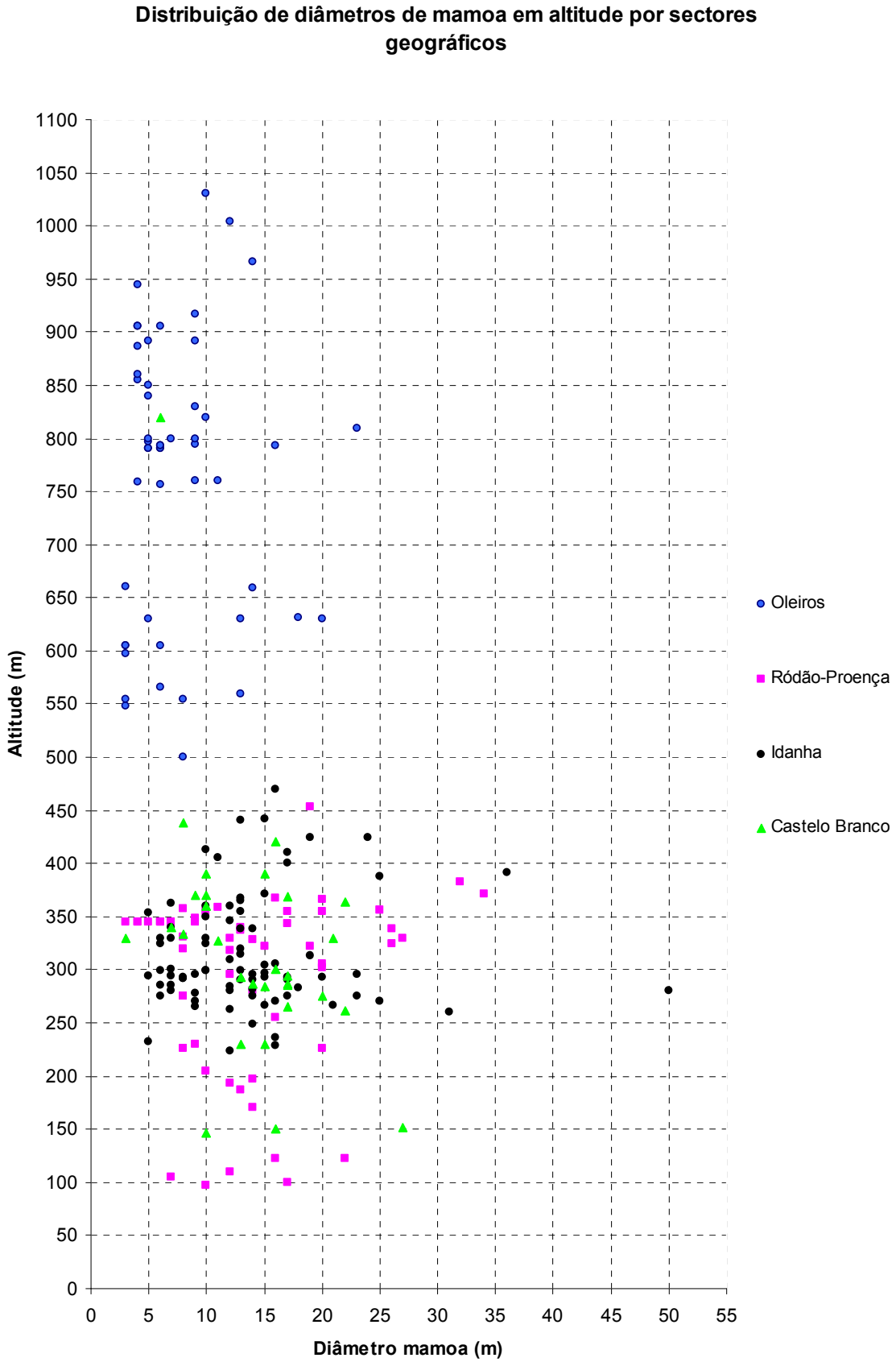


Figura 6.5. Distribuição altitudinal das sepulturas da área de estudo em função da envergadura horizontal da mamoa (diâmetro).

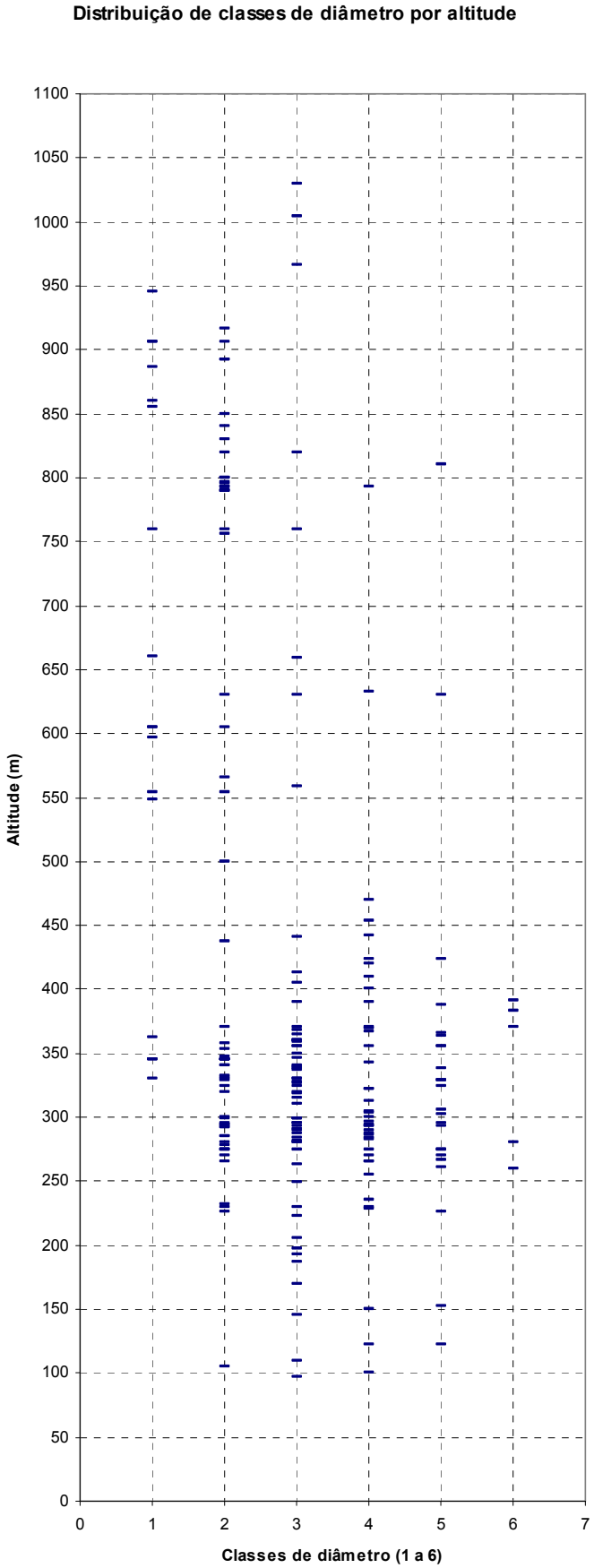


Figura 6.6. Repartição altitudinal da envergadura horizontal das mamoas por classes ou intervalos na área de estudo.

Os resultados dos dois gráficos são equivalentes embora com um grau de agregação diferente. Em ambos os casos observa-se uma distribuição irregular, com bom contraste. A concentração de ocorrências entre 200 m e 400 m de altitude acompanha a maior representação geográfica desse intervalo de altitudes, como foi atrás referido, ali potenciada pela maior incidência das prospecções.

Observa-se uma discreta concentração de casos no concelho de Oleiros que resulta das prospecções efectuadas em zonas culminantes no âmbito de projectos de energia eólica. Este conjunto apresenta-se segregado dos restantes por razões de condicionamento topográfico e a sua distribuição é mais ampla em termos de variação altimétrica do que as restantes.

A rarefacção de casos em cotas intermédias, entre 500 m e 750 m, pode estar associada a um menor investimento na investigação em pendentes mais acentuadas e nas partes setentrionais dos concelhos de Idanha-a-Nova e de Castelo Branco.

Os monumentos muito grandes (diâmetro superior a 30 m) estão confinados ao intervalo de cotas entre 250 m e 400 m e os muito pequenos alargam-se por cotas superiores entre 300 m e 950m. Os monumentos com maior repartição altimétrica, entre menos de 100 m e quase 1050 m, têm envergaduras médias com valores entre 10 m e 15 m de diâmetro.

6.2.2. Geologia

Para a identificação dos contextos geológicos das sepulturas utilizaram-se as folhas da carta geológica de Portugal, à escala 1:50000, com as seguintes referências: 24D (Castelo Branco), edição de 1966 dos SGP (Ribeiro *et al.,* 1967), que abrange os concelhos de Vila Velha de Ródão e Castelo Branco; 28B (Nisa), edição de 1964 dos SGP (Ribeiro *et al.,* 1965), incidente em trechos meridionais dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Castelo Branco; 25C (Rosmaninhal), 25D (Segura) e 29A (Retorta - sector norte), edição de 2010 do LNEG (Romão *et al.,* 2010), que abrange territórios meridionais dos concelhos de Castelo Branco e de Idanha-a-Nova. Para áreas não cobertas pela cartografia anterior consultou-se a carta geológica de Portugal à escala 1:1000000, edição de 2010 do LNEG-IGM. Para Vila Velha de Ródão utilizou-se um estudo da geologia e geomorfologia municipal (Carvalho *et al.,* 2006).

Os resultados, organizados em cinco categorias principais, estão documentados no quadro e no gráfico circular da Figura 6.7. Individualizaram-se as categorias geológicas que têm expressão cartográfica nas diferentes escalas utilizadas, nomeadamente as rochas metassedimentares do Grupo das Beiras, outros de metassedimentos como são os quartzitos, as rochas magmáticas intrusivas e os depósitos cenozóicos de diferentes naturezas e idades, separados em dois conjuntos, sendo um formado pelos sedimentos de períodos anteriores ao Quaternário, casos da Formação de Cabeço do Infante e da Formação de Falagueira, e outro com os sedimentos quaternários, individualizados em depósitos de terraço - os mais antigos -, coluviões (depósitos de vertente) e aluviões de época holocénica.

Estes resultados estão condicionados, entre outros, pelos seguintes factores: (1) a forma heterogénea como a investigação arqueológica incidiu na área de estudo, com menor incidência nos substratos graníticos, (2) a representação heterogénea das categorias geológicas no território, com um predomínio de rochas metassedimentares, com uma expressão significativa de depósitos sedimentares pré-quaternários, que

ocupam grande parte do bloco tectónico inferior, e uma presença inferior das restantes categorias, caso dos quartzitos e dos depósitos quaternários.

Distribuição de 282 sepulturas por substrato geológico		%	
Metassedimentos - Grupo das Beiras (Neoproterozóico e Paleozóico)		70	
Quartzitos (Paleozóico)		0	
Rochas magmáticas intrusivas (Paleozóico)		3	
Formação de Falagueira	Sedimentos do Paleogénico e Neogénico (Cenozóico)	4	21
Formação Cabeço Infante		17	
Depósito de terraço	Depósitos quaternários (Cenozóico)	4	6
Depósito de vertente (cascalheira, coluvião)		1	
Aluvião moderno		1	

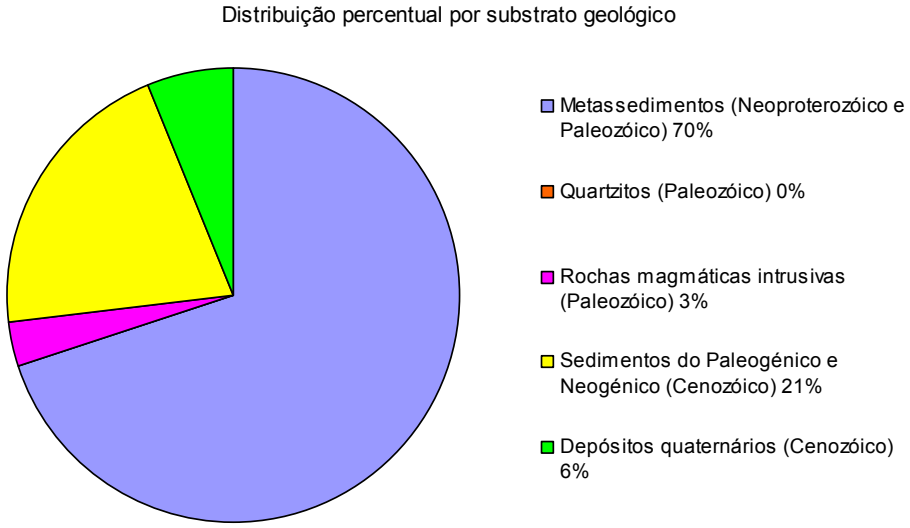


Figura 6.7. Distribuição das sepulturas da área de estudo por suporte geológico.

A elevada presença de sepulturas sobre rochas do Grupo das Beiras (70%) é concordante com a maior representação espacial daqueles suportes que coincidem com as áreas, situadas a sul e a ocidente, mais beneficiadas pela investigação arqueológica. Essas razões também explicam a significativa presença de monumentos sobre sedimentos continentais mais antigos (21%). A percentagem mais baixa de presenças em depósitos quaternários (6%) é concordante com a sua menor representação espacial. A baixa representação de ocorrências em suportes graníticos (3%) resulta do facto destes ocuparem as áreas que foram menos investigadas no decurso do último século.

Mas se ponderarmos estas distribuições em relação à dimensão das principais categorias geológicas obtém-se resultados próximos nas áreas mais pesquisadas. São as seguintes as percentagens (aproximadas) de ocupação da área de estudo: (1) 63% para as rochas metassedimentares excluindo quartzitos; (2) 2% para quartzitos; (3) 15% para rochas magmáticas intrusivas; (4) 20% para depósitos cenozóicos. É a seguinte a distribuição das densidades de sepulturas por aquelas quatro categorias: (1) oito sepulturas por cada 100 Km^2 de metassedimentos; (2) 10 sepulturas por cada 100 Km^2 de depósitos cenozóicos; (3) o valor obtido para as

rochas magmáticas intrusivas, uma sepultura por cada 100 Km^2, não é representativo. Não existem sepulturas sobre quartzitos. Estes resultados indicam uma quase indiferenciação na escolha entre metassedimentos e depósitos cenozóicos para a construção de sepulturas. A partir do conhecimento actual o valor é ligeiramente superior para os depósitos cenozóicos que são também os suportes onde ocorrem os sítios de *habitat* mais antigos (4º e 3º milénios AC).

Um resultado muito evidente é a ausência de sepulturas sobre quartzitos ou nos vales interiores (sinclinal) daqueles relevos, onde ocorrem outras litologias como por exemplo os xistos argilosos do Ordovícico (Carvalho *et al.*, 2006). Esta ausência, quase generalizada no território continental à excepção de um caso em São Pedro do Sul (Caninas *et al.,* em preparação), já foi explicada (Caninas *et al.,* 2008a) tendo em consideração a inadequação daqueles relevos como suporte de trânsito numa escala local/regional.

Esta situação tem equivalência em relevos próximos da área de estudo como são a serra de São Mamede, que se desenvolve entre o Norte Alentejano e a Província de Cáceres, e a serra de San Pedro, no município de Santiago de Alcântara (Cáceres). A circunstância de existirem naquelas duas serras conjuntos numerosos de pinturas rupestres, em abrigos, coevas das sepulturas, também poderá contribuir para a explicação da referida ausência, de sepulturas, em termos de uma exclusão ritual da função funerária naqueles relevos.

Embora as formações quartzíticas correspondam às posições culminantes em diversos sectores da área de estudo e região envolvente, casos da serra das Talhadas, da serra de São Mamede, da serra de San Pedro, da serra de Monforte da Beira, ou das serras de Mação, a altitude não deve ser considerada factor limitante para a implantação das sepulturas pré-históricas, uma vez que estas estão documentadas a altitudes mais elevadas, acima de 800 m, em relevos igualmente culminantes, como são os casos, na região em apreço, da serra Vermelha, em Oleiros (Caninas *et al.,* 2008a) e, fora da área de estudo, das serras da Lousã e do Açor (Caninas *et al.,* 2012; Caninas *et al.,* 2009b; Batata & Gaspar, 2009; Ribeiro *et al.,* s/d).

Registe-se a presença, incomum, de algumas sepulturas monticulares em aluviões modernos, casos dos sítios 1012, 1022 e 1023, localizados em Vila Velha de Ródão. O primeiro caso (Eira da Vinha) é de um *cairn* em quartzo filoniano situado num vale encaixado e que foi apenas identificado devido à execução de uma obra hidráulica. Esta sepultura estava oculta sob os sedimentos depositados devido à erosão dos relevos envolventes, processo talvez acentuado a partir da ocupação romana, sugerida pela presença de um assentamento daquela época no Monte da Coutada. Esta ocorrência alerta-nos para a possibilidade de existirem outras sepulturas em localizações depressionárias, ocultas por sedimentação histórica. As duas sepulturas do Olival dos Morouços situam-se em plena planície aluvial.

Na área de estudo não se conhecem situações de forte condicionamento da distribuição de sepulturas devido ao suporte geológico como o observado na freguesia de Escariz (Pereira da Silva, 1997a), em Arouca. Naquela área foi documentado um forte alinhamento linear, de orientação NO-SE, de parte significativa de um conjunto de 41 sepulturas monticulares, sendo concordante com idêntica orientação de um filão de quartzo e da linha de transição entre granitos e metassedimentos. Embora configurando caso menos expressivo, identificou-se em Oleiros um alinhamento entre um afloramento linear de metassedimentos e uma mamoa (sítio 5013, Cimo dos Valeiros). O afloramento terá servido como fonte de matéria-prima para a construção daquela sepultura e considerou-se intencional o referido alinhamento (Caninas *et al.,* 2014). Conhece-se um outro alinhamento linear, mas não condicionado pela geologia, na serra da Boa Viagem (Cruz *et al.,* 2014).

6.2.3. Morfologia

A forma do relevo tem sido valorizada em estudos sobre a distribuição das sepulturas megalíticas no território, na tentativa de identificar formas e proeminências topográficas significantes para a instalação daquele tipo de construções ou em relação com a sua posição. As possibilidades que se oferecem aos construtores são condicionadas pelas formas mais ou menos vigorosas do relevo, admitindo-se a preferência por superfícies que confiram maior estabilidade às estruturas face à erosão potenciada pela gravidade, o que afasta as vertentes acentuadas[155]. As grelhas relativas às modalidades morfológicas utilizadas por diferentes autores procuram reflectir a realidade de cada território analisado, não sendo por isso idênticas, o que torna difícil estabelecer comparações entre elas.

Na Baixa Límia (Eguileta Franco, 1999: 471) são consideradas oito opções distribuídas por duas diferentes escalas topográficas: uma reflecte a forma do relevo (colo, linha de festo ou divisória de águas, vale aberto e balcão ou rechã) e a outra a relação com a envolvente próxima (vertente, chã, cume, fundo de vale). Nesta região são mais abundantes as implantações em linhas de festo, chãs e portelas (Eguileta Franco, 1999: 191-195). Na bacia hidrográfica do rio Sever a implantação dos monumentos é desagregada em cinco situações, distintas das anteriores, em que quatro delas reflectem a orientação da vertente em relação aos pontos cardiais (Oliveira, 1997: 350): linha de festo; vertente voltada a norte; vertente voltada a sul; vertente voltada e este; vertente voltada a leste. A maioria dos monumentos situa-se sobre linhas de festo repartindo-se os restantes por vertentes viradas a este e a oeste, estando ausentes as orientadas a norte e a sul. Na análise da implantação de 118 sepulturas megalíticas na área de Pavia (Rocha, 1999) é utilizada uma grelha de opções baseada na conjugação de formas de relevo e de proeminência topográfica: topo; esporão; rechã; lomba; vertente; vale; indeterminado. A grande maioria de monumentos daquele conjunto situa-se sobre topos (56%).

Na área de estudo utilizou-se uma grelha de possibilidades de implantação que reflecte a diversidade morfológica e altimétrica que se observa neste território, desde as formas vigorosas de relevo com longas cumeadas, na Cordilheira Central, até às platitudes do *campo albicastrense* e da *campina de Idanha*, com chãs e planícies, passando pelas *terras baixas* de rochas metassedimentares muito recortadas pela rede fluvial formando inúmeros cabeços e lombas. A grelha adoptada combina mais uma vez formas de relevo com proeminências topográficas. A 13 opções de implantação estão distribuídas por três conjuntos topográficos: (1) posições superiores ou culminantes; (2) posições intermédias ou vertentes; (3) posições inferiores ou depressionárias, mais próximas das linhas de água. Em cada um destes conjuntos assinalam-se várias possibilidades de escolha que reflectem a forma do relevo por contraste com a envolvente próxima. Exemplificando com o caso dos *terraços fluviais*[156] refira-se que esta forma de relevo está representada em Vila Velha de Ródão, a montante das Portas de Ródão, numa escadaria de cinco níveis, denominados T1, T2, T3, T4 e T5 (Cunha *et al.*, 2012): o T1, no Monte do Chaparral, ocupa uma posição culminante; o T4, no Monte do Famaco ocupa uma posição intermédia; o T5, na Foz do Enxarrique, tem uma posição inferior, na margem do rio Tejo.

[155] Na Baixa Limia (Eguileta Franco, 1999: 195) é assinalada a presença de sepulturas até pendentes topográficas de 25% mas tomando como unidade territorial um km^2.

[156] Referimo-nos à categoria geológica dos *depósitos de terraço*. Contudo existem também terraços rochosos, isto é, sem depósitos detríticos, como é o caso da plataforma da margem do rio Tejo em Vila Velha de Ródão sita no Cachão do Algarve cujas rochas conservam importante conjunto de gravuras pré-históricas.

No conjunto das posições culminantes consideram-se três opções: *cabeço*, ou topo, um relevo circunscrito, *planalto* (terraço), uma forma alargada, e *crista*, uma forma de relevo alongada. As posições intermédias integram sete opções, embora se possam agregar algumas delas: *cabeço,* que podemos associar ao *cabeço em rechã, vertente, chã,* uma superfície aplanada, que podemos associar à *rechã* (terraço), também denominada balcão (Eguileta Franco, 1999), *lomba*, um relevo alongado, descendente, e *colo* ou portela. As posições depressionárias desdobram-se em *fundo de vale encaixado*, *planície* (aluvial) e *terraço*.

Para comparação quantitativa consideram-se 282 registos com escolha singular de posição topográfica na grelha acima mencionada, tendo sido obtidos os resultados indicados no quadro seguinte (Figura 6.8).

Posições superiores ou culminantes			Posições intermédias ou vertentes					Posições inferiores ou depressionárias		
Topo ou cabeço	Planalto ou terraço	Crista	Cabeço isolado ou em rechã	Vertente	Chã, rechã ou terraço	Lomba	Colo	Fundo de vale encaixado	Planície	Terraço
24	59	26	13	10	61	64	9	1	4	11
9%	21%	9%	5%	4%	21%	23%	3%	0%	1%	4%
39 %			56 %					5 %		

Figura 6.8. Distribuição das sepulturas da área de estudo em função da morfologia do terreno (quantidades e percentagens aproximadas à unidade).

Constata-se haver uma baixa representação de sepulturas em posições inferiores (5%). Este resultado pode reflectir uma opção *ab initio* dos espaços funerários em relação a áreas inundáveis. Contudo, abrangendo estas posições solos de maior aptidão agrícola pode dar-se o caso de ter havido aí uma maior taxa de desmantelamento de construções antigas ou de ocultamento sob aluvião devido a processos erosivos históricos como se observou em Eira da Vinha (sítio 1012), a única posição correspondente a fundo de vale encaixado (0%, por aproximação à unidade).

As posições intermédias ou vertentes representam mais de metade dos casos (56%), seguidas de perto pelas posições culminantes (39%). Nestes dois conjuntos as posições mais representativas são *planalto, chã, terraço* e *lomba*. Embora as possibilidades morfológicas e altimétricas que o território contém condicionem as possibilidades de implantação de sepulturas observa-se uma preferência por posições de geometria alargada e alongada.

6.3. Agregações e trânsito

6.3.1. Introdução

Neste apartado abordam-se os conceitos de necrópole e de conjunto funerário tomando como critérios para a sua delimitação as relações espaciais entre monumentos, as relações destes com o território e a relação entre estes e outros tipos de sítios arqueológicos. Esta opção resulta do facto de, para a maioria deles, faltarem informações de outra ordem, ao nível por exemplo das suas características (arquitectura, ritual e cronologia), que permitam estabelecer outras afinidades ou conexões, orgânicas ou ideológicas, entre sepulturas. Admitem-se alterações na assunção do conceito de necrópole pelos seus sucessivos construtores

e mudanças na concepção do ritual funerário, ao longo da Pré-História Recente. Ilustrativos dessas mudanças, num quadro de continuidade de uso da paisagem, são os casos de adição sucessiva de novas sepulturas na periferia das antecedentes, de adjacência entre construções sucessivas (caso da satelitização de antas por sepulturas do tipo *tholos*), de reutilização de monumentos mais antigos e até, mais raramente, da sua absorção por monumentos maiores, como em Dombate (Cebrián del Moral *et al.,* 2011).

Para a definição de necrópole e sua delimitação no espaço são referidos por diversos autores, entre outros, os seguintes critérios (Afonso Marrero *et al.,* 2006; Andrade, 2013: 423), tangíveis: (1) circunscrição espacial, condicionada por acidentes geográficos marcantes ou posicionamento na dependência de elementos notáveis na paisagem; (2) relação de proximidade entre sepulturas potenciada por intervisibilidade; (3) relação sincrónica por afinidades no plano ritual (estruturas e artefactos); (4) relação orgânica com sítios de *habitat*; (5) convergência com linhas de trânsito, presumidas a partir de alinhamentos lineares e da coincidência com vias históricas ou com passagens obrigatórias (portelas e vales).

É possível colher exemplos, muito diversos na sua geometria espacial, acerca do condicionamento espacial de grupos de sepulturas, configurando necrópoles. O caso talvez mais expressivo é o de Reguengos de Monsaraz (Gonçalves, 1992: 113, 134) caracterizado por duas concentrações, principais, de sepulturas megalíticas[157], quantitativamente equilibradas, separadas pelo vale da ribeira do Álamo. Estes conjuntos caracterizam-se por uma densificação de sepulturas em espaços conexos, com grande proximidade entre monumentos vizinhos[158]. Atendendo a esta forma de distribuição, às características arquitectónicas, artefactuais e rituais dos seus monumentos, e ponderada a proximidade de sítios de *habitat,* foi advogada a hipótese de corresponderem "a dois grupos de comunidades evoluindo [entre o Neolítico e o Calcolítico] em contacto permanente" (Gonçalves, 1992: 117), configurando desse modo duas necrópoles. Num olhar mais detalhado sobre esta distribuição constata-se serem muito numerosos os núcleos de proximidade formados por duas ou três sepulturas. É sugestiva a proposta de fazer corresponder pequeno grupo de sepulturas (duas) ou até uma sepultura isolada a um grupo familiar (V. Gonçalves citado por Andrade, 2013: 421).

Bem diferente é o caso de Escariz (Arouca), desde logo pela sua distribuição alongada, quase linear, com cerca de 5 km de amplitude, condicionada, aparentemente, também por uma variação do substrato geológico. Os 41 *tumuli* deste grupo (Pereira da Silva, 1997a) parece distribuírem-se em dez diferentes núcleos, caracterizados pela presença de um monumento de maiores dimensões, observando-se um núcleo de três, cinco núcleos de quatro e dois núcleos de seis monumentos, existindo outros (seis) isolados. Outro exemplo muito expressivo do conceito de conjunto funerário, desta vez posicionada numa área de trânsito (portela), foi documentado na Fonte da Malga, em Viseu (Kalb & Hock, 1982). Esta necrópole é constituída por oito *tumuli* de características estruturais, volumétricas e cronológicas muito díspares; dois megalíticos e seis não-megalíticos. Entre estes evidencia-se um mais antigo, de maiores dimensões, em posição central, evidenciando uma necrópole formada pela adição sucessiva de sepulturas num tempo longo (entre o Neolítico e o final da Idade do Bronze), significando a manutenção do estatuto sagrado do lugar[159]. Além da

[157] Segundo a mesma fonte são 153 os monumentos reportados no concelho de Reguengos de Monsaraz, numa área de 216 km^2, e estão quase exclusivamente confinados a um substrato de rochas magmáticas intrusivas, circunscrito por rochas metassedimentares.

[158] Na bibliografia consultada não se encontrou nenhum critério métrico para a definição de núcleo de sepulturas. Pode dizer-se que um grupo é formado por três sepulturas se a distância de qualquer uma delas ao vizinho mais próximo for superior k+1 vezes a maior distância entre duas delas. Contudo este critério geométrico, baseado em distâncias lineares, deve ser ponderado em função do relevo e subjugado aos tempos de caminhada entre monumentos.

[159] Neste caso podem ter existido lapsos de continuidade populacional entre a construção do monumento mais antigo e a utilização do mais recente.

adição de novos *tumuli* na envolvente das sepulturas maiores e mais antigas foi documentada a reutilização de uma delas.

Ilustrativa do vínculo de um conjunto sepulcral a uma via histórica, talvez de génese pré-histórica, é a distribuição de 87 *tumuli* ao longo da linha de cumeada da serra da Faladoira (Galiza), numa extensão de mais de 40 km, de ambos os lados de um *caminho real* (Rodríguez Casal, 1990, figura 9). Neste grupo serrano também se podem isolar conjuntos de maior proximidade de dois (sete casos), de três (seis casos), de quatro (dois casos), de cinco e de mais sepulturas (três casos), além de outras isoladas.

A predominância destas pequenas agregações pode ser documentada noutros grupos funerários, casos por exemplo da serra da Aboboreira e da Baixa Limia. Na serra da Aboboreira, numa área serrana quase totalmente isolada por acidentes fluviais, foram definidos dez núcleos e quinze monumentos isolados, totalizando 42 ocorrências (Jorge, 1988; Cruz, 1992: figura 3). Atendendo ao confinamento geográfico daquele relevo, parece legítimo outorgar o estatuto de *necrópole* àquele conjunto de 42 sepulturas. Os núcleos mencionados são constituídos por dois (quatro casos), três (três casos), quatro (um caso), cinco (um caso) e seis monumentos (um caso). Na Baixa Limia (Eguileta Franco, 1999), numa contagem expedita, também se podem isolar núcleos de dois (13 casos), de três (17 casos), de quatro (quatro casos), de cinco (dois casos), de seis (dois casos) e de dez a onze monumentos (três casos). Naquela região são mencionados (Eguileta Franco, 1999: 262-263) grupos tumulares maioritariamente alinhados, fortemente condicionados pela morfologia do terreno, além de outras situações em que esse agrupamento é desordenado, por comparação com formas geométricas.

Procurou-se ilustrar alguns modos de delimitar necrópoles, formadas por grupos mais ou menos numerosos de sepulturas, confinadas pelas características morfológicas e geológicas do seu substrato, sendo possível circunscrever, dentro destas, subconjuntos caracterizados por relações de maior proximidade espacial, constituídos principalmente por dois a quatro monumentos, para além de ocorrências isoladas. Curiosamente, estas abundantes agregações de duas e de três sepulturas não são exclusivas das áreas exemplificadas na Península Ibérica. Por exemplo, no Cáucaso Ocidental é referido que os *dolmens* se agrupam em geral em conjuntos de dois e três até várias dezenas de monumentos (Trifonov, 2013).

6.3.2. Casos de estudo

Para a análise desta realidade, na área de estudo, devem ter-se em consideração as limitações de conhecimento acerca da representatividade das sepulturas nos vários compartimentos do território em apreço. Cientes desta limitação, iremos concentrar a atenção nos conjuntos situados no território de Rosmaninhal (confinado entre o Aravil, o Tejo e o Erges), no território de Fratel (confinado entre o Tejo, o Ocreza e a serra das Talhadas), no planalto das Moitas (Proença-a-Nova) e na serra Vermelha (Oleiros), que são os sectores mais beneficiados por escavações de sepulturas nos últimos 25 anos.

Em Rosmaninhal existe o grupo funerário mais numeroso e talvez o mais bem conservado no espaço da Comunidade Intermunicipal da Beira Baixa. Nos últimos trinta anos os terrenos daquela área ofereceram boas condições de visibilidade para a detecção deste tipo de sítios arqueológicos, em resultado das características edafoclimáticas e de uso predominante do solo, de tipo agro-silvo-pastoril, com extensas áreas de montado, mais recentemente convertidas à prática cinegética. O conjunto disponível pode considerar-se significante e

corresponde a um dos sectores mais intensamente prospectados, embora ainda não se considere concluída a identificação do universo das sepulturas construídas naquele espaço. Os monumentos distribuem-se maioritariamente entre os topos da chamada "serra", uma extensa superfície culminante de depósitos areníticos cenozóicos (Formação de Cabeço do Infante) balizados entre o vg Samarrudo (a sudoeste) e o vg Cabeço Alto (a nordeste), e os rios Tejo e Erges, implantados maioritariamente sobre rochas metassedimentares. A norte existe outra superfície culminante de idêntica natureza, para ocidente e oriente do vg Cegonhas, em cujo topo e pendente norte existe outra mancha de monumentos (Couto do Amieiro e Couto da Espanhola). Neste grupo sectorial podem isolar-se inúmeros núcleos de duas e três sepulturas, com um espaçamento muito variável entre elas, mas a distribuição geral é mais dispersa e menos contrastante que os exemplos anteriores. Muitos destes monumentos servem de suporte a vértices geodésicos e a pontos cotados. Passam-se em revista alguns exemplos tomados a partir de sepulturas mais informativas, acerca das suas características estruturais e artefactuais.

No extremo ocidental do sector meridional, a sul da “serra”, extenso depósito da Formação de Cabeço do Infante, do Paleogénico (Romão *et al.,* 2010), existe um núcleo de duas sepulturas à distância de 350 m uma da outra e um desnivelamento de cerca de 30 m, Samarrudo 1 (4118) e Samarrudo 2 (4119). São de idêntica tipologia, com câmara poligonal, corredor longo e diferenciação em planta, mas tendo diferentes dimensões, com o monumento maior em posição mais elevada (sob vg). Ficam a cerca de 500 m do actual Monte das Cubeiras.

Cerca de 2 km a oriente existem quatro sepulturas mais espaçadas entre si (o desnivelamento máximo é de 60 m e a distância entre o vizinho mais próximo varia entre 550 m e 1000 m[160]) mas com a particularidade de se posicionarem em pontos elevados rodeando as cabeceiras de uma linha de água em cuja margem houve outro local habitado entre a época romana e o presente, denominado Cubeiras. Apesar da maior distância entre monumentos parece relevante valorizar o modo como se adaptam à morfologia do terreno. Os sítios em apreço, Cubeiras 1 (4070), Cubeiras 2 (4071), Cubeiras 3 (4072) e Casa de Caça (4046) comportam mamoas com a mesma ordem de grandeza (em três casos os diâmetros variam entre 10 m e 13 m) com estruturas ortostáticas mais ou menos evidenciadas, mas num caso com uma câmara poligonal, corredor longo e átrio, diferenciados em planta. Cerca de 200 m para noroeste da sepultura 4070 existe outra ocorrência de características atípicas, Cubeira 4 (4073).

Mais para oriente existe um conjunto (Figura 6.9) de 12 sepulturas[161] dispersas em torno de uma suave depressão, em concha, drenada pelo ribeiro das Varetas e afluentes, no interior da qual se situa a povoação abandonada de Alares[162]. Esta distribuição acompanha aproximadamente o coroamento da bacia daquele ribeiro e, curiosamente, orbitam uma área habitada em período histórico mas que poderá ter sido também *habitat* na Pré-História recente[163]. Os afastamentos entre monumentos são mais elevados (entre vizinhos as distâncias rectas variam entre 280 m e 1100 m) do que nos casos anteriores mas deve ponderar-se novamente a sua adaptação à morfologia do terreno, justificando a individualização deste conjunto. O par mais evidente é formado pelos monumentos 4108 e 4109 que podem ser tardios (2º a 1º milénio AC). O mais afastado (4094) está junto de um caminho de acesso à "serra". O desnível entre a altitude mais elevada e a

[160] Esta última medida, recta, não tem significado em termos de marcha porque atravessa uma depressão fluvial.
[161] Alares 1 (4002), Alares 2 (4003), Caseta Velha (4051), Farranhão 1 (4077), Mané (4094), Mesas 1 (4099), Mesas 2 (4100), Pasteira 1 (4108), Pasteira 2 (4109), Poço do Chibo 1 (4113), Poço do Chibo 2 (4114), Poço Ludro (4115).
[162] Sobre a *guerra* dos Alares ver Chambino (2000).
[163] Não se deve excluir a possibilidade de o *habita,t* relacionado com este conjunto funerário, se situar na linha de cumeada em torno da portela balizada entre o sítio denominado Bastarda (na cartografia militar) e o vg Capitão.

mais baixa é de quase 70 m. Não foi possível caracterizar de modo completo todos os monumentos. Existe variabilidade nas características construtivas deste conjunto, evidenciadas por uma mamoa muito pequena, baixa, dispondo, aparentemente, de uma cista (4108), por uma câmara poligonal bem diferenciada de um corredor aparentemente curto (4099) e por uma pequena sepultura com câmara subcircular e corredor, bem diferenciados em planta mas atingindo um comprimento total de apenas 4 m (4113). Os diâmetros máximos das mamoas variam entre 6 m e 12 m.

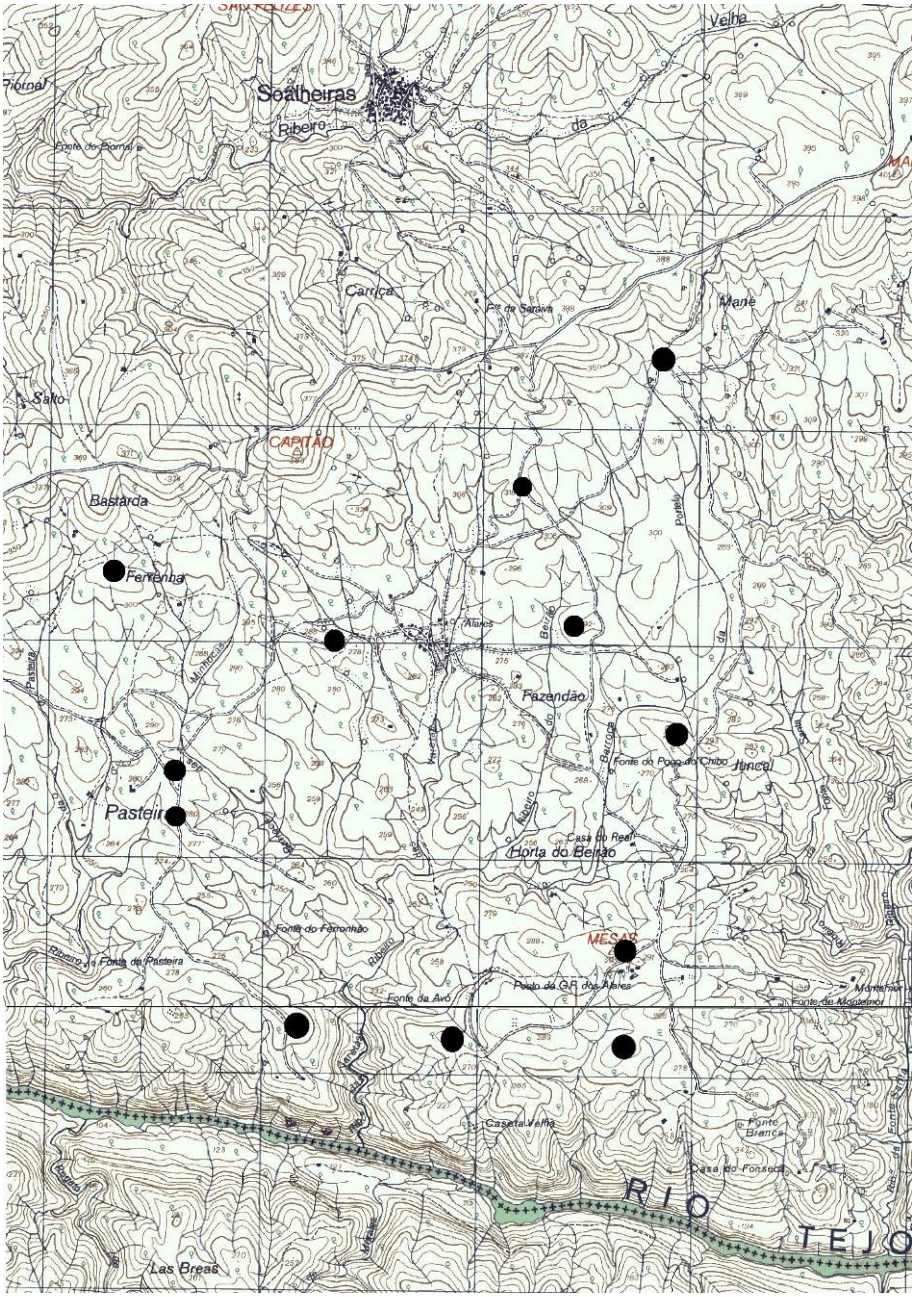


Figura 6.9. Distribuição de sepulturas em torno da antiga aldeia de Alares (Idanha-a-Nova).

Num planalto enquadrado a oeste, a leste e a sul pelo ribeiro da Fonte Santa, pelo ribeiro Manhel e pelo rio Tejo, existe outro par de monumentos à distância de 500 m um do outro, à mesma altitude, Arraial da Azinha 1 (4016) e Arraial da Azinha (4017). Mais uma vez, estão próximos de um local habitado o arraial com o mesmo nome, distante 100 m do primeiro monumento.

No enclave encimado pelo Arraial do Cabeço Mouro, limitado a oeste, a sul e a este pelo ribeiro Manhel, pelo rio Tejo e pelo ribeiro da Godinha, existem dois núcleos de três sepulturas, um formado por Arraial do Cabeço Mouro 1 (4018), 4 (4021) e 5 (4022) e outro por Arraial do Cabeço Mouro 2 (4019), 3 (4020) e Couto dos Mouros (4067). O desnível de cotas entre monumentos, com o mais elevado sob um vg, é de 30 m. Neste grupo as distâncias rectas entre vizinhos variam entre 120 m e 680 m. Posicionam-se a sul do paralelo que passa nas casas do arraial e quatro deles junto de três caminhos que fazem a ligação entre o sítio habitado e o rio Tejo, no Mole[164], na foz do ribeiro Manhel e na foz do ribeiro do Cabeço. Têm características diversificadas embora se disponha de escassa informação acerca destes monumentos. Um deles, 4021, destaca-se pela dimensão, com uma câmara poligonal de sete esteios, corredor longo e mamoa com cerca de 16 m de diâmetro máximo. Perto do caminho de cumeada que liga as casas do Arraial do Cabeço Mouro às do Couto de Santa Marina existem outras duas ocorrências (4023 e 4068).

O núcleo de três monumentos do Zambujo (4141, 4142 e 4143) fica situado a norte das casas do Arraial do mesmo nome, distanciado 300 m do mais próximo (4143), e dois deles estão encostados a um antigo caminho que fazia ligação a norte. As distâncias entre vizinhos variam entre 220 m e 500 m. O desnível entre cotas é de 30 m e o monumento mais pequeno está na posição mais elevada. As mamoas têm diâmetros que variam entre 10 m e 16 m, encerrando conjuntos ortostáticos diversificados, casos de uma câmara poligonal associada a corredor aparentemente longo, de outra pequena câmara poligonal com um corredor longo e um possível átrio e de uma câmara sub-rectangular com pelo menos 4 m de comprimento. Na envolvente existem outros pequenos núcleos de dois a quatro monumentos, nas proximidades dos arraiais do Marmeleiro e da Fainina e no Cabeço Alto.

Merece também referência o núcleo da Tapada da Ordem situado em área com ocupação romano-medieval (Chambino *et al.,* 2015) a ocidente do ribeiro Manhel. É constituído por três monumentos (4128, 4129 e 4130) dois mais próximos, nos lados opostos de um cabeço, e um terceiro mais afastado, variando as distâncias entre vizinhos de 200 m a 440 m. Estão à mesma altitude mas apresentam dimensões e características diferenciadas. O monumento maior (4129), com diâmetro máximo de mamoa de 23 m, tem ampla cavidade central com 6,7 m de diâmetro, resultante de violação, na periferia da qual se observam pequenos esteios e o arranque de um corredor de características indeterminadas. Um vão tão amplo parece corresponder a uma câmara subcircular, baixa, que carecia de uma cobertura cupuliforme, talvez com recurso a estrutura de madeira, tal como é proposto para algumas construções do tipo *tholos* (Sousa, 2016: 217), dada a dificuldade de sustentar uma estrutura de pedra, em falsa cúpula. Cerca de 200 m a noroeste existe outra câmara poligonal, incompleta, envolvida por mamoa com 14 m de diâmetro (4128) mas que pode estar diminuída pela lavoura. Cerca de 400 m a sul do primeiro existe outro monumento mais pequeno (4130), envolvido por mamoa com cerca de 17 m de diâmetro, com câmara e corredor diferenciados em planta e um comprimento total, visível, de 4 m.

Situação distinta das anteriores está documentada na área do Couto do Amieiro a que corresponde o conjunto de sete sepulturas mais investigado neste sector, dado que foram executadas escavações em cinco delas (Cardoso *et al.,* 2003). Referimo-nos aos monumentos denominados Amieiro 1 (4005), 2 (4006), 3 (4007), 4 (4008), 5 (4009), 7 (4011) e 8 (4012), situados maioritariamente sobre uma plataforma de arenitos (Formação de Cabeço do Infante). É escassa a informação disponível sobre dois deles (4008 e 4011) mas os restantes foram objecto de escavação arqueológica tal como um outro situado mais de 1 km para ocidente, Amieiro 9 (4013). O conjunto de cinco sepulturas escavadas que integram o grupo acima mencionado

[164] Local de travessia do rio, frente ao limite meridional da herdade da Açafa, em Mola de Salor (Alarcão, 2013).

ocorrem com uma pequena variação de altitudes, de 16 m, e as distâncias entre vizinhos variam entre 150 m (de 4006 a 4007) e 700 m (de 4005 a 4006). Os diâmetros das mamoas têm valores próximos, com uma variação entre 12 m e 15 m. Contudo, observa-se alguma variabilidade nas características dos contentores funerários, todos de pequenas dimensões e com espólios escassos.

Amieiro 1, o mais afastado no núcleo em apreço, contém uma câmara poligonal, maior que as restantes, mas estava em mau estado de conservação, tal como o *tumulus*, tendo fornecido escassos fragmentos de cerâmica. Amieiro 2, uma pequena câmara poligonal, bem diferenciada de um corredor longo, forneceu artefactos indicativos de dois momentos de utilização (4º/3º milénio AC e 3º/2ºmilénio AC). Amieiro 3 contém uma estrutura ortostática similar, melhor definida e possuindo além de câmara elíptica e corredor curto um átrio alongado. A escavação revelou apenas artefactos de uma reutilização tardia (3º/2º milénio AC) em nível elevado do enchimento da câmara. Amieiro 5 documenta estrutura mais complexa com dois contentores inseridos na mesma mamoa[165]. Uma mais antiga, com câmara oblonga, aberta, atribuível ao 4º/3º milénio AC e uma cista trapezoidal, excêntrica, onde se recolheu fragmento de cerâmica campaniforme. Finalmente, Amieiro 8 revelou outra pequena câmara, ovóide, aberta, equiparável à câmara principal de Amieiro 5 e de outros monumentos de Idanha-a-Nova (caso do Corgos, 4058) e aparentemente coeva daquela. Este núcleo, mais denso e numeroso que os analisados anteriormente, documenta de acordo com os seus investigadores (Cardoso *et al.*, 2003) um mesmo momento de ocupação/utilização entre o final do 4º milénio AC e o início do seguinte, embora com reutilizações entre o 3º milénio e o 2º milénio AC. Amieiro 1, que está afastado das restantes sepulturas para ocidente, documenta uma câmara maior cuja ausência de materiais impede um melhor balizamento cronológico, ainda no 4º ou já no 3º milénio AC.

Importa referir um outro conjunto, situado no Couto da Espanhola, que foi beneficiado com escavações, embora seja menos evidente o efeito de agregação devido à dispersão espacial dos seus elementos. Situa-se no seguimento para sudoeste da extensa plataforma detrítica que suporta o núcleo do Amieiro. Os monumentos em apreço são denominados Couto da Espanhola 1 (4060), 5 (4064), 6 (4065), estando posicionados entre 340 m e 350 m de altitude, e 2 (4061) mais afastado dos anteriores, para sudoeste e em posição mais baixa, a 305 m de altitude. Este último monumento, tal como Amieiro 1, é de maiores dimensões mas está melhor conservado que aquele. As distâncias entre os três primeiros variam entre 300 m e 400 m e a distâncias de dois deles ao quarto são de 700 m e 1000 m. A escavação executada no sítio 4065 (Cardoso *et al.,* 1995b) revelou aquela que, numa perspectiva evolucionista, foi considerada estrutura ilustrativa de fase antiga da arquitectura funerária desta região, atribuível ao 5º milénio AC, uma pequena câmara oval, segmentada em câmara sub-rectangular, numa segunda fase de utilização, envolvida por mamoa com 10 m de diâmetro. A escavação do monumento 4061 (Cardoso *et al.,* 1997a) revelou uma estrutura diversa da anterior, consistindo em câmara subcircular, de 3 m de diâmetro, com corredor longo, de 7,5 m de comprimento, embora baixo e mamoa com 16 m de diâmetro. A arquitectura e o espólio, abundante e diversificado, recolhido em escavação, indiciam (Cardoso *et al.,* 2003) um balizamento cronológico entre o final do 4º milénio AC e o início do seguinte. A dimensão desta câmara e a sua forma subcircular tem sugerido, tal como em outros monumentos deste sector (casos da Tapada da Ordem 2 e do Cabeço da Forca), a qualificação como sepultura do tipo *tholos* embora se admita ser mais plausível, face à inexistência de provas de cobertura pétrea, a sua qualificação como *pseudo-tholos* com cobertura vegetal (Sousa, 2016).

[165] Situação incomum mas que ocorre por exemplo na Junceira (Leisner, 1998: estampa 80), no centro de Portugal, onde foi reconhecida uma mamoa contendo aparentemente três sepulturas, uma com câmara e corredor diferenciados em planta e talvez duas outras apenas evidenciadas por um e dois esteios dentro de pequenas depressões. Distintos pela semelhança dos contentores que contêm - sugerindo maior sincronização de construção/uso - são os casos do *tumulus* circular do Paranho (Cruz, 1997) contendo seis cistas, atribuível ao Bronze Final, e da mamoa do Buço Preto que contém as cistas 3, 4 e 5 daquela necrópole de sete sepulturas (Gomes, 1997: 152-153), atribuída ao Neolítico.

A exemplo do núcleo do Amieiro também foi documentada reutilização desta câmara na Idade do Bronze evidenciada pela presença de dois vasos incompletos. A plataforma culminante do Couto da Espanhola caracteriza-se por uma elevada densidade de evidências pré-históricas (Figura 6.10) que além das sepulturas integram rochas com covinhas, dormentes e moventes de mós manuais, alguns de grandes dimensões, um deles transformado em menir (Cardoso *et al.,* 1995), e dois recintos líticos, estes últimos de cronologia problemática (Caninas & Henriques, em preparação), conforme abordado em apartado anterior.

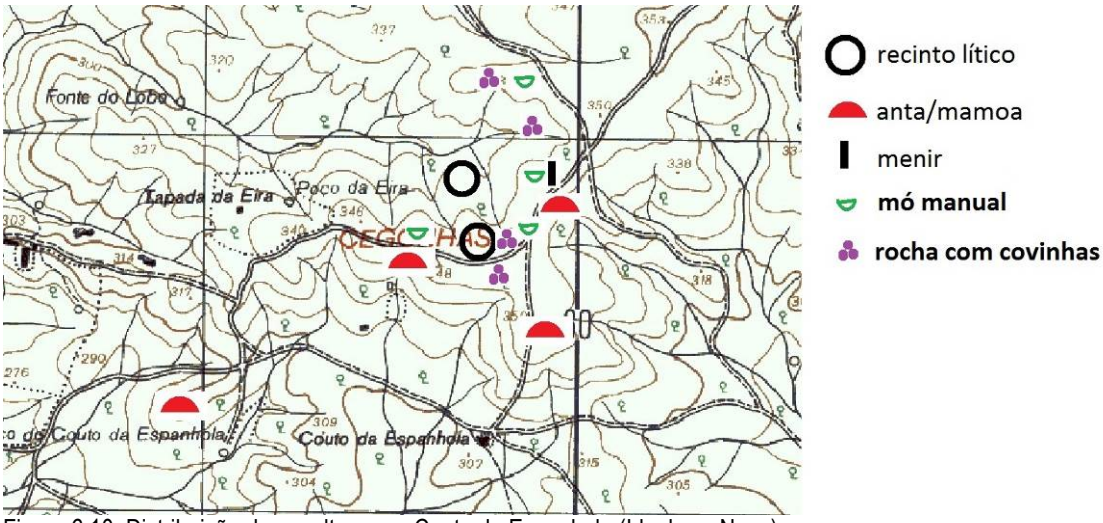


Figura 6.10. Distribuição de sepulturas no Couto da Espanhola (Idanha-a-Nova).

Fora do enclave de Rosmaninhal importa referir o conjunto reconhecido na área da actual albufeira da Barragem de Idanha (Santos, 2000). É constituído por cinco sepulturas com características morfológicas e topográficas contrastantes, sendo três de câmara simples[166] (Granja, 4086, Torrãozinho 2, 4133, e Torrãozinho 3, 4134) e, segundo o autor citado, duas outras (Torrão, 4131, e Torrãozinho 1, 4132) têm câmara e corredor, embora sem evidências da presença deste último. O monumento 4131 é de grandes dimensões e detêm posição central na albufeira ocupando um cabeço-ilha sobranceiro à restante necrópole, que se distribui em torno daquele no lado norte e oriental. Estas sepulturas são postas em correlação com rocha com covinhas situada na periferia daquelas sepulturas. O *inselberg* de Monsanto, observável a partir das duas sepulturas mais complexas e do sítio com covinhas é valorizado como elemento referente no ordenamento do espaço pré-histórico (Santos, 2000: 419), enquanto a posição dos dois monumentos de menor cota é explicada pela proximidade à água e a um caminho histórico. Neste caso, o que parece plausível é a consideração destas ocorrências como formando um conjunto funerário, polimórfico, bem confinadas que estão na depressão formada em torno daquele trecho do rio Ponsul. Cerca de 3 km para ocidente da sepultura central (4131) fica o sítio da Cachouça (Vilaça, 2007), com discreta ocupação do final do 4º milénio / início do 3º milénio AC[167], relativamente afastada para ser perspectivada como *habitat* dos construtores da necrópole em apreço. Mais próximo, sobranceiro ao lado oriental da albufeira, fica o sítio muralhado do Cabeço dos Mouros (Proença Jr, 1910; Ferreira, 1978), com uma ocupação proto-histórica que poderá estar associada à necrópole de cistas existente na albufeira.

Além deste caso constata-se a presença de outros pequenos conjuntos de (duas ou três) sepulturas disseminados pelo território egitaniense como são os casos do Cabeço Vermelho (4041 e 4042), do Arraial das Calaças (4027, 4028 e 4029), do Arraial de Caféde (4025 e 4026) ou de Horta da Serra (4090 e 4091).

[166] Em visita recente verificou-se que Torrãozinho 2 é uma sepultura com corredor constituído por dois trechos não alinhados e bem diferenciados do ponto vista estrutural. Nas proximidades identificou-se uma necrópole de pequenas cistas aparentemente dotadas de *tumulus* pétreo.
[167] Neste sítio têm maior expessão artefactual uma posterior ocupação do 2º/1º milénio AC.

Podem colher-se idênticos exemplos de pequenas agregações de sepulturas no concelho de Castelo Branco em Mourelo (3030, 3031 e 3032), em Pelada (3034 e 3035), em Popenas/Salgueirinho (3036, 3037 e 3045), em Granjinha de Cima (3014, 3015 e 3016), na Rebouça (3038 e 3039), em Ferrarias (3009, 3010 e 3011), neste caso integradas num grupo mais numeroso, disperso em torno do sopé oriental da serra de Monforte da Beira, e eventualmente Silveirinha/Casa da Moura (3006 e 3046) na órbita de um cabeço que se destaca na paisagem e cuja ocupação pré-histórica importa confirmar (vg Olelas).

Em Vila Velha de Ródão merece especial atenção o conjunto funerário identificado no território de Fratel, pela significância dos dados disponíveis (21 sepulturas monticulares numa área de 100 km^2), pelo isolamento morfológico daquele espaço e pelos resultados de uma análise espacial, com recurso a SIG, de que foi alvo recentemente (Caninas *et al.*, 2017). Naquele estudo, já abordado em apartado anterior, é argumentada a relação orgânica das referidas sepulturas com os cinco sítios de *habitat* identificados no interior daquele território, a que acrescem dois outros de qualificação hipotética, e com os conjuntos gráficos representados nas margens dos rios Tejo e Ocreza que o limitam. A partir da projecção dos limites das áreas de captação de recursos, calculadas a partir dos cinco sítios de *habitat* efectivos e dos dois potenciais, verifica-se que 81% das sepulturas (17 em 21) se situam dentro das isócronas da 1 hora ou estão na sua periferia, 57% (12 em 21) ficam abrangidas pelas isócronas de 30 minutos e apenas uma fica fora das isócronas das 2 horas[168]. Se é plausível individualizar a associação de sepulturas a sítios de *habitat,* embora algumas estejam no âmbito de povoados vizinhos, esta informação proporciona uma proposta de aproximação à definição de conjuntos funerários, com sepulturas situadas maioritariamente entre 30 m e 1 hora de marcha em relação ao *habitat* mais próximo.

Faz-se uma chamada de atenção ao subconjunto existente a ocidente do sítio de *habitat* da Charneca mesa detrítica da Charneca de Vilar de Boi- Peroledo, consubstanciado por seis sepulturas (Alteza - 1001, Campo - 1007, Santo Amaro - 1043, Peroledo 1 - 1038, Peroledo 2 - 1040 e Peroledo 3 - 1039). Sobre três delas dispõe-se de escassa informação (1038, 1039 e 1040). As restantes correspondem a estruturas ortostáticas com câmara e corredor bem diferenciados em planta e mamoa residual (1007 e 1043), no caso das posições topográficas inferiores, sendo a outra uma mamoa bem conservada, aparentemente sem estrutura ortostática (1001). Vistas em conjunto estão dispostas em arco a partir das extremidades norte e sul daquela mesa detrítica, envolvendo o *Campo* da aldeia de Vilar de Boi, a norte, no sopé ocidental da plataforma detrítica, onde convergem solos de melhor aptidão agrícola actual. Contudo, a partir dos dados disponíveis[169], deve perspectivar-se uma diferenciação cronológica entre as sepulturas do sopé (1007 e 1043) e as situadas nas mesas detríticas (1001 e talvez 1038 e 1039), reforçando a diacronia daquela necrópole.

Na área de Vila Velha de Ródão que se situa a leste da serra das Talhadas observa-se dispersão de sepulturas, em geral isoladas, ou formando pequenos núcleos de proximidade como no Olival dos Morouços (1022 e 1023) e no Vale das Cobras (1047 e 1065, esta última não identificada mas indicada por Proença Jr). Bem diferente, na quantidade e características morfológicas, é a suposta necrópole de 13 *tumuli* do Mulato (1024 a 1036), cuja cronologia pode ser tardia, eventualmente do final do 2º e início do 1º milénio AC, embora não se disponha de informações seguras para sustentar essa possibilidade. Uma boa parte destas ocorrências aproximam-se de vias de trânsito históricas entre Castelo Branco e Vila Velha de Ródão

[168] Esta sepultura (1004 - Brejinha) pode estar associada a um sítio de *habitat* não identificado no extremo norte do território.
[169] Os resultados das escavações executadas nos sítios 1009 - Charneca das Canas (Pereira da Silva, 1991), 1010 - Charneca das Vinhas (Caninas *et al.*, 2009) e 1005 - Cabeço d´Ante (inédita).

evidenciadas por rede de estradas contemporâneas e vias fósseis evidenciadas por sulcos de desgaste no substrato rochoso, resultantes da passagem de veículos com rodas.

No concelho de Proença-a-Nova a atenção deve focar-se no conjunto funerário das Moitas por conter as sepulturas melhor caracterizadas no território daquele município, nomeadamente no Cão do Ribeiro (2005), já escavada, no Cimo do Vale de Alvito 1 (2010) e no Cabeço da Anta 1 (2003), estas duas em curso de escavação. É reduzida a diferença altitudinal (18 m) entre a mais elevada, no Cabeço da Anta (386 m) e a menos elevada, no Cão do Ribeiro (368 m), com o Cimo do Vale de Alvito em posição intermédia (371 m). Cão do Ribeiro situa-se a 1 km de distância de Cimo do Vale de Alvito e a 1,2 km de Cabeço da Anta. A distância entre Cimo do Vale de Alvito e Cabeço da Anta é de 400 m. Embora mais afastados devem considerar-se, a sul, o monumento da Moita da Galinha (2021), à cota de 337 m, equidistante 1,3 km dos vizinhos Cão do Ribeiro e Cimo do Vale de Alvito, e, a sudeste, o núcleo de três montículos do Espinho Pequeno (2013, 2014 e 2015) situados ao longo de um caminho, à cota de cerca de 350 m, distantes 850 m do vizinho mais próximo, o Cimo do Vale de Alvito. Noutros sectores do território de Proença-a-Nova ocorrem pequenos conjuntos de duas a quatro sepulturas (2009 e 2016; 2027 e 2028; 2018, 2019 e 2020; 2017, 2022, 2023 e 2025) e outras isoladas.

Os monumentos com maior altitude absoluta, proeminência topográfica e amplitude de observação da paisagem são os de maior dimensão (2003 e 2010). Apesar da grande diferença volumétrica[170], cinco (2003, 2005, 2010, 2014 e 2021) daqueles sete monumentos têm estruturas ortostáticas centrais e quatro deles (2003, 2005, 2010 e 2021) parece corresponderem a um mesmo padrão construtivo, caracterizado pela presença de câmara poligonal e corredor diferenciados em plano e alçado. Os dois maiores revelaram subestruturas periféricas e de cobertura, com rochas metassedimentares de origem local. Em qualquer dos casos a argila é o material predominante na construção das mamoas. Neste momento, ainda não se dispõe de séries artefactuais completas que permitam comparar as ocupações destes três monumentos, perspectivar sincronias e individualizar a diacronia de utilização/construção de cada um deles.

Atendendo à distribuição destes sete monumentos em pontos elevados, na periferia[171] das cabeceiras da ribeira de São Gens, perspectiva-se que tenham formado um conjunto funerário em associação com um sítio de *habitat* que se admite pudesse estar situado na plataforma superior das Moitas entre o actual aeródromo e os povoados contemporâneos. Este planalto, estratégico para a mobilidade regional, entre o eixo Proença-a-Nova - Sobreira Formosa, e o rio Ocreza, perto do Vale da Mua, é percorrido por uma antiga estrada nacional[172], de orientação geral noroeste-sudeste, que deve corresponder a um caminho natural ao longo do qual se distribui um conjunto significativo de monumentos.

Na parte montanhosa da área de estudo, no concelho de Oleiros, dispõe-se de informação proporcionada pela avaliação ambiental de projectos eólicos, em particular na Serra Vermelha (Caninas *et al.,* 2004b, 2008a, 2008b). Estes dados, embora recentes, são expressivos em quantidade e diversidade, da caracterização arqueológica daquele sector, embora talvez não se devam considerar representativos da totalidade do espaço

[170] Indicam-se valores médios para o diâmetro da mamoa, a altura actual da mamoa na parte central junto aos esteios e a altura estimada da mamoa considerando que faria o capeamento da câmara e respectiva cobertura: Cabeço da Anta (38 m; 3,7 m; superior a 4 m); Cimo do Vale de Alvito (22 m; 1,5 m; 2,5 m); Cão do Ribeiro (16 m; 1,2 m; 2 m).

[171] Este circuito periférico poderia ser mais completo, com outros monumentos entretanto desaparecidos ou ainda não identificados.

[172] Esta via foi renovada com o actual traçado do IC8 que tem o mesmo andamento daquela.

serrano[173] abrangido pela área de estudo, por insuficiência de prospecção sistemática. Analisam-se seguidamente vários conjuntos de monumentos.

O núcleo de Feiteiras, renomeado Cimo dos Valeiros (5013) e Cimo da Cova dos Bacelos (5011 e 5012) é formado por três montículos de dimensões e características diversificadas e um deles foi objecto de sondagem arqueológica (Caninas *et al.,* 2014). O monumento 5013 é um *tumulus* com cerca de 9 m de diâmetro, construído em argila, com couraça superficial de blocos e calhaus de metassedimentos. Situa-se a 916 m de altitude. Sobre a mesma lomba, cerca de 120 m para sul, à cota de 907 m, existem dois outros montículos (5011 e 5012), próximos entre si, o maior, com cerca de 6 m de diâmetro, é constituído maioritariamente por blocos e calhaus de rochas metassedimentares, e o menor, com cerca de 4 m de diâmetro, é formado essencialmente por seixos de quartzo filoniano, tendo sido parcialmente amputado pela abertura de um caminho. A escavação da sepultura 5013 proporcionou alguns artefactos atribuíveis ao Neolítico e a presença de uma câmara elíptica. Acerca dos monumentos do Cimo da Cova dos Bacelos não se dispõe de informação acerca das estruturas encerradas e sua cronologia.

Outro núcleo ilustrativo de diversidade morfoestrutural das sepulturas monticulares de Oleiros situa-se na Selada da Póvoa a 800 m de altitude. O monumento mais imponente, uma mamoa com cerca de 23 m de diâmetro, 3 m de altura e depressão central com 6 m de diâmetro (5030 - Selada da Póvoa 1), é o maior identificado até ao momento em Oleiros. É constituída essencialmente por sedimento fino[174] embora também inclua calhaus e blocos de metassedimentos, alguns com boleamento fluvial, e de quartzo filoniano, em menor quantidade. Cerca de 25 m para norte foi identificada outra estrutura (5032 - Selada da Póvoa 3) circular, com 9 m de diâmetro, baixa, com ampla cratera central e cerca de 85 m para nordeste do primeiro monumento encontraram-se vestígios de um outro incaracterizável por ter sido destruído pela abertura de um caminho (5031 - Selada da Póvoa 2). Entre este último e os dois primeiros foi identificado trecho de caminho fóssil com sulcos de rodados.

Um outro conjunto bem delimitado no espaço situa-se no Cabeço do Seixo, a baixa altitude, em posição sobranceira à margem esquerda da ribeira de Oleiros. Consiste em cinco *tumuli* constituídos essencialmente por quartzo filoniano e metassedimentos (5005, 5006, 5063, 5064 e 5065), dois de maiores dimensões com diâmetros de 12,5 m (5005) e 8 m (5006) e os restantes muito pequenos, com cerca de 3 m de diâmetro, um dos quais (5064) adjacente a um dos maiores (5006). Ocupam um intervalo de altitudes de 50 m, entre 597 m e 548 m. O *tumulus* maior, construído quase exclusivamente com quartzo filoniano, tem subestrutura de lajes de metassedimento, postas a pino, em círculo com 6 m de diâmetro, e os restantes combinam estrutura pétrea de pequenos clastos de quarto (seixos) com alguns blocos e calhaus de metassedimentos. Junto das estruturas 5006, 5064 e 5065 identificaram-se vestígios de caminhos fósseis, evidenciados por sulcos na rocha, por vezes inseridos em canais de circulação também rebaixados no substrato geológico.

Um último destaque para os três montículos (5060, 5061 e 5062) identificados na serra Vermelha, com referência ao vg Vale de Mós, um dos quais já integralmente escavado (Caninas *et al.,* 2011b). Por exigências da obra de construção do parque eólico local, o que restava de Vale de Mós 1 (5060), parcialmente amputado por caminho de cumeada, foi integralmente escavado e desmontado tendo revelado

[173] Imediatamente a norte, no vizinho município de Pampilhosa da Serra, com 396 km^2 de superfície, foi identificado um conjunto elevado de *tumuli*, 141 (Batata & Gaspar, 2009), com uma ampla distribuição altitudinal de 350 m a 1450 m, embora concentrados entre 650 m e 800 m. Embora numeroso parece ser menos diversificado do ponto de vista estrutural que o identificado em Oleiros, uma vez que são construídos maioritariamente com quartzo filoniano, apesar da grande amplitude planimétrica de 25 m a 2 m de diâmetro (Batata & Gaspar, 2009b).
[174] Existem outros monumentos com estas características em Mouro (5025) e Mata do Álvaro 1 (5021).

uma pequena estrutura de 4 m de diâmetro e características similares aos *baratze* pirenaicos (Peñalver, 2005). Cerca de 50 m para nordeste, sensivelmente à mesma cota (886 m), sobre a mesma linha de cumeada, existem restos de outro montículo (5061) muito destruído pelo estradão e por povoamento florestal. Para sudoeste em cabeço destacado na linha de festo da serra identificou-se outro montículo (5062) com cerca de 3 m de diâmetro, à cota de 906 m, e distanciado cerca de 270 m do primeiro.

Estes exemplos de agregações de *tumuli* em quantidades e com características dimensionais e estruturais diversificadas são ilustrativos do polimorfismo dos conjuntos funerários deste território serrano. Podiam multiplicar-se os exemplos com conjuntos de dois, três e mais *tumuli* próximos entre si. Em posições sobranceiras a uma portela existente entre a serra Vermelha e a serra dos Covões existem dois conjuntos de ocorrências, construídas com quartzo filoniano e metassedimentos, três (5047, 5048 e 5049), com diâmetros entre 4 e 5 m, estão situadas no lado ocidental daquela portela e duas (5050 e 5051), com diâmetros de 9 m e 5 m, ficam no lado oriental. O monumento 5050 foi destruído por caminho florestal cuja instalação expôs uma cista rectangular. Em balcão situado na encosta norte da serra Vermelha existe outro conjunto de três montículos de metassedimentos e quartzo com diâmetros entre 6 m e 3 m (5057, 5058 e 5059). Noutra lomba desta encosta foram reconhecidos dois outros montículos (5053 e 5054) com 13 m e 5 m de diâmetro. Um conjunto mais numeroso foi reconhecido na serra das Mougueiras (5015, 5016 e de 5036 a 5040), consubstanciado por pequenas acumulações de quartzo, quantidade talvez beneficiada pelas prospecções ali efectuadas em vários momentos no decurso da avaliação de projecto eólico. Próximo ou junto (casos de Vale de Mós 1 e de Selada do Cavalo 1 e 2) de todos estes conjuntos existem caminhos fósseis evidenciados por sulcos de rodados incisos no substrato geológico.

6.3.3. Comentários

Procurou-se caracterizar a forma como as sepulturas monticulares se distribuem na paisagem da área de estudo mediante a identificação de relações de maior proximidades entre elas, que justifiquem a concepção de núcleos ou conjuntos, em correlação com a morfologia do terreno. Foi proposta, por outro lado, a configuração de necrópoles em espaços mais amplos, compartimentados por acidentes topográficos mais acentuados, congregando vários núcleos ou conjuntos, sendo exemplo de um desses compartimentos o chamado território de Fratel, fechado por dois rios (Tejo e Ocreza) e uma crista quartzítica. Deve relevar-se a elevada ocorrência de núcleos de duas e de três sepulturas. As grandes concentrações (acima de uma dezena de sepulturas) são raras e podem traduzir uma mudança de paradigma espacial, com concentração, em fase avançada da Pré-História Recente como o sugerem outros casos conhecidos no território continental, caso da necrópole da Senhora da Ouvida (Cruz & Vilaça, 1999). Além dos conjuntos existem sepulturas isoladas por todo o território, mas, na maioria dos casos, por *deficit* de conhecimento, não se pode afirmar que estivessem efectivamente isoladas.

Os monumentos integrantes dos conjuntos descritos exibem, na maior parte dos casos, uma elevada variabilidade dimensional e estrutural cujo significado, ritual, de hierarquia social ou cronológico, carece de aprofundamento, sustentado em datas absolutas, embora já tenha sido defendida, no caso da área de Rosmaninhal, a contemporaneidade de sepulturas com características diferenciadas (Cardoso *et al.,* 2003). Refira-se que neste sector também são múltiplos os indícios de reutilização tardia (do 3º ao 1º milénio AC) de construções mais antigas, demonstrativos de uma persistência milenar na ocupação dos mesmos cenários funerários.

A intervisibilidade é um factor que tem sido frequentemente valorizado pelos investigadores, na tentativa de estabelecer conexões entre monumentos integrantes de um conjunto funerário ou necrópole. Evitou-se fazê-lo por incerteza acerca da aplicabilidade deste factor cuja eficácia estará dependente de uma eliminação significativa e periódica do coberto vegetal que não apenas do arbóreo. Embora haja, como se viu em apartado anterior, dados significativos acerca da incidência de taxas de desarborização significativa do território a partir do Neolítico, sabe-se, por experiência actual, que em terrenos ocupados por matos bastam escassos anos após uma queimada ou incêndio rural para a reposição espontânea da vegetação arbustiva ocultar totalmente até os monumentos de maior volume. Pode argumentar-se que o objectivo seria poder observar, a partir de qualquer ponto da necrópole, os sítios onde se sabia estarem os vários monumentos que a integravam e não necessariamente os próprios montículos. A viabilidade desse tipo de observação estaria também dependente de uma significativa taxa de desarborização e não apenas da eliminação de vegetação de menor porte (arbustiva). Na ausência de dados paleobotânicos ajustados à área de estudo considerou-se prematuro fazer a avaliação deste parâmetro.

Se em alternativa à intervisibilidade dos vários elementos de uma necrópole se advogar a visibilidade apenas entre vizinhos, a eficácia da observação pode ficar simplificada uma vez que as distâncias se reduzem de modo significativo. Deste modo, poderá introduzir-se um factor que nos parece ser relevante. Referimo-nos ao trânsito regular entre monumentos, ou seja, à existência de caminhos pré-históricos em relação com sepulturas, percepcionados a partir da vinculação destas a *caminhos óptimos* obtidos a partir de cálculo digital, indicativos de *vias naturais*[175] ou a vias históricas.

A relação do trânsito com a distribuição de sepulturas megalíticas tem sido abordada em diversas regiões da Península Ibérica tirando partido da existência de grandes concentrações de monumentos deste tipo que conferem maior evidência e representatividade local a tais relações. Uma hipótese explicativa da convergência daquelas sepulturas com vias históricas ou com rotas naturais é a existência de caminhos pré-históricos (Bello Diéguez *et al.*, 1987: 121; Eguileta Franco, 1999: 240-243, 262-265; Gómez Vila, 2005; Galilea Martinez, 2010; Rodríguez Casal, 1989: 21-23; Villoch Vázquez, 2001), embora variem, consoante os autores, as justificações acerca das dinâmicas associadas, desde os movimentos sazonais, nomeadamente transumantes, às rotas de ocupação progressiva do território em direcção a espaços mais remotos ou alcantilados, ou ao trânsito por zonas de passagem obrigatória entre diferentes áreas de exploração de recursos (Villoch Vázques, 2001).

Caso paradigmático, já citado, é a evocação, desde M. Maciñeira (1943), de um alinhamento de 87 mamoas de ambos os lados do Caminho Real que percorre a serra de Faladoira, ao longo de cerca de 40 km (Gómez Vila, 2005: 407). Nas cabeceiras do rio Minho também foi relevada a convergência de sepulturas com locais de trânsito transversal, para transposição entre bacias hidrográficas (Criado Boado *et al.*, 1991). Na província de Araba, a distribuição dos chamados *dólmens de montanha*[176] foi vinculada a rotas de pastoreio transumante, anual, de escala local, em áreas montanhosas com reduzidas alternativas de acesso às pastagens de altitude (Galilea Martinez, 2010) a partir dos vales. Nessa região os monumentos situam-se ao longo das rotas de trânsito entre o vale e a montanha, geralmente em posições topográficas elevadas, mas também em portelas, de entrada nos altiplanos, e ao longo das vias pecuárias que percorrem as chãs onde se situam as pastagens de altitude.

[175] E acidentes topográficos associados, como linhas de festo, portelas, encruzilhadas e vaus.

[176] Os "denominados dólmenes de montaña, se caracterizan por su situación en altiplanicies, por sus pequeñas dimensiones y por una tipología, en su mayoría, consistente en pequeñas cistas" (Galilea Martinez, 2010:435), em oposição aos chamados "dólmenes de valle, caracterizados por su emplazamiento en valles, por su monumentalidad y tipología, y por sus ricos ajuares" (Galilea Martinez, 2010:435).

Na região salmantina é advogada a vinculação de vários conjuntos funerários com um importante corredor natural de trânsito (López Plaza *et al.,* 2000) entre as bacias hidrográficas do Douro e do Tejo, com passagem na serra da Gata, e andamento correspondente a uma importante canada pastoril moderna. A distribuição daqueles monumentos reparte-se pela rede subsidiária de caminhos laterais[177] e justifica a convicção de que as posições dessas sepulturas foram determinadas pela transumância pastoril a partir do 4º milénio AC (López Plaza *et al.,* 2000: 280-281), hipótese potenciada pelas afinidades dos espólios daquela região duriense com os da bacia do Tejo.

Na vizinhança da área de estudo, o conjunto funerário de Santiago de Alcântara, situado na margem esquerda do rio Tejo, foi vinculado ao *Cordel de San Vicente*, derivado da *Cañada Real de Gata*, e prolongado para oeste pela *Vereda de Cedillo a Santiago*, com passagem por Herrera de Alcântara, mas neste caso, é descartada uma explicação transumante: "esta relación ha de valorarse en el marco de las facilidades de tránsito que revelan estos caminos como pasos tradicionales y, no tanto como evidencia de movimientos económicos no detectables en essas fechas. Nos referimos a la trashumancia organizada de época histórica" (Bueno *et al.,* 2006: 35).

Interessante é a proposta de relacionar a distribuição de sepulturas megalíticas com pontos críticos de atravessamento da bacia hidrográfica do rio Tejo na Extremadura espanhola, com destaque para os sete pontos de transbordo entre as margens daquele rio, nos vaus de *Azután, Talavera la Vieja, Alarza, Almaraz, Monfrague, Alconétar* e *Alcántara* (Galán Domingo & Martín Bravo, 1992). Invocam desse modo o papel central daqueles monumentos no controlo simbólico do território, que associam a "comunidades de passagem". Aqueles autores reclamam aquele estatuto por considerarem precários e não permanentes os potenciais sítios de *habitat* coevos, ilustrativos de um povoamento móvel, e desse modo incapazes de exercerem esse mesmo controlo sobre o território.

No território português a hipótese de vinculação da distribuição de sepulturas megalíticas ao trânsito da transumância pecuária (ovicaprinos) foi ensaiada em tese dedicada ao grupo megalítico do Crato (Parreira, 1996). Como indicativa dessa dinâmica antiga, é valorizada a moderna rota transumante entre a serra da Estrela e o Baixo Alentejo (v. Silbert, 1978 e Ribeiro, 1941), como justificativa da circulação de modelos arquitectónicos e artefactuais evidenciados naquele tipo de monumentos. As sepulturas megalíticas das zonas intermédias, ou de trânsito, como o Norte Alentejano, onde se insere a área do Crato, estariam associados a comunidades locais com uma economia agro-silvo-pastoril (a economia pastoril é considerada como *subsistema de uma economia agrícola*) que concederiam pasto temporário em troca da entrega de dejectos para fertilização da terra[178].

Aliás este corredor (natural), de orientação meridiana, entre Trás-os-Montes e o Alentejo com passagem obrigatória pelo interior da Beira, tem sido valorizado como eixo de intercâmbio e aculturação no final da

[177] A rede hierarquizada de vias pecuárias, além dos caminhos de grande amplitude geográfica, as canadas reais, integrava outros de largura e alcance sucessivamente menor, os *cordeles*, as *veredas* e as *coladas*: «... las cañadas reales, definidas como *espacio entre dos tierras cultivadas*, tenían una anchura de [...] 75,22 m, los *cordeles* de [...] 32,61 m y las *veredas* de [...] 20,89 m, y las *coladas* de menor anchura...» (Estepa Garcia, 2000: 117-118).

[178] "É também possível (e para isso há paralelos etnográficos...) que no seu trajecto para Sul os rebanhos beirões tenham servido como elemento de adubo dos campos de cultivo situados ao longo das pistas da transumância. Esta situação poderá imaginar-se nomeadamente no Norte Alentejano, o que levanta novamente a questão de os túmulos terem ali funcionado como marcas territoriais e explicaria a sua posição na paisagem relativamente às zonas de atravessamento e em relação com os terrenos de cultivo existentes nos vales, que necessitavam dos nutrientes orgânicos fornecidos pela estada dos rebanhos. Este ajustamento entre dois tipos de exploração pastoril diferentes [o dos residentes e os dos migrantes] teria assim resultado em interacção e funcionado como um sistema de troca mútua, quer de bens materiais, quer de ideias, influenciando o desenvolvimento de alianças, característica aliás das sociedades segmentárias" (Parreira, 1996: 93-94). O processamento dessa troca obrigaria talvez à existência de redis para pernoita como modo de proporcionar uma concentração de dejectos que seriam ulteriormente encaminhados para os terrenos de culivo agrícola, que estariam necessariamente dissociados dos pastos destinado à paragem de rebanhos em trânsito.

Idade do Bronze, talvez potenciado pela circulação de recursos metálicos e de modelos artefactuais (atlânticos e mediterrânicos), sendo denominado, iconicamente, com *rota das estelas*, atendendo à ampla distribuição das chamadas *estelas de guerreiro* ao longo daquela via (Senna-Martinez, 2013: 178-180; Vilaça, 1995). Um outro ensaio, confinado à Beira Interior sul, região rica em ouro, posicionada entre as fontes de estanho, a norte, e de cobre a sul, reafirma essa orientação geral, estabelecendo uma rede de ligações entre sítios (povoado, depósito, estela, ourivesaria, arte e sepultura), balizados cronologicamente entre o Bronze Final e a Idade do Ferro (Vilaça *et al.,* 1998).

Não se aprofunda a discussão desta problemática na área de estudo, a partir dos dados disponíveis, porque se entende que esse objectivo deveria ser sustentado em cálculo sistemático, sobre modelo digital do terreno, da rede de caminhos óptimos - tarefa que está fora das possibilidades desta tese - com prioridade sobre um simples levantamento, mesmo que sistemático, das relações de proximidade de sepulturas com vias históricas, em uso ou fósseis. Estamos cientes que mesmo esta abordagem estritamente processualista deverá ser completada com uma identificação de sítios notáveis na paisagem que possam ter distorcido o trânsito e o posicionamento de sepulturas, ultrapassando o simples critério da economia de esforço na deslocação.

Tem-se subentendido o trânsito no modo pedestre (individual, de grupos, de rebanhos), o qual, pelo menor grau de condicionamento topográfico face ao carro, poderá abarcar a rede mais restrita de vias rodoviárias e porque não se têm provas da presença destas últimas embora se admita, indirectamente, a emergência do uso da roda a partir do Neolítico Final, representada graficamente ao ar livre (Gomes, 1991), ou mais tardiamente nas estelas de guerreiro do final da Idade do Bronze.

A geografia dos nossos dados está concentrada, por circunstâncias já mencionadas, na envolvente do rio Tejo e numa faixa entre a margem deste rio e trecho da Cordilheira Central. Esta distribuição não é compatível, de momento, com uma discussão de eventual relação com rotas de grande alcance espacial com as que se associam a movimentos transumantes. Contudo, este conjunto tem potencial interesse para uma análise de menor escala no interior da área de estudo, ou mesmo de âmbito local, nomeadamente em dois sectores particulares, na serra Vermelha e no compartimento sudeste, em Rosmaninhal.

No enclave de Rosmaninhal o conjunto funerário ali identificado é muito numeroso, oferecendo por isso significância para uma análise como a pretendida, e as suas posições ocorrem de modo significativo junto de caminhos activos, sendo menos evidentes as relações com vias fósseis. O confinamento morfológico, a densidade de sepulturas e o modo como se distribuem e agregam naquela área, conforme descrito anteriormente, sustenta uma vinculação a comunidade humana mais sedentarizada, com uma economia de base agrícola, pelo menos em momento de "apogeu" da ocupação daquele território.

Na serra Vermelha, em Oleiros, foi referida (Caninas *et al.,* 2004b, 2008a) a quase sistemática relação de proximidade entre *tumuli* e caminhos, principalmente fósseis mas também de outros em estado activo. Porém, nesta área deve ponderar-se o elevado condicionamento locacional imposto pela morfologia montanhosa, dominada por cristas e lombas, estreitas e longas, que, por razões de estabilidade, tende a aproximar os caminhos dos túmulos. A existência nesta região de uma longa linha de cumeada, entre a serra da Gardunha e a serra Vermelha, com cerca de 60 km de comprimento, quase sem lapsos de continuidade[179], ligando a Cova da Beira e o Baixo Zêzere, pontuada por *tumuli*, parece justificar a ideia de uma rota de trânsito regional

[179] Essas características topográficas são invocadas para explicar a ausência de *tumuli* nas cristas quartzíticas em consequência da sua inaptidão para servirem de suporte a extensas vias longitudinais (Caninas *et al.,* 2008a, 2008b).

(Caninas *et al.,* 2008a, 2008b) complementar à rota meridiana acima citada. As sepulturas monticulares marcam presença nas extensas linhas de coroamento desta serra mas também nas lombas que dela derivam em direcção aos vales igualmente ocupadas por vias históricas[180]. A morfologia deste território, a distribuição das sepulturas e a ausência de indícios de assentamentos coevos aproximam-se das condições valorizadas por alguns autores num vínculo a comunidades de passagem.

Um exemplo relevante desta relação foi documentado, em escavação, na Selada do Cavalo, numa portela situada sobre a linha de cumeada da serra Vermelha (Caninas *at al.*, 2015). Neste local foram sondados dois *tumuli,* um dos quais atribuível ao Neolítico, ambos enquadrados a norte por um caminho fóssil e a sul por um caminho activo, ambos com andamentos paralelos. No decurso das sondagens foram revelados outros sulcos de rodados que estavam colmatados por sedimentos. Aqueles trilhos têm uma orientação diagonal, em relação às vias atrás mencionadas, e encostam aos dois monumentos. Ainda não foi possível obter dados cronométricos para a colmatação daqueles sulcos, um objectivo que se considera de grande interesse, embora se admita que sejam posteriores ao montículo mais antigo. Estas vias fósseis podem ser a materialização mais recente de linhas de trânsito pré-históricas, pressupondo que um bom caminho para carro será também adequado à deslocação pedestre.

6.4. Integração entre diferentes tipos de sítios

6.4.1. Introdução

Uma melhor aproximação ao conhecimento da dinâmica e especificidades do povoamento num determinado território, no caso em apreço a área de estudo, durante a Pré-História Recente, depende da possibilidade de se conhecerem as materialidades arqueológicas conectas com diferentes tipos de actividades, desde as funções quotidianas de subsistência e segurança às actividades extraordinárias relacionadas com a convivialidade intercomunitária, com os rituais funerários ou com o sistema simbólico e mágico-religioso. Num primeiro nível de abordagem importa conhecer as posições dessas diferentes materialidades ou sítios, na tentativa de estabelecer relações espaciais significantes, embora cientes da insuficiência desse conhecimento na ausência de uma pesquisa específica dos sítios que permita identificar sincronias.

Neste âmbito tem-se procurado relacionar o *habitat*, as necrópoles e os sítios dotados de representações simbólicas, entre si e com os factores ambientais desse espaço. Tem sido difícil encontrar territórios em que se conservem simultaneamente os três tipos de sítios indicados e com probabilidade de terem convergido no tempo. Acresce o facto de as abordagens mais especializadas não visarem uma visão integrada desta rede de povoamento, mesmo quando os três factores estão em presença, disso resultando enormes assimetrias na caracterização arqueográfica e arqueométrica entre os diferentes tipos de sítios. Passamos em revista alguns casos, caracterizados pela prevalência da caracterização de um destes factores face aos restantes, com destaque para os estudos de conjuntos funerários.

Para a justificação desta dissociação tendeu-se a interpretar a invisibilidade do *habitat* coevo das necrópoles com alguma monumentalidade e visibilidade na paisagem, como resultante de grupos humanos menos

[180] "...o Corredor Gardunha-Alvélos, devido à topografia dos relevos em que se apoia, proporciona inúmeras entradas e saídas, perpendiculares, em direcção aos vales e rios, que o moldam, devido ao sistema de lombas radiantes também elas com declínio progressivo facilitando, desse modo, o encaixe de vias de derivação, junto das quais continuam a ocorrer montículos." (Caninas *et al.,* 2008a).

estáveis no território que desse modo conferiam às sepulturas o papel de marcadores territoriais e modos de exercer o seu controlo. Mais tarde, a emergência de povoados com maior grau de permanência, com um *habitat* mais concentrado, em posições topograficamente dominantes e dotados, muitas vezes, de estruturas de contenção periférica, que desse modo poderiam cooptar a função demarcatória do território, daria lugar, de modo inverso, à *desmonumentalização* e à perda de visibilidade das necrópoles associadas a esses povoados.

6.4.2. Alguns casos

Um exemplo desta dificuldade, por ausência de parte dos factores de humanização da paisagem, pode encontrar-se no estudo emblemático sobre o megalitismo do Norte de Portugal, abordado na tese de V. Oliveira Jorge, que se fundamenta num "trabalho de campo tantas vezes árido, onde nos afrontámos com construções descarnadas, pobres em espólio, desgarradas do contexto cultural de que, no passado, fizeram parte..." (Jorge, 1982:873), e continuado, com idêntico insucesso relacional, na investigação do denso e polimórfico conjunto megalítico da serra da Aboboreira. Contudo, foram reportadas algumas evidências mais directas de ocupações antecedentes, em geral atribuíveis ao Neolítico Antigo, eventualmente de carácter doméstico, sob as estruturas monticulares, como são os casos dos buracos de poste, "pequenos fragmentos de cerâmica e lascas retocadas em sílex", subjacentes ao *cairn* de Outeiro de Gregos 1, e das cerâmicas decoradas, dos buracos de poste e da fossa sob os *tumuli* de Furnas 2, Chã de Santinhos, Serrinha e Cabras (Stockler, 2000: 86-87 e 90). É advogada a existência de sítios de *habitat* atribuíveis ao Neolítico Médio e ao Neolítico Final, nas proximidades das sepulturas, sugerida, por exemplo, pela reutilização de mós manuais nas estruturas monticulares funerárias (Stockler, 2000: 90).

Mais a sul, a contextualização do vasto conjunto funerário reconhecido no Alto Paiva baseia-se numa parca lista de dez sítios de *habitat*, além de raras estátuas-menires e achados isolados, não havendo referência a conjuntos gráficos isolados (Cruz, 2001: 57-60, vol. 1). Entre os primeiros, "sítios abertos, em vertentes suaves, ou plataformas aplanadas" e sítios "com condições naturais de defesa e de domínio visual", as raras ocupações neolíticas são sempre colocadas de modo condicional (Carvalhais), sendo mais prováveis as que correspondem ao tempo decorrido entre o Calcolítico e a Idade do Ferro, admitindo-se uma presença inicial "nas terras mais altas, em torno de vales irrigados ou terras alagadiças" descendo no Bronze Final para "locais topograficamente destacados", entre 800m e 900m de altitude (Cruz, 2001: 60, vol. 1).

Um outro complexo arqueológico bem caracterizado no decurso de uma investigação sistemática, tanto da componente funerária como da residencial, situa-se na bacia do médio e alto Mondego (AA VV, 2000). O programa de investigação ali executado permitiu definir um faseamento do megalitismo funerário entre o Neolítico Médio e o Neolítico Final-Calcolítico, com reutilizações no Calcolítico Final e no Bronze Pleno (Senna-Martinez, 1994: 23-24) a par da construção de outros tipos de sepulturas, bem como de assentamentos de tipo residencial, com uma presença documentada desde o Neolítico Antigo até ao Bronze Final.

A primeira evidência de relação entre espaços funerários e espaços, aparentemente, domésticos, assume a forma de uma convergência espacial, ou sobreposição, talvez em descontinuidade de ocupação, representada pela construção de sepulturas monticulares sobre fundos de cabana, exemplificada na Orca do Folhadal (Neolítico Médio) sobre *habitat* do Neolítico Antigo, com pelo menos cinco cabanas, de configuração

elíptica (Senna-Martinez & Ventura, 2008: 321), e cujos materiais foram parcialmente remobilizados na mamoa sobrejacente. As características tipológicas da indústria lítica encontrada no interior das mamoas de outras sepulturas como a Orca 2 do Ameal e a Orca 2 de Oliveira do Conde sugerem idênticos processos de mobilização de níveis de ocupação mais antigos no decurso da construção daquelas sepulturas (Senna-Martinez & Ventura, 2008: 322-323). O facto de as cabanas terem entradas aparentemente voltadas a nascente "dentro dos limites das orientações determinadas para os monumentos megalíticos" (Senna-Martinez & Ventura, 1999: 26) sugeriu a intencionalidade da sobreposição daquelas pelo espaço ritual do átrio da sepultura megalítica e uma "refundação simbólica do espaço habitacional quando, no início do outono, se reocupa este que, durante a primavera/verão, ficara confiado à tutela simbólica dos antepassados" (Senna-Martinez & Ventura, 1999: 26). Os casos, reiterados, de sobreposição de espaços habitacionais antecedentes e de utilização dos seus resíduos nas construções monticulares pressupõe uma continuidade de conhecimento acerca da ocupação desses sítios.

Os dados disponíveis sugerem "proximidade espacial entre os sítios de habitat e as necrópoles megalíticas, claramente já demonstrada para o Neolítico Final regional" (Senna-Martinez & Ventura, 1999: 26), conexão reforçada pela convergência de datas absolutas e pela "total identidade tipológica dos respectivos elementos da cultura material móvel" (Senna-Martinez & Ventura, 2008: 334). Como exemplos, são apontados os casos dos *habitats*, em geral abertos, sobre rechãs ou vertentes suaves[181], do Ameal 6, Mimosal e Quinta Nova com sepulturas evoluídas situadas a menos de 1 km de distância (Senna-Martinez, 1994: 20). Noutros casos essas distâncias oscilam em torno de 4 km. Na primeira fase do megalitismo regional (Neolítico Médio) a componente doméstica não se evidencia. Ao invés, durante o Neolítico Antigo bem representado por um conjunto significativo de sítios de uso doméstico não há evidência de necrópole e posteriormente, a partir do Calcolítico, com a consolidação da economia produtiva (agrícola), a estrutura do *habitat* ganha visibilidade, perdendo-se a correlação com as necrópoles (Senna-Martinez, 1994: 23), que fora observada no Neolítico Final. A relação com as expressões gráficas circunscreve-se às que estão presentes nas sepulturas desde o Neolítico Médio.

Na mais importante tese dedicada ao complexo de arte rupestre do Tejo houve a preocupação de contextualizar aquele acervo gráfico com os sítios de *habitat* e as estruturas funerárias conhecidas na região envolvente (Gomes, 2010: 81 a 103). Sem entrar na definição de associações e possíveis relações locais entre os três diferentes tipos de sítios, é afirmado que "está verdadeiramente por determinar a relação entre monumentos cerimoniais neolíticos (menires, cromeleques ou dólmenes) e a arte do vale do Tejo; embora os dados disponíveis que respeitam sobretudo à distribuição de ambas realidades indiquem certa convergência espacial de que o rio Tejo será o principal responsável e o grande foco aglutinador" (Gomes, 2010: 91). Aquele investigador caracteriza vários tipos de sítios e achados notáveis e fornece mapas de distribuição, na área de estudo daquele complexo, para a Pré-História Recente (povoados, antas, menires e rochas gravadas) e para a Proto-História (povoados e rochas gravadas) que evidenciam uma distribuição mais regular dos sítios de *habitat*, e respectivas áreas de captação de recursos a 1 hora de marcha, em Vila Velha de Ródão e Rosmaninhal (Idanha-a-Nova), na Pré-História Recente, e em Vila Velha de Ródão, Proença-a-Nova, Mação e Nisa, na Proto-História. Importa, futuramente, relacionar o faseamento dos vários núcleos de gravuras de incidência fluvial com a diacronia de ocupação dos povoados envolventes e respectivas necrópoles.

O conjunto funerário da bacia do rio Sever (Oliveira, 1997, 2012), em zona de fronteira entre Portugal e Espanha, consubstancia outro complexo arqueológico muito significante e que tem sido revisitado com uma

[181] As cabanas, de configuração elíptica, têm pisos de argila, buracos de poste para suporte de cobertura, e, nos casos de Ameal 6 e Quinta Nova, possuem lareiras em posição central sobre estruturas pétreas que reutilizam mais de uma dezena de elementos de mós manuais (Senna-Martinez, 1994:20 e 22) e em Ameal 6 sobrepõem-se a silos que terão servido para torrar e armazenar bolota.

extensão ao segmento simbólico situado na serra de São Mamede (Oliveira & Oliveira, 2015) e das relações com a chamada arte do Tejo (Oliveira, 2008). Notável e de indiscutível relação com o território e o seu diferente potencial para a subsistência é o longo alinhamento de menires que reiteradamente (Oliveira, 1997:135, 2016) acompanha a transição das rochas magmáticas intrusivas para as metassedimentares, limitando, também, duas manchas de sepulturas com marcadas diferenças na arquitectura e nos rituais que nelas tiveram lugar. E mesmo que esses marcadores territoriais possam ser mais antigos que a necrópole, como expresso pelas várias datas absolutas ali obtidas (Oliveira, 2016), podem ter continuado a exercer aquela função durante a vigência daquela, num processo de transição cultural sem descontinuidade.

O inventário dos assentamentos de tipo doméstico, então publicado no contexto do estudo global deste conjunto megalítico, está reduzido a seis sítios, aparentemente, coevos das sepulturas, estando situados exclusivamente no lado ocidental do rio Sever. Um desses sítios fica na parte setentrional do sector norte, em Montalvão, sobranceiro ao rio Tejo, sobre depósitos detríticos, posicionando-se no interior da densa mancha de sepulturas aí reportada, e um outro, a sul, junto ao rio Sever, em área de rarefacção de sepulturas, também no sector dos metassedimentos. No sector sul, correspondente às rochas granitóides, que envolvem os relevos quartzíticos da Serra de São Mamede, estão reportados três sítios relativamente próximos entre si, sobre a linha de fronteira assinalada por menires. Um sexto *habitat* está localizado na parte meridional da área de estudo muito afastado da necrópole conhecida.

A relação do *habitat*[182] com a necrópole não é discutida nesta tese, decerto por não ter havido oportunidade de desenvolver o estudo desta faceta do povoamento, com recurso a escavações e à identificação de uma rede de sítios mais numerosa. Contudo, as "duas manchas megalíticas coincidem com os locais de maior concentração de *habitats* actuais. Quer se trate de povoamento concentrado ou disperso verifica-se que as áreas tradicionalmente ocupadas coincidem nitidamente com as manchas megalíticas" (Oliveira, 1997:351). E relaciona essa distribuição, entre outros aspectos, com a proximidade de recursos naturais, como a água e o solo, o que parece plausível tendo em conta, por exemplo, o efeito de reservatório de água da serra de São Mamede, em torno da qual se distribui uma dessas manchas de sepulturas, com idêntico efeito proporcionado pelos depósitos arenoargilosos, no lado ocidental do Sever, sobre ou em torno dos quais se distribui a mancha megalítica do sector norte. E mais à frente, apontando uma linha de pesquisa desafiante, de busca do povoamento antigo sob o *habitat* actual, afirma que "a contínua ocupação dos mesmos espaços desde, pelo menos, a construção das sepulturas megalíticas até aos nossos dias parece estar suficientemente documentada na área de estudo. A significativa ausência de *habitats* claramente contemporâneos dos construtores de megálitos poderá provavelmente ser explicada pela sobreposição, quer dos próprios sepulcros, quer das estruturas habitacionais continuamente refeitas" (Oliveira, 1997:351).

A conexão da necrópole megalítica com os grafismos rupestres foi desde logo advogada a partir da relação de grande proximidade do grupo de antas situadas no sector norte com o conjunto gráfico do rio Tejo, interpretado como tendo sido executado por comunidade essencialmente pastoril (Oliveira, 2008). A investigação mais recente dos abrigos com pintura esquemática da serra de São Mamede sugeriu, desta feita, a hipótese de uma relação mais directa com a comunidade de construtores das sepulturas megalíticas situadas no sopé daquela serra (Oliveira & Oliveira, 2015), sendo, por outro lado, realçada "a presença constante de povoados de altitude, geralmente a coroar o topo das colinas onde se identificaram os abrigos com pinturas. Estes habitats, ainda que não convenientemente estudados, apontam para cronologias mais tardias, contemporâneas da fase final do megalitismo,

[182] Percepcionado de modo indirecto pela presença de restos de talhe e núcleos, em suportes líticos, no interior dos monumentos e tanto na base como na superfície das respectivas mamoas, indicando depósito de terras proveniente de um *habitat* próximo ou, mais pertinentemente, a sobreposição de uma ocupação antecedente (Oliveira, 1997:537). Esta explicação é extensível à presença de fragmentos cerâmicos muito rolados e à reutilização de mó manuais como material de construção, tal como referido por outros investigadores.

podendo, eventualmente, sobrepor-se a ocupações mais antigas" (Oliveira & Oliveira, 2015:554). Registe-se, tanto na zona do rio Tejo (sector norte do conjunto funerário da bacia do Sever) como na de São Mamede (sector sul do referido conjunto), a analogia da posição do conjunto gráfico em relação à necrópole, tal como comprovado em Santiago de Alcántara, onde também se constata a posição das sepulturas no sopé norte e ocidental dos relevos onde se situam os abrigos com pinturas (Bueno *et al.,* 2006:96). Por outro lado, deve relembrar-se a presença, atrás referida, de sítios de *habitat* junto da linha de fronteira geológica e simbólica. Em ambos os casos importaria prolongar a investigação no restante espaço envolvente das serras de São Pedro e de São Mamede para perceber se a posição dos abrigos pintados e dos *habitat*s, em relação à necrópole, é polar, como sugerem estes dados, ou central.

Em estudo dedicado ao megalitismo do Crato (Parreira, 1996), com 109 sepulturas, são reportados quatro povoados, dois menires e um abrigo com covinhas. Embora apontando lacuna de conhecimento acerca de uma adequada caracterização da ocupação doméstica deste território, essa relação é ensaiada em quatro necrópoles (Parreira, 1996: 75-82). Na de Vale d´Anta, as cinco sepulturas e o único conjunto de covinhas, identificado em abrigo, situam-se a menos de 1 km de distância, para nordeste, de um *habitat.* Na necrópole de Espadaneira, também formada por cinco sepulturas, a "anta grande", considerado o monumento central, domina topograficamente o restante conjunto estando próxima de um povoado, situando-se as restantes sepulturas entre 1 km e 2 km, para noroeste, oeste e sudoeste, do *habitat*. Em Crucieira e Taliscas foram delimitados dois conjuntos, próximos, dotados cada um de cinco sepulturas e de um povoado em posição dominante. Em Crucieira as sepulturas distribuem-se a menos de 1 km de distância, a oeste, a sul e a leste, do povoado que está em posição mais elevada. Em Taliscas as sepulturas situam-se até 1,5 km de distância, para noroeste, norte e nordeste, do povoado, com Taliscas 2 adjacente a este. A regularidade quantitativa observada nestes quatro conjuntos merece reflexão.

Na bacia hidrográfica da Ribeira Grande, no Norte Alentejano, existe outro conjunto expressivo de sepulturas megalíticas (Andrade, 2009). A tentativa de compreender as relações entre a componente doméstica, a componente funerária e a componente simbólica foi ensaiada, embora com as limitações inerentes ao facto da pesquisa se ter focado na componente funerária e de se dispor, tal como observado noutras regiões, de insuficiente informação acerca do segmento habitacional, sobretudo o referente ao 4º milénio AC. Em linha com a realidade documentada no território meridional de Portugal, esta área detém um conjunto expressivo de rochas gravadas com covinhas, ao ar livre. Já o megalitismo não funerário parece estar reduzido à estela-menir da Lameira, considerando sem significado antecedente outras peças de configuração menírica presentes nas estruturas ortostáticas das sepulturas.

Ao contrário do que foi documentado noutras regiões, o povoamento do Neolítico Final parece mais plausivelmente vinculado, por proximidade espacial, às principais concentrações de sepulturas megalíticas, estando evidenciado em pequenos assentamentos, abertos, situados a meia encosta ou em pequenos cabeços, com boa visibilidade sobre a envolvente, embora sem defensabilidade natural, e em convergência com os solos mais férteis (vale da Ribeira Grande). Num dos casos, esse modelo é caracterizado, de modo polarizado, como "povoamento difuso, diluído no espaço mas concentrado numa área estratégica entre a necrópole megalítica da Herdade Grande e a importante fonte de recursos que constitui a Ribeira Grande" (Andrade, 2009:97). Durante o Calcolítico é registada, com raras excepções, uma mudança na estratégia territorial com a "ocupação de áreas não exploradas no Neolítico", menos férteis, mas com aptidão para o pastoreio, e o assentamento em cabeços mais elevados, constatando-se existir nestas áreas um reduzido número de sepulturas megalíticas, pelo que

é sugerida para esta etapa a invisibilidade da componente funerária (Andrade, 2009:99), eventualmente por se basear em estruturas negativas.

Na opinião daquele investigador, a maioria das rochas com covinhas estão associadas a sepulturas megalíticas, além de presentes nas respectivas estruturas ortostáticas em posições compatíveis com uma cronologia neo-calcolítica e nunca posterior, e em menor grau com sítios de *habitat*.

Estudo recente dedicado ao megalitismo funerário do Alentejo Central, realizado a partir fundamentalmente do acervo legado por M. Heleno e potenciado pela feliz descoberta dos seus cadernos de campo, testemunha a preocupação daquele investigador em reportar, para além das sepulturas, outros sítios coevos, nomeadamente "povoados, abrigos, santuários, menires e rochas com covinhas" (Rocha, 2005:225). L. Rocha não aborda a correlação espacial entre estes diferentes tipos de vestígios, mas, no que concerne aos *habitats* inventariados, conhecidos apenas por dados de superfície, diferenciados entre sítios abertos, ligeiramente declivosos, sobre substrato granítico, e sítios de altura, sobre rochas metamórficas, sem muralhas mas com defensabilidade natural, e embora sem elementos comparativos baseados na escavação recente de povoados nesta região, considera terem sido ocupados entre o Neolítico Final e o Calcolítico Final, período compatível com a cronologia atribuída ao conjunto funerário que estudou.

Sobre a especificidade do povoamento nesta região, é afirmado o posicionamento exclusivo sobre substratos graníticos de povoados do Neolítico Antigo, associados a menires, as presenças do Neolítico Final também em substratos graníticos e em "solos detríticos, com potencial agrícola relevante" (Rocha, 2005:262) e uma expansão tardia do *habitat* para os substratos metassedimentares, no Calcolítico, que relaciona com o crescimento demográfico e a necessidade de utilização de novos espaços mesmo que deficitários em termos de produtividade. Destaca ainda vários casos de montículos isolados que H. Heleno qualifica sistematicamente como fundos de cabana, embora considere "preferível considerá-los, ainda que provisoriamente, como monumentos funerários, de alguma forma aparentados com os *tholoi*" (Rocha, 2005:226). Outras ocorrências, como as rochas com covinhas, existentes ao ar livre, em antas ou em povoados, e outros tipos de grafismos (caso dos cruciformes), os abrigos naturais (qualificados como santuários) e os menires, são referidas de modo avulso fora de qualquer abordagem integrada com a necrópole ou o *habitat.*

Para sul, ainda no Alentejo Central, o estudo focado no megalitismo não funerário (Calado, 2004) aborda a distribuição relacional entre menires/recintos, povoados, sepulturas e rochas gravadas, mas alerta para a noção errónea acerca da convergência das concentrações de megálitos funerários e não funerários naquela região, numa escala de maior detalhe. Embora adjacentes, as áreas ocupadas por menires e recintos, em sugestiva conexão com povoados do Neolítico Antigo e Médio, estão dissociadas das manchas de sepulturas megalíticas e dos povoados do Neo-Calcolítico. Essa dissociação também se verifica entre menires e rochas com covinhas cuja emergência o autor atribui ao Neolítico Final – Calcolítico e uma presença preferencial em suportes metassedimentares onde os menires são raros ou estão ausentes (Calado, 2004:153-165). Este panorama dissociativo, que é dominante no Alentejo Central, com algumas excepções, repete-se noutras regiões do sul de Portugal. É referida a reutilização de menires nas estruturas ortostáticas de várias sepulturas megalíticas embora considere que se trata, geralmente, de "blocos que, apenas por razões morfológicas, se podem classificar como menires" (Calado, 2004:154-155).

O conjunto funerário de Reguengos de Monsaraz deve ser abordado nesse apartado tendo em consideração a sua relevância científica e o facto de ser um dos acervos deste tipo mais duradouramente visitados, desde Georg e Vera Leisner. Na monografia que aqueles investigadores lhe dedicaram, a relação com o

povoamento tem um tratamento marginal no quadro da discussão acerca da génese das *antas* e das *tholoi*, com referência a contextos do território espanhol (Leisner & Leisner, 1951:170-171). Trabalhos posteriores lançam nova luz sobre esta realidade com a revelação de um numeroso megalitismo não funerário e de importantes povoados em articulação com a distribuição muito coerente e equilibrada da necrópole megalítica. Esta apresenta-se dissociada em dois grupos, evoluindo, talvez, a par um do outro, um a norte do ribeiro do Álamo, com 66 sepulturas, e outro a sul, com 68 sepulturas, convergindo ambos, quase exclusivamente, com o substrato de rochas magmáticas intrusivas (Gonçalves, 1992:117).

É afirmada a dificuldade em estabelecer as relações necrópole/povoado, entre outros aspectos pelas limitações inerentes à datação absoluta dos diferentes contextos arqueológicos (Gonçalves, 1992:117:118-119)[183]. Contudo, os sítios mais claramente conectados com *habitat,* durante o Neolítico Final e o Calcolítico, têm distribuição que acompanha as manchas de dispersão funerária, ocorrendo tanto no interior como na periferia destas (Gonçalves, 1992: mapas 4, 14 e 16). No caso dos três grandes povoados calcolíticos ali reconhecidos, que convergem, aliás, com ocupações do Neolítico Final, verifica-se que Monte do Azinhalinho se situa na periferia sul da mancha funerária situada a norte do Álamo enquanto o conjunto funerário situada a sul daquele curso de água se posiciona maioritariamente entre os sítios do Monte Novo dos Albardeiros, a leste, e de Perdições, a oeste.

Esta temática tem sido actualizada em resultado da descoberta e investigação dedicada de novos sítios, no quadro da minimização dos impactes da construção do projecto hidroagrícola de Alqueva, nomeadamente povoados abertos e povoados dotados de estruturas positivas (muralhas) e negativas (fossos), em sequência entre o 4º e o 3º milénio AC (Gonçalves, 1999:54-55), além de uma rede insuspeita de estruturas funerárias negativas (fossas). No que concerne ao território de Reguengos de Monsaraz, e ponderadas as dificuldades de conexão apontadas[184], acrescidas pela dificuldade em estabelecer diacronias/sincronias com base em materiais de superfície[185], é reconhecido que tanto a necrópole megalítica como os povoados do Neolítico Médio/Final e do Calcolítico convergem sobre um espaço comum, sobre o mesmo substrato geológico, sobre solos de melhor aptidão agrícola, actual, e com idênticas modalidades de exploração de recursos, verificando-se, contudo, uma distribuição mais equitativa de sítios do Calcolítico, entre os sectores situados a norte e a sul do ribeiro do Álamo, comparativamente com os do Neolítico Médio/Final (Gonçalves & Sousa, 2000:14-15, 42, 49 e 65-67)[186].

Na região de Lisboa observa-se a mesma dificuldade em estabelecer uma correlação entre a necrópole e o *habitat,* tal como expresso em tese dedicada ao megalitismo daquela área (Boaventura, 2009). Ao conjunto, escasso, de cerca de 20 antas abordadas naquele estudo, devem juntar-se outras opções funerárias, de uso coevo, em cavidade natural, em hipogeu e em estrutura com falsa cúpula, que densificam significativamente a rede de sepultamentos, com idêntica diversidade na Estremadura, a norte de Lisboa, e na Península de Setúbal (Boaventura, 2009:35). Para além de uma abordagem da geografia daquele tipo de sepulcros, da sua

[183] "Contrariamente a visões optimistas da possibilidade da recuperação das relações povoado/necrópole colectiva, na maior parte dos casos isso é pura e simplesmente impossível" (Gonçalves, 1992:117).
[184] "Tal como sucede para a generalidade das situações, é impossível encontrar as conexões de origem entre determinados sítios de *habitat* e as antas originalmente correspondentes. A lógica de proximidade/distância actualmente visível poderá apenas ser fiável para casos como Areias 15 e 16, povoados rodeados de antas de vários tipos (algumas das quais visíveis do próprio povoado) e em Gorginos 6, sítio nas mesmas circunstâncias. Para a generalidade dos monumentos megalíticos e dos povoados identificados, essa associação é meramente conjectural e sem nenhuma evidência artefactual e cronométrica" (Gonçalves & Sousa, 2000:14).
[185] A reduzida variabilidade das tipologias de artefactos, recolhidos, entre sítios de *habitat* com diferentes tipos de implantação, eventualmente de épocas diferentes, não contribuem para uma detalhada discriminação cronológica, sendo considerado limitativo o reconhecimento de "atributos cronológicos a modalidades de implantação" diferenciadas (Gonçalves & Sousa, 2000).
[186] 50 sítios de *habitat* dos quais apenas cinco foram escavados.

arquitectura, materiais e rituais, foi conferida especial atenção ao estudo dos restos antropológicos, mas, tal como documentado em estudos similares, não se aprofundou, seguramente por falta de meios e de oportunidade, as relações com o *habitat*. Nesta região existe de igual modo uma rede numerosa de locais de uso doméstico, correspondentes, principalmente ao 3º milénio AC. Mesmo adoptando, com necessárias reservas, os critérios da proximidade, da "sincronia relativa e absoluta" e da analogia das tipologias de artefactos, no estabelecimento de uma correlação entre *habitat* e necrópole (Boaventura, 2009:324-327), são sugeridas algumas conexões, com maior grau de evidência para o final do 4º e para o 3º milénio AC, uma vez que ocupações antecedentes, coevas do início do Megalitismo, são menos visíveis ou vestigiais, talvez decorrentes de um "povoamento pouco estruturado" (Boaventura, 2009:327).

Um exemplo citado corresponde aos povoados de Espargueira / serra das Éguas na relação com o grupo megalítico de Belas, constituído por quatro antas situadas entre 1 km e 3 km a ocidente dos povoados, ou em alternativa com os hipogeus de Tojal de Vila Chã e Baútas, situados a menos de 1 km a leste daqueles (Boaventura, 2009: figura 25). Noutro caso, as sete antas dos Campos de Trigache situam-se, em faixa, também entre 1 km e 3 km a sudoeste do povoado da serra da Amoreira (Boaventura, 2009: figura 25). A propósito desta temática, é manifestada estranheza quanto à ausência de evidências funerárias associadas a povoados tão emblemáticos quanto Leceia (Oeiras) e Vila Nova de São Pedro (Azambuja), apesar das tentativas empreendidas para a sua identificação e, identicamente, a ausência de vestígios de povoamento na influência de outras ocorrências funerárias megalíticas.

O conjunto funerário de Alcalar (Morán *et al.,* 2007), embora maioritariamente mais tardio, é expressivo da forte vinculação geográfica entre necrópole e *habitat* e da diversidade de implantação e de soluções arquitectónicas. A uma ocupação mais antiga, do 4º milénio AC, baseada em sepulturas megalíticas, hipogeus e cavidades naturais, em parte reutilizadas no 3º milénio AC, sucede-se a construção, na mesma área, de diversos núcleos de sepulturas em falsa cúpula, de três diferentes tipos construtivos, dispostas na adjacência basal de um povoado central, localizado em plataforma mais elevada, e que teria na sua dependência outros pequenos sítios de *habitat*, coevos, dispersos na área envolvente. Excluindo, por significativo afastamento, em relação ao povoado central, os *tholoi* de Vidigal Velho e de Monte Velho e os hipogeus de Monte Canelas, a mancha principal de sepulturas distribui-se em sector limitado à periferia norte do referido povoado. Esta modalidade, de envolvimento sectorial do *habitat,* também está documentada em Los Millares, potenciada, pela posição excêntrica do grande povoado muralhado, em relevo encaixado no enclave fluvial formado pelo rio Andarax e o seu afluente, Rambla de Huecar (Cara Barrionuevo & Rodríguez López, 1989: 70).

Considera-se pertinente referir alguns resultados do aprofundado estudo da rede de povoamento Calcolítico na província de Cáceres (González Cordero, 2011), região adjacente à área deste estudo, nomeadamente no que concerne à integração com espaços gráficos (González Cordero, 2011: 695-706, volume 1). Como casos significantes da estreita relação entre o *habitat* e sítios dotados de grafismos rupestres, consubstanciados maioritariamente na representação de covinhas sobre suportes graníticos, parte dos quais com formas eolizadas impressivas e com impacte visual na paisagem, além de outras iconografias (antropomorfos, zoomorfos, idoliformes, geométricos) e formas pintadas, são apontados os sítios de Los Barruecos, El Risco, Cabezo, Mesillas, Veguillas, El Avión, Navaluenga e El Castillo (González Cordero, 2011: figura 129).

Mais além do que o observado noutros estudos regionais, A. González Cordero avança significativamente na tentativa de compreender o estatuto dos espaços simbólicos no ordenamento do respectivo território. Os

povoados de Mesillas (Jarandilla) e de Navalunga (Peraleda de San Román) encontram-se envolvidos por densa rede de ocorrências gravados, no segundo caso também com presença de pinturas. Em Los Barruecos a quantidade de sítios com pinturas e gravuras é superior, formando de igual modo mancha densa, no interior da qual o *habitat* também se posiciona. Em Veguillas (Jarandilla) as rochas gravadas distribuem-se circularmente em torno do povoado. Noutros casos essa relação é mais difusa e dispersa (El Castillo, Cañamero) ou exibe uma distribuição sectorial para leste (Cabezo, Collado), nordeste (El Avión, Trujillo) ou sudeste (El Risco, Sierra de Fuentes) do sítio de *habitat*. A esta distribuição envolvente do *habitat* é atribuída uma função demarcatória também evidenciada em torno de vales, depressões e zonas húmidas, com potencial interesse subsistencial, atingindo em algumas áreas 22 ocorrências por Km^2 (González Cordero, 2011:700). Esta interpretação, demarcatória, não inviabiliza outras funcionalidades, nomeadamente de cariz cerimonial/ritual, aplicáveis a conjuntos isolados, situados na periferia de grandes povoados como são os casos de Cancho Castillo e Cueva de Las Caballerías (González Cordero, 2011:702-705).

Ao invés, não foi logrado um reconhecimento sistemático, ou pelo menos representativo, entre o *habitat* e as necrópoles[187] pelo menos para a etapa do Calcolítico abordada naquele estudo, constatando-se, a exemplo de outros conjuntos regionais, uma dissociação entre ambas as realidades (González Cordero, 2011:707-715). É indicado o caso da área de Plazenzuela, com denso povoamento Calcolítico, onde a ausência de evidências funerárias, na sua área de influência, é intuída como consequência de uma intensa exploração agro-pecuária daquele sector, nos últimos 600 anos, e consequente desmantelamento de estruturas de maior evidência morfológica e monumentalidade. Essa circunstância parecia ser reforçada com a existência de estruturas funerárias melhor conservadas em áreas vizinhas ou noutras, de relevo mais acidentado, sujeitos a um menor impacte agrário histórico. Tem especial relevância a necrópole e povoado de El Canchal, em Jaraíz de La Vera, o "complejo megalítico de mayor densidad de la región" (González Cordero, 2011:786), constituído por mais de três dezenas de sepulturas de diversos tipos (cobertura em falsa cúpula, câmara ortostática simples ou com corredor), algumas com uso coevo, em relação de proximidade e conexão artefactual com um *habitat* (Bueno *et al.,* 2000b).

Para explicar esta dissociação entre *habitat* e necrópole são admitidos "distintos modos e modelos distintos de integración paisajística" (González Cordero, 2011:715), como seja uma presença invisível do (dos vestígios) *habitat,* por razões de conservação ou de ocultamento sedimentar em topografias baixas, nos territórios marcadas pela maior densidade das evidências funerárias ou que "tholoi que no se contextualizan en verdaderas necrópolis" (González Cordero, 2011:715), possam ter sido partilhados por diversos povoados.

As lacunas no conhecimento das conexões entre as modalidades domésticas, funerárias e simbólicas de ocupação do território, nos casos apresentados, devem-se fundamentalmente à insuficiência de uma caracterização equitativa daquelas modalidades arqueológicas mas também à ausência de projectos focados especificamente nos factores relacionais.

6.4.3. Na área de estudo

Na área deste estudo não se avançou significativamente na demonstração das relações entre os *habitats*, as necrópoles e os espaços simbólicos, à excepção de um território específico, ainda que de forma conjectural

[187] O estudo sistemático das sepulturas pré-históricas desta região não foi objecto da tese de A. González Cordero embora tenha participado na escavação de alguns conjuntos funerários em parceria com outros investigadores.

(Caninas *et al.,* 2017). À insuficiente investigação do problema acrescem limitações no que concerne às assimetrias na disponibilidade de informação.

Em primeiro lugar, continuam por identificar sítios de *habitat* atribuíveis ao Neo-calcolítico fora das áreas com substratos geológicos cenozóicos, nomeadamente sobre suportes metassedimentares, casos dos territórios de Proença-a-Nova e de Oleiros, e com excepção das ocupações identificadas a norte, em áreas graníticas. Para explicar esta lacuna de conhecimento, principalmente em suportes metassedimentares, colocou-se como hipótese a eventual sobreposição dos antigos assentamentos por povoações actuais, casos das aldeias de Moitas, Montes da Senhora e Sobreira Formosa, situadas em planaltos com necrópoles na envolvência. Nestas áreas a correlação das necrópoles com grafismos rupestres também não é expressiva.

No território de Rosmaninhal (Idanha-a-Nova), que tem como substratos rochas metassedimentares e extensos depósitos cenozóicos, conhecem-se diversos sítios de *habitat* implantados sobre os referidos depósitos detríticos, em espaços abertos, planálticos, com domínio sobre a paisagem envolvente, embora com uma distribuição assimétrica em relação à numerosa rede de sepulturas megalíticas ali reconhecidas. Nesta região, a necrópole também se dispersa sobre substratos metassedimentares sem evidências de *habitat.* Porém, a aparente distribuição de sepulturas em torno de assentamentos rurais modernos (montes e arraiais) ou aldeias, ocupando tanto posições culminantes (caso do Arraial do Cabeço Mouro) como posições depressionárias (caso de Alares), sugeriu a hipótese do *habitat* antigo ter sido sobreposto por aqueles assentamentos agro-pastoris. Neste território, as correlações com as ocorrências gráficas circunscrevem-se às rochas gravadas com covinhas, dispersas pelo planalto, e aos pequenos conjuntos documentados nas margens do Baixo Erges, coevos das construções megalíticas.

A região envolvente do rio Tejo entre os actuais municípios de Vila Velha de Ródão e de Nisa documenta a situação mais expressiva acerca das relações que se pretende estabelecer, desde logo pela amplitude de existências, ao nível do *habitat,* da necrópole e da expressão gráfica ao ar livre. De facto, a rede de assentamentos de tipo doméstico, do Neo-Calcolítico, tem uma representação numerosa, sobre depósitos cenozóicos, sendo acompanhada por uma, ainda, expressiva rede de sepulturas, sobre diferentes tipos de substratos geológicos, e uma frente fluvial (Tejo) densamente ocupada por grafismos rupestres.

Esta circunstância foi abordada de modo preliminar em texto relativo ao concelho de Nisa mas que reflectia a mesma realidade na margem norte do rio Tejo, em Vila Velha de Ródão (Caninas & Henriques, 1985). Nesse estudo (Figura 6.11) destacava-se a densidade de sepulturas documentadas na zona nordeste daquele município alentejano, compartimentadas entre a serra de São Miguel, a oeste, o rio Sever, a leste, e o rio Tejo, a norte. Parte deste conjunto foi abrangido na tese de Jorge de Oliveira sobre a bacia hidrográfica do rio Sever (Oliveira, 1997). Foi considerado relevante o facto daquela densa mancha de sepulturas coincidir com um dos trechos do rio Tejo com maior quantidade de grafismos rupestres (sítios de Cachão de São Simão, da Lomba da Barca e da Foz da Ribeira do Ficalho, na respectiva margem). Quanto ao *habitat* foram documentados, mas insuficientemente caracterizados, vestígios arqueológicos compatíveis na extensa mesa detrítica balizada entre os vg Ouro e Feia, situada entre as povoações de Salavessa e Montalvão, em posição adjacente àquela mancha megalítica, bem como noutros relevos detríticos na mesma área (sítio do vg Fajã, erradamente cartografado como Feijó). Noutro sector, a ocidente da serra de São Miguel, na área da povoação de Chão da Velha, e na adjacência da margem esquerda do rio Tejo, existe outra extensa plataforma detrítica com evidências pré-históricas em torno de uma lagoa temporária (alagoa), tendo sido identificados artefactos, com excepcional concentração de instrumentos de pedra polida, e menires (Monteiro

& Gomes, 1978). Neste sector as sepulturas são em menor número mas admite-se que tenham sido insuficientemente documentadas e irreversivelmente destruídas por povoamentos florestais de eucalipto. Além disso, os vestígios documentados na *charneca* de Chão da Velha estão em relação de proximidade ou polaridade com o núcleo de gravuras rupestres de Chão da Velha documentado nessa margem do rio Tejo.

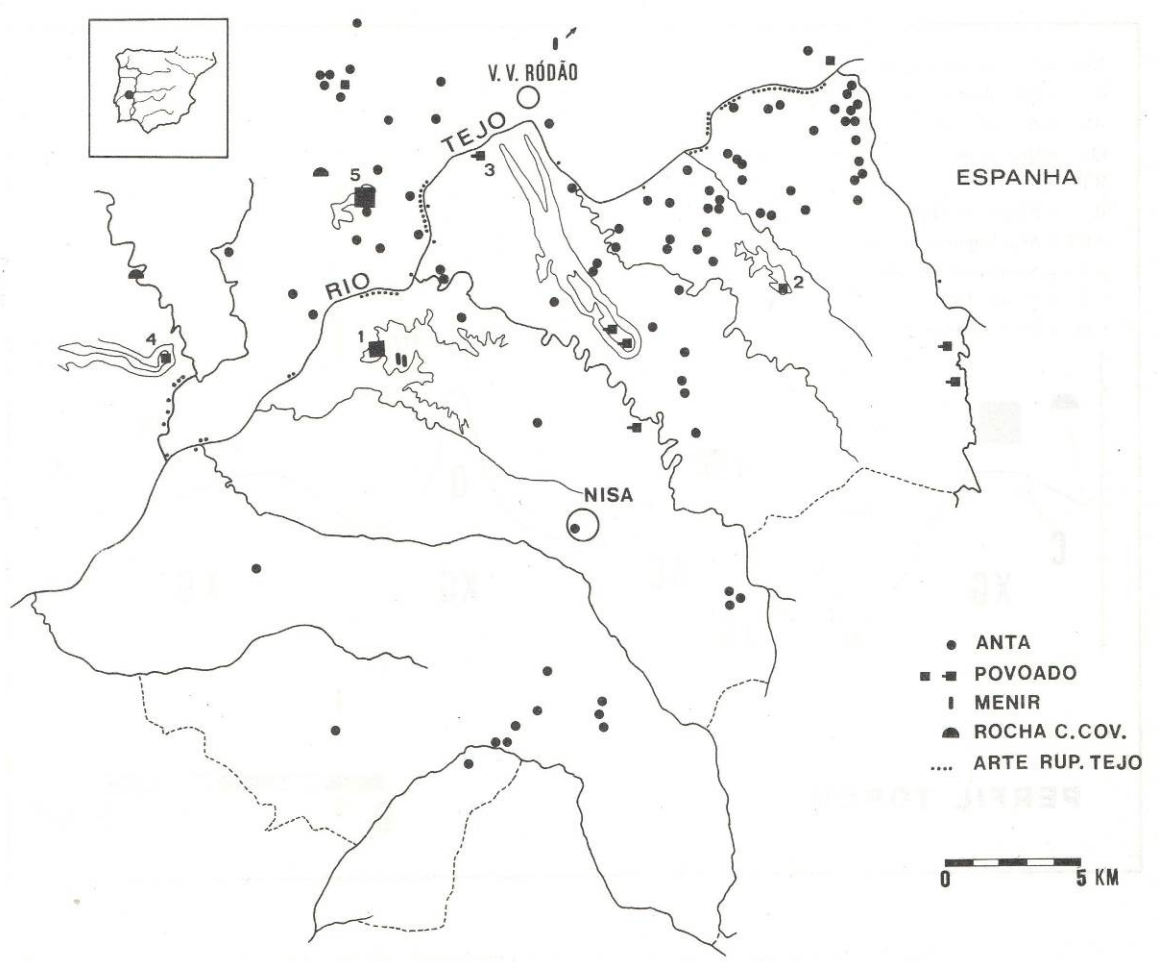


Figura 6.11. Distribuição de sítios da Pré-História e Proto-História no concelho de Nisa e parcialmente em Vila Velha de Ródão segundo Caninas & Henriques (1985: figura 1)

A actualização dos dados relativos ao concelho de Vila Velha de Ródão (Henriques *et al.,* 2008; Henriques & Caninas, 2009b), a montante e a jusante das Portas de Ródão, permitiu reforçar a imagem proporcionada pela cartografia publicada em 1985, a norte do rio Tejo. Em primeiro lugar, na chamada Charneca de Ródão, situada sobre depósitos cenozóicos de diversas idades, incluindo cascalheiras de balastro quartzítico rolado formando depósitos de terraço holocénicos, a montante das Portas de Ródão, foram documentados vestígios de *habitat* pré-histórico em inúmeros locais que acompanham trecho da margem do rio Tejo com outro conjunto denso de grafismos rupestres, com destaque para os sítios de Cachão do Algarve e Alagadouro, que são acompanhados na margem oposta pelo já referidos Cachão de São Simão, Lomba da Barca e Foz do Ribeiro do Ficalho. Porém, neste sector, a rede de sepulturas pré-históricas é reduzida, talvez por uma maior incidência da exploração agrícola. De facto, das seis antas referidas por Proença Jr próximo e a montante de

Vila Velha de Ródão só foi documentada uma, em Monte Famaco[188]. Por outro lado, a rede de sítios de *habitat* da Charneca de Ródão e os conjuntos de arte rupestre da margem do Tejo coalescem com uma densa rede de vestígios de exploração de ouro aluvionar (Henriques *et al.,* 2011b), o que remete para a hipótese do garimpo do ouro se ter iniciado no Calcolítico, como já proposto por Primitiva Bueno e Carlos Batata, apenas atingindo um escala industrial na Época Romana.

Em Fratel, sector bem delimitado na parte ocidental de Vila Velha de Ródão, fez-se uma abordagem espacial (Caninas *et al.,* 2017) num espaço com cerca de 100 km^2 de superfície, de configuração triangular, totalmente confinado entre dois trechos fluviais muito encaixados (rio Tejo e rio Ocreza) e um segmento de crista quartzítica (serra das Talhadas), tirando partido do reconhecimento, no seu interior, de uma rede significante de ocorrências arqueológicas, balizáveis no 4º e 3º milénios AC, consistindo em conjuntos de grafismos rupestres, concentrados no rio Tejo, com destaque para o conjunto de Fratel – Cachão do Boi, de sítios de *habitat* e de sepulturas megalíticas, parte dos quais já sondados (Charneca de Fratel, Cabeço da Velha, Charneca das Canas, Charneca das Vinhas e Cabeço d´Ante).

A partir da distribuição sistemática de sítios de *habitat* em mesas detríticas da Formação de Falagueira, distribuídos de modo regular pelo território em apreço, foi possível evidenciar, através do recurso geográfico denominado *análise de captação de recursos,* em SIG, uma boa adaptação daqueles sítios ao território e uma também boa correlação espacial entre os sítios de *habitat*, os conjuntos gráficos e as sepulturas (Figura 6.12). Os povoados ocupam posições centrais naquele território, sobre as mesas detríticas, que são potenciais reservatórios de água, e estão envolvidos pela rede de sepulturas e balizados pelos conjuntos gráficos nos limites, fluviais, do território, a cerca de 2 horas de marcha. A relação entre o *habitat* e os conjuntos gráficos parece ser polar, dada a presença privilegiada destes numa das duas frentes fluviais (rio Tejo), e talvez doméstica, tal como percepcionado no território de Santiago de Alcántara (Bueno *et al,* 2006)[189], sem prejuízo de se poder admitir um acesso livre aos espaços gráficos, a nível regional (Vilaça, 2000, 2008a:25). A distribuição destas ocorrências arqueológicas em Fratel acompanha bem o modelo de distribuição altimétrica (Figura 6.13) proposto para a região confinante com o Tejo Internacional, nomeadamente em Santiago de Alcántara (Bueno-Ramírez *et al.,* 2016b: 189), embora ainda não se tenham identificado pinturas nos quartzitos do território rodanense.

Esta abordagem, conjectural, resultou de limitações na caracterização dos diferentes sítios e das suas sincronias e da ausência de datas absolutas. Contudo, deve considerar-se uma boa aproximação a um modelo de ordenamento do espaço pré-histórico, cuja investigação importa aprofundar, e com potencial valor preditivo na indicação de sítios de *habitat* ainda não identificados, ou já desaparecidos, casos de Gardete e de Vilas Ruivas, de acordo com o referido estudo (Caninas *et al.,* 2017). Nestes dois sítios, que correspondem a povoações contemporâneas, a hipótese dos assentamentos pré-históricos convergirem com aquelas aldeias foi indiciada pela existência de outras evidências, como grafismos rupestres, em Gardete, e

[188] Ao conjunto de antas referidas por Proença Jr no aro de Vila Velha de Ródão não associamos as mamoas que foram identificas mais recentemente no Açafal e na Charneca de Ródão, no âmbito da revisão da carta arqueológica municipal, porque teriam de ser qualificadas como *túmulos* de acordo com a nomenclatura adoptada por aquele antigo investigador.

[189] Esta relação já foi sugerida a propósito do estudo da ocupação pré-histórica do território de Santiago de Alcântara (antas, grafismos rupestres gravados e pintados) com a afirmação que "los núcleos más abundantes en rocas grabadas habrían supuesto una mayor agregación poblacional, mientras que los más pequeños, del estilo de los Canchitos, indicarían la presencia de conjuntos más reducidos" (Bueno *et al,* 2006:53). E mais adiante manifestam a intenção de aprofundar a prospecção nos rios Tejo, Sever e Aurela "en la hipótesis de que tiene que existir algún conjunto más numeroso de rocas decoradas, a tenor de la cantidad de monumentos que se conoce en la actualidad" (Bueno *et al,* 2006:53).

sepulturas megalíticas em Vilas Ruivas, de um modo distinto do proposto para contextos galegos (Criado Boado *et al.,* 2000)[190].

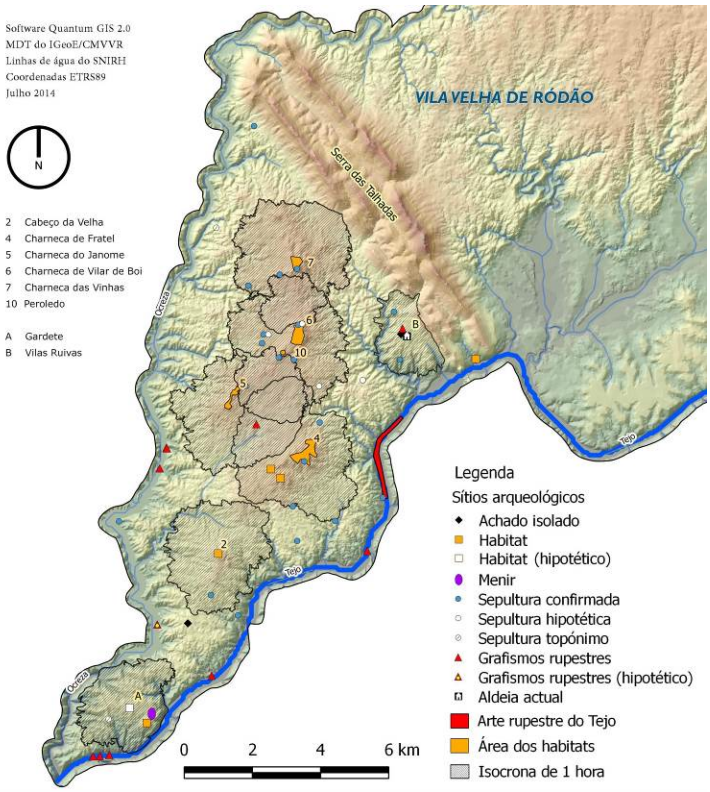


Figura 6.12. Territórios de marcha de 1 hora a partir de cinco sítios de habitat pré-histórico e de dois outros hipotéticos, no território de Fratel (Caninas *et al.,* 2017: 192).

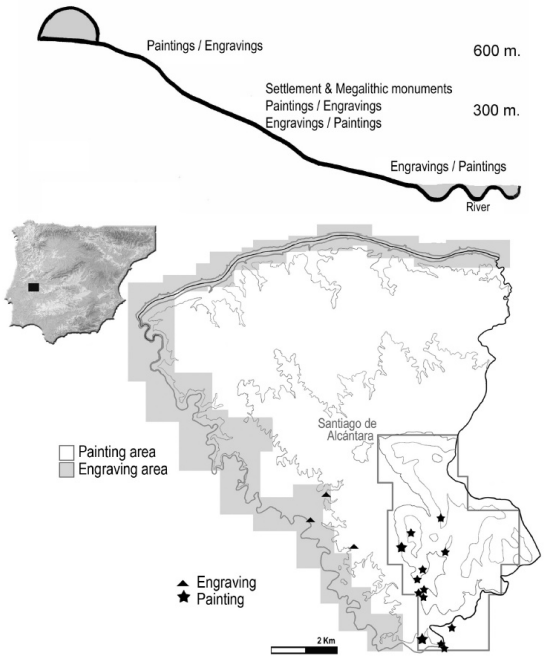


Figura 6.13. Distribuição altimétrica de sítios em Santiago de Alcântara (Bueno-Ramírez *et al.,* 2016b: 189)

[190] No caso das comunidades transumantes pirenaicas as necrópoles parecem estar muito afastadas dos povoados (Peñalver, 2005).

6.5. Arquitecturas

6.5.1. Introdução

No enquadramento deste capítulo privilegiámos o conceito mais antigo de *arquitectura* em detrimento do conceito de *engenharia* (civil), que representa uma dissociação, moderna, de funções, entre a concepção geral do projecto e o cálculo e execução do mesmo, embora convergentes nos mesmos objectos.

Neste capítulo apresentam-se as características morfológicas e estruturais das sepulturas monticulares da área de estudo, com destaque para as várias subestruturas que as compõem e para os materiais de construção utilizados, que são exclusivamente líticos, dado que não se documentaram materiais de outra natureza, nomeadamente vegetal[191]. Como foi discutido anteriormente, *tumulus*, contentor funerário e outras subestruturas associadas, extensivas, de cobertura, basais, intermédias ou periféricas, formam um conjunto coerente apenas divisível para efeitos descritivos. Por esse motivo, excluiu-se o uso das palavras *mamoa*, *anta* ou *dólmen* como categorias tipológicas, porque a sua aplicação traduz o estado em que a sepultura se apresenta na actualidade, tendo por isso um valor estritamente descritivo, e são utilizadas apenas com esse sentido.

As formas e as dimensões dos *tumuli* bem como das subestruturas pétreas destes monumentos só poderão ser convenientemente avaliadas após sondagens ou escavações arqueológicas. Por esse motivo apenas se detalharam aquelas características nas 30 sepulturas[192] que foram objecto de intervenções arqueológicas documentadas no Anexo 8. No início da tabela daquele anexo identifica-se o grau de conhecimento proporcionado pela incidência da intervenção arqueológica, constatando-se que a estrutura monticular foi pesquisada apenas em 40% dos casos. O preenchimento desta tabela, à excepção da altitude, consistiu em assinalar a presença (1) ou a ausência (0) de cada um dos parâmetros seleccionados. A caracterização está seccionada entre a estrutura funerária central e subestruturas associadas e o *tumulus* e subestruturas associadas. Os parâmetros adoptados referem-se à geometria ou forma, à envergadura, horizontal (medidas ortogonais ou diâmetro) e vertical (altura), à amplitude (da estrutura de acesso) e à litologia.

Como estrutura funerária central, ou interna, considera-se a câmara, ortostática ou não ortostática[193] e o modo de acesso[194], vertical, no caso das câmaras fechadas, ou horizontal, em câmaras abertas, simples, ou seja, sem corredor, ou complexas, isto é, caracterizadas pela presença cumulativa de corredor (nas variantes fechada e/ou aberta ou aérea) e átrio[195]. Como subestrutura associada à câmara inclui-se o contraforte pétreo, dado que a sua finalidade se poderá conectar directamente com a estabilidade da face externa dos alvéolos de implantação dos esteios. Na parte referente ao *tumulus* e subestruturas associadas aborda-se a constituição da massa monticular e construções pétreas diferenciadas como contenções periféricas e construções de nível, de grande amplitude, superficiais ou intermédias, constituídas por engrenados de

[191] A exemplo do documentado em alguns *tumuli* peninsulares (Blas Cortina, 2000).

[192] Sítios com os seguintes números de referência no catálogo: 1005, 1009, 1010, 1012, 1014, 1022, 1045, 2003, 2005, 2010, 4005, 4006, 4007, 4009ª, 4009b, 4012, 4013, 4039, 4053, 4058, 4061, 4065, 4088, 4090, 4091, 4110, 4113, 5013, 5033 e 5060.

[193] A câmara não ortostática corresponde aos casos em que o contentor não está delimitado por pedras postas a pino. Nesta região não se documentaram câmaras delimitadas por muros de pedras sobrepostas como se conhecem em algumas sepulturas do tipo *tholos.*

[194] O acesso é referido em sentido formal ou estrutural, independentemente do modo de uso. Este tópico é discutido mais adiante em termos funcionais.

[195] Neste estudo não se aprofundam as características diferenciadas das estruturas de acesso formal mais complexas, desdobradas em *corredor vestibular, corredor ortostático*, *corredor intratumular*, este último consistindo numa passagem a céu aberto (com ou sem ortóstatos, consoante os autores), que antecede o corredor dito ortostático e "que se liga na periferia do monumento ao átrio" (Cruz, 2001: 81-vol. 1). Essa análise ficará reservada para as publicações de alguns monumentos da área de estudo que se encontram em curso de investigação. Uma adequada discussão do tema foi elaborada a propósito da necrópole da Senhora do Monte (Carvalho, 2005: 168-178).

calhaus e blocos, habitualmente designadas *couraças líticas.* Nos casos em que a mamoa está conservada a litologia é qualificada como indeterminada quando a sua constituição não foi caracterizada, por ausência de escavação com desmonte parcial (em sanja) ou total.

Além da lacuna de conhecimento que temos acerca das características estruturais destes monumentos, quando limitada a uma observação superficial dos mesmos, acresce o facto de os dados estarem enformados de variabilidade devido aos diferentes métodos de registo adoptados pelos investigadores nos últimos 100 anos, verificando-se que em muitos casos foi menosprezada a descrição da componente monticular. Esse conhecimento também está obviamente prejudicado pelo estado de conservação dos monumentos. Deste modo, os dados relativos a estruturas não escavados são de uso muito limitado para efeitos comparativos.

Apesar desta limitação, como primeira aproximação à representação da ordem de grandeza destas sepulturas, seleccionou-se o parâmetro *diâmetro máximo* para caracterizar a envergadura horizontal das subestruturas monticulares. Nesta avaliação, de comparação de ordens de grandeza, ignorou-se a forma (circular ou elíptica) das estruturas monticulares por não se dispor de informação fidedigna acerca da sua configuração original, excepto naqueles, poucos, casos em que as condições de conservação revelaram tais características em escavação. Por esse motivo, adoptou-se como parâmetro o *diâmetro máximo*, embora também saibamos que as medições efectuadas antes de escavação sobrestimam esse parâmetro quando ocorre erosão das massas monticulares e o seu espalhamento periférico, ou subestimam-no quando foram diminuídas pela lavoura ou ocultas por sedimentação.

A envergadura vertical do *tumulus* poderá ser estimada a partir do esteio mais elevado[196], pressupondo que aquela dimensão acompanhava a envergadura vertical da câmara, sobrepassando-a, sendo o valor desse excesso ou diferença correspondente à espessura da estrutura da cobertura. Nos casos inversos, em que o *tumulus* está melhor conservado que o contentor ortostático, a estimativa da envergadura original é mais difícil de estabelecer, devido à erosão que o *tumulus* possa ter sofrido. Caso excepcional, para o teste do pressuposto anterior, encontra-se no Cabeço da Anta 1 (2003), um dos maiores monumentos funerários da área de estudo, onde convergem condições de boa conservação tanto do *tumulus* como do contentor ortostático. A redução da envergadura vertical do *tumulus* até à forma planar pode resultar da redução da envergadura vertical do contentor funerário, embora se conheçam, no espaço eurasiático, casos de *tumuli* de terra, bem destacados acima do solo, sobre estruturas funerárias negativas.

Para conhecer a composição do *tumulus* um procedimento habitualmente adoptado consiste na escavação de sanjas radiais de amostragem da sua estruturação vertical. Apenas desse modo se poderá determinar se o *tumulus* é constituído essencialmente por inertes finos (terra ou argila), por inertes grosseiros (*cairn*), ou se a composição é mista, e determinar com segurança se uma estrutura pétrea superficial, vulgarmente designada como *couraça lítica*, tem ou não desenvolvimento em profundidade. Contudo, em muitos casos, a destruição do *tumulus* impede esse reconhecimento.

Quanto à métrica do *tumulus* as opções de definição de classes variam com os autores. Para o Alto Paiva (Cruz, 2001: 68, vol 1) são adoptados intervalos uniformes de 5 m de diâmetro (0-5 m, 5-10 m, 10-15 m, 15-20 m, 20-25 m e 25-30 m). Em tese dedicada à arquitectura das mamoas do Norte de Portugal (Galego, 2007: 24) foi adoptada uma sequência mais curta de apenas três intervalos de diâmetros (*pequeno*, com menos de 10 m, *médio*, de 10 m a 20 m e *grande*, com mais de 20 m). No estudo presente, tendo em conta os dados

[196] Descontada a profundidade enterrada no alvéolo.

disponíveis, adoptaram-se seis intervalos com um compasso não uniforme (*muito pequeno*, com menos de 5 m, *pequeno*, de 5 m a 10 m, *médio baixo*, de 10 m a 15m, *médio alto*, de 15 m a 20 m, *grande*, de 20 m a 30 m, e *muito grande*, com mais de 30 m). Quanto à métrica de altura ou envergadura vertical do *tumulus*, tanto no Alto Paiva (Cruz, 2001: 53, vol 1) como no estudo citado acerca do Norte de Portugal (Galego, 2007: 24) são consideradas quatro categorias (*muito baixo*, com menos de 0,5 m, *baixo*, de 0,5 m a 1 m, *médio*, de 1 m a 1,5 m e *elevado*, com mais de 1,5 m). No Anexo 8 alargou-se esta sequência desdobrando o último nível em dois (de 1,5 m a 2m e mais de 2 m).

Ao invés da atenção prestada a outras subestruturas como o corredor, não é habitual dedicar uma análise detalhada à métrica e envergadura da câmara funerária. Contudo, para o conjunto funerário de Reguengos de Monsaraz foi proposta uma repartição da envergadura das câmaras pelas quatro seguintes categorias, tendo como base uma combinação entre *diâmetro transversal* e *diâmetro longitudinal*, mas cuja métrica não está explicada: *pequena; média; grande; muito grande* (Gonçalves & Sousa, 2003: 214). No conjunto do Alto Paiva a questão não é abordada de forma explícita mas subentende-se, no texto e no quadro da tipologia construtiva onde constam referências, por exemplo, a *cistas baixas de grandes dimensões* e a *cistas pequenas* (Cruz, 2001: figura 15). No caso em estudo adoptou-se uma métrica de cinco níveis idêntica para a altura da câmara e do *tumulus.*

Quanto à amplitude do corredor, no conjunto da bacia do rio Sever é preconizada uma distinção entre duas classes: o *corredor curto*[197] "quando o seu comprimento máximo é igual ou inferior ao diâmetro máximo da câmara e *corredor longo* quando ultrapassa esse diâmetro" (Oliveira, 1997: 233). Essa partição representa uma simplificação da proposta elaborada com base no conjunto de Reguengos de Monsaraz (Gonçalves, 1992: 148) que preconiza quatro situações: "por *corredor curto* entende-se aquele cujo comprimento é inferior ao diâmetro da câmara, por *corredor médio* o que lhe é sensivelmente idêntico, por *corredor longo* o que é superior até ao dobro do diâmetro da câmara, por *corredor muito longo* o que tem um comprimento superior ao dobro do diâmetro longitudinal da câmara." Critério bem diferente, baseado em valores absolutos, é adoptado para o Alto Paiva (Cruz, 2001: 54, vol. 1) para cujo conjunto funerário foi estipulado considerar como *curto* um corredor com menos de 3 m de comprimento, *médio*, entre 3 m e 5 m de comprimento e *longo*, com mais de 5 m de dimensão, não considerando o comprimento do vestíbulo e do corredor intratumular. No Anexo 8 adopta-se a primeira proposta (Oliveira, 1997: 233).

Um dos aspectos mais valorizados na discussão acerca da variabilidade arquitectónica destas sepulturas relaciona-se com a forma geométrica das respectivas câmaras e o modo de acesso, dissociando câmaras fechadas, de acesso vertical, das câmaras abertas, de acesso horizontal, que podem ser de estrutura simples, quando não dotadas de corredor, ou complexas, quando este está presente tal como outras subestruturas com ele conectas[198]. Quanto à forma, a simplificação pode ser conduzida ao limite de duas tipologias básicas, uma *poligonal*, outra *circular*, cuja diferenciação será condicionada pela relação entre a amplitude da câmara e a largura e quantidade de esteios utilizados na sua construção, estejam estes colocados de modo contíguo ou sobrepostas lateralmente.

Nos quadros seguintes (Tabelas 6.1 e 6.2) resumem-se várias possibilidades de forma e de composição estrutural dos contentores funerários, com referências a alguns conjuntos funerários estudados a norte e a sul da área de estudo. Contudo, além dos factores (de composição) indicados para a caracterização da

[197] A concepção de corredor curto (ortostático) pressupõe que o restante acesso até à periferia do *tumulus* seria materializado por outras subestruturas, ortostáticas sou não ortostáticas, como corredores intratumulares e átrios, em muitos casos inexistentes, por destruição.
[198] Acerca das estruturas complexas, refira-se a tripartição entre câmara, corredor coberto e corredor descoberto e/ou átrio, comum a sepulturas megalíticas, a hipogeus, a sepulturas do tipo *tholos* e até a sepulturas clássicas do Mediterrâneo Oriental.

diversidade arquitectónica, devem ter-se em consideração as envergaduras horizontais e verticais das estruturas centrais e do respectivo *tumulus.* O esquema apresentado desenvolve-se do caso mais simples para o mais complexo com independência de uma ordenação cronológica. Refira-se que, além das estruturas ortostáticas, existem outras soluções de receptáculo funerário consistindo em espaços não delimitados por pedras postas a pino, acima do nível de solo, ou abaixo deste (fossa) que foram percepcionadas a partir dos respectivos *tumulus*, bem como outras características como a simetria das câmaras e o modo de alinhamento destas com o corredor.

Neste esquema optou-se por reduzir a variabilidade a seis diferentes tipos (de A a E) embora se reconheça que os mais complexos (D) se poderiam desdobrar em inúmeras variantes combinando as diferentes formas geométricas das câmaras (como fazem alguns investigadores) com os diferentes graus de complexidade e de envergadura das estruturas de acesso horizontal. Utilizam-se três parâmetros de diferenciação: a *estrutura* traduz a ausência ou a presença de ortostatos para delimitação do contentor, com variante murária num dos tipos (E); o *acesso* indica se o circuito ortostático, ou murário (no caso de recurso a aparelho de clastos sobrepostos em posição horizontal), e o *tumulus* estão interrompidos (aberto) ou não (fechado), permitindo, desse modo, uma entrada horizontal ou vertical para as deposições rituais; a *composição* indica se a construção é simples, isto é reduzida ao contentor, ou complexa, quando além daquele existe estrutura de acesso (horizontal). O último tipo (E) corresponde às sepulturas do tipo *tholos* (com cobertura de falsa cúpula em pedra) e formas mistas como as *pseudo-tholoi* (cobertura vegetal). O tipo A parece restringir-se a norte do Mondego, o tipo E parece estar ausente no Norte e os restantes tipos são comuns a todo o território.

Para o conjunto funerário da Serra da Aboboreira é proposta uma repartição pelos sete seguintes tipos construtivos (Cruz, 1992: 69-72) que além da forma das estruturas internas valoriza a respectiva envergadura: 1, *dólmen simples fechado*, com câmara poligonal alta mas de pequena envergadura horizontal; 2 - *dólmen simples aberto*, com câmara poligonal alongada, aberta, e de maior envergadura que a anterior; 3 - *dólmen de corredor*, com câmara poligonal alargada, no único caso reportado, e corredor médio; 4 - *fossa sob tumulus*; 5 - *sepulcro ortostático com tumulus baixo*, estrutura dolménica aberta equiparável na forma aos tipos anteriores mas de muito menores dimensões em plano e altura; 6 - *cista megalítica*, com câmara fechada (subquadrangular ou poligonal de cinco esteios), de pequena envergadura vertical e horizontal; 6 - *cairn simples*, no interior do qual é admitido que pudesse ter existido uma pequena cista. Os tipos 3, 4 e 7 estão reduzidos a um único caso, sendo duvidosa a individualização do último, e os tipos 2 e 6 têm uma representação baixa, inferior a três casos.

No Centro-Norte Litoral, uma região situada entre as serras de Montemuro, Arada e Caramulo, a leste, o Douro, a norte, e o oceano, a oeste, em grande parte integrada no distrito de Aveiro, foi documentado um conjunto igualmente diversificado na forma e na dimensão das estruturas internas. Tal diversidade é repartida por quatro categorias principais (Pereira da Silva, 1999): *sepulturas poligonais simples* (poligonais, poligonais de tendência circular, subquadrangulares, sub-rectangulares), abertas ou fechadas; *sepulturas de corredor*, diferenciadas em planta e alçado (tendo como subtipos, câmara poligonal com corredor longo ou médio, câmara poligonal/circular com corredor médio, câmara sub-rectangular ou trapezoidal com corredor curto) ou apenas em planta, que são mais raras nesta região do que os modelos simples; *sepulturas submegalíticas,* de arquitectura diversificada mas que o autor diferencia das anteriores por terem dimensão inferior; e *sepulturas não megalíticas*, que consistem em pequenos *tumuli* ou *cairns* cujo contentor é uma cista sub-

rectangular[199] ou uma fossa coberta por laje de pedra. São ainda considerados os casos de cistas que reutilizam mamoas megalíticas.

Tabela 6.1. Caracterização planimétrica da estrutura funerária interna ao *tumulus*

Tipo de estrutura funerária		Aparelho construtivo			Acesso		Composição	
		Não ortostático	Ortostático	Murário	Vertical	Horizontal	Simples	Complexa
A	Contentor sem ortostatos, com ou sem fossa	■			■		■	
B	Estrutura simples fechada		■		■		■	
C	Estrutura simples aberta		■			■	■	
D	Estrutura complexa com câmara poligonal		■			■		■
E	Estrutura complexa com câmara subcircular		■	■		■		■

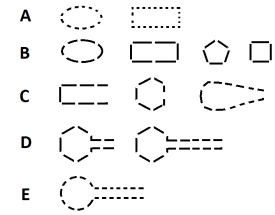


Tabela 6.2. Representação regional da tipologia de estrutura funerária interna ao *tumulus*

Representação regional	Tipo de estrutura funerária interna				
	A Contentor sem ortostatos, com ou sem fossa	B Estrutura simples fechada	C Estrutura simples aberta	D Estrutura complexa com câmara poligonal	E Estrutura complexa com câmara subcircular
Serra da Aboboreira (Cruz, 1992)	■	■	■	■	
Centro Norte Litoral (Pereira da Silva, 1999)	■	■	■	■	■
Alto Paiva (Cruz, 2001)	■	■	■	■	
Tejo Internacional (Portugal) (Cardoso *et al.,* 2003)		■	■	■	■
Bacia do Sever (Oliveira, 2000a)		■	■	■	
Tejo Internacional (Espanha) (Bueno Ramírez, 2000; Bueno Ramírez *et al.,* 2004)		■	■	■	■
Alentejo Central (Rocha, 2005)		■	■	■	■
Reguengos de Monsaraz (Leisner & Leisner, 1951; Gonçalves & Sousa, 2003)			■	■	■
Alentejo Ocidental e Sul do Baixo Alentejo (Tavares da Silva, 1987)		■	■	■	■

[199] Distinguem-se das sepulturas planas contendo cista, como na Fonte da Malga.

No Alto Paiva a diversidade tumular poderá resumir-se aos seguintes tipos: *dólmen simples*, fechado ou aberto, elevado, de planta poligonal ou sub-rectangular; *dólmen complexo*, com câmara poligonal diferenciada em alçado e planta em relação à estrutura de acesso que, consoante os casos, pode incluir corredor vestibular, corredor ortostático, corredor intratumular e átrio; *câmara alongada*, baixa, de planta sub-rectangular ou subtrapezoidal, inserida em *tumulus* baixo; *tumulus sem câmara estruturada*, consistindo em espaço oval ou sub-rectangular envolvido por clastos em posição subvertical; *cista megalítica*, sub-rectangular, inserida em *tumulus* baixo; *cista baixa de grandes dimensões*, sub-rectangular ou poligonal, inserida em *tumulus* baixo ou muito baixo; *cista pequena,* quadrangular, inserida em *tumulus* muito baixo ou em estrutura plana (Cruz, 2001). Os tipos mais representados correspondem às cistas.

Na região envolvente do Tejo Internacional, na freguesia meridional (Rosmaninhal) do concelho de Idanha-a-Nova, foi proposto um faseamento com base na caracterização das arquitecturas e dos artefactos recolhidos no decurso da escavação de dez sepulturas (Cardoso *et al.,* 2003). Neste pequeno conjunto predominam as sepulturas abertas compostas, com câmara e corredor, embora com uma grande amplitude nas dimensões destas últimas e nas modalidades de cobertura. Em menor número registam-se câmaras simples, aparentemente abertas (4009 e 4012) e sem corredor ou com indiferenciação deste em relação à câmara, embora a ausência de escavação no prolongamento da entrada não tenha permitido confirmar a inexistência de um acesso diferenciado mais expressivo. Um outro monumento (4005) em mau estado de conservação, revelou uma câmara ampla, aparentemente aberta e de estrutura simples, embora a ausência de escavação no prolongamento da entrada também não permita assegurar a inexistência de um corredor ortostático ou não ortostático. São em menor número as câmaras simples fechadas, elípticas e poligonais (4009, 4013 e 4065). Contudo, no Amieiro 9 (4013), uma câmara indiscutivelmente fechada, não ficou suficientemente determinada a sua funcionalidade funerária e a pequena cista identificada em Amieiro 5 (4009) corresponde a uma reutilização de um *tumulus* pré-existente.

O conjunto funerário da bacia hidrográfica do rio Sever (Oliveira, 2000a: 149) reparte-se por três das categorias indicadas: *câmaras simples fechadas*, de configuração subcircular ou sub-rectangular; *câmaras simples abertas*, de forma ovóide ou em saco, embora se considere conterem corredor indiferenciado, em planta e alçado, em relação à câmara; *estruturas com câmara poligonal*, geralmente de sete esteios, e corredor, diferenciados em planta e alçado. Este último tipo é dissociado em duas variantes, uma de corredor curto e outra de corredor longo.

As arquitecturas funerárias na vizinha Extremadura espanhola repartem-se por cinco tipos principais (Bueno Ramírez, 2000; Bueno Ramírez *et al.,* 2004) que correspondem às formas identificadas no território português, nomeadamente *câmaras simples fechadas*, *câmaras simples abertas*, *câmaras de corredor curto*, *câmaras de corredor longo*, todas com cobertura plana, e *câmaras com falsa cúpula* (com oito ou mais esteios). No caso das *câmaras de corredor longo* são diferenciadas as câmaras de sete esteios e as de oito ou mais esteios. São indicadas as associações entre estes vários tipos em dez diferentes sectores da província de Cáceres, desde as Hurdes-Gata, na Cordilheira Central, até Valência de Alcântara (Bueno Ramírez *et al.,* 2004:97)

Para caracterizar a arquitectura de quase três centenas de estruturas funerárias, situadas em extensa área da parte norte do Alentejo Central, foi adoptada tipologia repartida entre *sepulturas* e *antas*. As *sepulturas* foram subdivididas em *fechadas, abertas* e de *corredor incipiente*, e as *antas*, diferenciadas em *sem corredor*, *com corredor curto*, *com corredor médio*, *com corredor longo* e *com corredor muito longo* (Rocha, 2005: 123).

A primeira tipologia proposta para o conjunto funerário de Reguengos de Monsaraz (Leisner & Leisner, 1951: estampa 40) adopta uma partição em três tipos principais, as *antas sem corredor*, as *antas com corredor* e as *tholoi*, sendo as segundas desdobradas em inúmeras variantes determinadas pela forma da câmara. Os exemplos indicados de *antas sem corredor*, que são dissociados em *dólmens em forma de galeria* e em *cistas megalíticas*, assim qualificadas talvez pela forma sub-rectangular, são estruturas abertas. As antas com corredor são desdobradas em seis tipos principais, *polígono regular, polígono alongado, polígono alargado, polígono unilateral, poligonais de tendências trapezoidais* e *pequenas câmaras de cinco esteios*. Numa mais recente abordagem do conjunto dolménico de Reguengos de Monsaraz são propostas cinco categorias para a morfologia das câmaras, sempre dotadas de corredor: *rectangular longitudinal*; *rectangular transversal*; *subcircular*; *elipsoidal*; *poligonal* (Gonçalves & Sousa, 2003: 209).

Embora partindo de um universo de referência reduzido a 32 sepulturas foi proposta (Tavares da Silva, 1987: 88) uma tipologia arquitectónica, diferenciada, entre o Alentejo Litoral e o sul do Baixo Alentejo, em sequência evolutiva desde as formas fechadas até as sepulturas tipo *tholos* tendo como etapas intermédias as *câmaras simples abertas*, as *câmara com corredor indiferenciado* e as *câmaras com corredor diferenciado*. No Alentejo Litoral ocorrem em sequência *câmaras fechadas ovaladas*, *câmaras sub-rectangulares com corredor*, *câmaras poligonais/subcirculares e corredor diferenciado* e sepulturas do tipo *tholos.* No sul do Baixo Alentejo a representação é diferente, com *câmara simples sub-rectangular*, *câmara sub-rectangular aberta*, *câmara oblonga com corredor mal diferenciado* e sepultura do tipo *tholos.*

Aos cinco tipos (de A a E) da Tabela 6.1 podíamos juntar uma sexta situação com estruturas atípicas como as que documentámos (fonte: EMERITA) nas serras do Caramulo (Fornelo do Monte) e de Bigorne, com grandes blocos de granito (ou afloramentos) ocupando a parte central de *tumuli* megalíticos, e na serra de Montemuro (São Pedro do Campo e Aveloso) com círculos de pedras envolvidos de igual modo por *tumulus,* casos que ultrapassam o conceito de *paradolmen* (Pascual, 2006).

Esta retrospectiva acerca da tipologia das estruturas internas das sepulturas monticulares, integradas em conjuntos regionais situados em diferentes áreas, de norte a sul do território continental, indica a existência de um número significativo de modelos arquitectónicos comuns a todo o território amostrado (B, C e D nos quadros anteriores). Deve contudo relevar-se que não se contemplaram todos os estudos regionais sobre este tema, constituindo esta abordagem uma simples amostragem daquela realidade. Deve também salientar-se o facto de existirem, em regiões circunvizinhas daqueles inventários, outras tipologias de monumentos que poderiam ampliar a representação territorial daqueles modelos construtivos. Apesar disso, podem indicar-se algumas diferenças, como sejam a ausência a sul de *tumuli* sem estrutura ortostática central, substituída, ou não, por fossa, e a ausência a norte de estruturas complexas do tipo *tholos ou pseudotholos.* A representação seria mais completa com o desdobramento do parâmetro *presença/ausência* em diversos graus de *abundância/raridade*. De facto verifica-se que as estruturas complexas, dotadas de câmara e corredor duplamente diferenciados são muito mais abundantes a sul do que a norte quando comparadas com modelos mais simples.

6.5.2. Morfologia e dimensões

A análise comparativa da arquitectura das sepulturas da área de estudo é focada fundamentalmente no subconjunto que foi submetido a intervenções arqueológicas (Anexo 8), acções que proporcionaram dados

mais completos acerca das suas características. Contudo, este conjunto não poderá ser utilizado de modo integral, para todos os parâmetros seleccionados, devido a diferentes abordagens no decurso da sua investigação e a deficiências descritivas. De facto, para a apreciação das características intrínsecas do *tumulus* a sua estrutura foi pesquisada apenas em 40% daqueles casos. Por outro lado, verifica-se que em trabalhos mais antigos não existe informação acerca das dimensões do *tumulus*. Este conjunto também tem limitações em termos de uma amostragem representativa da diversidade de tipologias presentes na região, nomeadamente da câmara funerária. A escolha destes monumentos ocorreu ao longo de quase um século, a cargo de pelo menos seis diferentes investigadores e foi condicionada por critérios e objectivos diferenciados, desde a pura investigação à minimização de impactes ambientais (caso dos sítios 5013, 5033 e 5060). Sempre que possível invocam-se dados parcelares acerca de outras sepulturas constantes dos catálogos.

6.5.2.1. Envergaduras

Para efeito comparativo adoptou-se como parâmetro de altura do *tumulus* o seu *valor máximo original* tomado a partir da altura do maior esteio completo presente na câmara. Na ausência de esteios na câmara aproximou-se esse valor da dimensão actual.

Acerca das estruturas monticulares não se obtiveram dados de caracterização da envergadura horizontal do Farranhão (1014), da Urgueira (1045), da Granja de São Pedro (4088) e da Pedra da Anta (4110) nem das envergaduras horizontal e vertical dos Corgos (4058), da Horta da Serra 1 (4090) e da Horta da Serra 2 (4091). Acerca da estrutura interna faltam dados relativos à envergadura horizontal da câmara de Charneca das Canas (1009), mas a envergadura vertical pode ser estimada a partir de um esteio (ou pilar) tombado, com 1,26 m de comprimento (Pereira da Silva, 1991: 11), à envergadura horizontal da câmara do Farranhão (1014), por deficiência de registo, embora a envergadura vertical possa ser estimada a partir do maior esteio documentado com 1,96 m de comprimento, à envergadura vertical de Corgos (4058), de Horta da Serra 1 e 2 (4090 e 4091) e também à envergadura horizontal de Horta da Serra 1 (4090).

Nos gráficos seguintes, de dispersão e de colunas, apresentam-se os dados disponíveis acerca da envergadura de 22 *tumulus* e de 25 câmaras, identificadas de acordo com o número de referência nos catálogos de Vila Velha de Ródão, de Proença-a-Nova, de Idanha-a-Nova e de Oleiros. Não se obtiveram dados relativos a monumentos situados em Castelo Branco, por ausência de registos e de investigação dedicada. Na análise subsequente consideram-se três territórios principais: *Ródão/Proença*, que pode ser analisado em conjunto atendendo a características topográficas idênticas, contém 36% de *tumuli* e 32% de câmaras; *Idanha*, isolado dos restantes territórios, a leste, tem 50% de *tumuli* e 56% de câmaras; *Oleiros*, com uma topografia montanhosa bem diferenciada do território de *Ródão/Proença* que lhe é adjacente a sul, tem 14% de *tumuli* e 12% de câmaras.

Nos gráficos de dispersão (Figura 6.14) temos uma caracterização sensível das envergaduras (horizontal e vertical) tanto do *tumulus* como da câmara funerária das sepulturas que puderam ser mensuradas. No caso dos *tumuli,* a dispersão de pontos oferece uma razoável correlação entre os parâmetros altura e diâmetro, embora com alguns desvios acentuados. É o caso do Cabeço d´Ante (1005) com diâmetro de 12 m e altura máxima estimada em 2,3 m; a envergadura horizontal da mamoa pode estar subestimada devido ao estado de degradação em que se encontra. A escavação deste monumento revelou um corredor mais longo do que observado antes daquela intervenção mas pode dar-se o caso de ter existido um corredor intratumular

(desaparecido devido à lavoura) ou um átrio que imporia um diâmetro maior ao indicado e mais próximo da média dos casos documentados no gráfico. O segundo quadro de dispersão, relativo à envergadura das câmaras, indica que todos os monumentos escavados exibem maioritariamente câmaras mais largas do que altas.

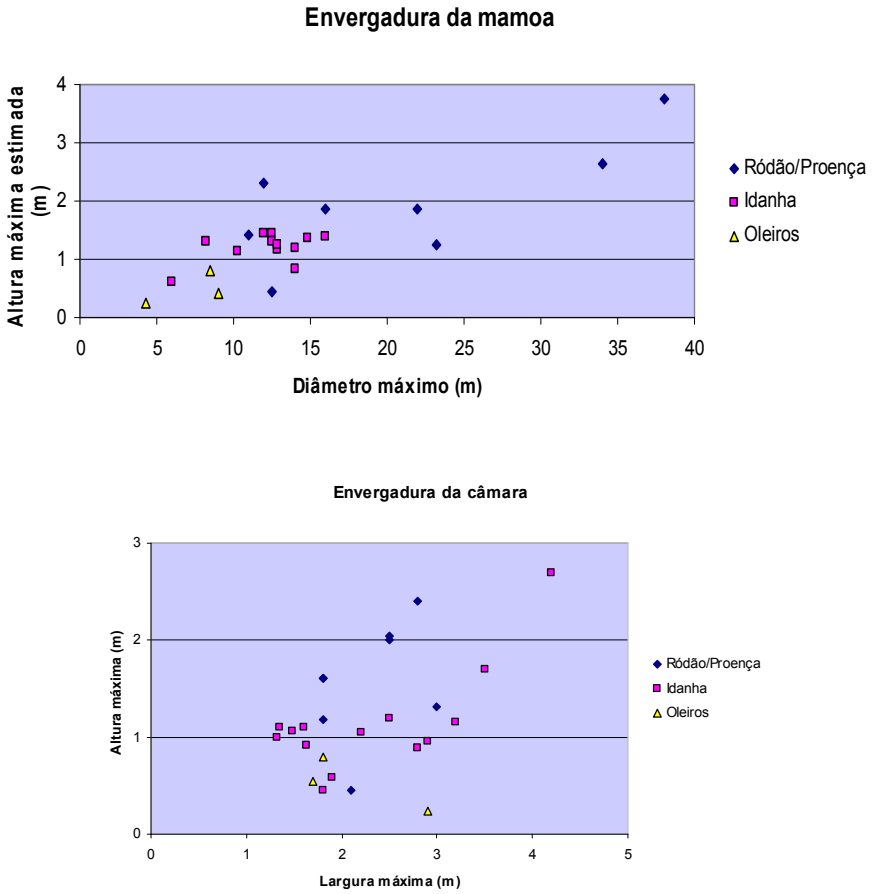


Figura 6.14. Gráficos de dispersão com correlação entre a envergadura vertical e a envergadura horizontal de câmaras funerárias e de mamoas da área de estudo, diferenciadas por sectores.

No gráfico de colunas (Figura 6.15) referente às mamoas constata-se uma diferenciação significativa das envergaduras entre os três territórios convencionados. Em *Ródão/Proença* ocorrem as maiores envergaduras absolutas da área de estudo e a maior amplitude (ou diversidade) de envergaduras, superior à dos restantes territórios. Os casos documentados em *Idanha* têm características mais uniformes e menores envergaduras. Os casos estudados em *Oleiros,* com menor representatividade estatística, congregam as envergaduras mais baixas, embora existam neste território monumentos de maiores dimensões (classe 5 de envergadura horizontal) como é o caso de Selada da Póvoa 1 (5030). Mas estes resultados estão condicionados, em termos de representatividade, pela investigação.

Admite-se que a altura das mamoas esteja condicionada pela altura dos ortostatos da câmara, cujas envergaduras são abordadas em gráfico seguinte. A envergadura vertical destes monumentos pode ser determinada pelas características estruturais da matéria-prima disponível nas respectivas áreas de captação de recursos naturais. A maior diversidade da envergadura vertical das sepulturas de *Ródão/Proença* pode ter um significado estritamente conceptual e ritual mas indica, por outro lado, que na área de captação de recursos estão disponíveis suportes mais alongados, quando se pretende construir monumentos elevados.

Esta hipótese, de condicionamento geológico, corresponde à observação empírica acerca da maior robustez de esteios em *Ródão/Proença*. A menor envergadura vertical das sepulturas de *Rosmaninhal* também pode resultar de uma limitação da geologia local no fornecimento de suportes longos[200], esta hipótese também concorda com a observação empírica[201]. A hipótese do condicionamento geológico carece de demonstração específica.

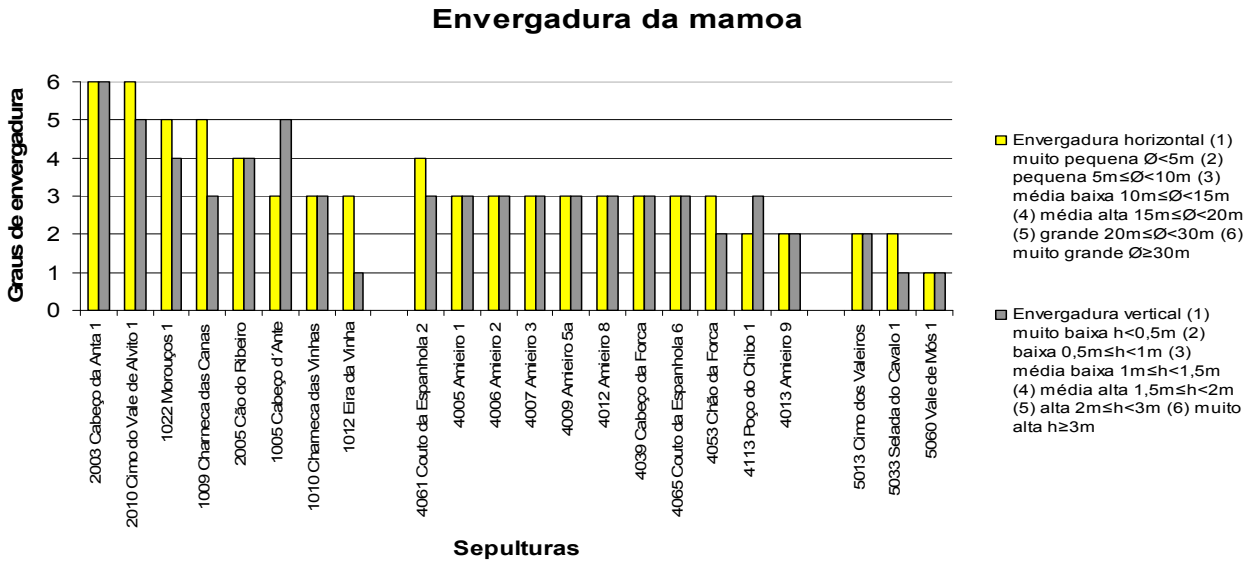


Figura 6.15. Gráfico de colunas com graus de envergadura das mamoas da área de estudo agregados por sectores (conjuntos da esquerda para a direita: Ródão//Proença, Rosmaninhal e Oleiros).

A convicção, partilhada por diversos investigadores, acerca da impossibilidade de construir câmaras elevadas com rochas metassedimentares (vulgo xistos) poderá em parte ser sustentada por estes dados. Contudo, as características mecânicas das rochas metassedimentares não são uniformes e, como se verifica no Cabeço da Anta (2003)[202] e no Cimo do Vale de Alvito 1 (2010), em Proença-a-Nova é possível obter esteios longos. As duas outras câmaras elevadas, documentadas em escavações efectuadas na área de estudo, foram construídas com granitóides, a Pedra da Anta (4110) e a Granja de São Pedro (4088). No subconjunto analisado acresce só mais um monumento construído com granitóides, Corgos (4058).

Merece atenção um outro aspecto respeitante à relação qualitativa entre a altura e a amplitude das mamoas. Estas são em geral abatidas, comportando graus de envergadura horizontal superiores aos da envergadura vertical, com a excepção de 1005 (Cabeço d´Ante) e 4113 (Poço do Chibo 1), embora se deva admitir que no primeiro caso, devido ao seu mau estado de conservação, o diâmetro original pudesse ter sido superior.

Para um universo mais amplo de 218 estruturas monticulares da área de estudo obteve-se a representação da envergadura horizontal, segundo classes ou intervalos de medida, documentada no seguinte gráfico de barras (Figura 6.16). Trata-se de uma distribuição normal com pico nos pequenos diâmetros, situados entre 5 m e 10 m (32%), seguida de muito perto (28%) pelo intervalo entre 10 m e 15 m de diâmetro. O conjunto funerário do Alto Paiva (Cruz, 2001) é representado também por uma curva normal com pico na mesma

[200] Poderá ser também essa a razão para o uso sistemático de lintéis de madeira, de azinho, na arquitectura vernacular da freguesia de Rosmaninhal (Idanha-a-Nova).
[201] Por exemplo, na câmara do Cabeço da Forca (4039) foi documentado em escavação apenas um esteio completo, aliás com formatação antropomórfica, estando os restantes reduzidos a fragmentos com acentuada esfoliação.
[202] A escavação da câmara deste monumento não está concluída pelo que a altura dos esteios poderá ser superior à dimensão já estimada.

classe (entre 5 m e 10 m) mas uma presença mais elevada atingindo 52%, valor que pode traduzir uma maior representação de sepulturas tardias de ritual mais individualizado.

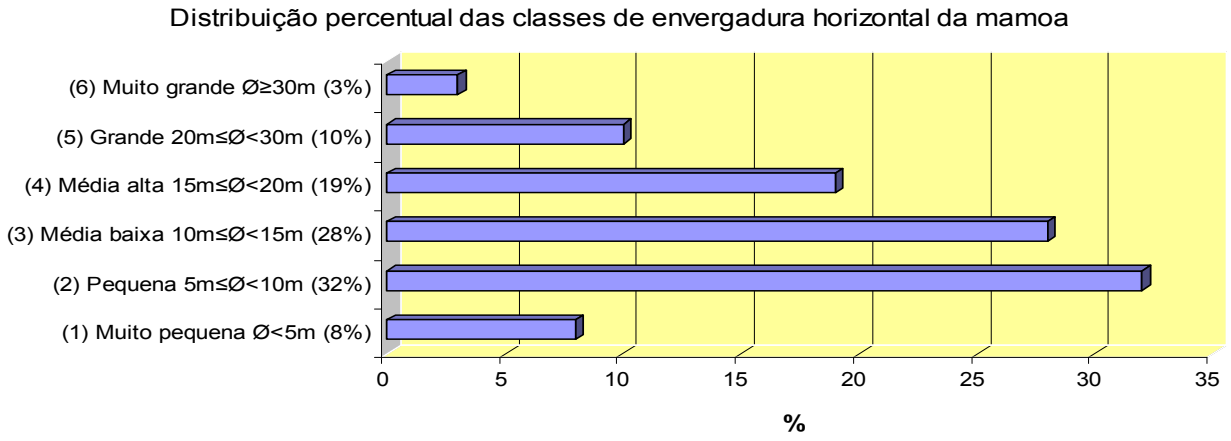


Figura 6.16. Gráfico de barras com a distribuição percentual das classes de envergadura das mamoas da área de estudo.

No gráfico de colunas relativo à envergadura das câmaras (Figura 6.17) observa-se um menor contraste entre áreas com uma aproximação das métricas de Oleiros em relação às de Ródão/Proença e uma maior diversidade nos valores das dimensões verticais.

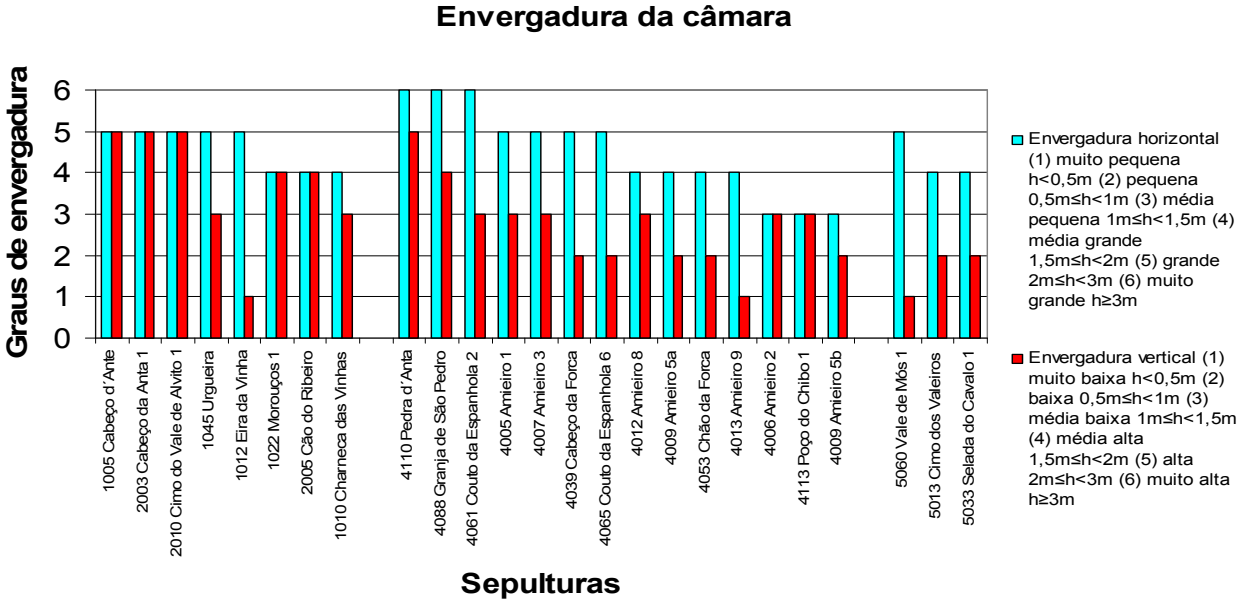


Figura 6.17. Gráfico de colunas com graus de envergadura das câmaras da área de estudo agregados por sectores.

Tal como observado nos gráficos de dispersão anteriores existe preponderância da envergadura horizontal sobre a vertical, representando câmaras mais largas do que elevadas. Esse contraste é muito elevado em Vale de Mós 1 (5060) mas trata-se de uma construção atípica. A câmara baixa e muito ampla de Tapada da Ordem 2 (4129), não documentada em escavação, com 6,7 m de diâmetro, poderá corresponder a um *pseudotholos*. Registe-se, finalmente, a maior amplitude das câmaras investigadas em *Idanha* comparativamente às de *Ródão/Proença* onde ocorrem mamoas de maiores dimensões. Os exemplares mais

largos correspondem a construções em granito (4088 e 4110) e a uma sepultura em rocha metassedimentar (4065) que foi equiparada a uma construção do tipo *tholos* embora seja mais plausível ter tido cobertura vegetal (*pseudotholos*).

6.5.2.2. Tipologia de subestruturas internas

As escavações arqueológicas executadas em 29 sepulturas da área de estudo nem sempre proporcionaram resultados definitivos acerca das estruturas internas, tendo em conta que alguns desses trabalhos tiveram uma incidência parcial ou ainda decorrem. Dispõe-se de informação exaustiva acerca de apenas dois sítios (1012 e 5060[203]) que foram sujeitos a escavação integral, com a remoção da totalidade da estrutura conservada, em contexto de obra.

Um número significativo de escavações (1022, 4005, 4006, 4009, 4012, 4053, 4061, 4088, 4113 e 5013) incidiu no interior de estruturas ortostáticas visíveis (câmara ou câmara mais corredor) sem esgotar a caracterização do volume existente entre o fim do corredor e a periferia (e exterior) da mamoa. Alguns trabalhos mais antigos (1014 e 4090) tiveram um desenvolvimento ou registo insuficientes, devido ao estado de degradação dos respectivos monumentos. Noutros casos (2003 e 2010) decorrem escavações que ainda só atingiram o início do corredor junto às respectivas câmaras desconhecendo-se a sua amplitude e características. Esta contingência condiciona o alcance da amostra.

A Tabela 6.3 mostra que os 30 contentores funerários (num caso, um *tumulus* com duas câmaras) investigados desde o início do séc. XX até ao momento ilustram todas as categorias do quadro tipológico apresentado anteriormente. Contudo, comparativamente com situações observadas a norte e a sul da área de estudo, verifica-se um maior equilíbrio quantitativo entre formas simples (A, B e C), abertas e fechadas, em número de 13, e formas complexas (D e E), isto é, constituídas por conjuntos diferenciados formados por câmaras e corredores, em número de 16. Este conjunto vale como amostragem da presença daquela diversidade tipológica na área de estudo. As características da sepultura 4090 consideram-se indeterminadas atendendo ao seu mau estado de conservação, uma vez que estava reduzida a dois esteios, aquando da escavação a que foi sujeita

O único caso de uma câmara simples, fechada, não estruturada em ortostatos está documentado na Selada do Cavalo 1 (Oleiros). Este contentor funerário estava além disso evidenciado por uma pequena depressão no seu interior. Foi-lhe atribuída uma cronologia no Neolítico, indiferenciada face aos escassos dados artefactuais ali recolhidos.

No conjunto seguinte, formado pelas câmaras simples, fechadas, mas ortostáticas (B), existem situações muito diferenciadas que merecem ser comentadas. Em primeiro lugar, nos sítios 1009 e 1012 não foram encontrados circuitos ortostáticos intactos nem alvéolos de implantação de esteios, embora os escavadores admitam que tivessem existido, atendendo à presença de lajes, escassas, com tais características, no seu interior. De modo alternativo poderiam colocar-se estes monumentos[204] na categoria anterior (A). Na

[203] Neste caso a informação embora exaustiva deve ser considerada parcial uma vez que a estrutura não estava completa à data da intervenção arqueológica.

[204] Estes dois monumentos levantam problemas de classificação perante a repetição de casos de câmaras não estruturadas mas conservando no seu interior uma grande laje, como documentado nas sepulturas de Orca de Valongo, em Carregal do Sal, e talvez Pena Mosqueira, em Mirandela (Senna Martinez & Ventura, 2008: 344). Distinta será a presença de grande bloco planar no interior da câmara não ortostática de Monte Calvo 2,

sepultura 5013 foi definida uma câmara elíptica com base num circuito de pequenos alvéolos, embora com ausência de esteios. Os contentores identificados em 4013 e 5060 são incomuns e têm uma atribuição funerária condicionada pela total ausência de artefactos no seu interior; o primeiro (4013) poderá ser equiparado a uma cista megalítica, baixa, mas o segundo caso (5060) é atípico no contexto regional assemelhando-se na morfologia a alguns *cromelechs pirenaicos*. A pequena câmara (cista) documentada em 4009 tem um estatuto diferente de todas as restantes uma vez que parece corresponder a uma reutilização de um monumento pré-existente.

Tabela 6.3. Tabela com a distribuição das sepulturas escavadas na área de estudo de acordo com a tipologia da estrutura interna (conforme definido na tabela 6.1).

Tipo	Refª	Sítio
A	5033	Selada do Cavalo 1
B	1009	Charneca das Canas
	1012	Eira da Vinha
	4009	Amieiro 5b
	4013	Amieiro 9
	4065	Couto da Espanhola 6
	4091	Horta da Serra 2
	5013	Cimo dos Valeiros
	5060	Vale de Mós 1
C	4005	Amieiro 1
	4012	Amieiro 8
	4009	Amieiro 5a
	4058	Corgos
D com corredor curto	1014	Farranhão
	1045	Urgueira
	4053	Chão da Forca

Tipo	Refª	Sítio
D com corredor longo	1005	Cabeço d´Ante
	1010	Charneca das Vinhas
	4006	Amieiro 2
	4007	Amieiro 3
	4039	Cabeço da Forca
	4088	Granja de São Pedro
	2005	Cão do Ribeiro
	4110	Pedra d´Anta
	4113	Poço do Chibo 1
D com corredor indeterminado	1022	Morouços 1
	2003	Cabeço da Anta 1
	2010	Cimo do Vale de Alvito 1
E	4061	Couto da Espanhola 2
Indeterminado	4090	Horta da Serra 1

Este subconjunto é heterogéneo quanto às características morfológicas, aos conjuntos artefactuais (ausentes em 4013 e 4091, escassos e/ou fora da câmara em 1012, 4009, 5013 e 5060, abundantes mas em posição exterior em 1009) e às idades propostas (desde o Neolítico Antigo, casos de 1012 e 4065, ao Calcolítico em 1009 e 4009). Nos catálogos encontram-se documentadas outras câmaras fechadas, assim qualificadas com as reservas inerentes à ausência de escavações, como são os casos das pequenas cistas rectangulares de Pasteira 1 (4108) e Serras dos Covões 4 (5050) e a cista megalítica de Torrãozinho 3 (4134).

O conjunto formado pelas câmaras simples abertas (C), sem corredor ou com corredor incipiente (4012 e 4058), é mais homogéneo quanto à morfologia (4009, 4012 e 4058), alongada, elíptica ou em forma de saco, exceptuando talvez o caso de 4005 cujo hipotético desenvolvimento de corredor para nascente, que não foi esclarecido em escavação, a existir, a poderia aproximar do tipo D. Dois destes monumentos têm uma caracterização deficiente no que concerne à sua utilização, devido à escassez de artefactos recolhidos em escavação, com raros fragmentos de cerâmica, em 4005 e, a recolha em 4058 de duas mós manuais no exterior e de um machado plano em cobre nos arredores, cuja conexão com a sepultura está por demonstrar embora possa corresponder a uma reutilização. As sepulturas 4009 e 4012 ofereceram conjunto escasso de artefactos, embora diversificado, materiais que sugerem uma cronologia entre o final do 4º e o início do 3º milénio AC. Nos catálogos é possível encontrar outros exemplos de câmaras deste tipo, casos de Monte Famaco (1018) e Zambujo 3 (4143).

em Arouca (Silva, 2004: 75), onde terá servido com tampa da fossa existente no seu interior. Refira-se também a presença de apenas um esteio no interior da câmara funerária de Charneca das Vinhas (1010).

As câmaras poligonais complexas (D), com câmaras e corredores bem diferenciados em plano e alçado, formam o tipo mais numeroso entre as sepulturas escavadas na área de estudo. Optou-se por desagregar este grupo em três subgrupos atendendo à diversidade de corredores observados. O subgrupo das sepulturas com corredor curto (1014, 1045 e 4053) deve ser admitido com reserva uma vez que qualquer uma delas já se encontrava muito degradada aquando dos trabalhos arqueológicos e as escavações não terão explorado a possibilidade de terem possuído corredores mais longos, ortostáticos ou intratumulares, mediante a determinação do limite efectivo da mamoa ou da presença de alvéolos correspondentes a esteios arrancados pela lavoura. Nos catálogos podem encontrar-se outros casos cuja relevância é prejudicada pela ausência de escavações.

Um segundo subgrupo, mais numeroso, tem acessos longos. No caso das sepulturas 4006, 4088 e 4113 a possibilidade da estrutura de acesso ser mais longa e complexa não foi explorada em escavação, uma vez que esta não se prolongou até à periferia conservada do *tumulus*. A escavação das sepulturas 2005 e 4007 revelou acessos completos, com dois trechos diferenciados, ambos ortostáticos, um interior, adjacente à câmara, que poderia ser coberto, e outro periférico, sem cobertura, também qualificado como átrio, atendendo à sua abertura ao exterior, característica que foi de igual modo indiciada em 4113. Em 4007 foram encontradas lajes de fecho, colocadas a pino, de modo transversal, na transição entre o corredor, dito ortostático, e o corredor intratumular. As câmaras destas sepulturas têm dimensões muito diferenciadas, são geralmente poligonais, com diferentes morfologias e proporcionalidades, e esteios sobrepostos ou contíguos. Alguns dos monumentos mais pequenos forneceram conjuntos reduzidos de artefactos (4006, 4113 e 4007 com espólio de uma reutilização), mas a maioria continha espólio abundante e muito diversificado. Atendendo à arquitectura e aos artefactos presentes, estes monumentos têm sido atribuídos a um tempo de transição do 4º para o 3º milénio AC. Esta tipologia também está bem representada nos catálogos anexos, principalmente em Idanha-a-Nova e Vila Velha de Ródão. As sepulturas de Cubeira 2 (4071) e Zambujo 2 (4142) apresentam um alargamento na parte terminal compatível com corredor ortostático aberto. Idêntica característica parece ser sugerida pela inflexão observada na planta de 4110.

Num terceiro subgrupo incluíram-se três sepulturas às quais se atribuiu um corredor de dimensão indeterminada, embora também se admita que possa ser longo, atendendo à distância disponível até à periferia do *tumulus*, bem conservado em qualquer uma deles. Nos casos de 2003 e 2010 a existência de corredor está indiciada pelo seu arranque junto à câmara, com uma pedra de fecho (em 2003) e um esteio (em 2010) embora se encontre oculto e talvez bem conservado. Na sepultura 2010 o trecho adjacente à câmara conserva tampas *in situ*. A presença de corredor em 1022 orientado a nascente em conexão com a câmara merece ponderação, atendendo ao acentuado descentramento desta última na mamoa. Os conjuntos artefactuais têm características diferenciadas: em 2003, uma sepultura em curso de escavação, tal acervo é ainda escasso; em 2010 é diversificado mas limita-se à câmara, já integralmente escavada; em 1022 não foi revelado na escavação ali efectuada por Proença Júnior.

A sepultura 4061 é um exemplo de uma câmara ampla de configuração subcircular que se englobou na categoria (E) que além das construções do tipo *tholos* também integra estruturas de transição entre estas e as construções dolménicas convencionais. A amplitude da câmara sugeriu aos escavadores que tivesse possuído uma cobertura em falsa cúpula, mas tal hipótese não foi comprovada em escavação. Deve contudo admitir-se, como será discutido mais à frente, a possibilidade da cobertura ter consistido em subestrutura complexa, com recurso a madeira e elementos líticos. A abundância e diversidade dos artefactos ali recolhidos aproximam-na dos monumentos de maior dimensão da categoria D.

Abordam-se seguidamente as características mais específicas das subestruturas em pedra que integram estas sepulturas, com funções muito diferenciadas entre si, desde a câmara ou contentor funerário, que ocupa em geral uma posição central no *tumulus*, às que são destinadas a garantir a estabilidade dos esteios da câmara, caso dos contrafortes, a reforçar o *tumulus*, casos das couraças e das estruturas de contenção periférica, a formalizar o acesso ao interior do monumento, caso dos corredores, cobertos ou aéreos, as que assinalam os rituais exteriores, caso dos átrios, e as que materializam o fecho ou condenação dos espaços de uso e acesso conecto com o fim do "período de vida útil" (Cruz, 2001: 81, volume 1) destes monumentos.

6.5.2.3. Aspectos construtivos das câmaras

É admitido que a construção destas sepulturas se iniciaria pela câmara com a abertura no substrato geológico de fundações individualizadas por ortostato e, por vezes, com o rebaixamento do seu piso. As escavações executadas por diferentes arqueólogos, em diferentes épocas, não exploraram de igual modo as características destas subestruturas negativas. Na área de estudo a observação do modo de fundação foi aprofundada sobretudo naqueles casos em que a ausência de esteios obrigou à pesquisa da sua posição e encaixe original. Os resultados obtidos em escavação ilustram a presença de cavidades abertas no substrato geológico e de calços em pedra, estes últimos presentes tanto nas faces internas como nas faces externas daquelas.

Nas áreas onde se utilizaram rochas metassedimentares foram identificadas fundações abertas na rocha em sepulturas com diferentes envergaduras verticais desde a *média-baixa* até à *alta*, sugerindo um padrão de construção invariante em relação à dimensão dos monólitos utilizados. Na Pedra d´Anta (4110), uma câmara de envergadura alta, construída com granitóides, foi afirmada (Pereira, 1933:54) a ausência de alicerces (alvéolos para fixação de esteios), conforme se transcreve: "no decurso dos trabalhos de desentulho, pude observar que êsses monólitos [esteios] assentavam directamente sôbre a piçarra de contextura lamelar do subsolo, tendo a sua base, principalmente da pedra H[205], sido reforçada por calços de pedra introduzidos na rocha, e encobertos pelas camada de barro que pavimentava o monumento.

Esta circunstância indica, segundo me parece, que para o equilíbrio de tais pedras era necessária a existência de um *tumulus* de terra, a que se encostassem. Mesmo dentro da cripta, o subsolo não foi escavado; o monumento não tinha em rigor alicerces.

Reconheço que estou raciocinando em um campo de hipóteses, mas, até prova em contrário, suponho-as verosímeis. As pedras A e B[206] firmavam-se também directamente na rocha quási à flor da terra, sucedendo o mesmo com os outros esteios, um dos quais estava soerguido por calços, certamente para atingir determinada altura."

Embora afirme a sua ausência, a descrição indicia a presença de alvéolos talvez pouco profundos. De facto, os calços, presentes, para serem eficazes pressupõem o preenchimento do espaço sobrante entre o alvéolo e o esteio e se estão soerguidos tal pode dever-se à pressão exercida lateralmente pelos esteios ao se inclinarem para o interior da câmara. De facto, tem-se observado que os topos dos calços ultrapassam por vezes o nível do piso de terra batida que forma o chão da câmara, talvez devido àquele efeito. Com fundações tão ténues a estabilidade desta estrutura ortostática ficaria dependente do imbricamento entre os esteios. As fotografias de Proença Jr documentam a presença de *tumulus.*

[205] Um pilar de transição da câmara para o corredor.
[206] Definem a entrada do corredor.

Em Charneca das Canas (1009), Charneca das Vinhas (1010), Eira da Vinha (1012) e Selada do Cavalo 1 (5033), mamoas de envergadura vertical média-baixa ou muito baixa, não foram encontrados alvéolos. Em qualquer dos monumentos é admitida a violação da câmara e o saque de esteios, embora no último caso se admita que pudessem não ter existido na origem. O substrato geológico detrítico (Formação de Falagueira) das sepulturas 1009 e 1010, mais solto e inconsistente do que a argila que formava o *tumulus*, não facilitaria a estabilidade ou a conservação daquelas estruturas negativas.

Em Cimo dos Valeiros foi identificada sequência de pequenos alvéolos de configuração sub-rectangular, a qual, na ausência de esteios, permitiu indiciar uma câmara elíptica. A configuração dos alvéolos aproxima-se da geometria de fragmentação do afloramento que está alinhado com este monumento e que se admite ter servido como fonte de matéria-prima (pedreira) para a sua construção, na hipótese de terem sido colocados esteios de pedra.

Noutras escavações, como por exemplo em Cabeço d´Ante (1005), Cão do Ribeiro (2005), Amieiro 1 (4005), Cabeço da Forca (4049) e Couto da Espanhola 6 (4065), a presença de alvéolos foi documentada pela existência de calços na base de esteios conservados ou por observação mais directa da presença de restos de outros esteios, de menor resistência, reduzidos a folhas de xistosidade, afundados naquelas cavidades. Algumas destas escavações (1005 e 2005) mostraram que os alvéolos eram mais largos numa das faces (geralmente a interna) do que na oposta e que o seu enchimento além dos calços de pedra era reforçado, nos interstícios, com argila compactada. No interior desse enchimento encontraram-se pequenos artefactos[207].

Em Cimo do Vale de Alvito 1 (2010) o desaparecimento de grande parte do circuito ortostático da câmara no lado sul permitiu reconhecer a posição dos respectivos alvéolos (quatro), inseridos numa vala que os unia de modo contínuo. O prolongamento dessa vala não pôde ser documentado no trecho que ainda estava ocupado com esteios completos (dois) ou reduzidos à sua parte inferior (dois), nos lados oeste e norte, porque tal reconhecimento obrigaria à sua remoção. Não sabemos se este aspecto corresponde ao observado na escavação da sepultura da Granja de São Pedro (4088), construída maioritariamente em granito. A esse respeito foi afirmado que "[...] os esteios foram implantados num roço[208] aberto na terra argilosa do terraço quaternário. [...] Calçaram depois os esteios por dentro e por fora. Os calços são de xisto, de granito ou de grandes calhaus rolados de quartzito" (Almeida & Ferreira, 1971:164).

Até ao momento não foi identificado, em escavação, nenhum piso lajeado no interior da câmara, a exemplo do que se conhece por exemplo na sepultura de La Joaninha (Oliveira, 1997) e na da Horta (Oliveira, 2006), mas foi possível documentar a presença de pavimento de argila compactada, com prolongamento no corredor, e características idênticas ao material utilizado na construção das mamoas, nomeadamente em Cão do Ribeiro (2005) e em Cimo do Vale de Alvito (2010). Esta existência corresponde ao observado em trabalhos mais antigos efectuados nesta região. São os casos da Granja de São Pedro (4088) onde os escavadores afirmam que "por cima dos calços, no corredor e na cripta, foi posta uma camada de argila castanha amarelada bem batida e consolidada de forma a fazer um piso uniforme e duro" (Almeida & Ferreira, 1971:164) e da Pedra d´Anta (4110) onde é referida "camada de barro que pavimentava o monumento" (Pereira, 1933: 54) e se afirma que "o pavimento da galeria devia ter sido constituído por uma camada de barro amassado ou apisoado, que parecia ter a espessura de

[207] Por exemplo geométrico na sepultura 2005. Também foram encontrados artefactos em alvéolos de Maimón 1 (Bueno Ramírez *et al.,* 1998: 174) e Trincones 1 (Bueno Ramírez *et al.,* 1999: 136-137).

[208] *Roço* como sinónimo de sulco parece indicar uma estrutura alongada mas pode ter sido empregue para identificar uma cavidade localizada ou alvéolo.

0,40 m nalguns pontos [...]. Êste barro continha alguns calhaus rolados[209], inteiros e partidos, e destinar-se-ia a regularizar o pavimento da galeria" (Pereira, 1933: 59).

Nas mais recentes escavações efectuadas na área de estudo, nomeadamente em Cão do Ribeiro (2005), Cimo do Vale de Alvito (2010) e Cabeço d´Ante (1005), ainda inéditas ou em curso, considerou-se pertinente desmontar este piso até à rocha, pelo interesse em identificar os artefactos nele inseridos durante a construção[210]. O exemplo mais extraordinário desse tipo de ocorrências é um pequeno vaso esférico, em grauvaque, com 5 cm de diâmetro, depositado sobre a rocha, no centro da câmara do Cimo de Vale de Alvito.

Esta circunstância comprova que, tanto nos monumentos por nós escavados como nos da região metassedimentar do Sever, uma das primeiras etapas do projecto construtivo consistiria na remoção de solo até ao substrato argiloso ou à rocha não alterada. Tal foi comprovado no decurso do desmonte dos pisos internos ao circuito ortostático mas também na abertura de sanjas radiais que revelaram estar a base da mamoa assenta num depósito argiloso pouco espesso. Na área *xistosa* do Sever foi documentado o rebaixamento do chão das sepulturas e a regularização do piso por desbaste do afloramento e preenchimento de abatimentos com argila compactada com clastos de *xisto* e *calhaus rolados* (Oliveira, 1997: 219). Por outro lado os construtores "removerem as terras existentes sobre a rocha e assentarem a estrutura lítica do *tumulus* directamente sobre o solão" (Oliveira, 1997: 222-223), medida que é justificada de modo funcional como garantia de estabilidade. Não podemos demonstrar se o objectivo seria eliminar solo impuro e sendo este esquelético, na área em apreço, facilmente se atingia à rocha. Tal não aconteceria na área granítica[211] onde se preservam paleossolos, talvez pela maior espessura destes e por se poderem considerar não contaminados os níveis inferiores, na linha de uma explicação não funcionalista.

Para além dos alvéolos e do imbricamento dos esteios, a estabilidade do circuito ortostático da câmara seria garantido com a colocação de contrapesos simultaneamente sobre o chão adjacente aos esteios e encostados à sua face externa, formando uma subestrutura comumente designada *contraforte*. Estes contrapesos, colocados no lado oposto ao da inclinação dos esteios, e no seu terço inferior, compensavam a pressão exercida pelos esteios nas paredes externas dos respectivos alvéolos, evitando o seu rompimento. Estas subestruturas estão bem documentadas com blocos de grandes dimensões, em rochas metassedimentares e de quartzo filoniano, na maioria das sepulturas escavadas na área de estudo. São os casos, por exemplo, de Cão do Ribeiro (2005), de Cimo do Vale de Alvito (2010) e de Cabeço da Forca (4039), onde aquelas subestruturas se encontram bem cimentadas e ocultas por mamoas de argila. Em Cimo do Vale de Alvito a abertura da sanja radial incidiu nos dois esteios que se conservaram completos, os mesmos que Georg Leisner observou aquando da descoberta deste monumento, tendo revelado que acima do contraforte basal, melhor conservado naquele sector, se elevava um engrenado de blocos atrás da junção dos dois esteios e que teria por função tapar a respectiva fenda[212].

[209] O autor coloca a origem dos "calhaus rolados" no rio Ponsul, a cerca de 6 km de distância deste monumento (Pereira, 1933: 59).
[210] Situação também identificada por exemplo em Era de la Lagunita (Bueno *et al.,* 2006: 83).
[211] Na Pedra d´Anta, monumento em granito construído em zona de contacto com metassedimentos, é referida a remoção de uma camada superficial de solo que não atingiu a "piçara natural do cabeço" (Pereira, 1933: 60). Esta observação reitera a diferença de processo construtivo observada na bacia do Sever entre as construções de rochas metassedimentares e as de granitóides (Oliveira, 1997).
[212] Idêntica solução foi adoptada no Cão do Ribeiro para compensar uma profunda fractura lateral do esteio de cabeceira, eventualmente ocorrida entre a sua extracção e a colocação no alvéolo, rectificada com desbaste em forma de semicírculo. Neste caso foram colocadas lajes verticais atrás daquela cavidade separando-a do contraforte e mamoa. F. Alves Pereira (1933: 59) refere solução semelhante na Pedra d´Anta. Em Cão do Ribeiro foi excluída a possibilidade de se tratar de acesso a um nicho.

Na estrutura das câmaras funerárias tem sido frequentemente observado o recurso diferenciado a esteios menos largos ou a pilares, longilíneos ou *alongados*[213], e a esteios *laminares*[214], estes mais numerosos. Os primeiros, também equiparados a menires, parece fazerem a transição entre diferentes trechos do circuito ortostático[215], ao ladearem o esteio de cabeceira, por exemplo no Cabeço da Anta 1 (2003)[216], ou na transição da câmara para o corredor, por exemplo no Cimo do Vale de Alvito (2010) e na Pedra d´Anta (4110), onde impõem[217] um estreitamento àquela passagem, formalizando uma porta (Leisner & Leisner, 1951: 27), comum em sepulturas meridionais. Mas devem distinguir-se dos pequeníssimos pilares que reforçam aquele efeito, geralmente presentes aos pares, encostados ao circuito ortostático, em muitas sepulturas tanto do Sul[218] como do Norte do território português (Gomes, 1996: 158-159).

Na área de estudo observaram-se vários casos de duplicações, pontuais ou alargadas, do circuito ortostático da câmara, por exemplo na Casa da Moura (3006), no Monte de São Domingos 1 (3027), na Silveirinha (3046), nos Corgos (4058), no Couto da Espanhola 6 (4065) e no Torrãozinho 2 (4133), cuja funcionalidade ou significado estão por determinar. Refira-se que os esteios duplos estão adjacentes aos do circuito principal, ou interno, de modo semelhante às sepulturas de La Estrella e Portillo de Las Cortes, qualificadas de estilo beirão (Bueno Ramírez *et al.*, 2010: 162), mas de um modo distinto do que se observa em Azután (Bueno Ramírez *et al.*, s/d: fig. 1), uma câmara subcircular, duplicada por um circuito completo de esteios, em círculo concêntrico, postos a mais de 1 m de distância dos primeiros, em Navalcán (Bueno Ramírez *et al.,* 1999: 39) com pelo menos dois círculos concêntricos ou em Guadalperal (Bueno Ramírez & Balbín Behrmann, 2000: 355) com círculos múltiplos.

Na bacia hidrográfica do Sever foi documentado uma pequena diferenciação (vertical e horizontal) entre câmara e corredor nas sepulturas de metassedimentos em oposição a uma grande diferenciação (horizontal e vertical, esta superior a 1,5m) também entre as câmaras e os corredores construídos em granito (Oliveira, 1997: 221-222). As estruturas complexas, sobretudo as de maiores dimensões, como Cimo do Vale de Alvito (2010), são equiparáveis, em diferenciação vertical e horizontal, às sepulturas de granito daquele conjunto funerário transtagano.

Na área de estudo a cobertura da câmara funerária é uma questão em aberto no conjunto das sepulturas construídas em rochas metassedimentares, entre as quais não foram encontradas tampas monolíticas, completas ou fragmentadas. A excepção é a Pedra d´Anta, a única sepultura da mesma área que conservava tampa aquando do seu estudo no início do séc. XX, mas este monumento foi construído com blocos de granito. No conjunto funerário da bacia do rio Sever também foi notada a quase ausência de tampas monolíticas em sepulturas construídas com material metassedimentar sendo excepções a anta dos Pombais, situada em zona de contacto geológico, construída com esteios de metassedimentos mas dispondo de uma tampa em granito, e a anta de Fuente de La Sevillana (Cedillo), com uma laje de metassedimento pousada sobre os esteios (Oliveira, 1997: 220-221). Segundo a fonte, esta ausência é explicada pelo facto de ser mais fácil a remoção de tampas em metassedimento, para reutilização em estruturas posteriores, por serem de menor dimensão que as graníticas. Contudo o mesmo investigador admite que alguns monumentos não

[213] Com medidas próximas de espessura e de largura.
[214] Com uma largura muito superior à espessura.
[215] Registe-se o seccionamento do corredor da pequena sepultura do Poço do Chibo 1 (4113) com pilares de quartzo filoniano, numa rara utilização deste material num circuito ortostático, numa região em que tal material é utilizado de modo invariante na construção ou cobertura das mamoas.
[216] De modo idêntico em Gorginos 1 (Leisner & Leisner, 1951: estampa 40) ou em diversas sepulturas setentrionais (Gomes, 1996:157).
[217] São qualificados como *ombreiras* (Pereira, 1933: 51).
[218] Por exemplo em Vale Carneiro 1 e 2, Passo 1 e Gorginos 1 (Leisner & Leisner, 1951: estampa 40).

tiveram coberturas monolíticas e que poderiam ter havido distintas soluções, na linha do preconizado para outros conjuntos do Tejo Interior (Bueno *et al.,* 1999: 87-88; Bueno Ramírez, 1987: 80; Bueno Ramírez *et al.,* 1999: 139)[219], com os próprios esteios a desempenharem essa função pela sua inclinação (Tierra Caída 1), ou ainda a justaposição ou imbricamento de diversas pequenas lajes. Admite ainda que o desnivelamento acentuado entre a câmara e o corredor nas antas de granito obrigaria ao uso de tampas monolíticas, enquanto nas antas de metassedimentos o desnivelamento gradual possibilitaria o uso de peças múltiplas (Oliveira, 1997: 221-222).

A ausência de coberturas monolíticas foi também assinalada por F. Tavares de Proença Jr na região de Castelo Branco, tendo motivado explicação alternativa ao afirmar (Proença Jr, 1910: VI) que "a camara de alguns *tumuli* era recoberta - não de uma taça ou lage, mas de um verdadeiro madeiramento formado por pernadas d´arvores e ramos ou matto, sobre o qual assentaria depois a camada de terra e pedras, que com o apodrecimento da madeira, foi parar dentro da camara deixando no alto da mamôa a depressão tão conhecida e que muitas vezes é attribuida talvez infundadamente a violação." E faz um apelo à comprovação desta hipótese, afirmando que "esta ideia que já foi apresentada em França e esquecida depois sem a indispensável discussão, não foi sequer ainda referida em Portugal..."

Interessante é a adopção da hipótese da estrutura vegetal[220] para justificar a cobertura de algumas sepulturas do tipo *tholos* (Boaventura, 2009; Sousa, 2016: 217), por isso qualificadas como *pseudotholos* (Soares, 2008: 35), o que, a par do caso paradigmático de Vale de Rodrigo 1, alargaria significativamente a variabilidade de soluções arquitectónicas (mistas) entre os modelos convencionais de sepultura ortostática de cobertura monolítica e as câmaras subcirculares com cobertura em falsa cúpula[221]. Na área de estudo a hipótese de estrutura vegetal[222] poderá ser colocada para justificar a cobertura da câmara muito ampla (não escavada) da Tapada da Ordem 2 (4129), com cerca de 6,45 m de diâmetro, envergadura idêntica à da maior câmara do tipo *tholos* inventariada no território português (Escoural)[223]. Para outras câmaras amplas, tendencialmente circulares, como são os casos do Cabeço da Forca (4039) e do Couto da Espanhola 2 (4061) foi preconizada uma cobertura em falsa cúpula mas as escavações nelas efectuadas não revelaram indícios dessa solução baseada em elementos líticos. Deve, por isso, manter-se a alternativa vegetal, de forma cupuliforme, considerando a inviabilidade da cobertura monolítica, limitada pela amplitude destas câmaras e pela sua baixa altura, as quais ganhariam mais espaço interno com aquela solução alternativa.

Um possível indício da ausência de tampas monolíticas pode ser procurado nas diferenças de altura dos diferentes esteios de uma câmara, porque tal nivelamento seria desnecessário com outro tipo de soluções. Contudo deve contrapor-se à ausência de tampas monolíticas na câmara a presença de tampas de pedra no corredor. Em escavação essa presença foi documentada em Cimo de Vale de Alvito (2010) e em Pedra d´Anta (4110). Acresce a circunstância de, ao contrário das câmaras, cujos esteios sendo mais elevados emergem mais cedo da massa tumular, por colapso da cobertura, motivando as violações, os corredores, sendo mais baixos, terem sobrevivido incólumes.

[219] Discutem-se várias alternativas de cobertura, tampa monolítica, tampas múltiplas, falsa cúpula ou estrutura vegetal.

[220] Também proposta para câmaras amplas do sudeste peninsular, caso do conjunto funerário de El Capitan de Zarzilla de Ramos para o qual é preconizada cobertura com "estructuras de madera, tierra y piedra sin apoyo central. Son de planta circular, con un perímetro exterior de unos 6 m que aloja en el centro una cámara también circular..." (Ayala Juan *et al.,* 2000: 509).

[221] Sobre a distribuição e a antiguidade desta solução construtiva consultar: http://www.stoneshelter.org/

[222] A presença de entalhes em forma de meia cana no topo de esteios já foi relacionada com a hipótese de assentamento de madeiramento destinado a esse tipo de cobertura (Caninas & Henriques, 1985: 73), tendo sido detectada na área de estudo na Brejinha, no Amieiro, no Arraial do Cabeço Mouro, no Couto da Espanhola, no Cabeço da Forca, na Cubeira e em Ferrarias.

[223] Informação que se agradece a Ana Catarina Sousa.

6.5.2.4. Corredores e átrios

Os estudos sobre sepulturas megalíticas no noroeste da Península Ibérica têm evidenciado a complexidade das estruturas de acesso, com a presença, na adjacência das câmaras, de *corredores ortostáticos,* ocultos, isto é, cobertos por tampas e pelo *tumulus*, ou *corredores vestibulares*, aéreos, isto é, sem cobertura, definidos por esteios alongados na horizontal, que podem ser prolongados, num e noutro caso, por *corredores intratumulares* consistindo em passagens a céu aberto, estreitas, ligeiramente divergentes, formalizadas por "lajes medianas, em posição subvertical, que se liga [m] na periferia do monumento ao átrio" (Cruz, 2001: 81, volume 1)[224], ou não estruturadas com pedras, consistindo em depressões moldadas na massa tumular como na mamoa 1 do Castelo (Sanches *et al.*, 2005: 12), além de outras variantes morfológicas (Carvalho, 2005)[225].

No seguimento do corredor podem existir átrios definidos como "espaços livres, normalmente de planta subtrapezoidal, de reduzidas dimensões, onde seriam feitos muitos dos rituais fúnebres que poderiam acontecer também em momentos que não correspondessem aos enterramentos propriamente ditos" (Carvalho, 2005: 171). No Alto Paiva são mencionados espaços deste tipo com "diferentes dimensões, de planta circular ou ovalada, por vezes descentrada em relação ao eixo maior do corredor..." (Cruz, 2001: 81). A sua caracterização tem sido melhor lograda nas regiões setentrionais de Portugal onde as estruturas monticulares se têm conservado melhor em área, nomeadamente em espaços não-agrícolas, posicionando-se os átrios para além da periferia do *tumulus*, e sendo percepcionados pela deposição de leitos de calhaus, fogueiras, artefactos, ídolos e pelas respectivas estruturas de fecho e de selagem, quando existem (Carvalho, 2005: 171-178). Contudo, noutros casos, de menor expressão espacial, estes espaços encontram-se absorvidos pela periferia do *tumulus*, como em Lameira de Cima 1 e 2 (Gomes, 1996: 43 e 127). Em Alcalar, uma sepultura do tipo *tholos,* monumental, também existia um pequeno átrio[226], rectangular, inserido no *tumulus* (Morán & Parreira, 2004: 99), embora neste caso, a existência, a leste, de uma fachada linear a interromper o perímetro circular do monumento, formalizasse um amplo átrio onde existia um *dispositivo litúrgico* que incluía menires (Morán & Parreira, 2004: 106, 110 e 112).

Em áreas meridionais, mais afectadas pela actividade agrícola, o reconhecimento da presença de átrios revela-se mais difícil sem uma boa conservação do *tumulus* e a identificação do seu limite. Contudo, em conjuntos próximos da área de estudo estão identificadas estruturas deste tipo, com diferentes morfologias e posicionamentos em relação ao *tumulus,* em sepulturas da região de Alcântara. É o caso do amplo átrio empedrado da Charca Grande de La Regañada (Oliveira, 2008: 125). Em Trincones 2 o alargamento da parte terminal do circuito ortostático do corredor e a menor altura dos esteios definem claramente um átrio, trapezoidal, com deposições, mas é admitido que o corredor teria um primeiro trecho coberto, junto da câmara, seguido de um trecho descoberto (corredor intratumular), atendendo à reduzida altura daquela estrutura de acesso (Bueno Ramírez *et al.,* 1999: 141). Em Maimón 2 (Bueno Ramírez *et al.,* 1998: 178) um estrangulamento na parte terminal do corredor sugere um átrio, mas esse sector marginal encontra-se mais danificado que o restante circuito.

Em Valencia de Alcântara, nas sepulturas megalíticas de Lanchas 2, La Miera, Cajirón 2, Huerta Nueva (Enríquez Navascués & Carrasco Martín, 2008), os átrios encontram-se evidenciados por alinhamentos

[224] Na bibliografia da especialidade existem diferentes concepções desta subestrutura, com ou sem ortóstatos.
[225] Significativa é a presença de uma concepção comum a sepulturas dolménicas, a sepulturas do tipo *tholos* e a hipogeus na partição da estrutura interna em três partes principais: *câmara*, seguida de *corredor ortostático* ou *antecâmara*, no caso dos hipogeus, que é uma passagem coberta em ambos os casos, seguido de *corredor intratumular*, na posição mais exterior, correspondente a uma passagem descoberta. Este *desenho* é muito explícito por exemplo no *tholos* do Escoural (Santos & Ferreira, 1969) e no hipogeu 2 da Quinta do Anjo (Leisner *et al.,* 1961).
[226] Presente aparentemente na sepultura do tipo tholos de Cerro do Gatão, em Ourique (Cardoso, 2002: 283).

ortostáticos divergentes, formados por pedras menores que as do corredor, e é admitido que também tivesse existido átrio em Datas 1. A sepultura da Tapada del Anta (Enríquez Navascués & Carrasco Martín, 2008: 136-139) comporta uma estrutura de acesso mais diversificada com o corredor diferenciado em dois sectores, um primeiro, adjacente à câmara, mais largo e com esteios mais elevados, talvez coberto, seguindo-se um pequeno trecho mais estreito, delimitado por esteios de menores dimensões, talvez descobertos (corredor intratumular), a que se seguem dois alinhamentos divergentes de pequenas pedras formalizando átrio. Neste município ocorrem outros casos em Huerta de Las Monjas e Lanchas 1 (Bueno Ramírez & Vásquez Cuesta, 2008: 54 e 62; Bueno Ramírez *et al.*, 2010: 163).

A escavação de Lagunita 3, em Santiago de Alcántara, evidenciou, no seguimento de um corredor curto, um átrio trapezoidal, intratumular, e à frente deste uma área aberta com elevada quantidade e diversidade de artefactos, incluindo fragmentos de placas gravadas, sugerindo "uma área, talvez delimitada por madeira ou outro material orgânico, em que as ofertas foram colocadas como sobre um altar durante os diferentes eventos públicos encenados em redor do monumento" (Bueno Ramírez *et al.,* 2008: 48 e 54-56).

Em Reguengos de Monsaraz (Leisner & Leisner, 1951: 27) estão documentados átrios, ortostáticos, em Poço da Gateira 2 (rectangular) e Comenda 3 (poligonal), elevados em relação ao chão do corredor e dele separados por um degrau e uma porta. Os esteios que os definem estão pousados sobre o solo. Mais a sul, em Serpa, no Monte da Velha 1 (Soares, 2008: 36-37), um *pseudotholos* com câmara subcircular, bem diferenciada do corredor, em planta, um pequeno espaço subtrapezoidal alinhado com o corredor mas separado daquele por uma porta, fechada por laje de metassedimento apoiada em dois batentes transversais, foi qualificado como átrio, ortostático e intratumular. De notar que a parede do átrio (ou corredor intratumular) inflecte para norte em relação à direcção da parede do corredor.

Dispomos de informação insuficiente acerca dos corredores intratumulares e dos átrios presentes na área de estudo, quer devido à destruição provocada pela lavoura circundante nessas estruturas periféricas[227], quer por insuficiências de investigação. A partir de plantas obtidas em prospecção ou registadas no decurso da escavação foi possível identificar sectores bem diferenciados nas estruturas frontais e nas de acesso convencional à câmara funerária. Entre as sepulturas que não foram escavadas, a presença de átrios, na parte terminal de corredores longos, parece estar evidenciada pelo alargamento do circuito ortostático, em Cubeira 2 (4071) e em Zambujo 2 (4142), e por estrangulamento do mesmo circuito, acompanhado da presença de pedras fincadas em diagonal (porta), em Samarrudo 1 (4118).

No conjunto de sepulturas escavadas na área de estudo estão documentadas algumas estruturas de acesso à câmara com características heterogéneas. Um dos casos foi documentado em Amieiro 3 (4007), uma sepultura com câmara subelíptica e corredor curto ao qual se segue espaço trapezoidal, mais largo e mais longo do que aquele, e dele separado por pedras de fecho, o qual estava delimitado por pequenos esteios oblíquos, pousados no solo, e com alturas decrescentes em direcção à periferia. A escavação deste átrio[228] não revelou qualquer artefacto no seu interior[229] nem estrutura de condenação com características diferenciadas. A ausência de deposições coevas da construção estendeu-se a todo o espaço interno da

[227] Razão invocada a propósito do escasso número de átrios documentados em Reguengos de Monsaraz (Leisner & Leisner, 1951: 27)

[228] Outros autores qualificam esta subestrutura como corredor intratumular, o que poderá ser aplicável ao caso vertente, atendendo ao seu comprimento, mas com a desvantagem de não se ter confirmado, por falta de escavação, a presença de espaço ritual exterior ao perímetro do *tumulus.*

[229] A escavação não desmontou o piso de terra batida existente naquele espaço e não se estendeu para fora do circuito ortostático.

sepultura, registando-se apenas escassos artefactos associados a uma reutilização tardia (Cardoso *et al.,* 2003).

A escavação de Cão do Ribeiro (2005) revelou uma estrutura de acesso com características idênticas às da sepultura anterior, com um corredor longo, separado de um corredor intratumular (também ortostático), mais largo do que aquele, por um estrangulamento do circuito lítico. Este sector, de configuração sub-rectangular, definido por pequenos esteios assentes no solo, continha, a toda a largura do seu interior, um empedrado ritual, formado por calhaus rolados de metassedimento, sobre o qual foram depositados inúmeros artefactos[230], incluindo uma placa de xisto gravada e intencionalmente fracturada. Estas características podem qualificá-lo, funcionalmente, como átrio. A escolha de pedras roladas[231] para integrarem uma subestrutura ritual, como aquela, terá um significado incógnito mas seguramente marcante (Gomes, 1996: 169; Sanches *et al.,* 2005: 22), potenciada pela presença frequente de idoliformes nesses mesmos locais, como o comprovam muitos outros casos, como na Lameira de Cima 2 (Penedono), com a deposição de concentração de seixos rolados à entrada do átrio (Gomes, 1996: estampa 22), na Orca do Outeiro do Rato (Carregal do Sal), cujo átrio estava coberto "por pedras roladas do rio, em número superior a 150" formando piso (citado por Carvalho, 2005: 172), na mamoa 1 do Castelo (Murça), onde estão presentes no átrio seixos rolados "alguns ainda fincados na vertical" (Sanches *et al.,* 2005: 12 e 22; Sanches *et al.*, 2005: 60), dispostos em alinhamento equiparável ao observado por exemplo em Dombate (Bello Diéguez, 1994: 288) e em Mina de Parxubeira 2, com um bétilo formatado sobre calhau rolado, colocado ao lado de estelas antropomórficas frente ao corredor (Rodríguez Casal, 1990). No topo do *tumulus* de Jeromigo (Elvas), segundo A. Dias de Deus, citado por Abel Viana (Leisner & Leisner, 1951: 36), foi identificada mais de uma centena de calhaus rolados em recinto rectangular. E a estrutura basal da mamoa da Várzea Grande era constituída por nível de "pequenos blocos de quartzito rolados, muito compactados e uniformes [...] sobre fina camada de argila que regularizava a rocha de base" (Oliveira, 2006: 171). Um último exemplo, diferente na tipologia e na geografia, mas próximo na intencionalidade, pode ser colhido na Praia das Maças onde foi registada uma camada de "grandes seixos rolados" no centro do átrio[232] (Gonçalves, 1983: 40). No Cabeço da Forca (4039) também foi identificado um empedrado de pequenos calhaus rolados na parte terminal do corredor.

A escavação executada em Poço do Chibo 1 (4113) revelou, na parte terminal do corredor, uma divergência na orientação dos esteios a qual foi relacionada com a abertura para um átrio. Embora prevista para uma segunda fase, não foi executada a escavação da estrutura de condenação deste provável átrio, assinalada pela presença nesse sector de grandes blocos de quartzo filoniano e de metassedimentos. Na Granja de São Pedro 1 (4088) também foi claramente identificada pelos seus escavadores idêntica estrutura condenatória: "a entrada do corredor foi entupida ou entulhada de propósito com grandes calhaus rolados de quartzito apertados com um barro avermelhado duro. Encontrámos já noutras sepulturas megalíticas esta técnica de alvenaria grossa de barro como aglomerante" (Almeida & Ferreira, 1971: 164). A expansão da escavação daqueles dois monumentos decerto revelaria estruturas mais complexas entre os trechos de corredor escavados e a periferia das respectivas mamoas.

[230] Este material está em estudo para publicação.

[231] Como exemplos exógenos deste tipo de escolhas refira-se o modo de construção das sepulturas dos Maquixi (Quibaxe, Angola) cuja "mamoa começa a ser construída a cerca de 70 cm de profundidade e muitas vezes se encontram nelas grandes quantidades de calhaus rolados e numerosas pedras com sinais de desgaste provocado pela água corrente, o que leva a crer que tenham sido retiradas do leito de rios" (Ervedosa, 1980: 416). Trifonov (2013) refere que a escavação de um dos *dolmens* de Zhane (Cáucaso Ocidental) revelou "*cairn* construído com pedras de rio seleccionadas em forma e tamanho".

[232] Trata-se de uma subestrutura longa que pode ser qualificada como *corredor intratumular* (descoberto) também inflectida para norte comparativamente com a orientação do trecho de corredor, mais estreito e mais curto, que a antecede, a exemplo do que registámos em algumas sepulturas da área de estudo.

A planta resultante da escavação da Pedra d´Anta (4110) documenta (Pereira, 1933:52) um ligeiro alargamento e uma inflexão para norte da orientação dos esteios terminais do corredor (um de cada lado), em relação ao alinhamento dos dois longos esteios (um de cada lado) que antecedem aquele trecho e que o ligam à câmara. O escavador não explica aquela mudança nem fornece desenho do alçado do corredor que permita conhecer eventual variação na altura dos esteios, sem a qual será especulativo qualificar o trecho mais exterior como corredor intratumular. Contudo, a referida inflexão ganha potencial significância quando comparada com idênticos casos, tão distantes, na tipologia e na geografia, quanto os indicados anteriormente (sepulturas de Monte da Velha 1, em Serpa, e de Praia das Maças, em Sintra).

Os trabalhos de escavação, concluídos mas ainda não editados[233], no Cabeço d´Ante (1005) revelaram um corredor dissociado em dois trechos: (1) um trecho intermédio, talvez coberto, adjacente à câmara, evidenciado por dois esteios *in situ*, no lado sul, e dois no lado norte, ausentes, com alvéolos mais profundos que os seguintes; (2) um trecho exterior evidenciado por alvéolos menos profundos ou restos de esteios de textura mais laminar, no seu interior, que se admite corresponder a um corredor intratumular materializado por esteios de menores dimensões, três de cada lado. A escavação prolongou-se para leste dos alvéolos exteriores não tendo revelado vestígios estruturais de átrio nem deposições de artefactos, numa área muito afectada pela lavoura.

Na sepultura de Charneca das Vinhas (1012) foi possível perspectivar a presença de um átrio, adjacente a um corredor intratumular pela concentração de artefactos (cerâmica, artefactos em pedra lascada e em pedra polida, artefacto simbólico e adorno) na adjacência e no lado exterior sul do corredor intratumular e do *tumulus.* A colagem de fragmentos de três peças (quatro fragmentos de uma placa gravada, fragmentos de um recipiente cerâmico em três diferentes posições e fragmentos de um outro em duas posições) indica deslocações locais com amplitudes máximas de respectivamente 2,5 m, 2 m e menos de 1 m, o que sustenta a hipótese de se tratar de depósito local alterado pela lavoura. Curiosamente e tal como se verificou em Cão do Ribeiro "os raros elementos de adorno (uma conta de colar) e simbólicos (uma placa de xisto gravada) que integram o espólio funerário foram recolhidos na área adjacente à entrada, quando seria expectável que estivessem no interior do monumento, associados a um cadáver" (Caninas *et al.,* 2009), posições que sugerem depósitos secundários.

Ao contrário da informação obtida acerca das estruturas de estabilização da câmara, por insuficiência de escavação, não se conhecem eventuais subestruturas de contrafortagem dos corredores. Já no que concerne à sua cobertura foi possível indiciar (escavações em curso em Cimo de Vale Alvito 1 e Cabeço da Anta 1) a presença de tampas dispostas sequencialmente pelo menos nos trechos que seriam originalmente fechados, sem prejuízo de terem existido outras modalidades. Como referido anteriormente ou documentado em catálogo também se documentaram portas com fechos ou estrangulamentos monolíticos na transição da câmara para o corredor (Cabeço da Anta e Cabeço d´Ante) ou no interior do corredor (Amieiro 3).

A orientação dos corredores tem merecido a atenção de muitos investigadores que a relacionam com o nascer do sol ou com a lua cheia primaveril. Na área de estudo não se aprofundou este tópico pelo que nos socorremos de uma amostragem efectuada há alguns anos (Hoskin & Henriques, 1998) em 13 sepulturas megalíticas situadas em Rosmaninhal[234] (sul do concelho de Idanha-a-Nova), seis em Vila Velha de

[233] Trabalhos dirigidos por João Caninas com notícia publicada em: https://www.academia.edu/35057154/A_sepultura_megal%C3%ADtica_do_Cabe%C3%A7o_dAnte_Vila_Ruivas_Vila_Velha_de_R%C3%B3d%C3%A3o_Portugal_

[234] Amieiro, 2, 3 e 8, Couto da Espanhola 2 e 6, Zambujo 1, 2 e 3, Tapada da Ordem 1 e 2, Samarrudo 1 e 2, Cubeiras 2 e Mesas.

Ródão/Castelo Branco[235] e seis em Nisa[236]. As orientações obtidas (Figura. 6.18) foram muito consistentes, atendendo à dispersão territorial dos monumentos, apenas com algumas excepções ao espectro de orientação maioritária dos corredores entre 88º N e 114º N (nascer do sol; SR, *sunrise*), nomeadamente Santo Amaro 2 (76º N), Samarrudo 2 (143º N) e Silveirinha (130º N) que se aproxima, a Sul, do nascer do sol no solstício do inverno (*midwinter sunrise*).

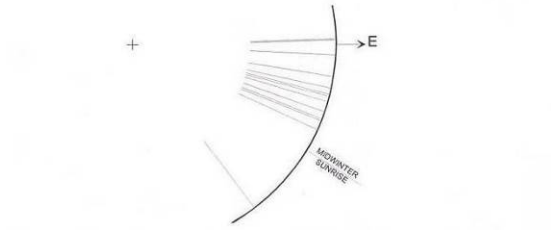


FIG. H1. Orientations of 13 schist tombs of the Rosmaninhal (Idanha-a-Nova) region of the Portugese Upper Tejo (northeast of the region studied in Section J).

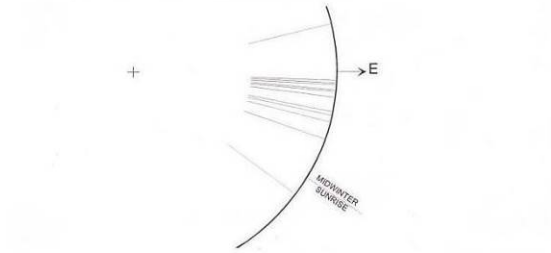


FIG. H2. Orientations of 12 schist tombs of the Vila Velha de Ródão and Nisa regions of the Portugese Upper Tejo (west and southwest of the region studied in Section J).

TABLE H1. Orientations of 26 schist tombs of the Portugese Upper Tejo.

Az. °	Alt °	Lat. °	Dec. °	Tomb	Comment
Area of Rosmaninhal					
88	0	39.8	+1	Amieiro 2	
88	0	39.8	+1	Couto da Espanhola 2	
93	0	39.8	−2½	Amieiro 3	
99	0	39.7	−7½	Samarrudo 1	
102	0	39.7	−9½	Mesas	
104	0	39.7	−11	Cubeiras 2	
104	0	39.7	−11	Zambujo 1	
106	0	39.7	−12½	Tapada da Ordem 1	
109	0	39.7	−15	Zambujo 3	
111	0	39.7	−16½	Zambujo 2	
111	0	39.8	−16½	Couto da Espanhola 6	
114	0	39.7	−18½	Tapada da Ordem 2	
143	0	39.7	−38½	Samarrudo 2	
typ	0	39.8	typ	Amieiro 8	
Area of Vila Velha de Ródão					
76	1½	39.7	+11½	Santo Amaro 2	
93	3	39.7	−0½	Santo Amaro 1	
93	2	39.8	−1	Casa da Moura	
95	7½	39.7	+1	Cabeço de Anta	
95	0½	39.7	−4	Vale das Cobras	
130	3½	39.8	−27	Silveirinha	
Area of Nisa					
92	1½	39.6	−1	Terra da Frágua	Corridor faces 82°
97	0	39.6	−6	Tapada do Muro	
101	1	39.6	−8	Terra da Azinheira	
102	0	39.6	−9½	Naves	
104	0	39.6	−11	Tapada do Sobreirão	
109	1½	39.6	−14	Oiro	

Figura 6.18. Orientação de corredores segundo Hoskin & Henriques (1998).

Mas existem explicações alternativas, como a que relaciona essa orientação com outros alvos astronómicos, nomeadamente com diferentes estrelas, consoante os conjuntos regionais que se considerem (Silva, 2013). Esta hipótese baseou-se no estudo das orientações de sepulturas situadas a ocidente da Serra da Estrela, na chamada Plataforma do Mondego, tendo introduzido um novo critério de definição de direcção com o conceito de *janela de visibilidade*, consistindo na faixa de horizonte que é vista a partir do interior da câmara. O pressuposto é que "não se deve supor que as nossas noções ocidentais e modernas de eixo, de ortogonalidade, ou até mesmo de corredor e de linha, eram populares há 6 mil anos atrás" (Silva, 2013). A análise estatística destes intervalos de visibilidade conduziu o autor a explicações não solares. Apoiado num modelo digital verificou que a sobreposição das janelas de visibilidade das sepulturas com corredor, daquele conjunto funerário, tinham uma faixa comum (intervalo de azimutes entre 98º e 111º) no interior da qual cabia a direcção do nascimento da estrela de Aldebarã na época de construção daqueles monumentos (4300 - 3700 cal BC). O nascimento heliacal de Aldebarã, imediatamente antes do sol, naquela época ocorria entre final Abril e início de Maio, datas em que poderia ocorrer a deslocação transumante de gados para a serra da Estrela, de acordo com o mesmo investigador.

Estas duas teses não se excluem necessariamente uma à outra e convergem com o nascer do dia. Para além do trabalho citado (Koskin & Henriques, 1998), não dispomos de análise específica desta realidade, na área de estudo, que nos permita ir além deste comentário.

[235] Santa Amaro 1 e 2, Casa da Moura, Cabeço d´Ante, Vale das Cobras e Silveirinha.
[236] Terra da Frágua, Tapada do Muro, Terra da Azinheira, Naves, Tapada do Sobreirão e Oiro.

6.5.2.5. Modalidades de acesso à câmara

O acesso formal à câmara poderia fazer-se, de acordo com a arquitectura dos monumentos mais complexos e de maiores dimensões, através do corredor. Nesses casos seria viável uma progressão por corredores cobertos em direcção à câmara. Em estruturas de menores dimensões, ainda megalíticas mas com acentuados desnivelamentos entre o topo dos esteios do corredor e os da câmara, tal progressão seria mais difícil senão impossível. Esse problema não se colocaria naqueles casos em que o acesso à câmara se fizesse através de corredores descobertos (vestibular e intratumular) mas para os restantes casos de que modo se poderia fazer esse acesso no pressuposto de uma utilização sucessiva da câmara funerária? Uma possibilidade seria remover a chamada *pedra de cutelo* que fecha o vão existente entre a cobertura da câmara e a do corredor. Essa possibilidade seria viável desde que tal peça não fosse excessivamente pesada, ainda que tal característica também pudesse garantir uma maior inviolabilidade do espaço funerário.

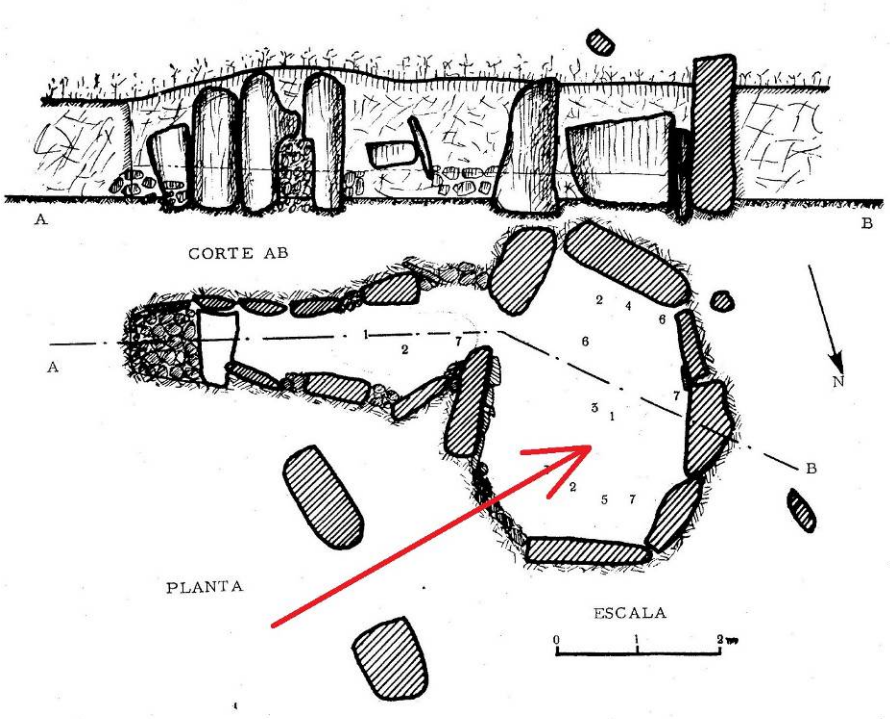
Um resultado estrutural surpreendente, documentado no decurso da escavação da sepultura do Cabeço d´Ante (1005), corresponde à ausência de alvéolo de fixação de esteio, no lado nordeste da câmara funerária. O vão existente entre o esteio adjacente no lado norte, àquele vazio, que fora removido em momento passado mas com alvéolo documentado, e o grande esteio adjacente ao mesmo vão mas no lado sul, que se encontrava *in situ* mas tombado para o interior da câmara, obrigaria a algum tipo de fecho, nomeadamente com uma laje apoiada no solo e nos dois grandes esteios que lhe seriam adjacentes. A ausência de uma implantação permanente de um esteio, no substrato geológico, através de alvéolo, poderia indicar, *ab initio*, a intenção de ter ali um fecho amovível para entrada periódica na câmara. Em abono desta hipótese verificou-se que, naquela sepultura, a passagem para o corredor estava obstaculizada com um esteio.

Entretanto verificou-se que na sepultura megalítica da Granja de São Pedro (4088), com uma câmara de polígono unilateral (Leisner & Leisner, 1951) alargada também para norte tal como a do Cabeço d´Ante, também falta um esteio na mesma posição observada no Cabeço d´Ante, ou seja a nordeste. Interessante é o facto dos dois menires implantados na mamoa estarem colocados de tal modo que o espaço existente entre eles, formando como que um portal, avançado em relação à câmara, se alinha com a hipotética entrada na câmara tal como se mostra na figura seguinte, sugerindo uma função/reutilização muito específica para aqueles menires (Figura 6.19).

A assimetria da estrutura ortostática, em planta, observada no deslocamento do eixo do corredor em relação ao da câmara (dita de polígono unilateral, segundo Leisner & Leisner, 1951), tanto no Cabeço d´Ante como na Granja de São Pedro[237], pode relacionar-se de origem com a intenção de acolher uma entrada no lado correspondente à deformação, alternativa à que poderia ser proporcionada (ou não) pelo corredor. E na Granja de São Pedro verifica-se que a pedra que pela sua dimensão mais se aproxima da magnitude, em largura, de uma cabeceira é a que se opõe, no lado sudoeste, à presumida entrada evidenciada pela ausência de esteio. Teria interesse escavar este sector da mamoa para detectar a eventual presença de uma estrutura de acesso mais complexa que pudesse passar entre os dois menires, mais ampla do que uma

[237] Mas a analogia entre o Cabeço d´Ante e a Granja de São Pedro verifica-se a outro nível, pela presença de dois covachos junto à entrada no corredor, fora do alinhamento ortostático norte, cujas características sugerem terem acolhido monólitos estreitos ou de tipo menírico. Essa analogia resulta do facto dos (também) dois menires presentes na Granja de São Pedro estarem imersos na mamoa a norte do corredor. Refira-se ainda a presença de um menir na periferia da mamoa de Vale de Rodrigo 1, hipoteticamente fundado junto à entrada do corredor no lado sul (Gomes, 1994:321-322). O autor citado refere ainda a presença de estela-menir no limite da mamoa da Anta Grande do Zambujeiro e que os menires da Herdade das Vidigueiras e Belhoa, ambos em Reguengos de Monsaraz, poderiam ter estado associados a sepulturas megalíticas. O menir colocado no final do corredor da anta da Soalheira, após restauro, não é significante uma vez que se desconhece a sua posição original, embora pudesse estar nas proximidades daquela sepultura (Oliveira, 2006)

simples entrada junto à câmara. Em abono da hipótese colocada refira-se a semelhança genérica dos dois menires com os pilares presentes na transição entre a câmara e o corredor de muitas sepulturas.



Planta e corte do grande monumento megalítico da Granja de S. Pedro. Na planta vão indicados por números os locais dos achados: 1 — machados; 2 — ponta de seta; 3 — lâminas; 4 — núcleos de quartzo hialino: 5 — enxó; 6 — alisadores de cerâmica; 7 — fragmentos de cerâmica.

Figura 6.19. Indicação de hipotética entrada na câmara da sepultura da Granja de São Pedro sobre planta de Almeida & Ferreira (1971).

Poderá perguntar-se: porquê ali e não noutra posição? Será aquela posição significante? A procura de uma resposta para esta questão, em apoio da hipótese colocada acerca da existência de uma entrada directa na câmara distinta do corredor, forneceu dados que nos parecem muito relevantes. Pode conjecturar-se que ao longo do tempo terão existido diferentes, e independentes, causas para o desaparecimento das estruturas ortostáticas, desde o saque de pedra, à destruição pela lavoura e à queda natural devido a debilidade estrutural. Entendeu-se que para isolar uma ausência mais antiga, conecta com a utilização original do monumento, e de modo a eliminar as causas posteriores ao abandono destas estruturas funerárias, deveríamos analisar apenas câmaras funerárias com o circuito ortostático quase completo, no qual faltassem apenas um ou no máximo dois esteios.

Com esse intuito pesquisaram-se diversos estudos de referência, até pelo seu carácter extensivo, nomeadamente, os inventários de monumentos megalíticos da Península Ibérica (o volume relativo ao sul de Portugal: Leisner & Leisner, 1959), de Reguengos de Monsaraz (Leisner & Leisner, 1951), da bacia hidrográfica do rio Sever (Oliveira, 1997), inventários regionais ou locais (Bueno Ramírez & Vásquez Cuesta, 2008; Henriques *et al.*, 1993; Martinho, 2009; Oliveira, 2006), revistas da especialidade (Arqueologia e Estudos Pré-Históricos) e alguns estudos monográficos (Almeida & Ferreira, 1971; Cardoso *et al.*, 2003; Henriques *et al.,* 1993; Monteiro-Rodrigues, 2013; Oliveira, 2006; Scarre *et al.*, 2011). Com base nestas fontes elaborou-se a Tabela 6.4 com referência a diversas plantas de sepulturas megalíticas dotadas das características acima indicadas.

No caso das plantas de monumentos não escavados a ausência de esteio nos desenhos analisados tanto pode significar que foi arrancado ou que está reduzido em altura e, desse modo, oculto sob terra, situação que só poderá ser comprovada após escavação. Foi presumido que as plantas representem a secção dos esteios ao nível da base. Deste modo uma pequena distância entre esteios num plano baixo pode não ser significativa se os esteios se tocarem a nível superior.

Consideraram-se significantes, como indicativas de entradas alternativas na câmara, as irregularidades relacionadas com: (1) ausência de esteio, ou, mais objectivamente a não representação de esteio na planta analisada; (2) colapso de esteio para o interior ou exterior da câmara (as quedas para o interior, de modo natural, podem resultar de falência dos calços - se se confirmar, como já se observou em algumas escavações, que os negativos são mais largos no lado interno e porque os esteios estariam ligeiramente inclinados para esse lado - ou por violação, enquanto as quedas para o exterior poderão ser intencionais, documentando tentativas de os remover - como no Cão do Ribeiro); (3) redução (em altura) de esteio (como se observa muito claramente no Cabeço da Anta 1, em Proença-a-Nova).

Tabela 6.4. Identificação de casos de colapso ou ausência de esteios em câmaras funerárias

Sepultura (concelho)	Fonte	Quantidade de esteios na câmara - diâmetro máx. da câmara	Resultados
Areias 5 (RM)	Leisner & Leisner (1951)	7 - menos de 3,0 m	Falta um esteio adjacente à câmara no lado oeste
Farisoa 1 (RM) anta e tholos		7 - c. 3,0 m	O esteio do lado nordeste está tombado para o interior da câmara.
Gorginos 2 (RM)		7 - mais de 2,5 m	Falta o esteio no lado nordeste da câmara
Olival da Pega 1 (RM)		7 - 5,0 m	Falta o esteio no lado nordeste da câmara
Passo 1 (RM)		7 - c. 3,5 m	Falta o esteio adjacente à câmara no lado norte
Poço da Gateira 1 (RM)		6 - c. 2,0 m	Estão tombados os dois esteios do lado norte da câmara. Observa-se um lapso na transição da câmara para o corredor
Poço da Gateira 2 (RM)		7 - c. 3,0 m	Está ausente o esteio adjacente ao corredor no lado nordeste
Santa Margarida 1 (RM)		7 - c. 3,0 m	Falta um esteio adjacente à câmara no lado oeste
Vale Carneiro 2 (RM)		7 - 3,0 m	Falta esteio no lado nordeste da câmara
Almo da Cegonha 3 (Ev)	Leisner & Leisner (1959)	7 - 2,5 m	Ausente esteio do lado norte
Almo da Cegonha 4 (Ev)		7 - 2,5 m	Ausente esteio do lado norte
Benavila (Av)		7 - 2,5 m	Ausente esteio no lado norte
Cabeço do Considreiro (Mo)		7 - 2,5 m	Ausente esteio no lado nordeste
Casa Branca (Mo)		9 - 3,0 m	Ausente esteio de cabeceira
Cumiada 2 (Av)		7 - 2,5 m	Esteio no lado noroeste tombado para o exterior
Claros Montes 4 (Ar)		7 - 2,5 m	Falta aparentemente esteio adjacente à cabeceira no lado noroeste
Claros Montes 5 (Ar)		7 - 4,0 m	Ausência do esteio adjacente ao de cabeceira no lado sudoeste
Defesa do Gato 2 (Ar)		7 - 3,0 m	Ausência de dois esteios adjacentes ao de cabeceira do lado noroeste
Endreiros (Cr)		7 - 2,5 m	Ausente um esteio adjacente à cabeceira do lado norte
Entreaguas 1 (Mo)		7 - 3,0 m	Ausentes esteios adjacentes à cabeceira, a norte e a oeste
Lagar de Zambujo (Ar)		7 - 4,0 m	Esteio adjacente ao de cabeceira no lado norte tombado para o exterior
Lameira 1 (Av)		7 - 2,5 m	Ausente esteio no lado sul
Monte do Pau (Ev)		7 - 3,0 m	Ausente esteio do lado nordeste
Nogueira (Po)		7 - 2,5 m	Está tombado para o exterior esteio no lado norte da câmara
Herdade Grande (Fr)		7 - 2,5 m	Ausente um esteio do lado sul
Torrão (El)		7 - 2,5 m	Ausente um esteio do lado noroeste adjacente à cabeceira
Penaclara 1 (El)		7 - 2,0 m	Ausentes um esteio adjacente à câmara no lado norte e outro no lado sudoeste
Ordem 2 (Av)		7 - 2,5 m	Faltam aparentemente dois esteios no lado sudoeste adjacentes à câmara
Ordem 3 (Av)		7 - 3,5 m	Tombado para o exterior esteio de cabeceira e para o interior aparentemente esteio adjacente ao corredor no lado sul
Poço dos Camões 2 (Ev)		6 - 2,5 m	Ausente esteio adjacente ao de cabeceira no lado sudoeste
Quinta do Lobo (Ev)		7 - 3,5 m	Ausente esteio adjacente ao de cabeceira no lado poente
Soeiros 1 (Ar)		7 - 2,5 m	Ausente esteio adjacente ao de cabeceira no lado norte
Torre de Ervedal (Av)		9 - 4,0 m	Ausente esteio no lado nordeste
Vale d´El Rei (Mo)		7 - 2,5 m	Ausente ou tombado esteio no lado nordeste
Vale Melhorado (Ev)		7 - 4,0 m	Ausente esteio adjacente ao de cabeceira no lado norte
Atalaia (M)	Oliveira (1997)	7 - 3,5 m	Falta um esteio no lado sul e outro no lado nordeste (parece estarem deslocados sobre o monumento)
Coureleiros 4 (CV)		7 - 4,0 m	Está deslocado o esteio do lado noroeste
Enxeira dos Vidais (M)		7 - 2,5 m	Falta um esteio no lado sudeste
Granja (M)		10 - 4,0 m	Falta um esteio no lado sudeste

Lanchas 2 (VA)		7 - 3,5 m	Falta o esteio no lado sudoeste. Idem em Bueno & Vázquez (2008)
Socha da Meirinha (M)		7+1 (fecho) - 4,5 m	Parece faltar um esteio no lado nordeste e outro no lado sul
Sapateira Pequena (M)		7 - 3,0 m	Faltam dois esteios no lado sul da câmara
Tapada do Castelo ou Laje dos Frades (M)		6 - 3,5m	Um esteio tombado no lado noroeste
Traboia (M)		7 3,5 m	Falta um esteio no lado norte e outro no lado nordeste (parece estarem deslocados sobre o monumento)
Tapada de Matos (CV)		8 a 9 - 5,0 m	Falta o esteio no lado nordeste adjacente ao corredor
Vale da Estrada (CV)		7 - 3,0 m	Falta o esteio no lado norte (cabeceira) e outro no lado sudoeste parece estar tombado
Zafra 2 (VA)		7 - 3,0 m	Parece estar tombado um esteio do lado norte. Idem em Bueno & Vázquez (2008)
Zafra 3 (VA)		8 - 2,5 m	Ausente um esteio do lado norte. Idem em Bueno & Vázquez (2008)
Porqueros 1 (VA)	Bueno & Vázquez (2008)	7 (?) - mais de 2,0 m	Vazio na posição de um esteio no lado nordeste e outro adjacente à cabeceira no lado oeste
Barbón 1 (VA)		7 - 3,0 m	Falta um esteio no lado este
Caminho da Fanica (Co)	Martinho (2009)	7 - 3,5 m	Queda para o exterior de esteio no lado sul
Estrada de Montemor (Co)		7 - 3,2 m	Ausente talvez o esteio de cabeceira
Tanque Velho (Co)		7 - 3,2 m	Ausência de esteio adjacente à cabeceira no lado sudoeste
Várzeas (Co)		5 - 2,6 m	Ausência de esteio de cabeceira
Granja de São Pedro (IN)	Almeida & Ferreira (1971)	8 - 3,5 m	Falta um esteio no lado nordeste, no lado onde estão os menires. O espaço entre menires alinha com aquela falha. Falta também um esteio do corredor no lado sul, junto à câmara
Torrejona 2 (Pr)	Antunes *et al* (2003)	7 - 2,4 m	Falta esteio no lado norte
Lagunita 3 (SA)	Bueno Ramírez *et al* (2008)	7 - 4,0 m	Faltam três esteios no lado sul mas foram documentados alvéolos. No lado norte está ausente um esteio e a escavação não documentou alvéolo. Apesar do interesse deste caso não será considerado na estatística por sair do critério adoptado que limitou a análise até duas irregularidades
Couto da Espanhola 6 (IN)	Cardoso *et al* (1995b)	10 a 11 - 2,8 m	Um dos esteios do lado norte estava tombado e em posição quase horizontal no interior da câmara
Amieiro 3 (IN)	Cardoso *et al* 2003)	9 - 2,2 m	Ausência de esteio no lado norte e lapsos na passagem para o corredor
Poço do Chibo (IN)		9 a 10 - 1,4 m	Falta o esteio e cabeceira e também talvez 2 esteios no lado norte do corredor na transição para a câmara
Carapito 1 (AB)	Cruz & Vilaça (1990)	9 - 5,0 m	Espaço com cerca de 1 m de largura entre dois esteios no lado noroeste da câmara. O mesmo se observa no lado sudeste, a sul da entrada. Neste caso, não existindo corredor não faria sentido ter um acesso diferente do que se oferece no lado nascente desta câmara aberta. Este exemplo não será aplicável
Areita (SJP)	Gomes *et al*. (1998)	7 - 4,0 m	Um esteio lateral norte está fragmentado numa cota muito inferior aos restantes
Monte Novo 1 (RM)	Gonçalves & Sousa (2003)	8 ou 9 - mais de 2,0 m	Falta um ou dois esteios no lado norte da câmara. Esta planta não corresponde à homónima em Leisner & Leisner (1951)
Horta da Bengala (RM)		7 - menos de 2,0 m	Falta esteio no lado norte da câmara
Cabeço Alto 4 (IN)	Henriques *et al.* (1993)	9 - 1,8 m	Faltam dois esteios no lado norte
Mesas 2 (IN)		9 - 2,2 m	Falta o esteio correspondente à cabeceira, voltado a poente
Currais do Galhordas (CV)	Monteiro-Rodrigues (2013)	7 - menos de 3,0 m	Foi escavado. Um esteio situado no lado norte encontrava-se partido numa cota muito baixa e muito inferior ao restantes
Soalheira (AC)	Oliveira (2006)	7 - 4,0 m	Após escavação verificou-se estarem deslocados ou ausentes o esteio de cabeceira e o que lhe era adjacente no lado norte da câmara.
Lajinha (Ma)	Scarre *et al.* (2011)	8 - 2,5m	Ausente esteio adjacente à cabeceira no lado norte
Cabeço da Anta (PN)	Em curso de escavação	9 - c. 2m (à profundidade atingida em 2014)	Rebaixamento de esteio situado no lado nordeste da câmara
Cabeço d´Ante (VVR)	AEAT	7 - superior a 2,0 m	Falta esteio no lado norte. Após escavação verificou-se existir um vazio entre dois esteios no lado nordeste sugerindo uma entrada na câmara alternativa ao corredor
Moita da Galinha (PN)	AEAT	7 - 2,4 m	Faltam dois esteios no lado norte da câmara na adjacência ao corredor
Tavelinha (VVR)	AEAT	9 - 2,15 m	Falta o esteio de cabeceira
Vale das Cobras 1	AEAT	8 - 1,8 m	Falta esteio no lado norte

Abreviaturas: AB (Aguiar da Beira), AC (Alter do Chão), Al (Alcántara), Ar (Arraiolos), M (Marvão), Co (Coruche), Cr (Crato), CV (Castelo de Vide), El (Elvas), Ev (Évora), Fr (Fronteira), IN (Idanha-a-Nova), Ma (Mação), Mo (Mora), PN (Proença-a-Nova), Po (Portalegre), Pr (Portel), RM (Reguengos de Monsaraz), SA (Santiago de Alcántara), SJP (São João da Pesqueira), VA (Valência de Alcântara)

Outra alternativa de entrada na câmara, documentada em El Torrejón (Arias Gonzalez, 1989:67), consiste na abertura de uma grande perfuração circular, suficientemente ampla para a passagem de uma pessoa, em esteio posicionado na zona lateral sul da câmara daquela sepultura. Pela sua dimensão, é diferente das perfurações circulares, mais pequenas, que se observam noutros monumentos como são os casos distantes de Zuschen, na Alemanha (Anati & Gomes, 2013), com a perfuração do esteio de fecho do átrio para a câmara, posição e dimensão idênticas, aliás, às que se observam no distante Cáucaso nos dólmens de Zhane e Dzhubga (Trifonov, 2013), em que tal olhal também ocorre na laje que fecha a transição do átrio para a câmara funerária. Nestes casos os orifícios apenas poderiam proporcionar deposições rituais no interior da câmara.

As irregularidades documentadas foram repartidas em três diferentes posições: (1) no lado esquerdo do esteio de cabeceira (para observador posicionado nesse esteio), correspondente em geral, e conforme as orientações, aos quadrantes norte e leste; (2) no esteio de cabeceira; (3) no lado direito do esteio de cabeceira, correspondente, em geral, aos quadrantes oeste e sul.

De facto, a entrada na câmara, que não pelo corredor, poderia fazer-se atravessando o circuito ortostático à esquerda ou à direita da cabeceira. Também se considerou a situação correspondente ao esteio de cabeceira embora nos pareça que esta hipótese é incongruente, no caso de a cabeceira estar marcada por um monólito maior que os restantes ou com efeito estruturante do conjunto. As causas especificadas (arranque, colapso ou redução de esteios) indicam, a nosso ver, a partir da experiência proporcionada pela escavação das sepulturas do Cabeço da Anta 1 (2003) e do Cabeço d´Ante (1005), uma debilidade estrutural que pode representar a existência, nessas posições, de tampas amovíveis e periodicamente seladas.

O tratamento estatístico, simples, que se apresenta (Tabela 6.5), indica, de acordo com o universo analisado (74 monumentos), que as irregularidades (80) convencionadas (ausência, colapso ou redução) se situam maioritariamente à esquerda da cabeceira, em 75% dos casos, se excluirmos a cabeceira como opção. Por outro lado, 78% dos casos documentados ocorrem em câmaras de dimensão média, ou seja, cuja máxima dimensão interna varia entre 2 m e 4 m.

Daqui resulta que o corredor não serviria para proporcionar o acesso à câmara funerária, o que é verossímil tendo em consideração a inviabilidade física desse acesso face ao reduzido espaço disponível em monumentos mais pequenos. Em monumentos de maiores dimensões, nos quais o acesso pudesse ser feito através do corredor, não se exclui a possibilidade de estes terem sido condenados com a abertura de um acesso directo à câmara, em fase ulteriores de utilização, como é sugerido pela abertura existente na câmara de grande envergadura do Cabeço da Anta 1 (2003), onde se observa esteio rebaixado e afeiçoado no lado nordeste. Entradas directas na câmara, para acesso ou iluminação, também estão documentadas em hipogeus (Gonçalves, 2003b).

A ocorrência desta irregularidade em câmaras de dimensão média (78% dos casos) é compatível com a hipótese colocada. O acesso a pequenas câmaras (6% dos casos), não megalíticas, seria mais praticável a partir da cobertura, ou seja na vertical, equiparando-as a cistas (Bueno Ramírez, 1987: 75), mesmo nos casos em que a sua estrutura complexa as diferenciasse daquelas. As câmaras grandes (16% dos casos) poderiam ter corredores com dimensões compatíveis com a progressão de humanos através deles, embora essa opção também pudesse ter sido ritualmente inviabilizada criando uma alternativa mais directa como a que é sugerida por estes dados.

Deve referir-se que a hipótese discutida foi percepcionada por Primitiva Bueno em diversas sepulturas da Extremadura e merece ser citada de modo integral:

"Dentro del conjunto de las características arquitectonicas es necesario señalar una serie de detalles que personalizan dentro del grupo, zonas concretas. Este es el caso de la presencia de un ortostato recortado, situado a la izquierda de la cámara, junto a la piedra de cabecera. Aparece éste em algunos dólmenes de Barcarrota, en la Mezquita y en el grupo Azután-La Estrella.

Nunca se había reparado en este detalle de algunas construcciones extremeñas, aunque sí se ha tratado alguna vez en relación a megalitos pirenaicos, denominándose «ventana» e interpretándose como un lugar para introducir a los muertos. Esta explicación es difícil de aceptar en nuestro caso pues, en primer lugar habrían de arrojar los cadáveres debido a la altura que lo distancia del suelo original y, por otra parte la estructura prácticamente completa del túmulo de Azután revela como éste lo cubriria. Por tanto, su significado se nos oculta pero es necesario constatar no sólo su existencia, sino también la reiterada elección de un mismo lugar para su ubicación, siempre a la izquierda de la cámara y junto al ortostato de cabecera" (Bueno Ramírez, 1987: 78).

Tabela 6.5. Caracterização de casos de colapso ou ausência de esteios em câmaras funerárias

Sepultura	Envergadura da câmara			Ausência, queda ou redução de esteios		
	Pequena e<2m	Média 2m<=e<4m	Grande e>=4m	À esquerda da cabeceira	Na cabeceira	À direita da cabeceira
Almo da Cegonha 3 (Ev)		1		1		
Almo da Cegonha 4 (Ev)		1		1		
Amieiro 3 (IN)		1		1		
Areias 5 (RM)		1				1
Areita (SJP)			1	1		
Atalaia (M)		1		1		1
Barbón 1 (VA)		1		1		
Benavila (Av)		1		1		
Cabeço Alto 4 (IN)	1			1		
Cabeço da Anta (PaN)		1		1		
Cabeço d´Ante		1		1		
Cabeço do Considreiro (Mo)		1		1		
Caminho da Fanica (Co)		1				1
Carapito 1 (AB)			1	0	0	0
Casa Branca (Mo)		1			1	
Claros Montes 4 (Ar)		1		1		
Claros Montes 5 (Ar)			1			1
Coureleiros 4 (CV)			1	1		
Couto da Espanhola 6 (IN)		1		1		
Cumiada 2 (Av)		1		1		
Currais do Galhordas (CV)		1		1		
Defesa do Gato 2 (Ar)		1		1		
Endreiros (Cr)		1		1		
Enxeira dos Vidais (M)		1		1		
Entreaguas 1 (Mo)		1		1		1
Estrada de Montemor (Co)		1			1	
Farisoa 1 (RM)		1		1		
Gorginos 2 (RM)		1		1		
Granja (M)			1	1		
Granja de São Pedro (IN)		1		1		
Herdade Grande (Fr)		1				1
Horta da Bengala (RM)	1			1		
Lagar de Zambujo (Ar)			1	1		
Lagunita 3 (SA)		1		0	0	0
Lajinha (Ma)		1		1		
Lameira 1 (Av)		1				1
Lanchas 2 (VA)		1				1
Mesas 2 (IN)		1			1	
Moita da Galinha (PN)		1		1		
Monte Novo 1 (RM)		1		1		
Monte do Pau (Ev)		1		1		
Nogueira (Po)		1		1		
Olival da Pega 1			1	1		
Ordem 2 (Av)		1				1
Ordem 3 (Av)		1			1	1
Passo 1 (RM)		1		1		
Penaclara 1 (El)		1		1		1
Poço dos Camões 2 (Ev)		1				1
Poço do Chibo (IaN)	1				1	
Poço da Gateira 1 (RM)		1		1		
Poço da Gateira 2 (RM)		1		1		
Porqueros 1 (VA)		1		1		1
Quinta do Lobo (Ev)		1				1
Santa Margarida 1 (RM)		1				1
Sapateira Pequena (M)		1		1		
Soalheira (AC)			1	1	1	
Socha da Meirinha (M)			1	1		1
Soeiros 1 (Ar)		1		1		
Tanque Velho (Co)		1				1
Tapada do Castelo		1		1		
Tapada de Matos (CV)			1	1		
Tavelinha (VVR)		1			1	
Torrão (El)		1		1		
Torre de Ervedal (Av)			1	1		

Torrejona 2 (Pr)		1		1		
Traboia (M)		1		1		
Vale d´El Rei (Mo)		1		1		
Vale Carneiro 2 (RM)		1		1		
Vale das Cobras (VVR)	1			1		
Vale da Estrada (CV)		1		1		1
Vale Melhorado (Ev)			1	1		
Várzeas (Co)		1			1	
Zafra 2 (VA)		1		1		
Zafra 3 (VA)		1		1		

	4	58	12	54	8	18
totais		74			80	
%	6	78	16	68	10	23

54	0	18	
total	72		
%	75	0	25

6.5.2.6. Os *tumuli* e subestruturas associadas

A parte volumetricamente mais expressiva das sepulturas em apreço corresponde às subestruturas monticulares que envolvem as câmaras funerárias, os seus acessos e parcialmente os *espaços litúrgicos* exteriores. O conhecimento de que dispomos acerca destas subestruturas está condicionado pelas condições de conservação das mesmas e pelos acréscimos proporcionados por sondagens arqueológicas executadas com o objectivo de aprofundar a sua caracterização ultrapassando uma observação meramente superficial.

Na área de estudo verificam-se algumas condições favoráveis à permanência destas estruturas, em especial em espaços de morfologia mais aplanada ou com usos do solo menos intensivos. Desse modo, nos montados de Rosmaninhal (Idanha-a-Nova), hoje em grande parte convertidos ao pastoreio e à caça, tem-se conservado um conjunto elevado de mamoas. O mesmo se verifica nas altitudes mais elevadas da Cordilheira Central em locais não agrícolas e que não foram atingidos por povoamentos florestais e por infraestruturas de cumeada, como estradões e aceiros (Caninas & Henriques, 2008), como sucede na serra Vermelha (Oleiros) ou, ainda, nas charnecas (mesas detríticas) de Fratel (Vila Velha de Ródão).

Escavações mais recentes, focadas também no conhecimento destas subestruturas, com a execução de sanjas radiais (Charneca das Canas, Charneca das Vinhas, Cabeço d´Ante, Cabeço da Anta 1, Cão do Ribeiro, Cimo do Vale de Alvito 1, Cabeço da Forca, Couto da Espanhola 6, Selada do Cavalo 1 e Cimo dos Valeiros) ou escavações integrais (Eira da Vinha e Vale de Mós 1), proporcionaram informação substantiva acerca da sua composição, evidenciando a correspondência com padrões conhecidos e sugerindo modelos arquitectónicos de ampla difusão territorial, sobretudo entre o subconjunto das sepulturas de estrutura complexa. Cabeço da Anta 1 (2003), a maior mamoa investigada até ao momento e talvez a mais bem conservada de entre as que se conhecem na área de estudo, ainda em escavação, corporiza o caso mais importante para esse conhecimento, embora ainda com uma incidência parcial.

Na área de estudo os *tumuli* investigados são tendencialmente circulares, com variantes ligeiramente alongadas ou elípticas, um padrão distinto dos *tumuli* muito alongados (*long barrows*) ou rectangulares de outras regiões da Europa ocidental (Fischer, 1981), embora nos faltem dados rigorosos para fundamentar essa qualificação na maioria dos casos, em que foi executada apenas uma sanja radial.

Os *tumuli* que foram sujeitos a intervenção arqueológica na área de estudo - atrás mencionados - são constituídos maioritariamente com inertes finos de matriz arenoargilosa, exceptuando Eira da Vinha (1012), Selada do Cavalo 1 (5033) e Couto da Espanhola 6 (4065), e consubstanciam um dos resultados mais

interessantes das técnicas construtivas destes monumentos, característica que captou a atenção dos arqueólogos alemães que por aqui passaram na primeira metade do séc. XX (Leisner & Leisner, 1951: 14-15 e 32). Em primeiro lugar, este uso tem uma representatividade regional significativa, dado que foi documentado, em contexto de escavação, em sepulturas situadas nos concelhos de Idanha-a-Nova, de Proença-a-Nova, de Oleiros e de Vila Velha de Ródão, excluindo-se Castelo Branco por ausência de pesquisa. Em segundo lugar, refira-se a elevada resistência e dureza desta solução construtiva, conferindo grande durabilidade às respectivas sepulturas, longevidade que apenas foi atalhada naqueles casos em que sofreram extracção para construção de fornos, como no município de Proença-a-Nova. Trata-se por isso de um material que esteve menos sujeito a fenómenos de compactação, como nos *tumuli* construídos com terra humosa, noutras regiões do território continental (Jorge, 1987a: 227).

No Cabeço da Anta 1 (2003) foram intervencionadas, até ao presente, três sanjas radiais, de orientação ortogonal. Na sanja orientada na direcção sudeste-noroeste (A na Figura 6.20) a escavação atingiu cerca de 1 m de profundidade, no ponto mais elevado da mamoa e, embora ainda faltem pelo menos 2,5 m para atingir a base dessa estrutura monticular, os dados obtidos até ao momento são importantes por corresponderem a níveis não conservados noutros monumentos. A observação do perfil estratigráfico representado na referida figura mostra que, naquele sector, a escavação atingiu uma couraça pétrea densa, formada por engrenado de blocos de metassedimentos, e que atinge o nível do topo dos esteios mais elevados da câmara funerária. Acima desta subestrutura pétrea foram delimitadas duas unidades estratigráficas sobrepostas, muito regulares, de matriz arenoargilosa, bem diferenciadas em grau de compactação e de cor. A superior tem cor amarelada e é mais compacta que a inferior que oferece tonalidade avermelhada, semelhante à argila de alteração do substrato rochoso na área envolvente. Aquelas duas unidades estão separadas por um nível descontínuo de calhaus e blocos, bem alinhados com a interface estratigráfica, nível que tem continuidade na couraça posta à vista no sector exterior da referida sanja. Este primeiro resultado, de caracterização de um *tumulus* bem conservado em altura, e também em área, mostra de modo evidente a existência de espessa subestrutura argilosa, acima de uma couraça[238] pétrea, por isso interna ao *tumulus,* e ao mesmo tempo em posição de capeamento da cobertura da câmara funerária. Falta verificar se esta alternância entre camadas de argila e couraças pétreas se repete em profundidade. A confirmar-se essa possibilidade poderemos extrapolar essa característica para *tumuli* equiparáveis que estejam em pior estado de conservação.

É o caso do *tumulus* do Cimo do Vale de Alvito 1 (2010) que, embora conservando um volume elevado, atingia uma cota máxima inferior aos topos dos dois esteios conservados *in situ* (B na Figura 6.20) e que estão aparentemente completos, servindo como indicação da altura da câmara. A escavação de uma sanja radial encostada àqueles esteios, atingiu a base do *tumulus* e revelou uma construção constituída por depósito arenoargiloso sem vestígios de couraça pétrea, tanto superficial como interna. As únicas subestruturas pétreas, atingidas por esta sanja, correspondem ao contraforte dos esteios da câmara e a uma contenção periférica. Acima do topo deste *tumulus* poderia ter existido uma couraça pétrea, entretanto espalhada pela lavoura, uma pré-existência que é sugerida pela elevada quantidade de calhaus e blocos de metassedimentos que se observam soltos sobre a mamoa e na sua periferia. Pressupondo que o *tumulus* cobria a câmara funerária, tal como verificado no Cabeço da Anta 1, teria de haver um volume significativo de depósitos presumivelmente finos e de natureza arenoargilosa com um capeamento final cujas características se desconhecem. Esta perda da massa monticular é também admitida por exemplo em Outeiro de Ante 3 por erosão de uma cobertura de terra acima da couraça pétrea que estava à vista (Jorge, 1980: 48).

[238] Esta situação ilustra que o uso da palavra *couraça*, associada à protecção ou revestimento exterior (superficial) de um *corpo*, é impróprio. Só a utilizamos em convergência com o seu uso na bibliografia específica destas arquitectuiras monticulares.

A escavação de uma sanja radial em Cão do Ribeiro (2005) também revelou (C na Figura 6.20) uma subestrutura constituída integralmente por depósito arenoargiloso desprovido de couraça pétrea. Contudo, em torno da câmara conservava-se um engrenado de blocos de metassedimentos, abaixo dos topos dos esteios e em nível com o topo da mamoa. Neste sítio, talvez devido à incidência destrutiva da lavoura, não se logrou identificar qualquer vestígio de contenção periférica na referida sanja. Contudo existia estrutura de contraforte junto aos esteios da câmara.

As sepulturas de Charneca das Canas (1009), Charneca das Vinhas (1010), Cabeço da Forca (4039) e Cimo dos Valeiros (5013) são outros exemplos de sepulturas atingidas pela abertura de sanjas radiais que revelaram uso maioritário de material arenoargiloso para ocupar o volume das respectivas mamoas. O mesmo se verifica na pequeníssima estrutura de Vale de Mós 1 (5060) cuja câmara se apresentava envolvida por aterro de argila capeado por quartzo filoniano. Distintamente dos casos anteriores, Eira da Vinha (1012), Couto da Espanhola 6 (4065) e Selada do Cavalo 1 (5033) apresentam montículos constituídos por uma quantidade elevada de clastos de diferentes calibres (seixos, calhaus e blocos), próximos do conceito de *cairn*.

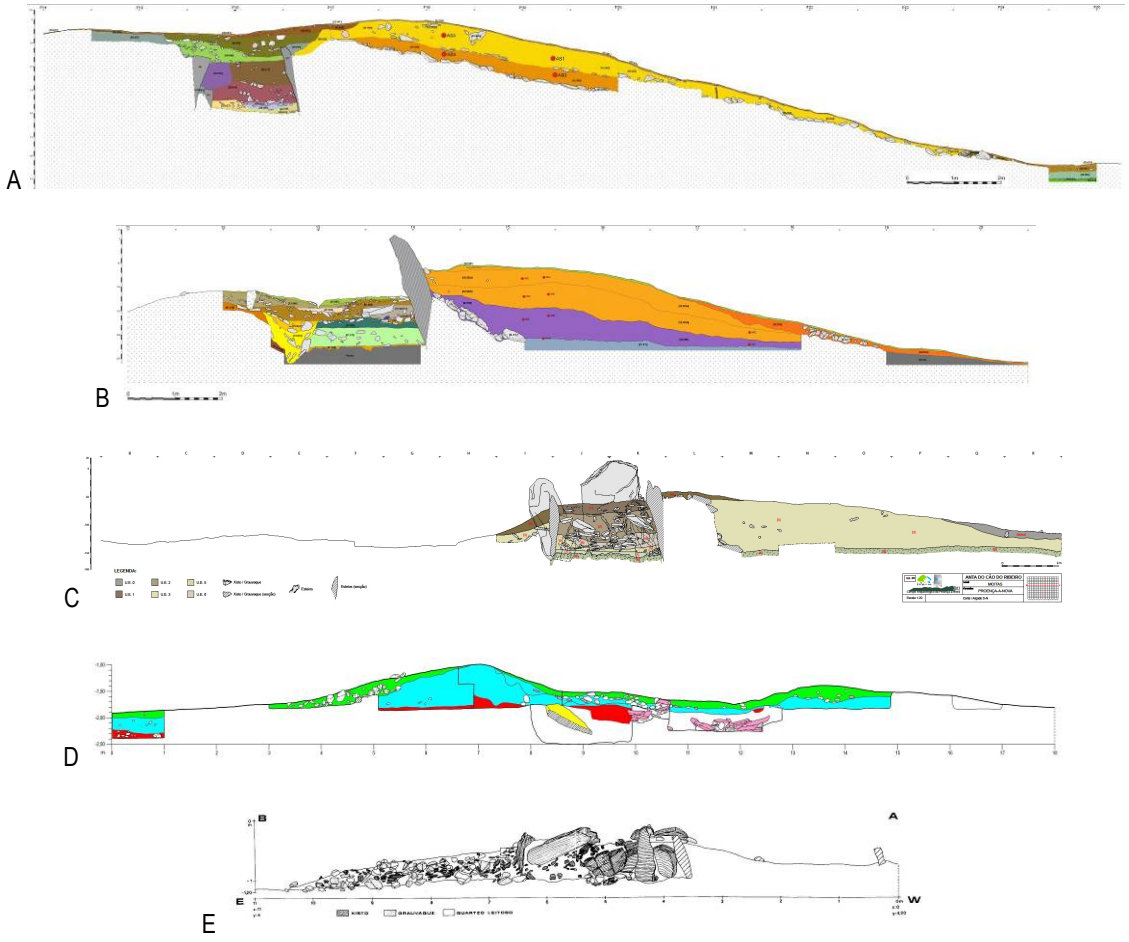


Figura 6.20. Perfis estratigráficos abrangendo sanjas radiais escavadas em sepulturas megalíticas: (A) Cabeço da Anta 1 (2003) direcção sudeste-noroeste (desenho de A. Pereira e tintagem de M. Monteiro); (B) Cimo do Vale de Alvito (2010) direcção sudoeste-nordeste (desenho de A. Pereira e tintagem de M. Monteiro); (C) Cão do Ribeiro (2005) direcção sul-norte (desenho e tintagem de A. Pereira); (D) Charneca das Vinhas (1010) direcção oeste-este (desenho e tintagem de B. Ferreira, in Caninas *et al.,* 2009); (E) Couto da Espanhola 6 (4065) direcção este-oeste (desenho e tintagem de B. Ferreira in Cardoso *et al.,* 1995b)

Eira da Vinha consiste num *cairn,* baixo, de quartzo filoniano, bem dissociado em dois anéis concêntricos, formados por blocos de maiores dimensões, um periférico e outro interno, estando o volume situado entre

ambos preenchido com clastos de quartzo de menores dimensões. Em Couto da Espanhola 6 (E na Figura 6.20) o preenchimento do *tumulus* é mais irregular na distribuição e heterogéneo quanto à natureza dos materiais utilizados (rochas metassedimentares de textura diversificada e quartzo filoniano), preenchidos por sedimentos de origem local, com blocos de maiores dimensões em níveis inferiores. Finalmente, o *tumulus* de Selada do Cavalo 1 estava ocupado maioritariamente por calhaus e blocos de metassedimentos e de quartzo filoniano, dispostos de modo regular mas dissociados por litologia em duas coroas concêntricas, adjacentes, com aparente cavalgamento dos elementos de quartzo sobre os de metassedimentos.

No interior ou na periferia destes *tumuli* foram identificados diversos tipos de subestruturas pétreas, que correspondem, mais uma vez, a modelos de ampla distribuição territorial, e onde se incluem (Jorge, 1987a: 226; Galego, 2007; Sousa, 2006) *contrafortes*[239], *couraças*, superficiais ou internas, ocupando a superfície do *tumulus* de modo total ou parcial, contenções periféricas ou internas e lareiras.

Couraças pétreas, individualizadas na massa monticular, estão presentes em muitas das sepulturas investigadas. Na Charneca das Canas e na Charneca das Vinhas, dois *tumuli* equiparáveis, ambos situados em bordos de mesas detríticas, aquelas subestruturas têm uma incidência parcial, talvez por razões de degradação da cobertura original. No primeiro, o nível de empedrado situava-se entre o topo e posição intermédia[240] do *tumulus*, embora o escavador tivesse admitido que pudesse ter sido totalmente coberta, atendendo à dispersão de quartzito rolado em toda a superfície (Pereira da Silva, 1991: 9). No segundo monumento essa estrutura conservava-se melhor entre a área mesial e a periferia do *tumulus* (Caninas *et al.,* 2009: 110 e 112). O Cabeço da Anta 1 é o sítio onde estas estruturas têm uma melhor definição na sequência estratigráfica (ainda incompleta), abrangendo, aparentemente e de acordo com a informação obtida em três sanjas radiais, a totalidade da superfície da mamoa, embora distribuídas por mais do que um nível. A delimitação de uma couraça maioritariamente constituída por clastos de quartzo filoniano, a ocupar originalmente toda a superfície do *tumulus*, foi lograda no Cabeço da Forca, em conjugação com a abertura de uma sanja radial. Finalmente, Cimo dos Valeiros exibe uma extensa couraça pétrea constituída exclusivamente por calhaus e blocos de metassedimentos. Estas subestruturas poderiam ter uma representação superior à indicada tendo desaparecido por erosão como se admite, por exemplo, em Cão do Ribeiro e Cimo do Vale de Alvito 1.

No Couto da Espanhola 6 não se identificou couraça individualizada uma vez que a diversidade litológica observada à superfície continuava em profundidade, formando um *cairn*, no qual os elementos de quartzo filoniano (66%) preponderavam sobre os de rochas metassedimenares (24% de xisto e 10% de grauvaque). Reconhecem-se muitas outras extensas coberturas de clastos de quartzo filoniano em todas as mamoas do território de Rosmaninhal (Idanha-a-Nova), constatação que foi reforçada em monumentos escavados, embora a inexistência de sanjas não permita saber se correspondem efectivamente a couraças ou a uma composição indiferenciada em profundidade formando *cairn.*

As estruturas de contenção periférica, que marcam o limite do *tumulus*, além de traduzirem uma opção arquitectónica, podem ter tido um valor simbólico, conecto com a circularidade, sendo comuns entre as sepulturas que foram investigadas na área de estudo. Essas construções localizam-se principalmente na periferia do *tumulus,* ao nível da base, materializadas em alinhamentos de blocos, com formas variáveis entre

[239] Discutiu-se a problemática dos contrafortes em apartado anterior relativo às câmaras funerárias.
[240] A restrição destas couraças a anéis concêntricos, dissociados ou desconexos, é frequente em *tumuli* de outras regiões do território continental como é o caso, por exemplo, do Alto da Portela do Pau 6 (Jorge *et al.,* 1997).

o *esférico* e o *tabular*[241], estas últimas geralmente fincadas verticalmente, como em Meninas do Crasto 4 e de modo distinto ao anel de blocos, tabulares, depositados sobre as terras do *tumulus* de Meninas do Crasto 2 (Jorge, 1983) e de Outeiro de Gregos 1 (Jorge, 1981).

Em Alcalar 7 (Morán & Parreira, 2004), uma sepultura megalítica do tipo *tholos*, é muito evidente o efeito contrastante - no aparelho, no calibre e na litologia dos materiais utilizados - entre a estrutura perimetral - uma fachada em alvenaria de xisto, na zona frontal, que se aproxima do solo, formando um murete baixo e calçada na restante periferia circular - comparativamente com o *cairn* de clastos de calcário que envolve[242].

Existem, contudo, outras variantes, com círculos de pedras[243] em posição mais interna e mais elevada, isto é, sobre o *tumulus,* como é o caso de Chã de Carvalhal 1 onde os blocos, tabulares, foram colocados deitados sobre a face maior, circunstância que lhes pode conferir uma finalidade mais simbólica que estrutural (Cruz, 1992: 22-24). Estas subestruturas embora frequentes, por exemplo na serra da Aboboreira, em sepulturas do 2º milénio AC também ocorrem em monumentos mais antigos, do 4º milénio AC (Cruz, 1992).

A informação que dispomos acerca deste dispositivo na Charneca das Canas está mais detalhada no relatório elaborado pelo seu escavador comparativamente com o que veio a publicar em monografia (Pereira da Silva, 1991): "no sector terminal do *tumulus,* dispuseram os seus construtores uma outra couraça, rodeando aquele e que por certo seria o equivalente dos típicos anéis de contenção periférica que encontramos nos monumentos estudados a norte do Tejo. // Estruturalmente, e devido ao tipo de materiais existentes, este anel de contenção periférica, era também formado por cantos rodados[244] em quartzito, bem compactados e, intercalando estes, lajes de xisto, fincadas verticalmente, no sentido de um maior reforço da estrutura de contenção periférica" (Pereira da Silva, 1987). Esta caracterização aproxima-se do que foi identificado no *tumulus* próximo e equiparável da Charneca das Vinhas (Caninas *et al.,* 2009: 110), pelo uso combinado das duas litologias referidas, embora neste caso a contenção, apenas intersectada numa sanja, estivesse evidenciada por clastos alongados de metassedimento juntamente com outros de quartzito rolado, em posição aquém da periferia do *tumulus,* imersa neste e subjacente a uma faixa de couraça pétrea.

No Cabeço da Forca (4039) a única sanja radial ali aberta intersectou, ao nível da base da mamoa e em posição periférica, um anel de contenção mais robusto, constituído por concentração de calhaus e blocos de quartzo filoniano (maioritários) e de metassedimentos intercalados por pequenos calhaus e seixos também de quartzo (Caninas *et al.,* 1999b). Esta subestrutura não apresentava evidências à superfície tanto na área sondada como no restante perímetro. Essa evidência superficial já ocorre em Cabeço da Anta 1 e corresponde em profundidade a uma concentração com cerca de 1,5 m de largura, de grandes blocos de metassedimento intercalados por seixos e pequenos calhaus de idêntica litologia mas muito menores do que os utilizados nas couraças pétreas expostas pela escavação. Este enchimento prolonga-se para fora dos grandes blocos formando uma rampa adjacente. Na sanja nordeste-sudoeste aqueles grandes blocos parece formarem dois alinhamentos, como que definindo murete de dois paramentos com preenchimento de pedra miúda, protótipo do aparelho murário utilizado em povoados calcolíticos. Associada a esta estrutura periférica parece existir uma vala - ainda em avaliação - que poderá ter existência perimetral a exemplo do que foi

[241] De acordo com a classificação de formas de Zingg "tabular (dois eixos com dimensões semelhante e um menor); esférico (três eixos com dimensões semelhantes); laminar (três eixos com dimensões diferentes); alongado (dois eixos com dimensões semelhantes e um eixo menor)" (citada em Morán & Parreira, 2004: 128).
[242] Em analogia com o que se observa em muitas outras sepulturas monticulares, as rochas metassedimentares são também utilizadas na zona central para definir e envolver a câmara e o corredor, aumentando o contraste entre a estrutura interna, a estrutura periférica e o enchimento intermédio.
[243] Não confundir com os anéis líticos que representam restrições das couraças superficiais àquela configuração.
[244] O autor refere-se a calhaus e blocos muito rolados.

documentado noutros monumentos (Bóveda Fernández & Vilaseco Vázquez, 2015) e em particular em Cimo do Vale de Alvito 1, sepultura que contém estrutura periférica com características idênticas à anterior. Refira-se que Eira da Vinha, embora sendo um *cairn*, exibe estrutura de duplo paramento no anel lítico exterior, formada por blocos de maiores dimensões que os do enchimento monticular.

A estrutura periférica identificada em Couto da Espanhola 2 (Cardoso *et al.,* 1997a) tem feição distinta visto ser formada por blocos, tabulares e laminares, de metassedimentos, alinhados e *postos a pino.* Pode ter sido essa a solução adoptada em Couto da Espanhola 6 (Cardoso *et al.,* 1995b), consubstanciada em blocos alongados maioritariamente de metassedimentos, embora em estado de conservação muito deficiente devido à lavoura, dispostos de modo descontínuo ou soltos na periferia do *tumulus.* Usando idêntico aparelho, existe em Cabeço do Seixo 1 (5005) um anel lítico de pequenas lajes de metassedimentos, *postas a pino*, fincadas numa couraça de clastos de quartzo filoniano, branco, em posição intermédia entre a periferia e a cratera central que se supõe corresponder à câmara. Na área de estudo existem outras evidências de estruturas periféricas, por exemplo em Morouços 1 (1022) e Mané (4094) mas estão insuficientemente caracterizadas por ausência de escavação.

6.5.2.7. Fogueiras e combustões

A terminar, analisamos a problemática das combustões na base do *tumulus* e a presença de discretas subestruturas geralmente relacionadas com rituais ocorridos no decurso da construção destas sepulturas, ditos fundacionais. Referimo-nos a pequenas lareiras, estruturadas em fossas, identificadas geralmente em posição subjacente aos *tumuli*, na sua periferia imediata ou no interior da massa monticular. A presença destas subestruturas associadas ao fogo é frequente mas podem ter significados múltiplos e diferentes idades, nem sempre em relação directa com as sepulturas que com elas convergem no espaço. Além da hipótese fundacional, estas pequenas existências podem corresponder a ocupações antecedentes, de cariz habitacional ou funerário, a reutilizações tardias ou a actos de condenação da sepultura megalítica (Diáz-Guardamino, 2004). Além destas subestruturas bem delimitadas no espaço têm sido detectados, em sepulturas de diversos tipos e regiões, vestígios de combustões extensivas, interpretadas tanto de modo funcional, preparatórias da construção, como ritual, de purificação do assentamento do monumento (Jorge, 1980: 50; Diáz-Guardamino, 2004: 144-145).

Por exemplo, em Alcalar 7 foram documentadas três situações ilustrativas da diversidade de usos e tempos na manipulação do fogo. As duas lareiras infratumulares ali identificadas, que continham dormentes em sienito e onde como combustível foi utilizada madeira de azinho e de sobro, foram datadas como sendo dois milhares de anos (5º milénio AC) mais antigas que a sepultura que as ocultou. Notável é o facto de terem sido conservadas no decurso da regularização e terraplanagem efectuada no local de assentamento do monumento. É admitida a hipótese do menir identificado no átrio, associado a dispositivo litúrgico, corresponder a essa pré-existência ocupacional, indicando uma reutilização (Diáz-Guardamino, 2004: 146). Foram identificadas duas outras lareiras em espaço exterior mas adjacente à fachada (Morán & Parreira, 2004: 106-107), uma datada do 3º milénio AC, posterior à construção, e a outra do 2º milénio AC, posterior à condenação do monumento.

Próximo da área de estudo refira-se o caso da anta da Cabeçuda construída sobre uma ocupação mais antiga documentada por nível de carvões, datados por C^{14}, e que estavam "sob uma camada de saibro calcado

destinado, aparentemente, a nivelar o granito de base" (Oliveira, 1997: 408). Tal sobreposição de um *habitat* mais antigo também foi observada na mamoa da Figueira Brava, tendo sido indiciada pela elevada quantidade de moinhos manuais para além dos dados arqueométricos ali obtidos (Oliveira, 1997: 407).

Na área de estudo o caso mais sugestivo da presença de lareira infratumular ocorreu sob o *tumulus* de Charneca das Canas (1009), intersectada por sanja de orientação ESE-WNW, a cerca de 5 m de distância do centro do monumento (Pereira da Silva, 1991). Instalada em fossa, denotando reutilização (alargamento e afundamento) foram encontradas no seu interior terras carbonizadas e calhaus rolados, com fracturas térmicas. Não foi conclusiva a sua relação temporal com a construção monticular (coeva ou anterior). A ausência de paleossolo induziu o escavador a considerar ter havido preparação do terreno com remoção de solo e assentamento do montículo sobre o substrato geológico (Pereira da Silva, 1991: 9). Distinta é a situação da lareira identificada em Amieiro 3 (4007) dado que se encontrava no interior da câmara, tendo sido conectada com operação de higienização do seu interior (Cardoso *et al.,* 2003), após um eventual uso, não se tendo concretizado nova deposição funerária, afirmação que é sustentada na total ausência de vestígios materiais na câmara e nos corredores. Mas tal acção ocorreu antes de uma reutilização tardia documentada pela presença de materiais do 3º/2º milénios AC em níveis superiores do enchimento da câmara.

Em Cimo do Vale de Alvito 1 (2010) e em Cão do Ribeiro (2005) não se documentaram lareiras mas foram colhidos indícios acerca dos processos preparatórios da instalação do *tumulus*. Na base de ambas as sanjas não foram encontrados paleossolos, tendo-se verificado que a argila que formava o grosso daquelas massas monticulares assentava sobre um fina camada de argila avermelhada correspondente à alteração do substrato geológico, que poderia resultar de uma regularização[245] da superfície de assentamento. Em Cimo do Vale de Alvito 1 identificou-se uma dispersão sistemática de pequenos carvões sobre aquela capa argilosa sugerindo procedimento com significado ou significados múltiplos, um dos quais, de ordem ritual, poderia representar a purificação pelo fogo da superfície a utilizar, embora não se deva excluir também explicação de ordem funcional, como seja a de garantir uma melhor adesão[246] do material argiloso do *tumulus*, colocado sobre aquela superfície. O nível de carvões poderá ter uma génese mais antiga como nos casos acima citados.

Um exemplo de regularização do afloramento geológico subjacente a um *tumulus*, indicando simultaneamente remoção do solo esquelético que o estaria a cobrir antes da construção funerária, foi documentado em Selada do Cavalo 1 (5033) pela observação do esmagamento e deposição horizontal das saliências de xistosidade do substrato rochoso local (Caninas *et al.,* 2015).

[245] Em Alcalar 7 (Morán & Parreira, 2004: 92-94) foi documentada uma regularização da base de assentamento do monumento conferindo-lhe horizontalidade seguindo-se um nivelamento com a colocação de "um estrato de terra castanha escura com uma potência variando entre os 0,12 e os 0,16 m por forma a obter uma superfície homogénea". Este terrapleno continha restos ósseos, malacofauna e fragmentos de cerâmica incluindo campaniforme marítimo cuja origem em *habitat* foi excluída. O terrapleno foi explicado de modo funcional e a presença de materiais orgânicos e artefactos no seu interior como ritual. Noutras sepulturas megalíticas sobre o processo de fundação é referido idêntico procedimento, de colocação de "uma fina camada de saibro como que a *isolar* o solo onde se implantará o monumento, ou pela deposição de seixos em alguns locais do recinto, ou mesmo o acender de fogueiras" (Carvalho, 2005: 168-169).

[246] Esta hipótese deverá ser testada em contexto de arqueologia experimental.

6.5.3. Materiais de construção

Neste capítulo caracteriza-se a diversidade de materiais utilizados na construção das estruturas funerárias cuja natureza, inerte, permitiu a sua conservação até à actualidade. Como discutido anteriormente tem-se admitido a utilização de materiais orgânicos, nomeadamente os de natureza vegetal, contudo, até ao momento, ainda não estão identificados vestígios da sua presença, embora se admita essa possibilidade com o estudo das amostras antracológicas colhidas em escavações recentes.

A informação mais fidedigna e representativa das litologias empregues nestas construções obteve-se em sepulturas que foram sujeitas a intervenções arqueológicas, embora os gráficos de barras seguintes (Figura 6.21) reflictam a informação obtida em 294 sepulturas a partir de observação superficial. Tal caracterização foi efectuada por arqueólogos o que explica a exiguidade da grelha utilizada.

Quanto à granulometria, e numa caracterização estritamente visual, sem recurso a técnicas laboratoriais, os materiais inertes utilizados nestas construções são basicamente de dois tipos, *grosseiros*, isto é *seixos, calhaus e blocos*, de acordo com a escala de Wentworth, e *finos*, de *grânulos* a *siltes.* A caracterização laboratorial de algumas amostras de depósitos finos recolhidos em duas sepulturas de Proença-a-Nova (2003 e 2010) ainda não se encontra disponível uma vez que está a decorrer o seu estudo no Laboratório Hércules (Universidade de Évora).

6.5.3.1. Elementos grosseiros

O primeiro gráfico de barras que se apresenta (Figura 6.21) contém uma caracterização agregada por quatro categorias litológicas básicas, rochas metassedimentares (vulgo, xistos e grauvaques), quartzito, uma rocha metassedimentrar específica, rochas magmáticas intrusivas (granitóides) e quartzo filoniano. Importa referir que a representação litológica é plural por sepultura, ocorrendo duas variedades litológicas em 64% das sepulturas, uma variedade em 19% dos casos, três variedades em 16% dos casos e finalmente quatro tipos diferentes de rochas em 1% dos casos. Essa identificação não tem em conta uma ponderação relativa em termos de abundância (elevada, média, baixa), limitando-se a registar a presença/ausência de cada tipo.

Como se viu anteriormente, 73% das localizações das sepulturas (segundo gráfico de barras) incidem em substratos do Paleozóico, excluindo formações quartzíticas, e as restantes 27% sobre depósitos cenozóicos. A comparação entre os dois gráficos enferma de uma pequena distorção resultante da percentagem (2%) de litologias não identificadas no primeiro, correspondente a registos antigos.

Como seria expectável a elevada presença de rochas metassedimentares converge com uma implantação preferencial das sepulturas em substratos geológicos de idêntica natureza e constitui o principal material utilizado na área de estudo (86% dos casos). Contudo, uma percentagem significativa (16%) de materiais daquela natureza ocorre sobre outros suportes geológicos, nomeadamente cenozóicos (Formação de Falagueira, Formação de Cabeço do Infante, depósitos de terraço e aluviões modernos) que cobrem aquelas rochas e onde não estão disponíveis de modo directo. A diversidade de rochas metassedimentares, em morfologia, envergadura e resistência, justifica a sua utilização generalizada tanto nas subestruturas do *tumulus* como nos circuitos ortostáticos internos, uso amplo que só parece repetir-se com os granitóides.

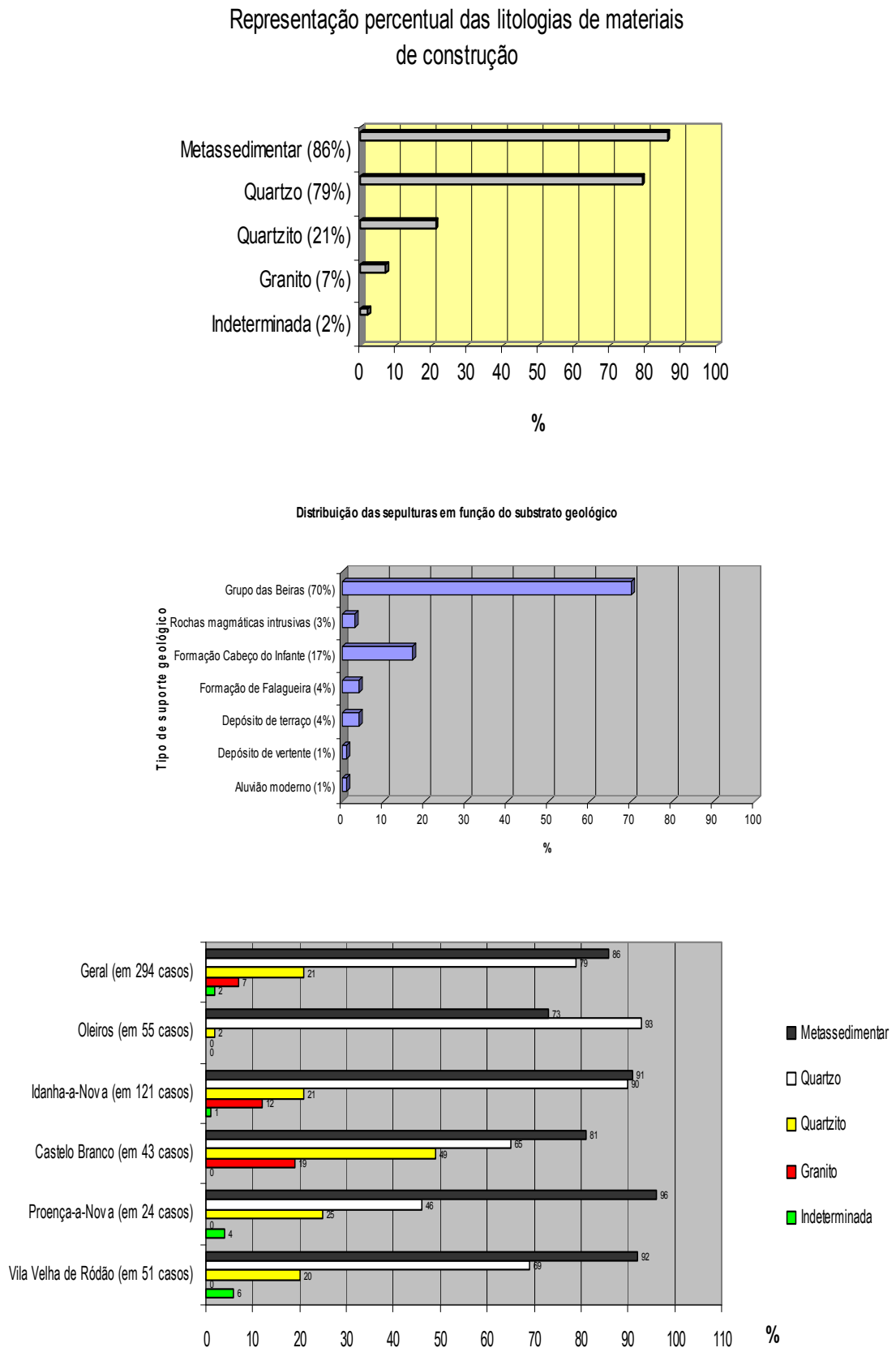


Figura 6.21. Gráficos de barras com a distribuição de litologias de materiais de construção.

O quartzo filoniano, disponível em estruturas lineares (filões) que afloram nas formações paleozóicas, apesar de ter uma presença volumetricamente menor na área de estudo oferece uma representação muito elevada, estando presente em 79% das sepulturas. Tal poderá dever-se às características físicas daquela rocha, à sua disponibilidade à superfície por erosão das respectivas jazidas, mas, diversos investigadores têm valorizado o seu contraste cromático e poder reflexivo para justificar a sua utilização. Apresenta uma ampla distribuição regional mas com densidades diferentes[247]. Em Oleiros ultrapassa a representação dos metassedimentos com variações significativas: está praticamente ausente em Cimo dos Valeiros (5013); domina a matéria-prima do *tumulus* de Cabeço do Seixo 1 (5005), só interrompida por um simples círculo de lajes de metassedimentos; ocorre em quantidades equilibradas com rochas metassedimentares por exemplo em Selada do Cavalo 1 (5033). Em Proença-a-Nova é menos abundante e tem presença rara nos *tumuli* já investigados (2003, 2005, 2010). Em Idanha, tal como em Oleiros, o seu uso é quase invariante[248] e está presente na forma de esteios alongados em apenas uma sepultura, Poço do Chibo 1 (4113).

O quartzito, com uma menor representação geral, de 21% dos casos, terá sido, em geral, obtido em jazidas secundárias, sobretudo em formas muito roladas, nos depósitos cenozóicos, mas também em formas mais angulosas provenientes de depósitos de vertente. É desse modo que este material, por razões de proximidade relativa, marca presença em quase toda a área de estudo mas está menos representado em Oleiros território que é atravessado por uma crista quartzítica mas onde não existem formações cenozóicas com detritos grosseiros em plataformas de dimensão significativa. Esta litologia é mais abundante como material de construção dos *tumuli* que se situam na vizinhança de depósitos de terraço.

Ao contrário das restantes litologias, os granitóides circunscrevem-se aos dois territórios onde existem substratos geológicos de igual natureza, ou seja, em Idanha-a-Nova e em Castelo Branco. Este material é mais versátil na transformação pelo que ocorre tanto nas estruturas ortostáticas, incluindo grandes tampas monolíticas, como nas restantes subestruturas monticulares. A sua menor representação geral, 7% dos casos, resulta do facto das áreas com granitóides terem sido menos beneficiadas com investigação arqueológica até ao presente.

O estudo das origens destes materiais está só agora a ser executado com apoio de geólogos (sepulturas 2003, 2010, 1005) pelo que ainda não se dispõe de informação elaborada a esse respeito. Os materiais utilizados têm calibres muito variados desde os grandes blocos com mais de 3 m de dimensão máxima até aos seixos. A distância a que se encontram as fontes de matéria-prima, seja por extracção em pedreira, seja por colecta de peças formatadas, à superfície, está condicionada pela dimensão dessas peças. Um aspecto assinalado em diferentes sectores é a presença de quantidades significativas de clastos (quartzito, grauvaque, quartzo filoniano) com graus de rolamento variáveis[249], incluindo esteios de grandes dimensões, indicando origem fluvial.

Uma análise preliminar[250] dos materiais utilizados em algumas sepulturas de Moitas (Proença-a-Nova) sugere que os calhaus e blocos com rolamento tenham origem numa linha de água principal a cerca de 8 km de distância e que o esteio de quartzito, sem rolamento, presente em Cabeço da Anta 1 possa ter vindo de uma

[247] A informação disponível nas folhas 24D, 25C, 25D, 28B e 29A da Carta Geológica de Portugal na escaça 1:50000 não permite correlacionar esta representação com a distribuição de filões, uma vez que apenas se observam formações daquele tipo com expressão cartográfica entre Rosmaninhal e Segura, seja por deficiência de reconhecimento ou menor expressão superficial.
[248] Admite-se que a representação real possa ser superior. No Cabeço da Forca (4039) antes do início da escavação não se observavam clastos à superfície os quais se revelaram abundantes após as primeiras decapagens.
[249] Esta presença é significativa em Eira da Vinha ao nível por exemplo dos grandes blocos que formam a coroa exterior.
[250] Da responsabilidade do geólogo Carlos Neto de Carvalho, técnico do Geoparque Naturtejo.

distância ainda superior (Caninas *et al.,* no prelo). Estes dados indicam um elevado investimento em esforço humano na construção destes monumentos, que não se pode explicar apenas por razões funcionais. O perfeito alinhamento e a proximidade da sepultura de Cimo dos Valeiros (5013) com um destacado afloramento linear sugerem que aquela formação tenha funcionado como pedreira e simultaneamente como referente simbólico. Deste modo, a percepção, de base empírica, de uma generalização do uso expedito de materiais disponíveis nas proximidades de cada monumento tem de ser fundamentada pelo seu estudo geológico, embora possa ser válida para menores calibres.

Essas outras motivações, de base ideológica, que ultrapassam o simples uso expedito de matéria disponível nas proximidades, pondo em causa o princípio do menor esforço, também estão traduzidas na diversidade de combinações de litologias e respectivas quantidades sobretudo na região de Oleiros. Outro aspecto já discutido em apartados anteriores refere-se à presença de elementos pétreos muito rolados, utilizados em locais de forte ritualidade como átrios e corredores intratumulares. Finalmente, merece menção outra presença com presumida carga simbólica ilustrada pela condenação de mós manuais, geralmente dormentes, nas subestruturas destes *tumuli,* a exemplo do que ocorre em muitas outras regiões.

6.5.3.2. Elementos finos

A noção de uma arquitectura baseada na utilização de pedras, em muitos casos de dimensão megalítica, quando focada nas estruturas funerárias internas, foi largamente ultrapassada a partir do momento em que se atribuiu importância ao estudo das subestruturas monticulares e ao uso destacado de terra/argila (Sousa, 2006) sobretudo nos monumentos de maior volume. Nesta linha foram pioneiros os trabalhos de investigação do campo arqueológico da serra da Aboboreira, sob a liderança de Vitor de Oliveira Jorge. E era compreensível que este impulso tivesse surgido a norte atendendo à melhor conservação daquelas estruturas, situadas em áreas menos sujeitas a uma agricultura milenar como sucede no Sul de Portugal.

A utilização de depósitos finos para a construção dos *tumuli* é uma característica aparentemente generalizada na área de estudo, ao nível principalmente dos montículos de média e de grande dimensão, e pode resultar não só da disponibilidade daquela material na proximidade das sepulturas como do seu transporte muito versátil potenciado, ainda, pelas suas qualidades mecânicas de fácil transformação e de resistência à erosão. Os extensos depósitos sedimentares arenoargilosos (sobretudo a Formação de Cabeço do Infante e a Formação de Falagueira) presentes nesta região, com excepção dos municípios de Proença-a-Nova e de Oleiros, constituíam potenciais fontes de matéria-prima para aquelas construções.

Um conhecimento mais objectivo e especializado destas utilizações está em desenvolvimento no Laboratório Hércules (Universidade de Évora) com o estudo dos materiais utilizados na construção de duas mamoas de Proença-a-Nova (2003 e 2010), área onde os depósitos cenozóicos não se conservam mas onde o recurso a argila é marcante. Como hipótese de trabalho, colocada no início deste estudo, admite-se que parte daquele material possa corresponder a uma argamassa produzida a partir de argilas de alteração do substrato geológico local adicionadas com matéria exógena, questão com implicações ao nível do transporte, da transformação, mas também dos instrumentos de trabalho e dos locais envolvidos nesses processos. No caso de Charneca das Vinhas (1010) está aberta a possibilidade (Caninas *et al.,* 2009) de relacionar o material utilizado na construção daquele *tumulus* com os níveis argilosos da mesa detrítica (Formação de Falagueira) que lhe serve de superfície de implantação. Para investigação futura fica também a possibilidade

de relacionar a argila que forma a mamoa de Cabeço da Forca (4039) com o barreiro que foi explorado em época recente na sua vizinhança e que deu origem ao forno de telha que ainda ali se conserva.

6.6. Artefactos e rituais

Neste apartado focamos a atenção no património móvel identificado nas sepulturas que foram sujeitas a sondagens ou escavações arqueológicas. Numa primeira etapa, iremos caracterizar os artefactos quanto à sua diversidade tipológica, às quantidades com que ocorrem em cada sítio, distinguindo os que desempenharam um papel ritual, no acompanhamento de cadáveres ou ossários, daqueles que foram incorporados nas subestruturas, como é o caso, maioritário, dos elementos de moagem e outros, eventualmente utilizados como instrumentos de construção das sepulturas. A seguir caracterizam-se os modos de jazida dos artefactos tentando perceber as intenções de ordem ritual que podem ter presidido à sua associação e distribuição na sepultura, de modo a nos aproximarmos de conjuntos indicadores de deposições humanas e do seu estatuto, primário ou secundário. Como já foi referido, a maior acidez dos solos da área de estudo impede uma adequada conservação de materiais orgânicos, mas apesar dessa limitação foram documentadas ocorrências osteológicas em diversas sepulturas.

O ritual, como conjunto de gestos padronizados socialmente, repetitivos e invariáveis em contextos culturais e de marcado carácter simbólico, é um conceito que se deve aplicar a todo o processo funerário, desde a construção até ao uso da sepultura. Este conceito não se pode cingir ao cerimonial de deposição de um cadáver humano e respectivo património móvel, sua posterior remoção e deslocação, devendo ser extensivo aos procedimentos que antecedem esses actos, desde a escolha e preparação do sítio à construção da sepultura, de acordo com padrões específicos.

6.6.1. Artefactos

Pretende-se fazer uma caracterização da presença de artefactos líticos, cerâmicos e metálicos e ainda de restos humanos nas sepulturas da área de estudo, no que concerne à presença/ausência das principais tipologias, respectivas quantidades, mas evita-se um estudo exaustivo acerca das suas características e significados mais específicos, uma vez que esse não é o objectivo deste estudo.

Estes artefactos, que se reportam a 26 sepulturas, estão quantificados no Anexo 10, desagregados em 44 tipos principais, 13 dos quais referentes a elementos de pedra lascada, microlíticos e macrolíticos, com destaque para núcleos de lamelas, lamelas, lâminas, geométricos, pontas de seta, punhais e alabardas, a que se seguem a pedra afeiçoada, os percutores, a pedra polida e os polidores (tipos 14 a 23), os adornos (tipos 24 a 26), discriminados em pendentes, contas discóides, geralmente de metassedimentos, e contas tubulares ou bitroncocónicas, manufacturadas geralmente em minerais de cor verde, os artefactos simbólicos (tipos 27 e 28), discriminados em xisto/ardósia e grés/arenito, a cerâmica (tipos 29 a 40), com referência a várias formas/funções (fechadas, hemisféricas, carenadas, abertas, copos, pratos) e à presença ou ausência de decoração, os ossos humanos (tipo 41), com referência ao número mínimo de indivíduos, e, finalmente, os metais (tipos 42 a 44), desagregados em machado, punhal e ponta de seta.

Como já foi referido noutros apartados, estes resultados foram obtidos em diferentes momentos, com diferentes métodos de escavação e diferentes incidências de pesquisa (escavação parcial, focada em determinadas subestruturas, ou integral), o que induz uma variabilidade de condições de recolha que prejudica uma comparação destes conjuntos de materiais. Essa dificuldade, ou impossibilidade, é potenciada pelos diferentes estados de conservação das sepulturas bem como dos seus "mobiliários".

Estas condicionantes de conhecimento, que distorcem a compreensão destes materiais, no espaço e no tempo funerário, são agravadas pelo facto de não estarem disponíveis as monografias das escavações mais recentes (posteriores a 2012)[251], razão pela qual não se dispõe de informação útil acerca da distribuição estratigráfica dos artefactos, da sua diversidade e da caracterização dos artefactos cerâmicos, que se encontram em geral reduzidos a fragmentos, não sendo possível conhecer, de momento, de modo completo, as quantidades e os tipos de recipientes recolhidos nesses trabalhos. Além disso, não se fez a revisão dos registos de escavações[252] mais antigas no que concerne à aquisição de informação acerca da diferenciação estratigráfica de artefactos recolhidos no decurso daqueles trabalhos, que estava omissa nas respectivas publicações.

De qualquer modo, tentaremos fazer uma aproximação a essa realidade, a partir dos 44 tipos convencionados (Anexo 10). Na tabela em referência não se contabilizaram os dados relativos a duas escavações em curso, uma das quais já concluída na câmara (sítios 2003 e 2010), por serem conjuntos incompletos, e porque, caso fossem utilizados, acentuariam as dificuldades apontadas. Mais à frente faremos uma abordagem comparativa dos artefactos líticos, atendendo à sua maior representação no acervo em estudo e à maior possibilidade de sucesso na sua identificação tipológica, mesmo a partir de fragmentos.

A Figura 6.22 proporciona uma primeira imagem geral das quantidades e da diversidade de tipos artefactuais presentes nas 26 sepulturas que foram objecto de escavações, com resultados conhecidos, evidenciado um contraste elevado entre o caso mais numeroso de 145 peças[253] associadas a 24 tipos, no Cabeço d´Ante (1005) e a ausência de artefactos em três sítios (4013, 4090, 4091) da região de Idanha-a-Nova. Para além dos factores atrás invocados deve ter-se em consideração que estes conjuntos estarão incompletos na maior parte dos casos, devido a intrusões parciais ou totais, incidentes sobretudo nas câmaras funerárias, evidenciadas também pela degradação das subestruturas ortostática e monticular.

As quantidades de peças recolhidas podem agregar-se em cinco grupos aos quais corresponde uma variação menos contrastada na diversidade tipológica, sendo esta inferior a 25 tipos: em posição de destaque está a sepultura de Cabeço d´Ante com 145 peças; seguem-se três sepulturas com um intervalo de quantidades entre 91 e 80 peças; seguem-se cinco sepulturas com um intervalo de quantidades entre 47 e 28 peças; a seguir um grupo de 14 sepulturas a que corresponde um intervalo de quantidades entre 12 e uma peça; o trecho final do gráfico é ocupado com três sepulturas sem artefactos.

[251] Executadas pelo autor em parceria com outros arqueólogos (Francisco Henriques, Mário Monteiro, André Pereira, Paulo Félix e Fernando Robles Henriques) no âmbito do Campo Arqueológico de Proença-a-Nova e do Projecto MESOPOTAMOS.
[252] Executadas pelo autor em parceria com outros arqueólogos (João Luis Cardoso e Francisco Henriques) no âmbito do Projecto ALTEJO.
[253] Nesta quantificação, deve esclarecer-se que, para evitar distorções na comparação entre conjuntos, consideraram-se quantidades unitárias de tipologias cerâmicas naqueles casos em que não foi possível obter estudo actualizado destes materiais.

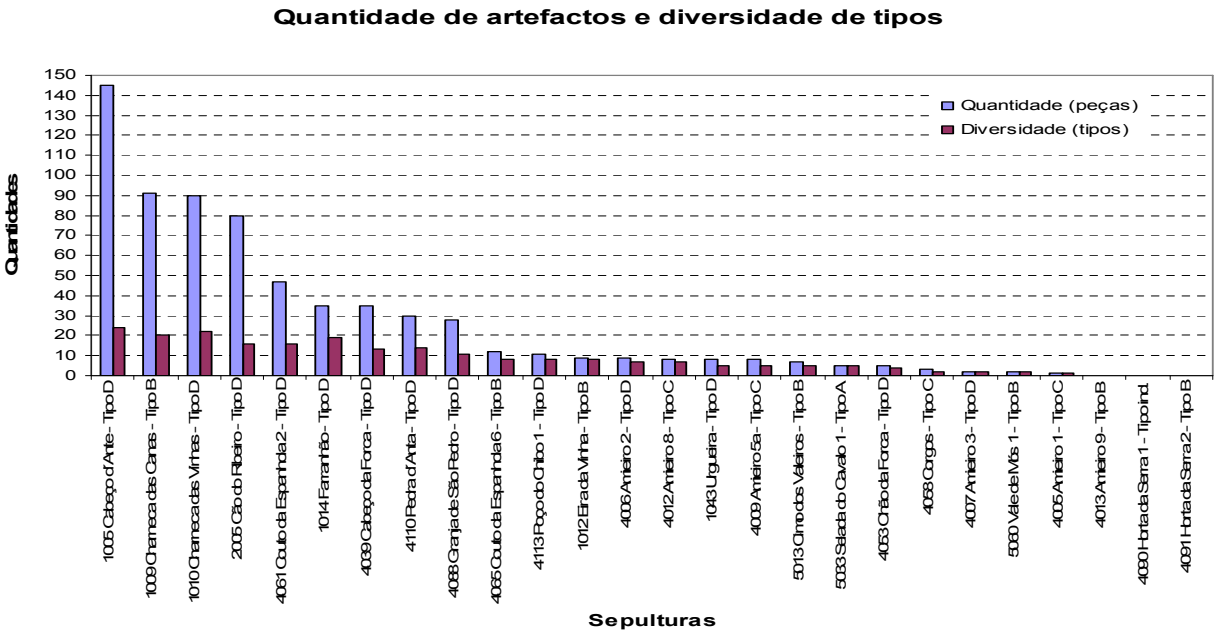


Figura 6.22. Caracterização dos artefactos em quantidade e diversidade de tipos arquitectónicos (A, B, C e D).

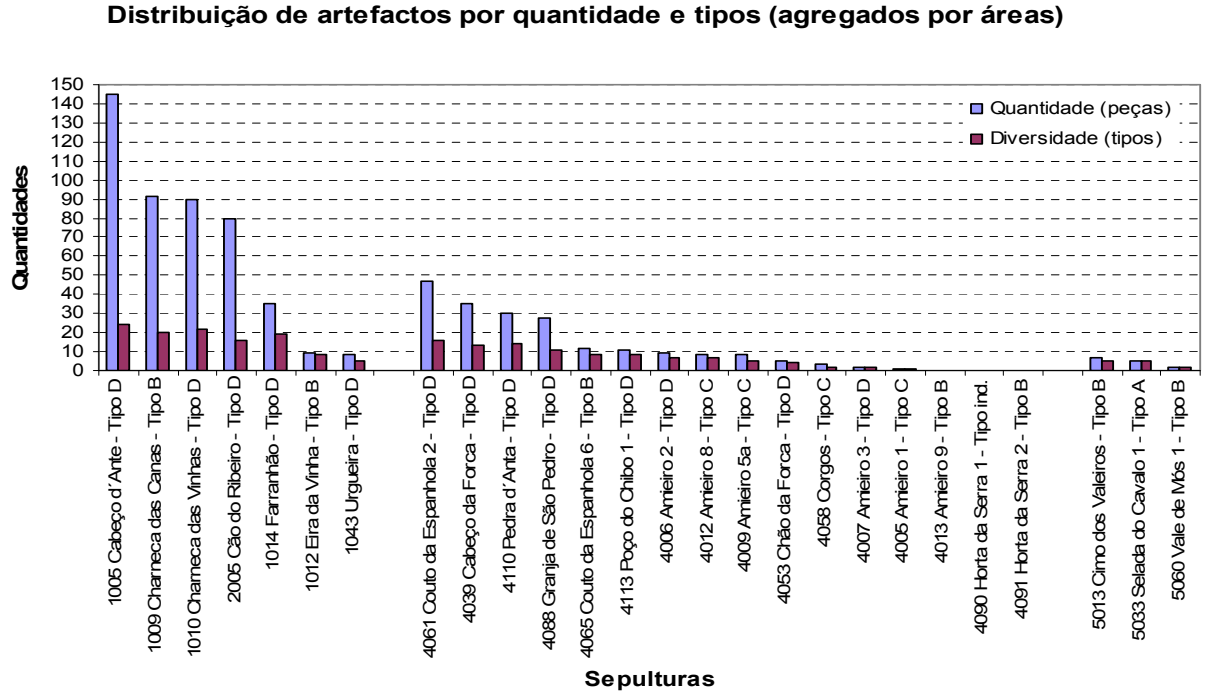


Figura 6.23. Caracterização dos artefactos em quantidade e diversidade de tipos, agregados por áreas (primeiro conjunto relativo a Ródão-Proença, segundo conjunto relativo a Idanha-a-Nova e terceiro conjunto relativo a Oleiros).

Estas diferenças quantitativas correlacionam-se seguramente com os rituais que nelas tiveram lugar e indirectamente com as arquitecturas. De facto, as nove sepulturas com quantidades superiores, inclusas nos três primeiros grupos indicados, correspondem a estruturas complexas, dotadas de câmara e corredor diferenciados (tipo D), embora detendo diferentes envergaduras. A excepção é a Charneca das Canas (sítio

1009) uma sepultura do tipo B[254]. Os quatorze casos seguintes repartem-se por estruturas dos tipos A, B, C e D sendo este último ainda o mais representado. As escavações das últimas três sepulturas não forneceram artefactos. Repare-se (Figura 6.23) na correspondência dos quatro casos mais numerosos ao *território Ródão-Proença*, a associação dos cinco casos seguintes maioritariamente a Idanha-a-Nova (quatro), sendo um de Vila Velha de Ródão, e a distribuição dos quatorze conjuntos seguintes por um território mais amplo (Idanha-a-Nova, Vila Velha de Ródão e Oleiros), sendo que os três últimos casos, sem artefactos, se situam em Idanha-a-Nova.

A partir da amostra disponível, poderemos atribuir algum significado a esta variabilidade, em relação ao território, à arquitectura e ao ritual? Podemos ensaiar algumas respostas, focando a atenção no tipo D, conecto com estruturas funerárias complexas, aquele que corresponde a 50% das sepulturas escavadas, embora com diferentes envergaduras. Verifica-se que as sepulturas daquele tipo, dispondo de um maior espaço útil no conjunto formado pela câmara e pelo corredor, terão tido usos colectivos, simultâneos ou sucessivos, talvez com convergência de deposições primárias e secundárias, como sugerem os resultados obtidos (Figura 6.24). Sepulturas com contentores mais simples, casos dos tipos A, B e C, de menores dimensões, terão recebido menor quantidade de deposições humanas ou mesmo um uso individual, sucessivo ou único. Esta tendência, ideológica, para a individualização e para a redução da quantidade e da diversidade dos "mobiliários funerários" observa-se em fases mais tardias da Pré-História Recente.

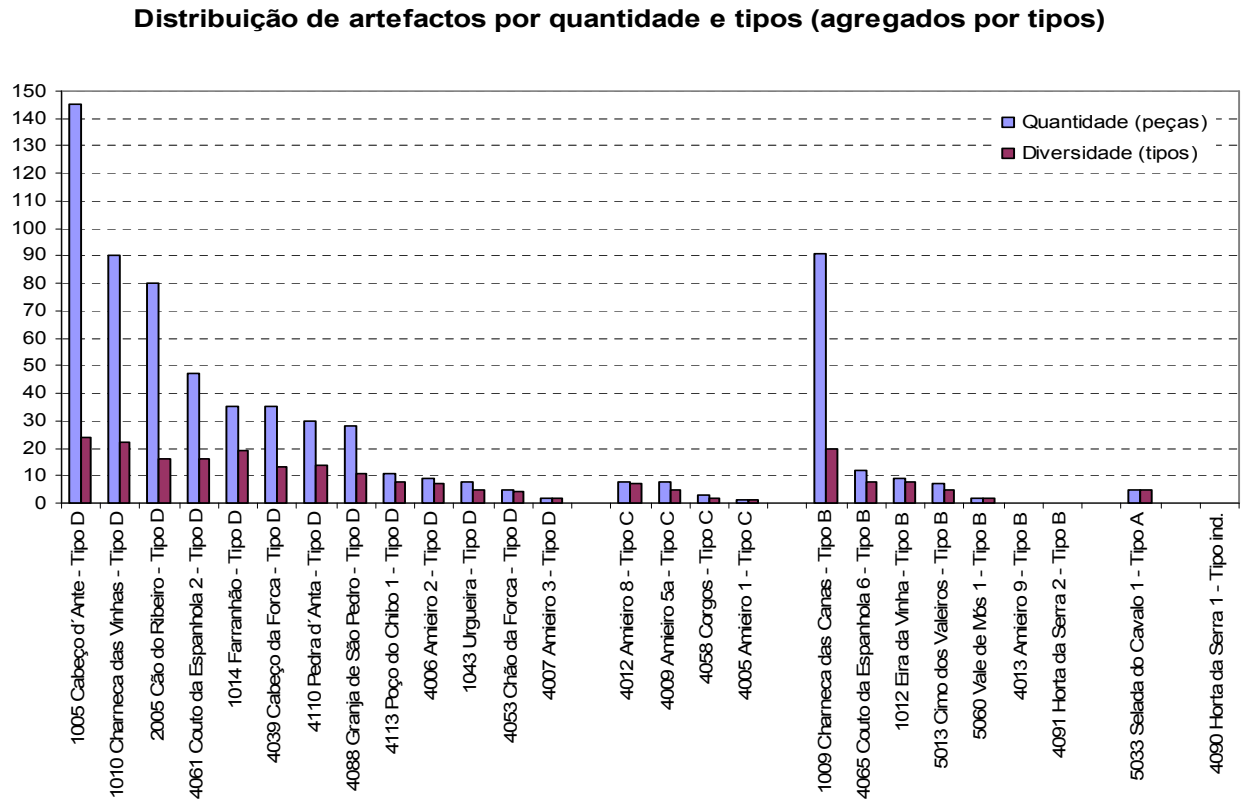


Figura 6.24. Caracterização dos artefactos em quantidade e diversidade de tipos, agregados por tipos construtivos.

[254] Atendendo às semelhanças entre esta sepultura e a da Charneca das Vinhas, ao nível da implantação topográfica e dos tipos de artefactos recolhidos em escavação, incluindo determinadas formas cerâmicas, deve reavaliar-se a possibilidade de existir um corredor oculto não detectado na escavação de Charneca da Canas, conferindo-lhe tipologia arquitectónica distinta da que lhe atribuimos actualmente, tendo como fonte de informação a bibliografia disponível.

Contudo, as sepulturas de tipo D apresentam – com as limitações de conhecimento já salientadas - outros contrastes. Observe-se a correspondência de três[255] sepulturas (1005, 1010 e 2005), com conjuntos artefactuais mais numerosos, com contentores funerários de envergadura horizontal grande (5, na escala de 1 a 6) e média-grande (4, na escala de 1 a 6), enquanto no grupo seguinte existem quatro[256] sepulturas (4039, 4061, 5088, 4110) com câmaras de envergadura horizontal grande e muito grande (6, na escala de 1 a 6), superiores às anteriores. Ou seja, câmaras mais amplas da área de Idanha-a-Nova têm menor quantidade de artefactos depositados do que câmaras comparativamente menores da área de Ródão-Proença.

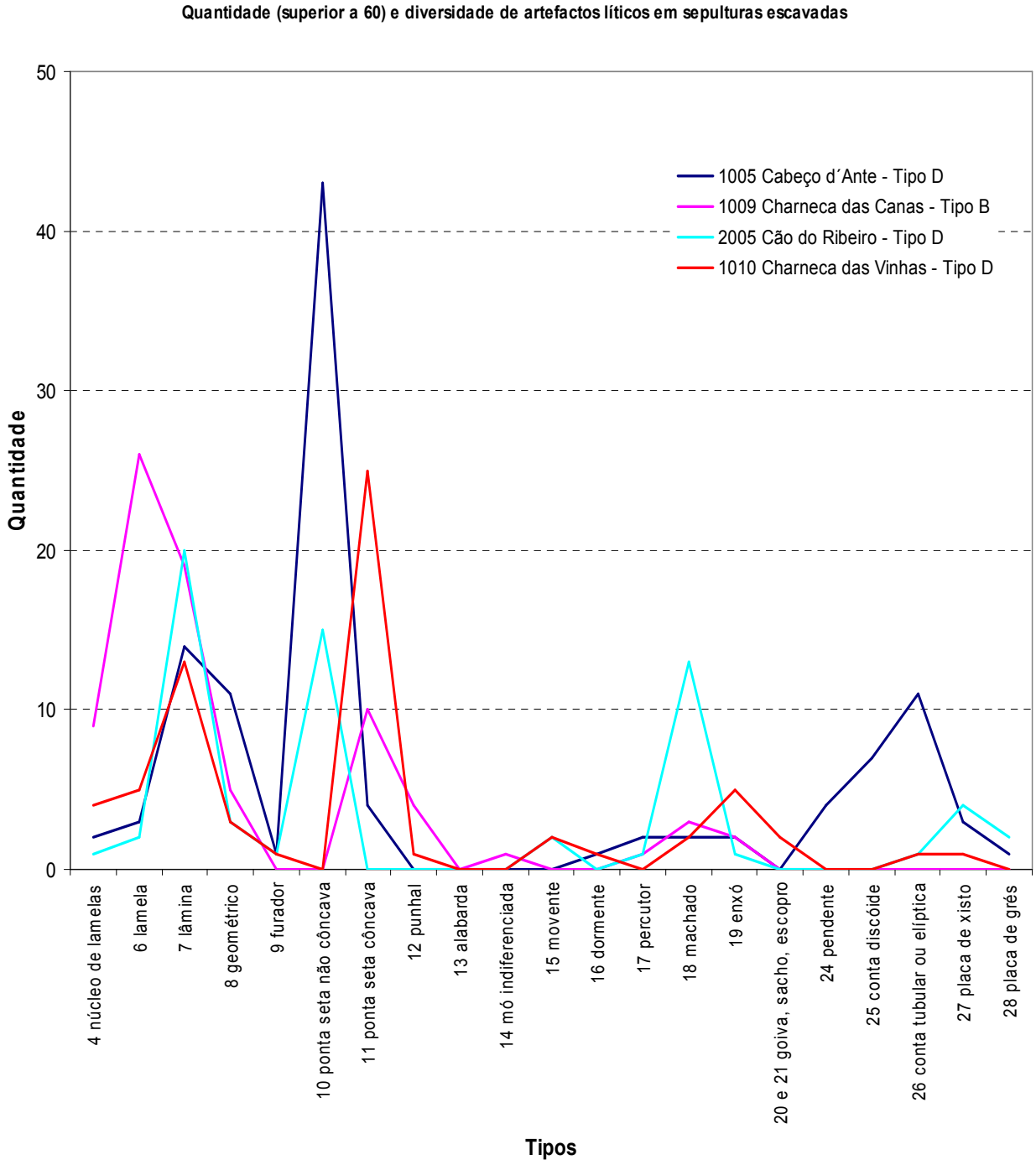


Figura 6.25. Caracterização dos artefactos em quantidade e diversidade de tipos (continua).

[255] Não se conhece a envergadura horizontal de 1009.
[256] Não se conhece a envergadura horizontal de 1014.

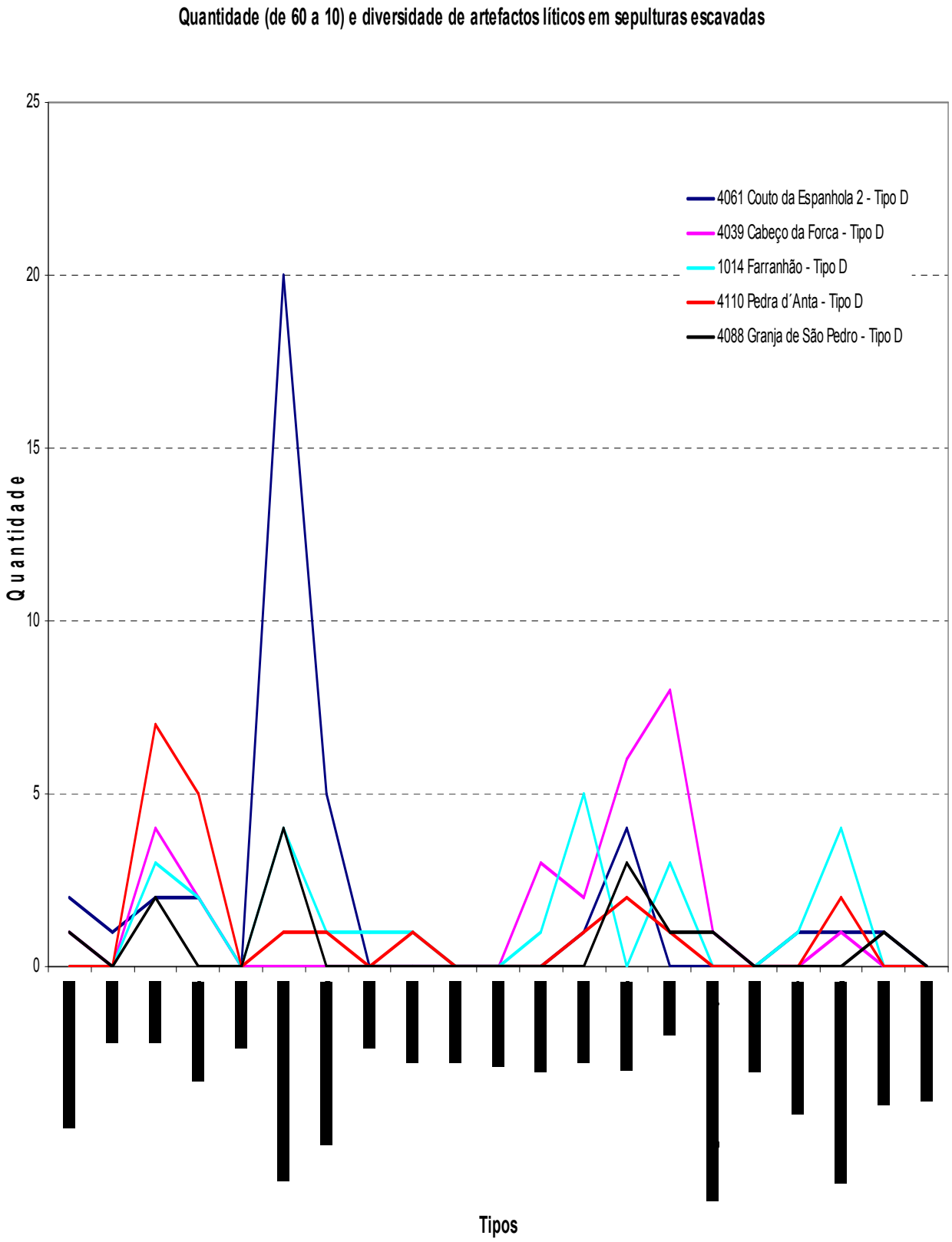


Figura 6.25 (continuação). Caracterização dos artefactos em quantidade e diversidade de tipos.

Tabela 6.7. Selecção de tipos de artefactos líticos recolhidos em escavação.

Refª Topónimo - Tipo arquitectónico	Tipologia de artefacto																					Totais
	4 núcleo de lamelas	6 lamela	7 lâmina	8 geométrico	9 furador	10 ponta seta não côncava	11 ponta seta côncava	12 punhal	13 alabarda	14 mó indiferenciada	15 movente	16 dormente	17 percutor	18 machado	19 enxó	20 goiva	24 pendente	25 conta discóide	26 conta tubular ou elíptica	27 placa de xisto ardosiano	28 placa de arenito/micaxisto	
Mais de 60 artefactos																						
1005 Cabeço d´Ante - Tipo D	2	3	14	11	1	43	4	0	0	0	0	1	2	2	2	0	4	7	11	3	1	111
1009 Charneca das Canas - Tipo B	9	26	19	5	0	0	10	4	0	1	0	0	1	3	2	0	0	0	0	0	0	80
2005 Cão do Ribeiro - Tipo D	1	2	20	3	1	15	0	0	0	0	2	0	1	13	1	0	0	0	1	4	2	66
1010 Charneca das Vinhas - Tipo D	4	5	13	3	1	0	25	1	0	0	2	1	0	2	5	2	0	0	1	1	0	66
totais parciais	16	36	66	22	3	58	39	5	0	1	4	2	4	20	10	2	4	7	13	8	3	
De 50 a 10 artefactos																						
4061 Couto da Espanhola 2 - Tipo D	2	1	2	2	0	20	5	0	0	0	0	0	1	4	0	0	0	1	1	1	0	40
4039 Cabeço da Forca - Tipo D	1	0	4	2	0	0	0	0	0	0	0	3	2	6	8	1	0	0	1	0	0	28
1014 Farranhão - Tipo D	0	0	3	2	0	4	1	1	1	0	0	1	5	0	3	0	0	1	4	0	0	26
4110 Pedra d´Anta - Tipo D	0	0	7	5	0	1	1	0	1	0	0	0	1	2	1	0	0	0	2	0	0	21
4088 Granja de São Pedro - Tipo D	1	0	2	0	0	4	0	0	0	0	0	0	0	3	1	1	0	0	0	0	1	13
totais parciais	4	1	18	11	0	29	7	1	2	0	0	4	9	15	13	2	0	2	8	1	1	
Menos de 10 artefactos																						
4065 Couto da Espanhola 6 - Tipo B	0	1	1	2	0	0	0	0	0	0	1	0	0	2	1	0	0	0	0	0	0	8
1012 Eira da Vinha - Tipo B	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0	2	1	0	0	0	0	0	0	6
4009 Amieiro 5a - Tipo C	0	0	2	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	6
4012 Amieiro 8 - Tipo C	0	1	0	2	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	6
4113 Poço do Chibo 1 - Tipo D	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	2	1	0	0	1	0	0	0	0	0	6
4053 Chão da Forca - Tipo D	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	0	0	0	0	0	0	0	4
5013 Cimo dos Valeiros - Tipo B	0	0	1	2	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4
1043 Urgueira - Tipo D	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	3
4006 Amieiro 2 - Tipo D	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	3
4058 Corgos - Tipo C	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
5033 Selada do Cavalo 1 - Tipo A	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	2
5060 Vale de Mós 1 - Tipo B	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
totais parciais	1	2	6	8	0	2	1	0	0	2	3	5	2	12	3	1	0	1	0	2	0	
total	21	39	90	41	3	89	47	6	2	3	7	11	15	47	26	5	4	10	21	11	4	

Evitando explicar esta inversão a partir de diferenças de conservação arriscamos a hipótese de tal facto, a ser significante, se dever a diferenças de ordem ritual. Os espólios menos numerosos do segundo grupo, da área de Idanha-a-Nova, podem corresponder a sepulturas com tempos de vida (de reutilização) menores e desse modo com menor acumulação de artefactos. Uma consequência possível dessa condição poderia ser um maior investimento na construção de novas sepulturas, gerando uma necrópole maior e/ou mais dispersa. A causa desse comportamento poderia residir numa população dispondo de um espaço vital maior. Ora, em abono dessa hipótese, registe-se a maior quantidade e a maior densidade de sepulturas na região de Idanha-a-Nova. Ao invés, no território de Ródão-Proença poderia ocorrer um uso mais intensivo de uma necrópole menos numerosa[257].

[257] Mesmo admitindo que estas sepulturas não servissem para tumular a totalidade dos membros daquelas comunidades pré-históricas, com uma maioria de pessoas destinadas a rituais funerários diferenciados e mais discretos.

É esse mesmo comportamento que se observa no complexo gráfico do Tejo, adjacente aquele conjunto, com acumulação gráfica ou reutilização exaustiva de múltiplas rochas. No caso das sepulturas de uso colectivo, sucessivo, também poderemos admitir uma diferença de comportamentos, com uma extracção total de depósitos antecedentes na área de Idanha-a-Nova, reduzindo desse modo o conjunto artefactual presente nas sepulturas, em oposição a mobilizações internas de depósitos na área de Ródão-Proença.

É pertinente comentar um caso específico, o da sepultura com maior quantidade de artefactos recuperados em escavação, o Cabeço d´Ante (1005), associada a uma estrutura ortostática razoavelmente conservada embora dotada de estrutura monticular residual. A presença de maior quantidade de alguns tipos (Figura 6.25 e Tabela 6.7), como pontas de seta, geométricos, adornos e cerâmica, nas proximidades do ossário que se conservou no lado sul da câmara pode ser circunstancial e resultar da integridade daquele (último) depósito, comparativamente com os de outras sepulturas.

A partir dos dados disponíveis no Anexo 10 assinala-se a presença de cerâmica em todas as sepulturas que forneceram outros artefactos, com a excepção de Corgos (sítio 4058), estrutura onde apenas foi recolhida pedra afeiçoada, na mamoa, a qual poderá ter sido utilizada como material de construção[258]. Tendo em consideração esta invariância e a dificuldade de relacionar os materiais cerâmicos em quantidade, optou-se por concentrar um segundo olhar (Figura 6.25) no espólio lítico, excluindo-se[259] desse modo, além da cerâmica, as ocorrências metálicas, tardias, e as osteológicas, por serem minoritárias. Apesar desta restrição, não deixaremos de tecer alguns comentários acerca de todos os tipos quantificados no Anexo 10.

Os últimos gráficos de linhas apresentados contemplam 21 tipos líticos (de acordo com a numeração do Anexo 10: 4, 6 a 20, 24 a 28) correspondentes a elementos lascados e respectivos subtipos (núcleo de lamelas, lamela, lâmina, geométrico, furador, ponta de seta, punhal e alabarda), elementos de moagem (indiferenciados, movente e dormente), percutor, pedra polida (machado, enxó e goiva), adornos (pendentes e contas) e artefactos simbólicas (placas em xisto e em grés). Embora seja discutível atribuir um significado geral às quantidades de ocorrências dos vários tipos indicados, pela indiferenciação temporal que essa qualificação representa, note-se o predomínio de instrumentos conectos com acções exteriores ao espaço doméstico (geométricos, pontas de seta, machados), em contraponto a acções mais internas ou próximas daquele (enxós, lamelas, lâminas, estas últimas com menor significância).

6.6.1.1. Peças macrolíticas lascadas e afeiçoadas

Atendendo à sequência de tipos estabelecida no Anexo 10 começamos por comentar a presença de materiais macrolíticos em pedra lascada, associando seguidamente, neste mesmo apartado, outras ocorrências, como os percutores, e outras peças de representação menos comum, ou de interpretação menos segura, nas colecções móveis obtidas em sepulturas pré-históricas da área de estudo. Na retrospectiva seguinte referimo-nos em primeiro lugar àquelas que evidenciam manufactura ou uso humano mas também contemplamos peças de aparência natural cuja especificidade e presença nos acervos recolhidos sugerem um valor simbólico, como são os casos dos elementos rolados e os cristais de quartzo.

[258] Foi recolhido um machado metálico a alguma distância do monumento, não sendo determinável o local da sua jazida original.

[259] Também se excluiram dos gráficos seguintes os casos menos numerosos, por serem de comparação menos expressiva, a saber: Tipo A: Selada do Cavalo 1 (5033). Tipo B: Couto da Espanhola 6 (4065); Eira da Vinha (1012); Cimo dos Valeiros (5013); Vale de Mós 1 (5060). Tipo C: Amieiro 5a (4009); Amieiro 8 (4012); Corgos (4058). Tipo D: Poço do Chibo 1 (4113); Chão da Forca (4053); Urgueira (1053); Amieiro 2 (4006).

Alguns tipos de peças, por vezes remetidos para a categoria de "outros materiais", têm uma menor representação, pelo menos nos conjuntos publicados, o que não significa que não tenham sido recolhidas em escavação ou que não estivessem presentes nos respectivos sítios. Em alguns casos podem ter sido excluídas por estarem na periferia dos monumentos e serem consideradas antecedentes ao acontecimento funerário. Será o caso, sobretudo, de peças em pedra lascada. Também podem ter sido excluídas ocorrências sem evidências de talhe ou uso humano, como seixos, calhaus e blocos rolados, esféricos ou com formas sugestivas. Comentamos alguns casos reportáveis à área de estudo.

A escavação da Anta Grande de Medelim proporcionou interessantes anotações acerca de alguns artefactos deste tipo ali colhidos. É o caso de "seixos rolados com as saliências contundidas que parecem ter servido de percutores" (Pereira, 1933: 59). O seu aparecimento no corredor, misturados com *tegulae* e escória de fundição não afasta a hipótese de terem sido utilizados na construção da sepultura, posteriormente abandonados na mamoa, embora também não se deva excluir um uso ritual/deposicional ou outros contextos[260]. Muito curioso é o destaque que aquele investigador confere a nove peças (Pereira, 1933: 67-69)[261] de forma subtriangular, grosseiras, em metassedimentos, que considera impróprias para uso, devido à matéria-prima e características morfológicas, qualificando-as por isso como simulacros de pontas de lança e de pontas de seta, advogando-lhes um carácter simbólico. Mas afasta a hipótese de terem servido como instrumentos utilizados na construção daquela sepultura. Estas peças não constam no acervo desenhado pelos Leisner (1998: estampa 72), embora publiquem um percutor discóide em quartzito, gravado com figura triangular numa das faces (Leisner, 1998: estampa 72).

Um olhar sobre duas obras clássicas do megalitismo funerário (Leisner & Leisner, 1951 e 1956) revela a quase ausência de macroinstrumentos em pedra lascada, embora estejam presentes suportes e produtos de menores dimensões como núcleos de lamelas e lascas (Leisner & Leisner, 1951: estampas 11, 19, 23 e 25; 1956: estampas 40, 41, 43, 45, 46 e 50), bigornas, discos, por vezes perfurados, com periferia lascada ou martelada, percutores globulares (Leisner & Leisner, 1951: estampas 11 e 12; 1956: estampas 9, 18, 19, 20, 21, 23, 30, 37 e 39) e, ainda, seixos e calhaus totalmente rolados, de formas esféricas[262] ou alongadas (Leisner & Leisner, 1951: estampas 12; 1956: estampas 1, 4, 10, 19, 23, 34 e 37), por vezes com vestígios de desgaste (Leisner & Leisner, 1951: estampa 15). Aqueles investigadores salientam que "pedras esféricas de quartzito, calcário e granito são frequentes nas antas portuguesas" que distinguem dos elementos rolados[263], abundantes na anta 1 do Olival da Pega (Leisner & Leisner, 1951: 151). De qualquer modo não é referida a vinculação de nenhuma destas peças à construção da estrutura funerária.

Estudo mais recente de um conjunto sepulcral numeroso, sito na bacia do rio Sever, inclui entre os materiais desenhados (Oliveira, 2012), numerosos exemplares de pedra lascada de pequenas dimensões, em rochas siliciosas ou metassedimentos, acerca dos quais o autor admite que possam ter resultado de talhe local eventualmente conecto com a construção funerária, ou remobilizados com terras provenientes de um povoado próximo ou, ainda, resultantes da sobreposição de *habitat* local antecedente (Oliveira, 1997: 517).

[260] A quantidade elevada de instrumentos de percussão, mais de três dezenas, encontrados em diferentes posições (átrio, túmulo, poço e exterior) no *dolmen* de Menga sugere, segundo os seus investigadores, que pudessem ter sido utilizados na construção daquela sepultura sem descartar o uso ritual de exemplares menos comuns como o de um percutor em material exógeno encontrado atrás de esteio delimitador do átrio (Lozano Rodríguez *et al.,* 2016: 180 e 183).

[261] Este investigador é perspicaz quando pergunta: "ter-se-hão menosprezado os artefactos, a que me refiro, nas explorações das antas portuguesas...?"

[262] As três esferas encontradas na anta 2 da Comenda, na *tholos* da Comenda e na anta 10 do Barrocal tinham 4 a 6 cm de diâmetro.

[263] Acerca do valor simbólico de pedras com polimento natural, cite-se a referência a mais de uma centena de elementos rolados em recinto rectangular identificado no topo do *tumulus* de Jeromigo, em Elvas (Leisner & Leisner, 1951: 36) ou os 34 seixos e calhaus rolados, ovóides ou oblongos, em quartzo, quartzito e outros metassedimentos, de ocorrência concentrada na mamoa da Mama do Furo (Vilaça, 1986: 112).

Entre os exemplares macrolíticos destacam-se os percutores globulares em quartzo filoniano ou granito, frequentes nas respectivas mamoas (antas da Cabeçuda, Coureleiros 1 e 2, Porto Aivados, Fonte da Pipa e aparentemente no menir do Carvalhal), pilões de anfibolito e quartzito (antas de Bola de Cera e Coureleiros 3), que poderiam ter servido para triturar ocre (Oliveira, 1997: 537-538), pesos de rede, evidenciados por dois entalhes em lados opostos de peças planas roladas (antas da Bola de Cera e Pombais), calhaus e seixos rolados, esféricos ou alongados, alguns, ovóides, impregnados de ocre (antas das Castelhanas, Pombais e Cabeçuda, aqui uma esfera de granito com cerca de 5 cm de diâmetro)[264] e um seixo afeiçoado (anta de Porto Aivados). Finalmente, os cristais de rocha[265], de presença quase generalizada, são considerados, duvidosamente, de carácter ritual. Não foi possível relacionar qualquer uma destas peças com processos construtivos. Trabalho mais recente do mesmo autor, sobre o conjunto sepulcral da Coudelaria de Alter (Oliveira, 2006), reitera a presença dos mesmos tipos indicados na bacia do Sever, nomeadamente, seixos e calhaus rolados, de enquadramento ritual, mas com uma maior incorporação de peças lascadas macrolíticas, por exemplo nas antas da Horta e da Soalheira, cujo contexto e eventual relação com o ritual ou com a construção não são explicados.

Mais a norte (Carvalho, 2005; Cruz, 1992; Gomes, 1996), embora formando conjunto menos diversificado, mantém-se a presença de elementos lascados de pequenas dimensões, geralmente em matérias siliciosas, de seis seixos rolados, de cristais de quartzo, de esfera de granito[266], regularizada por picotagem, encontrada em posição ritual em átrio, de calhau de quartzito, afeiçoado, no *tumulus*, de disco em granito e de possível peso de rede, na anta da capela da Senhora do Monte (Carvalho, 2005), de nove seixos, calhaus e blocos rolados, ovalados ou irregulares, em granito ou quartzito, associados a ídolo antropomórfico no átrio da anta 1 da Lameira de Cima (Gomes, 1996), de vinte calhaus e blocos, rolados, em quartzito e granito, também associados ao átrio da anta 2 da Lameira de Cima (Gomes, 1996), e de dois esferóides, afeiçoados, de forma regular, em granito, sobre a mamoa 1 de Chã do Carvalhal (Cruz, 1992). Este último autor faz uma retrospectiva da presença tanto dos esferóides afeiçoados como dos elementos rolados, naturais, em inúmeros monumentos de Portugal e da Galiza, advogando o seu carácter simbólico e descartando a possibilidade de alguns deles terem sido reutilizados na construção das sepulturas ou em "actividades realizadas sobre" as mesmas (Cruz, 1992: 49-51).

Em trabalho mais recente encontra-se uma boa sistematização tipológica e de contexto de um conjunto diversificado de materiais líticos obtidos no decurso do estudo e reconstrução da sepultura de falsa cúpula de Alcalar 7, em Portimão (Morán & Parreira, 2004). Os microutensílios em pedra lascada são considerados pré-existentes ao edifício tumular (Morán & Parreira, 2004: 193). É conferida particular atenção a 13 instrumentos de pedra polida (machados e enxós, de secção subcircular) em mau estado de conservação ou reutilizados (como martelo, movente e percutor), parte dos quais localizados na estrutura do *cairn* ou em estrutura de condenação e desse modo vinculados ao processo construtivo mas não sendo admitidos como instrumentos desse mesmo processo, estando outra parte vinculada a contextos posteriores à construção e uso do monumento. Muito elevada é a presença de percutores em rochas duras, com destaque para o quartzo, de formas esféricas, achatadas ou alongadas, 46 no decurso desta investigação e outros onze exemplares recolhidos por Estácio da Veiga; cerca de 33% destas peças foram vinculadas directamente a contextos de

[264] Estas peças podem se qualificadas com elementos de armas de arremesso, ou balas de funda (Gomes *et al.,* 2013). Também estão presentes em sítios do Bronze Final e posteriores (Vilaça, 1995: 317-318).

[265] Estas peças são referidas em inúmeros monumentos em Portugal e já foi assinalada a sua frequência elevada em sepulturas megalíticas do Noroeste peninsular (Fábregas Valcarce, 1983).

[266] Excepional é o conjunto de 75 esferóides "em terra", com menos de 3 cm de diâmetro, encontrados ao nível dos calços do esteio de entrada na câmara da anta do Carvalhal (Carvalho, 2005: 120-122), também presentes nas antas 1 e 2 da Lameira de Cima (Gomes, 1996: 91), igualmente em Penedono. Outro autor admite relacionar as esferas de cerâmica com armas de arremeso (Gomes *et al.,* 2013: 39).

construção (materiais de incorporação na estrutura pétrea) e uso do túmulo. Das sete bigornas, adaptadas a elementos rolados ou a instrumentos antecedentes (martelo, movente e dormente), três estavam integradas no *cairn*. O acervo inclui algumas possíveis tampas de recipientes, obtidas por lascagem de placas de xisto, por vezes quase circulares, mas apenas um exemplar está vinculado à estrutura de condenação. Finalmente, merecem destaque alguns macroutensílios em pedra lascada, inseríveis na tipologia de "machado mirense" que os autores vinculam à fase de construção mediante o enchimento do *cairn* (Morán & Parreira, 2004: 204) e duas outras peças, alongadas, apenas lascadas nas extremidades e com vestígios de uso. Em nenhum destes casos se perspectivam instrumentos vinculados à construção da sepultura, nomeadamente os percutores e outros macroinstrumentos em pedra lascada.

Outros trabalhos recentes efectuados no âmbito da minimização de impactes da construção do empreendimento hidroeléctrico de Alqueva também proporcionaram dados de interesse. A escavação da anta da Herdade do Xarez 1 (Gonçalves, 2013b) forneceu abundantes ocorrências líticas, em sílex e quartzito, macrolíticas, em quartzito (lascas e núcleos), principalmente na câmara, mas também no corredor e no *tumulus*, e em menor quantidade, pedra afeiçoada ou com vestígios de uso (polidor, triturador, peso de rede).

Temos insistido na problemática dos instrumentos conectos com a construção destas sepulturas devido à lacuna de conhecimento que existe acerca da sua presença nestes monumentos. Referimo-nos às acções que necessitariam de uma panóplia diversificada de instrumentos, de extracção, de transformação, de carregamento, de transporte, de corte, de percussão, entre outras, adequadas às fases de captação e transformação de materiais de construção, de preparação do terreno, com corte de vegetação e decapagem de solo, de afeiçoamento do subsolo e escavação de fundações no substrato geológico, de montagem de eventuais estruturas de apoio à colocação de ortostatos ou ainda de mobilização, preparação e deposição de inertes finos na mamoa (terra, argila). E, no caso de alguns daqueles instrumentos terem sido abandonados no local da construção, estaremos restringidos, por razões de conservação química, aos artefactos líticos, nomeadamente os de menor valia tecnológica, rústicos ou expeditos, rudemente afeiçoadas ou com vestígios de uso.

Importa distinguir os instrumentos de construção das sepulturas das peças que ali foram depositadas ritualmente ou reutilizadas como materiais de construção, como é o caso dos elementos de moagem, e de outras que possam corresponder a ocupações antecedentes ou posteriores, pelo que se devem verificar as posições de recolha dessas peças (no interior da sepultura, no interior da estrutura monticular, sobrejacente ou subjacente a esta ou, ainda, na sua periferia). De facto, a sobreposição directa de ocupações mais antigas, nomeadamente de tipo residencial, por construções funerárias, tem sido documentada em diversas escavações, como é o caso, paradigmático, do conjunto de cinco cabanas atribuíveis ao Neolítico Antigo identificadas sob a Orca do Folhadal (Senna-Martínez & Ventura, 2008). Em Vila Velha de Ródão, por exemplo na mamoa da Charneca das Canas, na opinião de F. Pereira da Silva "parte das terras formativas da estrutura exterior da área deposicional funerária terão pertencido a um *habitat* de caçadores-recolectores mesolíticos, devido ao espólio microlítico que nelas foi encontrado" (Pereira da Silva, 1991: 17).

No catálogo dos artefactos recolhidos em escavação (Anexo 10) registamos a presença de peças macrolíticas em pedra lascada (lascas e núcleos) em sete de 26 sepulturas, distribuídas pelas várias áreas investigadas. É uma representação reduzida que pode resultar da diferente intensidade do trabalho de escavação (com ou sem recurso a decapagens extensivas na mamoa) ou de desatenção a estas ocorrências. Atente-se no facto de a mais recente escavação (Cabeço d´Ante) ter proporcionado o conjunto mais elevado

(que inclui um peso de rede), em consequência de uma maior focagem na sua identificação tanto no decurso da escavação como na pesquisa de superfície. As condições de jazida carecem de uma análise que permita determinar a possível relação destas peças com os momentos de construção e uso das respectivas sepulturas. Não se incluíram na referida tabela as nove peças triangulares da Pedra d´Anta (Pereira, 1933: 67-69), já referidas, por não se ter podido comprovar a presença de talhe humano como fundamento para a sua inclusão.

No Cabeço d´Ante a maioria destas peças sobrepunha-se ao espaço abrangido pelo circuito ortostático, mas atendendo à quase ausência de mamoa, como factor de confinamento de materiais, e à afectação parcial do enchimento por lavras, tal posição pode ter explicações diversas (incorporação de materiais coetâneos ou mais antigos, na estrutura; deposição ritual). Noutros monumentos, estas peças são provenientes maioritariamente de níveis superficiais, nomeadamente de decapagem das mamoas (Cabeço da Forca, Poço do Chibo 1, Cimo dos Valeiros e Selada do Cavalo 1), o que pode corresponder a incorporações estruturais (eventualmente de valor simbólico), a deposições rituais sobre o *tumulus* ou a transferências a partir do interior da sepultura consequentes de violação.

Os discos, peças com duas faces, em regra planas e paralelas, em quartzito ou metassedimentos, e contorno preparado por lascamento, atrás referidas a propósito de outros conjuntos regionais, marcam presença, geralmente de modo solitário, em quatro (Cão do Ribeiro, Amieiro 2, Couto da Espanhola 2 e Selada do Cavalo 1) dos 26 acervos mencionados, o que constitui uma representação pouco significativa. Peças deste tipo são comuns em indústrias macrolíticas pós-paleolíticas (Raposo & Silva, 1984: 113). Mas, sob a mesma forma podem esconder-se diferentes funcionalidades, incluindo as tampas de recipientes, nos casos de exemplares menos espessos, com cronologias muito dilatadas no tempo[267]. Na vizinha região de Alcântara estão documentados "en poblados de transición Neolítico/Calcolítico, además de en algunos monumentos funerários" (Bueno Ramírez *et al.,* 1998b: 179). No Cão do Ribeiro duas destas peças foram encontradas no interior da estrutura ortostática, uma na câmara e outra no corredor intratumular, e duas outras no exterior. No Couto da Espanhola 2 foi encontrado um disco no interior do enchimento da câmara mas no Amieiro 2 e na Selada do Cavalo os achados ocorreram à superfície. Comparativamente com as peças marcolíticas anteriormente caracterizadas, os discos oferecem uma maior, embora pouco expressiva, possibilidade de vinculação a deposições rituais internas.

Os percutores[268] têm uma representação superior, estando presentes em nove sítios (Cabeço d´Ante, Charneca das Canas, Farranhão, Cão do Ribeiro, Cabeço da Forca, Chão da Forca, Couto da Espanhola 2, Pedra d´Anta, Poço do Chibo 1), a maioria de modo solitário, e à excepção de dois casos (Couto da Espanhola 2 e Pedra d´Anta) ocorrem fora da câmara-corredor ou desconhece-se a posição do seu achado. São mais numerosos no Farranhão e na Pedra d´Anta embora aqui em quantidade não especificada (Pereira, 1933: 59). Estes instrumentos podem incluir-se entre os que seriam úteis ao processo construtivo destas sepulturas. A sua abundância em alguns monumentos, como os casos já citados de Alcalar 7 (Morán & Parreira, 2004) e de Menga (Lozano Rodríguez *et al.,* 2016), tem sugerido uma vinculação a esse tipo de uso, sem prejuízo de uma ulterior condenação ou reutilização na estrutura sepulcral ou em deposições rituais. No Sul, a sua ocorrência em sítios de *habitat* parece acentuar-se no final do 4º milénio e durante o 3º milénio AC.

[267] No *tumulus* da cista 10 da necrópole de Alfarrobeira (Gomes, 1994b: 50 e 51), em Silves, foi também recolhido um disco em xisto, interpretado como tampa (de recipiente cerâmico).

[268] Os percutores esféricos ou globulares devem distinguir-se, quanto à função, de outras peças de pedra afeiçoada, mais regulares, como sejam as balas de funda (armas de arremesso). Neste apartado não se consideram os percutores e os sachos em pedra polida, resultantes do reaproveitamento de instrumentos daquele tipo usados antecedentemente como machados ou enxós.

(Calado, 2001: 101; Gomes *et al.,* 2013) embora já marquem presença no final do 6º milénio cal BC (Tavares da Silva & Soares, 2014).

Podemos incluir neste conjunto de peças lascadas/afeiçoadas os comummente chamados pesos de rede[269] obtidos a partir de pequenos calhaus e seixos rolados a que foram aplicados entalhes em lados opostos. A sua raridade em sepulturas na área de estudo explica o facto de não se lhe ter atribuído uma categoria autónoma no Anexo 10 mas foi recolhido pelo menos um exemplar no Cabeço d´Ante. Poderá ser também, deste tipo a peça com dois entalhes de cada lado, recolhida na decapagem do *tumulus* de Cimo dos Valeiros, em Oleiros, embora ofereça analogias com alguns idoliformes (Caninas *et al.,* 2014). A sul estão presentes por exemplo nas antas da Bola de Cera, de Pombais (Oliveira, 2012) e da Herdade do Xarez 1 (Gonçalves, 2013b: 206) mas podem considerar-se de ocorrência rara. Estão documentados em *habitat* na região, nomeadamente no sítio do Neolítico Final de Cabeço da Velha[270] (Vila Velha de Ródão), mas são mais abundantes em contextos do Bronze Final formando "a segunda categoria mais numerosa de artefactos líticos dos povoados escavados" (Vilaça, 1995: 318). Estas peças, de simples manufactura, oferecem uma ampla diacronia entre o Neolítico Antigo (Cruz, 1997b) e pelo menos a Alta Idade Média[271], e em contextos geográficos muito diversificados, desde espaços ribeirinhos (Pereira, 2005), maioritariamente descontextualizados e por vezes em quantidades elevadas (González Cordero & Cerrillo Cuenca, 2015: 183), até ao interior serrano[272].

No decurso das mais recentes escavações arqueológicas executadas na área de Ródão-Proença, no Cabeço d´Ante (1005), no Cabeço da Anta (2003) e no Cimo do Vale de Alvito (2010), tem sido recolhida uma quantidade apreciável de peças de dimensões variadas, sobretudo calhaus e blocos, que correspondem aos tipos acima indicados, mas também a outras morfologias, com graus de afeiçoamento/uso muito diferenciados, e hipoteticamente a outras finalidades. Nesse conjunto avultam as peças de configuração subtriangular[273], apontadas ou com estreitamento da largura numa das extremidades, sugerindo fixação no solo ou empunhamento, consoante a envergadura. Correspondem maioritariamente a rochas metassedimentares e têm vindo a ser recolhidas principalmente sobre as mamoas. Alguns desses exemplares apresentam *cortex* sem vestígios de afeiçoamento ou uso, pelo que podem ter sido seleccionados para colocação (estrutural ou simbólica) na sepultura, mas outras exibem claramente preparação humana ou degradação por uso, sugerindo transformação de clastos frustes em símbolos ou em instrumentos[274]. Encontram-se nestas condições peças que podem ter funcionado, por exemplo, como pequenos sachos[275] e outros como batedores. Esta última qualificação ocorreu ainda antes da consulta de um estudo sobre os artefactos líticos do povoado calcolítico do Escoural, em Montemor-o-Novo (Gomes *et al.,* 2013). Entre as peças daquele acervo, obtido em contexto habitacional, existe um "batedor lítico" para o qual os autores estabelecem analogias com peças encontradas noutros povoados e em necrópoles (Gomes *et al.,* 2013: 90), sendo umas de feição grosseira (Arganil, Porto das Carretas, Alapraia 4 e Gruta do Cabeço da Arruda) e outras de fina manufactura e carácter votivo (Lapa do Bugio, Gruta da Cova da Moura) qualificadas

[269] Estão qualificados como pesos de tear em contextos do final da Pré-História sem prejuízo de um uso ambivalente (Vilaça, 1995: 318-321).
[270] Achados de superfície posteriores às sondagens ali efectuadas (Cardoso *et al.,* 1998).
[271] Informação oral da Doutora Catarina Tente.
[272] No interior do amplo recinto muralhado do Chão de Galego, situado no ponto mais elevado da Serra das Talhadas, em Proença-a-Nova, foi achado um pequeno peso com entalhes laterais, em metassedimento, o único artefacto arqueológico encontrado até ao momento naquele sítio arqueológico.
[273] São distintas da placa triangular, afeiçoada, em granito, encontrada sobre a mamoa da anta do Turgal (Carvalho, 2005: 162) e de peça idêntica recolhida junto ao corredor da anta 1 da Lameira de Cima (Gomes, 1996: 90), ambas sugestivamente simbólicas (estelas). De feição utilitária é a peça com largo gume distal e talão aguçado identificada na escavação de Collado de Sejos (Bueno Ramirez *et al*, 1985:36).
[274] Será deste tipo o grande "artefacto de anfibolito talhado e pronto a receber polimento" (Valera, 1995: 135) do povoado calcolítico da Malhada. Tem formato subtriangular e 26 cm de comprimento.
[275] Os dois sachos encontrados em Charneca das Vinhas (Caninas *et al.,* 2011: 118) são de outro tipo, porque resultantes da hipotética reutilização de instrumentos de pedra polida inutilizados devido à danificação dos gumes.

como ídolos-bétilo (Almagro Gorbea, 1973). Segundo os autores citados, estes instrumentos podiam servir para bater peles e caules ou casca de árvores, com vista à produção de fibras, ou para descascar frutos (Gomes *et al.,* 2013: 44-45)[276].

O afeiçoamento grosseiro de pedras podia servir outros propósitos, diversos da sua utilização como peças simbólicas ou como instrumentos de trabalho. É o caso das pedras apontadas identificadas no decurso da escavação da estrutura lítica da mamoa 3 de Outeiro de Ante (Serra da Aboboreira, Baião). V. Jorge salienta que "a imbricação das pedras que constituíam a estrutura da mamoa era, sobretudo nas zonas mais bem conservadas, perfeitíssima, tendo a sua desmontagem exigido prolongado trabalho e intenso esforço. Essas pedras pareciam, em certos casos, afeiçoadas especialmente para se incluírem no local que iam preencher, ora através de uma saliência basal pontiaguda, ora de um adelgaçamento, por forma a facilitar a sua inserção na estrutura" (Jorge, 1980: 48).

6.6.1.2. Instrumentos em pedra lascada

No conjunto (Anexo 10, Figura 6.25 e Tabela 6.7) das peças em pedra lascada, em rochas siliciosas, destacam-se os núcleos de lamelas, as lamelas, as lâminas, os geométricos, as pontas de seta, e, em quantidade reduzida, os furadores, os punhais e as alabardas. As pontas de seta formam o tipo mais numeroso (136 exemplares), estando desagregadas em subtipos de base não côncava (89 exemplares) e de base côncava (47 exemplares), a que se seguem as lâminas (90 exemplares), os machados (47 exemplares) e as enxós (26 exemplares), os geométricos (41 exemplares) e os núcleos de lamelas (21 exemplares). As lamelas, com 39 exemplares, são um caso excêntrico como se verá adiante.

Os núcleos de lamelas em quartzo hialino estão presentes em 78% das nove sepulturas com conjuntos artefactuais mais numerosos, quase todas de tipo D quanto à arquitectura com excepção de Charneca das Canas (1009) que é de tipo B. Ocorrem maioritariamente com um ou dois exemplares. Distinguem-se desta *norma* as sepulturas da Charneca das Canas (1009) e da Charneca das Vinhas (1010), respectivamente com nove e quatro exemplares. Estas duas sepulturas, com um padrão topográfico idêntico, na periferia das mesas detríticas de Fratel, são também aquelas que ofereceram, concordantemente, maior quantidade de lamelas, respectivamente 26 e cinco, quase exclusividade de punhais, respectivamente quatro e um, e exclusividade de pontas de seta de base côncava, respectivamente, dez e 25.

Naqueles dois monumentos, tal como nos restantes, considera-se plausível a inserção dos núcleos de lamelas, em rocha siliciosa transparente, no ritual funerário, tal como das lamelas. No entanto, a quantidade de núcleos é excêntrica em Charneca das Canas, sendo mais do dobro da que ocorre em Charneca das Vinhas, e principalmente a quantidade de lamelas, cinco vezes superior à de Charneca das Vinhas. O escavador deste monumento refere a existência no interior da estrutura tumular de um estrato intermédio de "terras castanhas escuras onde foram assinalados restos de talhe em sílex e indústrias microlíticas, em grande quantidade e onde a cerâmica está ausente" (Pereira da Silva, 1987), com origem em ocupações locais antecedentes (*habitat*), incluindo "as lascas, as lamelas e os micrólitos geométricos, na forma hipermicrolítica, assim como os núcleos" mas não esclarece se geométricos, lamelas e núcleos de lamelas estão ausentes de outras posições de deposição funerária.

[276] Não descuramos a hipótese de se tratar de amassadores de argila ou de batedores com a função de comprimir a argila utilizada na construção das mamoas.

As lamelas[277], já abordadas a propósito de Charneca das Canas, estão representadas em 56% das nove sepulturas com maior quantidade de artefactos e naquele universo são menos numerosas (37 exemplares) que as lâminas (84 exemplares), mas a diferença é ainda maior se excluirmos o caso excêntrico da Charneca das Canas onde as lamelas (26) superam as lâminas. Verifica-se por outro lado que as lamelas, sendo no geral menos numerosas, estão presentes em todos os quatro conjuntos maiores (1005, 1009, 1010 e 2005), mas reduzem-se a presenças unitárias em três (4012, 4061 e 4065) dos 17 conjuntos seguintes.

As lâminas, em material silicioso, em estado íntegro na maior parte dos casos, com ou sem retoque, e diferentes comprimentos, estão representadas em todos os nove conjuntos mais numerosos e em cinco dos doze conjuntos seguintes, atingindo uma presença em 70% dos 21 conjuntos analisados (Tabela 6.7). Atingem 20 exemplares no Cão do Ribeiro, sepultura em cujo corredor ortostático se identificou, *in situ*, uma concentração de lâminas junto à base de um esteio.

Os geométricos estão presentes em 62% dos conjuntos de artefactos analisados, em todos os oito conjuntos mais numerosos e, tal como as lâminas e as lamelas, ocorrem nos tipos arquitectónicos B, C e D, embora predominem neste último, que é também o mais representado. Em Cabeço d´Ante atingem 11 exemplares, em Pedra d´Anta e Charneca das Canas descem para cinco peças e para três, dois e um exemplares nas restantes dez sepulturas contempladas com a sua presença.

Desafiante é a problemática destas peças, consideradas arcaicas, e de longa vida, presentes em sepulturas megalíticas até ao 3º milénio AC (Gonçalves, 1999:133)[278]. A sua associação ao espólio funerário é evidente em sepulturas mais antigas, tanto no norte como no sul do território continental[279], embora também se admita a sua qualificação como pré-existências, reutilizadas no processo construtivo das sepulturas, dissociando-as do ritual funerário, como no caso já citado da Charneca das Canas[280]. Em Carapito 1, cuja antiguidade da sua construção e utilização primária se situa entre o final do 5º milénio AC e o início do 4º milénio AC (Cruz & Vilaça, 1990), a última intervenção arqueológica permitiu recuperar, "nas terras revolvidas e no enchimento das fossas de assentamento dos esteios" (Cruz & Vilaça, 1990: 64), uma conta de colar, um machado de pedra polida e pelo menos quatro geométricos, assinalados em planta, situação idêntica à que documentámos em Cão do Ribeiro (Figura 6.29), com a presença destas peças tanto no enchimento dos alvéolos como no espaço de utilização funerária. Esta "condenação" de geométricos confronta-nos com propósitos rituais, no momento da construção (ou reconstrução), dada a intencionalidade da sua posição específica.

Os furadores têm uma representação marginal (três exemplares) ocorrendo de modo individual em três dos quatro conjuntos mais numerosos. O mesmo se verifica com os punhais (seis exemplares) que estão presentes apenas em três dos nove conjuntos superiores, de modo individual em duas sepulturas e com

[277] As lamelas distinguem-se das lâminas por terem largura inferior a 12mm (Carvalho, 1998: 23).
[278] Por exemplo no povoado calcolítico do Zambujal os geométricos ocorrem na última fase de construção (Uerpmann, 1995:39).
[279] O caso emblemático de Poço da Gateira 1, em Reguengos de Monsaraz, com cerca de 11 enterramentos deduzidos pela associação de 1 machado + 1 enxó + 1 vaso + 1 ou 2 geométricos (Gonçalves, 1999:43). Na primeira etapa do megalitismo do Mondego, situável no Neolítico Médio, os geométricos também têm uma presença destacada (Senna-Martinez & Ventura, 2008). Na câmara poligonal simples, fechada, com *cairn*, do Rapadouro 4 (Cruz & Canha, 1997) o espólio recolhido no interior e ao nível de base da câmara reduzia-se, expressivamente, a seis geométricos do tipo segmento e a fragmentos de recipientes cerâmicos, não sendo admitida a sua proveniência de nenhum *habitat* subjacente ou próximo. No acervo, documental e artefactual, relativo ao grupo de sepulturas megalíticas escavadas por Manuel Heleno foi possível constatar (Rocha, 2005) que o geométrico era o tipo de instrumento de pedra lascada mais amplamente representado, estando presente em 62% das sepulturas com espólio, e, embora presentes em todas as arquitecturas, predominavam nas câmaras simples abertas.
[280] Embora se estranhe a sua presença, como referido (Pereira da Silva, 1987), num estrato intermédio do interior da câmara. Refira-se que o assentamento das mamoas de Charneca das Canas e de Charneca das Vinhas se faz sobre um substrato geológico areno-argiloso pouco consistente (Formação de Falagueira) sobre o qual poderia ter havido uma ocupação antecedente, removida/reutilizada no processo construtivo.

quatro peças na Charneca das Canas. As alabardas, que são mais raras (dois exemplares), reportam-se às sepulturas da Pedra d´Anta e do Farranhão, e esta última também forneceu um punhal.

As pontas de seta corporizam o tipo mais numeroso (136 exemplares) estando presentes em 48% dos 21 conjuntos dotados de artefactos líticos, mas esta quantidade poderá estar sobrevalorizada se considerarmos a possibilidade destes exemplares formarem grupos correspondentes a aljavas. Nesta abordagem foram distribuídas apenas por duas categorias principais, em referência à forma da base, atingindo as formas não côncavas quase o dobro dos exemplares côncavos. Estas peças estão presentes em oito dos nove conjuntos mais numerosos, com uma ausência correspondente ao Cabeço da Forca, uma sepultura complexa do tipo D considerada tardia. Tal ausência era expectável em sepulturas consideradas mais antigas (Eira da Vinha e Couto da Espanhola 6). A característica mais contrastante resulta da distribuição assimétrica dos dois tipos de bases existindo apenas um caso (Pedra d´Anta, do tipo D) em que as quantidades se equilibram com uma ponta de cada tipo, não sendo por isso representativo. Nas restantes nove sepulturas onde estão representadas, as bases côncavas são exclusivas em três sítios, com 25 e 10 exemplares em sepulturas do tipo D e um exemplar numa sepultura do tipo B. Noutras cinco sepulturas, todas do tipo D, a desproporção a favor das bases não côncavas é muito acentuada (43 v 4; 20 v 5; 15 v 0; 4 v 1; 4 v 0; 2 v 0).

No vizinho conjunto megalítico do Sever, no sector sul dos suportes graníticos[281], em 767 pontas de seta preponderam as de bases convexas (incluindo a triangular), com 64%, contra as bases rectas e côncavas e as formas indeterminadas, sendo mais numerosas em sepulturas de corredor longo (Oliveira, 1997: 523-528). Em contraste, em Reguengos de Monsaraz fora notada a ausência de pontas de seta de "base triangular, convexa ou de espigão" (Leisner & Leisner, 1951: 60-61), dominando a base côncava e a base recta, tal como se observa em geral no Sul, situação corroborada por escavação mais recentes (ex: Gonçalves, 2013). Parece haver um claro efeito regional na distribuição destes diferentes tipos, com a rarefacção das formas convexas no Sul. Por outro lado é reconhecido, com as devidas reservas quanto a generalizações cronológicas, um aumento significativo das formas côncavas e rectas em contextos mais tardios (Calcolíticos), tanto funerários como domésticos, principalmente no Sul (ex: Uerpmann, 1995) mas também no Norte (ex: Jorge, 1986: 763-764).

6.6.1.3. Instrumentos em pedra afeiçoada

Os elementos de moagem manual (dormentes, moventes e pilões) marcam presença em 57% das sepulturas com espólios líticos sendo, porém, pouco numerosos (21 exemplares)[282]. A sua presença real poderá ser, ou ter sido, superior à indicada (21 exemplares) nos casos em que tal sub-representação possa estar condicionada por *tumuli* pior conservados ou por trabalhos menos intrusivos, tanto na decapagem como na execução de sanjas destrutivas nas estruturas monticulares. De facto, a bibliografia consultada documenta a presença prioritária de elementos de moagem nas subestrutruras monticulares e como calços nos alvéolos de implantação de ortostatos de sepulturas (Oliveira, 1997: 534; Perestrelo & Osório, 2005: 214) e de menires (Gomes *et al.,* 2013: 36), ou seja, reutilizados como materiais de construção, prática com ampla representação territorial. No quadro apresentado (Tabela 6.7**)** predominam os dormentes, geralmente fragmentados, sobre os moventes, registando-se alguns casos em que as fontes não especificam a função

[281] No grupo de sepulturas construídas com metassedimentos, mais próximas do rio Tejo, foram recolhidas em escavação apenas sete exemplares (Oliveira, 1997:524).
[282] Em três sítos indicam-se quantidades mínimas uma vez que não são especificadas pelas fontes as quantidades efectivas destes elementos.

desses elementos (indiferenciados). Refira-se a presença destes elementos em sepulturas de tipos B, C e D, algumas consideradas de cronologia mais antiga (Couto da Espanhola 6 e Eira Vinha), outras situadas a altitudes elevadas (Vale de Mós 1 e Cimo dos Valeiros). Estranha-se a sua ausência em sepulturas complexas, de tipo D, casos de Couto da Espanhola 2, Pedra d´Anta e Granja de São Pedro, mas tal ausência pode resultar de insuficiente pesquisa das subestruturas monticulares. De qualquer, modo ocorrem em quantidades relativamente baixas[283].

6.6.1.4. Instrumentos em pedra polida

Nas escavações em análise estão inventariadas 78 instrumentos em pedra polida atingindo os machados (47) quase o dobro da quantidade das enxós (26), peças maioritariamente completas. Consta deste conjunto apenas uma goiva, dois sachos e dois escopros. Têm uma elevada representação no universo de sepulturas que exibem artefactos em pedra (81% dos casos), sobretudo de tipo D, estando apenas ausentes em três sepulturas de tipo B e C, uma das quais atípica (sítio 5060). A representação quantitativa é assimétrica. Na maioria das sepulturas as quantidades de machados e enxós são baixas e próximas (diferença inferior a duas unidades), verificando-se um predomínio dos primeiros sobre as segundas. Existem presenças exclusivas de machados ou de enxós em 33% dos casos. Pela assimetria quantitativa destaca-se o Cão do Ribeiro com 13 machados e uma enxó, a maioria dos quais posicionados no corredor. Outro conjunto elevado com seis machados e oito enxós foi documentado no Cabeço da Forca, a grande maioria concentrados na parte proximal do corredor, junto à entrada na câmara.

Pode associar-se a esta subcategoria o polidor-brunidor e o braçal de arqueiro (Anexo 10), presentes em conjuntos mais numerosos (Charneca das Canas e Couto da Espanhola 2), embora constituindo ocorrências raras, tal como constatado no conjunto adjacente da bacia do rio Sever (Oliveira, 1997: 538). O segundo daqueles tipos indica reutilização tardia (Calcolítico Pleno) da sepultura.

6.6.1.5. Adornos

Os adornos, na forma de pendentes, de contas tubulares, elípticas ou bicontrocónicas em matérias verdes e de contas discóides em metassedimentos, estão presentes em apenas 38% das 21 colecções em análise, maioritariamente em sepulturas do tipo D e numa do tipo C. Ocorrem em quantidades inferiores a cinco exemplares, com a excepção de Cabeço d´Ante, onde atingem 22 unidades, repartidas por quatro pendentes, sete contas discóides e onze contas verdes. As contas verdes predominam sobre as contas discóides, também com excepção de um caso (Amieiro 8). O contraste cromático das contas verdes pode conferir-lhes posição de eleição, estética e simbólica, nestes acervos. As contas verdes estão bem representadas em Cabeço da Anta e no Cimo do Vale de Alvito com quantidades ainda não contabilizadas nos quadros mencionados.

[283] Em Alcalar 7 foi registada uma quantidade elevada de elementos de moagem (50 moventes e 23 dormentes, alguns reutilizados como bigornas), mas estão maioritariamente fragmentados, de tal modo que os autores consideram que "foram inutilizados, provavelmente de forma intencional" alguns com vestígios de exposição a fogo (Morán & Parreira, 2004: 197) e pouco menos de metade dos exemplares estavam claramente relacionados com a construção e uso do túmulo.

A baixa frequência destes artefactos, e em especial das contas discóides em metassedimentos, pode estar condicionada por deficiente conservação dos acervos funerários e por dificuldades de recolha e de reconhecimento durante a escavação (com deficiente crivagem de terras), sobretudo das contas discóides, de cor menos contrastante e de menor dimensão. Contudo, no caso das sepulturas de dimensão mais reduzida deve admitir-se uma intencional representação minimal em oposição a um colar completo. Em Amieiro 8 foi apenas recolhida uma conta discóide. A presença de uma única ponta de seta poderá significar de igual modo uma representação minimalista do conjunto instrumental arco, flecha e aljava. Essa representação seria superior[284] no Cabeço d´Ante, admitindo-se uma combinação de contas verdes e contas de metassedimentos representando diversos colares, individualizados por pendentes ou contas de maiores dimensões. Aliás, de modo equivalente, naquela sepultura, a quantidade elevada de pontas de seta também sugere flechas agrupadas em conjuntos (aljavas).

As contas em matérias verdes, presentes desde o Neolítico Médio (Senna-Martinez, 1994) até ao Calcolítico em sepulturas, são uma fonte de informação privilegiada acerca das trocas de longa distância, a partir da identificação das suas fontes de abastecimento, que podem atingir deslocamentos da ordem da centena de km, como no caso da Serra da Boa Viagem (Cruz *et al.,* 2014) e da Anta Grande do Zambujeiro com elevada probabilidade das contas verdes ali colhidas provirem das minas de variscite de Palazuelo de las Cuevas situadas a 540km de distância (Odriozola *et al*, 2012).

6.6.1.6. Artefactos simbólicos

Neste âmbito consideram-se as placas de forma rectangular ou trapezoidal, lisas ou gravadas, em xisto ardosiano ou em arenito/micaxisto. Os territórios situados a norte do rio Tejo são considerados marginais em relação à área alentejana, de distribuição principal deste tipo de artefactos simbólicos. Contudo, as pesquisas efectuadas na área de estudo nos últimos anos têm vindo a incrementar a representação destas peças, estando presentes em 29% das 21 sepulturas com acervos líticos atrás seleccionadas, em cinco do tipo D e numa do tipo C. Contudo, essa representação será superior se acrescentarmos as peças encontradas em sepulturas de localização incógnita como são os casos da anta de Ferreirinhos (Figura 5.9) e de uma anta situada em Idanha-a-Nova (Figura 5.10), as quais por não terem sido reconhecidas em campo não foram incluídas no catálogo de sítios.

Os espólios carecem de um estudo aprofundado com vista a determinar a quantidade de peças diferenciadas que os integram; no Cão do Ribeiro, onde foi recolhido o conjunto mais numeroso, identificaram-se quatro exemplares gravados, em xisto ardosiano, e dois, anepígrafos, em arenito. As peças gravadas, em xisto ardosiano, predominam sobre os exemplares de arenito, e estes últimos ocorrem de modo exclusivo apenas num sítio (Granja de São Pedro). Estas peças foram recolhidas, em geral, muito fragmentadas e incompletas. A sua distribuição nas sepulturas será comentada no apartado relativo aos rituais.

Os exemplares de xisto ardosiano[285] têm um a dois furos de suspensão, corpo gravado com motivos geométricos, maioritariamente triângulos (também presentes faixas e linhas quebradas) e contorno simples na maioria dos exemplares que permitem essa avaliação. Em Cabeço d´Ante foi recolhida parte superior de

[284] Não atingindo as quantidades elevadas de contas que se conhecem em sepulturas similares de outras regiões.
[285] Os exemplares publicados reportam a três sepulturas, Charneca das Vinhas (Caninas *et al.,* 2009: 130), Couto da Espanhola 2 (Cardoso *et al.,* 1997a: 23) e Amieiro 5 (Cardoso *et al.,* 2003: 192). Do exemplar da Granja de São Pedro (Almeida & Ferreira, 1971) não foi publicado desenho.

um exemplar de contorno recortado simulando cabeço com olhos (furos de suspensão) e arcos supraciliares. Existem dois exemplares com decoração bifacial (Cão do Ribeiro e Cabeço d´Ante).

Embora não estejam reportadas a sítios identificados, merecem especial referência, até pela divulgação que tiveram anteriormente, as chamadas placas fenestradas (Gonçalves *et al.,* 2014) ou com vazamentos laterais (Figura 6.26), destinados a marcar uma separação física entre o corpo e braços pendentes. Esta particularidade, representada em inúmeras placas antropomórficas, pode ser considerada uma especificidade de um conjunto reduzido mas regionalmente difundido de peças com aqueles atributos simbólicas. Aliás, nesses exemplares a forma antropomórfica também está acentuada pela diferenciação do contorno superior da peça, recortado de modo a destacar a cabeça, configuração que as permite integrar no conjunto mais vasto das *placas de contorno recortado* (Leisner & Leisner, 1951: 116), com uma representação regional mais ampla.

As placas fenestradas estão representadas na área de estudo por três exemplares, um dos arredores de Idanha-a-Nova proveniente de uma anta (Vasconcelos, 1897: 167; Proença Jr, 1910: 7; Leisner, 1998: estampa 75), de localização hoje desconhecida, que forneceu uma outra placa recortada, e dois atribuídos à anta dos Ferreirinhos, no mesmo concelho (Almeida & Ferreira, 1956b: 5; Leisner, 1998: estampa 74). Embora se conheça uma sepultura nos arredores de Alcafozes, identificada por Joaquim Batista como sendo a anta dos Ferreirinhos, não podemos ter a certeza acerca de tal correspondência face às indicações disponíveis[286]. Em região vizinha, a sul do Tejo, são conhecidos dois exemplares em sepulturas megalíticas no Norte Alentejano, respectivamente em Pombais, em Marvão (Oliveira, 2012: refª AP105), e Couto de Andreiros 2, no Crato (Isidoro, 1967: estampa 6), e três em idênticas estruturas de Valência de Alcântara, na Província de Cáceres, respectivamente Lanchas 1 (Bueno Ramírez & Vásquez Cuesta, 2008: 175), Lanchas 2 (Enríquez Navascués & Carrasco Martín, 2008: 131), muito incompleto, e Zafra 1 (Bueno Ramírez, 1992: 589), este apenas com um vazamento.

Os contextos das peças encontradas no Norte Alentejano e no município de Valência de Alcântara são conhecidos e correspondem na maior parte dos casos a sepulturas aparentemente de estrutura complexa, com câmaras de sete esteios e dez esteios (Pombais), bem diferenciadas dos corredores em altura e planta, nos casos em que aqueles se conservaram (Couto de Andreiros 2, Lanchas 2 e Pombais), exceptuando Zafra 1 com câmara reduzida a dois esteios. Afastado desta região para ocidente é conhecido um exemplar proveniente da Gruta da Galinha, em Alcanena (Correia, 1972: 112), com uma origem admitida no Alto Alentejo (Gonçalves *et al.,* 2014: 141). Tal como na anta de Idanha-a-Nova, de localização incógnita, a placa fenestrada era acompanhada de uma outra de tipo antropomórfico em Couto de Andreiros 2, Lanchas 1 e Lanchas 2. Na Gruta da Galinha e na anta de Pombais essas peças simbólicas eram mais numerosas.

Na área de estudo também merece destaque a presença de uma peça (Charneca das Vinhas) integrável num modelo de placas ardosianas, gravadas, que foi isolado num conjunto restrito de dez exemplares[287],

[286] Acerca das duas placas fenestradas encontradas na Anta dos Ferreirinhos, perto de Alcafozes, Almeida & Ferreira (1956: 3) afirmam que "segundo consta, foi submerso pela albufeira da barragem da Idanha!" o que colocaria o monumento a mais de 8 km para ocidente de Alcafozes. Ferreira (1978: 228) localiza esta sepultura cerca de 1 km a leste do casario de Alcafozes e Leisner (1998) cartografa o mesmo monumento imediatamente a sul da estrada que liga Alcafozes e Idanha-a-Nova, cerca de 5 km a sudoeste da primeira povoação, em posição onde não se encontraram vestígios compatíveis. A pequena sepultura inventariada nesta área fica junto do estradão que liga Alcafozes ao santuário da Senhor do Almurtão, 4 km a susudoeste da povoação.

[287] Exemplares identificados em sepulturas megalíticas: um na Charneca das Vinhas, Vila Velha de Ródão (Caninas *et al.,* 2009: 130); um em São Gens 2, Nisa (Oliveira, 1999-2000); um na Terra da Azinheira, Nisa (Caninas & Henriques, 1994); um na Tapada da Laje de Peles, Crato (Isidoro, 1971: figs 21 e 22); dois no Couto do Biscaia 1, Crato (Isidoro, 1970: fig. 15ba e 15b); um na Lameira, Crato (Leisner, 1959: estampa 6.6.1); dois

confinado ao Norte Alentejano (modelo "Terra da Azinheira", Figura 6.26), nos concelhos de Nisa, Crato, Castelo de Vide e Marvão (Caninas & Henriques, 1994) além do exemplar beirão. Este modelo é caracterizado por um padrão decorativo e um modo de gravação com características muito específicas[288] que sugere uma manufactura comum, um uso delimitado regionalmente e um nexo cronológico-cultural entre as sepulturas onde aquelas peças foram recolhidas.

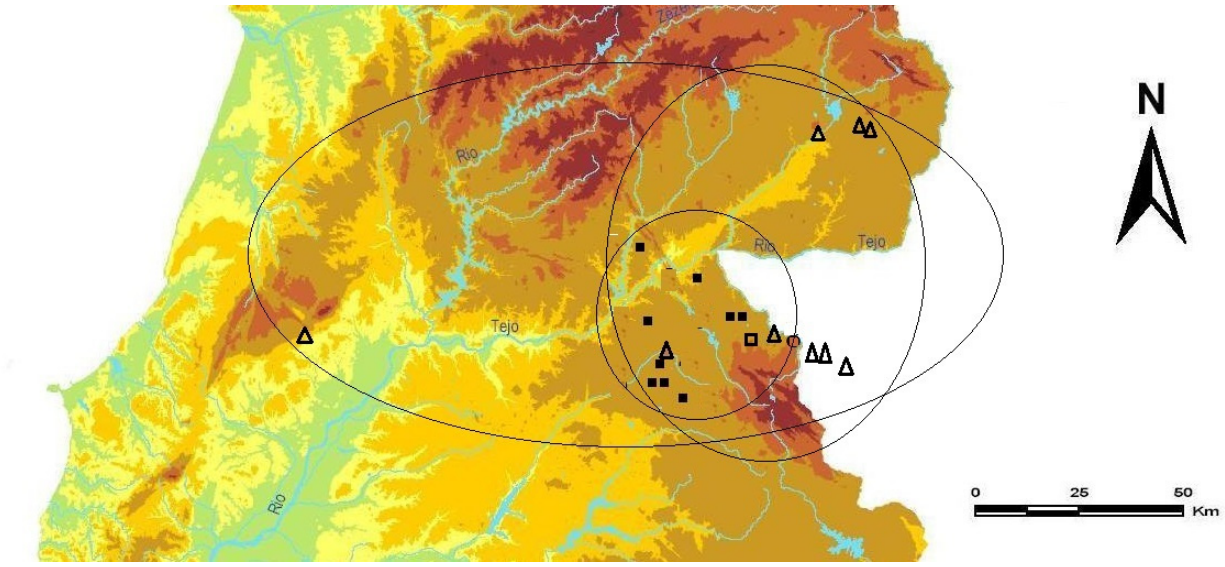


Figura 6.26. Distribuição das placas fenestradas (triângulo) e as do modelo "Terra da Azinheira" (Caninas & Henriques, 1994; Caninas *et al.,* 2009), assinaladas com quadrado. Os três exemplares situados a nordeste correspondem à anta dos Ferreirinhos e a uma outra anta situada nos arredores de Idanha-a-Nova.

6.6.1.7. Cerâmica

Existem limitações a uma caracterização representativa dos artefactos cerâmicos provenientes das sepulturas da área de estudo porque, como já foi referido, para além dos acervos publicados, pouco numerosos e só parcialmente estudados, referentes a Idanha-a-Nova (Cardoso *et al.,* 1995, 1995b, 1997a e 2003; Leisner, 1998; Pereira, 1933; Sousa, 1991), a Vila Velha de Ródão (Batista, 1983; Caninas *et al.,* 2009; Proença Jr, 1909; Pereira da Silva, 1991) e a Oleiros (Caninas *et al.,* 2014 e 2015), falta fazer a análise sistemática dos materiais recolhidos em escavações mais recentes (Proença-a-Nova e Vila Velha de Ródão). De qualquer modo, o Anexo 10 proporciona uma aproximação à diversidade de materiais obtidos, os quais se circunscrevem a recipientes, destinados a conter sólidos ou líquidos[289], dada a ausência de outros tipos de artefactos, como por exemplo pesos de tear e idoliformes.

A cerâmica é um tipo pouco abundante mas esta afirmação deve ser tomada com cautela face à subestimação desse parâmetro devido à ausência de um estudo sistemático destes artefactos. Verifica-se que a cerâmica está ausente em 19% das 26 sepulturas, escavadas, caracterizadas naquele anexo e essas

na Cabeça, Castelo de Vide (Leisner, 1959: estampas 3.4.4) ou na Tapada do Alcogulo, Castelo de Vide (Rodrigues, 1975); um de monumento desconhecido, de Castelo de Vide ou de Marvão (Leisner, 1959, estampa 4.4) ou apenas de Castelo de Vide (Veiga, 1887, vol. II: estampa 8).

[288] O modelo é caracterizado por suporte de contorno simples, cabeça sinalizada por triângulo invertido, aberto, prolongado por arcos supraciliares incisos e tatuagens faciais coalescentes, corpo gravado com triângulos direitos na primeira banda horizontal e espaço vazio central e triângulos invertidos nas restantes bandas. Dois exemplares terão sido reutilizados a avaliar pela imposição de recorte da cabeça, acção que eliminou gravações antecedentes.

[289] Refira-se a recolha de um pequeno recipiente globular em pedra na câmara do Cimo de Vale de Alvito 1, em estudo de parceria com o Laboratório Hércules (Universidade de Évora).

ausências correspondem ao concelho de Idanha-a-Nova, em sepulturas dos tipo B, C e D. De acordo com as quantidades mínimas assinaladas verifica-se um equilíbrio quantitativo entre as várias formas básicas convencionadas, embora com predomínio de formas intermédias ou de parede[290] vertical (hemisféricas, carenadas, troncocónicas e copos)[291] e sendo menos numerosas as formas fechadas ou de parede convergente (globulares, vasos e potes) e as formas abertas ou de parede divergente (taças e pratos). Como materiais atribuíveis ao 3º milénio AC, os copos e os pratos são raros, estando presentes em apenas três sepulturas em Vila Velha de Ródão, uma área de trânsito privilegiado e mais aberta a influências externas, e numa sepultura de Idanha-a-Nova. Os copos e os vasos troncocónicos ocorrem nas sepulturas de Charneca das Vinhas e da Charneca das Canas e os pratos no Farranhão, com bordo almendrado, e em Amieiro 2, neste último sítio evidenciado por vaso de fundo umbilicado, admitido como associado ao complexo campaniforme (Cardoso *et al.,* 2003)[292], em contexto de reutilização daquela sepultura.

Referem-se seguidamente outras formas consideradas raras nestes contextos funerários. É o caso do fragmento de "taça de carena baixa com ressalto espessado" obtido por violação do *tumulus* de Matafome (Sousa, 1991: 198). Enquanto alguns autores lhe advogam uma cronologia entre o Neolítico Final e o Calcolítico, a propósito da *anta* do Penedo Gordo (Cunha & Cardoso, 2003: 41 e 51), outros atribuem uma idade tardia a estas peças carenadas, apontando o 2º milénio AC (Monteiro-Rodrigues, 2016: 198)[293]. Considerados também raros, e atribuíveis ao Calcolítico inicial, são os *vasos de parede reentrante*, sub-horizontal, presentes por exemplo em monumentos próximos como Charneca das Canas (dois exemplares, Silva, 1991) e Charneca das Vinhas (um exemplar, Caninas *et al.,* 2009) e na já referida sepultura de Penedo Gordo (um exemplar, Cunha & Cardoso, 2003). Regista-se ainda a presença nas sepulturas vizinhas de Charneca das Canas e de Charneca da Vinhas e no Couto da Espanhola 6 de recipientes de fundo plano, espesso, eventualmente troncocónicos, considerados raros em contextos neo-calcolíticos. Peças de fundo plano também ocorrem para jusante, na citada sepultura do Penedo Gordo (Gavião), em sepulturas alentejanas (Cunha & Cardoso, 2003: 49)[294] e, para montante, também sobre o Tejo, na sepultura de Trincones 1 foi recolhido, no corredor, um vaso completo associado a um depósito de instrumentos de pedra polida (Bueno Ramírez *et al.,* 1999: 140). Um pequeno púcaro com asa em fita obtido na escavação da pequena sepultura de Amieiro 8 também dotado de fundo plano, não se encontrava acompanhado de outro tipo de artefactos que permitissem outorgar-lhe uma cronologia posterior ao Neolítico Final - Calcolítico Inicial, apesar da sua feição *evoluída*, tendo sido alegada analogia com outro pequeno vaso, de colo médio mas de fundo arqueado, correspondente à última utilização de Couto da Espanhola 6[295] (Cardoso *et al.,* 2003: 164 e 195).

[290] Refere-se a parte superior do recipiente que inclui o bordo.

[291] Embora em contexto não sepulcral deve referir-se a presença de fragmentos de duas taças e de um vaso globular na estrutura de sustentação do menir de Cegonhas (Cardoso *et al.,* 1995).

[292] Esta reutilização calcolítica tardia tem correspondência noutras sepulturas a nível regional como é o caso de Juan Ron 1, em Alcântara, no depósito de taça com *omphalos* e vaso campaniforme liso (Bueno Ramírez et al., 1998b: 169).

[293] Em abono de uma cronologia mais recuada para estas peças carenadas ressalta-se a semelhança entre os conjuntos líticos de Penedo Gordo (Gavião) e Matafome (Idanha-a-Nova), tanto em diversidade como em quantidade, respectivamente seis instrumentos de pedra polida em ambos os casos, maioritariamente machados, nove e quatro pontas de seta, sendo apenas uma de base côncava, e grandes lâminas retocadas. A diferença reside na desproporção de artefactos cerâmicos mas a sua escassez em Matafome pode dever-se ao facto daquele espólio ter sido obtido em escavação realizada por curiosos que podem ter desprezado ou não detectado outros exemplares mais fragmentados.

[294] Presentes também a norte como é o caso da ocorrência na Orca dos Padrões de cinco fundos planos de vasos troncocónicos que os autores atribuem ao Calcolítico final / Bronze inicial, a par de exemplares com decoração em espinha, dissociando-os de uma ocupação mais antiga do Neolítico final (Gomes & Carvalho, 1997), ou, já na região albicastrense, de um fundo plano de vaso troncocónico na ocupação calcolítica do Cabeço da Malhoeira, a par de cerâmicas decoradas, penteadas, incisas e impressas (Oliveira, 1998), e de vários fundos de vasos ovóides ou troncocónicos em Ramalhão com um cronologia entre o Neolítico final e o Calcolítico inicial (Vilaça, 1991).

[295] Neste monumento foi documentado um recipiente de fundo plano mas de forma indeterminada.

As decorações estão presentes apenas em 11% dos exemplares (de acordo com as quantidades mínimas indicadas) contabilizados no Anexo 10 correspondentes a apenas quatro sepulturas, as já referidas Charneca das Vinhas e Charneca das Canas, em Vila Velha de Ródão, e no concelho de Idanha-a-Nova as sepulturas de Granja de São Pedro e Amieiro 5. Os motivos estão representados por formas simples como o *sulco sob o bordo* (Amieiro 5 e Charneca das Canas), considerado fóssil director das produções cerâmicas da primeira metade do 5º milénio AC, com ampla repartição territorial (Neves, 2015; Cardoso, 2015), mas que perduram para além daquele período, e por padrões mais complexos, penteados, incisos e impressas. Em Charneca das Vinhas e Charneca das Canas estão presentes exemplares gravados com bandas de linhas paralelas, horizontais, verticais e onduladas, gravadas a pente, que consubstanciam modelos bem representados nas ocupações calcolíticas da Beira Interior (Oliveira, 1998; Perestrelo & Osório, 2005; Vilaça, 2008a) e figuras incisas, definindo aparentemente motivos triangulares. Um outro pequeno fragmento, inserido na câmara secundária de Amieiro 5, foi atribuído a vaso campaniforme com decoração pseudoexcisa (Cardoso *et al.,* 2003: 162), ocorrência contextualizável na área de estudo por achados decorados do mesmo ciclo cerâmico, no povoado Monte do Trigo (Vilaça & Cristovão, 1995; Vilaça, 2008a) onde estão acompanhados por outros tipos calcolíticos meridionais como os pratos de bordo almendrado e as taças de bordo espessado. No acervo cerâmico da área de estudo também estão presentes as aplicações plásticas com mamilos e asas (duas com perfuração horizontal).

Os fragmentos de taça carenada e de vaso de colo alto recolhidos em Couto da Espanhola 2 (Cardoso *et al.,* 1997a: 25) correspondem a uma reutilização tardia daquela sepultura atribuível ao 2º milénio AC. Do final do 2º ou do início do 1º milénio AC, ainda em contexto funerário mas residentes em estruturas de outro tipo, contemplam-se os seis recipientes encontrados nas chamadas *cabanas* circulares do Monte de São Domingos (Cardoso *et al.,* 1998). São estes os representantes cerâmicos mais tardios documentados em estruturas funerárias na área de estudo.

A convergência na região albicastrense, em sepulturas e em sítios residenciais, de modelos cerâmicos calcolíticos setentrionais, evidenciados por exemplo pelas decorações penteadas, e de modelos meridionais, como é o caso do prato de bordo almendrado, já salientada (Vilaça, 2008a: 57), documentam uma linha meridiana, de trânsito, de trocas e de influências, de grande amplitude geográfica e longevidade (Senna-Martinez, 2013: 178), na qual a área de estudo ocupa uma posição nodal com a via fluvial materializada no rio Tejo.

6.6.1.8. Metais

Os artefactos metálicos têm uma presença reduzida nos acervos funerários em análise (Anexo 10), embora expressem um processo de reutilização de sepulturas de génese mais antiga. Estão circunscritos, principalmente, ao território do município de Idanha-a-Nova, claramente conectados com sepulturas, e ocorrendo em níveis cimeiros do enchimento da câmara, existe um punhal de cobre, com um rebite de encabamento, atribuído ao Bronze Pleno (Cardoso *et al.,* 2003: 158 e 188) recolhido em Amieiro 2, a par de um fundo de vaso com *omphalos*, atribuído ao final do Calcolítico, uma discrepância cronológica que pode indicar duas reutilizações diferenciadas ou uma aproximação temporal entre as duas peças. Numa sepultura vizinha da anterior, em Amieiro 3, foi recolhida uma forma evoluída de ponta de seta em cobre do tipo Palmela, do Calcolítico Final ou Bronze inicial (Cardoso *et al.,* 2003: 161 e 190) e pequeno fragmento de taça, também em nível superior da câmara.

A reutilização deste tipo de sepulturas tem uma expressão mais alargada na necrópole que se dispersa pela extensa linha de cumeada entre o Couto da Espanhola e o Couto do Amieiro, com a presença de fragmento de cerâmica campaniforme em Amieiro 5 e de braçal de arqueiro sobre o *tumulus* de Couto da Espanhola 2, onde também foram documentadas cerâmicas da Idade do Bronze na respectiva câmara.

Nos casos do machado plano[296], em cobre, achado nas proximidades (distância não especificada) da sepultura de Corgos (Idanha-a-Nova), atribuído de modo inseguro ao Calcolítico/Bronze Inicial (Vilaça, 1995: 397) e do machado plano de apêndices laterais de Vale Branquinho (Castelo Branco), atribuído ao Bronze Final (Vilaça & Gabriel, 1999), achado a cerca de 400 m de distância do *tumulus* da Risca do Cuco (3048), não está demonstrada a sua relação com aquelas sepulturas. Essa relação poderá ser mais plausível no caso do eventual fragmento de machado liso, de cobre ou de bronze, achado nos "entulhos exteriores" da Pedra d´Anta (Pereira, 1933: 61).

6.6.1.9. Ossos humanos

Os achados osteológicos humanos documentados em sepulturas megalíticas restringem-se às câmaras funerárias de dois sítios de Vila Velha de Ródão (Cabeço d´Ante e Urgueira) e de um de Idanha-a-Nova (Pedra d´Anta). As condições adversas de conservação química destes materiais podem explicar a sua raridade. De acordo com a informação disponível apenas foi objecto de estudo o conjunto relativo ao Cabeço d´Ante[297], acervo que não foi possível datar por C^{14} devido à escassez de colagénio[298].

Francisco Tavares de Proença Jr refere a deposição de cadáver num *tumulus* do Ponsul mas nada mais sabemos acerca desta ocorrência, nomeadamente a sua localização e o registo de escavação, para além da citação que incluiu na introdução à sua Carta Arqueológica do Distrito de Castelo Branco (Proença Jr, 1910: V).

Finalmente numa das *cabanas circulares* do Monte de São Domingos (Cardoso *et al.,* 1998), atribuídas ao Bronze Final, foram recolhidas, dentro de recipiente cerâmico, esquírolas ósseas que documentam ritual de incineração.

6.6.2. Rituais

Começamos por caracterizar a distribuição dos artefactos rituais em cada uma das sepulturas escavadas na área de estudo, seguindo a ordem cronológica das respectivas intervenções. Este objectivo foi atingido apenas nas sepulturas que forneceram materiais com posições identificadas pelos seus escavadores. Nalguns casos o posicionamento dos diversos tipos de materiais encontra-se publicado em planta. Noutros casos ensaiou-se uma aproximação a tais posições a partir da narrativa das escavações documentadas em textos publicados.

[296] São conhecidos outros machados planos e pontas de Palmela na área de estudo, como achados isolados ou em contexto de *habitat,* nomeadamente em Castelo Branco, Fundão, Idanha-a-Nova, Escalos de Baixo, Monsanto e Vila Velha de Ródão (Vilaça, 1995: 397; Vilaça, 2008a: 64).
[297] Trabalho inédito executado pelo antropólogo Francisco Curate.
[298] Informação que se agradece ao Doutor António Monge Soares.

A pesquisa da anta da Urgueira (sítio 1045; Proença Jr, 1909)[299], em 1904, apesar de ter fornecido escasso e pouco diversificado conjunto de artefactos, formado por machados e recipientes cerâmicos, proporcionou informações preciosas em relação ao ritual funerário, graças à forma cuidadosa como foi escavada. Apesar do avançado estado de degradação do monumento, com um *tumulus* muito reduzido em altura, como as fotografias da época permitem observar, o escavador ainda encontrou ossos humanos, aparentemente coevos do uso funerário daquele monumento. Artefactos rituais e ossos humanos encontravam-se em posições bem diferenciadas (A na Figura 6.27) integrados na base de uma mesma unidade estratigráfica. No interior da câmara, em posição frontal ao corredor, junto do esteio que alinha com o circuito ortostático norte daquela última subestrutura, apareceu um fragmento craniano e pequenos fragmentos de ossos humanos, de membros superiores, a cerca de 30 cm de distância de fragmentos de dois recipientes cerâmicos. Na opinião de Proença Jr o cadáver teria sido colocado com a face orientada para o corredor estando os vasos "ao alcance dos seus membros superiores" (Proença Jr, 1909). Ligeiramente afastado para sul, ainda no interior da câmara e alinhado com o corredor, apareceu um vaso quase completo. Na parte terminal do corredor foi encontrado um depósito, em linha, formado por dois machados, um completo, outro partido no talão, e o fragmento de um terceiro, intencionalmente fragmentados na opinião do escavador. Esta fase de utilização correspondia, na opinião de Proença Jr, à deposição de um único indivíduo cujo cadáver estava directamente associado, de modo exclusivo, a recipientes cerâmicos.

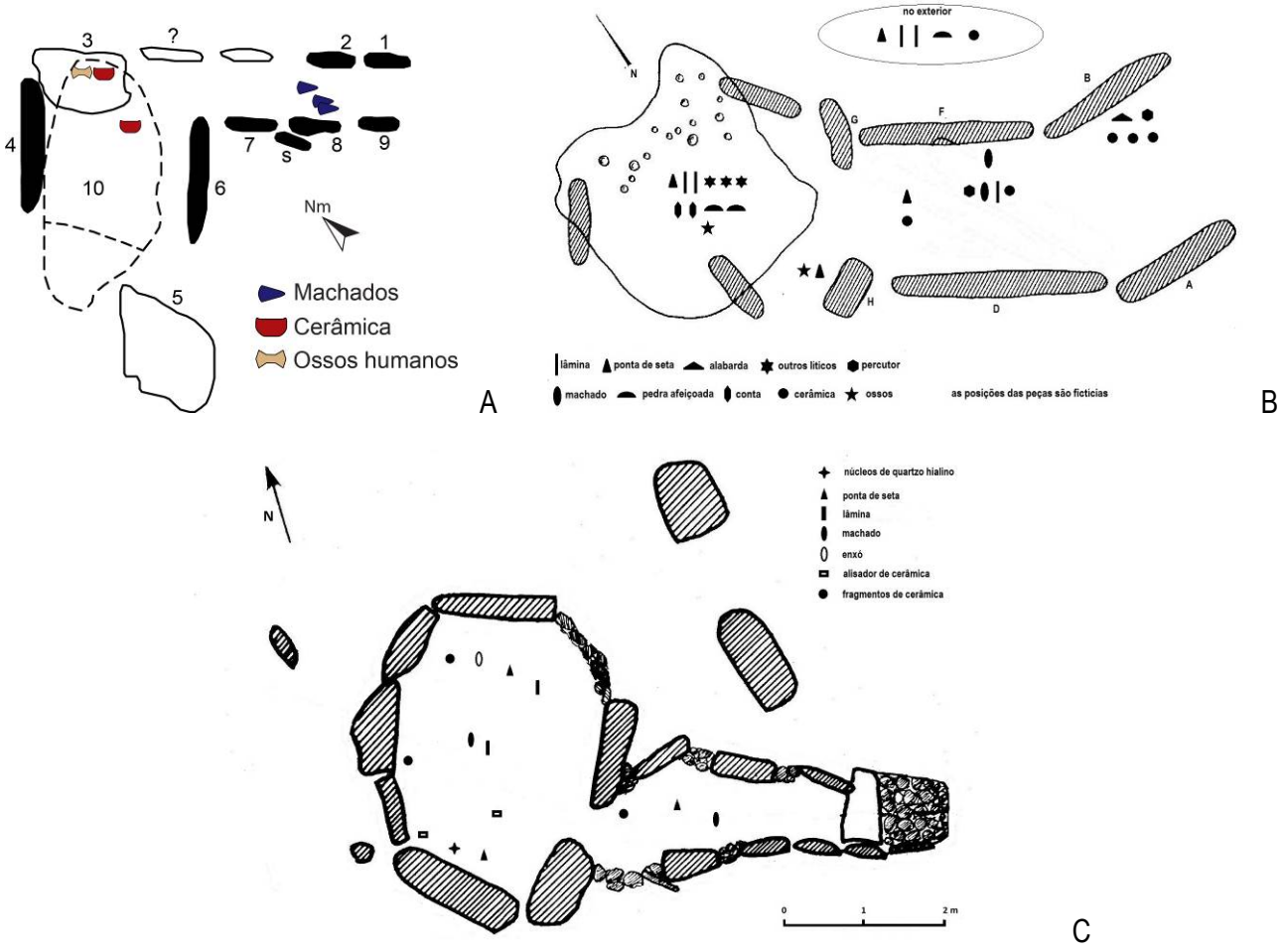


Figura 6.27. Distribuição de artefactos em plantas de monumentos escavados: (A) Urgueira (adaptado de Proença Jr, 1909); (B) Pedra d´Anta (adaptado de Pereira, 1933); (C) Granja de São Pedro (adaptado de Almeida & Ferreira, 1971).

[299] Terá sido a quarta escavação efectuada por Proença Jr em monumentos deste tipo, e a única que publicou, inserindo-se numa fase de aquisição de experiência nestes contextos. Já manifestámos estranheza pelo não aparecimento de outros artefactos nomeadamente de pedra lascada. Tal poderá dever-se à não utilização de crivo nesta escavação, circunstância que não se pôde confirmar.

Este arqueólogo, na introdução à sua carta arqueológica regional, a propósito do ritual de colocação de artefactos fragmentados, descreve outra situação que merece ser transcrita, apesar de não indicar a sepultura a que se refere: "num dos tumuli, o mesmo em que notei a disposição referida do cadáver, este estava encostado a uma das faces da galeria, deitado sobre o lado direito; na sua frente ao longo da outra face da galeria viam-se dispostos com certa ordem os objectos, algumas pontas de seta, um machado de pedra inteiro, uma machadinha de diorite, e descansando numa fenda do pavimento um vaso de barro de fundo curvo e bordos curvos parcialmente partido, com os fragmentos ao pé, não encontrando eu dentro d´esse monumento qualquer objecto, qualquer pedra que pela sua queda tivesse ocasionado a fractura" (Proença Jr, 1910: V). Esta descrição pode corresponder a um dos quatro *tumuli,* com corredor, que escavou no Ponsul em 1904 e 1907 e que, em conjunto com as cinco antas que também ali pesquisou, forneceram elevado número de pontas de seta. Contudo não é afirmativo quanto à presença de ossos. Seria um depósito secundário? Será que deduz a sua presença pretérita pelo conjunto artefactual? Neste caso, teríamos a deposição de um indivíduo associada a conjunto formado por machado, enxó (machadinha?), pontas de seta e um recipiente cerâmico.

No mesmo ano da anta da Urgueira foi escavada a Pedra d´Anta (sítio 4110) embora só tenha sido publicada quase três decénios mais tarde (Pereira, 1933). O relato proporcionado pelo seu escavador revela trabalho atento ao pormenor mas deficiente em termos gráficos, dado que não fornece planta com a posição dos artefactos recolhidos nem qualquer corte estratigráfico. A partir da descrição da escavação fez-se um ensaio de posicionamento aproximado dos materiais recolhidos, sobre planta do autor (B na Figura 6.27), baseada numa escavação que progrediu do início do corredor (*galeria*) para o interior da câmara (*cripta*) com a remoção de esteios tombados no interior da estrutura ortostática.

No início do corredor, que poderia ser originalmente aberto[300], encontrou diversos artefactos pré-históricos (uma alabarda, percutores e cerâmica) misturados com "tejolos romanos ou post-romanos", embora uma "tigelinha completa" estivesse junto da base do esteio norte. No trecho mais interno do corredor entre os esteios D e F recupera mais artefactos pré-históricos, outro vaso quase completo, possíveis percutores, machados, fragmento de lâmina mas também escória de fundição e fragmentos de *tegulae* na parte superior do enchimento. Próximo da entrada na câmara é retirada uma ponta de seta e um vaso quase completo mas não é indicada a profundidade de jazida destas peças, embora testemunhe o profundo remeximento desse enchimento. No interior da câmara, cujo sedimento evidenciava revolvimento, atendendo à presença de vidro no nível inferior (*barro*), assinala alguns ossos e uma ponta de seta junto do esteio-pilar H e, de modo indiferenciado no interior daquele espaço, ossos fragmentados, duas contas, duas lâminas, uma ponta de seta, e outros artefactos lascados e afeiçoados. A diferenciação espacial e a tipologia dos artefactos pré-históricos sugerem uma a duas deposições, quiça primárias, no interior da câmara, documentadas pela presença de ossos, que supomos humanos, e também sugeridas pela presença de duas contas de colar de maiores dimensões, que estariam em conexão mais directa com o cadáver ou cadáveres, e uma a duas deposições, eventualmente secundárias, no corredor, uma assinalada por um vaso inteiro e alabarda, perto da entrada, e a outra por dois machados e outro vaso quase completo, no trecho interno.

No exterior, decerto em resultado de violações, foram recolhidos lâminas, uma ponta de seta, cerâmica, fragmento de mó manual e outra rotativa e eventual fragmento de machado de cobre ou bronze. Além destes são recolhidos outros artefactos sem posição assinalada como uma pequena enxó de fibrolite. As

[300] Os esteios do lado norte, B e F, são da mesma altura mas o esteio A, de entrada no lado sul, é 35 cm mais baixo do que o esteio D que se lhe segue, sendo este da altura dos anteriores.

perturbações efectuadas em época romana e posteriormente estão ilustradas pela presença de cerâmica de construção, mó rotativa, vidro e escória.

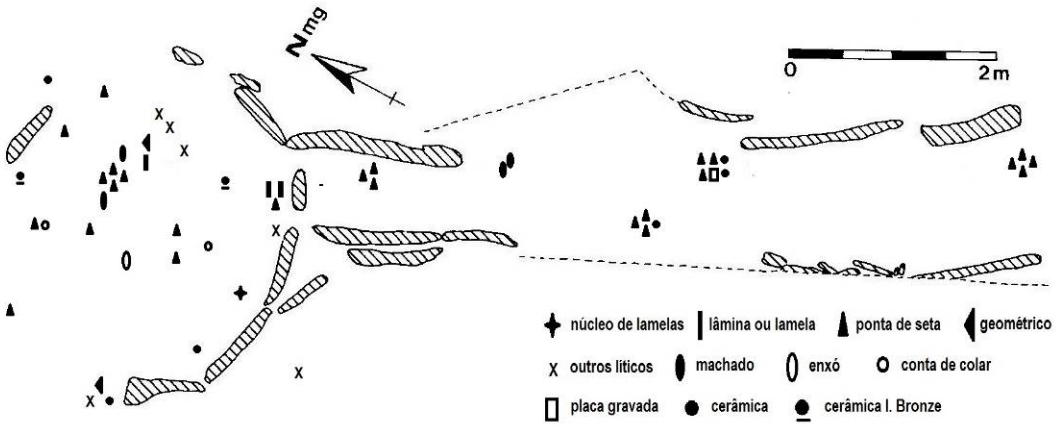
A escavação que se seguiu, suficientemente documentada e com material diversificado, ocorreu em 1969 (Almeida & Ferreira, 1971) na Granja de São Pedro (sítio, 4088, C na Figura 6.27). Os escavadores assinalam diversos artefactos em planta mas não o fazem para a totalidade das recolhas (nomeadamente outros instrumentos de pedra polida, artefacto simbólico em micaxisto e cerâmica) que também não se encontram documentadas em fotografia ou em desenho. Contudo, julgam ter identificado "dois covachos sepulcrais, irregulares, quer no contorno, quer na profundidade" (Almeida & Ferreira, 1971: 165), um do lado norte da câmara e outro do lado sul, ambos encostados a esteios, o que sugere a deposição de dois cadáveres. Afirmam que o enchimento não foi violado mas os materiais encontram-se espalhados pelo seu interior e a cerâmica reduzida a fragmentos, tal como já fora notado por Proença Jr. A distribuição em planta indica que a deposição setentrional podia conter uma lâmina, uma ponta de seta, uma enxó e cerâmica. No lado sul o conjunto é menos expressivo e mais disperso incluindo ponta de seta, alisadores de cerâmica, núcleo de lamelas e cerâmica. No centro da câmara assinalam uma lâmina e um machado que podem integrar a deposição sul, diversificando aquele em analogia com o conjunto oposto, embora o machado também pudesse fazer par com a enxó da deposição norte. A presença de um machado, uma ponta de seta e cerâmica na metade ocidental do corredor poderia indicar uma outra deposição, eventualmente de carácter secundário. Contudo, o espalhamento dos artefactos poderia corresponder a uma fase de encerramento definitivo da sepultura, tal como sugere a condenação observada à entrada, no decurso da qual os restos ósseos poderiam ter sido deslocados para outras posições. Pontas de seta, instrumentos de pedra polida e cerâmica são três tipos de artefactos presentes em três diferentes posições conectas com presumidas deposições funerárias. Refira-se a presença de cerâmica decorada (Calcolítico).

A sepultura do Couto da Espanhola 2 (sítio 4061, A na Figura 6.28), escavada 27 anos após a anterior, ofereceu um conjunto de artefactos elevado e diversificado do ponto de vista tipológico, distribuído por diversos pontos do corredor, longo, e na câmara, ampla, onde são mais numerosos (Cardoso *et al.,* 1997a).

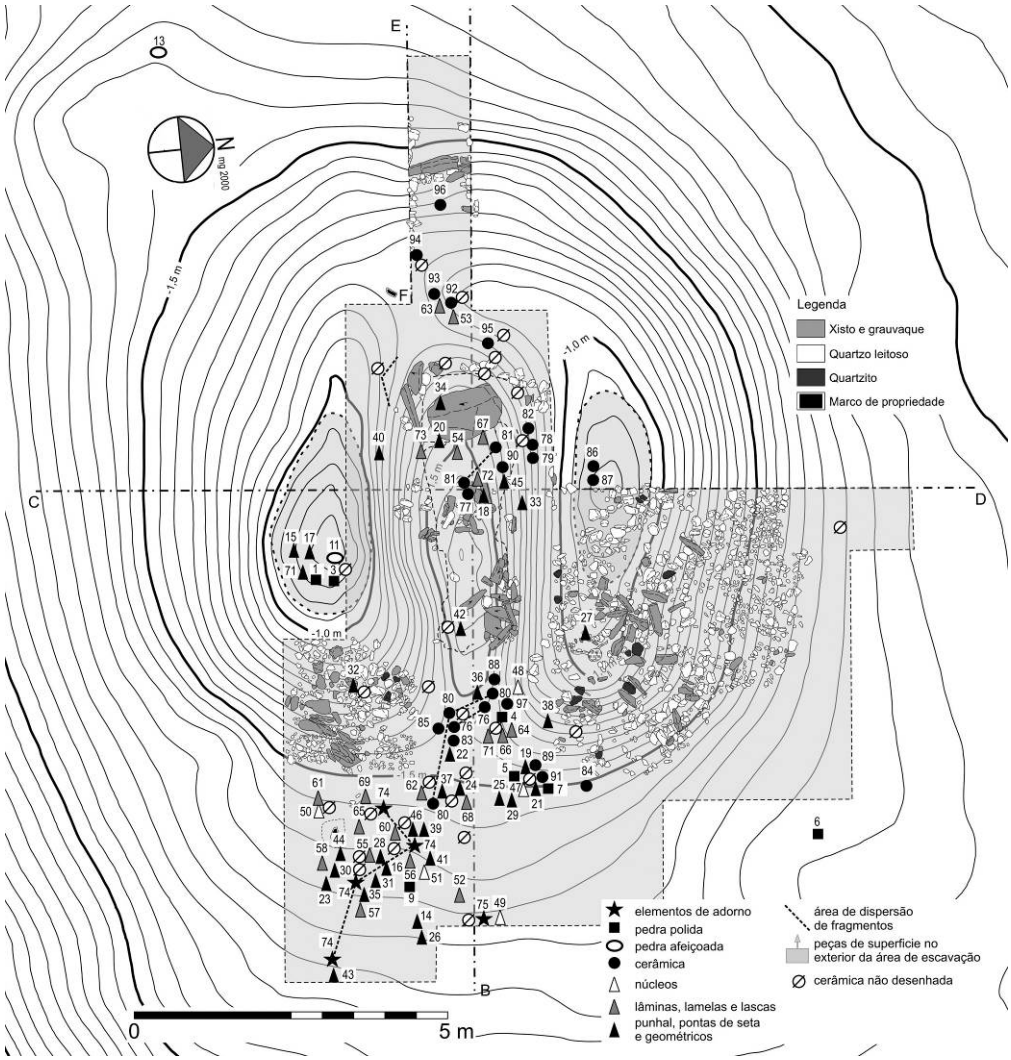
Destacam-se, em quantidade e representação espacial, as pontas de seta, de base maioritariamente não côncava, presentes ao longo de todo o monumento. No interior da câmara, num nível superior do enchimento, foram recolhidos fragmentos de uma taça carenada e de um vaso de colo alto, atribuíveis à Idade do Bronze. Sobre a mamoa, a sul da câmara, recolheu-se um braçal de arqueiro, um fragmento de mó rotativa e cerâmica de construção romana.

No interior da câmara, descentrada para norte e em posição frontal à entrada no corredor, foi encontrada uma laje de xisto, de formato subtrapezoidal, que foi interpretada como base de uma deposição funerária, atendendo à sua posição horizontal e à sobrejacência de sete artefactos, um geométrico, uma lâmina, quatro pontas de seta e um machado. Sob a laje foi encontrada outra ponta de seta. Na sua adjacência foram encontrados outros artefactos, nomeadamente um denticulado, quatro pontas de seta, um machado, um brunidor, um percutor. Em posições mais afastadas foram encontradas três pontas de seta, duas contas de colar de maiores dimensões e uma enxó. Na periferia da câmara, junto do circuito ortostático ou próximo deste, incluso em posições de onde desapareceram esteios, foram encontrados outros artefactos, nomeadamente, um núcleo de lamelas, um geométrico, uma ponta de seta, um disco espesso em xisto, um outro disco, pequeno e fino, com perfuração central, e fragmentos de cerâmica. Junto à entrada do corredor

apareceram uma lamela, um fragmento de lâmina e uma ponta de seta. É invocado o revolvimento parcial deste enchimento com o arranque de esteios.



A



B

Figura 6.28. Distribuição de artefactos em plantas de monumentos escavados: (A) Couto da Espanhola 2 (adaptado de Cardoso *et al.,* 1997a); (B) Charneca das Vinhas (adaptado de Caninas *et al.,* 2009).

No corredor foram assinaladas quatro concentrações de artefactos: em sector proximal, em relação à câmara, três pontas de seta; em trecho mesial-anterior, dois machados; em trecho mesial-posterior, um conjunto com três pontas de seta e fragmentos de cerâmica e um outro com três pontas de seta, diversos fragmentos de cerâmica e um fragmento de placa de xisto gravada; finalmente, na parte distal, no limite do circuito ortostático, quatro pontas de seta. Os escavadores agregaram estes achados de modo diverso, considerando como depósito votivo não-sepulcral o conjunto posicionado na entrada do corredor e os restantes materiais, embora dispersos por várias posições, como estando associados a uma tumulação que poderia estar originalmente onde se assinalam os machados de pedra polida. Esta dispersão é justificada com perturbações associadas ao arranque de esteios na parte mesial do corredor, desde talvez a época romana.

Atentemos numa característica que se repete em quatro posições distintas no corredor e no interior da câmara, sobre a laje sepulcral: a existência de concentrações de três e de quatro pontas de seta. Estas ocorrências estão bem diferenciadas no interior do monumento, com um significado e uma existência que nos pode ajudar a discriminar depósitos específicos. Numa sepultura complexa como esta, devemos admitir a possibilidade de terem existido deposições primárias e secundárias (com ou sem ossários), isto é, depósitos não-sepulcrais e depósitos sepulcrais, com cadáver ou ossário, associados a diferentes conjuntos de artefactos relacionados com diferenciações de estatuto, de género ou de idade. É óbvio que a ausência de restos humanos aumenta a dificuldade em compreender estas deposições. Como opção interpretativa, admitimos, tal como os escavadores, que os dois conjuntos monotemáticos de três e de quatro pontas de seta, situados em posições extremas do corredor, possam indicar deposições não funerárias, no sentido de dissociados de ossos humanos, principalmente o periférico em espaço mais aberto ao exterior e talvez aéreo (corredor intratumular). Os três conjuntos assinalados no segmento médio do corredor poderiam indicar uma tumulação (primária) dispersa por intrusões posteriores ou, em alternativa, indicarem dois a três depósitos secundários, se rejeitarmos a hipótese dispersiva e atendermos à distância que se observa entre eles[301]. No interior da câmara foi assinalada uma concentração de artefactos sobre laje horizontal com uma dispersão de outros materiais em toda a volta até ao circuito ortostático. A concentração, potenciada pela presença de um geométrico, uma lâmina, quatro pontas de seta e um machado podia estar associada a um cadáver. Este pacote poderia completar-se com peças dispersas[302] na adjacência, como um denticulado, outras quatro pontas de seta, outro machado, um brunidor e um percutor. Mas ficaria também bem composto com pelo menos uma grande conta de colar encontrada em posição mais afastada. Verifique-se uma analogia de quantidades entre esta suposta deposição na câmara e a já referida na parte mesial do corredor, em ambos os casos com dois machados e respectivamente sete e oito pontas de seta. O restante material, disperso na câmara, incluindo uma enxó, uma segunda conta de colar e diversas pontas de seta, poderia corresponder a outra deposição primária, eventualmente mais antiga e dispersada ritualmente.

A escavação executada em 2000-2001 na Charneca das Vinhas (sítio 1010, Caninas *et al.,* 2009) proporcionou um acervo móvel (Figura 6.28) caracterizado por elevada quantidade de cerâmica, maioritariamente em fragmentos, mas incluindo alguns vasos quase completos, e também por numerosas pontas de seta tal como observado na sepultura anterior. Os materiais foram documentados na parte interna do monumento, na câmara e no corredor, mas concentravam-se na entrada e em espaço de átrio imediatamente a sul do eixo do corredor. Foram identificados dois depósitos sobre o coroamento da mamoa, resultantes de violação, e materiais dispersos sobre aquela ou na envolvente. Finalmente, foram recolhidas peças na base da mamoa em área atingida por sanja radial (cerâmica, lasca retocada e microdenticulado).

[301] Distâncias de 1,5 m e 2 m entre os dois machados e os outros dois conjuntos.
[302] Eventualmente pela entrada de um necrófago no interior da câmara.

Foi possível fazer remontagens de recipientes cerâmicos e de uma placa gravada de xisto que indicam dispersões inferiores a 1 m (um vaso na câmara e outro na entrada do corredor) e afastamentos máximos de 2,5 m, entre fragmentos de outro recipiente cerâmica, na entrada do corredor, e de 3 m entre quatro fragmentos de uma placa de xisto gravada.

Na área correspondente à câmara foram encontradas duas lâminas completas, um fragmento de uma outra, uma lasca retocada, quatro pontas de seta, um furador, uma truncatura e fragmentos de sete diferentes taças de pequenas dimensões ou de diâmetro indeterminado. Na crivagem do depósito de violação, colocado no lado sul do coroamento da mamoa, foram encontrados duas pontas de seta, um punhal, um fragmento de machado, uma enxó, um dormente de mó e cerâmica. Distanciado cerca de 3 m do centro da câmara, este material poderia ser proveniente daquele local, sendo aquela distância compatível como o lançamento de terra com recurso a pá. Este conjunto poderia configurar uma deposição tumular com pacote artefactual diversificado, incluindo pedra afeiçoada, pontas de seta e vasos de cerâmica, repetindo os tipos observados em situações anteriores. Na entrada do corredor com dispersão para o seu exterior, delimitou-se outro conjunto de materiais, conectados pela distribuição dos fragmentos de dois recipientes cerâmicos. Nele se incluem um núcleo de lamelas, cinco lâminas completas ou partidas, quatro pontas de seta, uma enxó e diversos fragmentos de cerâmica, de pelo menos seis vasos, incluindo um esférico, um vaso de bordo reentrante e restos de três vasos de fundo plano. Atendendo à panóplia disponível arriscamos interpretar este conjunto como estando associado a um depósito ritual ou secundário.

Configurando aparentemente um outro depósito junto da mamoa, a norte do eixo do corredor, em espaço que qualificamos como correspondente ao átrio, foram identificadas quatro pontas de seta, uma esquírola, duas peças afeiçoadas, uma de qualificação indeterminada e outra reutilizada como sacho ou percutor, e fragmentos de cerâmica de diferentes vasos incluindo um de base plana. Finalmente, identificou-se um outro conjunto situado no lado sul do átrio, em relação ao eixo do corredor, adoptando o mesmo critério de agregação representado pela dispersão dos quatro fragmentos de uma placa de xisto gravada. Nesta posição foram recolhidos, além de fragmentos da referida placa de xisto, uma esquírola retocada, uma truncatura retocada, quatro lascas, em sílex e em quartzito, uma das quais retocada, três núcleos de lamelas, fragmentos de quatro lâminas, fragmento de lamela, três geométricos, oito pontas de seta, uma enxó, uma conta de colar espessa e cerâmica indiferenciada. Como hipótese interpretativa, e admitindo a correlação entre conjuntos de quatro pontas de seta e uma tumulação, reforçadas pela presença de uma enxó, uma conta e uma placa de xisto, sugere-se a interpretação deste conjunto em correspondência com deposições secundárias de duas tumulações retiradas do interior.

A sepultura megalítica de Cão do Ribeiro (sítio 2005) foi escavada em 2012 e 2014[303] e a investigação proporcionou um acervo de artefactos (serão referidos por tipologia sem esclarecimento acerca do seu estado de conservação, completo ou em fragmento), numeroso e diversificado, conforme documentado em planta (Figura 6.29). Os detalhes da escavação, nomeadamente a posição estratigráfica dos materiais indicados, serão divulgados em monografia em curso de elaboração. Contudo, é possível afirmar que estes materiais se encontravam em três condições de jazida: na câmara, parte do acervo móvel estava deslocado por revolvimentos do seu enchimento, como exemplifica a colagem entre dois fragmentos de uma placa de grés, um dos quais jacente na parte proximal do corredor; a maioria dos artefactos recolhidos no corredor

[303] Escavação dirigida por João Caninas com a participação de Mário Monteiro, Francisco Henriques, Emanuel Carvalho, Cátia Mendes, Mário Pinto e Vânia Pirata. O apoio financeiro para a execução desta intervenção foi proporcionado pela Câmara Municipal de Proença-a-Nova e por EMERITA Lda.

ortostático estava *in situ,* sobretudo junto da base dos esteios do alinhamento norte; no corredor intratumular (na acepção de Cruz, 2001), a maioria dos artefactos também estava *in situ*, sobre ou no interior de uma subestrutura do tipo empedrado, embora se tenha feito colagem de fragmentos de duas placas de xisto gravadas, que se encontravam espalhados[304] na superfície da mamoa e em entulhos situados no lado sudeste do corredor.

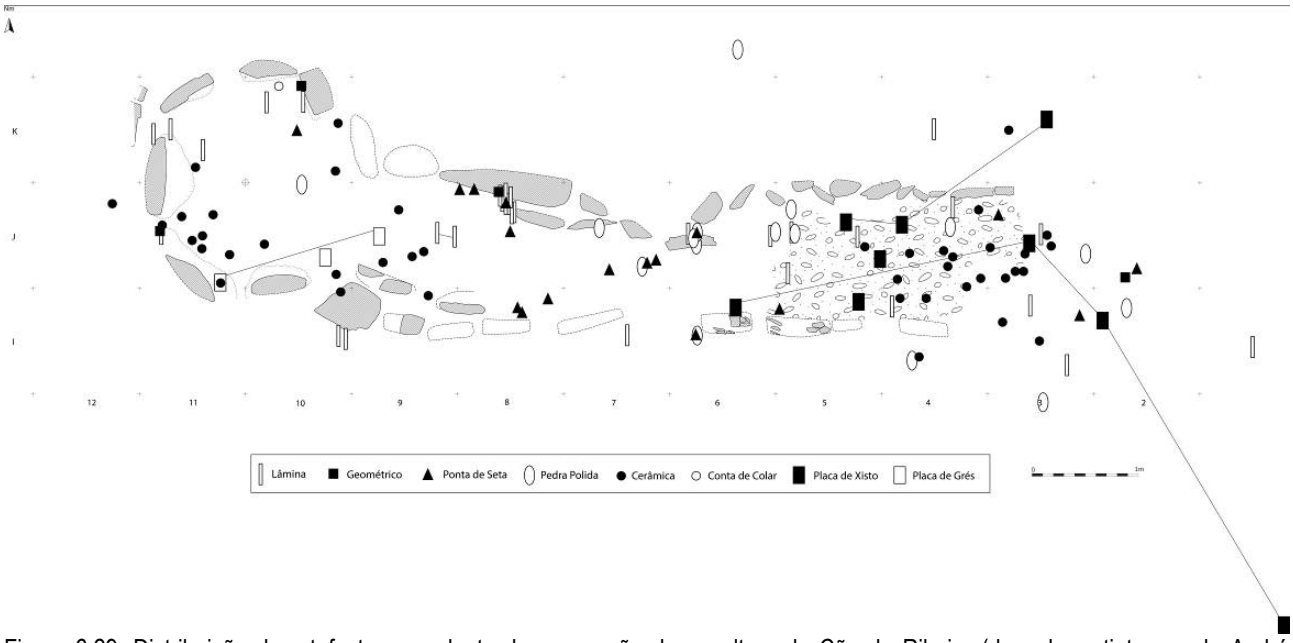


Figura 6.29. Distribuição de artefactos em planta da escavação da sepultura do Cão do Ribeiro (desenho e tintagem de André Pereira).

A informação disponível indica que as lâminas, um tipo abundante, se distribuem por todo o monumento, no lado norte da câmara, no corredor ortostático, no corredor intratumular e no exterior deste. As pontas de seta têm a mesma distribuição, embora sejam mais numerosas no corredor intratumular e estejam reduzidas a um exemplar na câmara. Os machados e enxós concentravam-se no corredor intratumular e na transição deste para o ortostático, existindo um único exemplar na câmara. Ao invés, os artefactos simbólicos e a cerâmica apresentavam uma distribuição bem diferenciada nos vários sectores da sepultura. Os fragmentos de quatro placas de xisto gravadas estavam associados ao empedrado existente no corredor intratumular, e uma delas, fragmentada na parte superior, estava condenada neste empedrado, com a face gravada voltada para baixo. Em contraste, os únicos fragmentos das duas placas de grés identificadas estavam situados no interior da câmara, no lado sul. A cerâmica também se concentrava no interior sul da câmara, com espalhamento para o lado proximal do corredor, e no empedrado existente no corredor intratumular. No lado norte da câmara foi recolhida uma conta de colar.

Os materiais recolhidos na câmara e a reduzida dimensão desta sugerem pelo menos uma deposição funerária no seu interior utilizando como indicadores dessa individualização um instrumento de pedra polida e uma conta de colar, a que acrescem duas placas de grés, seis lâminas, uma ponta de seta, dois geométricos, em alvéolos, e fragmentos de cerâmica em onze posições. No corredor ortostático, fechado, foram registados materiais em diferentes posições de difícil individualização e compreensão, com destaque para uma concentração de lâminas, com um geométrico e uma ponta de seta e mais três espalhadas nas proximidades, cujo significado poderá estar dissociado de uma deposição humana. Noutros pontos do corredor ortostático

[304] Amplitudes de dispersão de 2,3 m e 7,5 m provocadas supostamente pela remoção do circuito ortostático sul do corredor com uma retroescavadora num passado recente.

podem individualizar-se outros conjuntos, com diferentes graus de dispersão, três pontas de seta no lado sul, dois machados e três pontas de seta no lado norte e três machados, uma ponta de seta e uma lâmina no estrangulamento para o trecho intratumular. Os fragmentos de cerâmica e a lâmina registados no lado proximal do corredor ortostático podem relacionar-se com uma dispersão a partir da câmara. A situação observada no corredor intratumular e em especial sobre o empedrado parece relacionar-se com rituais diversos incluindo a condenação de espólios retirados do interior da câmara como sugere a presença da referida placa gravada de xisto ali colocada partida com a face gravada voltada para baixo[305]. Não se admitindo como plausível a realização de deposição funerária, primária, sobre este empedrado, em espaço aberto, voltado para o exterior, pode concluir-se que: a última deposição primária teria sido realizada na câmara, associada a placas de grés; as placas de xisto, em número de quatro, poderiam corresponder a quatro deposições funerárias antecedentes da que se realizou na câmara. Os materiais encontrados no corredor intratumular, incluindo os que se espalhavam para o seu exterior sobre entulhos recentes[306], integram, além das placas de xisto gravadas, onze lâminas, um geométrico, cinco pontas de seta, dez machados e cerâmica em vinte posições[307].

A sepultura do Cabeço d´Ante (sítio 1005) foi escavada entre o final de 2014 e 2016[308], com resultados ainda inéditos. Este monumento estava menos protegido do que os anteriores, devido à quase ausência de mamoa, em situação só equivalente à da anta da Urgueira. Contudo, revelou um acervo móvel numeroso e diversificado (Figura 6.30). Em quantidade destacam-se 47 pontas de seta (Anacleto, 2017), com bases maioritariamente não côncavas, fragmentos de 14 lâminas, onze geométricos, três lamelas e um núcleo de lamelas em quartzo hialino. A pedra polida está representada por dois machados e duas enxós. Os artefactos simbólicos estão representados por um mínimo de quatro diferentes exemplares, com fragmentos de uma placa de arenito, de uma placa de metassedimento de cor clara gravada bifacialmente, da parte superior de um ídolo antropomórfico e sete pequenos fragmentos de placa ou placas gravadas em xisto ardosiano. Os adornos estão representados por quatro pendentes, um conta grande em matéria anegrada, dez pequenas contas verdes e sete pequenas contas discóides em metassedimento. A cerâmica, em fragmentos que ainda não foi possível montar, ocorreu em 34 diferentes posições e os ossos humanos[309] também fragmentados apareceram em 13 posições diferentes. Foram recolhidos outros artefactos líticos não discriminados em planta.

Ao invés dos casos anteriores revela-se mais complexo discriminar conjuntos de artefactos com hipotética associação a corpos ou ossos humanos ali depositados. Porém, observa-se muito claramente uma concentração de materiais na metade sul da câmara, oposta à entrada não convencional que se identificou no lado nordeste. A menor quantidade de materiais registados no lado norte-poente da câmara, excepto sob grande esteio tombado para o seu interior, e a dispersão de outros no exterior, poderá explicar-se pela profunda violação ocorrida nesse sector, com a abertura de uma cavidade até à base do esteio que ladeava a câmara no lado nor-nordeste, talvez com o intuito de o arrancar atendendo à sua ausência. Embora menos expressiva documentou-se também uma concentração de materiais no corredor no trecho adjacente aos dois esteios que se conservaram no lado sul, *in situ*. Este alinhamento era prolongado por esteios de menores

[305] Comparável será a deposição de espólio funerário numa fossa em posição frontal ao corredor da Anta Grande do Zambujeiro (Soares e Silva, 2010).
[306] No decurso da escavação não foi identificado átrio, nem património móvel ou estrutura associada.
[307] Ainda não foram feitas remontagens destes fragmentos para identificação da quantidade de vasos presentes.
[308] Escavação dirigida por João Caninas com a participação de Mário Monteiro, Francisco Henriques, Francisco Curate, Emanuel Carvalho, Cátia Mendes e Catarina Gil. O apoio financeiro para a execução desta intervenção foi proporcionado por CELTEJO, Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão e EMERITA Lda.
[309] Em estudo pelo antropólogo Francisco Curate.

dimensões, ausentes, configurando estrutura intratumular. No lado norte não se conservou nenhum esteio no corredor mas foram identificados os seus alvéolos. A exemplo do ocorrido na câmara também se documentou dispersão de artefactos para norte do corredor, espalhamento que terá sido potenciado pelo arranque dos esteios desse lado e eventualmente pela projecção de terras naquela direcção antes ou depois desse arranque. A lavoura também pode ter contribuído para esse espalhamento devido à ausência de barreira de esteios no lado norte. Fora do corredor para nascente os artefactos são muito escassos pelo menos na área adjacente que foi escavada, até à rocha.

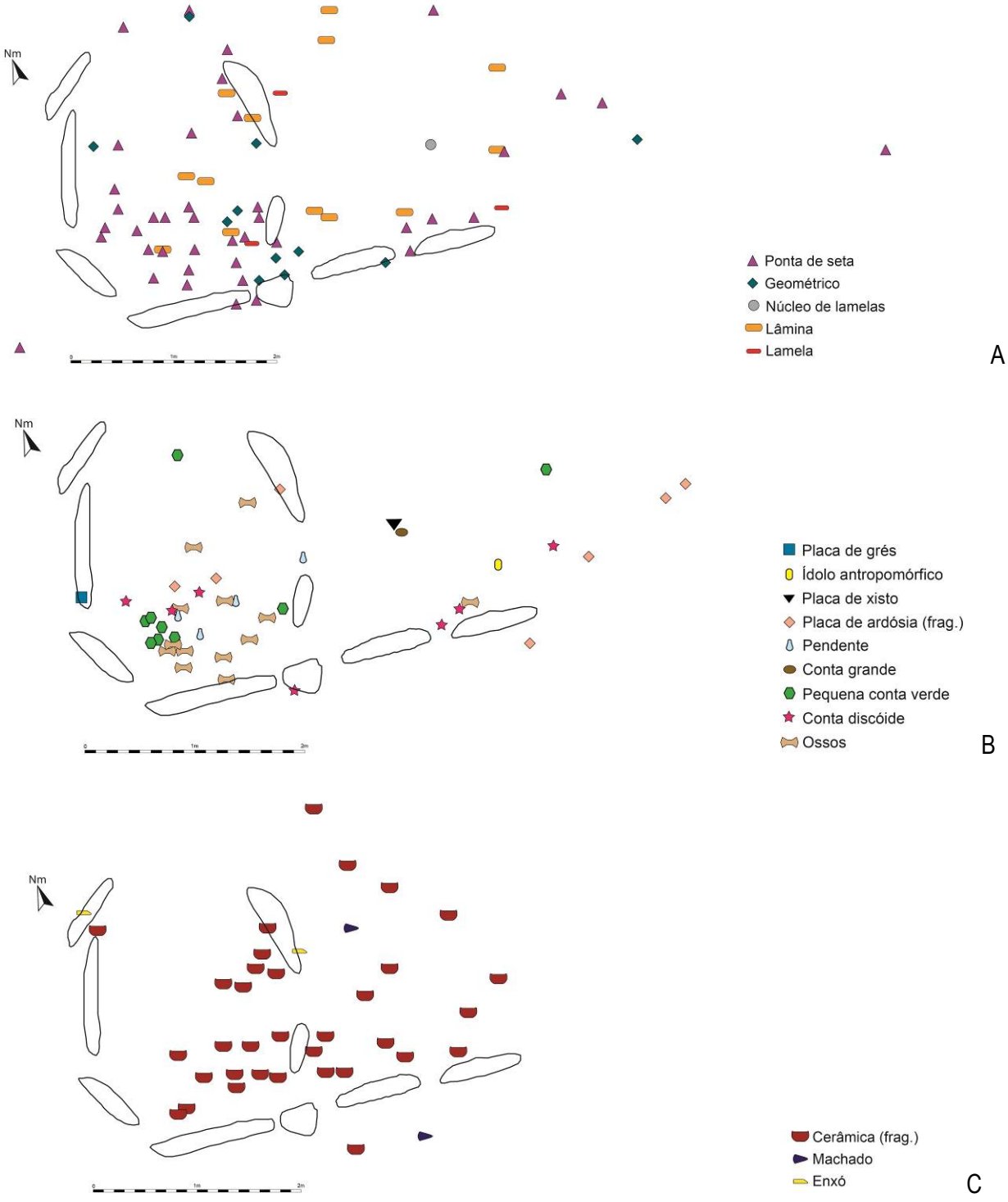


Figura 6.30. Distribuição de artefactos em planta do Cabeço d´Ante (inédito, falta editar a planta final de escavação, tintagem de Mário Monteiro).

Uma análise mais fina da distribuição dos vários tipos de materiais proporciona alguns contrastes embora esteja prejudicada pela não consignação da sua correlação com as diferentes unidades estratigráficas identificadas em escavação. Em primeiro lugar refira-se um ossário[310], constituído por alguns ossos longos, pertencentes, aparentemente, a um mesmo indivíduo jovem do sexo feminino, identificado junto ao esteio lateral sul da câmara. Além dessa concentração os fragmentos ósseos espalhavam-se sobretudo para leste em direcção à passagem para a corredor e a quase 2 m de distância desta passagem apareceu um outro fragmento no corredor. Grande parte dos artefactos encontrados neste sector estará em associação com aquela deposição, sem prejuízo de uma correspondência com outras deposições mais antigas, não evidenciadas por restos ósseos. Pela proximidade destacam-se oito pequenas contas verdes e quatro contas discóides que poderiam fazer parte de um mesmo colar em associação com um dos quatro pendentes encontrados neste mesmo espaço, admitindo uma associação um pendente-um cadáver.

A presença de duas enxós e de dois diferentes tipos de artefactos simbólicos, um de grés e pelo menos um outro evidenciado por fragmentos em xisto ardosiano poderiam sugerir de dois (uma enxó e um artefacto simbólico por deposição) a quatro (dois com enxós e dois com artefactos simbólicos) corpos depositados eventualmente em momentos diferentes. Os restantes artefactos, 37 a 38 pontas de seta, sete a oito geométricos, seis lâminas, duas lamelas poderiam distribuir-se por aqueles diferentes pacotes. A cerâmica, em fragmentos, tem um padrão de distribuição idêntico. Contudo enquanto não obtivermos a correlação estratigráfica destas peças é prematuro afirmar estas agregações, por ora meramente especulativas. A existir mais do que uma deposição deve admitir-se que as diferenças de estatuto, idade ou género podem ter implicado pacotes artefactuais diferenciados.

No corredor há uma concentração de artefactos, na parte melhor preservada do seu enchimento, com quatro pontas de seta, uma lâmina, uma lamela, fragmentos de placa de xisto ardosiano e de um ídolo antropomórfico, três contas discóides, fragmentos cerâmicos, ossos humanos e um machado no lado oposto do esteio de corredor adjacente àqueles achados. Fora do corredor, para norte e para leste, talvez com origem neste, foram recolhidas cinco pontas de seta, seis lâminas, um geométrico, um núcleo de lamelas, um machado, uma conta verde, uma grande conta anegrada, fragmentos de placa de xisto ardosiano e outro de cor clara e cerâmica. Os dois diferentes tipos de artefactos simbólicos e os dois machados sugerem no conjunto duas deposições.

Conforme apresentado em anteriores apartados, na área de estudo foram escavados outros monumentos com pacotes artefactuais de menores dimensões. Passamos a apresentar aqueles casos que pelas circunstâncias da escavação arqueológica, pelo estado de conservação das sepulturas e pela diversidade de materiais nelas depositados nos parecem mais informativos acerca do ritual funerário.

Em Eira da Vinha (sítio 1012), na câmara foram recolhidos um machado, uma enxó[311] e uma lasca triangular, retocada numa face, duvidosamente qualificada como geométrico. Na estrutura monticular, na sua superfície ou nos interstícios pétreos, foi identificado um machado com vestígios de uso, talvez reutilizado como material de construção do *cairn*, tal como diversos fragmentos de dormentes e de moventes, e foram também encontrados fragmentos de recipientes globulares e hemisféricos. (Santos & Figueira, 2011). O par machado-

[310] A possibilidade da sua datação por C^{14} foi avaliada por António Monge Soares com um resultado negativo por insuficiência de colagénio.

[311] Este caso pode configurar o conjunto *machado + enxó*, identificadador de uma deposição, observado em pequenas câmaras sem corredor do Alentejo Central (Leisner, 1983: 11) e em Poço da Gateira 1 (Reguengos de Monsaraz), reafirmado por V. Gonçalves (1992: 98) como sendo "talvez um dos aspectos mais importantes do ritual".

enxó sugere uma deposição. Uma vez que é admitida a profanação do monumento, talvez na época romana, com hipotético arranque de hipotética estrutura ortostática não documentada ao nível de fundações apesar da presença de um esteio completo (ou estela), a cerâmica poderia estar associada àquela deposição.

A escavação de Amieiro 2 (sítio 4006) revelou conjunto pouco expressivo (Cardoso *et al.,* 2003) com vaso hemisférico em nível inferior da câmara, dissociado de dois manchados colocados no corredor. Foram documentadas utilizações mais recentes, talvez funerárias, em nível superior de enchimento da câmara, com materiais atribuíveis a lapso de tempo entre o Calcolítico Pleno e o Bronze Pleno, casos de fragmento de prato com *omphalos*, e de punhal de cobre, de encabamento rebitado.

A escavação da câmara principal de Amieiro 5 (sítio 4009), apesar do revolvimento que pode ter amputado o acervo ritual original, forneceu um conjunto de artefactos mais coerente, indicativos de uma a duas deposições, nomeadamente, duas pontas de seta, uma lâmina, uma lamela, uma placa de xisto ardosiano quase completa e fragmento de uma outra, em grauvaque, ambas com perfurações e decoração, e fragmento de taça hemisférica (Cardoso *et al.,* 2003). De igual modo, o achado de fragmento de taça em calote e de ponta de seta em cobre, tipo Palmela, podem documentar uma utilização funerária do final do Calcolítico (Cardoso *et al.,* 2003) na câmara de Amieiro 3 (sítio 4007).

Na mesma área, a pesquisa da sepultura do Amieiro 8 (sítio 4012) forneceu outro pequeno conjunto artefactual em câmara aparentemente não violada (Cardoso *et al.,* 2003), associado aparentemente a uma única deposição, constituído uma ponta de seta, um geométrico, uma lamela e um púcaro com asa, de base plana. Sobre o *tumulus* foram recolhidos, uma pequena conta discóide, um geométrico, um machado fragmentado, reutilizado como percutor, e outros fragmentos de cerâmica, cuja presença é admitida em associação a rituais que ali tiveram lugar (Cardoso *et al.,* 2003) e que correspondem em parte, aos tipos de existências documentadas sobre as estruturas monticulares de outras sepulturas. Contudo, o estado incompleto do púcaro encontrado no interior da câmara e a presença de uma conta de colar sobre o *tumulus*, juntamente com um geométrico e um machado, também podem indicar que tivesse havido remoção de deposição antecedente ou uma violação da sepultura com remoção, para o exterior, de parte do depósito artefactual (pelo menos a conta e o geométrico).

A escavação da pequena sepultura do Couto da Espanhola 6 (sítio 4065) revelou aparentemente duas fases de utilização diferenciadas ao nível do acervo móvel e da utilização do espaço, com reformulação arquitectónica associada à passagem da câmara de um formato oval a sub-rectangular por imposição de um septo longitudinal (Cardoso *et al.*, 1995b). Uma fase de utilização mais antiga estaria representada por dois geométricos, uma lâmina, uma lamela e machado espesso, estando ausente a cerâmica. A uma fase ulterior de utilização correspondiam um machado, uma enxó e fragmentos de cinco diferentes tipos de vasos, incluindo taças hemisféricas, taça de fundo aplanado e taça carenada. Os dois conjuntos podem ter correspondido a deposições individuais.

Como último caso, refira-se a sepultura do Cabeço da Forca (sítio 4039), acerca da qual não se dispõe de planta com distribuição do espólio recolhido mas acerca da qual importa referir um depósito ritual não associado a cadáver constituído por dez instrumentos de pedra polida (machados e enxós) na parte terminal do corredor junto à passagem para a câmara (Cardoso *et al.,* 2003).

Tabela 6.8. Distribuição de conjuntos de artefactos no interior de sepulturas escavadas

Sítios	Posição	Tipos de artefactos								
		Ossos humanos	Adorno	Artefacto simbólico Xisto ● Arenito ○	Machado ● Enxó ○ Outros Ø	Ponta seta ● Geométrico ○ Punhal ou alabarda Ø	Lâmina ● Lamela ○ Núcleo de lamelas Ø	Cerâmica	Metais	Outros tipos
Urgueira (1045)	câmara	●						●		
	corredor				●					
Pedra d´Anta (4110)	câmara	●	●			●	●			●
	corredor				●	●	●	●		●
						Ø		●		●
Granja de São Pedro (4088)	câmara				●	●	● Ø	●		●
					○	●	●	●		
	corredor				●	●		●		
Couto da Espanhola 2 (4061)	câmara		●		●○	●○	●Ø	●		●
	corredor					●				
					●					
						●		●		
				●		●		●		
						●				
Charneca das Vinhas (1010)	câmara					●	●	●		●
	câmara (?)				●○	●○		●		●
	átrio-corredor				○	●	● Ø	●		
	átrio (norte)				Ø	●		●		●
	átrio (sul)		●	●	○	●○	● Ø	●		●
Cão do Ribeiro (2005)	câmara		●	○	●	●○	●	●		
	corredor orto				●	●○	●	●		
	corredor intra			●	●	●○	●	●		
Cabeço d´Ante (1005)	câmara	●	●	●○	○	●○	●○	●		●
	corredor	●	●	●	●	●○	●○Ø	●		●
Eira da Vinha (1012)	câmara				●○	○				
	mamoa				●			●		●
Amieiro 2 (4006)	câmara							●		
	câmara							●	●	
	corredor				●					
Amieiro 3 (4007)	câmara							●	●	
Amieiro 5 (4009)	câmara			●		●	●○	●		
Amieiro 8 (4012)	câmara					●○	○		●	
	mamoa		●		●	○			●	
Couto da Espanhola 6 (4065)	câmara				●	○	●○			
	câmara				●○			●		

6.7. Cronologia

6.7.1. Introdução

É com relutância que encaramos a abordagem cronológica das estruturas funerárias da área de estudo, fundamentalmente, por (ainda) não dispormos de datas absolutas para este conjunto regional. Mas não

evitaremos fazê-lo porque o tempo e os faseamentos correspondem a abordagens essenciais da realidade arqueológica. Podemos fazer estimativas, para o conjunto restrito de sepulturas que foram pesquisadas com recurso a escavação, por comparação com as tendências e descontinuidades identificadas em conjuntos regionais próximos, ao nível das tipologias arquitectónicas e dos acervos móveis, cientes das limitações desse método, inerentes à variabilidade inter-regional e à perturbação provocada por acções, inversas, de reutilização/trasladação (Rocha, 2005).

O processo funerário que nos interessa abordar neste apartado tem uma diacronia longa, de vários milénios, - ultrapassando a especificidade megalítica que podemos qualificar de epifenómeno -, durante a qual são observáveis mudanças significativas, ao nível das arquitecturas, dos estatutos funerários e dos rituais, da sua organização e implantação no território, embora se identifiquem também caracteres invariantes que lhes conferem uma continuidade conceptual e simbólica – referimo-nos novamente à ubiquidade das subestruturas monticulares e à morfologia circular.

Estabelecidos marcos temporais, por comparação de afinidades estruturais e artefactuais, tenderemos a caracterizar a diacronia deste processo numa perspectiva evolutiva, cientes que o desenvolvimento teórico da Arqueologia se relacionou com "as primeiras ideias sobre evolução" (Johnson, 2010:169) e das críticas, pós-processuais, ao evolucionismo cultural, como caminho universal para a complexificação, por indiferença ao particularismo, à excepção ou ao impacte do difusionismo na mudança cultural (Johnson, 2010:177-178). De qualquer modo, porque entendemos que diferentes teorias da Arqueologia "são compatíveis e podem ser integradas numa visão mais abrangente do passado" (Alarcão, 1996:7), porque aplicáveis a âmbitos e planos de abordagem diferenciados, e por isso complementares, tentaremos esboçar um olhar evolutivo sobre este conjunto regional, embora condicionado pelo estado actual dos nossos conhecimentos.

Neste âmbito, tem sido contestada a preponderância para explicações lineares, necessariamente simplificadoras da realidade, que preferimos encarar como um modo de evidenciar tendências de mudança, nomeadamente das formas simples para as complexas e novamente para as simples, da individualidade para pluralidade e novamente para a individualidade, ou de outro modo, da menor dimensão para a maior dimensão e novamente para a menor dimensão, ou dito ainda de outro modo, da invisibilidade para a monumentalidade e novamente para a invisibilidade. Esta perspectiva, simplificadora, parece traduzir uma tendência geral, observável no território português e noutras geografias, embora existam outros processos evolutivos[312]. Relevamos que esta tendência ganha verossimilhança qualificando o processo (funerário) com caracteres polimórficos, ou seja, reconhecendo a sincronia entre estruturas com diferenças morfológicas ou rituais, sejam sepulturas ou construções semelhantes que acolheram rituais não identificados, por não terem conservado vestígios materiais duráveis, mas considerados não funerários. Foi esse, por exemplo, um dos contributos da escola de campo da Serra da Aboboreira (Jorge, 1987c), que se repercutiu noutros conjuntos regionais, sobretudo no Centro e no Norte do território continental de Portugal.

O objectivo de datar momentos e de estabelecer faseamentos, delimitadores de invariâncias face a mudanças, deve aplicar-se de igual modo aos tempos de construção (reconstrução) e de utilização (e reutilização). E neste âmbito deparamo-nos com o problema da preponderância de datações conectas com a utilização funerária ou ritual do monumento, que não serão as mais antigas, com acções terminais de selagem ou condenação de substruturas[313], como os átrios e corredores intratumulares, ou com momentos

[312] No sul de Espanha as estruturas funerárias mais antigas, em cavidade natural e em fossa, atribuídas à primeira metade do 5º milénio AC, são de carácter colectivo (García Sanjuán *et al.,* 2011: 145).
[313] A construção, a utilização e a condenação ou encerramento consubstanciam as três principais fases da "vida útil" de uma sepultura megalítica.

antecedentes cuja coalescência temporal à construção primária tem sido difícil de estabelecer. Resulta daqui que, pelo menos no que concerne às arquitecturas, nos falta um conjunto cronométrico expressivo para as datas mais antigas, nomeadamente no Sul de Portugal e em pequenas sepulturas consideradas pioneiras ou proto-megalíticas. A aposta na datação por Luminescência Opticamente Estimulada de superfícies de rochas e de sedimentos (Lopéz-Romero, 2011), directamente relacionadas com o processo construtivo, poderá ajudar a ultrapassar aquela lacuna cronométrica[314], eliminando, por outro lado, muitas das limitações associadas aos métodos correntes de datação e respectivas amostras.

De facto, são múltiplos os factores que condicionam a significância das datas absolutas, obtidas maioritariamente sobre amostras vegetais carbonizadas[315], como já foi discutido para contextos funerários ao ar livre (Soares, 1999; Cruz, 2001: 229-234; Boaventura, 2009). Ao factor determinante no sucesso do resultado pretendido, que é a boa correlação entre a amostra e a acção que se pretende datar, talvez o problema mais crítico neste contexto, acrescem outros, uns inerentes às características e qualidade das amostras, outros, ainda, relacionados com processos tafonómicos, de migração ou de contaminação, para terminar nos factores conectos com a aplicação do método de datação. Estas limitações poderão ser, em parte, superadas com quantidades superiores de amostras e de datas por sítio.

Causa perplexidade o afastamento cronológico entre o megalitismo funerário no Sul de Portugal, globalmente confinado entre "a primeira metade do IV milénio e meados do III milénio a.n.e.." (Boaventura & Mataloto, 2013) face à maior antiguidade (Oliveira, 2016) do muito expressivo megalitismo não funerário na mesma região, considerando que é admitido um processo, genérico, de "substituição dos menires pelas antas" (Calado, 2004) mas aparentemente sem descontinuidades de ponto de vista da permanência no território. Estarão, certamente, a faltar datas mais antigas para as primeiras sepulturas, aliás, como é sugerido pelas datações disponíveis para o Norte de Portugal. A acentuar esta perplexidade refiram-se os casos, aliás frequentes, documentados, por exemplo, na chamada Plataforma do Mondego (Senna-Martinez & Ventura, 2008), de utilização de artefactos, embalados em terras, provenientes de ocupações do Neolítico Antigo, na construção das sepulturas megalíticas mais antigas (Neolítico Médio), como a própria imposição das construções funerárias sobre fundos de cabanas da ocupação antecedente, sugerindo novamente uma proximidade/continuidade de ocupação daquele território entre aquelas duas fases cronológico-culturais.

A delimitação entre os estatutos de utilização (primária ou secundária) e de reutilização (com descontinuidade em relação ao processo funerário original) merece ponderação (Tejedor Rodríguez, 2008), nos casos em que se tenda a separar as intrusões funerárias (ou de outro tipo), que decorrem entre o Calcolítico Pleno e a Idade do Ferro, das utilizações que as antecederam, sendo admitido para estas últimas uma convergência cultural com o dispositivo arquitectónico, pressupondo-as integradas num processo de utilização em continuidade. Na impossibilidade de demonstrar que a deposição mais antiga, de entre as que se encontram conservadas na sepultura, corresponda à primeira utilização, conecta com a construção primeva, talvez devêssemos considerar a maioria das utilizações funerárias como reutilizações, pelo menos nas sepulturas de maiores dimensões e de carácter plural ou colectivo. Ou, em alternativa, admitir um longo uso daquelas sepulturas ortostáticas, na linha de alguns autores (García Sanjuán *et al.,* 2011) que preferem ver esta sequência de modo integrado, concebendo diferentes tradições megalíticas, consignando, uma tradição antiga (Neolítico),

[314] Este método foi aplicado em locais próximos da área de estudo, no sítio do Arneiro (Cunha *et al.,* 2012), em Nisa, e no *tumulus* do Penedinho Branco (Caninas *et al.,* 2012), em Miranda do Corvo.

[315] Estas amostras têm sido colhidas em solos antigos subjacentes às estruturas monticulares, nos sedimentos que formam as mesmas estruturas monticulares, em subestruturas existentes em solos subjacentes ou no interior das mamoas, em sedimentos envolventes de depósitos funerários no interior da câmara, dos corredores ou do átrio e respectivas estruturas de condenação.

uma segunda tradição (Calcolítico) e uma tradição tardia (Idade do Bronze)[316]. Por outro lado, a dificuldade em correlacionar arquitecturas e espólios[317], como indicadores de faseamento, pode ser compreendida em função dos efeitos inversos de *reutilização*, de estruturas mais antigas em sincronia com novas construções, e de *trasladação* de depósitos funerários de sepulturas mais antigas para sepulturas mais recentes (Rocha, 2005).

A fronteira entre os conceitos de utilização e de reutilização estará na presença ou ausência de uma plena adequação entre o ritual e o dispositivo construtivo. Desse ponto de vista, as antas-capela, seriam ainda um exemplo de reutilização, simbolizando a destruição do ritual antigo sem a destruição do seu dispositivo funerário. Deve dissociar-se dos conceitos de utilização ou reutilização (de estruturas que não de espaços ou paisagens funerárias) a adição de novas estruturas, nomeadamente cistas com ou sem *tumuli*, na vizinhança de sepulturas megalíticas. Existem, ainda, situações mistas, correspondentes à construção de novas estruturas funerárias na adjacência das construções megalíticas, como são os casos de convergência de corredores entre antas e sepulturas do tipo *tholos*, ou à intrusão, por exemplo de cistas, sobre o *tumulus* daquelas.

Deixamos fora desta discussão a problemática do faseamento entre o Neolítico e a Idade do Bronze, com a permanência do conceito de Calcolítico (3000 AC – 2200 AC) na Península Ibérica em contraponto à sua exclusão na Europa Central, onde dá lugar ao Neolítico Final no mesmo intervalo de tempo, resultando, consequentemente, que o tempo atribuído na Europa Central ao Neolítico Médio (4500 AC – 3000 AC) dá lugar na Península Ibérica ao Neolítico Médio e Neolítico Final.

6.7.2. Diacronias

Passamos em revista alguns conjuntos regionais representativos da diacronia do fenómeno funerário no território continental de Portugal, apoiada em datações absolutas. Pretende-se deste modo esboçar um quadro ilustrativo de tendências e correlações que possa servir como modelo de comparação para o conjunto abordado neste estudo. Uma vez que se pretende fazer um uso indicativo das referidas datas, convencionou-se representar os diversos referenciais utilizados na bibliografia consultada (cal. BC, cal. AC, cal. BCE, a.C., a.n.e) de modo simplificado, na forma AC, embora tendo por base datações calibradas.

Entre os conjuntos abordados existe uma diferença significativa do ponto de vista arqueográfico, relacionada com um melhor conhecimento da globalidade das subestruturas do dispositivo funerário nas sepulturas das áreas setentrionais, que congregam *tumuli* melhor conservados e mais exaustivamente pesquisados, comparativamente com as do Sul do território continental, razão pela qual se confere maior destaque à primeiras, sem esquecer a maior importância historiográfica das segundas.

Os *tumuli* da Serra da Aboboreira, no Norte de Portugal, representam um conjunto funerário de grande relevância atendendo à elevada quantidade de estruturas investigadas, à sua diversidade morfológica e à disponibilidade de um conjunto também numeroso de datações de Radiocarbono que permitem esboçar uma

[316] No sul de Espanha as sepulturas megalíticas oferecem uma mais ampla cronologia cumulativa, de utilização, entre meados do 5º milénio AC e finais do 1º milénio AC, comparativamente com outros tipos de contentores, como hipogeus, *tholoi*, cistas e fossas (García Sanjuán *et al.,* 2011: 136). Na Estremadura Portuguesa é reconhecida a maior antiguidade da utilização de antas, e de cavidades naturais ou grutas, face a hipogeus e a estruturas do tipo *tholos* (Gonçalves, 2003b).

[317] E as limitações na utilização de artefactos como indicadores cronológicos (Gonçalves & Sousa, 2000).

expressiva diacronia da sua construção e utilização, extensível a outros conjuntos do Douro Litoral, estruturada em seis fases ou *momentos* (Stockler, 2000). A emergência das arquitecturas funerárias monticulares nesta região montanhosa, na segunda metade do 5º milénio AC (4300-4200 AC) e início do seguinte (*1º momento*), está documentada por pequenas câmaras e pelas primeiras estruturas poligonais simples, fechadas ou abertas, qualificadas como dolménicas, de médias dimensões comparativamente com as das fases seguintes. Esta antiguidade é extensível a outras áreas do noroeste peninsular (Cruz, 2001:289) e da Bretanha. Entre o escasso espólio são destacados os geométricos. A mamoa de Cabras, um *tumulus* sem câmara ortostática no interior[318], ou indefinida, foi inscrita neste período (Stockler, 2000), evidenciando polimorfismo.

São admitidas cronologias mais antigas para a emergência das arquitecturas funerárias, mas "a possibilidade de construção de pequenos túmulos em momento anterior (primeira metade / meados do V milénio a.C.), indiciada a partir de algumas datações de Carbono 14, é pouco segura, ainda que seja de admitir que tal tenha ocorrido, ou pelo menos como hipótese trabalho; a amostragem é muito reduzida, a que se associa o estado de conservação dos pouco monumentos estudados, bem como o espólio, escasso ou inexistente (Monte Maninho, Cabritos 3, na serra da Aboboreira; A Barreira, na Galiza)" (Cruz, 2001:290).

Na primeira metade do 4º milénio AC (*2º momento*) é incrementada a construção de câmaras simples, fechadas ou abertas (com formas poligonais alongadas), de maiores dimensões, a par das pequenas arquitecturas da etapa anterior, e outras construções de uso ritual mas não funerário, como Chã de Santinhos 2, com fossa central, acentuando o carácter polimórfico da necrópole. Os artefactos votivos, mais diversificados mas pouco numerosos, incluem geométricos, lamelas, lâminas, adornos em xisto e matérias verdes, recipientes cerâmicos, esféricos ou em calote, muito fragmentados, raros instrumentos de pedra polida e também com carácter ritual seixos rolados de origem fluvial associados às subestruturas destes monumentos. Noutra perspectiva estes dois momentos são fundidos num único (Cruz, 1995).

A única estrutura complexa, com câmara e corredor diferenciados (Chã de Parada 1), dotada de expressões gráficas, é atribuída a um *3º momento* entre o fim da primeira metade e o fim da segunda metade do 4º milénio AC (Cruz, 1995). Embora exemplar único na Serra da Aboboreira tem equivalente tipológico (Chã de Arcas 5) na vizinha necrópole da Serra do Castelo (Stockler, 2000: 83), conferindo maior representatividade ao referido faseamento. O acervo ritual móvel conserva os tipos presentes em fases anteriores, como geométricos, lamelas e lâminas, adornos, cerâmica lisa e seixos rolados, mas ocorrem pela primeira vez as pontas de seta (base triangular). Em simultâneo constroem-se ou utilizam-se sepulturas de pequenas dimensões.

A transição do final do 4º milénio AC para o início do 3º milénio AC configura um *4º momento* com grandes sepulturas de câmara e corredor indiferenciado em planta e alçado, presentes sobretudo no litoral. Na segunda metade do 3º milénio AC (*5º momento*) observam-se reutilizações de monumentos antigos, de diversos tipos (dólmens de corredor, câmaras ortostáticas e *tumuli* sem estrutura interna), evidenciadas pela

[318] A mamoa de Cabras, um caso aparentemente isolado na Serra da Aboboreira (Stockler & Varela, 1995), com câmara não ortostática associada a um grande bloco, tem características que se repetem noutras partes do território português, na Orca de Valongo (Senna-Martinez & Ventura, 2008), atribuída ao 3º milénio AC, na Eira da Vinha (Santos & Figueira, 2011), com uma proposta cronológica mais antiga (Neolítico Médio) e em Pena Mosqueira 3 (Sanches, 1997), com uma data da primeira metade do 4º milénio AC, mas neste caso o grande bloco documentado não estaria associado à câmara. Refiram-se ainda os casos das mamoas das Charneca das Canas (Pereira da Silva, 1991) e da Charneca das Vinhas (Caninas *et al.,* 2009) também com escassos ortóstatos no seu interior (a segunda apenas com um bloco planar) mas com espólios numerosos e tardios. O amplo bloco planar, qualificado de megalítico, documentado no interior da ampla câmara não ortostática da mamoa de Monte Calvo 2, em Arouca, atribuída ao 2º milénio AC, serviu como tampa de uma pequena fossa aberta no interior daquela (Pereira da Silva, 2004: 60-62). Não faltam exemplos, tanto na Europa como na Ásia, de pequenos *tumuli* assinalados com estelas ou com pequenos menires, postos a pino no seu centro.

presença de cerâmica campaniforme. Finalmente, da segunda metade do 3º milénio AC à primeira metade do 2º milénio AC (*6º momento*) o ritual funerário adquire carácter individual, acompanhado de cerâmica, lisa ou decorada, e artefactos metálicos e projecta-se em *cairns* baixos, com ou sem cista no interior, cuja construção orbita as construções mais antigas, ou ainda em *tumulus* de terra, de transição, como Chã do Carvalhal (Cruz, 1992). Correspondem a esta fase os tipos IV (câmara ortostática com *tumulus* baixo), V (cista megalítica) e VI (*cairns*) definidos para a Serra da Aboboreira (Cruz, 1995).

No chamado Centro-Norte Litoral, entre a orla costeira e as bacias do Vouga e do Paiva, o panorama é semelhante ao caracterizado a norte do Douro embora aqui predominem as estruturas qualificadas como submegalíticas e não-megalíticas (Pereira da Silva, 1997b, 1999). O faseamento proposto para um conjunto funerário identificado nesta região enferma de precisão pelo facto de não se disporem de datas absolutas para além de duas medições, consideradas inválidas, colhidas na mamoa da Portela da Anta (Pereira da Silva, 1999: 183). Embora com este condicionamento cronométrico, aquele investigador propõe três fases principais na evolução daquele sistema funerário regional, a partir de uma correlação entre a morfologia dos *tumuli,* a tipologia das subestruturas funerárias centrais, que reparte em ambos os casos pelas categorias megalítica, submegalítica e não-megalítica, e os artefactos rituais colhidos em escavações.

Uma primeira fase, que atribui indiferenciadamente ao 4º milénio AC, marcada por uma reduzida diversidade morfológica, é consubstanciada por pequenas câmaras poligonais de diferentes formas, abertas ou fechadas, com espólios líticos, onde predominam os geométricos e estão ausentes pontas de seta, instrumentos de pedra polida e cerâmica. Uma segunda fase, ou momento, como prefere escrever, enquadrada no 3º milénio AC, caracteriza-se pelo polimorfismo e integra sepulturas poligonais de maiores dimensões que as da fase anterior, sepulturas com corredor inseridas em *tumuli* megalíticos ao mesmo tempo que ocorrem *tumuli* não-megalíticos. Os artefactos rituais aumentam em quantidade e diversidade com a adição de pontas de seta, instrumentos de pedra polida e cerâmica. Uma terceira fase, que atribui, de modo também impreciso, à Idade do Bronze, corresponde a *tumuli* não-megalíticos contendo cista ou fossa central e encerrando apenas cerâmica não decorada. Embora não formalizada como fase, aquele investigador exemplifica na mamoa 4 do Arreçaio a posterior emergência de estruturas planas com pequena cista central, com morfologia idêntica a pelo menos uma das sepulturas da necrópole da Fonte da Malga, situada na vizinha região de Viseu (Kalb & Hock, 1982) e com múltiplas equivalências no Sul de Portugal. Os *tumuli* não-megalíticos, onde se incluem as estruturas integralmente pétreas (*cairns*), têm diâmetros e alturas inferiores a 7 m e 0,5 m e integram quartzo de modo dominante (Pereira da Silva, 1999).

Um amplo conjunto de datações absolutas obtidas em sepulturas megalíticas da Beira Alta[319], entre os distritos de Viseu e da Guarda, documentam um curto período para a construção, utilização inicial e condenação daqueles monumentos, balizado na primeira metade do 4º milénio AC, embora alguns tenham tido uma perduração de uso na segunda metade do mesmo milénio e início do seguinte (Cruz, 2001: 234-259), evidenciada por datas[320] e tipos de materiais. Correspondem em geral a sepulturas complexas[321] com câmaras poligonais de sete ou nove esteios, na maioria dos casos com corredores de diversos tipos (vestibular, ortostático e intratumular) e átrio, embora em Carapito 1, uma sepultura de grande envergadura

[319] Sepulturas de Antelas, Areita, Carapito, Carvalhal, Castonairas, Lameira de Cima 1 e 2, Merouços, Padrões, Penela 1, Picoto do Vasco, Sangrino, Seixas e Senhora do Monte.
[320] Sepulturas de Antelas, Carapito, Castonairas e Penela.
[321] A excepção é a Orquinha de Juncais, uma mamoa com pequena cista, na qual foram recolhidos geométricos e cerâmica, esta sobre o topo do solo subjacente à sepultura, cuja data mais credível se inscreve na segunda metade do 4º milénio AC (Cruz, 2001: 242). Ao contrário do observado na Serra da Aboboreira nesta região não se dispõem de datações para sepulturas com câmaras simples.

vertical, não se tenha conservado evidência da estrutura de acesso à câmara, que era aberta. Os espólios recolhidos nos níveis inferiores de ocupação da câmara, em correlação com datas de radiocarbono, são invariavelmente constituídos por geométricos, lâminas não retocadas, adornos, instrumentos de pedra polida e caracterizam-se, ainda, pela ausência de pontas de seta e de cerâmica. Esta concentração de uso na primeira metade do 4º milénio AC tem correspondência em elevado número de sepulturas da Meseta e do Tejo Interior, existindo datas mais antigas correspondentes ao último quartel do 5º milénio AC, em La Sima (uma sepultura de tipologia incomum, em alvenaria) e Rebolledo (Bueno Ramírez *et al.,* 2015b:162).

Nesta região (Beira Alta) também se obtiveram datas absolutas para práticas funerárias do final do 3º milénio AC ao início do 1º milénio AC, consistindo na reutilização de sepulturas megalíticas, com deposições de artefactos metálicos e de cerâmicas campaniformes e troncocónicas, mas também na construção, sobretudo no 2º milénio AC, de novas necrópoles de *tumuli* não megalíticos, tendo como contentores funerários fossas e cistas rectangulares ou poligonais, associadas a diferentes rituais funerários (Cruz, 2001: 263-270), mais individualizados e cingidos a deposições cerâmicas e metálicas. Como casos mais expressivos das práticas funerárias datadas na Idade do Bronze referem-se o conjunto mais antigo da Serra da Muna (de 2200 AC a 1800 AC), o da Casinha Derribada, entre o Bronze Médio e Final (de 1500 AC a 1100 AC) e a extensa e polimórfica necrópole da Senhora da Ouvida, com um intervalo de utilização mais extenso (de 1400 AC a 800 AC).

Um outro conjunto funerário intensamente pesquisado, em articulação com ocupações residenciais e oficinais, situa-se na chamada Plataforma do Mondego, maioritariamente sobre a margem direita daquele rio. O faseamento do megalitismo funerário desta área (extensível a outras áreas da Beira Alta) tem sido genericamente subdividido em duas etapas, evidenciadas pela variabilidade das arquitecturas e da quantidade e diversidade dos depósitos associados (Senna-Martinez & Ventura, 2008).

A primeira fase (Senna-Martinez & Ventura, 2008), posicionada entre a segunda metade do 5º milénio AC e a primeira metade do seguinte (Neolítico Médio regional), está representada por câmaras poligonais abertas, com expressões gráficas (pintura), sem corredor ou com corredor curto ou incipiente, envolvidas por mamoas de terra com subestruturas pétreas (contraforte, contenção periférica e couraça) e já com estruturas cénicas frontais. Os depósitos artefactuais, quantitativamente baixos, caracterizam-se pela ausência de cerâmica e pela inclusão de geométricos, lâminas sem retoque, instrumentos de pedra polida, adornos em xisto e matérias verdes e num momento terminal, pontas de seta (bases triangulares, rectas e bicôncavas), foices, raspadores e elementos de moagem incorporados no dispositivo construtivo.

Uma segunda fase (Senna-Martinez & Ventura, 2008), correspondente genericamente à segunda metade do 4º milénio AC e início do seguinte, qualificado como Neolítico Final regional, dá lugar a estruturas de maiores dimensões, com predomínio de câmaras de nove esteios, mais complexas, nomeadamente na parte frontal, com corredores mais longos, e em maior número que na fase antecedente, o que a par da maior quantidade de deposições sugere aumento populacional. Verifica-se um abandono de sepulturas da fase anterior e manutenção de outras. No que concerne ao acervo ritual móvel, aos tipos identificados na fase anterior, que continuam em utilização, acrescem as pontas de seta em maior número e diversidade tipológica, os punhais e as alabardas e a cerâmica repartida maioritariamente por formas “abertas e rasas” seguidas das formas “fechadas e fundas” (Senna-Martinez & Ventura, 2008:342). Muito interessante é a analogia das tipologias artefactuais documentadas nas sepulturas com as dos povoados coevos.

No âmbito deste modelo de faseamento, existem casos de reutilização sucessiva, incluso com uma reformulação da estrutura arquitectónica, como é o caso da Orca de Seixas, com deposições do Neolítico Médio, do Neolítico Final e do Calcolítico Pleno (AA VV, 2000:47), ou da Orca de Castenairas com deposições cerâmicas da Idade do Bronze, no átrio. A Orca de Valongo, qualificada de Epi-Neolítico (Senna-Martinez & Ventura, 2008:342), não justificou a consignação de uma terceira fase na arquitectura funerária desta região, por ser caso único, apesar da clara diferenciação em relação às sepulturas das fases anteriores. Trata-se de *tumulus* de terra, com contenção periférica e couraça, líticas, envolvendo uma fossa com um único esteio, qualificado como cabeceira, e corredor intratumular condenado com deposições cerâmicas de formas talvez atribuíveis ao 3º milénio AC. A partir sobretudo do Bronze Final estão documentados por toda a Beira Alta, como referido, inúmeros *tumuli*, não-megalíticas, com características rituais distintas das anteriores fases, megalíticas, mas pertinentemente inseridas numa mesma tradição construtiva dominada pela permanência de morfologias monticulares (Pereira da Silva, 1997: 617).

No sul do território português, e em particular no Alentejo Central, uma das mais recentes abordagens do megalitismo funerário (Rocha, 2005) oferece-nos uma boa proposta interpretativa da sua evolução, que qualifica como polimorfismo evolutivo, combinando o reconhecimento de uma tendência geral, de surgimento progressivo, das formas simples (câmaras fechadas e câmaras abertas, com progressão de tamanho) para as complexas (câmaras dotadas de corredores, com aumento progressivo das suas dimensões, dos corredores curtos para os longos e dos modelos dolménicos para os do tipo *tholos*) e novamente para as formas simples (cistas), com o polimorfismo[322] (construção ou uso simultâneo de diferentes tipologias estruturais), e com as acções inversas de reutilização (de monumentos pré-existentes) e de trasladação (transferência de depósitos de sepulturas mais antigas para sepulturas mais recentes) "como modelo genérico para resolver discrepâncias entre espólios (ou datações) e arquitecturas" (Rocha, 2005: 268).

Mas convém assinalar que esta diversidade de tipologias construtivas têm uma repartição muito assimétrica nesta região meridional, com uma prevalência das formas simples, por exemplo nos suportes metassedimentares do Norte Alentejano, no norte do Alentejo Central e na Serra de Monchique, em contraponto ao domínio das formas complexas (com câmara e corredor) nos suportes graníticos tanto do sopé da Serra de São Mamede como da área de Reguengos de Monsaraz, para citarmos alguns dos conjuntos regionais mais intensamente investigados.

É notória a convergência de perspectivas entre várias gerações de investigadores, desde Manuel Heleno, Georg Leisner e Vera Leisner até Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares, acerca do faseamento geral das arquitecturas funerárias em diversas partes do Alentejo. A pesquisa pioneira de Manuel Heleno com a identificação de um conjunto elevado de pequenas sepulturas simples, fechadas ou abertas, na parte norte do Alentejo Central, com espólios votivos acerâmicos, acompanhados de machados e geométricos, foi oportunamente "resgatado" e reinterpretada por Leonor Rocha (2005), e fundamentou a consignação de uma fase antiga no processo evolutivo das arquitecturas funerárias desta região, conforme sintetizado na Figura 6.31 (1).

[322] O polimorfismo é encarado como uma "inércia perante a inovação, assumida em ritmos diferenciados: por exemplo, na época em que foram feitas as primeiras antas de corredor, teriam, por hipótese, continuado, durante algum tempo, a ser construídas as derradeiras sepulturas megalíticas." (Rocha, 2005:268).

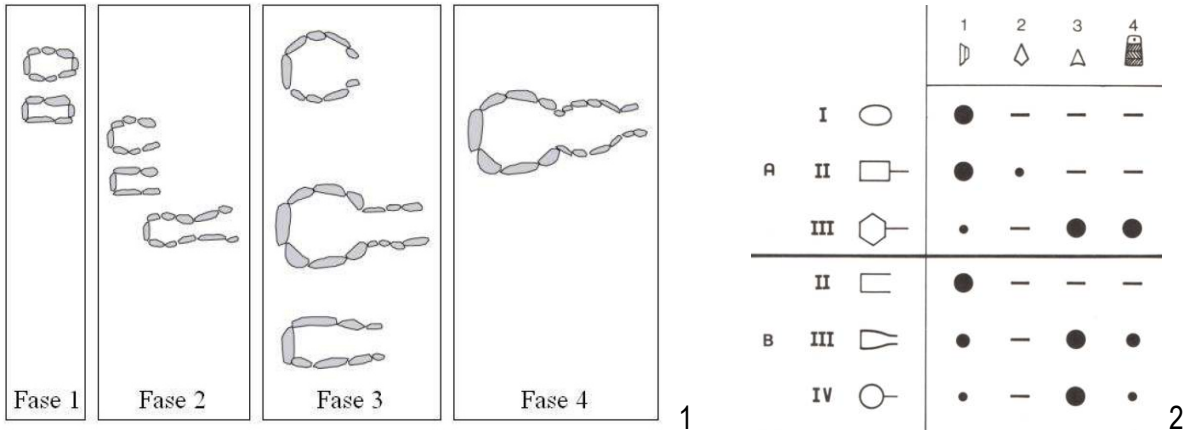


Figura 6.31. Algumas sequências evolutivas do megalitismo funerário: (1) De 1 para 4, segundo Manuel Heleno (Rocha, 2005: 100). (2) De I para IV e correlação entre os diferentes tipos de artefactos e de sepulturas, no Alentejo Litoral – A e no Sul do Baixo Alentejo – B; a dimensão do círculo é proporcional à frequência dos artefactos (Tavares da Silva, 1987).

Para o conjunto funerário de Reguengos de Monsaraz, que é uma referência incontornável nos estudos do megalitismo do território português (Leisner & Leisner, 1951), e que tem sido devidamente revisitado (Gonçalves, 1992; Gonçalves & Sousa, 2000, 2003), é proposto um faseamento em quatro etapas (segundo Rocha, 2005 a partir de Leisner & Leisner, 1951), entre o Neolítico e o Calcolítico, contemplando, sucessivamente, pequenas câmaras simples, abertas (fase 1), sepulturas de câmara e corredor curto[323] (fase 2), antas de maiores dimensões, tanto da câmara como do corredor (fase 3)[324] e culminando nas sepulturas do tipo *tholos* (fase 4), ocorrendo, tal como noutras regiões, polimorfismo[325] de uso. Contudo, a primeira fase encontra-se mal representada naquela área pelo reduzido número de monumentos documentados[326], sendo citados os casos de Areias 10, Areias 11 e a cista associada à anta da Herdade da Falcoeira[327], que por outro lado oferecem espólios incompatíveis com a antiguidade que se pretende atribuir àquela fase, atendendo à presença maioritária de cerâmica (Leisner & Leisner, 1951), que poderá ser explicada no contexto de reutilizações tardias (Rocha, 2005).

A síntese gráfica da Figura 6.31 (2), aplicável ao Alentejo Litoral e Sul do Baixo Alentejo (Tavares da Silva, 1987), embora baseada num conjunto muito restrito de sepulturas, e tendo como referência apenas alguns indicadores artefactuais considerados mais significantes (geométricos, pontas de seta de base convexa, pontas de seta de base côncava e placas de xisto gravadas), é bem ilustrativa do processo evolutivo que tem sido posto em evidência, iniciado em pequenas câmaras simples, fechadas ou abertas. Os geométricos embora presentes nas várias fases dominam as estruturas mais antigas, qualificadas como proto-megalíticas (Neolítico Médio). Existem contudo variações comparativamente com outros conjuntos meridionais, que

[323] De que é emblemática a anta do Poço da Gateira 1 com instrumentos de pedra polida, de secção cilíndrica, geométricos e lâminas não retocadas mas já incluindo um importante acervo cerâmico, numa relação quantitativa que sugere a associação a cada inumado de um recipiente, um machado e uma enxó (Leisner & Leisner, 1951:212-214). A sua antiguidade tem sido recuada para a segunda metade do 4º milénio AC (Boaventura & Mataloto, 2013:91).

[324] Esta evolução com o aumento da dimensão, de um modelo geral de sepultura com câmara e corredor, está bem documentada em Dombate com a sobreposição estratigráfica e estrutural de uma pequena sepultura por outra de maiores dimensões (Cebrian del Moral *et al.,* 2011), mas também na Portela da Anta (Pereira da Silva, 2004:57) com a destruição e sobreposição de uma câmara simples e respectiva mamoa por uma sepultura complexa, com câmara e corredor, também maior do que aquela, no que é habitualmente qualificado como "monumentalização".

[325] Em Reguengos de Monsaraz este polimorfismo está também evidenciado de um modo específico pela coalescência estrutural (ou estratificação horizontal, bem diferente das sobreposições observadas noutras regiões) entre antas de corredor e sepulturas do tipo *tholos*, nos conjuntos de Comenda e Farisoa e principalmente em Olival da Pega 2 (Gonçalves, 1999).

[326] Razão para a sua não consignação na proposta original (Leisner & Leisner, 1951).

[327] A posição mais central da cista no *tumulus* sugere a sua maior antiguidade comparativamente com a anta, tal como ocorrido na sepultura da Praia das Maças entre a pequena câmara ocidental e a câmara de tipo *tholos* situada na posição intermédia em relação ao corredor (Gonçalves, 1983), a menos que tenha havido também uma reconstrução e reposicionamento da estrutura monticular, na hipótese alternativa da cista ter sido adicionada à anta da Falcoeira.

decorrem da reduzida dimensão da amostra. No Marco Branco, uma sepultura da primeira fase, no Alentejo Litoral (Tavares da Silva & Soares, 2003), com vários momentos de utilização, ocorre indústria lítica com um geométrico, várias lamelas e lâminas e adornos, na forma de contas discóides, e vários fragmentos de cerâmica, estando ausentes os instrumentos de pedra polida, presentes nas seguintes fase 2 (do Neolítico Médio/Final) e fase 3 (Neolítico Final/Calcolítico Inicial).

As arquitecturas funerárias investigadas na bacia hidrográfica do rio Sever entre o Norte Alentejano e a província de Cáceres (Oliveira, 1997) também podem ser repartidos por quatro tipos principais, idênticos aos documentados noutras partes do Sul do território português, nomeadamente câmaras fechadas (tipo 1), câmaras abertas sem corredor, com corredor incipiente ou indiferenciado em relação à câmara (tipo 2), câmaras poligonais com corredor curto (tipo 3) e finalmente câmaras poligonais com corredor longo (tipo 4), em ambos os casos com diferenciação horizontal e vertical entre câmara e corredor. A especificidade desta região reside no facto dos dois primeiros tipos predominarem no sector setentrional de substrato metassedimentar e dos tipos 3 e 4 predominarem no sector meridional de substrato granítico. Contudo no sector Norte existem sepulturas com câmaras integráveis no tipo 3, caso da anta da Lomba da Barca, e talvez no tipo 4, casos das antas da Fonte da Pipa e da Nave do Padre Santo, embora as envergaduras sejam muito diferenciadas entre os dois conjuntos, tal como as quantidades de acervos votivos que encerram, sendo superiores entre as sepulturas graníticas.

O investigador manifestou uma enorme relutância em estabelecer um faseamento cronológico (Oliveira, 1997) entre os quatro tipos arquitectónicos, admitindo em contrapartida uma coetaneidade de uso entre os vários tipos, intraconjuntos e entre conjuntos (sector norte e sector sul), mas não rejeitando uma anterioridade das câmaras de corredor curto em relação às de corredor longo (Oliveira, 1997:632). Por outro lado, fundamentou as diferenças arquitectónicas e artefactuais, qualitativas e quantitativas, observadas entre aqueles dois sectores, em grupos com diferentes contextos económicos. As datas absolutas obtidas até ao momento, são relativamente reduzidas para o universo investigado e documentam um uso relativamente tardio (não anterior ao Neolítico final), entre a segunda metade do 4º milénio AC e meados do seguinte, nas antas da Bola de Cera, dos Coureleiros e da Joaninha, ou da segunda metade do 3º milénio AC e início do seguinte, na anta da Cabeçuda (Oliveira, 2000a:147). Também se obtiveram datas mais antigas de níveis subjacentes às sepulturas, que terão sido intersectados no decurso do processo construtivo. A data obtida a partir de carvões recolhidos sob o lajeado da anta da Joaninha (4710-3770 cal BC), mais antiga que as referentes a momentos de utilização e que teria interesse poder associar-se à construção desta pequena sepultura, de planta complexa, apresenta contudo uma indeterminação derivada do elevado intervalo de confiança a 2 sigma.

Na região de Lisboa, caracterizada por uma elevada diversidade de modalidades estruturais, incluindo para além de antas, hipogeus, sepulturas do tipo *tholos* e deposições em cavidades naturais, as ocupações mais antigas, documentadas por datas absolutas, em câmaras poligonais de corredor curto com espólios reduzidos e de características arcaicas (geométricos, lâminas pouco retocadas, instrumentos de pedra polida e ausência de cerâmica), correspondem ao segundo e ao terceiro quartel do 4º milénio AC (Boaventura, 2009:335). Por outro lado, a informação cronométrica sugere um incremento de construções na segunda metade daquele milénio com um prolongamento do seu uso até meados do milénio seguinte (Boaventura, 2009:336-337), excluindo as reutilizações posteriores.

No sul do território português, a informação cronométrica, sobre estruturas funerárias, baseia-se em carvões em 2/3 das amostras utilizadas e é insuficientemente representativa de geologias mais adversas à

conservação de restos orgânicos (Boaventura & Mataloto, 2013). A partir de uma revisão crítica sistemática das datas de C^{14} obtidas sobre amostras orgânicas é advogado um confinamento de cerca de milénio e meio para o megalitismo funerário, entre "a primeira metade do IV milénio e meados do III milénio a.n.e.." (Boaventura & Mataloto, 2013), para o qual é proposta uma evolução em três fases[328], tendo como indicador a presença/ausência de um artefactos simbólico específico, a placa de xisto gravada, que marca uma transição de *carácter* do mobiliário de *utilitário* para *votivo* (Boaventura & Mataloto, 2013:94). Outro aspecto significante na percepção deste faseamento relaciona-se com a entrada da cerâmica nos depósitos votivos. "De facto, nas deposições mais antigas a ausência de cerâmicas é evidente, bem como a sua presença abundante durante a primeira metade do III milénio a.n.e. Mas é provável que no último quartel do IV milénio a.n.e. a sua presença tivesse sido introduzida ainda com geométricos, pequenas lâminas e pedra polida" (Boaventura & Mataloto, 2013:94).

Uma primeira fase denominada "pré-idolos-placa", entre o segundo e o último quartel do 4º milénio AC, contempla "geométricos, lâminas, instrumentos de pedra polida e raros recipientes cerâmicos lisos (normalmente globulares), sem a presença de pontas de seta, ídolos-placa e seus variantes, alabardas, lâminas ovóides e lâminas espessas retocadas" (Boaventura & Mataloto, 2013:94-95). A seguinte fase, de "ídolos-placa", na primeira metade do 3º milénio AC integra além daqueles artefactos simbólicos "pontas de seta, recipientes cerâmicos fechados e abertos, alabardas, lâminas ovóides e grandes lâminas retocadas" (Boaventura & Mataloto, 2013:95). A última fase, denominada "pós-idolos-placa", durante a segunda metade do 3º milénio AC, corresponde a reutilizações com a inclusão de cerâmicas com decoração campaniforme.

Em síntese, constatamos uma invariância geral entre Norte e Sul quanto à emergência das arquitecturas funerárias com estruturas simples de pequena dimensão, pese embora a insuficiência de datações tanto da sua construção como da utilização, e um desenvolvimento das construções megalíticas e dos seus usos entre a segunda metade do 4º milénio AC e a primeira metade do milénio seguinte, com datas relativamente mais antigas a Norte comparando com o Sul. Também se observa um marcado polimorfismo de construção e de uso em diferentes regiões e comportamentos de reutilização de sepulturas pré-existentes, que se prolongam pelo 3º milénio AC. Têm sido invocados alguns tipos de artefactos votivos como potenciais indicadores cronológicos, de uso, em comparação múltipla de presença/ausência, nomeadamente os geométricos, as pontas de seta (atentos os diferentes tipos de bases), os artefactos simbólicos (em particular a placa de xisto gravada) e a cerâmica (atentas as formas dos corpos, dos bordos e a presença de decoração).

6.7.3. Na área de estudo

A atribuição de cronologias, à construção e às sucessivas ocupações das sepulturas, é um objectivo incontornável e talvez o mais dificultoso. Na área de estudo o atingimento deste objectivo está consideravelmente prejudicado pela ausência de datações absolutas, embora se disponham de amostras, sobre carvão, com potencial interesse e em linha para medição, entre as escavações em curso em diversos monumentos do município de Proença-a-Nova. A mais recente tentativa de datação de ossos humanos

[328] Este desenvolvimento pode ser posto em confronto com idêntico exercício aplicado ao *habitat* em quatro fases que têm como referencial tipos de artefactos considerandos significantes (Boaventura & Mataloto, 2013; Mataloto & Boaventura, 2009), uma fase 1 (entre o primeiro e o terceiro quartel do 4º milénio AC) caracterizada por geométricos e cerâmicas esféricas com decoração limitada à aplicação de sulco abaixo do bordo, uma fase 2 de menor duração (entre o terceiro e o quarto quartel do 4 milénio AC), caracterizada por cerâmicas lisas, com ocorrência de formas carenadas e ausência de bordos espessados, uma fase 3 (entre o último quartel do 4 milénio AC e meados do milénio seguinte) com emergência de cerâmicas de bordos espessados a par dos carenados e uma fase 4 (terceiro quartel do 3º milénio AC) marcada pela presença de cerâmica com decoração campaniforme.

provenientes da anta do Cabeço d´Ante (Vila Velha de Ródão), que são materiais de ocorrência rara nas sepulturas desta região, revelou-se inviável por ausência de colagénio[329]. Por outro lado, aguarda-se a possibilidade de datar através da Luminescência Opticamente Estimulada momentos de construção e de utilização daqueles monumentos.

Tabela 6.9. Ensaio de atribuição cronológica às sepulturas investigadas na área de estudo e respectivos acervos votivos

Topónimo (nº nos catálogos)	Tipologia estrutural (T)	Depósitos votivos - indicadores (D)		Ensaio de atribuição cronológica: Indeterminada ou ausente	4500 AC	4000 AC	3500 AC	3000 AC	2500 AC	2000 AC	1500 AC	1000 AC
Cabeço d´Ante (1005)	Tipo D, câmara e corredor longo	Geométricos, elevada quantidade de pontas de seta com raras bases côncavas, adornos, ipp, placas de xisto gravadas e cerâmica	T									
			D									
Charneca das Canas (1009)	Tipo B, câmara fechada indeterminadamente ortostática	Alguns geométricos, numerosas lâminas incluindo retocadas, pontas de seta de base côncava, punhais, ipp, sem adornos e placas gravadas, cerâmica abundante e diversificada, com copo, vaso carenado e fragmento decorado	T									
			D									
Charneca das Vinhas (1010)	Tipo D, câmara supostamente ortostática e corredor longo	Alguns geométricos, lâminas incluindo retocadas, numerosas pontas de seta de base côncava, punhal, ipp, um adorno e uma placa gravada, cerâmica abundante e diversificada, incluindo fundos planos e fragmentos decorados	T									
			D									
Eira da Vinha (1012)	Tipo B, câmara fechada não ortostática	Dois machados e uma enxó, um geométrico (atípico), fragmentos de elementos de moagem e de cerâmica no *tumulus*	T									
			D									
Farranhão (1014)	Tipo D, câmara e corredor aparentemente curto	Raros geométricos, pontas de seta incluindo base côncava e base recta, punhal e alabarda, enxós, contas verdes, cerâmica incluindo prato de bordo almendrado	T									
			D									
Urgueira (1043)	Tipo D, câmara e corredor curto	Machados e recipientes cerâmicos com taça carenada e taça de bordo espessado	T									
			D									
Cão do Ribeiro (2005)	Tipo D, câmara e corredor longo	Raros geométricos, elevada quantidade de lâminas, pontas de seta de base não côncava, numerosos machados, um adorno, placas de xisto gravadas, cerâmica muito fragmentada	T									
			D									
Amieiro 1 (4005)	Tipo C, câmara poligonal aparentemente aberta, sem evidência de corredor	Escassos fragmentos de cerâmica. O monumento estava muito destruído pelo que o acervo pode estar incompleto	T									
			D									
Amieiro 2 (4006)	Tipo D, câmara e corredor longo	Dois machados e cerâmica lisa; reutilização com punhal de cobre e grande taça com base umbilicada	T									
			D									
Amieiro 3 (4007)	Tipo D, câmara e corredor longo	Fragmento de taça e ponta de seta tipo Palmela, em cobre, associados a reutilização.	T									
			D									
Amieiro 5 (4009)	Duas estruturas, uma câmara aberta (tipo C) e uma cista (tipo B), num mesmo *tumulus*	Escasso acervo com lâmina, lamela, pontas de seta, taça com sulco abaixo do bordo e placa de xisto gravada na sepultura do tipo C e fragmento de cerâmica com decoração campaniforme na cista	T									
			D									
Amieiro 8 (4012)	Tipo C, câmara aberta com corredor incipiente	Dois geométricos, ponta de seta de base côncava, adorno, machado de pedra polida e cerâmica. Provável reutilização documentada por púcaro com asa e fundo plano.	T									
			D									
Amieiro 9 (4013)	Tipo B, câmara elíptica, fechada	Ausência de artefactos votivos. Não foi comprovada a utilização desta estrutura para depósito funerário.	T									
			D									
Cabeço da Forca (4039)	Tipo D, ampla câmara e corredor longo	Numerosos ipp, com predomínio de enxós, pequenas lâminas, geométrico, adorno, cerâmica e ausência de pontas de seta e de placa de xisto gravada	T									
			D									
Chão da Forca (4053)	Tipo D, câmara e corredor eventualnente curto e indiferenciados em planta	Dois machados, lâmina e cerâmica	T									
			D									
Corgos (4058)	Tipo C, câmara com corredor curto indiferenciados em planta	Ausência de artefactos votivos. O machado plano, de cobre, encontrado nas proximidades poderá eventualmente relacionar-se com uma reutilização tardia	T									
			D									
Couto da Espanhola 2 (4061)	Tipo E, câmara tendencialmente subcircular e corredor longo	Numerosas pontas de seta maioritariamente de base não côncava, geométricos, lâminas não retocadas, machados, adornos, placa gravada e cerâmica. Reutilizações com braçal de arqueiro e vaso carenado e taça de colo alto	T									
			D									
Couto da Espanhola 6 (4065)	Tipo B, câmara fechada com duas configurações sequenciais	Dois geométricos, lâmina, lamela e machado na câmara meridional. Machado, enxó e cerâmica na cista subrectangular. Inclui vaso mais completo, de colo médio e bordo extrovertido	T									
			D									
Granja de São Pedro (4088)	Tipo D, câmara e corredor longo	Pontas de seta de base convexa e recta, lâminas, ausência de geométricos, artefacto simbólico, machados e enxó, cerâmica, incluindo vaso com decoração.	T									
			D									
Horta da Serra 1 (4090)	Estrutura ortostática indeterminada	Ausência de artefactos votivos	T									
			D									
Horta da Serra 2 (4091)	Tipo B, câmara ortostática fechada	Ausência de artefactos votivos	T									
			D									
Pedra d´Anta (4110)	Tipo D, câmara e corredor longo	Lâminas e geométricos, duas pontas de seta (base recta e base côncava), alabarda, ipp, adornos e recipientes cerâmicos de vários tipos	T									
			D									
Poço do Chibo 1 (4113)	Tipo D, câmara e corredor longo, bem diferenciados em planta mas de pequena envergadura	Escasso acervo votivo, incluindo geométrico, escopro e cerâmica (recipientes de bordos extrovertidos)	T									
			D									
Cimo dos Valeiros (5013)	Tipo B, câmara elíptica fechada sem ortóstatos *in situ*, mas sugeridos pela presença de alvéolos	Dois geométricos, lâmina e dois fragmentos de cerâmica	T									
			D									
Selada do Cavalo 1 (5033)	Tipo A, câmara não ortostática fechada	Uma enxó, informe, e fragmentos de cerâmica. Um núcleo de lamelas, em sílex branco, no exterior	T									
			D									
Vale de Mós 1 (5060)	Tipo B, pequena câmara ortostática fechada	Fragmento de bordo de taça subjacente ao *tumulus*. Não foi comprovada a utilização desta estrutura para depósito funerário.	T									
			D									

[329] Informação que se agradece ao Doutor António Monge Soares.

Embora com reservas, como atrás referido, fazemos um ensaio, necessariamente provisório, de atribuição de cronologias às estruturas e aos artefactos rituais obtidos em escavação na área de estudo, por comparação das suas tipologias com acervos caracterizados em termos cronométricos. Estamos certos que o estudo monográfico das mais recentes escavações executadas em sepulturas deste tipo na área de estudo, bem como de outros trabalhos mais antigos, permitirá ultrapassar alguns destes constrangimentos.

Da observação da Tabela 6.12 constatam-se marcadas dessincronizações entre os intervalos de idade[330] atribuídos às estruturas e aos artefactos rituais. Também se verifica uma maior indeterminação na caracterização das estruturas mais simples, como câmaras não estruturadas e câmaras fechadas, comparativamente com estruturas complexas. São patentes vários casos de reutilizações entre o Calcolítico e a Idade do Bronze, documentadas através de artefactos cerâmicos, líticos e metálicos, concretamente no sector leste correspondente ao concelho de Idanha-a-Nova.

A posição da área de estudo, de transição entre Norte e Sul ou entre o Litoral e o Interior, também poderá ser apreciada a partir da presença/ausência ou da abundância de alguns tipos de artefactos, como pontas de seta, placas de xisto gravadas e diferentes tipos de formas cerâmicas e suas decorações.

6.8. Toponímia

A abordagem dos nomes dos locais tem indiscutível interesse na investigação arqueológica (Vieira, 2016), tanto para identificação de novos sítios como para a indicação de presença humana e sua provável antiguidade, nomeadamente nos casos de ausência de materialidades que a documentem (Alarcão, 1982: 45-46). No quadro das fontes de trabalho que se podem utilizar com esse objectivo, é justo salientar a louvável iniciativa (Ferreira, 1985a, 1985b, 1986) em publicar em fascículos, infelizmente não concluída, de um dicionário de *topónimos indicativos de monumentos arqueológicos*, de acordo com o entendimento que "a Carta [Arqueológica de Portugal] e o Inventário [do Património Arqueológico Nacional] deverão contemplar não só os monumentos (*latissimo sensu*) arqueológicos já descobertos, mas também os *sítios em que eles possam existir ou ter existido*" (Ferreira, 1985a: 280).

Importa fazer uma referência aos topónimos que na área de estudo se encontram associados às sepulturas em estudo ou pelo menos aqueles que poderão ter uma relação mais específica com as referidas estruturas. Uma parte desses termos, que não a maioria, nomeia as referidas sepulturas de um modo identitário (ex: *Anta*), interpretativo (ex: *Eira dos Mouros*, *Casa da Moura*) ou descritivo (ex: *Morouços*), geralmente com recurso a palavras compostas (*Cabeço da Anta, Olival dos Morouços, Cova da Moura*). Nesta abordagem não se fez estudo aprofundado desta temática do ponto de vista linguístico, à excepção de um termo (*Moita*), embora de modo breve.

No que concerne ao território português são muitos os termos utilizados para nomear monumentos megalíticos, funerários e não funerários. Seguidamente, comentamos alguns exemplos, por ordem alfabética, com referência à sua forma singular. Acrescentamos novas propostas de nomes à lista aceite consensualmente pelos investigadores. Em obra respeitante ao noroeste peninsular é possível encontrar estas e outras possibilidades (Menéndez de Luarca, 2000; Fabião, 2016).

[330] A dimensão das barras é proporcional à indeterminação na atribuição ou cumulativa no caso de usos sucessivos.

Anta e os diminutivos *Antela* e *Antinha,* em forma simples ou composta, são talvez os nomes mais correntes, utilizados, sobretudo no Sul, na identificação específica de estruturas ortostáticas cujo *tumulus* perdeu parte da sua volumetria original[331]. Alerta-se para o facto de o termo Anta não ter valor absoluto, dado que em alguns casos também pode indicar afloramentos (Ferreira, 1985a: 600; Cruz, 2001). Por outro lado, é admitido que os diminutivos toponímicos "têm, em geral, reduzido valor indicativo, porque resultam, quase sempre, de, nas proximidades, haver um local designado pelo nome de que cada um deles deriva" (Ferreira, 1985a: 282). Não parece ser esse o caso de alguns topónimos associados a sepulturas megalíticas como por exemplo *Antinha, Arquinha* e *Casinha*. A primeira e a terceira formas estão representadas neste estudo, em correspondência com sepulturas pré-históricas, na forma composta *Cabeço da Anta* ou *Cabeço d´Ante* (sítio 1005, 2003, 2004), a mais comum, *Curral da Anta* (1062), *Lomba d´Antes* (1015), *Lameira d´Antas* (2018 a 2020), *Pedra D´Anta* (4110), *Pedras da Anta* (2022) e *Tapada da Anta* (1016), na forma simples *Anta* ou *Antas* (2001, 2002, 2016) e com diminutivo *Antinha* (1017, 4120). Contudo, nos casos de *Anta* (1055), *Antas* (1054) e *Lomba das Antas* (5017) não se encontraram vestígios de sepulturas ou outras evidências de interesse arqueológico.

Arca e a provável variante *Orca*, em menor grau *Arcã* e os diminutivos *Arquinha e Arqueta,* são formas comuns (Ferreira, 1985b: 612-616) sobretudo no Centro e Norte de Portugal[332] seja de modo simples ou composto como *Chã de Arcas* (Batata *et al.*, 2008: 78-91), em Vila Pouca de Aguiar, *Pedra da Arca*, em Oliveira de Frades (Girão, 1921), ou *Arquinha da Moura*, em Tondela (Cunha, 1995), associadas indiscutivelmente a sepulturas megalíticas. Estas formas não estão documentadas no catálogo embora exista no Fundão uma povoação com o nome *Orca*[333]. Esta forma é abundante em algumas áreas do Centro de Portugal em nomes compostos, incluindo redundâncias, como *Casa da Orca*, *Orca dos Padrões*, em Mangualde (Gomes & Carvalho, 1992), *Orca do Picoto do Vasco* e *Orca de Merouços*, em Vila Nova de Paiva (Cruz, 2000).

O topónimo *Atalaia* ocorre muitas vezes na ausência de estruturas de vigia, construídas em materiais duráveis, o que pode indicar simplesmente cabeço destacado com boas condições naturais para exercer vigilância (ou vela[334], como sugere também o topónimo *Cabeço da Velha* como deturpação de Vela). Nos casos em que essa morfologia não justifique a qualificação, o termo poderá resultar da interpretação popular de uma sepultura monticular como vestígios de uma torre de vigia destruída. Poderá ser o caso da anta do *Curral da Atalaia* (Oliveira *et al.,* 2007: 99), em Marvão, relevo onde não é conhecida nenhuma estrutura de vigilância[335]. Na área de estudo existem correspondências deste tipo nos sítios 4032 e 4033 com este último a servir de base a um vértice geodésico com o mesmo nome.

Os termos *Casa*, *Casinha*, *Caseta* o primeiro geralmente em forma composta e o segundo em modo singular ou plural, merecem atenção pela sua convergência com *tumuli* (Menéndez de Luarca, 2000: 73). Estes termos traduzem uma tentativa popular de explicar a função das sepulturas megalíticas, que são por vezes reutilizadas como cabanas. A forma *Casa da Moura* está por exemplo documentada em Carrazeda de Ansiães (Pereira & Lopes, 2005: 72-73) e em Viseu existem *tumuli* associados ao topónimo *Casinha Derribada* (Cruz *et al.,* 1998). Em Arouca, no sítio das *Casinhas* existem três *tumuli* (Silva, 2004: 158-159). Com um significado distinto refira-se a associação do nome *Cimo das Cortinhas* a duas mamoas em Vila

[331] Ver também Menéndez de Luarca, 2000: 75.
[332] Ver também Menéndez de Luarca, 2000: 74-75.
[333] Proença Jr (1910: 11-12) afirma não conhecer vestígios de qualquer anta nesta área mas admite que pudesse ter existido uma anta no local da povoação e refere o achado de oito *machados de pedra polida* nas proximidades.
[334] Alarcão & Barroca, 2012: 49.
[335] Gentil informação do Prof. Jorge de Oliveira (Universidade de Évora).

Pouca de Aguiar (Batata *et al.*, 2008: 61-62). Na área de estudo ocorre uma *Casa da Moura* (3006), uma *Casarona* (1008), uma *Casinha Branca* (4056 e 4057) e uma *Caseta Velha* (4051). E, mais a norte, documentámos um conjunto de *tumuli* em *Casinhas* na fronteira entre os municípios de Sabugal e Penamacor (Caninas *et al.,* 2009b). Em Oleiros ainda não foi pesquisada a existência de sepulturas pré-históricas na *Serra das Casinhas*.

Castelo, *Castelos*, *Castelo Velho* e *Castelejo* são termos que indicam frequentemente sítios muralhados com cronologias entre o Calcolítico e a Idade Média. Porém, tal como observado para o termo *Anta*, existem casos em que a correspondência é com afloramentos rochosos com formas sugestivas. É o caso, por exemplo, do *Castelo de Cabriz*, em Tabuaço (Perpétuo *et al.,*1999: 211) e dos *Castelos*, junto à ribeira dos Castelos, em Vila Velha de Ródão, onde se observa uma redundância, dado que se situa no mesmo relevo o topónimo *Antas* já citado (sítio 1054). Contudo, em Vale de Cambra existe uma mamoa num *Outeiro Castêlo* (Queiroga, 2001: 66). Mas a utilização desta família de topónimos indicativos de sepulturas pré-históricas está evidenciada em *El Castillejo* (Bueno *et al.,* 2009: 48), um *tumulus* situado nas proximidades de uma necrópole de hipogeus (Vale de las Higueras, Toledo). De referir a suspeita quanto a idêntica associação ao termo *Castelo* de um *cairn* de quartzo filoniano, identificado na Serra da Gardunha (Fundão), no sítio da *Lomba do Castelo* (Fonte: EMERITA). Na área de estudo está documentado um *Castelejo* (1058) no local onde existe actualmente um depósito de água. Mas neste caso não foi possível confirmar tal associação, embora considerada provável, tendo em consideração a topografia e o contexto arqueológico.

A aplicação do nome *Cova*, na forma composta *Cova da Moura,* pode ter sido sugerida pela configuração da câmara funerária ou pela depressão, resultante de colapso ou violação, que ocorre em câmaras dolménicas estruturadas por mamoas de envergadura expressiva e ocorre também na forma de lenda (*Cova da Moira*, in Parafita, 2006:231). São exemplos do uso desse nome uma sepultura megalítica em Vouzela (Girão, 1921) e um enorme *tumulus* em Viana do Castelo (Viana, 1955). Neste estudo, o nome *Cova da Moura* parece estar associada a uma "grande" mamoa de terra, em Oleiros (5030).

O uso da palavra *Eira*, na forma composta *Eira dos Mouros,* poderá traduzir outra opção explicativa, de origem popular, para as evidências arqueológicas (v. Menéndez de Luarca, 2000: 90). A *Eira dos Mouros*, em Castelo de Paiva (Lopes da Silva *et al.,* 1996) exemplifica uma mamoa com esse nome. Na área de estudo foram identificados *tumuli* baixos em *Alto das Eirinhas* (4004) e na *Eira dos Mouros* (3008 e 5032).

A palavra *Forno*, em nomes compostos, com inúmeras variantes, como *Furna* e *Fórnea* (Menéndez de Luarca, 2000: 76), é outra opção explicativa documentada na toponímia ou na tradição oral. Em Pampilhosa da Serra existem três *tumuli* em local denominado *Fornozinho* (Batata & Gaspar, 2009: 164-165). E no *Cimo das Fornalhas*, em Vila Pouca de Aguiar, também existe uma mamoa (Batata *et al.*, 2008: 49). Neste estudo está documentada na forma *Forno do Mouros* (2016) e em Rosmaninhal (Idanha-a-Nova) estes monumentos são interpretados como *fornos dos mouros*[336].

Fonte coberta é outra modalidade de designação de sepulturas megalíticas, por comparação, talvez, entre a câmara dolménica, com tampa, e uma fonte de mergulho, dotada igualmente de cobertura. Refira-se um caso em Alijó, representado na toponímia e no lendário local (Parafita, 2006:206).

[336] Informação que se agradece ao Dr. Mário Chambino, natural daquela localidade.

Fojo aparece associado a quatro *tumuli* em Arouca (Silva, 2004: 156-157) e também documentámos uma mamoa sob um vértice geodésico com esse nome no Parque Eólico do Alto do Corisco[337], em Melgaço. Esta palavra tem diversos significados, podendo relacionar-se com cavidades na rocha e com estruturas de captura de lobos. A sua utilização aplicada a mamoas poderia resultar de alguma confusão com os fojos simples, evidenciados por cavidades abertas no solo (Álvares *et al.,* 2000). Este uso não está documentado na área abrangida por este estudo.

A palavra *Forca*, geralmente na forma composta, aparece associada a mamoas não sendo claro se se trata de uma designação etiológica, errada quanto àquela finalidade, ou o resultado do aproveitamento de um relevo artificial para o transformar em plataforma para erecção de uma estrutura penal. Importa por isso verificar em cada caso se existe informação documental ou iconográfica[338] acerca da presença daquelas estruturas e se o local obedece às condições adequadas ao efeito pretendido (Oliveira & Tomás, 2007)[339]. Em Castelo de Paiva existem mamoas com os topónimos *Alto da Forca* e *Chão da Forca* (Lopes da Silva *et al.,* 1996). Neste estudo registámos a associação a sepulturas em *Cabeço da Forca* ou *Cabecinho da Forca* (4039), nos arrabaldes de Rosmaninhal, e em *Chão da Forca* (4053), na periferia de Idanha-a-Velha, duas povoações do concelho de Idanha-a-Nova que tiveram no passado o estatuto de vila.

A palavra *Guarita* aparece associada à designação de cinco antas, em dois locais diferentes, no concelho de Coruche, embora uma delas fique a 250 m de distância de um vértice geodésico (Martinho, 2009). Em Ponte de Sor também existe uma anta com este nome mas o mesmo poderá referir-se ao revelo mais elevado situado a nordeste da sepultura e onde foi referenciado um habitat pré-histórico (Martins *et al.,* 1999: 149). Não está documentado o seu uso na área deste estudo.

O termo *Lapa*, embora com significados muito distintos, também ocorre associado a sepulturas megalíticas (Menéndez de Luarca, 2000: 75-76), novamente por analogia com a morfologia das câmaras funerárias. Um dos exemplos mais emblemáticos situa-se em Vouzela, a *Lapa de Meruje*, uma câmara megalítica com tampa (Girão, 1921; Marques, 1999: 27). Em Penedono ocorre nomear uma estrutura daquele tipo, com o diminutivo *Lapinha* (Gomes & Carvalho, 1999: 44). Neste estudo não se identificou nenhum topónimo relacionado com sepulturas pré-históricas. Contudo, em obra de referência (Leisner, 1998) foram assinalados, como indicativos de sepulturas megalíticas, os seguintes nomes: *Coito da Lapa / Arraial da Lapa*, *Ribeiro da Lapa* e *Pizarra da Lapa*, no concelho de Idanha-a-Nova, e *Lapa*, em Castelo Branco. Consideramos inapropriada a sua invocação no caso da *Lapa* e *Pizarra da Lapa* dado situarem-se no topo de cristas quartzíticas e *Ribeiro da Lapa* por se situar aparentemente numa linha de água. Os restantes casos carecem de observação. Em municípios vizinhos da área de estudo, a mesma fonte assinala como outros topónimos indicativos *Lapa das Cachopas*, *Malhada da Lapa* e *Quinta do Vale da Lapa*, na Covilhã, *Lapa*, *Lapa das Bogas* e *Ribeiro da Lapa*, em Vila de Rei.

O *Malhão* é uma estrutura de pedras encasteladas geralmente de uso pastoril (Oliveira *et al.,* 1988: 27) que por vezes aproveita sepulturas megalíticas, como se observou por exemplo em Cabeço Alto 4 (4038) e em Zambujo 1 (4141) apoiado em esteios. Mas também se admite que o termo possa ter sido aplicado directamente a estruturas antigas. Por exemplo, em Alcoutim existe uma cista megalítica no *Cerro do Malhão*

[337] Informação de EMERITA, Lda.
[338] Nomeadamente em Duarte de Armas.
[339] Colocação num ponto elevado com boa visibilidade, proximidade de uma vila e de uma via de acesso, posição oposta aos ventos dominantes em relação à referida povoação, segundo Oliveira & Tomás (2007).

e uma *tholos* no *Cerro do Malhanito* (Cardoso & Gradim, 2011). Neste estudo a sua aplicação não foi documentada.

A palavra *Mamoa*, com diversas variantes e diminutivos (Menéndez de Luarca, 2000: 72) como *Mámoa*, *Mamuinha*, *Mama* e *Mamodeiro*, estas duas últimas variantes em Aveiro (Almeida & Fernandes, 2001: 27), significa especificamente relevo artificial de forma mamilar, sendo utilizada correntemente para designar um *tumulus* sobretudo na parte setentrional do território continental, constando desse modo em diversos inventários arqueológicos. Não foi documentada neste estudo mas imediatamente a norte, no concelho de Penamacor, existem duas localidades com nomes que podem ter a mesma etimologia, *Meimão*, *Meimoa* (Leisner, 1998).

O termo *Marmoural* ou *Marmorial*, corruptela de memorial, corresponde a monumentos funerários medievais em forma de arco, com distribuição no Norte de Portugal (Alarcão, 1982: 48; Silva, 1987). À forma *Marmoral* estão associadas nove mamoas em Pampilhosa da Serra (Batata & Gaspar, 2009: 63-69). A convergência do topónimo *Marmoirais* com mamoas está também documentada na Serra da Cabreira, em Cabeceiras de Basto (Fontes, 1999). Em Vila Velha de Ródão obteve-se referência ao termo em *Tapada dos Marmourais* mas o sítio não foi avaliado e junto à Serra do Moradal existe um relevo pontuado por um vg com o nome *Marmoural* onde não se encontraram vestígios arqueológicos (5020 no catálogo). Neste caso deve admitir-se a possibilidade da localização original do topónimo não coincidir com a do vg.

Menos corrente, o topónimo *Mesa* pode indicar a presença de uma câmara ortostática com tampa (Menéndez de Luarca, 2000: 73), embora se aplique a outras realidades, nomeadamente de natureza geológica[340]. Na Serra das Mesas, em Lamego, existe um conjunto apreciável de *tumuli. Pedra da Mesa*, na Covilhã, foi inventariada como sugestão de monumento megalítico (Leisner, 1998). Está documentado neste estudo em *Mesas* 1 e *Mesas* 2 (4099 e 4100).

Moinho de vento pode representar mais um caso de erro de compreensão da natureza de uma sepultura monticular por parte de comunidade local. Em Arouca aparece associado a uma mamoa (Silva, 2004: 167) e de acordo com a tradição local teria existido um engenho daquele tipo sobre a sepultura. No catálogo anexo está documentado um *Cabeço do Moinho de Vento* (4040) onde se observou uma estrutura de qualificação duvidosa como sepultura megalítica mas de pequena dimensão para poder corresponder à base de um engenho eólico. Em Malpica do Tejo ouvimos um informante relacionar uma anta como as ruínas de um moinho de vento e o mesmo no concelho de Proença-a-Nova em relação a uma pequena mamoa[341]. Em Cedillo também ocorre esta associação (Oliveira, 1994: 17, 44).

Mogo e as variantes *Munheca*, *Boneca*, *Mogadouro*, entre outras, podem significar montão ou elevação (Menéndez de Luarca, 2000: 58). Em Arraiolos existe uma anta com o topónimo *Mogos* (Silva & Perdigão, 1998: 80) e na *Portela de Mogos*, em Évora, existe um importante recinto megalítico (Gomes, 1997e). Na *Serra das Mougueiras*, em Oleiros, que pode significar "terra onde abundam mógos" (Louro, 1990), isto é, pedras fincadas, estão documentados vários *tumuli* (entre outros 5036 a 5040).

Morouço (Fabião, 2016: 46), *Merouço*, *Miroiço*, e outras variantes, significa amontoado de pedra, resultante geralmente de despedrega de terrenos de cultivo, mas ocorre também claramente aplicado a construções megalíticas, uso que poderá ser justificado pela presença de couraças pétreas. O nome *Morouços*, junto com

[340] Caso por exemplo de relevos graníticos na Serra das Mesas (Sabugal).
[341] Identificação ainda inédita efectuada pelo arqueólogo Francisco Henriques.

Cavada d´Entela, aparece associado a conjunto de sepulturas megalíticas destruídas, em Arouca (Silva, 2004: 138). Existe uma sepultura megalítica denominada *Orca de Merouços*, em Vila Nova de Paiva (Cruz, 2000: 36). Na área de estudo estão documentadas duas sepulturas no *Olival dos Morouços* (1022 e 1023).

O termo *Mota* poderá derivar da palavra latina *meta,* significando amontoado ou montículo artificial (Menéndez de Luarca, 2000: 58-59). É comum no Norte[342], associado a mamoas, caso da *Mota Grande*, em Melgaço (Jorge *et al.,* 1997b), mas tem outras finalidades, nomeadamente militares (Alarcão & Barroca, 2012: 243), com interesse arqueológico, como é o caso da mota de Eiró, na Serra da Cabreira, em Cabeceiras de Basto, identificada como sendo uma residência senhorial fortificada do séc. XIII (Fontes, 1999)[343]. Julgamos que as palavras *Mouta* ou *Moita* são variantes daquela tendo desse modo o mesmo significado que não de natureza vegetal. O nome *Moitão de Terr*a, na forma aumentativa e redundante, aparece associado a mamoa bem conservada, em Alandroal (Calado, 1993: 87). A forma *Mouta* também ocorre associada a uma mamoa em *Cabo das Moutas*, Vouzela (Marques, 1999: 25). A forma *Moita*, nome actual de uma povoação em Aveiro, está também associada a uma mamoa, no local onde existe a capela de São Mateus, mas está registada na forma redundante de *Mouta da Mamua* em documento do séc. XII (Almeida & Fernandes, 2001: 29). Em Marvão o topónimo *Mouta Raza* inicialmente relacionado com uma anta (Paço, 1953) foi desvinculado de tal correspondência no decurso da revisão da carta arqueológica municipal (Oliveira *et al.,* 2007)[344]. O nome *Moita* ocorre, em Mangualde, também associada a um sítio arqueológico, talvez de cariz funerário onde existem montículos de pedra miúda e telhas espessas e, aparentemente próximo, o topónimo *Anta* (Gomes & Carvalho, 1992: 125-126). A palavra *Madorra*, com a mesma etimologia de *Mota*, aparece na forma plural associada a uma sepultura megalítica em Sabrosa, perto da qual ocorre o topónimo *Arcã* (Gonçalves & Cruz, 1994). No Fundão o topónimo *Madorro* e na Covilhã o nome *Madurrada* foram listados como indicativos de monumento desse tipo (Leisner, 1998). A mesma etimologia parece aplicar-se às *motillas* de Castilha La Mancha (Barandiáran *et al.,* 2007:340).

No Sul temos constatado uma coincidência deste topónimo com estruturas monticulares como sucede nos vários sítios denominados *Moitas*, em Proença-a-Nova, e próximos entre si, a maioria dos quais habitados (*Moita do Cabrito*, *Moita do Grilo*, *Moita Mateus Alves*, *Moita Pedro Domingues*, *Moita do Pinheiro* e *Moita do Santo*), ou no *Vale da Moita* entre Benespera e Cabeço de Fráguas (Guarda). Julgamos poder relacionar este termo não com uma planta mas com uma variante fonética da palavra *Mota*. As sepulturas denominadas *Cabeço da Anta* 1 (2003), *Cimo do Vale de Alvito* 1 (2010) e *Cão do Ribeiro* (2005) situam-se nas proximidades das povoações proencenses acima mencionadas e uma quarta sepultura tem associado o topónimo *Moita da Galinha* (2021). Em Mação é referida uma "sepultura, tipo poço coberta por abóbada (tholos)" na Senhora da Moita (Pereira, 1970:207). Diversas mamoas mencionadas no vale do Aravil (Ferreira, 1978), nomeadamente a da *Granja de São Pedro* (4088), situam-se na vizinhança do *Monte da Lomba da Moita*. Em Vila Velha de Ródão está documentado o topónimo *Môta da Sôra* associado a uma povoação abandonada,

[342] Também aparece no Sul, por exemplo no Alandroal, associado a hipotética necrópole (Calado, 1993: 59).

[343] "*O monumento que se designa por "mota" de Eiró é um montículo ou cômoro artificial de terra, rodeado por um fosso, destacando-se de forma acentuada da superfície ligeiramente declivosa da encosta. De forma circular, apresenta uma depressão interior descentrada e uma sobreelevação no lado NO do montículo, onde atinge a altura de 6 metros em relação à base da elevação. O diâmetro é de cerca de 45 metros, com fosso, e de cerca de 35 metros, sem fosso. O fosso, marcado pela concavidade que circunda toda a elevação, nunca ultrapassa os 0,80 metros de profundidade, devendo estar aterrado. Exteriormente é acompanhando, em todo o seu perímetro circular, por uma pequena elevação de terra, que incorpora alguns alinhamentos incipientes de pedras de médias dimensões, não afeiçoadas, que poderão corresponder ao derrube de um murete que delimitaria exteriormente o montículo. No interior da elevação central, incorporados na massa térrea, observam-se elementos pétreos de dimensões variáveis, que tanto poderão corresponder a derrubes de edificações ou serem apenas elementos de consolidação da massa térrea. No lado SE observa-se uma abertura para o fosso, sugerindo a existência de uma entrada nesse lado. Esta entrada seria servida por um caminho cujo traçado é ainda perceptível na topografia da encosta, serpenteando para NE até ao caminho actual, em cujo talude é visível o lajeado que pavimentaria partes do caminho primitivo"* (Fontes, 1999).

[344] Gentil informação do Prof. Jorge de Oliveira (Universidade de Évora).

que poderia ter derivado de uma antiga mamoa. No catálogo assinalou-se um *tumulus* com o topónimo *Moita Redonda* (3021). Em convergência com esta explicação observe-se a provável redundância entre os topónimos Anta e Moita situados em lados opostos do rio Ocreza, embora próximos, no concelho de Castelo Branco (Figura 6.32). Veja-se, ainda, a proximidade dos termos Moita, Moitinha e Moiteca, aplicados a lugares habitados, em Ourique, na folha 468 da CMP, indicando diferentes dimensões.

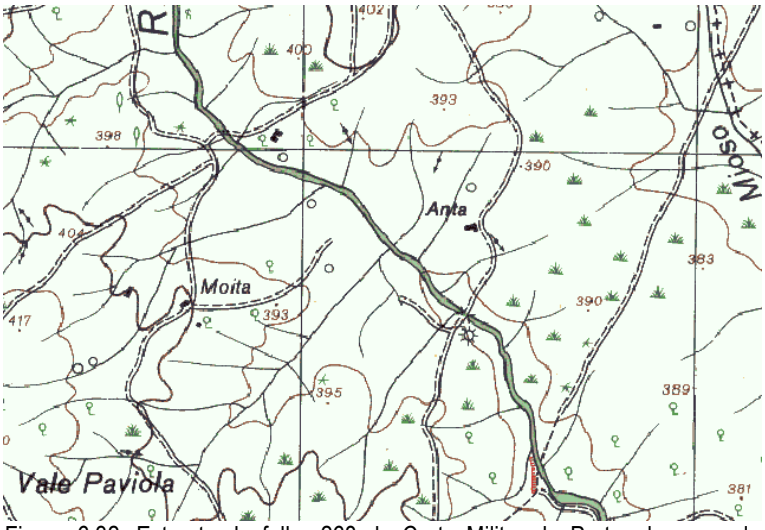


Figura 6.32. Extracto da folha 268 da Carta Militar de Portugal na escala 1:25000 com os topónimos Moita e Anta.

Nomes baseados em <u>*Pedra*</u> e <u>*Padrão*</u> ocorrem relacionados com marcos, com menires mas também com afloramento de rocha (Menéndez de Luarca, 2000: 46 e 51). Em Vila do Bispo existem menires em *Padrão* e *Pedra Escorregadia* (Gomes & Silva, 1987: 48, 54), em Resende, cinco mamoas, mas também um marco de termo da Universidade de Coimbra, no *Alto do Pedrão* (Lopes da Silva *et al.,* 1997), em Mangualde, a *Orca dos Padrões* (Gomes & Carvalho, 1992), três menires na *Pedra Longa*, em Arraiolos (Silva & Perdigão, 1998: 93), um hipotético menir em *Pedra Alçada*, Alandroal (Calado, 1993: 115), possível anta em *Pedra Longa*, Serpa (Lopes *et al.,* 1997: 67), sepulturas megalíticas em *Penedos Alvos*, Vila Pouca de Aguiar (Batata *et al.,* 2008: 63-65), um notável sítio ritual pré-histórico na *Pedra Encavalada*, Abrantes (Cruz, 2016), topónimo que se repete na forma *Pedra Encavalgada* junto de várias mamoas, em Melgaço (Jorge *et al.,* 1997b). Na área de estudo já foram mencionadas algumas sepulturas com esta partícula toponímica (2022, 4110) e junto de *Pedra do Altar* (Proença-a-Nova) existem também antas. Junto à povoação de Padrão, em Proença-a-Nova, foi assinalada uma anta (Leisner, 1998). Na região de Castelo Branco, os mesmos autores indicam como topónimos de potencial interesse arqueológicos os seguintes: *Pedragueira*, em Castelo Branco, *Pedra Figueira, Pedra da Mesa, Pedra da Albarda, Pedras Brancas, Pedra Alta e Pedrão*, na Covilhã, *Pedra Aguda, Pedra Alta*[345] *e Pedralta*, no Fundão, *Pedras, Pedra Abelheira e Pedras Ninhas*, em Idanha-a-Nova.

A palavra <u>*Seixo*</u> pode ser utilizada com diferentes aplicações até do ponto de vista geológico mas também se tem constatado a sua utilização popular na indicação de sepulturas monticulares dotadas de pedras. Ocorre em Vila Pouca de Aguiar associada a uma mamoa, na forma *Fonte do Seixo* (Batata *et al.*, 2008: 98), e no *Alto do Seixo*, em Arouca, converge com quatro mamoas (Silva, 2004: 194-195). Na área de estudo este termo está presente em *Cabeço do Seixo* (5005 e 5006) a indicar a presença de concentração de quartzo filoniano em vários *tumuli.*

[345] Imediatamente a jusante das Portas de Ródão, junto do Conhal do Arneiro, em Nisa, existe uma *Horta da Pedra Alta*.

No catálogo de sítios anexo a este estudo assinalaram-se outros topónimos associados a sepulturas: *Alcaria* (1056), área onde está referenciado uma anta que nunca foi encontrada; *Lares Velhos* (4055); diversos topónimos compostos a partir do termo *Mouro*, como *Cabeço Mouro* (4018 a 4024), *Couto do Mouros* (4067), *Vale Mouro* (1050), *Mouro* (5025) e ainda *Casa da Moura, Cova da Moura, Eira dos Mouros* e *Forno dos Mouros*, atrás citadas; *Queijeira Velha*[346] (4116).

6.9. Conservação e valorização

Acerca do estado de conservação da anta da Urgueira, Francisco Tavares de Proença Júnior informava que "a parte lithica do monumento acha-se em regular estado de conservação embora a mamôa tenha desaparecido em grande parte em virtude de várias causas" (Proença Jr, 1909), elegendo a agricultura como o principal "agente de destruição". Mais adiante afirma que "pelo que respeita á parte lithica do monumento, verificam-se ali os efeitos do vandalismo dos habitantes dos logarejos próximos, ainda hoje absolutamente bárbaros."[347] A preocupação conservacionista é bem evidente nestas afirmações demonstrando que os interesses de Proença Jr não se limitavam aos objectivos da investigação e do coleccionismo, através do estudo de monumentos e sítios e da recolha de artefactos para o futuro museu.

A destruição destes monumentos persiste, imparável, no presente, apesar do enorme progresso atingido ao nível dos instrumentos e meios de salvaguarda do património arqueológico (legislativos, de planeamento, de ordenamento, de administração central, regional e local e de investimento público e privado, estes último potenciado pela avaliação de impacte ambiental). Constata-se que, para além da boa substância formal daqueles instrumentos, a sua aplicação é inexistente ou deficiente e assimétrica[348], em claro incumprimento da lei, dependendo fundamentalmente da vontade pessoal dos responsáveis políticos. Por outro lado, a assunção, por parte das autoridades públicas, do valor económico do património arqueológico e da imprescindibilidade da sua gestão diária, na perspectiva da conservação do recurso, para além do seu primordial valor cultural, ainda não foi adequadamente interiorizada (Caninas & Custódio, 2018). Um desenvolvimento que não integre o património arqueológico no processo de decisão não pode ser considerado sustentável.

O lavradio de terrenos destinados à produção agrícola é talvez a causa mais antiga e de efeito progressivo no estado de conservação de sítios arqueológicos, principalmente em zonas de tradição agrícola. Bom exemplo desse efeito, nas terras baixas, são as estruturas ortostáticas (câmaras e corredores funerários) despojadas dos *tumuli* que as envolviam na origem, removidos por sucessivas lavras. Apesar desse efeito, refira-se a atitude conservativa dos agricultores autóctones tradicionais (Caninas & Henriques, 1995: 116) que não tendo talvez noção da destruição que provocavam nos *tumuli* optavam por não destruir as construções internas daquelas sepulturas (A em Figura 6.33) demonstrando uma capacidade de conviver com a diversidade.

[346] O termo queijeira, além de outros, é atribuído a construções de falsa cúpula na área de estudo. Proença Júnior dedica um estudo às queijeiras redondas de Castelo Branco que relaciona com as cabanas pastoris da Serra da Estrela, com as sepulturas de tipo *tholos* do Algarve e com outras construções mediterrânicas (Proença Jr, 1910d).

[347] Se à data o monumento estava integrado no monte da Urgueira, tal como hoje, então os causadores de tal destruição terão sido os feitores e rendeiros, entre os quais tive um bisavô (José Dias Belo) e um tio-avô (José Dias Castelo), tendo este último afirmado ter retirado um ou mais esteios da anta da Urgueira para utilizar no piso de um pontão situado na área daquele latifúndio.

[348] Ao longo do território, de município para município, e entre os diversos sectores de actividade; constata-se significativa diferença entre os graus de exigência na minimização dos impactes sobre o património cultural impostos, por exemplo, ao sector energético comparativamente com o florestal.

Mas nem todas se conservaram, admitindo-se que tenham sido desmontadas muitas *antas* pela necessidade de utilizar boas lajes de pedra em construções privadas, edifícios, pontões e muros. Esta necessidade de utilizar pedra de qualidade e de mais fácil arranque pode justificar a estranheza acerca da discrepância entre a quantidade de *machados de pedra* colectados por Proença Júnior nos concelhos de Castelo Branco e de Idanha-a-Nova, dispondo de maior área agrícola que outros municípios do antigo distrito albicastrense, e o número de sepulturas megalíticas (antas e *tumuli*) ali inventariadas, admitindo-se que tais achados, numerosos, signifiquem uma maior taxa de desmantelamento daquelas estruturas funerárias (Caninas, 2012).

A composição estrutural das mamoas, a morfologia dos terrenos onde foram construídas e a taxa de erosão são outros factores condicionantes do ritmo da sua degradação, que se ilustram com quatro casos do concelho de Vila Velha de Ródão, Cabeço d´Ante (1005), Charneca das Vinhas (1010), Morouços 1 (1022) e Eira da Vinha (1012). As sepulturas de Charneca das Vinhas e Morouços 1, ambas situadas em terrenos planos, a primeira numa mesa detrítica (*charneca*, com reduzido uso agrícola) e a segunda numa planície aluvial, têm mamoas bem conservadas. No segundo caso a densa estrutura de quartzo filoniano pode ter resistido a sucessivas investidas das charruas, ficando salvaguardada a partir de dado momento com a instalação de um olival[349]. A sepultura do Cabeço d´Ante situa-se no topo de um pequeno cabeço cujas encostas acentuadas, a par da lavoura, terão contribuído para o desaparecimento da sua mamoa. Finalmente, Eira da Vinha ilustra o caso de um pequeno *cairn*, situado na margem de uma linha de água sazonal, encaixada entre cotas elevadas, que se conservou sob espesso sedimento resultante de erosão, potenciada provavelmente, a partir da época romana, pela intensificação de usos agrícolas na área envolvente, onde se situa o monte da Coutada. Outro factor de conservação deste tipo de monumentos resulta da sua presença em montados, sobretudo nas terras baixas do sul de Idanha-a-Nova e Castelo Branco, bem documentado no caso das estruturas circulares do Monte de São Domingos (Cardoso *et al.,* 1998), ou em espaços sem préstimo agrícola[350] e não atingidos por infraestruturas florestais como é o caso da Serra Vermelha, em Oleiros (Caninas *et al.,* 2008a).

Outras causas de degradação, não tanto das estruturas megalíticas mas dos seus enchimentos, resultam de antigos processos de violação, sobretudo das câmaras funerárias, talvez desde a época romana, em busca de *tesouros* ou na sua transformação em cabanas, com coberturas de falsa cúpula, como vimos na anta da Terra da Frágua, em Nisa, ou com malhões e paraventos como no Cabeço Alto 4 (4038), no Farranhão 1 (4077), no Vale da Morena (4138) e no Zambujo 3 (4141), ou sobrepostas por palheiros como em Corgas 2 / Casinha Branca (4057). Menos gravosos da integridade destes monumentos foram as colocações de vértices geodésicos e de marcos cotados, geralmente ao lado das câmaras funerárias, como são os casos de Cabeço da Anta 1 (2003), Espinho Pequeno 1 (2013), Portela da Anavinhas (2023), Vale da Neve (2026), e os exemplos mais numerosos de Idanha-a-Nova, em Amieiro 2 (4006), Arraial do Cabeço Mouro 2 (4019), Atalaia 2 (4033), Boizana (4034), Clérigos (4055), Mesas 1 (4099), Ovelheiros (4107), Samarrudo 1 (4118), Sapateiras (4124) e Zambujo 3 (4143). Casos houve, talvez em menor número, de destruição intencional como o que nos foi relatado acerca do desmantelamento da notável Anta Grande de Medelim a mando da então proprietária.

[349] Recentemente arrancado no âmbito de um novo projecto agrícola.

[350] Mesmo em espaços agrícolas tradicionais, trabalhados com instrumentos leves como as charruas, a presença de amontoados de pedras (*cairns* ou couraças) além de oferecerem resistência à lavoura acabavam por beneficiar da *simbiose* com espécies arbóreas, como as azinheiras e os sobreiros, protecção que era potenciada pela colocação sobre aquelas das pedras resultantes da despedrega dos campos.



A. Estrutura ortostática com câmara e corredor da anta da Terra da Azinheira (Nisa) no topo de uma cascalheira em lavradio tradicional.



B. Anta de Anaformosa (Vila Velha de Ródão) destruída por surriba destinada a povoamento com eucalipto.



C. Anta do Cabeço d´Ante (Vila Velha de Ródão) com um estradão a passar sobre a mamoa, ao lado da câmara e do corredor. Recuperada.



D. Anta do Cão do Ribeiro (Proença-a-Nova) com mamoa sobreposta por caminho a poente, com depósito de entulhos a norte e com extracção de argila a sul. Recuperada.



E. Mamoa de Arraial de Caféde 2 (Idanha-a-Nova) surribada por eucaliptal e parcialmente destruída por estradão.



F. Mamoa das Maias 1 (Idanha-a-Nova) atravessada por um caminho aberto pela Junta de Freguesia.



G. Deposição de troncos de madeira sobre a mamoa da Selada da Póvoa (Oleiros) após corte de madeira ardida em 2003.

Figura 6.33. Exemplos de destruição e de risco na conservação de sepulturas megalíticas.

Essa situação mudou radicalmente com a mecanização pesada, com os investimentos de escala industrial, tanto agrícolas como florestais, liderados por agentes alienígenas[351], ignorantes da história local ou com uma formação tecnocrática despojada de um mínimo de sensibilidade e formação humanística, com a conivência

[351] Tanto portugueses como estrangeiros.

das autoridades públicas locais, nacionais e comunitárias. Um exemplo recente de destruição sistemática, em escala industrial, de património arqueológico, que corresponde a um problema previsível[352] cuja resolução o Estado não quis antecipar, foi recentemente denunciado (Dias, 2017) no contexto dos investimentos na área de regadio do Alqueva.

Situação catastrófica para o património arqueológico, extensiva ao território continental, foi a que ocorreu, a partir dos anos 80 do séc. XX, com a expansão dos povoamentos de monoculturas florestais para produção de pasta de papel, baseados sobretudo em eucalipto[353], executados sem regras e com apoio público nacional e comunitário, a par de uma densa rede de infraestruturas florestais, como caminhos, aceiros e parques de madeira, entre outras. No que concerne às sepulturas pré-históricas, megalíticas e/ou monticulares, estas infraestruturas terão sido particularmente nefastas por coincidirem com aquelas em linhas de cumeada, nas áreas mais montanhosas e acidentadas (Caninas & Henriques, 2008; Caninas *et al.,* 2008a e 2009b). No auge da contestação à expansão do eucalipto em Portugal o impacte sobre o património arqueológico[354], no qual os monumentos megalíticos mereceram destaque, foi contemplado num testemunho partilhado por diferentes especialidades (AA VV, 1989 e 1990)[355]. A AEAT também se empenhou na denúncia deste desastre, no território correspondente à área deste estudo, e ainda no concelho de Nisa, com eco na comunicação social (Associação de Estudos do Alto Tejo, 1984; Beirão, 1989; Vasconcelos, 1995 e 2000).

Os danos e os riscos de destruição destes monumentos (Figura 6.33) têm sido potenciados, a vários níveis, pelos fogos rurais, em particular nos anos de 2003 e 2005 atendendo à abrangência territorial daquelas ocorrências, tendo motivado recomendações de diversas entidades públicas e privadas (Real, 2003; Cruz *et al.,* 2006; Caninas & Henriques, 2008; Caninas *et al.,* 2008c), novamente com divulgação na comunicação social regional (Barata, 2003; Francisco, 2003; Tomé, 2003). Em 2017, com a maior área ardida anualmente de que há registo[356], e um desastre humanitário e económico sem precedentes, a pressão política e da opinião pública vai obrigar à execução rápida de medidas curativas, compensatórias e preventivas tanto nas áreas atingidas como em todas as áreas rurais com potencial risco de incêndio devido à sua densa ocupação vegetal com cargas combustíveis elevadas. Neste contexto, o risco para o património arqueológico vai aumentar e é previsível que a minimização dos impactes negativos sejam novamente ignorados, nesta conjuntura de emergência, acrescida pela incapacidade dos nossos decisores e gestores públicos e privados em lidarem com muitos factores ao mesmo tempo, sendo o património arqueológico considerado o menor deles.

[352] Exposto em inúmeros estudos de impacte ambiental promovidos pela EDIA e executados no âmbito do licenciamento das áreas de regadio.

[353] O problema arqueológico não reside no tipo de planta utilizada, cujo real impacte é ecológico e social, mas nos meios de preparação dos terrenos para a instalação dos povoamentos florestais com recurso a lavras profundas, armação do terreno em vala-cômoro ou em socalcos. O problema é idêntico com a instalação de povoamentos de sobreiros, uma opção ecologicamente reconhecida mas de consequências nefastas do ponto de vista arqueológico como documentámos em Rosmaninhal (Idanha-a-Nova).

[354] "A forma como são plantados os eucaliptos, implicando a mobilização dos terrenos e a utilização de maquinaria pesada, tem levado à destruição de muitos vestígios arqueológicos, em especial de monumentos megalíticos. Para esta situação muito contribui a falta de preparação e de sensibilidade dos responsáveis pelas arborizações industriais. Embora também falte um inventário nacional exaustivo das áreas de interesse arqueológico, já tem ocorrido a destruição por parte das empresas de estações arqueológicas referenciadas. O que atesta a sua manifesta falta de respeito pelos valores culturais e históricos do nosso país. // Por outro lado, a paisagem faz parte integrante da identidade cultural de um país e de um povo. O impacto paisagístico de monoculturas de uma espécie oriunda de outra região geográfica, descaracterizam em absoluto a paisagem portuguesa. A paisagem variada nacional, aliás um dos sustentáculos do turismo, tem sido crescentemente substituída por manchas contínuas e monótonas de eucaliptos, como sucede já em amplas extensões do país. // A eucaliptização é pois um verdadeiro atentado à identidade cultural portuguesa" (AA VV, 1989: 32).

[355] Foram abordados os seguintes temas: água; solo; flora e fauna; economia; regiões; cultura.

[356] Mais de meio milhão de hectares, 520 515 hectares até 19 de outubro de 2017 (fonte consultada em 27 de outubro de 2017: https://www.publico.pt/2017/10/20/video/area-ardida-em-portugal-20171019-233240).

Estão por avaliar e ficarão certamente por avaliar, por falta de meios e de empenhamento governamental e municipal, os impactes destas ocorrências no património arqueológico[357], em consequência da passagem do fogo e dos modos adoptados para o seu combate, nomeadamente ao nível da abertura de faixas de defesa com recurso a máquinas de rastos. Foi aliás isso que aconteceu no sítio da Achada, em Vila Velha de Ródão, em 2003, com a danificação parcial de uma bateria militar do séc. XVIII em consequência da passagem de uma máquina daquele tipo contratada pela autarquia local. Este caso teve uma consequência positiva, por instância da AEAT, uma vez que o dano foi assumido pelo gestor municipal e promovido o estudo daquela estrutura arqueológica com resultados de interesse histórico e militar (Henriques *et al*., 2011c).

Apesar deste cenário desfavorável à salvaguarda do património arqueológico, tanto em tempo de *paz* como em tempo de *guerra*, foram dados alguns passos positivos, formais, ao nível do diálogo intergovernamental, entre os sectores da Agricultura/Florestas, da Cultura e da Sociedade Civil[358], com a inclusão do problema arqueológico em declarações e em instrumentos administrativos de diversos tipos, com um nível de relevância superior ao seu mero interesse turístico. A *Declaração ibérica sobre os princípios para a gestão sustentável das florestas* (Ibisus, 1997), subscrita por 32 associações de produtores, entidades universitárias, profissionais e governamentais do sector, de Espanha e de Portugal[359], consignou, entre os seus *princípios sociais*, que "os bens naturais e socioculturais existentes nas florestas – rios, sapais, lagos, fontes, grutas, árvores e habitats especiais, vestígios pré-históricos e arqueológicos – serão identificados, registados e preservados em colaboração com as comunidades locais, as entidades públicas e as ONG´s interessadas."

Outro exemplo dessa articulação pode encontrar-se (Caninas & Henriques, 2008) no articulado do *Plano de Desenvolvimento Sustentável da Floresta Portuguesa* que incluiu nas grandes orientações estratégicas a "necessidade de compatibilizar as múltiplas funções deste espaços (florestais), designadamente as produtivas, as ambientais, as sociais e as culturais" (DGF, 1998: 31). A *grande orientação estratégica* denominada "conservar a natureza e valorizar o ambiente nos espaços florestais" tinha entre os seus quatro objectivos estratégicos "proteger os patrimónios arqueológico e arquitectónico e a paisagem nos espaços humanizados". Por outro lado, os objectivos operacionais conectos com aquela orientação traduziam uma opção promissora quanto à salvaguarda do Património na política florestal[360]. Outra *grande orientação estratégica* (DGF, 1998: 97) "promover o desenvolvimento económico e

[357] A descubra pelo fogo de tão vasta área, em parte mal caracterizada do ponto de vista arqueológico, representa uma oportunidade para descobrir o que ainda não se conhece e que só desse modo poderá ser salvaguardado dos danos que se avizinham com a implementação de novos usos da terra e de infraestruturas de protecção, armazenamento e acesso.

[358] Através de processos de discussão pública das propostas de diplomas.

[359] AFRIFOGA – Associación para el Fomento de la Riqueza Forestal de Galicia, AREFOR – Asociación de Rematantes de Euskadi, ASAJA FORESTAL – Asociación de Jovenes Agricultores Forestal, ASEMFO – Asociación Nacional de Empresas Forestales, Asociación Forestal de Castilla y León, Asociación Monte Industria, Asociación Nacional de Fabricantes de Tableros Aglomerados, ASPAPEL- Asociación Nacional de Fabricantes de Pasta, Papel y Cartón, Associação de Indústrias de Madeira e Mobiliário de Portugal, ANEFA – Associação Nacional de Empreiteiros Florestais e Agrícolas, Associação nacional dos Industriais e Exportadores de Cortiça, Associação de Produtores Florestais de Coruche, Asociación de Propietarios Forestales de Valladolid, CAP - Confederação dos Agricultores de Portugal, CELPA – Associação da Indústria Papeleira, CINF – Conselho Interprofissional Florestal, CIP – Confederação da Indústria Portuguesa, Confederación de Forestalistas del Pais Vasco, COSE – Confederación Organizaciones de Silvicultores de España, Federação dos Produtores Florestais de Portugal, Federación Empresarial de Aserradores y Rematantes de Madera de Galicia, FORESTIS – Associação Florestal do Norte e Centro de Portugal, Mesa Intersectorial de la Madera de Euskadi, SILVANUS – Asociación Profesional de Silvicultores de Galicia, SOGESA – Sociedad ce Gestión del Sector de Aserrio, Colégio de Silvicultura da Ordem dos Engenheiros, COPA/GT Florestal, Dirección General de Conservación de la Naturaleza, Direcção Geral das Florestas, Estação Florestal Nacional, Instituto Superior de Agronomia / Departamento de Engenharia Florestal, Sociedade de Ciências Florestais, USSE – União dos Silvicultores do Sul da Europa.

[360] Objectivos operacionais: minimizar o risco de destruição de património arqueológico e arquitectónico; valorizar o património e o seu uso nos projectos florestais. São quatro as acções decorrentes daqueles: melhorar os mecanismos de detecção e troca de informação sobre localização e valores do património; elaborar manual de critérios indicadores patrimoniais a utilizar em projectos florestais; integrar no licenciamento de projectos florestais a obrigatoriedade de prevenir e minimizar o risco de destruição de património arqueológico e arquitectónico; integrar a componente patrimonial no código de boas práticas de uso do solo; manter e valorizar os sítios e monumentos integrados em áreas florestais (DGF, 1998: 66).

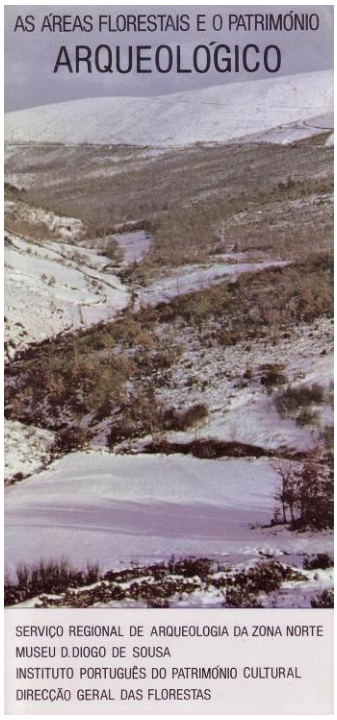
social sustentável" consignava acção relativa à protecção, valorização e integração do património histórico e cultural nas redes de espaços e paisagens florestais.

Mas esta *promessa* desapareceu em diplomas subsequentes, casos da *Estratégia Nacional para as Florestas*[361] e do *Plano Nacional de Defesa da Floresta contra Incêndios*[362]. No primeiro, as referências ao património cultural restringem-se a uma inclusão preambular numa das cinco *funções gerais dos espaços florestais*[363], o "recreio, enquadramento e valorização da paisagem", com a seguinte função específica dominante: "enquadramento de sítios arqueológicos, monumentos, zonas urbanas, etc" (página 692-9). Mais à frente (página 692-26) o diploma inclui esta afirmação inconsequente: "…o mesmo autor recorda que, paradoxalmente, o litoral é a principal zona recreativa do território português, que apresenta ainda a atracção adicional de inúmeros testemunhos arqueológicos antigos (povoados, fortificações de diversas épocas, etc)". O sentido do texto é positivista ignorando os impactes negativos da actividade florestal sobre o património cultural, ausente nos objectivos estratégicos e objectivos específicos desta estratégia.

A ausência de enquadramento, efectivo, do património cultural também é patente no segundo diploma, por exemplo neste excerto do primeiro eixo de actuação ("aumento da resiliência do território aos incêndios florestais"): "…relevam-se para este eixo estratégico dois objectivos principais: rever e integrar políticas e legislação e promover a gestão florestal e intervir preventivamente em áreas estratégicas, designadamente povoamentos florestais com valor económico, maciços arbóreos de relevante interesse natural e paisagístico, *habitats* naturais protegidos, bem como todas as áreas integradas em matas nacionais, perímetros florestais, áreas protegidas e classificadas " (página 3514). A propósito de outro eixo estratégico, "recuperar e reabilitar os ecossistemas", é afirmado (página 3527) que se pretende "que no termo do ano de 2007 esteja disponível um Código de Boas Práticas na Recuperação de Áreas Ardidas, da responsabilidade da DGRF e elaborado em articulação com outras entidades públicas (ICN, INAG, IPPAR, IES), e com a participação de representantes de proprietários de terrenos, e que o mesmo seja divulgado às Organizações da Produção Florestal." Curiosamente, o IPPAR, que supomos seja o Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, não consta no glossário presente no final do diploma (página 3559), sintomático, talvez, da ausência do sector para efeitos práticos. Mas estas falhas talvez se devam também imputar a uma deficiente participação dos agentes culturais no processo de consulta pública destes diplomas.

Antes destas iniciativas, a Lei de Bases da Política Florestal[364] também era falha de adequado enquadramento do património cultural que deveria ter sido incluído no princípio orientador (artº 3º) relativo à *conservação*, o qual se limita a aspectos biofísicos e bióticos. Mas está contemplado de modo muito genérico no seguinte objectivo da política florestal (artº 4): "promover e garantir o acesso à utilização social da floresta, promovendo a harmonização das múltiplas funções que ela desempenha e salvaguardando os seus aspectos paisagísticos, recreativos, científicos e culturais". O artº 5º relativo ao ordenamento e gestão florestal determina que os Planos Regionais de Ordenamento Florestal consignem, também de modo genérico para o património cultural, "a definição das áreas críticas do ponto de vista do risco de incêndio, da sensibilidade à erosão e da importância ecológica, social e cultural, bem como das normas específicas de silvicultura e de utilização sustentada de recursos a aplicar nestes espaços." Está por avaliar qual o papel desempenhado pela ONGA com assento no Conselho Consultivo Florestal (artº 15º) e em todos os órgãos consultivos da política agrícola e florestal, na defesa destas preocupações.

[361] Resolução do Conselho de Ministros nº 6-B/2015. Diário da República, 1ª série, nº 24, 4 de fevereiro de 2015.
[362] Resolução do Conselho de Ministros nº 65/2006. Diário da República, 1ª série, nº 102, 26 de maio de 2006.
[363] Incluída no quadro 2 - classificação funcional dos espaços florestais segundo os bens e serviços prestados pelos seus ecossistemas.
[364] Lei nº 33/96 de 17 de Agosto. Diário da República, 1ª série - A, nº 190, 17-8-1996.





A. Folheto "As áreas florestais e o património arqueológico" (SRAZN, s/d).



B. Reconstrução da sepultura do Cão do Ribeiro (Proença-a-Nova), comparar com Fig. 6.32.D.



C. Reconstrução da sepultura do Cabeço d´Ante (Vila Velha de Ródão), comparar com Fig. 6.32.C.



D. Cabeço da Forca (Idanha-a-Nova), reconstrução incompleta, consistindo em selagem e colocação de próteses de esteios.

Figura 6.34. Exemplos de salvaguarda e valorização de sepulturas megalíticas.

Importa observar o que está consignado nas propostas dos Planos Regionais de Ordenamento Florestal (PROF) do Pinhal Interior Sul[365] e da Beira Interior Sul[366] documentos datados de 2006, consultados na página do Instituto da Conservação das Natureza e das Florestas (http://www.icnf.pt). Nestes documentos

[365] Abrange os concelhos de Oleiros e Proença-a-Nova na área de estudo.
[366] Abrange os concelhos de Castelo Branco, Idanha-a-Nova e Vila Velha de Ródão na área de estudo.

não existem restrições arqueológicas nas partes referentes especificamente à instalação de povoamentos ou de infra-estruturas florestais. O património arqueológico aparece enquadrado no objectivo de gestão relativo ao *planeamento florestal para funções de recreio, enquadramento e estética da paisagem*, a dois níveis: no *enquadramento de sítios arqueológicos e monumentos*; na *salvaguarda do património arqueológico e arquitectónico,* sendo propostas três normas e 12 restrições aos projectos de florestação de sítios incluídos na planta de zonamento. As normas de intervenção também se aplicam ao património arqueológico no objectivo relativo à *conservação de paisagens notáveis.* O articulado relaciona esses objectivos com as *acções de florestação* não condicionando outras actividades como sejam a gestão dos povoamentos e a construção de infraestruturas.

Um exemplo de cooperação, à escala regional, foi estabelecido há umas dezenas de anos entre a Direcção Geral das Florestas e o Serviço Regional de Arqueologia da Região Norte (SRAZN, s/d) com vista à salvaguarda de sítios arqueológicos em área florestais, que teve como veículo informativo um folheto (A em Figura 6.34) cujos conteúdos foram reutilizados mais tarde num *Manual de protecção das florestas contra incêndios* (MPAT & MA, 1994: 37-38), em capítulo dedicado à *Contribuição das autarquias na preservação de espaços florestais de especial sensibilidade.* Desconhecemos os resultados práticos desta iniciativa e se teve equivalência noutras regiões.

No que concerne à área de estudo importa relatar alguns casos e procedimentos ocorridos nos últimos 30 anos de que tivemos conhecimento. Começamos por Vila Velha de Ródão, município acerca do qual se dispõe de um conhecimento mais longo e de um maior acervo arqueológico[367]. A primeira geração do Plano Director Municipal (PDM), elaborado em meados dos anos 90, contemplou uma extensa lista de ocorrências arqueológicas que poderia ter sido superior ao consignado em diploma, por vontade do então Presidente da Câmara Municipal, Inspector José Baptista Martins, não fora a selecção feita pelos consultores (Universidade da Beira Interior). A genuína preocupação do antigo presidente, J. Baptista Martins, na salvaguarda deste património[368] traduziu-se também no pedido de pareceres dirigidos à AEAT acerca de projecto de licenciamento de florestações e no pedido de elaboração de uma proposta de classificação do castelo e da capela existentes sobre as Portas de Ródão (Caninas *et al.,* 1997).

Cerca de dez anos mais tarde, para a actualização do PDM, foi estabelecido protocolo entre a CMVVR e a AEAT, cujos trabalhos de campo, decorridos entre 2005 e 2007, originaram uma duplicação da quantidade de ocorrências arqueológicas e um acréscimo de conhecimento devidamente georreferenciado. Apesar destes instrumentos, não se evitou a continuação da destruição de arqueossítios, de forma ilegal, e em atropelo do consignado no ordenamento municipal. Em 2008 foi divulgada (Henriques *et al.,* 2008) informação quantificada acerca do estado de conservação e as causas de degradação de sepulturas megalíticas em Vila Velha de Ródão (Tabela 6.10), sendo patente o peso determinante das actividades agro-florestais na destruição deste tipo de monumentos. À data daquela avaliação tinham sido destruídas 64% das sepulturas megalíticas inventariadas no concelho de Vila Velha de Ródão e destas as actividades agro-florestais representavam 71% das causas dessa destruição.

Em colaboração com a CMVVR, no âmbito do projecto de investigação ALTEJO, procurou-se instituir um procedimento de identificação de proprietários de sítios arqueológicos tendo em vista a sua notificação e

[367] As primeiras contribuições para esse inventário datam de 1980 e 1986 (Henriques & Caninas, 1980 e 1986).
[368] Foi este autarca que nos comunicou, indignado, a destruição da anta de Anaformosa, na freguesia de Fratel, e que suspendeu definitivamente uma obra municipal na barragem de aterro da Lameira, em Perais, quando lhe comunicámos o interesse arqueológico daquela estrutura hidráulica romana.

envolvimento na salvaguarda dos respectivos sítios. Esse trabalho foi iniciado em 1999 (Caninas *et al.,* 1999c), em parceria com o Arq. José Manuel Pires, técnico daquela autarquia, tendo sido aplicado com prioridade às sepulturas megalíticas. Esta iniciativa, concorrente com um objectivo prático de gestão do património arqueológico municipal, não foi concluído[369] nem teve desenvolvimento junto dos respectivos proprietários.

Tabela 6.10. Estado de conservação de sepulturas megalíticas em Vila Velha de Ródão (fonte: Henriques *et al.,* 2008)

Estado de conservação	Quantidade		%	
Regular	11	44	25	100
Mau	3		7	
Em perigo (por florestação)	2		4	
Destruído (total ou parcialmente)	28		64	
Causas várias	8	28	29	64
Agricultura	7		25	
Florestação	13		46	

Em 1988, no âmbito de um outro projecto de investigação (Paleoantropologia e Paleoecologia no Alto Tejo Português) apresentaram-se propostas de classificação como valores concelhios de diversas ocorrências arqueológicas deste município, a maior parte das quais referentes a sepulturas megalíticas considerando o maior risco de destruição que sobre elas pendia. A listagem foi iniciada com os povoados pré-históricos da Charneca da Vilar de Boi, da Cabeça da Velha e do Castelejo do Tostão, com as sepulturas megalíticas de Alteza, Peroledo, Santo Amaro, Campo, com a ponte do Cobre e o túmulo escavado na rocha de Santo Amaro. A tutela classificou apenas a última ocorrência. Desistiu-se de fazer novas propostas.

Também houve casos de salvamento de sepulturas megalíticas por contactos pessoais, estabelecidos pelo arqueólogo Francisco Henriques com os encarregados de empresas do sector florestal, como os que contribuíram para a não destruição das antas do Fateirão (1015), em Sarnadas de Ródão, e da Casarona (1008), em Fratel, aquando da florestação das respectivas áreas. Mais recentemente, houve casos positivos de pedidos prévios de pareceres da parte de alguns promotores florestais, como a Sociedade Agrícola Casa Pinto Cardoso (Henriques & Mendes, 2013) e a Associação de Agricultores da Charneca (Monteiro *et al,* 2012).

Uma medida de salvaguarda participativa concluída em 2017, na linha do que fora feito em Proença-a-Nova e Rosmaninhal (Idanha-a-Nova), consistiu na escavação na anta do Cabeço d´Ante (C em Figura 6.34), seguida da sua reconstrução parcial e de integração no percurso pedestre denominado *O Caminho das Virtudes*. Contou com a colaboração dos proprietários e o apoio da CELTEJO, da CMVVR e de uma empresa de Arqueologia (EMERITA Lda). Acções deste tipo, com envolvimento de proprietários, valorização, qualificação e sinalização de sítios, têm sido propostas à autarquia desde há vários anos, junto de sucessivos executivos, e embora não tenham sido rejeitadas não passaram do plano das boas intenções. O caso do Cabeço d´Ante só se concretizou devido ao apoio da empresa industrial CELTEJO.

[369] Foram abrangidas as sepulturas de Vale das Cobras, Cabeço d´Ante, Lagar Novo, Pequenos de Vilar de Boi (ou Charneca das Vinhas), Alteza, Campo, Santo Amaro, Estação de Caminhos de Ferro de Fratel e rocha com covinhas da Malaguarda e feita a sua implantação em plantas cadastrais.

Empenhamento e apoio efectivo têm caracterizado os últimos executivos[370] do município de Proença-a-Nova, desde 2007 mas de modo permanente a partir de 2012. São disso exemplo a realização do Campo Arqueológico de Proença-a-Nova (CAPN)[371] e a actualização do inventário arqueológico para a revisão do PDM[372], prevendo-se para 2019 a publicação de um primeiro inventário arqueológico deste município correspondente ao desenvolvimento, com catálogo de sítios, de um texto publicado recentemente (Henriques *et al.,* 2016) em congresso internacional. Este trabalho, coordenado por Francisco Henriques, teve apoio logístico e foi acompanhado por técnicos municipais. No caso das sepulturas megalíticas os técnicos municipais providenciaram a imediata identificação de proprietários e a sua sensibilização para a salvaguarda dos mesmos.

Desde 2007, no âmbito do CAPN, foi possível desenvolver trabalhos de investigação em sete diferentes sítios arqueológicos[373], de diferentes épocas, incluindo três sepulturas megalíticas situadas na área das Moitas. A selecção destas últimas foi determinada pela sua anterior inclusão num percurso pedestre, de iniciativa municipal, denominado *História na Paisagem*. O mesmo aconteceu com o forte e a bateria militar das Batarias também incluídas pelo município no percurso pedestre denominado *Pela Linha de Defesa*. As sepulturas do Cão do Ribeiro (Figura 6.34.B) e do Cimo do Vale de Alvito e o forte das Batarias já estão valorizados para visitação. Os monumentos de Cão do Ribeiro (Proença-a-Nova) e do Cabeço d´Ante (Vila Velha de Ródão) foram incluídos pelo Geoparque Naturtejo na Rota Europeia do Megalitismo.

Existe o compromisso com o município de publicar uma Carta Arqueológica e do Património e monografias relativas aos estudos realizados no âmbito das sepulturas megalíticas e da Linha Defensiva das Talhadas-Moradal. Espera-se que estas edições representem um salto em frente numa região caracterizada por um nível medíocre de publicação de obras de arqueologia desde o tempo do Estado Novo, comparativamente com outras regiões de Portugal.

Tem sido menos intensa a cooperação da AEAT com os municípios de Castelo Branco e de Oleiros sendo difícil fazer uma avaliação das consequências da actividade florestal, ou outras[374], na destruição de sítios arqueológicos[375], mas aguardam-se desenvolvimentos no âmbito do projecto de investigação Mesopotamos. No caso de Oleiros pretende-se retomar o impulso e os conhecimentos adquiridos no âmbito da minimização de impactes negativos da construção de projectos eólicos na serra Vermelha (Caninas *et al.,* 2008a, 2011b, 2014, 2015), com a publicação de um primeiro contributo para a carta arqueológica municipal, a sinalização de sítios e a investigação de recintos muralhados na serra do Moradal, aqui em convergência com o investimento feito pelo município em torno do Trilho Apalachiano[376].

[370] Tendo como presidentes sucessivamente o Engº João Paulo Catarino e o Engº João Lobo.

[371] Até final de 2017 foram realizadas sete campanhas anuais, cinco das quais com participação internacional, envolvendo 24 parceiros (universidades, centros de investigação, empresas, autarquias e ainda o Exército Português e o Geoparque Naturtejo), 144 participantes de 19 diferentes países, 17 visitas de estudo, 51 conferências e quatro colóquios e congressos. Consultar em http://archaeologicalfieldcamps-portugal.pt/index.html

[372] Além da elaboração da carta arqueológica municipal o protocolo estabelecido entre a autarquia e a AEAT identificou como outras áreas de interesse o estudo e valorização das sepulturas megalíticas e das estruturas militares da Linha Defensiva das Talhadas Moradal (sécs XVIII-XIX) e mais recentemente dos povoados do 2º milénio AC e 1º milénio AC.

[373] Antas do Cão do Ribeiro, do Cimo do Vale de Alvito e do Cabeço da Anta, sítios muralhados de Chão de Galego e do Castelo do Chão do Trigo, forte das Batarias e bateria das Batarias.

[374] Nomeadamente a vigorosa expansão urbana da cidade de Castelo Branco.

[375] No caso da área meridional de Malpica do Tejo e de Monforte da Beira dispõe-se de alguma informação muito desactualizada na carta arqueológica do Tejo Internacional (Henriques *et al.,* 1995).

[376] http://www.cm-oleiros.pt/noticia/3384/trilho-portugues-dos-apalaches-ja-esta-a-dar-frutos/

Finalmente, em Idanha-a-Nova, município que foi beneficiado com dois projectos de investigação subscritos pela AEAT[377] que produziram resultados de grande interesse, ao nível do inventário e da investigação aplicada, com abundante divulgação de resultados em instâncias especializadas (Henriques *et al.,* 1999a e 2015; Caninas & Henriques, 2010; Cardoso *et al.,* 2003), também falta uma avaliação actualizada da conservação de sítios arqueológicos, e nomeadamente das sepulturas megalíticas, para além dos dados disponíveis no catálogo deste estudo. O território egitaniense foi atingido por povoamento florestais destrutivos principalmente na parte setentrional (Sousa, 1991) mas com efeitos também na área meridional (Beirão, 1989). Não houve receptividade das autoridades municipais para o prosseguimento destes trabalhos mas ainda foi possível fazer, com o apoio da Junta de freguesia de Rosmaninhal, um ensaio de reconstrução (D em Figura 6.34) da anta do Cabeço da Forca (Caninas *et al.,* 2008).

São grandes os contrastes no empenhamento efectivo na salvaguarda e valorização do património arqueológico entre os cinco municípios abrangidos por este estudo. Verificando-se, na maioria dos casos, desinteresse ou resistência à adopção de medidas práticas de gestão inteligente[378] deste recurso cultural. Nestas condições, as tendências políticas recentes para a transferência de competências em matéria de património cultural da Administração Central para as autarquias são motivos de grande preocupação, tendo em consideração o peso determinante das opções políticas de cunho pessoal dos executivos à escala municipal, acerca da resolução destes problemas.

O panorama é deprimente quanto à perda continuada de património arqueológico, e em particular das mais antigas arquitecturas do território português, de expressão universal, as sepulturas megalíticas[379] e monticulares, perante a ausência de um esforço público eficaz na sua salvaguarda, como recurso para o presente e para o futuro, demonstrativa de uma comunidade maioritariamente inculta e perdulária, embora formalista, e de um desenvolvimento insustentável ao não reconhecer limites[380] (Schwartz, 2005).

[377] Projectos *Paleoantropologia e Paleoecologia no Alto Tejo Português* e *ALTEJO – Ocupação Pré-histórica na Margem Direita do Alto Tejo*, coordenados por J. Caninas

[378] Não faltam boas propostas (Tavares, 2014), para quem as queira aplicar, e até bons exemplos práticos de gestão do património arqueológico em municípios do interior e alguns de pequenas dimensões e menores recursos, casos por exemplo dos municípios raianos de Alcoutim (Cardoso & Gradim, 2011) e Sabugal (Santos *et al.,* 2008).

[379] E tão emblemáticas como o demonstra o título de um livro editado, por sinal, por uma empresa do sector papeleiro: *Portugal Megalítico* (Pereira *et al.,* 2008).

[380] "O chamado princípio dos limites, que afirma não ser possível o crescimento económico ilimitado e generalizado, uma vez que os recursos naturais são finitos, é um dos mais antigos e seguramente o mais criticado de todos os princípios do pensamento ambientalista. // Ao longo dos anos, os apologistas do crescimento, enquanto desiderato ou objectivo permanente da política económica, apoiaram-se em diferentes argumentos para destruir o princípio dos limites. Depois das sucessivas polémicas que tiveram por objecto, ora as avaliações das reservas geológicas das matérias primas industriais e dos combustíveis fósseis,..., parece hoje desenhar-se entre os idólatras do crescimento económico uma convergência de pontos de vista, nos termos do qual, graças à eficiência ecológica, este tem condições para perdurar, pode por consequência ser sustentável. // Na nossa maneira de ver, a transição para uma sociedade ecologicamente sustentável implica assim, num primeiro grau, uma política e moderação dos consumos, capaz de suscitar a eco-eficiência, ao contrário desta última, que, de toda a evidência, não possui a propriedade de induzir a primeira e deverá, por conseguinte, ser sempre entendida como uma política associada ou de segundo grau" (Schwarz, 2005: 67-71).

7. Enquadramento

As sepulturas pré-históricas da área de estudo, para além das suas especificidades, têm analogias com estruturas de idêntica finalidade de outras regiões da Península Ibérica – além de Portugal, Norte e noroeste, Andaluzia, Meseta e Nordeste (Barandiarán *et al.,* 2007) -, embora existam, recorrentemente, nessas regiões outras opções estruturais que não estão presentes na Beira Baixa como sejam as deposições em cavidades naturais, em estruturas negativas como hipogeus ou em sepulturas não estruturadas em *tumuli.*

Mas essas analogias são extensíveis, com a mesma variabilidade, ao ocidente europeu e ao espaço mais amplo da bacia do Mediterrâneo e do continente eurasiático. Pode afirmar-se que os monumentos da Beira Baixa integram uma expressão funerária de longa duração e de ampla representação mundial, quer se foque a atenção nas estruturas ortostáticas (Figura 7.1) quer, principalmente, nas construções monticulares que as envolvem, mais universais do que aquelas (Figura 7.2).

As construções megalíticas, em particular as funerárias, inserem-se numa tendência universal de afirmação de visibilidade, atingindo a monumentalidade, e de marcação da paisagem, conecta com novos modos de relação dos grupos humanos com o território e o seu controlo. Tem sido evidenciada a sua ampla expressão euro-ocidental, não valorizando, enquanto modelo arquitectónico, a sua ampla repartição geográfica, no Mediterrâneo, nos Balcãs, no Próximo Oriente e na Ásia. Mas além das estruturas funerárias, e muitas vezes a par destas, encontram-se por todo o lado outros espaços rituais e monumentos como círculos líticos (Figura 7.3), menires e estelas.

Este tipo de sepulturas corresponde a uma opção ritual, talvez dominante à escala mundial, caracterizada, num primeiro nível, pela sua natureza, globalmente, positiva, mesmo quando os contentores funerários são parcialmente ou totalmente escavados na rocha mas continuam a ser salientados por coberturas monticulares (por exemplo 2 na Figura 7.2), e, num segundo nível, pelo recurso à deposição ou inumação em substrato terrestre, por oposição à entrega dos restos mortais ao ar e à água[381], embora com uma posterior introdução do ritual da incineração.

As estruturas funerárias positivas proporcionam uma presença impressiva na paisagem, que decerto interessava afirmar, e que são muito evidentes, por exemplo, no caso das pirâmides e das torres funerárias (Figura 7.4), um efeito que se vai atenuando, em monumentalidade, volume, amplitude e altura, em direcção à planificação, com a passagem do tempo e a mudança de rituais.

A persistência destas estruturas na paisagem, a par de outras construções megalíticas, como os recintos (Figura 7.3), os alinhamentos e ou menires isolados, deu lugar a diversos tipos de interacções com novos ocupantes, novos usos e novas ideologias, bem documentadas no território português. Como afirma R. Bradley, citado por J. Papadopoulos (2006), "they dominate the landscape of later generations so completely that they impose themselves on their consciousness".

[381] "Suite aux phénomènes de putréfaction et de minéralisation, les chairs disparaissent et retournent aus éléments naturels que Bachelard appelait «les quatre parties de la mort», soit la terre, l´eau, le feu et l´air. Les stratégies funéraires les plus courantes n´ont pas d´autre but: par l´inhumation les corps est restuité à la terre, par l´immersion à l´eau, par l´incinération au feu et par l´exposition à l´air. Parfois, deux éléments interviennent dans une cérémonie en deux étapes …" (Schutter, 2005).



Figura 7.1. Câmaras dolménicas: (1) Suécia, 4º / 3º milénio AC (Sjogren, s/d); (2) Coreia, 1º milénio AC (crédito: http://whc.unesco.org/en/list/977); (3) Ain Dakar, Síria, Bronze Antigo (Steimer-Herbert & Zuobee, 2014); (4) Grujugan, Indonésia (Steimer-Herbet, 2018); (5) *Dolmen e cairn*, Strandja, Bulgária, 1º milénio AC (Nekhrizov & Agre, 2015); (6) Kuzulkaya Tepesi, Turquia, Calcolítico/Bronze Antigo regional (Ozfirat, 2018).

Entre as que podemos qualificar de positivas, ou menos negativas, refiram-se: a reocupação das câmaras funerárias ou dos *tumuli* com novas deposições, em momentos avançados da Pré-história e da Proto-história; o "sincretismo" religioso, com a cristianização na forma de antas-capela (Oliveira *et al.*, 1995); mais recentemente, a sua apropriação fundiária, como marcas de termo (Caninas & Henriques, 2016); ou a funcionalização utilitária, como cabanas para pastores, que documentam distintos modos de reiterar a permanência e o valor daquelas estruturas na paisagem física e cognitiva. A mitificação destes monumentos, bem documentada no espaço europeu, das lendas de mouros e de mouras (Oliveira, 2001), à celtomania (Rodríguez Casal, 1990) e aos comportamentos, mais recentes, conectos com o chamado druidismo (Mohen, 2009), têm contribuído, de algum modo, para o reforço da sua importância e, quiçá, preservação.

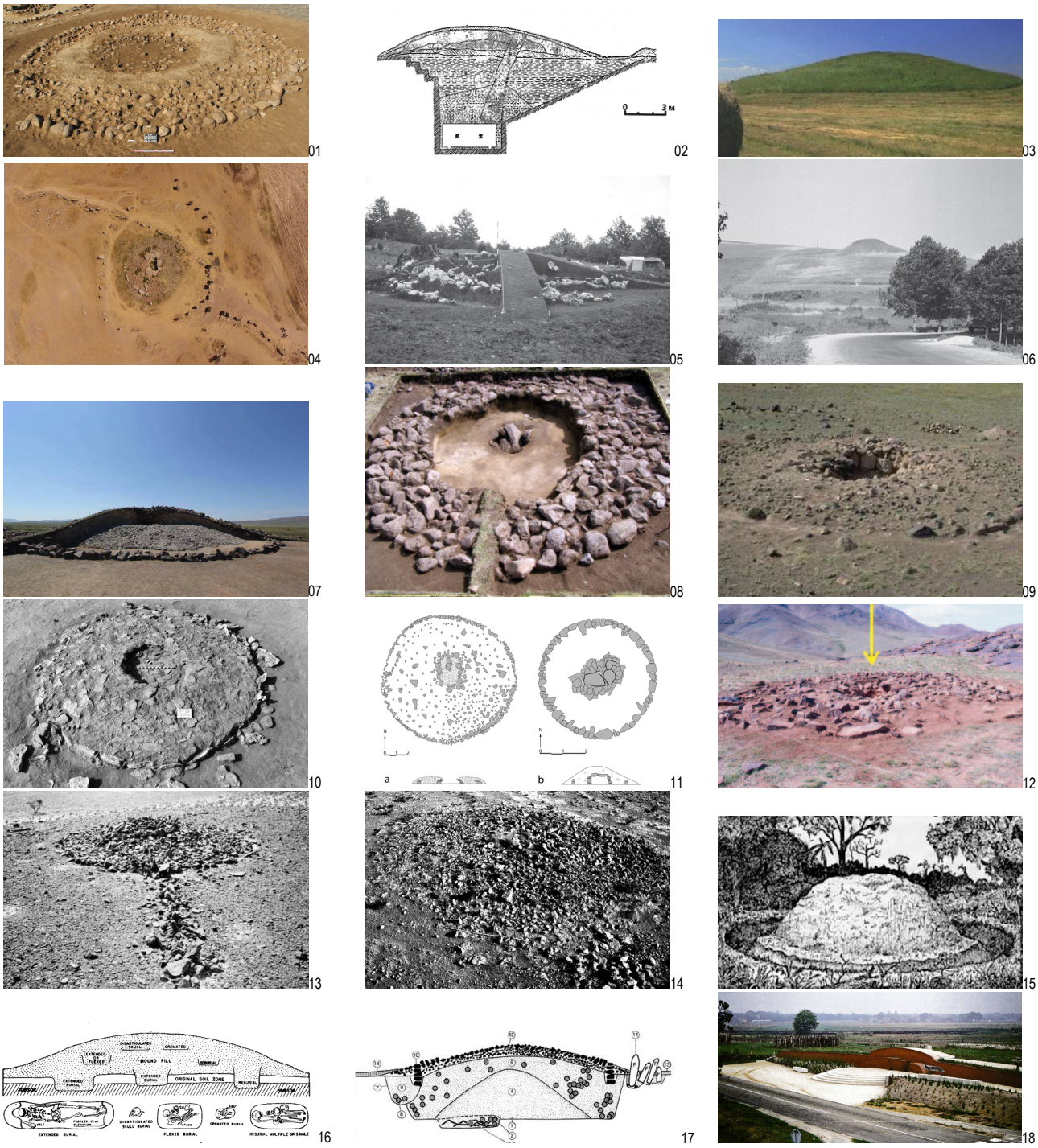


Figura 7.2. *Tumuli* funerários em diversos continentes: (1) *Kurgan*, Topdaghdaghan, Azerbeijão (Quliyev *et al.*, 2015); (2) *Tumulus* sobre sarcófago de madeira em fossa rectangular, Xiongnu, Mongólia (Sutiagina, 2015); (3) *Kurgan*, Hungria (Peto & Barczi, 2011); (4) *Tumulus* e sepultura com corredor, Zorats Karer, Arménia, sécs X-VII AC (Piliposyan, 2016); (5) Jancici-Dubac, Sérvia (Ljustina & Dimitrovic, 2015); (6) Patos, Albânia, talvez 1º milénio AC (Papadopoulos, 2006); (7) *Sak barrow*, Serekty, Casaquistão, sécs VII-V AC (Beisenov, 2014); (8) Darkhad, Mongólia, 2º milénio AC (Bayarsaikhan, 2013); (9) *Kurgan*, Bozkurt, Turquia (Osfirat, 2009); (10) Kuwait Bay, Bronze Antigo/Médio (Rutkowski, 2015); (11) Dilmun Antigo, Bahrain, 2º milénio AC (Laursen, 2010); (12) Oukaimeden, Marrocos, Idade do Bronze (Ruiz-Gálvez *et al.,* 2009); (13) *Tumulus* com "antena", Wadi Iser, Líbia (Gauthier & Gauthier, 1999); (14) *Tumulus* com cista, Tunísia, sécs VI-V AC (Kallala *et al.,* 2014); (15) *Tumulus* Kaigang, Brasil, após séc. X (Flores Blanco, 2014; Iriarte *et al,* 2013); (16) *Tumulus* Copena, Alabama, sécs I – V (Walthall, s/d); (17) Saré Diouldé, Senegal (Cros *et al.,* 2013); (18) Oss, Holanda, Bronze Médio e Idade do Ferro (Theunissen, s/d).



Figura 7.3. Exemplos de círculos líticos: (1) Stone circle, Beaghmore, Irlanda (crédito: https://www.alamy.pt/foto-imagem-sperrin-beaghmore-circulos-de-pedra-montanhas-co-tyrone-irlanda-85657083.html); (2) Cromelech pirenaico, Espanha (Peñalver, 2005); (3) Círculos rituais com estelas, Mongólia, 1º milénio AC (Bayarsaikhan, 2012); (4) Círculo lítico com estrutura central, Wadi In-Elobu, Líbia (Gauthier & Gauthier, 1999); (5) Cromelech, Dolni Glavanak, Bulgária (Tsonev & Kolev, 2013).

De efeito negativo, registe-se a confrontação com correntes ideológicas adversas, indutoras da sua aniquilação, como foi o caso, no passado, dos derrubes de menires impostos pelo Cristianismo, e bem ilustrado no presente pelo vandalismo do Estado Islâmico (por exemplo 4 na Figura 7.4), ou profanas como a simples destruição para libertar terreno para outros usos ou, ainda, como material de construção. No caso dos povoamentos florestais destinados a prover matéria-prima para a indústria da celulose, a mais dramática causa de aniquilação deste tipo de monumentos, na área de estudo, cremos que, na generalidade dos casos, essa destruição tem sido feita de *olhos bem fechados*.

A elevada abundância destas arquitecturas na Europa e no Mediterrâneo, motivou comparações e a explicação da sua génese com base em teorias de base cinética, migracionistas ou difusionistas, colocando, a um tempo, a origem das rudes construções megalíticas europeias em modelos, mais elaborados, do Mediterrâneo Oriental, teorias contestadas pela datação absoluta, que abriu caminho a outras teorias explicativas, nomeadamente a evolucionista, mas que em conjunto podem explicar diferentes planos de abordagem de uma mesma, complexa, realidade (Renfrew & Bahn, 1993:448-449).


01

02

03

04

05

06

Figura 7.4. Alguns exemplos de torres funerárias: (1) Dargavs, Ossétia do Norte - Alânia, séculos XII-XVI (crédito: http://en.wikipedia.org/wiki/DargavsDargavs); (2) Old Dongola, Sudão, séc. XIII (crédito: http://www.inognidove.it/viaggilevi-sudan/travel/old_dongola_sudan1.shtml); (3) Dakhmah (torre de silêncio), Irão, até ao presente (crédito: http://www.jornalciencia.com/conheca-as-torres-do-silencio-o-descanso-final-para-os-zoroastrianos/); (4) Torre de Elahbel, Palmira, Síria, século II, destruída pelo Estado Islâmico (crédito: https://www.google.pt/search?q=torres+funerarias+de+palmira&tbm=isch&source=iu&pf=m&ictx=1&fir=YcbkISeHQ43gWM%253A%252C6ynqthAQIU-FwM%252C_&usg=__Etm9WTQ-v7PMzU9Y_DHBP7hJ02M%3D&sa=X&ved=0ahUKEwjr0pvii-nWAhVFfhoKHXPpCEkQ9QEIQzAC#imgrc=5xcTzJkCNP1YJM:); (5) Chullpas, Bolívia, seculos XIII-XVI (crédito: https://journals.openedition.org/bifea/4936); (6) Gonbad-e-Qabus, Irão, século XI (crédito:https://en.wikipedia.org/wiki/Gonbad-e_Qabus_(tower)).

Não deixa de causar perplexidade a permanência de idênticos modelos construtivos em épocas diferenciadas e em espaços tão distantes entre si, como a Europa, o Extremo Oriente, a África e a América, conforme ilustrado nas figuras atrás referidas, e até a repetição de características tão específicas, aparentemente, como o recurso a pedras roladas[382] ou a coberturas com pedras brancas[383].

No quadro de referência das estruturas funerárias terrestres, de morfologia positiva, destacadas acima do nível do solo, as colinas artificiais construídas com pedras e terra (*tumuli, mounds, barrows, kurgan*) serão porventura a opção mais universal e, entre estas, o modelo de geometria circular será talvez dominante, sobrevivendo no final da Pré-História e na Proto-História, com a aparente redução do montículo até à forma plana, sugerindo continuidade com as formas neolíticas. Aliás refere Fernando Silva que o *tumulus* das sepulturas da Idade do Bronze representa uma ligação simbólica ao Neolítico e ao Calcolítico (Pereira da Silva, 1997b: 618).

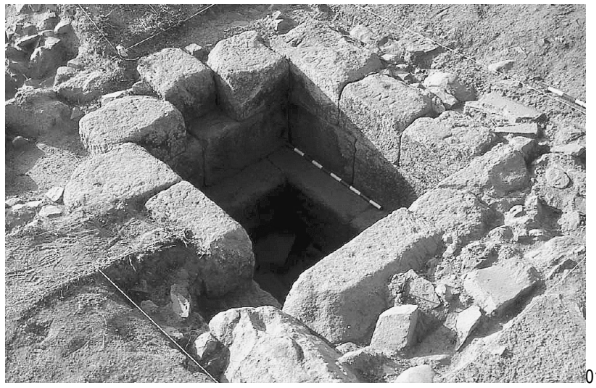
Esta ideia de uma longa tradição construtiva, entre o Neolítico e a Idade do Ferro, subordinada a modelos de geometria circular e de volumetria monticular (*tumuli*) poderá explicar a analogia do modelo arquitectónico das

[382] Documentadas ao longo deste estudo mas também presentes em locais tão díspares como os dólmens de Zhane, no Cáucado (Trifonov, 2013), os anéis líticos periféricos dos tumuli (pazyryk) de Uruk, dos pastores nómadas altaicos, da Idade do Ferro (Bahn, 2003:128), ou na base dos *cairns* funerários, denominados "casas dos Maquixi", em Quibaxe, na província de Bengo, em Angola (Ervedosa, 1980: 414-417) e atribuíveis pelo menos à Idade do Ferro regional.

[383] Material de uso invariante, na forma de quartzo filoniano, por exemplo nas sepulturas do sul de Idanha-a-Nova, citadas neste estudo, mas também na cobertura de sepulturas em Old Dongola, no Sudão (http://www.inognidove.it/viaggilevi-sudan/travel/old_dongola_sudan1.shtml).

sepulturas de contexto orientalizante (Figura 7.5) de La Mata (Rodríguez Díaz *et al.*, 2007: 91), em Badajoz, e de Galera (Mélida, 1942: 174), em Granada, com os neo-calcolíticos. Além da morfologia circular do *tumulus*, da centralidade da câmara, da presença de contrafortes e de anel de contenção periférica, o acesso faz-se por corredor coberto, antecedido por um trecho aéreo, ou pequeno átrio. A única diferença, além do espólio funerário, está no aparelho construtivo da câmara, com recurso a pedras sobrepostas, bem aparelhadas e dispostas em planta quadrangular. De notar que, das sepulturas megalíticas com acesso e dos hipogeus aos modelos helenísticos, se mantém a tripartição entre câmara, corredor fechado (ou coberto) e corredor aéreo (ou descoberto) com ou sem átrio (por exemplo 3 na Figura 7.5).





01

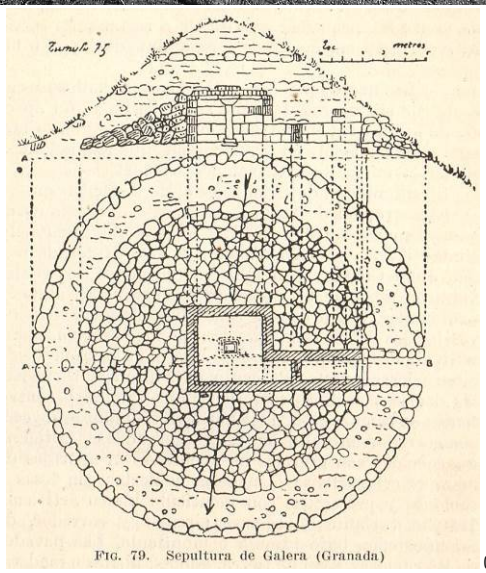
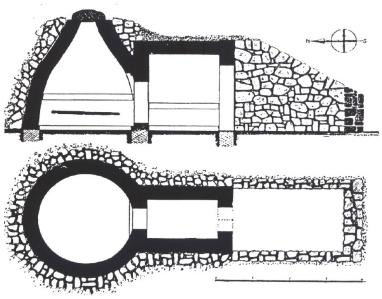


Fig. 79. Sepultura de Galera (Granada)

02



03



04



05

Figura 7.5. Sepulturas sob *tumulus* da Idade do Ferro: (1) La Mata, Badajoz (Rodríguez Díaz *et al.*, 2007: 91); (2) Galera, Granada (Mélida, 1942: 174). (3) Sepultura sob *tumulus* (mogila), Kazanlak, Bulgária (Dimitrova, 2005). (4) Buzovgrad, Bulgária, séc. IV AC (Nekhrizov, 2013). (5) Túmulo real macedónio, Vergina, Grécia, séc. IV AC (crédito: https://archeologiavocidalpassato.files.wordpress.com/2014/11/anfipoli_tomba-tumoli.jpg).

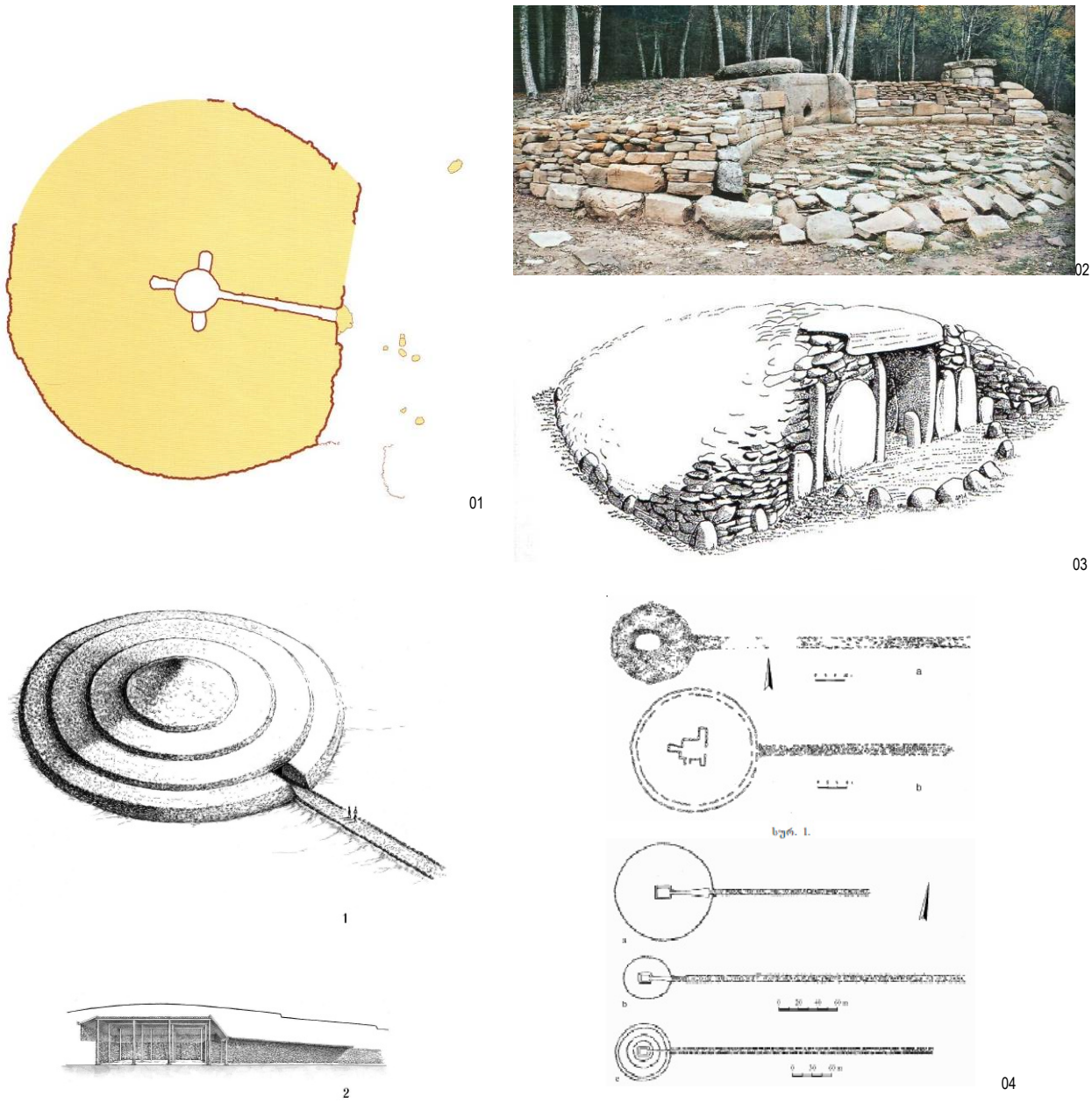


Figura 7.6. Estruturas monticulares com fachadas/átrios e longos acessos: (1) Alcalar 7 (Morán *et al.,* 2007:62); (2) Zhane (Trifonov, 2009); (3) Island (Scarre, 2007:146); (4) Kurgans, Trialeti, Geórgia (Narimanishvili, 2003).

Outros exemplos desta perduração e convivência dos modelos circulares com novas geometrias, nomeadamente as formas poligonais, estão também documentados na sepulturas planas da Idade do Bronze à Idade do Ferro, de Norte a Sul de Portugal, com cistas rectangulares no interior de *tumuli* circulares. Mas esta convivência de diferentes geometrias é muito mais antiga do que se possa supor, como exemplificado nas necrópoles neolíticas dos Pirinéus Orientais, em Camp del Ginèbre (Demoule*,* 2007:70), ou no caso mais distante no espaço (Síria) e no tempo (9º milénio AC) do povoado neolítico de Jerf el Ahmar (Demoule, 2007:8) De qualquer modo, o que nos parece essencial em todos estes casos é a preponderância circular no caso da estrutura de enquadramento das sepulturas.

A forma circular mantem-se quando estas sepulturas se agregam, de modo aditivo, por proximidade, formando grupos ou necrópoles, mesmo quando essa adição é coalescente[384], ou em cacho, como no caso do chamado Bronze de Sudoeste (Correia & Parreira, 2002)[385], ou com sobreposição/adjacência de estruturas dolménicas por sepulturas do tipo *tholos*, processo bem documentado, por exemplo, no território de Reguengos de Monsaraz, em Comenda 2, Farisoa 1 e Olival da Pega 2 (Leisner & Leisner, 1951; Gonçalves, 1999), e ainda, em situações atípicas com uma necrópole de cistas contida dentro de uma estrutura circular, caso documentado em Paranho (Cruz, 1997). A forma circular é apenas quebrada com a imposição de espaços rituais frontais em sítios tão distantes (Figura 7.6) quanto a *sepultura-templo* de Alcalar 7 (Moran *et al.,* 2007), os *dolmens* de Zhane, no Cáucaso Ocidental (Trifonov, 2013), ou o *wedge tomb* de Island, na Irlanda (Scarre, 2007). Também se observam adições de corredores *monumentais* a sepulturas monticulares de geometria circular, como por exemplo nos casos dos *kurgans* de Trialeti, no Cáucaso (4 na Figura 7.6) ou em França nas sepulturas do tipo Passy, do 5º milénio AC (Demoule, 2007:58).

Para além da forma, que permanece como factor invariante, num longo tempo Pré-histórico, observam-se mudanças (culturais) significativas, principalmente no plano ideológico, com consequências nos rituais, materializados nas diferentes formas e dimensões dos contentores funerários bem como da natureza e quantidade dos seus conteúdos. Sem pretender estabelecer uma precedência para este tipo de arquitecturas funerárias, não podemos deixar de lembrar a forma subcircular, dos montículos de conchas que cobrem as sepulturas mesolíticas do vale do Tejo[386].

Destacamos a forma circular como característica predominante, tanto na arquitectura como nas expressões gráficas, da área de estudo, como, aliás, de muitas outras geografias pré-históricas, síncrona entre as sepulturas monticulares ou hipógeas, as cabanas, os recintos murados, defensivos ou cerimoniais em que "o passado é redondo" (Jorge, 2005) e os grafismos rupestres onde essas mesmas formas também predominam, dos círculos, simples ou concêntricos, às espirais e às covinhas.

Refira-se que "na simbologia das formas, o círculo é associado ao ponto e ambos podem ser considerados como sinais supremos de perfeição, união e plenitude. O ponto simboliza o centro e a divindade. O círculo é também sinónimo de movimento, expansão e tempo"[387]. Esta forma induz o movimento circular presente em inúmeros rituais[388]. Estas concepções primordiais estão presentes em muitas ideologias, antigas e actuais, e podem ter sido ultrapassadas, de forma progressiva até ao presente por opções mais funcionalistas, com a adopção de formas ortogonais.

---

[384] Situação próxima da observada em densas necrópoles de tumuli do Bronze Antigo da Grécia Meridional (Müller Celka, 2011).

[385] Nesta área, durante a Idade do Ferro, observa-se, claramente, o desparecimento das estruturas circulares com a transição, morfológica, da sepultura do Pego da Sobreira – uma câmara rectangular envolvida por cairn circular - para as da Vaga da Cascalheira, cujos cairns envolventes das sepulturas já são rectangulares (Correia & Parreira, 2002).

[386] A propósito da morfologia de Moita do Sebastião, Jean Roche refere ter encontrado em 1951 um monte pouco elevado (Roche, 1972:29) de forma elíptica, perturbado por intervenções anteriores. Embora não registe a topografia do sítio a planta publicada por Carlos Ribeiro, em 1880, indica uma forma circular irregular (Roche, 1972: 24). Sobre o concheiro do Cabeço da Arruda existe uma planta ilustrativa da sua configuração circular (Cardoso & Rolão, 2003: 153). É sugestivo o facto das três jazidas mais citadas da região de Muge serem identificadas com os qualificativos cabeço e moita (forma meridional de mota) através dos nomes Moita do Sebastião, Cabeço da Amoreira e Cabeço da Arruda evidenciando uma forma positiva (monticular) no capeamento dos cadáveres humanos, uma concepção próxima das que seriam padronizadas e generalizadas a partir do Neolítico.

[387] In Círculo (simbologia) in Artigos de apoio Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consult. 2017-06-04 16:20:15]. Disponível na Internet: https://www.infopedia.pt/$circulo-(simbologia). "O círculo representa eternidade, perfeição e divindade pois não tem princípio nem fim. Desta forma percebemos a sua proximidade com Deus, motivo pelo qual é usado em muitas religiões" (In https://www.dicionariodesimbolos.com.br/circulo).

"Na Cachouça "respira-se" uma forma indelével de percepcionar o mundo e o tempo. E o espaço, transformado em lugar, porque significante,expressa-se sob a égide do círculo. A linha do horizonte, também ela circular — tal como o talude, a cabana, a lareira, as "fossettes" —, vislumbra-se em redor da Cachouça. Como é sabido, a geometria circular pode reflectir princípios cosmológicos e associar-se ao culto solar e a um tempo cíclico, de retorno às origens." (Vilaça, 2007: 70).

[388] Muito expressivo no movimento circular em direcção a deus praticado pelos dervixes mevlevi (https://pt.wikipedia.org/wiki/Mevlevi).

A homologia entre casas e túmulos, que consideramos válida para as formas circulares, foi salientada, do ponto de vista simbólico, a propósito dos túmulos alongados (long barrows, long mounds) europeus, por Ian Hodder ao defender "que muchas de las tumbas de cámara de la Europa occidental remitían simbólicamente a las casas anteriores y contemporáneas de la Europa central e occidental: «las tumbas significaban casas»" (Renfrew & Bahn, 1993: 449), tal como outros investigadores[389]. Mas tal equivalência também será válida para as formas circulares. E essa analogia também aparece na tradição oral portuguesa, através de denominações como *casa dos mouros*, *casa da moura* ou *casinhas.*

A universalidade do círculo, para além dos *tumuli,* é reiterada, como vimos, por outras estruturas como os círculos de pedras (*stone circles*) ou de postes de madeira (*timber circles*), tão numerosos na Pré-História das Ilhas Britânicas (Scarre, 2007), mas igualmente numerosos entre os *cromelchs* Pirenaicos, atribuíveis à Idade do Bronze (Peñalver, 2005), ou em muitas outras regiões (Figura 7.3).

No que concerne à Beira Baixa, as *antas* representam as mais antigas formas arquitectónicas que vão resistindo, cada vez em menor número, ao *camartelo* e principalmente ao *caterpilar,* e, nem mesmo com essa importância, merecem a atenção das ignaras gerações actuais, tanto públicas como privadas. A sua relevância ideológica e abundância no território continental contribuíram, num passado recente, para a atribuição destes monumentos a uma *cultura megalítica portuguesa*, na linha da proposta de Bosch Gimpera, e a sua apropriação por doutrinas nacionalistas (Corrêa, 1944: 73-74) ou tão só para a afirmação do papel do território português na génese de destacadas mudanças e especificidades culturais, por exemplo, como foco da *cultura megalítica atlântica* (Serrão, 1966).

[389] "Na sequência de muitos autores, como Childe, Piggott ou Hodder, Sherratt diz-nos que o *tumulus* alongado «substitui» simbolicamente a casa comprida centro-europeia, característica do Neolítico das áreas do *loess* onde a pedra não existia" (Jorge, 2003: 146).

8. Conclusões gerais

Assumimos a tarefa de caracterizar o fenómeno funerário em amplo intervalo cronológico, de vários milénios, correspondente à Pré-História Recente, numa região relativamente vasta, caracterizada por uma acentuada variabilidade geoambiental, conscientes do risco, para a obtenção de conclusões substantivas, que poderia resultar da amplitude daqueles parâmetros face à insuficiência da investigação aplicada ao universo de sítios abrangidos por este estudo. Mesmo assim, considerámos motivador o desafio de organizar, como ainda não fora feito, a informação disponível, acumulada em cerca de 100 anos de pesquisas, e maioritariamente da obtida, a partir do último quartel do século XX, no âmbito de projectos promovidos pela Associação de Estudos do Alto Tejo. A magnificência das sepulturas ditas megalíticas, as mais antigas construções conservadas neste território e obras distintivas do génio humano, à escala mundial, merecia o esforço e o risco. Além disso, essa tarefa impunha-se, para ultrapassar uma lacuna de conhecimento, por comparação com muitas outras regiões do território continental de Portugal, beneficiadas por estudos regionais de património megalítico.

Neste contexto, foram definidos objectivos prudentes, focados, primeiramente, na arqueografia das sepulturas pré-históricas, numa área de estudo coincidente com cinco municípios da actual Comunidade Intermunicipal da Beira Baixa, que temos vindo a percorrer há mais de 40 anos, e que são, por ordem alfabética, não coincidente com a sua importância, Castelo Branco, Oleiros, Idanha-a-Nova, Proença-a-Nova e Vila Velha de Ródão. Seguidamente, pretendeu-se reconhecer a organização daqueles monumentos no espaço e a existência de subgrupos, diferenciados ao nível da arquitectura e do ritual, e no tempo, com um ensaio de faseamento. Estes objectivos foram atingidos, não sem algumas limitações ou obstáculos que importa mencionar antes de outras considerações.

Em primeiro lugar, e apesar de várias tentativas, não foi possível localizar e caracterizar diversos monumentos emblemáticos, entre os mais conhecidos na bibliografia arqueológica, como são duas sepulturas situadas no município de Idanha-a-Nova, a *anta* da Granja de São Pedro, no Aravil, distinta de todas as restantes pela presença de dois menires na sua mamoa, e a chamada *Anta Grande de Medelim*, que terá sido destruída. Por falta de disponibilidade, também não foi possível reconhecer outros monumentos, referidos por investigadores antecedentes, situados sobretudo nas áreas centrais e setentrionais dos concelhos de Castelo Branco e de Idanha-a-Nova, como são os casos da *necrópole dolménica* do Ponsul ou da anta da Manga. Contudo, o inventário elaborado neste âmbito com 352 monumentos forma um conjunto que consideramos significante para os objectivos traçados.

Outra limitação, significativa para a comparabilidade daqueles monumentos, resultou da variabilidade de critérios, adoptados por diferentes investigadores, e até pelos mesmos investigadores, ao longo de mais de um século, no registo dos parâmetros de caracterização das sepulturas pré-históricas. Referimo-nos à desvalorização, por muitos investigadores, das subestruturas monticulares, envolventes dos contentores funerários, e dos átrios, e a métodos de escavação mais ou menos selectivos no que concerne à incidência estrutural da pesquisa ou restritivos quanto à recolha de artefactos de interesse arqueológico.

Uma terceira limitação, menos significativa para os objectivos deste estudo, concerne à não caracterização de diversos acervos artefactuais que não os obtidos em escavações; considerámos apenas elegíveis e significantes para análise os materiais recolhidos nessas condições, tendo-se ignorado os que resultaram de

recolhas de superfície. Os conjuntos recolhidos em intervenções executadas nos concelhos de Vila Velha de Ródão e de Idanha-a-Nova, insuficientemente estudados e parcialmente publicados, e nas escavações em curso, das sepulturas do Cabeço da Anta e do Cimo do Vale de Alvito, executadas no âmbito do campo Arqueológico de Proença-a-Nova, cuja caracterização se encontra atrasada, incluindo a obtenção de datações absolutas, não puderam ser incluídas no capítulo deste estudo dedicado ao tema.

Deve referir-se, ainda, como limitação do conhecimento desta realidade, tanto numa perspectiva diacrónica como sincrónica, a insuficiência da investigação produzida até ao momento na área de estudo, no que concerne à quantidade de sítios intervencionados, à sua distribuição no território e à intensidade da sua investigação, sobretudo ao nível do segmento residencial. A abrangência da investigação da componente funerária e a diversidade dos dados obtidos foi maior no território de Rosmaninhal (Idanha-a-Nova) tendo proporcionado a publicação de um primeiro ensaio de faseamento. Esta limitação agrava-se com uma prática dissociativa no estudo de diferentes tipos de sítios, evidenciando a inexistência de uma abordagem integrada entre *habitat*, necrópole e espaços gráficos. De facto, a maioria dos sítios de *habitat* pesquisados até ao presente não puderam ser contextualizados com necrópoles coevas, e os sítios de *habitat* que enquadram os conjuntos funerários já escavados não foram investigados, com excepção do território de Fratel (Vila Velha de Ródão), embora insuficiente por ter incidido apenas em dois sítios de *habitat.*

Sinalizam-se lacunas de conhecimento do fenómeno funerário na área de estudo, ao nível dos rituais, com a raridade dos acervos osteológicos humanos, resultante da sua inserção predominante em solos ácidos, e a inexistência de datações absolutas, com recurso à medição de carbono radioactivo ou outros processos, embora se disponha, neste momento, de inúmeras amostras com potencial interesse arqueométrico. A ausência de datas absolutas, para a construção das sepulturas ou para os vários momentos da sua utilização, constituem uma grave limitação do propósito de faseamento destes monumentos numa perspectiva evolutiva ou sequencial, remetendo-nos para comparações (tipológicas) exógenas que são de evitar como primeiro recurso.

O quadro de referência das sepulturas, elaborado com base nas pesquisas realizadas desde o início do século XX, exibe uma elevada assimetria, desde logo na sua distribuição territorial, cujo significado cultural, no quadro geral da presença pré-histórica, tem de ser ponderado com base noutros dados relativos ao povoamento. Esta limitação dificulta o conhecimento da variabilidade cultural, na sincronia, e da mudança cultural, na diacronia, na globalidade da área de estudo. Em primeiro lugar, admite-se que essa assimetria resulte de diferentes focos de pesquisa, tanto na prospecção como na escavação de sítios, por parte dos principais intervenientes: Proença Júnior concentrou os seus trabalhos ao longo de dois eixos geográficos que podemos balizar, um, entre Vila Velha da Ródão e Covilhã e, outro, menos significativo, entre Proença-a-Nova e Idanha-a-Nova; Veiga Ferreira concentrou a sua pesquisa em torno de Idanha-a-Velha, porque era ali que tinha a sua base residencial; Georg e Vera Leisner acrescentaram conhecimento, ao nível do inventário extensivo do distrito de Castelo Branco, exclusivamente no concelho de Proença-a-Nova, por motivação que desconhecemos, embora o número de sítios seja muito inferior ao que tem sido divulgado; finalmente, a AEAT concentrou a sua pesquisa na envolvente do rio Tejo, em Vila Velha de Ródão e nas áreas meridionais de Castelo Branco e Idanha-a-Nova, e num eixo entre Vila Velha de Ródão, Proença-a-Nova e Oleiros. Esta limitação poderia ser compensada *a posteriori* com novas prospecções não fosse o efeito irreversível das destruições provocadas pelas Economia.

Entendemos que os focos da investigação desenvolvida no último século, na área de estudo, por diferentes arqueólogos, poderá explicar, em boa medida, diversas lacunas de conhecimento acerca de outras especificidades da ocupação deste território durante a Pré-História Recente, como são a não evidência de etapa correspondente ao Neolítico Antigo, exceptuando o seu registo na *arte* do Tejo, e a não identificação de estruturas negativas nos contextos doméstico e ritual, como fossos, fossas, silos ou hipogeus. Seria recomendável encetar a detecção de sítios correspondentes ao arranque do processo de Neolitização, por exemplo nos batólitos graníticos situados entre Castelo Branco e Idanha-a-Nova, e também com probabilidade de sucesso na região de Ródão, atendendo ao contexto arqueológico ali existente, tanto ao nível gráfico como de etapas de povoamento antecedentes e posteriores. A identificação de estruturas negativas, na ausência de acções intrusivas como as que foram proporcionadas pela instalação das infra-estruturas do projecto hidroagrícola de Alqueva, terá de se apoiar na teledetecção.

A maior perturbação na compreensão da geografia do povoamento pré-histórico da área de estudo resulta, certamente, da ocupação do território e da exploração dos recursos naturais após a Pré-História Recente, da intensidade e da variabilidade do seu desenvolvimento, com efeitos negativos na conservação dos sítios. Essa assimetria na ocupação do território pode ter sido condicionada, em parte, pelo substrato geoambiental, caracterizado pela elevada variação de factores físicos e bióticos, comandados pela morfologia na forma de uma escadaria tectónica descendente para sudeste. A rarefacção das sepulturas nas partes centrais e setentrionais dos concelhos de Castelo Branco e de Idanha-a-Nova pode estar relacionada com a convergência, nessas áreas, de uma actividade agrícola de longa duração, muito destrutiva, comparativamente com os montados, as pastagens e os incultos. Um facto que apoia essa explicação é a elevada quantidade de instrumentos de pedra polida colectados por Proença Júnior em áreas com escasso número de sepulturas, onde admitimos que aquelas existissem em maior quantidade e que, por destruição, podem ter gerado tão elevada quantidade de achados. Admitindo a proximidade entre modos de *habitat* mais estáveis e as respectivas necrópoles, que consideramos corresponderem à maior parte dos sítios documentados, poderemos caracterizar a matriz do povoamento a partir da convergência entre os sítios de *habitat* e as sepulturas; onde aqueles sítios não existem a presença pré-histórica poderá ser inferida a partir dos achados *avulsos* de instrumentos de pedra polida, que foram judiciosamente incluídos por Francisco Tavares de Proença Júnior na sua carta arqueológica distrital.

Excluindo o Neolítico Antigo (não identificado) e o final da Pré-História (Bronze Final), a rede de sítios identificados com funções quotidianas distribui-se, principalmente, na parte meridional e na parte oriental da área de estudo. Até ao momento não foram identificados sítios com estruturas negativas. Na parte Sul, essas ocorrências situam-se quase exclusivamente sobre relevos planálticos (mesas, terraços), elevados, mas sem preocupações evidentes de protecção (antes do Calcolítico), contextualizáveis com sepulturas e em determinados sectores com grafismos rupestres. Até ao momento foram investigados apenas dois sítios, com recurso a sondagens arqueológicas, tendo revelado ocupações do Neolítico Final e Calcolítico Inicial, informação escassa para uma adequada contextualização. Em Fratel, a análise espacial da distribuição relativa dos diferentes tipos de sítios, sugere a centralidade do *habitat* em relação à necrópole megalítica, situada maioritariamente até cerca de 1 hora de marcha, ocorrendo os mais importantes conjuntos de grafismos rupestres nos rios que marginam aquele território. Neste território, a necrópole espalha-se desde a periferia dos sítios de *habitat* até às margens dos rios Ocreza e Tejo e ao sopé da serra das Talhadas. Na parte sul-oriental (Rosmaninhal) a relação entre o *habitat,* sobre depósitos cenozóicos, e a necrópole é menos regular e também se admitem, como hipóteses de trabalho, outras modalidades de ocupação quotidiana do espaço, com a distribuição de conjuntos funerários em torno de hipotéticos sítios de *habitat* sobrepostos por

povoações modernas ou assentamentos rurais. Na parte leste-setentrional da área de estudo foram documentados, em maior número, com recurso a sondagens, assentamentos sobre cabeços graníticos, com balizamento cronológico entre o Neolítico Final e o Calcolítico Pleno, por vezes sobrepostos por reocupações mais tardias, mas, nestes casos, não são conhecidos os seus contextos funerários ou gráficos (imóveis). Finalmente, na área ocidental, correspondente aos municípios de Proença-a-Nova e Oleiros, coloca-se a hipótese dos antigos assentamentos do Neolítico, que estão por identificar, terem sido sobrepostos por aldeias modernas, sobretudo as que estão situadas em altiplanos, em torno dos quais se registam outras evidências, consideradas coevas, como sepulturas e achados isolados

A partir da combinação da distribuição dos sítios de *habitat,* das sepulturas, dos espaços gráficos e dos numerosos achados de instrumentos de pedra polida, advoga-se uma ocupação plena do território da área de estudo, desde as cotas mais elevados da Cordilheira Central até às margens dos principais rios, pelo menos a partir do Neolítico Final. As características morfológicas e simbólicas do acervo cerâmico, obtido em escavações arqueológicas, também evidenciam, pelo menos a partir do Neolítico Final, a posição de charneira desta região e as suas afinidades transregionais com áreas culturais situadas a Norte, a Sul, a jusante (Baixo Tejo) e a montante (Tejo Interior e Meseta).

As expressões gráficas atribuíveis à Pré-História Recente, na forma gravada ou pintada, sobre suportes imóveis, em rochas ao ar livre – a maioria -, em abrigos naturais ou em construções, têm uma representação muito expressiva na área de estudo com um ordenamento espacial bem diferenciado e heterogeneidade técnica, temática e compositiva. As principais concentrações ocorrem sobre os limites geográficos e altimétricos desta área, num extremo, no rio Tejo e seus principais afluentes (Ocreza e Erges), no outro, nos relevos da Cordilheira Central. Nos rios domina uma tradição técnica baseada na picotagem, com uma maior diversidade e complexidade temática e estratigráfica em alguns conjuntos do rio Tejo, em contraponto aos conjuntos serranos que têm uma expressiva representação de gravações incisas a par das picotadas e temas mais tardios como os podomorfos. Estas duas *regiões* gráficas podem representar duas tradições em interacção mas dissociadas no espaço. A diversidade observada entre as sepulturas monticulares das *terras altas*, onde estão praticamente ausentes estruturas ortostáticas internas, e as sepulturas das *terras baixas* pode estar em correlação com a diferenciação gráfica atrás mencionada.

Nas terras baixas, planálticas, enquadradas por aquelas serras e por aqueles rios, dominam as gravações por abrasão na forma de monótonos conjuntos de covinhas, o tema mais directamente vinculado às sepulturas megalíticas, por proximidade ou por inscrição directa nos seus elementos estruturais. As formas circulares, maioritariamente picotadas, representam a simbologia mais comum e de distribuição mais extensiva, entre os rios e as serras, sendo acompanhadas no planalto pelas, também circulares, covinhas. A presença de figuras circulares e de antropomorfos esquemáticos, recentemente identificados sobre esteios de sepulturas megalíticas em Proença-a-Nova, estabelece uma continuidade com idênticas inscrições gráficas nos vizinhos *dolmens* cacerenhos.

A abordagem das sepulturas pré-históricas, na área de estudo, foi apoiada numa caracterização individualizada, em forma de catálogo, que serviu de base à quantificação, em tabelas, de diversos parâmetros. A partir destas tabelas fez-se a análise da distribuição no território, ao nível da altimetria, da geologia, da morfologia e da agregação, da totalidade do acervo, excluindo os casos de qualificação ou de localização duvidosas. A parte mais substantiva desta abordagem incidiu na caracterização construtiva, complementada por uma análise geral dos conjuntos de artefactos recolhidos, apenas, nos monumentos que

foram objecto de escavações arqueológicas – menos de 10% dos monumentos inscritos no inventário geral -, e finalizada com uma proposta de faseamento ou de ordenamento cronológico.

No que concerne à tipologia geral dos objectos em análise, confirmou-se a percepção inicial acerca da presença exclusiva de sepulturas positivas enquadradas por estruturas monticulares. De facto, no decurso da elaboração do catálogo de sítios e da pesquisa documental, não foi possível encontrar, na área de estudo, outras modalidades funerárias, nomeadamente, as deposições em cavidades naturais, em estruturas negativas ou em estruturas ortostáticas sem *tumulus*. Estas lacunas, e principalmente as duas últimas, devem resultar de problemas de conservação ou de identificação daquelas tipologias de sepultamentos. São excepções a este quadro geral, embora sem representatividade, as intrusões de cistas em *tumuli* mais antigos (Portela de Anavinhas e Amieiro 5), a urna depositada no chão de uma cabana (Monte de São Domingos 2) e a eventual existência de estruturas planares, embora com embasamento pétreo circular (Pasteira 1 e, eventualmente, Vale Parais).

Em relação ao megalitismo não funerário confirmou-se que a área de estudo não acompanha o cenário existente imediatamente a sul, no Alentejo, e desde logo no concelho de Nisa, caracterizado pela proliferação de menires, e em menor número de recintos. Os raros exemplares de menires, em granito, com feição mais antiga, atribuíveis ao Neolítico, identificados até ao momento, foram reutilizados na Idade do Bronze (Monte de São Martinho e, a norte da área de estudo, no concelho do Fundão, Corgas e Telhado) ou associados a sepulturas. Esta circunstância pode indicar que existiram em menor número, comparativamente com o Sul, ou que a taxa de desmantelamento destes monumentos, a partir, eventualmente, da Idade do Bronze (Médio e Final), poderá ter sido superior à ocorrida entre os acervos meridionais. Contudo, reportou-se um conjunto numeroso de monólitos, de diversos tipos e em diferentes contextos, com ou sem iconografia, formado maioritariamente por estelas mas incluindo peças aproximáveis a menires, por vezes de pequenas dimensões, como bétilos. A concentração destes exemplares na área meridional de Idanha-a-Nova pode estar condicionada pela maior intensidade da prospecção arqueológica que ali teve lugar.

A análise da posição e da distribuição das 282 sepulturas com localizações conhecidas, em relação à altitude, à geologia e à morfologia, pretendeu tão simplesmente caracterizar aqueles parâmetros, cientes da limitação inerente ao insuficiente conhecimento do factor temporal e da provável convergência dos resultados com muitos outros conjuntos megalíticos peninsulares. Como era expectável, e tal como se documenta a uma escala regional, por exemplo no Minho e na Galiza, existe uma quase indiferenciação na sua distribuição altimétrica, desde as cotas extremas da área de estudo, mas com alguns saltos que parece corresponderem a vertentes mais acentuadas e a relevos quartzíticos. A relação com a geologia indica uma maior abundância de sepulturas sobre rochas metassedimentares e depósitos cenozóicos, com densidades próximas, mas tal facto está claramente condicionado pela maior percentagem de território ocupado por aqueles substratos. A ausência de registos sobre quartzitos poderá indicar uma restrição dos grupos pré-históricos na construção de sepulturas sobre aquelas rochas. A menor abundância em áreas graníticas pode resultar de uma menor incidência da pesquisa arqueológica. Quanto à forma do relevo, identificou-se uma predominância sobre formas aplanadas e lombas, correspondentes a diferentes graus de proeminência topográfica, e uma rarefacção em depressões, sejam vales encaixados ou aluviões onde essas menores quantidades podem estar afectadas por maiores taxas de destruição (por uso agrícola) ou de ocultamento (por erosão). Não fora a impossibilidade de termos uma ponderação cronológica, estes resultados poderiam significar, novamente, uma ocupação plena, ou ampla, do território, com uma única exclusão, de uso de suportes quartzíticos para a construção de sepulturas.

Fez-se uma breve aproximação, na área de estudo, aos conceitos de necrópole, como conjunto de sepulturas associadas a um ou mais sítios de *habitat*, e de conjunto funerário, associado a grupo humano mais restrito, e à relação das posições das sepulturas com linhas de trânsito ou caminhos pré-históricos. Analisaram-se vários casos delimitados por condicionantes morfológicos que nos parecem incontornáveis ou por simples relações de proximidade. São os casos, por exemplo: do território de Fratel (Vila Velha de Ródão) com 21 sepulturas e vários sítios de *habitat,* distribuídos num espaço de 100 km^2 fechado por obstáculos orográficos; do fundão correspondente à actual albufeira da barragem da Idanha-a-Nova, em Vale Parais, ocupado por cinco sepulturas megalíticas, várias sepulturas rasas com cistas, inúmeras rochas com covinhas e enquadrado por dois povoados em posições elevadas; das sete mamoas das Moitas e Espinho Pequeno (Proença-a-Nova) distribuídas nas cabeceiras, em forma de anfiteatro, da ribeira de São Gens; da densa rede de sepulturas megalíticas, rochas com covinhas, elementos de moagem, incluindo um menir, e dois enigmáticos recintos líticos do planalto do Couto da Espanhola (Idanha-a-Nova); ou da mancha de dispersão de 12 sepulturas em torno da antiga aldeia de Alares que ocupa um posição topográfica inferior em relação àquelas, nas cabeceiras do ribeiro das Varetas. Notável é o elevado contraste entre estes vários casos, no que concerne às topografias, às dimensões, às composições e às características gerais dos respectivos conjuntos.

Numa observação mais próxima reconhece-se a preponderância de núcleos ou conjuntos, caracterizados por maior proximidade, formados maioritariamente por duas, três ou quatro sepulturas, sendo raros os mais numerosos (cerca de uma dezena no Amieiro e no Mulato), e a diversidade dimensional e estrutural desses conjuntos, por vezes com um domínio topográfico das sepulturas maiores ou mais complexas, como são os casos das duas maiores mamoas registadas no inventário, Cabeço da Anta 1 (Proença-a-Nova) e Torrão (Idanha-a-Nova), sobranceiras a sepulturas de inferiores dimensões. A relação de proximidade destas sepulturas com vias antigas e vias actuais, particularmente evidente na área serrana de Oleiros, foi apenas aflorada carecendo de uma abordagem apoiada em SIG que sustente a relação daquelas com vias naturais que possam ter sido apropriadas como caminhos na Pré-História Recente.

No universo mais restrito dos monumentos que foram objectos de escavação integral ou sondagem, a análise da diversidade arquitectónica, ao nível da morfologia e do aparelho construtivo do contentor funerário e das restantes subestruturas, com destaque para o *tumulus*, suas envergaduras (horizontal e vertical) e materiais de construção, constituiu o foco principal deste estudo, complementado pela caracterização da diversidade de artefactos rituais recolhidos, também, em escavação, tendo proporcionado resultados que consideramos relevantes. Cabeço da Anta 1, em Proença-a-Nova, tem-se revelado um caso paradigmático deste tipo de resultados sobretudo ao nível estrutural e dos materiais utilizados na sua construção.

Para enquadramento dessa diversidade tipológica, criou-se, a partir de diversos conjuntos funerários regionais de Norte a Sul do território continental, uma tabela que congrega os principais tipos de estruturas funerárias centrais, materializadas em aparelhos ortostáticos, em aparelhos murários, ou reduzidas a covachos ou vazios no interior do *tumulus*. Foram individualizados cinco tipos, correspondentes a essas diferentes possibilidades: contentores sem ortostatos, com ou sem fossa (A); estrutura simples fechada (B); estrutura simples aberta (C); estrutura complexa com câmara poligonal (D); Estrutura complexa com câmara subcircular (E). Nessa pesquisa verificou-se haver um número significativo de modelos arquitectónicos comuns a todo o território amostrado (B, C e D), a (aparente) ausência a sul de *tumuli* sem estrutura ortostática central e a ausência a norte de estruturas complexas do tipo *tholos.* Por outro lado, as estruturas

complexas, dotadas de câmara e corredor duplamente diferenciados, são mais abundantes no Sul do que a Norte, comparativamente com os modelos mais simples.

Os primeiros parâmetros observados reportam-se às envergaduras horizontais e verticais tanto das mamoas como das câmaras funerárias. Em relação às primeiras constatou-se existir uma diferença significativa entre os subconjuntos regionais que seleccionámos, *Ródão/Proença*, *Idanha* e *Oleiros*. Em *Ródão/Proença* observam-se as maiores envergaduras absolutas e a maior amplitude (ou diversidade) de envergaduras, superior à dos restantes territórios, entre as sepulturas escavadas. Em *Idanha* ocorrem características mais uniformes e menores envergaduras. Os casos de *Oleiros*, com menor representatividade estatística, detém as envergaduras mais baixas, embora existam alguns *tumuli* maiores que não foram escavados. No que concerne à envergadura das câmaras existe um menor contraste entre áreas com uma aproximação das métricas de Oleiros em relação às de Ródão/Proença e uma maior diversidade nos valores das dimensões verticais. São mais acentuadas as diferenças entre a envergadura horizontal e a envergadura vertical das câmaras de Idanha e de Oleiros, mais largas do que altas, comparativamente com as de Ródão/Proença, onde aqueles valores se equilibram. As envergaduras verticais das mamoas e das câmaras estão interligadas, admitindo que a altura daquelas estará condicionada pela altura dos ortostatos da câmara, a qual, por outro lado, dependerá das características estruturais da matéria-prima disponível nas respectivas áreas de captação de recursos naturais. A maior diversidade da envergadura vertical das sepulturas de *Ródão/Proença* pode ter um significado estritamente conceptual e ritual mas indica, por outro lado, que na área de captação de recursos estão disponíveis suportes alongados, quando se pretende construir monumentos elevados.

Os 29 contentores funerários caracterizados em planta repartem-se pelos cinco tipos pré-definidos, com uma representação equilibrado entre as formas simples abertas e fechadas (A, B e C), em número de 13, e as formas complexas (D e E), constituídas por câmaras e corredores bem diferenciados, em número de 16. Contudo, as câmaras poligonais complexas (D), formam o tipo mais numeroso entre as sepulturas cuja escavação possibilitou tal caracterização, com um predomínio de corredor longo. Destaca-se a circunstância deste conjunto centro-interior beirão apresentar maiores analogias tipológicas com conjuntos funerários do Norte e do Sul do território continental do que os daquelas duas regiões entre si.

Para além da tipologia geral, acima abordada, as particularidades construtivos consubstanciadas em subestruturas complementares como as coberturas, as contenções periféricas, as impropriamente denominadas couraças líticas ou os contrafortes dos esteios, documentam projectos altamente padronizados a uma escala que ultrapassa o território continental e a própria Península Ibérica. Estas subestruturas têm vindo a ser documentadas nas escavações, mais recentes, em que as condições de conservação permitiram a sua sobrevivência. A heterogeneidade da subestrutura canónica de acesso à câmara, o corredor, nas suas variantes fechada e aberta, e o átrio, também tem ganho expressão em pesquisas recentes, reconhecendo-se que no passado, por falta de pesquisa sistemática destas componentes, se produziu informação incompleta sobre muitas sepulturas. Contudo, um dos aspectos mais distintivos deste vasto inventário de sepulturas, construídas em metassedimentos, traduz-se na ausência de vestígios de coberturas (tampas) monolíticas na câmara, o que sustenta a velha hipótese de Francisco Tavares de Proença Jr acerca da existência de soluções alternativas com recurso a madeira.

Um contributo distinto deste estudo, que retoma hipótese colocada por Primitiva Bueno, concerne à existência, em alguns monumentos, *ab initio* ou a partir de dado monumento da sua vida útil, de uma entrada

alternativa ao corredor, feita a partir de um esteio (rebaixado ou amovível) posicionado no lado norte da câmara. Essa hipótese foi sustentada com uma amostragem de um conjunto significativo de casos e também a partir de indícios construtivos. Esta entrada alternativa teria o efeito de acantonar o corredor a um estatuto ritual/simbólico, quiçá como espaço de depósitos secundários, ou a uma eventual condenação, coeva da continuação do uso funerário da câmara. Com base nesta tese foi possível elaborar uma explicação, simultaneamente funcional e ritual/simbólica, para os dois menires presentes na mamoa da anta da Granja de São Pedro, como portal indicativo da entrada na câmara.

As escavações executadas em algumas sepulturas têm vindo a documentar a presença de combustões, embora, ainda, com uma pequena representatividade à escala da área de estudo. Os casos documentados, de lareiras ou de níveis de carvões, ocorrem no assentamento de mamoas ou no interior de câmaras e de corredores. Exceptuando os depósitos, tardios, de incinerações, não temos dados relativos à aplicação do fogo a materiais osteológicos, atendendo à sua difícil conservação. Os carvões identificados em níveis de assentamento de mamoas documentam, aparentemente, processo construtivo consignando a remoção de solo seguido de queimada prévia ao levantamento da sepultura e da sua colina monticular. As amostras recolhidas em escavação, à excepção de duas lareiras, serão sujeitas a análise arqueométrica.

Quanto aos materiais de construção existem dois aspectos dignos de realce. Em primeiro lugar verifica-se, talvez maioritariamente, um uso expedito de materiais líticos, grosseiros (seixos, calhaus e blocos) disponíveis nas proximidades das sepulturas, de acordo com o princípio do menor esforço. Contudo, em diversos sítios identificou-se o uso de elementos rolados com origem fluvial mais distante e num caso (Cabeço da Anta 1) foi documentada a inclusão no circuito ortostático da câmara de um monólito de quartzito colectado a vários Km de distância, só explicável por motivações simbólicas.

Quanto à litologia os materiais reflectem as disponibilidades locais. Como seria de esperar as rochas metassedimentares ocorrem em 86% dos 294 monumentos documentados. O quartzo filoniano, embora com uma expressão volumétrica muito inferior às das restantes rochas, na área de estudo, mereceu uma incorporação elevada em 79% dos casos, sendo invocadas, para esse uso preferencial, as suas características morfológicas, mecânicas e cromáticas. O quartzito e o granito têm representações inferiores, este último por insuficiência de pesquisa em áreas de suportes eruptivos. Numa análise agregada (presença/ausência) identificam-se diferenças entre os três subgrupos regionais, definidos anteriormente, como seja a presença invariante de quartzo filoniano nos *tumuli* de *Rosmaninhal,* a menor incorporação (quantitativa) deste material nas sepulturas de *Ródão/Proença* e uma combinação muito heterogénea de clastos de metassedimentos e de quartzo nos *tumuli* de Oleiros, onde o quartzo suplanta os restantes materiais.

Outro resultado saliente da caracterização dos materiais de construção, que aliás captara a atenção dos arqueólogos alemães, Georg e Vera Leisner, reporta ao uso, quase generalizado e em quantidade elevada por sítio, de inertes finos, nomeadamente de argila (assim qualificados sem prejuízo de uma identificação microscópica mais exacta, com a identificação de areias e siltes). Esse uso tem uma ampla representação territorial, tendo sido documentado em Oleiros, Proença-a-Nova, Vila Velha de Ródão e Idanha-a-Nova, mas, por lacuna de pesquisa, não foi detectado o seu uso nas sepulturas de Castelo Branco. As qualidades mecânicas destes materiais, ao proporcionarem uma maior resistência das sepulturas à erosão, podem explicar o seu uso em territórios, como Proença-a-Nova e Oleiros, que estão para além das grandes massas de depósitos cenozóicos onde se poderiam obter em maior quantidade e proximidade.

Os artefactos recolhidos em escavação foram caracterizados em complemento da abordagem estrutural das respectivas sepulturas, embora de modo parcial, atendendo às limitações de conhecimento acerca da sua estratigrafia (não publicada) ou de partes do acervo, como é o caso da cerâmica que se apresenta muito fragmentada e insuficientemente tipificada. A diversidade tipológica, sobretudo entre a indústria lítica de pedra lascada, maioritariamente em sílex, que forma o contingente mais numeroso, acompanha o que se conhece noutros conjuntos regionais de sepulturas megalíticas do território continental. Além dos artefactos de cunho estritamente ritual, têm vindo a ser reconhecidos outros tipos de materiais, sobretudo em pedra lascada sobre metassedimentos, em estudo, que se julga poderem corresponder a instrumentos utilizados no decurso da construção das sepulturas e nelas condenados como materiais de construção, numa fase avançada da obra, além de outros que podem corresponder a ocupações antecedentes. Como aspectos de particular realce refere-se a presença crescente de artefactos simbólicos em xisto (com decoração) e grés, que acentuam uma afinidade meridional, a elevada quantidade de pontas de seta, maioritariamente de base não côncava, sugerindo uma afinidade setentrional, e a elevada presença de adornos em matérias verdes, peças com potencial interesse para aferir circuitos de troca entre regiões. Entre a cerâmica, que é maioritariamente lisa, as formas que foi possível circunscrever e as decorações, disponíveis principalmente em sítios de *habitat,* também indiciam afinidades com diferentes paragens peninsulares, com conjuntos situados a Sul, a Norte, para o interior, na Meseta e no Baixo Tejo, reforçando o estatuto de zona de passagem desta região e contrariando uma ideia de isolamento, que terá, talvez, uma génese moderna, condicionada por imperativos de matriz nacional.

A distribuição de artefactos nas várias sepulturas, em termos de diversidade tipológica e de quantidades, oferece informação contrastante sendo, por isso, outro aspecto de relevo nesta análise. Fazendo uma comparação entre sepulturas, tanto a diversidade como a quantidade, sobretudo de artefactos líticos é muito superior nos conjuntos documentados em *Ródão/Proença* comparativamente com a área de *Rosmaninhal,* ocorrendo estas maiores quantidades em sepulturas complexas. Além disso, para acentuar esse contraste, verifica-se que câmaras mais amplas (dimensão horizontal) da área de Idanha-a-Nova, como Couto da Espanhola 2, têm menor quantidade de artefactos depositados do que câmaras comparativamente menores da área de *Ródão-Proença*, como Cão do Ribeiro ou Cabeço d´Ante, ambas equivalentes em termos de intensidade da pesquisa. Os espólios menos numerosos da área de Idanha-a-Nova, podem corresponder a sepulturas com tempos de vida (de reutilização) menores e desse modo com menor acumulação de artefactos. Haverá certamente uma explicação de ordem ritual que acentua a diferença entre sub-regiões já apontada acerca das arquitecturas. Comparando sub-regiões, ocorrem maiores contrastes entre as sepulturas de *Ródão/Proença* e as do conjunto de *Rosmaninhal*.

As limitações de conhecimento acerca das estratigrafias também prejudicaram uma avaliação objectiva dos rituais. A avaliação deste factor tem maior possibilidade de sucesso nos corredores comparativamente com as câmaras por terem sido, em geral, menos afectados por violações, oferecendo materiais *in situ.* Em geral a cerâmica apresenta-se muito fragmentada, sendo avançada uma explicação de intencionalidade ritual para esse estado. Em alguns monumentos, exaustivamente escavados, tem-se verificado uma posição mais exterior, isto é, no corredor ou no átrio, para as placas em xisto gravadas em contraponto às placas de grés/arenito que ocorrem sobretudo na câmara. Poderá haver uma explicação de ordem cronológica para esta diferenciação, com o posicionamento das placas de xisto em depósitos secundários representando as placas de grés/arenito as deposições mais recentes, na câmara. Outro aspecto interessante concerne à inclusão, intencional, de artefactos rituais no interior do piso de argila compactada que forma o chão dos monumentos e de geométricos nos alvéolos de fundação dos esteios.

A convergência da informação obtida acerca da variabilidade de arquitecturas (envergaduras e materiais) e de espólios funerários sustenta a compartimentação que fizemos de conjuntos de sepulturas melhor caracterizadas por três sub-regiões denominadas *Ródão/Proença, Rosmaninhal* e *Oleiros*. Essa diferenciação poderá ser menos significante, em termos culturais, ao nível de alguns parâmetros construtivos como a envergadura dos ortostatos ou das litologias utilizadas, por estarem condicionados pela geologia local, mas não o será no que respeita à diferenciação dos conjuntos de artefactuais rituais. E essa diferenciação tem uma forte correlação com a tectónica regional, com o conjunto de *Oleiros* posicionado nas terras altas do bloco da Cordilheira Central, o grupo de *Ródão/Proença* nas terras baixas do bloco médio (Superfície de Castelo Branco) e *Rosmaninhal* também nas terras baixas mas do bloco inferior (Superfície do Alto Alentejo).

Julgamos ter contribuído para caracterizar o conjunto funerário da Pré-História Recente da actual Beira Baixa e o seu contexto arqueológico noutras formas de povoamento daquele território, evidenciando que nesse tempo "o mundo era redondo". Esta forma primordial e a sua materialização em colinas funerárias é uma característica que, na vez de diferenciar esta região, a aproxima de um tempo longo universal, consubstanciando mais uma oportunidade de estabelecer pontes, no plano científico e cultural, com outras paragens do planeta Terra. Mas para isso, e perante o estado calamitoso de má conservação destes monumentos, é necessário que as entidades públicas, sobretudo as autoridades locais, em fase de crescente responsabilização política, atribuam maior importância – diria prioridade - à boa gestão destes recursos culturais tal como vem fazendo o município de Proença-a-Nova.

Resumo

Identifica-se e caracteriza-se o povoamento durante a Pré-História Recente de território situado na Comunidade Intermunicipal da Beira Baixa, nos concelhos de Castelo Branco, Oleiros, Idanha-a-Nova, Proença-a-Nova e Vila Velha de Ródão, entre o rio Tejo e o rio Zêzere.

Esta caracterização baseia-se num catálogo de 352 sepulturas, exclusivamente de tipo monticular, com dimensões muito variadas e, inúmeros casos, dotadas por vezes de contentores funerários ortostáticos. Este acervo é contextualizado com sítios de *habitat* e espaços dotados de expressões gráficas (arte rupestre).

O enquadramento geográfico põe em evidência a distribuição daqueles sítios por um território com variabilidade geológica e principalmente morfológica, ilustrada por uma escadaria tectónica, em três degraus, que condiciona outros factores ambientais, nomeadamente climáticos. No enquadramento historiográfico identificam-se os principais protagonistas da investigação destes sítios, desde o final do século XIX até ao presente.

São discutidos os factores de variabilidade no conhecimento das estruturas funerárias na área de estudo, que denota uma assimetria na sua distribuição, resultante fundamentalmente dos diferentes percursos de investigação e de diversos estados de conservação, resultantes de diferentes modos de uso do espaço até à actualidade, impondo efeitos destrutivos muito diferenciados, superiores nas áreas agrícolas.

Apesar dessas assimetrias, a conjugação da informação acerca das ocupações funerárias, habitacionais e gráficas, sugerem uma plena ocupação deste território a partir do Neolítico e uma diacronia funerária, para a qual não existem datações absolutas, entre o Neolítico Antigo evolucionado e o Bronze Final.

A abordagem das 30 sepulturas pré-históricas sujeitas a sondagens ou escavações arqueológicas foca-se na caracterização das tipologias construtivas e na análise da tipologia dos artefactos rituais nelas recolhidos e fundamenta a delimitação de três subgrupos regionais correspondentes, respectivamente, ao concelho de Oleiros, aos concelhos de Proença-a-Nova e de Vila Velha de Ródão e ao sector meridional do concelho de Idanha-a-Nova.

Abstract

Megalithism and Settlement between the Zezere and the Tagus in the region of Castelo Branco. Identities

Identification and characterization of the settlement during the recent prehistory of territory located in the Intermunicipal Community of Beira Baixa, in the municipalities of Castelo Branco, Oleiros, Idanha-a-Nova, Proença-a-Nova and Vila Velha de Ródão, between the Tagus and Zezere rivers.

This characterization is based on a catalog of 352 graves, exclusively of monticular type, with very varied dimensions and sometimes equipped with orthostatic funerary containers, and is contextualized with habitat sites and spaces with graphic expressions (rock art).

The geographic context shows the distribution of these sites by a geological and mainly morphological variability, illustrated by a three-step tectonic staircase, which conditions other environmental factors, especially climatic ones. In the historiographic framework the main protagonists of the investigation of these sites are identified since the end of 19th century to the present.

Are discussed the factors of variability in the knowledge of funerary structures in the study area, which denotes an asymmetry in its distribution, fundamentally related to the different research courses and conservation states, resulting from different ways of using space up to the present, imposing very different destructive effects, superior in the agricultural areas.

Altough these asymmetries, the combination of information about funerary, housing and graphic occupations suggests a full occupation of this territory from the Neolithic Period and a funerary diachrony for which there aren't absolute dates between the evolved Ancient Neolithic and the Final Bronze.

The approach of the 30 prehistoric graves subject to survey or archaeological excavations focuses on the characterization of the constructive typologies and the analysis of the typology of the ritual artefacts collected in them, and bases the delimitation of three regional subgroups corresponding respectively to the municipality of Oleiros, municipalities of Proença-a-Nova and Vila Velha de Ródão and to the meridional sector of the municipality of Idanha-a-Nova.

Dedicatórias, homenagens e agradecimentos

Dedico este trabalho à minha família mais directa, em primeiro lugar à minha filha Beatriz e à minha mulher Isabel, pelo apoio permanente ao seu desenvolvimento e pela aceitação das minhas ausências mesmo quando estava presente. O meu pai, João Dias Caninas, apaixonado pela Arqueologia, e a minha tia materna, Maria Pires Honrado, que me acolheu na sua casa de Vila Velha de Ródão, contribuíram decisivamente para o despertar do meu interesse pelas "pedras antigas".

Homenageio três pessoas que contribuíram com os seus conhecimentos, motivação e amizade para o meu empenho na pesquisa arqueológica, e que foram de algum modo, de modos diversos, os meus mestres: Eduardo da Cunha Serrão, que conheci em Vila Velha de Ródão aquando das campanhas de salvamento da arte do Tejo e voltei a encontrar na Associação dos Arqueólogos Portugueses de que foi presidente, Gustavo Marques, com quem privei no Museu Nacional de Arqueologia e na sua casa da Rua Pedro Nunes, em Lisboa, e Francisco Henriques, amigo de sempre, que encontrei também em Vila Velha de Ródão, entre a Geração do Tejo, que me iniciou nos trabalhos de campo e no reconhecimento de materiais arqueológicos e com quem continuo a trabalhar passados mais de 40 anos.

Pelo seu contributo incontornável para o tema e por tudo o que fez em tão pouco tempo, devo também homenagear Francisco Tavares de Proença Júnior, que lamento não ter tido oportunidade de conhecer, pela infeliz circunstância da sua morte prematura.

Entre a Geração do Tejo, que teve um papel decisivo no início do meu percurso, relembro a amizade e a motivação recebidas, entre outros, de Vitor Serrão, de João Ludgero Gonçalves, de Luis Raposo, de António Martinho Baptista, de Francisco Sande Lemos, de Mário Varela Gomes e de Teresa Marques.

No meio científico, sou devedor dos ensinamentos e da amizade de Jorge de Oliveira, também na qualidade de orientador desta tese, de Maria de Jesus Sanches, de Primitiva Bueno Ramírez, de António Gonzalez Cordero, de João Luis Cardoso, de Raquel Vilaça, de Pedro Proença e Cunha, de Telmo Pereira, de Marcos Osório, de Jorge Custódio, de Jacinta Bugalhão, de Ana Rosa Cruz, de Gertrudes Branco, de Mário Benjamim, de António Correia, de José Mirão e de Francisco Curate.

Recordo os companheiros de inúmeras jornadas de campo, que também contribuíram com o seu esforço para a descoberta dos sítios que foram objecto de estudo, além do Francisco Henriques, o principal descobridor deste património beirão, o Mário Chambino, o Pedro Salvado, o Joaquim Batista, o Armando Sabrosa, o Guilherme Cardoso, o Fernando Robles Henriques, o Emanuel Carvalho, o Mário Monteiro, o Alexandre Lima, o Vasco Pinto, o André Pereira, o Alexandre Canha, o Álvaro Batista, o Paulo Félix, a Cátia Mendes, o Pedro Baptista e a Catarina Anacleto, a maioria no âmbito da EMERITA ou do mais recente Campo Arqueológico de Proença-a-Nova. Ao Alexandre Lima, ao Mário Monteiro, ao Hugo Pires e ao Pedro Vasconcelos agradeço também a ajuda na georreferenciação de pontos e na edição gráfica de inúmeras figuras.

Quanto aos colegas da administração pública (DGPC e DRC Centro) agradeço a ajuda prestada na disponibilização de informações e na localização de documentos, nomeadamente a Ana Sofia Gomes, a Filipa Bragança, a Dina Pinheiro, a Fernanda Torquato, a Teresa Julião, a Helena Moura e a Carlos Banha.

Nos municípios de Proença-a-Nova e de Vila Velha de Ródão e na Associação de Estudos do Alto Tejo agradeço os inúmeros e diversificados apoios ao desenvolvimento deste trabalho recebidos de Isabel Gaspar, de José Manuel Pires, de António Sequeira, de Carlos Carvalho, de Jorge Gouveia e de Ana Carmona.

Um trabalho desta natureza, pese embora o esforço quase solitário de quem o redige, não seria possível sem o contributo incontornável de muitas pessoas e entidades.

Um agradecimento final a Mark Knopfler e a Emmylou Harris que juntos me "acompanharam", com o *Real Live Roadrunning*, na fase final de redacção desta tese.

Fontes de informação

Bibliografia

AA VV (1989) Fronteras. Arqueologia Espacial, 13. Seminario de Arqueología y Etnologia Turolense. Teruel: 278 p.

AA VV (1989b) A eucaliptização em Portugal – análise da situação e propostas de resolução. Agrobio, APB, GEOTA, GUEA, LPN e Quercus. Separata editada pelo Instituto Nacional do Ambiente. Lisboa; 46p.

AA VV (1990) O eucalipto em Portugal na óptica de um desenvolvimento Sustentável. Instituto Nacional do Ambiente. Lisboa: 198p.

AA VV (2000) Por Terras de Viriato: a Arqueologia da região de Viseu. Governo Civil do Distrito de Viseu e Museu Nacional de Arqueologia. Viseu: 234p.

Afonso Marrero, J. A.; Cámara Serrano, J. A.; Harro Navarro, M.; Molina González, F.; Montufo Martín, A. F.; Sánchez Jiménez, I.; Spanedda, L. (2006) Organización territorial en el valle del Río Gor en la Prehistoria Reciente. Actas do IV Congresso de Arqueologai Peninsular. Universidade do Algarve. Faro: 39-52.

Aguiar, J. M.; Santos Jr, J. R. (1940) O menir de Luzim (Penafiel). Memórias e comunicações do Congresso do Mundo Português, 1. Lisboa: 212-214.

Alarcão, J. de & Barroca, M. (2012) Dicionário de Arqueologia Portuguesa. Figueirinhas. Porto: 417 p.

Alarcão, J. de (1982) Introdução ao estudo da História e do Património locais. Cadernos de Arqueologia e Arte, 2. Instituto de Arqueologia e de História da Arte. Coimbra: 67 p.

Alarcão, J. de (1988) Roman Portugal, 2 (1: Porto, Bragança & Viseu). Warminster: 87 p.

Alarcão, J. (1996) Para uma conciliação das Arqueologias. Edições Afrontamento. Porto: 71p.

Alarcão, J. de (2013) A Beira Baixa terra tomada sem guerra. Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto. Coimbra: 95 p

Almagro Gorbea, M. J. (1973) Los idolos del Bronce I Hispano. Bibliotheca Praehistorica Hispana, 12. Madrid: 354 p.

Almeida, C. B. de; Fernandes, F. R. C. (2001) Carta Arqueológica do Concelho de Aveiro. Câmara Municipal de Aveiro. Aveiro: 80p.

Almeida, D. F. & Ferreira, O. da V. (1956a) Antiguidades de Monsanto da Beira. Separata da Revista de Guimarães, 56. Guimarães: 21 p.

Almeida, D. F. & Ferreira, O. da V. (1956b) Placas de xisto antropomorfas do Museu lapidar igeditano (Idanha-a-Velha). Revista de Guimarães, 66. Guimarães: 103-108.

Almeida, D. F. & Ferreira, O. da V. (1958) Duas sepulturas megalíticas dos arredores de Idanha-a-Velha. Revista de Guimarães, 68. Guimarães: 317-322.

Almeida, D. F. & Ferreira, O. da V. (1959) Sepulturas megalíticas dos arredores de Idanha-a-Velha. 1º Congresso Nacional de Arqueologia, 1. Lisboa: 225-230.

Almeida, D. F. & Ferreira, O. da V. (1966) Descoberta das primeiras insculturas com figuração humana estilizada nos arredores de Idanha-a-Velha. Lucerna, 5. Porto: 425-433.

Almeida, D. F. & Ferreira, O. da V. (1970) Descoberta de uma estação languedocense em Idanha-a-Velha. Actas das 1ª Jornadas Arqueológicas, 1. Lisboa: 235-240.

Almeida, D. F. & Ferreira, O. da V. (1971) Um monumento pré-histórico na Granja de São Pedro (Idanha-a-Velha). 2º Congresso Nacional de Arqueologia, 1. Coimbra: 163-168.

Álvares, F.; Alonso, P.; Sierra, P. & Petrucci-Fonseca, F. (2000) Os fojos dos lobos na Península Ibérica. Sua inventariação, caracterização e conservação. Galemys, 12 (NE): 57-78 p.

Anati, E.(1975) Incisioni Rupestri Nell'Alta Valle del Fiume Tajo (Portogallo). Bolletino del Centro Camuno di Studi Preistorici, XII, Brescia: 156-160.

Anati. E. & Gomes, M. V. (2013) The Zuschem megalithic monument (Kassel, Hessen) and its engravings animal traction, ploughs, carts and wagons in Neolitic Europe. Instituto de Arqueologia e Paleociências (UNL). Lisboa: 182 p.

Andrade, M. A. (2009) Megalitismo e comunidades megalíticas na área da Ribeira Grande (Alto Alentejo). Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa: 330 p. Consultado em https://lisboa.academia.edu/MarcoAnt%C3%B3nioAndrade

Andrade, M. A. (2013) Em torno ao conceito de "necrópole megalítica" na área da Ribeira Grande (Alto Alentejo, Portugal): monumentos, espaços, paisagens e territórios. Arqueologia em Portugal: 150 anos. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa: 417-426.

Antunes, A. S.; Martins, A.; Vilhena, J.; Virseda, L. Correia, S. (2003) Intervenções de salvamento na área a afectar pelo regolfo de Alqueva: as antas da bacia do Degebe. Trabalhos de Arqueologia, 25. Actas do 2º Colóquio Internacional sobre Megalitismo. Lisboa: 227-250..

Antunes, L. F. A. R. (2008) Francisco Tavares Proença Júnior: um arqueólogo moderno na Pré-História da Arqueologia Portuguesa? Arkeos, 22. CEIPHAR Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo. Tomar: 39-172.

Araújo, I. Alves de (1994) Considerações sobre a gestão das paisagens. In Paisagem. Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano. Lisboa: 29-43.

Arias Gonzalez, L. (1989) Arquitectura y sistemas construtivos del dolmen de El Torrejon (Villarmayor, Saalamanca). Arqueologia, 20. Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. Porto: 56-70.

Arnaud, J. M. (2013) Reflexões em torno das placas de cerâmica com gravuras de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja). Arqueologia em Portugal: 150 anos. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa: 447-455.

Associação de Estudos do Alto Tejo (1994) A destruição do património arqueológico no território português. O testemunho da Associação de Estudos do Alto Tejo. Jornal do Fundão, 8 de Abril. Fundão: 18-19.

Ayala Juan, M. M.; Jiménez Lorente, S.; Idáñez Sánchez, J. F.; Ponce García, J.; Martínez Rodríguez, A.; San Nicolás del Toro, M.; Martínez Sáncez; C. (2000) El Megalitismo en el Sureste Peninsular. In Neolitização e Megalitismo na Península Ibérica, Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular, 3. Porto: 505-519.

Bahn, P. (2003) Atlas de Arqueología Mundial. Editorial LIBSA. Madrid: 208p.

Banha, C.; Mota Veiga, A. & Ferro, S. (2009) A estátua-menir de Corgas (Donas, Fundão). Contributo para o estudo da Idade do Bronze na Beira Interior. AÇAFA On-line, 2. Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão: 21p. http://www.altotejo.org/acafa/docsN2/A_estatua-menir_de_Corgas.pdf

Baptista, A. M. (1981) A rocha F 155 e a origem da Arte do vale do Tejo. *Monografias Arqueológicas,* 1. GEAP- Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. Porto: 83 p.

Baptista, A. M. (1981b) A arte do Gião. Arqueologia, 3. Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. Porto: 56-66.

Baptista, A. M. (1982) Estátua-menir. Arqueologia, 6. Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. Porto: 2 p.

Baptista, A. M. (1983) O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa). Arqueologia, 8. Porto: 57-69.

Baptista, A. M. (1984) Arte rupestre do Norte de Portugal: uma perspectiva. Portugália, 4-5 (nova série), 8. Porto: 71-82.

Baptista, A. M. (1986) Arte Rupestre Pós-glaciária. Esquematismo e abstracção. História da Arte em Portugal, Alfa, 1. Lisboa: 31-55.

Baptista, A. M. (1999) O Ciclo Artístico Quaternário do Vale do Côa. Com algumas considerações de método sobre estilos, valoração estética e crono-estratigrafia figurativa. Arkeos, 6. Tomar: 197-277.

Baptista, A. M. (2001) Ocreza (Envendos, Mação, Portugal Central): um novo sítio com Arte Paleolítica de Ar Livre. Arkeos - Perspectivas em Diálogo, 11. Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo. Tomar: 163-192.

Baptista, A. M. (2004) Arte Paleolítica de Ar livre no Rio Zêzere (Barroca, Fundão). EBVROBRIGA – Revista do Museu Arqueológico Municipal José Monteiro do Fundão, 1 (Primavera/Verão). Fundão: 8-15.

Baptista, A. M.; Gomes, M. V.; Lemos, F. de S.; Marques, T.; Martins, M.; Monteiro, J. P.; Raposo, L.; Serrão, V. M.; Silva, A. C.; Querol, M. A. & Serrão, E. C. (1974) O Complexo de Arte Rupestre do Tejo. Processos de Levantamento. Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia, I. Porto: 293-323.

Baptista, A. M.; Martins, M. M. & Serrão, E. da C. (1978) Felskunst im Tejo-Tal, São Simão (Nisa, Portalegre, Portugal). *Madrider Mitteilungen*, 19. Madrid: 89-101.

Baptista, J.; Henriques, J. (1982) Cabeço Pelado. Informação Arqueológica 2 (1979). Instituto Português do Património Cultural. Lisboa: 13-14.

Barandiáran, I.; Martí, B.; Rincón, M. Á. del & Maya, J. L. (2007) Prehistoria de la Península Ibérica. Ariel Prehistoria. Barcelona: 493p

Barata, L. (2003) Sobre o património arqueológico e construído no distrito AEAT analisa impacte dos incendios. Gazeta do Interior, 16 de outubro. Castelo Branco: 25.

Barroso Bermejo, R.; Bueno Ramírez, P.; Vázquez Custa, A.; González Martín, A.; Peña Chocarro, L. (2015) Enterramientos individuales y enterramientos colectivos en necrópolis del Megalitismo avanzado del Interior: la cueva 9 de Valle de Las Higueras (Toledo). II Internacional Conference of Transition Archaeology. BAR (British Archaeological Reports) International, Series 2708, Edited by Leonor Rocha, Primitiva Bueno Ramírez and Gertrudes Branco, Oxford: 165-176.

Batata, C. & Gaspar, F. (2000) Arte rupestre da bacia hidrográfica do Rio Zêzere. Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, 4 (Pré-História Recente da Península Ibérica). Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular. Porto: 575-585.

Batata, C. & Gaspar, F. (2009) Carta Arqueológica do Concelho de Pampilhosa da Serra. Pampilhosa da Serra: 189 p.

Batata, C. & Gaspar, F. (2009b) Mamoas e arte rupestre no concelho de Pampilhosa da Serra (Centro de Portugal). AÇAFA On-line, 2. Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão: 21p. http://www.altotejo.org/acafa/docsN2/Mamoas_e_Arte_Rupestre_na_Pampilhosa_da_Serra.pdf

Batata, C. & Gaspar, F. (2011) Trabalhos arqueológicos desenvolvidos na mamoa VI de Vilares e nos painéis de arte rupestre de Bregada – Unhais-o-Velho, Pampilhosa da Serra. AÇAFA On-line, 4. Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão: 23 p. http://www.altotejo.org/acafa/docsn4/Mamoas_e_arte_rupestre_em_Pampilhosa_da_Serra.pdf

Batata, C. (1998) Carta Arqueológica do Concelho de Sertã. Câmara Municipal de Sertã. 96 p.

Batata, C. (2006) Idade do Ferro e Romanização ente os rios Zêzere, Tejo e Ocreza. Trabalhos de Arqueologia, 46. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa.

Batata, C.; Borges, N.; Correia, H.; Sousa, A. (2008) Carta arqueológica do concelho de Vila Pouca de Aguiar. Câmara Municipal de Vila Pouca de Aguiar / Ozecarus. Torres Novas: 185 p.

Batista, J. (1982a) Barrocal. Informação Arqueológica, 2 (1979). Instituto Português do Património Cultural. Lisboa: 13.

Batista, J. (1982b) Castelo de Idanha-a-Nova. Informação Arqueológica, 2 (1979). Instituto Português do Património Cultural. Lisboa: 16.

Batista, J. (1982c) Castelo de Castelo Branco. Informação Arqueológica, 2 (1979). Instituto Português do Património Cultural. Lisboa: 14.

Batista, J. (1983) Subsídios para o Estudo do Megalitismo da Beira Baixa. A Anta da Urgueira. O Arqueólogo Português, Série IV, 1. Lisboa: 89-102.

Batista, J. (1998) Carta Arqueológica da Freguesia de Idanha-a-Velha. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão: 116 p.

Bayarsaikhan, J. (2012) The newly discovered deer stone from Tsengel Sum od the Bayan-Ulgy province. Mongolian Journal of Anthropology, Archaeology and Ethnology, 7 (1). Nacional University of Mongolia: 39-50.

Bayarsaikhan, J. (2013) The Bronze Age grave of the Northern Mongolia. Nomadic Heritage Studies, 15 (1-26). Museum Nationale Mongoli: 22-28.

Bec Drelon, N.; Le Roy, M.; Recchia-Quiniou, J. (2014) "Autor de la chambre": nouveaux éléments de reflexion sur les structures tumulaires. Apport de fouilles recentes e cinq dolmens de l´Hérault. Ed. Archives d´Écologie Préhistorique. Toulose: 569-582.

Bednarik, R. (2008) Cupules. Rock Art Research 25 (1):61-100.

Bednarik, R. (2010) The interpretations of cupules. In Roy Querejazu Lewis and Robert G. Bednarik (eds.), Mysterious cup Marks, Proceedings of t he First International Cupule Conference. BAR International Series, Oxford: 67-73.

Beirão, F. (1989) Rosmaninhal. Eucaliptos destroem antas. Reconquista, 25 de Agosto. Castelo Branco: 7.

Beisenov, A. (2014) Architectural characteristics of the sak barrows from Central Kazakhstan. Procedia – Social and Behavioral Sciences, 122. Elsevier: 199-203.

Bello Diéguez, J. M. (1994) Grabados, pinturas y idolos en Dombate (Cabana, La Coruña). Grupo de Viseu o grupo noroccidental? Aspectos taxonomicos y cronologicos. Actas do seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal". Estudos Pré-Históricos, 2. Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta. Viseu: 287-304.

Bello Diéguez, J. M.; Criado Boado, F. & Vázquez Varela, J. M. (1987) La cultura megalítica de la provincia de La Coruña y sus relaciones com el marco natural: implicaciones socio-económicas. Diputación Provinical de la Coruña. A Coruña: 163 p.

Bicho, N. F. (2006) Manual de Arqueologia Pré-Histórica. Edições 70. Lisboa: 525 p.

Bicho, N. F.; Jorge, C. R.; Ladeira, J. Pereira, J. P.; Salvador, M. M. (1994) Prospecção arqueológica das formações quaternárias do rio Ponsul. Actas das V Jornadas Arqueológicas, 1. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa: 65-74.

Blas Cortina, M. A. (2000) La neolitización del litoral cantábrico en su expresión más consolidada: la presencia de los primeros túmulos. In Neolitização e Megalitismo na Península Ibérica, Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular, 3. Porto: 215.238.

Boaventura, R. & Langley, M. (2007) Georg Leisner (1870-1957): determinação na busca do Megalitismo Ibérico. O Arqueólogo Português, 25 (série 4). Museu Nacional de Arqueologia. Lisboa: 167-176.

Boaventura, R. & Mataloto, R. (2013) Entre mortos e vivos: nótulas acerca da cronologia absoluta do Megalitismo do Sul de Portugal. Revista Portuguesa de Arqueologia, 16. Lisboa: 81-101.

Bonilla Rodríguez, A. & Fábregas Valcarce, R. (2009) Círculo de engaños: exacavavión del cromelech de A Mourela (As Pontes de García Rodríguez, A Corunha). Andavira Editora. Santiago de Compostela: 259 p.

Bonomo, M.; Politis, G. & Gianotti, C. (2011) Montículos, jerarquía social y horticultura en las sociedades indígenas del delta del río Paraná (Argentina). Latin American Antiquity, 22. Society for American Archaeology: 297-333. Consultado em https://unlp.academia.edu/MarianoBonomo

Bóveda Fernández, M. J. & Vilaseco Vázquez, X. (2015) La cámara megalítica de Chousa Nova 1 (Silleda, Pontevedra: rotura intencional ou colapso? Estudos & Memórias, 8. UNIARQ. Lisboa: 564-570).

Bradley, R. (2000) An archaeology of natural places. Routledge. Londres e Nova Iorque: 177p.

Bradley, R.; Criado Boado, F.; Fábregas Valcarce, R. (1994) Los petroglifos como forma de apropiación des espacio: algunos ejemplos gallegos. Trabajos de Prehistoria, 51 (2). Madrid: 159-168.

Bradley, R.; Criado Boado, F.; Fábregas Valcarce, R. (1995) Arte rupestre y paisaje prehistórico em Galicia: resultados del trabajo de campo entre 1992 y 1994. Castrelo, 7-8. Vigo: 67-95.

Brandherm, D.; Krueger, M. & Cardoso, J. L. (2017) Um novo método para a datação absoluta de ossos humanos cremados: a cabana 2 do Monte de São Domingos (Malpica do Tejo, Portugal). Estudos Arqueológicos de Oeiras, 23. Oeiras: 519-530.

Bueno Ramírez, P. & Balbín Behrmann, R. (2000) Arte megalítico en la Extremadura española. Extremadura Arqueológica, 8. Mérida: 345-379

Bueno Ramírez, P. & Balbín Behrmann, R. de (2002) L´ Art mégalithique péninsulaire et l´ art mégalithique de la façade atlantique: un modèle de capillarité appliqué à l´art post-paléolithique européen. L´Anthropologie, 106. ELSEVIER. Paris: 603-646.

Bueno Ramírez, P. & Vásquez Cuesta, A. (2008) Patrimonio Arqueológico de Valencia de Alcantara (Cáceres). Estado de la cuestión. Ayuntamiento de Valencia de Alcántara. Valencia de Alcántara: 194 p.

Bueno Ramírez, P. (1987) Megalitismo en Extremadura: estado de la questión. El Megalitismo en la Peninsula Ibérica. Ministério de Cultura. Madrid: 73-84.

Bueno Ramírez, P. (1992) Les plaques décorées alentéjaines: approche de leus étude et analyse. L´Anthropologie, 96 (2-3). Paris: 573-604.

Bueno Ramírez, P. (2000) El espacio de la muerte en los grupos neolíticos y calcolíticos de la Extremadura española: las arquitecturas megalíticas. Extremadura Arqueológica, 8. El Megalitismo en Extremadura. Mérida: 35-80.

Bueno Ramírez, P.; Balbín Behrmann, R.; Barroso Bermejo, R.; Aldecoa Quintana, M. A. & Casado Mateos, A. B. (1998b) Sepulcros megalíticos en el Tajo: excavación y restauración de dólmenes en Alcântara, Cáceres, España. Ibn Maruán, 8. Marvão: 135:182.

Bueno Ramírez, P.; Balbín Berhmann, R. de; Barroso Bermejo, R.; Aldecoa Quintana, M. A.; Casado Mateos, A. B. (1998) Dólmenes en la cuenca del Tajo: restauración y consolidación de megalitos en Alcántara (Cáceres). Trabajos de Prehistoria, 55 (1). Madrid: 171-183.

Bueno Ramírez, P.; Balbín Berhmann, R. de; Barroso Bermejo, R.; Casado Mateos, A. B.; Aldecoa Quintana, M. A. (1999) Proyecto de excavación y restauración em dólmenes de Alcántara (Cáceres). Segunda campaña. Trabajos de Prehistoria, 56 (1). Madrid: 131-146.

Bueno Ramírez, P.; Barroso Bermejo, R. & Balbín Behrmann, R. de (2008) The necropolis of Era de La Laguna, Santiago de Alcántara, Cáceres, in the context of the Megalithism of the Central Region of the International Tagus. In P. Bueno Ramírez, R. Barroso Bermejo & R. Balbín Behrmann, eds, Graphical markers and megalith buiders in the International Tagus, Iberian Península. BAR International Series, 1765. Oxford: 41-59.

Bueno Ramírez, P.; Barroso Bermejo, R. & Balbín Behrmann, R. de (2008b) Models of integration of rock art and megalith builders in the International Tagus. In P. Bueno Ramírez, R. Barroso Bermejo & R. Balbín Behrmann, eds, Graphical markers and megalith buiders in the International Tagus, Iberian Península. BAR International Series, 1765. Oxford: 5-15.

Bueno Ramírez, P.; Barroso Bermejo, R. & Balbín Behrmann, R. de (2010) Megalitos en la cuenca interior del Tajo. Munibe, 32. Donostia: 152-187.

Bueno Ramírez, P.; Barroso Bermejo, R. & Balbín Behrmann, R. de (s/d) El dómen de Azután a la luz de las últimas investigaciones.

Bueno Ramírez, P.; Barroso Bermejo, R. & Balbín Behrmann, R. de; Cerrillo Cuenca, E.; Gonzalez Cordero, A. & Prada Gallardo, A. (2011) Megaliths and stelae in the inner basin od Tagus river: Santiago de Alcántara, Alconétar and Cañamero. In P. Bueno Ramírez, E. Cerrillo Cuenca & A. Gonzalez Cordero, eds, From the Origins: the Prehistory of the Inner Tagus Region. BAR International Series, 2219. Oxford: 143-160.

Bueno Ramírez, P.; Balbín Behrmann, R. de; Barroso Bermejo, R. & Carrera Ramirez, F. (2011c) Painting versus engraving: Palaeolithic and Post-Palaeolithic rock art in the International Tagus – Sierra de San Pedro (Santiago de Alcántara and Valencia de Alcántara, Cáceres). In P. Bueno Ramírez, E. Cerrillo Cuenca & A. Gonzalez Cordero, eds, From the Origins: the Prehistory of the Inner Tagus Region. BAR International Series, 2219. Oxford: 7-22.

Bueno Ramirez, P; Piñon Varela, F.; Prados Torreira, L. (1985) Escavaciones en el Collado de Sejos (Valle de Poblaciones, Santander): campaña de 1982. Noticiario Arqueologico Hispanico, 22. Ministerio da Cultura: 29-53.

Bueno, P.; Balbín, R. de; Barroso, R.; Alcolea, J. J.; Villa, R.; Moraleda, A. (1999b) El dolmen de Navalcan. El poblamiento megalítico en el Guadyerbas. Diputacíon Provincial de Toledo. Toledo: 136 p.

Bueno, P.; Barroso, R.; Balbín, R. de & Carrera, F. (2006) Megalitos y Marcadores Gráficos en El Tajo Internacional: Santiago de Alcantara (Cáceres). Edição do Ayuntamiento de Santiago de Alcántara. Salamanca: 100 p.

Bueno-Ramírez, P.; Balbín-Behrmann, R. de & Barroso-Bermejo, R. (2011b) Balance de um modelo integrador de megalitos y grafías rupestres en el Tajo Internacional. In Nos 40 anos do início da descoberta da arte rupestre do Tejo. AÇAFA on line, 4. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão: 14 p. http://www.altotejo.org/acafa/docsn4/Megalitos_e_Grafias_Rupestres_en_el_Tajo_Internacional.pdf

Bueno-Ramírez, P.; Balbín-Behrmann, R. de; Barroso-Bermejo, R. (2000) Valle de Las Higueras (Huecas, Toledo, España). Una necropolis Ciempozuelos con cuevas artificiales al interior de la Peninsula. Estudos Pré-Históricos, 8: Viseu: 49-80.

Bueno-Ramírez, P.; Balbín-Berhmann, R.; Barroso-Bermejo, R. (2016b) Megalithic art in the Iberian Peninsula: thinking about graphic discourses in the European Megaliths. In Préhistoires de la Méditerranée. Presses Universitaires de Provence. Aix-en-Provence: 185-203.

Bueno-Ramírez, P.; Balbín-Berhmann, R.; Rocha, L.; Oliveira, J. de (2015) Anthropomorfhic images as origins od ancestor´s "caves". The stele-menhir of Anta do Telhal (Arraiolos, Évora, Portugal). II Internacional Conference of Transition Archaeology. BAR (British Archaeological Reports) International, Series 2708, Edited by Leonor Rocha, Primitiva Bueno Ramírez and Gertrudes Branco, Oxford: 83-94.

Bueno-Ramírez, P.; Barroso-Bermejo, R. & Balbín-Behrmann, R. de (2009) Agricultores y metalúrgicos en el Valle de Huecas (Toledo). In Luis Benítez de Lugo Enrich, Primitiva Bueno Ramírez, Rosa Barroso Bermejo, Rodrigo de Balbín Berhmann e José Antonio López Sáez, editores, Arqueologia Ambiente y Obras Públicas. El Vale de Huecas (Huecas, Toledo).Anthropos Arqueologia y Antropologia. Ciudad Real: 33-71.

Bueno-Ramírez, P.; Barroso-Bermejo, R. & Balbín-Behrmann, R. de (2004) Construcciones megalíticas avanzadas de la Cuenca interior del Tajo. El núcleo cacereño. SPAL Revista de Prehistoria y Arqueologia, 13. Universidad de Sevilla. Sevilla: 83-112.

Bueno-Ramírez, P.; Barroso-Bermejo, R. & Balbín-Behrmann, R. de (2015b) Between east and west: megaliths in the centre of the Iberian Peninsula. In Luc Laporte and Chris Scarre, eds, The Megalithic Architectures of Europe. Oxbow Books. Oxford:157-166.

Bueno-Ramírez, P.; Carrera-Ramírez, F.; Balbín-Berhmann, R.; Barroso-Bermejo, R.; Darriba, X., Paz, A. (2016) Stones before stones. Reused stelae and menhirs in Galician megaliths. In R. Fábregas Valcarce and Carlos Rodríguez-Rellán, Public images, private readings: multi-perspective approaches to the post-palaeolithic rock art. Archaeopress Publishing Ltd. Oxford: 1 - 16.

Bueno-Ramírez, P.; Gonzalez Cordero, A.; Rovira, S. (2000b) Áreas de habitación y sepulturas de falsa cúpula en la cuenca extremeña del Tajo. Acerca del poblado con necrópolis del Canchal en Jaraíz de La Vera (Cáceres), Extremadura Arqueológica, 8. Mérida: 209-242.

Calado, M. (1993) Carta arqueológica do Alandroal. Câmara Municipal do Alandroal. Alandroal: 175 p.

Calado, M. (2001) Da Serra d´Ossa ao Guadiana: um estudo de pré-história regional. Trabalhos de Arqueologia, 19. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa: 279 p.

Calado, M. (2015) Menhirs of Portugal: all quiet on the west front? Statues-menhirs et pierres levées du Néolithique à aujourd´hui. Actes du 3e Colloque Internationale sur la statuaire mégalithique (2012). Saint-Pons-de-Thomières: 243-253.

Canas, N. (1999) O castro de Monforte da Beira (Castelo Branco). Estudos Pré-Históricos, 7. Viseu: 303-305.

Cancela d´Abreu, A.; Correia, T. P. & Oliveira, R. (2004) Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental. Direcção-Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano e Universidade de Évora. Lisboa: 5 volumes.

Canilho, S. R. B. (2011) Definição de temáticas científicas, propostas de valorização e divulgação do Monumento Natural das Portas de Ródão, e suas imediações, para turismo científico. Açafa on line, 4. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão: 108 p. http://www.altotejo.org/acafa/docsn4/Turismo_Cientifico_nas_Portas_de_Rodao.pdf

Caninas, J. & Custódio, J. (2018) O associativismo na construção da salvaguarda e conservação do património cultural/natural. Revista Património, 5. Direcção Geral do Património Cultural. Lisboa.

Caninas, C. & Henriques, F. (1982) Elementos para um Inventário de Estações Arqueológicas: Prospecção e Reconhecimento. Informação Arqueológica, 2. Instituto Português do Património Cultural. Lisboa: 17-23.

Caninas, C. & Henriques, F. (1983) Elementos para um Inventário de Estações Arqueológicas: Prospecção e Reconhecimento. Informação Arqueológica, 3. Instituto Português do Património Cultural. Lisboa: 11.

Caninas, J. & Henriques, F. (1985) Testemunhos do Neolítico e do Calcolítico no Concelho de Nisa. Actas das 1as. Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano, Comissão Regional de Turismo e Câmara Municipal de Castelo de Vide. Castelo de Vide: 69-82.

Caninas, J. C. & Henriques, F. (1986), Os monumentos megalíticos do Olival dos Morouços (Vale de Pousadas, Vila Velha de Ródão). Preservação, 6. Núcleo Regional de Investigação Arqueológica. Vila Velha de Ródão: 7-22.

Caninas, J. & Henriques, F. (1994) Um conjunto de placas de xisto gravadas do Nordeste Alentejano. Ibn Maruan - Revista Cultural do Concelho de Marvão, 4. Marvão: 147-156.

Caninas, J. & Henriques, F. (1995) Exemplos de Destruição do Património Arqueológico no Sul da Beira Interior. Al-Madan, Série II, nº 4. Centro de Arqueologia de Almada. Almada: 115-118.

Caninas, J. & Henriques, F. (2008) O Património Arqueológico e o Sector Florestal. Actas das I Jornadas do Património de Belmonte. Câmara Municipal de Belmonte. Belmonte: 285-309.

Caninas, J. & Henriques, F. (2010) Arqueologia. In Notícia Explicativa das Folhas 25-C, 25-D, 29-A Rosmaninhal, Segura e Retorta (sector norte) da Carta Geológica de Portugal na escala 1:50000, Laboratório Nacional de Energia e Geologia, p. 45-48, Lisboa.

Caninas, J. & Henriques, F. (2014) O castro do Picoto, um sítio arqueológico proeminente. Agenda Cultural do Município de Oleiros, Abril-Junho. Oleiros: 16-17.

Caninas, J. & Henriques, F. (2016) Contribuição para um catálogo de marcas de termo em Portugal Continental. EMERITA - Estudos de Arqueologia e Património Cultural, 2. Disponível em http://www.emerita.pt/estudos-de-arqueologia-e-patrimoacutenio-cultural.html

Caninas, J. & Henriques, F. (em preparação) Os recintos líticos do Couto da Espanhola: o problema da sua cronologia. Comunicação às 3ª Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo (Vila Velha de Ródão, 13-15 de maio de 2016).

Caninas, J. C.; Henriques, F.; Batista, Á. & Pires, H. (2011c) Pedra das Cruzinhas. Notícia de um monólito gravado na fronteira entre os concelhos do Sabugal e da Guarda. Sabucale, 3. Revista do Museu do Sabugal. Sabugal: 35-56.

Caninas, J.; Henriques, F. & Cardoso, J. L. (2009) A mamoa da Charneca das Vinhas (Vila Velha de Ródão). Revista Portuguesa de Arqueologia, 12 (2). Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico. Lisboa: 99-138.

Caninas, J.; Henriques, F. & Cardoso, J. L. (2011) The *tumulus* at Charneca das Vinhas (Vila Velha de Ródão, Portugal). In Bueno Ramírez, P., Cerillo Cuenca, E., González Cordero, A., coord., From the origins: The prehistory of the Inner Tagus Region. BAR International Series 2219. Oxford: 111-139.

Caninas, J.; Henriques, F. & Gouveia, J. (2004) Arqueologia da Região de Fratel. Um Olhar entre a Pré-História e os Tempos Modernos. In Itinerários por Terras da Açafa. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão. Desdobrável.

Caninas, J.; Henriques, F. & Osório, M. (2017) Ocupação do Território de Fratel (Vila Velha de Ródão) na Pré-História Recente: ensaio de análise espacial. Scientia Antiquitatis, 1. Actas do 3º Congresso Internacional de Arqueologia de Transição: estratégias de povoamento. Évora: 177-208.

Caninas, J.; Henriques, F. (2004b) A Anta Grande de Medelím. Catálogo da Exposição "Arqueologia: colecções de Francisco Tavares de Proença Júnior. Instituto Português de Museus / Museu de Francisco Tavares de Proença Jr. Castelo Branco: 139.

Caninas, J.; Henriques, F. R.; Monteiro, J. L.; Henriques, F.; Mário Monteiro, M. & Carvalho, E. (2015) The *tumuli* of Selada do Cavalo (Serra Vermelha, county of Oleiros, district of Castelo Branco). II Internacional Conference of Transition Archaeology. BAR (British Archaeological Reports) International, Series 2708, Edited by Leonor Rocha, Primitiva Bueno Ramírez and Gertrudes Branco, Oxford: 291-305.

Caninas, J.; Henriques, F.; Batata, C. & Batista, Á. (2004b) Novos Dados sobre a Pré-História Recente da Beira Interior Sul. Megalitismo e Arte Rupestre no Concelho de Oleiros. Separata da revista Estudos de Castelo Branco, Nova Série, 3. Castelo Branco: 30 p.

Caninas, J.; Henriques, F.; Batata, C.; Batista, A.; Sabrosa, A.; Canha, A.; Henriques, F. R.; Chambino, M. & Monteiro, M. (2005) Serra de Alvélos. Sepulturas sob montículo artificial e gravuras rupestres. Catálogo da

Exposição 25 Sítios Arqueológicos da Beira Interior, Associação de Desenvolvimento Estudo e Defesa do Património da Beira Interior (ARA) e Câmara Municipal de Trancoso. Trancoso: 40-41.

Caninas, J.; Henriques, F.; Batista, Á.; Monteiro, M.; Chambino, M.; Henriques, F. R.; Canha, A. & Carvalho, L. (2009b) Estruturas monticulares antigas na fronteira Sul do concelho do Sabugal. Sabucale, 1. Revista do Museu do Sabugal. Sabugal: 21-38.

Caninas, J.; Henriques, F.; Gouveia, J. (1997) O Castelo de Ródão e a Capela da Senhora do Castelo. Ibn Maruan, 6. Marvão: 1983-203.

Caninas, J.; Henriques, F.; Gouveia, J. (2008c) Contributos para uma caracterização do impacte dos fogos florestais de 2003 sobre o património arqueológico e o património construído no distrito de Castelo Branco. Açafa on line, 1. Associação de Estudos do Alto Tejo, www.altotejo.org

Caninas, J.; Henriques, F.; Monteiro, M.; Félix, P.; Neto de Carvalho, C.; Pereira, A.; Henriques, F. Robles; Mendes, C. & Carvalho, E. (no prelo) A look at Proença-a-Nova's Megalithism (Beira Baixa Intermunicipal Community, UNESCO Global Geopark Naturtejo, Portugal. In Mega-talks 2: megaliths and geology. Redondo, 19 e 20 de novembro de 2015.

Caninas, J.; Henriques, F.; Sabrosa, A. & Chambino, M. (2008) Trabalhos de reconstrução da anta do cabeço da Forca (Rosmaninhal, Idanha-a-Nova). Açafa on line, 1 (2008). Associação de Estudos do Alto Tejo. In http://www.altotejo.org/acafa/docs/Estudos_e_Trabalhos/Reconstrucao_da_Anta_do_Cabeco_da_Forca.pdf

Caninas, J.; Monteiro, M.; Pereira, A.; Carvalho, E.; Henriques, F.; Gomes, J. A. & Fernandes, L. (2014) The mound at Cimo dos Valeiros (Serra Vermelha, Oleiros, Castelo Branco). A Neolithic burial site in the Central Cordillera, south of Serra da Estrela. Comunicação apresentada na Mesa Redonda A Morte Protegida, Discursos Arqueográficos e Discursos Mentais, IPT, CPH.IPT, AEAT, Ass. Cultural, Beira Serra e outros, e 11 de Maio de 2913, Abrantes. BAR (British Archaeological Reports) International Series 2648, Edited by na Cruz, Enrique Cerrillo-Cuenca, Primitiva Bueno Ramírez, João Carlos Caninas e Carlos Batata. Oxford: 45-60.

Caninas, J.; Monteiro, M.; Pereira, A.; Cunha, P. P.; Carvalho, E.; Lima, A.; Henriques, F.; Fernandes, L. & Vieira, M. (2012) Intervenção geo-arqueológica na mamoa do Penedinho Branco (Vila Nova, Miranda do Corvo, Serra da Lousã). In Olhares sobre a Geologia, a Arqueologia e a História de Vila Nova, de Miranda do Corvo e da Serra da Lousã. Junta de Freguesia de Vila Nova: 40-63.

Caninas, J.; Pires, H.; Henriques, F.; Chambino, M. (2016) Rock art in Portugal's border area. Rock Art Research, 33 (1). Australian Rock Art Research Association. Melbourne.

Caninas, J.; Sabrosa, A.; Henriques, F.; Germano, A.; Monteiro, J. L.; Carvalho, E.; Batista, Á.; Canha, A. & Chambino, M. (2011b) *Tumulus* de Vale de Mós 1 (Serra Vermelha, Oleiros). AÇAFA On-line, 4. Vila Velha de Ródão: 50p. www.altotejo.org

Caninas, J.; Sabrosa, A.; Henriques, F.; Monteiro, J. L.; Carvalho, E.; Batista, A.; Chambino, M.; Henriques, F. R.; Monteiro, M.; Canha, A.; Carvalho, L. & Germano, A. (2008a) Novos dados para o conhecimento da Pré-História Recente do Maciço Central na Beira Interior Sul. Tumuli e Gravuras Rupestres na Serra Vermelha e na Serra de Alvélos (Oleiros – Castelo Branco). Actas das I Jornadas do Património de Belmonte, Câmara Municipal de Belmonte. Belmonte: 1-38.

Caninas, J.; Sabrosa, A.; Henriques, F.; Monteiro, J.; Carvalho, E.; Batista, A.; Chambino, M.; Henriques, F.; Monteiro, M., Canha, A.; Carvalho, L. & Germano, A. (2008b) Tombs and rock carvings in the Serra Vermelha and Serra de Alvélos (Oleiros - Castelo Branco). BAR (British Archaeological Report) International Series 1765, Edited by P. Bueno Ramirez, Rosa Barroso-Bermejo e Rodrigo de Balbín-Berhmann. Oxford: 89-102.

Caninas, J; Canha, A.; Henriques, F & Chambino, M. (em preparação) *Tumuli* do Maciço da Gralheira (São Pedro do Sul).

Cara Barrionuevo, L.; Rodríguez López, J. M. (1989) Fronteras culturales y estratégias territoriales durante el III milénio AC en el valle medio y bajo del Andarax (Almería). Fronteras. Arqueologia Espacial, 13. Terruel: 63-76.

Cardoso, D. (2003) Pego da Rainha (Mação). In Arte Pré-histórica Arqueologia e Valorização. Arkeos - Perspectivas em Diálogo, 14. Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo. Tomar: 59-72.

Cardoso, J. L. & Gonzalez, A. (2002) Testemunhos da Ocupação Pré-Histórica da Serra da Estrela. Almadan, 2ª série, 11. Centro de Arqueologia de Almada: 242.

Cardoso, J. L. & Gradim, A. (2011) Dez anos de trabalhos arqueológicos em Alcoutim do Neolítico ao Romano. Câmara Municipal de Alcoutim: 203 p.

Cardoso, J. L. (2000) Os artefactos de pedra polida do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Estudos Arqueológicos de Oeiras, 8. Oeiras: 241-323.

Cardoso, J. L. (2002) Pré-História de Portugal. Verbo. Lisboa: 456 p.

Cardoso, J. L. (2008a) O. da Veiga Ferreira (1917-1997): sua vida e obra científica. In João Luís Cardoso, O. da Veiga Ferreira. Homenagem ao Homem, ao Arqueólogo e ao Professor. Estudos Arqueológicos de Oeiras, 16. Oeiras: 13-123.

Cardoso, J. L. (2008b) The megalithic tombs of southern Beira Interior, Portugal: recent contributions. In P. Bueno-Ramirez, R. Barroso-Bermejo & R. de Balbín-Berhmann, Graphical markers and megalith buiders in the International Tagus, Iberian Peninsula. BAR International Series, 1765. Oxford: 103-115.

Cardoso, J. L. (2010) Francisco Tavares Proença Júnior, no quadro da Arqueologia Portuguesa do início do século XX. Actas do Congresso Internacional de Arqueologia: cem anos de investigação arqueológica no Interior Centro. Castelo Branco, 2008. In Materiaes, nº especial, Museu Francisco Tavares de Proença Júnior. Castelo Branco: 17-45.

Cardoso, J. L. (2011a) A estela antropomórfica do Monte dos Zebros (Idanha-a-Nova): seu enquadramento nas estelas peninsulares com diademas e "colares. IV Jornadas Raianas "Estelas e estátuas-menires da Pré e Proto-História". Sabugal: 89-116.

Cardoso, J. L. (2011b) The anthropomorfic stele at Monte dos Zebros (Idanha-a-Nova): contextualization amongst other Diadem-Steles in the Iberian Peninsula. Complutum, 22 (1). Madrid: 89-106.

Cardoso, J. L. (2015) Na Estremadura do Neolítico Antigo ao Neolítico Final: os contributos de um percurso pessoal. Monografias, 2. Coord. M. Diniz, C. Neves & A. Martins. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa: 25-49.

Cardoso, J. L.; Caninas, J. C. & Henriques, F. (1995b) A anta 6 do Couto da Espanhola (Idanha-a-Nova). Estudos Pré-Históricos, 3. Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta. Viseu: 19-37.

Cardoso, J. L.; Caninas, J. C. & Henriques, F. (1997a) A anta 2 do Couto da Espanhola (Idanha-a-Nova). Estudos Pré-Históricos, 5. Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta. Viseu: 9-28.

Cardoso, J. L.; Caninas, J. C. & Henriques, F. (1997b) Contributos para o conhecimento do megalitismo na Beira Interior (Portugal): a região do Tejo Internacional. II Congresso de Arqueologia Peninsular (Zamora, 23-28 Setembro 1996), 2 (Neolítico, Calcolítico y Bronce). Fundación Rei Afonso Henriques. Zaragoza: 207-215.

Cardoso, J. L.; Caninas, J. C. & Henriques, F. (1998) Duas cabanas circulares da Idade do Bronze do Monte de São Domingos (Malpica do Tejo, Castelo Branco). Estudos Pré-históricos, 6. Viseu: 325-345.

Cardoso, J. L.; Caninas, J. C. & Henriques, F. (2000) Arquitectura, espólio e rituais de dois monumentos megalíticos da Beira Interior: estudo comparado. Actas do I Colóquio Internacional sobre megalitismo (Monsaraz, 1996). Trabalhos de Arqueologia, 14. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa: 195-214.

Cardoso, J. L.; Caninas, J. C. & Henriques, F. (2003) Investigações recentes do megalitismo funerário na região do Tejo Internacional (Idanha-a-Nova). O Arqueólogo Português. Série IV, 21. Lisboa: 151-207.

Cardoso, J. L.; Caninas, J. C.; Gradim, A.; Joaquim, A. N. (2002) Menires do Alto Algarve Oriental: Lavajo I e Lavajo II (Alcoutim). Revista Portuguesa de Arqueologia, 5 (2). Instituto Português de Arqueologia. LIsboa: 99-133.

Cardoso, J. L.; Cunha, A. S. (1995) A Lapa da Furada (Sesimbra): resultados das escavações arqueológicas realizadas em Setembro de 1992 e 1994. Câmara Municipal de Sesimbra. Sesimbra: 59 p.

Cardoso, J. L.; Gomes, M. V.; Caninas, J. C. & Henriques, F. (1995) O menir de Cegonhas (Idanha-a-Nova). Estudos Pré-Históricos, 3. Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta. Viseu: 5-17.

Cardoso, J. L. & Rolão, J. M. (2003) Prospecção e escavação nos concheiros mesolíticos de Muge e Magos (Salvaterra de Magos): contribuição para a história dos trabalhos arqueológicos efectuados. Muge Estudos Arqueológicos, 1 (2002/2003). Centro de Estudos de Arqueologia da Universidade Autónoma de Lisboa – Câmara Municipal de Salvaterra de Magos. Lisboa: 7-169

Cardoso, J. L.; Silva, C. T. da; Caninas, J. C. & Henriques, F. (1998b) A ocupação Neolítica do Cabeço da Velha (Vila Velha de Ródão). Trabalhos de Arqueologia da EAM, 3-4, Lisboa. Associação para o Estudo Arqueológico da Bacia do Mondego. Edições Colibri. Lisboa: 61-81.

Cardoso, L. (2009) Apontamentos para uma monografia de Cardosa. Cardo - Boletim Cultural e Informativo, 1. Cardosa: 8-10.

Cardozo, M. (1975) Apontamentos de Etnografia da Beira Alta (Região de Lafões). Separata da Revista de Guimarães. Guimarães: 84 p.

Carrera, F.; Bueno, P.; Barroso, R. & Balbín, R. de (2007) Recuperación Patrimonial de Arte Prehistórico: los abrigos de El Buraco y La Grajera, Santiago de Alcantara (Cáceres). Edição do Ayuntamiento de Santiago de Alcántara. Salamanca: 105 p.

Carvalho, A. F. (1998) Talhe da pedra no Neolítico Antigo do maciço calcário das Serras d´Aire e Candeeiros (Estremadura Portuguesa). Um primeiro modelo tecnológico e tipológico. Textos monográficos, 2. Edições

Carvalho, A. F.; Gonçalves, D.; Granja, R.; Petchey, F. (2012) Algar do Bom Santo: a middle Neolithic necropolis in portuguese Estremadura. Funerary parctices in the Iberian Peninsula from the Mesolithic to the Chalcolithic. BAR (British Archaeological Reports) International, Series 2417, edited by J. Gibaja, A. Carvalho & P. Chambon. Oxford: 77-90.

Carvalho, N.; Cunha, P. P.; Martins, A. A. & Tavares, A. (2006) Caracterização geológica e geomorfológica de Vila Velha de Ródão. Contribuição para o ordenamento e sustentabilidade municipal. Açafa, 7. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão: 73 p.

Carvalho, P. (2009) O forvm dos Igaeditani e os primeiros tempos da Civitas Igaeditanorvum (Idanha-a-Velha, Portugal). Archivo Español de Arqueologia, 82: 115-131.

Carvalho, P. M. S. de (2005) A necrópole megalítica da Senhora do Monte (Penedono): um espaço sagrado pré-histórico a Beira Alta. Estudos Pré-Históricos, 12. Viseu: 231 p.

Castela, A. N. (1996) Caféde uma aldeia da Beira Baixa. Plátano Editora. Lisboa: 173 p.

Catharino, M. A. (1933) Concelho de Proença-a-Nova (monografia). Companhia Editora do Minho. Barcelos: 231 p.

Cebrián del Moral; Yañez Rodriguez, J.; Lestón Gómez, M.; Vidal Pérez, F.; Carrera Ramírez, F. (2011) El dolmen de Dombate. Arqueología, arquitectura y conservación. Diputación de A Coruña. A Coruña: 309 p.

Chambino, M. (2000) Rosmaninhal - Lembranças de um Tempo Cheio. Associação de Estudos do Alto Tejo. Açafa, 3. Vila Velha de Ródão.

Coffyn, A. (1976) L´Áge du Bronze au Musée de F. Tavares Proença Júnior. Museu de Francisco Tavares de Proença Júnior. Castelo Branco: 31 p.

Coimbra, F. & Garcês, S. (2010) Arte Rupestre do Pinhal Interior. Exposição Itinerante. IPT/Museu de Arte Pré-Histórica e do Sagrado no Vale do Tejo, Mação: 24 p.

Coimbra, F. & Garcês, S. (2013) Arte rupestre incisa entre o Tejo e o Zêzere: contributo para o seu inventário, tipologia e datação. Arkeos, 34. Tomar: 245-256.

Coimbra, F. & Garcês, S. (2015) Incised rock art between the tagus and mondego rivers (Portugal). Quaderni del Mediterraneo, 2. Eds Federico Mailand, Fernando Coimbra & Carmelo Prestipino. Bordighera: 47-77.

Corrêa, A. A. M. (1944) Raízes de Portugal. Revista Ocidente, 2ª edição. Lisboa: 158 p.

Correia, V. (1972) Os ídolos-placas: arte pré-histórica. Obras, 4 (Estudos Arqueológicos. Acta Universitatis Conimbrigensis. Coimbra: 105-114.

Correia, V. (1972b) Gravuras do «dolmen» da Pedra dos Mouros (Belas). Obras, 4 (Estudos Arqueológicos. Acta Universitatis Conimbrigensis. Coimbra: 89-91.

Correia, V. (1999) El Neolítico de Pavía (Alentejo - Portugal). Edições Colibri. Fac-símile da edição de 1921. Lisboa: 113 p.

Correia, V. H. & Parreira, R. (2002) Cola. Circuito Arqueológico. Roteiros da Arqueologia Portuguesa, 8. Instituto Português do Património Arquitectónico. Lisboa: 73 p.

Cosme, J. & Varandas, C. (2011) Álvaro. In Memórias Paroquiais (1758), 3 (Almonde-Amorim): introdução, transcrição e índices. Caleidoscópio. Lisboa: 301-311.

Costa, F. A. P. da (1868) Monumentos prehistoricos - descripção de alguns dolmins ou antas de Portugal. Typographia da Academia Real das Sciências. Lisboa.

Costa, J. B. da (2011) Caracterização e constituição do solo. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa: 527 p.

Criado Boado, F.; Fábregas Valcarce, R. & Vaquero Lastres, X. (1991) Concentraciones de túmulos y vias naturales de aceso al interior de Galicia. Portvgalia, nova série, 11-12. Porto: 27-38.

Criado Boado, F.; Gianotti Garcia, C.; Villoch Vázquez, V. (2000) Los túmulos como asentamientos. In Neolitização e Megalitismo na Península Ibérica. Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular. Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular, 3. Porto: 289-302.

Cristóvão, J. (2004) O monte de São Martinho e as suas proximidades na Época Romana: cem anos de investigações arqueológicas (1903-2003). In Arqueologia: colecções de Francisco Tavares Proença Júnior. Instituto Português de Museus. Castelo Branco: 80-85.

Cristóvão, J. (2005) Breve estudo sobre a organização do espaço público e os equipamentos urbanos da cidade de Idanha-A-Velha (dos finais do século I A.C. ao limiar do Século IV). In Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia: actas das 2ª Jornadas de Património da Beira Interior. Centro de Estudos Ibéricos (Guarda, 21 e 22 de Outubro de 2004). Guarda: 189–204.

Cros, J. P.; Laporte, L.; Gallay, A. (2013) Pratiques funeráires dans le mégalithisme sénégambien: décryptages et révisions. Afrique: Archéologie & Arts, 9: 67-84.

Cruz, A. (1997b) Vale do Nabão: do Neolítico à Idade do Bronze. Arkeos - Perspectivas em Diálogo, 3. Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo. Tomar: 361 p.

Cruz, A. (2011) A Pré-História Recente no Vale do Baixo Zêzere. Arkeos - Perspectivas em Diálogo, 30. Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo. Tomar: 274 p.

Cruz, A. (2016) Pedra Encavalada (Abrantes, Portugal): um monumento que justapôs a Singularidade e a Mudança. Al-Madan Online, 21 (1), 2ª série. Almada: 34-44. http://www.almadan.publ.pt/AdendaElectronica%20(geral).htm

Cruz, A.; Batista, Á. & Graça, A. (2011) Recent Prehistory and Protohistory in Abrantes and Constância Council (Portuguese Middle Tagus) – the research preliminary state. In P. Bueno Ramírez, E. Cerrillo Cuenca & A. Gonzalez Cordero, From the origins: the Prehistory of the Inner Tagus Region. British Archaeological Reports, BAR International Series, 2219. Oxford: 93-109.

Cruz, A.; Oosterbeek, L.; Delgado, C. (2006) Incêndios 2003, estratégias e resultados. Arkeos: perspectivas em diálogo, 16. Tomar: 77-88.

Cruz, C.; Bettencourt, A.; Callapez, P.; Silva, L.; Monteiro-Rodrigues, S. (2014) Materiais de construção e materiais líticos nas práticas funerárias neolíticas da Serra da Boa Viagem (Centro Oeste de Portugal): o caso do monumento megalítico do Cabeço dos Moinhos (Brenha, Figueira da Foz (Brenha). In Corpos e Metais na Fachada Atlântica da Iberia do Neolítico à Idade do Bronze. Associação Portuguesa para o Estudo do Quaternáruo & Centro de Investigação Transdisciplinar "Cultura, Espaço e Memória". Braga: 5-28.

Cruz, D. & Canha, A. (1997) Escavação arqueológica da mamoa 4 do Rapadouro (Pendilhe, Vila Nova de Paiva, Viseu). Conimbriga, 36. Coimbra: 5-26.

Cruz, D. & Vilaça, R. (1990) Trabalhos de escavação e restauro no dólmen 1 do Carapito (Aguiar da Beira Distrito da Guarda). Trabalho do Instituto de Arqueologia Dr Mendes Correia, 45. Porto: 22 p.

Cruz, D. & Vilaça, R. (1999) O grupo de tumuli da "Senhora da Ouvida" (Monteiras/Moura Morta, Castro Daire, Viseu): resultados dos trabalhos arqueológicos. Estudos Pré-Históricos, 7. Viseu: 129-161.

Cruz, D. (1992) A mamoa 1 de Chã do Carvalhal (Serra da Aboboreira). Instituto de Arqueologia. Coimbra: 168 p.

Cruz, D. (1995) Cronologia dos monumentos com *tumulus* do Noroeste Peninsular e da Beira Alta. Estudos Pré-Históricos, 3. Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta. Viseu: 81-119.

Cruz, D. (1997) A necrópole do Bronze Final do "Paranho" (Molelos, Tondela, Viseu). Estudos Pré-Históricos, 5. Viseu: 85-109.

Cruz, D. (2000) Roteiro Arqueológico de Vila Nova de Paiva. Câmara Municipal de Vila Nova de Paiva. Porto: 46 p.

Cruz, D.; Gomes, L. F.; Carvalho, P. S. de (1998) O Grupo de *Tumuli* da Casinha Derribada (Concelho de Viseu). Resultados Preliminares da Escavação Arqueológica dos Monumentos 3, 4 e 5. Conimbriga, 37. Instituto de Arqueologia. Coimbra: 5-76.

Cunha, A. L. & Cardoso, J. L. (2003) A anta do Penedo Gordo (Belver, Gavião). Estudos Pré-Históricos, 10-11. Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta. Viseu: 31-53.

Cunha, A. L. da (1991) Estação de arte rupestre de Molelinhos. Notícia preliminar. Actas das IV Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1990). Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa: 253-265.

Cunha, A. L. da (1995) A anta da Arquinha da Moura (Tondela). Trabalhos de Antropologia e Etnologia, 35 (3). Porto: 133-151.

Cunha, A. L. da; Silva, E. J. L. da (1980) Gravuras rupestres do concelho de Valença (Monte de Fortes - Taião, Tapada de Ozão e Monte da Laje). Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular, 2. Guimarães: 121-131.

Cunha, P. P.; Almeida, N. A. C.; Aubry, T.; Martins, A. A.; Murray, A. S.; Buylaert, J. P.; Sohbati, R.; Raposo, L. & Rocha, L. (2012) Records of human occupation from Pleistocene river terrace and aeolian sediments in the Arneiro depression (Lower Tejo River, central eastern Portugal). Geomorphology (2012), doi: 10.1016/j.geomorph.2012.02.017.

Cunha, P. P.; Martins, A. A. & Gouveia, M. P. (2016) As escadarias de terraços do Ródão à Chamusca (Baixo Tejo) - caracterização e interpretação de dados sedimentares, tectónicos, climáticos e do Paleolítico. Estudos do Quaternário, 14. Associação Portuguesa de Estudos do Quaternário. Braga: 1-24.

Cunha, P. P.; Martins, A. A.; Huot, S.; Murray, A. & Raposo, L. (2008) Dating the Tejo River lower terraces in the Ródão area (Portugal) to assess the role of tectonics and uplift. Geomorphology, 102, 43-54. doi:10.1016/j.geomorph.2007.05.019

DGF (1998) Plano de Desenvolvimento Sustentável da Floresta Portuguesa. Direcção Geral das Florestas. Lisboa.

Demoule, J.-P. dir. (2007) La révolution néolithique en France.La Découverte. Paris: 180 p.

Dias, C. (2017) Ponte romana e vestígios históricos destruídos para plantar amendoal. Público. 9 de outubro de 2017. Lisboa: 14-15.

Díaz-Andreu, M. (1989) Sobre fronteras y límites. El caso del sector noroeste, de la Submeseta Sur durante la Edad del Bronce. Arqueologia Espacial, 13. Seminario de Arqueología y Etnologia Turolense. Teruel: 19-35.

Díaz-Guardamino Uribe, M. (1997) El grupo megalítico de Villarmayor (Salamanca): contribuición al estudio del megalitismo del occidente de la Meseta Norte. Complutum, 8. Madrid: 39-56.

Díaz-Guardamino Uribe, M. (2004) As lareiras infratumulares. In E. Morán & R. Parreira, Alcalar 7 estudo e reabilitação de um monumento megalítico. Cadernos, 6 (2ª série). Instituto Português do Património Arquitectónico. Lisboa: 137-147.

Dimitrova, D. (2005) Tumular architectonic minuments from the presente-day Bulgarian land (second half of the first Millennium B.C.) and their relation to Thracian religion. In The culture of Thracians and their neighbours. BAR International Series, 1350. Oxford: 129-137.

Diogo, A. M. D. & Neto, J. L. (2000) Estudo de achados romanos no Vale do Souto, concelho de Oleiros. edição da Câmara Municipal de Oleiros. OLeiros: 25 p.

Eguileta Franco, J. M. (1999) A Baixa Limia Galega na Prehistoria Recente. Arqueloxia dunha Paisaxe na Galicia Interior. Diputación Provincial de Ourense: 547 p.

Enríquez Navascués, J. J.; Carrasco Martín, M. J. (2008) Documentacion arqueologica obtenida durante los trabajos de consolidación de los dolmenes de Valencia de Alcántara. In P. Bueno Ramírez, R. Barroso

Bermejo & R. Balbín Behrmann, eds, Graphical markers and megalith buiders in the International Tagus, Iberian Península. BAR International Series, 1765. Oxford: 129-140.

Ervedosa, C. (1980) Arqueologia Angolana. Edições 70. Lisboa: 444 p.

Estepa Garcia, J. J. (2000) Las Grandes Cañadas Extremeñas. Relatos de la Mesta. Universitas Editorial. Badajoz: 238 p.

Fabián García, J. F. (2005) Castro de La Mesa de Miranda (Chamartín, Ávila) – Guia. Cuadernos de Património Abulense, 2. Diputación Provincial de Ávila. Ávila: 73p.

Fabião, C. (2004) O arqueólogo Francisco Tavares de Proença Júnior. Catálogo da Exposição "Arqueologia: colecções de Francisco Tavares de Proença Júnior. Instituto Português de Museus / Museu de Francisco Tavares de Proença Jr. Castelo Branco: 12-27.

Fabião, C. (2016) Os altares dos "primeiros povoadores da Lusitânia": visões do Megalitimo ocidental. Estudos em homenagem a Victor S. Gonçalves. Estudos & Memórias, 9. Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Lisboa: 45-67.

Fábregas Valcarce, R. (1983) Los prismas de cuarzo en la Cultura Megalítica del NO de la Peninsula Ibérica. Brigantium, 4. Coruña: 7-11.

Farinha, A. C.; Pinto, C. V.; Vilaça, R. (1996) Contributo para o estudo de materiais do Bronze Final provenientes do Monte de São Martinho (Castelo Branco). Materiais, 0 (1), 2ª série. Museu Francisvo Tavares de Proença Jr. Castelo Branco: 45-64.

Félix, P.; Caninas, J. C.; Henriques, F.; Mendes, C. (2017) O recinto muralhado de Chão de Galego (Montes da Senhora, Proença-a-Nova): contextualização e problemática. Há 70 anos o Castelo Velho do Caratão. Arkeos, 41. Mação: 77-91.

Ferreira, A. M., coord. (2004) Arqueologia: colecções de Francisco Tavares de Proença Júnior. Instituto Português de Museus. Castelo Branco: 261 p.

Ferreira, C. C. & Simões, N. N. (1987) Tratamento estatístico e gráfico em Geografia. Gradiva. Lisboa: 151 p.

Ferreira, F. B. (1985a) Alguns topónimos indicativos de monumentos arqueológicos. Bibliotecas, Arquivos e Museus, 1 (1). Instituto Português do património Cultural. Lisboa: 279-261.

Ferreira, F. B. (1985b) Alguns topónimos indicativos de monumentos arqueológicos. Bibliotecas, Arquivos e Museus, 1 (2). Instituto Português do património Cultural. Lisboa: 559-675.

Ferreira, F. B. (1986) Alguns topónimos indicativos de monumentos arqueológicos. Bibliotecas, Arquivos e Museus, 2 (1). Instituto Português do património Cultural. Lisboa: 159-284.

Ferreira, O. da V. (1978) Subsídio para a Carta Arqueológica da Região Egitaniense. Setúbal Arqueológica, 4. Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal. Setúbal: 227-240.

Fischer, U. (1981) Os túmulos megalíticos da Baixa Saxónia e suas relações com o resto da Europa. Arqueologia, 3. Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. Porto: 19-28.

Flores Blanco, L. A. (2014) El surgimiento del paisaje monumentalizado en la cuenca del lago Titicaca, Andes Centro-Sur. Complutum, 25 (1). Madrid: 47-71.

Fontes, L. (1999) Arqueossítios da Serra da Cabreira. Centro de Interpretação e Animação da Serra da Cabreira. Câmara Municipal de Vieira do Minho e Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto. CR-ROM.

Francisco, N. (2003) Fogos Florestais: Associação de Estudos do Alto Tejo avalia impacto na arqueologia. Reconquista, 26 de Setembro. Castelo Branco: 8.

Franco, J. M. P. A (2000) Zonas fitogeográficas predominantes. Notícia explicativa do Atlas do Ambiente. Direcção-Geral do Ambiente. Lisboa: 35 p.

Galán Domingo, E. & Martín Bravo, A. (1992) Megalitismo y zonas de paso en la cuenca extremeña del Tajo. Zephyrus, 44-45. Salamanca: 193-205.

Galilea Martinez, F. (2010) Dólmens y caminos. Estudio del emplazamiento de los megálitos en Álava. Munibe Suplemento, 32. Sociedad de Ciencias Aranzadi. Gipuzkoa: 426-471.

Garcia Sanjuán, L. (2005) Introducción al reconocimiento y análisis arqueológico del território. Ariel Prehistoria. Barcelona: 357 p.

García Sanjuán, L.; Wheatley, D.; Costa Caramé, M. (2011) La cronologia numérica del fenómeno megalítico en el sur de España: avances y problemas. Menga Revista de Prehistoria de Andalucía, 1 (1). Junta de Andalucía: 121-157.

Gauthier, Y.; Gauthier, C. (1999) Orientation et distribution de divers types de monuments lithiques du Messak et des régions voisines (Fezzan, Lybie). Sahara, 11: 87-108. Consultado em https://www.academia.edu/7141104/Orientation_et_distribution_de_divers_types_de_monuments_lithiques_du_Messak_et_des_r%C3%A9gions_voisines_Fezz%C3%A2n_Libye_

Girão, A. de A. (1921) Antiguidades Pré-Históricas de Lafões. Contribuição para o estudo da Arqueologia de Portugal. Imprensa da Universidade. Coimbra: 68p.

Gomes, L. F. C. & Carvalho, P. S. de (1992) O património arqueológico do concelho de Mangualde. Câmara Municipal de Mangualde. Viseu: 173 p.

Gomes, L. F. C. & Carvalho, P. S. de (1997) A orca dos Padrões (Mangualde). ACAB - Associação Cultural Azurara da Beira. Viseu: 59p.

Gomes, L. F. C. & Carvalho, P. S. de (1999) Monumentos megalíticos no Concelho de Penedono. Câmara Municipal de Penedono. 79p.

Gomes, L. F. C. (1996) A necrópole megalítica da Lameira de Cima (Penedono - Viseu). Estudos Pré-Históricos, 4. Viseu: 198 p.

Gomes, L. F. C.; Carvalho, P. S.; Pérpétuo, J. M. A. & Marrafa Carmo (1998) O dólmen de Areita (S. João da Pesqueira, Viseu). Estudos Pré-Históricos, 6. Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta. Viseu: 33-93.

Gomes, M. V. & Monteiro, J. P. (1977) As rochas decoradas da Alagoa (Tondela – Viseu). O Arqueólogo Português, 7-9, série 3ª. Direcção-Geral do Património Cultural. Lisboa: 145-164.

Gomes, M. V. & Silva, C. T. da (1987) Levantamento arqueológico do Algarve: concelho de Vila do Bispo. Secretaria de Estado da Cultura. Lisboa: 84 p.

Gomes, M. V. (1980) Arte do Tejo. Enciclopédia Verbo, 20. Lisboa: 1300-1304.

Gomes, M. V. (1987) A Arte Rupestre do Vale do Tejo. Arqueologia no Vale do Tejo. Instituto Português do Património Cultural. Lisboa: 26-43.

Gomes, M. V. (1989) Arte rupestre do Tejo: um santuário pré-histórico. Cuadernos de Sam Benito, 2. Madrid: 51-75.

Gomes, M. V. (1991) Corniformes e figuras associadas de dois santuários rupestres do sul de Portugal: cronologia e interpretações. Almansor, 9. Montemor-o-Novo: 17-74.

Gomes, M. V. (1993) O Marco da Anta ou a estela-menir da Caparrosa (Tondela - Viseu). Estudos Pré-Históricos, 1. Centro de Estudos Pré-hisóricos da Beira Alta. Viseu: 7-27.

Gomes, M. V. (1994) Menires e cromeleques no complexo cultural megalítico português - trabalhos recentes e estado da questão. Actas do seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal". Estudos Pré-Históricos, 2. Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta. Viseu: 317-342.

Gomes, M. V. (1994b) A necrópole de Alfarroeira (S. Bartolomeu de Messines) e a Idade do Bronze no concelho de Silves. Xelb, 2. Museu Municipal de Arqueologia. Silves: 162 p.

Gomes, M. V. (1997) Megaltismo do Barlavento Algarvio - breve síntese. Setúbal Arqueológica, 11-12. Setúbal: 147-190.

Gomes, M. V. (1997b) Dois novos povoados neolíticos, com menires no Barlavento Algarvio. Setúbal Arqueológica, 11-12. Setúbal: 191-198.

Gomes, M. V. (1997c) Estátuas-menires antropomórficas do Alto Alentejo. Descobertas recentes e problemática. Brigantium, 10. A Coruña: 255-279.

Gomes, M. V. (1997d) Cromeleque dos Almendres, um dos primeiroa grandes monumentos públicos da Humanidade. In Paisagens Arqueológicas a Oeste de Évora. Câmara Municipal de Évora. Évora: 25-34.

Gomes, M. V. (1997e) Cromeleque da Portela de Mogos, um monumento sócio-religioso megalítico. In Paisagens Arqueológicas a Oeste de Évora. Câmara Municipal de Évora. Évora: 35-38.

Gomes, M. V. (2000) Cromeleque do Xarez, a ordenação do caos. Memórias d´Odiana - estudos arqueológicos do Alqueva, 2. EDIA. Beja: 17-190.

Gomes, M. V. (2000b) A Rocha 175 de Fratel, Iconografia e Interpretação. *Estudos Pré-Históricos*, 8. Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta. Viseu: 81-112.

Gomes, M. V. (2002) Arte rupestre em Portugal – perspectiva sobre o último século. Arqueologia 2000: Balanço de um Século de Investigação Arqueológica em Portugal. In Arqueologia e História, 54. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa: 139-194.

Gomes, M. V. (2004) Touro, de bronze, da Serra de Oleiros (Beira Baixa). Catálogo da Exposição "Arqueologia: colecções de Francisco Tavares de Proença Júnior, Instituto Português de Museus / Museu de Francisco Tavares de Proença Jr Castelo Branco: 86-89.

Gomes, M. V. (2004b) A Rocha 11 de Gardete (Vila Velha de Ródão) e os Períodos Terminais da Arte Rupestre do Vale do Tejo. Revista Portuguesa de Arqueologia, 7 (1). Instituto Português de Arqueologia. Lisboa: 61-128.

Gomes, M. V. (2008) O alinhamento da Vilarinha (São Bartolomeu de Messines, Silves). Arquitectura e arte megalítica. Xelb, 8. Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve. Silves: 51-74.

Gomes, M. V. (2011) Representações de armas na arte rupestre do Vale do Tejo – importância sócio-económica, cronológica e cognitiva. In P. Bueno Ramírez, E. Cerrillo Cuenca & A. Gonzalez Cordero, From the origins: the Prehistory of the Inner Tagus Region. British Archaeological Reports, BAR International Series, 2219. Oxford: 177-198.

Gomes, M. V.; Ninitas, J. & Borralho, R. (2013) Artefactos líticos do povoado calcolítico do Escoural (Montemor-o-Novo). Almansor, 10. Montemor-o-Novo: 5-60.

Gómez Vila, J. (2005) Caminos y túmulos. Aproximación al estúdio de los caminos megalíticos en el noroeste peninsular. III Congreso del Neolítico en la Península Ibérica.

Gonçalves, A. A. H. B.; Cruz, D. J. (1994) Resultados dos trabalhos de escavação da mamoa 1 de Madorras (S. Lourenço de Ribapinhão, Sabrosa, Vila Real). Estudos Pré-históricos, 2. Viseu: 171-232.

Gonçalves, I. (2013) Delimitar, demarcar e apropriar o espaço: terras da Ordem de Cristo na Beira Interior nos alvores da Modernidade. Paisagens Rurais e Urbanas: fontes, metodologias problemáticas, 5. Centro de Estudos Históricos. Universidade Nova de Lisboa. Lisboa: 31-59.

Gonçalves, J. L. M. (1983) Monumento pré-histórico da Praia das Maças (Sintra); notícia preliminar. Sintria, 2-3 (1). Sintra: 29-58.

Gonçalves, V. S. & Sousa, A. C. (2000) O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e a evolução do megalitismo no ocidente peninsular. In Muitas antas, pouca gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo. Trabalhos de Arqueologia, 16. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa: 11-104.

Gonçalves, V. S. & Sousa, A. C. (2003) Novos dados sobre o grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz: limite oriental. Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. Trabalhos de Arqueologia, 25. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa: 199-226.

Gonçalves, V. S. (1992) Revendo as Antas de Reguengos de Monsaraz. Cadernos da Uniarq, 2. INIC, Lisboa: 264 p.

Gonçalves, V. S. (1999) Reguengos de Monsaraz: territórios megalíticos. Instituto Português de Museus. Lisboa: 151 p.

Gonçalves, V. S. (2003) STAM-3, a anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). Trabalhos de Arqueologia, 32. Instituto Português de Arquelogia. Lisboa: 472p.

Gonçalves, V. S. (2003b) Sítios, "horizontes" e artefactos: leituras críticas de realidades perdidas. Câmara Municipal de Cascais. Cascais.

Gonçalves, V. S. (2013b) No limite oriental do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz. Memórias d´Odiana, 2ª série, 4. EDIA. Évora: 511 p.

Gonçalves, V. S.; Andrade, M. A.; Pereira, A. (2014) As placas votivas (e o báculo) da Lapa da Galinha, na primeira metade do 3º milénio a.n.e. Estudos Arqueológicos de Oeiras, 21. Câmara Municipal de Oeiras. Oeiras: 109-158.

González Cordero, A. & Cerillo Cuenca, E. (2015) Pesca y recolección de moluscos en el Campo Arañuelo y Los Ibores durante la Prehistoria Reciente. 22º Coloquios Históricos-Culturales: 167:192.

Gonzalez Cordero, A. (2000) Grabados Rupestres en Extremadura. Prologo de una investigación. Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, 4 (Pré-História Recente da Península Ibérica). Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular. Porto: 531-546.

Gouveia, J. (2009) Monumento Natural das Portas de Ródão. Açafa on line, 2. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão: 78 p. http://www.altotejo.org/acafa/docsN2/Monumento_Natural_das_Portas_de_Rodao.pdf

Harbison, P. (1988) Pre-Christian Ireland, from the first settlers to the early Celts. Thames & Hudson. London: 208 p.

Henriques, F. & Caninas, J. (1979) Breve Relatório da Campanha Arqueológica de Sarnadas. Portas de Ródão, 125 (Maio – Junho). Vila Velha de Ródão: 1, 4, 5 e 8.

Henriques, F. & Caninas, J. (1980) Contribuição para a carta arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa. Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, Vila Velha de Ródão.

Henriques, F. & Caninas, J. (1986) Nova contribuição para a carta arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa. Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, Vila Velha de Ródão.

Henriques, F. & Caninas, J. (1992) O cromeleque de Fonte Fundeira - planta. Preservação, 13. Núcleo Regional de Investigação Arqueológica. Vila Velha de Ródão: 97-99.

Henriques, F. & Caninas, J. C. (2004) O megalitismo da Região de Castelo Branco na obra de Francisco Tavares de Proença Júnior e trabalhos posteriores. Catálogo da Exposição "Arqueologia: colecções de

Francisco Tavares de Proença Júnior. Instituto Português de Museus / Museu de Francisco Tavares de Proença Jr. Castelo Branco: 28-35.

Henriques, F. & Caninas, J. C. (2009) Pedra das Letras: uma rocha com grafismos lineares (Proença-a-Nova). AÇAFA On-line, 2. Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão: 18p. http://www.altotejo.org/acafa/docsN2/A_Pedra_das_Letras.pdf

Henriques, F. & Caninas, J. C. (2009b) Cartografia do povoamento no vale do Alto Tejo português durante a Pré-História Recente. Comunicação ao I Congresso de Arqueologia do Interior Norte e Centro de Portugal. Pinhel, Figueira de Castelo Rodrigo, Meda e Vila Nova de Foz Côa, 13 a 16 de Maio de 2009.

Henriques, F. (1974) O recinto megalítico de Fonte Fundeira (Castelo Branco). Jornal Beira Baixa, 1919 (29 de Junho). Castelo Branco.

Henriques, F., Pereira, L. B. & Caninas, J. (2017) Pinturas rupestres pré-históricas na serra das Talhadas (Proença-a-Nova) – novas leituras e novas descobertas. In: Garcês S.; Gomes, H., Martins, A. & Oosterbeek, L., A Arte das Sociedades Pré-Históricas (Actas do IV Congresso de Doutorandos e Pós-Doutorandos, 26-29 Novembro, Mação, 2015). Techne 3 (1): 49-72.

Henriques, F.; Caninas, J. C.; Batista, J., et al (1986) Carta Arqueológica do Concelho (Vila Velha de Ródão). Informação Arqueológica, 6 (1984), Instituto Português do Património Cultural. Lisboa: 9-22.

Henriques, F.; Batata, C.; Chambino, M.; Caninas, J. C. & Cunha, P. P. (2011b) Mineração aurífera antiga, a céu aberto, no centro e sul do distrito de Castelo Branco. In C. Batata, editor, VI Simpósio sobre mineração e metalurgia históricas no sudoeste europeu (Vila Velha de Ródão, 18 a 20 de Junho de 2010). Abrantes: 215-246.

Henriques, F.; Caninas, J. C. & Cardoso, J. L. (1999a) Arqueologia no Alto Tejo. Balanço de 30 anos de investigação. História, 18, nova série. Lisboa: 68-74.

Henriques, F.; Caninas, J. C. & Chambino, M. (1993) Carta Arqueológica do Tejo Internacional, vol. 3 (Idanha-a-Nova). Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão: 299 p.

Henriques, F.; Caninas, J. C. & Chambino, M. (1995) Carta Arqueológica do Tejo Internacional, vol. 2 (Castelo Branco). Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão: 119 p.

Henriques, F.; Caninas, J. C. & Chambino, M. (1995b) Rochas com covinhas na Região do Alto Tejo Português. Trabalhos de Antropologia e Etnologia, 35 (4), Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. Porto: 191-202.

Henriques, F.; Caninas, J. C. & Chambino, M. (2008) Carta Arqueológica de Vila Velha de Ródão - uma leitura actualizada dos dados da Pré-História Recente. In P. Bueno-Ramirez, R. Barroso-Bermejo & R. de Balbín-Berhmann, Graphical markers and megalith buiders in the International Tagus, Iberian Península. Oxford: British Archaeological Reports, BAR International Series, 1765. Oxford: 79-88.

Henriques, F.; Caninas, J. C. & Gouveia, J. (s/d) Arte Rupestre do Vale do Tejo. Itinerários por Terras da Açafa. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão. Desdobrável.

Henriques, F.; Caninas, J. C.; Cardoso, J. L.; Chambino, M. (2011) Grafismos rupestres pré-históricos no Baixo Erges (Idanha-a-Nova, Portugal). in P. Bueno Ramírez, E. Cerrillo Cuenca & A. Gonzalez Cordero, coord., From the origins: The prehistory of the Inner Tagus Region. BAR International Series 2219. Oxford: 199-217.

Henriques, F.; Caninas, J. C.; Chambino, M.; Henriques, F. Robles; António, T.; Santos, C.; Canha, A. (2013) Grafismos rupestres em afluentes da margem direita do Tejo, no distrito de Castelo Branco. Açafa on line, 6. Vila Velha de Ródão: 66-112.

Henriques, F.; Caninas, J. C.; Chambino, M.; Pereira, A. & Carvalho, E. (2012b) Abrigos ciclópicos com grafismos rupestres nas margens dos rios Erges e Ocreza. Trabalhos de Arqueologia, 54. Direcção-Geral do Património Cultural. Lisboa: 293-312.

Henriques, F.; Caninas, J. C.; Sabrosa, A.; Henriques, F. & Gouveia, J. (2011c) As estruturas militares da Serra das Talhadas na passagem de Ródão (Vila Velha de Ródão e Nisa). In A. Carneiro, L. Rocha, P. Morgado & J. Oliveira, editores, Arqueologia do Norte Alentejano. Comunicações das 3ª Jornadas. Edições Colibri & Câmara Municipal de Fronteira. Lisboa: 311-332.

Henriques, F.; Caninas, J.; Monteiro, M.; Félix, P.; Pereira, A.; Mendes, C. & Carvalho, E. (2016) Arqueologia de Proença-a-Nova: estado dos conhecimentos. In Raquel Vilaça, coordenadora, Actas do 2º Congresso Internacional de Arqueologia na região de Castelo Branco (10-12 de Abril de 2015). Município de Castelo Branco e Sociedade dos Amigos do Museu Francisco Tavares Proença Júnior. Castelo Branco: 447-474.

Henriques, F.; Chambino, M. L. & Caninas, J. C. (2012) A estela de guerreiro (lusitano) de Zebros (Idanha-a-Nova). Sabucale, 4. Museu Municipal do Sabugal. Sabugal: 25-44.

Henriques, F.; Chambino, M.; Caninas, J. C.; Pereira, A. & Carvalho, E. (2011a) Pinturas rupestres pré-históricas na serra das Talhadas (Proença-a-Nova). Primeira notícia. Açafa on line, 4. Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão: 25 p. http://www.altotejo.org/acafa/docsn4/Pinturas_rupestres_na_serra_das_Talhadas.pdf

Henriques, F.; Chambino, M.; Félix, P.; Caninas, J. (2016b) O Castelo da Serra do Carregal (Malpica do Tejo, Castelo Branco): notícia. Materiaes, 1, 3ª série. Sociedsde dos Amigos do Museu Francisco Tavares Proença Júnior. Castelo Branco: 51-57.

Henriques, P.; Salvado, P.; Caninas, J.; Chambino, M. (2015) Apontamentos sobre a investigação arqueológica no concelho de Idanha-a-Nova. Açafa on line, 10. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão: 246-273.

Hormigo, J. J. M. (1998) Tombo da Comenda da Ordem de Cristo do Rosmaninhal de 1505. Raia, 7. Castelo Branco: 9-14.

Horn, G. (2015) Cupmarks. Adoranten: 29-43. Consultado em https://www.academia.edu/26715270/Cupmarks

Hoskin, M. & Henriques, F. (1998) The schist tombs of the Portugese Upper Tejo. In M. Hoskin, Studies in Iberian Archaeoastronomy: (5) Orientations of megalithic tombs of Northern and Western Iberia. Archaeoastronomy, 23. Cambridge: 66-68.

Ibisus (1997) Declaração ibérica sobre os princípios para a gestão sustentável das florestas. Iniciativa ibérica para uma gestão sustentável das florestas. Elvas: 11 p.

Igreja, M. A. (2011) Análise traceológica de uma mó manual proveniente do *tumulus* de Vale de Mós 1 (Oleiros): resultados. Açafa on line, 4. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão: 8 p. http://www.altotejo.org/acafa/docsn4/Analise_traceologica_de_mo_manual.pdf

Iriarte, J.; Copé, S.; Fradley, M.; Lockhart, J.; Gillam, J. (2013) Sacred landscapes of the southern Brazilian highlands: understanding southern proto-Jê mound and enclosure complexes. Journal of Anthropological Archaeology, 32 (2013). Elsevier: 74-96.

Isidoro, A. F. (1967) Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo), 2. Trabalhos de Antropologia e Etnologia. Porto. 20 (3-4). Porto: 285-297.

Isidoro, A. F. (1970) Escavações em dólmens do concelho do Crato (Alto Alentejo), 3. Trabalhos do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa", 6. Porto.

Isidoro, A. F. (1971) Escavações em dólmens do concelho do Crato (Alto Alentejo), 4. Trabalhos de Antropologia e Etnologia, 22(1). Porto: 41-56.

Jacinto, M. J. (2006) A Arte Rupestre da Serra do Açor / Serra da Estrela. Revista Era Arqueologia, 7. Edições Colibri. Lisboa.

Johnson, M. (2010) Teoría arqueológica. Ariel Historia. Barcelona: 284p.

Jorge, S. O. (1986) Povoados da Pré-História Recente da região de Chaves – Vila Pouca de Aguiar. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto. Porto: 2 vols.

Jorge, S. O. (2005) O passado é redondo: dialogando com os sentidos dos primeiros recintos monumentais. Edições Afrontamento. Porto: 244 p.

Jorge, V. O. (1980) Escavação da mamoa 3 de Outeiro de Ante (Serra da Aboboreira, concelho de Baião). Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular, 1. Sociedade Martins Sarmento. Guimarães: 41-69.

Jorge, V. O. (1981) Importância do núcleo megalítico de Outeiro de Gregos, Serra da Aboboreira, Baião. Arqueologia, 3. Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. Porto: 29-35.

Jorge, V. O. (1983) Escavação das mamoas 2 e 4 de Meninas do Crasto, Serra da Aboboreira, Baião. Arqueologia, 7. Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. Porto: 23-39.

Jorge, V. O. (1985) Mamoa. Arqueologia, 11. Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. Porto: 2 p.

Jorge, V. O. (1985b) Menir. Arqueologia, 12. Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. Porto: 2 p.

Jorge, V. O. (1987a) Uma mamoa megalítica como fonte de informação arqueológica e paleoecológica: algumas reflexões. Trabalhos de Antropologia e Etnologia, 27. Porto: 275-229.

Jorge, V. O. (1987b) Em torno de alguns problemas do megalitismo europeu. In Projectar o Passado. Ensaios sobre Arqueologia e Pré-História. Editorial Presença. Lisboa: 227:240.

Jorge, V. O. (1987c) Megalitismo do Norte de Portugal: um novo balanço. In Projectar o Passado. Ensaios sobre Arqueologia e Pré-História. Editorial Presença. Lisboa: 241:260.

Jorge, V. O. (1988) Um exemplo de arqueologia espacial no Norte de Portugal: a Serra da Aboboreira e o fenómeno megalítico. Arqueologia Espacial, 12. Teruel: 49-60.

Jorge, V. O. (1989) Estela. Arqueologia, 20. Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. Porto: 2 p.

Jorge, V. O. (2003) O megalitismo como fenómeno europeu. Algumas notas (talvez) úteis ao estudo do megalitismo português. In A Irrequietude das Pedras. Reflexões e experiências de um arqueólogo. Edições Afrontamento. Porto: 141-149.

Jorge, V. O. (2003b) Questões de interpretação da arte megalítica. In A Irrequietude das Pedras. Reflexões e experiências de um arqueólogo. Edições Afrontamento. Porto: 151-175.

Jorge, V. O. (2003c) Alguns breves tópicos para uma reflexão sobre o enquadramento problemático necessário à abordagem da arte megalítica. In Olhar o mundo como arqueólogo. Quarteto Editora. Coimbra: 151-175.

Jorge, V. O.; Baptista, A. M.; Lopes da Silva, E. J.; Jorge, S. O. (1997) Escavação da mamoa 6 do Alto da Portela do Pau, Castro Laboreiro (Melgaço). Trabalhos eventuais, 3. Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. Porto: 11 p.

Jorge, V. O.; Baptista, A. M.; Lopes da Silva, E. J.; Jorge, S. O. (1997b) As mamoas do Alto da Portela do Pau, Castro Laboreiro (Melgaço). Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. Porto: 130 p.

Kalb, P. & Hoch, M. (1982) Escavações na necrópole de mamoas "Fonte da Malga" – Viseu, Portugal. Beira Alta, 38(3). Assembleia Distrital de Viseu: 12 p.

Kalb, P. (1987) Monumentos megalíticos entre Tejo e Douro. El Megalitismo en la Peninsula Ibérica. Ministério de Cultura. Madrid: 95-109.

Kalb, P. (1990) Megalithgraber Zwischen Tejo und Douro. Madrider Forschungen, Band 16. Berlin: 19-33.

Kalhoro, Z. (2013) Cupules in Khirthar, Sindh (Pakistan). Asociación Peruana de Arte Rupestre. Boletín APAR, 5 (17-18): 805-811. Consultado em https://www.academia.edu/26715270/Cupmarks

Kalhoro, Z. (2013b) Prehistoric circular tombs in Mol Valley, Sindh-Kohistan (Pakistan). Journal of Asian Civilizations, 36 (2): 115-125. https://www.academia.edu/6110659/Prehistoric_Circular_Tombs_in_Mol_Valley_Sindh-Kohistan_Pakistan

Kalhoro, Z. (2016) Megalithic monuments in Karachi, Sindh (Pakistan). In megalithic monuments and cult practices. Proceedings of the Second International Symposium (Blagoevgrad, 12-15 October 2016) Neofit Rilski University Press: 105-113. https://www.academia.edu/33259208/Megalithic_Monuments_and_Cult_Practices

Kalhoro. Z. (2014) Cup-Marks in Gadap, Karachi (Sindh, Pakistan): 47-58. Consultado em https://pide.academia.edu/ZulfiqarAliKalhoro

Kallala, N. *et al.* (2014) La nécropole mégalithique de la région d´Althiburos, dans le massif du Ksour (Gouvernorat du Kef, Tunisie): fouille de trois monuments. Antiquités Africaines, 50. CNRS Éditions. Paris: 19-60.

Kerrigan, M. (2007) The history of death: burial customs and funeral rites from the ancient world to modern times. Amber Books. London: 192 p.

Laursen, S. T. (2010) The emergence of mound cemeteries in Early Dilmun: new evidence of a proto-cemetery and its genesis c. 2050-2000 BC. Society for Arabian Studies Monographs, 10. BAR International Series 2107. Oxford: 115-139.

Leisner, G. & Leisner, V. (1951) Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz. Materiais para o estudo da Cultura Megalítica em Portugal. Instituto para a Alta Cultura. Lisboa: 322 p.

Leisner, V. & Leisner, V. (1956) Die Megalithgraber Der Iberischen Halbinsel: der Westen. Deutsches Archaologisches Institut, Walter de Gruyter. Berlin, New York.

Leisner, V. & Leisner, V. (1959) Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: der Westen. Deutsches Archaologisches Institut, Walter de Gruyter. Berlin, New York.

Leisner, V. (1983) As diferentes fases do Neolítico em Portugal. Arqueologia, 7. Porto: 7-15.

Leisner, V. (1998) Die Megalithgraber Der Iberischen Halbinsel, Der Westen. Deutsches Archaologisches Institut, Walter de Gruyter. Berlin, New York: 162 p.

Leisner, V.; Zbyszewski, G.; Ferreira, O. da (1961) Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du vase campaniforme. Memórias, 8. Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa.

Leitão, M. (1978) A Anta da Capa Rota (Castelo Branco). Estudos de Castelo Branco, nova série, 4. Castelo Branco: 40-50.

Leitão, M. (1982a) Garalheira. Informação Arqueológica, 2 (1979). Instituto Português do Património Cultural. Lisboa: 14-15.

Leitão, M. (1982b) Lameiro de Caria. Informação Arqueológica 2 (1979). Instituto Português do Património Cultural. Lisboa: 15.

Leroi-Gourhan, A. (1983) As religiões da Pré-História. Edições 70. Lisboa: 138p.

Ljustina, M.; Dimitrovic, K. (2015) Core v.s. periphery: some stratigraphical and chronological remarks on the Vatin Culture in Banat and Western Serbia. In Bronze Age Chronology in the Carpathian Basin (2014). Editura Merga. Targu Mures: 37-46.

Lopes da Silva, E. (1995) Megalitismo da Bacia do Douro (Margem Sul). Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular, 5. Trabalhos de Antropologia e Etnologia, 35 (1). Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. Porto: 35-46.

Lopes da Silva, E. J. (1987) Mamoa da Eireira. Informação Arqueológica, 8. Instituto Português do Património Cultural. Lisboa: 96.

Lopes da Silva, E. J. (1989) O menir de Marco de Anta (Ponte da Barca). Arqueologia, 19. Grupo de Estudos Arquelógicos do Porto. Porto: 63-71.

Lopes da Silva, E. J. (1997) O recinto megalítico de São Cristovão (Resende) - primeira notícia. II Congreso de Arqueología Peninsular, Tomo II – Neolítico, Calcolítico y Bronce. Fundación Rei Afonso Henriques. Zamora: 217-220.

Lopes da Silva, E. J. (2003) Novos dados sobre o megalitismo do Norte de Portugal. In V. S. Gonçalves, Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. Trabalhos de Arqueologia, 25. Lisboa: 269-279.

Lopes da Silva, E. J.; Medeiros, M. I. A.; Correia, A. L. (1997) Carta arqueológica do concelho de Resende. Câmara Municipal de Resende. Porto: 73 p.

Lopes da Silva, E. J.; Rocha, M. J. M. da; Loureiro, O. M. da C.; Monteiro, C. I. da S. N. (1996) Carta arqueológica do concelho de Castelo de Paiva. Universidade Portucalense. Porto: 109 p.

Lopes, M. C.; Carvalho, P. C.; Gomes, S. M. (1997) Arqueologia do concelho de Serpa. Câmara Municipal de Serpa. Serpa: 175 p.

López-Plaza, S.; Francisco, J. L. & Salvador Mateos, R. (2000) Megalitismo y vías naturales de comunicacíon en el SO salmantino. In Neolitização e Megalitismo na Península Ibérica, Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular, 3. Porto: 272-287.

Lopéz-Romero, R. (2011) Datación por luminiscencia ópticamente estimulada de monumentos megalíticos: contexto y perspectivas. Menga Revista de Prehistoria de Andalucía, 1 (1). Junta de Andalucía: 193-214.

López-Romero, E. & Mañana-Borrazás, P. (2013) El círculo lítico de Monte Lobeira (Vila Nova de Arousa, Pontevedra): trabajos de 2008 y 2010. Cadernos de Arqueoloxía e Patrimonio, 34. Consejo Superior de Investigaciones Científicas e Instituto de Ciencias del Patrimonio. Santiago de Compostela: 184 p.

Lorblanchet, M. (2009) As origens da arte. Cadernos do Côa, 4. Museu do Côa: 78.

Louro, H. S. (1990) Castros da zona dentre Zêzere, Tejo e Ocresa; topónimos indicativos de antiguidades; uma visita aos Penedos Longos. Arqueologia e História, série 10, vol. I/II (1). Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa: 63-69.

Louro, Pe H. S. (1939) Monografia de Cardigos. Cucujães.

Lozano Rodríguez, J. A.; García Sanjuán, L.; Masclans Lattorre, A.; Gibaja Bao, J. F.; Pérez Valera, A.; Martínez-Sevilla, F. & Mora Molina, C. (2016) Un percutor en meta-arenitas encontrado en el túmulo del dolmen de Menga. Menga - Revista de Prehistoria de Andalucía, 7. Junta de Andalucía: 167-186.

Marques, G. (1972) Arqueologia de Alpiarça. As estações representadas no Museu do Instituto de Antropologia do Porto. Trabalhos do Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa, 13. Porto: 37 p.

Marques, J. A. de M. (1999) Carta arqueológica do concelho de Vouzela. Câmara Municipal de Vouzela. Viseu: 62 p.

Martín Galindo, J. L. (1995) Os choçus manhegus: estudio y censo de los chozos de San Martín de Trevejo. Junta de Extremadura. Mérida: 433 p.

Martinho, C. (2009) Roteiro Megalítico de Coruche. Câmara Municipal Coruche, Museu Municipal de Coruche, Instituto dos Museus e da Conservação e Museu Nacional de Arqueologia. 96p.

Martins, A. & Nobre, L. (2013) Um novo abrigo com pintura rupestre esquemática: o abrigo de Segura, ou como, só se encontra aquilo que se procura. Arqueologia em Portugal, 150 Anos. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa: 515-521.

Martins, A. (2014) A pintura rupestre do Centro de Portugal: antropização simbólica da paisagem pelas primeiras sociedades agro-pastoris. Dissertação de doutoramento. Universidade do Algarve. Consultada em https://www.academia.edu/8670227/_A_Pintura_Rupestre_do_Centro_de_Portugal._Antropiza%C3%A7%C3%A3o_simb%C3%B3lica_da_paisagem_pelas_primeiras_sociedades_agro-pastoris_-_tese_doutoramento_-_2014

Martins, A. A. & Cunha, P. P. (2009) Terraços do rio Tejo em Portugal, sua importância na interpretação da evolução da paisagem e da ocupação humana. Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo em Território Português. Centro Português de Geo-História e Pré-História. Lisboa: 167-178.

Martins, A. A.; Nolen, J. U. S.; Dias, L. F. (1999) Carta arqueológica de Ponte de Sor. Pontis - Grupo de Estudos Arqueológicos de Ponte de Sor. Gavião: 218 p.

Mataloto, R. & R. Boaventura (2009) Entre vivos e mortos nos IV e III milénios a.n.e. do Sul de Portugal: um balanço relativo do povoamento com base em datações pelo radiocarbono. Revista Portuguesa de Arqueologia, 9 (2). Lisboa: 31-77.

Mattoso, J.; Daveau, S. & Belo, D. (2010) Portugal. O Sabor da Terra. Um retrato histórico e geográfico por regiões. Círculo dos Leitores. Lisboa: 688 p.

Mélida, J. (1942) Arqueología española. Biblioteca de Iniciación Cultural. Editorial Labor, SA. Barcelona: 418p.

Mendes, D. C. (2000) Poblados con menhires del extremo SW Peninsular. Notas para su cronología y economía. Una aproximación cuantitativa. Rampas, 3. Cádiz: 47-99.

Menéndez de Luarca, J. R. (2000) A construção do território. Mapa histórico do Noroeste da Península Ibérica. Fundación Rei Afonso Henriques. 456p.

Mohen, J. - P. (2009) Standing stones: Stonehenge, Carnac and the world megaliths. Thames & Hudson. London: 176 p.

Monteiro, J. P. & Gomes, M. V. (1977) Rocha com covinhas na ribeira do Pracana. O Arqueólogo Português, III Série, 9 (1974-77). Lisboa: 95-99.

Monteiro, J. P. & Gomes, M. V. (1978) Os Menires da Charneca do Vale Sobral (Nisa). Revista de Guimarães, 87. Barcelos: 20 p.

Monteiro-Rodrigues, S. (2013) A Anta dos Currais do Galhordas (Castelo de Vide - Centro Leste de Portugal): resultados da primeira campanha de escavação. Estudos do Quaternário, 4. Associação Portuguesa de Estudos do Quaternário. Braga: 57-70.

Morán, E. & Parreira, R. (2004) Alcalar 7 estudo e reabilitação de um monumento megalítico. Cadernos, 6 (2ª série). Instituto Português do Património Arquitectónico. Lisboa: 335 p.

Morán, E.; Parreira, R.; Santa-Rita, J. (2007) Alcalar: monumentos megalíticos. Roteiros da Arqueologia Portuguesa, 10. Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico. Lisboa: 109 p.

Moraza Barea, A. & Mujika Alustiza, J. A. (2005) Establecimientos de habitación al aire libre. Los fondos de cabana de morfología tumular: características, proceso de formación y cronologia. Veleia, 22. Vitoria: 77 – 110.

Moraza Barea, A., Moro Deordal, I. & Mujika Alustiza, J. A. (2003) Contribución al estúdio de las estructuras tumulares en Arqueología: entre la similitud morfológica y la disparidad de funciones. Veleia, 20. Vitoria: 243-272.

MPAT & MA (1994) Manual de protecção das florestas contra incêndios. Ministério do Planeamento e Administração do Território e Ministério da Agricultura. Lisboa: 64 p.

Müller Celka, S. (2011) Burial Mounds and “ritual tumuli” of the Aegean Early Bronze Age. Ancestral Landscapes.TMO, 58, Maison de l’Orient et de la Méditerranée. Lyon: 415-428.

Narimanishvili, G. (2003) Ritual roads at Trialeti barrows. Consultado em: https://www.academia.edu/27562940/Ritual_Roads_at_Trialeti_Barrows

Nekhrizov, G. (2013) Tumulus with a tomb near the village of Buzovgrad (preliminary note on the results from the 2012 investigations). Bulgarian e-journal of Archaeology, 3: 161-178. Consultado em: https://www.academia.edu/3682617

Nekhrizov, G. (2014) Dolmens and rock-cut monuments. Consultado em: https://www.academia.edu/12100034/Dolmens_and_Rock-cut_monuments

Nekhrizov, G.; Agre, D. (2015) Les premiers tombeaux de Thrace. Dossiers de l´Archéologie, 368: 34-37. Consultado em: https://www.academia.edu/12099930/Les_premiers_tombeaux_de_Thrace

Neto de Carvalho, C. & Martins, P. (2006) Geopark Naturtejo da Meseta Meridional. 600 milhões de anos em imagens. Naturtejo, E. I. M.: 149 p.

Neto de Carvalho, C. & Rodrigues, J. (2015) Proposta de conservação e de valorização do Barrocal de Castelo Branco classificação. Açafa on line, 10. Associação de Estudos do Alto Tejo. http://www.altotejo.org.pdf. Vila Velha de Ródão: 4-21.

Neto de Carvalho, C.; Rodrigues, J. & Canilho, S. (2011) Património geológico e geomineiro de Monforte da Beira (Castelo Branco): caracterização do percurso pedestre "Caminhos do Ferro de Monforte". Açafa on line, 4. Associação de Estudos do Alto Tejo. http://www.altotejo.org/acafa/docsn4/Patrimonio_Geologico_e_Geomineiro_de_Monforte_da_Beira.pdf Vila Velha de Ródão: 32p.

Neto de Carvalho, C.; Rodrigues, J. & Gonçalves, D. (2013) Património geológico de Oleiros: inventário de geossítios e propostas para a sua valorização. Açafa on line, 6. Associação de Estudos do Alto Tejo. http://www.altotejo.org/acafa/docsn6/PATRIMONIO_GEOLOGICO_OLEIROS_4_61.pdf. Vila Velha de Ródão: 4-61.

Neves, C. (2015) A 2ª metade do V milénio no ocidente peninsular: algumas problemáticas a partir da cultura material. V. S. Gonçalves, M. Diniz & A. C. Sousa, eds, 5º Congresso do Neolítico Peninsular. Estudos & Memórias, 8. Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Lisboa: 314-322.

Nobre, L. (2008) Arte Rupestre Pré-Histórica da Margem Esquerda do Rio Erges. Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo, Arkeos – Perspectivas em Diálogo, 24. Tomar. Em CD-Rom anexo.

Nobre, L. (2009) Arte rupestre do Tejo internacional – últimos trabalhos. Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo em Território Português. Centro Português de Geo-História e Pré-História. Lisboa: 199-207.

NRIA (1979) Inventário dos monumentos dolménicos do concelho de Castelo Branco Preservação, 2. Núcleo Regional de Investigação Arqueológica. Vila Velha de Ródão: 14-16.

Nunes, J. C. & Pereira, A. M. B. (1959). A Pedra Letreira. Câmara Municipal de Góis.

Odriozola, C.; Mataloto, R.; Moreno-García; J.; Villalobos-García, R.; Martínez- Blanes, J. M. (2012) Producción y circulacíon de rocas verdes y sus produtos en el SW peninsular: el caso de Anta Grande de Zambujeiro. Estudos Arqueológicos de Oeiras, 19. Câmara Municipal de Oeiras. Oeiras: 125-142.

Oliveira, A. C. B. (1998) O povoado pré-histórico do Cabeço da Malhoeira (Benquerença, Penamacor). Actas do Colóquio "A Pré-História na Beira Interior". Estudos Pré-Históricos, 6. Viseu: 243-257.

Oliveira, C. & Oliveira, J. (2008) Percurso Historiográfico do Complexo de Arte Rupestre de Arronches – Portugal. III Taller Internacional de Arte Rupestre. Habana: 88-136.

Oliveira, C. (2001) Lugar e memória: testemunhos megalíticos e leituras do passado. Edições Colibri. Lisboa: 139p.

Oliveira, E. V.; Galhano, F., Pereira, B. (1988) Construções primitivas em Portugal. Publicações Dom Quixote. Lisboa: 363 p.

Oliveira, J. de & Oliveira, C. (2015) A arte rupestre esquemática pintada no contexto megalítico da Serra de São Mamede. Estudos & Memórias, 8. Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Lisboa: 547-556.

Oliveira, J. de & Oliveira, C. D. (2000) Menhires del distrito de Portalegre. El Megalitismo en Extremadura (Homenaje a Elias Diéguez Luengo). Extremadura Arqueológica, VIII. Mérida: 105-126.

Oliveira, J. de & Oliveira, C. D. (2000b) Menires do distrito de Portalegre. Ibn Maruán, 9/10. Câmara Municipal de Marvão. Marvão: 147-180.

Oliveira, J. de & Tomás, A. C. (2007) As forcas do distrito de Portalegre 140 anos após a abolição da pena de morte. Edições Colibri. Lisboa: 156 p.

Oliveira, J. de (1986) A estela decorada da Tapada da Moita. Câmara Municipal de Castelo de Vide. Portalegre: 35 p.

Oliveira, J. de (1994) Sepulturas Megalíticas del Termino Municipal de Cedillo. Ayuntamiento de Cedillo. Cáceres: 54 p.

Oliveira, J. de (1997) Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do rio Sever. Tomo 1. Ibn Maruan - Revista Cultural do Concelho de Marvão, edição especial. Marvão: 744 p.

Oliveira, J. de (1999-2000) A anta II de S. Gens (Nisa). Ibn Maruan - revista cultural do concelho de Marvão, 9/10. Câmara Municipal de Marvão, Edições Colibri. Lisboa: 181-238.

Oliveira, J. de (2000a) O megalitismo de xisto da Bacia do Sever. In Gonçalves, V. S., ed., Muitas antas, pouca gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo. Trabalhos de Arqueologia, 16. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa: 135 – 158.

Oliveira, J. de (2006) Património Arqueológico da Coudelaria de Alter e as primeiras comunidades agropastoris. Edições Colibri / Universidade de Évora. Lisboa: 271 p.

Oliveira, J. de (2008). The tombs of the Neolithic artist-shepherds of the Tagus valley and the megalithic monuments of the mouth of the river Sever. In Graphical markers and megalith builders in the International Tagus, Iberian Peninsula. British Archaeological Reports. BAR International Series 1765. Oxford, England.

Oliveira, J. de (2012) Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do rio Sever, 2 e 3. Évora: edição digital.

Oliveira, J. de (2014). Megalithic rites of North Alentejo - Portugal. In Rendering death: ideological and archaeological narratives from Recent Prehistiory (Iberia). British Archaeological Reports. BAR International Series 2648. Oxford: 23-34.

Oliveira, J. de (2016) O menir do Patalou - Nisa: entre contextos e cronologias. Estudos & Memórias, 9. Terra & Água, escolher sementes, invocar a Deusa: estudos em homenagem a Victor S. Gonçalves. UNIARQ. Lisboa: 149 - 165.

Oliveira, J. de; Pereira, S.; Parreira, J. (2007) Nova carta arqueológica do concelho de Marvão. Ibn Maruán, 14. Edições Colibri. Lisboa: 299 p.

Oliveira, J. de; Sarantopoulos, P. & Ballesteros, C. (1995) Antas-capelas e Capelas Junto a Antas no Território Português. A Cidade de Évora, 1, 2ª série. Évora: 287-329.

Oosterbeek, L.; Collado Giraldo, H.; Garcês, S. (2012) Arqueologia rupestre da bacia do Tejo: RUPTEJO. *Arkeos, perspectivas em diálogo*, 32. Tomar: 133-173.

Ozfirat, A. (2009) Excavation of the Boskurt Kurgan cemetery, 2007: first preliminar report. Archaologische Mitteilungem aus Iran und Turan, 41: 233-247.

Ozfirat, A. (2018) Dolmens in the Amuq Plain: Kuzulkaya survey. Orbis Biblicus y Orientalis, 40. Leuven: 321-326.

Paço, A. do (1953) Carta arqueológica do concelho de Marvão. Actas do 13º Congresso Luso-espanhol para o Progresso das Ciências. Associação para o Progresso das Ciências. Lisboa: 93-127.

Papadopoulos, J. (2006) Mounds of memory: burial tumuli in the Illyrian landscape. In International Centre for Albanian Archaeology. Série monográfica, 1. Tirana: 75-84.

Parafita, A. (2006) A mitologia dos mouros: lendas, mitos, serpentes e tesouros. Gailivro. Canelas: 459p.

Pascual, M. P. (2006) Ensayo de ordenación terminológica de las estruturas paradolménicas del nordeste peninsular. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular. Promontoria Monográfica, 5. Faro: 157-168.

Peñalver, X. (2005) Los crómelech pirenaicos. Bolskan, 22. Huesca: 349 p.

Pereira da Silva, F. A. (1991) Mamoa da Charneca das Canas (Fratel, Vila Velha de Ródão). Edição da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão. 23 p.

Pereira da Silva, F. A. (1997a) Características do megalitismo na freguesia de Escariz (concelho de Arouca). Actas das I Jornadas de História e Arqueologia do concelho de Arouca. Centro de Arqueologia de Arouca. Arouca: 21-38.

Pereira da Silva, F. A. (1997b) Contextos Funerários da Idade do Bronze nos Planaltos Centrais do Centro-Norte Litoral Português: tradição ou inovação? II Congreso de Arqueología Peninsular, Tomo II – Neolítico, Calcolítico y Bronce. Fundación Rei Afonso Henriques. Zamora: 605-620.

Pereira da Silva, F. A. (1999) Práticas funerárias da Pré-História Recente na região centro-norte litoral. Arqueologia e História, 51. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa: 167-195.

Pereira da Silva, F. A. (2004) Megalitismo e tradição megalítica no concelho de Arouca: três mil anos de arquitectura funerária. In Silva, A. M., coord., Memórias da Terra. Património arqueológico do concelho de Arouca. Câmara Municipal de Arouca. Arouca: 45-68.

Pereira, A. L.; Lopes, I. A. J. (2005) Património arqueológico do concelho de Carrazeda de Ansiães. Câmara Municipla de Carrazeda de Ansiães. Carrazeda de Ansiães: 133 p.

Pereira, F. A. (1902) Um passeio archeologico no concelho de Arcos de Valdevez. O Archeologo Português, 7 (8-9). Lisboa: 193-209.

Pereira, F. A. (1904) Acquisições do Museu Ethnologico Português. O Archeologo Português, 9, 1ª série. Lisboa: 37-39.

Pereira, F. A. (1933) A Pedra d' Anta ou um monumento megalítico na Beira-Baixa. O Archeologo Português, 29. Lisboa: 49-75.

Pereira, F. A. (1938) Vestígios do passado em Idanha-a-Velha. O Archeologo Português, 30. Lisboa: 186-204.

Pereira, J. M. (2005) Os pesos de pedra com entalhes: possíveis vestígios pré-históricos da actividade da pesca na região de Constância. Al-madan, adenda electrónica, 13 (2ª série). Centro de Arqueologia de Almada. Almada: 11 p.

Pereira, M. A. H. (1970) Monumentos históricos do concelho de Mação. Câmara Municipal de Mação.

Pereira, P. (2006) Enciclopédia dos lugares mágicos de Portugal, 2. Público, SA. Lisboa: 143 p.

Pereira, P. (2011) Arte Portuguesa – História Essencial. Círculo dos Leitores. Lisboa: 870 p.

Pereira, P.; Guapo, J.; Chaves, M. F. & Benito, P. (2008) Portugal Megalítico. Edições INAPA. Lisboa: 159 p.

Perestrelo, M. S. & Osório, M. (2005) Pré-História Recente na Região da Guarda – alguns subsídios. Coavisão, 7. Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa. Foz Côa: 207-231.

Perpétuo, J.; Santos, F.; Carvalho, P. S.; Gomes, L. F.; Serra, A. (1999) Tabuaço: um Passado Presente. Câmara Municipal de Tabuaço. Viseu: 290 p.

Pessoa, M. Paiva (1932) Insculturas e figuras rupestres de Louriçal do Campo, Revista de Arqueologia, 1. Lisboa: 179-182.

Peto, A. & Barczi, A. (2011) Kurgan Studies. An environmental and archaeological multiproxy study of burial mounds in the Eurasian steppe zone. BAR International Series, 2238. Oxford: 350 p.

Piliposyan, A. (2016) Zorats Karer: megalithic site in Southern Armenia. In Aegean World and Southern Caucasus: cultural relations in Bronze Age. Georgia: 101-111.

Proença Jr, F. T. (1903b) Vestígios do passado. O Instituto, 51. Coimbra: 60-61.

Proença Jr, F. T. (1906) Notice sur la Prehistoire de Beira-Baixa et sur deux monuments gravés trouvés en Portugal. Congres Préhistorique de France (Périgeux, 1905). Compre-rendu de la première session. Paris: 281-285.

Proença Jr, F. T. (1906b) Essai de classification des dolmens portugais: notice adressée à la 2me session du Congres Préhistorique de France (Vannes, 1906). Typ. França Amado. Coimbra.

Proença Jr, F. T. (1908b) Sur les mégalithes portugais. Congres Préhistorique de France, Autun, 1907 – Compte rendu de la troisième session. Paris: 510.

Proença Jr, F. T. (1909) Anta da Urgueira. Typographia Leiriense. Leiria.

Proença Jr, F. T. (1910) Archeologia do districto de Castello Branco: 1ª contribuição para o seu estudo. Typographia Leiriense. Leiria: 25 p.

Proença Jr, F. T. (1910b) Sur les instruments portugais en pierre polie. L´Homme Préhistorique. Paris.

Proença Jr, F. T. (1910c) Antas do districto de Portalegre. Materiaes para o Estudo das Antiguidades Portuguezas, 1. Leiria: 3-16.

Proença Jr, F. T. (1910d) Sobrevivencias, typos e costumes relativos especialmente à Beira Baixa: as queijeiras redondas de Castello Branco e as cabanas da Serra da Estrela. Typographia Leiriense. Leiria.

Puglisi, S. M. & Castaldi, E. (1966) Aspetti del Acantonamento Culturale nella Gallura Preistorica e Protoistorica. Studi Sardi, 19, 92 p.

Queiroga, F. M. V. R. (2001) Inventário patrimonial de Vale de Cambra, 1 (Arqueologia). Câmara Municipal de Vale de Cambra. Vale de Cambra: 137 p.

Quliyev, F.; Gasimov, P.; Huseynov, F.; Brileva, O.; Salimbeyov, S.; Alekberov, V. (2015) The necropolis of Topdaghdaghan (2013). National Academy of Sciences of Azerbaidjan. Baku: 384-393. Consultado em: https://www.academia.edu/25917447/THE_NECROPOLIS_OF_TOPDAGHDAGHAN_2013_the_article_in_Azerbaijan_language_summary_in_english_and_russian_language_with_illustrations_

Raposo, L. & Silva, A. C. (1984) O Languedocense: ensaio de caracterização morfotécnica e tipológica. O Arqueólogo Português, série IV, 2. Lisboa: 87-166.

Raposo, L. (1973) O Grupo Amador Juvenil de Arqueologia de Castelo Branco fala-nos das suas actividades e ambições. Época Juvenil. Lisboa. Enrevista republicada em Açafa on line, 2 (2009) http://www.altotejo.org/acafa/docsN2/Grupo_Amador_Juvenil_de_Arqueologia.pdf

Raposo, L. (1987a) A Ocupação Humana Paleolítica do Vale do Tejo, em Território Português. Catálogo da exposição Arqueologia no Vale do Tejo. Instituto Português do Património Cultural. Lisboa: 11 - 16.

Raposo, L. (1987b) Os mais antigos vestígios de ocupação humana paleolítica na região de Ródão. Da Pré-História à História. Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira. Editorial Delta. Lisboa: 153-178.

Raposo, L.; Salvador, M. M. & Pereira, J. P. (1993) O Acheulense no Vale do Tejo, em Território Português. Arqueologia e História, 2, série 10. Lisboa: 15-41.

Real, F. (2003) Os incêndios de 2003 e a Arqueologia na Política de Ordenamento Florestal. Centro de Arqueologia de Almada. Al-madan, 12 (2ª série). Almada: 202-203.

Renfrew, C. & Bahn, P. (1993) Arqueologia. Teorias, Métodos y Práctica. Ediciones Akal S. A. Madrid: 571 p.

Ribeiro, N. (2006) Open air rock art in the Ceira and Alva river valleys. Some symbols. Proceedings of the XV World Congress – Session WS 34 (Lisbon, 4 – 9 September 2006). BAR International Series 1793. Oxford: 43-49.

Ribeiro, N.; Joaquinito, A. (2013) The importance of the representation of hands engraved in rock art in the region of the Ceira and Alva rivers (Portugal), Its symbolism and comparison with other regions of the world. www.ifrao2013.org/Abstracts.pdf. Consultado em: https://www.academia.edu/5028507/The_Importance_of_the_Representation_of_Hands_Engraved_in_Rock_Art_in_the_Region_of_the_Ceira_and_Alva_Rivers_Portugal_Its_Symbolism_and_Comparison_with_Other_Regions_of_the_World

Ribeiro, N.; Joaquinito, A.; Pereira, A. (2016) Alguns dados inéditos da Pré-História e Proto-História dos concelhos de Castanheira de Pêra e Figueiró dos Vinhos, sua correlação com a Arqueologia da Serra da Lousã e Serra da Estrela. I Congresso de História e património da Alta Estemadura. CPAE e Câmara Municipal de Ourém. Ourém: 21-35. Consulado em https://www.academia.edu/32888417/Dados_Ineditos_Pre_historia_e_Proto_historia_Concelhos_Castanheira_de_Pera_e_Figueiro_dos_Vinhos

Ribeiro, N.; Joaquinito, A.; Pereira, S. (2010) O podomorfismo na arte rupestre da fachada atlântica, que significado? Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular. Câmara Municipal de Almodôvar. Almodôvar: 201-211 (edição digital).

Ribeiro, N.; Pereira, A. S.; Joaquinito, A. & Cunha, P. P. (2011) Relação da arte rupestre com a mineração proto-histórica na área das bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva. Actas do VI Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu (Casa das Artes e Cultura do Tejo, Vila Velha de Ródão, 18 a 20 de Junho de 2010). Editor: Carlos Batata. Abrantes: 89-108.

Ribeiro, N.; Pereira, A.; Joaquinito, A.; Mateiro, L.; Sarmento, G. (s/d) Sepulcrhal monuments, rock art and natural routes in the deep center of Portugal. http://www.academia.edu/4783746/Sepulchral_monuments_rock_art_and_natural_routes_in_the_deep_center_of_Portugal, consultado em março de 2016.

Ribeiro, O. (1941) Contribuição para o estudo do pastoreio na Serra da Estrela. Revista da Faculdade de Letras, 7 (1-2). Faculdade de Letras. Lisboa: 213-303.

Ribeiro, O. (1982) Le Portugal Central. Livre-guide de l´Excurcion C – Congrès International de Géographie (1949). Instituto Nacional de Investigação Científica. Lisboa: 180 p.

Ribeiro, O. (1986) Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico. Livraria Sá da Costa Editora. Lisboa: 189 p.

Ribeiro, O. (1990) Opúsculos Geográficos, III (Aspectos da Natureza). Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa: 354 p.

Ribeiro, O.; Lautensach, H. & Daveau, S. (1987) Geografia de Portugal. I. A posição geográfica e o território. Edições João Sá da Costa. Lisboa: 334 p.

Ribeiro, O.; Lautensach, H. & Daveau, S. (1988) Geografia de Portugal. II. O ritmo climático e a paisagem. Edições João Sá da Costa. Lisboa.

Ribeiro, O.; Teixeira, C.; Carvalho, H. de; Peres, A.; Fernandes, A. P.; Assunção, C. T. de Pilar (1965) Notícia explicativa da folha 28B (Nisa) da Carta Geológica de Portugal, à escala 1:50000. Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa: 29p.

Ribeiro, O.; Teixeira, C.; Ferreira, C. R.; Alves, C. A. Matos (1967) Notícia explicativa da folha 24D (Castelo Branco) da Carta Geológica de Portugal, à escala 1:50000. Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa: 24p.

Rocha, L. (1997) Os menires de Pavia, Mora (Portugal). II Congreso de Arqueología Peninsular, Tomo II – Neolítico, Calcolítico y Bronce. Fundación Rei Afonso Henriques. Zamora: 221-228.

Rocha, L. (1999) Povoamento megalítico de Pavia: contributo para o conhecimento do megalitismo regional. Câmara Municipal de Mora: Mora: 235p.

Rocha, L. (2000a) O alinhamento de Têra, Pavia (Mora): resultados da 1ª campanha (1996). Trabalhos de Arqueologia, 16. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa: 183-194.

Rocha, L. (2000b) O monumento megalítico da Idade do Ferro do Monte da Tera - Pavia (Mora). Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, 3 (Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica). ADECAP. Porto: 521-529.

Rocha, L.; Calado, M. (2006) Megalitismo de Mora: nas fronteiras do Alentejo Central. Apenas Livros, Lda. Lisboa: 39 p.

Roche, J. (1972) Le gisement mésolithique de Moita do Sebastião (Muge, Portugal). 1 (Archéologie). Instituto de Alta Cultura. Lisboa: 174 p.

Rodrigues, J. C.; Neto de Carvalho, C. & Geraldes, J. (2008) Património Geológico de Salvaterra do Extremo. Açafa on line, 1 (2008). Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão: 17 p.

Rodrigues, M. C. M. (1975) Carta arqueológica do concelho de Castelo de Vide. Junta Distrital de Portalegre. Lisboa: 277p e 130 est.

Rodríguez Casal, A. (1989) La necrópolis megalítica de Parxubeira (San Fins de Eirón, Galicia): campañas arqueológicas de 1977 a 1984. Monografías Urxentes do Museu, 4. A Coruña.

Rodríguez Casal, A. (1990) O Megalitismo, a primeira arquitectura monumental de Galicia. Universidade de Santiago de Compostela. Santiago de Compostela: 204 p.

Rodríguez Díaz, A.; Pavón Soldevila, I.; Duque Espino, D.; Ortiz Romero, P. (2007) La "señorialización del campo" postartésica en el Guadiana medio: el edificio protohistórico de La Mata (Campanario, Badajoz) y su territorio. Arqueología de la tierra. Países ages rurales de la Protohistoria peninsular. Cáceres: 71-101. https://www.academia.edu/28537388/La_senorializacion_del_campo_postartesica_en_el_Guadiana_Medio_el_edificio_protohist%C3%B3rico_de_La_Mata_Campanario_Badajoz_y_su_territorio

Romão, J.; Cunha, P. P.; Pereira, A.; Dias, R.; Cabral, J.; Ribeiro, A. (2010) Notícia explicativa das folhas 25C, 25D e 29A, Rosmaninhal, Segura e Retorta (sector norte) da Carta Geológica de Portugal, à escala 1:50000. Laboratório Nacional de Energia e Geologia. Lisboa: 54p.

Ruiz-Gálvez, M.; Nieto, C.; Torres, J.; Bokbot, Y.; Oujaa, A.; Galán, E.; Collado, H.; el Graoui, M.; Farjas, M.; Presa, P.; Señoran, J.; Durán, J.; Ruiz, B.; Gil, M.; Rubinos, A. (2009) Informe de la campaña de campo 2009 en el Agdal de Oukaimeden (Alto Altlas, Marruecos): 223-243. Consultado em https://www.academia.edu/8693053/Informe_de_la_campa%C3%B1a_de_campo_2009_en_el_Agdal_de_Ouka%C3%AFmeden_Alto_Atlas_Marruecos_

Rutkowski, L. (2015) Tumulus burial field on the north coast of Kuwait Bay: preliminary excavation report on the spring season in 2012. Polish Archaeology in the Mediterranean, 24 (1). Varsóvia: 505-528.

Salvado, P. M. (1988) Elementos para a cronologia e para a bibliografia de Idanha-a-Velha. Câmara Municipal de Idanha-a-Nova. 29p.

Sanches, M. J. & Teixeira, J. (2014) O abrigo do Passadeiro, Palaçoulo (Miranda do Douro). Um caso de estudo de gravuras rupestres dos inícios do Holocénico no Nordeste de Portugal. *Portugália, 35*. Porto: 61-75.

Sanches, M. J. (1992) Pré-História Recente no Planalto Mirândes (Leste de Trás-os Montes*).* Monografias Arqueológicas, 3. Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. Porto: 170 p.

Sanches, M. J. (1997) Pré-História Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro. Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. Porto: 335 + 308p.

Sanches, M. J. (2011) As estelas antropomórficas de Picote - Miranda do Douro (Trás-os-Montes). In R. Vilaça, Estelas e estátuas-menires da Pré e Proto-história. IV Jornadas Raianas*.* Sabugal: 143-174.

Sanches, M. J. (2017) Entre o ordinário e o extra-ordinário. Considerações sobre alguns lugares com arte rupestre de tradição esquemática do norte de Portugal. In Rosas, Lucia; Sousa, Ana C.& Barreira, Hugo, Genius Loci. Lugares e Signifcados (Places and Meanings). CITCEM: 281-304.

Sanches, M. J.; Nunes, S. A.; Silva, M. S. (2005) A mamoa 1 do Castelo (Jou) - Murça (Trás-os-Montes): resultados dos trabalhos de escavação e restauro de um dólmen de vestíbulo. Portugália, 26, nova série. Porto: 5-39 p.

Sanches, M. J.; Santos, B. C. (1989) Levantamento arqueológico do concelho de Mirandela, Portugália, 8 (nova série). Porto.

Santos Júnior, J. R. dos (1963) As gravuras litotrípticas de Ridevides (Vilariça). Trabalhos de Antropologia e Etnologia, 19 (2). Instituto de Antropologia “Dr. Mendes Corrêa”. Porto: 111-144.

Santos, A. T. & Baptista, A. M. (2011) Rock Art in the Iberian Central Chain: the cases of Piódão (Arganil) and Vide (Seia). In Bueno Ramirez, P., Cerrillo Cuenca, E., Gonzalez Cordero, A., Coord., From the origins: The prehistory of the Inner Tagus Region. BAR International Series 2219. Oxford.

Santos, A. T. (2000) O Megalitismo da área da Barragem Marechal Carmona (concelho de Idanha-a-Nova): uma análise espacial. In Neolitização e Megalitismo na Península Ibérica, Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular. Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular, 3. Porto: 413-427.

Santos, A. T.; Vilaça, R.; Carvalho, P.; Martin, I.; Rêpas, L.; Soromenho, M.; Osório, M. (2008) Museu do Sabugal: colecção arqueológica. Pró-Raia – Associação de Desenvolvimento Integrado da Raia Centro Norte. Sabugal: 184 p.

Santos, F. & Figueira, N. (2011) The pre-megalithic (?) funerary monumento of Eira da Vinha (Perais, Vila Velha de Ródão, Castelo Branco, Portugal). In Bueno Ramírez, P., Cerrillo Cuenca, E., González Cordero, A., coord., From the origins: The prehistory of the Inner Tagus Region. BAR International Series 2219. Oxford: 55-72.

Santos, M. F. (1972) Pré-História de Portugal. Biblioteca das Civilizações Primitivas. Editorial Verbo. Lisboa: 175 p.

Santos, M. F.; Ferreira, O. Veiga (1969) O monumento eneolítico de Santiago do Escoural. O Arqueólogo Português, 3 (3ª série). Lisboa: 37-62.

Sarmento, F. M. (1933) Expedição Científica à Serra da Estrela em 1881. Relatório da Secção de Arqueologia. Dispersos. Colectânea de artigos publicados, desde 1876 a 1899, sobre Arqueologia, Etnologia, Mitologia, Epigrafia e Arte Pré-Histórica. Coimbra: 129-152.

Scarre, C. (2007) The megalithic monuments of Britain and Ireland. Thames & Hudson. Londrs: 160 p.

Scarre, C.; Oosterbeek, L. & French, C. (2011) Tombs, Landscapes and settlement in the Tagus hill-country. In Bueno Ramírez, P., Cerillo Cuenca, E., González Cordero, A., coord., From the origins: The prehistory of the Inner Tagus Region. BAR International Series 2219. Oxford: 83-91.

Schutter, X. (2005) Stratégies funeráires. Dossier Les morts et les rites. Espace de Libertés – Magazine du Centre d´Action Laique. Bruxelles: 4- 8.

Schwartz, H. (2005) Perspectivas Ecológicas em Economia. Celta. Lisboa: 118 p.

Senna-Martinez, J. C. & Luz, A. M. D. (1983) O megalitismo da bacia do Alva: primeira contribuição para um modelo sócio-económico. O Arqueólogo português, 1 (série 4). Museu Naconal de Arqueologia. Lisboa: 103-118.

Senna-Martinez, J. C. & Ventura, J. M. Q. (1999) Espaço funerário e "espaço cénico": a Orca do Folhadal (Nelas). Trabalhos de Arqueologia das EAM, 5. Colibri. Lisboa: 21-34.

Senna-Martinez, J. C. & Ventura, J. M. Q. (2008) Do mundo das sombras ao mundo dos vivos: Octávio da Ferreira e o megalitismo da Beira Alta, meio século depois. Estudos Arqueológicos de Oeiras, 16. Câmara Municipal de Oeiras. Oeiras: 317-350.

Senna-Martinez, J. C. (1994) Megalitismo, habitat e sociedades: a bacia do médio e alto Mondego no conjunto da Beira Alta (c. 5200-3000 BP). Estudos Pré-Históricos, 2. Câmara Municupal de Oeiras. Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta. Viseu: 15-29.

Senna-Martinez, J. C. (2013) Aspectos do Centro-Norte do ocidente peninsular no final da idade do Bronze: povoamento, metalurgia e sociedade. Estudos Arqueológicos de Oeiras, 20. Câmara Municipal de Oeiras. Oeiras: 173-190.

Senna-Martinez, J. C.; Ventura, J. M. Q.; Henriques, A. P., Barroso, M. S. & Ribeiro, A. C. (1999) Evolução das paisagens culturais na plataforma do Mondego na Pré-História Recente (c. 5000 – 550 cal AC). Trabalhos de Arqueologia da EAM, 5. Edições Colibri. Lisboa: 9-20.

Seregin, N. & Matrenin, S. (2016) O ritual funerário dos nómadas do Altai do séc. II. AC ao séc. XI. Barnaul: Publishing House of Altai University Press: 272 p. Consultado em https://asu-ru.academia.edu/NikolaiSeregin

Serrão, E. C. (1966) Germes milenários. Comunicação ao IV Colóquio Portuense de Arqueologia. Porto: 7-43.

Serrão, E. da C. (1974) L' Art Rupestre de la Vallèe du Tage. *Les Dossiers de L'Archéologie*, 4. Merveilleux Trésors du Portugal. Dijon e Paris: 46-51.

Serrão, E. da C.; Lemos, F. S.; Monteiro, J. P.; Querol, M. de los A.; Lopes, S. R. & Jorge, V. de O. (1972a) O Complexo de Arte Rupestre do Tejo (Vila Velha de Ródão - Nisa) - Noticia Preliminar. *Arqueologia e História*, 4. 9ª série. Lisboa: 9-38.

Sevillano S. José, M. del C. (1991) Grabados rupestres en la comarca de Las Hurdes (Cáceres). Acta Salmanticensia. Estudios Historicos y Geograficos, 77. Ediciones Universidad de Salamanca. Salamanca: 216 p.

Shulga, P. (2016) Novos materiais para o início do túmulos citas no norte de Xinjiang. Saki e Sauromats na estepe casaque - culturas de contacto: coleção de artigos científicos dedicados à memória da arqueóloga Bekena Nurmuhanbetova. Almati: 243:248. Consultado em https://sbras.academia.edu/petershulga

Silbert, A. (1978) Le Portugal Méditerranéen à la fin de l´ Ancien Régime, XVIII – début du XIXº siècle. Contribution à l´ Histoire agraire comparée. Instituto Nacional de Investigação Científica. Lisboa, 3 volumes.

Silva, A. C. (1996) A Geração do Tejo. In Luis Raposo e António Carlos Silva, A Linguagem das Coisas. Ensaios e Crónicas de Arqueologia. Publicações Europa-América. Mem Martins: 293-296.

Silva, A. C. (2010) O Ródão e a Arqueologia portuguesa do último quartel do século XX. Encruzilhadas de mudança. Congresso Internacional de Arqueologia "Cem anos de investigação arqueológica no Interior Centro (Castelo Branco, 2008)". Museu Francisco Tavares de Proença Júnior. Castelo Branco: 81-105.

Silva, A. C. (2011) Escoural uma gruta pré-histórica no Alentejo. Direcção Regional de Cultura do Alentejo. Évora: 141 p.

Silva, A. C.; Perdigão J. (1998) Contributo para a carta arqueológica de Arraiolos. Câmara Municipla de Arraiolos. Setúbal: 140 p.

Silva, A. M. & Silva, F. A. P. da (1994) Menires de Alvarenga e da Serra da Freita (Arouca, Aveiro): Breve notícia. Actas das V Jornadas Arqueológicas. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa.

Silva, A. M. (1987) O memorial de Santo António (Santa Eulália, Arouca) e os "marmoirais" medievais: revisão da sua problemática e propostas para uma análise globalizante. Actas das I Jornadas de História e Arqueologia de concelho de Arouca (1986). Câmara Municipal de Arouca e Centro de Arqueologia de Arouca. Arouca: 77-100.

Silva, A. M., coord. (2004) Memórias da Terra. Património arqueológico do concelho de Arouca. Câmara Municipal de Arouca. Arouca: 464 p.

Silva, F. (2013) Astronomia e paisagem no megalitismo do Norte do país: problemas e perspectivas. Arqueologia em Portugal, 150 Anos. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa: 427-433.

Silvério, S.; Barros, L.; Teixeira, A. (2004) Escavações arqueológicas no castelo de Penamacor / Cimo da Vila: resultados da primeira campanha (2003). Revista Portuguesa de Arqueologia, 7 (2). Lisboa: 473-540.

Sjogren, K. (s/d) Megalithic landscapes in Sweden. Consultado em https://www.academia.edu/810041/Megalithic_Landscapes_in_Sweden.

Soares, A. M. (2008) O monumento megalítico Monte da Velha 1 (Vila Verde de Ficalho, Serpa). Revista Portuguesa de Arqueologia, 11 (1). Lisboa: 33-45.

Soares, A. M. M. (1994) O Bronze do Sudoeste na margem esquerda do Guadiana. As necrópoles do concelho de Serpa. Actas das V Jornadas Arqueológicas. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa: 179-197.

Soares, A. M. (1999) Megalitismo e cronologia absoluta. In II Congreso de Arqueologia Peninsular, 3. Zamora: 689-706.

Soares, J. & Silva, C. T. da (2010) Anta Grande do Zambujeiro - arquitectura e poder, Intervenção arqueológica do MAEDS 1985-87. Musa, 3. Setúbal: 83-129.

Soares, J. (1988) O Povoado da Charneca de Fratel e o Neolítico Final / Calcolítico da Região de Ródão-Nisa. Notícia Preliminar. Alto Tejo, 2. Núcleo Regional de Investigação Arqueológica. Vila Velha de Ródão: 3-6.

Sousa, A. C. (2016) Megalitismo e metalurgia: os *tholoi* do Centro e Sul de Portugal. In Terra e água, escolher sementes e invocar a deusa. Estudos em homenagem a Victor S. Gonçalves. Estudos & Memórias, 9. Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Lisboa: 209-241.

Sousa, L. (1991) Sete mamoas do Concelho de Idanha-a-Nova. Actas das IV Jornadas Arqueológicas. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa: 183-199.

Sousa, M. G. F. (2006) A terra no Megalitismo do Norte de Portugal**.** In Marina Correia e Vítor de Oliveira Jorge, editores, 10ª Mesa Redonda de Primavera - Terra: forma de construir. Argumentum e Escola Superior Gallaecia. Lisboa: 76-82.

SRAZN (s/d) As áreas florestais e o património arqueológico. Serviço Regional de Arqueologia da Zona Norte, Museu D. Diogo de Sousa, Instituto Português do Património Cultural e Direcção-Geral das Florestas. Folheto.

Steimer-Herbet, T. (2018) Indonesian megaliths: a forgotten cultural heritage. Archaeopress. Oxford: 102p.

Steimer-Herbet, T & Zuobee, A. (2014) Megalithic tombs in Ain Dakkar (East Jaulan): survey report. Akkadica, 135. Centre Assyriologique Georges Dossin: 197-212.

Stockler, C. (2000) Reflexões sobre a ocupação humana no Douro Litoral. Almadan, 9 (2ª série). Centro de Arqueologia de Almada. Almada: 79-93.

Stockler, C. & Varela, J. M. (1995) Novas escavações arqueológicas na serra da Aboboreira. Trabalhos de Antropologia e Etnologia, 35 (4). Porto: 119-149.

Sutiagina, N. (2015) Some remarks to chinese cultural influences on the constructions of the Xiongnu elite tombs. In The Topical Issues of Archaeology and Ethnology od Central Asia: the materials of International Scientific, Ulan-Ude, 2015. Irkutsk: 303-313.

Tavares da Silva, C. & Soares, J. (1981) Pré-História da Área de Sines. Gabinete da Área de Sines. Lisboa: 230 p.

Tavares da Silva, C. & Soares J. (2003) Contribuição para o estudo do megalitismo do Alentejo Litoral: a sepultura do Marco Branco (Santiago do Cacém). O Arqueólogo Português, 1, 4ª série. Museu Nacional de Arqueologia. Lisboa: 63-88.

Tavares da Silva, C. & Soares J. (2014) O habitat do Neolítico Antigo do Casal da Cerca (Palmela). Setúbal Arqueológica, 15. Museu de Arqueologai e Etnografia do Distritp de Setúbal. Setúbal: 61-104.

Tavares da Silva, C. (1987) Megalitismo do Alentejo Ocidental e do Sul do Baixo Alentejo. El Megalitismo en la Peninsula Ibérica. Ministério de Cultura. Madrid: 85-93.

Tavares, A. (2014) Património cultural: gestão e programação à escala municipal. Uma proposta para o município de Mangualde, contributo para o desenvolvimento local. Arqueohoje. Viseu: 227 p.

Tejedor Rodríguez, C. (2008) El monumento en el tiempo: planteamiento teórico y metodológico para el análisis de las reutilizaciones megalíticas. I Jornadas de Jóvenes en Investigación Arqueológica: dialogando con la cultura material. Universidad Complutense de Madrid. Madrid: 441-448.

Telles, G. Ribeiro (1994) Paisagem global. In Paisagem. Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano. Lisboa: 29-43.

Theunissen, L. (s/d) Burial practices in the south of the Low Countries: the symbolic meaning of the Bronze Age barrow. In Archaeology of burial mounds, ed. Ladislav Smejda. Consultado em https://www.academia.edu/19654722/Burial_practices_in_the_south_of_the_Low_Countries_the_symbolic_meaning_of_the_Bronze_Age_barrow

Tomé, V. (2003) Associação do Alto Tejo alerta: atenção ao Património. Reconquista, 3 de outubro. Castelo Branco: 23.

Towhig, E. S. (1981) The megalithic art of western Europe. Clarendon Press. Oxford.

Towhig, E. S. (1981b) A pedra decorada de Ardegães de Águas Santas (concelho da Maia). Arqueologia, 3. Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. Porto: 49-55.

Trifonov, V. (2009). Dolmens in the Zhane river valley (in Russian). Consultado em: https://www.academia.edu/2771659/Dolmens_in_the_Zhane_river_valley_in_Russian_

Trifonov, V. (2013) What distinguishes Caucasian megaliths from European ones? Counterpoint: Essays in Archaeology and Heritage Studies in Honour of Professor Kristian Kristiansen, edited by Sophie Bergerbrant & Serena Sabatini. BAR International Series 2508. Oxford: 321-328.

Tsonev, L.; Kolev, D. (2013) Megalithic structures and dolmen orientation in Bulgaria. Archaeoastronomy and Anciente Technologies, 1(2): 55-84. www.aaatec.org

Uerpmann, M. (1995) A indústria de pedra lascada do Zambujal: alguns resultados. Trabalhos de Arqueologia, 7. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa: 37-43.

Valera, A. C. (1995) O habitat da Malhada (Fornos de Algodres - Guarda). Uma análise preliminar no contexto do povoamento local durante o III milénio A.C. Estudos Pré-Históricos, 3. Viseu: 121-139.

Valera, A. C. (2006) Do Neolítico Inicial ao Final da Idade do Bronze no Interior Centro de Portugal. Arkeos, 21. Centro de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo. Tomar: 140 p.

Valera, A. C. (2012) Ditches, pits and hypogea: new data and new problems in South Portugal Late Neoolithic and Chalcolithic practices. Funerary practices in the Iberian Peninsula from the Mesolithic to the Chalcolithic. BAR (British Archaeological Reports) International, Series 2417, edited by J. Gibaja, A. Carvalho & P. Chambon. Oxford: 103-112.

Valera, A. C.; Godinho, R; Calvo, E.; Moro Berraquero, F. J.; Filipe, V; Santos, H. (2014) O mundo em negativo fossos, fossas e hipogeus entre o Neolítico Final e a Idade do Bronze na margem esquerda do Guadiana (Brinches, Serpa). Actas do 4º Colóquio de Arqueologia do Alqueva. Memórias d´Odiana (2ª série). EDIA. Beja: 55-73.

Vasconcelos, H. (1995) Eucaliptos destroem passado. Diário de Notícias, 17 de Janeiro. Lisboa: 34.

Vasconcelos, H. (2000) Eucaliptização destrói monumentos: defensores do ambiente da zona de Vila Velha de Ródão denunciam agressões irrecuperáveis. Diário de Notícias, 20 de Dezembro. Lisboa: 25.

Vasconcelos, J. L. (1897) Religiões da Lusitania, 1. Imprensa Nacional. Lisboa: 440 p.

Vasconcelos, J. L. (1910) Esculpturas prehistoricas do Museu Ethnologico Português. O Archeologo Português, 15. Lisboa: 31-39.

Vasconcelos, J. L. (1917) Pela Beira. O Archeologo Português, 22 (1ª série). Lisboa: 293-344.

Vasconcelos, J. L. (1918) Antigualhas da Beira. O Archeologo Português, 23 (1ª série). Lisboa.

Veiga, S. E. da (1887) Antiguidades Monumentais do Algarve: Tempos Prehistoricos, 2. Lisboa.

Veigas, M.; Vila-Viçosa, C.; Mendes, P.; Pinto-Gomes, C. (2010) Originalidades do coberto vegetal do Alto Tejo. Açafa on-line, 3. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão: 22 p. http://www.altotejo.org/acafa/docsn3/Originalidades_Coberto_Vegetal_Alto_Tejo.pdf

Viana, A. & Deus, A. Dias de (1958) Campos de urnas do concelho de Elvas (Paço Ducal de Vila Viçosa - materiais da secção arqueológica). Separata de O Instituto, 118. Coimbra: 61 p.

Viana, A. (1955) A "Cova da Moura". Actas do III Congreso Arqueológico Nacional. Zaragoza: 481-497.

Vieira, A. M. F. (2015) Contributo para o estudo dos vestígios arqueológicos do VI ao I milénio a.C. - Paisagens e memorais na bacia hidrográfica do Douro. Dissertação de doutoramento em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: 663 p. https://www.academia.edu/21834694/Contributo_para_o_estudo_dos_Vest%C3%ADgios_Arqueol%C3%B3gicos_-_do_VI_ao_I_mil%C3%A9nio_a.C._Paisagens_e_Mem%C3%B3rias_na_Bacia_Hidrogr%C3%A1fica_do_Douro._Doutoramento_em_Arqueologia_pela_Faculdade_de_Letras_da_Universidade_do_Porto._Porto_2015 (acedido em abril de 2016).

Vieira, A. (2016) A Arqueologia e a Toponímia: uma abordagem preliminar. Al-madan on line, 21 (1), 2ª série. Centro de Arqueologia de Alamda. Almada: 87-94.

Vilaça, R. & Basílio, L. (2000) Contributo para a caracterização arqueológica da I Idade do Ferro da Beira Interior: cerâmicas a torno da Cachouça (Idanha-a-Nova). Al-madan, 9 (2ª série). Almada: 39-47.

Vilaça, R. & Cristóvão, E. (1995) Povoado pré-histórico de Monte do Trigo (Idanha-a-Nova). Estudos Pré-Históricos, 3. Viseu: 201-211.

Vilaça, R. & Gabriel, S. (1999) Nótula sobre um machado de apêndices encontrado em Vale Branquinho (Sobral do Campo, Castelo Branco), Revista Portuguesa de Arqueologia, 2 (1). Instituto Português de Arqueologia. Lisboa: 127-142.

Vilaça, R. (1986) A mamoa da Mama do Furo (Figueira da Foz). Trabalhos de Antropologia e Etnologia, 26 (1-4). Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. Porto: 95-119.

Vilaça, R. (1986b) Arte megalítica. História da Arte em Portugal, Alfa, 1. Lisboa: 23-29.

Vilaça, R. (1991) O povoado pré-histórico do Ramalhão (Penamacor). Resultados das escavações de 1988-1989. Conimbriga, 28. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra. Coimbra: 5-32.

Vilaça, R. (1993) A ocupação neocalcolítica do Monte do Frade (Penamacor). Actas da 3ª Reunião do Quaternário Ibérico. Coimbra: 499-511.

Vilaça, R. (1995) Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze, 2 vol. Trabalhos de Arqueologia, 9. Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico. Lisboa: 487 p.

Vilaça, R. (1995b) A Idade do Bronze na Beira Baixa. A Idade do Bronze em Portugal: discursos de poder. Secretaria de Estado da Cultura. Lisboa: 127-129.

Vilaça, R. (1995c) O povoado da Moreirinha. A Idade do Bronze em Portugal: discursos de poder. Secretaria de Estado da Cultura. Lisboa: 46.

Vilaça, R. (1995d) O povoado dos Alegrios. A Idade do Bronze em Portugal: discursos de poder. Secretaria de Estado da Cultura. Lisboa: 57.

Vilaça, R. (1997) Uma nova leitura para o Monte do Frade (Penamacor). Conimbriga, 36. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra. Coimbra: 27-44.

Vilaça, R. (2000) Registos e Leituras da Pré-História Recente e da Proto-História Antiga da Beira Interior. Pré-História Recente da Península Ibérica. Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, 4. Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular. Porto: 161-182.

Vilaça, R. (2004) O Monte de São Martinho na Idade do Bronze. In Arqueologia: colecções de Francisco Tavares Proença Júnior. Instituto Português de Museus. Castelo Branco: 54-61.

Vilaça, R. (2007) A Cachouça (Idanha-a-Nova, Castelo Branco) Construção e organização de um caso singular de Inícios do I Milénio a. C. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular. Faro: 67-75.

Vilaça, R. (2007a) Depósitos de bronze do território português: um debate em aberto. Conimbriga, anexo 5. Instituto de Arqueologia. Coimbra: 148 p.

Vilaça, R. (2008a) Através das Beiras, Pré-História e Proto-História. Palimage. Coimbra: 244 p.

Vilaça, R. (2008b) The Chalcolithic in Beira Interior (Central Portugal): data and problems. In Bueno-Ramirez, P., Barroso-Bermejo, R., Balbín-Berhmann, R., coord., Graphical Markers and Megalith Builders in the International Tagus, Iberian Península. British Archaeological Reports. BAR International Series 1765. Oxford: 157-170.

Vilaça, R. (2016) Reler Tavares de Proença, revisitar os territórios, reavaliar os dados: da Pré à Proto-História In Raquel Vilaça, coord., Actas do 2º Congresso Internacional de Arqueologia na região de Castelo Branco (10-12 de Abril de 2015). Município de Castelo Branco e Sociedade dos Amigos do Museu Francisco Tavares Proença Júnior. Castelo Branco: 61-77.

Vilaça, R. coord. (2011) Estelas e estátuas-menires da Pré e Proto-história. *IV Jornadas Raianas.* Sabugal: 448 p.

Vilaça, R.; Cruz, D. J.; Gonçalves, A. A. H. B. (1999b) A necrópole de Tanchoal dos Patudos (Alpiarça, Santarém). Conimbriga, 38. Instituto de Arqueologia. Coimbra: 5-29.

Vilaça, R.; Marques, J. N. & Correia, M. (1999) Resultados de uma sondagem arqueológica realizada em S. Gens (Idanha-a-Nova). Estudos Pré-históricos, 7. Viseu: 259-269.

Vilaça, R.; Santos, A. T.; Marques, J. N. (2004) O Monte de São Martinho na Idade do Bronze. In Arqueologia: colecções de Francisco Tavares Proença Júnior. Instituto Português de Museus. Castelo Branco: 159-166.

Vilaça, R.; Santos, A.; Porfírio, E.; Marques, J. & Canas, N. (1998) Lugares e Caminhos no Mundo Pré-Romano da Beira Interior. *Cadernos de Geografia*, 17. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra: 35-42.

Villoch Vázquez, V. (2001) El emplazamiento tumular como estrategia de configuración del espacio social: Galicia en la Prehistoria Reciente. Complutum, 12. Universidad Complutense de Madrid. Madrid: 33-49.

Walthall, J. (1979) Hopewell and de southern Heartland. Hopewell Archaeology. Kent State University Press:

200-208. Consultado em http://www.academia.edu/8507632/Hopewell_and_the_Southern_Heartland._In_Hopewell_Archaeology_edited_by_D.S._Brose_and_N.M.B._Greber_pp._200-208._1979_Kent_State_University_Press

Zbyszewski, G.; Ferreira, O. da Veiga; Leitão, M.; North, C. T. (1977) Descoberta de inculturas com a figura humana estilizada na região de Brotas (Mora). O Penedo de Almoinha. Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, 61. Lisboa: 33-41.

Manuscritos

Proença Jr, F. T. (1904) Apontamentos. Manuscrito inédito que integra a colecção do Museu Francisco Tavares de Proença Júnior com a cota CMFTPJ-E10.

Proença Jr, F. T. (1905a) Antas portuguesas: collecção de apontamentos para um trabalho sobre o assumpto. Manuscrito inédito, datado de 28 de Junho, que integra a colecção do Museu Francisco Tavares de Proença Júnior com a cota CMFTPJ-E17.

Proença Jr, F. T. (1905b) Caderno nº 1: monumentos megalithicos. Manuscrito inédito, datado de 28 de Junho, que integra a colecção do Museu Francisco Tavares de Proença Júnior com a cota CMFTPJ-E4.

Proença Jr, F. T. (1906a) Antas do districto de Castello Branco. Manuscrito inédito que integra a colecção do Museu Francisco Tavares de Proença Júnior com a cota CMFTPJ-E12.

Proença Jr, F. T. (1907a) A propposito da attribuição dos dolmenes ao Periodo Metálico. Manuscrito inédito, datado de 14 de Dezembro, que integra a colecção do Museu Francisco Tavares de Proença Júnior com a cota CMFTPJ-E11.

Proença Jr, F. T. (1907b) A civilização megalithica no districto de Castello Branco: primeira contribuição para o seu estudo. Manuscrito inédito, datado de 12 de Setembro, que integra a colecção do Museu Francisco Tavares de Proença Júnior com a cota CMFTPJ-A8.

Proença Jr, F. T. (1907c) Indice nº 1 – Notações e dados iconográficos respeitantes às antas do districto de C. Branco. Manuscrito inédito que integra a colecção do Museu Francisco Tavares de Proença Júnior com a cota CMFTPJ-E2.

Proença Jr, F. T. (1908a) Instrumentos polidos. Manuscrito inédito que integra a colecção do Museu Francisco Tavares de Proença Júnior com a cota CMFTPJ-A5(1-7).

Relatórios

Canha, A. & Henriques, F. (2011) Relatório do Descritor Património Cultural do Estudo de Impacte Ambiental da Linha de Muito Alta Tensão a 400 kV entre a AH do Alvito e a Subestação da Falagueira. Elaborado por Zephyros Lda para WS Atkins Portugal.

Caninas, J. & Carvalho, L. (2007) Relatório do acompanhamento arqueológico da construção do Parque Eólico de Alvélos / Mata de Álvaro e ligação Eléctrica Alvélos – Corgas (Oleiros – Castelo Branco). Proc.º IPA 2002/1 (518).

Caninas, J. & Henriques, F. (1984) Relatório técnico e financeiro da escavação do monumento megalítico do Farranhão – Vila Velha de Ródão – 1983. Núcleo Regional de Investigação Arqueológica. Inédito.

Caninas, J. & Henriques, F. (1988a) Proposta de classificação como valor concelhio nº 2: mamoa de Alteza. Núcleo Regional de Investigação Arqueológica. Vila Velha de Ródão: 5 p.

Caninas, J. C. & Henriques, F. (1988b) Proposta de classificação como valor concelhio nº 3: mamoa de Peroledo. Núcleo Regional de Investigação Arqueológica. Vila Velha de Ródão: 5 p.

Caninas, J. C. & Henriques, F. (1988c) Proposta de classificação como valor concelhio nº 4: anta de Santo Amaro. Núcleo Regional de Investigação Arqueológica. Vila Velha de Ródão: 5 p.

Caninas, J. & Henriques, F. (1988d) Proposta de classificação como valor concelhio nº 5: anta do Campo. Núcleo Regional de Investigação Arqueológica. Vila Velha de Ródão: 5 p.

Caninas, J. C. & Henriques, F. (1988e) Proposta de classificação como valor concelhio nº 6: anta do Peroledo. Núcleo Regional de Investigação Arqueológica. Vila Velha de Ródão: 5 p.

Caninas, J. & Henriques, F. (2000) Relatório sobre a avaliação do descritor Património Construído, Arqueológico, Arquitectónico e Etnográfico do Estudo de Impacte Ambiental das Alterações de Traçado do Lanço Castelo Branco/Gardete da Autoestrada SCUT da Beira Interior (Castelo Branco, Vila Velha de Ródão). Elaborado para Impacte Lda. Lisboa.

Caninas, J.; Henriques F.; Sabrosa, A.; Henriques, F. R.; Canha, A.; Monteiro, M.; Batista, Á. & Chambino, M. (2005b) Relatório sobre o Descritor Património Arqueológico, Arquitectónico e Etnológico do Relatório de Conformidade Ambiental do Projecto de Execução (RECAPE) dos Parques Eólicos de Alvélos/Mata do Álvaro e Seladolinho (Oleiros). Elaborado EMERITA Lda para ProSistemas – Consultores de Engenharia, SA. Lisboa.

Caninas, J.; Henriques, F. & Cardoso, J. L. (1998) Relatório da escavação da anta 1 do Poço do Chibo (Alares, Rosmaninhal, Idanha-a-Nova). Projecto ALTEJO - Pré-História Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão.

Caninas, J.; Henriques, F. & Cardoso, J. L. (1999) Relatório da 1ª campanha de escavação do Recinto Lítico 2 do Couto da Espanhola (Rosmaninhal, Idanha-a-Nova). Projecto ALTEJO - Pré-História Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão.

Caninas, J.; Henriques, F. & Cardoso, J. L. (1999b) Relatório da 1ª campanha de escavação da anta do Cabeço da Forca (Rosmaninhal, Idanha-a-Nova). Projecto ALTEJO - Pré-História Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão.

Caninas, J.; Henriques, F. & Cardoso, J. L. (1999c) Relatório da 1ª visita a monumentos megalíticos e outros sítios de interesse arqueológico do concelho de Vila Velha de Ródão. Projecto ALTEJO - Pré-História

Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão.

Caninas, J.; Henriques, F. & Cardoso, J. L. (2003) Relatório da 2ª campanha de escavação do Recinto Lítico 2 do Couto da Espanhola (Rosmaninhal, Idanha-a-Nova). Projecto ALTEJO - Pré-História Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão.

Caninas, J.; Henriques, F. & Sabrosa, A. (2006) Relatório sobre o Descritor Património Arqueológico, Arquitectónico e Etnológico do Estudo de Impacte Ambiental do Projecto de Alteamento do Aproveitamento Hidroeléctrico da Barroca (Fundão). Elaborado por EMERITA para ProSistemas. Lisboa.

Cardoso, J. L. (2003b) Relatório das escavações realizadas na anta 1 do Amieiro em Setembro de 2000 (Idanha-a-Nova). Projecto de investigação "Altejo - Pré-História Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português, AEAT.

Cardoso, J. L. (2003c) Relatório das escavações realizadas em Setembro de 2000 na anta 9 do Amieiro. Projecto de investigação "Altejo - Pré-História Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português, AEAT.

Cardoso, J. L., Caninas, J. C. & Henriques, F. (1998c) Relatório da escavação da anta 5 do Amieiro. Projecto de investigação "Altejo - Pré-História Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português, AEAT.

Cardoso, J. L., Caninas, J. C. & Henriques, F. (1999) Relatório da campanha de escavação realizada em Setembro de 1999 na anta 8 do Amieiro. Projecto de investigação "Altejo - Pré-História Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português, AEAT.

Carvalho, L.; Henriques, F. & Caninas, J. (2007) Relatório Preliminar sobre o Descritor Património Arqueológico, Arquitectónico e Etnográfico do Estudo de Incidências Ambientais do Parque Eólico de Mougueiras (Oleiros). EMERITA Lda.

Chaves, C.; Henriques, F. & Chambino, M. (2010) Relatório dos Trabalhos de Acompanhamento Arqueológico da Construção da Subestação e da Linha de Transporte de Energia do Parque Eólico da Gardunha (Fundão, Castelo Branco). Elaborado por EMERITA Lda para GENERG SA.

Fernandes, L.; Carvalho, E. & Julião, T. (s/d) Levantamento Arqueológico da Reserva Natural da Serra da Malcata. Relatório policopiado, 2 vols.

Henriques, F. & Mendes, C. (2013) Relatório dos trabalhos arqueológicos de caracterização da situação de referência da área de incidência do projecto de arborização da Sociedade Agrícola – Casa Pinto Cardoso (Vila Velha de Ródão). Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão: 28 p.

Henriques, F. (2016) Relatório das prospecções arqueológicas executadas em 2014-2015. Projecto Mesopotamos. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão: 58p.

Henriques, F. Robles; Sabrosa, A.; Batista, Á. & Chambino, M. (2005) Relatório de Caracterização do Descritor Património do Estudo de Impacte Ambiental do Estudo Prévio do Parque Eólico do Zibreiro (Serra da Gardunha), elaborado por EMERITA Lda para Ecossistema Lda.

Henriques, F. *et al.* (1984) Relatório da campanha arqueológica realizada pelo Núcleo Regional de Investigação Arqueológica de 19 a 25 de Abril de 1984 na freguesia de Fratel. Vila Velha de Ródão. Inédito.

Henriques, F.; Caninas, J. & Cardoso, J. L. (1998) Relatório de Trabalhos de Cartografia Arqueológica no Concelho de Idanha-a-Nova. Projecto ALTEJO - Pré-História Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão.

Henriques, F.; Caninas, J. & Cardoso, J. L. (2003) Relatório de Trabalhos de Cartografia Arqueológica nos Concelhos de Idanha-a-Nova, Castelo Branco, Vila Velha de Ródão e Nisa. Projecto ALTEJO - Pré-História Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão.

Henriques, F.; Caninas, J. C. & Cardoso, J. L. (1999b) Relatório dos Trabalhos de Cartografia Arqueológica nos Concelhos de Proença-a-Nova, Castelo Branco e Idanha-a-Nova. Projecto ALTEJO - Pré-História Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão.

Henriques, F.; Caninas, J. C. & Cardoso, J. L. (2001) Relatório dos Trabalhos de Cartografia Arqueológica nos Concelhos de Idanha-a-Nova, Castelo Branco, Vila Velha de Ródão e Nisa em 2000-2001. Projecto ALTEJO - Pré-História Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão.

Henriques, F.; Caninas, J. C. & Chambino, M. (2009) Relatório dos Trabalhos de Cartografia Arqueológica da Área dos Concelhos de Castelo Branco e Idanha-A-Nova. Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão.

Henriques, F.; Caninas, J. C. & Chambino, M. L. (2004) Relatório dos trabalhos de cartografia arqueológica no concelho de Idanha-a-Nova. Projecto Altejo - Pré-história Recente na Margem Direita do Alto Tejo Tortuguês. Associação de Estudos do Alto Tejo). Vila Velha de Ródão.

Monteiro, M. & Henriques, F. (2008) Relatório sobre a Avaliação do Descritor Património Arqueológico, Arquitectónico e Etnológico do Estudo de Impacte Ambiental em Fase de Estudo Prévio do Projecto IP2-IP6 (A23) / Portalegre / IP7 (A6). Elaborado por EMERITA Lda para Ecoserviços Lda. Lisboa.

Monteiro, M.; Caninas, J.; Mendes, C. (2012) Relatório dos trabalhos arqueológicos de caracterização da situação de referência da área de incidência de projecto de arborização integrado no Plano de Gestão Florestal de Cabeça d'Ega (Vila Velha de Ródão). Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão: 19 p.

Pereira da Silva, F. A. (1987) Escavação da mamoa 1 da Charneca (Fratel, Vila Velha de Ródão) - 1987. Relatório. Oliveira de Azeméis: 28 p.

Serrão, V. & Serrão, E. da C. (s/d) Ensaio de enquadramento arqueológico do complexo de arte do Tejo. Capítulo 2 do relatório de levantamento da arte rupestre do Tejo, enviado à Fundação Calouste Gulbenkian. Documento inédito dactilografado gentilmente cedido por Vitor Serrão.

Teses (não publicadas)

Anacleto, C. Gil (2017) A arqueologia empresarial e a sua contribuição para a investigação arqueológica: um estudo na Beira Baixa. Relatório de estágio de Mestrado em Arqueologia. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa: 60p.

Boaventura, R. (2009) As antas e o Megalitismo da região de Lisboa. Tese de doutoramento. Faculdade de Letras da Univeridade de Lisboa. Lisboa: 2 volumes.

Calado, M. (2004) Menires do Alentejo Central: génese e evolução da paisagem megalítica regional. Disponível em: https://www.academia.edu/11772665/Menires_do_Alentejo_Central_Vol._1_ https://www.academia.edu/17247140/Menires_do_Alentejo_Central_g%C3%A9nese_e_evolu%C3%A7%C3%A3o_da_paisagem_megal%C3%ADtica_regional._Vol._2 https://www.academia.edu/17273993/Menires_do_Alentejo_Central_g%C3%A9nese_e_evolu%C3%A7%C3%A3o_da_paisagem_megal%C3%ADtica_regional

Caninas, J. (2012) As construções funerárias da Pré-História Recente na região de Castelo Branco no contexto da Carta Arqueológica regional. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letrs da Universidade do Porto. Porto: 287 p.

Cruz, D. (2001) O Alto Paiva: megalitismo, diversidade tumular e práticas rituais durante a Pré-História Recente. Dissertação de doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Galego, S. P. E. (2007) Abordagem arquitectónica às mamoas do Norte de Portugal. Seminário de Projecto da Licenciatura em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: 253 p.

Garcês, S. (2017). Cervídeos: Símbolos e Sociedade nos Primórdios da Agricultura no Vale do Tejo. Tese de Doutoramento. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. 3vols.

Gomes, M. V. (2010) Arte Rupestre do Vale do Tejo. Um Ciclo Artístico-Cultural Pré e Proto-Histórico. Dissertação de Doutoramento. Universidade Nova de Lisboa. Inédito.

Gonzalez Cordero, A. (2011) La Edad del Cobre en La Alta Extremadura. Asentamientos y organización del território. Tese de doutoramento. Universidad de Extremadura. Cáceres: 2 vols.

Jorge, V. O. (1982) Megalitismo do Norte de Portugal: o distrito do Porto. Os monumentos e a sua problemática no contexto europeu, 1 (texto) Dissertação de doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: 957p.

Miret, J. (2015) Hoyos, silos y otras cosas: catálogo de estructuras prehistóricas. 360 p. https://www.academia.edu/12613761/Hoyos_silos_y_otras_cosas._Cat%C3%A1logo_de_estructuras_prehist%C3%B3ricas_de_Europa

Monteiro-Henriques, T. (2010) Fitossociologia e paisagem da bacia hidrográfica do rio Paiva e das bacias contíguas da margem esquerda do rio Douro, desde o Paiva ao rio Tedo (Portugal). Tese de doutoramento. Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa: 306 p.

Parreira, R. (1996) O conjunto megalítico do Crato (Alto Alentejo). Contribuição para o registo das antas portuguesas. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Rocha, L. (2005) As origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno. Tese de doutoramento policopiada. Faculdade de Letras de Lisboa. Lisboa.

Websites

Açafa on line: http://www.altotejo.org/acafa/acafa_n4.html

Arquivo Leisner: http://www.patrimoniocultural.pt/pt/recursos/arquivos-dgpc/arquivo-leiser/

Associação de Estudos do Alto Tejo: www.altotejo.org

Atlas do Ambiente: www.apambiente.pt

Campo Arqueológico de Proença-a-Nova: http://archaeologicalfieldcamps-portugal.pt

Geoparque Naturtejo: www.naturtejo.com

Guia de Portugal: www.guiadeportugal.pt

http://www.ricardocosta.com

Instituto da Conservação das Natureza e das Florestas: http://www.icnf.pt

Índice das figuras

Capítulo 1

Figura 1.1. Localização da área de estudo sobre modelo digital do território da Península Ibérica (fonte: http://www.ricardocosta.com), sobre modelo digital do terreno local (cortesia de Hugo Pires), sobre mapa hipsométrico de Portugal Continental (http://www.guiadeportugal.pt), geral e ampliado com os limites entre os cinco municípios da Comunidade Intermunicipal da Beira Baixa.

Capítulo 2

Figura 2.1. Da esquerda para a direita e de cima para baixo: (A) na figura da esquerda, o relevo da Península Ibérica (Ribeiro *et al.,* 1987: 33); (B) na figura da direita, as divisões geográficas de Portugal Continental (Ribeiro, 1986: 188-189). O tracejado grosso indica a divisão entre Norte e Sul. Unidades de paisagem: 7 – Cordilheira Central; 16 – Beira Baixa; (C) mapa hipsométrico onde se assinalam os principais relevos e linhas de água (representação parcial da fonte: www.guiadeportugal.pt); (D) esboço morfológico da Beira Baixa (Ribeiro *et al.*, 1987: 239). 1 – Cordilheira Central; 6– Superfície de Castelo Branco; 7– Superfície do Alto Alentejo. A linha vermelha delimita a área de estudo.

Figura 2.2. Da esquerda para a direita e de cima para baixo: (A) extracto do mapa de precipitação do continente – quantidade total – valores médios anuais de 1931 a 1960; (B) extracto do mapa de temperatura média diária do ar no continente - valores médios anuais de 1931 a 1960. Informação disponível em Atlas do Ambiente, 1975, www.apambiente.pt. As linhas azul ou vermelha delimitam o distrito de Castelo Branco; (C) termotipos do Alto Tejo segundo Monteiro-Henriques (2010), in Veigas *et al* (2010); (D) ombrotipos do Alto Tejo segundo Monteiro-Henriques (2010), in Veigas *et al* (2010); (E) tipos de inverno: *muito frio*, a negro, *frio*, a reticulado, e *fresco*, a traço vertical estreito (fonte: Ribeiro *et al.*, 1988: 435); (F) tipos de verão: *muito quente*, a reticulado, *quente*, a traço oblíquo estreito, *moderado*, a traço oblíquo largo, e *fresco*, a ponteado (fonte: Ribeiro *et al.*, 1988: 442).

Figura 2.3. Da esquerda para a direita e de cima para baixo (as linhas azul ou vermelha delimitam o distrito de Castelo Branco): (A) extracto da carta ecológica – fito-edafo-climática – do território continental (Atlas do Ambiente, 1984, disponível em www.apambiente.pt). A zona fitoclimática submediterrânea está representada com cor laranja, a cor rosa a zona submediterrânea – ibero-mediterrânea e a cor rosa claro a zona ibero-mediterrânea. As restantes cores indicam transições para as influências atlânticas com a cor castanha escura a indicar zona subatlântica; (B) extracto da carta geológica do território continental (LNEG Laboratório de Geologia e Minas, 2010); (C) extracto da carta litológica do território continental (Atlas do Ambiente, 1982, disponível em www.apambiente.pt). Formações: metamórficas (verde e branco riscado), eruptivas (azul) e sedimentares (amarelo ponteado); (D) extracto da carta dos solos do território continental (Atlas do Ambiente, 1978, disponível em www.apambiente.pt). Os litossolos estão representados a cor amarela, os luvissolos a cor roxa, e os restantes em tons castanhos são cambissolos.

Capítulo 3

Figura 3.1. À esquerda, distribuição de antas e túmulos (2), machados (3), estações neolíticas (4) e cumulativo (1), por localidades, segundo Proença Jr (1910), projectada sobre mapa hipsométrico. À direita, a mesma distribuição sobre mapa (Silbert, 1978) com a delimitação de terras agricultadas, incultas e mistas (fonte: Caninas, 2012).

Figura 3.2. À esquerda, distribuição de castros (■) e machados de bronze (m) no distrito de Castelo Branco segundo Proença Jr (1910). À direita, reprodução da Carta Arqueológica do Distrito de Castelo Branco (Proença Jr) sobre a qual se assinalam as linhas de concentração de ocorrências.

Figura 3.3. Adaptação sobre mapa hipsométrico da distribuição de sepulturas megalíticos e topónimos no distrito de Castelo Branco, segundo Leisner (1998).

Figura 3.4. Distribuição no distrito de Castelo Branco de monumentos megalíticos (círculos azuis), grafismos rupestres losangos brancos), sítios de *habitat* e outros (quadrado verde) e achados isolados (triângulos vermelhos), segundo base de dados Endovélico (Fonte: IGESPAR, Agosto de 2011) sobre mapa hipsométrico (Fonte: Caninas, 2012).

Figura 3.5. Escavações em sepulturas no distrito de Castelo Branco, diferenciadas por fases, sobre mapa hipsométrico. *Quadrados*: F. Tavares de Proença Jr (incluindo escavação de F. Alves Pereira); *triângulos*: O. da Veiga Ferreira; *circunferências*: trabalhos posteriores a 1983. O ponto de interrogação assinala quantidades e/ou localizações indeterminadas.

Capítulo 5

Figura 5.1. Plantas de antas em manuscrito de Proença Júnior (Fonte: MFTPJr).

Figura 5.2. Fotografias da anta da Urgueira tiradas por Francisco Tavares de Proença Júnior (MFTPJr; Ferreira, 2004: 30 e 248).

Figura 5.3. Documentação gráfica relativa a antas de Proença-a-Nova publicada por Georg e Vera Leisner.

Figura 5.4. Espólio lítico (lamela, lâminas, geométricos, pontas de seta, machado, percutor, contas de colar e fragmento de placa gravada) recolhido por FTPJr na escavação da necrópole do Ponsul (Ferreira, 2004: 142-149).

Figura 5.5. Plantas de antas da necrópole do Ponsul em manuscrito de Proença Júnior (Fonte: MFTPJr).

Figura 5.6. Documentação gráfica relativa a antas de Idanha-a-Nova.

Figura 5.7. Espólio da anta do Salgueiro e da Anta Grande de Medelím (Leisner, 1998: estampa 72).

Figura 5.8. Espólios e plantas da Anta Pequena de Medelím, das antas da Barragem Marechal Carmona 1 e 2, das antas do Chão do Braz, da Horta da Serra 2, do Chão da Forca, de Caféde 1 e 2 e de Alcafozes (Leisner, 1998: estampa 73).

Figura 5.9. Espólios e plantas das antas de Ferreirinhos, da Granja de São Pedro e do Ponsul 1, 2 e 4 (Leisner, 1998: estampa 74).

Figura 5.10. Espólio da anta do Ponsul 6 e espólio de Idanha-a-Nova de origem não determinada (Leisner, 1998: estampa 75).

Figura 5.11. Menires e estelas (indica-se altura total ou visível). Castelo Branco: (1) estela-menir de São Martinho, 207cm (Gomes & Monteiro, 1978). Fundão: (2) estela-menir de Corgas, 280cm (Banha *et al.,* 2009); (3) estela-menir de Telhado, 267cm (Trebaruna-Boletim Informativo, 1, 2012: 3). Idanha-a-Nova: (4) esteio-menir da anta do Torrãozinho 1, 210cm (AEAT); (5) menir da anta da Granja de São Pedro (Cardoso, 2008a); (6) bétilo da anta do Tremal 2, 55cm (Henriques *et al*., 1993); (7) bétilo de Rosmaninhal (AEAT); (8) menir-dormente de Cegonhas, 57cm (Cardoso et al., 1995); (9) menir do Arraial do Cabeço Mouro, 50cm (Henriques et al., 1993); (10) esteio-estela da anta do Cabeço da Forca, 100cm (AEAT); (11) esteio-estela da anta do Poço do Chibo, 100cm (AEAT); (12) menir do recinto 1 do Couto da Espanhola; (13) estela epigrafada no Castelo de Castelo Mendo (fotografia de F. Henriques); (14) estela diademada de Zebros, 27,5cm (Cardoso, 2011a, 2011b); (15) estela do Poço do Chibo, 65cm (Cardoso *et al.,* 2003); (16) estela de guerreiro de Zebros, 50cm (Henriques *et al.,* 2012).

Figura 5.12. Distribuição das ocorrências assinaladas na tabela 5.1.

Figura 5.13. (1) À esquerda, distribuição dos sítios de *habitat* citados no texto e identificados na Tabela 5.2 com o mesmo número de ordem: 1 Cabeço da Malhoeira; 2 Castelo de Penamacor; 3 Ramalhão; 4 Monte do Frade; 5 Pedrichas; 6 Cachouça; 7 Monte do Trigo; 8 Cabeço Pelado; 9 Azenha de Valjuge; 10 Casal das Águas de Verão; 11 Barrocal; 12 São Roque; 13 Fonte Ferrenha; 14 Ovelheiros; 15 Monte do Ribeiro do Gato; 16 Atalaia; 17 Monte do Pinhal, Serranos e Cabeça d´Ega; 18 Monte do Chaparral; 19 Monte da Charneca; 20 Charneca de Janome; 21 Charneca de Fratel; 22 Cabeço da Velha; 23 Monte de São Martinho; 24 Lameira de Caria. (2) À direita, distribuição de ocorrências do mesmo tipo registadas no Endovelico (segundo dados de 2011). (3) Sítios da Pré-História no Rosmaninhal, Idanha-a-Nova, com locais de *habitat* assinalados com manchas castanhas (Henriques & Caninas, 2009b). (4) Em baixo à direita, ocupações pré-históricas de altura (Henriques *et al.,* 2016b): 1 Castelo da Amêndoa; 2 Castelo do Santo; 3 Castelo Velho da Zimbreira; 4 Castelo Velho de Vale de Grou; 5 Castelo Velho do Caratão; 6

Castelejo de Gardete; 7 Orvalho; 8 Portelo; 9 Picoto; 10 Catraia Cimeira; 11 Chão de Galego; 12 Portas de Ródão; 13 Galiana; 14 São Miguel; 15 Monte de São Martinho; 16 Alegrios e Moreinha; 17 Monsanto; 18 Castelo de Idanha-a-Nova;19 Castelo de Monforte; 20 Castelo da Serra do Carregal; 21 Cabeço dos Mouros; 22 Monte do Trigo; 23 Castelo de Castelo Branco; 24 São Brás.

Figura 5.14. Vistas de alguns sítios de *habitat* citados no texto. Da esquerda para a direta e de cima para baixo: (1) Cabeço da Velha (pequena mesa detrítica da Formação de Falagueira com ocupação do Neolítico Final), (2) Charneca das Vinhas (vista ilustrativa de outra mesa detrítica com ocupação pré-histórica não caracterizada), (3) Charneca de Fratel (muralha do Calcolítico Inicial identificada no bordo de mesa detrítica), (4) Monte do Chaparral (topo de terraço quaternário com ocupação do Neo-Calcolítico) e (5) Monte do Trigo (afloramento granítico com ocupação do Calcolítrico e Bronze Final).

Figura 5.15. Sítio do Couto da Espanhola (Caninas & Henriques, em preparação).

Figura 5.16. Áreas de maior densidade de sítios, desde Proença Jr (A) até ao presente, em Ródão/Proença (B), em Rosmaninhal (C) e em Oleiros (D), sobre mapa de pontos adaptado da carta arqueológica distrital de Proença Jr (1910).

Figura 5.17. Distribuição de sítio de arte rupestre no distrito de Castelo Branco segundo dados do Endovelico - IGESPAR, 2011 (Caninas, 2012).

Figura 5.18. Relação transitiva de representação do ouro na forma de círculo (Henriques & Caninas, 2009b).

Figura 5.19. Exemplos de grafismos referentes à área serrana citados no texto (da esquerda para a direita e de cima para baixo – levantamento / tintagem): Cabeço Rainho, Sertã-Oleiros (seg. Ribeiro *et al.,* 2010); Alto do Pobral, Oleiros (Francisco Henriques & João Caninas / André Pereira), Caninas *et al,* 2004b; Fernão Porco, Oleiros (FH & JC / AP); Fundeiro, Sertã (JC & Armando Sabrosa / AP); Alto do Pobral (FH & JC / AP), Caninas *et al,* 2004b; Maunça, Fundão (FH & JC / AP); Alto do Pobral (FH & JC / AP), Caninas *et al,* 2004b; Zibreiro, Fundão (FH & JC / AP), Henriques *et al,* 2005; Sesmarias 1 e Sesmarias 2, Oleiros (F. Henriques, J. Caninas, A. Sabrosa, M. Monteiro, E. Carvalho, J. L. Monteiro, A. Canha / AS), Caninas *et al,* 2008a; Pedra das Letras, Proença-a-Nova (FH & JC / AP), Henriques *et al,* 2009; Alto do Pobral (FH & JC / AP) Caninas *et al,* 2004b; São Lourenço, Oleiros (FH & JC / AP); Mosteiro, Serra Vermelha, Oleiros (JC).

Figura 5.20. Exemplos de grafismos referentes a espaços fluviais ou planálticos, citados no texto (da esquerda para a direita e de cima para baixo – levantamento / tintagem): Foz do Ribeiro da Enchacana, Idanha-a-Nova (F. Henriques, J. Caninas & M. Chambino/ André Pereira), Henriques *et al.,* 2011; Poço do Chibo (FH & JC / JC), Cardoso *et al.,* 2003; Cubeira, Idanha-a-Nova (JC / JC), Henriques *et al.,* 1998; Senhora das Neves, Castelo Branco (JC), Henriques *et al.,* 1995b; abrigo megalítico com gravuras na Tapada da Foz, Idanha-a-Nova (FH), Henriques *et al.,* 2011; Ribeiro da Malaguarda, Vila Velha de Ródão (CMCD de Vila Velha de Ródão), Henriques *et al.,* 1995b.

Capítulo 6

Figura 6.1. Distribuição geral das sepulturas contantes dos catálogos (Anexo 2 a 6). Em cima, hipsometria simplificada com distribuição de pontos (a azul, sítios confirmados, a rosa, sítios de localização hipotética, a amarelo, sítios de qualificação hipotética, a branco, sobreposições). A figura inferior, sem suporte altimétrico, mostra a distribuição geral das sepulturas dentro dos limites municipais.

Figura 6.2. Modelo digital do terreno (editado por Hugo Pires) no qual se assinalam os limites dos cinco municípios abrangidos pelo estudo.

Figura 6.3. Distribuição altimétrica das sepulturas da área de estudo.

Figura 6.4. Distribuição das sepulturas da bacia hidrográfica do rio Sever (fonte: Oliveira, 1987).

Figura 6.5. Distribuição altitudinal das sepulturas da área de estudo em função da envergadura horizontal da mamoa (diâmetro).

Figura 6.6. Repartição altitudinal da envergadura horizontal das mamoas por classes ou intervalos na área de estudo.

Figura 6.7. Distribuição das sepulturas da área de estudo por suporte geológico.

Figura 6.8. Distribuição das sepulturas da área de estudo em função da morfologia do terreno (quantidades e percentagens aproximadas à unidade).

Figura 6.9. Distribuição de sepulturas em torno da antiga aldeia de Alares (Idanha-a-Nova).

Figura 6.10. Distribuição de sepulturas no Couto da Espanhola (Idanha-a-Nova).

Figura 6.11. Distribuição de sítios da Pré-História e Proto-História no concelho de Nisa e parcialmente em Vila Velha de Ródão segundo Caninas & Henriques (1985: figura 1)

Figura 6.12. Territórios de marcha de 1 hora a partir de cinco sítios de habitat pré-histórico e de dois sítios de *habitat* hipotéticos, no território de Fratel (Caninas *et al.,* 2017: 192)

Figura 6.13. Distribuição altimétrica de sítios em Santiago de Alcântara (Bueno *et al.,* 2016b: 189)

Figura 6.14. Gráficos de dispersão com correlação entre a envergadura vertical e horizontal de câmaras funerárias e mamoas da área de estudo, diferenciadas por sectores.

Figura 6.15. Gráfico de colunas com graus de envergadura das mamoas da área de estudo agregados por sectores (conjuntos da esquerda para a direita: Ródão//Proença, Rosmaninhal e Oleiros).

Figura 6.16. Gráfico de barras com a distribuição percentual das classes de envergadura das mamoas da área de estudo.

Figura 6.17. Gráfico de colunas com graus de envergadura das câmaras da área de estudo agregados por sectores.

Figura 6.18. Orientação de corredores segundo Hoskin & Henriques (1998).

Figura 6.19. Indicação de hipotética entrada na câmara da sepultura da Granja de São Pedro sobre planta de Almeida & Ferreira (1971).

Figura 6.20. Perfis estratigráficos abrangendo sanjas radiais escavadas em sepulturas megalíticas: (A) Cabeço da Anta 1 (2003) direcção sudeste-noroeste (desenho de A. Pereira e tintagem de M. Monteiro); (B) Cimo do Vale de Alvito (2010) direcção sudoeste-nordeste (desenho de A. Pereira e tintagem de M. Monteiro); (C) Cão do Ribeiro (2005) direcção sul-norte (desenho e tintagem de A. Pereira); (D) Charneca das Vinhas (1010) direcção oeste-este (desenho e tintagem de B. Ferreira, in Caninas *et al.,* 2009); (E) Couto da Espanhola 6 (4065) direcção este-oeste (desenho e tintagem de B. Ferreira in Cardoso *et al.,* 1995b).

Figura 6.21. Gráficos de barras com a distribuição de litologias de materiais de construção.

Figura 6.22. Caracterização dos artefactos em quantidade e diversidade de tipos arquitectónicos (A, B, C e D).

Figura 6.23. Caracterização dos artefactos em quantidade e diversidade de tipos, agregados por áreas (primeiro conjunto relativo a Ródão-Proença, segundo conjunto relativo a Idanha-a-Nova e terceiro conjunto relativo a Oleiros).

Figura 6.24. Caracterização dos artefactos em quantidade e diversidade de tipos, agregados por tipos construtivos.

Figura 6.25. Caracterização dos artefactos em quantidade e diversidade de tipos.

Figura 6.26. Distribuição das placas fenestradas (triângulo) e do modelo "Terra da Azinheira" (Caninas & Henriques, 1994; Caninas *et al.,* 2009), assinaladas com quadrado. Os três exemplares situados a nordeste correspondem à anta dos Ferreirinhos e a uma outra anta situada nos arredores de Idanha-a-Nova.

Figura 6.27. Distribuição de artefactos em plantas de monumentos escavados: (A) Urgueira (adaptado de Proença Jr, 1909); (B) Pedra d´Anta (adaptado de Pereira, 1933); (C) Granja de São Pedro (adptado de Almeida & Ferreira, 1971).

Figura 6.28. Distribuição de artefactos em plantas de monumentos escavados: (A) Couto da Espanhola 2 (adaptado de Cardoso *et al.,* 1997a); (B) Charneca das Vinhas (adaptado de Caninas *et al.,* 2009).

Figura 6.29. Distribuição de artefactos em planta da escavação de Cão do Ribeiro (desenho de escavação e tintagem de André Pereira).

Figura 6.30. Distribuição de artefactos em planta do Cabeço d´Ante (inédito, falta editar a planta final de escavação, tintagem de Mário Monteiro).

Figura 6.31. Algumas sequências evolutivas do megalitismo funerário: (1) De 1 para 4, segundo Manuel Heleno (Rocha, 2005: 100). (2) De I para IV e correlação entre os diferentes tipos de artefactos e de sepulturas, no Alentejo Litoral – A e no Sul do Baixo Alentejo – B; a dimensão do círculo é proporcional à frequência dos artefactos (Tavares da Silva, 1987).

Figura 6.32. Extracto da folha 268 da Carta Militar de Portugal na escala 1:25000 com os topónimos Moita e Anta.

Figura 6.32. Exemplos de destruição e de risco na conservação de sepulturas megalíticas.

Figura 6.34. Exemplos de salvaguarda e valorização de sepulturas megalíticas.

Capítulo 7

Figura 7.1. Câmaras dolménicas: (1) Suécia, 4º / 3º milénio AC (Sjogren, s/d); (2) Coreia, 1º milénio AC (crédito: http://whc.unesco.org/en/list/977); (3) Ain Dakar, Síria, Bronze Antigo (Steimer-Herbert & Zuobee, 2014); (4) Grujugan, Indonésia (Steimer-Herbet, 2018); (5) *Dolmen e cairn*, Strandja, Bulgária, 1º milénio AC (Nekhrizov & Agre, 2015); (6) Kuzulkaya Tepesi, Turquia, Calcolítico/Bronze Antigo regional (Ozfirat, 2018).

Figura 7.2. *Tumuli* funerários em diversos continentes: (1) *Kurgan*, Topdaghdaghan, Azerbeijão (Quliyev *et al*., 2015); (2) *Tumulus* sobre sarcófago de madeira em fossa rectangular, Xiongnu, Mongólia (Sutiagina, 2015); (3) *Kurgan*, Hungria (Peto & Barczi, 2011); (4) *Tumulus* e sepultura com corredor, Zorats Karer, Arménia, sécs X-VII AC (Piliposyan, 2016); (5) Jancici-Dubac, Sérvia (Ljustina & Dimitrovic, 2015); (6) Patos, Albânia, talvez 1º milénio AC (Papadopoulos, 2006); (7) *Sak barrow*, Serekty, Casaquistão, sécs VII-V AC (Beisenov, 2014); (8) Darkhad, Mongólia, 2º milénio AC (Bayarsaikhan, 2013); (9) *Kurgan*, Bozkurt, Turquia (Osfirat, 2009); (10) Kuwait Bay, Bronze Antigo/Médio (Rutkowski, 2015); (11) Dilmun Antigo, Bahrain, 2º milénio AC (Laursen, 2010); (12) Oukaimeden, Marrocos, Idade do Bronze (Ruiz-Gálvez *et al.,* 2009); (13) *Tumulus* com "antena", wadi Iser, Líbia (Gauthier & Gauthier, 1999); (14) *Tumulus* com cista, Tunísia, sécs VI-V AC (Kallala *et al.,* 2014); (15) *Tumulus* Kaigang, Brasil, após séc. X (Flores Blanco, 2014; Iriarte *et al,* 2013); (16) *Tumulus* Copena, Alabama, sécs I – V (Walthall, s/d); (17) Saré Diouldé, Senegal (Cros *et al.,* 2013); (18) Oss, Holanda, Bronze Médio e Idade do Ferro (Theunissen, s/d).

Figura 7.3. Exemplos de círculos líticos: (1) Stone circle, Beaghmore, Irlanda (crédito: https://www.alamy.pt/foto-imagem-sperrin-beaghmore-circulos-de-pedra-montanhas-co-tyrone-irlanda-85657083.html); (2) Cromelech pirenaico, Espanha (Peñalver, 2005); (3) Círculos rituais com estelas, Mongólia, 1º milénio AC (Bayarsaikhan, 2012); (4) Círculo lítico com estrutura central, wadi In-Elobu, Líbia (Gauthier & Gauthier, 1999); (5) Cromelech, Dolni Glavanak, Bulgária (Tsonev & Kolev, 2013).

Figura 7.4. Algus exemplos de torres funerárias: (1) Dargavs, Ossétia do Norte - Alânia, séculos XII-XVI (crédito: http://en.wikipedia.org/wiki/DargavsDargavs); (2) Old Dongola, Sudão, séc. XIII (crédito: http://www.inognidove.it/viaggilevi-sudan/travel/old_dongola_sudan1.shtml); (3) Dakhmah (torre de silêncio), Irão, até ao presente (crédito: http://www.jornalciencia.com/conheca-as-torres-do-silencio-o-descanso-final-para-os-zoroastrianos/); (4) Torre de Elahbel, Palmira, Síria, século II, destruída pelo Estado Islâmico (crédito: https://www.google.pt/search?q=torres+funerarias+de+palmira&tbm=isch&source=iu&pf=m&ictx=1&fir=YcbkISeHQ43gWM%253A%252C6ynqthAQlU-FwM%252C_&usg=__Etm9WTQ-

v7PMzU9Y_DHBP7hJ02M%3D&sa=X&ved=0ahUKEwjr0pvii-nWAhVFfhoKHXPpCEkQ9QEIQzAC#imgrc=5xcTzJkCNP1YJM:); (5) Chullpas, Bolívia, seculos XIII-XVI (crédito: https://journals.openedition.org/bifea/4936); (6) Gonbad-e-Qabus, Irão, século XI (crédito:https://en.wikipedia.org/wiki/Gonbad-e_Qabus_(tower)).

Figura 7.5. Sepulturas sob *tumulus* da Idade do Ferro: (1) La Mata, Badajoz (Rodríguez Díaz *et al.*, 2007: 91); (2) Galera, Granada (Mélida, 1942: 174). (3) Sepultura sob *tumulus* (mogila), Kazanlak, Bulgária (Dimitrova, 2005). (4) Buzovgrad, Bulgária, séc. IV AC (Nekhrizov, 2013). (5) Túmulo real macedónio, Vergina, Grécia, séc. IV AC (crédito: https://archeologiavocidalpassato.files.wordpress.com/2014/11/anfipoli_tomba-tumoli.jpg).

Figura 7.6. Estruturas monticulares com fachadas/átrios e longos acessos: (1) Alcalar 7 (Morán *et al.,* 2007:62); (2) Zhane (Trifonov, 2009); (3) Island (Scarre, 2007:146); (4) *Kurgans*, Trialeti, Geórgia (Narimanishvili, 2003).

Índice das tabelas

Capítulo 3

Tabela 3.1. Intervenções arqueológicas efectuadas por Proença Jr e Félix Alves Pereira em sepulturas megalíticas. Fontes: Proença Jr (1910), Henriques & Caninas (2004), Antunes (2008) e manuscritos arquivados no MFTPJr.

Tabela 3.2. Classificação dos dolmens portugueses segundo Proença Jr (1906a).

Tabela 3.3. Ocorrências arqueológicas (imóveis e móveis) atribuíveis à Pré-História Recente constantes na Carta Arqueológica Distrital de Proença Jr (1910) segundo a nomenclatura do autor.

Tabela 3.4. Intervenções arqueológicas efectuadas por O. da Veiga Ferreira e D. Fernando de Almeida em monumentos megalíticos no concelho de Idanha-a-Nova (fonte: Caninas, 2012).

Tabela 3.5. Intervenções arqueológicas em monumentos megalíticos desde o último quartel do séc. XX até à actualidade (baseado em Caninas, 2012).

Capítulo 5

Tabela 5.1. Cromeleques, alinhamentos, menires e estelas.

Tabela 5.2. Sítios arqueológicos de *habitat* referenciados na área do estudo e zona envolvente norte.

Tabela 5.3. Quantidades de instrumentos de pedra polida obtidos em escavações de sepulturas megalíticas na área de estudo (resultados ordenados de modo cresecente por sítio, no histograma ao lado).

Tabela 5.4. Quantidades de instrumentos de pedra polida por munícipios do distrito de Castelo Branco (seg. Proença Jr, 1910): os três municípios com maior representação.

Capítulo 6

Tabela 6.1. Caracterização planimétrica da estrutura funerária interna ao *tumulus.*

Tabela 6.2. Representação regional da tipologia de estrutura funerária interna ao *tumulus.*

Tabela 6.3. Tabela com a distribuição das sepulturas escavadas na área de estudo de acordo com a tipologia da estrutura interna (conforme definido na tabela 6.1).

Tabela 6.4. Identificação de casos de colapso ou ausência de esteios em câmaras funerárias.

Tabela 6.5. Caracterização de casos de colapso ou ausência de esteios em câmaras funerárias.

Tabela 6.7. Selecção de tipos de artefactos líticos recolhidos em escavação.

Tabela 6.8. Distribuição de conjuntos de artefactos no interior de sepulturas escavadas.

Tabela 6.9. Ensaio de atribuição cronológica às sepulturas investigadas na área de estudo e respectivos acervos votivos.

Tabela 6.10. Estado de conservação de sepulturas megalíticas em Vila Velha de Ródão (fonte: Henriques *et al.,* 2008).

Anexo 1. Tabelas gerais

Lista dos sítios arqueológicos da região de Castelo Branco, seleccionados na base de dados Endovélico (IGESPAR, I.P.) em Agosto de 2011

Campos e conteúdos de selecção de sítios

Concelho	Período cronológico	Tipo de sítio
Belmonte Castelo Branco Covilhã Fundão Idanha-a-Nova Oleiros Penamacor Proença-a-Nova Sertã Vila de Rei Vila Velha de Ródão	Neolítico Antigo Neolítico Médio Neolítico Final Neo-calcolítico Calcolítico Calcolítico - Inicial Calcolítico - Pleno Calcolítico - Final Idade do Bronze Idade do Bronze - Inicial Idade do Bronze - Médio Idade do Bronze - Final Indeterminado	Abrigo Acampamento Achado(s) Isolado(s) Alinhamento Anta Arte rupestre Cista Cromeleque Depósito Dolmen Fossa Estação de Ar Livre Estela Estrutura Galeria Coberta Gruta Gruta Artificial Habitat Hipogeu Indeterminado Inscultura Jazida Mamoa Mamoa Menir Monumento megalítica Muralha Necrópole Núcleo Povoamento Oficina Ossário Outros Povoado Povoado Fortificado Recinto Santuário Sepultura Silo Tholos Vestígios Diversos Vestígios de Superfície

Nome do sítio arqueológico	CNS	Tipos de sítios (agregados)						Tipo de sítio	Concelho	Periodo cronológico	FolhaC MP
		Achado isolado	Habitat e outros	Estruturas funerárias	Menires, recintos, estelas	Depósitos peças	Arte Rupestre				
Quinta do Velho	17189	x						Achado(s) Isolado(s)	Belmonte	Indeterminado	214
Mato da Atalaia/Serra da Rachada	17097		x					Povoado Fortificado	Covilhã	Idade do Bronze - Final	224
Sítio dos Chiqueiros	26698		x					Povoado Fortificado	Covilhã	Indeterminado	224
Quinta do Raro	27167		x					Vestígios de Superfície	Covilhã	Indeterminado	224
Senhora da Estrela II	12714		x					Casal Rústico	Belmonte	Indeterminado	225
Nossa Senhora das Cabeças	324		x					Povoado Fortificado	Covilhã	Idade do Bronze - Final	224
Chandeirinha	17096		x					Povoado Fortificado	Belmonte	Idade do Bronze - Final	225
Gibaltar	25901	x						Achado(s) Isolado(s)	Covilhã	Idade do Bronze - Final	224
S. Cristóvão/Boneca	26490		x					Povoado	Covilhã	Idade do Bronze - Final	224
Borralheira	14375		x					Estação de Ar Livre	Covilhã	Indeterminado	224
Teixoso	4172		x					Mancha de Ocupação	Covilhã	Idade do Bronze - Final	224
Casinhas 2	21912			x				Mamoa	Penamacor	Neo-Calcolítico	226
Casinhas 1	21911			x				Mamoa	Penamacor	Neo-Calcolítico	226
Casinhas	21919			x				Indeterminado	Penamacor	Indeterminado	226
São Geraldo	17098		x					Povoado	Belmonte	Idade do Bronze - Final	225
Quinta da Anta	24930			x				Anta	Belmonte	Calcolítico	236
Cabeça Gorda	19974				x			Estela	Penamacor	Idade do Bronze - Final	237
Cabeço do Escarigo	15965		x					Povoado	Fundão	Idade do Bronze - Final	236
Boidobra	4170		x					Vestígios Diversos	Covilhã	Idade do Bronze - Final	235
Portela da Casa Branca	22577						x	Arte Rupestre	Covilhã	Indeterminado	234
Ferro - Jardim Público 1	15142				x			Menir	Covilhã	Neo-Calcolítico	234
Casal do Neves	28143	x						Achado(s) Isolado(s)	Covilhã	Indeterminado	235
Figueiras	19318						x	Arte Rupestre	Covilhã	Indeterminado	234
Pedra Alta	23204						x	Arte Rupestre	Covilhã	Indeterminado	234
Fonte de Espinho	19316						x	Arte Rupestre	Covilhã	Indeterminado	234
Pedra Aguda	24897		x					Povoado Fortificado	Covilhã	Idade do Bronze - Final	235
Vila Velha/Tapada das Argolas	2987		x					Povoado Fortificado	Fundão	Calcolítico	236
Vila Velha/Tapada das Argolas	2987		x					Povoado Fortificado	Fundão	Idade do Bronze - Final	236
Salgueiro	10377			x				Anta	Fundão	Neo-Calcolítico	236
Barroco do Silveiro 3	30926						x	Arte Rupestre	Covilhã	Calcolítico	233
Barroco do Silveiro 3	30926						x	Arte Rupestre	Covilhã	Idade do Bronze - Final	233
Meal Redondo	26709		x					Povoado	Fundão	Indeterminado	235
Quinta da Samaria/Vale Feitoso	15988		x					Povoado Fortificado	Covilhã	Idade do Bronze - Final	235
Dominguizo	12235		x					Habitat	Covilhã	Idade do Bronze - Final	235
Cabeça Gorda	19646		x					Habitat	Fundão	Idade do Bronze - Final	235
Cadaval	20638						x	Arte Rupestre	Covilhã	Idade do Bronze	234
Alto da Giesteira	20635						x	Arte Rupestre	Covilhã	Idade do Bronze	245
Giesteirinha 4	20631						x	Arte Rupestre	Covilhã	Idade do Bronze	245
Giesteirinha 5	20633						x	Arte Rupestre	Covilhã	Idade do Bronze	245
Giesteirinha 2	20629						x	Arte Rupestre	Covilhã	Idade do Bronze	245
Giesteirinha 3	20630						x	Arte Rupestre	Covilhã	Idade do Bronze	245
Ceira 1	15822						x	Arte Rupestre	Covilhã	Indeterminado	244
Giesteirinha 1	19688						x	Arte Rupestre	Covilhã	Idade do Bronze	245
Feital	20639						x	Arte Rupestre	Covilhã	Idade do Bronze	244
Ponte da Meimoa 2	16880	x						Vestígios Diversos	Fundão	Neo-Calcolítico	246
Ponte da Meimoa 1	16879		x					Vestígios Diversos	Fundão	Neo-Calcolítico	246
Quinta da Meimoa	16633		x					Núcleo de Povoamento	Fundão	Indeterminado	246
Cabeço do Malhadinho 2	26497						x	Arte Rupestre	Covilhã	Indeterminado	244
Quinta das Narças	19347			x				Anta	Fundão	Neo-Calcolítico	246
Malguinha	26865			x				Monumento Megalítico	Covilhã	Neo-Calcolítico	245
Cabeço da Argemela	14759		x					Povoado Fortificado	Covilhã	Idade do Bronze - Final	245
Lameira Redonda	19360						x	Arte Rupestre	Covilhã	Indeterminado	245
Serra do Gomes II	26863	x						Achado(s) Isolado(s)	Covilhã	Neo-Calcolítico	245
Serra do Gomes	26861			x				Monumento Megalítico	Fundão	Neo-Calcolítico	245
Monte do Frade	3726		x					Povoado	Penamacor	Neo-Calcolítico	248
Monte do Frade	3726		x					Povoado	Penamacor	Idade do Bronze - Final	248
Covilhã Velha	5474		x					Povoado Fortificado	Fundão	Idade do Bronze - Final	247
Monte de S. Brás	26523		x					Povoado Fortificado	Fundão	Idade do Bronze - Final	246
São Roque/Trigais	12240		x					Povoado	Fundão	Idade do Bronze - Final	246
Tapado Fundeira	26716		x					Povoado	Fundão	Indeterminado	247
Peixeira	26708		x					Povoado	Fundão	Indeterminado	247
Cabeça de Boi	26714		x					Povoado	Fundão	Indeterminado	257
São Martinho	5174	x						Achado(s) Isolado(s)	Fundão	Calcolítico	255
Pedrichas	26576		x					Povoado	Penamacor	Idade do Bronze - Final	258
Maunça	23380			x				Indeterminado	Fundão	Indeterminado	255
Ramalhão	1593		x					Povoado	Penamacor	Neolítico Final	258
Ramalhão	1593		x					Povoado	Penamacor	Calcolítico	258
Cabeço do Vale da Casa	23381	x						Indeterminado	Fundão	Indeterminado	255
Sameiro	25387	x						Achado(s) Isolado(s)	Fundão	Neolítico	256
Carvalhal	18163			x				Necrópole	Idanha-a-Nova	Indeterminado	258
Mastro	30156						x	Arte Rupestre	Fundão	Indeterminado	256
Vale da Amoreira/Cigarrelho	23382						x	Arte Rupestre	Fundão	Indeterminado	255
Alegrios	5862		x					Povoado	Idanha-a-Nova	Idade do Bronze - Final	258
Castelo Velho	16560		x					Povoado Fortificado	Castelo Branco	Idade do Bronze - Final	256

Moita Redonda	30157			x				Mamoa	Castelo Branco	Indeterminado	256
Descoberto	23377			x				Mamoa	Fundão	Indeterminado	255
Moreirinha	3179		x					Povoado	Idanha-a-Nova	Idade do Bronze - Final	258
Quinta do Ervedal	6840					x		Vestígios Diversos	Fundão	Idade do Bronze - Final	256
Atalaia do Campo	26705		x					Povoado	Fundão	Neolítico	256
Orca 1	3971			x				Anta	Fundão	Neo-Calcolítico	257
Cabeça Gorda 2	31572			x				Mamoa	Oleiros	Indeterminado	254
Lomba do Castelo	23388						x	Arte Rupestre	Fundão	Indeterminado	255
Carvalhal do Seabra	12195		x					Povoado	Idanha-a-Nova	Idade do Bronze	258
Zibreiro/Portela da Moreira	23384						x	Arte Rupestre	Fundão	Indeterminado	255
Vale Covo	16574	x						Achado(s) Isolado(s)	Castelo Branco	Neolítico	256
Cabeço de Santiago	4977	x						Vestígios Diversos	Idanha-a-Nova	Idade do Bronze - Final	258
São Vicente da Beira	4168	x						Achado(s) Isolado(s)	Castelo Branco	Idade do Bronze - Final	256
Monsanto da Beira	168		x			x		Castelo	Idanha-a-Nova	Idade do Bronze - Final	258
São Pedro 6	32385		x					Vestígios Diversos	Idanha-a-Nova	Idade do Bronze	258
São Pedro 3	29579						x	Arte Rupestre	Idanha-a-Nova	Indeterminado	258
Soalheira	3290	x						Achado(s) Isolado(s)	Fundão	Idade do Bronze - Final	256
Penedo das Vinhas 8	29553						x	Arte Rupestre	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	258
Zebras	4063	x						Achado(s) Isolado(s)	Fundão	Neolítico	268
Vale do Meão	16576	x						Achado(s) Isolado(s)	Castelo Branco	Neolítico	268
São Miguel de Acha	386	x						Vestígios Diversos	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	269
Lomba do Carvalho	23376						x	Arte Rupestre	Castelo Branco	Indeterminado	267
Inchidro	14372		x					Povoado	Castelo Branco	Indeterminado	268
Penedo Gordo III	13025						x	Arte Rupestre	Idanha-a-Nova	Idade do Bronze	270
Bairro do Valagoto	23256	x						Achado(s) Isolado(s)	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	271
Vale de Santa Maria I	23255		x					Achado(s) Isolado(s)	Idanha-a-Nova	Indeterminado	271
Cabecinho da Forca	13011			x				Dolmen	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	270
Ribeira do Muro	3409		x					Povoado Fortificado	Castelo Branco	Idade do Bronze	267
Lardosa	4065	x						Achado(s) Isolado(s)	Castelo Branco	Neolítico	268
Companhia do Almeida	11191		x					Vestígios de Superfície	Castelo Branco	Neolítico, Calcolítico	268
Torrãozinho	20211						x	Arte Rupestre	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	269
Arraial do Torrãozinho	20209			x				Monumento Megalítico	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	269
Davida Linda 2	11266	x						Achado(s) Isolado(s)	Castelo Branco	Neolítico	268
São Gens	13481			x				Dolmen	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	269
Davida Linda 1	16824						x	Arte Rupestre	Castelo Branco	Neolítico, Calcolítico	268
Cachouça	2352		x					Povoado	Idanha-a-Nova	Neo-Calco, Bronze Fin	269
Vale Salgueiro	11184	x						Achado(s) Isolado(s)	Castelo Branco	Neolítico, Calcolítico	268
Barragem I	20206			x				Monumento Megalítico	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	269
Granja	20210			x				Monumento Megalítico	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	270
Barragem III	20208			x				Monumento Megalítico	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	269
Vale da Vinha	1689	x						Achado(s) Isolado(s)	Castelo Branco	Calcolítico	268
Cabeço de São Gens	17760		x					Povoado	Idanha-a-Nova	Idade do Bronze - Final	269
Barragem II	20207			x				Monumento Megalítico	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	269
Risca do Cuco	19758			x				Necrópole	Castelo Branco	Idade do Bronze	267
Cabeça Pelada	6841		x					Vestígios Diversos	Castelo Branco	Calcolítico	268
Grulha	3411			x				Anta	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	268
Búzio	20541				x			Menir	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	280
Lousa	4066	x						Achado(s) Isolado(s)	Castelo Branco	Neolítico	281
Sesmarias de Cima	23278						x	Arte Rupestre	Oleiros	Idade do Bronze	278
Póvoa	19319			x				Mamoa	Oleiros	Neo-Calcolítico	277
Monte do Trigo	10613		x					Povoado Fortificado	Idanha-a-Nova	Calcolítico, Bronze Fin.	282
Lameiro de Caria	1597		x					Vestígios Diversos	Castelo Branco	Neolítico	280
Idanha-a-Nova	1683	x						Achado(s) Isolado(s)	Idanha-a-Nova	Idade do Bronze	281
Cabeça Alta	26529		x					Povoado	Idanha-a-Nova	Idade do Bronze - Final	281
Idanha-a-Nova	2278			x				Anta	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	281
Castelo de Idanha-a-Nova	13390		x					Povoado	Idanha-a-Nova	Idade do Bronze - Final	281
Nossa Senhora da Confiança	12570		x					Povoado Fortificado	Sertã	Calcolítico, Bronze Fin.	277
Fontainhas	12909		x					Oficina	Sertã	Calcolítico	277
Pedrógão Pequeno	12894	x						Achado(s) Isolado(s)	Sertã	Idade do Bronze	276
Santa Marina	13391		x					Vestígios de Superfície	Idanha-a-Nova	Neolítico	281
Atalaia	13479			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	283
Tábua	14932			x				Anta	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	282
Escalos de Baixo	2169	x						Achado(s) Isolado(s)	Castelo Branco	Idade do Bronze - Final	280
Alto do Pobral	19609						x	Arte Rupestre	Oleiros	Calcolítico	278
Caminho da Lomba	25303			x				Anta	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	282
Fonte das Casas	25309						x	Sepultura	Idanha-a-Nova	Neolítico	282
Salgueirinho	28529			x				Mamoa	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	281
Popenas	28528			x				Mamoa	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	281
Tapada dos Medronhais 1	22529						x	Sepultura	Idanha-a-Nova	Neolítico	282
Atalaia	25300			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	282
Monte de São Luís	16270						x	Arte Rupestre	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	280
Fonte Fundeira	1236				x			Cromeleque	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	280
Tapada do Poço	14380	x						Estação de Ar Livre	Castelo Branco	Indeterminado	280
Cabeço Vermelho 2	30466			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	282
Ferrarias	14547			x				Mamoa	Castelo Branco	Neolítico	281
Ferrarias	14547			x				Mamoa	Castelo Branco	Calcolítico	281
Cabeço Vermelho 1	30465			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	282

"Fossetes"	13112						x	Arte Rupestre	Sertã	Indeterminado	278
Fechadura	12759						x	Arte Rupestre	Sertã	Calcolítico, Bronze	277
Agroal I	12789		x					Mancha de Ocupação	Sertã	Calcolítico	277
Quinta da Molineira	13410		x					Vestígios de Superfície	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	281
Fonte das Rimas	13108						x	Arte Rupestre	Sertã	Idade do Bronze	290
Muro Alto	28527			x				Mamoa	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	281
Santa Catarina	13411			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	293
Lageira/Lajeira	12750						x	Arte Rupestre	Sertã	Idade do Bronze	289
Capa Rota	4205			x				Anta	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	292
Mansa	32381						x	Arte Rupestre	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	295
Monte da Antinha 2	13404		x					Vestígios de Superfície	Idanha-a-Nova	Neolítico	293
Quinta de Pires Marques	4183		x					Vestígios Diversos	Castelo Branco	Neolítico	292
Pedra da Garalheira	1596		x					Povoado (não Ponte)	Castelo Branco	Neolítico	292
Mata Mouros	32379		x					Vestígios de Superfície	Idanha-a-Nova	Neolítico	295
Granjinha de Cima	2951	x						Achado(s) Isolado(s)	Castelo Branco	Neolítico	293
Zebros	22483			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Tanque do Povo	13413		x					Vestígios de Superfície	Idanha-a-Nova	Neolítico, Calcolítico	293
Barrocal	1681		x					Povoado	Castelo Branco	Idade do Bronze	292
Granjinha de Baixo	2952	x						Achado(s) Isolado(s)	Castelo Branco	Neolítico	293
Monte da Calqueira 2	13485			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Couto dos Caturros	25242			x				Anta	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Monte dos Zebros 2	13489			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Monte dos Zebros 1	13486			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
São Pedro	22466			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Marcelina	13483			x				Dolmen	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Povoado	23020		x					Mancha de Ocupação	Castelo Branco	Indeterminado	292
Cabeço das Corgas	23273						x	Arte Rupestre	Proença-a-Nova	Indeterminado	290
Monte da Calqueira 1	13484			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Corgas 2	22388			x				Dolmen	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Monte de São Martinho	4186		x					Povoado Fortificado	Castelo Branco	Idade do Bronze - Final	292
São Martinho	680				x			Menir	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	292
Curral do Roque	6990			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Corgas 1	22387			x				Dolmen	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Tapada da Foz	32376						x	Arte Rupestre	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	295
Santa Maria Madalena	11456		x					Povoado Fortificado	Sertã	Idade do Bronze - Final	288
Foz da Enchacana 2	32374						x	Arte Rupestre	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	295
Amieiro 5	12043			x				Anta	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Amieiro	13422						x	Arte Rupestre	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Amieiro 6	22352			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Amieiro 9	19256			x				Anta	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Foz da Enchacana	32373						x	Arte Rupestre	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	295
Abegoaria	12908			x				Vestígios Diversos	Sertã	Calcolítico	289
Amieiro 4	22349			x				Anta	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Amieiro 7	22353			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Amieiro 1	12050			x				Anta	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Amieiro 8	13635			x				Anta	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Granja	22449			x				Dolmen	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Benquerenças I	10930	x						Achado(s) Isolado(s)	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	291
Amieiro 2	22346			x				Anta	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Amieiro 3	22348			x				Anta	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Queijeira Velha	13470			x				Dolmen	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Monte do Campinho	13465			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Ribeiro da Carapetosa	27670			x				Mamoa	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	291
Monte Grande 2	31224		x					Vestígios de Superfície	Castelo Branco	Neolítico	293
Carapetosa	27668						x	Arte Rupestre	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	291
Ribeiro do Gavião	13471			x				Dolmen	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Poço do Campinho	22547			x				Anta	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Couto da Espanhola 7	22552			x				Anta	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Maxiais 1	10934	x						Achado(s) Isolado(s)	Castelo Branco	Neolítico	292
Casa da Praça 2	22382			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Azenha da Peguia da Barca	1976						x	Arte Rupestre	Vila Velha de Rodão	Neolítico	291
Azenha da Peguia da Barca	1976						x	Arte Rupestre	Vila Velha de Rodão	Idade do Bronze	291
Casa da Praça 1	22381			x				Dolmen	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Fonte do Lobo	22447			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Couto da Espanhola 2	22391						x	Arte Rupestre	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Couto da Espanhola 3	22392						x	Arte Rupestre	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Couto da Espanhola 2	8429				x			Recinto	Idanha-a-Nova	Indeterminado	294
Couto da Espanhola 2	11387			x				Anta	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Cegonhas	13492				x			Menir	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Couto da Espanhola 5	22551			x				Anta	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Serrinha 2	30464			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	295
Serrinha 1	30463			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	295
Couto da Espanhola 1	22376				x			Recinto	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Couto da Espanhola 1	22545		x					Povoado	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Couto da Espanhola 1	22548			x				Anta	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Anta da Silveirinha	10933			x				Anta	Castelo Branco	Neolítico	291
Couto da Espanhola 1	22390						x	Arte Rupestre	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294

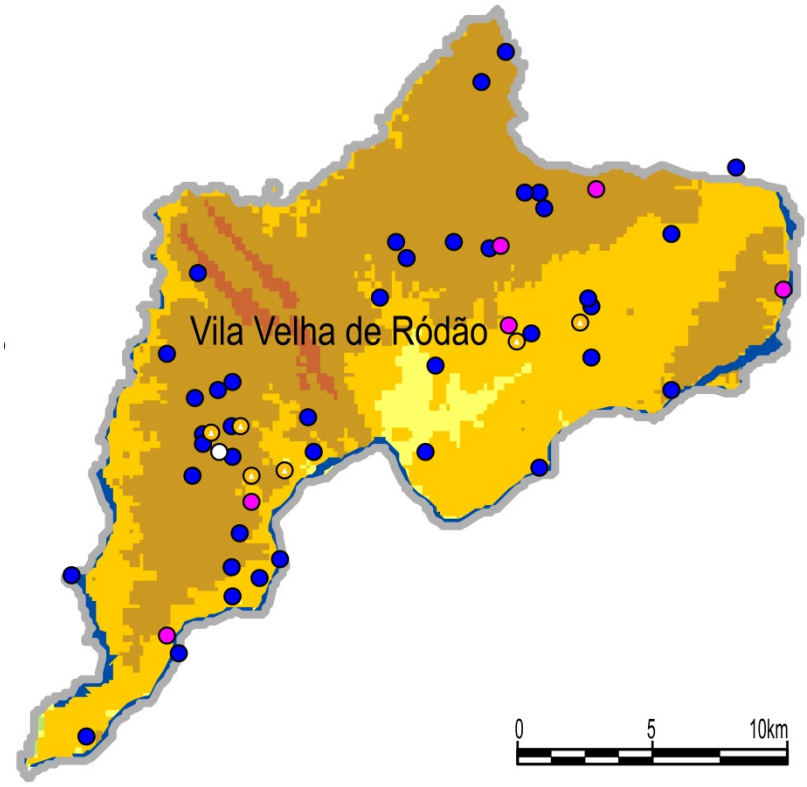
Tremal	22480		x					Vestígios de Superfície	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Estrada dos Mouros	15666		x					Estrutura	Proença-a-Nova	Indeterminado	290
Couto da Espanhola 6	12579			x				Anta	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Tremal 1	6983			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Cegonhas Velhas	22502						x	Arte Rupestre	Idanha-a-Nova	Indeterminado	294
Tremal 2	30462						x	Arte Rupestre	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	295
Cegonhas Velhas 3	13494			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Tremal 2	6991			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Tremal 1	30461						x	Arte Rupestre	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	295
Cegonhas Velhas 1	13435	x						Achado(s) Isolado(s)	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Couto da Espanhola 3	22549			x				Anta	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Couto da Espanhola 4	22550			x				Anta	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Lameira d'Antas I	15667			x				Mamoa	Proença-a-Nova	Neo-Calcolítico	290
Lameira d'Antas II	15668			x				Mamoa	Proença-a-Nova	Neo-Calcolítico	290
Crespo	13442			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	294
Fonte Ferrenha	22507		x					Povoado	Idanha-a-Nova	Neolítico	294
Lameira d'Antas III	15669			x				Mamoa	Proença-a-Nova	Neo-Calcolítico	302
Porto dos Barros	22523		x					Povoado	Idanha-a-Nova	Neolítico	306
Retaxo	2733			x				Anta	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	303
Casa da Moura	2449			x				Anta	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	303
Várzea Grande/Pedra das Letras	25224						x	Arte Rupestre	Proença-a-Nova	Idade do Bronze	301
Zambujo 1	6993			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306-A
Zambujo 2	6994			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306-A
Cabeço Alto 3	22363			x				Anta	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Cabeço dos Castelos	15670		x					Povoado	Proença-a-Nova	Idade do Bronze - Final	302
Cabeço Alto	22367						x	Arte Rupestre	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Zambujo 3	6995			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306-A
Vale da Alagoa	22481			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Cabeço Alto 4	22366			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Cabeço Alto 2	22362			x				Anta	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Cimadas I	25204			x				Mamoa	Proença-a-Nova	Neo-Calcolítico	301
Cimadas II/Forno dos Mouros	25207			x				Mamoa	Proença-a-Nova	Neo-Calcolítico	301
Cabeço Alto 1	12781			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Fonte da Couchinha	22389			x				Mamoa	Castelo Branco	Neolítico, Calcolítico	305
Rosmaninhal	13472		x					Vestígios de Superfície	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Vale Pórros 1	22533	x						Achado(s) Isolado(s)	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Monte do Brejo da Castanha	22414			x				Mamoa	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	305
Serra	22527		x					Povoado	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
São Roque	22526		x					Povoado	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Maias 3	13461						x	Arte Rupestre	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Vale Feito	16909			x				Mamoa	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	303
Vale Pórros 2	22534			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Cordão	22503	x						Achado(s) Isolado(s)	Idanha-a-Nova	Neolítico Antigo	305
Marmeleiro I	6985			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306-A
Serra	22467		x					Vestígios de Superfície	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Maias 1	13459			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Marmeleiro II	6986			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306-A
Ribeiro do Campo	22429			x				Mamoa	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	305
Maias 2	13463			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Monforte da Beira/Monte do Castelo	2170		x					Vestígios Diversos	Castelo Branco	Idade do Bronze - Final	305
Fainina 1	6982			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306-A
Cerro do Castelo da Seada	10928		x					Povoado Fortificado	Vila de Rei	Idade do Bronze - Final	300
Ribeiro do Sacristão	25219						x	Arte Rupestre	Proença-a-Nova	Neo-Calcolítico	302
Cabeço da Forca	7000			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Marquita 1	22515	x						Achado(s) Isolado(s)	Idanha-a-Nova	Neolítico	306
Galricho	22512			x				Anta	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Galricho	22510	x						Achado(s) Isolado(s)	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Galricho	22511			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Fainina 2	6992			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Fainina 3	6984			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306-A
Ponte das Flores	22427	x						Achado(s) Isolado(s)	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	304
Cabeço da Anta/Moita do Pinheiro	25208			x				Mamoa	Proença-a-Nova	Neo-Calcolítico	302
Vale das Cobras	2378			x				Anta	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	303
Marquita 3	22517		x					Vestígios de Superfície	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Vale das Cobras	1722						x	Arte Rupestre	Vila Velha de Rodão	Idade do Bronze	303
Couto das Correias	22506	x						Achado(s) Isolado(s)	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Calçada da Moura	22337			x				Mamoa	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	305
Valtamonte	22531			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Cão do Ribeiro	14593			x				Anta	Proença-a-Nova	Neo-Calcolítico	302
Vale de Alvito	12572			x				Anta	Proença-a-Nova	Neo-Calcolítico	302
Marquita 2	22516	x						Achado(s) Isolado(s)	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Fateirão	1725			x				Anta	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	303
Vale de Mouro	27372			x				Anta	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	303
Lameiro Largo	27435	x						Achado(s) Isolado(s)	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	304
Quinta do Torão	27430			x				Anta	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	304
Lameiro da Caiada	22405			x				Dolmen	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	305
Cardais	22378			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306

Malhada	22408			x				Mamoa	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	305
Guedelha	22453		x					Vestígios de Superfície	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Espinho Pequeno III	11179			x				Anta	Proença-a-Nova	Neo-Calcolítico	302
Casinha do Chicharro	22344		x					Habitat	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	305
Tojeirinha	21821						x	Arte Rupestre	Vila Velha de Rodão	Indeterminado	303
Ferrarias III	22351			x				Mamoa	Castelo Branco	Neolítico, Calcolítico	305
Espinho Pequeno II	10936			x				Anta	Proença-a-Nova	Neo-Calcolítico	302
Santa Madalena	22463						x	Arte Rupestre	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Tapada da Ordem 1	12782			x				Anta	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Ovelherios/Vale Mosteiro	25339		x					Povoado	Idanha-a-Nova	Neolítico	306
Espinho Pequeno I	2451			x				Anta	Proença-a-Nova	Neo-Calcolítico	302
Murtal	1715			x				Anta	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	303
Fonte da Mina	22508	x						Achado(s) Isolado(s)	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Ferrarias I	22347			x				Mamoa	Castelo Branco	Neolítico, Calcolítico	305
Garreta	27557	x						Achado(s) Isolado(s)	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	304
Tapada da Ordem	22473		x					Vestígios de Superfície	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Senhora dos Remédios	27436	x						Indeterminado	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	304
Ferrarias II	22350			x				Mamoa	Castelo Branco	Neolítico, Calcolítico	305
Cardais	22380	x						Achado(s) Isolado(s)	Idanha-a-Nova	Neolítico	306
Ovelheiros	22458			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Ladeira/Brejinha	12440			x				Anta	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	303
Abelheiros	22498						x	Arte Rupestre	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Moita da Galinha	25217			x				Mamoa	Proença-a-Nova	Neo-Calcolítico	302
Piornal	22520			x				Sepultura	Idanha-a-Nova	Neolítico Final, Bronze	306
São Felizes	22525			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neolítico	306
Tapada da Ordem 2	22472			x				Anta	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Casalinhas	22341			x				Mamoa	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	305
Casalinhas	22343	x						Achado(s) Isolado(s)	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	305
Fonte da Alvedeia	22441			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Tapada da Ordem 3	13478			x				Dolmen	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Marota	22455			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Águas de Verão	10679			x				Mamoa	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	305
Portela de Anavinhas	12763			x				Anta	Proença-a-Nova	Neo-Calcolítico	302
Marota	22514	x						Achado(s) Isolado(s)	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Tavelinha	2372			x				Anta	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	303
Olival dos Morouços II	24827			x				Anta	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	303
Olival dos Morouços I	1718			x				Anta	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	303
Bouça de Oleiros	25210	x						Achado(s) Isolado(s)	Proença-a-Nova	Neo-Calcolítico	302
Monte do Ribeiro do Gato 1	22415			X				Dolmen	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	305
Foz do Ribeiro das Taliscas	32372		x					Povoado Fortificado	Idanha-a-Nova	Idade do Bronze	306-A
Represa	19255	x						Achado(s) Isolado(s)	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	303
Vale das Favas 1	22433			x				Dolmen	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	305
Fonte da Saraiva	22509		x					Vestígios de Superfície	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Vale das Favas 2	22434			x				Mamoa	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	305
Manú	22454			x				Dolmen	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Vale da Morena	14349			x				Anta	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Senhora da Graça/Monte do Lucriz	24832	x						Achado(s) Isolado(s)	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	303
Arraial da Poupa	22354			x				Anta	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Monte de São Domingos II	22421						x	Arte Rupestre	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	305
Monte de São Domingos III	22422						x	Arte Rupestre	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	305
Monte de São Domingos	22419			x				Cista	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	305
Monte de São Domingos I	22420						x	Arte Rupestre	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	305
Serra do Vigário	22432			x				Mamoa	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	305
Monte de São Domingos IV	22423						x	Arte Rupestre	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	305
Arraial do Cabeço Mouro 7	22359			x				Anta	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Capitão	22375		x					Povoado	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Casal do Monte de São Domingos	13966		x					Povoado	Castelo Branco	Idade do Bronze - Final	305
Eira da Vinha III	27397	x						Achado(s) Isolado(s)	Vila Velha de Rodão	Neolítico	303
Monte de São Domingos V	22424						x	Arte Rupestre	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	305
Alares	13420			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Bastarda	13424		x					Vestígios de Superfície	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Cabeço Mouro 6	22365			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Vale da Neve	25222			x				Mamoa	Proença-a-Nova	Neo-Calcolítico	302
Monte de São Domingos	22425			x				Dolmen	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	305
Monte da Coutada	27400			x				Anta	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	303
Cabeço da Anta/ Lameira Murteira	15006			x				Anta	Proença-a-Nova	Neolítico, Calcolítico	302
Vermelhas	27392				x			Vestígios Diversos	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	303
Monte Fidalgo	684				x			Menir	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	304
Cabeço do Moinho de Vento	22368			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Anta I	27434			topónimo				Indeterminado	Vila Velha de Rodão	Indeterminado	302
Poço Ludro	22460						x	Arte Rupestre	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Arraial do Cabeço Mouro	22371				x			Menir	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Cubeira 1	13444			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	305
Poço Ludro	22459			x				Dolmen	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Malpica do Tejo	4165	x						Achado(s) Isolado(s)	Castelo Branco	Idade do Bronze	304
Monte do Ribeiro do Gato 2	22416			x				Mamoa	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	305
Chão do Tanque	13438			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	305

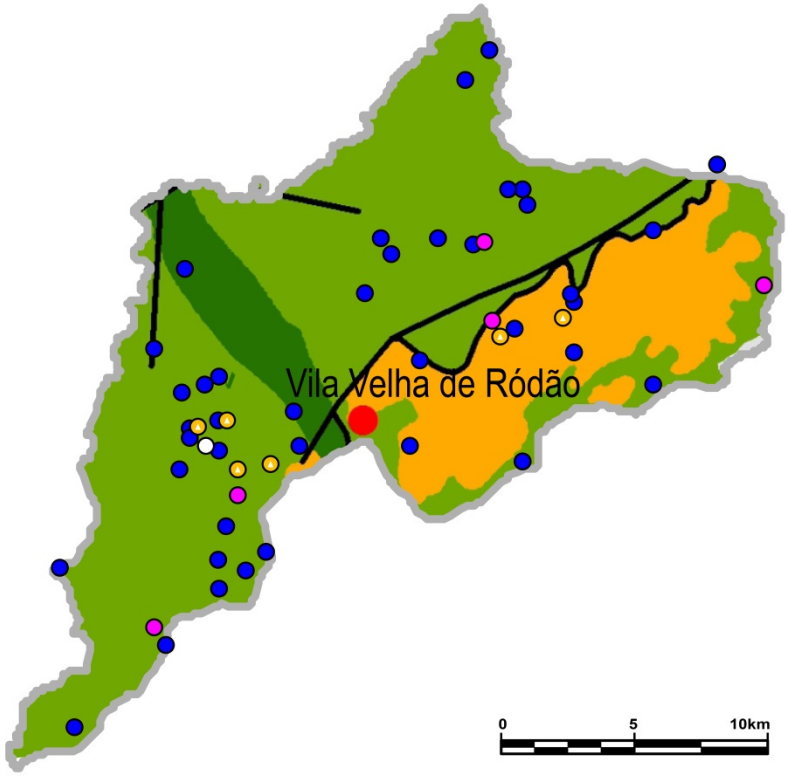
Monte do Ribeiro do Gato	22418		x					Povoado	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	305
Arraial do Cabeço do Mouro 2	22360						x	Arte Rupestre	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Poço do Chibo 1	12041			x				Anta	Idanha-a-Nova	Neolítico Final	306
Urgueira	1734			x				Anta	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	303
Poço do Chibo	13372						x	Arte Rupestre	Idanha-a-Nova	Indeterminado	306
Arraial do Cabeço Mouro 3	22357			x				Anta	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Cubeira 3	22379			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	305
Sobral	14370		x					Estação de Ar Livre	Vila Velha de Rodão	Neolítico Antigo	303
Monte do Ribeiro do Gato 3	22417			x				Dolmen	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	305
Cubeira	13446	x						Achado(s) Isolado(s)	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	305
Penedo Gordo	19272						x	Arte Rupestre	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	303
Arraial do Cabeço Mouro 4	22364			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Boizana	22361			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Vermelhas	27393			x				Anta	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	303
Arraial do Cabeço Mouro 2	22356			x				Anta	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Fonte do Galinha	22446			x				Anta	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Arraial do Cabeço Mouro 5	6988			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Casas da Ribeira I	19260		x					Estação de Ar Livre	Vila Velha de Rodão	Neolítico Antigo	303
Cubeira	13447						x	Arte Rupestre	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	305
Vale Bastinho	25221			x				Mamoa	Proença-a-Nova	Neo-Calcolítico	302
Anta da Grelheira	19257			x				Anta	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Arraial do Cabeço Mouro 1	22355			x				Anta	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Couto dos Mouros	25268			x				Anta	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Poço do Chibo 2	13469			x				Dolmen	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Melo	22409			x				Mamoa	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	305
Cubeira 2	22377			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	305
Vale da Cova	32163						x	Arte Rupestre	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	304
Pasteira II	13467			x				Dolmen	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Samarrudo	13473			x				Dolmen	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	305
Casa de Caça 3	13430			x				Dolmen	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	305
Charneca das Vinhas	19263		x					Vestígios de Superfície	Vila Velha de Rodão	Neolítico	303
Arraial do Cabeço do Mouro 1	22358						x	Arte Rupestre	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Barreira Cimeira	10680			x				Mamoa	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	304
Pasteira I	13466			x				Dolmen	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Charneca das Vinhas	12445			x				Anta	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	303
Montinho	19271			x				Mamoa	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	303
Clúrigos	22384			x				Dolmen	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	305
Fonte do Ferronhão I	28536			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Fonte do Ferronhão II	28537			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Nave da Azinha 2	6987			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Cabeção	2324		x					Mancha de Ocupação	Vila Velha de Rodão	Neolítico	303
Nave da Azinha 1	6999			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Cabuzo	19259			x				Anta	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	302
Farranhão	2342			x				Anta	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	304
Mesas 1	22456			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Atalaia II	27983		x					Mancha de Ocupação	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	315
Farranhão 2	13450			x				Mamoa	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Atalaia I	27463						x	Arte Rupestre	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	315
Farranhão 1	13449			x				Dolmen	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	306
Monte das Areias Brancas II	14368		x					Estação de Ar Livre	Vila Velha de Rodão	Neolítico	314
Canto do Ferreiro	28154	x						Achado(s) Isolado(s)	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	314
Mesas 2	22457			x				Dolmen	Idanha-a-Nova	Neo-Calcolítico	315-B
Cabeço de Ante	2330			x				Anta	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	314
Serranos II	27364	x						Achado(s) Isolado(s)	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	314
Ribeira da Ferradura	2370						x	Arte Rupestre	Vila Velha de Rodão	Idade do Bronze	314
Monte da Brada d'Ouro	32162			x				Mamoa	Castelo Branco	Neo-Calcolítico	315
Alteza	2586			x				Mamoa	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	314
Vilas Ruivas I	12462						x	Arte Rupestre	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	314
Campo IV	28152			x				Anta	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	314
Vilas Ruivas II	27555	x						Achado(s) Isolado(s)	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	314
Campo I	2580			x				Anta	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	314
Charneca do Vilar de Boi	12427		x					Estação de Ar Livre	Vila Velha de Rodão	Neolítico	314
Campo III	28151			x				Anta	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	314
Achada	27968	x						Achado(s) Isolado(s)	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	314
Anta de Santo Amaro	2574			x				Anta	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	314
Peroledo II	12446		x					Mancha de Ocupação	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	314
Senhora da Alagada	12553			x				Anta	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	314
Peroledo	2591			x				Anta	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	314
Peroledo III	27376			x				Mamoa	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	314
Peroledo I	2590			x				Mamoa	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	314
Lagar Novo	2355			x				Anta	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	314
Monte do Famaco	2349			x				Anta	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	314
Barroca da Senhora I	28145		x					Estação de Ar Livre	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	314
Cachão do Algarve	2326						x	Arte Rupestre	Vila Velha de Rodão	Neolítico	314
Charneca do Janome	27656			x				Mamoa	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	313
Queijeira II	27342	x						Achado(s) Isolado(s)	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	314
Charneca VII	27552	x						Achado(s) Isolado(s)	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	314

Monte do Chaparral VII	27387	x						Achado(s) Isolado(s)	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	314
Monte do Chaparral VIII	27388	x						Achado(s) Isolado(s)	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	314
Foz do Vale	21678		x					Estação de Ar Livre	Vila Velha de Rodão	Neolítico	314
Monte do Chaparral V	27385	x						Achado(s) Isolado(s)	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	314
Monte do Chaparral VI	27386	x						Achado(s) Isolado(s)	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	314
Monte do Chaparral IX	27389	x						Achado(s) Isolado(s)	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	314
Monte do Chaparral X	27390	x						Achado(s) Isolado(s)	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	314
Charneca do Janome	20653		x					Mancha de Ocupação	Vila Velha de Rodão	Neolítico Antigo	313
Monte do Chaparral	27304		x					Povoado	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	314
Curral da Anta	2346			x				Anta	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	314
Charneca I	2340		x					Mancha de Ocupação	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	314
Cachão do Boi/Fratel	2347						x	Arte Rupestre	Vila Velha de Rodão	Neolítico, Bronze	314
Azenha da Grila II	27658						x	Arte Rupestre	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	313
Ribeiro da Malaguarda	12448						x	Arte Rupestre	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	313
Charneca do Fratel II	12425		x					Estação de Ar Livre	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	314
Azenha da Grila I	27417						x	Arte Rupestre	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	313
Charneca das Canas/Fratel I	7178			x				Mamoa	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	314
Forno da Telha II	27642		x					Estação de Ar Livre	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	314
Rio Ocreza	27416						x	Arte Rupestre	Proença-a-Nova	Neo-Calcolítico	313
Pedra Alta 2	21681		x					Estação de Ar Livre	Vila Velha de Rodão	Neolítico	314
Forno da Telha I	27636		x					Estação de Ar Livre	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	314
Pedra Alta 3	21682		x					Estação de Ar Livre	Vila Velha de Rodão	Neolítico	314
Estação do Fratel	12432			x				Anta	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	314
Vale da Nave	12460			x				Anta	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	314
Casarona	12421			x				Anta	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	313
Ana Formosa	12414			x				Anta	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	314
Cabeço dos Crutes	25212						x	Arte Rupestre	Proença-a-Nova	Neo-Calcolítico	313
Azenha das Zebras	25209						x	Arte Rupestre	Proença-a-Nova	Neo-Calcolítico	313
Cabeço da Velha	840		x					Mancha de Ocupação	Vila Velha de Rodão	Neolítico Final	313
Riscada	12450			x				Anta	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	313
Barroca da Fonte	12415			x				Anta	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	313
Silveira II	27623	x						Achado(s) Isolado(s)	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	313
Pego do Vale das Cornas	27415						x	Arte Rupestre	Proença-a-Nova	Neo-Calcolítico	313
Anta II	27565			topónimo				Indeterminado	Vila Velha de Rodão	Indeterminado	324
Gardete I	2354						x	Arte Rupestre	Vila Velha de Rodão	Neolítico, Bronze	324
Gardete II	27563						x	Arte Rupestre	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	324
Ocreza - Núcleo próximo da Foz	20682						x	Arte Rupestre	Vila Velha de Rodão	Neo-Calcolítico	324

Anexo 2. Catálogo das construções funerárias do concelho de Vila Velha de Ródão



Distribuição dos sítios do catálogo (a azul sítios confirmados, a rosa sítios de localização hipotética, a amarelo sítios de qualificação hipotética, a branco sobreposições) sobre mapa hipsométrico (fonte: www.guiadeportugal.pt).



Distribuição dos sítios do catálogo (a azul sítios confirmados, a rosa sítios de localização hipotética, a amarelo sítios de qualificação hipotética, a branco sobreposições) sobre mapa geológico (fonte: Geoparque Naturtejo).

Catálogo das construções funerárias do concelho de Vila Velha de Ródão

1001.ALTEZA

Identificação e localização **Referência** 1001 **Topónimo** Alteza (vg) **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Fratel **Nº AEAT** 137 **CNS** 2586 **CMP** 314 **Altitude (m)** 356 **Implantação [geologia** arenitos e conglomerados (tecto da Formação de Falagueira) **morfologia** bordo de mesa detrítica**]** **Caracterização** **Conservação** razoável (mamoa) a indeterminado (contentor) **Descrição** estrutura monticular completa, com cratera central, atingindo 4,00 m de diâmetro no coroamento e um desnível de 0,70 m do coroamento para o interior. Esta cavidade pode corresponder à violação ou abatimento do contentor funerário. A mamoa foi parcialmente danificada, no lado sul, devido à instalação de uma antena de telemóveis e, no lado este, por caminho de terra batida. O monumento situa-se no bordo norte da superfície culminante da Formação de Falagueira que forma um relevo em mesa aqui denominado Charneca (de Vilar de Boi). Não se observa a presença de esteios. Foi objecto de proposta de classificação como valor concelhio em 8 de Maio de 1988 **Câmara [tipo** não determinada (nd) **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**]** **Corredor [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**]** **Mamoa [composição** argilas e arenitos do substrato geológico (Formação de Falagueira), metassedimentos e quartzo filoniano **diâmetro (s)** c. 25,0 m **altura (m)** 1,8 m**]** **Espólio** nd **Fontes de informação** Henriques & Caninas (1986); Henriques *et al* (1986); Caninas & Henriques (1988a), 2000; Caninas *et al.,* (1999c); CAVVR; PDM **Documentação gráfica** vistas do sítio em 1988 e 2005.

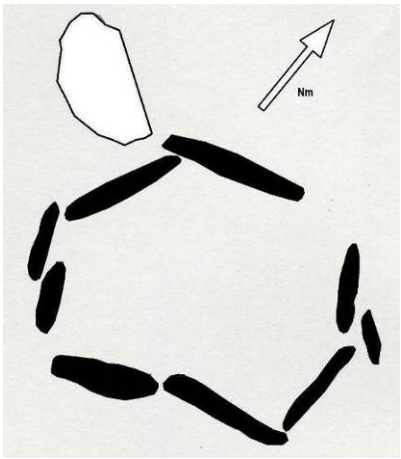




1002.ANAFORMOSA

Identificação e localização **Referência** 1002 **Topónimo** Anaformosa ou Nave Formosa **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Fratel **Nº AEAT** 101 **CNS** 12414 **CMP** 314 **Altitude (m)** 208 **Implantação [geologia** metassedimentos **morfologia** lomba**]** **Caracterização** **Conservação** destruída por plantação de eucalipto **Descrição** em 1984 este monumento foi caracterizado como sendo uma pequena câmara com dez esteios *in situ* e um solto, todos em grauvaque, sem vestígios de corredor nem de mamoa. Foi totalmente destruído no primeiro trimestre de 1986 durante a preparação do terreno para florestação. Em 2005 verificou-se que os esteios continuavam amontoados no sítio do monumento. Este amontoamento terá sido exigido pelo Sr. Inspector Baptista Martins (então presidente da CMVVR) quando teve conhecimento da destruição do monumento. Observaram-se também vários blocos de quartzo filoniano que teriam pertencido à estrutura da mamoa. Em 2005 foram medidas as dimensões dos onze maiores esteios com comprimentos que variavam entre 1,60 m e 0,87 m **Câmara [tipo** poligonal fechada e assimétrica **nº de esteios** oito esteios (falta um esteio no lado norte) **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** a planta elaborada aquando das prospecções de 1984 não tem medidas nem escala**]** **Corredor [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**]** **Mamoa [composição** quartzo filoniano e eventualmente outros materiais **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd**]** **Espólio** nd **Fontes de informação** Baptista *et al.* (1974); Henriques *et al.* (1984); Caninas & Henriques (1985); Henriques e Caninas (1986); Henriques *et al.* (1986); CAVVR (Henriques, 2012); PDM **Documentação gráfica** fotografia (de F. Henriques) tirada pouco tempo depois da destruição; esboço de planta, sem medidas (J. Batista & A. Henriques, 23 de Abril de 1984).

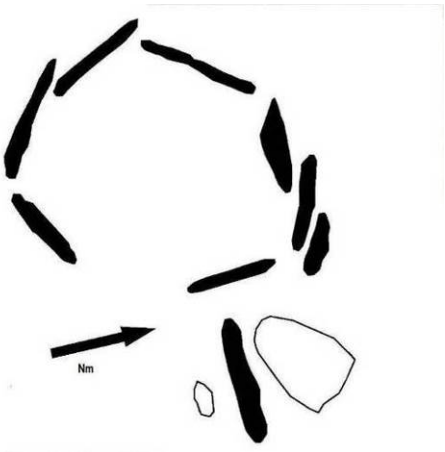




1003.BARROCA DA FONTE

Identificação e localização **Referência** 1003 **Topónimo** Barroca da Fonte **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Fratel **Nº AEAT** 109 **CNS** 12415 **CMP** 313 **Altitude (m)** 180 **Implantação [geologia** metassedimentos **morfologia** lomba**]** **Caracterização** **Conservação** destruída por plantação de eucalipto **Descrição** monumento com câmara e corredor diferenciados em planta. Foi descoberto em 15 de Setembro de 1974 (Serrão & Serrão, s/d). Em 1984 foi descrito como sendo um monumento com câmara de oito esteios em xisto e corredor incipiente, sendo visíveis restos da mamoa. Em 2005 foi confirmada a destruição do monumento por florestação industrial. O local da sua provável implantação é atravessado por um estradão, no piso do qual foram detectados restos de dois possíveis esteios, talvez correspondentes ao corredor, cortados ao nível do solo. Os restantes esteios foram empurrados encosta abaixo. Foram medidos nove esteios com comprimentos a variar entre 2,00 m e 0,90 m e larguras a variar entre 1,50 m e 0,35 m, existindo outros fragmentos que não foram medidos **Câmara [tipo** poligonal **nº de esteios** sete esteios e um oitavo de reforço exterior **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** nd**]** **Corredor [tipo** nd **nº de esteios** um no lado norte **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** nd**]** **Mamoa [composição** nd **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd**]** **Espólio** nd **Fontes de informação** Monteiro & Gomes (1978); Henriques *et al* (1984); Henriques & Caninas (1986); Henriques *et al* (1986); Serrão & Serrão (s/d); CAVVR; PDM **Documentação gráfica** vista da câmara funerária (1984); esboço da planta, sem medidas (J. Batista & A. Henriques, 20 de Abril de 1984).



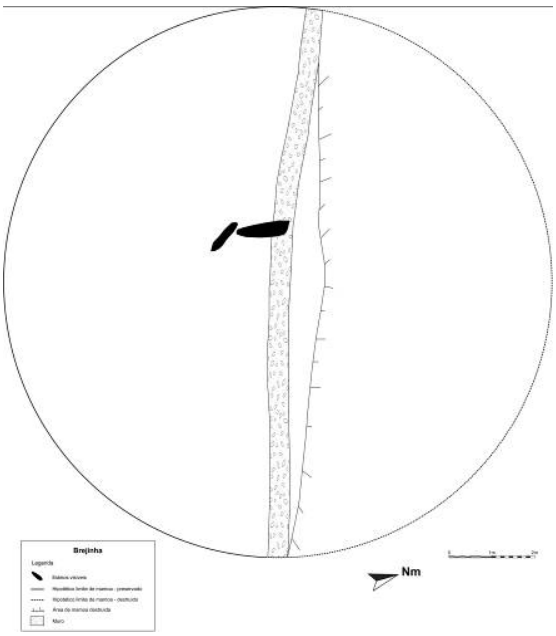


1004.BREJINHA

Identificação e localização **Referência** 1004 **Topónimo** Brejinha (oral) **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Fratel **Nº AEAT** 164 **CNS** 12440 **CMP** 303 **Altitude (m)** 226 **Implantação [geologia** metassedimentos, próximo de depósito de vertente **morfologia** rechã**]** **Caracterização** **Conservação** mau (contentor incompleto e mamoa amputada) **Descrição** monumento com câmara funerária ortostática de características indeterminadas, da qual restam dois esteios em metassedimentos, *in situ*, sendo um o esteio de cabeceira e estando o outro imbricado neste do lado sul. O topo de um destes esteios parece apresentar um entalhe. O monumento está sobreposto por um muro de propriedade orientado na direcção oeste-leste. O interior da câmara foi profundamente violado e entulhado com quartzito, provavelmente pertencente à mamoa, a qual se conserva apenas no quadrante sudoeste. O corte provocado no lado norte do muro mostra ser a mamoa constituída por terra, por blocos de quartzito e pequenos blocos de rocha metassedimentar. Neste sítio o substrato de rochas do Grupo das Beiras está recoberto por depósito de vertente com blocos de quartzito subangulosos. **Câmara [tipo** provavelmente poligonal **nº de esteios** dois esteios **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** o esteio lateral ao de cabeceira, a sul, destaca-se 1,60 m acima do solo**]** **Corredor [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**]** **Mamoa [composição** metassedimentos, quartzito e terra **diâmetro (s)** c. 20,0 m **altura (m)** nd**]** **Espólio [pedra afeiçoada** fragmento de moinho manual (granito) **outros** seixo rolado de xisto azul**]** **Fontes de informação** Henriques *et al* (1984); Henriques & Caninas (1986); Henriques *et al* (1986); Henriques *et al.* (2001); CAVVR; PDM **Documentação gráfica** vista panorâmica do sítio no topo do cabeço lavrado situado à direita do palheiro, aspecto da câmara funerária e planta esquemática.





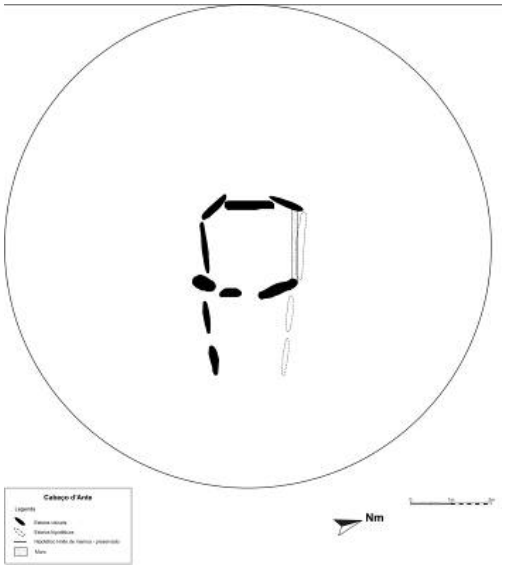


1005.CABEÇO D´ANTE

Identificação e localização **Referência** 1005 **Topónimo** Cabeço d´Ante **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Vila Velha de Ródão **Nº AEAT** 23 **CNS** 2330 **CMP** 314 **Altitude (m)** 230 **Implantação [geologia** metassedimentos **morfologia** topo de cabeço**]** **Caracterização** **Conservação** razoável (anta) e mau (mamoa) **Descrição** contentor funerário de contorno trapezoidal, constituído por câmara e corredor diferenciados em alçado e também em planta tal como foi revelado por escavação. Existe esteio de fecho entre a câmara e o corredor. O corredor conserva apenas dois esteios no lado Sul, mas originalmente tinha maior comprimento. Estão ausentes na câmara o esteio do lado norte e todos os esteios que formavam o alinhamento setentrional. A mamoa está muito reduzida, devido à erosão natural e antrópica (lavoura), e parece conservar-se melhor a oeste do esteio de cabeceira. A mamoa tem sido lavrada no lado norte do caminho e o terreno foi surribado no lado sul onde existe povoamento florestal. Foi objecto de intervenção arqueológica em 2015 e valorização no âmbito de percurso pedestre municipal. Em 1998 foi determinada a orientação do corredor por M. Hoskin e F. Henriques, com um azimute de 95º, que corresponde ao intervalo da maioria dos monumentos analisados na região de Ródão (orientação ao nascer do sol). Foi sujeita a escavação arqueológica **Câmara [tipo** poligonal **nº de esteios** sete esteios (falta um esteio no lado norte) **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** 2,20 m (t) e 2,50 m (l). O esteio de cabeceira destaca-se 1,22 m acima do solo**]** **Corredor [tipo** corredor curto e largo **nº de esteios** dois no lado sul **materiais** metagrauvaque **dimensões (m)** 2,0 m de comprimento**]** **Mamoa [composição** metassedimentos, quartzo filoniano, quartzito e terra **diâmetro (s)** nd **altura (m)** inferior a 0,5 m e c. 1,5 m (origem)**]** **Espólio anterior à escavação [pedra lascada** núcleo de lamelas em quartzo hialino, no caminho a sudeste do monumento **artefacto simbólico** pequeno fragmento de placa de xisto com gravação em ziguezague, em banda, com preenchimento reticulado, a leste do corredor; falta actualizar**]** **Fontes de informação** Henriques & Caninas (1980); Caninas *et al* (2004); Hoskin & Henriques (2008); Caninas *et al* (1999c); CAVVR; PDM **Documentação gráfica** duas fotografias do conjunto câmara-corredor (2005) anterior à escavação; esboço da planta (29 de Fevereiro de 1976), com rectificação posterior.







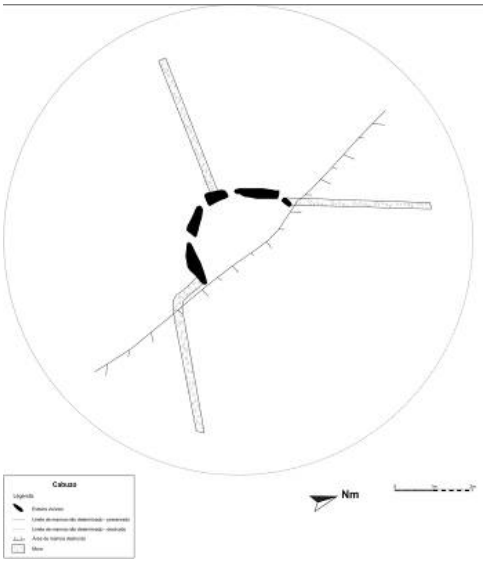
1006.CABUZO

Identificação e localização **Referência** 1006 **Topónimo** Cabuzo (oral) **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Fratel **Nº AEAT** 4 **CNS** 19259 **CMP** 302 **Altitude (m)** 286 **Implantação [geologia** metassedimentos **morfologia** topo de cabeço**]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** câmara ortostática apenas conservada nos lados sul e oeste, com cinco esteios, entre os quais o da cabeceira. Devido à destruição que sofreu não é possível saber se teve corredor. Da mamoa são visíveis vestígios a sul e oeste. O interior da câmara está profundamente violado. Situa-se no limite de três

propriedades **Câmara [tipo** poligonal **nº de esteios** cinco esteios, com o de cabeceira 1,15 m acima do solo **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** 2,3 m (transversal)**] Corredor [**ni**] Mamoa [composição** nd **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd**] Espólio [pedra afeiçoada** movente de mó manual em rocha granitóide**] Fontes de informação** Henriques *et al.* (2003); CAVVR; PDM **Documentação gráfica** duas fotografias do conjunto câmara, tiradas em 2005 e 2006; esboço da planta (Outubro de 2000).



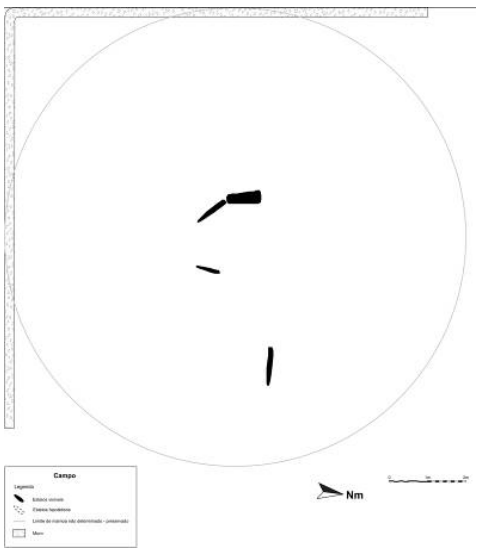




1007.CAMPO 1

Identificação e localização Referência 1007 **Topónimo** Campo (oral) **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Fratel **Nº AEAT** 120 **CNS** 2580 **CMP** 314 **Altitude (m)** 301 **Implantação [geologia** metassedimentos **morfologia** planalto ou chã**] Caracterização Conservação** mau **Descrição** em 1988 restavam vestígios de mamoa e de três esteios na câmara e um no corredor, definindo câmara poligonal e corredor diferenciados em planta e altura. Foi objecto de proposta de classificação como valor concelhio em 8 de Maio de 1988. No reconhecimento de 2005 o espaço continuava a ser lavrado com maquinaria pesada. Da câmara restavam dois esteios, mantendo-se o do corredor muito destruído. A mamoa já não tinha expressão em altura mas observava-se quantidade apreciável de blocos de metassedimentos e de quartzo filoniano que a terão integrado. Nas traseiras do esteio de cabeceira havia um caminho fóssil. Em 1998, foi determinada a orientação do corredor por M. Hoskin e F. Henriques (Santo Amaro 2), com um azimute de 76º, que se afasta da maioria das orientações analisadas na região de Ródão (orientação ao nascer do sol) **Câmara [tipo** poligonal, talvez de sete esteios **nº de esteios** três, incluindo cabeceira com 1,33 m **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** c. 2,0 m de largura longitudinal**] Corredor [tipo** longo **nº de esteios** um no lado norte **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** c. 2,8 m de comprimento mínimo**] Mamoa [composição** provavelmente de metassedimentos e quartzo filoniano **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd**] Espólio [pedra lascada** uma ponta de seta de base triangular e uma ponta de seta de base côncava**] Fontes de informação** Henriques & Caninas (1984 e 1986); Henriques *et al* (1986); Caninas & Henriques (1988d); Caninas *et al.* (1999); Hoskin & Henriques (2008); CAVVR; PDM **Documentação gráfica** vista do sítio; esboço da planta (Maio de 1988).

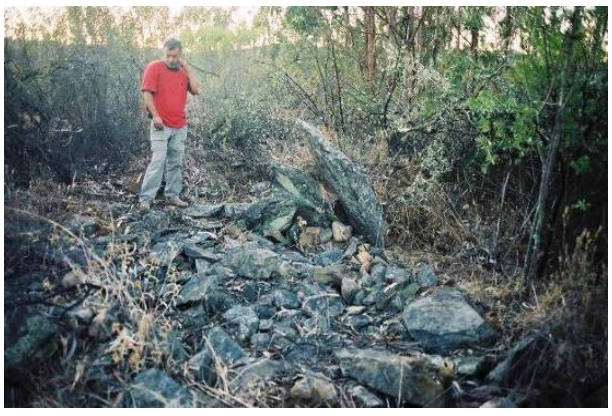




1008.CASARONA

Identificação e localização **Referência** 1008 **Topónimo** Casarona, Cabeço dos Crutes, Montes Negros (oral) **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Fratel **Nº AEAT** 127 **CNS** 12421 **CMP** 313 **Altitude (m)** 134 **Implantação [geologia** depósito de terraço **morfologia** terraço envolvido por meandro fluvial**]** **Caracterização** **Conservação** razoável a mau **Descrição** monumento constituído por câmara funerária de características indeterminadas e mamoa. No centro existe uma cratera de violação correspondente à câmara, com cerca de 3,00 m de diâmetro, a qual se apresenta entulhada com calhaus e blocos rolados de quartzito e de metassedimentos. Conservam-se três esteios de xisto, *in situ,* imbricados e inclinados para o interior. Poderá ter corredor oculto. A mamoa foi amputada pelo estradão florestal no lado norte e no lado sul. Na direcção este-oeste não foi possível determinar o seu diâmetro devido à densidade do coberto vegetal. Existe uma conheira encostada ao monumento a qual se estende na direcção ao rio. O esteio mais completo e alto tem gravada uma pequena covinha na face interna e outra na face externa, sensivelmente a meio, ambas com cerca de 3,00 cm de diâmetro **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** três **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** o esteio mais alto destaca-se 1,47 m acima do solo**]** **Corredor [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**]** **Mamoa [composição** metassedimentos e quartzito **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **]** **Espólio** nd **Fontes de informação** Henriques *et al* (1984, 1986); Henriques & Caninas (1986); CAVVR; PDM **Documentação gráfica** duas fotografias tiradas em datas diferentes (1 e 2).

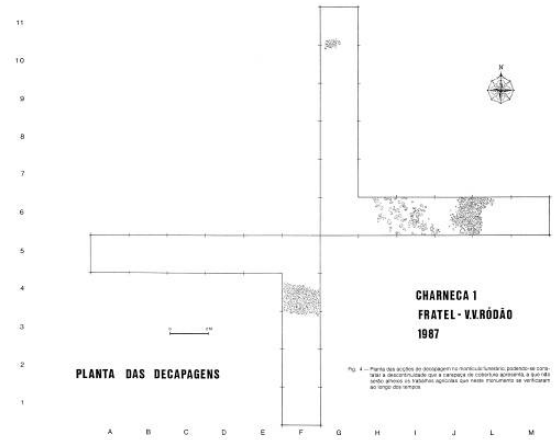


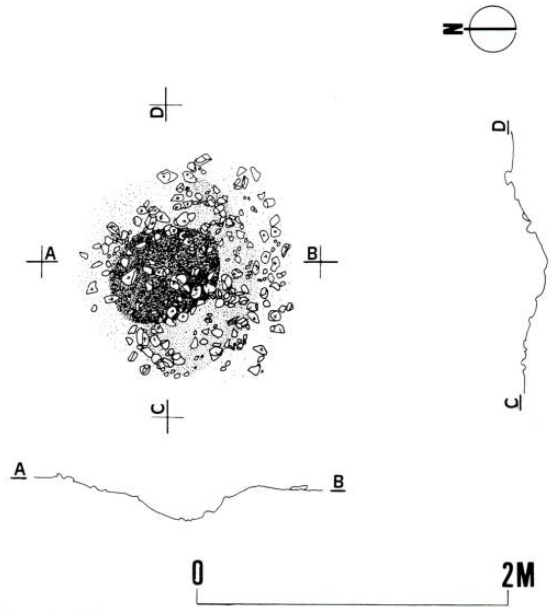


1009.CHARNECA DAS CANAS

Identificação e localização **Referência** 1009 **Topónimo** Charneca das Canas ou do Sobreiro da Cor da Terra (oral) **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Fratel **Nº AEAT** 144 **CNS** 7178 **CMP** 314 **Altitude (m)** 324 **Implantação [geologia** arenitos e conglomerados (tecto da Formação de Falagueira) **morfologia** bordo de mesa detrítica**]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** após escavação arqueológica foi caracterizada como sendo uma mamoa com câmara de características indeterminadas. Por proposta do Núcleo Regional de Investigação Arqueológica (NRIA) e com o apoio da Câmara Municipal, este monumento foi escavado em 1990 e publicados os resultados da intervenção arqueológica um ano depois (Silva, 1991). A escavação revelou vestígios de couraça lítica, de seixos rolados de quartzito, conservada em faixas, desconhecendo-se se cobriu a totalidade do montículo. Na base da mamoa existia uma pequena lareira com vestígios de uso. O espaço funerário estava destruído restando três clastos de metassedimentos. A câmara estaria rodeada por murete de seixos com lajes de xisto intercaladas (contraforte), "mais espesso que o anel de contenção periférica, mas estruturalmente idêntico a este" (Silva, 1991:11). Entre os artefactos líticos e cerâmicos foram recolhidas cerca de 300 peças **Câmara [tipo** indeterminada, talvez fechada **nº de esteios** um esteio residual e dois fragmentos **materiais** metagrauvaque **dimensões (m)** nd**]** **Corredor [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**]** **Mamoa [composição** material arenoargiloso, quartzito rolado, quartzo leitoso e metassedimentos, com couraça pétrea e anel de contenção periférica **diâmetro (s)** c. 26,0 m **altura (m)** c. 0,7 m**]** **Espólio [pedra lascada** 19 lâminas, 26 lamelas, cinco geométricos, dez pontas de seta, quatro punhais, nove núcleos, lascas e restos de talhe **pedra polida** três machados e duas enxós **pedra afeiçoada** uma mó manual **outros líticos** um percutor e um polidor **cerâmica** 120 fragmentos (dois fragmentos decorados, um com ondulado penteado e linhas paralelas oblíquas e outro com linhas incisas horizontais, paralelas ao bordo e abaixo destas semicírculos concêntricos) e cinco vasos completos (dois esféricos, de bordo horizontal reentrante e fundo achatado, uma taça carenada, um copo e uma taça hemisférica) **]** **Fontes de informação** Henriques & Caninas (1986); Henriques *et al* (1986); Silva (1991); CAVVR; PDM **Documentação gráfica** vista da zona central da mamoa; planta; planta de lareira subjacente à mamoa; dois cortes estratigráficos; dez estampas com os materiais que foram desenhados para figurar na publicação (Pereira da Silva, 1991). Estes materiais estão expostos na Exposição Permanente de Arqueologia do Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento de Vila Velha de Ródão.

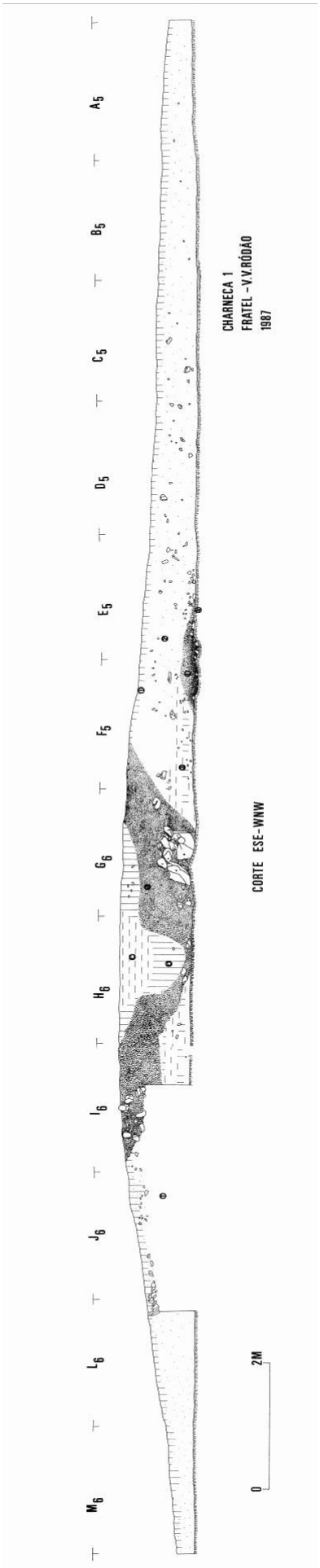


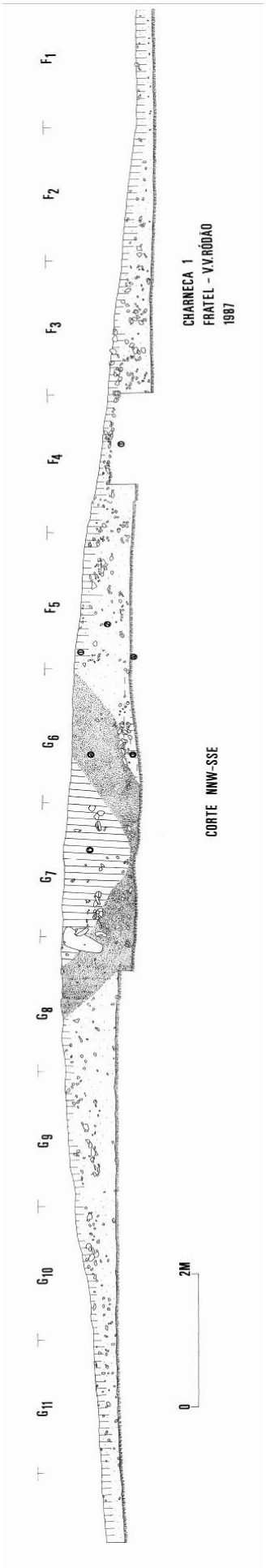




CHARNECA 1
FRATEL-V.V.RÓDÃO
1987

Fig. 5 — Planta e cortes da estrutura de combustão assinalada sobre a alterite de base.





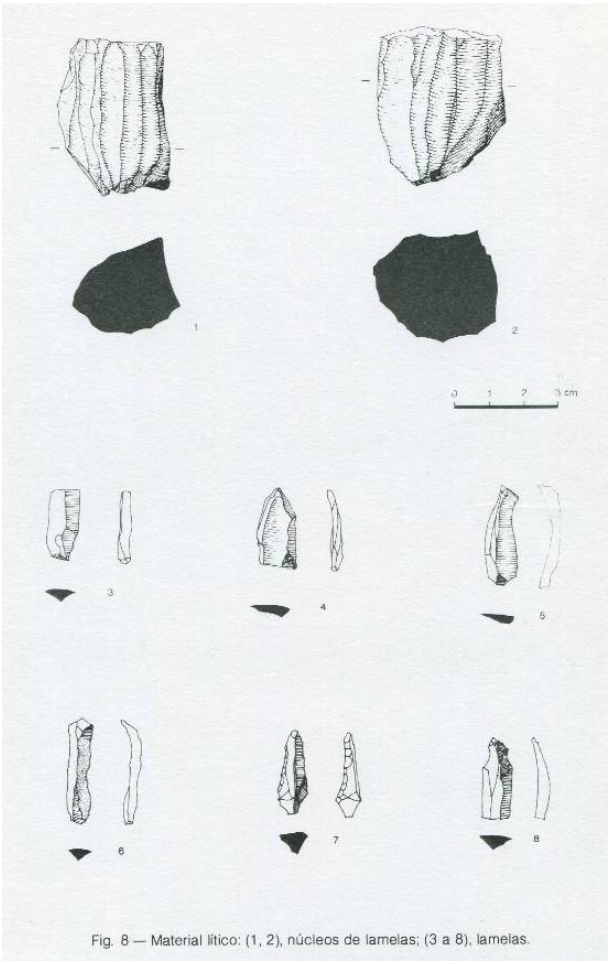


Fig. 8 — Material lítico: (1, 2), núcleos de lamelas; (3 a 8), lamelas.

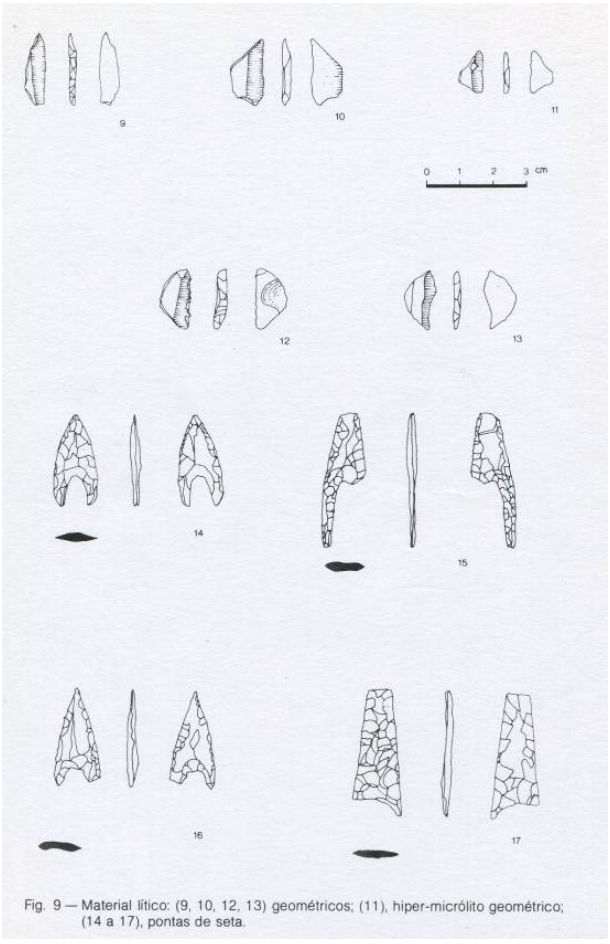


Fig. 9 — Material lítico: (9, 10, 12, 13) geométricos; (11), hiper-micrólito geométrico; (14 a 17), pontas de seta.

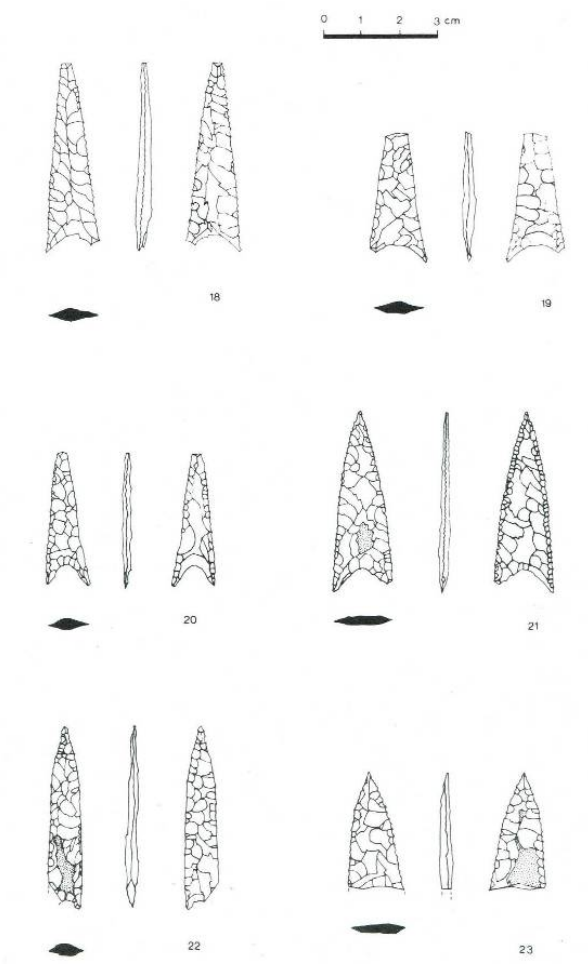


Fig. 10 — Material lítico: (18 a 23), pontas de seta.

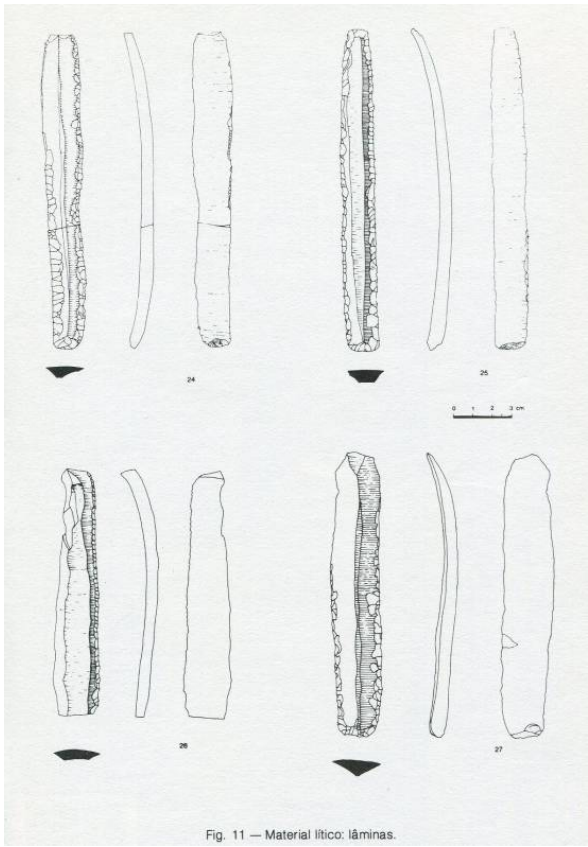


Fig. 11 — Material lítico: lâminas.

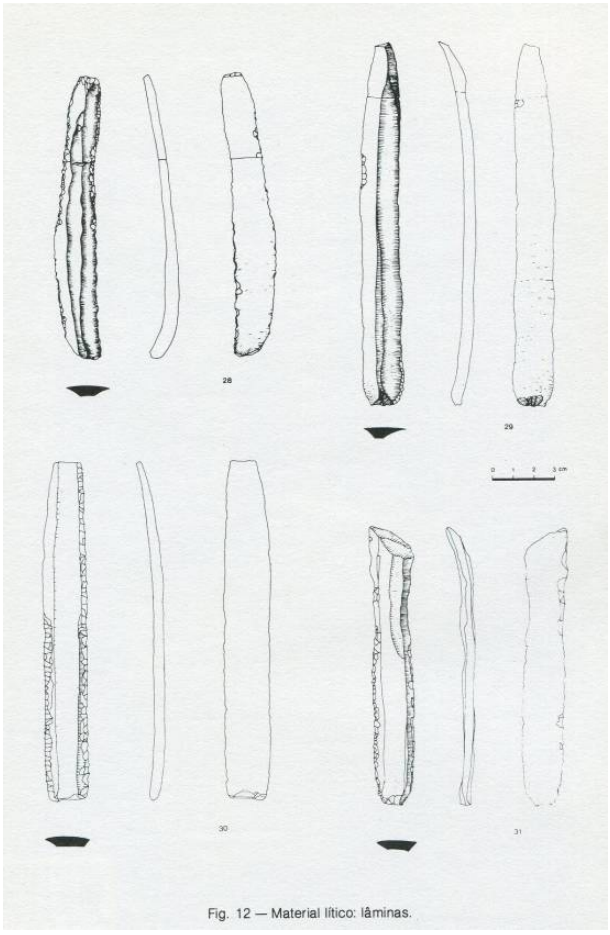


Fig. 12 — Material lítico: lâminas.

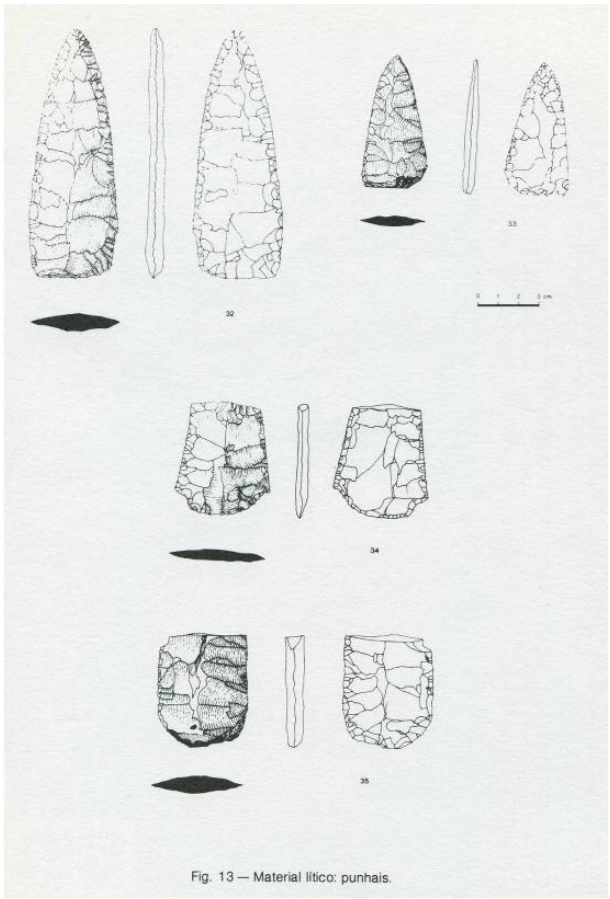


Fig. 13 — Material lítico: punhais.

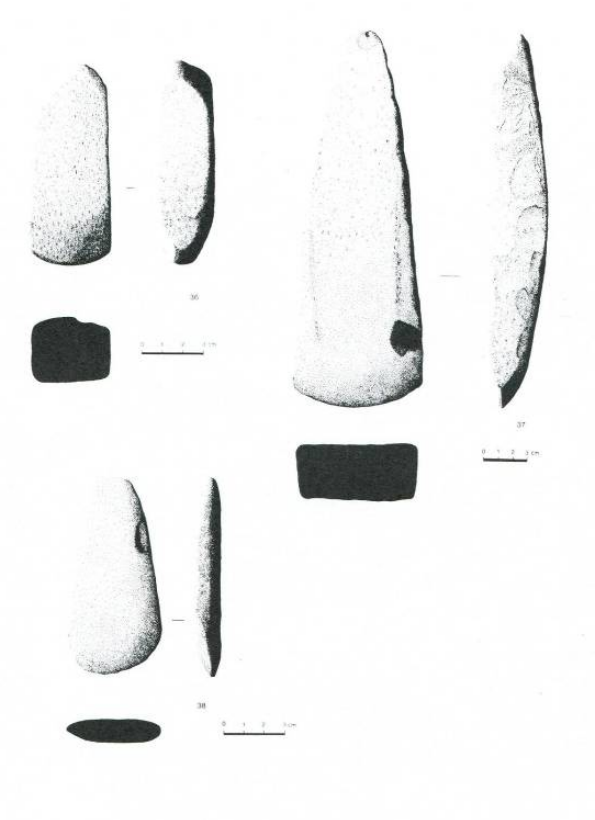


Fig. 14 — Material lítico: (36), machado polido; (37, 38), enxós polidas.

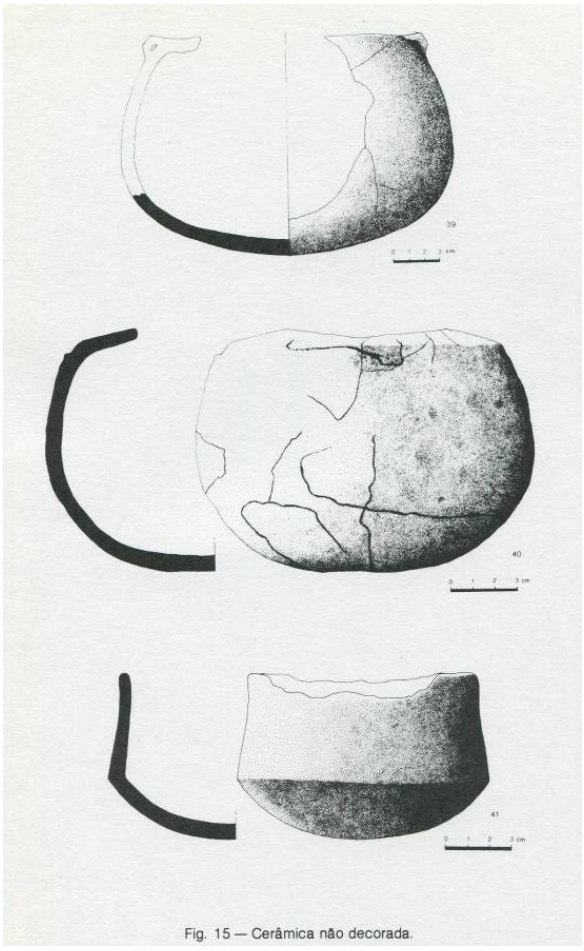


Fig. 15 — Cerâmica não decorada.

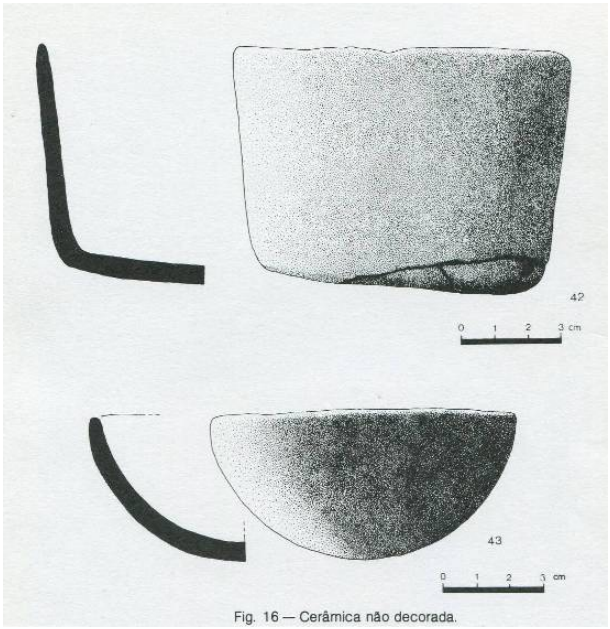


Fig. 16 — Cerâmica não decorada.

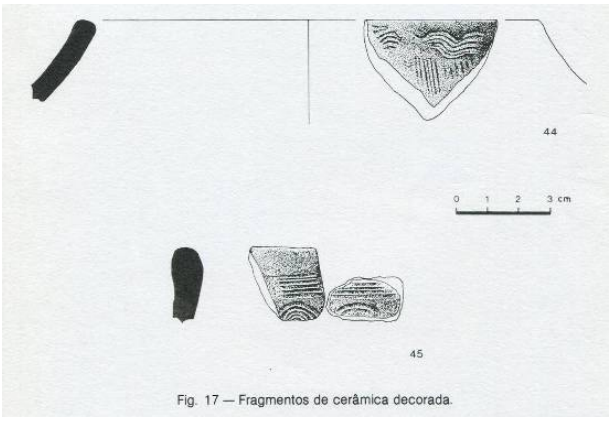


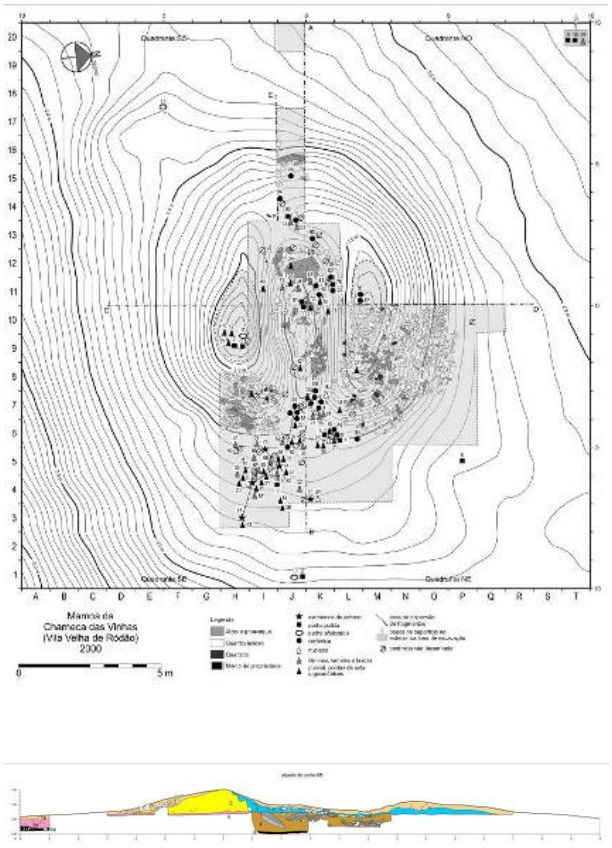
Fig. 17 — Fragmentos de cerâmica decorada.

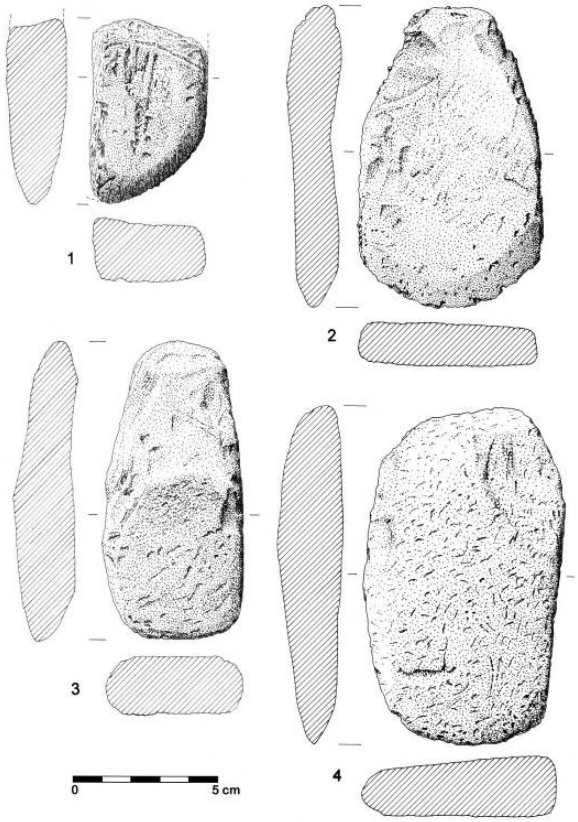
1010.CHARNECA DAS VINHAS

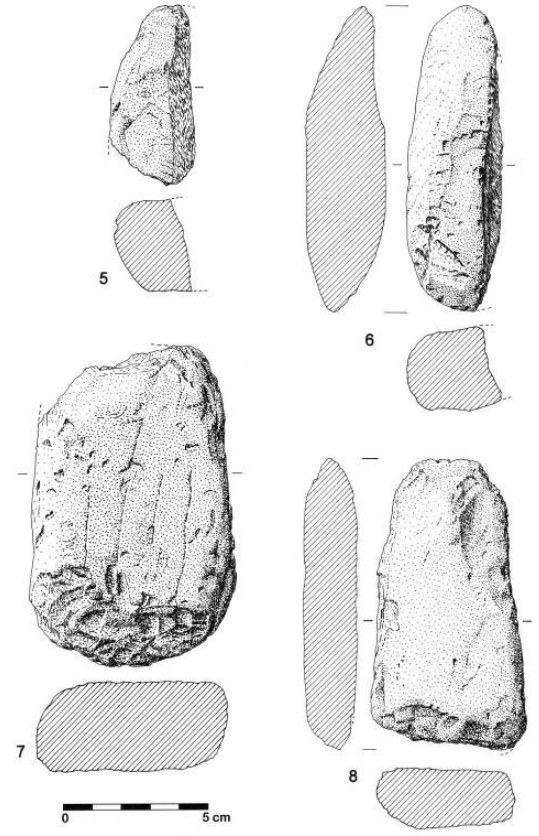
Identificação e localização **Referência** 1010 **Topónimo** Charneca das Vinhas, Pequenos de Vilar de Boi (oral) **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Fratel **Nº AEAT** 188 **CNS** 12445 **CMP** 303 **Altitude (m)** 359 **Implantação [geologia** arenitos e conglomerados (tecto da Formação de Falagueira) **morfologia** bordo de mesa detrítica**]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** em 2000 e 2001 foi efectuada escavação arqueológica neste pequeno *tumulus* com anel de contenção periférica e câmara de planta indeterminada, no interior, de que restou um único esteio completo, e um provável corredor com trecho final aéreo. O espólio, numeroso e diversificado, ocupava maioritariamente a câmara, a parte final do corredor e a zona adjacente à entrada no monumento, voltada a sudeste. A cerâmica é o *item* mais representativo logo seguida, em termos quantitativos, pelas pontas de seta, sendo estas exclusivamente de base côncava. A cerâmica parece concentrar-se na câmara e os elementos de pedra lascada, sobretudo pontas de seta e lâminas/lamelas, dominam os sectores adjacentes à entrada do monumento. Os instrumentos de pedra polida, tal como as peças afeiçoadas (dormentes e moventes de mós manuais), são escassos e ocorrem sobretudo no exterior do monumento. **Câmara [tipo** câmara aberta (escavação) **nº de esteios** um, com 1,38 m de comprimento **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** c. 2,0 m**]** **Corredor [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**]** **Mamoa [composição**

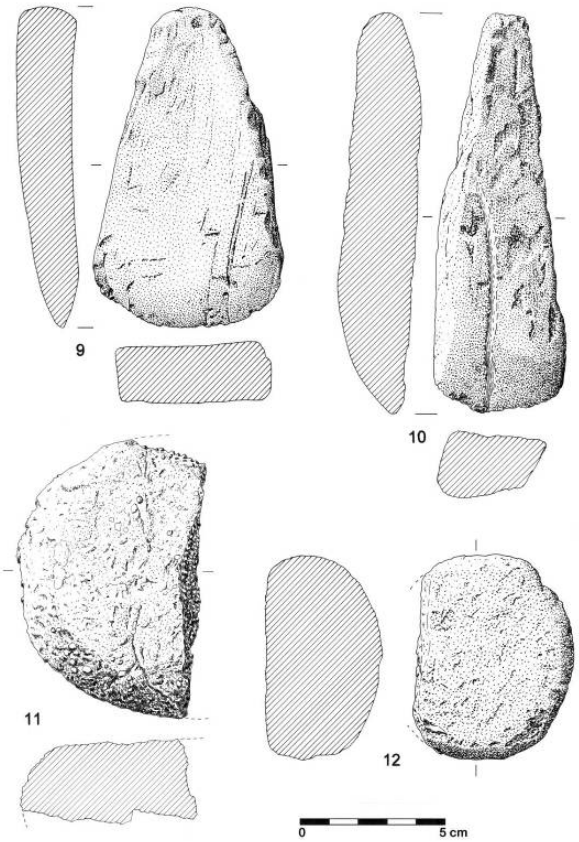
material arenoargiloso, metassedimento, filito, quartzo e quartzito **diâmetro (s)** c. 11,0 m **altura (m)** c. 1,0 m**] Espólio [pedra lascada** 25 pontas de seta de base côncava, três geométricos (dois segmentos e um triângulo), 16 lâminas e lamelas, algumas retocadas e outras com truncaturas, um punhal, um furador, quatro núcleos de lamelas e lascas diversas **pedra polida** dez unidades (machados, enxós, sachos) **pedra afeiçoada** dois moventes e um dormente de mós manuais **adornos** conta de colar em matéria verde **artefactos simbólicos** fragmentos de placa de xisto gravada **cerâmica** pelo menos seis recipientes (um esférico, um vaso de bordo reentrante e quatro taças) maioritariamente lisos, um com mamilo e uma asa**] Fontes de informação** Henriques & Caninas (1986); Henriques *et al* (1984, 1986); Caninas *et al.* (1999, 2009, 2011); CAVVR; PDM **Documentação gráfica** vista do monumento antes da escavação arqueológica; planta de escavação; corte estratigráfico; 12 estampas com os materiais que foram desenhados para figurar na publicação (Caninas *et al.*, 2009, 2011).

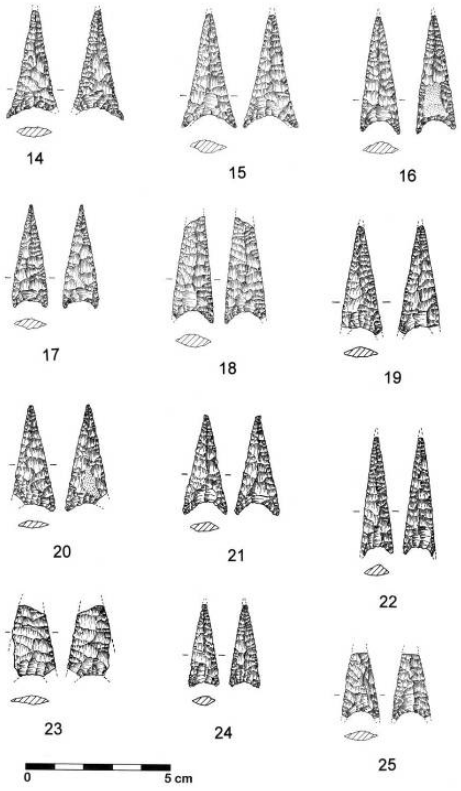


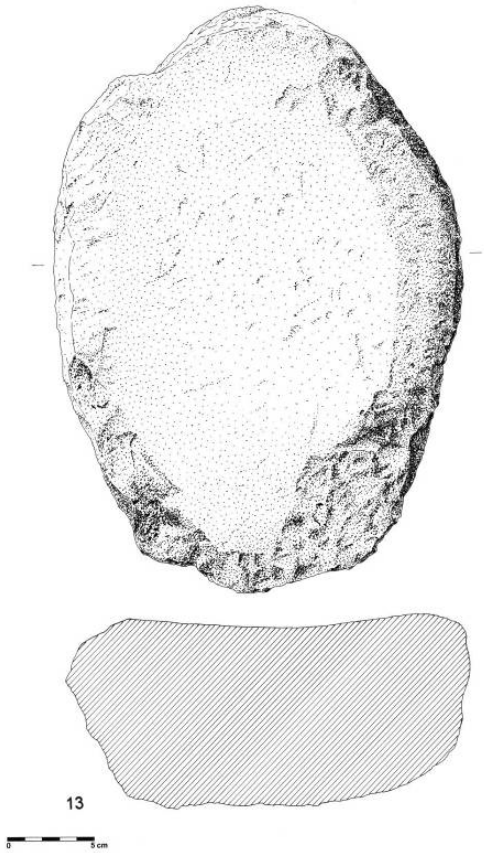


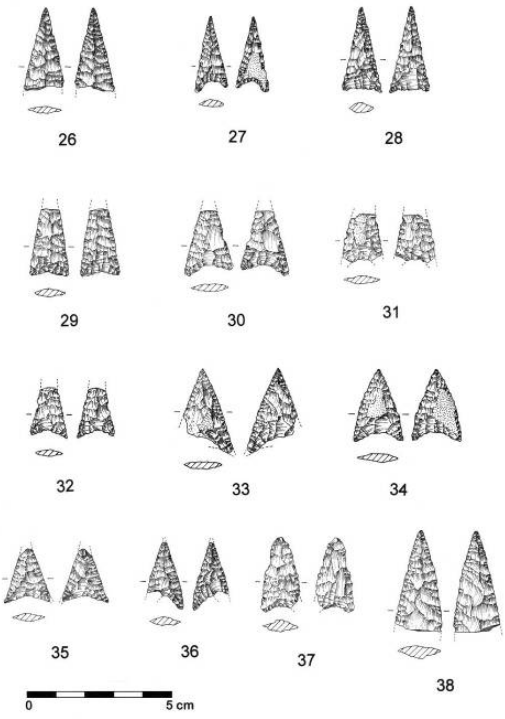


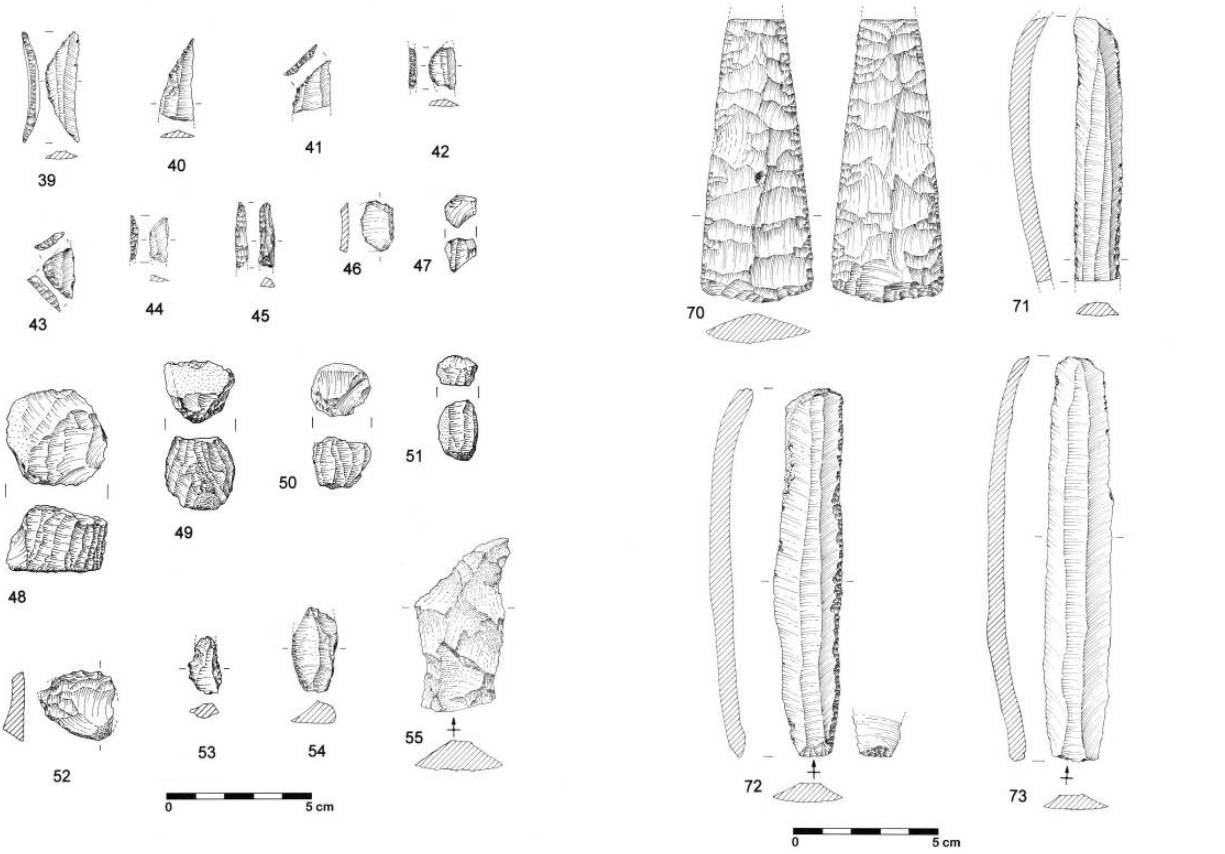


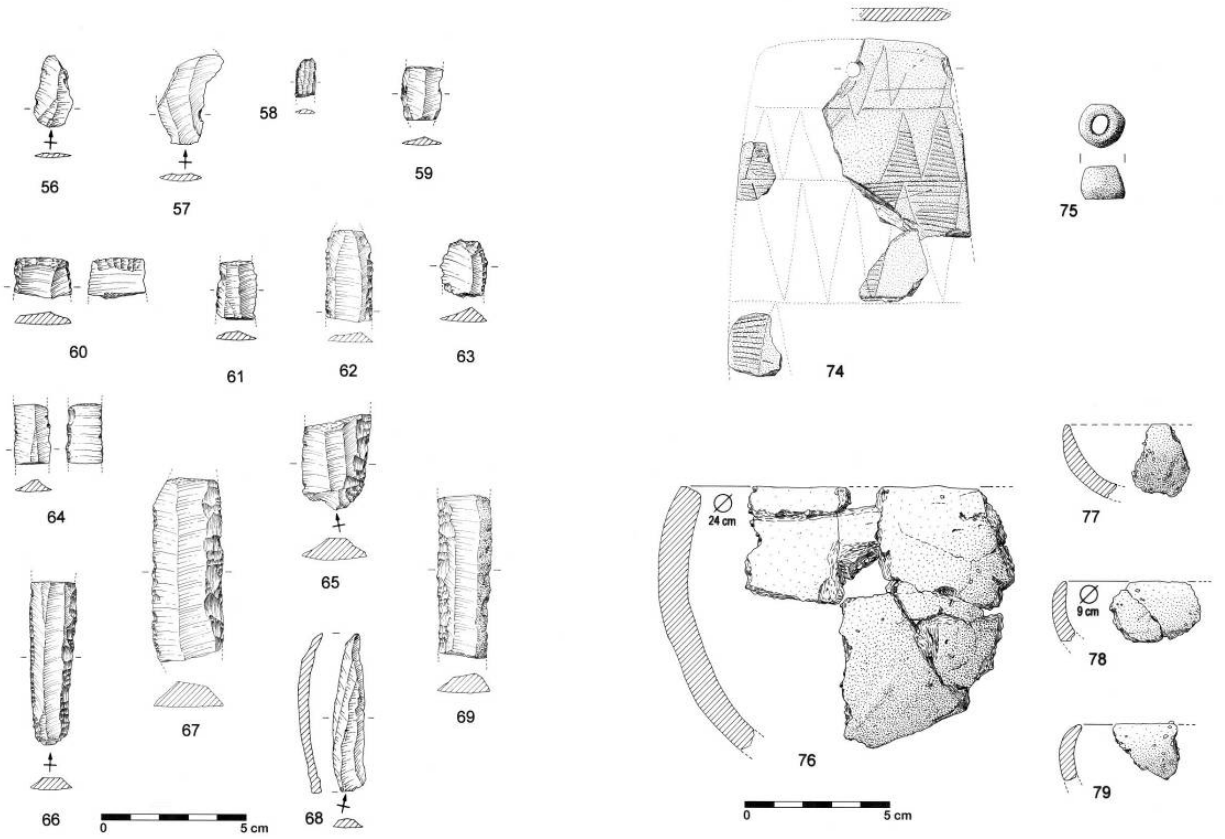

9
10
11
12
0
5 cm

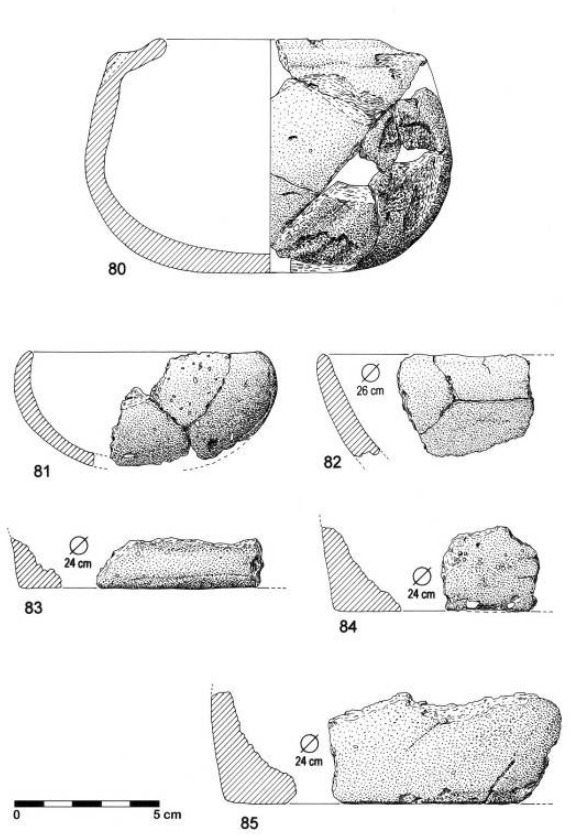

14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
0
5 cm


13
0
5 cm


26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
0
5 cm


39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
0
5 cm
70
71
72
73
0
5 cm

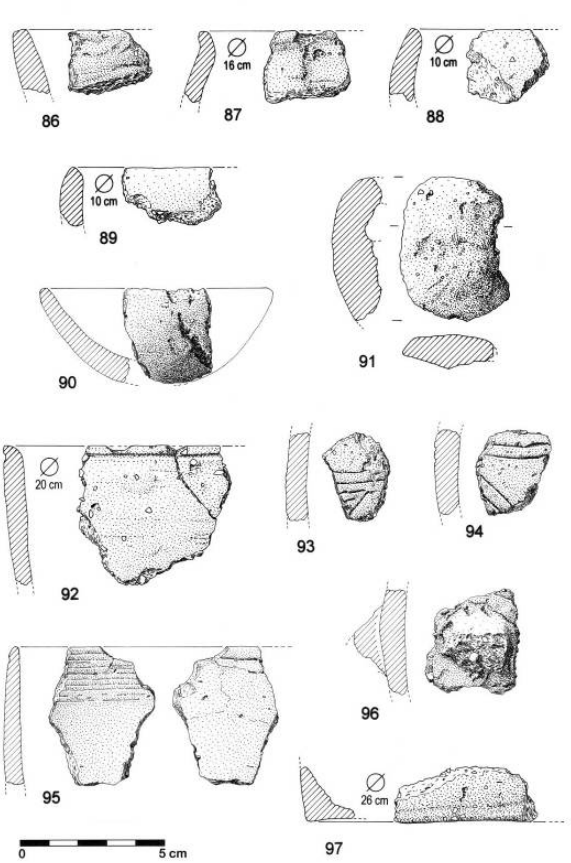

56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
0
5 cm
74
75
24 cm
76
77
9 cm
78
79
0
5 cm



1011.CHARNECA DO JANOME

Identificação e localização **Referência** 1011 **Topónimo** Charneca do Janome (oral) **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Fratel **Nº AEAT** 369 **CNS** 27656 **CMP** 314 **Altitude (m)** 322 **Implantação [geologia** arenitos e conglomerados (tecto da Formação de Falagueira) **morfologia** pequeno cabeço adjacente ao bordo de mesa detrítica**]** **Caracterização** **Conservação** em risco **Descrição** mamoa pouco destacada em relação à área circundante. Não se observam esteios sendo indeterminada a existência de câmara e corredor. O limite norte da mamoa foi atingido por um aceiro **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**]** **Corredor [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**]** **Mamoa [composição** além do material sedimentar disponível no local pode ter incluído clastos de quartzo filoniano e de metassedimentos **diâmetro (s)** c. 15,0 m **altura (m)** nd**]** **Espólio** nd **Fontes de informação** EMERITA (relatório de prospecção); CAVVR; PDM **Documentação gráfica** vista do sítio em 2004.





1012.EIRA DA VINHA

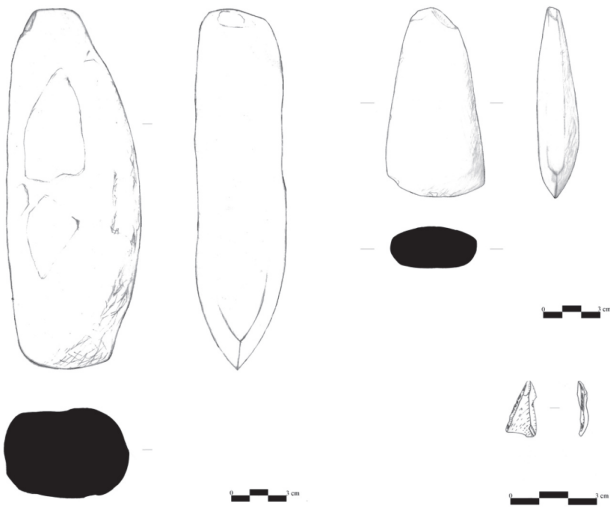
Identificação e localização **Referência** 1012 **Topónimo** Eira da Vinha **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Perais **Nº AEAT** 419 **CNS** 33300 **CMP** 303 **Altitude (m)** c. 105 **Implantação [geologia** aluvião moderno **morfologia** fundo de vale encaixado**]** **Caracterização** **Conservação** integralmente escavada no contexto de uma obra hidroagrícola **Descrição** este monumento estava oculto sob aluvião tendo sido detectado no decurso do acompanhamento da construção de uma barragem para regadio. Consiste num *cairn,* baixo, de quartzo filoniano com contentor funerário de planta subcircular a elíptica, fechada e sem corredor. A estrutura integra dois anéis de contenção, formados por blocos de maiores dimensões, um periférico e outro interno, este com 1 m de espessura. O volume situado entre os dois anéis foi preenchido com clastos de quartzo de menores dimensões. No espaço da câmara foi encontrado um possível esteio, tombado, de pequenas dimensões, em rocha metassedimentar. Durante a escavação foram recolhidos fragmentos de cerâmica pré-histórica espalhados pelo *cairn* e dois instrumentos de pedra polida na câmara. A estrutura foi desmontada por coincidir com a implantação da barragem **Câmara [tipo** elíptica **nº de esteios** um, residual **materiais** quartzo filoniano e metassedimento **dimensões (m)** 2,1 m de diâmetro máximo e 0,45 m de altura**]** **Corredor [tipo** não tem**]** **Mamoa [composição** *cairn* de quartzo filoniano **diâmetro (s)** c. 12,5 m (dimensão máxima estimada) **altura (m)** 0,45 m**]** **Espólio [pedra lascada** um geométrico **pedra polida** um machado e uma enxó, na câmara, um machado no tumulus

pedra afeiçoada diversos fragmentos de moventes e dormentes, no *tumulus* **cerâmica** diversos fragmentos de vasos globulares e hemisféricos, no *tumulus*] **Fontes de informação** Santos & Figueira (2011); CAVVR **Documentação gráfica** vista geral (Santos & Figueira, 2011); planta e dois cortes estratigráficos (Santos & Figueira, 2011); estampa com materiais (Santos & Figueira, 2011).





Fig. 14. Eira da Vinha plan. Composition with drawn stratigraphic cross sections of the monument



1013.ESTAÇÃO DE FRATEL DA CP

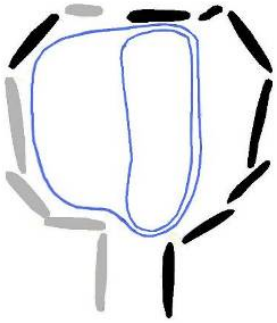
Identificação e localização **Referência** 1013 **Topónimo** Estação de Fratel CP (Caminhos-de-Ferro) **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Fratel **Nº AEAT** 162 **CNS** 12432 **CMP** 314 **Altitude (m)** 97 **Implantação [geologia** metassedimentos **morfologia** terraço**]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** monumento muito danificado e quase totalmente coberto de pedras soltas. Um grande esteio, provavelmente o da cabeceira, encontra-se arrancado (tem 2,27 m de comprimento) configurando uma câmara de características indeterminadas. Do corredor não se observam vestígios. Mamoa baixa. **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** três **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** nd**]** **Corredor [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**]** **Mamoa [composição** terra e metassedimentos **diâmetro (s)** c. 10,0 m **altura (m)** nd**]** **Espólio [**ni**]** **Fontes de informação** Caninas *et al.* (1999); CAVVR; PDM **Documentação gráfica** vista de um esteio no centro do monumento.



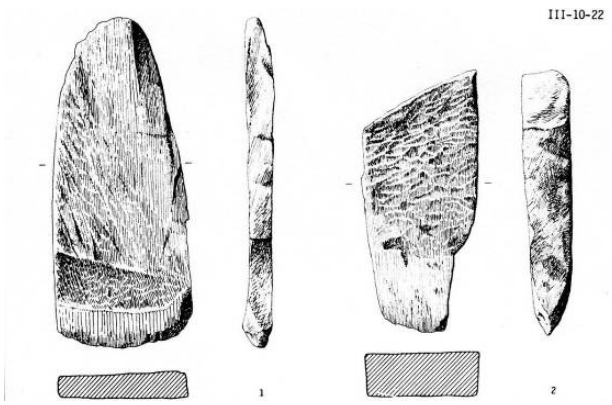
1014.FARRANHÃO

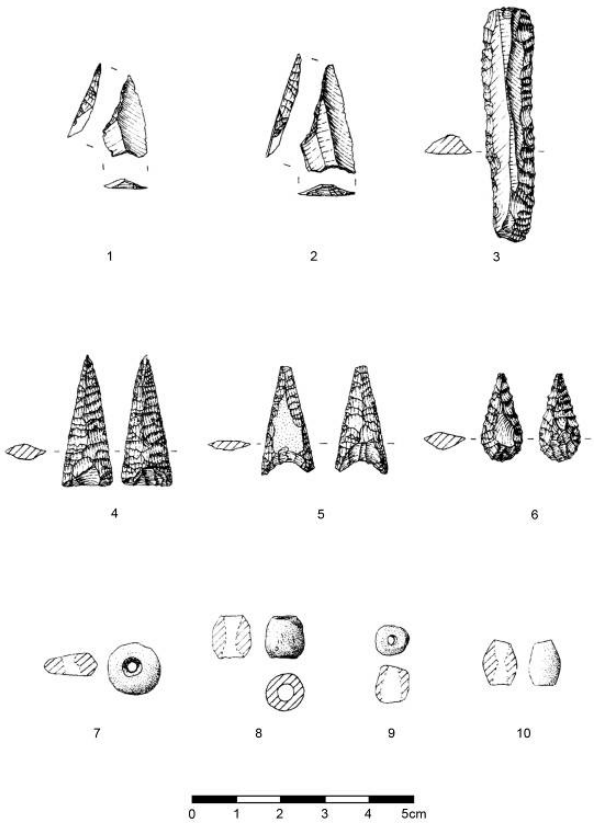
Identificação e localização **Referência** 1014 **Topónimo** Farranhão (oral) **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Perais **Nº AEAT** 47 **CNS** 2342 **CMP** 304 **Altitude (m)** 217 **Implantação [geologia** arcoses (Formação de Cabeço do Infante) retalho residual **morfologia** rechã**]** **Caracterização** **Conservação** destruído **Descrição** monumento destruído por maquinaria pesada em 1977, para alargamento de uma área com olival, com arranque dos esteios e sua colocados no limite da propriedade. O sítio foi sondado em 1983 e 1985. Antes da destruição foi possível documentar a planta do monumento consistindo em câmara e corredor diferenciados (embora sem medidas e sem registo fotográfico), idêntica ao tipo que Georg e Vera Leisner designaram como "câmara poligonal de tendência trapezoidal". O esteio de cabeceira fora decepado poucos centímetros acima do solo. O enchimento apresentava violação. O corredor estava apenas evidenciado por um esteio do lado norte. Na área observava-se uma concentração anormal de pequenos blocos e calhaus de quartzo filoniano e pequenas placas de xisto azulado. Os blocos de quartzo de maiores dimensões estavam dispostos no limite da propriedade, junto do caminho **Câmara [tipo** poligonal simétrica **nº de esteios** sete em onze **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** 1,96m comp. do esteio maior**]** **Corredor [tipo** eventualmente curto **nº de esteios** um no lado norte **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** nd**]** **Mamoa [composição** quartzo filoniano **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd**]** **Espólio [pedra lascada** três lâminas, dois

geométricos, cinco pontas de seta (duas de base recta, uma de base triangular, uma de base convexa, uma de base côncava), uma alabarda, um fragmento de punhal, fragmentos de seixos afeiçoados **pedra polida** três enxós **pedra afeiçoada** um polidor dormente **outros líticos** cinco percutores globulares em quartzo filoniano **adornos** quatro contas verdes e uma conta discóide **cerâmica** 60 fragmentos, incluindo prato de bordo almendrado**] Fontes de informação** Henriques, Henriques & Caninas (1983); Caninas & Henriques (1984); CAVVR; PDM **Documentação gráfica** esboço da planta com as posições de esteios hipotéticos (cinzento) e as depressões correspondentes a violação (Agosto de 1975), sem medidas; vista do local em 1985; estampa com materiais publicados em Leisner & Kalb (1998); estampa de materiais inéditos (desenho de B. Ferreira).









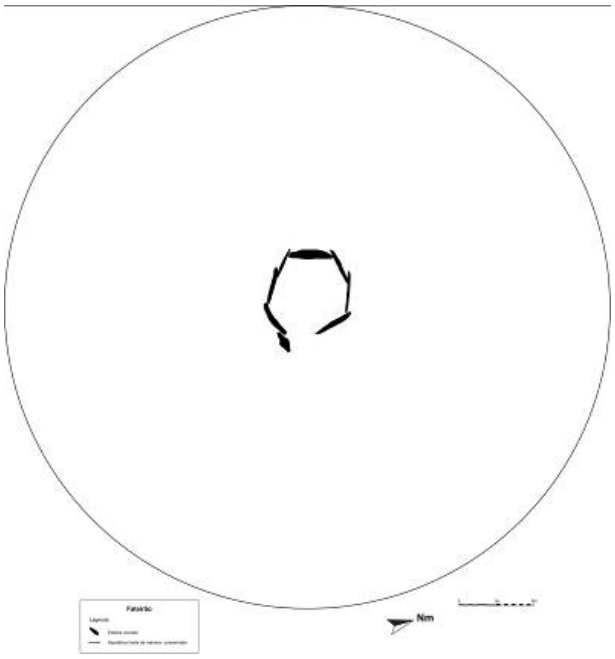
1015.FATEIRÃO

Identificação e localização **Referência** 1015 **Topónimo** Fateirão ou Lomba d´Antes (oral) **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Sarnadas de Ródão **Nº AEAT** 48 **CNS** 1725 **CMP** 303 **Altitude (m)** 255 **Implantação [geologia** metassedimentos **morfologia** lomba descendente**] Caracterização Conservação** em risco (caminho de contorno de eucaliptal), com contentor em razoável estado de conservação e mamoa mal conservada **Descrição** câmara e corredor talvez diferenciados em planta. Situa-se em lomba descendente para sudoeste, sobranceira à ribeira do Açafal. A câmara tem esteios imbricados e muito inclinados para o interior. Do corredor conserva apenas um esteio no lado sul, o qual tem altura superior ao esteio adjacente da câmara. O esteio identificado em 1979 como tampa parece corresponder ao de cabeceira, o qual se fragmentou na base e tombou na direcção da entrada da câmara. A mamoa, constituída por metassedimentos e terra, foi desbastada em redor, mas conserva-se melhor no lado sul onde se estimou que teria pelo menos 8 m de raio. O monumento foi circundado por um estradão florestal que limita um eucaliptal, no lado nordeste. Como o centro do monumento marca o limite entre duas propriedades admite-se que os responsáveis pelo povoamento florestal evitaram destruir o monumento, como se pode avaliar pelo traçado do estradão que o contorna. Não parece ter sofrido degradação significativa desde a sua descoberta em 1979 **Câmara [tipo** poligonal **nº de esteios** sete **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** 2,2 m (t) e 2,0 m (l). O esteio de cabeceira tem cerca 1,6 m de altura**] Corredor [tipo** nd **nº de esteios** um no lado sul **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** nd**] Mamoa [composição** nd **diâmetro (s)** c. 16,0 m **altura (m)** nd**] Espólio [outros** esquírolas ósseas**] Fontes de informação** Henriques & Caninas (1979, 1980); Caninas & Henriques (1982: 19); CAVVR; PDM

Documentação gráfica duas vistas da câmara funerária (2005); esboço da planta (2005).

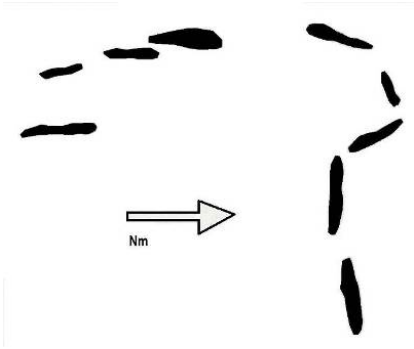






1016.LAGAR DA RISCADA

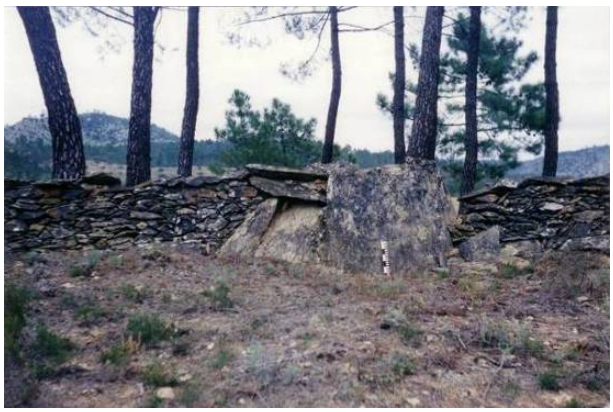
Identificação e localização **Referência** 1016 **Topónimo** Lagar da Riscada e Tapada da Anta **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Fratel **Nº AEAT** 205 **CNS** 12450 **CMP** 313 **Altitude (m)** c. 230 **Implantação [geologia** metassedimentos **morfologia** lomba**]** **Caracterização** **Conservação** destruída provavelmente por plantação de eucalipto **Descrição** monumento de câmara e corredor diferenciados, mas de configuração atípica, citado em Serrão & Serrão (s/d) associado ao topónimo Tapada da Anta. Em 1984 foi caracterizado como tendo nove esteios, na câmara e no corredor, observando-se no interior da câmara um enorme buraco. A mamoa embora de pequenas dimensões estava bem destacada acima do solo. Em 2005 não foi possível relocalizar este monumento que pode ter sido destruído devido à instalação de povoamento florestal **Câmara [tipo** poligonal alongada na direcção norte - sul **nº de esteios** sete, num circuito incompleto **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** nd**]** **Corredor [tipo** eventualmente longo **nº de esteios** dois do lado norte **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** nd**]** **Mamoa [composição** embora detectada não foi caracterizada **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd**]** **Espólio [**nd**]** **Fontes de informação** Monteiro & Gomes (1978); Henriques & Caninas (1986); Henriques *et al* (1986); Serrão & Serrão (s/d); CAVVR; PDM **Documentação gráfica** esboço da planta, sem medidas (J. Batista e A. Henriques, 20 de Abril de 1984).

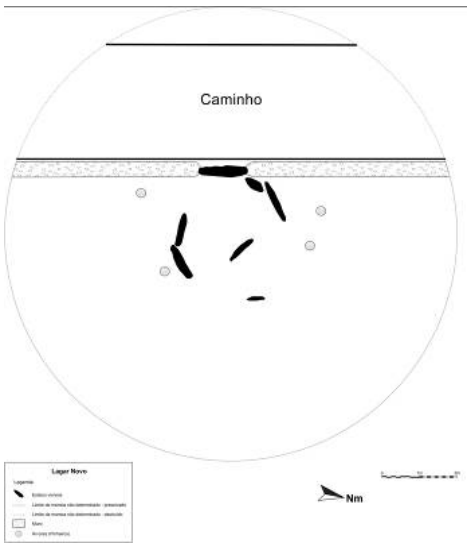


1017.LAGAR NOVO

Identificação e localização **Referência** 1017 **Topónimo** Lagar Novo (oral) ou Antinha **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Vila Velha de Ródão **Nº AEAT** 54 **CNS** 2355 **CMP** 314 **Altitude (m)** 193 **Implantação [geologia** metassedimentos **morfologia** lomba**]** **Caracterização** mau devido a plantação de eucalipto **Descrição** antes de 1999 foi documentada uma câmara funerária quase completa (o terreno encontrava-se ocupado por pinhal). Embora não fosse visível poderia ter corredor, considerando a abertura da câmara para nascente. Existe um muro de limite de propriedade alinhado com o esteio de cabeceira. A ocidente deste muro passa um caminho de cumeada. Em 1999 foi documentada a destruição da câmara com o plantio de eucaliptal. O monumento foi muito afectado no decurso da florestação. No interior do caminho referido ainda se observam vestígios da mamoa. A área da câmara e do corredor foi rasgada por profundos valas para plantio. Quatro esteios que integram o muro ainda se encontram *in situ.* Observam-se também três outros grandes esteios que foram arrancados pela lavoura. **Câmara [tipo** poligonal **nº de esteios** sete (incompleta) **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** 2,3 m (t) e 2,7 m (l). O esteio de adjacente ao de cabeceira destaca-se 1,33 m acima do solo**]** **Corredor [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**]** **Mamoa [composição** nd **diâmetro (s)** c. 12 m (medido antes de 1999) **altura (m)** nd**]** **Espólio [**ni**]** **Fontes de informação** Henriques & Caninas (1980); Caninas *et al.* (1999); CAVVR; PDM **Documentação gráfica** duas vistas anteriores a 1999; esboço da planta (anterior a 1999).



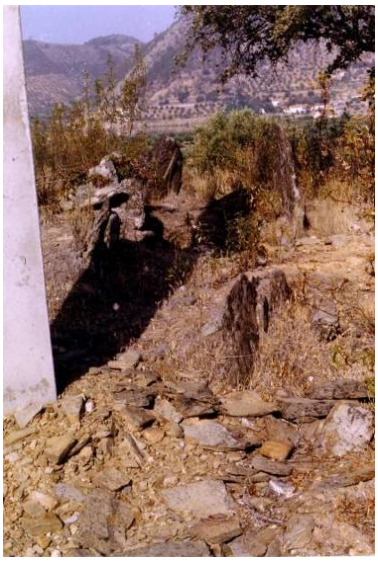


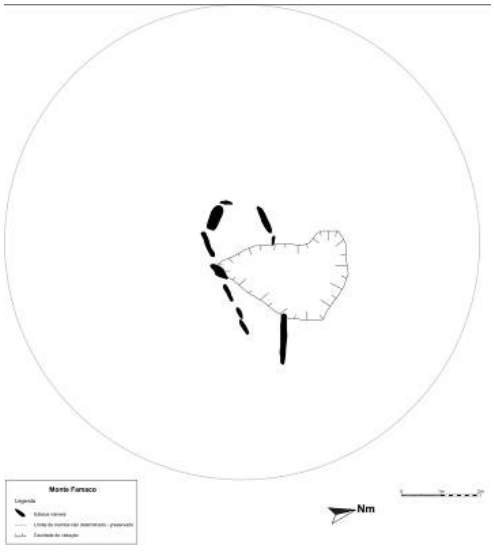


1018.MONTE DO FAMACO

Identificação e localização **Referência** 1018 **Topónimo** Monte do Famaco **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Vila Velha de Ródão **Nº AEAT** 56 **CNS** 2349 **CMP** 314 **Altitude (m)** 110 **Implantação [geologia** depósitos de terraço (T3) e arcoses **morfologia** bordo de terraço**]** **Caracterização** **Conservação** destruída por lavoura **Descrição** câmara e corredor indiferenciados em planta. Em 1977 o monumento estava danificado devido à colocação de um poste de transporte de energia eléctrica sobre a mamoa e, mais recentemente (1993), foi muito destruído pela abertura de valas para florestação. Em 2005 restava uma mamoa pouco pronunciada com cerca de 6,00 m de raio constituída por metassedimentos, clastos rolados em quartzito e quartzo filoniano. Nessa data observava-se um único esteio destacado cerca de 0,20 m acima do solo **Câmara [tipo** poligonal **nº de esteios** sete (faltava o de cabeceira) **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** 1,4 m (t)**]** **Corredor [tipo** corredor curto convergente **nº de esteios** três no lado sul e um esteio longo no lado norte **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** nd**]** **Mamoa [composição** metassedimentos, quartzito e quartzo filoniano **diâmetro (s)** c. 12,0 m **altura (m)** nd**]** **Espólio [**nd**]** **Fontes de informação** Grupo para o Estudo do Paleolítico Português (GEPP); Henriques & Caninas (1980); CAVVR; PDM **Documentação gráfica** dois aspectos da estrutura funerária (1977) antes da sua destruição; esboço da planta (23 de Dezembro de 1977).







1019.MONTE DO PINHAL

Identificação e localização **Referência** 1019 **Topónimo** Monte do Pinhal **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Perais **Nº AEAT** 393 **CNS** 33293 **CMP** 314 **Altitude (m)** 187 **Implantação [geologia** depósitos de terraço (T1) **morfologia** terraço**]** **Caracterização** **Conservação** razoável **Descrição** mamoa bem destacada acima do solo. O espaço correspondente ao contentor funerário está ocupado por uma cratera com 3,8 m x 5,0 m de medidas ortogonais e cerca de 1,1 m de profundidade em relação ao coroamento. Não se observam esteios, os quais podem ter sido arrancados para a construção do Monte do Pinhal ou do muro que ladeia o caminho próximo **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**]** **Corredor [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**]** **Mamoa [composição** blocos de quartzito rolados **diâmetro (s)** 13,0 m **altura (m)** mínimo 1,1 m**]** **Espólio [**nd**]** **Fontes de informação** CAVVR; PDM **Documentação gráfica** vista do sítio.



1020.MONTESINHO

Identificação e localização **Referência** 1020 **Topónimo** Montesinho **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Fratel **Nº AEAT** não identificado **CNS** não atribuído **CMP** 314 **Altitude (m)** c. 205 **Implantação [geologia** metassedimentos **morfologia** encosta de lomba**]** **Caracterização** **Conservação** destruído por plantação de eucalipto **Descrição** monumento completamente destruído por monocultura florestal. Os esteios foram arrancados e arrumados no bordo do caminho que passa no lado nascente do monumento. Estão evidenciados por alguns grandes blocos de metassedimentos e fragmentos de materiais de idêntica natureza, que se distribuem num espaço oval com 10,0 m de diâmetro máximo, na direcção norte-sul. O bloco maior tem formato oval e pode ter servido de cobertura ou de esteio de cabeceira. Observa-se baixa densidade de quartzo leitoso (transcrição parcial da fonte indicada). **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** metagrauvaque **dimensões (m)** nd**]** **Corredor [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**]** **Mamoa [composição** metassedimentos e quartzo filoniano **diâmetro (s)** c. 10,0 m (dispersão de material pétreo) **altura (m)** nd**]** **Espólio** nd **Fontes de informação** Canha & Henriques (2011) **Documentação gráfica** vistas do monumento e de um esteio (2011).





1021.MONTINHO

Identificação e localização **Referência** 1021 **Topónimo** Montinho **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Fratel **Nº AEAT** 235 **CNS** 19271 **CMP** 303 **Altitude (m)** 348 **Implantação [geologia** arenitos e conglomerados (topo da Formação de Falagueira) **morfologia** topo de cabeço**]** **Caracterização** **Conservação** mau

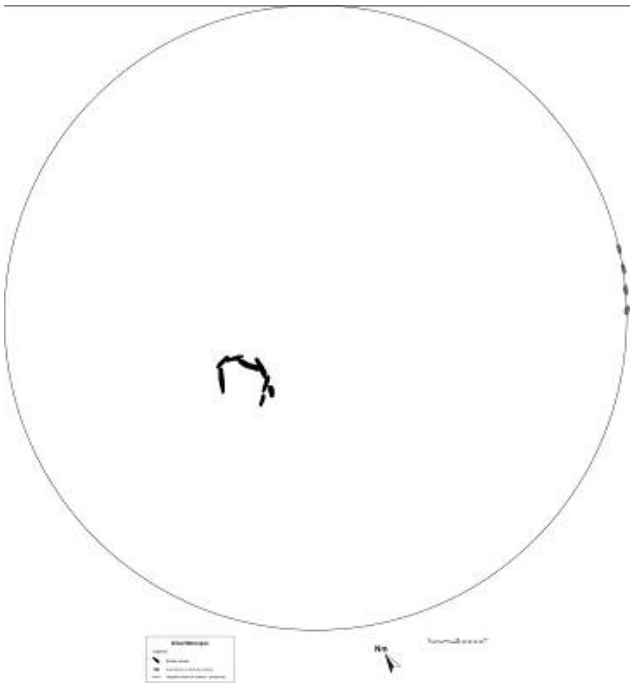


Descrição pequena mamoa de câmara indeterminada. O monumento é de difícil reconhecimento por se confundir com o relevo onde está implantado. É atravessado por um muro baixo constituído por calhaus rolados e situa-se no limite de três propriedades. Em 2005 foi constatado que a área fora percorrida por incêndio e profundamente lavrada para florestação, apresentando-se irreconhecível **Câmara [tipo** nd

nº de esteios nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**] Corredor [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**] Mamoa [composição** nd **diâmetro (s)** c. 9,0 m **altura (m)** nd**] Espólio [**nd**] Fontes de informação** Henriques *et al.* (2001); CAVVR; PDM **Documentação gráfica** uma vista do sítio (2005).

1022.MOROUÇOS 1

Identificação e localização Referência 1022 **Topónimo** Olival dos Morouços **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Perais **Nº AEAT** 63 **CNS** 1718 **CMP** 303 **Altitude (m)** c.122 **Implantação [geologia** aluvião holocénico **morfologia** planície**] Caracterização Conservação** em risco (projecto de regadio) **Descrição** mamoa com câmara fechada e hipoteticamente com corredor longo, atendendo à posição excêntrica da câmara em relação ao centro da mamoa. A mamoa está bem conservada e destaca-se na planície aluvial. Não é possível afirmar se o quartzo filoniano presente na mamoa corresponde a um *cairn* ou a uma couraça superficial. Um dos esteios é longilíneo. A câmara foi escavada provavelmente pelo arqueólogo F. Tavares de Proença Jr, caso este seja o túmulo 1 do Lucriz. O investigador fez uma planta correspondente ao primeiro plano do início da escavação que se afasta muito do esboço que se apresenta. Leisner (1998) parece referir-se a este monumento embora o localize na margem esquerda da ribeira do Lucriz **Câmara [tipo** poligonal **nº de esteios** sete **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** 1,8 m largura máxima e 1,6 m a altura do esteio 5**] Corredor [tipo** nd; pode estar oculto **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** 12,0 m de comprimento hipotético**] Mamoa [composição** quartzo filoniano e terra **diâmetro (s)** c. 22,0 m **altura (m)** nd **] Espólio** nd **Fontes de informação** Proença Jr (1904, 1909, 1906a, 1910); Henriques & Caninas (1979, 1980, 1986); Caninas & Henriques (1982: 21, 1986); Leisner (1998); CAVVR; PDM **Documentação gráfica** esboço da planta da câmara executado em 1979, no qual se assinalam vestígios de eventual anel de contenção periférica; uma vista da mamoa enquadrada no olival; aspecto da câmara funerária (anos 80 do séc. XX).







1023.MOROUÇOS 2

Identificação e localização Referência 1023 **Topónimo** Olival dos Morouços **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Perais **Nº AEAT** 64 **CNS** 24827 **Folha** 303



Altitude (m) c.122 **Implantação [geologia** aluvião holocénico **morfologia** planície**] Caracterização Conservação** em risco (projecto de regadio) **Descrição** este monumento situa-se cerca de 100 m a nordeste da mamoa 1 do Olival dos Morouços. Em 1979 observaram-se dois esteios, de metassedimentos, contíguos e imbricados, correspondentes a uma câmara funerária e três grandes blocos de quartzo

filoniano que podem ter pertencido ao anel de contenção da mamoa. Leisner (1998) parece referir-se a este monumento embora o localize na margem esquerda da ribeira do Lucriz **Câmara [tipo** eventualmente poligonal **nº de esteios** dois esteios (1979); em 2006 o esteio mais destacado tinha 0,45 m de altura **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** nd**] Corredor [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**] Mamoa [composição** nd **diâmetro (s)** c. 16,0 m **altura (m)** muito baixa, medida não determinada**] Espólio [**nd**] Fontes de informação** Proença Jr (1904, 1909, 1906a, 1910); Henriques & Caninas (1979, 1980, 1986); Caninas & Henriques (1982, 1986); Leisner (1998); CAVVR; PDM **Documentação gráfica** duas vistas do sítio tomadas nos anos 80 do séc. XX.



1024-1036.MULATO

Identificação e localização Referência 1024 – 1036 **Topónimo** Mulato (vg na CMP) **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Sarnadas de Ródão **Nº AEAT** 380 **CNS** 33285 **CMP** 303 **Altitude (m)** 345 **Implantação [geologia** metassedimentos **morfologia** chã em lomba**] Caracterização Conservação** mau **Descrição** conjunto de 13 pequenas concentrações de materiais pétreos, formando unidades autónomas próximas umas das outras sugerindo uma necrópole de pequenos *tumuli*. Algumas destas concentrações têm forma monticular mas a maioria está arrasada devido à lavoura. (1024) diâmetros: este - oeste = 9,0 m e norte - sul = 4,0 m; altura: 0,1 m. (1025 e 1026) diâmetros: este - oeste = 4,0 m e norte - sul = 7,0 m; altura: 0,1 m (no centro destes montículos existe um pinheiro). (1027) diâmetros: este - oeste = 5,5 m e norte - sul = 5,5 m; altura: 0,4 m (bem destacada acima do solo, com pequeno covacho no lado sul). (1028) diâmetros: este - oeste = 5,0 m e norte - sul = 4,0 m; altura: ao nível do solo (com três pinheiros no interior da mancha). (1029) diâmetros: este - oeste = 3,0 m e norte - sul = 4,0 m; altura: ao nível do solo (dois pinheiros no centro da mancha). (1030) diâmetros: este - oeste = 4,0 m e norte - sul = 4,0 m; altura: ao nível do solo (1031) diâmetros: este - oeste = 5,0 m e norte - sul = 5,5 m; altura: ao nível do solo. (1032) diâmetros: este - oeste = 7,0 m e norte - sul = 6,0 m; altura: ao nível do solo. (1033) diâmetros: este - oeste = 5,0 m e norte - sul = 6,0 m; altura: 0,3 m. (1034) diâmetros: este - oeste = 3,0 m e norte - sul = 3,0 m; altura: ao nível do solo. (1035) altura: ao nível do solo. (1036) altura: ao nível do solo. Estão cartografadas apenas as primeiras onze estruturas para as quais foram obtidas coordenadas em campo **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**] Corredor [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**] Mamoa [composição** terra, metassedimentos e quartzo filoniano **diâmetro (s)** entre 9,0 m e 3,0 m **altura (m)** abaixo de 0,4 m**] Espólio [pedra lascada** seixos afeiçoados **pedra afeiçoada** elementos de moagem**] Fontes de informação** CAVVR; PDM **Documentação gráfica** vistas de dois monumentos.



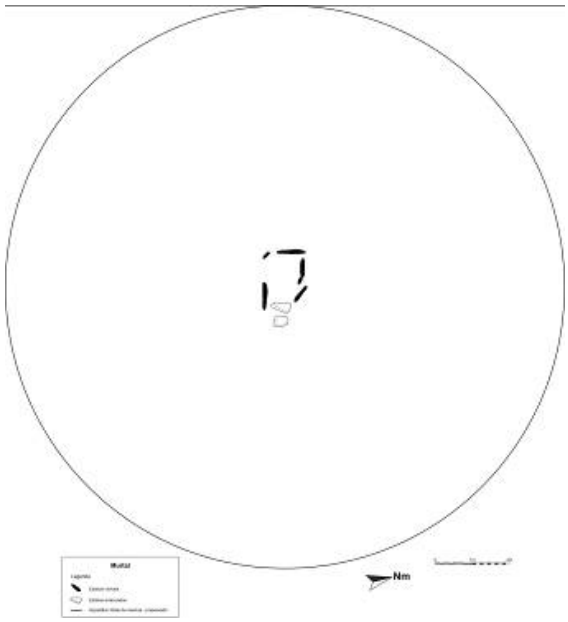


1037.MURTAL

Identificação e localização Referência 1037 **Topónimo** Murtal (oral) **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Sarnadas de Ródão **Nº AEAT** 65 **CNS** 1715 **CMP** 303 **Altitude (m)** 280 **Implantação [geologia** metassedimentos em nível 1 de aplanamento **morfologia** bordo de terraço rochoso**] Caracterização Conservação** razoável mas em risco devido a rede viária **Descrição** pequeno monumento com câmara e corredor eventualmente oculto. A câmara foi profundamente revolvida. A mamoa está bem destacada acima do solo, mas foi danificada em parte do seu perímetro, por maquinaria pesada. Aquando da última visita, o monumento estava envolvida por estradões e eucaliptal. A sua implantação corresponde a um ponto cotado. Pode ser um dos monumentos da necrópole dolménica de Atalaia / Sarnadas convencionada por Proença Jr **Câmara [tipo** poligonal **nº de esteios** seis, com o de cabeceira destacado 0,97 m acima do solo e dois tombados **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** 1,1 m (transversal) e 1,3 m (longitudinal)**] Corredor [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**] Mamoa [composição** terra, metassedimentos e quartzo filoniano

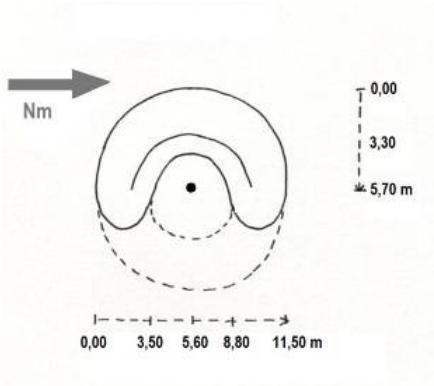
diâmetro (s) c. 14,0 m **altura (m)** bd **] Espólio** nd **Fontes de informação** Proença Jr (1910); Henriques & Caninas (1979, 1980); Caninas & Henriques (1982: 20-21); Henriques *et al.* (2001); CAVVR; PDM **Documentação gráfica** vista da câmara funerária; esboço de planta (1979).





1038.PEROLEDO 1

Identificação e localização **Referência** 1038 **Topónimo** Peroledo (CMP) **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Fratel **Nº AEAT** 191 **CNS** 2590 **CMP** 314 **Altitude (m)** 330 **Implantação [geologia** arenitos e conglomerados (tecto da Formação de Falagueira) **morfologia** bordo de mesa detrítica**] Caracterização Conservação** destruída **Descrição** restos de uma mamoa que, em 1988, estava reduzida a meia coroa correspondente à metade poente do montículo, evidenciando depressão central mas sem vestígios de construção ortostática. A mamoa foi construída com o material disponível do substrato geológico. Aquando do reconhecimento de 2005 já não havia vestígios do montículo devido à expansão do núcleo urbano. O monumento situava-se numa lomba do bordo sudoeste da superfície culminante da Formação de Falagueira, que forma uma extensa mesa detrítica aqui denominada Charneca (de Vilar de Boi). Foi objecto de proposta de classificação como valor concelhio em 8 de Maio de 1988 **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**] Corredor [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**] Mamoa [composição** arenitos do substrato (Formação de Falagueira), metassedimentos e quartzo filoniano e quartzito rolado **diâmetro (s)** c. 12,0 m **altura (m)** 1,8 m**] Espólio** nd **Fontes de informação** Henriques & Caninas (1984, 1986); Henriques *et al* (1986); Caninas & Henriques (1988b); CAVVR **Documentação gráfica** esboço de planta (Maio de 1988).



1039.PEROLEDO 2

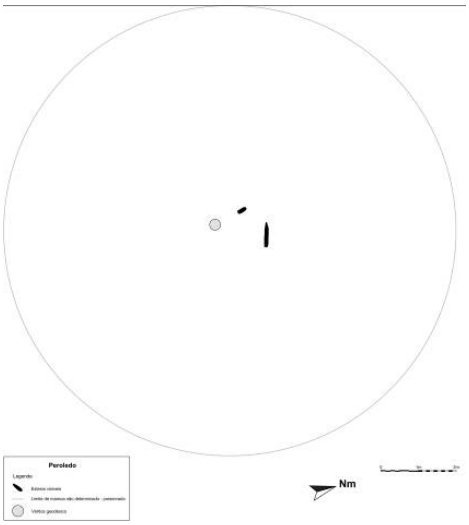
Identificação e localização **Referência** 1039 **Topónimo** Peroledo **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Fratel **Nº AEAT** 231 **CNS** 27376 **CMP** 314 **Altitude (m)** 344 **Implantação [geologia** metassedimentos, no limite da Formação de Falagueira **morfologia** bordo de plataforma detrítica em forma de esporão**] Caracterização Conservação** indeterminado **Descrição** vestígios de uma possível mamoa identificada por ocasião das lavras para uma plantação de eucaliptos. Durante os trabalhos foi colocada à vista, no limite superior da propriedade, uma laje de grauvaque comparável a um esteio de anta. A peça, de configuração sub-rectangular, tem cerca de 1,0 m de comprimento, 0,55 m de largura e 0,3 m de espessura. Apesar da densidade da cobertura arbustiva (eucaliptal e pinhal, queimado pelo incêndio de 2003), parece observar-se, no local, um pequeno relevo comparável a uma mamoa. A posição topográfica é sugestiva **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** um esteio com 1,0 m de comprimento **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** nd**] Corredor [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**] Mamoa [composição** nd **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd**] Espólio [**nd**] Fontes de informação** Caninas & Henriques (2000); CAVVR; PDM **Documentação gráfica** vista panorâmica; vista próxima do montículo.





1040.PEROLEDO 3

Identificação e localização **Referência** 1040 **Topónimo** Peroledo **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Fratel **Nº AEAT** 232 **CNS** 2591 **CMP** 314 **Altitude (m)** 300 **Implantação [geologia** metassedimentos, no limite da Formação de Falagueira **morfologia** topo de pequeno cabeço**]** **Caracterização** **Conservação** destruído **Descrição** vestígios de uma possível anta, evidenciada por dois esteios em xisto, parcialmente danificados, e espólio arqueológico, identificados nos anos 80 por indicação do Inspector José Baptista Martins, à data Presidente da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão. Em 2000 não foi possível reconhecer o sítio, devido à densa cobertura arbustiva e ao eucaliptal ali instalado. Em 2005, nova tentativa de reconhecer o local exacto do monumento não teve êxito; a área foi atingida por profunda lavoura. Não se observaram vestígios nem se recolheu espólio do que poderia ter sido um pequeno monumento. Situa-se junto de um ponto cotado. Foi objecto de proposta de classificação como valor concelhio em 8 de Maio de 1988 **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** dois esteios **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** nd**] Corredor [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**] Mamoa [composição** nd **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd**] Espólio [pedra lascada** geométrico em sílex e outras peças (sílex e quartzito) **cerâmica** fragmentos**]** **Fontes de informação** Caninas & Henriques (1988e, 2000); CAVVR; PDM **Documentação gráfica** esboço de planta (anos 80 do séc. XX); vista panorâmica; vista próxima do montículo.







1041.POÇO DA PEDRA AZUL

Identificação e localização **Referência** 1041 **Topónimo** Poço da Pedra Azul (CMP) **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Sarnadas de Ródão **Nº AEAT** 377 **CNS** 33284 **CMP** 291 **Altitude (m)** 358 **Implantação [geologia** metassedimentos **morfologia** topo de lomba**]** **Caracterização** **Conservação** em risco (por povoamento florestal) **Descrição** mamoa de configuração elíptica, bem destacada acima do solo. É referida a sua descoberta em 16 de Setembro de 1974 como estando arrasada (Serrão & Serrão, s/d). Cerca de 100 metros a norte, do lado norte do caminho de cumeada, observou-se possível esteio, sub-rectangular, com 1,2 m de altura acima do solo, aplicado numa construção em ruínas. Tem uma covinha e uma perfuração circular **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**] Corredor [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**] Mamoa [composição** quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro (s)** c. 8,0 m **altura (m)** c. 0,5 m**] Espólio [**nd**]** **Fontes de informação** Monteiro & Gomes (1978); Serrão & Serrão (s/d); CAVVR; PDM **Documentação gráfica** vista do sítio (2005).



1042.RIBEIRO DA CARAPETOSA

Identificação e localização Referência 1042 **Topónimo** Ribeiro da Carapetosa (CMP) **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Sarnadas de Ródão **Nº AEAT** 376 **CNS** 27670 **CMP** 291 **Altitude (m)** 355 **Implantação [geologia** metassedimentos **morfologia** topo de lomba**] Caracterização Conservação** destruída **Descrição** mamoa destruída por estradão florestal. Não foram observados blocos que possam ter correspondido a esteios **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**] Corredor [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**] Mamoa [composição** quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro (s)** c. 10,0 m (área de dispersão de clastos) **altura (m)** nd**] Espólio [pedra afeiçoada** fragmento de dormente ou de movente de mó manual, em granito**] Fontes de informação** CAVVR; PDM **Documentação gráfica** vista do sítio (2005).

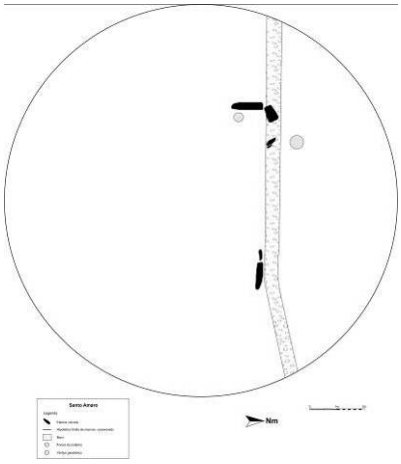


1043.SANTO AMARO

Identificação e localização Referência 1043 **Topónimo** Santo Amaro (CMP) **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Fratel **Nº AEAT** 207 **CNS** 2574 **CMP** 314 **Altitude (m)** 302 **Implantação [geologia** metassedimentos **morfologia** topo de cabeço alongado**] Caracterização Conservação** mau **Descrição** câmara poligonal talvez de sete esteios e corredor longo, bem diferenciados em planta e alçado. Conservam-se apenas os esteios do lado norte bem como o de cabeceira. O corredor e o lado norte da câmara estão alinhados com um muro de divisão de propriedade. O volume da mamoa é perceptível. Foi objecto de proposta de classificação como valor concelhio em 8 de Maio de 1988. Em 1998, foi determinada a orientação do corredor por M. Hoskin e F. Henriques, com um azimute de 93º, que corresponde ao intervalo determinado na maioria dos monumentos analisados na região de Ródão (orientação ao nascer do sol) **Câmara [tipo** poligonal **nº de esteios** conservam-se três, incluindo a cabeceira **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** 1,3 m de largura na direcção longitudinal**] Corredor [tipo** longo **nº de esteios** dois, no lado norte **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** c. 5,8 m**] Mamoa [composição** nd **diâmetro (s)** c. 20,0 m **altura (m)** nd**] Espólio [pedra polida** uma enxó**] Fontes de informação** Henriques & Caninas (1984, 1986); Henriques *et al* (1986); Caninas & Henriques (1988c); Caninas *et al.* (1999); Hoskin & Henriques (2008); CAVVR; PDM **Documentação gráfica** duas vistas do monumento; esboço de planta (Maio de 1988).







1044.TAVELINHA

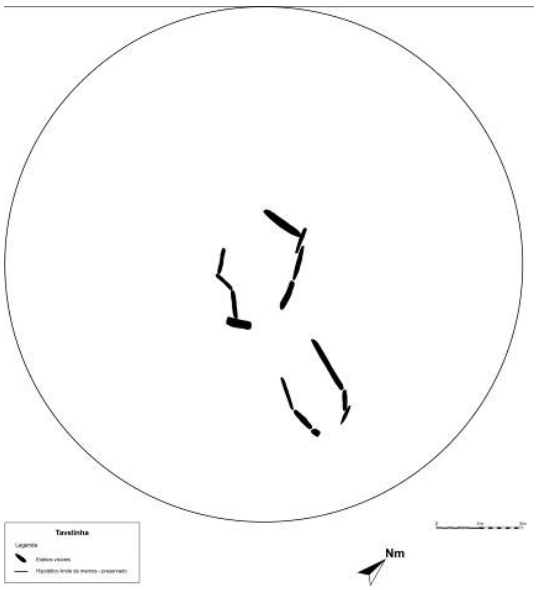
Identificação e localização Referência 1044 **Topónimo** Tavelinha **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Vila Velha de Ródão **Nº AEAT** 87 **CNS** 2372 **CMP** 303 **Altitude (m)** 197 **Implantação [geologia** metassedimentos **morfologia** topo de cabeço sobranceiro a curso de água **Caracterização Conservação** destruído por eucaliptal **Descrição** monumento com câmara e corredor diferenciados**.** Originalmente, o comprimento total do monumento da cabeceira até à entrada do corredor seria de 5,2 m, com interrupção de 1,0 m de comprimento na ligação entre câmara e o corredor. O corredor estreitava na entrada estando marcada por dois pequenos esteios distanciados ente si 0,5 m. Monumento destruído na metade sul devido a eucaliptal. O eixo câmara-corredor corresponde ao limite de duas propriedades. A surriba no lado sul pôs à vista grandes blocos de quartzo filoniano e de quartzito que integravam a estrutura da mamoa. Os esteios do

lado sul do monumentos foram partidos e/ou arrancados e colocados na propriedade oposta. Nesse amontoado observa-se um esteio longilíneo, proveniente da câmara. A sobrelevação correspondente à mamoa é bem evidente ao longo do traçado do aceiro **Câmara [tipo** poligonal assimétrica **nº de esteios** nove (falta o de cabeceira) **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** 2,0 m (transversal) e 2,15 m (longitudinal). O esteio mais alto tem cerca 1,1 m acima do solo**] Corredor [tipo** curto **nº de esteios** três esteios de cada lado **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** 1,9 m de comprimento e 1,15m largura mesial**] Mamoa [composição** metassedimentos, quartzo filoniano e quartzito **diâmetro (s)** c. 14,0 m **altura (m)** nd**] Espólio [outros líticos** fragmento de cristal de quartzo hialino**] Fontes de informação** Henriques & Caninas (1980); Caninas & Henriques (1983); CAVVR; PDM **Documentação gráfica** (1 a 3) vista de enquadramento e vistas aproximadas do monumento antes da destruição; (3) esboço de planta anterior à destruição.









1045.URGUEIRA

Identificação e localização **Referência** 1045 **Topónimo** Monte da Urgueira **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Perais **Nº AEAT** 91 **CNS** 1734 **CMP** 303 **Altitude (m)** c. 146 **Implantação [geologia** arcoses (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** encosta suave**] Caracterização Conservação** mau **Descrição** monumento com câmara e corredor diferenciados em planta e alçado. Foi escavado por F. Tavares Proença Jr em 1904. Nessa época a sepultura tinha quatro esteios na câmara e cinco no corredor. Actualmente conserva apenas três esteios e a mamoa está diluída pela actividade agrícola. Próximo existe um pontão construído com esteios retirados ao monumento. De acordo com a planta da escavação a assimetria do monumento em planta, exibindo ortogonalidade entre o eixo do corredor e o eixo de alongamento da câmara, aproxima esta construção das câmaras de polígono unilateral de Georg e Vera Leisner (1951) como são os casos de Vidigueiras 1 e 2 mas como é também o caso da anta da Granja de São Pedro (Almeida & Ferreira, 1971). F. Proença Jr informa que (1909: 7) "a parte lithica do monumento acha-se em regular estado de conservação embora a mamôa tenha desapparecido em grande parte em virtude de várias causas", e que "o megalitho da Urgueira reconhece-se a distancia pelos seus esteios erectos no meio da pequena elevação de terra e pedras, que constituiu a mamôa". Os desenhos publicados (planta e corte) não apresentam escala mas o autor indica as medidas dos esteios, nomeadamente a altura, "antes da exploração" e após esta informa que aumentaram 0,40 m na galeria (corredor) e 0,50 m na câmara. Deste modo podemos estimar uma altura (residual) da mamoa de cerca de 0,50 m. Na câmara o esteio intacto (nº 4) tinha 0,81m de altura, antes da exploração, e depois da escavação ficou com 1,31 m de altura. A altura dos esteios do corredor variava entre 0,10 m e 0,28 m, antes da exploração, valores que acresceram 0,40 m após esta. A largura na câmara entre o esteio 4 e o esteio 6 era de 2,20 m e entre o 3 e o 5 (da câmara) era 3,00 m, embora este último (5) esteja deslocado segundo afirma o escavador. O corredor tem 2,20 m de comprimento por 0,75 m de largura entre os esteios 2 e 8. Segundo J. Batista (1983) o espólio recolhido totalizava onze peças. Os machados estavam no corredor e as cerâmicas, aparentemente, todas na câmara. Pode ver-se outra perspectiva fotográfica antiga da anta da Urgueira, além

da apresentada, em Ferreira (2004: 248) **Câmara [tipo** sub-rectangular **nº de esteios** cinco **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** 2,20 m de largura (dimensão transversal) e 3,00 m de comprimento; o esteio mais alto tem cerca 1,31 m acima do solo**] Corredor [tipo** curto e estreito **nº de esteios** cinco, três a sul e dois a norte **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** 2,20 m de comprimento por 0,75 m de largura**] Mamoa [composição** quartzito, quartzo filoniano e metatassedimentos **diâmetro (s)** nd **altura (m)** 0,50 m de dimensão residual**] Espólio [pedra polida** três machados de secção rectangular e sub-rectangular **cerâmica** fragmentos de três recipientes cerâmicos (uma taça, de bordo ligeiramente espessado internamente e dois vasos, de bordo simples introvertido) e um quase completo (taça de colo alto e carena suave, bordo extrovertido), que correspondem a duas formas abertas e duas formas fechadas **outros** restos osteológicos humanos**] Fontes de informação** Proença Jr (1904, 1909, 1910); Batista (1983); Caninas & Henriques (1982); Henriques & Caninas (1980, 2004); Ferreira (2004); Leisner (1998); Salvado (1980); CAVVR; PDM **Documentação gráfica** planta e corte estratigráfico (Proença Jr, 1904); duas fotografias de Proença Jr, no arquivo da família Abrunhosa (Ferreira, 2004; Henriques & Caninas, 2004); vista do sítio em 2006; duas estampas com materiais (Batista, 1983).

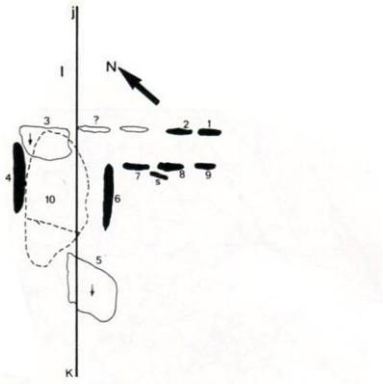


Fig. 4 — Planta do monumento (seg. Tavares Proença).

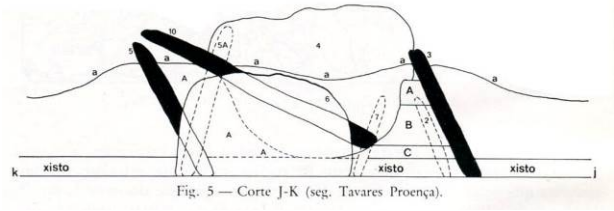
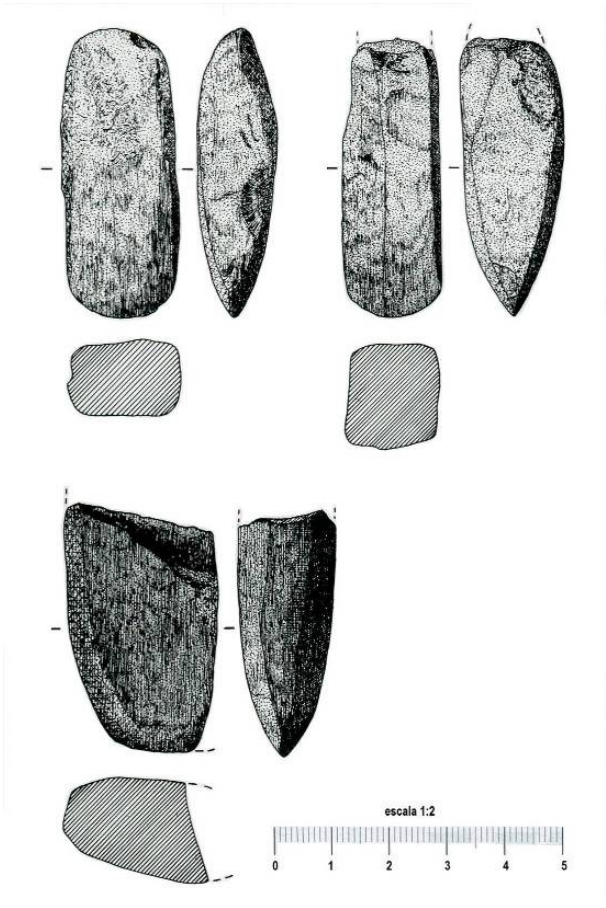


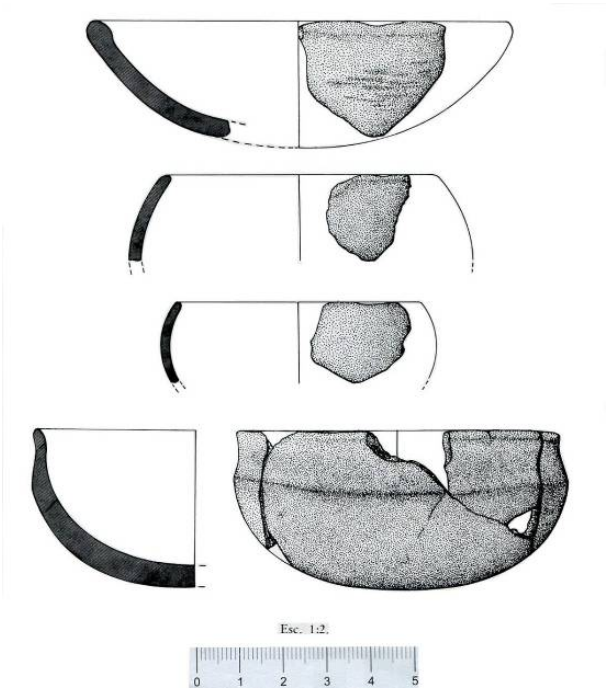
Fig. 5 — Corte J-K (seg. Tavares Proença).











1046.VALE DA NAVE

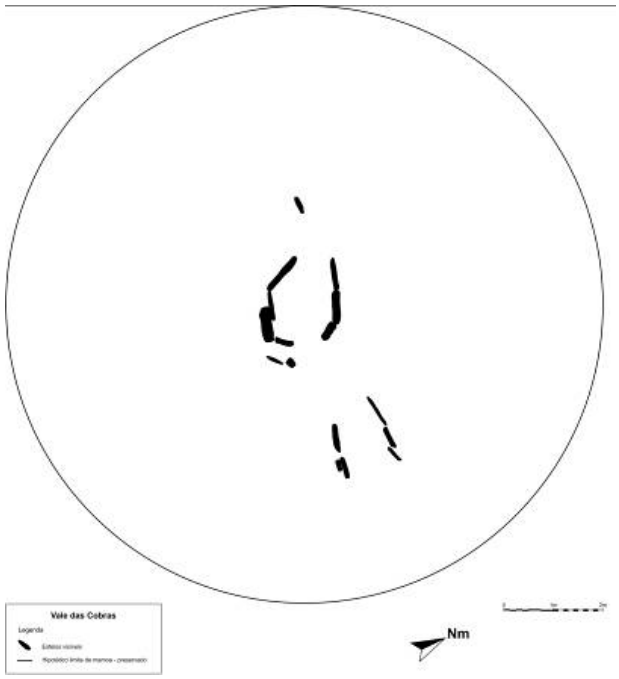
Identificação e localização **Referência** 1046 **Topónimo** Vale da Nave (CMP) **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Fratel **Nº AEAT** 226 **CNS** 12460 **CMP** 314 **Altitude (m)** 250 **Implantação [geologia** metassedimentos **morfologia** topo de lomba**]** **Caracterização** **Conservação** destruída **Descrição** mamoa em razoável estado de conservação à data da sua identificação, em 23 de Abril de 1984, embora com vestígios de violação, um esteio *in situ,* sugerindo câmara, de características indeterminadas, e outro tombado. Em 5 de Setembro de 2005 foi procurada sem sucesso, em área totalmente ocupada com monocultura de eucalipto **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** dois (1984) **materiais** nd **dimensões (m)** nd**]** **Corredor [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**]** **Mamoa [composição** nd **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd**]** **Espólio [**nd**]** **Fontes de informação** Henriques & Caninas (1984, 1986); Henriques *et al* (1986); CAVVR; PDM **Documentação gráfica** não disponível.

1047.VALE DAS COBRAS 1

Identificação e localização **Referência** 1047 **Topónimo** Vale das Cobras ou Feiteira (oral) **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Sarnadas de Ródão **Nº AEAT** 92 **CNS** 2378 **CMP** 303 **Altitude (m)** c. 318 **Implantação [geologia** metassedimentos **morfologia** topo de cabeço**]** **Caracterização** **Conservação** razoável **Descrição** estrutura funerária com câmara e corredor bem diferenciados em planta e alçado. O esteio mais destacado tem 0,73 m acima do solo. A mamoa está parcialmente destruída do lado norte, pela acção da maquinaria pesada. Em 1998, foi determinada a orientação do corredor por M. Hoskin e F. Henriques, com um azimute de 95º, que corresponde ao determinado na maioria dos monumentos analisados na região de Ródão (orientação ao nascer do sol) **Câmara [tipo** poligonal **nº de esteios** sete (poderá faltar um esteio a norte da cabeceira) **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** 1,15 m (transversal) e 1,8 m (longitudinal)**]** **Corredor [tipo** longo **nº de esteios** cinco na parte terminal **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** c. 3,05 m de comprimento**]** **Mamoa [composição** nd **diâmetro (s)** c. 12,0 m **altura (m)** nd**]** **Espólio [pedra lascada** uma lâmina em sílex**]** **Fontes de informação** Proença Jr (1910); Henriques & Caninas (1979, 1980); Caninas *et al.* (1999); Hoskin & Henriques (2008); CAVVR; PDM **Documentação gráfica** duas vistas actuais (2015); esboço da planta (início dos anos 90 do séc. XX).







1048.VALE FEITO 1

Identificação e localização **Referência** 1048 **Topónimo** Vale Feito **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Sarnadas de Ródão **Nº AEAT** 258 **CNS** 16909 **CMP** 303 **Altitude (m)** 320 **Implantação [geologia** metassedimentos **morfologia** portela em colo suave com cotas superior a leste e oeste**]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** mamoa parcialmente destruída no lado norte em consequência de alargamento de caminho e no lado leste devido à actividade de maquinaria pesada durante a construção de um canal de desvio de águas para a barragem dos Tamujais. No corte provocado por aquele alargamento observam-se duas áreas de blocos de quartzo filoniano (alguns de médio tamanho). Situa-se junto a um cruzamento de caminhos e de uma antiga via de carroças, evidenciado por trilhos. O montículo é constituído por terra e por clastos de rocha meta-sedimentar e de quartzo filoniano. A distribuição dos materiais pétreos ocorre num raio de 7,00 m na direcção este-oeste e 8,00 m na direcção norte-sul. No corte aberto pelo caminho observa-se um engrenamento dos materiais pétreos **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**]** **Corredor [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**]** **Mamoa [composição** terra, quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro (s)** c. 8,00 m **altura (m)** nd**]** **Espólio [**nd**]** **Fontes de informação** CAVVR; PDM **Documentação gráfica** vista do sítio em 2013.



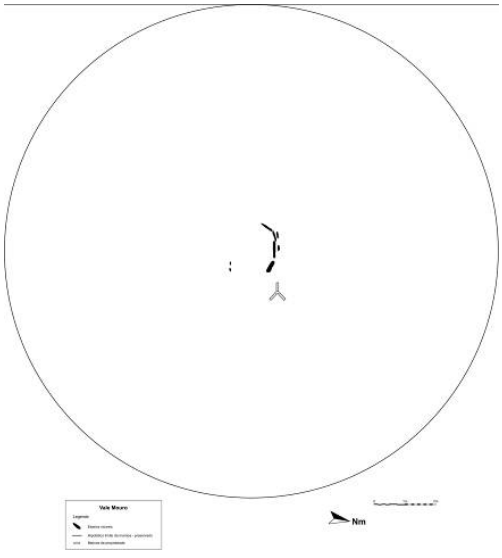
1049.VALE FEITO 2

Identificação e localização **Referência** 1049 **Topónimo** Vale Feito **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Sarnadas de Ródão **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 303 **Altitude (m)** 349 **Implantação [geologia** metassedimentos **morfologia** bordo de plataforma sobre suave colo**]** **Caracterização** **Conservação** destruído **Descrição** mamoa destruída devido a revolvimento profundo do solo e melhoramento de caminho. Está evidenciada pela dispersão de clastos quartzo filoniano de médias e grandes dimensões e de algumas pequenas placas de metassedimentos. Na área central, no corte provocado pela abertura do caminho, os blocos de quartzo apresentam-se engrenados. Blocos de quartzo de maiores dimensões foram afastados cerca de 15,00 m para leste, sendo alguns de formato longilíneo. A massa térrea da mamoa não se conserva **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**]** **Corredor [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**]** **Mamoa [composição** terra, quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd**]** **Espólio [**nd**]** **Fontes de informação** Henriques & Mendes (2013) **Documentação gráfica** vista do sítio em 2013.



1050.VALE MOURO

Identificação e localização **Referência** 1050 **Topónimo** Vale Mouro **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Sarnadas de Ródão **Nº AEAT** 225 **CNS** ni **CMP** 303 **Altitude (m)** c. 275 **Implantação [geologia** metassedimentos **morfologia** lomba no estrangulamento de meandro fluvial**]** **Caracterização** **Conservação** razoável **Descrição** câmara de tipo indeterminado, evidenciada por quatro pequenos esteios contíguos a definirem o contorno da câmara no lado norte. Um dos esteios, completo, longilíneo, tem afeiçoamento arredondado no topo. O esteio mais saliente destaca-se 0,25 m acima do solo. Este monumento poderá corresponder ao nº 3 da necrópole dolménica de Sarnadas, de Proença Jr **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** quatro esteios e dois reforços exteriores **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** c. 1,3 m (longitudinal)**]** **Corredor [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**]** **Mamoa [composição** terra, metassedimentos e algum quartzo filoniano **diâmetro (s)** c. 8,0 m **altura (m)** nd (baixa)**]** **Espólio [**nd**]** **Fontes de informação** Proença Jr (1906a); Henriques & Caninas (1986); Henriques *et al.* (1984); CAVVR; PDM **Documentação gráfica** esboço de planta (Abril de 2005); vista do sítio (1979).





1051.VERMELHAS

Identificação e localização **Referência** 1051 **Topónimo** Vermelhas (CMP) **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Vila Velha de Ródão **Nº AEAT** 251 **CNS** 27393 **CMP** 314 **Altitude (m)** 100 **Implantação [geologia** arcoses (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** topo de lomba sobre planície aluvial**]** **Caracterização** em risco **Descrição** monumento evidenciado pela sobreelevação regular da mamoa e pelo afloramento na parte central de possível esteio destacado cerca de 0,17 m acima do solo. A norte deste local, sobre o mesmo relevo, foi identificado grande bloco afeiçoado correspondente a dormente de mó manual **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**]** **Corredor [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**]** **Mamoa [composição** material arenoargiloso, metassedimentos, quartzo filoniano e seixos rolados de quartzito **diâmetro (s)** c. 17,0 m **altura (m)** nd**]** **Espólio [**nd**]** **Fontes de informação** CAVVR; PDM **Documentação gráfica** vista do sítio em 2004.



1052.VINHA DO TORÃO

Identificação e localização **Referência** 1052 **Topónimo** Vinha do Torão ou Lameiro Largo **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Perais **Nº AEAT** 296 **CNS** 33280 **CMP** 304 **Altitude (m)** c. 170 **Implantação [geologia** arcoses (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** terraço sobre o ribeiro de Alfrívida**]** **Caracterização** **Conservação** destruído **Descrição** câmara reduzida a um esteio fincado no solo, destacado 0,89 m acima deste, já desaparecido em 2006. Estava gravado com três covinhas e picotado circular talvez correspondente à marcação de uma quarta. Em 2006 observou-se bloco de metassedimento com mais de 0,7 m de comprimento. O proprietário refere também ter levado dali muita pedra. Pode corresponder a uma das duas antas referidas por Tavares de Proença em Alfrívida (Proença Jr, 1910). Joaquim Baptista e Agostinho Ribeiro referem uma anta no vale da Afussada onde não foi identificado pela AEAT nenhum monumento, razão pela qual se admite que esta anta possa corresponder àquela referência **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** um **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** nd**]** **Corredor [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**]** **Mamoa [composição** evidenciada por ligeira sobrelevação no terreno e pela presença de grandes blocos de quartzo filoniano que podem ter integrado anel de contenção periférica **diâmetro (s)** c. 13,5 m **altura (m)** nd (baixa)**]** **Espólio [**nd**]** **Fontes de informação** CAVVR; PDM **Documentação gráfica** vista de enquadramento e pormenor de um esteio com covinhas (Agosto de 1989).





1053.SENHORA DA GRAÇA

Identificação e localização **Referência** 1053 **Topónimo** Senhora da Graça (capela) **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Perais **Nº AEAT** 83 **CNS** 24824 **CMP** 303 **Altitude (m)** 110 **Implantação [geologia** aluvião holocénico **morfologia** planície**]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** aterro subjacente à ermida da Senhora da Graça (séc. XVII), que poderá corresponder a uma mamoa. O montículo terá sido aplanado aquando da construção da capela. As lavras na zona envolvente também terão contribuído para a remoção dos sedimentos periféricos. Esta hipótese carece de confirmação arqueológica. Há referências

a uma necrópole de cistas, talvez de cronologia romana ou medieval (achados osteológicos, incluindo crânios e moedas). É referido (Henriques & Caninas, 1990) o enterramento neste local, em 9 de Julho de 1840, de João Antunes de Almeida, solteiro, natural de Monte Novo (Arganil), por ter aqui aparecido morto. Nas proximidades, na ombreira de uma casa rural do Monte do Lucriz, foi observado um bloco de granito com covinhas o qual poderá ter tido origem num menir desmantelado **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**] Corredor [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**] Mamoa [composição** terra e eventualmente outros materiais **diâmetro (s)** c. 20,0 m (diâmetro máximo conservado) **altura (m)** superior a 1,0 m**] Espólio [**nd**]** **Fontes de informação** Henriques & Caninas (1986, 1990, 1995); Oliveira *et al.* (1995); CAVVR; PDM **Documentação gráfica** vista da capela e respectivo aterro.



1054.ANTAS

Identificação e localização **Referência** 1054 **Topónimo** Antas (oral) **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Fratel



Nº AEAT 297 **CNS** 27434 **CMP** 302 **Altitude (m)** 249 **Implantação [geologia** metassedimentos **morfologia** topo de cabeço alongado**]** **Caracterização** **Conservação** não aplicável **Descrição** conjunto de afloramentos de rocha, sobranceiros à ribeira dos Castelos, semelhantes a esteios de monumentos megalíticos. Marcam a paisagem sendo visíveis a grande distância. Como já foi notado noutra zona desta freguesia, bem como no Centro de Portugal, o topónimo Anta também é aplicado a afloramentos rochosos de configuração lajiforme, aparentemente, sem interesse arqueológico **Câmara [**não aplicável**] Corredor [**não aplicável**] Mamoa [**não aplicável**] Espólio [**nd**]** **Fontes de informação** CAVVR **Documentação gráfica** vista dos afloramentos.

1055.ANTA

Identificação e localização **Referência** 1055 **Topónimo** Anta (oral) **Concelho** Vila Velha de Ródão **Freguesia** Fratel **Nº AEAT** 356 **CNS** ni **CMP** 323 **Altitude (m)** 206 **Implantação [geologia** filão de pórfiro riolítico **Morfologia** topo de cabeço alongado**]** **Caracterização** **Conservação** não aplicável **Descrição** alinhamento constituído por quatro de blocos de médias e grandes dimensões, aparentemente em posição natural dado que assentam sobre afloramento do mesmo tipo, embora possam ter sido mobilizados para integrar o limite de uma propriedade, dado estarem em continuidade com muro de pedras sobrepostas. Este alinhamento está orientado na direcção norte-sul. O bloco maior tem configuração lajiforme, cerca de 3,50 m de altura, 2,90 m de comprimento (medida horizontal) e 1,00 m de espessura. Como já foi notado noutra zona desta freguesia, bem como no Centro de Portugal, o topónimo Anta também é aplicado a afloramentos rochosos de configuração lajiforme, aparentemente, sem interesse arqueológico **Câmara [**não aplicável**] Corredor [**não aplicável**] Mamoa [**não aplicável**] Espólio [**nd**]** **Fontes de informação** CAVVR **Documentação gráfica** vista do afloramento mais destacado acima do solo (2005).



Obtiveram-se informações acerca de outras ocorrências presumivelmente integráveis na categoria de construções funerárias pré-históricas. Contudo, por insuficiência de informação não se caracterizam de forma detalhada como se fez para os casos anteriores, embora se encontrem georreferenciadas na cartografia anexa a este catálogo.

1056.ALCARIA

Estaria situada junto a uns casarões, em propriedade, com sobreiros, de Manuel Joaquim Toco (informação obtida em 1984). Não foi encontrada em prospecção (Henriques *et al.,* 1984). Pode estar destruída. Indica-se localização hipotética.

1057.CAMPO 2

Corresponde ao Registo 119 da Carta Arqueológica de Vial Velha de Ródão (2012) e CNS 28151. Foi referida por vários

residentes em Vilar de Boi e está destruída. Henriques & Caninas (1984, 1986), Henriques *et al.* (1986).

1058.CASTELEJO
Corresponde ao registo 128 da Carta Arqueológica de Vila Velha de Ródão (2012). Hipotética mamoa no local onde está um depósito de água e onde eram referidas construções antigas. Os topónimos Castelejo, Castelo e Castelo estão geralmente associados a locais residenciais muralhados pré-históricos ou proto-históricos, mas também ocorrem a designar sepulturas megalíticas. É o caso de El Castillejo, uma sepultura pré-histórica monticular situada nas proximidades de uma necrópole de hipogeus (Vale de las Higueras), conjunto com ocupações ente o 4º e o 3º milénio cal. BC (Bueno-Ramírez *et al.*, 2009: 48). De referir a suspeita da associação do topónimo Castelo a um *cairn* de quartzo filoniano detectado na Gardunha, no sítio da Lomba do Castelo (Fundão).

1059.CURRAL DO COTO
Segundo Informação prestada pelo Inspector José Batista Martins, antigo presidente da autarquia rodanense, neste local terá existido uma anta de onde retiraram esteios para a construção do palheiro vizinho. Não foi encontrada em prospecção (Henriques *et al.,* 1984). Indica-se localização hipotética.

1060.MONTE DA COUTADA
Corresponde ao registo 266 da Carta Arqueológica de Vila Velha de Ródão (2012). Foi observado possível esteio em metassedimento a ocidente das casas da Coutada (Caninas & Henriques, 2000) em local sobranceiro à actual estrada de acesso a Perais.

1061.CASCALHAIS
Foi descoberta em 17 Setembro de 1974 (Serrão & Serrão, s/d) data em que estaria muito destruída, apenas subsistindo dois esteios. Segundo outro informante pode tratar-se da anta da Sabrosa. Está cartografada em Monteiro & Gomes (1978). Indica-se localização hipotética.

1062.CURRAL DA ANTA
Foi Identificado em 21 de Abril de 1973 por João Ludgero Gonçalves e Rui Parreira, tendo sido recolhido um machado de pedra polida. Serrão & Serrão (s/d) citam-no como sendo "*pequeno dolmén de planta poligonal assimétrica*". Pode ser a anta da Barroca dos Ulmeiros referida pelo Inspector José Batista Martins. Não foi encontrada no decurso de várias tentativas para a localizar. Pode estar destruída. Corresponde ao registo 43 da Carta Arqueológica de Vila Velha de Ródão (2012) e CNS 2346. Está citada por Henriques & Caninas (1980) e Caninas & Henriques (2001). Indica-se localização hipotética.

1063.PRIOR (ou Serrasqueira)
Francisco Tavares de Proença Jr (1910) refere uma anta na Serrasqueira, quase destruída. Leisner (1998) localiza uma anta num sítio denominado Prior, também cartografado por Monteiro & Gomes (1978). Este monumento também foi citado pelo dono da Coutada de Baixo (Prof. Ferro). Não foi encontrada. Pode estar destruída em consequência do plantio ao plantio de eucalipto. Indica-se localização hipotética.

1064.VALE DA AFUSSADA
Neste local, perto de Cebolais de Baixo, terá sido descoberta uma sepultura megalítica por Joaquim Batista e Agostinho Ribeiro. É citada por Henriques & Caninas (1986). Corresponde ao registo 224 da Carta Arqueológica de Vila Velha de Ródão (2012). Indica-se localização hipotética.

1065.VALE DAS COBRAS 2
Monumento destruído, situado em cruzamento de caminhos junto da EN 118 (Proença Jr, 1910). Pode ser a anta nº 4 da necrópole de Atalaia referida como tendo sido escavada (Proença Jr, 1906a). Corresponde ao registo 94 da Carta Arqueológica de Vila Velha de Ródão (2012). Citada em Henriques & Caninas (1980).

Além destas, existem referências a outros hipotéticos monumentos, que por insuficiência de informação geográfica, não se podem relacionar com alguns dos anteriores.

É o caso da mais antiga citação (Costa, 1868) de monumentos megalíticos em Fratel, Ribeira do Açafal e Monte Fidalgo (Costa, 1868), localidades que são citadas como Fantel, Ribeira da Alcafalla e Monte Fidalgo.

Francisco Tavares de Proença Jr (1910) engloba cerca de 13 antas na chamada necrópole dolménica de Atalaia / Sarnadas. Julga-se que os monumentos de Murtal, Vale das Cobras 1, Vale das Cobras 2 e Vale Mouro correspondem a esse conjunto. Para efeitos de georreferenciação optou-se por não validar a cartografia de Leisner (1998).

Francisco Tavares de Proença Jr (1910) também cita duas antas em Alfrívida. Supõe-se que os vestígios identificados na Vinha do Torão correspondam a um daqueles monumentos. Não se validou a localização cartográfica fornecida por Leisner (1998) para o segundo monumento.

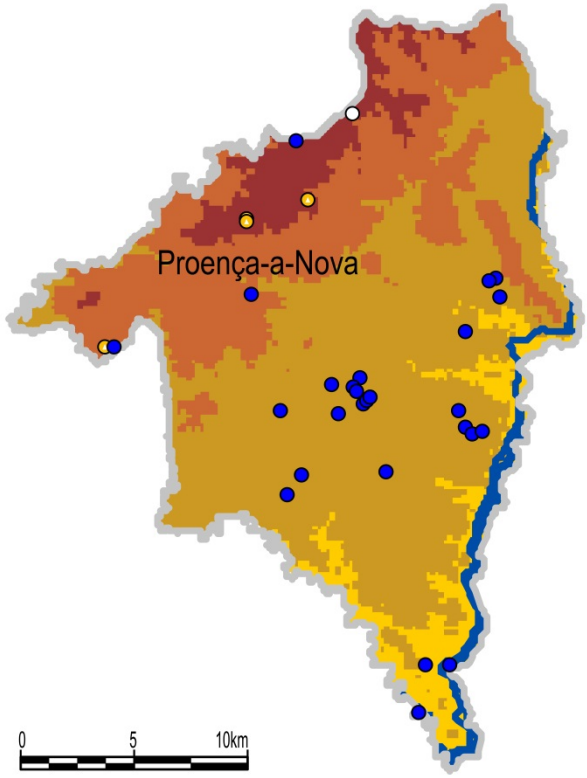
Francisco Tavares de Proença Jr (1910) indica quatro antas nos arredores desta Vila Velha de Ródão. A anta do Monte do Famaco será um desses monumentos. Também não se valida a localização cartográfica fornecida por Leisner (1998) para as restantes (Charneca).

O Inspector José Batista Martins comunicou a existência de uma anta no cimo da Barroca dos Ulmeiros. Pode corresponder à anta do Curral da Anta. Corresponde ao registo 115 da Carta Arqueológica de Vila Velha de Ródão (2012). Está citada em Henriques & Caninas (1986) e Henriques *et al.* (1986).

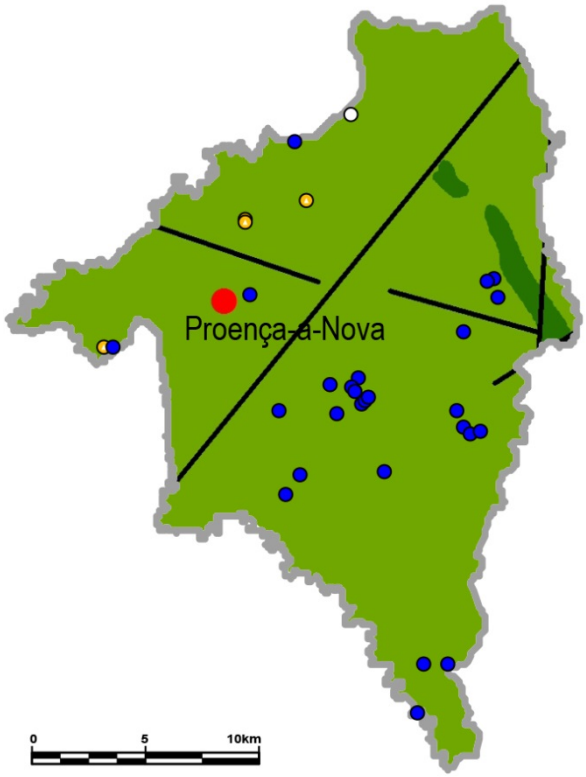
Serrão & Serrão (s/d) referem sete antas no aro de Fratel.

Em Abril de 1977, José Pires, natural de Salavessa e residente em Perais, informou existir uma outra anta entre Perais e Monte Fidalgo, para além da que foi reconhecida no Farranhão.

Anexo 3. Catálogo das construções funerárias do concelho de Proença-a-Nova



Distribuição dos sítios do catálogo (a azul sítios confirmados, a rosa sítios de localização hipotética, a amarelo sítios de qualificação hipotética, a branco sobreposições) sobre mapa hipsométrico (fonte: www.guiadeportugal.pt).



Distribuição dos sítios do catálogo (a azul sítios confirmados, a rosa sítios de localização hipotética, a amarelo sítios de qualificação hipotética, a branco sobreposições) sobre mapa geológico (fonte: Geoparque Naturtejo).

2001.ANTA

Identificação e localização **Referência** 2001 **Topónimo** Anta (sujeito a confirmação) **Concelho** Proença-a-Nova **Freguesia** Proença-a-Nova **Nº AEAT** 50 **CNS** na **CMP** 302 **Altitude (m)** 459 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** rechã**]** **Caracterização** **Conservação** destruída **Descrição** hipotética mamoa indiciada por concentração de placas de xisto de pequenas dimensões e raros blocos de quartzo filoniano **Mamoa [composição** quartzo filoniano e metassedimentos; os blocos de quartzo parece formarem um empedrado periférico **diâmetro (s)** nd **altura (m)** escassos centímetros, com maior espessura na parte norte do caminho**]** **Espólio [**não identificado (ni)**]** **Fontes de informação** Projecto ALTEJO – Prospecção Arqueológica no Concelho de Proença-a-Nova / 2006; AEAT (CAPN) **Documentação gráfica** vista do sítio.



2002.ANTAS

Identificação e localização **Referência** 2002 **Topónimo** Antas **Concelho** Proença-a-Nova **Freguesia** Sobreira Formosa – Alvito da Beira **Nº AEAT** 02 **CNS** não atribuído (na) **CMP** 302 **Altitude (m)** 275 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** lomba**]**



Caracterização **Conservação** destruído **Descrição** concentração de clastos de metassedimentos indiciando provável mamoa **Mamoa [composição** quartzo filoniano e metassedimentos em baixa densidade **diâmetro (s)** os materiais pétreos distribuem-se por uma área de cerca de 8,00 m **altura (m)** imperceptível**]** **Espólio [outros líticos** foi observado um pequeno fragmento de escória e um bloco de xisto com zigzag inciso**]** **Fontes de informação** AEAT (CAPN) **Documentação gráfica** vista do sítio.

2003.CABEÇO DA ANTA 1

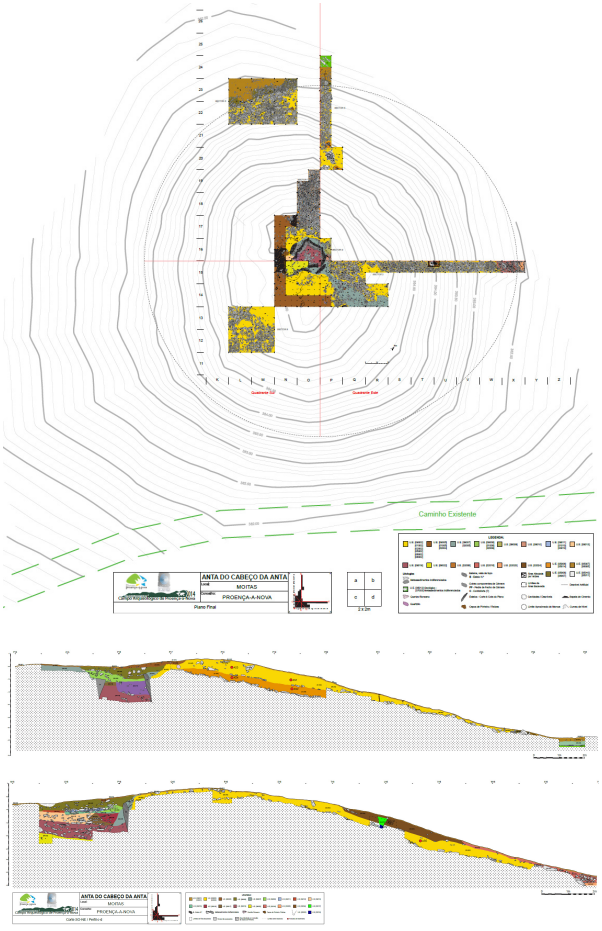
Identificação e localização **Referência** 2003 **Topónimo** Cabeço da Anta **Concelho** Proença-a-Nova **Freguesia** Proença-a-Nova **Nº AEAT** 145 **CNS** 25208 **CMP** 302 **Altitude (m)** 383 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** cabeço**]** **Caracterização**



Conservação bom **Descrição** sepultura megalítica situada sobre linha de cumeada com posição topográfica dominante sobre a paisagem embora se encontre actualmente encerrada por pinhal. Foi identificada por Georg Leisner (Leisner, 1998). A caracterização deste monumento, ainda incompleta, resulta das três campanhas de escavação executadas entre 2013 e 2015 no âmbito do Campo Arqueológico de Proença-a-Nova, num período total de três meses. Está integrada no percurso pedestre História na Paisagem. Antes da campanha arqueológica foi executado diagnóstico geofísico com recurso a georradar e tomografia de resistividade eléctrica (a cargo de João Rocha e António Correia). Os trabalhos arqueológicos revelaram uma câmara funerária poligonal, de nove esteios, de 2 m de dimensão horizontal interna, com o esteio de cabeceira oposto a uma pedra de fecho da passagem para o corredor. Neste momento o corredor está apenas evidenciado pela pedra de fecho não se conhecendo a sua posição e características, mas em associação com um hipotético átrio poderá ter 12 m de comprimento, orientado a nascente. A câmara está envolvida por uma bem conservada mamoa de argila com cerca de 38 m de diâmetro e 3,7 m de altura, a qual comporta estrutura de contenção periférica e dois níveis de couraça internos, um primeiro mais elevado, formando anel adjacente à câmara, sobrepondo uma segunda capa de pedras que se prolonga até à estrutura periférica. O espólio arqueológico, de cronologia pré-histórica, recolhido nestas campanhas, em escavação e à superfície, é ainda relativamente escasso, e por isso não significativo, integrando fragmentos de lâminas de sílex, uma ponta de seta em sílex, uma enxó, elementos de moagem, sete contas de colar em matéria verde e indústria lítica em sílex, quartzo e quartzito. Este monumento serve de suporte ao vg Anta que existe desde os séc. XIX conforme documentado na cartografia militar de Filipe Folque **Câmara [tipo** poligonal **nº de esteios** nove **materiais** metassedimentos e quartzito **dimensões (m)** nd**]** **Corredor [**nd**]** **Mamoa [composição** metassedimentos e algum quartzo filoniano, **diâmetro (s)** cerca de 38 m de diâmetro (eixos norte-sul e este-oeste)

altura (m) 3,7 m**] Espólio [**não disponível; escavação em curso**] Fontes de informação** AEAT (CAPN); Henriques & Caninas (1986); Henriques *et al.* (1999b, 2016); Leisner (1998) **Documentação gráfica** vista da mamoa no decurso da campanha de 2014; vista da câmara funerária no final da campanha de 2014; planta final e cortes da campanha de 2014.

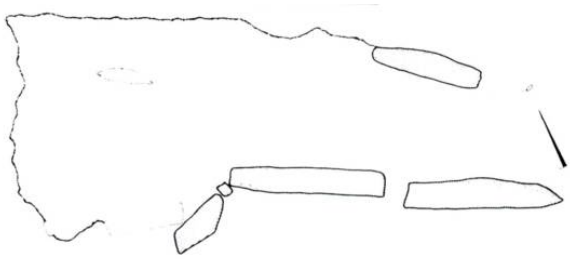


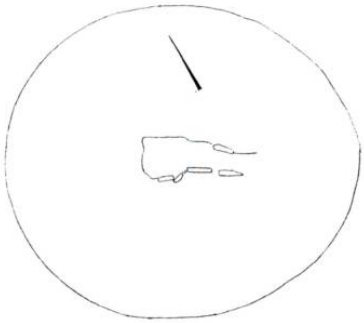


2004. CABEÇO DA ANTA 2

Identificação e localização Referência 2004 **Topónimo** Pergulho, Cabeço da Anta, Portela da Lameira **Concelho** Proença-a-Nova **Freguesia** Proença-a-Nova **Nº AEAT** 99 **CNS** 15006 ou 10374 (este último apenas refere espólio) **CMP** 302 **Altitude (m)** 338 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** cabeço**] Caracterização Conservação** destruída **Descrição** este monumento foi identificado por Georg Leisner (Leisner, 1998) que elaborou um planta (estampa 78, refª III – 11 – 78) onde assinala uma cratera de violação contornada por dois esteios na câmara, no lado sul, e três no corredor, um do lado norte e dois no lado sul. Na mesma estampo foi publicado o desenho de uma peça de moagem (dormente), completa, de configuração subcircular. Este monumento foi mandado escavar pelo Dr. Elias Fernandes do Labrunhal. As "pedras da anta" foram levadas para a construção de lintéis da casa do sr. António Morgado, localizada no lado sul da rua do Cabeço, na povoação de Pergulho. Na base de dados da DGPC, o CNS 10374, associado ao topónimo de Pergulho, assinala facas de sílex, depositadas no Museu Nacional de História Natural por oferta de Elias Bernardo Fernandes. Aquando de um reconhecimento efectuado por membros da AEAT foi constatado que dois esteios, removidos da câmara, foram transladados para uma propriedade privada, situada a uma distância de cerca de 100 m do monumento, estando inseridos a seguir aos pilares do portão de entrada, a delimitar o contorno do caminho, e alinhados com um campo polidesportivo sintético. Restam alguns vestígios da mamoa na área envolvente da câmara, do corredor e na zona sul do

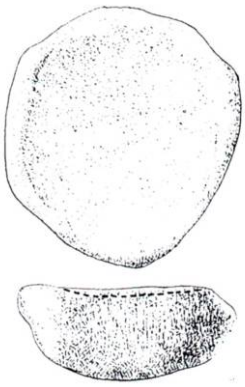






monumento **Câmara [tipo** indeterminada **nº de esteios** apenas dois visíveis na planta de Georg Leisner **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** um dos esteios

implantado na referida propriedade destaca-se 0,6 m, acima do solo, e tem 0,42 m de espessura e 1,09 m de largura; o outro esteio tem 0,80 m de altura acima do solo, 0,35 m de espessura e 1,45 m de largura**] Corredor [tipo** diferenciado em planta em relação à câmara (planta de Leisner, 1998) **nº de esteios** restam três na planta de Leisner (1998) **materiais** nd **dimensões (m)** nd**] Mamoa [composição** quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro (s)** cerca de 25,5 m **altura (m)** 0,95 m**] Espólio [pedra polida** uma enxó **pedra afeiçoada** um movente de moinho manual, em granito e um dormente (Leisner, 1998) **outros líticos** um fragmento de lâmina em sílex, de secção triangular, de tonalidade esbranquiçada e uma grande lasca em sílex castanho, com secção triangular**] Fontes de informação** AEAT (CAPN); Henriques *et al.* (1999b); Leisner (1998) **Documentação gráfica** vista do estado actual do monumento; planta seg. Leisner (1998); elemento de moagem seg. Leisner (1998).



2005.CÃO DO RIBEIRO

Identificação e localização Referência 2005 **Topónimo** Cão do Ribeiro ou Covão do Ribeiro **Concelho** Proença-a-Nova **Freguesia** Proença-a-Nova **Nº AEAT** 148 **CNS** 14593



CMP 302 **Altitude (m)** 367 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** lomba**] Caracterização Conservação** mau; reconstruída **Descrição** estrutura funerária com câmara e corredor diferenciados em planta. Foi identificada por Georg Leisner (Leisner & Leisner, 1956; Leisner, 1998) que a documenta em fotografia, um de dois casos documentados no concelho de Proença-a-Nova, e em planta, que por lapso não foi publicada com a respectivo corte longitudinal. A câmara não foi afectada desde o momento desse registo até à data da escavação arqueológica em 2012 (Campo Arqueológico de Proença-a-Nova), mas o alinhamento ortostático do corredor, no lado sul, foi gravemente afectado. A planta assinalava uma pedra de fecho entre a câmara e o corredor ausente em 2012. Aquando da escavação registavam-se os seguintes danos: a mamoa foi rebaixada imediatamente a ponte da câmara com o estabelecimento de caminho e foi destruída por surriba na propriedade que confronta o caminho a ocidente; a mamoa no quadrante nordeste foi sobreposta por entulhos resultantes da escavação de uma charca nesse lado do monumento; no quadrante sudeste a mamoa foi completamente removida por terraplanagem e todo o alinhamento sul das estruturas de acesso à câmara foi removido juntamente com parte do seu enchimento. Antes dessa afectação houve extracções pontuais de argila para construção civil. A escavação atingiu todo o conjunto ortostático tendo evidenciado uma pequena câmara com corredor e átrio bem

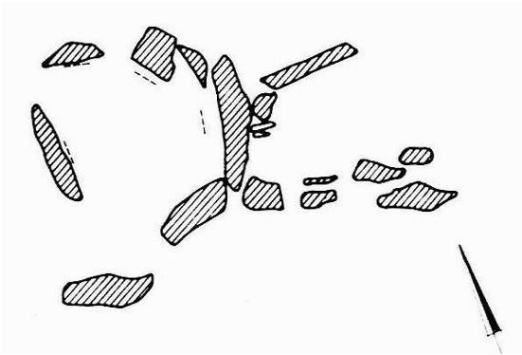


diferenciados em planta e alçado. A estrutura ortostática de acesso (átrio e corredor) estava completa em todo o circuito norte. No átrio foi documentado um empedrado ritual constituído por seixos e calhaus rolados de metassedimentos preenchidos por depósitos de artefactos. Na direcção sul-norte foi aberta uma sanja radial na mamoa, desde a câmara até à periferia do monumento. Com esta acção verificou-se que a mamoa era constituída exclusivamente por argila muito depurada. Não foi identificado anel de contenção periférica mas documentou-se a existência de estrutura de contraforte junto dos esteios da câmara com calhaus e blocos maioritariamente de metassedimentos. A escavação revelou um conjunto artefactual relativamente numeroso e diversificado, com diferentes condições de jazida, *in situ* no corredor e átrio, revolvido na câmara e deslocado sobre os entulhos situados nos quadrantes nordeste e sudeste. Após a escavação arqueológica foi parcialmente reconstruída e balizada com cerca de madeira. Está integrada no percurso pedestre História na Paisagem. **Câmara [tipo** poligonal **nº de esteios** sete **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** 2,0 m x 2,0 m**] Corredor [tipo** longo **nº de esteios** v. planta **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** 3,5 m x 1,0 m; o átrio tem c. 3,0 m de comprimento e 1,5 m de largura**] Mamoa [composição** metassedimentos e algum quartzo filoniano na estrutura do contraforte **diâmetro (s)** 16,0 m (eixo norte-sul) e 15,0 m (valor mínimo no eixo oeste-este tendo como referência o comprimento do conjunto ortostático **altura (m)** c. 1,10 m junto aos esteios mas poderia atingir pelo menos 1,70 m a avaliar pelo desnível entre o esteio mais elevado e o substrato geológico**] Espólio [pedra lascada** 55 **pedra polida** 14 **pedra afeiçoada** 2 **outros líticos** 1 **adornos** 1 **outros objectos rituais** 6 **cerâmica**

vários**]** **Fontes de informação** AEAT (CAPN); Henriques *et al* (1999b, 2016); Leisner & Leisner (1956); Leisner (1998) **Documentação gráfica** vista antiga do monumento (Leisner & Leisner, 1956: estampa 57); vista contemporânea do monumento antes da intervenção arqueológica; vista no decurso da escavação arqueológica; vista após reconstrução parcial; planta publicada por Leisner & Leisner (1956: estampa 21) e Leisner (1998: estampa 77); planta no final da escavação (2012).









2006.CASCALHAL

Identificação e localização **Referência** 2006 **Topónimo** Cascalhal **Concelho** Proença-a-Nova **Freguesia** São Pedro do Esteval **Nº AEAT** na **CNS** na **CMP** 313 **Altitude (m)** 140 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** lomba**]** **Caracterização** **Conservação** destruído **Descrição** vestígios de estrutura funerária ortostática evidenciada por quatro grandes esteios e fragmentos de outros. A mamoa não conserva volume significativo mas está evidenciada por diversos tipos de clastos **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** quatro **materiais** metagrauvaque azul **dimensões (m)** esteio 1: 2,8 m de comprimento, 1,0 m de largura e 0,2 m de espessura; esteio 2: 2,6 m de comprimento, 0,8 m de largura e 0,25 m de espessura**]** **Corredor [**ni**]** **Mamoa [composição** calhaus rolados de quartzito e placas de xisto boleadas por acção fluvial **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd**]** **Espólio [**ni**]** **Fontes de informação** AEAT (CAPN) **Documentação gráfica** vista do local; vista de esteios soltos.





2007.CASTANHEIRA

Identificação e localização **Referência** 2007 **Topónimo** Castanheira **Concelho** Proença-a-Nova **Freguesia** ni **Nº AEAT** na **CNS** na **CMP** 290 **Altitude (m)** 690 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** lomba sobre um colo**]** **Caracterização** **Conservação** indeterminado **Descrição** acumulação de pequenos clastos de metassedimentos, de quartzo filoniano e sedimento formando sobreelevação de configuração subcircular. Situa-se no bordo sudeste de uma plataforma adjacente a uma extensa lomba **Câmara [**ni**]** **Corredor [**ni**]** **Mamoa [composição** metassedimentos e quartzo filoniano

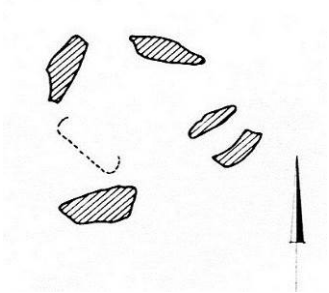
diâmetro (s) 3,0 m **altura (m)** nd**] Espólio [**ni**] Fontes de informação** EMERITA (relatório de prospecção); AEAT (CAPN) **Documentação gráfica** vista do local.



2008.CHÃO DAS VARGENS

Identificação e localização Referência 2008 **Topónimo** Chão das Vargens / Coutada **Concelho** Proença-a-Nova **Freguesia** Proença-a-Nova **Nº AEAT** 105 **CNS** ni **CMP** 302





Altitude (m) 328 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** chã**] Caracterização Conservação** mau **Descrição** Georg ou Vera Leisner (1998) registam em planta uma câmara funerária com seis esteios. Actualmente observa-se uma mamoa, ocupada por pinhal, melhor conservada no lado poente e no interior da qual existe uma cratera de violação, com 2,20 m de largura segundo o eixo norte-sul e 2,40 m ao longo do eixo este-oeste. Esta cavidade pode ter sido provocada pela remoção dos esteios da câmara funerária, dos quais se observam vários fragmentos **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** seis **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** planta sem escala**] Corredor [**ni**] Mamoa [composição** nd **diâmetro (s)** 14,4 m **altura (m)** 0,6 m**] Espólio [**ni**] Fontes de informação** Leisner (1998); AEAT (CAPN) **Documentação gráfica** planta publicada por Leisner (1998: estampa 77); vista actual do local.

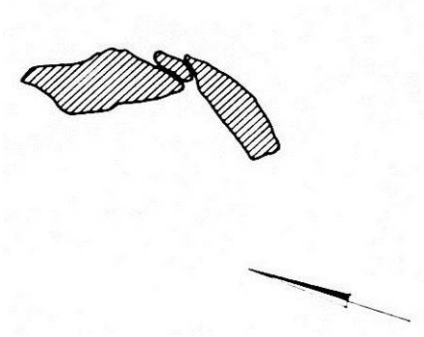
2009.CIMADAS FUNDEIRAS

Identificação e localização Referência 2009 **Topónimo** Cimadas Fundeiras **Concelho** Proença-a-Nova **Freguesia** Proença-a-Nova **Nº AEAT** 136 **CNS** 25204 **CMP** 301 **Altitude (m)** 454 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** rechã**] Caracterização Conservação** mau **Descrição** o monumento está apenas evidenciado por uma mamoa, contudo, de acordo com o testemunho de Domingos Lopes (Cimadas Fundeiras) nos anos 30, do século passado, ainda conservava os esteios **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** nd**] Corredor [**ni**] Mamoa [composição** metassedimentos **diâmetro (s)** 19,2 m (eixo norte-sul); 15,5 m (eixo este-oeste) **altura (m)** nd**] Espólio [**ni**] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1999c); AEAT (CAPN) **Documentação gráfica** (1) vista do local.

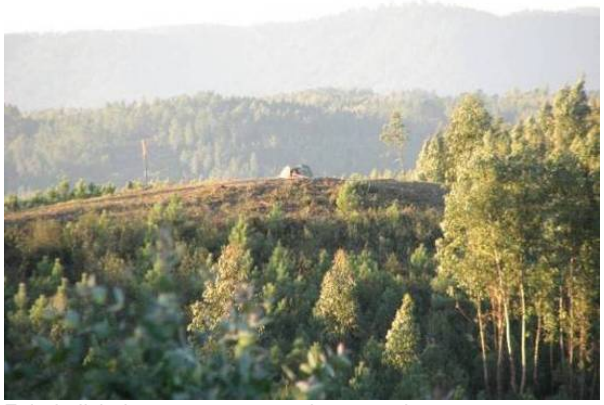


2010.CIMO DO VALE DE ALVITO 1

Identificação e localização Referência 2010 **Topónimo** Cimo do Vale de Alvito **Concelho** Proença-a-Nova **Freguesia** Proença-a-Nova **Nº AEAT** 175 **CNS** 12572 **CMP** 302 **Altitude (m)** 369 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** cabeço**] Caracterização Conservação** mau **Descrição** estrutura funerária com câmara ortostática e corredor bem diferenciados em planta e alçado. A caracterização deste monumento, ainda incompleta, resulta das campanhas de escavação executadas de 2013 a 2015 no âmbito do Campo Arqueológico de Proença-a-Nova, num período total de três meses. Está integrada no percurso pedestre História na Paisagem. Foi identificada por Georg Leisner e documentada com uma planta da câmara reduzida a dois (três) esteios contíguos no lado nascente (Leisner, 1998). A estrutura ortostática da câmara não foi afectada desde o momento desse registo até à data do início da escavação arqueológica em 2013 (Campo Arqueológico de Proença-a-Nova). Os trabalhos executados entre 2013 e 2015 consistiram na escavação integral da câmara e na abertura de uma sanja radial entre a câmara e periferia da mamoa.

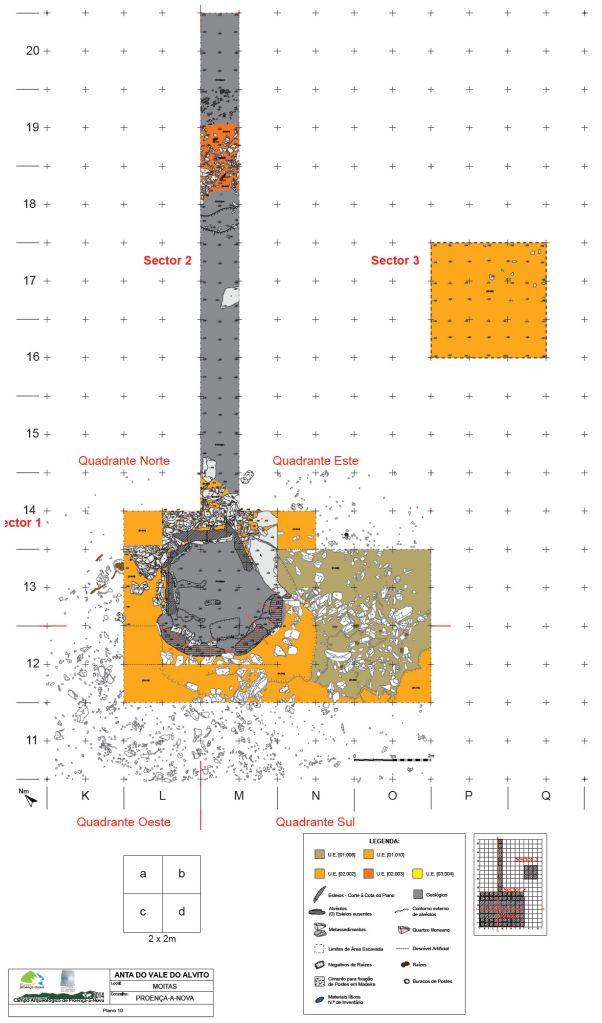


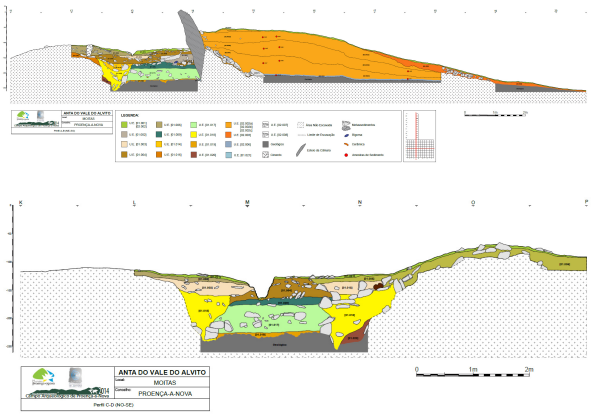




Foi indiciada a presença de corredor que conserva, aparentemente, as lajes de cobertura, mas cujas características gerais ainda são indeterminadas tal como a existência de átrio. Conservam-se dois esteios completos, um dos quais com dois círculos picotados na face externa. A escavação revelou vestígios dos restantes esteios e respectivos alvéolos abertos na rocha, definindo uma câmara poligonal de oito esteios. A sanja revelou uma mamoa construída integralmente em argila mas contida por um anel periférico de blocos e calhaus de metassedimentos. Os esteios da câmara estão envolvidos por contraforte de calhaus e blocos maioritariamente de metassedimentos. Obteve-se espólio arqueológico diversificado embora ocorrendo maioritariamente cerâmica nos níveis inferiores do interior da câmara. Em Moita do Pinheiro, em casa de familiares do proprietário do terreno onde se situa o monumento, observaram-se dois esteios, um em quartzito e outro em metassedimento, cuja proveniência é atribuída a esta anta. O primeiro de configuração sub-rectangular e cantos arredondados, tem as seguintes dimensões: 2,33 m (comprimento), 1,15 m (largura) e 0,20 m (espessura); serve de degrau na entrada de uma casa de habitação. Segundo o informante (sr. José Dias) era a tampa da anta. O segundo esteio foi usado na soleira da porta de entrada de um palheiro tendo sido amputado no topo para encaixar naquela posição; tem as seguintes dimensões: 0,20 m (espessura média); 1,60 m (comprimento); 0,75 m (largura na base e mesial); 0,45 m (largura no topo) **Câmara [tipo** poligonal **nº de esteios** dois (mais seis) **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** c. 3,0 m x 3,0 m**] Corredor [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** nd**] Mamoa [composição** blocos de metassedimento, alguns dos quais rolados, e quartzo filoniano **diâmetro (s)** 34 m (valor médio dos eixos este-oeste e norte-sul, obtido antes da escavação); após escavação da sanja a distância entre o centro da câmara e o exterior do anel periférico era de 12 m **altura (m)** 1,60 m, na sanja, junto à câmara, mas poderá ter sido superior a 2,40 m**] Espólio [**não disponível; escavação em curso**] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1999c, 2016); Leisner (1998); AEAT (CAPN) **Documentação gráfica** planta segundo Leisner (1998: estampa 77); vista do local em 2006; vista panorâmica; vista no decurso da escavação; planta e cortes em 2014.







2011.CIMO DO VALE DE ALVITO 2

Identificação e localização **Referência** 2011 **Topónimo** Cimo do Vale de Alvito **Concelho** Proença-a-Nova **Freguesia** Proença-a-Nova **Nº AEAT** 01 **CNS** na **CMP** 302 **Altitude (m)** 366 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** planalto**]** **Caracterização** **Conservação** destruído **Descrição** vestígios de mamoa evidenciados por uma concentração de pequenos blocos de quartzo filoniano e metassedimentos. Situa-se junto a um estradão que separa um eucaliptal da área de mato onde se situa o monumento **Mamoa [composição** quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro (s)** os materiais pétreos distribuem-se por uma área de cerca de 20 m **altura (m)** reduzida**]** **Espólio [outros líticos** bigorna em metassedimento encontrada a cerca de 30 m a norte do sítio do possível monumento (0697655 - 4397297) e um artefacto em forma de palmatória, também em metassedimento, com a delimitação do punho através de incisão**]** **Fontes de informação** AEAT (CAPN) **Documentação gráfica** vista do local à direita do observador (2013).



2012.CRUZ

Identificação e localização **Referência** 2012 **Topónimo** Cruz **Concelho** Proença-a-Nova **Freguesia** São Pedro do Esteval **Nº AEAT** na **CNS** na **CMP** 313 **Altitude (m)** 226 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** planalto**]** **Caracterização** **Conservação** destruído **Descrição** mamoa evidenciada por concentração de pequenos clastos de quartzo filoniano e de metassedimentos que se concentram no lado sul onde é mais evidente a sobreelevação monticular. Na parte central observa-se uma pequena cista constituída por três blocos de metassedimento delimitando espaço sub-rectangular **Câmara [tipo** sub-rectangular **nº de esteios** três **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** 0,40 m de comprimento, 0,30 m de largura e 0,07 a 0,10 m de altura**]** **Corredor [**ni**]** **Mamoa [composição** metassedimentos e quartzo filoniano **diâmetro (s)** c 5,0 m de raio (direcção centro-este) e 8,0 m de raio (direcção centro-sul) **altura (m)** nd**]** **Espólio [outros líticos** um seixo rolado em quartzito, metade de um disco em metassedimento e um bloco com talhe também em metassedimento**]** **Fontes de informação** AEAT (CAPN) **Documentação gráfica** (1) visto do local de implantação; (2) vista da cista.





2013.ESPINHO PEQUENO 1

Identificação e localização **Referência** 2013 **Topónimo** Espinho Pequeno **Concelho** Proença-a-Nova **Freguesia** Proença-a-Nova **Nº AEAT** 107 **CNS** 2451 **CMP** 302 **Altitude (m)** 355 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** planalto**]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** estrutura monticular reduzida ao espaço central correspondente ao contentor funerário. A destruição provocada na mamoa foi motivada pela extracção de argila, até à base do monumento e em quase toda a sua periferia, para utilização na construção de fornos. Nos cortes produzidos pela extracção observam-se alguns blocos de metassedimentos que poderão corresponder ao contraforte da câmara funerária. Observa-se um grande esteio que poderá corresponder ao corredor **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (m)** nd**]** **Corredor [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** nd**]** **Mamoa [composição** argila, metassedimentos **diâmetro (s)** nd **altura (m)** 0,80 m (altura do desmonte)**]** **Espólio [**ni**]** **Fontes de informação** Henriques & Caninas (1980); Henriques *et al.* (1999c); Leisner (1998); AEAT

(CAPN) **Documentação gráfica** vista geral da mamoa reduzida ao espaço central; vista de um esteio.





2014.ESPINHO PEQUENO 2

Identificação e localização **Referência** 2014 **Topónimo** Espinho Pequeno **Concelho** Proença-a-Nova **Freguesia** Proença-a-Nova **Nº AEAT** 108 **CNS** 10936 (2448) **CMP** 302 **Altitude (m)** 355 **Implantação [geologia** metassedimentos



(Formação de Perais) **morfologia** planalto**]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** estrutura funerária com câmara ortostática, evidenciada por dois esteios *in situ*, envolvida por mamoa. O volume monticular encontra-se diminuído devido à extracção de argila destinada à construção civil, sobretudo nos lados sudeste e nordeste. No caminho que passa sobre a mamoa ocorre grande quantidade de clastos de metassedimentos **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** dois **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** nd**]** **Corredor [**ni**]** **Mamoa [composição** argila e metassedimentos **diâmetro (s)** 20,0 m de diâmetro no eixo este-oeste **altura (m)** 0,80 m (altura do desmonte)**]** **Espólio [**ni**]** **Fontes de informação** Henriques & Caninas (1980); Henriques *et al.* (1999c); Leisner (1998); AEAT (CAPN) **Documentação gráfica** vista de uma das crateras de extracção de argila.

2015.ESPINHO PEQUENO 3

Identificação e localização **Referência** 2015 **Topónimo** Espinho Pequeno **Concelho** Proença-a-Nova **Freguesia** Proença-a-Nova **Nº AEAT** 109 **CNS** 11179 (2448) **CMP** 302 **Altitude (m)** 355 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** planalto**]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** mamoa com cratera central de violação de contentor funerário. Em 1986 o seu estado de conservação era razoável. Estava completa em todo o perímetro mas degradou-se significativamente nos anos seguintes devido a trabalhos de surriba para instalação de eucaliptal e ao rebaixamento do volume monticular **Câmara [**ni**]** **Corredor [**ni**]** **Mamoa [composição** argila, metassedimentos e raro quartzo filoniano **diâmetro (s)** 17,0 m no eixo norte-sul **altura (m)** nd**]** **Espólio [**ni**]** **Fontes de informação** Henriques & Caninas (1980); Henriques *et al.* (1999c); Leisner (1998); AEAT (CAPN) **Documentação gráfica** vista do monumento no local sobreposto pelo caminho antes do seu rebaixamento; estado actual.





2016.FORNO DOS MOUROS

Identificação e localização **Referência** 2016 **Topónimo** Forno dos Mouros ou Antas **Concelho** Proença-a-Nova **Freguesia** Proença-a-Nova **Nº AEAT** 137 **CNS** 25207 **CMP** 301 **Altitude (m)** 460 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** lomba**]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** concentração de metassedimentos e quartzo filoniano indiciando provável mamoa **Câmara [**ni**]** **Corredor [**ni**]** **Mamoa [composição** metassedimentos e algum quartzo filoniano **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd**]** **Espólio [**ni**]** **Fontes**

de informação Henriques *et al.* (1999c); AEAT (CAPN) **Documentação gráfica** não disponível.

2017.JUNCEIRA

Identificação e localização **Referência** 2017 **Topónimo** Junceira **Concelho** Proença-a-Nova **Freguesia** Proença-a-Nova **Nº AEAT** 101 **CNS** ni **CMP** 302 **Altitude (m)** 314 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** planalto**]** **Caracterização** **Conservação** destruído **Descrição** monumento destruído pela construção de um pavilhão para oficina. No local não restam vestígios do monumento, mas cerca de 30 m para oeste observa-se uma pequena elevação, com 10 m de diâmetro, actualmente ocupada com eucaliptos. Parece tratar-se de afloramento rochoso coberto por sedimento, atendendo à evidência de duas cristas rochosas. Junto à oficina também se observa afloramento de metassedimento **Câmara [**ni**]** **Corredor [**ni**]** **Mamoa [**nd**]** **Espólio [**ni**]** **Fontes de informação** Presidente da Junta de Freguesia de Peral; AEAT (CAPN) **Documentação gráfica** vista do local.



2018.LAMEIRA D´ANTAS 1

Identificação e localização **Referência** 2018 **Topónimo** Lameira d´Antas **Concelho** Proença-a-Nova **Freguesia** Montes da Senhora **Nº AEAT** 115 **CNS** 15667 **CMP** 290 **Altitude (m)** 343 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** planalto**]** **Caracterização**



Conservação mau **Descrição** mamoa com cratera central, na posição correspondente à câmara, com 4,2 m de largura no eixo norte-sul e 3,8 m no eixo este-oeste **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** vestígios de esteios **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** nd**]** **Corredor [**ni**]** **Mamoa [composição** metassedimentos, quartzito subanguloso de tonalidade clara **diâmetro (s)** 15,5 m (eixo norte-sul); 17,0 m (eixo este-oeste) **altura (m)** nd**]** **Espólio [**ni**]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1999c); AEAT (CAPN) **Documentação gráfica** vista do local.

2019.LAMEIRA D´ANTAS 2

Identificação e localização **Referência** 2019 **Topónimo** Lameira d´Antas **Concelho** Proença-a-Nova **Freguesia** Montes da Senhora **Nº AEAT** 116 **CNS** 15668 **CMP** 290 **Altitude (m)** 340 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** planalto**]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** mamoa com um esteio visível posto a descoberto pela lavra profunda documentada na fotografia (2000) **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** um **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** nd**]** **Corredor [**ni**]** **Mamoa [composição** metassedimentos, quartzito subanguloso de tonalidade clara **diâmetro (s)** 13,0 m no eixo norte-sul e 12,5 m no eixo este-oeste **altura (m)** nd**]** **Espólio [**ni**]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1999c); AEAT (CAPN) **Documentação gráfica** vista do local.



2020.LAMEIRA D´ANTAS 3

Identificação e localização **Referência** 2020 **Topónimo** Lameira d´Antas **Concelho** Proença-a-Nova **Freguesia** Montes da Senhora **Nº AEAT** 119 **CNS** 15669 **CMP** 302 **Altitude (m)** 331 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** planalto**]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** vestígios de mamoa **Câmara [**ni**]** **Corredor [**ni**]** **Mamoa [composição** metassedimentos, quartzito subanguloso de tonalidade clara e quartzo filoniano **diâmetro (s)** 8,3 m no eixo norte-sul e 6,4 m no eixo este-oeste **altura (m)** c. 0,35 m**]** **Espólio [**ni**]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1999c); AEAT (CAPN) **Documentação gráfica** não disponível.

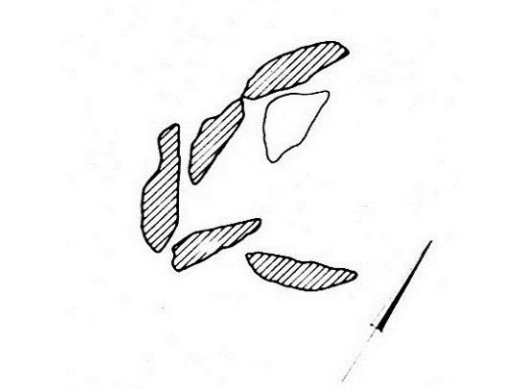
2021.MOITA DA GALINHA

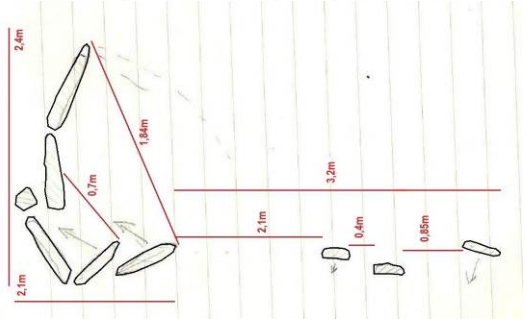
Identificação e localização **Referência** 2021 **Topónimo** Moita da Galinha **Concelho** Proença-a-Nova **Freguesia** Proença-a-Nova **Nº AEAT** 163 **CNS** 25217 **CMP** 302 **Altitude (m)** 337 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** cabeço**]** **Caracterização** **Conservação** razoável **Descrição** estrutura funerária com câmara ortostática e corredor bem diferenciados em planta e alçado envolvidos por mamoa bem destacada acima do solo. Foi identificada por Georg Leisner e documentada com fotografia e uma planta da câmara cuja composição corresponde à que se observa actualmente embora ignore a existência de corredor (Leisner, 1998). A mamoa, constituída por argila amarelo-avermelhada, foi danificada pelo plantio de eucalipto nos lados noroeste e oeste e pela

sobrepassagem por caminho nos lados este e sudeste. Do corredor são apenas visíveis três pequenos esteios do lado sul. No lado sudoeste da câmara funerária, entre o eucaliptal e o caminho, observa-se concentração de clastos de metassedimentos, incluindo exemplares com rolamento fluvial e algum quartzo filoniano



Câmara [tipo poligonal **nº de esteios** cinco (mais dois) **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** 2,4 m (medida transversal interna) e 2,1 m (medida longitudinal interna). Dimensões dos esteios (comprimento, altura acima do silo e espessura: 1 (0,92 - 0,15 - 0, 25); 2 (0,80 - 0, 23 - 0, 25); 3 (0,82 - 0,42 - 0,25); 4 (0,23 - 0,30 - 0,15); 5 (0,90 - 0,60 - 0,28 (esteio de cabeceira com topo arredondado); 6 (1,10 - 0,57 - 0, 24); 7 (tombado para o interior da câmara com a parte visível a medir 0,62 m x 0,44 m**] Corredor [tipo** longo **nº de esteios** três **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** 3,2 m de comprimento**] Mamoa [composição** argila amarelo-avermelhada, metassedimentos e quartzo filoniano **diâmetro (s)** 13,0 m no eixo este-oeste e 11,3 m no eixo norte-sul **altura (m)** c. 2,2 m**] Espólio [pedra polida** uma pequena enxó**] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1999c); Leisner (1998: estampa 77); AEAT (CAPN) **Documentação gráfica** planta publicada por Leisner (1998); esboço de planta (AEAT); vista geral; vista da câmara.







2022.PEDRAS DA ANTA

Identificação e localização Referência 2022 **Topónimo** Pedras da Anta **Concelho** Proença-a-Nova **Freguesia** Proença-a-Nova **Nº AEAT** 100 **CNS** ni **CMP** 302 **Altitude (m)** 322 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** planalto**] Caracterização Conservação** mau **Descrição** mamoa explorada como barreiro até ao substrato geológico. Conserva-se apenas parte do enchimento da câmara funerária, preservado em cerca de 0,70 m de altura, e nos cortes provocados pela extracção observam-se alguns clastos que podem corresponder ao sistema de contraforte. Subsistem indícios e ter possuído corredor orientado a este **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** ni **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** nd**] Corredor [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** nd**] Mamoa [composição** argila **diâmetro (s)** c. 19,0 m **altura (m)** 0,7 m**] Espólio [pedra polida** uma peça **outros líticos** um fragmento de lâmina, em sílex, de tonalidade castanha, encontrado a sul da câmara**] Fontes de informação** proprietário do terreno; AEAT (CAPN) **Documentação gráfica** vista do local.



2023.PORTELA DA ANAVINHAS

Identificação e localização Referência 2023 **Topónimo** Portela da Anavinhas **Concelho** Proença-a-Nova **Freguesia** Proença-a-Nova **Nº AEAT** 169 **CNS** 12763 **CMP** 302 **Altitude (m)** 312 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** pequeno cabeço em planalto**] Caracterização Conservação** mau **Descrição** câmara funerária dolménica e vestígios de estrutura de contraforte com blocos inclinados para o interior do monumento, no lado sul. Sobre a mamoa observa-se uma

cista definida por blocos de metassedimentos dispostos segundo planta rectangular. Da mamoa restam escassos vestígios que indicam ter sido constituída por argila e por blocos de metassedimentos, alguns dos quais rolados, e de quartzito. O quartzo filoniano está praticamente ausente **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** dois **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** nd**] Corredor [**ni**] Mamoa [composição** metassedimentos e quartzito **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd**] Espólio [pedra afeiçoada** observou-se um pequeno dormente de mó manual e um movente em grauvaque, junto da câmara**] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1999c); Leisner (1998); AEAT (CAPN) **Documentação gráfica** vista do local.



2024.VALE BASTINHO

Identificação e localização Referência 2024 **Topónimo** Vale Bastinho **Concelho** Proença-a-Nova **Freguesia** Proença-a-Nova **Nº AEAT** 176 **CNS** 25221 **CMP** 302 **Altitude (m)** 306 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** planalto**] Caracterização Conservação** mau **Descrição** vestígios de mamoa. Os blocos de metassedimentos que formavam esta estrutura podem ter sido utilizados para a construção de um muro de divisão de propriedade que confina com o monumento e que estava arruinado **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** um possível esteio **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** nd**] Corredor [**ni**] Mamoa [composição** metassedimentos **diâmetro (s)** 20 m **altura (m)** nd**] Espólio [**ni**] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1999c); Leisner (1998); AEAT (CAPN) **Documentação gráfica** vista do local.



2025.VALE DA MUA

Identificação e localização Referência 2025 **Topónimo** Vale da Mua **Concelho** Proença-a-Nova **Freguesia** Proença-a-Nova **Nº AEAT** 114 **CNS** ni **CMP** 302 **Altitude (m)** 295 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** planalto**] Caracterização Conservação** destruída **Descrição** hipotética mamoa evidenciada por pequena sobreelevação e concentração de blocos de metassedimentos, de pequenas dimensões. Cerca de 4,0 m a oeste parece ter existido um antigo caminho ladeado por blocos de maiores dimensões que podem ter pertencido ao monumento **Câmara [**ni**] Corredor [**ni**] Mamoa [composição** metassedimentos **diâmetro (s)** a dispersão do material pétreo atinge 12,0 m (eixo este – oeste) e 9,5 m (eixo norte – sul) **altura (m)** nd**] Espólio [**ni**] Fontes de informação** Leisner (1998); AEAT (CAPN) **Documentação gráfica** não disponível.

2026.VALE DA NEVE

Identificação e localização Referência 2026 **Topónimo** Vale da Neve **Concelho** Proença-a-Nova **Freguesia** São Pedro do Esteval **Nº AEAT** 91 **CNS** 25222 **CMP** 302 **Altitude (m)** 329 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** cabeço**] Caracterização Conservação** destruída **Descrição** mamoa e estrutura dolménica indiciada por dois blocos de metassedimentos e um grande esteio/menir com rolamento fluvial. O monumento foi muito afectado pelo povoamento florestal de eucalipto **Mamoa [composição** quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro (s)** 27,0 m no eixo este-oeste e 29,0 m no eixo norte-sul **altura (m)** nd**] Espólio [**ni**] Fontes de informação** Leisner (1998); Henriques *et al.* (1999c); AEAT (CAPN) **Documentação gráfica** vista do monumento sob vértice geodésico; esteio deslocado.





2027.VALE DE AMODEIS 1

Identificação e localização **Referência** 2027 **Topónimo** Vale de Amodeis **Concelho** Proença-a-Nova **Freguesia** Proença-a-Nova **Nº AEAT** 47 **CNS** na **CMP** 290 **Altitude (m)** 765 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** crista ou lomba**]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** pequeno montículo de configuração aparentemente circular correspondente a concentração de clastos de quartzo e metassedimentos. A cerca de 4 m de distância do centro do montículo existem trilhos de um antigo caminho de carroças **Mamoa [composição** quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro (s)** 3,5 m **altura (m)** nd**]** **Espólio [outros líticos** observou-se bloco de metassedimento, solto, com vestígios de abrasão em superfície ligeiramente côncava**]** **Fontes de informação** EMERITA (ampliação do parque eólico de Proença-a-Nova, 2005); AEAT (CAPN) **Documentação gráfica** vista do sítio (2005).

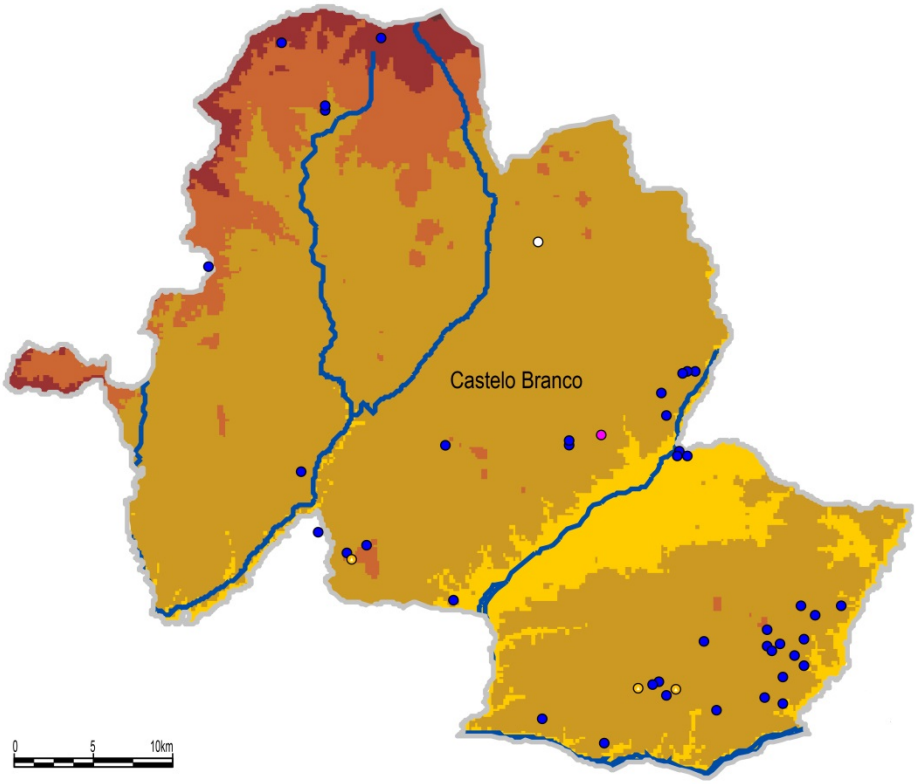


2028.VALE DE AMODEIS 2

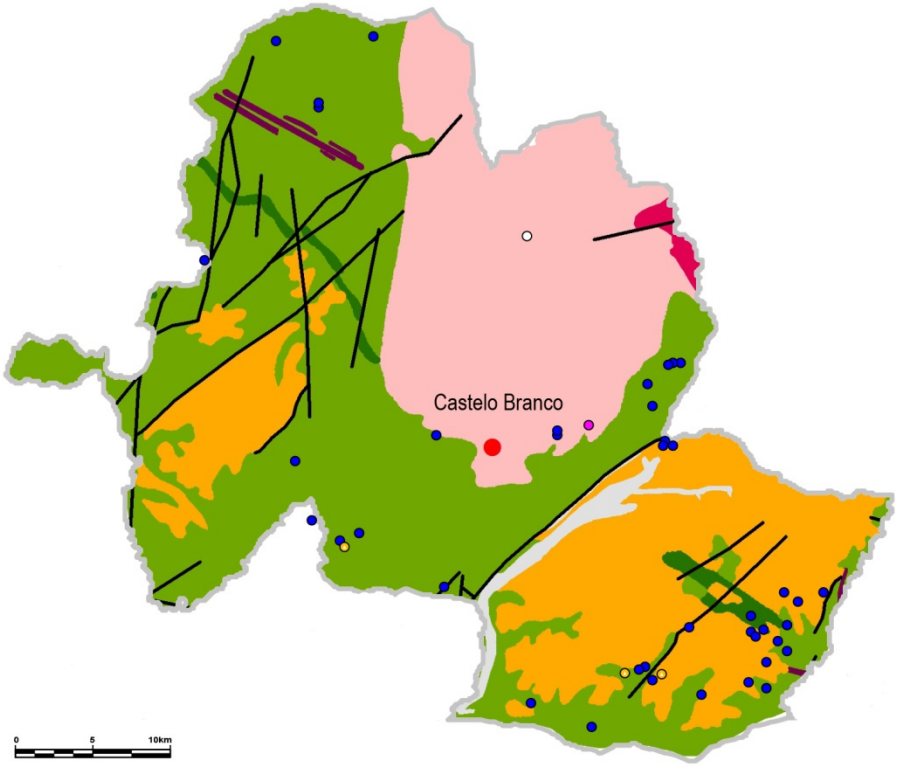
Identificação e localização **Referência** 2028 **Topónimo** Vale de Amodeis **Concelho** Proença-a-Nova **Freguesia** Proença-a-Nova **Nº AEAT** 48 **CNS** na **CMP** 290 **Altitude (m)** 765 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** crista ou lomba**]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** concentração de clastos de configuração aparentemente sub-rectangular, com cerca de 3,00 m x 2,60 m de lado, nas proximidades de trilhos de um antigo caminho de carroças (cerca de 7 m de distância do centro da estrutura) e a cerca de 20 m a ocidente da ocorrência anterior (Vale de Amodeis 1) **Mamoa [composição** quartzo filoniano e metassedimentos; os blocos de quartzo parece constituírem um empedrado periférico **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd**]** **Espólio [**ni**]** **Fontes de informação** EMERITA (ampliação do parque eólico de Proença-a-Nova, 2005); AEAT (CAPN) **Documentação gráfica** vista do sítio (2005).



Anexo 4. Catálogo das construções funerárias do concelho de Castelo Branco



Distribuição dos sítios do catálogo (a azul sítios confirmados, a rosa sítios de localização hipotética, a amarelo sítios de qualificação hipotética, a branco sobreposições) sobre mapa hipsométrico (fonte: www.guiadeportugal.pt).



Distribuição dos sítios do catálogo (a azul sítios confirmados, a rosa sítios de localização hipotética, a amarelo sítios de qualificação hipotética, a branco sobreposições) sobre mapa geológico (fonte: Geoparque Naturtejo).

3001.ÁGUAS DE VERÃO

Identificação e localização **Referência** 3001 **Topónimo** Águas de Verão **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** Monforte da Beira **Nº AEAT** CB001 **CNS** na **CMP** 305 **Altitude (m)** 284 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** planalto **]** **Caracterização** **Conservação** destruído **Descrição** pequena mamoa evidenciada por concentração de clastos. Situa-se em eucaliptal junto de um caminho de cumeada **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** terra, quartzito e metassedimentos **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **] Espólio [** nd **] Fontes de informação** Henriques *et al.*(1995) **Documentação gráfica** vista do sítio (1990).



3002.BARREIRA CIMEIRA

Identificação e localização **Referência** 3002 **Topónimo** Barreira Cimeira **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** Malpica do Tejo **Nº AEAT** CB002 **CNS** 10680 **CMP** 304 **Altitude (m)** 300 **Implantação [geologia** no limite de arenitos (Formação de Cabeço do Infante) com metassedimentos do Grupo das Beiras **morfologia** lomba **]**



Caracterização **Conservação** destruído **Descrição** mamoa, destruída por eucaliptal, evidenciada por concentração de clastos mas sem sobreelevação. Poderia ser um pequeno montículo ou já se encontrar arrasada devido a actividade agrícola anterior ao povoamento florestal. No meio do caminho foram observadas os topos de duas lajes de metassedimentos aparentemente em posição vertical. Podem corresponder a estrutura ortostática **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** terra, quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **] Espólio [pedra afeiçoada** dois fragmentos de moventes de moinho manual, em granito **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.*(1995) **Documentação gráfica** vista do sítio (1991).

3003.CALÇADA DA MOURA

Identificação e localização **Referência** 3003 **Topónimo** Calçada da Moura **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** Monforte da Beira **Nº AEAT** CB003 **CNS** 22337 **CMP** 305 **Altitude (m)** 340 **Implantação [geologia** cascalheira (depósito de vertente / coluvião) **morfologia** rechã **]** **Caracterização** **Conservação** destruído **Descrição** vestígios de mamoa, destruída por prática agrícola associada a olival, evidenciada por concentração de clastos de quartzito anguloso, proveniente de depósitos de vertente, e de minério. Situa-se junto de antigo caminho (Calçada da Moura). A norte situam-se diversas minas e um povoado proto-histórico (Henriques *et al.*, 1995; Neto de Carvalho *et al.,* 2011) **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** terra, quartzito (anguloso); ocorre minério (de ferro ?) **diâmetro (s)** 7,3 m (eixo norte-sul); 6,8 m (eixo este-oeste) **altura (m)** nd **] Espólio [pedra polida** dois fragmentos de um instrumento **pedra afeiçoada** um movente de moinho manual, em granito **outros** minério **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1995) **Documentação gráfica** vista do sítio (1991).



3004.CALVOS

Identificação e localização **Referência** 3004 **Topónimo** Calvos **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** Sarzedas **Nº AEAT** na **CNS** na **CMP** 291 **Altitude (m)** 329 **Implantação [geologia** metassedimentos (Grupo das Beiras) **morfologia** lomba **]** **Caracterização** **Conservação** em perigo **Descrição** mamoa constituída por argila e clastos rolados e câmara ortostática da qual restam três esteios *in situ* e um quarto, mais estreito e alto que os restantes, solto. Não se observam vestígios de corredor. Na periferia da mamoa observam-se alguns grandes clastos de quartzo filoniano. Foi aberta, por desconhecidos com máquina, uma vala radial, desde a periferia norte da mamoa até ao interior da câmara. Os dois esteios retirados da câmara e os sedimentos atingidos por este dano não estão no local pelo que devem ter sido exportados. O corte provocado pela abertura desta vala atingiu toda a altura da mamoa, permitindo observar, a poucos centímetros abaixo da superfície, um nível de calhaus rolados e o contraforte de um dos esteios. A mamoa foi sobreposta por caminho no lado norte, a partir do qual foi aberta a sanja **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** quatro, três

dos quais in situ **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** (largura x altura x espessura): 1 (0,6 m x 0,7 m x 0,1 m); 2 (0,8 m x 0,9 m x 0,1 m); 3 (0,63 m x 0,95 m x 0,17 m); 4 esteio solto (0,5 m x 1,7 m x 0,18 m) **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** terra e quartzo filoniano **diâmetro (s)** 19,5 m (eixo norte – sul); 21,0 m (eixo este - oeste) **altura (m)** c. 1,4 m **] Espólio [** nd **] Fontes de informação** Descoberta por F. Henriques e M. Chambino no âmbito da elaboração do estudo de impacte ambiental do aproveitamento hidroeléctrico do Alvito **Documentação gráfica** vista geral; vista da vala radial aberta a partir da câmara.



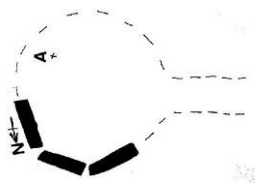


3005.CAPA ROTA

Identificação e localização **Referência** 3005 **Topónimo** Capa Rota **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** não identificada **Nº AEAT** na **CNS** 4205 **CMP** 292 **Altitude (m)** 365 **Implantação [geologia** corneanas e, na envolvente, granitos biotíticos com plagioclase cálcica **morfologia** cabeço sobre lomba **] Caracterização Conservação** destruída **Descrição** estrutura funerária ortostática com câmara poligonal alongada, reduzida a três esteios, talvez de um total de sete. A fonte indica as medidas internas da câmara, estimadas provavelmente a partir da posição dos esteios e do limite da cratera que lhe corresponde, mas os valores não parece concordarem com a planta publicada. São referidos "vestígios de ter existido" corredor e indicado o seu comprimento (Leitão, 1978). Em fotografia da fonte observa-se um esteio de configuração antropomórfica. A mamoa conservava parte da sua massa. O local foi visitado em 2016 e observado um amontoado recente de grandes blocos de corneanas em cuja base, no lado norte, jaziam três blocos de granito, de grão grosso, de formato lajiforme, com cerca de 25 cm de espessura, que podem corresponder àqueles esteios. Sobre o amontoado, no lado sul, observou-se fragmento de um daqueles blocos. O morouço situa-se em terreno do Sr. Manuel Malta, sobre o limite de três diferentes propriedades, junto de um caminho perpendicular à estrada que dá acesso a esta área a partir de Castelo Branco. Admite-se que a posição original fosse próxima do morouço, talvez na propriedade situada imediatamente a sudoeste. No local ocorrem corneanas e granito em toda a envolvente. O terreno está ocupado com oliveiras, excepto no lado nascente. **Câmara [tipo** poligonal **nº de esteios** três esteios **materiais** granito **dimensões (m)** 3,2 m (medida transversal) x 4,5 m (medida longitudinal); medidas dos esteios (altura x largura x espessura): 1 (1,0 m x 1,05 m x 0,19 m); 2 (0,85 m x 0,65 m x 0,19 m); 3 (0,68 m x 0,85 m x 0,19 m) **] Corredor [tipo** ni **nº de esteios** ni **materiais** ni **dimensões (m)** 3,8 m (comprimento) **] Mamoa [composição** nd **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **] Espólio [pedra lascada** uma ponta de seta em sílex de base ligeiramente convexa **pedra polida** duas enxós **artefactos simbólicos** dois fragmentos de placa de xisto um dos quis gravado **] Fontes de informação** Leitão (1978) **Documentação gráfica** vista do monumento de nascente (fotografia de M. Leitão); vista do monumento de poente (fotografia de M. Leitão); esboço de planta com erro de orientação (Leitão, 1978); três vistas do morouço (2016).













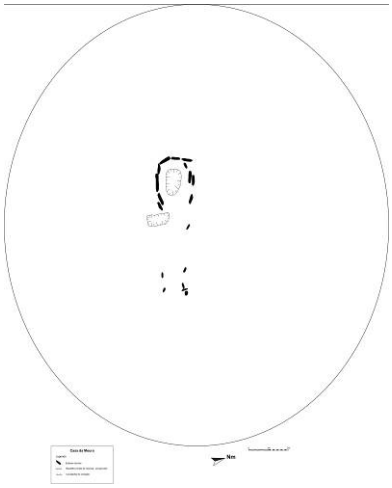
3006.CASA DA MOURA

Identificação e localização **Referência** 3006 **Topónimo** Casa da Moura (oral) **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** Retaxo ou Benquerenças **Nº AEAT** na **CNS** 2449 **CMP** 291 **Altitude (m)** 364 **Implantação [geologia** metassedimentos (Grupo das Beiras) **morfologia** lomba **]** **Caracterização** **Conservação** razoável (2000) **Descrição** estrutura funerária ortostática com câmara poligonal, alongada, e corredor, diferenciados em planta e alçado câmara e corredor diferenciados. Em 2000 apresentava cratera de violação no centro da área da câmara. Está envolvida por ampla mamoa bem destacada acima do solo . Situa-se no topo de um



cabeço florestado com mimosas. A área envolvente encontrava-se extensivamente ocupada com eucalipto. Em 1998, foi determinada a orientação do corredor por M. Hoskin e F. Henriques, com um azimute de 93º, que corresponde ao determinado na maioria dos monumentos analisados na região de Ródão (orientação ao nascer do sol) **Câmara [tipo** poligonal alongada **nº de esteios** nove, com reforços **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** 2,2 m de largura na direcção longitudinal e 1,7 m na transversal **]** **Corredor [tipo** longo **nº de esteios** seis, visíveis, sobretudo na parte terminal **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** c. 4,6 m **]** **Mamoa [composição** nd **diâmetro (s)** c. 22,0 m **altura (m)** nd (elevada) **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** NRIA (1979); Henriques & Caninas (1980); Leisner (1998); Hoskin & Henriques (2008) **Documentação gráfica** vistas da câmara; esboço de planta (2000).





3007.CASALINHAS

Identificação e localização **Referência** 3007 **Topónimo** Casalinhas **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** Monforte da Beira **Nº AEAT** CB006 **CNS** 22341 **CMP** 305 **Altitude (m)** 298 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** planalto **]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** mamoa muito destruída, à excepção de um pequeno sector, por surriba para plantação de eucaliptal **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** terra e quartzito; foi observado um clasto de metassedimento que pode corresponder a um esteio ou parte dele **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **]** **Espólio [pedra afeiçoada** uma peça ovóide, em granito, com covinha (eventual movente-bigorna) **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1995) **Documentação gráfica** vista do monumento (1990).



3008.EIRA DOS MOUROS

Identificação e localização **Referência** 3008 **Topónimo** Eira dos Mouros **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** não determinada **Nº AEAT** na **CNS** na **CMP** 255 **Altitude (m)** 680 **Implantação [geologia** metassedimentos (Grupo das Beiras) **morfologia** lomba **]** **Caracterização** **Conservação** em risco **Descrição** montículo baixo constituído por terra e quartzo, no lado poente de um caminho que liga Ribeira das Eiras a Alto da Torre. No local da ocorrência existe afloramento de metassedimentos com quartzo, ao nível do solo, e observa-se uma ligeira sobreelevação à qual corresponde uma maior concentração de blocos de quartzo filoniano. Segundo a população de Ribeira de Eiras neste local existe uma "eira dos mouros" que não chegou a ser finalizada **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [** **composição** quartzo **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **]** **Espólio [ni]** **Fontes de informação** Chaves *et al.* (2010) **Documentação gráfica** vista do monumento (2005).



3009.FERRARIAS 1

Identificação e localização **Referência** 3009 **Topónimo** Ferrarias **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** Monforte da Beira **Nº AEAT** CB011 **CNS** 22347 **CMP** 305 **Altitude (m)** 286 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** planalto **]** **Caracterização** **Conservação** em risco **Descrição** mamoa constituída por calhaus de quartzito de arestas boleadas. O caminho que liga à Castiça rebaixou a parte ocidental deste montículo.



No local da possível câmara observa-se uma ligeira concavidade e o topo de um esteio com uma reentrância **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** um *in situ* **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** do esteio (largura x altura x espessura): 0,35 m x 0,10 m x 0,07 m **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** terra e quartzito **diâmetro (s)** 17,0 m (eixo norte-sul); 13,7 m (eixo este-oste) **altura (m)** 0,86 m **]** **Espólio [outros tipos** peça em rocha metassedimentar, de forma fálica, achada 300 m a sudeste da mamoa **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1995) **Documentação gráfica** vista do monumento (1990).

3010.FERRARIAS 2

Identificação e localização **Referência** 3010 **Topónimo** Ferrarias **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** Monforte da Beira **Nº AEAT** CB012 **CNS** 22350 **CMP** 305 **Altitude (m)** 284 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço



do Infante) **morfologia** planalto **]** **Caracterização** **Conservação** destruído **Descrição** vestígios de uma mamoa evidenciados por uma concentração de clastos, sobretudo de quartzito, parcialmente rolado, e alguns de metassedimentos que poderão ter correspondido à estrutura ortostática **Câmara [ni]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** terra e quartzito **diâmetro (s)** medidas da área de dispersão de clastos 14,4 m (eixo norte-sul); 15,4 m (eixo este-oeste) **altura (m)** nd **]** **Espólio [pedra polida** um instrumento **pedra afeiçoada** um fragmento de mó em metassedimento e um movente em granito **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1995) **Documentação gráfica** vista do monumento (1990).

3011.FERRARIAS 3

Identificação e localização **Referência** 3011 **Topónimo** Ferrarias **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** Monforte da Beira **Nº AEAT** CB013 **CNS** 22351 **CMP** 305 **Altitude (m)** 294 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** rechã **]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** mamoa com cobertura pétrea de calhaus de quartzito danificada pela lavoura. À superfície parece observar-se o topo de um esteio **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** um **materiais** nd **dimensões (m)** nd **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** terra e quartzito **diâmetro (s)**

16,8 m (eixo norte-sul); 16,7 m (eixo este-oeste) **altura (m)** 0,83 m **] Espólio [pedra polida** dois instrumentos de proveniência desconhecida observados no Monte das Ferrarias **cerâmica** um fragmento **] Fontes de informação** *et al.* (1995) **Documentação gráfica** vista do monumento (1990).



3012.FERRARIAS 4

Identificação e localização **Referência** 3012 **Topónimo** Ferrarias **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** União das Freguesias de Escalos de Baixo e Mata **Nº AEAT** na **CNS** 14547 **CMP** 281 **Altitude (m)** 360 **Implantação [geologia** metassedimentos (Grupo das Beiras) **morfologia** cabeço **] Caracterização Conservação** mau **Descrição** mamoa com vestígios de estrutura ortostática. Serve de suporte ao vértice geodésico Ferrarias **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** um **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** (largura x altura x espessura): 1,0 m x 0,25 m x 0,1 m **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** terra, quartzo filoniano sub-rolado, metassedimentos e xisto mosqueado **diâmetro (s)** 10,0 m (eixo norte-sul); 10,2 m (eixo este-oeste) **altura (m)** 0,4 m **] Espólio [pedra afeiçoada** um fragmento de dormente e um movente de mó em granito **] Fontes de informação** Henriques, Caninas & Cardoso (1999) **Documentação gráfica** vista actual do monumento e do vértice geodésico.



3013.FONTE DA COUCHINHA

Identificação e localização **Referência** 3013 **Topónimo** Fonte da Couchinha **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** Monforte da Beira **Nº AEAT** CB014 **CNS** 22389 **CMP** 305 **Altitude (m)** 265 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** cabeço **] Caracterização Conservação** destruído **Descrição** mamoa evidenciada por concentração de clastos e terra. Situa-se parcialmente em área profundamente lavrada e ocupada por montado de sobro, estando também sobreposta pelo caminho para Vale Caldeu, junto de um entroncamento de caminhos **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** terra, quartzito e metassedimentos (escasso) **diâmetro (s)** 17,5 m (eixo norte-sul), 15,8 m (eixo este-oeste) **altura (m)** nd **] Espólio [pedra polida** dois instrumentos **pedra afeiçoada** um moinho manual **cerâmica** um fragmento **] Fontes de informação** Henriques *et al.*(1995) **Documentação gráfica** não disponível.

3014.GRANJINHA DE CIMA 1

Identificação e localização **Referência** 3014 **Topónimo** Granjinha de Cima **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** Mata **Nº AEAT** na **CNS** na **CMP** 293 **Altitude (m)** 146



Implantação [geologia depósitos de terraço fluvial (Plistocénico) **morfologia** terraço **] Caracterização Conservação** em perigo **Descrição** mamoa consubstanciada por uma concentração subcircular de terra e clastos com cratera na área central. Observam-se blocos de quartzo filoniano na periferia da mamoa, indiciando eventual anel de contenção. Há vestígios de estrutura funerária (câmara). No local foi observado um fragmento de dormente de moinho manual em granito **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** 2 **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** nd **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** metassedimentos, quartzito rolado e quartzo filoniano **diâmetro (s)** 8,0 m (eixo norte - sul); 9,5 m (eixo este - oeste) **altura (m)** c. 0,7 m **] Espólio [pedra afeiçoada** dormente de moinho manual em granito **] Fontes de informação** AEAT (inédito) **Documentação gráfica** vista do monumento.

3015.GRANJINHA DE CIMA 2

Identificação e localização **Referência** 3015 **Topónimo** Granjinha de Cima **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** Mata **Nº AEAT** na **CNS** na **CMP** 293 **Altitude (m)** 150 **Implantação [geologia** depósitos de terraço fluvial (Plistocénico) **morfologia** terraço **] Caracterização Conservação** destruído **Descrição** mamoa consubstanciada por sobreelevação de terra e clastos. Na periferia da mamoa observam-se clastos de maiores dimensões indicando eventual anel de contenção **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** metassedimentos e quartzito **diâmetro (s)** 16,0 m **altura (m)** 0,3 m **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** AEAT (inédito) **Documentação gráfica** vista do monumento.



3016.GRANJINHA DE CIMA 3

Identificação e localização **Referência** 3016 **Topónimo** Granjinha de Cima **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** Mata **Nº AEAT** na **CNS** na **CMP** 293 **Altitude (m)** 152



Implantação [geologia depósitos de terraço fluvial (Plistocénico) **morfologia** terraço **] Caracterização Conservação** em perigo **Descrição** mamoa evidenciada por concentração de clastos e terra sobre divisão de propriedade, entre a Granjinha de Cima e a Granjinha do Meio **Câmara [** ni **] Câmara [** ni **] Mamoa [composição** metassedimentos e quartzo filoniano, rolado **diâmetro (s)** 27,0 m (eixo este - oeste); 22,0 m (eixo norte - sul) **altura (m)** c. 1,4 m **] Espólio [outros objectos** pequeno peso de rede sobre seixo rolado, de metassedimento, com entalhes laterais, de forma oval (9 cm x 7 cm) **] Fontes de informação** AEAT (inédito) **Documentação gráfica** vista do monumento.

3017.HORTA LONGA

Identificação e localização **Referência** 3017 **Topónimo** Horta Longa **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** Castelo Branco **Nº AEAT** na **CNS** na **CMP** 292 **Altitude (m)** 330 **Implantação [geologia** metassedimentos (Grupo das Beiras) em zona de contacto com corneanas **morfologia** terraço] **Caracterização Conservação** mau **Descrição** duas concentrações de clastos e terra com respectivas crateras centrais (mamoas) adossadas uma à outra. Na periferia destes montículos foi observado fragmento de grande moinho de vaivém, em metassedimento, com utilização bifacial **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** terra, granito, quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro (s)** c. 3,0 m (nos dois casos) **altura (m)** nd **] Espólio [pedra afeiçoada** moinho de vaivém, em metassedimento, com utilização bifacial **] Fontes de informação** EMERITA (relatório de prospecção, 2010) **Documentação gráfica** vista do sítio (2010).



3018.LAMEIRO DA CAIADA

Identificação e localização **Referência** 3018 **Topónimo** Lameira da Caiada **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** Malpica do Tejo **Nº AEAT** CB017 **CNS** 22405 **CMP** 305



Altitude (m) 279 **Implantação [geologia** cascalheira (depósito de vertente / coluvião) **morfologia** rechã **] Caracterização Conservação** destruído **Descrição** mamoa evidenciada pela presença de clastos de quartzito, distanciados cerca de 30 m de três lajes de metassedimentos (esteios), junto a caminho. Destruída por florestação com eucalipto. Dimensões dos esteios (comprimento x largura x espessura): 1,15 m x 0,86 m x 0,10 m; 0,90 m x 0,45 m x 0,18 m **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzito **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1995) **Documentação gráfica** vista do local.

3019.MALHADA

Identificação e localização **Referência** 3019 **Topónimo** Malhada **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** Malpica do Tejo **Nº AEAT** CB020 **CNS** 22408 **CMP** 305 **Altitude (m)** 275 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** colo **]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** mamoa parcialmente destruída, evidenciada por sobreelevação, mais pronunciada a norte e a nordeste, e presença de pequenos clastos semirrolados de quartzo filoniano e de quartzito, além de grande número de placas de metassedimentos, com depressão central correspondente à câmara **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** terra, quartzito, quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro (s)** 20,0 m (eixo norte-sul e eixo este-oeste) **altura (m)** 0,72 m **]** **Espólio [pedra lascada** uma lâmina de sílex **pedra afeiçoada** um fragmento de moinho manual em granito e outro fragmento em metassedimento **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1995) **Documentação gráfica** vista do sítio.



3020.MELO

Identificação e localização **Referência** 3020 **Topónimo** Melo **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** Malpica do Tejo **Nº AEAT** CB021 **CNS** 22409 **CMP** 305 **Altitude (m)** 290 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** rechã **]** **Caracterização** **Conservação** destruído **Descrição** mamoa evidenciada por sobrelevação do terreno e concentração de clastos de quartzo e quartzito e alguns de metassedimentos. O monumento pode ter sido destruído quando da abertura do caminho (que não consta da carta militar de 1973). No lado norte do caminho existe um muro de pedra em cuja construção poderão ter sido utilizados os esteios deste monumento **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quartzo leitoso, quartzito e metassedimentos **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **]** **Espólio [pedra polida** um instrumento **pedra afeiçoada** dois fragmentos de dormentes de moinho manual **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1995) **Documentação gráfica** não disponível.

3021.MOITA REDONDA

Identificação e localização **Referência** 3021 **Topónimo** Moita Redonda **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** São Vicente da Beira **Nº AEAT** na **CNS** 30157 **CMP** 256 **Altitude (m)** 820 **Implantação [geologia** metassedimentos (Grupo das Beiras) **morfologia** lomba **]** **Caracterização** **Conservação** em perigo **Descrição** provável mamoa evidenciada por concentração de material pétreo formando suave sobrelevação no terreno de configuração subcircular **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** metassedimentos e quartzo filoniano **diâmetro (s)** cerca de 6,0 m **altura (m)** nd **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** EMERITA (relatório de prospecção, 2007) **Documentação gráfica** vista do local.



3022.MONTE DA BRADA D´OURO

Identificação e localização **Referência** 3022 **Topónimo** Monte da Brada d'Ouro **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** Malpica do Tejo **Nº AEAT** na **CNS** 32162 **CMP** 315 **Altitude (m)** 287 **Implantação [geologia** metassedimentos (Grupo das Beiras) **morfologia** lomba **]** **Caracterização** **Conservação** bom **Descrição** estrutura ortostática, incompleta, indiciando câmara de configuração rectangular, alongada, com esteio de cabeceira estreito, e indiferenciação, em planta, entre câmara e corredor. A mamoa, além de sedimento, é constituída por clastos de metassedimentos, de pequenas dimensões, de quartzo filoniano e de quartzito, rolados e raros **Câmara [tipo** sub-rectangular **nº de esteios** 6 (conjunto câmara e corredor; um de cabeceira; quatro no lado sul; um no lado norte da câmara, encostado ao de cabeceira) **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** (altura, largura, espessura): 1 (0,24 m x 0,27 m x 0,04 m); 2 (0,24 m x 0,26 m x 0,06 m); 3 (0,60 m x 0,33 m x 0,24 m); 4 (0,40 m x 0,30 m x 0,11 m); 5 (0, 70 m x 0, 40 m x 0,16 m) cabeceira; 6 (0,60 m x 0,28 m x 0,14 m) **]** **Corredor [** ver caracterização da câmara **]** **Mamoa [composição** metassedimentos, quartzo filoniano, quartzito **diâmetro (s)** 11,5 m (eixo norte – sul), 14,4 m (eixo este – oeste) **altura (m)** c. 1,0 m **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (2009) **Documentação gráfica** vistas da estrutura ortostática.





3023.MONTE DO BREJO DA CASTANHA
Identificação e localização **Referência** 3023 **Topónimo** Monte do Brejo da Castanha **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** Monforte da Beira **Nº AEAT** CB026 **CNS** 22414 **CMP** 305 **Altitude (m)** 253 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** lomba **]** **Caracterização** **Conservação** destruído **Descrição** mamoa arrasada mas evidenciada por dispersão de elementos pétreos. Os fragmentos de metassedimentos podem ter pertencido a esteios da estrutura funerária **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quartzo filoniano, quartzito e metassedimentos **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1995) **Documentação gráfica** não disponível.

3024.MONTE DO RIBEIRO DO GATO 1
Identificação e localização **Referência** 3024 **Topónimo** Monte do Ribeiro do Gato **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** Monforte da Beira **Nº AEAT** CB027 **CNS** 22415 **CMP** 305 **Altitude (m)** 287 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** planalto **]** **Caracterização** **Conservação** destruído **Descrição** mamoa evidenciada por concentração de elementos pétreos de quartzo e quartzito, mas destruída pela instalação de um povoamento florestal com eucalipto. Os clastos de metassedimentos podem ter pertencido à subestrutura funerária ortostática **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quartzo filoniano, rolado, quartzito, rolado, e metassedimentos **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1995) **Documentação gráfica** vista do sítio (1990).



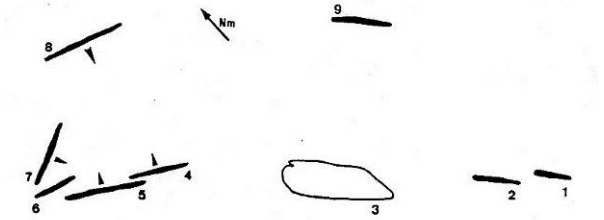
3025. MONTE DO RIBEIRO DO GATO 2
Identificação e localização **Referência** 3025 **Topónimo** Monte do Ribeiro do Gato **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** Monforte da Beira **Nº AEAT** CB028 **CNS** 22416 **CMP** 305 **Altitude (m)** 285 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** planalto **]** **Caracterização** **Conservação** destruído **Descrição** restos de uma provável mamoa reduzida a um amontoado de clastos de quartzito localizado entre duas azinheiras. Para além deste sector a mamoa foi arrasada por maquinaria pesada na abertura de um aceiro **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quartzito **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1995) **Documentação gráfica** vista do sítio (1990).



3026. MONTE DO RIBEIRO DO GATO 3
Identificação e localização **Referência** 3025 **Topónimo** Monte do Ribeiro do Gato **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** Monforte da Beira **Nº AEAT** CB029 **CNS** 22417 **CMP** 305 **Altitude (m)** 261 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo) **morfologia** lomba **]** **Caracterização** **Conservação** razoável **Descrição** estrutura ortostática incompleta, com câmara de configuração sub-rectangular, conservando à vista cinco esteios, e corredor com três esteios visíveis e um tombado. Parece verificar-se indiferenciação, em planta, entre a câmara e o corredor. A mamoa, além de sedimento, é constituída por clastos de metassedimentos, por quartzo filoniano e por quartzito (rolado). Na parte posterior da câmara, ocupando parte da mamoa, existem vestígios de uma construção de planta rectangular (3 m x 15 m) **Câmara [tipo** sub-rectangular **nº de esteios** cinco **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** esteios (largura x altura x espessura): 4 (0,57 m x 0,45 m x 0,13 m); 5 (0,86 m x 0,54 m x 0,17 m); 6 (0,34 m x 0,10 m x 0,18 m); 7 (0,65 m x 0,14 m x 0,24 m); 8 (0,53 m x 0,28 m x 0,09 m) **]** **Corredor [tipo** eventualmente longo **nº de esteios** quatro **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** esteios (largura x altura x espessura): 1 (0,40 m x 0,0 m x 0,06 m); 2 (0,22 m x 0,03 m x 0,13 m); 9 (0,52 m x 0,0 m x 0,06 m); esteio solto e tombado (comprimento x largura x espessura): 0,60 m x 0,33 m x 0,12 m **]** **Mamoa [composição** metassedimentos, quartzo filoniano, quartzito rolado **diâmetro (s)** 19,0 m e 21,5 m **altura (m)** nd **]** **Espólio [outros tipos** seixo esférico muito polido; topo de eventual estela em metassedimento, com vestígios de afeiçoamento, gravado numa face com cinco covinhas a circundar um covinha central e dois sulcos na face oposta **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.*

(1995) **Documentação gráfica** vista do monumento (1990); esboço de planta.



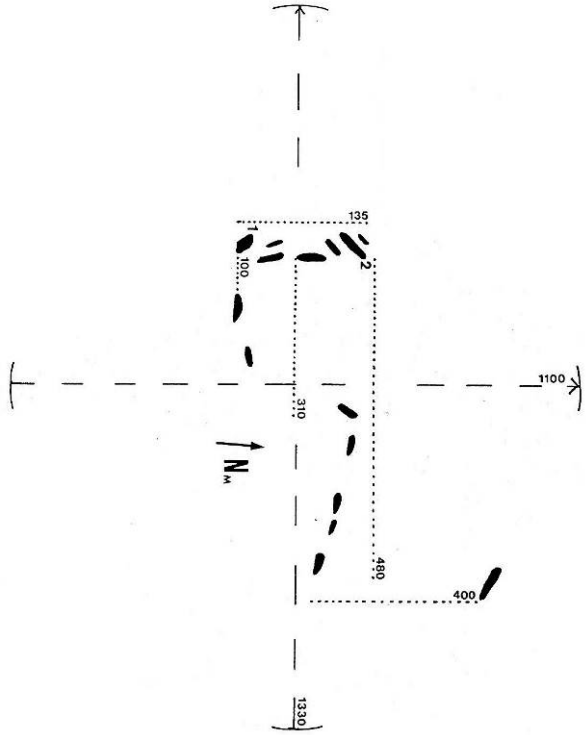


3027.MONTE DE SÃO DOMINGOS 1

Identificação e localização **Referência** 3027 **Topónimo** Monte de São Domingos **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** Malpica da Beira **Nº AEAT** CB039 **CNS** 22425 **CMP** 305 **Altitude (m)** 294 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** rechã **] Caracterização Conservação** em perigo **Descrição** estrutura ortostática, incompleta, com câmara de configuração sub-rectangular e corredor, atingindo 4,8 m de comprimento por 1,35 m de largura na cabeceira. A mamoa, bem destacada acima do solo, é constituída por clastos de quartzo filoniano, com blocos de maiores dimensões na sua periferia. Situa-se junto de entroncamento de caminhos



Câmara [tipo sub-rectangular **nº de esteios** nove incluindo reforços, embora ausentes no lado norte **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** câmara (transversal x longitudinal): 1,35 m x 3,10 m; esteios destacados acima do solo (largura x altura x espessura): 1 (0,22 m x 0,64 m x 0,15 m); 2 (0,45 m x 0,53 m x 0,09 m) **] Corredor [tipo** eventualmente curto **nº de esteios** cinco, apenas no lado norte **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** c 1,70 m de comprimento **] Mamoa [composição** terra e quartzo filoniano **diâmetro (s)** 11,0 m (eixo norte-sul) e 13,3 m (eixo este-oeste) **altura (m)** nd **] Espólio [pedra lascada** uma ponta de seta de base recta em sílex **pedra polida** um fragmento de instrumento **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1995) **Documentação gráfica** vista do monumento (1988); esboço de planta.



3028.MONTE DE SÃO DOMINGOS 2

Identificação e localização **Referência** 3028 **Topónimo** Monte de São Domingos **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** Malpica da Beira **Nº AEAT** CB032 033 **CNS** 13966 **CMP** 305 **Altitude (m)** 270 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** terraço **] Caracterização Conservação** em perigo **Descrição** duas estruturas de planta circular interpretadas como cabanas após escavação arqueológica (Cardoso, Caninas & Henriques, 1998). Têm entradas voltadas a sudeste e pavimento regular de saibro batido. A estrutura 1, com 2,0 m de diâmetro, é definido por pequenas lajes de metassedimentos colocados originalmente em posição vertical e justapostas. A estrutura 2 tem 3,3 m de diâmetro interno e revelou um estrutura mas cuidada e robusta e um buraco de poste estruturado em posição central mas descentrada. Sob o pavimento da estrutura 2 foi exumada uma grande urna cinerária contendo ossos e cinzas. Nesta e na estrutura 1 foram recolhidos outros recipientes cerâmicos atribuíveis ao Bronze final. Foi interpretado como *habitat* Contudo não se deve excluir uma função diversa, quiçá como casa ritual, dado não terem sido identificados indícios de uso doméstico, como lixeiras no seu exterior. A estrutura 1 conservava vestígios de fogo intenso, não sendo de excluir a sua finalidade como *ustrinium* **Espólio [** v. documentação gráfica **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1995); Cardoso *et al.* (1998); Henriques *et al.* (1999b) **Documentação gráfica** vista da localização das duas estruturas, a 1 à direita e a 2 à esquerda (1990); sítio da estrutura 1 aquando da descoberta; vista de fase final de escavação da estrutura 1; sítio da estrutura 2 aquando da descoberta; vista de fase final de escavação da estrutura 2;

planta e alçado da estrutura 1 no final da escavação; materiais recolhidos na estrutura 1; planta e alçado da estrutura 2 no final da escavação; materiais recolhidos na estrutura 2.

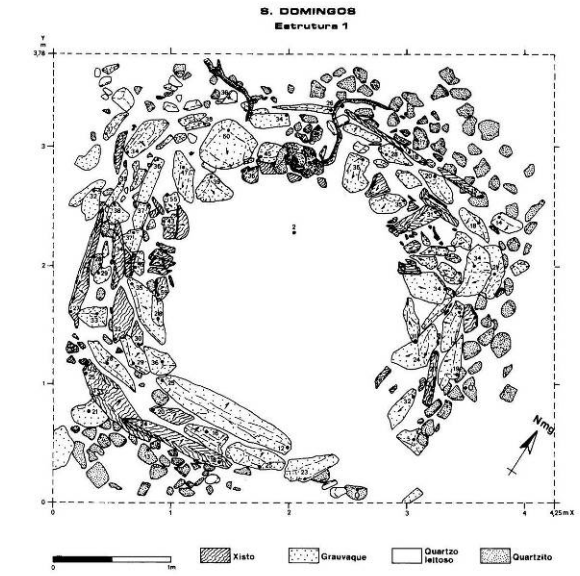


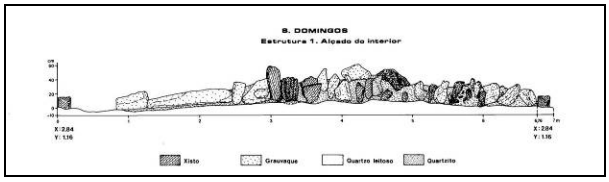


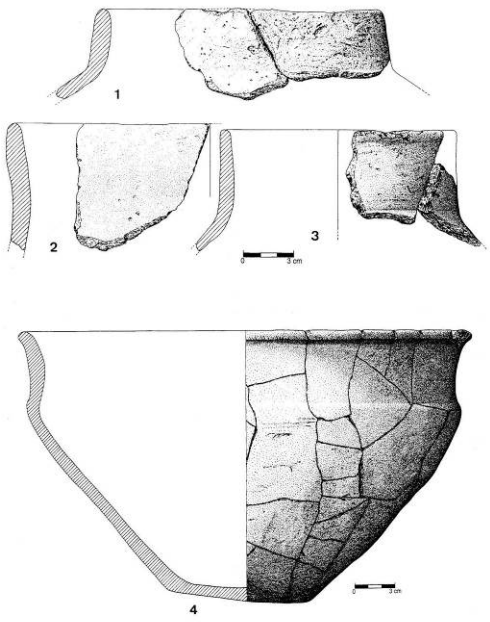


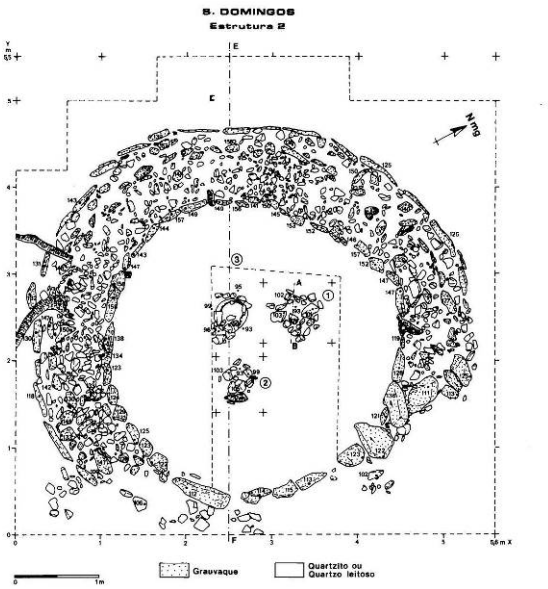


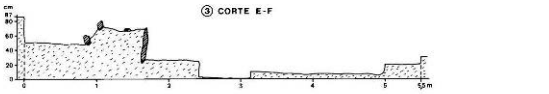


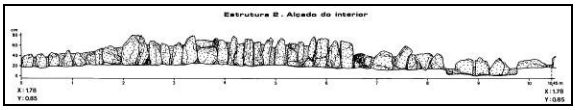


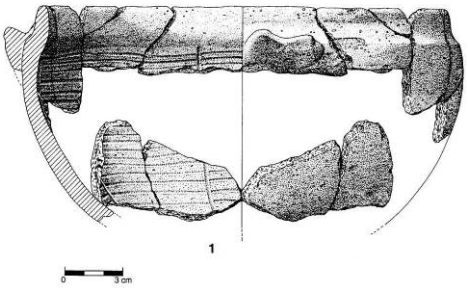


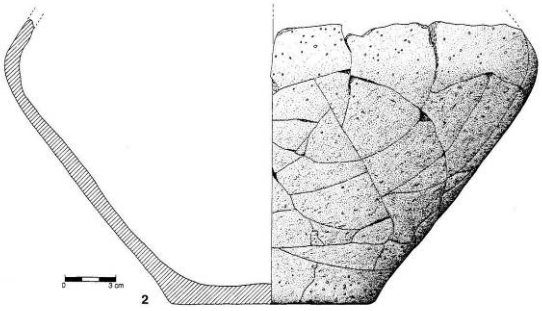












3029.MONTE DE SÃO DOMINGOS 3

Identificação e localização **Referência** 3029 **Topónimo** Monte de São Domingos **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** Malpica da Beira **Nº AEAT** CB031 **CNS** 22419 **CMP** 305 **Altitude (m)** 270 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** terraço **] Caracterização Conservação** em perigo **Descrição** concentração regular de clastos de quartzito, quartzo e metassedimentos indicando eventualmente uma pequena mamoa espalhada pela lavoura ou uma estrutura idêntica às duas anteriores (Monte de São Domingos 2), mas mais arruinada do que aquelas. A fonte coloca a hipótese de ter existido uma cista tal como foi aventado para as duas estruturas anteriores cuja escavação revelou uma qualificação diferente. Na envolvente existem diversos afloramentos com covinhas **Câmara [ni] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzito, quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **] Espólio [pedra afeiçoada** um dormente de moinho manual em metassedimento **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1995) **Documentação gráfica** vista do sítio (1990).



3030.MOURELO 1

Identificação e localização **Referência** 3030 **Topónimo** Mourelo **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** São Vicente da Beira **Nº AEAT** na **CNS** 23259 **CMP** 267 **Altitude (m)** 438 **Implantação [geologia** metassedimentos (Grupo das Beiras) **morfologia** lomba **] Caracterização Conservação** mau **Descrição** mamoa destruída no lado norte devido à abertura de um estradão **Câmara [tipo** ni **nº de esteios** 4 **materiais** metassedimentos e quartzo filoniano **dimensões (m)** nd **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** terra, clastos de quartzo filoniano, metassedimentos e granito **diâmetro (s)** 8,0 m **altura (m)** nd **] Espólio [pedra afeiçoada** fragmento de movente, semiesférico, em granito **] Fontes de informação** Chaves *et al.* (2010) **Documentação gráfica** vista do sítio (2010).



3031.MOURELO 2

Identificação e localização **Referência** 3031 **Topónimo** Mourelo **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** São Vicente da Beira **Nº AEAT** na **CNS** 23262 **CMP** 267 **Altitude (m)** 430 **Implantação [geologia** metassedimentos (Grupo das Beiras) **morfologia** lomba **] Caracterização Conservação**

destruído **Descrição** vestígios de mamoa evidenciados por um cordão de materiais pétreos de lados opostos de um aceiro **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** clastos de quartzo filoniano, de metassedimentos e de granito (em menor quantidade) **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **] Espólio [pedra afeiçoada** fragmento de movente, semi-esférico, em granito **] Fontes de informação** Chaves *et al.* (2010) **Documentação gráfica** vista do sítio.



3032.MOURELO 3

Identificação e localização Referência 3032 **Topónimo** Mourelo **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** São Vicente da Beira **Nº AEAT** na **CNS** 23263 **CMP** 267 **Altitude (m)** 420



Implantação [geologia metassedimentos (Grupo das Beiras) **morfologia** lomba **] Caracterização Conservação** mau **Descrição** mamoa e estrutura funerária ortostática **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** cinco (um solto e quatro *in situ)* **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** largura da câmara: 1,30 m; dimensão dos esteios (altura x largura x espessura): 1 (1,55 m x 0,64 m x 0,26 m) esteio solto desbastado numa das faces; 2 (0,33 m x 0,50 m x 0,22 m); 3 (0,11 m x 0,25 m x 0,7 m); 4 (0,50 m x 0,50 m x 0,17 m); 5 (0,35 m x 0,30 m x 0,7 m) **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** clastos de quartzo filoniano, metassedimentos e granito (em menor quantidade) **diâmetro (s)** 16,0 m **altura (m)** bem destacada acima no solo mas não foi medida **] Espólio [cerâmica** um pequeno fragmento sobre a mamoa **] Fontes de informação** Chaves *et al.* (2010) **Documentação gráfica** vista do sítio.

3033.MURO ALTO

Identificação e localização Referência 3033 **Topónimo** Muro Alto **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** União das Freguesias de Escalos de Baixo e Mata **Nº AEAT** na **CNS** 28527 **CMP** 281 **Altitude (m)** 297 **Implantação [geologia** metassedimentos (Grupo das Beiras) **morfologia** planalto **] Caracterização Conservação** mau **Descrição** mamoa constituída por terra e clastos de quartzo filoniano e metassedimentos, com indícios de conter estrutura ortostática evidenciada por um esteio solto. Alguns blocos de quartzo, de maior dimensão, encontram-se na periferia e podem corresponder a um anel de contenção. Muito afectada por povoamento florestal de eucalipto **Câmara [tipo** ni **nº de esteios** um (solto) **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** (altura x largura x espessura): 1,1 m x 0,75 m x 0,17m **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** terra, quartzo filoniano (abundante) e metassedimentos **diâmetro (s)** 17,0 m (eixo norte-sul), 16,0 m (eixo este-oeste) **altura (m)** 1,2 m **] Espólio [pedra afeiçoada** um fragmento de dormente de mó em granito **] Fontes de informação** Henriques *et al.*(1999b) **Documentação gráfica** vista do monumento.



3034.PELADA 1

Identificação e localização Referência 3034 **Topónimo** Pelada **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** Alcains **Nº AEAT** na **CNS** na **CMP** 268 **Altitude (m)** 390 **Implantação**



[geologia granitos biotíticos com plagioclase cálcica **morfologia** planície **] Caracterização Conservação** destruída **Descrição** mamoa evidenciada por sobreelevação do terreno e concentração de clastos de granito e quartzo filoniano. Está muito afectada por lavoura extensiva e

continuada **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** terra, quartzo filoniano e granito **diâmetro (s)** 15,0 m (eixo norte-sul), 12,0 m (eixo este-oeste) **altura (m)** 0,5 m **] Espólio [outros líticos** uma lâmina em sílex **] Fontes de informação** inédita (AEAT) **Documentação gráfica** vista actual.

3035.PELADA 2

Identificação e localização Referência 3035 **Topónimo** Pelada **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** Alcains **Nº AEAT** na **CNS** na **CMP** 268 **Altitude (m)** 390 **Implantação [geologia** granitos biotíticos com plagioclase cálcica **morfologia** planície **] Caracterização Conservação** destruída **Descrição** mamoa evidenciada por sobreelevação do terreno e concentração de clastos de quartzo filoniano e de granito, estes de maiores dimensões (um exemplar com 0,8 m de comprimento e 0,45 m de largura). Está muito afectada por lavoura extensiva e continuada **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** terra, quartzo filoniano e granito **diâmetro (s)** 10,0 m (eixo norte-sul e eixo este-oeste) **altura (m)** 0,2 m **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** inédita (AEAT) **Documentação gráfica** vista actual.



3036.POPENAS 1

Identificação e localização Referência 3036 **Topónimo** Popenas **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** União das Freguesias de Escalos de Baixo e Mata **Nº AEAT** na **CNS** 28528 **CMP** 281 **Altitude (m)** 327 **Implantação [geologia** metassedimentos (Grupo das Beiras) **morfologia** planalto**] Caracterização Conservação** mau **Descrição** mamoa



constituída por terra e clastos de quartzo filoniano e de metassedimentos. Foi rasgada pelas valas de um povoamento florestal **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** terra, quartzo filoniano (subrolado) e metassedimentos **diâmetro (s)** 9,0 m (eixo norte-sul), 11,0 m (eixo este-oeste) **altura (m)** baixa **] Espólio [pedra afeiçoada** um fragmento de dormente de mó em granito (?) **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1999) **Documentação gráfica** vista geral em 1999; vista actual (2014)



3037.POPENAS 2

Identificação e localização Referência 3037 **Topónimo** Popenas **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** União das Freguesias de Escalos de Baixo e Mata **Nº AEAT** na **CNS** na **CMP** 281 **Altitude (m)** 333 **Implantação [geologia** metassedimentos (Grupo das Beiras) **morfologia** planalto **] Caracterização Conservação** mau **Descrição** mamoa constituída por terra e clastos de quartzo filoniano e metassedimentos. Situa-se no limite de duas propriedades **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** um (solto sobre a mamoa) **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** (altura x largura x espessura): 1,1 m x 0,8 m x 0,12 m **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** terra, quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro (s)** 8,0 m (eixo norte-sul) **altura (m)** 1,1 m] **Espólio [** ni **] Fontes de informação** inédita (AEAT) **Documentação gráfica** vista do monumento.



3038.REBOUÇA 1

Identificação e localização Referência 3038 **Topónimo** Rebouça **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** Castelo Branco **Nº AEAT** na **CNS** na **CMP** 292 **Altitude (m)** 370 **Implantação [geologia** granitos biotíticos com plagioclase cálcica **morfologia** planalto **] Caracterização Conservação** mau **Descrição** concentração de terra e de clastos com presença dos blocos maiores na área central (o maior com

0,9 m de comprimento, 0,6 m de largura e 0,2 m de espessura). Tem uma suave depressão na área central. Foi referida a existência de uma anta no Pinhal da Rebouça (Proença Jr, 1910), "em terrenos de José Burgos, defronte da parede em frente da Pedra da Gargalheira, informação do Cardeninhas" (Dias, 1972) que poderá corresponder a este monumento ou outro na mesma área. Situa-se junto a uma via antiga **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [** **composição** terra, granito e xisto mosqueado **diâmetro (s)** 9,5 m (eixo norte-sul), 9,0 m (eixo este-oeste) **altura (m)** 0,5 m **]** **Espólio [pedra afeiçoada** um fragmento de dormente de moinho manual, em granito **]** **Fontes de informação** inédita (AEAT) **Documentação gráfica** vista actual.



3039.REBOUÇA 2

Identificação e localização **Referência** 3039 **Topónimo** Rebouça **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** Castelo Branco **Nº AEAT** na **CNS** na **CMP** 292 **Altitude (m)** 370 **Implantação [geologia** granitos biotíticos com plagioclase cálcica **morfologia** planalto **]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** concentração de terra e clastos, com disposição caótica, junto a uma via antiga. Foi parcialmente destruída pelo alargamento da via actual. Foi referida a existência de uma anta no Pinhal da Rebouça (Proença Jr, 1910), "em terrenos de José Burgos, defronte da parede em frente da Pedra da Gargalheira, informação do Cardeninhas" (Dias, 1972) que poderá corresponder a este monumento ou outro na mesma área **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [** **composição** terra, granito e corneanas (xisto mosqueado) **diâmetro (s)** 9,0 m **altura (m)** 0,5 m **]** **Espólio [pedra afeiçoada** um fragmento de dormente de moinho manual em granito **]** **Fontes de informação** inédita (AEAT) **Documentação gráfica** (1) vista actual.



3040.REPRESA

Identificação e localização **Referência** 3040 **Topónimo** Represa **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** Cebolais de Cima **Nº AEAT** na **CNS** na **CMP** 291 **Altitude (m)** 410 **Implantação [geologia** metassedimentos (Grupo das Beiras) **morfologia** cabeço **]** **Caracterização** **Conservação** destruída **Descrição** eventual monumento funerário ortostático com mamoa indiciado pela presença lajes de metassedimentos, correspondentes a eventuais esteios, e clastos de quartzo filoniano, de variadas dimensões, dispostos ao longo de uma divisória de propriedade **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [** nd **]** **Espólio [pedra afeiçoada** um movente e um dormente de mó manual em metassedimento **]** **Fontes de informação** Caninas & Henriques (2000) **Documentação gráfica** não disponível.

3041.RIBEIRO DO CAMPO

Identificação e localização **Referência** 3041 **Topónimo** Ribeiro do Campo **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** Monforte da Beira **Nº AEAT** CB043 **CNS** 22429 **CMP** 305 **Altitude (m)** 230 **Implantação [geologia** depósitos de terraço fluvial (Plistocénico) **morfologia** terraço **]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** vestígios de mamoa evidenciados por concentração de blocos de quartzito anguloso, de pequenas dimensões e outros de maiores dimensões em zona periférica **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [** **composição** quartzito **diâmetro (s)** 12,5 m (eixo norte-sul) e 13,0 m (eixo este-oeste) **altura (m)** 0,35 m] **Espólio [ni]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1995) **Documentação gráfica** vista do sítio.



3042. SERRA DO VIGÁRIO

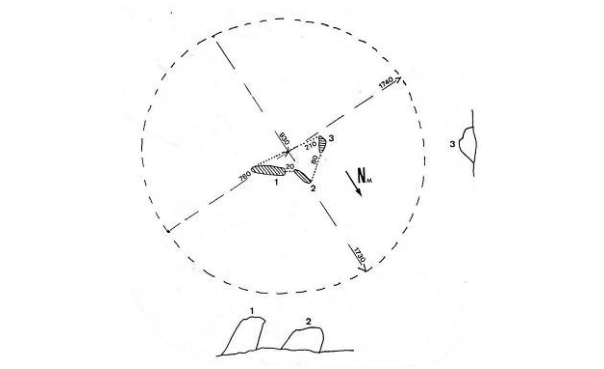
Identificação e localização **Referência** 3042 **Topónimo** Serra do Vigário **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** malpica do Tejo **Nº AEAT** CB046 **CNS** 22432 **CMP** 305 **Altitude (m)** 370 **Implantação [geologia** cascalheiras e areias (Formação de Falagueira) **morfologia** planalto **]** **Caracterização** **Conservação** destruído **Descrição** a fonte refere uma provável mamoa destruída para a construção de um eira posteriormente removida para instalar um olival mas não são especificados os indícios dessa qualificação **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [** nd **]** **Espólio [ni]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* 1995 **Documentação gráfica** não disponível.

3043.VALE DAS FAVAS 1

Identificação e localização **Referência** 3043 **Topónimo** Vale das Favas **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** Malpica do Tejo **Nº AEAT** CB047 **CNS** 22433 **CMP** 305 **Altitude (m)** 369 **Implantação [geologia** cascalheiras e areias (Formação de Falagueira) **morfologia** planalto **]** **Caracterização** **Conservação** destruída **Descrição** estrutura funerária ortostática reduzida a três esteios na câmara envolvida por mamoa bem destacada acima do solo embora com pequena altura devido a erosão Um informador local identificou este monumento com um moinho de vento em ruínas **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** três esteios **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** esteios (largura x altura x espessura): 1 (0,43 m x 0,65 m x 0,12 m); 2 (0,52 m x 0,52 m x - m); 3 (0,50 m x 0,35 m x 0,20 m) **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quartzito (rolado), quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro (s)** 17,3 m (eixo norte-sul) e 17,4 m (eixo este-oeste) **altura (m)** nd **]** **Espólio [pedra lascada** lasca de sílex **pedra afeiçoada** três fragmentos de moinho manual em metassedimento **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1995) **Documentação gráfica** vistas do monumento; esboço de planta (1990).







3044.VALE DAS FAVAS 2

Identificação e localização **Referência** 3044 **Topónimo** Vale das Favas **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** Malpica do Tejo **Nº AEAT** CB 048 **CNS** 22434 **CMP** 305 **Altitude (m)** 370 **Implantação [geologia** cascalheiras e areias (Formação de Falagueira) **morfologia** planalto **]** **Caracterização** **Conservação** destruído **Descrição** vestígios de mamoa reduzida a uma concentração regular de clastos de quartzo filoniano, quartzito e metassedimentos, de pequeno calibre. O material de maior calibre pode ter sido utilizado para preencher os buracos abertos no caminho durante a estação chuvosa. Situa-se junto a entroncamento de caminhos **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quartzo filoniano, quartzito e metassedimentos **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1995) **Documentação gráfica** vista do sítio (1990).



3045.SALGUEIRINHO

Identificação e localização **Referência** 3046 **Topónimo** Salgueirinho **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** União das Freguesias de Escalos de Baixo e Mata **Nº AEAT** na **CNS** 28529 **CMP** 281 **Altitude (m)** 300 **Implantação [geologia** metassedimentos (Grupo das Beiras) **morfologia** lomba **]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** mamoa constituída por terra e clastos de quartzo filoniano e metassedimentos **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** terra, quartzo filoniano (pequeno calibre) e metassedimentos **diâmetro (s)** 16,0 m (eixo norte-sul); 15,0 m (eixo este-oeste) **altura (m)** baixa **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1999b) **Documentação gráfica** vista geral em 1999; vista actual (2014).



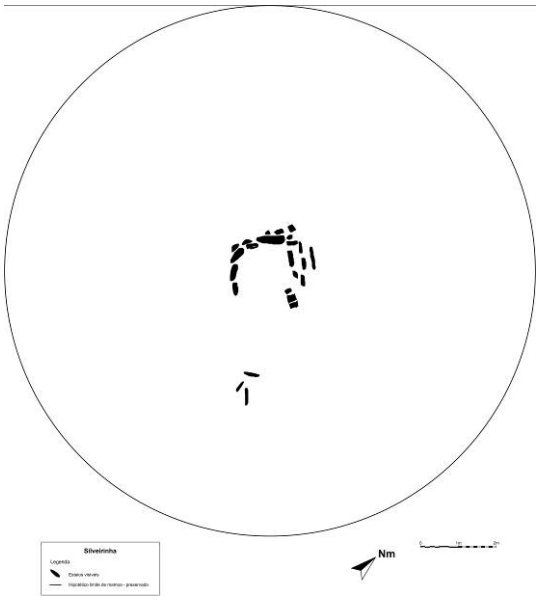


3046.SILVEIRINHA

Identificação e localização **Referência** 3046 **Topónimo** Silveirinha (oral) **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** Retaxo ou Benquerenças **Nº AEAT** nd **CNS** 10933 **CMP** 291 **Altitude (m)** 401 **Implantação [geologia** metassedimentos (Grupo das Beiras) **morfologia** lomba em esporão **]** **Caracterização** **Conservação** razoável **Descrição** estrutura funerária ortostática constituída por câmara e corredor, diferenciados em planta e alçado, envolvidos por mamoa já muito diminuída devido a lavoura. Tem câmara poligonal, talvez de sete esteios, com desdobramento da cabeceira em dois esteios, e comporta esteios de reforço encostados aos que delimitam a câmara. Foi integrado por F. Tavares Proença Jr na necrópole dolménica de Sarnadas. Em 1998, foi determinada a orientação do corredor por M. Hoskin e F. Henriques, com um azimute de 130º, que se afasta da orientação da maioria dos monumentos analisados na região de Ródão (orientação ao nascer do sol), aproximando-se a sul do nascer do sol em pleno inverno **Câmara [tipo** poligonal **nº de esteios** oito, com reforços **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** largura transversal 1,5 m **]** **Corredor [tipo** nd **nº de esteios** observam-se três no lado sul **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** nd **]** **Mamoa [composição** nd **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **]** **Espólio [pedra lascada** uma lâmina de sílex (seg. Proença Jr) **pedra afeiçoada** duas mós (seg. Proença Jr) **]** **Fontes de informação** Proença Jr (1906a, 1909, 1910); NRIA (1979); Henriques & Caninas (1980); Leisner (1998); Hoskin & Henriques (2008) **Documentação gráfica** vista da câmara (2012); vista do alinhamento câmara-corredor (2012); esboço de planta (1974).







3047.TAPADA DA CIDADE

Identificação e localização **Referência** 3047 **Topónimo** Tapada da Cidade **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** Cebolais de Cima **Nº AEAT** 224 **CNS** 33302 **CMP** 304 **Altitude (m)** 230 **Implantação [geologia** metassedimentos (Grupo das Beiras) **morfologia** lomba **]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** estrutura funerária ortostática com câmara e corredor de características não determinadas, envolvida por mamoa bem destacada acima do solo. Está afectada por caminho no quadrante noroeste e por lavoura no lado ocidental. Na parte leste observa-se derrame de materiais pétreos para além do volume da mamoa. Segundo informação do proprietário, os esteios teriam sido arrancados do interior da câmara com recurso a máquinas, expondo ampla cratera, no interior da qual foram colocados entulhos em época actual. Ainda se observam três esteios *in situ.* O esteio mais saliente, com 1,4 m de altura, é longilíneo e tem gravadas dez covinhas de pequeno diâmetro e um sulco transversal, largo, aberto por abrasão. **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** três **materiais** metassedimentos **dimensões (m)**

4,0 m (diâmetro da cratera de violação) **] Corredor [tipo** nd **nº de esteios** cinco (dois in situ) **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** nd **] Mamoa [composição** material arenoargiloso, metassedimentos e seixos rolados de quartzo filoniano e quartzito **diâmetro (s)** c. 15,0 m **altura (m)** nd **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** AEAT **Documentação gráfica** vista geral.



3048.RISCA DO CUCO

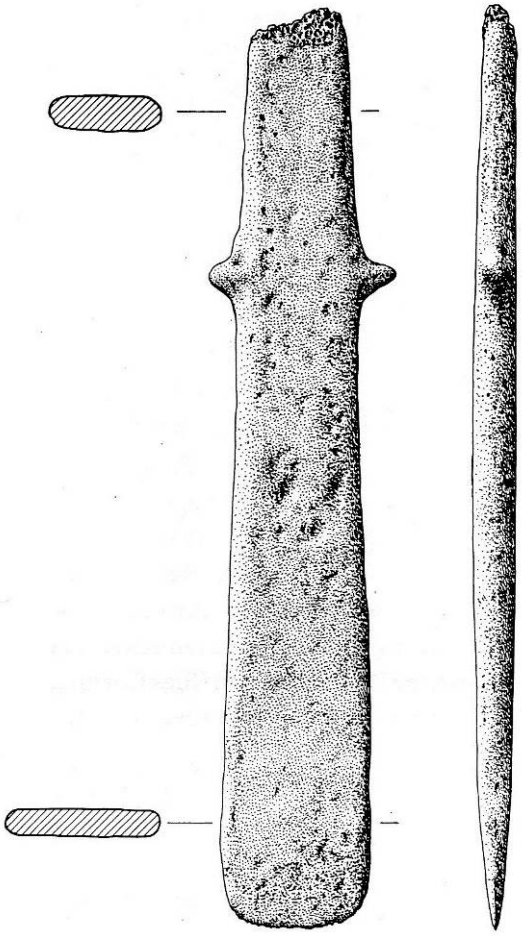
Identificação e localização Referência 3048 **Topónimo** Risca do Cuco **Concelho** Castelo Branco **Freguesia** Ninho do Açor e Sobral do Campo **Nº AEAT** na **CNS** 19758 **CMP** 267 **Altitude (m)** 317 **Implantação [geologia** metassedimentos (Grupo das Beiras) **morfologia** rechã **] Caracterização Conservação** razoável **Descrição** De acordo com a DGPC "a necrópole do Risco do Cuco parece ser constituída por um pequeno núcleo de quatro cistas, muito próximas, coberta apenas por uma mamoa que se desenvolve na parte mais elevada do terreno, proporcionando um destaque ao conjunto sepulcral. Esta forma de implantação das cistas, apenas numa mamoa, torna a necrópole bastante peculiar", sendo atribuída à Idade do Bronze. Em campo observaram-se vestígios de um *tumulus* baixo ou muito arrasado pela lavoura (de centeio), sobre o qual se encontram diversos blocos de rocha metassedimentar fincados no solo em quatro diferentes posições qualificadas como quatro cistas (DGPC). Situa-se no bordo ocidental de uma plataforma estreita e longa, sobranceira à margem esquerda da ribeira do Seixo a montante da sua confluência com o rio Tripeiro. O terreno está ocupado por pinheiros, estevas e giestas.



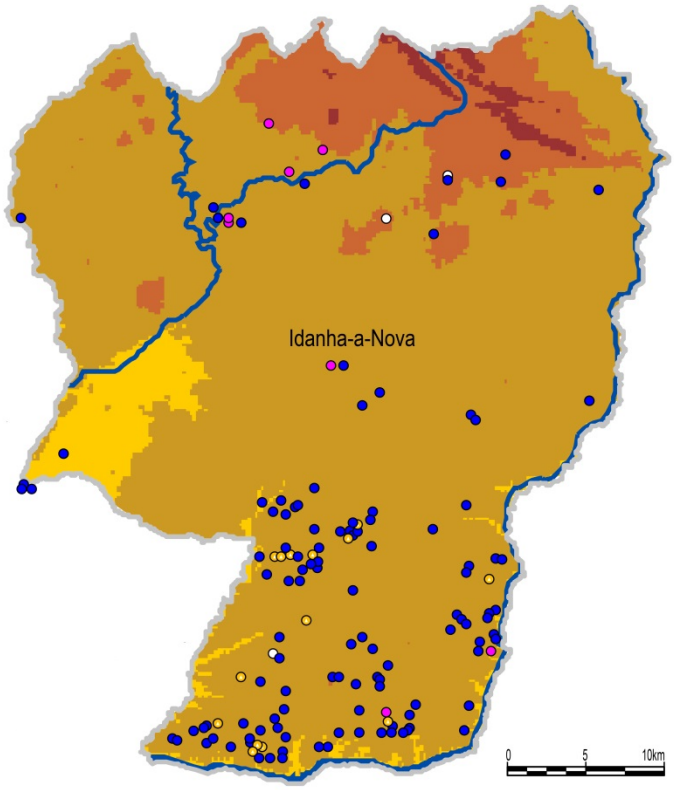


As características dos blocos, a sua dimensão e a presença de líquenes sugerem antiguidade. Contudo será conveniente proceder a escavação arqueológica para perceber se pelo menos uma dessas implantações é antiga ou se corresponde a marco de propriedade. Em posição central (estrutura 1), embora descentrada para norte, observam-se dois blocos fincados, em continuidade, formando ângulo agudo, com abertura voltada a sul. Existe uma depressão (violação) entre aqueles dois blocos. O bloco situado mais a oeste está destacado 52 cm acima do solo no lado exterior. O topo do outro bloco está ao nível do solo no lado exterior. O desnível entre os topos dos dois blocos é de 35 cm. Cerca de 2,4 m para nordeste da estrutura 1 observa-se três pequenas lajes de metassedimentos, com os topos ao nível do solo, definindo cista rectangular (estrutura 2). A parte visível tem 45 cm de largura de cabeceira e 1 m de comprimento. A estrutura 2 tem características morfológicas distintas da estrutura 1. A tipologia desta última carece de confirmação em escavação. Cerca de 2,5 m a sudoeste da estrutura 1 está fincado um outro bloco lajiforme destacado 12 cm acima do solo no lado interno do *tumulus.* Cerca de 5,5 m a sudeste da estrutura 1 e a 3,8 m de distância da estrutura 2 existe outro bloco fincado destacado 30 cm acima do solo. As estruturas indicadas estão inseridas numa concentração regular de terra e de blocos (pequenos), calhaus e seixos de rochas metassedimentares (maioria) e de quartzo filoniano, que acompanha a pendente do terreno na direcção noroeste sudeste. O desnível da mamoa do centro para a periferia norte é de cerca de 30 cm. A concentração de clastos e terra tem cerca de 7 m de diâmetro. O espalhamento de clastos ocorre numa área com cerca de 10,5 m de diâmetro. Sobre a mamoa foi observado um pequeno dormente de mó manual em granito. A presença de uma quantidade plural de sepulturas num mesmo *tumulus* embora incomum tem paralelos locais (4009 Amieiro 5) e regionais, por exemplo em Paranho (Cruz, 1997), no concelho de Tondela, e em Junqueira (Leisner, 1998: estampa 80), no concelho de Arouca. **Câmara [tipo** cista **nº de esteios** ver descrição **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** ver descrição **] Corredor [** não aplicável **] Mamoa [composição** material arenoargiloso, metassedimentos e quartzo leitoso **diâmetro (s)** indicam-se os raios de espalhamento de clastos e os raios de concentração de terra e de clastos, a partir do centro da estrutura 1 na direcção dos pontos cardeais; espalhamento: 6,5 m para norte, 4,1 m para sul, 4,5 m para este, 6 m para oeste; concentração: 2,7 m para norte, 4,1 m para sul, 3,3 m para este, 4,3 m para oeste **altura (m)** c. 30

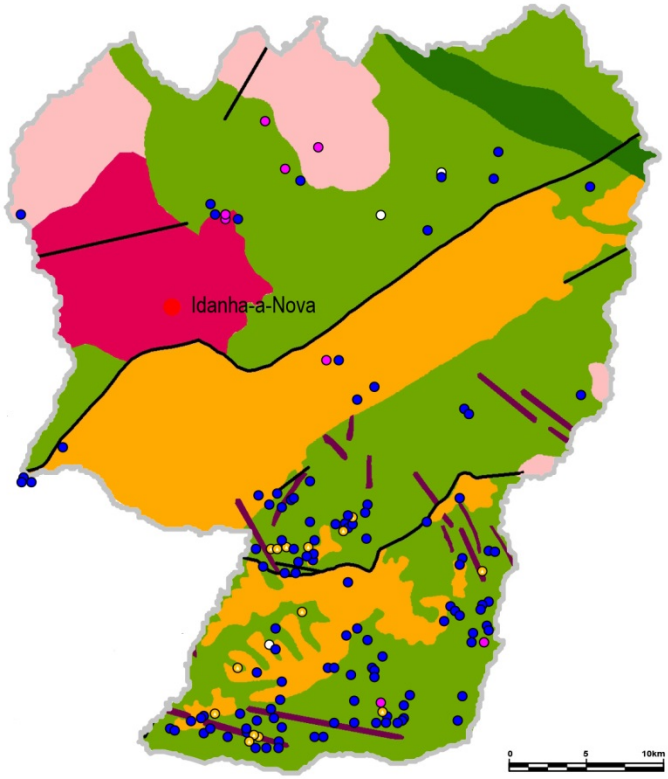
cm **] Espólio [pedra afeiçoada** pequeno fragmento de movente em granito (observado no local) **Metal** cerca de 400 m a oeste, na margem esquerda do ribeiro do Seixo, em local denominado Vale Branquinho, foi achado um machado plano de apêndices laterais, em bronze, atribuído ao Bronze Final segundo Vilaça & Gabriel (1999) **] Fontes de informação** Vilaça & Gabriel (1999) **Documentação gráfica** vista (2016) da estrutura ortostática mais destacada e em posição aparentemente central; vista do *tumulus* com a estrutura central ao fundo e em primeiro plano, ao nível do solo, a cista rectangular assinalada por três pequenos esteios; machado plano achado em Vale Branquinho (Vilaça & Gabriel, 1999); a peça tem 12,5 cm de comprimento.



Anexo 5. Catálogo das construções funerárias do concelho de Idanha-a-Nova



Distribuição dos sítios do catálogo (a azul sítios confirmados, a rosa sítios de localização hipotética, a amarelo sítios de qualificação hipotética, a branco sobreposições) sobre mapa hipsométrico (fonte: www.guiadeportugal.pt).



Distribuição dos sítios do catálogo (a azul sítios confirmados, a rosa sítios de localização hipotética, a amarelo sítios de qualificação hipotética, a branco sobreposições) sobre mapa geológico (fonte: Geoparque Naturtejo).

Catálogo das construções funerárias do concelho de Idanha-a-Nova

4001.ABELHEIROS

Identificação e localização **Referência** 4001 **Topónimo** Abelheiros (o nome do vértice geodésico Ovelheiros deve corresponder a uma incompreensão do topónimo original) **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 306 **Altitude (m)** 405 **Implantação [geologia** cascalheiras e areias (Formação de Falagueira) **morfologia** planalto **]** **Caracterização** **Conservação** destruída **Descrição** vestígios de mamoa arrasada pela lavoura **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quartzito rolado, quartzo filoniano, placas de metassedimento e alguns exemplares de granito **diâmetro (s)** 11,1 m (eixo este-oeste); 7,1 m (eixo norte-sul) **altura (m)** não mensurável **]** **Espólio [pedra afeiçoada** dois dormentes de moinho manual, em granito **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (2004) **Documentação gráfica** vistas do sítio (AEAT).





4002.ALARES 1

Identificação e localização **Referência** 4002 **Topónimo** Alares **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** na **CNS** na **CMP** 306 **Altitude (m)** 280 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Rosmaninhal) **morfologia** lomba **]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** vestígios de mamoa constituída por terra, metassedimentos e por pequenos clastos de quartzo filoniano (periferia), alguns dos quais com vestígios de erosão fluvial; em redor de grande azinheira **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** um **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** do esteio 56 cm de altura e 80 cm de comprimento **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** metassedimentos e quartzo filoniano **diâmetro (s)** nd **]** **Espólio [ni]** **Fontes de informação** prospecção AEAT **Documentação gráfica** vistas do sítio.



4003.ALARES 2

Identificação e localização **Referência** 4003 **Topónimo** Alares **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** na **CNS** 13420 **CMP** 306 **Altitude (m)** 318 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Rosmaninhal) **morfologia** rechã **]** **Caracterização** **Conservação** destruída **Descrição** vestígios de mamoa constituída por quartzo filoniano e placas de metassedimentos. Na área central da mamoa existe uma concentração de pequenas placas esmagadas por maquinaria agrícola pesada **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro (s)** nd **altura (m)** imperceptível **]** **Espólio [pedra lascada** um calhau rolado em quartzito com talhe **pedra afeiçoada** um fragmento de movente de moinho manual em metassedimento e outro em granito **outros líticos** um percutor em quartzo filoniano **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1998) **Documentação gráfica** vista do sítio.

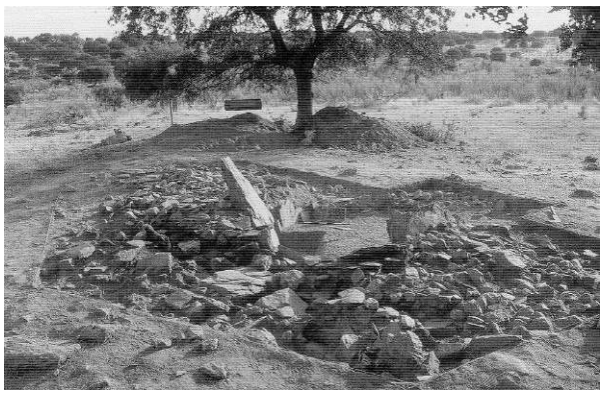


4004.ALTO DAS EIRINHAS

Identificação e localização **Referência** 4004 **Topónimo** Alto das Eirinhas **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** União de Freguesias de Monfortinho e Salvaterra do Extremo **Nº AEAT** na **CNS** na **CMP** 271 **Altitude (m)** 332 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** planalto **]** **Caracterização** **Conservação** destruída **Descrição** vestígios de mamoa evidenciados por concentração de quartzo **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quartzo filoniano **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **]** **Espólio [pedra afeiçoada** um fragmento de dormente de moinho manual, em granito **]** **Fontes de informação** AEAT **Documentação gráfica** não disponível.

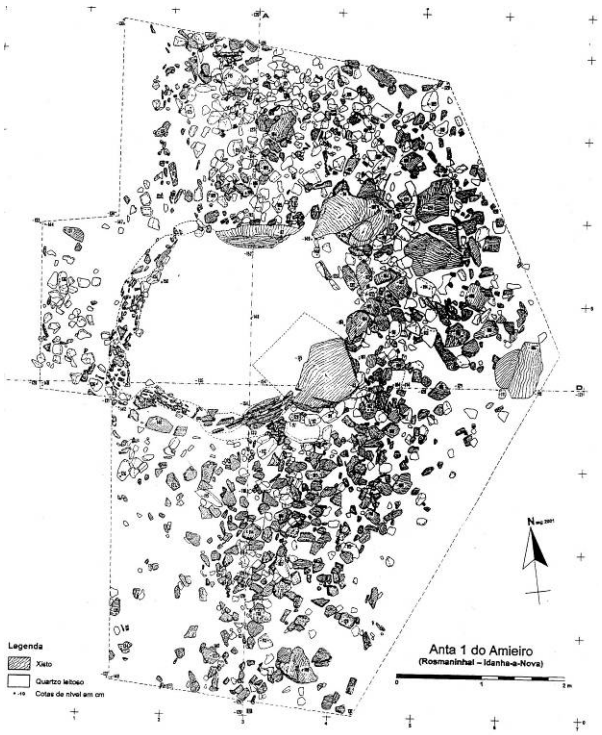
4005.AMIEIRO 1

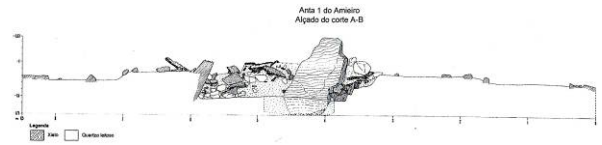
Identificação e localização **Referência** 4005 **Topónimo** Amieiro (couto do) **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN002 **CNS** 12050 **CMP** 294 **Altitude (m)** 355 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo), no terreno observam-se arenitos residuais **morfologia** lomba **]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** vestígios de câmara de planta poligonal, evidenciada por dois esteios *in situ* e por oito alvéolos correspondentes a outros tantos esteios de rocha metassedimentar, alongada na direcção ENE-OSO. Ausência de esteio no lado esnordeste que poderá indicar entrada com orientação incomum. Conserva vestígios de *tumulus,* constituído por quartzo filoniano, estando um pouco melhor conservado nos quadrantes orientais. Não foi documentado corredor. Foi escavado em 2000 no âmbito do Projecto ALTEJO (Cardoso, 2003) **Câmara [tipo** poligonal aberta **nº de esteios** três *in situ* **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** c. 2,5 m (diâmetro máximo) **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quartzo filoniano, metassedimentos e terra **diâmetro (s)** 9,6 m e 12,5 m **altura (m)** 0,75 m **]** **Espólio [cerâmica** três fragmentos lisos no decurso da escavação **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993); Cardoso (2003b) (relatório das escavações realizadas no âmbito do projecto de investigação "Altejo - Pré-História Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português, AEAT); Cardoso *et al.* (2003) **Documentação gráfica** imagens em sequência: vista do monumento antes da escavação arqueológica (Henriques *et al.,* 1993); duas vistas no final da escavação (Cardoso *et al.* 2003; planta simplificada da câmara; planta no final da escavação; cortes e alçados (Cardoso, 2003).

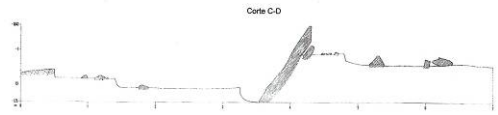


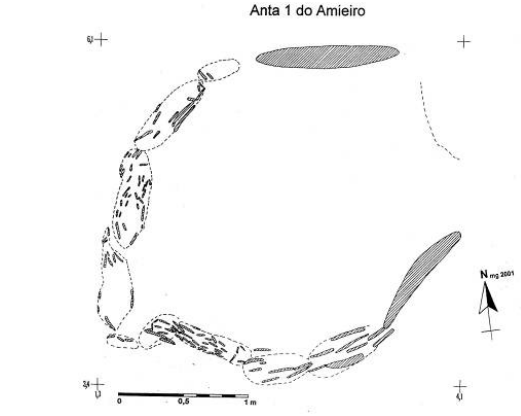










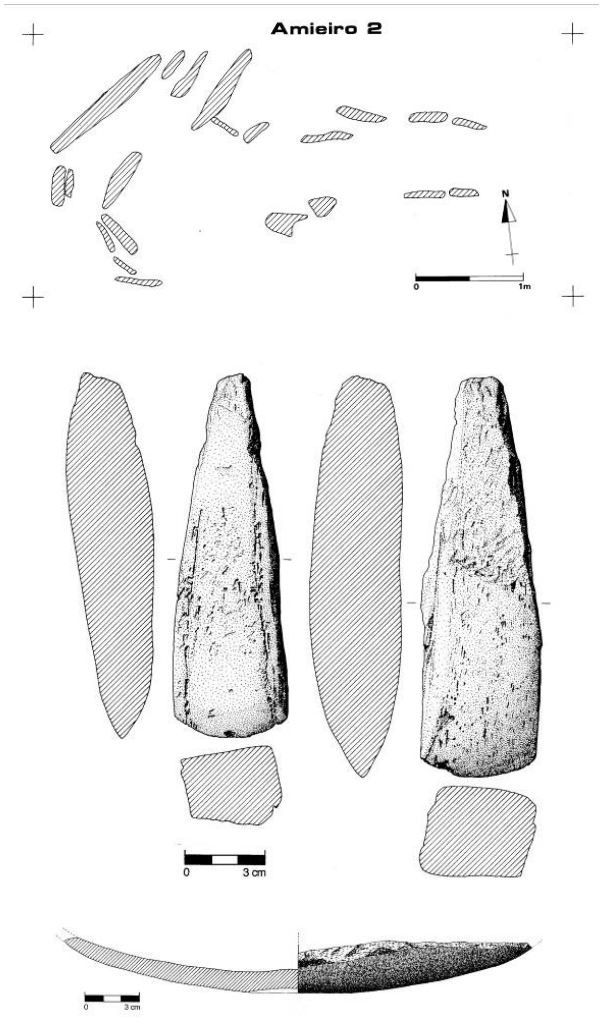


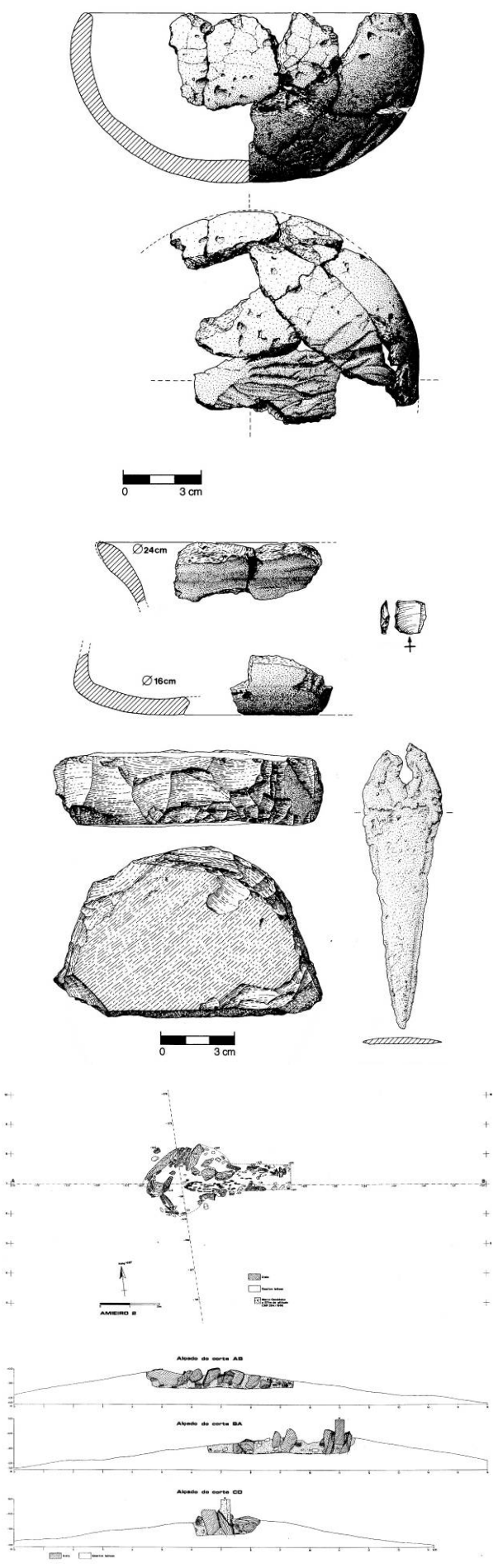
4006.AMIEIRO 2

Identificação e localização **Referência** 4006 **Topónimo** Amieiro (Couto do) **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN003 **CNS** 22346 **CMP** 294 **Altitude (m)** 371 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante), residuais **morfologia** planalto **]** **Caracterização** **Conservação** razoável **Descrição** pequena estrutura funerária ortostática constituída por câmara e corredor com comprimento total de cerca de 4,0 m. No lado noroeste a câmara apresenta-se deformada pela colocação de um marco trigonométrico e pela deslocação de esteios, alguns dos quais talvez retirados do lado oposto. O corredor está orientado 88º a Norte. Conserva *tumulus* bem destacado acima o solo embora baixo. Foi escavado em 1997 no âmbito do Projecto ALTEJO. A escavação evidenciou um momento mais antigo documentado por cerâmica lisa, na câmara, um denticulado e dois machados de anfibolito, no corredor, e posterior reutilização. Em níveis superiores de enchimento da câmara foram recolhidos materiais atribuíveis a lapso de tempo entre o Calcolítico e o Bronze Pleno, fundo de grande taça com onfalos e punhal de cobre com encabamento rebitado **Câmara [tipo** poligonal **nº de esteios** diversos esteios *in situ* faltando no lado norte e no lado sul **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** c. 1,5 m de dimensão longitudinal **]** **Corredor [tipo** longo **nº de esteios** oito esteios *in situ*, incompleto no lado sul **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** c. 2,0 m de comprimento e c 1,0 m de largura **]** **Mamoa [composição** quartzo filoniano, rochas metassedimentares e terra **diâmetro (s)** 13,45 m (eixo norte-sul) e 14,8 m (eixo oeste-este) **altura (m)** 0,95 m **]** **Espólio [** recolhido em escavação **pedra lascada** um denticulado em sílex e um disco espesso, em quartzito, com talhe periférico, vertical **pedra polida** dois machados **cerâmica** um esférico baixo, incompleto, fragmentos de taça de bordo extrovertido, de vaso de fundo achatado e de taça de fundo onfalado **metal** punhal de cobre **]** **Fontes de informação** Projecto ALTEJO; Henriques *et al.* (1993); Cardoso *et al.* (2003); Hoskin & Henriques (1998) **Documentação gráfica** imagens em sequência: vista da câmara no final da escavação arqueológica, vista do corredor de oriente para ocidente, planta simplificada, materiais recolhidos durante a escavação (Henriques *et al.,* 1993), planta no final da escavação, cortes e alçados (J. L. Cardoso, J. Caninas & F. Henriques).









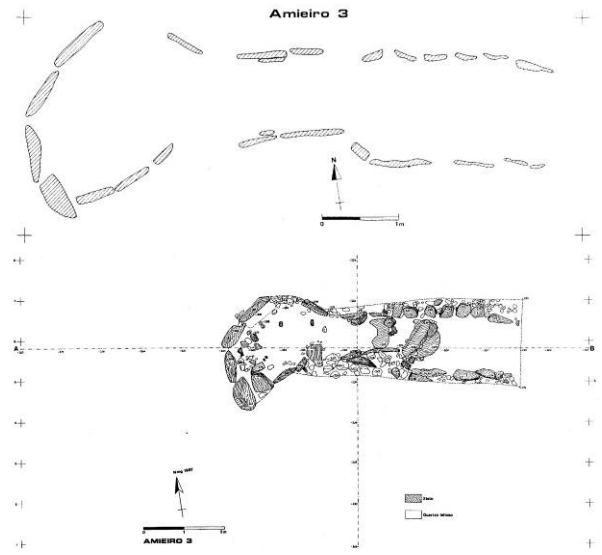
4007.AMIEIRO 3

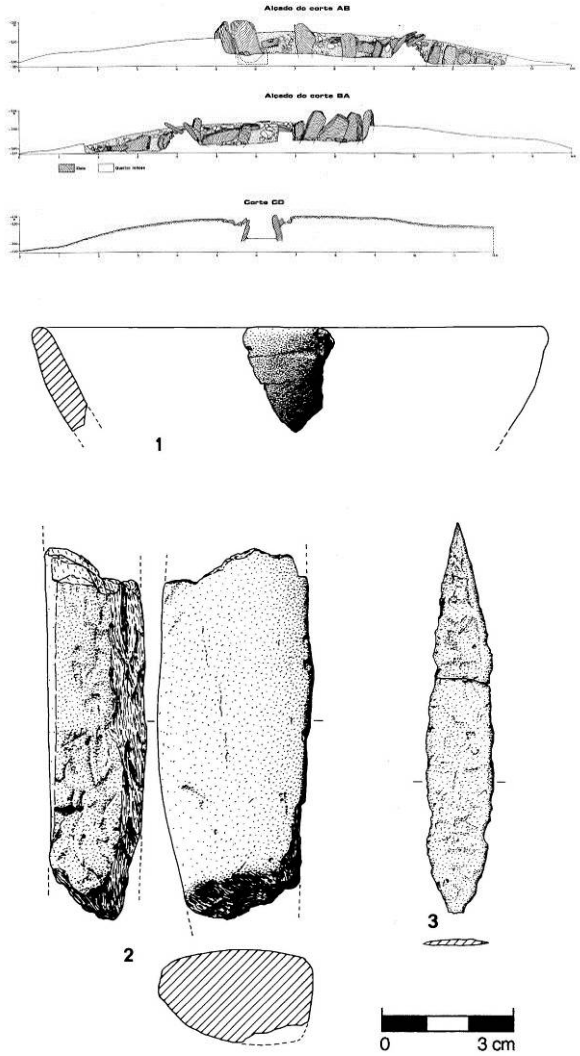
Identificação e localização **Referência** 4007 **Topónimo** Amieiro (Couto do) **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN004 **CNS** 22348 **CMP** 294 **Altitude (m)** 365 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante), residuais **morfologia** planalto **]** **Caracterização** **Conservação** razoável **Descrição** estrutura funerária ortostática constituída por câmara, corredor e átrio, bem diferenciados em planta e alçado. O conjunto apresenta assimetria em planta segundo o eixo longitudinal com comprimento total de cerca de 7,5 m. O eixo maior da câmara está desalinhado em relação ao eixo do corredor-átrio. A passagem do corredor para o átrio estava bloqueada com lajes transversais postas a pino. O corredor está orientado 93º a Norte. Conserva *tumulus* bem destacado acima do solo embora baixo. Foi escavado em 1997 no âmbito do Projecto ALTEJO. Os escavadores admitem ter sido de falsa cúpula a cobertura da câmara, atendendo à tipologia da câmara e configuração do seus esteios, embora não tendo sido encontradas provas dessa opção. No interior desta foi encontrada uma lareira empedrada, interpretada como tendo servido para higienização no contexto de rituais funerários. No caso do monumento ter sido usado como sepultura, não foi acompanhado da deposição de espólio, ou não terá sido utilizado, dado ser difícil de explicar a ausência de pequenos materiais coetâneos (como os geométricos ou pontas de seta) que poderiam restar de uma qualquer remoção do enchimento ou violação. Mais plausível seria admitir que no contexto de uma intenção de reutilização (indiciada pela lareira de higienização), com remoção de deposição anterior, tal uso não se tivesse concretizado. De facto, a escavação documentou uma reutilização tardia (final do Calcolítico ou início da Idade do Bronze), evidenciada pela presença de um fragmento de taça e de uma ponta de seta de tipo Plamela num nível elevado da câmara. Reutilizações deste tipo foram observadas no Couto da Espanhola 2 e no Amieiro 2. De referir a ausência de espólio arqueológico no átrio o que pode sugerir não ter sido utilizado em rituais documentado noutros monumentos do mesmo tipo com deposição de artefactos **Câmara [tipo** elíptica **nº de esteios** oito esteios *in situ* faltando um no lado norte e outro no lado sul **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** c. 2,2 m e 1,6 m, dimensões longitudinal e transversal **] Corredor [tipo** curto **nº de esteios** quatro *in situ*, incompleto nos lados norte e sul **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** c. 2,0 m de comprimento e c 1,0 m de largura **] Átrio [tipo** subrectangular **nº de esteios** onze *in situ* **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** c. 3,0 m de comprimento e c 1,5 m de largura **] Mamoa [composição** quartzo filoniano, rochas metassedimentares e terra **diâmetro (s)** 10,0 m (eixo norte-sul) e 12,5 m (eixo este-oeste) **altura (m)** 0,70 m **] Espólio [** recolhido em escavação **pedra polida** um artefacto incompleto **cerâmica** fragmento de taça **metal** ponta de seta de cobre tipo Palmela **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993); Cardoso *et al.* (2003); Hoskin & Henriques (1998); Henriques *et al.* (1999) **Documentação gráfica** imagens em sequência: vista da câmara no final da escavação arqueológica, vista da câmara de oeste para leste, vista do átrio de leste para oeste, planta simplificada, materiais recolhidos durante a escavação (Henriques, Caninas & Chambino, 1993), planta no final da escavação, cortes e alçados (J. L. Cardoso, J. Caninas & F. Henriques).





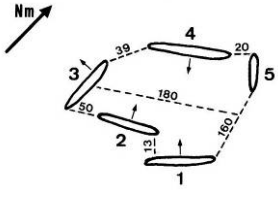






4008.AMIEIRO 4

Identificação e localização **Referência** 4008 **Topónimo** Amieiro (Couto do) **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN005 **CNS** 22349 **CMP** 294 **Altitude (m)** 360 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante), residuais **morfologia** planalto **] Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** pequena câmara ortostática com cinco esteios *in situ* junto à base de uma azinheira. Mamoa evidenciada por dispersão de quartzo filoniano, totalmente destruída devido a prática agrícola **Câmara [tipo** elíptica poligonal **nº de esteios** cinco *in situ,* incompleta **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** 1,8 m (longitudinal); esteios (largura x espessura x altura. em cm): 1 (76 x 8 x 18); 2 (75 x 14 x 14); 3 (78 x 22 x 41); 4 (80 x 15 x 42); 5 (28 x 7 x 12) **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano **diâmetro (s)** indeterminado **altura (m)** indeterminada **] Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** imagens em sequência: esboço de planta (1989); vista do monumento.

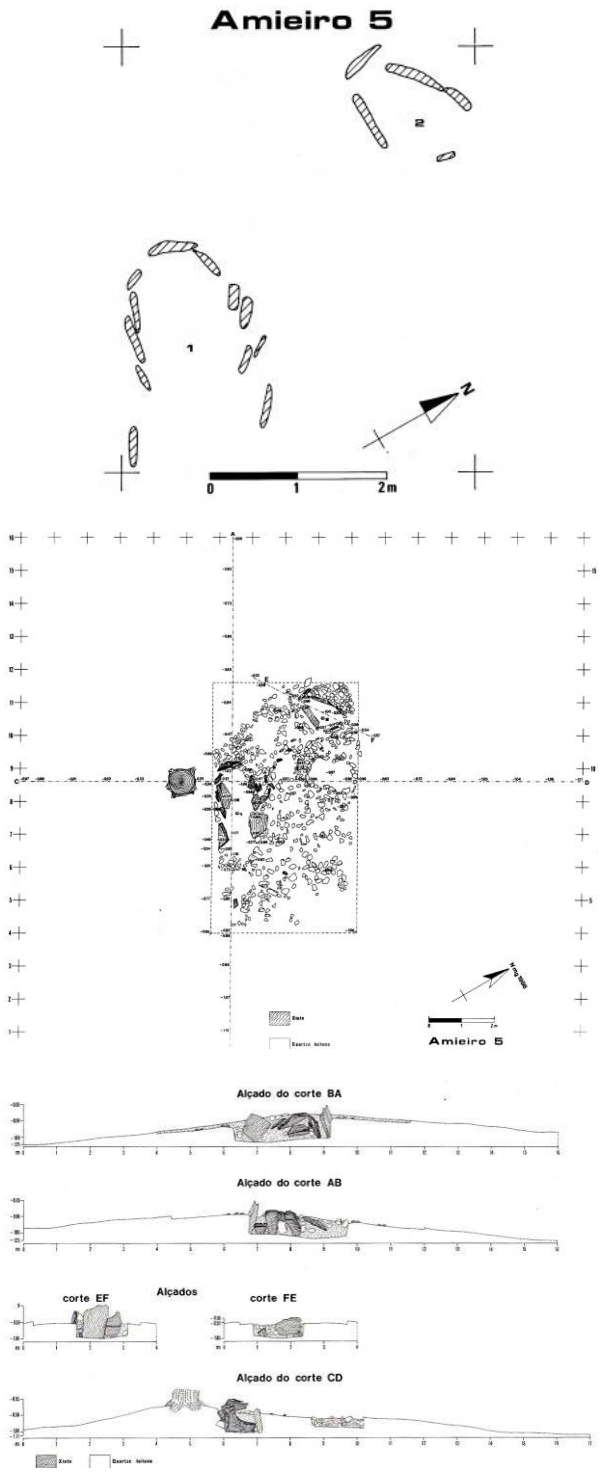


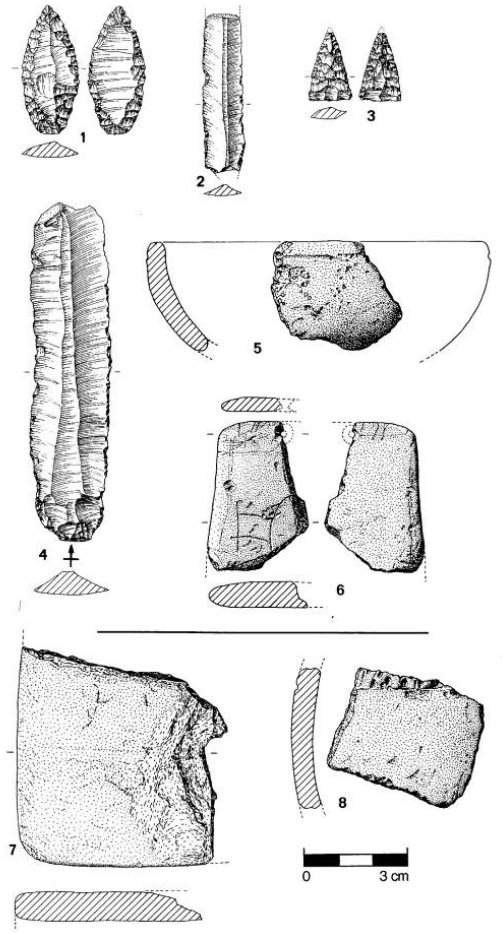


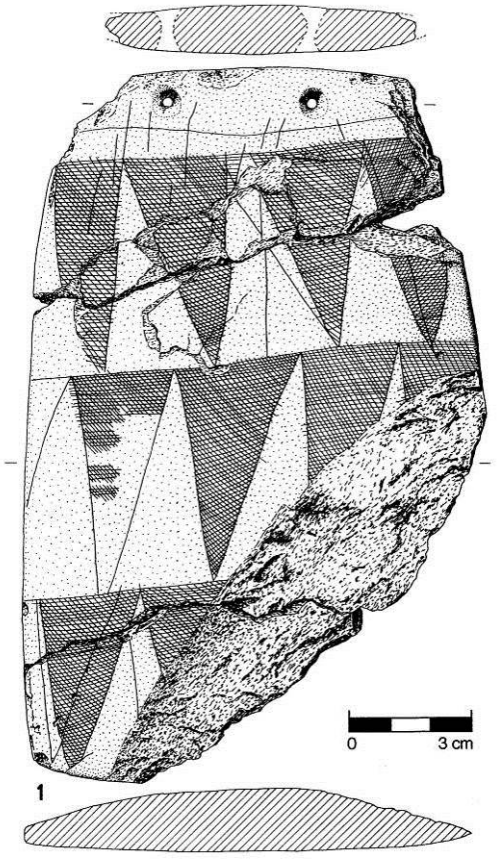


4009.AMIEIRO 5

Identificação e localização **Referência** 4009 **Topónimo** Amieiro (Couto do) **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN006 **CNS** 12043 **CMP** 294 **Altitude (m)** 368 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante), residuais **morfologia** planalto **]** **Caracterização** **Conservação** razoável **Descrição** duas estruturas ortostáticas inseridas num mesmo *tumulus,* bem destacado acima o solo. O monumento foi escavado em 1998 no âmbito do Projecto ALTEJO. A escavação confirmou a presença de duas câmaras ortostáticas inseridas na mamoa, uma câmara elíptica, com um corredor definido com pelo menos um esteio de cada lado mas cujo prolongamento não foi confirmado (estrutura 1) e uma estrutura em posição secundária (estrutura 2), considerada uma cista, de planta sub-trapezoidal, indiciando reutilização funerária deste monumento no Calcolítico, atendendo ao fragmento de cerâmica campaniforme ali recolhido. **Câmara [** estrutura 1 **tipo** poligonal **nº de esteios** doze *in situ* **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** 1,5 m (longitudinal) e 1,0 m (transversal) **] Corredor [** estrutura 1 **tipo** curto **nº de esteios** dois esteios *in situ* **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** indeterminadas **] Mamoa [composição** quartzo filoniano, metassedimentos e terra **diâmetro (s)** 12,90 m e 10,70 m **altura (m)** 0,52 m **] Espólio [** em prospecção **pedra lascada** quatro hipotéticos pesos de rede **pedra polida** um instrumento **cerâmica** dois fragmentos; em escavação na estrutura 1 **pedra lascada** duas pontas de seta (base convexa, base recta), em sílex; duas lâminas, em sílex, sem retoque ou com retoque incipiente **artefactos simbólicos** placa de xisto de forma trapezoidal, com dois furos de suspensão e face gravada com triângulos invertidos preenchidos com linhas cruzadas; fragmento de placa de metassedimento, polida, com furo de suspensão e escassas incisões **cerâmica** fragmento de pequena taça em calote com canelura abaixo do bordo; recolhido em escavação na estrutura 2 **artefacto simbólico** placa de xisto, de forma subrectangular, sem decoração **cerâmica** fragmento de cerâmica com decoração pseudo-excisa **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993); Cardoso *et al.* (2003); Cardoso *et al.* (1998c); Henriques *et al.* (1999) **Documentação gráfica** imagens em sequência: vista das duas estruturas inseridas na mamoa, planta simplificada, materiais recolhidos durante a escavação (Henriques *et al.* 1993), planta no final da escavação, cortes e alçados (Cardoso *et al.*, 1998c).







4010.AMIEIRO 6

Identificação e localização **Referência** 4010 **Topónimo** Amieiro (Couto do) **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN007 **CNS** 22352 **CMP** 294 **Altitude (m)** 360 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante), residuais **morfologia** planalto **]** **Caracterização** **Conservação** indeterminada **Descrição** hipotética mamoa evidenciada por dispersão de clastos de quartzo filoniano, alguns dos quais de grandes dimensões **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano **diâmetro (s)** indeterminado **altura (m)** indeterminada **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** não disponível.

4011.AMIEIRO 7

Identificação e localização **Referência** 4011 **Topónimo** Amieiro (Couto do) **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN008 **CNS** 22353 **CMP** 294 **Altitude (m)** 360 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante), residuais **morfologia** planalto **]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** mamoa muito destruída pela lavoura, evidenciada por concentração de quartzo filoniano e rochas metassedimentares **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano **diâmetro (s)** indeterminado **altura (m)** indeterminada **] Espólio [pedra lascada** dois hipotéticos peses de rede **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** vista do monumento (1989).



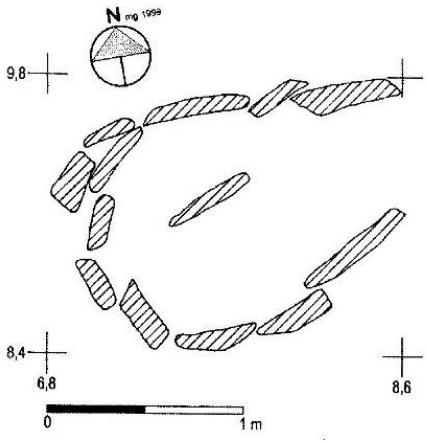
4012.AMIEIRO 8

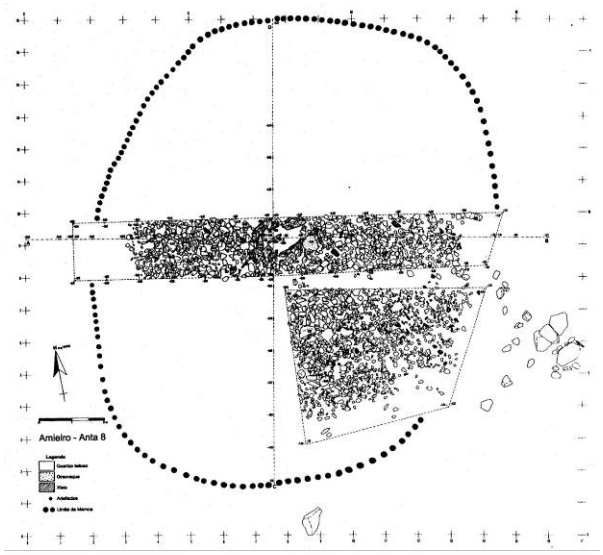
Identificação e localização **Referência** 4012 **Topónimo** Amieiro (Couto do) **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN009 **CNS** 13635 **CMP** 294 **Altitude (m)** 360 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo) **morfologia** planalto **]** **Caracterização** **Conservação** razoável **Descrição** pequena câmara funerária, aberta, de configuração ovóide, ou em ferradura, com 1,6 m de comprimento por 1,0 m de largura. Conserva *tumulus* bem destacado acima do solo. Os esteios que formam a entrada, dos dois lados, são mais compridos que os restantes. No interior encontrava-se uma laje posta a pino ao centro, alinhada com o eixo longitudinal, formando um septo (tem paralelos em Navalcán, Toledo, e Madroñal, Cáceres). Foi escavado em 1999 no âmbito do Projecto ALTEJO. Nas proximidades do monumento aflora filão de quartzo **Câmara [tipo** ovóide, aberta **nº de esteios** dez esteios **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** c. 1,6 m de comprimento e 1,0 m de largura máxima **] Mamoa [**

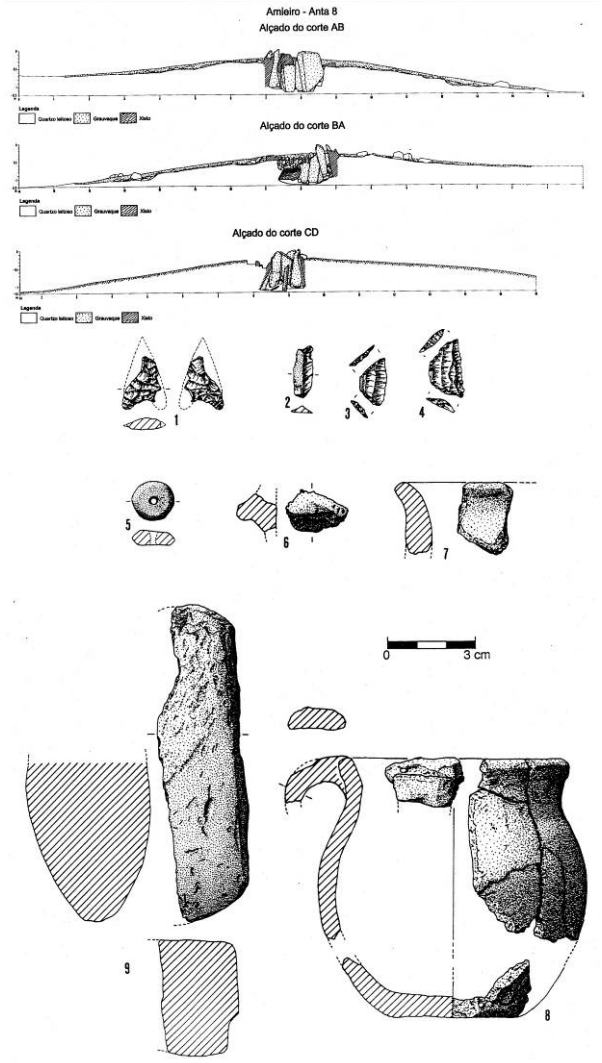
composição quartzo filoniano e terra **diâmetro (s)** 11,0 m (eixo norte-sul) e 12,0 m (eixo este-oeste) **altura (m)** c 1,0 m **] Espólio [** recolhido em escavação sobre o *tumulus* ou na câmara **pedra lascada** ponta de seta, em sílex, de base côncava; lamela de quartzo e dois pequenos geométricos (trapézio e crescente) em sílex **pedra polida** fragmento de machado, de anfibolito **adornos** conta de colar, discóide, em cornalina **cerâmica** pequeno "púcaro" de asa simples, colo alto, bordo extrovertido e fundo plano, fragmento de bordo extrovertido, outros fragmentos **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993); Cardoso *et al.* (2003); Cardoso *et al.* (1999) **Documentação gráfica** imagens em sequência: vistas do monumento após a escavação, planta simplificada, materiais recolhidos durante a escavação (Henriques *et al.,* 1993), planta no final da escavação, cortes e alçados (Cardoso *et al.*, 1999).











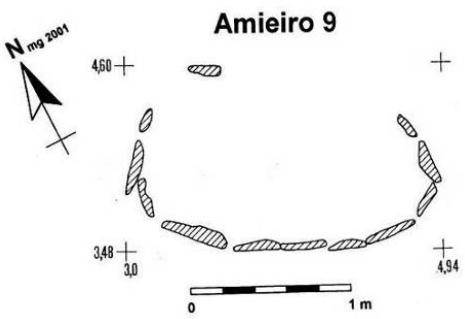
4013.AMIEIRO 9

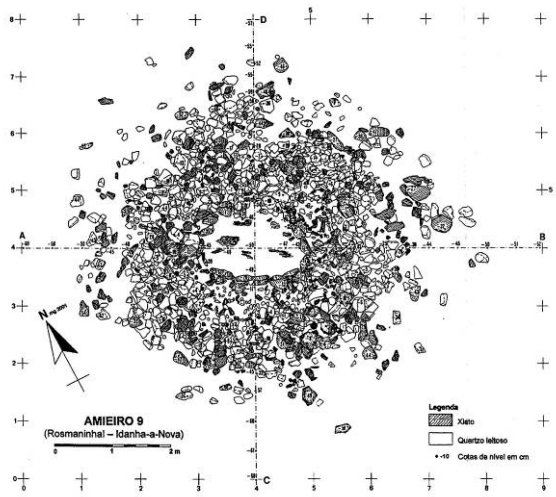
Identificação e localização **Referência** 4013 **Topónimo** Amieiro (este topónimo foi atribuído por aproximação ao conjunto do Couto do Amieiro embora se situe mais próximo do Monte do Campinho) **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** na **CNS** 19256 **CMP** 294 **Altitude (m)** 324 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo) **morfologia** cabeço **] Caracterização** **Conservação** bom **Descrição** pequena

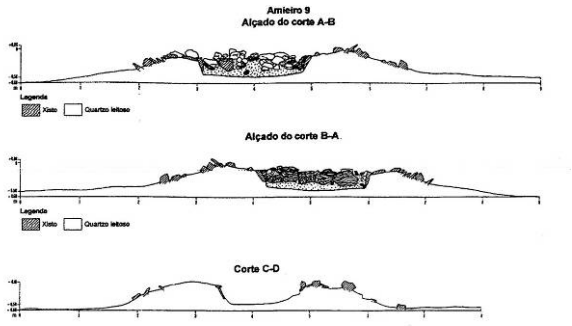
câmara de planta elíptica definida por pequenos ortóstatos de rocha metassedimentar e contida por *tumulus* capeado com clastos de quartzo filoniano e de metassedimentos, conservado em cerca de 6 m de diâmetro. A não abertura de sanja no decurso da escavação arqueológica não permitiu verificar se o *tumulus* é integralmente pétreo (*cairn*) Foi escavada em 2000 no âmbito do Projecto ALTEJO **Câmara [tipo** elíptica fechada **nº de esteios** doze pequenos esteios in situ **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** 1,8 m x 1,17 m (diâmetros) **] Corredor [** inexistente **] Mamoa [composição** quartzo filoniano, metassedimentos e terra **diâmetro (s)** 5,4 m (eixo norte-sul) e 6,0 m (eixo este-oeste) **altura (m)** cerca de 0,5 m **] Espólio [** não forneceu espólio no decurso da escavação **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (2003); Cardoso (2003c), relatório das escavações realizadas no âmnito do Projecto de investigação "Altejo - Pré-História Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português, AEAT); Cardoso *et al.* (2003) **Documentação gráfica** imagens em sequência: vista do monumento antes da escavação arqueológica; vista no final da escavação; planta simplificada do contentor; planta no final da escavação; cortes e alçados (Cardoso, 2003c; Cardoso *et al.,* 2003).











4014.AMIEIRO 10

Identificação e localização Referência 4014 **Topónimo** Amieiro **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 294 **Altitude (m)** 368 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo) **morfologia** planalto **] Caracterização Conservação** destruída **Descrição** possível mamoa evidenciada por concentração de material pétreo numa área de configuração subcircular **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** metassedimentos e quartzo filoniano **diâmetro (s)** entre 2,4 m e 2,7 m **altura (m)** ni **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (2004) **Documentação gráfica** vista do local.



4015.AMIEIRO 11

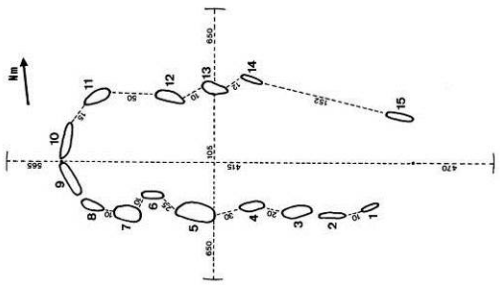
Identificação e localização Referência 4015 **Topónimo** Amieiro **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 294 **Altitude (m)** 353 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de

Malpica do Tejo) **morfologia** lomba **] Caracterização Conservação** mau **Descrição** restos de mamoa assinalada por amontoado de quartzo filoniano e metassedimentos em torno da base de uma azinheira **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro (s)** 5,0 m x 3,7 m (diâmetros ortogonais da área melhor conservada em volume em torno da azinheira) **altura (m)** nd **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1998) **Documentação gráfica** não disponível.

4016.ARRAIAL DA AZINHA 1

Identificação e localização Referência 4016 **Topónimo** Arraial da Azinha ou Nave da Azinha **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN010 **CNS** 6999 **CMP** 306 **Altitude (m)** 365 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Rosmaninhal) **morfologia** rechã **] Caracterização Conservação** razoável **Descrição** câmara ortostática alongada, aberta, definida por pequenos esteios, envolvida por mamoa bem destacada acima do solo. A partir do esboço de planta e atendendo às dimensões dos esteios não é evidente a existência diferenciada de corredor. A câmara, com cabeceira arredondada, afasta-se do modelo de estrutura subrectangular ou subelíptica **Câmara [tipo** alongada, aberta **nº de esteios** quinze *in situ,* incompleta **materiais** metassedimentos e quartzo **dimensões (m)** 4,15 m (comprimento) e 1,05 m (largura na zona mesial); esteios (largura x espessura x altura, em cm): 1 (22 x 5 x 6); 2 (30 x 7 x 8); 3 (50 x 9 x 13); 4 (47 x 17 x 14); 5 (60 x 30 x 25); 6 (35 x 10 x 12); 7 (45 x 30 x 28); 8 (15 x 20 x 40); 9 (40 x 13 x 27; 10 (72 x 15 x 13);): 11 (60 x 18 x 15); 12 (30 x 15 x 10); 13 (50 x 12 x 27); 14 (33 x 7 x 3); 15 (40 x 5 x 18) **] Corredor [** não diferenciado **] Mamoa [composição** quartzo filoniano (parte superior ou couraça) e metassedimentos (parte inferior) e terra **diâmetro (s)** 14,5 m **altura (m)** nd **] Espólio [pedra lascada** lâmina em quartzo; peso de rede **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** vista da mamoa (1989) e esboço de planta (1989).

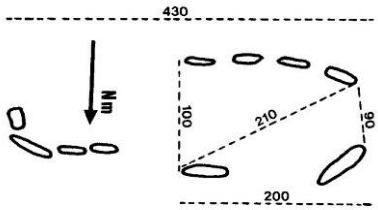




4017.ARRAIAL DA AZINHA 2

Identificação e localização Referência 4017 **Topónimo** Arraial da Azinha ou Nave da Azinha **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN011 **CNS** 6987 **CMP** 306 **Altitude (m)** 265 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Rosmaninhal) **morfologia** lomba **] Caracterização Conservação** destruído intencionalmente por maquinaria pesada, associada a plantação de eucalipto, com espalhamento de esteios até 70 m de distância do local original **Descrição** pequena câmara ortostática, alongada, aparentemente associada a corredor em conjunto com 4,3 m de comprimento. Esta descrição baseia-se em relatório do Grupo de Estudos e Pesquisas Arqueológicas de Rosmaninhal (1979) **Câmara [tipo** subrectangular **nº de esteios** seis *in situ,* incompleta **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** com pelo menos 2,0 m de comprimento e 1,0 m de largura **] Corredor [tipo** eventualmente curto **nº de esteios** quatro *in situ,* incompleto **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** nd **] Mamoa [** não caracterizada **] Espólio [pedra afeiçoada** x **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** vista da mamoa (1989) e esboço de planta, medidas em cm (1979).

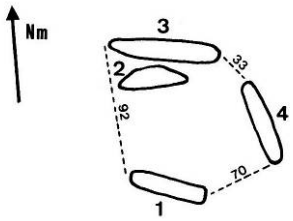




4018.ARRAIAL DO CABEÇO MOURO 1

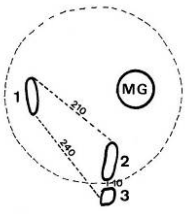
Identificação e localização Referência 4018 **Topónimo** Arraial do cabeço Mouro **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN013 **CNS** 22355 **CMP** 306 **Altitude (m)** 280 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Rosmaninhal) **morfologia** rechã **] Caracterização Conservação** mau **Descrição** quatro lajes de rocha metassedimentar no meio de um amontoado caótico de outros clastos. Parece tratar-se de esteios, um dos quais aparentemente *in situ,* indiciando restos de uma câmara funerária. A fonte refere que não há vestígios de mamoa e que é escasso o quartzo observado à superfície. Contudo, na fotografia, parece observar-se uma sobreelevação no terreno, apesar de não serem visíveis clastos de quartzo filoniano em quantidade compatível. Contudo, deve recordar-se que essa situação também se observava no Cabeço da Forca (Rosmaninhal), devido ao

pisoteio e ausência de lavoura. Nesse sítio após escavação constatou-se que a mamoa tinha couraça constituída por quartzo filoniano **Câmara [tipo** indeterminada **nº de esteios** quatro **materiais** metassedimentos **dimensões (cm)** esteios (largura x espessura x altura): 1 (65 x 18 x 44); 2 (64 x 15 x 55); 3 (80 x 15 x 63); 4 (74 x 22 x 55) **] Corredor [** ni **] Mamoa [** nd **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** esboço de planta (1989) e vista do sítio (1989).





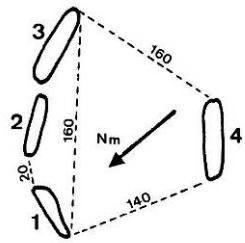
4019.ARRAIAL DO CABEÇO MOURO 2
Identificação e localização Referência 4019 **Topónimo** Arraial do Cabeço Mouro **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN014 **CNS** 22356 **CMP** 306 **Altitude (m)** 299 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Rosmaninhal) **morfologia** planalto **] Caracterização Conservação** razoável **Descrição** mamoa bem destacada acima do solo com vestígios de estrutura ortostática da câmara e do corredor. Observa-se provável anel de contenção da mamoa formado por clastos de quartzo filoniano; a fonte não especifica se é periférico ou não e não indica o diâmetro da mamoa. Sobre esta foi implantado o vértice geodésico Mouro **Câmara [tipo** indeterminada **nº de esteios** um *in situ* **materiais** metassedimentos **dimensões (cm)** esteios (largura x espessura x altura): 1 (70 x 20 x 18) **] Corredor [tipo** indeterminado **nº de esteios** dois *in situ* **materiais** metassedimentos **dimensões (cm)** esteios (largura x espessura x altura): 2 (65 x 14 x 37); 3 (45 x 15 x 45) **] Mamoa [** não caracterizada **dimensões (cm)** do anel de contenção: 60 (espessura); 630 e 540 (diâmetros) **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** esboço de planta (1988) e vista da mamoa (1988).





4020.ARRAIAL DO CABEÇO MOURO 3
Identificação e localização Referência 4020 **Topónimo** Arraial do Cabeço Mouro **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN015 **CNS** 22357 **CMP** 306 **Altitude (m)** 280 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Rosmaninhal) **morfologia** encosta de pequena pendente **] Caracterização Conservação** razoável **Descrição** câmara ortostática evidenciada por quatro esteios, envolvida por mamoa capeada com blocos de quartzo filoniano **Câmara [tipo** indeterminado **nº de esteios** quatro *in situ,* incompleta **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** 1,40 m (largura); esteios (largura x espessura x altura, em cm): 1 (40 x 15 x 15); 2 (40 x 15 x 10); 3 (60 x 20 x 70); 4 (60 x 15 x 45) **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **] Espólio [ni] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** vista da mamoa (1988) e esboço de planta (1988).



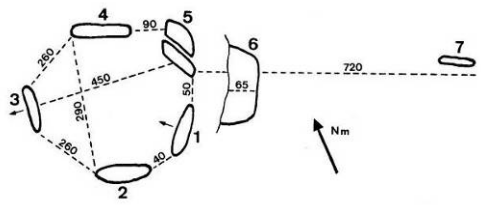


4021.ARRAIAL DO CABEÇO MOURO 4
Identificação e localização Referência 4021 **Topónimo** Arraial do Cabeço Mouro **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN016 **CNS** 22364 **CMP** 306 **Altitude (m)** 290 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Rosmaninhal) **morfologia** rechã **] Caracterização Conservação** razoável **Descrição**

câmara ortostática poligonal com corredor longo, entulhado, formando conjunto aparentemente bem diferenciado em planta e alçado, envolvida por mamoa capeada com blocos de quartzo filoniano. O esteio 3 tem um entalhe no topo e o 5 tem topo arredondado **Câmara [tipo** poligonal talvez de sete esteios **nº de esteios** cinco *in situ,* incompleta **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** 4,50 (comprimento) e 2,90 m (largura); esteios (largura x espessura x altura, em cm): 1 (80 x 15 x 50); 2 (90 x 30 x 55); 3 (80 x 20 x 80); 4 (100 x 20 x 110); 5 (100 x 80 x 100) esteio de reforço **] Corredor [tipo** longo **nº de esteios** um *in situ,* incompleto **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** 7,20 (comprimento); esteios (largura x espessura x altura, em cm): 7 (60 x 10 x 12); o esteio 6 que está tombado pode ser uma tampa ou uma pedra de fecho e tem 120 cm de largura **] Mamoa [composição** quartzo filoniano **diâmetro (s)** 16,5 m e 12,1 m **altura (m)** nd **] Espólio [pedra afeiçoada** um fragmento de dormente de moinho manual **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** vistas da monumento (1988) e esboço de planta (1988).



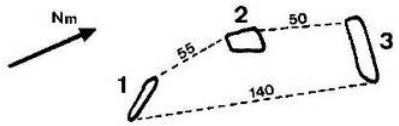




4022.ARRAIAL DO CABEÇO MOURO 5

Identificação e localização Referência 4022 **Topónimo** Arraial do Cabeço Mouro **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN017 **CNS** 6988 **CMP** 306 **Altitude (m)** 294 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Rosmaninhal) **morfologia** rechã **] Caracterização Conservação** indeterminado **Descrição** câmara ortostática evidenciada por três esteios, envolvidos por montículo de quartzo filoniano; a fonte refere presença de afloramento de metassedimentos e de filão de quartzo **Câmara [tipo** indeterminada **nº de esteios** três *in situ,* incompleta **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** 1,40 (distância entre os esteios mais afastados); esteios (largura x espessura x altura, em cm): 1 (30 x 6 x 6); 2 (20 x 10 x 10); 3 (45 x 10 x 25) **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano **diâmetro (s)** 4,0 m e 5,0 m **altura (m)** nd **] Espólio [pedra polida** uma enxó, entre os esteios 1 e 2 **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** vista da monumento (1989) e esboço de planta (1989).





4023.ARRAIAL DO CABEÇO MOURO 6

Identificação e localização Referência 4023 **Topónimo** Arraial do Cabeço Mouro **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN018 **CNS** 22365 **CMP** 306 **Altitude (m)** 307 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Rosmaninhal) **morfologia** planalto **] Caracterização Conservação** mau (devido a surriba) **Descrição** sobreelevação regular acompanhada de concentração de quartzo **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **] Espólio [pedra polida** uma enxó **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** vista da monumento (2015).



4024.ARRAIAL DO CABEÇO MOURO 7

Identificação e localização **Referência** 4024 **Topónimo** Arraial do Cabeço Mouro **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN026 **CNS** 22359 **CMP** 306 **Altitude (m)** c. 280 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Rosmaninhal) **morfologia** lomba **]** **Caracterização** **Conservação** indeterminado **Descrição** de acordo com relatório do Grupo de Estudos e Pesquisas Arqueológicas de Rosmaninhal, datado de 1979, o monumento estaria bem conservado, dispondo de mamoa e dois esteios visíveis. Não foi reconhecido posteriormente **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quartzo filoniano **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **]** **Espólio [ni]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** não disponível.

4025.ARRAIAL DE CAFÉDE 1

Identificação e localização **Referência** 4025 **Topónimo** Arraial de Cafede ou Arraial do Moureles **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Toulões ou Monfortinho **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 270 **Altitude (m)** 424 **Implantação [geologia** metassedimentos (indiferenciados) **morfologia** planalto **]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** restos de câmara ortostática envolvida por mamoa, muito destruída pela instalação de um eucaliptal. Observa-se cratera correspondente à câmara e diversos esteios soltos sobre a mamoa. Sousa (1991) assinala com topónimo Caféde três mamaos situadas em peneplanície, destruídas por plantação de eucaliptos e anteriormente violadas. Aquela autora refere que as mamoas, com 10 m, 17 m e 25 m de diâmetro, se encontram evidenciadas por pedras de diferentes dimensões (quartzito segundo a autora) e argila compacta. Informa que foi recolhido espólio diversificado em diversos momentos incluindo instrumentos de pedra polida e lâminas de sílex.



Em Caféde II a autora observou 15 dos 33 ipp ali achados, com apenas uma enxó, todos apenas com polimento no gume, de secções rectangular, quadrangular e trapezoidal e comprimentos a variar entre 21 cm e 12 cm e pesos entre 709 g e 248 g. Observou quatro de dez lâminas, muito arqueadas, sendo duas sem retoque. Almeida & Ferreira (1959) assinalam planta elíptica com galeria, entretanto desaparecidas. Em Caféde III foi assinalada por Almeida & Ferreira (1959) planta trapezoidal entretanto desaparecida. O espólio referido pelos primeiros autores e pela segunda contempla diversos exemplares de mós manuais, moventes e dormentes, e cinco esferóides, em granito, quartzito e quartzo, hipoteticamente identificados como moventes, afiador, percutor e polidor. **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** quatro, soltos, e um na câmara **materiais** rocha metassedimentar **dimensões (m)** nd **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quartzo filoniano, quartzito (rolado), um fragmento de granito **diâmetro (s)** 19,0 m **altura (m)** não foi medida, é baixa, mas destaca-se bem acima do solo**]** **Espólio [** ver descrição **]** **Fontes de informação** Almeida & Ferreira (1959), Sousa (1991) **Documentação gráfica** vista da mamoa e de três esteios soltos (2011).



4026.ARRAIAL DE CAFÉDE 2

Identificação e localização **Referência** 4026 **Topónimo** Arraial de Cafede ou Arraial do Moureles **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Toulões ou Monfortinho **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 270 **Altitude (m)** 424 **Implantação [geologia** metassedimentos (indiferenciados) **morfologia** planalto **]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** mamoa bem destacada acima do solo, situada entre dois caminhos florestais e parcialmente cortada por um dos caminhos. Sobre a mamoa observam-se fragmentos de quatro esteios, em metassedimentos, e outros pedaços de menor dimensão. Num dos esteios observaram-se entalhes laterais. Muito afectada por povoamento de eucalipto **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** diversos soltos e fragmentados **materiais** rocha metassedimentar **dimensões (m)** nd **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quartzo filoniano (maioritário), quartzito, granito (raro) **diâmetro (s)** 22,0 m a 24,0 m **altura (m)** não foi medida mas destaca-se bem acima do solo **]** **Espólio [** ver descrição em Arraial de Caféde 1 **]** **Fontes de informação** Almeida & Ferreira (1959), Sousa (1991) **Documentação gráfica** vista do sítio (2011).



4027.ARRAIAL DAS CALAÇAS 1

Identificação e localização **Referência** 4027 **Topónimo** Arraial das Calaças ou Vale de Monsanto **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Toulões ou Monfortinho **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 270 **Altitude (m)** 441 **Implantação [geologia** metassedimentos (indiferenciados) **morfologia** planalto **]** **Caracterização** **Conservação** destruída **Descrição** mamoa bem destacada acima do solo, exibindo pequenos fragmentos de esteios, em metassedimentos, à superfície. Está situada junto de cruzamento de caminhos florestais. Sousa (1991) utiliza o topónimo Viveiros para identificar duas mamoas muito destruídas por plantio de eucaliptos. Refere que Viveiros II foi violada antes e depois de plantio e transmite a informação oral do achado, nos anos 50 (séc. XX), de um bezerro de ouro no centro da mamoa I. **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quartzo filoniano, metassedimentos (rolado) **diâmetro (s)** cerca de 13,0 m **altura (m)** não foi medida mas destaca-se bem acima do solo **]** **Espólio [** ver descrição **]** **Fontes de informação** Sousa (1991) **Documentação gráfica** vista do sítio (2011).



4028.ARRAIAL DAS CALAÇAS 2

Identificação e localização **Referência** 4028 **Topónimo** Arraial das Calaças ou Vale de Monsanto **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Toulões ou Monfortinho **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 270 **Altitude (m)** 442 **Implantação [geologia** metassedimentos (indiferenciados); existe um afloramento de quartzo filoniano junto do monumento **morfologia** planalto **]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** mamoa bem evidenciada por concentração de terra e clastos com cratera central correspondente a contentor funerário. Um bloco, solto, em quartzo filoniano poderá ter sido um esteio e um outro grande bloco de quartzo, *in situ*, pode ter pertencido à estrutura de contrafortagem. Destruída por povoamento de eucalipto **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quartzo filoniano (abundante) e pequenos fragmentos de metassedimentos **diâmetro (s)** de 13,0 m a 15,0 m **altura (m)** destaca-se bem acima do solo**]** **Espólio [pedra afeiçoada** disco subcircular em metassedimento com 0,16 m de diâmetro **]** **Fontes de informação** Sousa (1991) **Documentação gráfica** vista do sítio (2011).



4029.ARRAIAL DAS CALAÇAS 3

Identificação e localização **Referência** 4029 **Topónimo** Arraial das Calaças ou Vale de Monsanto **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Toulões ou Monfortinho **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 270 **Altitude (m)** 438 **Implantação [geologia** metassedimentos (indiferenciados) **morfologia** planalto **]** **Caracterização** **Conservação** destruída **Descrição** vestígios de uma mamoa reduzida a clastos no bordo de um estradão junto a um entroncamento de caminhos. Foi decerto eliminada pela rede viária **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quartzo filoniano, metassedimentos e um fragmento de granito **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** inédita (AEAT) **Documentação gráfica** vista do sítio (2011).



4030.ARRAIAL DA POUPA

Identificação e localização **Referência** 4030 **Topónimo** Arraial da Poupa **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN012 **CNS** 22354 **CMP** 306 **Altitude (m)** 295 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Rosmaninhal) **morfologia** cabeço baixo destacado num planalto **]** **Caracterização** **Conservação** razoável **Descrição** mamoa implantada no topo de um cabeço. Aflora um esteio. **Câmara [tipo** indeterminado **nº de esteios** um *in situ* **materiais** metassedimento **dimensões** do esteio (largura x espessura x altura, em cm): 43 x 15 x 23 **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quartzo filoniano, metassedimentos **diâmetro (s)** 12,7 m e 14,0 m **altura (m)** nd **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** vista do sítio (1988).



4031.ARRAIAL DA SERRA

Identificação e localização **Referência** 4031 **Topónimo** Arraial da Serra **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Toulões ou Monfortinho **Nº AEAT** na **CNS** na **CMP** 270 **Altitude (m)** 413 **Implantação [geologia** metassedimentos (indiferenciados) **morfologia** planalto **]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** mamoa evidenciada por concentração de quartzo filoniano, subanguloso, e algumas placas de rocha metassedimentar. Parece observar-se uma outra concentração de clastos de quartzo, alguns de maior dimensão, em zona periférica, correspondentes a eventual anel de contenção, no exterior deste e no lado oeste. Situa-se a cerca de 3 m do limite de um caminho florestal **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quartzo filoniano (subanguloso) e metassedimentos **diâmetro (s)** 10,0 m (eixos norte-sul e este-oeste) **altura (m)** nd **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** inédita (AEAT) **Documentação gráfica** vista do sítio (2011).



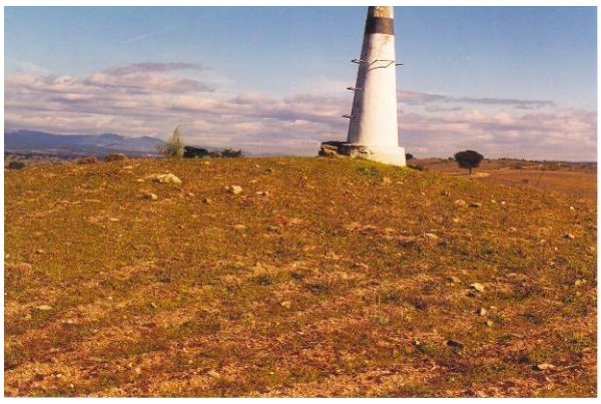
4032.ATALAIA 1

Identificação e localização **Referência** 4032 **Topónimo** Atalaia **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** União das freguesias de Monfortinho e Salvaterra do Extremo **Nº AEAT** na **CNS** 13479 **CMP** 283 **Altitude (m)** a confirmar **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** cabeço **]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** montículo bem destacado acima do solo, a 7 m de distância, a norte, de um caminho. A população de Salvaterra informa que neste local houve uma atalaia (torre de vigia). A mamoa, hoje visível, seriam os escombros dessa construção. Contudo a dimensão e a escassa quantidade de clastos de metassedimentos não são compatíveis com a explicação popular. Informantes locais também afirmam que neste local foi achado uma estátua de um deus, em bronze, com cerca de 0,20 m de altura. Este achado saiu de Salvaterra sendo desconhecido o seu paradeiro **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** terra, metassedimentos e quartzito (rolado) **diâmetro (s)** 12,3 m (eixo este-oeste) e 12,7 m (eixo norte-sul) **altura (m)** nd **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** inédita (AEAT) **Documentação gráfica** vista do sítio.



4033.ATALAIA 2

Identificação e localização **Referência** 4033 **Topónimo** Atalaia **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** União de Freguesias de Zebreira e Segura **Nº AEAT** na **CNS** 25300 **CMP** 282 **Altitude (m)** 284 **Implantação [geologia** areias arcósicas (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** cabeço **]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** mamoa bem destacada acima do solo, subjacente ao vértice geodésico homónimo. Um caminho de cumeada passa sobre o extremo norte da mamoa **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** metassedimentos e granito **diâmetro (s)** 11,5 m (eixo norte-sul) e 11,0 m (eixo este-oeste) **altura (m)** nd **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (2004) **Documentação gráfica** vista do sítio.



4034.BOIZANA

Identificação e localização **Referência** 4034 **Topónimo** Boizana **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN028 **CNS** 22361 **CMP** 306 **Altitude (m)** 293 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo) **morfologia** cabeço baixo destacado num planalto **]** **Caracterização** **Conservação** indeterminado **Descrição** mamoa sob o vértice geodésico homónimo Imediatamente a ocidente existe um cercado pastoril e construções com cobertura em falsa cúpula **Câmara [tipo** indeterminado **nº de esteios** dois *in situ* **materiais**

metassedimento **dimensões** nd **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro (s)** 7,0 m **altura (m)** nd **] Espólio [adorno** informação do aparecimento de conta de colar em cerâmica **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** vista do sítio (1988).



4035.CABEÇO ALTO 1

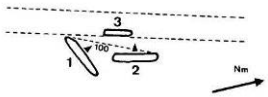
Identificação e localização **Referência** 4035 **Topónimo** Cabeço Alto **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN029 **CNS** 12781 **CMP** 306 **Altitude (m)** 393 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** bordo de planalto **] Caracterização Conservação** mau **Descrição** mamoa de pequena dimensão (não especificada) constituída por arenitos locais, quantidade reduzida de quartzo filoniano e clastos de rochas metassedimentares. Na parte central existe depressão indicativa da posição da câmara. No local conservam-se dois esteios soltos **Câmara [tipo** indeterminado **nº de esteios** dois, soltos **materiais** metassedimento **dimensões** nd **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano, metassedimentos e arenitos **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** vista do sítio (1987).



4036. CABEÇO ALTO 2

Identificação e localização **Referência** 4036 **Topónimo** Cabeço Alto **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN030 **CNS** 22362 **CMP** 306 **Altitude (m)** 320 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo) **morfologia** chã **] Caracterização Conservação** mau **Descrição** estrutura ortostática reduzida a três esteios, situados entre um caminho e um muro de clastos de quartzo. Abunda quartzo filoniano à superfície mas a mamoa já não é perceptível. **Câmara [tipo** indeterminado **nº de esteios** três *in situ* **materiais** metassedimento **dimensões** dos esteios (largura x espessura x altura, em cm): 1 (95 x ? x 57); 2 (80 x ? x 30); 3 (36 x ? x 10) **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano **diâmetro (s)** indeterminada **altura (m)** indeterminada **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** vista do sítio (1987) e esboço de planta (1987).

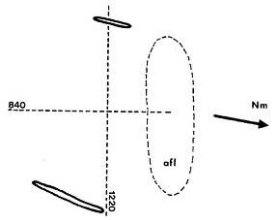




4037. CABEÇO ALTO 3

Identificação e localização **Referência** 4037 **Topónimo** Cabeço Alto **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN031 **CNS** 22363 **CMP** 306 **Altitude (m)** 346 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo) **morfologia** rechã **] Caracterização Conservação** mau **Descrição** mamoa bem destacada acima do solo com dois esteios no seu interior, um dos quais muito inclinado para o interior do que seria a câmara. No lado norte da mamoa aflora rocha e existe uma parede baixa em pedra seca de quartzo e lajes metassedimentares. As medidas indicadas no esboço de planta são incompatíveis com a distância entre os esteios **Câmara [tipo** indeterminado **nº de esteios** dois *in situ* **materiais** metassedimento **dimensões** nd **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano **diâmetro (s)** 8,4 m e 12,2 m (medidas ortogonais) **altura (m)** nd **] Espólio [cerâmica** dois pequenos fragmentos **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** vista do sítio (1987) e esboço de planta (1987).

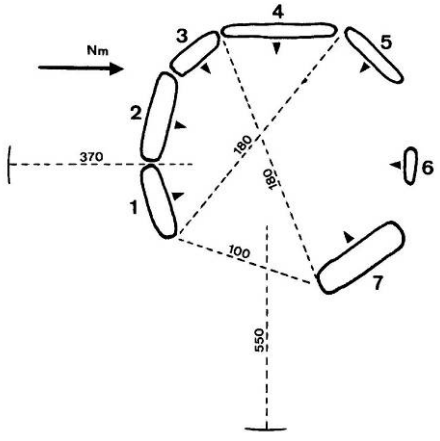




4038. CABEÇO ALTO 4

Identificação e localização **Referência** 4038 **Topónimo** Cabeço Alto **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN032 **CNS** 22366 **CMP** 306 **Altitude (m)** 324 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo) **morfologia** chã **]** **Caracterização** **Conservação** razoável **Descrição** câmara ortostática envolvida por mamoa bem destacada acima do solo. Os esteios têm formato subrectangular. Nos lados sul e oeste os esteios estão envolvidos por parede de pedras empilhadas formando malhão paravento. Esta construção rústica associada à remoção de terra do interior da câmara indica que serviu como abrigo de pastor **Câmara [tipo** poligonal, talvez de nove esteios, tendencialmente circular **nº de esteios** sete *in situ* **materiais** metassedimento **dimensões** da câmara: 1,8 m de diâmetro; dos esteios (largura x espessura x altura, em cm): 1 (55 x 16 x 90); 2 (60 x 18 x 60); 3 (40 x 12 x 55); 4 (90 x 10 x 80); 5 (55 x 10 x 95); 6 (20 x 5 x 17); 7 (70 x 23 x 60) **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [** **composição** quartzo filoniano **diâmetro (s)** 9,8 m (eixo este-oeste) e 8,0 m (eixo norte-sul) **altura (m)** nd **]** **Espólio [** **pedra afeiçoada** dois fragmentos de moinho manual, em granito **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** vista do sítio (1987) e esboço de planta (1987).





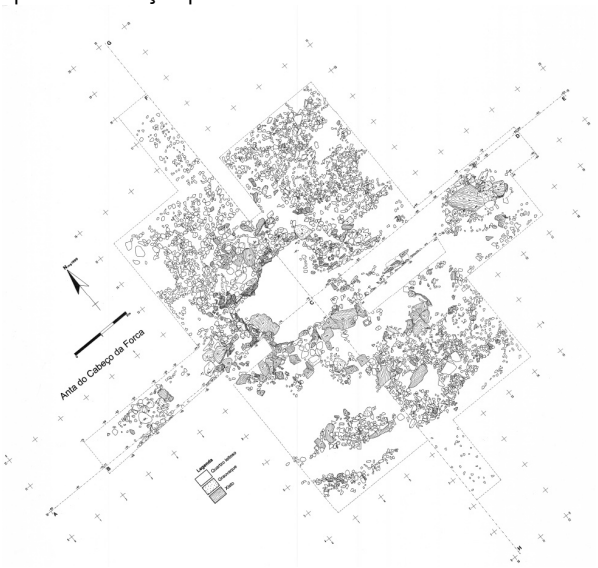
4039.CABEÇO DA FORCA

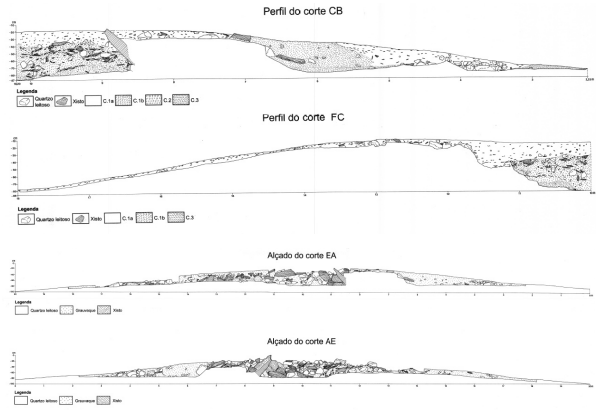
Identificação e localização **Referência** 4039 **Topónimo** Cabeço da Forca, Cabecinho da Forca, Eiras, Devesa **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN034 **CNS** 7000 **CMP** 306 **Altitude (m)** 304 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Rosmaninhal) **morfologia** chã **]** **Caracterização** **Conservação** razoável

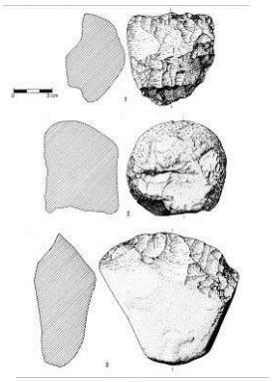


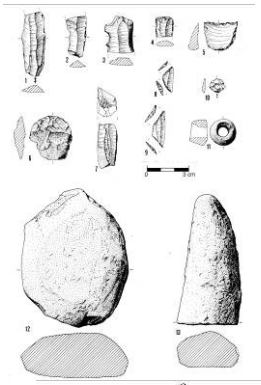
Descrição mamoa baixa de topo aplanado de onde emergia apenas um esteio, 0,30 m acima do solo, antes da escavação arqueológica a que foi sujeita em 1999, no âmbito do Projecto ALTEJO. Esta intervenção revelou uma ampla câmara funerária, baixa, e um corredor longo, bem diferenciados entre si em planta e perfil. Do circuito ortostático da câmara apenas se conservava um esteio completo, de configuração antropomórfica, *in situ.* O circuito ortostático do corredor estava incompleto sendo limitado por pequenos esteios. Na parte terminal do corredor foi revelado um empedrado de pequenos calhaus rolados. A mamoa era constituída essencialmente por argila, talvez de origem local (nas proximidades existe um barreiro e um forno de telha). A sua construção integrava blocos e calhaus, fundamentalmente de quartzo filoniano, em diversas subestruturas (couraça, contraforte, anel periférico). Revelou espólio arqueológico diversificado, com numeroso conjunto de machados e enxós, a maior parte dos quais concentrados na parte inicial do corredor, junto à câmara, e ausência de pontas de seta **Câmara [tipo** sucircular **nº de esteios** sete a oito, reduzidos aos alvéolos e apenas um *in situ* **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** c. 3,00 m de diâmetro **]** **Corredor [tipo** longo **nº de esteios** treze *in situ*, incompleto na zona mesial e na parte terminal **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** 6,0 m de comprimento e 1,0 m de largura mínima, junto ao corredor **]** **Mamoa [** **composição** argila e no capeamento e contrafortes quartzo filoniano, metassedimentos e, em menor quantidade, granito e quartzito **diâmetro (s)** c. 15,00 m no eixo este-oeste **altura (m)** inferior a 1,00 m **]** **Espólio [** recolhido na primeira intervenção arqueológica **pedra lascada** um seixo afeiçoado, uma lasca, um núcleo, em quartzito, uma lasca em quartzo, uma lasca, em sílex, um núcleo de lamelas, em quartzo hialino, dois geométricos, um dente de foice, quatro lâminas, em sílex **pedra polida** seis machados, oito enxós, uma goiva em anfibolito **pedra afeiçoada** três dormentes de mó manual **percutor** dois exemplares **cerâmica** vários fragmentos de cerâmica lisa, incluindo bordos **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993); Cardoso *et al.* (2003); Henriques *et al.* (1999); Caninas *et al.* (1999b, 2008) **Documentação gráfica** imagens em sequência: vista do

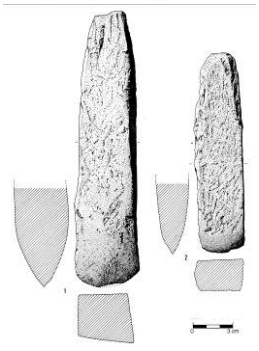
monumento antes de escavação, planta, cortes e alçados no final da primeira intervenção arqueológica, materiais recolhidos durante a escavação, vista do monumento antes de escavação, vista no final da intervenção arqueológica e após reconstrução parcial.

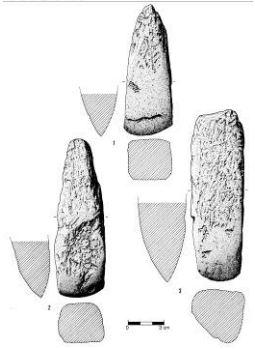


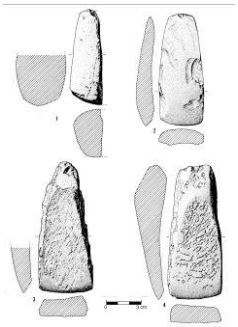


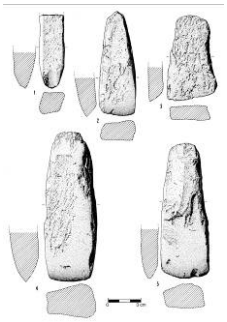


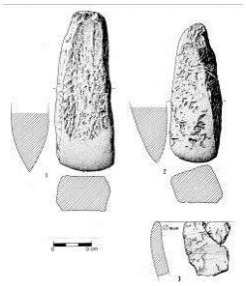


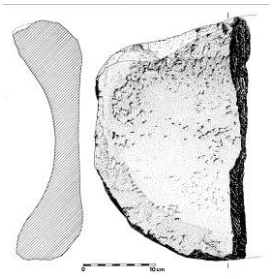


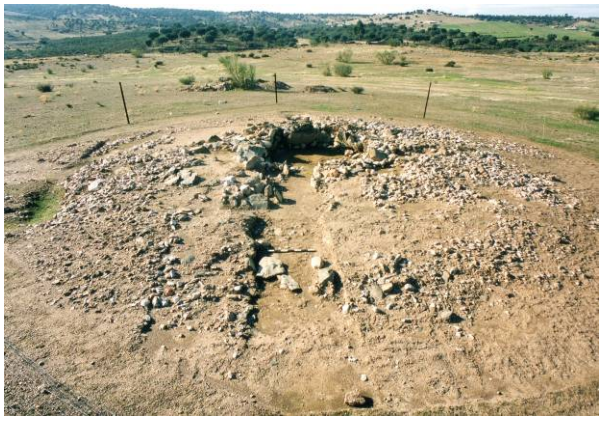














4040. CABEÇO DO MOINHO DE VENTO
Identificação e localização **Referência** 4040 **Topónimo** Cabeço do Moinho de Vento **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN035 **CNS** 22368 **CMP** 306 **Altitude (m)** 304 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Rosmaninhal) **morfologia** cabeço **] Caracterização Conservação** indeterminada **Descrição** a fonte de informação considera existir uma mamoa sobre a qual se conserva um murete de quartzo filoniano, definindo espaço circular, de génese moderna, com 1,3 m de espessura e 3,1 m de diâmetro. É referida a

associação do topónimo *moinho de vento* a monumentos deste tipo também em Malpica do Tejo **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [** não caracterizada **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** vista do sítio (1988).



4041.CABEÇO VERMELHO 1

Identificação e localização Referência 4041 **Topónimo** Cabeço Vermelho **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** União de Freguesias de Zebreira e Segura **Nº AEAT** na **CNS** 30465 **CMP** 282 **Altitude (m)** 388 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Rosmaninhal) **morfologia** planalto **] Caracterização Conservação** mau **Descrição** vestígios de câmara funerária, com esteios *in situ,* envolvida por mamoa. Junto da câmara observam-se alguns blocos de granito. Situa-se no lado sul de um caminho de cumeada **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** três **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** dos esteios (altura x largura x espessura, em cm): 1 (20 x 50 x 12); 2 (60 x 65 x 18); 3 (30 x 55 x 15) **Corredor [** ni **] Mamoa [composição** terra e quartzo filoniano **diâmetro (s)** 24,0 m (eixo norte-sul) e 24,8 m (eixo este-oeste) **altura (m)** cerca de 1,0 m **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** inédito (AEAT) **Documentação gráfica** vista do sítio (2007).



4042.CABEÇO VERMELHO 2

Identificação e localização Referência 4042 **Topónimo** Cabeço Vermelho **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** União de Freguesias de Zebreira e Segura **Nº AEAT** na **CNS** 30466 **CMP** 282 **Altitude (m)** 391 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Rosmaninhal) **morfologia** cabeço **] Caracterização Conservação** mau **Descrição** mamoa bem destacada acima do solo, situada no lado norte do caminho que percorre a cumeada **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** terra e quartzo filoniano **diâmetro (s)** 36,0 m **altura (m)** 0,7 m **] Espólio [pedra afeiçoada** um fragmento de movente e outro de dormente de moinho manual **] Fontes de informação** inédito (AEAT) **Documentação gráfica** vista do sítio (2007).



4043.CAMINHO DA LOMBA

Identificação e localização Referência 4043 **Topónimo** Caminho da Lomba **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** União de Freguesias de Zebreira e Segura **Nº AEAT** na **CNS** 25303 **CMP** 282 **Altitude (m)** 299 **Implantação [geologia** areias arcósicas (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** lomba **] Caracterização Conservação** em perigo **Descrição** mamoa, essencialmente constituída por terra e clastos, bem destacada acima do solo. Situa-se junto do caminho que percorre a lomba da Toulica. Na parte central observam-se os topos de dois esteios. **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** dois **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** dos esteios (largura x espessura x altura, em cm): 1 (50 x 15 x 17); 2 (30 x 20 x 25) **Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano e quartzito (sub-rolado) **diâmetro (s)** 10,0 m (eixo norte-sul) e 10,4 m (eixo este-oeste) **altura (m)** não medida **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (2004) **Documentação gráfica** vistas do sítio.



4044.CAMPINHO

Identificação e localização Referência 4044 **Topónimo** Campinho **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN037 **CNS** 22547 **CMP** 294 **Altitude (m)** 260 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo) **morfologia** encosta **] Caracterização Conservação** mau **Descrição** mancha e clastos indicando mamoa destruída em área de montado **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo

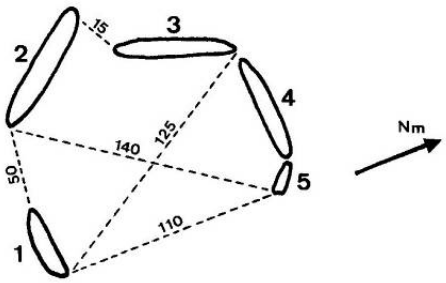
filoniano e metassedimentos **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** não disponível.

4045.CARDAIS

Identificação e localização Referência 4045 **Topónimo** Cardais **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN044 **CNS** 22380 **CMP** 306 **Altitude (m)** 292 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Rosmaninhal) **morfologia** pequeno cabeço em chã **] Caracterização Conservação** razoável **Descrição** câmara ortostática envolvida por mamoa bem destacada acima do solo Os clastos de quartzo da periferia da mamoa parece serem de maior dimensão. **Câmara [tipo** poligonal **nº de esteios** cinco *in situ* incompleta **materiais** metassedimento **dimensões** da câmara: 1,4 m e 1,25 m (diâmetros); dos esteios (largura x espessura x altura, em cm): 1 (40 x 20 x 9); 2 (60 x 12 x 25); 3 (70 x 7 x 20); 4 (60 x 16 x 35); 5 (15 x 3 x 10) **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro (s)** 8,0 m (eixo este-oeste) e 7,0 m (eixo norte-sul) **altura (m)** nd **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** vista do monumento (1989) e esboço de planta (1989).



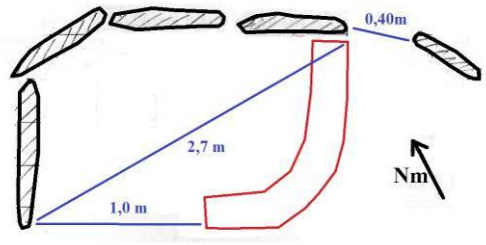




4046.CASA DE CAÇA

Identificação e localização Referência 4046 **Topónimo** Casa de Caça (Monte da Cubeira) **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** na **CNS** 13430 **CMP** 305 **Altitude (m)** 277 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo) **morfologia** lomba **] Caracterização Conservação** razoável **Descrição** câmara ortostática incompleta envolvida por mamoa. No lado sudeste a ausência de esteios foi compensada com muro de pedra seca, de modo a transformar a câmara em pequeno abrigo **Câmara [tipo** poligonal **nº de esteios** quatro **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** dos esteios (largura x altura x espessura, em cm): 1 (170 x 80 x 20); 2 (100 x 80 x 15); 3 (85 x 110 x 15); 4 (90 x 110 x 22) **] Corredor [tipo** nd **nº de esteios** um **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** 5 (90 x 30 x 10) **Mamoa [composição** quartzo filoniano **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1998) **Documentação gráfica** vista do sítio e esboço de planta (1998).





4047.CASA DA CARRANCA

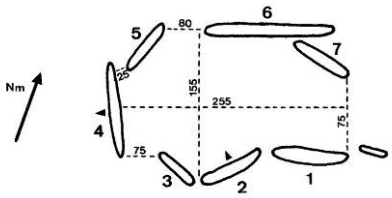
Identificação e localização Referência 4047 **Topónimo** Casa da Carranca **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** União de Freguesias de Zebreira e Segura **Nº AEAT** na **CNS** na **CMP** 295 **Altitude (m)** 295 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo) **morfologia** lomba **] Caracterização Conservação** destruído **Descrição** hipotética mamoa de pequena dimensão e de configuração subcircular. Na área envolvente observa-se maior densidade de pequenos clastos de quartzo filoniano. Situa-se no lado norte do caminho que percorre a lomba existente entre o Ribeiro da Pedra Alta e a Barroca do Salgueirinho **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** metassedimentos e quartzo filoniano **diâmetro (s)** eixos norte – sul e este-oeste: 4,0 m (eixos norte-sul e este-oeste) **altura (m)** 1,0 m **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** inédito (AEAT) **Documentação gráfica** vista do sítio.



4048.CASA DA PRAÇA 1

Identificação e localização **Referência** 4048 **Topónimo** Casa da Praça **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN046 **CNS** 22381 **CMP** 294 **Altitude (m)** 269 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo) **morfologia** rechã **]** **Caracterização** **Conservação** razoável **Descrição** câmara ortostática de aparência dolménica, prolongada num corredor curto. Um dos esteios (nº 6) consiste em afloramento destacado acima do solo. Na área envolvente ocorrem inúmeros afloramentos de rocha. Sobre a estrutura foram acumuladas lajes formando um malhão. Deve duvidar-se da antiguidade pré-histórica desta estrutura tendo em consideração a ausência de mamoa apesar da presença de alguns clastos de quartzo no local **Câmara [tipo** poligonal **nº de esteios** cinco **materiais** metassedimentos **dimensões** da câmara: 1,55 m (largura); dos esteios (largura x espessura x altura, em cm): 2 (83 x 13 x 50); 3 (48 x 7 x 43); 4 (105 x 6 x 30); 5 (85 x 7 x 85); 6 (130 x 21 x 32) **]** **Corredor [tipo** curto **nº de esteios** dois **materiais** metassedimento **dimensões (cm)** do corredor: 75 (largura); 1 (68 x 11 x 20); 7 (45 x 8 x 40) **]** **Mamoa [** indeterminada **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** vista do sítio (1991) e esboço de planta (1991).





4049.CASA DA PRAÇA 2

Identificação e localização **Referência** 4049 **Topónimo** Casa da Praça **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN047 **CNS** 22382 **CMP** 294 **Altitude (m)** 260 **Implantação [geologia** a cartografia geológica assinala metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo) embora ainda existam arenitos residuais (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** planalto **]** **Caracterização** **Conservação** indeterminada **Descrição** pequena elevação arenosa com concentração de quartzo filoniano e clastos de metassedimentos. Deve duvidar-se da associação desta ocorrência a um montículo funerário **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro(s)** nd **altura (m)** nd **]** **Espólio [pedra lascada** núcleo discóide, em quartzito, lâmina, em quarzito, recolhida alguns metros a norte do sítio **cerâmica** um pequeno fragmento **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** vista do sítio (1991).



4050.CASA DO TI MOÇO

Identificação e localização **Referência** 4050 **Topónimo** Casa do Ti Moço **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** na **CNS** 2500 **CMP** 306 **Altitude (m)** 285 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** lomba **]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** provável *tumulus* assinalado por concentração de clastos. Numa das extremidades desta mancha observou-se concentração de clastos de pequenas dimensões. Também se observaram algumas placas de metassedimentos aparentemente fincadas no solo, junto do caminho que percorre a lomba de Valtamonte **Câmara [** ni **]**



Corredor [ni **]** **Mamoa [composição** quartzo filoniano (predominante), quartzito (rolado) e metassedimentos **diâmetro (s)** 6,0 m **altura (m)** baixa **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes**

de informação Henriques *et al.* (2004) **Documentação gráfica** vista do sítio.

4051.CASETA VELHA

Identificação e localização **Referência** 4051 **Topónimo** Caseta Velha **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 315-B **Altitude (m)** 265 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo) **morfologia** lomba**]** **Caracterização** **Conservação** destruída **Descrição** vestígios de mamoa **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quartzo filoniano e metassedimentos (menor quantidade) **diâmetro(s)** 9,0 m **altura (m)** 0,1 m **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes informação** inédito (AEAT) **Documentação gráfica** vista do sítio.



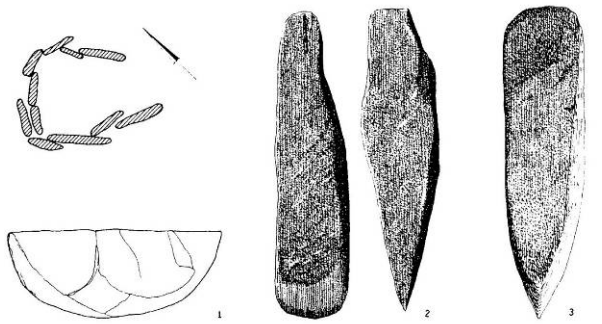
4052.CEGONHAS VELHAS

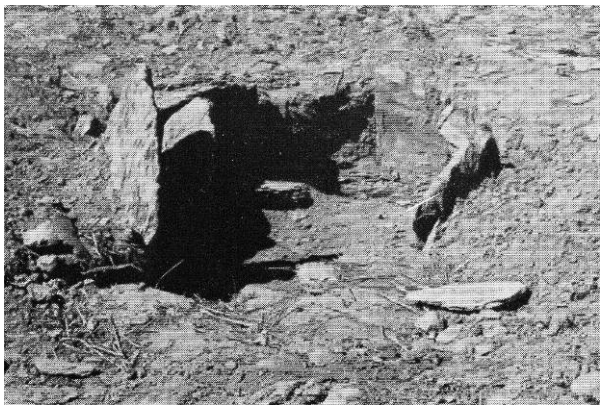
Identificação e localização **Referência** 4052 **Topónimo** Cegonhas Velhas **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** na **CNS** 13494 **CMP** 294 **Altitude (m)** 225 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** chã **]** **Caracterização** **Conservação** destruído **Descrição** vestígios de uma mamoa, muito destruída, certamente por lavoura, a sul do caminho que liga o Poço do Couto da Espanhola e o Casal Santos **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quartzo filoniano e metassedimentos, dispersos **diâmetro (s)** não foi medido devido ao grau de dispersão dos clastos **altura (m)** imperceptível **]** **Espólio [pedra polida** dois instrumentos de secção rectangular **pedra afeiçoada** quatro fragmentos de dormente de moinho manual em granito (dois de grão grosso e dois de grão fino) e um fragmento de movente em granito, de pequenas dimensões **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1998) **Documentação gráfica** vista do sítio.



4053.CHÃO DA FORCA

Identificação e localização **Referência** 4053 **Topónimo** Chão da Forca ou Cabecinho da Forca **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Idanha-a-Velha **Nº AEAT** na **CNS** 4348, 4820, 13011 **CMP** 270 **Altitude (m)** 280 **Implantação [geologia** metassedimentos (indiferenciados) **morfologia** lomba, terraço fluvial **]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** pequena estrutura ortostática, poligonal. Em 1958 conservava nove esteios, além de dois de reforço exterior no lado poente. Nessa data a mamoa, muito arrasada, teria uma forma circular e 8 m de diâmetro (Almeida & Ferreira, 1958). Foi escavada por O. da Veiga Ferreira (Almeida & Ferreira, 1958) tendo fornecido o espólio abaixo referido. Desta origem existe uma lâmina, em sílex, no Museu Nacional de Arqueologia, com a referência 5479 (segundo Baptista, 1998, citando Proença Jr, 1910). Actualmente restam dois esteios encostados, paralelos mas desalinhados (conjunto com 1,32 m de dimensão longitudinal), que parecem corresponder aos dois indicados no lado sul da planta. Estão orientados a 93ºE (em relação ao Nm). O esteio situado mais a sul (0,90 m de largura, 0,58 m de altura e 0,10 m de espessura; as dimensões correspondentes do outro esteio são: 0,90, 0,25, 0,06) tem dois entalhes curvilíneos em lados opostos do topo. Existe acumulação de clastos no lado norte dos esteios talvez na depressão da câmara. Não foi possível estimar a dimensão da mamoa devido à cobertura herbácea mas observa-se dispersão de calhaus e blocos (quartzo filoniano e corneana) num raio de 7 m em torno dos esteios residuais. Situa-se uma lomba baixa enquadrada entre o ribeiro do Vale do Conde, a norte, e o ribeiro do vale das Hortas, a sul, sobre a confluência das duas linhas de água, cerca de 500 m a leste da chamada ponte romana, de Idanha-a-Velha, sobre o Ponsul. Este monumento é citado por Félix Alves Pereira (1938) que refere "elevação de terra já muito arrasada, onde talvez outrora tivesse existido um mamão". Fica junto de um caminho público que sai de Idanha-a-Velha para leste e ao lado do qual se observam trechos de sulcos de rodados aberto em afloramento rochoso. Poderia ter existido aqui uma forca, atendendo à posição do sítio, perto e à vista da povoação, junto de um caminho público, em posição contrária aos ventos dominantes (Oliveira & Tomás, 2007) **Câmara [tipo** poligonal, com indiferenciação entre a câmara e o corredor (o esteio situado mais a sul pode considerar-se fazendo parte do corredor) **nº de esteios** oito, mais dois de reforço exterior (em 1958) **materiais** metassedimentos **dimensões** largura inferior a 2,0 m **]** **Corredor [tipo** eventualmente curto **nº de esteios** um (em 1958) **materiais** metassedimentos **dimensões** nd **]** **Mamoa [composição** quartzo filoniano e corneana **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **]** **Espólio [pedra lascada** lâmina, em sílex, tampa, em xisto **pedra polida** dois machados de anfibolito (1 e 2 na figura seguinte) **percutor** pilão elíptico, em quartzito **cerâmica** fragmentos de bordo e fundo de taça **]** **Fontes de informação** Proença Jr (1910); Pereira (1938); Almeida & Ferreira (1958, 1959); Ferreira (1978); Baptista (1998); Leisner (1998) **Documentação gráfica** planta e espólio recolhido (Leisner, 1998); vista do monumento (s. Almeida & Ferreira, 1958, 1959); vista do sítio (2015).







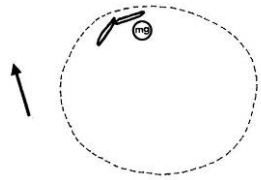
4054.CHÃO DO TANQUE

Identificação e localização Referência 4054 **Topónimo** Chão do Tanque **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** na **CNS** 13438 **CMP** 305 **Altitude (m)** 300 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** lomba] **Caracterização Conservação** mau **Descrição** não disponível **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano e quartzito **diâmetro (s)** 7,4 m **altura (m)** nd **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1998) **Documentação gráfica** não disponível.

4055.CLÉRIGOS

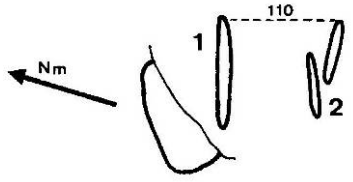
Identificação e localização Referência 4055 **Topónimo** Clérigos (vértice geodésico) ou Lares Velhos **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN055 **CNS** 22384 **CMP** 305 **Altitude (m)** 285 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo) e filão de gabro e microgabro **morfologia** lomba **] Caracterização Conservação** razoável Descrição câmara funerária evidenciada por dois esteios imbricados, envolvidos por mamoa bem destacada acima do solo, embora diminuída no seu volume em plano, devido a lavra. Situam-se junto à base do vértice geodésico construído sobre a mamoa. Além destes existem dois fragmentos de esteios sobre a mamoa **Câmara [tipo** provavelmente poligonal **nº de esteios** dois **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** a câmara poderia ter 1,8 m de largura **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** rochas filoneanas (gabro e quartzo) **diâmetro(s)** 7,1 m e 6,2 m **altura** 0,83 m **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** vista do monumento (1989) e esboço de planta (1989).





4056.CORGAS 1

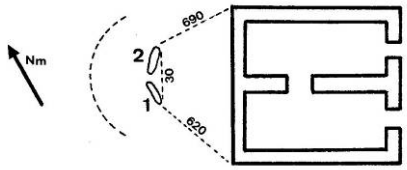
Identificação e localização Referência 4056 **Topónimo** Corgas (vértice geodésico) ou Casinha Branca **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN058 **CNS** 22387 **CMP** 294 **Altitude (m)** 350 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo) **morfologia** encosta **] Caracterização Conservação** indeterminado **Descrição** mamoa baixa constituída por clastos de quartzo filoniano e metassedimentos. Observam-se três esteios fincados, paralelos, que podem corresponder ao corredor e um quarto em posição horizontal. Afloramentos de rocha na envolvente **Câmara [** ni **] Corredor [tipo** nd **nº de esteios** quatro **materiais** metassedimentos **dimensões (cm)** 110 de largura; comprimentos dos esteios: 1 (120); 2 (50) **] Mamoa [composição** quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** esboço de planta (1989).



4057.CORGAS 2

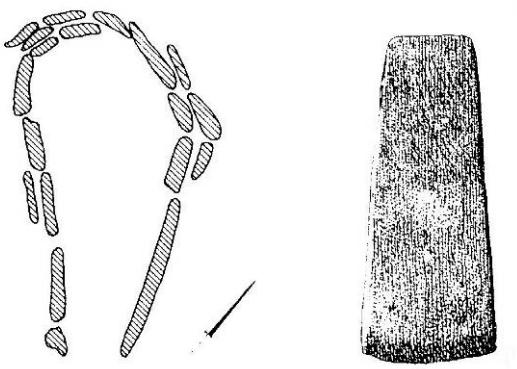
Identificação e localização Referência 4057 **Topónimo** Corgas (vértice geodésico) ou Casinha Branca **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN059

CNS 22388 **CMP** 294 **Altitude (m)** 374 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo) embora ocorram arenitos, residuais **morfologia** planalto **] Caracterização Conservação** indeterminado **Descrição** mamoa coalescente com uma construção rústica (palheiro), em ruínas. Observam-se os topos de dois esteios talvez correspondentes à câmara funerária **Câmara [tipo** indeterminada **nº de esteios** dois, *in situ* **materiais** metassedimentos **dimensões (cm)** esteios (largura x espessura x altura): 1 (21 x 5 x 0); 2 (36 x 10 x 12) **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** esboço de planta (1989).

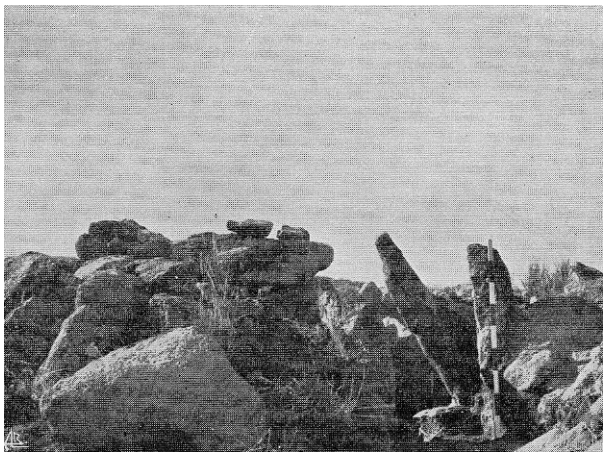


4058.CORGOS

Identificação e localização Referência 4058 **Topónimo** Corgos ou Chão do Braz **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Idanha-a-Velha **Nº AEAT** na **CNS** 4349 **CMP** 270 **Altitude (m)** indeterminada (ordem de grandeza hipotética 400 m) **Implantação [geologia** granito biotítico com plagioclase cálcica (rochas magmáticas intrusivas tardi a pós-orogénicas) **morfologia** chã **] Caracterização Conservação** indeterminado **Descrição** estrutura ortostática, em granito, com câmara, de planta ovóide ou em ferradura, e corredor, curto, de paredes convergentes para a entrada. Câmara e corredor têm 4,0 m de comprimento e são indiferenciados em planta. Em 1958 conservava nove esteios na câmara, e sete outros de reforço externo em duas fiadas convergentes. A mamoa era constituída por terra e "enormes blocos e lajes de granito". Nessa data estava parcialmente destruída por lavoura (Almeida & Ferreira, 1958). Foi escavada por O. da Veiga Ferreira. Situa-se em chã entre afloramentos graníticos. O sítio não foi reconhecido e desse modo não é possível localizá-lo com rigor na cartografia. Os descobridores (Almeida & Ferreira, 1958, 1959) referem que se situa 2500 m a Norte de Idanha-a-Velha, em terrenos então pertença do Marquês da Graciosa, no sítio de Corgos, perro do Chão do Braz. Ora os Corgos de acordo com a cartografia militar ficam mais de 2 km, não a norte mas a nordeste de Idanha, entre o Ponsul e a ribeira da Bica. Leisner (1998) seguindo a primeira distância cartografa este monumento a norte de Idanha, entre a ribeira da Bica e a das Cantarinhas **Câmara [tipo** ovóide **nº de esteios** nove, mais sete de reforço exterior (em 1958) **materiais** granito **dimensões** largura inferior a 2,0 m **] Corredor [tipo** curto **nº de esteios** dois (em 1958), um de cada lado **materiais** granito **dimensões** nd **] Mamoa [composição** granito e terra **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **] Espólio [pedra afeiçoada** duas mós manuais, fora da estrutura ortostática **metal** machado plano, em cobre, encontrado por um informante, nas proximidades do monumento **] Fontes de informação** Almeida & Ferreira (1958, 1959); Leisner (1998) **Documentação gráfica** planta e espólio recolhido (Leisner, 1998), vistas do monumento, a primeira assinala o perfil da mamoa (seg. Almeida & Ferreira, 1958, 1959).





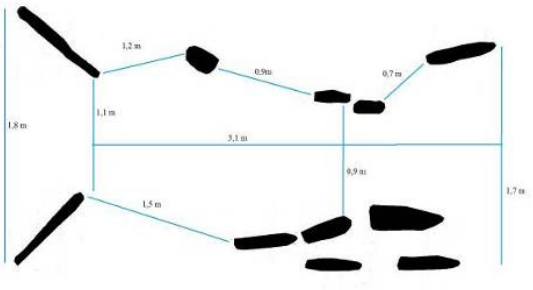


4059.COUTO DOS CATURROS

Identificação e localização Referência 4059 **Topónimo** Couto dos Caturros **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Ladoeiro **Nº AEAT** na **CNS** 25242 **CMP** 294 **Altitude (m)** 223 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** bordo de planalto **] Caracterização Conservação** mau **Descrição** estrutura funerária ortostática com câmara, corredor (orientado 150º norte) e provável átrio, e restos de mamoa muito destruída. Situa-se no bordo de terreno arenítico, agricultado, sobre encosta com afloramentos de rocha metassedimentar **Câmara [tipo** provavelmente poligonal **nº de esteios** dois **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** a câmara poderia ter 1,8 m de largura **] Corredor [tipo** provavelmente longo **nº de esteios** nove **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** 3,1 m de comprimento e 0,9 m de largura; a abertura para átrio tem 1,70 de largura **] Mamoa [composição** quartzo

filoniano (rolado), quartzito (rolado) e metassedimentos **diâmetro (s)** 9,4 m (eixo norte-sul) e 11,5 m (eixo este-oeste) **altura (m)** não foi medida, pouco destacada no solo **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1999) **Documentação gráfica** vista do sítio e esboço de planta (1999).





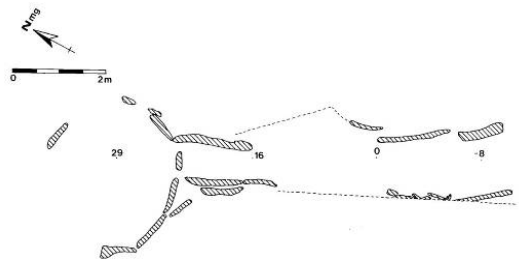
4060.COUTO DA ESPANHOLA 1

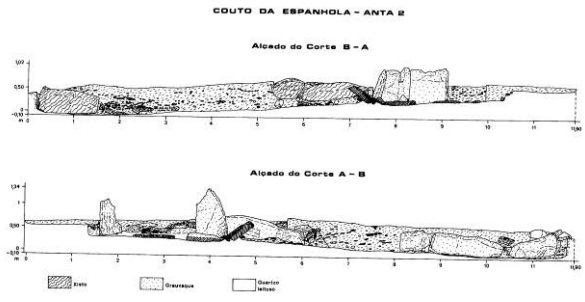
Identificação e localização **Referência** 4060 **Topónimo** Couto da Espanhola **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN060 **CNS** 22548 **CMP** 294 **Altitude (m)** 340 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo) embora ocorram arenitos, residuais **morfologia** planalto **] Caracterização Conservação** destruído **Descrição** pequena mamoa, baixa, mas em razoável estado de conservação aquando do registo citado. Posteriormente, terá sido destruída devido ao deslocamento do caminho para sul **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro (s)** 7,0 (eixo norte-sul) e 6,2 (eixo oeste-este) **altura (m)** c. 0,30 **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** vista do monumento (1990).

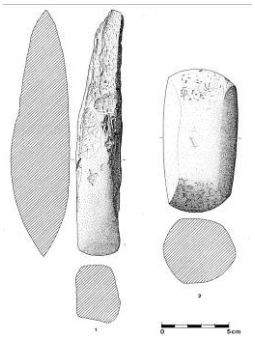


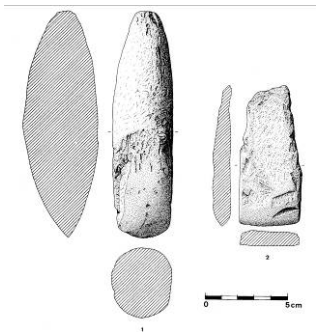
4061.COUTO DA ESPANHOLA 2

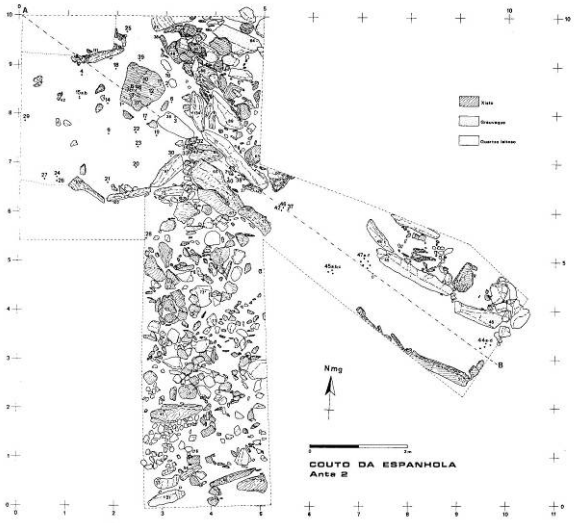
Identificação e localização **Referência** 4061 **Topónimo** Couto da Espanhola **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN061 **CNS** 11387 **CMP** 294 **Altitude (m)** 305 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** lomba **] Caracterização Conservação** razoável **Descrição** estrutura funerária ortostática constituída por câmara e corredor, bem diferenciados em planta e em perfil, com comprimento total de cerca de 10,0 m, envolvida por mamoa, melhor conservada nos quadrantes meridionais onde exibiu anel de contenção periférica com lajes de metassedimento postas a pino. Forneceu abundante e diversificado espólio arqueológico documentando ritual funerário incidente tanto na câmara como no corredor. Além de materiais coevos da construção do monumento foram documentadas reutilizações, eventualmente funerárias, evidenciadas pela presença de braçal de arqueiro e de fragmentos de dois recipientes da Idade do Bronze. Foi escavado em 1996 no âmbito do Projecto ALTEJO. O corredor foi orientado 88º em relação ao Norte **Câmara [tipo** subcircular **nº de esteios** seis *in situ* incompleta no lado norte **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** c. 3,00 m de diâmetro **] Corredor [tipo** longo **nº de esteios** oito *in situ*, ausentes na parte mesial **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** c. 7,5 m de comprimento e de 1,5 m a 0,60 m de largura; alarga do centro para a periferia **] Mamoa [composição** quartzo filoniano, rochas metassedimentares e terra com anel de contenção periférica constituído por lajes postas a pino **diâmetro (s)** c. 16,00 m **altura (m)** cerca de 0,75 m **] Espólio [** recolhido em escavação **pedra lascada** um disco, em metassedimento, dois denticulados, dois núcleos de lamelas, uma lamela, dois geométricos, duas lâminas, vinte e cinco pontas de seta, em sílex **pedra polida** quatro machados e um polidor-brunidor **percutor** em quartzo leitoso **adornos** duas contas em matéria verde, fragmento de braçal de arqueiro, fragmento de disco em xisto com perfuração central **artefactos simbólicos** fragmento de placa de xisto gravada **cerâmica** fragmentos de taça em calote, com bordo simples, de taça carenada, e da Idade do Bronze, fragmentos de taça carenada e de vaso de colo alto **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993); Cardoso *et al.* (1997a, 1997b, 2000, 2003); Hoskin & Henriques (1998); Henriques *et al.* (1999) **Documentação gráfica** imagens em sequência: planta simplificada do monumento, cortes e planta geral no final da escavação, materiais recolhidos durante a escavação, vista da mamoa no início da escavação e vista do anel de contenção periférica em primeiro plano (Caninas *et al.*, 1997a).

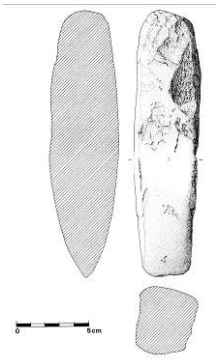


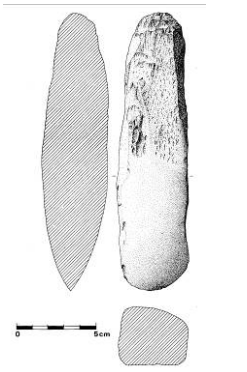

COUTO DA ESPANHOLA - ANTA 2
Alçado do Corte B - A
Alçado do Corte A - B

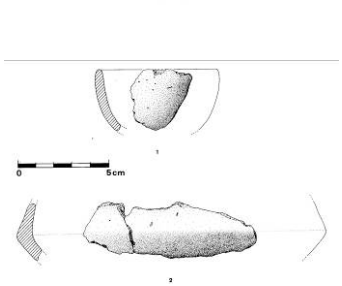


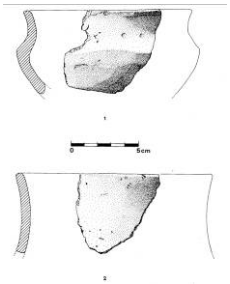


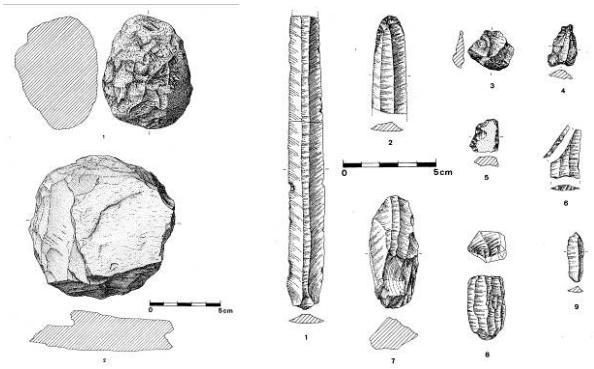

COUTO DA ESPANHOLA
Anta 2



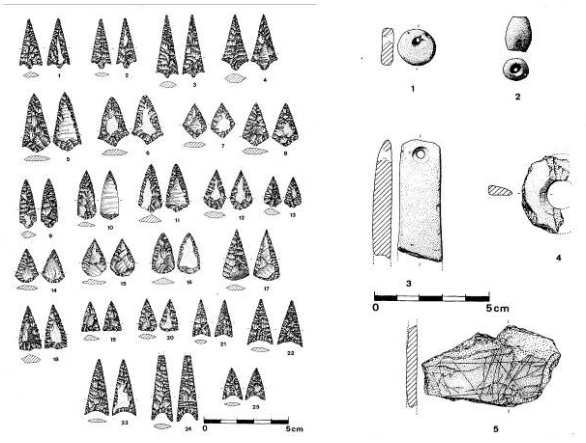










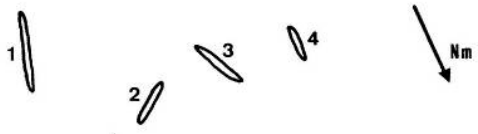




4062.COUTO DA ESPANHOLA 3

Identificação e localização **Referência** 4062 **Topónimo** Couto da Espanhola, Casal do Ferrador **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN062 **CNS** 22549 **CMP** 294 **Altitude (m)** 299 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** chã **] Caracterização Conservação** razoável **Descrição** mamoa bem conservada onde emergem quatro esteios **Câmara [tipo** indeterminada **nº de esteios** quatro **materiais** metassedimentos **dimensões (cm)** esteios (largura x altura x espessura): 1 (73 x 18 x 15); 2 (30 x 8 x 10); 3 (50 x 14 x 11); 4 (25 x 9 x ?) **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo leitoso e metassedimentos **diâmetro (s)** 10,30 m (eixo norte-sul) e 12,80 m (eixo este-oeste) **altura** 0,80 m **] Espólio [pedra afeiçoada** pequeno moinho manual em rocha metassedimentar **Outros** bloco metassedimentar com sulcos paralelos **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** vista do monumento e esboço de planta (1990).



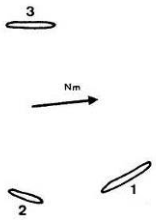


4063.COUTO DA ESPANHOLA 4

Identificação e localização **Referência** 4063 **Topónimo** Couto da Espanhola, Casal do Ferrador **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN063 **CNS** 22550 **CMP** 294 **Altitude (m)** 293 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo) **morfologia** cabeço **] Caracterização Conservação** mau



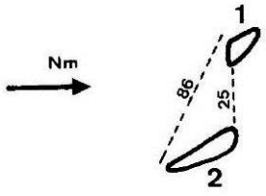
Descrição estrutura ortostática evidenciada por três esteios, aparentemente mal conservada, envolvida por mamoa. Ocorre afloramento de rocha nas proximidades **Câmara [tipo** indeterminado **nº de esteios** três **materiais** metassedimentos **dimensões (cm)** esteios (largura x altura x espessura): 1 (70 x 12 x 8); 2 (40 x 0 x 9); 3 (50 x 8 x 14) **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** metassedimentos e quartzo filoniano em menor quantidade **diâmetro (s)** 17,00 m (eixo norte-sul) e 17,00 m (eixo este-oeste) **altura** 1,20 m **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** vista do monumento e esboço de planta (1990).



4064.COUTO DA ESPANHOLA 5

Identificação e localização **Referência** 4064 **Topónimo** Couto da Espanhola **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN064 **CNS** 22551 **CMP** 294 **Altitude (m)** 340 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** planalto **] Caracterização Conservação** indeterminado **Descrição** concentração de quartzo filoniano e clastos de metassedimentos. Observam-se dois pequenos esteios fincados no solo **Câmara [tipo** indeterminado **nº de esteios** dois **materiais** metassedimentos **dimensões (cm)** esteios (largura x altura x espessura): 1 (25 x 17 x 5); 2 (60 x 14 x 4) **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** metassedimentos e quartzo filoniano **diâmetro (s)** nd **altura** reduzida **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** vista do monumento e esboço de planta (1990).

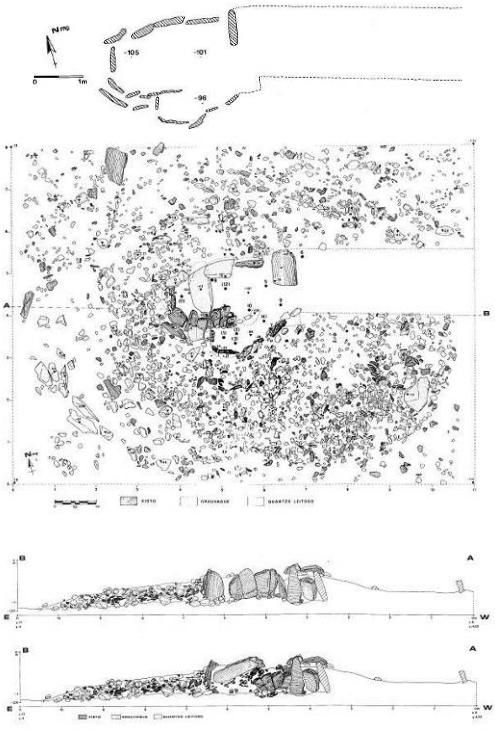


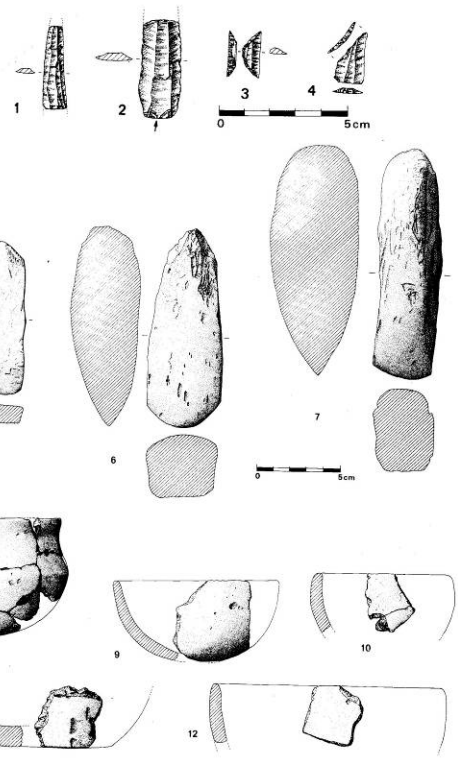


4065.COUTO DA ESPANHOLA 6

Identificação e localização **Referência** 4065 **Topónimo** Couto da Espanhola **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN065 **CNS** 12579 **CMP** 294 **Altitude (m)** 350 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo) **morfologia** planalto **] Caracterização Conservação**

razoável **Descrição** estrutura ortostática definindo câmara simples de contorno oval, assimétrico, talvez fechada, embora apresentando-se aberta por arranque de esteio no lado oriental. Numa segunda fase, de reformulação construtiva, foi transformada em câmara subrectangular com a instalação de um septo longitudinal. Está envolvida por por enrrocamento de clastos de quartzo leitoso e de metassedimentos conforme documentado na sanja radial efectuada no decurso de escavação arqueológica. Forneceu espólio diversificado mas escasso. A cerâmica foi recolhida apenas no espaço correspondente à segunda fase de utilização (cista sub-rectangular). Foi escavado em 1995 no âmbito do Projecto ALTEJO. **Câmara [tipo** oval / subrectangular **nº de esteios** ver planta **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** c. 2,80 m de comprimento e 2,20 m de largura **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano, rochas metassedimentares e terra com vestígios de anel de contenção periférica constituído por lajes e blocos de quartzo muito destruído pela lavoura **diâmetro (s)** c. 10,30 m (eixo norte-sul) e 6,40 m (eixo estre-oeste) **altura (m)** cerca de 0,60 m **] Espólio [** recolhido em escavação **pedra lascada** uma lamela, uma lâmina, e dois geométricos, em rochas siliciosas **pedra polida** dois machados e uma enxó em anfibolito **cerâmica** fragmentos de duas taças hemisféricas, de uma taça em calote, de fundo aplanado de taça e pequeno vaso de colo médio quase completo; em prospecção **pedra afeiçoada** fragmento de movente de moinho manual, em metassedimento **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993); Cardoso *et al.* (1995, 1997b, 2000, 2003); Hoskin & Henriques (1998); Henriques *et al.* (1999) **Documentação gráfica** imagens em sequência: cortes e planta geral no final da escavação, planta simplificada do monumento, materiais recolhidos durante a escavação, vista da mamoa e da câmara no decurso dos trabalhos (Caninas & Henriques & Cardoso, 1995).





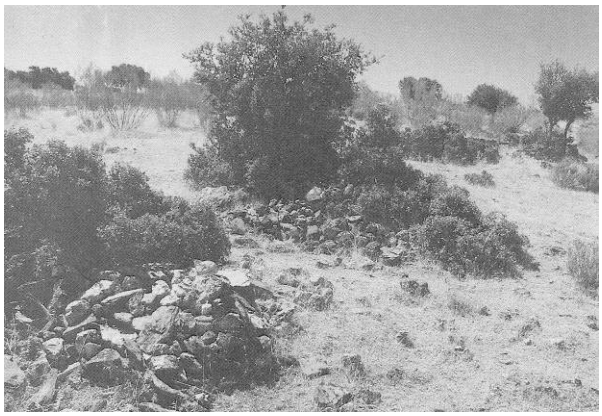




4066.COUTO DA ESPANHOLA 7

Identificação e localização **Referência** 4066 **Topónimo** Couto da Espanhola **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN066 **CNS** 22552 **CMP** 294 **Altitude (m)** 340 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo) **morfologia** chã **] Caracterização** **Conservação** aparentemente mau **Descrição** amontoado de quartzo filoniano e clastos de metassedimentos correspondente, eventualmente, a mamoa

destruída. Cerca de 100 m para sudeste foi identificado um grande bloco gravado com 84 covinhas (Henriques, Caninas & Chambino, 1993:96) **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** metassedimentos e quartzo filoniano **diâmetro (s)** nd **altura** nd **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** vista do sítio (1990).



4067.COUTO DOS MOUROS

Identificação e localização Referência 4067 **Topónimo** Couto dos Mouros **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** na **CNS** 25268 **CMP** 306 **Altitude (m)** 270 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo) **morfologia** lomba **] Caracterização Conservação** destruído **Descrição** pequeno monumento destruído, evidenciado por concentração de clastos de quartzo e metassedimentos **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** metassedimentos e quartzo filoniano **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1999) **Documentação gráfica** não disponível.

4068.COUTO DE SANTA MARINA

Identificação e localização Referência 4068 **Topónimo** Couto de Santa Marina **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 306 **Altitude (m)** 300 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação



de Rosmaninhal) **morfologia** planalto **] Caracterização Conservação** mau **Descrição** pequeno montículo bem destacado acima do solo com uma azinheira na posição central. Algumas lajes de metassedimentos presentes no local podem ter pertencido a uma pequena câmara ortostática. Situa-se junto de um entroncamento de caminhos rurais um dos quais estabelece ligação com o rio Tejo **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** metassedimentos (abundante) e quartzo filoniano (escasso) **diâmetro (s)** 7,0 m **altura (m)** 0,6 m **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** inédito (AEAT) **Documentação gráfica** vista do sítio.

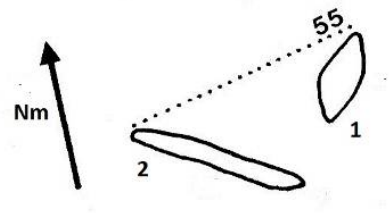
4069.CRESPO

Identificação e localização Referência 4069 **Topónimo** Crespo **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** na **CNS** 13442 **CMP** 294 **Altitude (m)** 310 **Implantação [geologia** depósito de terraço fluvial (Plistocénico) **morfologia** lomba / crista **] Caracterização Conservação** má **Descrição** mamoa evidenciada por concentração de clastos e sobreelevação, junto de um caminho em terra batida, a leste do vg Crespo **Câmara [tipo** ni **nº de esteios** um **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** do esteio (comprimento x altura x espessura, em cm): 35 x 6 x 5 **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** terra, metassedimentos, quartzito e quartzo **diâmetro (s)** nd **altura (m)** baixa] **Espólio [** ni **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1998) **Documentação gráfica** vista do sítio (1998).



4070.CUBEIRA 1

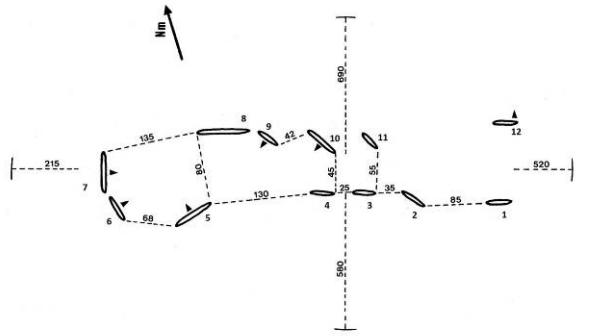
Identificação e localização Referência 4070 **Topónimo** Cubeiras **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN075 **CNS** 13444 **CMP** 305 **Altitude (m)** 330 **Implantação [geologia** depósito de terraço fluvial (Plistocénico) **morfologia** planalto **] Caracterização Conservação** indeterminado **Descrição** vestígios de estrutura ortostática, talvez correspondente a corredor, evidenciada por dois esteios, envolvidos por mamoa. O esteio situado mais a poente tem entalhe no topo **Câmara [** ni **] Corredor [tipo** nd **nº de esteios** dois **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** esteios (comprimento x altura x espessura, em cm): 1 (20 x 10 x 10); 2 (40 x 1 x 5) **] Mamoa [composição** quartzito **diâmetro (s)** 10,00 m **altura (m)** nd **] Espólio [pedra lascada** uma lasca em quartzito **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** esboço de planta (1989) e vista do sítio.





4071.CUBEIRA 2

Identificação e localização **Referência** 4071 **Topónimo** Cubeiras **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN076 **CNS** 22377 **CMP** 305 **Altitude (m)** 315 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo) **morfologia** rechã **]** **Caracterização** **Conservação** razoável **Descrição** estrutura ortostática, constituída por câmara, corredor e átrio. Parte dos esteios não visíveis podem estar enterrados. O esteio 5 tem um entalhe no topo. O corredor está orientado 104º em relação ao Norte **Câmara [tipo** poligonal **nº de esteios** três (incompleta) **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** esteios (comprimento x altura x espessura, em cm): 5 (48 x 26 x 11); 6 (30 x 22 x 18); 6 (50 x 42 x 12) **]** **Corredor [tipo** longo **nº de esteios** cinco (incompleto) **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** esteios (comprimento x altura x espessura, em cm): 3 (20 x 7 x 9); 4 (37 x 14 x 8); 9 (15 x 26 x 20); 10 (50 x 26 x 15); 11 (33 x 15 x 15) **]** **Átrio [tipo** subrectangular **nº de esteios** três (incompleto) **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** esteios (comprimento x altura x espessura, em cm): 1 (25 x 13 x 7); 2 (31 x 8 x 5); 12 (28 x 14 x 5) **]** **Mamoa [composição** quartzito e metassedimentos **diâmetro (s)** 13,00 m (eixo norte-sul) e 12,50 m (eixo este-oeste) **altura (m)** nd **]** **Espólio [pedra lascada** duas lasca, em quartzito, uma lâmina, em sílex **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993); Hoskin & Henriques (1998) **Documentação gráfica** esboço de planta (1989).



4072.CUBEIRA 3

Identificação e localização **Referência** 4072 **Topónimo** Cubeiras **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN077 **CNS** 22379 **CMP** 305 **Altitude (m)** 338 **Implantação [geologia** depósito de terraço fluvial (Plistocénico) **morfologia** planalto **]** **Caracterização** **Conservação** bom **Descrição** mamoa bem destacada acima do solo sobre a qual se enraizaram várias azinheiras **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quartzito, quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro (s)** 13,50 m e 11,80 m **altura (m)** 0,90 **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** vista do monumento (2015).



4073.CUBEIRA 4

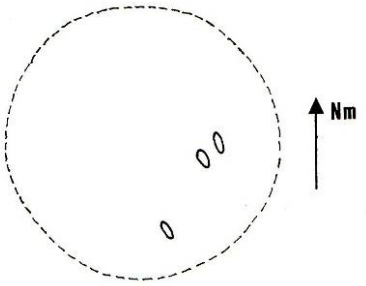
Identificação e localização Referência 4073 **Topónimo** Cubeira **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal Nº **AEAT** na **CNS** ni **CMP** 305 **Altitude (m)** 325 **Implantação [geologia** depósito de terraço fluvial (Plistocénico) **morfologia** cumeada **]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** mamoa com estrutura ortostática de pequenos blocos de metassedimentos fincados verticalmente e destacados escassos centímetros acima da superfície do montículo. Situa-se junto do caminho de cumeada que liga os vértices geodésicos de Ovelheiros e Samarrudo **Câmara [tipo** inderterminado **nº de esteios** onze **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** nd **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quartzo filoniano e quartzito (rolado) **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd] **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1998) **Documentação gráfica** vista do sítio (1998) e esboço de planta.





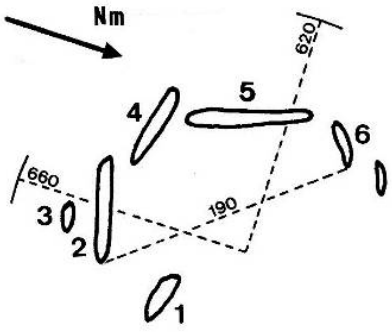
4074.FAININA 1

Identificação e localização **Referência** 4074 **Topónimo** Fainina (Arraial da), Marmeleiro (Arraial do) **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN079 **CNS** 6982 **CMP** 306A **Altitude (m)** 280 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Rosmaninhal) **morfologia** rechã **]** **Caracterização** **Conservação** destruído **Descrição** mamoa bem destacada acima do solo, na qual emergiam três esteios, de acordo com a descrição de 1978 que consta em relatório elaborado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas Arqueológicas de Rosmaninhal. Em 1987 estava destruída devido à instalação de um povoamento florestal com eucalipto **Câmara [** nd **]** **Corredor [** nd **]** **Mamoa [** **composição** quartzo filoniano, metassedimentos e granito (escasso) **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** esboço de planta (1978).



4075.FAININA 2

Identificação e localização **Referência** 4075 **Topónimo** Fainina (Arraial da) **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN080 **CNS** 6992 **CMP** 306 **Altitude (m)** 310 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Rosmaninhal) **morfologia** lomba **]** **Caracterização** **Conservação** razoável **Descrição** estrutura ortostática, correspondente a uma câmara, de planta aparentemente poligonal, inserida numa mamoa bem destacada acima do solo. Sobre a câmara estão acumulados blocos de quartzo filoniano **Câmara [tipo** poligonal **nº de esteios** seis (incompleta) e um de reforço **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** esteios (comprimento x altura x espessura, em cm): 1 (32 x 20 x nd); 2 (72 x 23 x nd); 3 (26 x 8 x nd); 4 (63 x 62 x nd); 5 (82 x 45 x nd); 6 (36 x 20 x nd) **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [** **composição** quartzo filoniano **diâmetro (s)** 12,00 m (eixo norte-sul) e 12,40 m (eixo este-oeste) **altura (m)** nd **]** **Espólio [** **pedra polida** um instrumento **cerâmica** um fragmento **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** esboço de planta (1987) e vista do sítio.





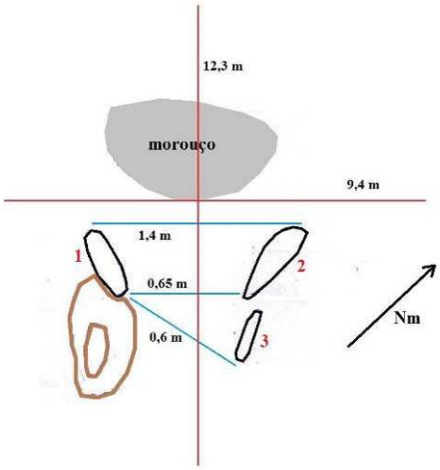
4076.FAININA 3

Identificação e localização **Referência** 4076 **Topónimo** Fainina (Arraial da) **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN081 **CNS** 6984 **CMP** 306A **Altitude (m)** indeterminada (ordem de grandeza de 260 m) **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Rosmaninhal) **morfologia** não determinada **]** **Caracterização** **Conservação** provavelmente destruída **Descrição** mamoa bem destacada acima do solo, com dois esteios visíveis, de acordo com a descrição de 1978 que consta em relatório elaborado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas Arqueológicas de Rosmaninhal. Em 1987 não foi possível reconhecer o monumento que pode ter sido destruído em consequência da instalação de um povoamento florestal com eucalipto **Câmara [** nd **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [** nd **]** **Espólio [** **ni** **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** não disponível.

4077.FARRANHÃO 1

Identificação e localização **Referência** 4077 **Topónimo** Farranhão **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** na **CNS** 13449 **CMP** 315-B **Altitude (m)** 263 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo) **morfologia** lomba **]** **Caracterização** **Conservação** razoável **Descrição** estrutura ortostática com câmara e corredor envolvida por mamoa. Observam-se os dois esteios da câmara que estão na passagem para o corredor, o primeiro esteio do corredor do lado nordeste e no lado oposto a este observa-se a cratera de arranque de um esteio. Sobre o centro da mamoa e ocultando provavelmente o resto da câmara existe um morouço de blocos de metassedimentos arrumados em forma de malhão subcircular. Na área envolvente existe uma casa e ruínas de construções rústicas. **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** dois **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** esteios (comprimento x altura x espessura, em cm): 1 (58 x 52 x 15); 2 (75 x 40 x 20) **]** **Corredor [tipo** nd **nº de esteios** um **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** 3 (50 x 35 x 12) **]** **Mamoa [** **composição** quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro (s)** 12,3 m (eixo noroeste-sudeste) e 9,4 m (eixo nordeste-sudoeste) **altura (m)** nd **]** **Espólio [** **pedra afeiçoada** dois fragmentos de moinho manual **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1998) **Documentação gráfica** vista do monumento (1998) e esboço de planta.





4078.FARRANHÃO 2

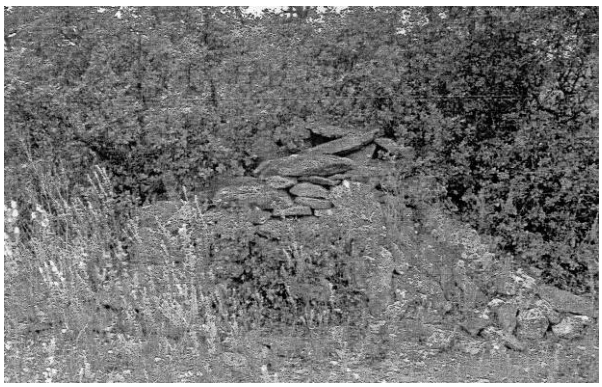
Identificação e localização **Referência** 4078 **Topónimo** Farranhão **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** na **CNS** 13450 **CMP** 306 **Altitude (m)** 276 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo), nas proximidades existe um filão de gabro **morfologia** lomba **]** **Caracterização** **Conservação** indeterminada **Descrição** hipotético *tumulus* evidenciado por acumulação circular de clastos. Na área também existem morouços **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quartzo filoniano e gabro **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **]** **Espólio [pedra afeiçoada** um fragmento de moinho manual (dormente) em metassedimento **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1998) **Documentação gráfica** não disponível.

4079.FONTE DA ALVEDEIA

Identificação e localização **Referência** 4079 **Topónimo** Fonte da Alvedeia **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN086 **CNS** 22441 **CMP** 306 **Altitude (m)** 339 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Rosmaninhal) **morfologia** cabeço **]** **Caracterização** **Conservação** razoável **Descrição** mamoa bem destacada acima do solo Tem depressão central mas não se observam esteios **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quartzo leitoso **diâmetro (s)** 12,50 m (eixo norte-sul) e 13,00 m (eixo este-oeste) **altura (m)** nd **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1999) **Documentação gráfica** não disponível.

4080.FONTE DO FERRONHÃO 1

Identificação e localização **Referência** 4080 **Topónimo** Fonte do Ferronhão **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** na **CNS** 28536 **CMP** 306 **Altitude (m)** 264 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo) **morfologia** lomba **]** **Caracterização** **Conservação** indeterminada **Descrição** amontoado subcircular de clastos de metassedimentos e quartzo com ausência de terra. A hipotética relação com um *tumulus* carece de confirmação. A acumulação de pedras soltas pode corresponder à redução de uma estrutura monticular antiga ou a um simples morouço **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro (s)** nd **altura (m)** baixa **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1999) **Documentação gráfica** vista da estrutura.



4081.FONTE DO FERRONHÃO 2

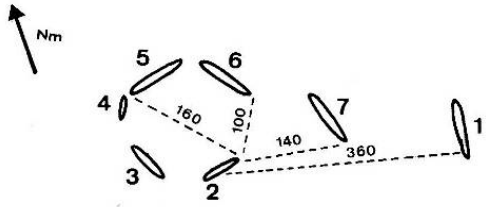
Identificação e localização **Referência** 4081 **Topónimo** Fonte do Ferronhão **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** na **CNS** 28537 **CMP** 306 **Altitude (m)** 260 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo) **morfologia** lomba **]** **Caracterização** **Conservação** indeterminada **Descrição** amontoado subcircular de clastos de metassedimentos e quartzo com ausência de terra. A hipotética relação com um *tumulus* carece de confirmação. A acumulação de pedras soltas pode corresponder à redução de uma estrutura monticular antiga ou a um simples morouço **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro (s)** nd **altura (m)** baixa **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1999) **Documentação gráfica** não disponível.

4082.FONTE DO GALINHA

Identificação e localização **Referência** 4082 **Topónimo** Fonte do Galinha **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN099 **CNS** 22446 **CMP** 306 **Altitude (m)** 235 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo) **morfologia** rechã **]** **Caracterização** **Conservação** razoável **Descrição** estrutura ortostática, correspondente a uma pequena câmara, de planta poligonal, inserida numa mamoa bem destacada acima do solo. À data da descoberta encontrava-se encerrada num denso tufo de vegetação arbustiva que impediu o registo fotográfico do monumento **Câmara [tipo** poligonal **nº de esteios** cinco (incompleta) **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** esteios (comprimento x altura x espessura, em cm): 2 (55 x 15 x 15); 3 (49 x 61 x 10); 4 (35 x 70 x 15); 5 (100 x 87 x 10); 6 (100 x 48 x 25) **]** **Corredor [tipo** aparentemente longo **nº de esteios** dois (incompleta), pela posição podem ser tampas ou pedras de fecho **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** esteios (comprimento x altura x espessura, em cm): 1 (100 x 37 x

10); 7 (110 x 95 x 15) **] Mamoa [composição** metassedimentos e quartzo filoniano **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** vista do sítio envolvido por vegetação arbustiva e esboço de planta (1988).





4083.FONTE DO LOBO

Identificação e localização Referência 4083 **Topónimo** Fonte do Lobo **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN100 **CNS** 22447 **CMP** 294 **Altitude (m)** 310 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo) **morfologia** rechã **] Caracterização Conservação** indeterminado **Descrição** concentração de clastos de quartzo filoniano que podem, eventualmente, indiciar uma mamoa destruída pela lavoura **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano **diâmetro (s)** nd **altura (m)** indeterminada **] Espólio [pedra afeiçoada** dois moventes de moinho manual **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** vista do sítio (1991).



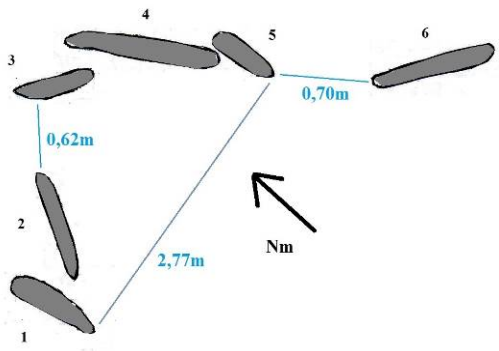
4084.GALRICHO 1

Identificação e localização Referência 4084 **Topónimo** Galricho **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** na **CNS** 22511 **CMP** 306 **Altitude (m)** 293 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** lomba **] Caracterização Conservação** mau **Descrição** concentração de materiais pétreos sob carrasqueiros, definindo uma mamoa baixa, a sul de um monumento idêntico de maior dimensão (Galricho 2) e junto do caminho que percorre a lomba de Valtamonte **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano, com alguns blocos de grande tamanho e metassedimentos **diâmetro (s)** 7,5 m **altura (m)** baixa **] Espólio [pedra afeiçoada** um fragmento de movente, em granito **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (2004) **Documentação gráfica** vista do sítio.



4085.GALRICHO 2

Identificação e localização Referência 4085 **Topónimo** Galricho **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** na **CNS** 22512 **CMP** 306 **Altitude (m)** 293 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** lomba **] Caracterização Conservação** bom **Descrição** estrutura ortostática com câmara e corredor bem diferenciados em planta e alçado, envolvida por mamoa, no limite da qual parece existirem lajes de metassedimentos de estrutura de contenção periférica. Situa-se junto e sob o caminho que percorre a lomba de Valtamonte. O esteio 4 parece ter sido recortado de modo a ficar com configuração antropomórfica **Câmara [tipo** poligonal **nº de esteios** seis **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** dos esteios (largura x altura x espessura, em cm): 1 (82 x 52 x 18); 2 (85 x 20 x 12); 3 (70 x 60 x 20); 4 (96 x 82 x 20); 5 (47 x 24 x 16) **Corredor [tipo** nd **nº de esteios** um **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** esteio (largura x altura x espessura): 6 (82 x 5 x 10) **Mamoa [composição** quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro (s)** 16,2 m (eixo norte-sul) e 20,2 m (eixo este-oeste) **altura (m)** bem destacada acima do solo **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (2004) **Documentação gráfica** esboço da planta e vistas do sítio.







4086.GRANJA

Identificação e localização **Referência** 4086 **Topónimo** Granja **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Alcafozes **Nº AEAT** na **CNS** 20210 **CMP** 270 **Altitude (m)** 267 **Implantação [geologia** ortognaisses, granitos e dioritos deformados (rochas magmáticas intrusivas pré-orogénicas)



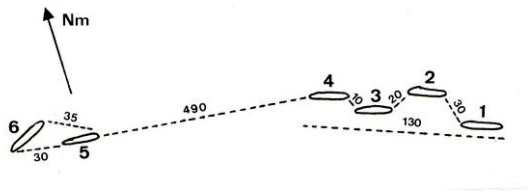
morfologia chã **]** **Caracterização** **Conservação** indeterminado **Descrição** a fonte original (Santos, 2000) refere existir uma câmara ortostática simples rodeada por um *tumulus*, subcircular, com 21,0 m de diâmetro maior, constituído por clastos de rochas metassedimentares, magmáticas e quartzo. Este local não foi reconhecido mas cerca de 186 m a ocidente e 32 m a norte existem vestígios do que poderá ter sido outra câmara funerária, evidenciada por pedras fincadas, uma das quais gravada com cinco covinhas e um moinho manual. Situam-se na base de três azinheiras e estão envolvidas por acumulação de clastos soltos de rochas metassedimentares, incluindo corneana, magmáticas e filoneanas (quartzo). Não conserva mamoa visível. Ao lado existe um estrado de madeira e na área envolvente existem canteiros delimitados por pequenas pedras. Esta área integra o espaço social do Boom Festival. Agradece-se o acesso ao local pelos responsáveis da empresa Good Mood **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões (cm)** nd **] Corredor [** ni **] Mamoa [** rochas metassedimentares, magmáticas e quartzo **diâmetro (s)** 21,0 m e 20,0 m **altura (m)** nd **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Santos (2000) **Documentação gráfica** vistas do segundo local (2015).



4087.GRANJA (DA ENCHACANA)

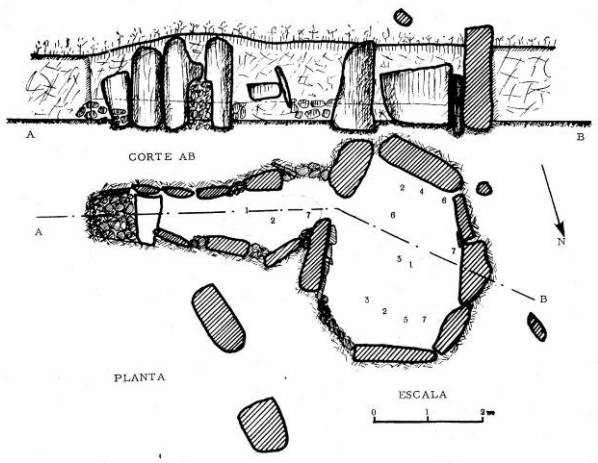
Identificação e localização **Referência** 4087 **Topónimo** Granja, Enchacana **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Segura **Nº AEAT** IN103 **CNS** 22449 **CMP** 294 **Altitude (m)** 236 **Implantação [geologia** depósitos de terraço fluvial (Plistocénico) **morfologia** terraço **]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** estrutura ortostática, correspondente a câmara e corredor, evidenciada pelos topos de seis esteios, inseridos numa mamoa. Devido à lavoura observam-se clastos em dois amontoados (morouços) **Câmara [tipo** indeterminada **nº de esteios** dois (incompleta) **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** esteios (comprimento x altura x espessura, em cm): 5 (27 x 0 x 7); 6 (30 x 0 x 7) **] Corredor [tipo** aparentemente longo **nº de esteios** quatro (incompleto) **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** esteios (comprimento x altura x espessura, em cm): 1 (30 x 5 x 7); 2 (33 x 7 x 5); 3 (30 x 15 x 12); 4 (35 x 0 x 7) **] Mamoa [composição** quartzo filoniano **diâmetro (s)** 16,30 m (eixo norte-sul) e 15,00 m (eixo este-oeste) **altura (m)** nd **] Espólio [pedra afeiçoada** um fragmento de dormente de moinho manual, em granito **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** vista do sítio envolvido e esboço de planta (1989).





4088.GRANJA DE SÃO PEDRO

Identificação e localização **Referência** 4088 **Topónimo** Granja de São Pedro ou Corgos **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Alcafozes **Nº AEAT** na **CNS** 682 **CMP** 282 **Altitude (m)** indeterminada **Implantação [geologia** areias arcósicas (Formação de Falagueira, a confirmar) **morfologia** terraço fluvial na margem da ribeira do Aravil (a confirmar) **]** **Caracterização** **Conservação** indeterminado **Descrição** estrutura ortostática, de câmara elíptica, larga, de oito esteios, associada a corredor, longo, com eixo desviado do eixo da câmara. A câmara e o corredor embora bem diferenciados em plantas são indiferenciados em perfil. No quadrante nordeste, a mamoa envolvia dois pequenos menires, considerados fálicos, e pré-existentes em relação à construção da sepultura. O maior estava gravado com covinhas de tamanhos diferenciados (Cardoso, 2008a:47). O esteio de cabeceira da câmara também continha alinhamento de covinhas, existindo outra cavidade do mesmo tipo em esteio posicionado ao lado deste. Os esteios foram fixados com calços de granito, xisto e calhaus rolados de quartzito. O chão do monumento estava evidenciado por nível, uniforme, de argila castanha amarelada, compactada, dura. A entrada da câmara estava condenada com calhaus rolados agregados com barro. Os autores consideram que esta sepultura não fora violada e individualizam dois covachos sepulcrais na câmara, de configuração irregular. O maior situava-se junto aos esteios do lado esquerdo, a sul, e o outro junto ao esteio do lado direito, a norte. O espólio, muito diversificado, foi recolhido maioritariamente na câmara. Parecem individualizar-se três *pacotes* indicando talvez três sepultados, considerando a repetição dos itens *machado/enxó*, *ponta-de-seta* e *cerâmica*: «machado / ponta-de-seta / cerâmica», no corredor; «enxó / lâmina / ponta-de-seta / cerâmica», na parte norte da câmara; «machado / lâmina / ponta-de-seta / núcleo / alisadores», na parte central e sul da câmara. Um dos machados conservava pintura. Tal como Proença Jr já notara, também aqui "não foi colocada na sepultura qualquer cerâmica completa mas apenas fragmentos de vasos", porque, no entender dos autores o enchimento não fora violado anteriormente. Esta sepultura foi escavada em 1969 (Almeida & Ferreira, 1971). O. da Veiga Ferreira denomina monumento nº 1 do Corcho – Aravil, em página do seu diário de campo (Cardoso, 2008:46). O mesmo investigador (Ferreira, 1978) refere duas outras mamoas nesta área, a sul do Montinho, e outras duas, cerca de 3 km a montante, na margem esquerda da ribeira do Aravil e a sul do Arraial Velho da Granja. Refira-se a proximidade do topónimo Lomba da Moita **Câmara [tipo** elíptica **nº de esteios** sete (falta um) **materiais** rochas magmáticas **dimensões** 3,5 m (transversal) e 2,5 m de (longitudinal) **] Corredor [tipo** longo **nº de esteios** sete (falta pelo menos um no lado sul) **materiais** rochas metassedimentares e magmáticas **dimensões** 4,0 m de comprimentos **] Mamoa [composição** nd **diâmetro (s)** nd (é referida pelos escavadores com sendo uma grande mamoa) **altura (m)** nd **] Espólio [pedra lascada** núcleo, em quartzo hialino, doze lascas, em quartzo hialino e quartzo leitoso, uma lâmina e fragmento de outra, em sílex, quatro pontas de seta, em sílex e quartzo hialino, **pedra polida** três machados, uma enxó (fragmento) e um escopro, em anfibolito **pedra afeiçoada** uma peça, em quartzito **artefactos simbólicos** fragmento de placa com furo **cerâmica** 21 fragmentos de cerâmica, incluindo um bordo e um fragmento decorado **]** **Fontes de informação** Almeida & Ferreira (1971); Leisner (1998); Gomes (1994); Cardoso (2008a) **Documentação gráfica** planta do monumento após escavação (seg. Almeida & Ferreira, 1971).



Planta e corte do grande monumento megalítico da Granja de S. Pedro. Na planta vão indicados por números os locais dos achados: 1 — machados; 2 — ponta de seta; 3 — lâminas; 4 — núcleos de quartzo hialino: 5 — enxó; 6 — alisadores de cerâmica; 7 — fragmentos de cerâmica.

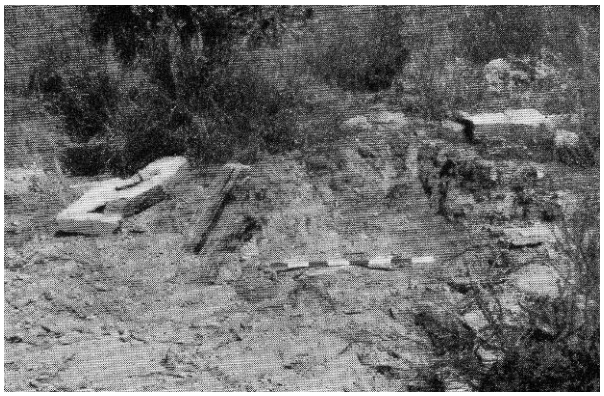
4089.GRELHEIRA

Identificação e localização **Referência** 4089 **Topónimo** Grelheira **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** na **CNS** 19257 **CMP** 306 **Altitude (m)** 253 **Implantação [geologia** no limite da área de metassedimentos da Formação de Malpica do Tejo, a norte de filão de gabro **morfologia** cabeço em rechã **]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** estrutura ortostática, entulhada, envolvida por mamoa **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [** ni **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (2003) **Documentação gráfica** não disponível.

4090.HORTA DA SERRA 1

Identificação e localização **Referência** 4090 **Topónimo** Horta da Serra **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Idanha-a-Velha **Nº AEAT** na **CNS** 13030 **CMP** 270 **Altitude (m)** indeterminada (ordem de grandeza hipotética 300 m) **Implantação [geologia** granitos monzoníticos porfiróides (a confirmar) **morfologia** não determinada **]** **Caracterização** **Conservação** indeterminada **Descrição** estrutura ortostática reduzida a dois esteios de rocha metassedimentar e já sem mamoa à data da sua publicação (Almeida & Ferreira, 1959). Situava-se 900 m a noroeste de Idanha-a-Velha. Terá sido escavada em Setembro-Outubro de 1958 e não revelou espólio como se deduz da referência explícita à ausência de espólio. Não foi reconhecido depois dessa data embora seja referida a sua destruição por povoamento florestal (Baptista, 1998) **Câmara [tipo** indeterminada **nº de esteios** dois (em 1958) **materiais** metassedimentos **dimensões** nd **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [** nd **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Almeida & Ferreira (1959); Ferreira (1978); Baptista (1998); Leisner (1998) **Documentação gráfica** vista

do monumento (seg. Almeida & Ferreira, 1959). As fotos estão trocadas na fonte.

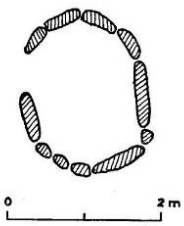


4091.HORTA DA SERRA 2

Identificação e localização **Referência** 4091 **Topónimo** Horta da Serra **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Idanha-a-Velha **Nº AEAT** na **CNS** 13032 **CMP** 270 **Altitude (m)** indeterminada (ordem de grandeza hipotética 300 m) **Implantação [geologia** granitos monzoníticos porfiróides (a confirmar) **morfologia** não determinada **]** **Caracterização**



Conservação indeterminada **Descrição** câmara fechada (cista) definida por onze esteios (falta talvez um) à data da sua publicação (Almeida & Ferreira, 1959). Estes autores não mencionam a mamoa. Situava-se nas proximidades de Horta da Serra 1, 900 m a noroeste de Idanha-a-Velha. Terá sido escavada em Setembro-Outubro de 1958 e não revelou espólio coevo. Não foi reconhecido depois dessa data embora seja referida a sua destruição por povoamento florestal (Baptista, 1998) **Câmara [tipo** elíptica **nº de esteios** onze (em 1958) **materiais** metassedimentos e granito **dimensões** cerca de 2,0 m de comprimento **] Corredor [** não tem **] Mamoa [** nd **] Espólio [** fragmentos de *tegulae* e *dolium* com gravações **]** **Fontes de informação** Almeida & Ferreira (1959); Ferreira (1978); Baptista (1998); Leisner (1998) **Documentação gráfica** planta e vista do monumento (seg. Almeida & Ferreira, 1959). As fotos estão trocadas na fonte.



4092.MAIAS 1

Identificação e localização **Referência** 4092 **Topónimo** Maias **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** na **CNS** 13459 **CMP** 306 **Altitude (m)** 320 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Rosmaninhal) **morfologia** lomba **]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** mamoa bem destacada acima do solo. Era contornada, no lado norte, por um antigo caminho cujo traçado circular foi rectificado em data recente ficando a passar sobre o monumento (faixa de rodagem com 3,5 m de largura) o qual sofreu rebaixamento parcial. No quadrante sudeste observam-se restos de esteios arrumados ao longo do caminho. A Junta de Freguesia foi alertada no sentido de desviar novamente o caminho para salvaguarda do monumento **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro (s)** 10,5 m (eixo norte-sul) e 12,5 m (eixo este-oeste) **altura (m**) nd **] Espólio [pedra afeiçoada** dois fragmentos de moinho manual (dormentes), um deles com utilização em ambas as faces **outros líticos** um percutor em quartzo e um disco em quartzito **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1998) **Documentação gráfica** vista do sítio.



4093.MAIAS 2

Identificação e localização **Referência** 4093 **Topónimo** Maias ou Balé **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** na **CNS** 13463 **CMP** 306 **Altitude (m)** 340 **Implantação [geologia** no limite exterior de arenitos (Formação de Cabeço de Infante), eventual escorrência sobre metassedimentos (Formação de Rosmaninhal) **morfologia** encosta **]** **Caracterização**

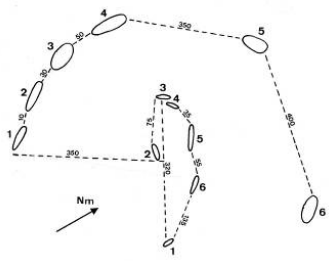


Conservação destruída **Descrição Câmara [** ni **] Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quartzo, alguns grandes blocos, seixos em quartzito e fragmentos de placas de metassedimentos que podem ter pertencido a esteios

diâmetro (s) nd **altura (m)** nd **] Espólio [pedra afeiçoada** um fragmento de moinho manual (movente) **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1998) **Documentação gráfica** vista do sítio.

4094.MANÉ

Identificação e localização **Referência** 4094 **Topónimo** Mané **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN108 **CNS** 22454 **CMP** 306 **Altitude (m)** 330 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Rosmaninhal) **morfologia** pequena rechã na encosta da "serra" **] Caracterização Conservação** razoável **Descrição** pequena mamoa bem destacada acima do solo e exibindo alguns blocos em posição de contenção periférica. No interior emergem seis esteios que podem configurar uma câmara simples, alongada, ou uma pequena câmara com corredor longo **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** eventualmente quatro **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** esteios (comprimento x altura x espessura, em cm): 2 (25 x 23 x 11); 3 (28 x 11 x 4); 4 (25 x 13 x 10); 5 (45 x 7 x 6) **] Corredor [tipo** eventualmente longo **nº de esteios** eventualmente dois **materiais** metassedimentos **dimensões** esteios (comprimento x altura x espessura, em cm): 1 (22 x 11 x 3); 6 (35 x 13 x 10) **] Mamoa [composição** quartzo filoniano e quartzito (rolado); o anel de contenção periférica é constituído por clastos de quartzo filoniano cujos comprimentos se indicam em sequência (em cm): 48; 50; 50; 70; 47; 54 **diâmetro (s)** 7,0 m **altura (m)** baixa **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** vista do sítio e esboço de planta (1988).





4095.MARCELINA

Identificação e localização **Referência** 4095 **Topónimo** Marcelina **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Zebreira **Nº AEAT** na **CNS** 13483 **CMP** 294 **Altitude (m)** 249 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo) próximo de resíduo de arenitos (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** chã **] Caracterização Conservação** mau **Descrição** estrutura funerária ortostática envolvida por mamoa **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** um **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** esteio (altura x comprimento x espessura, em cm): 40 x 65 x 15 **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** metassedimentos (amontoados na parte central) e quartzo leitoso **diâmetro (s)** 13,9 m (eixo norte-sul) e 12,9 m (eixo este-oeste) **altura (m)** 1,1 **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1998) **Documentação gráfica** vista do monumento (1996).

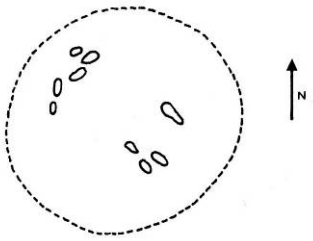


4096.MARMELEIRO 1

Identificação e localização **Referência** 4096 **Topónimo** Marmeleiro **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN109 **CNS** 6985 **CMP** 306A **Altitude (m)** 283 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo) **morfologia** cabeço **]**

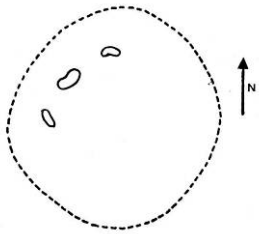


Caracterização **Conservação** destruído **Descrição** mamoa bem destacada acima do solo, na qual emergiam nove esteios, correspondentes aparentemente a câmara e corredor, de acordo com esboço de planta de 1978 incluída em relatório elaborado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas Arqueológicas de Rosmaninhal. Em 1989 foi muito destruída por valas de armação do terreno para instalação de um povoamento florestal com eucalipto, observando-se dispersão de clastos de quartzo e de metassedimentos, estes últimos correspondentes aos esteios da estrutura funerária **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** cinco **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** nd **] Corredor [tipo** nd **nº de esteios** quatro **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** nd **] Mamoa [composição** quartzo filoniano **diâmetro (s)** 15,00 m, 17,00 m e 18,00 m **altura (m)** nd **] Espólio [pedra afeiçoada** fragmento de movente e fragmento de dormente de moinho manual, ambos em granito **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** vista do sítio (1989) e esboço de planta (1978).



4097 MARMELEIRO 2

Identificação e localização **Referência** 4096 **Topónimo** Marmeleiro **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN110 **CNS** 6986 **CMP** 306A **Altitude (m)** 274 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejol) **morfologia** planalto **]** **Caracterização** **Conservação** destruído **Descrição** mamoa na qual emergiam três esteios, correspondentes aparentemente à câmara, de acordo com esboço de planta de 1978 incluída em relatório elaborado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas Arqueológicas de Rosmaninhal. Em 1989 a mamoa estava arrasada devido à instalação de um povoamento florestal com eucalipto, observando-se dispersão de clastos de quartzo e de metassedimentos, estes últimos correspondentes aos esteios da estrutura funerária **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** três **materiais** metassedimentos e quartzo (o relatório refere quartzito mas deve ser lapso) **dimensões (m)** nd **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **] Espólio [pedra afeiçoada** fragmento de dormente de moinho manual, em granito **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** esboço de planta (1978).



4098.MAROTA

Identificação e localização **Referência** 4098 **Topónimo** Marota (vg), Soalheiras **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN111 **CNS** 22455 **CMP** 306 **Altitude (m)** 360 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de



Cabeço do Infante) **morfologia** pequena rechã **]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** mamoa bem destacada acima do solo mas sem vestígios de esteios **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano e quartzito (rolado) **diâmetro (s)** 9,00 m (eixo norte-sul) e 10,00 m (eixo este-oeste) **altura** 1,10 m **] Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** vista do sítio (1989).

4099.MESAS 1

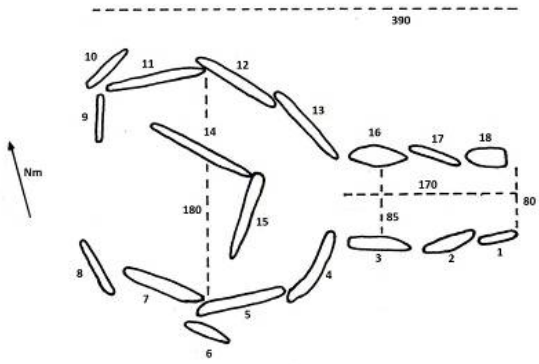
Identificação e localização **Referência** 4099 **Topónimo** Mesas (vg), Posto da Guarda Fiscal dos Alares **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN112 **CNS** 22456 **CMP** 306 **Altitude (m)** 290 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo) **morfologia** colo entre dois pequenos cabeços num planalto **]** **Caracterização** **Conservação** mau (pela lavoura associada ao olival onde se situa) **Descrição** mamoa destacada acima do solo e evidenciada por concentração de clastos **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro (s)** 14,00 m e 12,20 m **altura** 0,54 m **] Espólio [pedra afeiçoada** um dormente de moinho manual **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** vista do sítio (1989).



4100.MESAS 2

Identificação e localização **Referência** 4100 **Topónimo** Mesas (vg), Posto da Guarda Fiscal dos Alares **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN113 **CNS** 22457 **CMP** 315B **Altitude (m)** 278 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo) **morfologia** rechã **]** **Caracterização** **Conservação** razoável **Descrição** estrutura ortostática constituída por câmara e corredor bem diferenciados em planta e em perfil. O interior do monumento encontra-se esvaziado de terra. Os esteios tombados no interior da câmara podem corresponder às peças ausentes na cabeceira ou a elementos de cobertura. A mamoa está diminuída no seu volume pela incidência da lavoura. O corredor está orientado 102º a Norte. **Câmara [tipo** poligonal **nº de esteios** nove (circuito incompleto), dois colaterais e dois soltos no interior **materiais** metassedimentos **dimensões** 1,80 m (transversal) e 2,20 m (longitudinal); esteios (comprimento x altura x espessura, em cm): 4 (89 x 82 x 22); 5 (90 x 56 x 16); 6 (62 x 81 x 22); 7 (94 x 73 x 19); 8 (75 x 102 x 18); 9 (31 x 19 x 6); 10 (59 x 39 x 14); 11 (119 x 66 x 12); 12 (90 x 88 x 22); 13 (95 x 85 x 15); 14 (115 x 54 x 13); 15 (93 x 60 x 16) **] Corredor [tipo** curto **nº de esteios** seis **materiais** metassedimentos **dimensões** 0,85 m (transversal) e 1,70 m (longitudinal); esteios (comprimento x altura x espessura, em cm): 1 (48 x 42 x 13);

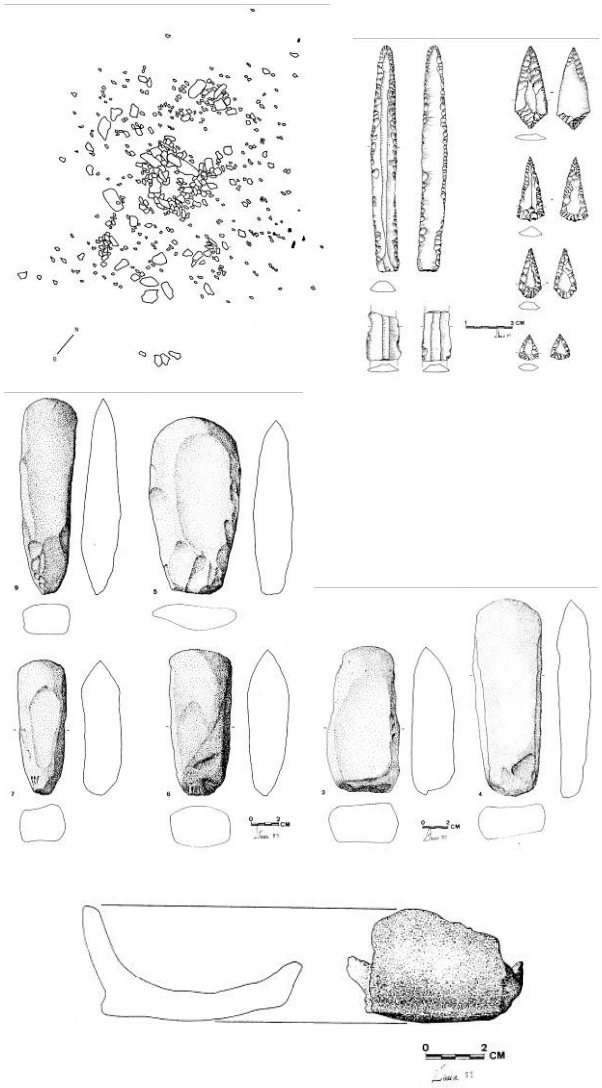
2 (53 x 58 x 22); 3 (65 x 70 x 20); 16 (54 x 55 x 19); 17 (45 x 45 x 10); 18 (38 x 42 x 23) **] Mamoa [composição** quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro (s)** 9,10 m e 8,70 m **altura** 0,82 m **] Espólio [pedra afeiçoada** um dormente de moinho manual **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993); Hoskin & Henriques (1998) **Documentação gráfica** esboço de planta e vista do sítio (1989).





4101.MATAFOME

Identificação e localização Referência 4101 **Topónimo** Matafome **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Penha Garcia **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 271 **Altitude (m)** 400 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** encosta (de acordo com a fonte) **] Caracterização Conservação** destruída (a fonte refere-se à estrutura ortostática) **Descrição** câmara ortostática destruída com arranque de esteios e violação (em 1987 pelo informante de Sousa, 1991). O informante recolheu o espólio publicado (Sousa, 1991), representado nas figuras seguintes. Este monumento situa-se no sopé ocidental do monte da Murrachinha (vértice geodésico) **Câmara [tipo** indeterminada **nº de esteios** soltos ou arrancados mas não contabilizados **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** alguns esteios com comprimentos superior a 1,0 m **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzito ou quartzo filoniano, rochas metassedimentares e terra **diâmetro (s)** 16,50 m **altura (m)** nd **] Espólio [** em **pedra lascada** três lâminas, uma completa, retocada, e dois fragmentos mesiais, em sílex, e quatro pontas de seta, uma de base triangular e as restantes de base convexa, em sílex e quartzo hialino **pedra polida** sete instrumentos, em anfibilito **cerâmica** um fragmento de cerâmica de paredes alisadas **] Fontes de informação** Sousa (1991) **Documentação gráfica** planta da mamoa e espólio arqueológico (Sousa, 1991).



4102.MONTE DA CALQUEIRA 1

Identificação e localização Referência 4102 **Topónimo** Monte da Calqueira **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Zebreira **Nº AEAT** na **CNS** 13484 **CMP** 294 **Altitude (m)** 264



Implantação [geologia arenitos (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** lomba **] Caracterização Conservação** destruída **Descrição** vestígos de uma mamoa arrasada, talvez por lavoura prolongada, evidenciada por dispersão, embora confinada no espaço, de quartzo filoniano e metassedimentos. Foram observados três blocos de metassedimento desviados cerca de 20,0 m de distância da área de maior concentração de clastos **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano e

metassedimentos **diâmetro (s)** nd **altura (m)** muito baixa **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1998) **Documentação gráfica** vista do sítio (1996).

4103.MONTE DA CALQUEIRA 2

Identificação e localização **Referência** 4103 **Topónimo** Monte da Calqueira **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Zebreira **Nº AEAT** na **CNS** 13485 **CMP** 294 **Altitude (m)** 240 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** lomba **] Caracterização Conservação** destruída **Descrição** vestígios de mamoa assinalada por mancha, confinada espacialmente, de clastos de litologia diversificada **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano, metassedimentos e granito (raro) **diâmetro (s)** não foi medida devido ao grau de dispersão de clastos **altura (m)** imperceptível **] Espólio [pedra afeiçoada** um fragmento de moinho manual **cerâmica** dez pequenos fragmentos **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1998) **Documentação gráfica** vista do sítio (1996).



4104.MONTE DO CAMPINHO

Identificação e localização **Referência** 4104 **Topónimo** Monte do Campinho **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 294 **Altitude (m)** 344 **Implantação [geologia** pequeno retalho de arenitos (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** lomba **]**



Caracterização **Conservação** mau **Descrição** vestígios de mamoa junto do lado norte do caminho que liga Monte do Campinho ao Poço do Ti Barroso **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano (abundante) e metassedimentos **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1998) **Documentação gráfica** vista do monumento.

4105.MONTE DOS ZEBROS 1

Identificação e localização **Referência** 4105 **Topónimo** Monte dos Zebros **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** União de Freguesias de Zebreira e Segura **Nº AEAT** na **CNS** 13486 **CMP** 294 **Altitude (m)** 272 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** chã/encosta **] Caracterização Conservação** destruída **Descrição** vestígios de mamoa evidenciados por mancha de dispersão de pequenas placas de metassedimentos, clastos quartzo filoniano e escassos fragmentos de granito, parcialmente cortada pelo caminho que liga o Monte dos Zebros ao Monte da Calqueira. O centro do monumento estaria no lado sul do actual caminho **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** metassedimentos, quartzo filoniano e granito (escasso) **diâmetro (s)** não foi medida devido à dispersão dos materiais **altura (m)** muito baixa **] Espólio [pedra afeiçoada** fragmento de um moinho manual **cerâmica** dois pequenos fragmentos **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1998) **Documentação gráfica** vista do sítio.



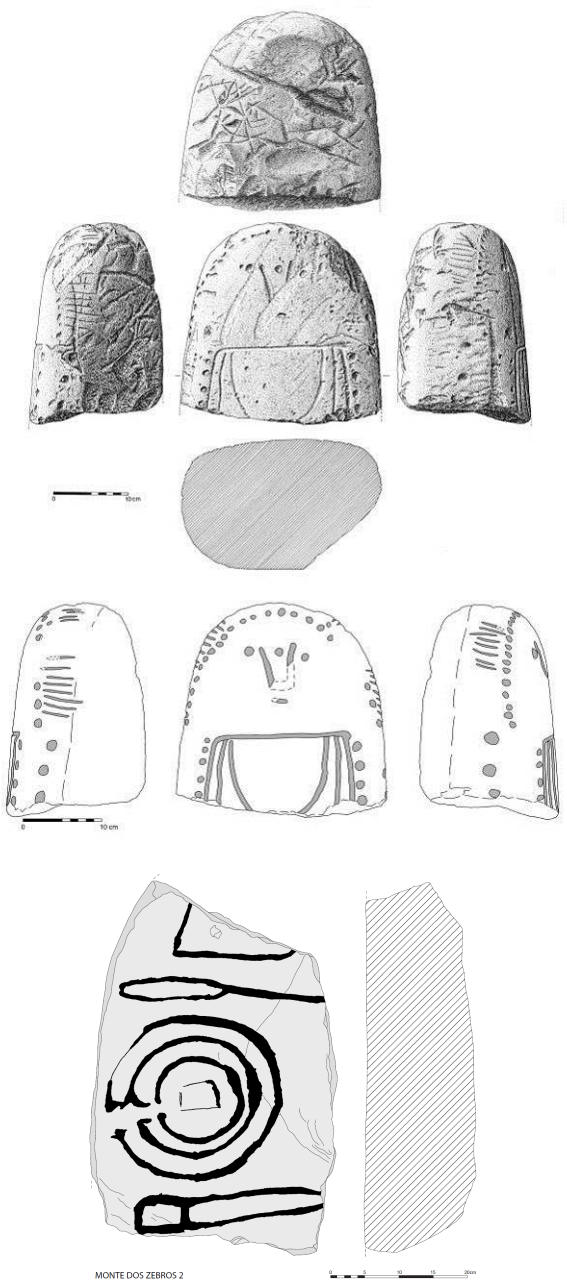
4106.MONTE DOS ZEBROS 2

Identificação e localização **Referência** 4106 **Topónimo** Monte dos Zebros **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** União de Freguesias de Zebreira e Segura **Nº AEAT** na **CNS** 13489 **CMP** 294 **Altitude (m)** 274 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** chã/encosta **] Caracterização Conservação** destruída



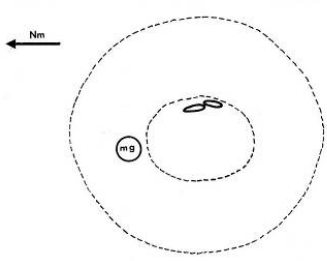
Descrição vestígios de mamoa, talvez arrasada pela lavoura, evidenciada por mancha de dispersão de pequenas placas de metassedimentos quartzo. Neste local foi encontrada uma estela antropomórfica diademada. Nas proximidades foi achada uma estela de guerreiro **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** metassedimentos e quartzo **diâmetro (s)** não foi medida devido à dispersão de materiais **altura (m)** muito baixa **] Espólio [objectos rituais**

fragmento de estela decorada **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1998); Cardoso (2011a, 2011b) **Documentação gráfica** vista do sítio (AEAT, 1996), desenhos da estela (Cardoso, 2011a); desenho da estela de guerreiro (Henriques, Chambino & Caninas, 2012).



4107.OVELHEIROS

Identificação e localização **Referência** 4107 **Topónimo** Ovelheiros (vg), Abelheiros (o nome Ovelheiros é uma corrupção do termo original Abelheiros) **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN116 **CNS** 22458 **CMP** 306 **Altitude (m)** 410 **Implantação [geologia** cascalheiras e areias (Formação de Falagueira) **morfologia** planalto **] Caracterização Conservação** razoável **Descrição** mamoa bem destacada acima do solo, com cratera central, de contorno elíptico, na qual emergem os topos de dois esteios. Sobre a mamoa foi instalado um vértice geodésico **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** dois **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** nd **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano, metassedimentos e areias **diâmetro (s)** 16,90 m (eixo norte-sul) e 15,20 m (eixo este-oeste) **altura** 1,35 m **] Espólio [pedra polida** dois instrumentos **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** esboço de planta e vista do sítio (1993).

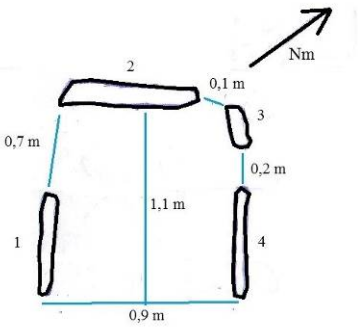




4108.PASTEIRA 1

Identificação e localização **Referência** 4108 **Topónimo** Pasteira **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** na **CNS** 13466 **CMP** 306 **Altitude (m)** 275 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo) **morfologia** chã **] Caracterização Conservação** razoável **Descrição** pequena câmara rectangular, aberta (provavelmente uma cista a que falta esteio no lado sudeste), envolvida por *tumulus* baixo. Oculto por vegetação arbustiva **Câmara [tipo** rectangular **nº de esteios** quatro **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** esteios (comprimento x altura x espessura, em cm): 1 (60 x 15 x 5); 2 (70 x 25 x 10); 3 (30 x 20 x 10); 4 (50 x 13 x 5) **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano **diâmetro (s)** 5,8 m (eixo norte-sul) e 5,35 m (eixo este-oeste) **altura (m)** nd **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1998) **Documentação gráfica** vista da cista (1998) e esboço de planta.

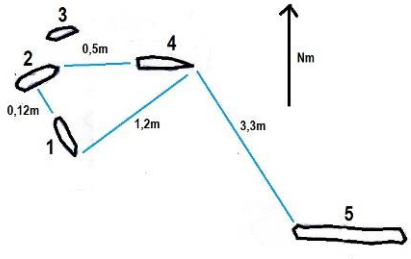




4109.PASTEIRA 2

Identificação e localização **Referência** 4109 **Topónimo** Pasteira **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** na **CNS** 13467 **CMP** 306 **Altitude (m)** 270 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Rosmaninhal) **morfologia** chã **] Caracterização Conservação** bom **Descrição** estrutura funerária ortostática constituída aparentemente por câmara e corredor, envolvidos por *tumulus* baixo oculto por vegetação arbustiva **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** quatro **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** esteios (comprimento x altura x espessura, em cm): 1 (30 x 8 x 5); 2 (40 x 33 x 10); 3 (10 x 8 x 5); 4 (60 x 20 x 8) **] Corredor [tipo** nd **nº de esteios** um **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** esteio 5 (90 x 25 x 15 **] Mamoa [composição** quartzo filoniano **diâmetro (s)** 8,0 m (eixo norte-sul) e 9,0 m (eixo este-oeste) **altura (m)** baixa**] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1998) **Documentação gráfica** vista do sítio, ao fundo, no interior da vegetação (1998) e esboço de planta.





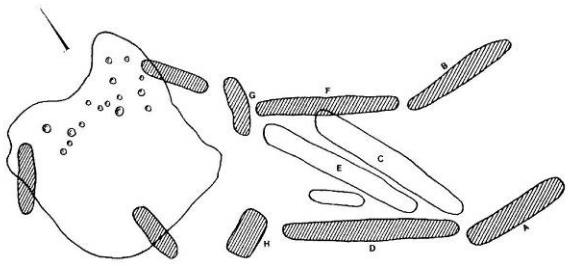
4110.PEDRA D´ANTA

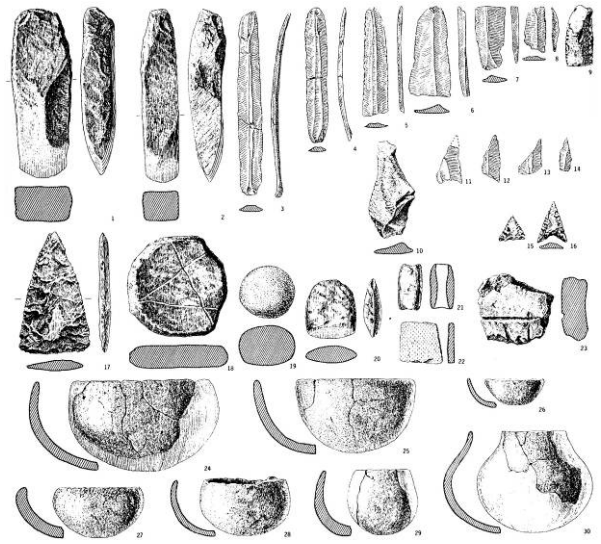
Identificação e localização **Referência** 4110 **Topónimo** Pedra d´Anta ou Anta Grande de Medelím **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Medelím **Nº AEAT** na **CNS** 3939 **CMP** 258 **Altitude (m)** indeterminada **Implantação [geologia** granito biotítico com plagioclase cálcica (rochas magmáticas intrusivas tardi a pós-orogénicas) **morfologia** indeterminada **] Caracterização Conservação** provavelmente destruída **Descrição** estrutura ortostática, em granito, com câmara e corredor diferenciados em planta e perfil, e eventualmente um átrio. Conservava, no início do séc. XX, uma imponente laje de cobertura com gravações na face superior. Ao circuito da câmara já faltavam diversos esteios. Além da planta elaborada por Félix Alves Pereira, aquando da escavação que ali fez em 1904 (Pereira, 1933), existe outra, de 1905, da autoria de Proença Jr (Ferreira, 2004:13), com diferenças sensíveis em relação à primeira. O investigador que dispensa particular atenção aos aspectos construtivos do monumento, quanto ao modo de fundação dos esteios, à presença de pavimento de barro amassado, integrando seixos, que o autor radica a 6 km de distância, no rio Ponsul, a um provável desnivelamento do piso do espaço funerário, entre o corredor e a câmara, onde seria mais baixo, ou a circunstância de ter servido como cabana em época posterior, uso que ilustra com a presença de artefactos históricos; tal atenção é bem patente na seguinte passagem do texto citado (Pereira, 1933:54): *"no decurso dos trabalhos de desentulho, pude observar que esses monólitos assentavam directamente sobre a piçarra de contextura lamelar do subsolo, tendo a sua base, principalmente da pedra H* [o esteio-ombreira que ladeia a entrada da câmara no lado meridional]*, sido reforçada por calços de pedra introduzidos na rocha, e encobertos pela camada de barro que pavimentava o monumento. Esta circunstância indica segundo me parece, que para o equilíbrio de tais pedras era necessária a existência de um tumulus de terra, a que se encostassem. Mesmo dentro da cripta, o subsolo não foi escavado; o monumento não tinha em rigor alicerces."* A seguir à câmara o corredor, orientado a SE, é definido por dois longos esteios, entre os quais existem tombados três esteios (tampas). Em alinhamento aos dois esteios do corredor seguem-se dois outros, igualmente longos mas inflectidos para Norte (eventual átrio). O espólio recolhido, tanto na câmara como no corredor e no *tumulus* envolvente, em resultado dos revolvimentos, e reutilizações, que o enchimento sofreu ao longo dos tempos, é diversificado, incluindo indústria lítica, lascada, polida e afeiçoada, cerâmica, lisa, elementos de adorno e materiais osteológicos. Também regista a ocorrência de *tegulae*, tijolos e vidros que conecta com uma antiga habitação sobre o monumento. O escavador representa diversos tipos de gravações na tampa da câmara funerária, quinze covinhas de diferentes diâmetros, cinco cruciformes e uma figura semicircular. Proença Jr (1910) chama-lhe Anta Grande por oposição à Anta Pequena que existia também nas proximidades de Medelím e que estava reduzida a um esteio. Segundo informantes locais o monumento situava-se perto de caminho público hoje transformado em percurso pedestre, perto de uma casa, e terá sido mandado destruir por uma proprietária, em data não especificada. Não foi possível reconhecer o sítio, acerca do qual são contraditórias as informações disponíveis. O seu escavador (Pereira, 1933) informa que se situa "numa pequena eminência de terreno, donde aliás se descobre um largo horizonte", cerca de 1 km a SSE do vg Barriga (que se admite seja o actual Curral do Barriga). Leisner & Kalb (1998) indicam uma posição cerca de 500 m para SE da anterior. Outro autor (Ferreira, 1978) coloca o monumento a norte do vg citado na cota 427 m. **Câmara [tipo**

hipoteticamente poligonal **nº de esteios** cinco (circuito incompleto) e uma tampa **materiais** granito **dimensões** 4,2 m de eixo **] Corredor e átrio [tipo** conjunto longo **nº de esteios** quatro (em 1904), dois de cada lado, e três tampas **materiais** granito **dimensões** 6,0 m de comprimento, 2,0 m de largura no corredor e 2,4 m no átrio **] Mamoa [composição** terra **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **] Espólio [pedra lascada** sete lâminas ou fragmentos, cinco geométricos, duas pontas de seta (recta e côncava), uma alabarda, em sílex, outras **pedra polida** dois machados e uma enxó **percutor** um disco em quartzito de faces paralelas erodidas e bordo percutido **adornos** duas contas de matéria verde **cerâmica** quatro vasos hemisféricos, uma taça em calote, dois vasos globulares **metal** eventual fragmento de machado liso de cobre ou bronze, no exterior **ossos** alguns fragmentos **] Fontes de informação** Proença Jr (1910); Pereira (1933); Almeida & Ferreira (1956a); Ferreira (1978); Ferreira (2004); Batista (1983); Leisner (1998) **Documentação gráfica** planta e espólio recolhido (Leisner, 1998), vistas do monumento (seg. F. Tavares de Proença Jr no arquivo do Museu homónimo).









4111.PIORNAL

Identificação e localização Referência 4111 **Topónimo** Piornal **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** na **CNS** 22520 **CMP** 306 **Altitude (m)** 347 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** lomba **] Caracterização Conservação** indeterminada **Descrição** estrutura de planta subcircular evidenciada por alinhamento de seis pequenas lajes de metassedimentos fincadas verticalmente no solo, pouco salientes e dispostas em arco. Correspondem ao lado oeste da estrutura. Observa-se uma sobreelevação linear (divisão de propriedade) constituída por várias lajes de metassedimentos e clastos de quartzo. Podem equiparar-se às cabanas do Monte de São Domingos (Bronze Final) **Câmara [tipo** semicircular **nº de esteios** seis **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** comprimento dos esteios (em cm): (1) 30; (2) 50; (3) 30; (4) 30; (5) 22. A distância entre os esteios 1 e 6 é 2,6 m **] Corredor [** ni **] Mamoa [** ni **] Espólio [pedra afeiçoada** fragmento de pequeno dormente em metagrauvaque **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (2004) **Documentação gráfica** vista de um alinhamento de três lajes fincadas no solo.



4112.POÇO DO CAMPINHO

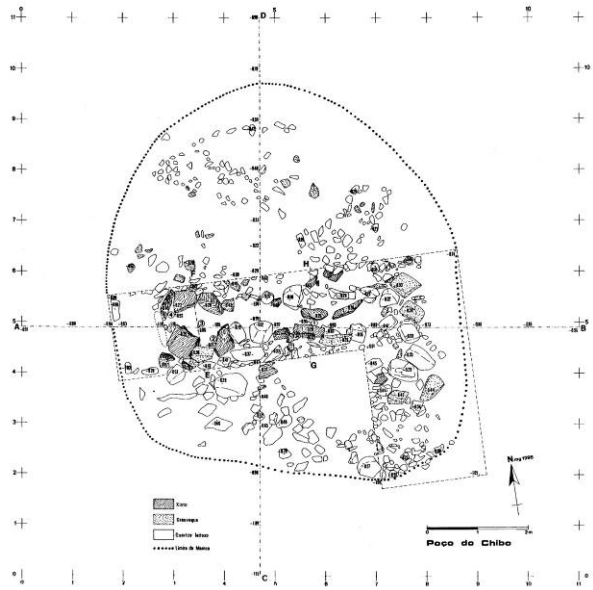
Identificação e localização Referência 4112 **Topónimo** Poço do Campinho, Fonte do Lobo **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN118 **CNS** 22547 **CMP** 294 **Altitude (m)** 290 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo)

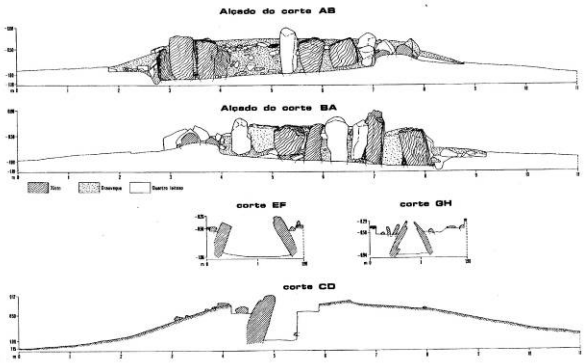
morfologia lomba **] Caracterização Conservação** indeterminada **Descrição** a fonte caracteriza esta ocorrência como sendo um amontoado (malhão) de blocos de rocha metassedimentar no meio dos quais parece existir um esteio em posição subvertical. Este amontoado está sobre uma pequena elevação aventada como hipotética mamoa. A presença de quartzo filoniano é escassa e em volta ocorrem afloramentos de rocha. Deve encarar-se com reservas a sua qualificação como sepultura pré-histórica **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [** nd **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** vista do sítio (1991).



4113.POÇO DO CHIBO 1

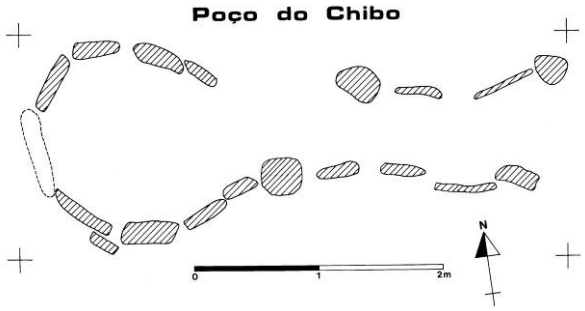
Identificação e localização Referência 4113 **Topónimo** Poço do Chibo, Fazendão **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN120 **CNS** 13469 **CMP** 306 **Altitude (m)** 292 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Rosmaninhal) **morfologia** cabeço **] Caracterização Conservação** razoável **Descrição** pequena estrutura funerária ortostática constituída por câmara e corredor bem diferenciados em planta. Na câmara, de planta sub-circular originalmente constituída de nove esteios, muito inclinados para o interior, faltava o de cabeceira. O corredor, orientado a SE 100º ao Norte, seria constituído originalmente por dez esteios, dos quais nove impostos, mas muito inclinados para o interior. Documentaram-se esteios talhados em quartzo filoniano, em geral espessos e com configuração alongada, mais parecendo pequenos pilares. Os esteios do corredor divergem na parte terminal sugerindo a existência de um átrio, cuja presença, associada a condenação com blocos de quartzo filoniano, não foi confirmada em escavação. A mamoa tem configuração subcircular muito irregular, devido à lavoura. Na metade sul parece estar delimitada por coroa de blocos de quartzo e de metassedimentos de maiores dimensões, como que configurando, aparentemente, um anel lítico interno. A escavação permitiu identificar um conjunto escasso de artefactos líticos e três recipientes cerâmicos reduzidos a um fragmento cada. Os artefactos recolhidos no interior do monumento estavam confinados à câmara. Na câmara e no corredor foram recolhidos inúmeros fragmentos de cristais de quartzo, em geral de pequenas dimensões, que se constatou serem provenientes da desagregação dos esteios de quartzo leitoso. No exterior do monumento foram recolhidos alguns materiais com interesse arqueológico. Cerca de 65,00 m a leste da mamoa existe um bloco em forma de garupa com uma face insculturada (ver figura seguinte) com um motivo esquemático muito compartimentado e com círculos associados. No local existem diversos blocos de metassedimento que podem configurar uma estrutura de interesse arqueológico, conecto com a rocha em questão. Foi escavado em 1998 no âmbito do Projecto ALTEJO. Proença Jr (1910) refere uma mamoa em Alares, destruída e na qual foram achados dois dos quatro instrumentos de pedra polida que existem no Museu de Castelo Branco com esta procedência. Os monumentos reconhecidos nas proximidades de Alares além de Poço do Chibo 1, o melhor conservado, são Alares 1, Alares 2, Mané e Poço Ludro. Pode ser um destes o monumento referido ou outro monumento não reconhecido. **Câmara [tipo** subcircular **nº de esteios** oito *in situ* faltando o de cabeceira **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** c. 1,4 m de diâmetro **] Corredor [tipo** longo **nº de esteios** nove *in situ*, incompleto no lado norte **materiais** metassedimentos e quartzo filoniano **dimensões (m)** c. 2,40 m de comprimento e 0,60 m de largura mínima **] Mamoa [composição** quartzo filoniano, metassedimentos e terra **diâmetro (s)** 8,20 m e 7,50 m ver documentação gráfica **altura (m)** 0,95 m **] Espólio [** recolhido em escavação **pedra lascada** dois calhaus rolados, talhados, em quartzito, ambos no exterior do monumento, um geométrico, em sílex **pedra polida** um escopro, em anfibolito, no exterior **pedra afeiçoada** fragmentos de dormentes e moventes de mó manual, em metassedimento, no exterior, quatro fragmentos de amoladeira, em metassedimento, três no interior e um no exterior **percutor** globular, em quartzo filoniano, no exterior **cerâmica** três fragmentos de bordos de recipientes, um no exterior e dois no interior (taça e globular) **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993); Caninas *et al.* (1998); Cardoso *et al.* (2003); Proença Jr (1910); Leisner & Kalb (1998) **Documentação gráfica** imagens em sequência: cortes e planta geral e cortes no final da escavação, planta simplificada do monumento, materiais recolhidos durante a escavação, vista da mamoa no início da escavação, vista da câmara funerária tomada de ocidente, estela insculturada (Caninas *et al., 1998*).

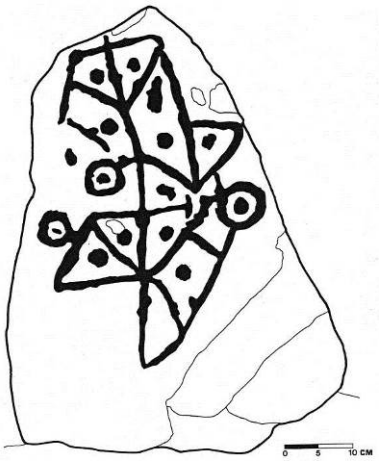


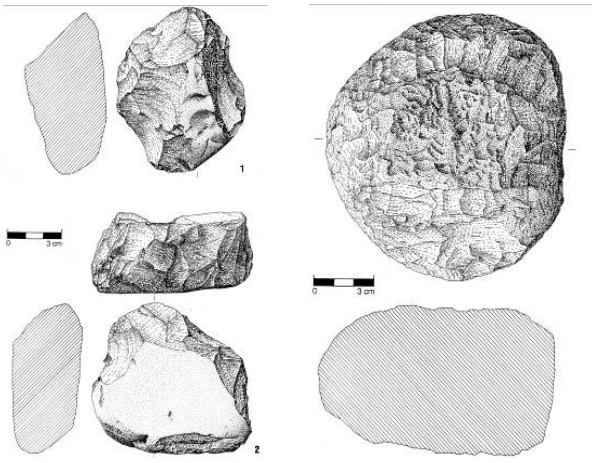


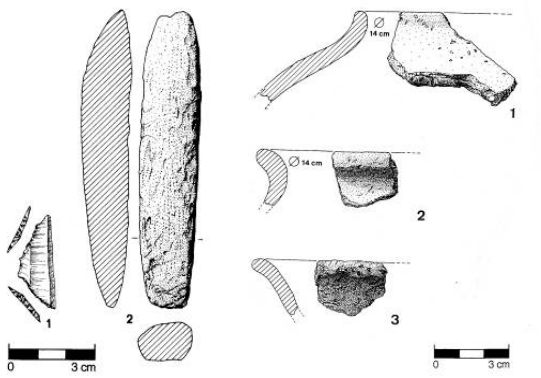










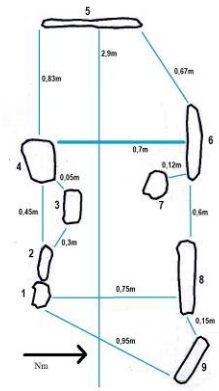


4114.POÇO DO CHIBO 2

Identificação e localização **Referência** 4114 **Topónimo** Fonte do Poço do Chibo **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** na **CNS** 13469 **CMP** 306 **Altitude (m)** 295 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Rosmaninhal) **morfologia** cabeço **] Caracterização** **Conservação** bom **Descrição** câmara ortostática subrectangular (ou cista incompleta) envolvida por mamoa. Alongada na direcção este-oeste **Câmara [tipo** subrectangular **nº de esteios** nove **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** (comprimento x altura x espessura, em cm) 1 e 2 (50 x 15 x 13); 3 (33 x 10 x 20); 4 (43 x 15 x 20); 5 cabeceira (68 x 25 x 19); 6 (65 x 28 x 10); 7 (22 x 13 x 20); 8 (65 x 28 x 13); 9 (40 x 8 x 11). Comprimento total da câmara: 2,9 m Largura da câmara: 0,75 m (á entrada); 0,70 (zona intermédia) **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano **diâmetro (s)** 9,3 m (eixo norte-sul) e 8,7 m (eixo este-oeste) **altura (m)** nd **] Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1998)

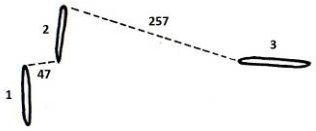
Documentação gráfica vista do monumento e esboço de planta (1998).





4115.POÇO LUDRO

Identificação e localização **Referência** 4115 **Topónimo** Poço Ludro, Ferrenha **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN121 **CNS** 22459 **CMP** 306 **Altitude (m)** 324 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Rosmaninhal) **morfologia** rechã **] Caracterização Conservação** mau **Descrição** vestígios de estrutura ortostática com três esteios aflorantes, correspondendo, aparentemente a câmara e corredor. A mamoa terá sido reduzida em área com colocação de clastos sobre a estrutura ortostática **Câmara [tipo** indeterminado **nº de esteios** dois **materiais** metassedimentos **dimensões** (comprimento x altura x espessura, em cm): 1 (40 x 23 x 8); 2 (40 x 22 x 5) **] Corredor [tipo** indeterminado **nº de esteios** um **materiais** metassedimentos **dimensões** (comprimento x altura x espessura, em cm): 3 (60 x 5 x 13) **] Mamoa [composição** quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro (s)** nd **altura** 0,63 m **] Espólio [pedra polida** um fragmento de instrumento **pedra afeiçoada** dois fragmentos de moventes de moinho manual, em metassedimento, e um movente esferóide **metais** uma moeda de Filipe V, de 1737 **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** esboço de planta e vista do sítio (1989).



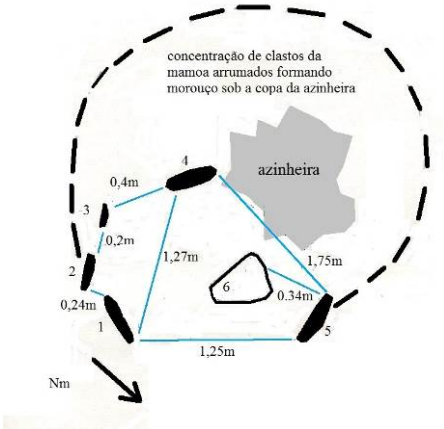


4116.QUEIJEIRA VELHA

Identificação e localização **Referência** 4116 **Topónimo** Queijeira Velha **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** na **CNS** 13470 **CMP** 294 **Altitude (m)** 310 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo) **morfologia** rechã **] Caracterização Conservação** razoável **Descrição** câmara funerária ortostática conservada junto à base de uma azinheira, envolvida por mamoa **Câmara [tipo** poligonal **nº de esteios** seis **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** (comprimento x altura x espessura, em cm): 1 (35 x 14 x 4); 2 (35 x 15 x 4); 3 (14 x 10 x 3); 4 (36 x 19 x 10); 5 (35 x 22 x 8); 6 solto (44 x 60 x 10) **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** terra, quartzo filoniano **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1998) **Documentação gráfica** vista do sítio (na primeira imagem sob a azinheira situada na parte da fotografia) e esboço de planta (1998).







4117.RIBEIRO DO GAVIÃO

Identificação e localização **Referência** 4117 **Topónimo** Ribeiro do Gavião **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 294 **Altitude (m)** 232 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo) **morfologia** cabeço] **Caracterização Conservação** razoável **Descrição** estrutura ortostática evidenciada por seis pequenos esteios pouco destacados acima do solo **Câmara [tipo** poligonal **nº de esteios** seis **materiais** metagrauvaque **dimensões (m)** nd **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro (s)** 4,8 m (eixo norte-sul) e 4,5 m (eixo este-oeste) **altura (m)** nd **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1998) **Documentação gráfica** vista do monumento (1996).

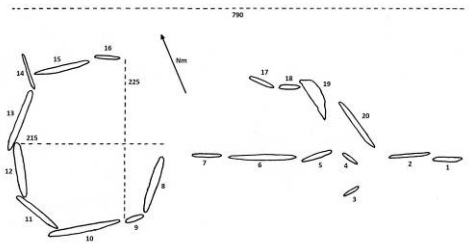


4118.SAMARRUDO 1

Identificação e localização **Referência** 4118 **Topónimo** Samarrudo (vg), Monte das Cubeiras **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN125 **CNS** 13473 **CMP** 305 **Altitude (m)** 313 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo)



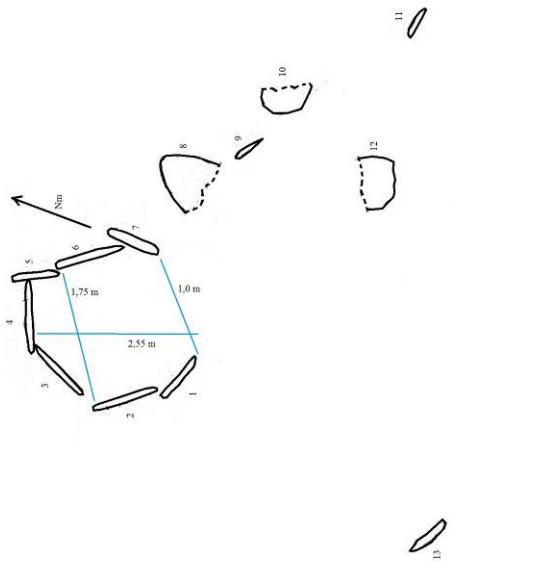
morfologia cabeço **] Caracterização Conservação** razoável **Descrição** ortostática com câmara e corredor, bem diferenciados em planta e em perfil e atingindo um comprimento total de 7,90 m. O corredor está orientado 99º em relação ao Norte. O vértice geodésico homónimo foi construído atrás da cabeceira da câmara **Câmara [tipo** poligonal **nº de esteios** oito (circuito incompleto) e um lateral **materiais** metassedimentos **dimensões** esteios (largura x altura x espessura, em cm): 8 (110 x 4 x 21); 9 (40 x 43 x 6); 10 (130 x 100 x 14); 11 (95 x 87 x 11); 12 (100 x 85 x 20); 13 (110 x 9 x 18); 14 (70 x 28 x 8); 15 (100 x 80 x 18); 16 (45 x 17 x 4) **] Corredor [tipo** longo, eventualmente com átrio **nº de esteios** dez e um lateral **materiais** metassedimentos **dimensões** esteios (largura x altura x espessura, em cm): 1 (50 x 11 x 15); 2 (70 x 10 x 7); 3 (29 x 7 x 12); 4 (27 x 4 x 7); 5 (50 x 12 x 7); 6 (120 x 19 x 10); 7 (50 x 25 x 7); 17 (41 x 18 x 6); 18 (35 x 8 x 8); 19 (80 x nd x 30); 20 (110 x 12 x 16) **] Mamoa [composição** quartzo filoniano, quartzito (rolado) e metassedimentos **diâmetro (s)** 19,0 m e 16,20 m **altura** 1,65 m **] Espólio [pedra lascada** três lascas em quartzito e uma em sílex com córtex **pedra polida** uma enxó **cerâmica** três fragmentos **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993); Hoskin & Henriques (1998) **Documentação gráfica** esboço de planta e vista do monumento (1989).



4119.SAMARRUDO 2

Identificação e localização **Referência** 4019 **Topónimo** Samarrudo **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 305 **Altitude (m)** 282 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo) **morfologia** lomba **] Caracterização Conservação** bom **Descrição** câmara ortostática poligonal, com pelo menos oito esteios, e corredor longo. O corredor está evidenciado por dois esteios *in situ* e três soltos. A estrutura funerária central está envolvida por mamoa com anel de contenção periférica definido por lajes de metassedimentos fincadas verticalmente nos solo e razoavelmente conservado. Na área nor-nordeste observa-se um duplo anel de contenção. **Câmara [tipo** poligonal **nº de esteios** sete **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** da câmara (comprimento x largura, em m): 2,55 x 1,75; dos esteios (largura x altura x espessura, em cm): 1 (100 x 60 x 10); 2 (50 x 120 x 10); 3 (155 x 110 x 15); 4 (120 x 90 x 10); 5 (130 x 60 x 15); 6 (120 x 130 x 10); 7 não foi medido **] Corredor [tipo** longo **nº de esteios** dois *in situ* e três soltos **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** ver planta **] Mamoa [composição** quartzo filoniano, metassedimentos e quartzito (rolado) **diâmetro (s)** 14,0 m (eixo longitudinal câmara-corredor) e 12,5 m (eixo transversal à câmara) **altura (m)** cerca de 1,0 m **] Espólio [pedra afeiçoada** dormente de moinho manual em metassedimento **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1996); Hoskin & Henriques (1998) **Documentação gráfica** vista do monumento e esboço de planta.





4120.SANTA CATARINA

Identificação e localização **Referência** 4120 **Topónimo** Santa Catarina (Antinha é um topónimo próximo) **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Ladoeiro **Nº AEAT** na **CNS** 13411 **CMP** 293 **Altitude (m)** 167 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** chã ou peneplanície **]** **Caracterização** **Conservação** destruída **Descrição** vestígios de mamoa evidenciados por dispersão localizadas de clastos de diferentes litologias e ligeira sobreelevação do terreno. Foi arrasada pela lavoura. Situa-se a norte da capela de Santa Catarina e do monte da Antinha **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** terra, quartzo filoniano, granito e metassedimentos **diâmetro (s)** não foi medida devido à dispersão de clastos **altura (m)** nd **Espólio [pedra polida** um instrumento em anfibolito **pedra afeiçoada** dois fragmentos de dormente de moinho manual, em granito, e um fragmento de movente em granito grão fino **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1998) **Documentação gráfica** vista do sítio.



4121.SÃO FELIZES

Identificação e localização **Referência** 4121 **Topónimo** São Felizes **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** na **CNS** 22525 **CMP** 306 **Altitude (m)** 362 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** cumeada **]** **Caracterização** **Conservação** destruída **Descrição** mamoa evidenciada por grande quantidade de calhaus rolados, de quartzito, e escassos clastos de metassedimentos. Situa-se no interior de um tufo de arvoredo denso (azinheiras e carrasqueiros), em área de olival, imediatamente a sul do caminho de cumeada que liga o vértice geodésico de Ovelheiros ao de São Felizes **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quartzito (rolado) **diâmetro (s)** 7,2 m (eixo norte-sul) e 6,4 m (eixo este-oeste) **altura (m)** cerca de 1,0 m] **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (2004) **Documentação gráfica** vista do sítio.



4122.SÃO GENS

Identificação e localização **Referência** 4122 **Topónimo** São Gens **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** São Miguel de Acha **Nº AEAT** na **CNS** 13481 **CMP** 269 **Altitude (m)** 260 **Implantação [geologia** granito **morfologia** rechã **]** **Caracterização** **Conservação** destruído **Descrição** mamoa de dimensão elevada com depressão central onde se observavam alguns esteios da estrutura funerária. Após a descoberta foi totalmente destruída por projecto hidro-agrícola, com modelação do terreno e instalação de um *pivot* de rega **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** três **materiais** granito **dimensões (m)** dos esteios (comprimento x altura x espessura, em cm): 1 (120 x 70 x 20); 2 (nd); 3 solto e forma paralelepipédica (45 x 50 x 42) **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** terra e granito **diâmetro (s)** 28,5 m (eixo norte-sul) e 30,7 m (eixo este-oeste) **altura (m)** 1,7 m **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1998) **Documentação gráfica** vista panorâmica do sítio após destruição (2015).



4123.SÃO PEDRO

Identificação e localização **Referência** 4123 **Topónimo** Sapateiras **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Segura **Nº AEAT** IN135 **CNS** 22466 **CMP** 294 **Altitude (m)** 228 **Implantação [geologia** no limite de depósito de arenitos

(Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** chã / terraço **] Caracterização Conservação** mau **Descrição** vestígios de mamoa evidenciada por montículo e por uma acumulação (morouço) de clastos na parte central devido a despedrega decorrente do uso agrícola do solo. Não se observam esteios. Fica cerca de 500 m a esnordeste da capela de São Pedro **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro (s)** 16,00 m e 14,00 m **altura** 1,00 m **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** vista do sítio (1989).



4124.SAPATEIRAS

Identificação e localização Referência 4124 **Topónimo** Sapateiras **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Penha Garcia **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 271 **Altitude (m)** 470 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de



Perais) **morfologia** rechã (de acordo com a fonte) **] Caracterização Conservação** aparentemente bom (dados de 1991) **Descrição** *tumulus* com depressão pouca acentuada na parte central. Não se observam esteios **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzito e terra **diâmetro (s)** 16,00 m **altura (m)** nd **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Sousa (1991) **Documentação gráfica** não disponível.

4125.SERRINHA 1

Identificação e localização Referência 4125 **Topónimo** Serrinha **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** União de Freguesias de Zebreira e Segura **Nº AEAT** na **CNS** 30464 **CMP** 295 **Altitude (m)** 329 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo) **morfologia** cumeada **] Caracterização Conservação** mau **Descrição** vestígios de mamoa evidenciados por concentração de clastos de quartzo filoniano e de rocha metassedimentar sob o vértice geodésico Serrinha. Estes vestígios estão reduzidos a uma estreita faixa, de configuração oval, moldada por maquinaria pesada **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro (s)** 5,5 m (eixo este-oeste) e 4,0 m (eixo norte–sul) **altura (m)** nd **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** inédito (AEAT) **Documentação gráfica** vista do sítio.

4126.SERRINHA 2

Identificação e localização Referência 4126 **Topónimo** Serrinha **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** União de Freguesias de Zebreira e Segura **Nº AEAT** na **CNS** 30463 **CMP** 295 **Altitude (m)** 320 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Malpica do Tejo) **morfologia** cumeada **] Caracterização Conservação** destruído **Descrição** vestígios de uma estrutura ortostática e mamoa muito danificadas pela actividade florestal. Observam-se os topos de dois esteios e uma sobreelevação de terra e clastos a qual se prolonga, para sul, em forma de mota, numa extensão de cerca de 20m, ao longo da margem do caminho. Os clastos são de quartzo filoniano, com blocos periféricos de maiores dimensões, e de metassedimentos, alguns dos quais de dimensão mais elevada (esteios arrancados). **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** dois **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** dos esteios (altura x largura x espessura, em cm): 1 (150 x 55 x 15); 2 (120 x 50 x 15) **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** inédito (AEAT) **Documentação gráfica** vista do sítio.



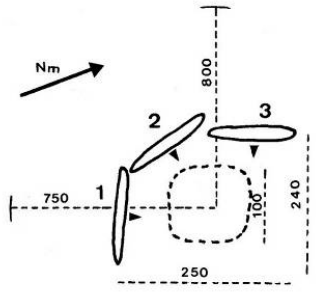
4127.TÁBUA

Identificação e localização Referência 4127 **Topónimo** Tábua (Monte da) **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Zebreira **Nº AEAT** na **CNS** 14932 **CMP** 282 **Altitude (m)** 245 **Implantação [geologia** areias arcósicas de Silveirinha de Figos (a confirmar) **morfologia** encosta (a confirmar) **] Caracterização Conservação** aparentemente razoável **Descrição** de acordo com a descrição disponível na base de dados Endovélico "a mamoa está bem destacada, apresenta-se coberta de blocos de quartzo leitoso e xisto. São visíveis os esteios da câmara e do corredor. Quer a câmara quer o corredor revelam uma acentuada depressão resultante de remeximentos". Deve ser uma das mamoas referidas nesta área por Almeida & Ferreira (1971). A localização resultante do reconhecimento efectuado por

técnicos do Estado em 2000 coloca o monumento cerca de 2 km a leste do Monte da Lomba da Moita sobre a margem esquerda da ribeira do Aravil. Ao contrário, Leisner (1998) colocam este monumento sobre a margem direita da ribeira do Aravil, cerca de 1 Km a ocidente do Monte da Tábua, a menos que seja outro dos vários referidos neste vale. O Endovélico refere outra mamoa nesta zona com o topónimo Terra de Ereus (CNS 10376) citada por Alves Pereira (1933:57), junto à Granja de São Pedro do Aravil **Câmara [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões** nd **] Corredor [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões** nd **] Mamoa [tipo** nd **composição** quartzo e metassedimentos **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Almeida & Ferreira (1971); Leisner & Kalb (1998) **Documentação gráfica** não disponível.

4128.TAPADA DA ORDEM 1

Identificação e localização Referência 4128 **Topónimo** Tapada da Ordem **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN138 **CNS** 22475 **CMP** 306 **Altitude (m)** 275 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Rosmaninhal) **morfologia** chã **] Caracterização Conservação** mau (câmara e corredor) e razoável (mamoa) **Descrição** restos da estrutura ortostática de uma câmara com três esteios bem destacados acima do solo e inseridos numa mamoa razoavelmente conservada em área mas reduzida em altura. No centro da câmara observa-se um cavidade de violação. O corredor embora não estando visível foi orientado 106º em relação ao Norte, talvez a partir do esteio de cabeceira. Proença Jr (1910) refere a existência de três antas nas proximidades da povoação de Rosmaninhal. Leisner & Kalb (1998) citando a fonte colocam as referidas antas 2 km a oeste da povoação mas nessa área apenas conhecemos mamoas sem câmaras funerárias destacadas (antas). Ao contrário, na Tapada da Ordem, 2 km a sul, existem restos de três estruturas ortostáticas, impressivas, que teriam captado mais facilmente a atenção dos investigadores **Câmara [tipo** poligonal **nº de esteios** três (circuito incompleto) **materiais** metassedimentos **dimensões** esteios (largura x altura x espessura, em cm): 1 (163 x 64 x nd); 2 (152 x 82 x nd); 3 (150 x 130 x nd) **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano e terra **diâmetro (s)** 14,0 m (eixo norte-sul) e 14,20 m (eixo este-oeste) **altura** nd **] Espólio [pedra lascada** fragmento de lâmina em sílex **pedra afeiçoada** dormente de mó manual **cerâmica** dois fragmentos **] Fontes de informação** Proença Jr (1910) Henriques *et al.* (1993); Leisner (1998); Hoskin & Henriques (1998) **Documentação gráfica** esboço de planta e vistas do monumento (1987).



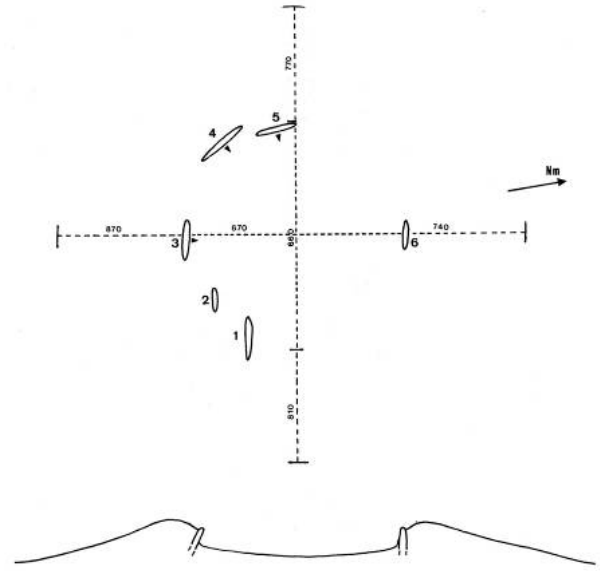


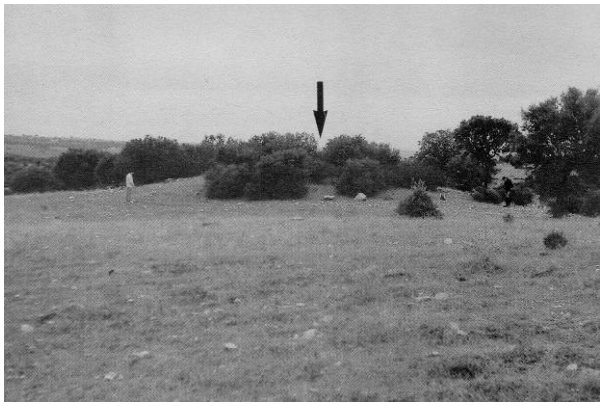


4129.TAPADA DA ORDEM 2

Identificação e localização Referência 4129 **Topónimo** Tapada da Ordem, Fonte da Azinheira **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN139 **CNS** 22477 **CMP** 306 **Altitude (m)** 275 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Rosmaninhal) **morfologia** chã **] Caracterização Conservação** mau (câmara e corredor) e razoável (mamoa) **Descrição** restos da estrutura ortostática de uma câmara ampla, com 6,70 m de diâmetro no eixo transversal, delimitada por esteios pequenos para um vão daquela dimensão. Evidencia profunda e ampla violação do seu enchimento, com um desnível de 1,0 m em relação ao coroamento. Está envolvida por uma mamoa ampla, bem destacada acima do solo e bem conservada em área. Observam-se na periferia clastos de quartzo filoniano e metassedimentos que podem corresponder a anel de contenção. O corredor embora não estando visível foi orientado 114º em relação ao Norte. Este e o monumento anterior (Tapada da Ordem 1) situam-se nos lados opostos de um cabeço **Câmara [tipo** subcircular **nº de esteios** cinco (circuito incompleto) **materiais** metassedimentos **dimensões** esteios (largura x altura x espessura, em cm): 2 (37 x 13 x nd); 3 (75 x 4 x nd); 4 (105 x 33 x nd); 5 (77 x 30 x nd); 6 (62 x 97 x nd) **] Corredor [tipo** indeterminado **nº de esteios** um (circuito incompleto) **materiais** metassedimentos **dimensões** esteios (largura x altura x espessura, em cm): 1 (92 x 20 x nd) **] Mamoa [composição** quartzo filoniano, metassedimentos e terra **diâmetro (s)** 22,80 m (eixo norte-sul) e 22,40 m (eixo este-oeste) **altura** nd **] Espólio [** peças recolhidas pelo Grupo de Estudos e Pesquisas Arqueológicas de Rosmaninhal (relatório de 1978) **pedra lascada** uma ponta de seta pedunculada e dois

geométricos, em sílex **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993); Hoskin & Henriques (1998) **Documentação gráfica** esboço de planta e vista do monumento (1987).

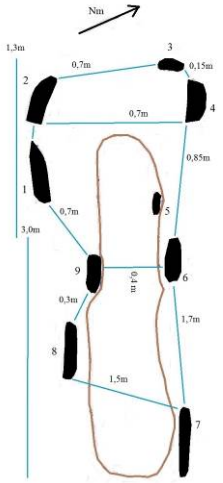




4130.TAPADA DA ORDEM 3

Identificação e localização **Referência** 4130 **Topónimo** Tapada da Ordem **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** na **CNS** 13478 **CMP** 306 **Altitude (m)** 182 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Rosmaninhal) **morfologia** chã **]** **Caracterização** **Conservação** bom **Descrição** estrutura ortostática com câmara e corredor, orientado a N 100º, bem diferenciados em planta e envolvidos por mamoa de terra e quartzo **Câmara [tipo** provavelmente poligonal **nº de esteios** cinco **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** da câmara (comprimento x largura, em cm): 130 x 70; dos esteios (comprimento x altura x espessura, em cm): 1 (40 x 37 x 7); 2 (35 x 26 x 13); 3 (25 x 30 x 6); 4 (25 x 30 x 15); 5 (não foi medido) **]** **Corredor [tipo** longo **nº de esteios** quatro **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** do corredor (comprimento x largura, em cm): 300 x de 40 (entre os esteios 6 e 9) a 1,5 (entre os esteios 7 e 8); dos esteios (comprimento x altura x espessura, em cm): 6 (50 x 40 x 15); 7 (70 x 20 x 5); 8 (50 x 30 x 10); 9 (30 x 50 x 12) **]** **Mamoa [composição** quartzo filoniano **diâmetro (s)** 13,3 m (eixo norte-sul) e 16,9 m (eixo este-oeste) **altura (m)** nd **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1998) **Documentação gráfica** vista da câmara - corredor (1998) e esboço de planta do monumento.

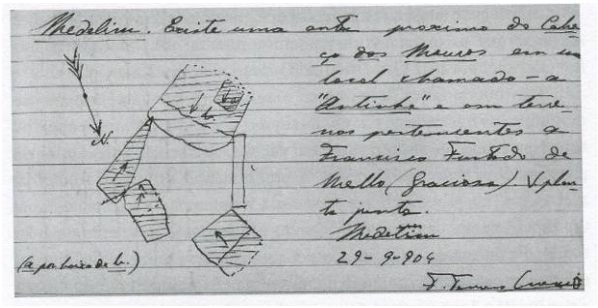




4131.TORRÃO

Identificação e localização **Referência** 4131 **Topónimo** Torrão, Antinha ou Barragem 3 **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Idanha-a-Nova **Nº AEAT** na **CNS** 20208 **CMP** 269 **Altitude (m)** 280 **Implantação [geologia** quartzodioritos e granodioritos biotíticos **morfologia** cabeço **]** **Caracterização** **Conservação** mau (estrutura ortostática), razoável (mamoa) **Descrição** restos de estrutura ortostática definindo câmara delimitada por esteios de formato lajiforme, em rocha magmática, e de altura elevada. Conservam-se dois esteios, um fincado e outro tombado. Em 1904 Tavares Proença desenha a planta desta câmara, de configuração poligonal, com seis esteios, cinco muito inclinados e um em posição vertical (figura seguinte). O estado em que se encontra em 1959 (Almeida & Ferreira) era idêntico ao actual. Esta estrutura era envolvida por uma mamoa de grande dimensão, em planta, com cerca de 50 m de diâmetro, e altura, cerca de 4 m, a qual se confunde morfologicamente com o cabeço sobre o qual foi construída, hoje quase isolado no interior da albufeira da barragem de Idanha. É formada essencialmente por sedimento fino (terra ou argila) e clastos de dimensões, litologias e graus de rolamento variados (quartzo filoniano, quartzito, corneana, metassedimentos, incluindo exemplares muito rolados, de origem fluvial), espalhados, de modo irregular, na encosta da mamoa e na periferia. Em torno do esteio erecto observa-se uma cratera de violação (talvez destinada a facilitar a remoção dos esteios que estavam tombados) que corresponde ao vão da câmara e que se alonga, e estreita, em forma de vala, para ocidente e para oriente. Esta cratera tem cerca de 2 m de profundidade na parte central. Com referência ao esteio central, esta cavidade tem um vão com 16,0 m entre coroamentos na direcção norte-sul e 29,0 m na direcção este-oeste. Embora não seja visível, admite-se que tenha corredor e que este não tenha sido muito danificado pela violação incidente na câmara. Este monumento deve ser o que Proença Jr (1910) considera "imponente pela sua arquitectura" perto do qual obteve uma conta de colar "magnifica, enorme, de calaíte" (Ferreira, 2004) e que localiza perto do Castro dos Mouros. Chama-lhe Anta do Torrão e também Antinha no esboço de planta que legou (figura seguinte) e onde assinala seis esteios. O esteio vertical pode corresponder ao que se observa actualmente em tal posição. Martins Sarmento (1933) também se refere a este monumento embora o coloque erroneamente no cimo

do Cabeço dos Mouros. **Câmara [tipo** poligonal **nº de esteios** dois (em 2015) de seis existentes em 1904 **materiais** granito **dimensões (cm)** (largura x altura x espessura): esteio 1, erecto (170 x 190 x 23 a 40); esteio 2, tombado (130 x 370 x 45) seria originalmente mais largo dado que exibe marcas de guilhos numa aresta longitudinal **]** **Corredor [tipo** nd **nº de esteios** nd **materiais** nd **dimensões** nd **]** **Mamoa [composição** terra, quartzo filoniano, quartzito, corneana, rochas metassedimentares **diâmetro (s)** 48,2 m (eixo norte-sul) e 49,5 m (eixo este-oeste) **altura (m)** c. 4,0 m **]** **Espólio [pedra polida** um machado de anfibolito (Santos, 2000) **adornos** conta, de ágata (Ferreira, 2004:150) **]** **Fontes de informação** Proença Jr (1910); Sarmento (1933); Almeida & Ferreira (1959); Ferreira (1978); Leisner (1998); Santos (2000); Ferreira (2004); Antunes (2008) **Documentação gráfica** planta de Proença Jr (Antunes, 2008); vistas panorâmicas do monumento e dos esteios da câmara (2015).







4132.TORRÃOZINHO 1

Identificação e localização **Referência** 4132 **Topónimo** Torrãozinho (Arraial do) **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Idanha-a-Nova **Nº AEAT** na **CNS** 20209 **CMP** 269 **Altitude (m)** 270 **Implantação [geologia** quartzodioritos e granodioritos biotíticos **morfologia** encosta com pendente orientada na direcção noroeste-sudeste **]**



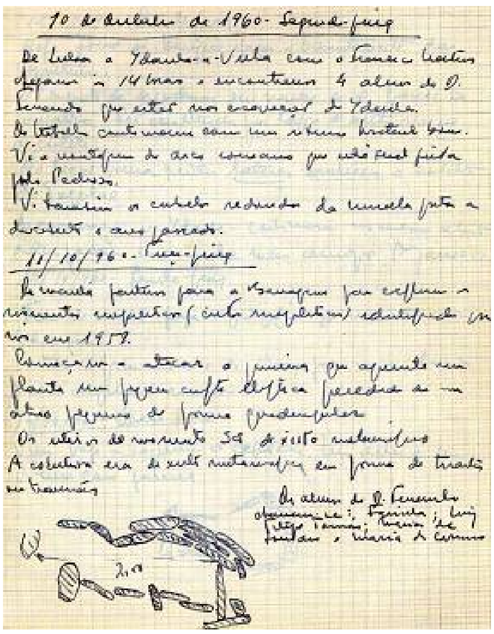


Caracterização **Conservação** mau **Descrição** câmara ortostática reduzida a um esteio erecto, longilíneo, de secção elíptica, dois outros fincados no solo, mas fragmentados, e outros esteios soltos, lajiformes, incluindo um com uma pequena cavidade elíptica de paredes erodidas (moagem). Estes esteios estão envolvidos por uma plataforma de terra e pedras (blocos de variadas dimensões), de configuração subcircular, sobreelevada em relação ao terreno. Pode corresponder a restos de subestrutura interna da mamoa. Na zona envolvente desta plataforma observa-se uma variação na coloração da vegetação herbácea a qual pode indiciar, eventualmente, a amplitude da mamoa. Este monumento foi revelado por A. Santos (2000). Veiga Ferreira (1978:234) refere que "a sul do marco geodésico Torrão [...] vêem-se várias pequenas sepulturas megalíticas exploradas por nós mas sem espólio. Existem também nesta área e em poderosas mamoas duas grandes antas todas destruídas e exploradas não sabemos por quem em épocas recuadas Talvez provenham daqui alguns dos objectos que se encontram no Museu Lapidar da Egitânia e entre eles as placas de xisto que estudamos há anos atrás." Uma dessas mamoas será a do Torrão mas a outra não pode corresponder ao monumento que estamos a caracterizar apesar de corresponder a uma câmara e dimensão elevada. **Câmara [tipo** indeterminado **nº de esteios** três (em 2015) fincados no solo e outros soltos **materiais** granito **dimensões (cm)** (largura x altura x espessura): esteio 1, erecto (90 x 210 x 40); esteio 2, tombado (213 x 40 x 45); esteio 3 (155 x 50 x 18); maior afastamento entre topos de

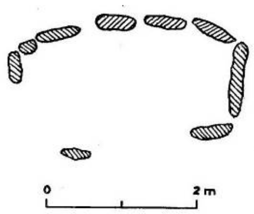
esteios: 350 **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [** terra, granito, corneana, rochas metassedimentares **diâmetro (s)** da plataforma pétrea: 8,9 m (eixo norte-sul) e 9,7 m (eixo este-oeste); da plataforma pétrea e zona residual envolvente indiciada pela vegetação: 25,2 m (eixo norte-sul) e 16,2 m (raio do centro para leste) **altura (m)** c. 1,0 m **] Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Ferreira (1978); Santos (2000) **Documentação gráfica** vistas do monumento (2015).

4133.TORRÃOZINHO 2

Identificação e localização **Referência** 4133 **Topónimo** Torrãozinho (Arraial do) ou Barragem 1 **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Idanha-a-Nova **Nº AEAT** na **CNS** 20206 **CMP** 270 **Altitude (m)** inferior a 260 **Implantação [geologia** quartzodioritos e granodioritos biotíticos **morfologia** encosta **]** **Caracterização** **Conservação** indeterminado **Descrição** de acordo com a planta provisória (Almeida & Ferreira, 1959) trata-se de câmara ortostática, alongada, fechada (cista), de configuração subrectangular, com marcação de cabeceira, mediante esteio mais largo que os restantes. A mamoa estaria arrasada segundo Veiga Ferreira. Contudo, fotografia recente (Vilaça, 2008a), que corresponde a este ou ao monumento seguinte (Torrãozinho 3) evidencia uma mamoa pétrea bem pronunciada. Pode ter sido escavado por Veiga Ferreira em 1960 (Cardoso, 2008a:46) que fornece uma planta diferente da provisória, evidenciando monumento aberto e de menor comprimento. Esta submerso pela albufeira da barragem de Idanha **Câmara [tipo** cista **nº de esteios** nove (incompleta) **materiais** metassedimentos **dimensões** de acordo com a planta menos de 3 m de comprimento **] Corredor [** não tem **]** **Mamoa [** não caracterizada **] Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Almeida & Ferreira (1959); Ferreira (1978); Leisner (1998); Santos (2000); Cardoso (2008a); Vilaça (2008a, 2016) **Documentação gráfica** extracto de diário de campo de O. Veiga Ferreira com planta da escavação deste ou do monumento seguinte em 11 de Outubro de 1960 (Cardoso, 2008a:46); planta provisória do monumento antes de escavação e vista do local (Almeida & Ferreira, 1959); vista recente deste monumento.


10 de Outubro de 1960 - Segunda-feira

11/10/960 - Terça-feira



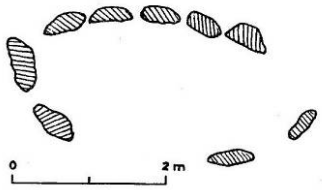




4134.TORRÃOZINHO 3

Identificação e localização **Referência** 4134 **Topónimo** Torrãozinho (Arraial do) ou Barragem 2 **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Idanha-a-Nova **Nº AEAT** na **CNS** 20207 **CMP** 270 **Altitude (m)** inferior a 260 **Implantação [geologia** quartzodioritos e granodioritos biotíticos **morfologia** encosta **]** **Caracterização** **Conservação** indeterminado **Descrição** de acordo com a planta provisória (Almeida & Ferreira, 1959) trata-se de câmara ortostática, alongada, fechada (cista), de configuração elíptica, e estaria mais destruída que a de Torrãozinho 2. A mamoa estaria arrasada segundo Veiga Ferreira. Contudo, fotografia recente (Vilaça, 2008a), que corresponde a este ou ao monumento anterior (Torrãozinho 2) evidencia uma mamoa pétrea bem pronunciada. Pode ter sido escavado por Veiga Ferreira em 1960 (Cardoso, 2008a:46) que fornece uma planta diferente da provisória, evidenciando monumento aberto e de menor comprimento. Está submerso pela albufeira da barragem de Idanha e situa-se perto do anteriormente citado **Câmara [tipo** cista **nº de esteios** onze (incompleta), assinalados em texto e fotografia (Almeida & Ferreira (1959), mas que não correspondem à planta provisória publicada na mesma data **materiais** metassedimentos **dimensões** de acordo com a planta teria quase 4,0 m de comprimento **] Corredor [** não tem **] Mamoa [** não caracterizada **] Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Almeida & Ferreira (1959); Ferreira (1978); Leisner (1998);

Santos (2000); Cardoso (2008a); Vilaça (2008a) **Documentação gráfica** planta provisória do monumento antes de escavação e vista do local (Almeida & Ferreira, 1959).





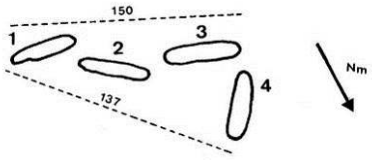
4135.TREMAL 1

Identificação e localização **Referência** 4135 **Topónimo** Tremal, Fonte do Marroio **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN153 **CNS** 6983 **CMP** 294 **Altitude (m)** 332 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** planalto **] Caracterização Conservação** destruída **Descrição** estrutura monticular bem evidenciada apesar do estado de destruição resultante do seu atravessamento por valas de armação do terreno para plantio de eucalipto (a fotografia foi tirada após o corte da plantação) **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **] Espólio [pedra lascada** resto de talhe em quartzo **pedra polida** um instrumento de secção oval **pedra afeiçoada** um movente de moinho manual, em metassedimento, e um fragmento de dormente, em granito **cerâmica** dois fragmentos **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** vista do sítio.



4136.TREMAL 2

Identificação e localização **Referência** 4136 **Topónimo** Tremal, Fonte do Marroio **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN154 **CNS** 6991 **CMP** 294 **Altitude (m)** 336 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** lomba **] Caracterização Conservação** destruída **Descrição** estrutura ortostática baixa (câmara) evidenciada por quatro esteios, envolvida por mamoa muito baixa, documentada por concentração de clastos e um pequeno amontoado artificial de pedras talvez resultantes de despedrega (morouço), no qual se observou uma laje com covinhas e um bétilo. Alguns anos após o registo publicado em 1993 o monumento foi profundamente destruído pela abertura de valas para plantio de sobreiros **Câmara [tipo** indeterminada **nº de esteios** quatro (incompleta) **materiais** metassedimentos **dimensões** esteios (largura x altura x espessura, em cm) 1 (48 x 15 x nd); 2 (46 x 17 x nd); 3 (54 x 20 x nd); 4 (34 x 12 x nd) **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano, metassedimentos e granito (escasso) **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **] Espólio [pedra afeiçoada** um fragmento de movente de moinho manual, em granito **outros** um pequeno menir, bétilo, de secção pentagonal, com cerca de 0,27 m de largura e 0,55 m de altura; laje de metassedimento, de forma subcircular, gravada com três covinhas **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** esboço de planta e vistas do sítio (1987).







4137.VALE DA ALAGOA

Identificação e localização **Referência** 4137 **Topónimo** Vale da Alagoa **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN156 **CNS** 22481 **CMP** 306 **Altitude**

(m) 296 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** lomba **]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** vestígios de hipotética mamoa, muito destruída pela lavoura, evidenciada por mancha de dispersão de quartzo filoniano com derrame para a vertente leste. A fonte refere a presença de um amontoado de clastos de metassedimento a cerca de 70 m de distância. **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quarto filoniano **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** vista do sítio (1988).

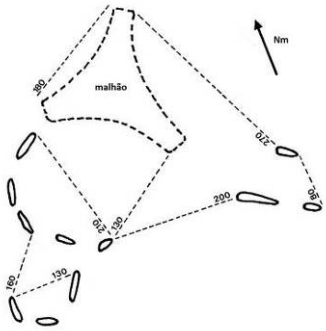


4138.VALE DA MORENA

Identificação e localização **Referência** 4138 **Topónimo** Vale da Morena (Arraial do), Fonte do Sordo **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN158 **CNS** 14349 **CMP** 306 **Altitude (m)** 295 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Rosmaninhal)



morfologia rechã **]** **Caracterização** **Conservação** razoável **Descrição** estrutura ortostática baixa, constituída por câmara e corredor, aparentemente bem diferenciados em planta, inserida numa mamoa ampla e que seria provavelmente baixa na origem, atendendo à altura dos esteios. Coalescente com o lado sul da câmara existe o que parece ser uma pequena câmara lateral. Na parte central da mamoa, ao lado da câmara, foi amontoada pedra formando um malhão subtriangular. Foram identificados diversos moinhos manuais pelo Grupo de Estudo e Pesquisas Arqueológicos de Rosmaninhal. Algumas dessas peças, de acordo com a descrição (relatório de 1979) podem ser moinhos de moagem de minério **Câmara [tipo** subcircular **nº de esteios** cinco (incompleta) e três outros definindo, aparentemente, uma câmara lateral **materiais** metassedimentos **dimensões** a câmara principal tem cerca de 2,10 m de diâmetro **]** **Corredor [tipo** aparentemente longo **nº de esteios** três (incompleta) **materiais** metassedimentos **dimensões** nd **]** **Mamoa [composição** quarto leitoso **diâmetro (s)** 23,00 m 19,00 m **altura (m)** baixa **]** **Espólio [pedra polida** um instrumento **percutor** um instrumento **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (2093) **Documentação gráfica** vista do sítio e esboço de planta (1988).



4139.VALE PÓRROS

Identificação e localização **Referência** 4139 **Topónimo** Vale Pórros **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** na **CNS** 22534 **CMP** 306 **Altitude (m)** 280 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** lomba **]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** vestígios de uma provável mamoa, assinalada por mancha de quartzo filoniano, destruída pela lavoura. Na periferia da mancha de dispersão existe um bloco de rocha metassedimentar (1,0 m de comprimento, 0,9 m de largura e 0,1 m de espessura) que pode ter sido um esteio. Na ombreira de um portal rústico existente nas proximidades, escassos metros a norte, está um outro bloco, de igual litologia, que pode ter sido outro esteio. Situa-se numa lomba enquadrada pelos ribeiros de Valtamonte, a sul, e Marquita, a norte, junto de um caminho **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quarto filoniano e metassedimentos **diâmetro (s)** 12,0 m **altura (m)** muito baixa **]** **Espólio [pedra afeiçoada** dois dormentes em grauvaque; um dos exemplares está junto a uma parede e o outro integra a ombreira do portão **]** **Fontes de informação** Henriques *et al.* (2004) **Documentação gráfica** vista do sítio.



4140.VALTAMONTE

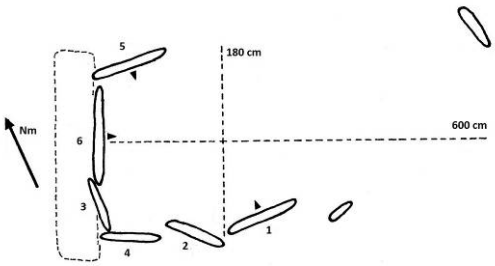
Identificação e localização **Referência** 4140 **Topónimo** Valtamonte **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** na **CNS** 22531 **CMP** 306 **Altitude (m)** 300 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de

Cabeço do Infante) **morfologia** lomba **] Caracterização Conservação** destruída **Descrição** vestígios de uma provável mamoa, assinalada por mancha de quartzo filoniano, quartzito, clastos de rocha metassedimentar e artefactos de interesse arqueológico. A mancha de distribuição de clastos foi atravessada pelo caminho que percorre a lomba, ficando a parcela maior no lado ocidental do caminho. A mancha de clastos terá sido dispersa pela lavoura tradicional, efeito acentuado aquando da armação do terreno em vala-cômoro para plantio de sobreiros. **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano, quartzito (rolado) e metassedimentos **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **] Espólio [pedra polida** um fragmento de enxó **pedra afeiçoada** dois fragmentos de movente, em granito; um movente em metassedimento **cerâmica** vários pequenos fragmentos **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (2004) **Documentação gráfica** vista do sítio.



4141.ZAMBUJO 1

Identificação e localização Referência 4141 **Topónimo** Zambujo (vg) **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN159 **CNS** 6993 **CMP** 306A **Altitude (m)** 270 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Rosmaninhal) **morfologia** lomba **] Caracterização Conservação** mau **Descrição** estrutura ortostática correspondente a câmara evidenciada por seis esteios e corredor. O conjunto que teria cerca de 6,00 m de comprimento em 1979 (relatório do Grupo de Estudos e Pesquisas Arqueológicas de Rosmaninhal) data em que ainda se viam esteios no corredor. Sobre a cabeceira da câmara foi construído um murete de pedras (malhão) que pode indicar a utilização da câmara como abrigo paravento. A estrutura de contenção funerária está inserida numa mamoa bem destacada acima do solo embora reduzida em altura devido à erosão e lavoura. O corredor foi orientado 104º em relação ao Norte **Câmara [tipo** aparentemente subrectangular **nº de esteios** seis (incompleta) **materiais** metassedimentos **dimensões** com cerca de 1,90 m de largura: esteios (largura x altura x espessura, em cm) 1 (75 x 50 x nd); 2 (60 x 50 x nd); 3 (50 x 58 x nd); 4 (55 x 50 x nd); 5 (70 x 70 x nd); 6 (95 x 75 x nd) **] Corredor [tipo** aparentemente longo **nº de esteios** nd **materiais** metassedimentos **dimensões** cerca de 4,00m de comprimento e 1,00 m de largura **] Mamoa [composição** quartzo filoniano, metassedimentos, quartzito (rolado) e granito (escasso) **diâmetro (s)** 15,00 m (eixo norte-sul) e 15,80 cm (eixo este-oeste) **altura (m)** nd **] Espólio [pedra polida** um instrumento de secção oval e outro de secção rectangular **pedra afeiçoada** quatro fragmentos de dormente de moinho manual, em granito, dois fragmentos de moinho manual não caracterizados e uma bigorna, em granito **cerâmica** dois fragmentos **outros** laje de metassedimento com uma covinha **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) Hoskin & Henriques (1998) **Documentação gráfica** esboço de planta e vista do sítio (1987).

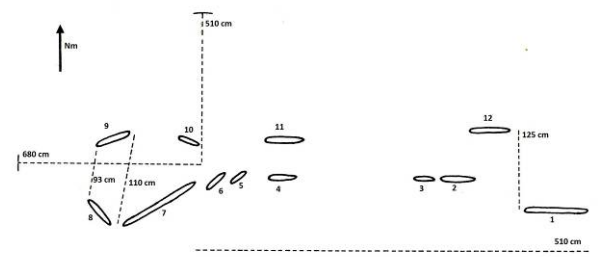




4142.ZAMBUJO 2

Identificação e localização Referência 4142 **Topónimo** Zambujo **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN160 **CNS** 6994 **CMP** 306A **Altitude (m)** 297 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Rosmaninhal) **morfologia** lomba **] Caracterização Conservação** razoável **Descrição** estrutura ortostática com câmara, corredor longo e eventualmente átrio, bem diferenciados em planta, envolvidos por mamoa. O corredor foi orientado 111º em relação ao Norte. Junto a caminho antigo com passagem sobre o ribeiro do Muro Alto em pontão de pedra **Câmara [tipo** poligonal **nº de esteios** quatro (incompleta) **materiais** metassedimentos **dimensões** com cerca de 1,10 m de largura; esteios (largura x altura x espessura, em cm): 7 (122 x 40 x nd); 8 (42 x 21 x nd); 9 (50 x 10 x nd); 10 (28 x 2 x nd) **] Corredor [tipo** longo **nº de esteios** seis (incompleto) **materiais** metassedimentos **dimensões** cerca de 5,10m de comprimento juntamente com o átrio; esteios (largura x altura x espessura, em cm) 1 (81 x 11 x nd); 2 (26 x 9 x nd); 3 (22 x 7 x nd); 4 (25 x 20 x nd); 5 (20 x 22 x nd); 6 (32 x 25 x nd); 11 (55 x 7 x nd); 12 (34 x 1 x nd) **] Átrio [tipo** indeterminado **nº de esteios** um **materiais** metassedimentos **dimensões** cerca 1,25 m largura **] Mamoa [composição** quartzo filoniano **diâmetro (s)** 15,20 m (eixo norte-sul) e 13,10 cm (eixo este-oeste) **altura (m)** nd **] Espólio [ni] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) Hoskin & Henriques (1998) **Documentação gráfica** vista do sítio (1987) e esboço de planta.



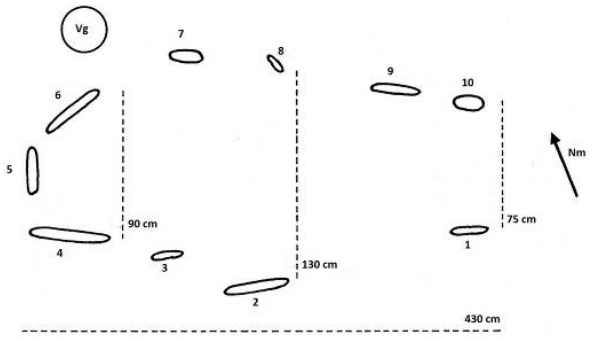


4143.ZAMBUJO 3

Identificação e localização **Referência** 4143 **Topónimo** Zambujo **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN161 **CNS** 6995 **CMP** 306A **Altitude (m)** 299 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de



Rosmaninhal) **morfologia** lomba **] Caracterização Conservação** razoável **Descrição** estrutura ortostática de planta subrectangular aberta (tal com se observa) ou eventualmente fechada (cista), com cabeceira estreita. Também se pode tratar de pequeno contentor com câmara e corredor indiferenciados em planta. Nesta última hipótese o corredor foi orientado 109º em relação ao Norte. Está envolvida por mamoa baixa mas bem destacada acima do solo. Situa-se sob um vértice geodésico e junto a caminho antigo com passagem sobre o ribeiro do Muro Alto em pontão de pedra **Câmara [tipo** sub-rectangular **nº de esteios** dez (incompleta) **materiais** metassedimentos **dimensões** com 1,30 m de largura máxima e 4,30 m de comprimento; esteios (largura x altura x espessura, em cm): 1 (33 x 16 x nd); 2 (65 x 16 x nd); 3 (29 x 5 x nd); 4 (65 x 2 x nd); 5 (38 x 9 x nd); 6 (52 x 5 x nd); 7 (32 x 24 x nd); 8 (16 x 3 x nd); 9 (45 x 10 x nd); 10 (30 x 7 x nd) **] Corredor [** ver descrição **] Mamoa [composição** nd **diâmetro (s)** 10,30 m (eixo norte-sul) **altura (m)** nd **] Espólio [ni] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) Hoskin & Henriques (1998) **Documentação gráfica** vista do sítio (1987) e esboço de planta.



4144.ZEBROS

Identificação e localização **Referência** 4144 **Topónimo** Zebros **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Rosmaninhal **Nº AEAT** IN162 **CNS** 22483 **CMP** 294 **Altitude (m)** 293 **Implantação [geologia** arenitos (Formação de Cabeço do Infante) **morfologia** lomba **] Caracterização Conservação** mau **Descrição** mamoa evidenciada pela sobreelevação do terreno e pela concentração de clastos. Não se observam vestígios da estrutura ortostática **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano, quartzito (rolado) e granito (escasso) **diâmetro (s)** 10,70 m (eixo norte-sul) e 14,70 m (eixo este-oeste) **altura (m)** nd **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Henriques *et al.* (1993) **Documentação gráfica** vista do sítio (1989).



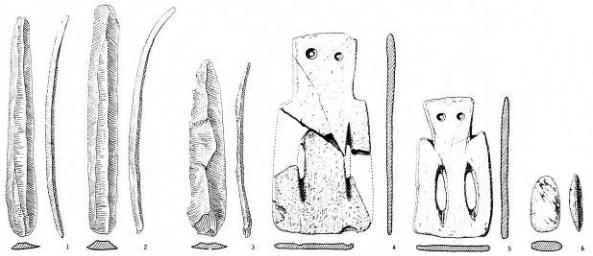


4145.ARRAIAL DE NOSSA SENHORA DO ALMURTÃO

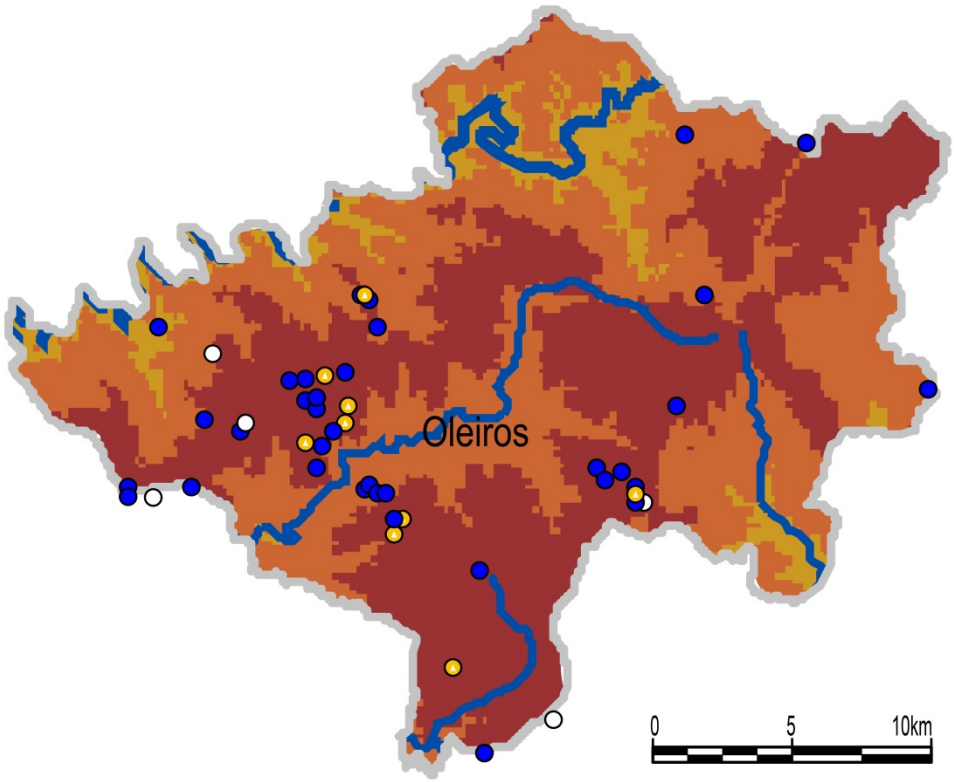
Identificação e localização **Referência** 4145 **Topónimo** Arraial de Nossa Senhora do Almurtão (topónimo mais

próximo), eventualmente Ferreirinhos **Concelho** Idanha-a-Nova **Freguesia** Alcafozes **Nº AEAT** na **CNS** na **CMP** 282 **Altitude (m)** 351 **Implantação [geologia** metassedimentos (Grupo das Beiras) **morfologia** cabeço em bordo de planalto **]** **Caracterização** **Conservação** razoável **Descrição** estrutura monticular baixa, de configuração regular, elíptica, envolvida por mancha de carrasqueiros, destacando-se, desse modo, do azinhal e lavradio envolventes. No bordo da mamoa, principalmente no lado nordeste existem vários blocos de quartzo filoniano em posição de anel periférico. No interior existe cratera de violação onde apenas se observa um pequeno esteio *in situ,* no lado sul, na transição para o corredor, atrás do qual existe uma laje de reforço, e um outro, de configuração rectangular, solto sobre o bordo da cratera. O corredor está evidenciado apenas por dois esteios na zona mesial que pouco se destacam acima do enchimento. Na opinião de Joaquim Batista (descobridor) este monumento corresponde à anta dos Ferreirinhos, a qual na opinião de Almeida & Ferreira (1956: 3) teria sido submersa pela albufeira da barragem da Idanha, a mais de 8 km para ocidente de Alcafozes. Por outro lado, Ferreira (1978: 228) localiza esta sepultura cerca de 1 km a leste do casario de Alcafozes e Leisner (1998: 93-94, carta 3-5) assinala o mesmo monumento imediatamente a sul da estrada que liga Alcafozes e Idanha-a-Nova, cerca de 5 km a sudoeste da primeira povoação, num local já por nós visitado e onde não se encontraram vestígios compatíveis. Para além do presente registo, são três as diferentes propostas de localização, não sendo por isso improvável a posição da anta dos Ferreirinhos **Câmara [tipo** indeterminado, eventualmente alongada **nº de esteios** um in situ, junto à entrada do corredor no lado sul e outro tombado a norte, sobre o bordo da cratera **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** largura (direcção transversal) e comprimento (direcção longitudinal) inferiores a 2,5 m e 5,0 m, medidas tomadas a partir do coroamento da cavidade de violação **]** **Corredor [tipo** provavelmente longo **nº de esteios** dois visíveis, *in situ*, na zona mesial, quase enfrentados, um no lado norte e outro no lado sul **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** hipoteticamente 6,0 m de comprimento e 0,87 m de largura, definida entre os dois esteios visíveis **]** **Mamoa [composição** argila, avermelhada, e clastos de quartzo filoniano, maioritariamente calhaus **diâmetro (s)** 16,00 m no eixo este-oeste e 12,00 m no eixo norte-sul conferindo-lhe forma elíptica **altura (m)** inferior a 1,00 m **]** **Espólio [** não foi identificado espólio; na hipótese de corresponder à anta dos Ferreirinhos há considerar o seguinte espólio (figura seguinte): **pedra lascada** três lâminas completas, sem retoque **pedra polida** uma pequena enxó **artefacto simbólico** duas placas antropomórficas, fenestradas, sem decoração **]** **Fontes de informação** Joaquim Batista (descobridor). Observada na companhia de Francisco Henriques e Fernando Robles Henriques em outubro de 2016 **Documentação gráfica** vista da mamoa tomada de oeste na direcção do eixo câmara-corredor; artefactos atribuídos à anta dos Ferreirinhos (Leisner, 1998: estampa 74).

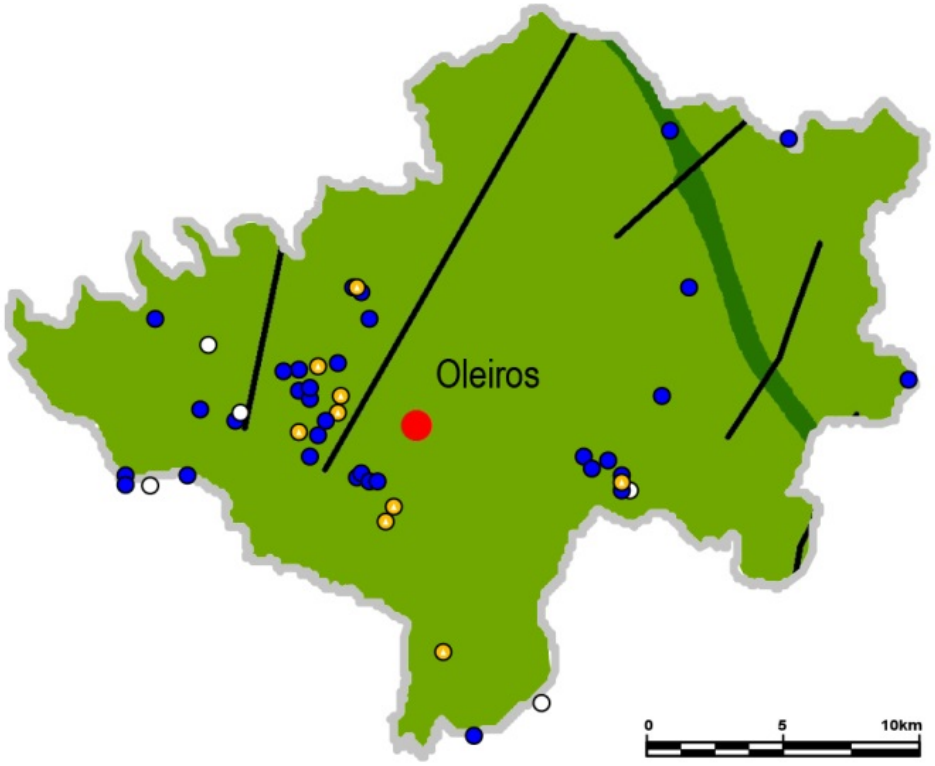




Anexo 6. Catálogo das construções funerárias do concelho de Oleiros



Distribuição dos sítios do catálogo (a azul sítios confirmados, a rosa sítios de localização hipotética, a amarelo sítios de qualificação hipotética, a branco sobreposições) sobre mapa hipsométrico (fonte: www.guiadeportugal.pt).



Distribuição dos sítios do catálogo (a azul sítios confirmados, a rosa sítios de localização hipotética, a amarelo sítios de qualificação hipotética, a branco sobreposições) sobre mapa geológico (fonte: Geoparque Naturtejo).

Catálogo das construções funerárias do concelho de Oleiros

5001.ALTO DA CADAVOSA

Identificação e localização **Referência** 5001 **Topónimo** Alto da Cadavosa (Serra do Cabril) **Concelho** Oleiros **Freguesia** Álvaro **Nº AEAT** na **CNS** na **CMP** 266 **Altitude (m)** 660 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** crista **]** **Caracterização** **Conservação** indeterminado **Descrição** conjunto de três pequenos montículos, de configuração subcircular, assinalados por concentração de clastos de metassedimentos, alguns fincados no solo, e quartzo **Câmara [ni] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** blocos e calhaus de metassedimentos e seixos de quartzo filoniano **diâmetro (s)** cerca de 3 m **altura (m)** escassos centímetros **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** EMERITA **Documentação gráfica** vista de um dos montículos (2004).



5002.ALTO DA COELHEIRA

Identificação e localização **Referência** 5002 **Topónimo** Alto da Coelheira (Serra de Alvelos) **Concelho** Oleiros **Freguesia** Oleiros **Nº AEAT** na **CNS** na **CMP** 277 **Altitude (m)** 889 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** crista **]** **Caracterização** **Conservação** mau, devido a povoamento florestal **Descrição** uma ou duas mamoas associadas, bem destacadas acima do solo mas muito danificadas devido a lavoura que antecedeu um povoamento florestal com pinheiro **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** metassedimentos e quartzo filoniano **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **] Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Caninas *et al* (2005b) **Documentação gráfica** vista do sítio (2004).



5003.BOIEIRO

Identificação e localização **Referência** 5003 **Topónimo** Boieiro **Concelho** Oleiros **Freguesia** Sobral **Nº AEAT** na **CNS** na **CMP** 265 **Altitude (m)** 474 **Implantação [geologia** metassedimentos **morfologia** cabeço **]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** montículo evidenciado por concentração de clastos, no interior de pinhal, coincidente com um ponto cotado na CMP **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** clastos de quartzo filoniano **diâmetro (s)** nd **altura (m)** pequena sobrelevação **] Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** EMERITA **Documentação gráfica** vista do sítio (2004).



5004.CABEÇO DAS CRUZES

Identificação e localização **Referência** 5004 **Topónimo** Cabeço das Cruzes ou Bataria **Concelho** Oleiros **Freguesia** Orvalho **Nº AEAT** na **CNS** na **CMP** 266 **Altitude (m)** 500 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Rosmaninhal), a confirmar **morfologia** cabeço **]** **Caracterização** **Conservação** indeterminado **Descrição** hipotética mamoa evidenciada por pequena sobrelevação em relação ao terreno envolvente, constituída por terra e clastos **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** terra e clastos de quartzito **diâmetro (s)** 8,0 m **altura (m)** baixa **] Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** AEAT **Documentação gráfica** vista do sítio (2010).



5005.CABEÇO DO SEIXO 1

Identificação e localização **Referência** 5005 **Topónimo** Cabeço do Seixo (Vale Redondo foi o topónimo utilizado em EIA) **Concelho** Oleiros **Freguesia** Oleiros **Nº AEAT** na **CNS** ni **Folha CMP** 278 **Altitude (m)** 559 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** rechã **]**

Caracterização **Conservação** bom **Descrição** mamoa de geometria circular bem destacada acima do solo, evidenciada por concentração de clastos de quartzo filoniano que podem corresponder a uma couraça ou a um *cairn*. Na periferia sul do monumento identificaram-se dois covachos abertos em afloramento de rocha. É visível um alinhamento circular de pequenos ortostatos de metassedimento formando um anel de contenção, interno, com 6,0 m de diâmetro, e uma ligeira depressão central correspondente ao contentor funerário **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [** **composição** quartzo filoniano **(**couraça pétrea ou *cairn*) e metassedimento (anel lítico) **diâmetro (s)** 12,5 m **altura (m)** 0,6 m **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Caninas *et al* (2005, 2005b, 2008a, 2008b) **Documentação gráfica** vistas do montículo e do anel lítico interno (2005).





5006.CABEÇO DO SEIXO 2

Identificação e localização **Referência** 5006 **Topónimo** Cabeço do Seixo (Vale Redondo em EIA) **Concelho** Oleiros **Freguesia** Oleiros **Nº AEAT** na **CNS** na **CMP** 278 **Altitude (m)** 554 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** rechã **]** **Caracterização** **Conservação** razoável **Descrição** mamoa bem destacada acima do solo, de configuração subcircular, evidenciada por concentração de quartzo filoniano, com uma pequena depressão central correspondente ao contentor funerário. Nas proximidades existem vestígios de um antigo caminho com trilhos **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [** **composição** clastos de quartzo filoniano, de pequenas dimensões, e de metassedimentos **diâmetro (s)** 8,0 m **altura (m)** bem destacado acima do solo **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Caninas *et al* (2005b) **Documentação gráfica** vista do sítio (2005).



5007.CANIÇAL 1

Identificação e localização **Referência** 5007 **Topónimo** Caniçal (Serra das Mougueiras) **Concelho** Oleiros **Freguesia** ni **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 278 **Altitude** (m) 790 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** rechã **]** **Caracterização** **Conservação** indeterminada **Descrição** pequeno montículo assinalado por concentração de clastos, envolvido por pinhal, junto a estradão florestal. Está oculto por caruma e resíduos florestais. Cerca de 13 m a norte existe estrutura idêntica também de pequenas dimensões (Serra das Mougueiras 5) amputada por estradão florestal **Câmara** [ni] **Corredor [** ni **]** **Mamoa** [**composição** pequenos clastos de quartzo filoniano **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Carvalho *et al.* (2007) **Documentação gráfica** vista do sítio (2007).



5008.CANIÇAL 2

Identificação e localização **Referência** 5008 **Topónimo** Caniçal (Serra das Mougueiras) **Concelho** Oleiros **Freguesia** ni **Nº AEAT** na **CNS** 19671 **CMP** 278 **Altitude (m)** 800 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** crista **]** **Caracterização** **Conservação** destruído por plantação de eucaliptos **Descrição** sobreelevação irregular associada a concentração de clastos de quartzo e terra junto de um estradão florestal **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [** **composição** pequenos clastos de quartzo filoniano **diâmetro (s)** 5,0 m **altura (m)** nd **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Carvalho *et al.* (2007) **Documentação gráfica** vista do sítio (2007).



5009.CANIÇAL 3

Identificação e localização **Referência** 5009 **Topónimo** Caniçal (Serra das Mougueiras) **Concelho** Oleiros **Freguesia** ni **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 278 **Altitude (m)** 795 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** crista **]** **Caracterização** **Conservação** destruído por surriba e por aceiro de delimitação de uma plantação de eucaliptos **Descrição** concentração irregular de clastos **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** pequenos blocos de quartzo filoniano **diâmetro (s)** 1,5 m **altura (m)** ligeira sobrelevação no solo **] Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Carvalho *et al.* (2007) **Documentação gráfica** vista do sítio (2007).



5010.CASTANHEIRA

Identificação e localização **Referência** 5010 **Topónimo** Castanheira (vg) ou Serra do Cabeço Rainha **Concelho** Sertã **Freguesia** ni **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 290 **Altitude**



(m) 1030 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** crista **]** **Caracterização** **Conservação** indeterminado **Descrição** montículo com maior concentração de clastos dispostos caoticamente na área central. Situa-se cerca 7 m a norte do caminho que dá acesso aos vértices geodésicos Cabeço Rainho e Lameiro da Serra **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** metassedimentos **diâmetro (s)** eixo norte-sul – 8,0 m (eixo norte-sul) e 10,0 m (eixo este-oeste) **altura (m)** muito baixa **] Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** AEAT **Documentação gráfica** vista do sítio (2004).

5011.CIMO DA COVA DOS BACELOS 1

Identificação e localização **Referência** 5011 **Topónimo** Cimo da Cova dos Bacelos (Feiteiras nas referências anteriores) **Concelho** Oleiros **Freguesia** Oleiros **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 277 **Altitude (m)** 906 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** lomba **]** **Caracterização** **Conservação** indeterminado **Descrição** montículo artificial, de geometria subcircular, evidenciado por concentração de clastos e terra. Situa-se junto de outro montículo, de menores dimensões, e de um caminho que percorre a cumeada. Cerca de 120 m a Norte localiza-se a mamoa de Cimo dos Valeiros (5013) **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** metassedimentos e quartzo filoniano **diâmetro (s)** 6,0 m **altura (m)** baixa **] Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Caninas *et al.* (2005b, 2008a, 2014) **Documentação gráfica** vista do sítio (2005).



5012.CIMO DA COVA DOS BACELOS 2

Identificação e localização **Referência** 5012 **Topónimo** Cimo da Cova dos Bacelos (Feiteiras nas referências anteriores) **Concelho** Oleiros **Freguesia** Oleiros **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 277 **Altitude (m)** 906 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** lomba **]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** montículo artificial, de geometria subcircular, evidenciado por concentração de clastos e terra. Situa-se junto de outro montículo, de maiores dimensões, e foi parcialmente amputado por um caminho que percorre a cumeada (desactivado depois da construção do Parque Eólico de Alvelos). Cerca de 120 m a Norte localiza-se a mamoa de Cimo dos Valeiros (5013) **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** metassedimentos e quartzo filoniano **diâmetro (s)** 4,0 m **altura (m)** baixa **] Espólio [** ni **]**

Fontes de informação Caninas *et al.* (2005b, 2008a, 2014) **Documentação gráfica** vista do sítio (2005).



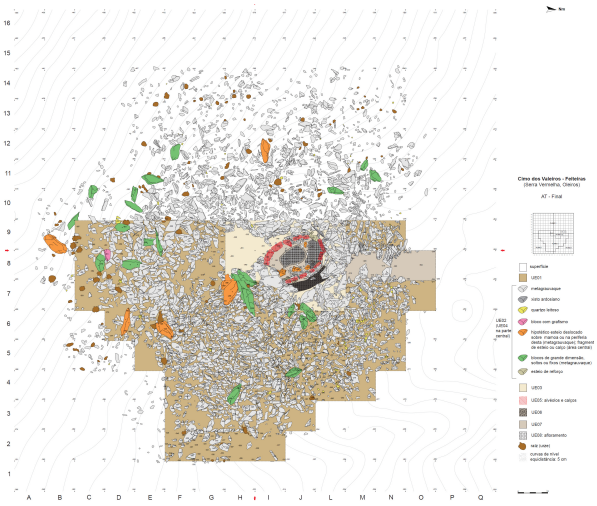
5013.CIMO DOS VALEIROS

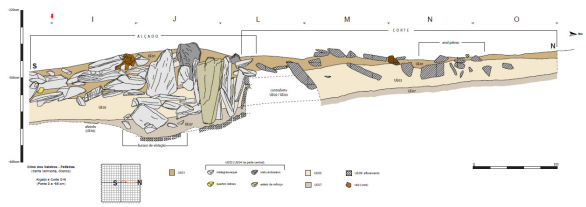
Identificação e localização **Referência** 5013 **Topónimo** Cimo dos Valeiros (Feiteiras nas referências anteriores) **Concelho** Oleiros **Freguesia** Oleiros **Nº AEAT** na **CNS** 19666 - Feteiras/Cavalo, antes da intervenção arqueológica, e 34881 - Feiteiras 1, depois da intervenção **CMP** 277 **Altitude (m)** 917 **Implantação [geologia** metassedimentos

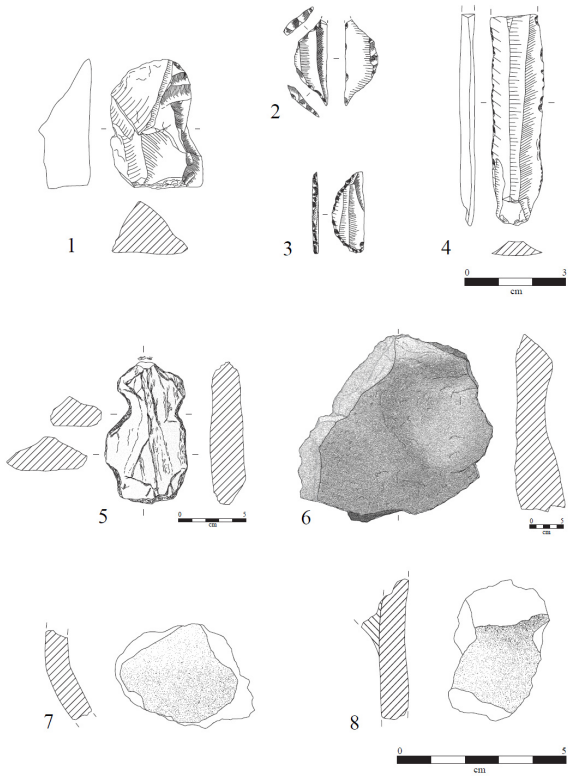


(Formação de Perais) **morfologia** lomba **] Caracterização Conservação** razoável **Descrição** montículo bem destacado acima do solo, capeado por espessa couraça pétrea constituída essencialmente por blocos e calhaus de rochas metassedimentares, parte dos quais muito boleados. O terreno é levemente inclinado para sul razão pela qual a mamoa apresenta um alongamento na direcção da pendente. Está alinhada com um afloramento rochoso linearmente alongado. Situava-se junto de um antigo caminho de cumeada. Entre 2006 e 2010 foi objecto de sondagem arqueológica. Esta intervenção arqueológica permitiu confirmar a presença de uma construção monticular, de geometria circular, em razoável estado de conservação, constituída por um aterro de matriz argilosa, coberto por uma couraça pétrea. No interior do monumento foi escavada um abatimento que revelou um contentor elíptico com o eixo maior orientado na direcção noroeste-sudeste. No seu interior, que denotava violação antiga, não foram identificados ortostatos *in situ* nem espólio arqueológico. Na decapagem da mamoa foi recolhido espólio arqueológico, embora escasso. A escavação dos quadrantes orientais, em área, poderá revelar outras subestruturas com interesse arqueológico **Câmara [tipo** elíptica **nº de esteios** ver planta **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** 2,0 m de diâmetro máximo **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** metassedimentos e quartzo filoniano (escasso e de pequeno calibre) **diâmetro (s)** 8,5 m **altura (m)** bem destacada acima do solo embora inferior a 1,0 m **] Espólio [pedra lascada** um núcleo, dois geométricos, um fragmento de lâmina **pedra afeiçoada** um fragmento de dormente **outros líticos** seixo com entalhes, peso ou ídolo **outros cerâmica** dois fragmentos **] Fontes de informação** Caninas, Henriques, Batata & Batista (2004b, 2005b, 2014, 2008a, 2008b) **Documentação gráfica** vistas do sítio, no início da escavação e em fase avançada dos trabalhos; planta final de escavação e corte na área da câmara e sanja; espólio recolhido em escavação.









5014.COVAL SEIXOSO

Identificação e localização **Referência** 5014 **Topónimo** Coval Seixoso **Concelho** Oleiros **Freguesia** Oleiros **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 277 **Altitude (m)** 753 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** lomba **]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** hipotética mamoa destruída por revolvimento do solo, devido a instalação de pinhal ou antes do seu plantio, evidenciada por sobrelevação de forma alongada (12 m), acompanhada por dispersão de clastos **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** metassedimentos e quartzo filoniano **diâmetro (s)** 12,0 m (área de dispersão) **altura (m)** baixa **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** EMERITA (relatório de prospecção, 2002) **Documentação gráfica** não disponível.

5015.FETEIRINHA 1

Identificação e localização **Referência** 5015 **Topónimo** Feteirinha (Serra das Mougueiras) **Concelho** Oleiros **Freguesia** ni **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 278 **Altitude (m)** 800 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** crista **]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** montículo subcircular **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quartzo filoniano **diâmetro (s)** 6,0 m x 6,50 m **altura (m)** baixa, ligeira sobrelevação no terreno **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Carvalho *et al.* (2007) Documentação **gráfica** vista do sítio (2007).



5016.FETEIRINHA 2

Identificação e localização **Referência** 5016 **Topónimo** Feteirinha (Serra das Mougueiras) **Concelho** Oleiros **Freguesia** ni **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 278 **Altitude (m)** 820 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **Morfologia** crista **]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** concentração monticular, irregular, de material pétreo, junto ao vértice geodésico Feteirinha **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quartzo filoniano e terra **diâmetro (s)** 10,0 m **altura (m)** nd **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Carvalho *et al.* (2007) **Documentação gráfica** vista do sítio (2007).

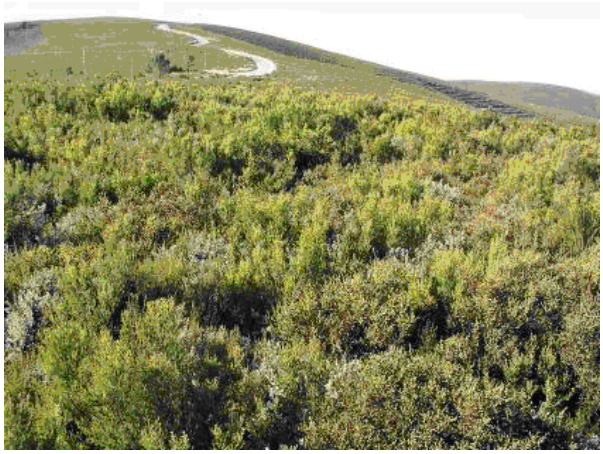


5017.LOMBA DAS ANTAS

Identificação e localização **Referência** 5017 **Topónimo** Lomba das Antas **Concelho** Oleiros **Freguesia** Estreito **Nº AEAT** na **CNS** na **CMP** 266 **Altitude (m)** 570 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Rosmaninhal) **morfologia** lomba **]** **Caracterização** **Conservação** não aplicável **Descrição** nesta cumeada não foram identificados vestígios de construções monticulares. O topónimo pode referir-se simplesmente a afloramentos de rocha, associação que está documentada noutros concelhos da região (Vila Velha de Ródão) **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [** ni **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Folha 266 da Carta Militar de Portugal (escala 1:25000); Leisner (1998) **Documentação gráfica** não disponível.

5018.LONTREIRA (SERRA DA)

Identificação e localização **Referência** 5018 **Topónimo** Serra da Lontreira **Concelho** Oleiros **Freguesia** Oleiros **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 278 **Altitude (m)** 1004 **Implantação [**



geologia metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** crista **]** **Caracterização** **Conservação** parcialmente destruída **Descrição** vestígios de estrutura monticular e topos de pequenos clastos de metassedimentos numa extensão de 2,70 m. Situa-se a alguns metros de distância da via que dá acesso ao Parque Eólico do Cabeço Rainho, no limite do aceiro que neste troço acompanha a estrada **Câmara [tipo** ni **nº de esteios** sete **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** nd **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano (abundante) e clastos de metassedimentos (escassos) **diâmetro (s)** 10,0 m a 12,0 m **altura (m)** baixa **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** AEAT; EMERITA (relatório de prospecção, 2005) **Documentação gráfica** vista do sítio (2005).

5019.LOUSA

Identificação e localização **Referência** 5019 **Topónimo** Lousa (Cabeço da) **Concelho** Oleiros **Freguesia** Sarnadas de São Simão **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 279 **Altitude (m)**



566 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Rosmaninhal) **morfologia** lomba **]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** pequeno montículo de terra e clastos de quartzo, bem destacado acima do solo, de forma regular, embora amputado em cerca de metade do seu volume devido à instalação de estradão **Câmara [** ni] **Corredor [** ni **] Mamoa [composição** terra e quartzo filoniano **diâmetro (s)** 6,0 m **altura (m)** c. de 0,40 m **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** AEAT **Documentação gráfica** vistas do sítio (2012).



5020.MARMOURAL

Identificação e localização **Referência** 5020 **Topónimo** Marmoural **Concelho** Fundão **Freguesia** ni **Nº AEAT** na **CNS** na **CMP** 267 **Altitude (m)** 790 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Rosmaninhal) **morfologia** cabeço **]** **Caracterização** **Conservação** não aplicável **Descrição** não se encontraram vestígios de construção monticular no topo deste cabeço. A base do vértice ali existente encontra-se ao nível do solo. Atendendo ao facto do nome aparecer associado a um vértice geodésico não obsta a que exista uma estrutura daquele tipo no local original do topónimo que poderá ser distante desta local. Este topónimo encontra-se geralmente associado a monumentos funerários medievais (Silva, 1987) embora também ocorra associado a mamoas, como é o caso de *Marmoirais*, uma necrópole megalítica na Serra da Cabreira, em Cabeceiras de Basto (Fontes, 1999). Na cartografia mais antiga (1933) o topónimo está registado como *marmoural* e na edição da carta militar de 1993 como *marmoura* **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [** ni **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Folha 24B da Carta Corográfica de Portugal (escala 1:50000), rectificada em 1933**;** Folha 267 da Carta Militar de Portugal (escala 1:25000), edição de 1993 **Documentação gráfica** não disponível.

5021.MATA DO ÁLVARO 1

Identificação e localização **Referência** 5021 **Topónimo** Mata do Álvaro (vértice geodésico) **Concelho** Oleiros **Freguesia** Oleiros **Nº AEAT** na **CNS** 19664 **CMP** 265 **Altitude (m)** 966 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** cabeço destacado no extremo de uma crista **]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** montículo de terra e pequenos clastos subjacente ao vértice geodésico Mata do Álvaro. No sector situado entre as direcções nordeste e sudeste o montículo apresenta uma forma regular pelo que pode corresponder a uma configuração antiga e apresenta-se coberto por pequenos clastos de metassedimentos. Nos restantes sectores o montículo tal como se observa actualmente sofreu deformações, resultantes de terraplanagens e de depósitos de entulhos de construção, talvez provenientes da regularização do terreno e da abertura de caboucos da vizinha antena de telecomunicações. Tomou-se como centro hipotético do monumento uma ligeira depressão situada imediatamente a SO da base do vértice geodésico **Câmara [**

ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** pequenos clastos de metassedimentos, alguns dos quais boleados (erosão eólica ou fluvial) e escassos elementos de quartzo **diâmetro (s)** 14,0 m **altura (m)** 1,0 m **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** EMERITA (relatório de prospecção, 2003); Caninas *et al.* (2004b, 2005b) **Documentação gráfica** vista do sítio (2004).



5022.MATA DO ÁLVARO 2

Identificação e localização Referência 5022 **Topónimo** Mata do Álvaro **Concelho** Oleiros **Freguesia** Oleiros **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 265 **Altitude (m)** 957 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** crista (numa sobreelevação da linha de cumeada **] Caracterização Conservação** mau **Descrição** duas pequenas concentrações de clastos de metassedimentos e escassos elementos de quartzo filoniano. Situam-se na linha de cumeada próximo do estradão que a percorre. É duvidosa a sua qualificação como *tumuli* **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** blocos de metassedimentos e escassos elementos de quartzo **diâmetro (s)** nd **altura (m)** imperceptível **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Caninas *et al.* (2005b) **Documentação gráfica** vista de uma das ocorrências (2004).



5023.MONTE FUNDEIRO

Identificação e localização Referência 5023 **Topónimo** Monte Fundeiro **Concelho** Oleiros **Freguesia** Oleiros Nº AEAT na **CNS** 19670 **CMP** 277 **Altitude (m)** 797 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** lomba **] Caracterização Conservação** indeterminado **Descrição** três estruturas, em posições geométricas correspondentes aos vértices de um triângulo. Uma das estruturas é um pequeno *tumulus* regular, de forma subcircular, muito baixo, com cerca de 4,5 m de diâmetro. É constituída por acumulação de pequenos clastos de quartzo filoniano e de metassedimentos, boleados. Apresenta uma suave depressão em posição central, com escassa cobertura de pedras. Uma segunda estrutura, situada cerca de 14,0 m a sudoeste da primeira, consiste em pequena acumulação, de 3,0 m de diâmetro, de metassedimentos e alguns clastos de quartzo filoniano. A terceira estrutura, situada a 12,5 m de distância da primeira e a 6,5 m de distância da segunda, é uma mancha, alongada, de blocos de metassedimentos que pode corresponder a outra estrutura correlativa mas funcionalmente diferenciada. Nas proximidades detectaram-se trilhos de antiga via de carroças **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa (s) [composição** metassedimentos e quartzo filoniano **diâmetro (s)** 4,5 m e 3,0 m **altura** baixa **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** EMERITA (comunicação de 20 de Janeiro de 2004 para o Instituto Português de Arqueologia) **Documentação gráfica** vistas de duas estruturas (2004).





5024.MOSTEIRO

Identificação e localização Referência 5024 **Topónimo** Mosteiro (vg) **Concelho** Oleiros **Freguesia** Mosteiro **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 277 **Altitude (m)** 756 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** cabeço **] Caracterização Conservação** indeterminada **Descrição** sobrelevação de terra e clastos, de configuração subcircular, na base no vg Mosteiro **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** metassedimentos e escassos clastos de quartzo **diâmetro (s)** 6,0 m **altura (m)** nd **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** EMERITA **Documentação gráfica** vista do sítio (2004).



5025.MOURO
Identificação e localização **Referência** 5025 **Topónimo** Mouro (vg) ou Frazumeira **Concelho** Oleiros **Freguesia** Álvaro **Nº AEAT na CNS** ni **CMP** 265 **Altitude (m)** 659 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** cabeço sobre uma lomba **]** **Caracterização** **Conservação** razoável, embora perifericamente danificada por plantação de eucalipto **Descrição** mamoa bem destacada acima do solo, com depressão central e um vértice geodésico sobre o coroamento **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** terra, metassedimentos (maioritariamente) e raros elementos de quartzo filoniano de pequeno calibre **diâmetro (s)** eixo norte-sul - 13,0 m (eixo norte-sul) e 14,0 m (eixo este-oeste) **altura (m)** nd **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** AEAT Documentação **gráfica** vista do sítio (2004).



5026.PEDINTAL
Identificação e localização **Referência** 5026 **Topónimo** Pedintal (Serra das Corgas) **Concelho** Oleiros **Freguesia** Isna **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 290 **Altitude (m)** 775 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** lomba **]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** montículo de geometria circular, parcialmente amputado por estradão florestal **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** clastos de quartzo filoniano **diâmetro (s) nd altura (m)** nd **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** EMERITA (relatório, J. Caninas & L. Carvalho (2007) **Documentação gráfica** vista do sítio (2007).



5027.PORTO DA RIBEIRA
Identificação e localização **Referência** 5027 **Topónimo** Porto da Ribeira **Concelho** Oleiros **Freguesia** Oleiros **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 277 **Altitude (m)** 830 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** rechã **]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** duas manchas de dispersão de materiais pétreos, aparentemente regulares, sugerindo estruturas de contorno tendencialmente circular. Uma das manchas encontra-se parcialmente surribada e invadida por raízes dos pinheiros **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** clastos de metassedimentos **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Caninas *et al.* (2005b) **Documentação gráfica** vista de uma das ocorrências (2005).



5028.SAFRA
Identificação e localização **Referência** 5028 **Topónimo** Safra 2º (vértice geodésico) **Concelho** Oleiros **Freguesia** Estreito **Nº AEAT** na **CNS** 33388 **CMP** 278 **Altitude (m)** 830 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** cabeço **]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** montículo evidenciado por concentração de terra e pequenos e médios clastos de quartzo filoniano, situado ao lado do vértice geodésico Safra 2º **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quase exclusivamente quartzo filoniano **diâmetro (s)** 8,5 m **altura (m)** muito baixa **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** EMERITA (relatório, L. Carvalho & C. Chaves, 2010) **Documentação gráfica** vista do sítio (2010).



5029.SARDEIRAS

Identificação e localização **Referência** 5029 **Topónimo** Sardeiras (Serra do Carujo) **Concelho** Oleiros **Freguesia** **Oleiros Nº AEAT** na **CNS** ni **Altitude (m)** 729 **Implantação [** **geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** rechã **]** **Caracterização** **Conservação** indeterminado **Descrição** pequeno montículo formado por placas de metassedimento de pequenas dimensões e alguns (escassos) blocos de quartzo filoniano (igualmente de pequenas dimensões) **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [** **composição** metassedimentos e quartzo filoniano **diâmetro (s)** 2,2 m **altura (m)** muito baixa **] Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Caninas *et al.* (2005b) **Documentação gráfica** vista do sítio (2005).



5030.SELADA DA PÓVOA 1

Identificação e localização **Referência** 5030 **Topónimo** Selada da Póvoa (na base de dados da DGPC está associada ao topónimo Póvoa) e talvez Cova da Moura **Concelho** Oleiros **Freguesia** Oleiros **Nº AEAT** na **CNS** 19319 **CMP** 277 **Altitude (m)** 810 **Implantação [** **geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** rechã **]** **Caracterização** **Conservação** bom **Descrição** ampla mamoa construída em terra, clastos de metassedimentos e de quartzo filoniano à superfície. Tem depressão central correspondente à câmara. Pode corresponder ao topónimo Cova da Moura citado por informante local. Nas proximidades existe um outro montículo, baixo, e um terceiro destruído por estradão. Entre estes monumentos existe caminho antigo com trilhos **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **]** **Mamoa [** **composição** metassedimentos, alguns dos quais boleados, e quartzo filoniano **diâmetro (s)** 23,0 m e 6,0 m de diâmetro de coroamento da depressão central **altura (m)** c. 2,0 m **] Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Caninas *et al.* (2004b, 2005b, 2008a, 2008b) **Documentação gráfica** vista próxima e vista panorâmica, após incêndio de 2003.





5031. SELADA DA PÓVOA 2

Identificação e localização **Referência** 5031 **Topónimo** Selada da Póvoa **Concelho** Oleiros **Freguesia** Oleiros **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 277 **Altitude (m)** 800 **Implantação [**



geologia metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** rechã **]** **Caracterização** **Conservação** destruído **Descrição** acumulação irregular de clastos nas margens de um caminho que parece indicar montículo destruído pela instalação da referido acesso. Não foi possível estimar o diâmetro da estrutura original também pelo facto de ter ocorrido lavoura para instalação de eucaliptal no lado nascente do caminho **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [** **composição** quartzo filoniano e metassedimentos, incluindo exemplares boleados **diâmetro (s)** indeterminado **altura (m)** nd **] Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** EMERITA (comunicação de 20 de Janeiro de 2004 para o Instituto Português de Arqueologia) **Documentação gráfica** vista do sítio antes do incêndio de 2003.

5032. SELADA DA PÓVOA 3

Identificação e localização **Referência** 5032 **Topónimo** Selada da Póvoa **Concelho** Oleiros **Freguesia** Oleiros **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 277 **Altitude (m)** 800 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** rechã **]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** montículo baixo, subcircular, evidenciado por coroa de terra e pedras, apenas ausente em parte do quadrante sudeste, e ampla cratera central. Esta ocorrência pode corresponder ao topónimo Eira dos Mouros citado por um informante local. Situa-se a cerca de 40 m de distância de Selada da Póvoa 1. Entre este monumento e Selada da Póvoa 2 existe trecho de caminho de carroças, desactivado, assinalado por afundamento da via em canal e sulcos no substrato geológico, distanciado da ocorrência cerca de 30 m **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quartzo filoniano e metassedimentos, incluindo exemplares boleados **diâmetro** 9,0 m **altura (m)** nd **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** EMERITA (comunicação de 20 de Janeiro de 2004 para o Instituto Português de Arqueologia) Documentação **gráfica** vista do sítio (2004) e vista de conjunto com a ocorrência Selada da Póvoa 1 (ao fundo).





5033.SELADA DO CAVALO 1

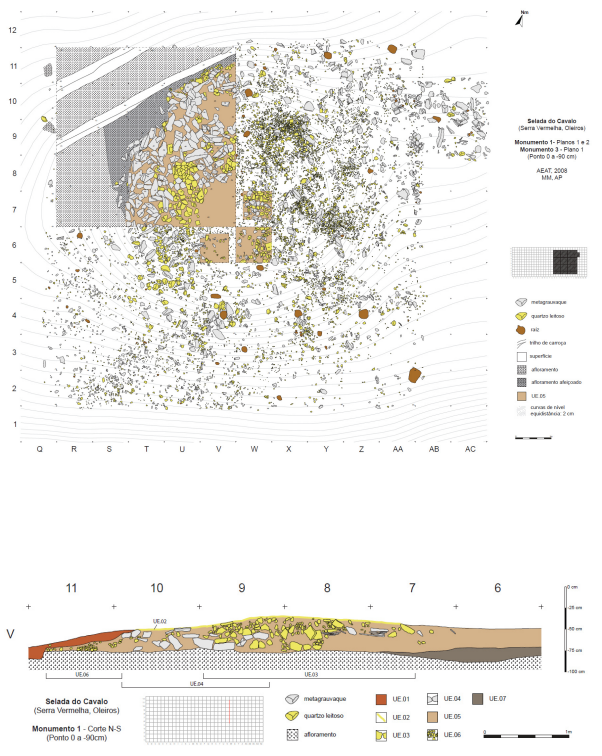
Identificação e localização **Referência** 5033 **Topónimo** Selada do Cavalo **Concelho** Oleiros **Freguesia** Oleiros **Nº AEAT** na **CNS** 19667 **CMP** 265 **Altitude (m)** 892 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** colo **]** **Caracterização** **Conservação** razoável **Descrição** montículo subcircular constituído por clastos de metassedimentos, de quartzo filoniano e por terra. A escavação executada em 2006 revelou, internamente, uma disposição regular de clastos (maioritariamente *calhaus* e *blocos*), ocupando a maior parte do volume da mamoa,

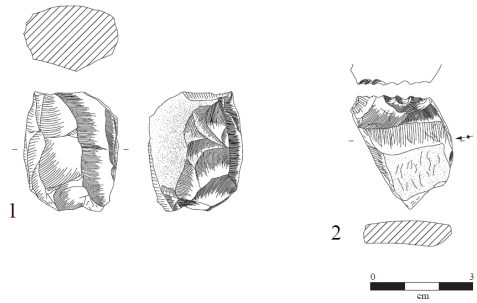


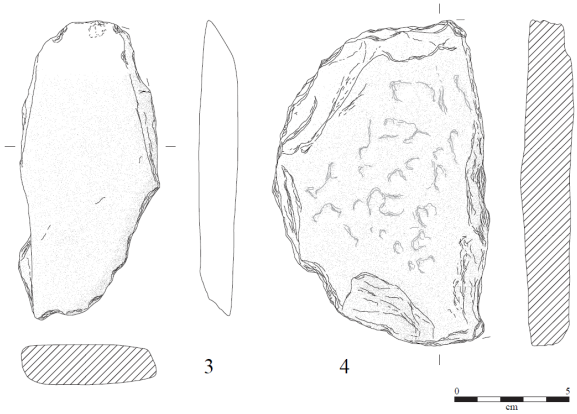
desde a periferia até ao espaço central. No centro do montículo observou-se um vazio de clastos que concordava com a posição do contentor funerário. Os clastos de metassedimentos e de quartzo filoniano, de maiores dimensões, jaziam maioritariamente dissociados formando duas coroas concêntricas, com aparente cavalgamento dos elementos de quartzo sobre os metassedimentares. No centro do montículo existia um vazio pétreo, preenchido por terra e pequenos clastos soltos. Esta circunstância, a par da centralidade de vazio pétreo, e da depressão que aí se observava, indicava que este espaço podia corresponder ao contentor funerário. A escavação deste espaço central não revelou nenhuma estrutura de contenção, de tipo ortostático, nem alvéolos de implantação dos mesmos. Contudo, no centro desse espaço existia uma pequena depressão, que era compatível com o acolhimento nesse espaço, central, de ritual de deposição funerária. Poderá tratar-se de uma cavidade funerária não estruturada em ortostatos. Em concordância com a depressão que se observou à superfície, esta ausência de estrutura na zona central do monumento poderia ser justificada com antigas violações, das quais teria resultado a remoção de terra e de pedras. Um desses episódios poderia estar relacionado com a construção de Selada do Cavalo 2 que se situa cerca de 17,0 m para ocidente. No decurso da escavação foram encontrados sulcos de carroças, colmatados por sedimentos, adjacentes à periferia desta mamoa. Cerca de 13,0 m a norte do centro deste monumento existe um outro caminho, abandonado, evidenciado por sulcos escavados no substrato geológico **Câmara [tipo** não foi identificada estrutura ortostática **nº de esteios** ni **materiais** ni **dimensões (m)** c. 1,5 m de diâmetro **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quartzo filoniano e clastos de metassedimentos **diâmetro** 9,0 m **altura** inferior a 0,50 m **]** **Espólio [pedra lascada** um núcleo de lamelas, em sílex branco, um denticulado, em quartzo leitoso **pedra polida** uma enxó, em rocha metassedimentar **outros líticos** um disco em rocha metassedimentar **cerâmica** fragmentos **]** **Fontes de informação** Caninas *et al.* (2004b, 2008a, 2008b, 2014); **Documentação gráfica** duas primeiras fotografias com vista do sítio após o incêndio de 2003, vista de momento de escavação, planta final de escavação e corte estratigráfico de sanja, espólio recolhido em escavação (a peça nº 4 foi encontrada à superfície entre Selada do Cavalo 1 e Selada do Cavalo 2).











5034.SELADA DO CAVALO 2

Identificação e localização **Referência** 5034 **Topónimo** Selada do Cavalo **Concelho** Oleiros **Freguesia** Oleiros **Nº AEAT** na **CNS** 19668 **CMP** 265 **Altitude (m)** 892 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** colo **]** **Caracterização** **Conservação** razoável **Descrição** pequeno montículo alongado, muito baixo,

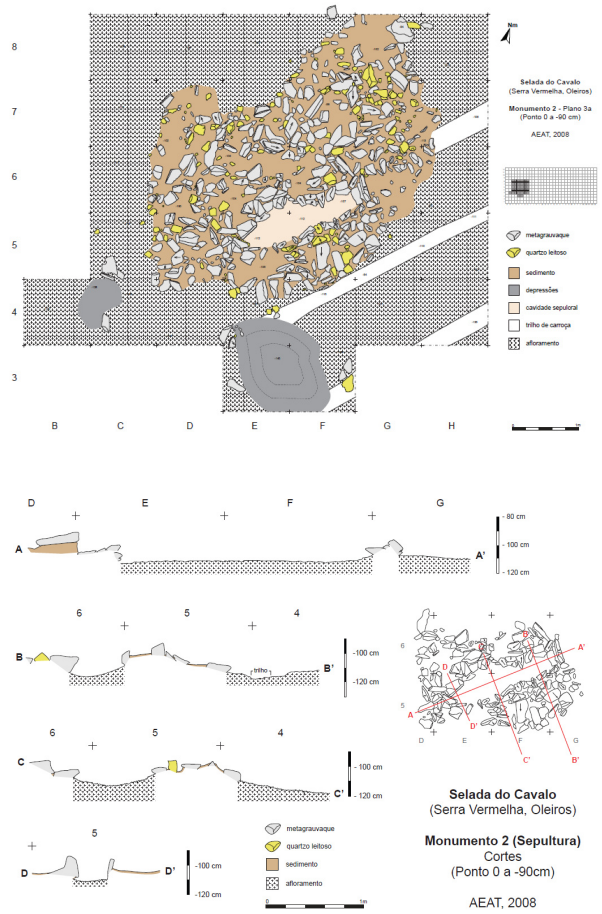




constituído por terra e pedras. A escavação executada em 2006 revelou que aquele aterro continha uma estrutura de configuração cistóide, interpretada como sepultura de inumação, individual. A ausência de artefactos e de materiais datáveis não permite atribuir uma cronologia específica a esta construção mas poderá balizar-se entre a Idade do

Bronze e a Alta Idade Média. No decurso da escavação foram encontrados sulcos de carroças, colmatados por sedimentos, adjacentes à periferia desta estrutura **Câmara [tipo** cista **nº de esteios** ver planta **materiais** metassedimentos **dimensões (m)** 1,90 de comprimento por 0,60 de largura máxima **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** terra, clastos de metassedimentos e quartzo filoniano leitoso **diâmetro (s)** c. de 4,5 m de comprimento por 3,0 m de largura **altura (m)** baixo **] Espólio [** entre este sítio e Selada do Cavalo 1 foi encontrado um disco que poderá associar-se provavelmente aquele monumento **]**





Fontes de informação Caninas *et al.* (2004b, 2008a, 2008b, 2015) **Documentação gráfica** na primeira imagem, vista do conjunto Selada do Cavalo 2, em primeiro plano, e Selada do Cavalo 1, ao fundo, segue-se vista do sítio após o incêndio de 2003, vista de momento de escavação, planta final de escavação de escavação, planta e cortes da cista (a peça nº 4 representada em Selada do Cavalo 1 foi encontrada à superfície entre os dois monumentos).

5035.SELADA DO CAVALO 3

Identificação e localização Referência 5035 **Topónimo** Selada do Cavalo **Concelho** Oleiros **Freguesia** Oleiros **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 265 **Altitude (m)** 945 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** encosta **] Caracterização Conservação** indeterminado **Descrição** montículo subcircular, constituído por terra e clastos de metassedimentos, situado em encosta, em posição sobranceira à Selada do Cavalo e subjacente ao vg Povoinha. Apresenta-se deformado com espalhamento de elementos líticos na direcção da pendente **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** metassedimentos **diâmetro** 4,0 m **altura (m)** nd **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Caninas, Henriques, Sabrosa, Henriques, Canha, Monteiro, Batista & Chambino (2005b) **Documentação gráfica** não disponível.

5036.SERRA DAS MOUGUEIRAS 1

Identificação e localização Referência 5036 **Topónimo** Serra das Mougueiras **Concelho** Oleiros **Freguesia** ni **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 278 **Altitude (m)** 793 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** crista **] Caracterização Conservação** indeterminado **Descrição** montículo constituído por terra e clastos. Muito próximo foram identificados dois outros montículos juntos (Serra das Mougueiras 2 e 3) e sulcos de rodados de via antiga **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** clastos de quartzo filoniano de diversos calibres **diâmetro (s)** 13,0 m (eixo norte-sul) e 16,20 m (eixo oeste-este) **altura (m)** baixa **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Carvalho *et al.* (2007) **Documentação gráfica** não disponível.

5037.SERRA DAS MOUGUEIRAS 2

Identificação e localização Referência 5037 **Topónimo** Serra das Mougueiras **Concelho** Oleiros **Freguesia** ni **Nº**



AEAT na **CNS** ni **CMP** 278 **Altitude (m)** 793 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** crista **] Caracterização Conservação** indeterminado **Descrição** pequeno montículo constituído por terra e clastos. A norte foram identificados sulcos de antiga via **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** clastos de quartzo filoniano **diâmetro (s)** 4,5 m (eixo norte-sul) e eixo 5,8 m (eixo oeste-este**) altura (m)** nd **] Espólio [**

ni] **Fontes de informação** Carvalho *et al.* (2007) **Documentação gráfica** vista do sítio (2007).

5038.SERRA DAS MOUGUEIRAS 3

Identificação e localização **Referência** 5038 **Topónimo** Serra das Mougueiras **Concelho** Oleiros **Freguesia** ni **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 278 **Altitude (m)** 793 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** crista **]** **Caracterização** **Conservação** indeterminado **Descrição** pequeno montículo constituído por terra e clastos. A norte foram identificados sulcos de antiga **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** clastos de quartzo filoniano **diâmetro (s)** 4,3 m (eixo norte-sul) e 6,3 m (eixo oeste-este) **altura (m)** nd **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Carvalho *et al.* (2007) **Documentação gráfica** vista do sítio (2007).



5039.SERRA DAS MOUGUEIRAS 4

Identificação e localização **Referência** 5039 **Topónimo** Serra das Mougueiras **Concelho** Oleiros **Freguesia** ni **Nº**



AEAT na **CNS** ni **CMP** 278 **Altitude (m)** 793 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** rechã **]** **Caracterização** **Conservação** indeterminado **Descrição** montículo constituído por pequenos clastos de quartzo filoniano, formando ligeira sobreelevação no terreno, ligeiramente aplanado **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** clastos de quartzo filoniano **diâmetro (s)** 3,8 m (eixo norte-sul) e 9,0 m (eixo oeste-este) **altura (m)** baixa **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** Carvalho *et al.* (2007) **Documentação gráfica** vista do sítio (2007).

5040.SERRA DAS MOUGUEIRAS 5

Identificação e localização **Referência** 5041 **Topónimo** Serra das Mougueiras **Concelho** Oleiros **Freguesia** ni **Nº AEAT** na **CNS** 19671 **CMP** 278 **Altitude** (m) 791 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** rechã **]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** montículo baixo constituído por blocos de quartzo filoniano de pequenas dimensões. Está ocupado por um pinhal não ardido e houve corte recente de mato (2004). O monumento está parcialmente cortado devido ao alargamento do estradão que percorre a cumeada. Esta via, antiga, também conhecida como Estrada da Lisga, ligava aquela povoação ao Estreito e à Isna. Situa-se a cerca de 13 m a norte de estrutura idêntica (Caniçal 1) **Câmara** [ni] **Corredor [** ni **] Mamoa** [**composição** pequenos clastos de quartzo filoniano **diâmetro (s)** cerca de 4,5 m **altura (m)** nd **] Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** EMERITA (comunicação de 20 de Janeiro de 2004 para o Instituto Português de Arqueologia) **Documentação gráfica** vista do sítio (2004).



5041.SERRA DO CABRIL 1

Identificação e localização **Referência** 5041 **Topónimo** Serra do Cabril **Concelho** Oleiros **Freguesia** Álvaro **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 266 **Altitude (m)** 632 **Implantação [**



geologia metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** crista **]** **Caracterização** **Conservação** indeterminada **Descrição** concentração de quartzo filoniano de pequeno calibre **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano de pequeno calibre **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **] Espólio [ni]** **Fontes de informação** AEAT **Documentação gráfica** vista do sítio (2004).

5042.SERRA DO CABRIL 2

Identificação e localização **Referência** 5042 **Topónimo** Serra do Cabril **Concelho** Oleiros **Freguesia** Álvaro **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 266 **Altitude (m)** 632 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** crista **]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** concentração de clastos de quartzo filoniano e de metassedimentos **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro (s)** 18,0 m **altura (m)** baixa **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** AEAT **Documentação gráfica** vista do sítio (2004).



5043.SERRA DO CABRIL 3

Identificação e localização **Referência** 5043 **Topónimo** Serra do Cabril **Concelho** Oleiros **Freguesia** Álvaro **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 266 **Altitude (m)** 630 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** crista **]** **Caracterização** **Conservação** parcialmente destruída, cortada por estradão **Descrição** concentração de clastos **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quartzo filoniano **diâmetro** 20,0 m **altura (m)** nd **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** AEAT **Documentação gráfica** vista do sítio (2004).



5044.SERRA DO CARUJO 1

Identificação e localização **Referência** 5044 **Topónimo** Serra do Carujo **Concelho** Oleiros **Freguesia** Oleiros **Nº AEAT** na **CNS** 19669 **CMP** 278 **Altitude (m)** 760 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** lomba **]** **Caracterização** **Conservação** mau **Descrição** montículo subcircular encostado ao estradão que percorre o topo da serra, e parcialmente amputado por este. Apresenta ampla mas suave depressão central. Na orla desta depressão observa-se o que parece ser a estrutura original da mamoa de terra e clastos. A cerca de 36 m de distância desta estrutura, também ao lado do estradão, detectou-se uma pequena concentração de clastos formando outro montículo de altura imperceptível (Serra do Carujo 2). Informante local referiu que o hábito de saque destas concentrações de *seixos* (quartzo filoniano) para utilizar na construção civil. A depressão referida pode corresponder a essas remoções. Ao longo da linha de cumeada e ao lado destes montículos observam-se sulcos de uma antiga via **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** clastos de metassedimentos e alguns de quartzo filoniano **diâmetro (s)** 11,0 m **altura (m)** muito baixa **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Caninas et al. (2004b, 2005b); EMERITA (comunicação de 20 de Janeiro de 2004 para o Instituto Português de Arqueologia) **Documentação gráfica** vista do sítio (2004).



5045.SERRA DO CARUJO 2

Identificação e localização **Referência** 5045 **Topónimo** Serra do Carujo **Concelho** Oleiros **Freguesia** Oleiros **Nº AEAT** na **CNS** 19669 **CMP** 278 **Altitude (m)** 760 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** lomba **]** **Caracterização** **Conservação** indeterminado **Descrição** pequena concentração de clastos de quartzo filoniano e metassedimentos formando montículo imperceptível **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** clastos de quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro (s)** nd **altura (m)** muito baixa **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Caninas *et al.* (2004b, 2005b); EMERITA (comunicação de 20 de Janeiro de 2004 para o Instituto Português de Arqueologia) **Documentação gráfica** vista do sítio (2004).



5046.SERRA DO CABEÇO RAINHA

Identificação e localização **Referência** 5046 **Topónimo** Serra do Cabeço Rainha **Concelho** Oleiros **Freguesia** Oleiros **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 290 **Altitude (m)** 860 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** lomba **]** **Caracterização** **Conservação** indeterminado **Descrição** concentração de clastos de quartzo filoniano. Em 2005 a observação foi dificultada pela densa cobertura arbustiva **Câmara [** ni] **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quartzo filoniano **diâmetro** nd **altura (m)** nd **] Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Caninas *et al.* (2005b) Documentação **gráfica** vista do sítio (2005).



5047.SERRA DOS COVÕES 1

Identificação e localização **Referência** 5047 **Topónimo** Serra dos Covões **Concelho** Oleiros **Freguesia** Madeirã **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 277 **Altitude (m)** 860 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** crista **]** **Caracterização** **Conservação**



indeterminado **Descrição** montículo subcircular com clastos de metassedimentos e quartzo. Sofreu arrastamento de materiais aquando da preparação do solo para florestação. Situa-se junto a um estradão recente que coincide com caminho mais antigo **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** metassedimentos e quartzo filoniano de pequeno calibre **diâmetro** 4,0 m **altura (m)** ligeira sobreelevação no terreno **] Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** EMERITA (relatório de prospecção, 2007) **Documentação gráfica** vista do sítio (2007).

5048.SERRA DOS COVÕES 2

Identificação e localização **Referência** 5048 **Topónimo** Serra dos Covões **Concelho** Oleiros **Freguesia** Madeirã **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 277 **Altitude (m)** 850 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** crista **]** **Caracterização** **Conservação** indeterminado **Descrição** montículo subcircular, constituído por terra e clastos, maioritariamente, de rochas metassedimentares, alguns dos quais se apresentam fincados no solo e outras de maiores dimensões soltos na envolvente. Situa-se junto de um estradão moderno que coincide com caminho mais antigo **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** metassedimentos e raros clastos de quartzo filoniano **diâmetro (s)** 5,0 m **altura (m)** ligeira sobrelevação no terreno **] Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** AEAT (2004), EMERITA (relatório de prospecção, 2007) **Documentação gráfica** vista do sítio (2004).



5049.SERRA DOS COVÕES 3

Identificação e localização **Referência** 5049 **Topónimo** Serra dos Covões **Concelho** Sertã **Freguesia** ni **Nº AEAT**



na **CNS** ni **CMP** 277 **Altitude (m)** 840 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** lomba **]** **Caracterização** **Conservação** parcialmente destruída por caminho **Descrição** montículo formado por terra e metassedimentos, de pequeno e médio calibre, e clastos de quartzo filoniano de pequeno calibre **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** metassedimentos e quartzo filoniano **diâmetro** 5,0 m **altura (m)** nd **] Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** AEAT (2004) **Documentação gráfica** vista do sítio (2004).

5050.SERRA DOS COVÕES 4 (SERRA DE ALVELOS)

Identificação e localização **Referência** 5050 **Topónimo** Serra dos Covões - Serra de Alvelos **Concelho** Oleiros **Freguesia** Madeirã **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 277 **Altitude (m)** 795 **Implantação [geologia** metassedimentos

(Formação de Perais) **morfologia** colo em crista **] Caracterização Conservação** parcialmente destruída **Descrição** vestígios de mamoa atravessada e desmontada por estradão. As parcelas do montículo que sobraram apresentam-se destacados acima do piso nos bordos do caminho mas foram surribados por plantação de eucalipto. No piso do estradão observam-se alguns blocos de metassedimentos que podem corresponder a um hipotético anel periférico e uma possível cista com alongamento na direcção este-oeste **Câmara [tipo** rectangular **nº de esteios** 2 (visíveis) **materiais** metassedimentos **dimensões** 0,55 m de comprimento e 0,25m de largura **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** clastos de diversos calibres em metassedimentos e quartzo filoniano **diâmetro** 9,0 m **altura (m)** nd **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** AEAT (2004) **Documentação gráfica** vista do sítio (2004).





5051.SERRA DOS COVÕES 5 (SERRA DE ALVELOS)
Identificação e localização Referência 5051 **Topónimo** Serra dos Covões - Serra de Alvelos **Concelho** Oleiros **Freguesia** Madeirã **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 277 **Altitude (m)** 790 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** colo em crista **] Caracterização Conservação** destruída **Descrição** vestígios de montículo evidenciado por concentração de clastos de diferentes litologias, afectado por estradão e por mobilização de solo para plantação de eucalipto **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** metassedimentos e quartzo filoniano **diâmetro** cerca de 5,0 m **altura (m)** baixa **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** AEAT (2004) **Documentação gráfica** vista do sítio (2004).



5052.SERRA DE ALVELOS
Identificação e localização Referência 5052 **Topónimo** Serra de Alvelos, Cava (vg) **Concelho** Oleiros **Freguesia** Madeirã **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 277 **Altitude (m)** 855 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** crista **] Caracterização Conservação** destruída **Descrição** restos de montículo constituído por clastos de quartzo filoniano de pequeno calibre e de metassedimentos de calibre pequeno e médio. Situa-se em área surribada para a plantação de eucaliptos e foi parcialmente cortada por um estradão **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro** 4,0 m **altura (m)** muito baixa **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** AEAT (2004) **Documentação gráfica** vista do sítio (2004).



5053.SOBRAL DE CIMA 1
Identificação e localização Referência 5053 **Topónimo** Sobral de Cima **Concelho** Oleiros **Freguesia** Sobral **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 265 **Altitude (m)** 630 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia cabeço** em rechã **] Caracterização Conservação** indeterminado **Descrição** montículo constituído por terra e clastos de médio e pequeno calibre afectado por estradão. Evidencia ligeira depressão central. Observam-se algumas lajes fincadas no solo que podem corresponder a anel de contenção periférica **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** quartzo filoneano e metassedimentos **diâmetro (s)** 5,0 m **altura (m)** nd **] Espólio [** ni **] Fontes de informação** AEAT (2004) **Documentação gráfica** vista do sítio (2004).



5054.SOBRAL DE CIMA 2

Identificação e localização **Referência** 5054 **Topónimo** Sobral de Cima **Concelho** Oleiros **Freguesia** Sobral **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 265 **Altitude (m)** 630 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** cabeço em rechã **]** **Caracterização Conservação** indeterminada **Descrição montículo** baixo com ampla depressão central. Observa-se deposição de alguns fragmentos de telha mourisca **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** metassedimentos de pequeno e médio calibre **diâmetro** 13,0 m **altura (m)** nd **] Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** AEAT (2004) **Documentação gráfica** vista do sítio (2004).



5055.VALE COELHO 1

Identificação e localização **Referência** 5055 **Topónimo** Vale do Coelho (Serra das Corgas ou de Pelaio Martins) **Concelho** Oleiros (na fronteira com Proença-a-Nova) **Freguesia** Isna **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 290 **Altitude (m)** 790 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** colo em crista **]** **Caracterização Conservação** destruído **Descrição** vestígios de montículo evidenciado por concentração de clastos e terra. Muito danificado devido a mobilização de solo provocada por maquinaria pesada. Sobre a estrutura foram colocadas raízes de pinheiros. **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** terra, quartzo filoniano e metassedimentos, incluindo elementos boleados **diâmetro** 6,0 m **altura (m)** nd **] Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** EMERITA (relatório de prospecção, 2005) **Documentação gráfica** vista do sítio (2005).



5056.VALE COELHO 2

Identificação e localização **Referência** 5056 **Topónimo** Vale do Coelho (Serra das Corgas ou de Pelaio Martins) **Concelho** Oleiros (na fronteira com Proença-a-Nova) **Freguesia** Isna **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 290 **Altitude (m)** 790 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** colo em crista **]** **Caracterização Conservação** mau **Descrição** montículo evidenciado por concentração de clastos e terra. Danificado devido a mobilização de solo provocada por maquinaria pesada **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** terra, quartzo filoniano e metassedimentos, incluindo elementos boleados **diâmetro** 6,0 m **altura (m)** nd **] Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** EMERITA (relatório de prospecção, 2005) **Documentação gráfica** vista do sítio (2005).



5057.VALE DA CONSTÂNCIA 1

Identificação e localização **Referência** 5057 **Topónimo** Vale da Constância **Concelho** Oleiros **Freguesia** Sobral **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 277 **Altitude (m)** 605 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** lonba **]** **Caracterização Conservação** indeterminado **Descrição** montículo subcircular constituído por terra e clastos **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** metassedimentos de pequena e média dimensão, bem compactados com terra, e clastos de quartzo filoneano, maioritariamente de muito pequeno calibre **diâmetro** 6,0 m **altura (m)** nd **] Espólio [outros líticos** fragmento de disco em metassedimento com perfuração bicónica ao centro **]** **Fontes de informação** EMERITA (relatório de prospecção, 2007) **Documentação gráfica** vista do sítio (2007).





5058.VALE DA CONSTÂNCIA 2

Identificação e localização **Referência** 5058 **Topónimo** Vale da Constância **Concelho** Oleiros **Freguesia** Sobral **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 277 **Altitude (m)** 605 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** lomba **]** **Caracterização** **Conservação** indeterminado **Descrição** montículo constituído por terra e clastos **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** pequenos clastos de metassedimentos e quartzo filoniano de muito pequeno calibre, bem compactados com terra **diâmetro** 3,0 m **altura (m)** muito baixa **] Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** EMERITA (relatório de prospecção, 2007) **Documentação gráfica** vista do sítio (2007).



5059.VALE DA CONSTÂNCIA 3

Identificação e localização **Referência** 5059 **Topónimo** Vale da Constância **Concelho** Oleiros **Freguesia** Sobral **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 277 **Altitude (m)** 605 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** lomba **]** **Caracterização** **Conservação** indeterminado **Descrição** montículo evidenciado por concentração de clastos e terra **Câmara [** ni **] Corredor [** ni **] Mamoa [composição** pequenos clastos de metassedimentos e quartzo filoniano de muito pequeno calibre bem compactados com terra **diâmetro** 3,0n m **altura (m)** muito baixa **] Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** EMERITA (relatório de prospecção, 2007) **Documentação gráfica** vista do sítio (2007).

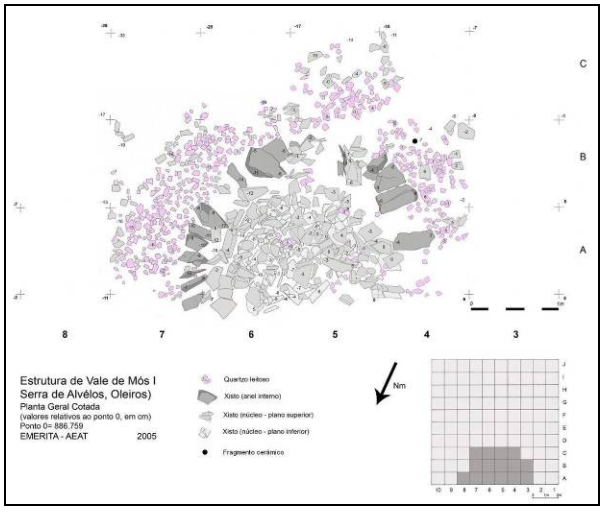


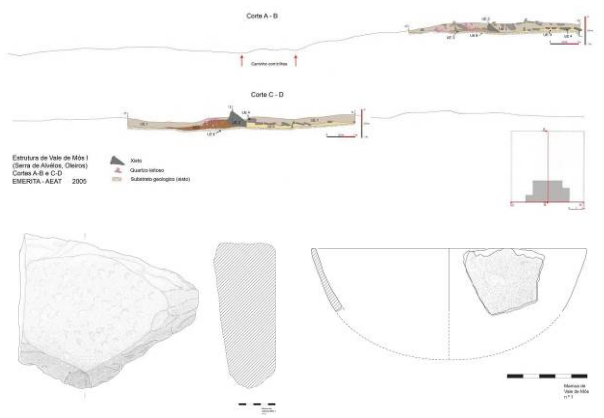
5060.VALE DE MÓS 1

Identificação e localização **Referência** 5060 **Topónimo** Vale de Mós, vértice geodésico (Serra de Alvelos) **Concelho** Oleiros **Freguesia** Oleiros **Nº AEAT** na **CNS** 23706 **CMP** 277 **Altitude (m)** 886 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** cumeada crista **]** **Caracterização** **Conservação** não existe, foi escavada e integralmente desmontada **Descrição** estrutura monticular evidenciada por concentração de clastos. Aquando da sua descoberta encontrava-se amputado em metade do volume devido à instalação de caminho de cumeada. No decurso da construção do Parque Eólico de Alvelos foi necessário proceder à sua escavação integral e desmonte para permitir a ripagem do acesso entre dois aerogeradores. A intervenção arqueológica (2005) permitiu identificar uma construção monticular, de geometria circular, em razoável estado de conservação, constituída por um aterro periférico, ou coroa externa, constituído por terra e pequenos fragmentos de quartzo bem calibrados. Encostado a este aterro foi posto à vista um anel (interno) formado por sequência de lajes de metassedimento, formando um único nível, dispostas radialmente, maioritariamente deitadas, mas inclinadas para o interior. No interior foi observado um amplo empedrado constituído por dois níveis de lajes e blocos de metassedimento, dispostos tendencialmente em posição horizontal, bem arrumados, e preenchendo o espaço central. Na base do anel exterior foi recolhido um pequeno fragmento de cerâmica correspondente a uma taça. Permanece em aberto a identificação da funcionalidade desta estrutura embora se admita a sua antiguidade pré-histórica. Foi construída num suave colo (ou *selada* como se diz nesta região) entre dois cabeços situados no topo da Serra de Alvélos, cerca de 500 m a NE do vértice geodésico Vale de Mós **Câmara [tipo** circular **nº de esteios** 15 (incompleto) **materiais** metassedimentos **dimensões** 3,0 m de diâmetro exterior **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** metassedimentos e quartzo filoniano **diâmetro** 4,0 m **altura** inferior a 0,20 m **] Espólio [pedra afeiçoada** um dormente **cerâmica** um fragmento com bordo **]** **Fontes de informação** Caninas *et al.* (2004b, 2008a, 2008b, 2011); Igreja (2011) **Documentação gráfica** vista do sítio em 2005, vista em fase de escavação (2005), planta e cortes no final da escavação, espólio recolhido.









5061.VALE DE MÓS 2

Identificação e localização **Referência** 5061 **Topónimo** Vale de Mós, vértice geodésico (Serra de Alvelos) **Concelho** Oleiros **Freguesia** Sobral **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 277 **Altitude (m)** 886 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** crista **]** **Caracterização** **Conservação** destruída **Descrição** possível mamoa, evidenciada por concentração de clastos, destruída por lavoura associada à instalação de eucaliptal **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** clastos de metassedimentos e quartzo filoniano **diâmetro (s)** nd **altura (m)** nd **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** AEAT (2004); Caninas *et al.* (2005b) **Documentação gráfica** vista do sítio (2004).



5062.VALE DE MÓS 3

Identificação e localização **Referência** 5062 **Topónimo** Vale de Mós, vértice geodésico (Serra de Alvelos) **Concelho** Oleiros **Freguesia** Sobral **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 277 **Altitude (m)** 906 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** cabeço sobre crista **]** **Caracterização** **Conservação** indeterminada **Descrição** pequeno montículo evidenciado por acumulação de pequenos clastos. Situa-se no topo de um cabeço em leve plano inclinado para nascente **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** metassedimentos e quartzo filoniano **diâmetro** 3,5 m **altura (m)** nd **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** AEAT (2004); Caninas *et al.* (2005b) **Documentação gráfica** vista do sítio (2005).



5063.VALE REDONDO 1

Identificação e localização **Referência** 5063 **Topónimo** Vale Redondo **Concelho** Oleiros **Freguesia** Oleiros **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 278 **Altitude (m)** 597 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** rechã **]** **Caracterização** **Conservação** indeterminado **Descrição** pequeno montículo evidenciado por mancha de pequenos clastos de duas litologias diferenciadas **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro** 3,0 m **altura (m)** nd **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Caninas *et al.* (2005b) **Documentação gráfica** vista do sítio (2005).



5064.VALE REDONDO 2

Identificação e localização **Referência** 5064 **Topónimo** Vale Redondo **Concelho** Oleiros **Freguesia** Oleiros **Nº AEAT** na **CNS ni CMP** 278 **Altitude (m)** 554 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** rechã **]** **Caracterização** **Conservação** indeterminado **Descrição** pequeno montículo evidenciado por concentração de clastos. Está situado junto de um montículo maior (Cabeço do Seixo 2) e de sulcos de um antigo caminho **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** pequenos clastos de quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro (s)** 3,0 m **altura (m)** nd **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Caninas *et al.* (2005b) **Documentação gráfica** vista do sítio (2005).



5065.VALE REDONDO 3

Identificação e localização **Referência** 5065 **Topónimo** Vale Redondo **Concelho** Oleiros **Freguesia** Oleiros **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 278 **Altitude (m)** 548 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** rechã **]** **Caracterização** **Conservação** indeterminado **Descrição** pequeno montículo evidenciado por concentração de pequenos clastos, junto a um antigo caminho **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** pequenos clastos de quartzo filoniano e metassedimentos **diâmetro** 3,0 m **altura (m)** nd **]** **Espólio [** ni **]** **Fontes de informação** Caninas *et al.* (2005b) **Documentação gráfica** vista do sítio (2005).



5066.VOLTAS DA PIÇARRA

Identificação e localização **Referência** 5066 **Topónimo** Voltas da Piçarra, Mosteiro **Concelho** Oleiros **Freguesia** Mosteiro **Nº AEAT** na **CNS** ni **CMP** 277 **Altitude (m)** 759 **Implantação [geologia** metassedimentos (Formação de Perais) **morfologia** rechã **]** **Caracterização** **Conservação** indeterminada **Descrição** blocos de pequena e média dimensão metassedimentos e de quartzo filoniano ligeiramente sobrelevada relativamente ao solo envolvente **Câmara [** ni **]** **Corredor [** ni **]** **Mamoa [composição** metassedimentos e quartzo filoniano **diâmetro** 3,5 m **altura (m)** nd **]** **Espólio [outros líticos** fragmento de metassedimento com incisões numa das faces **]** **Fontes de informação** AEAT (2004) **Documentação gráfica** vista do sítio (2004).





Anexo 7. Tabela de inserção das construções funerárias no território

Refª	Topónimo	Ícone				Cota	CMP	Morfologia													Geologia						
								Posições superiores ou culminantes			Posições intermédias ou vertentes							Posições inferiores ou depressionárias										
		Confirmada	Localização hipotética	Qualificação hipotetica	Topónimo			Topo circular lig. alongado ou cabeço	Topo aplanado, planalto ou terraço	Topo muito alongado ou crista	Topo circular lig. alongado ou cabeço	Alargada	Chã	Lomba	Rechã ou terraço	Cabeço em rechã	Colo	Fundo de vale encaixado	Planície	Terraço	Grupo das Beiras	Rochas magmá-ticas intrusivas	Formação de Falagueira	Formação Cabeço Infante	Depósito de terraço	Depósito de vertente	Aluvião moderno
1001	Alteza	●				356	314		2														16				
1002	Anaformosa	●				208	314							7							14						
1003	Barroca da Fonte	●				180	313							7							14						
1004	Brejinha	●				226	303								8						14						
1005	Cabeço d´Ante	●				230	314				4										14						
1006	Cabuzo	●				286	302				4										14						
1007	Campo 1	●				301	314						6								14						
1008	Casarona	●				134	313													13					18		
1009	Charneca das Canas	●				324	314		2														16				
1010	Charneca das Vinhas	●				359	303		2														16				
1011	Charneca de Janome	●				322	313		2														16				
1012	Eira da Vinha	●				105	303											11									20
1013	Estação CP Fratel	●				97	314													13	14						
1014	Farranhão	●				217	304								8									17			
1015	Fateirão	●				255	303							7							14						
1016	Lagar da Riscada		■			230	313							7							14						
1017	Lagar Novo - Antinha	●				193	314							7							14						
1018	Monte do Famaco	●				110	314								8										18		
1019	Monte do Pinhal	●				187	314								8										18		
1020	Montesinho	●				205	314					5									14						
1021	Montinho	●				348	303									9							16				
1022	Morouços 1	●				122	303												12								20
1023	Morouços 2	●				122	303												12								20
1024	Mulato 1	●				345	303						6								14						
1025	Mulato 2	●				345	303						6								14						
1026	Mulato 3	●				345	303						6								14						
1027	Mulato 4	●				345	303						6								14						
1028	Mulato 5	●				345	303						6								14						
1029	Mulato 6	●				345	303						6								14						
1030	Mulato 7	●				345	303						6								14						
1031	Mulato 8	●				345	303						6								14						
1032	Mulato 9	●				345	303						6								14						
1033	Mulato 10	●				345	303						6								14						
1034	Mulato 11	●				345	303						6								14						
1035	Mulato 12	●				345	303						6								14						
1036	Mulato 13	●				345	303						6								14						
1037	Murtal	●				280	303								8						14						
1038	Peroledo 1	●				330	314		2														16				
1039	Peroledo 2	●				344	314									9							16				
1040	Peroledo 3	●				300	314									9							16				
1041	Poço da Pedra Azul	●				358	291							7							14						
1042	Ribeiro da Carapetosa	●				355	291							7							14						
1043	Santo Amaro	●				302	314							7							14						
1044	Tavelinha	●				197	303									9					14						
1045	Urgueira	●				146	303					5												17			
1046	Vale da Nave	●				250	314							7							14						
1047	Vale das Cobras 1	●				318	303				4										14						
1048	Vale Feito 1	●				320	303										10				14						
1049	Vale Feito 2	●				349	303								8						14						
1050	Vale Mouro	●				275	303							7							14						

Refª	Topónimo	Ícone				Cota	CMP	Morfologia													Geologia						
								Posições superiores ou culminantes			Posições intermédias ou vertentes								Posições inferiores ou depressionárias									
		Confirmada	Localização hipotética	Qualificação hipotetica	Topónimo			Topo circular lig. alongado ou cabeço	Topo aplanado, planalto ou terraço	Topo muito alongado ou crista	Topo circular lig. alongado ou cabeço	Alargada	Chã	Lomba	Rechã ou terraço	Cabeço em rechã	Colo	Fundo de vale encaixado	Planície	Terraço	Grupo das Beiras	Rochas magmá-ticas intrusivas	Formação de Falagueira	Formação Cabeço Infante	Depósito de terraço	Depósito de vertente	Aluvião moderno
1051	Vermelhas	●				100	314							7										17			
1052	Vinha do Torão	●				170	304													13				17			
1053	Senhora da Graça			▲		110	303												12								20
1054	Antas				▬	249	302																				
1055	Anta				▬	206	323																				
1056	Alcaria			▲		266	314																				
1057	Campo 2			▲		290	314																				
1058	Castelejo			▲		360	314																				
1059	Curral do Coto			▲		290	314																				
1060	Monte da Coutada			▲		144	303																				
1061	Cascalhais		■			240	304																				
1062	Curral da Anta		■			260	314																				
1063	Prior		■			220	303																				
1064	Vale da Afussada		■			367	303																				
1065	Vale das Cobras 2		■			310	303																				
2001	Anta	●				459	302								8							14						
2002	Antas	●				275	302							7								14						
2003	Cabeço da Anta 1	●				383	302	1														14						
2004	Cabeço da Anta 2	●				338	302	1														14						
2005	Cão do Ribeiro	●				367	302							7								14						
2006	Cascalhal	●				140	313							7								14						
2007	Castanheira			▲		690	290							7								14						
2008	Chão das Vargens	●				328	302						6									14						
2009	Cimadas Fundeiras	●				454	301								8							14						
2010	Cimo do Vale de Alvito 1	●				371	302	1														14						
2011	Cimo do Vale de Alvito 2	●				366	302		2													14						
2012	Cruz	●				226	313		2													14						
2013	Espinho Pequeno 1	●				355	302		2													14						
2014	Espinho Pequeno 2	●				355	302		2													14						
2015	Espinho Pequeno 3	●				355	302		2													14						
2016	Forno dos Mouros			▲		460	301							7								14						
2017	Junceira	●				314	302		2													14						
2018	Lameira d´Antas 1	●				343	290		2													14						
2019	Lameira d´Antas 2	●				340	290		2													14						
2020	Lameira d´Antas 3	●				331	302		2													14						
2021	Moita da Galinha	●				337	302	1														14						
2022	Pedras da Anta	●				322	302		2													14						
2023	Portela da Anavinhas	●				312	302		2													14						
2024	Vale Bastinho	●				306	302		2													14						
2025	Vale da Mua	●				295	302		2													14						
2026	Vale da Neve	●				329	302	1														14						
2027	Vale de Amodeis 1			▲		765	290			3												14						
2028	Vale de Amodeis 2			▲		765	290			3												14						
3001	Águas de Verão	●				284	305		2																17			
3002	Barreira Cimeira	●				300	304							7											17			
3003	Calçada da Moura	●				340	305								8												19	
3004	Calvos	●				329	291							7								14						
3005	Capa Rota		■			365	292							7								14						
3006	Casa da Moura	●				364	291							7								14						
3007	Casalinhas	●				298	305		2																17			
3008	Eira dos Mouros	●				680	255							7								14						

Ref[a]	Topónimo	Ícone				Cota	CMP	Morfologia													Geologia						
								Posições superiores ou culminantes			Posições intermédias ou vertentes							Posições inferiores ou depressionárias										
		Confirmada	Localização hipotética	Qualificação hipotetica	Topónimo			Topo circular lig. alongado ou cabeço	Topo aplanado, planalto ou terraço	Topo muito alongado ou crista	Topo circular lig. alongado ou cabeço	Alargada	Chã	Lomba	Rechã ou terraço	Cabeço em rechã	Colo	Fundo de vale encaixado	Planície	Terraço	Grupo das Beiras	Rochas magmá-ticas intrusivas	Formação de Falagueira	Formação Cabeço Infante	Depósito de terraço	Depósito de vertente	Aluvião moderno
3009	Ferrarias 1	●				286	305		2												17						
3010	Ferrarias 2	●				284	305		2												17						
3011	Ferrarias 3	●				294	305								8						17						
3012	Ferrarias 4	●				360	281	1													14						
3013	Fonte da Couchinha	●				265	305	1													17						
3014	Granjinha de Cima 1	●				146	293													13				18			
3015	Granjinha de Cima 2	●				150	293													13				18			
3016	Granjinha de Cima 3	●				152	293													13				18			
3017	Horta Longa	●				330	292													13	14						
3018	Lameiro da Caiada	●				279	305								8										19		
3019	Malhada	●				275	305										10				17						
3020	Melo	●				290	305								8						17						
3021	Moita Redonda	●				820	256							7							14						
3022	Monte da Brada d´Ouro	●				287	315							7							14						
3023	Monte do Brejo da Castanha	●				253	305							7							17						
3024	Monte do Ribeiro do Gato 1	●				287	305		2												17						
3025	Monte do Ribeiro do Gato 2	●				285	305		2												17						
3026	Monte do Ribeiro do Gato 3	●				261	305							7							14						
294	Monte de São Domingos 1	●				293	305								8						17						
3028	Monte de São Domingos 2			▲		270	305													13	17						
3029	Monte de São Domingos 3			▲		270	305													13	17						
3030	Mourelo 1	●				438	267							7							14						
3031	Mourelo 2	●				430	267							7							14						
3032	Mourelo 3	●				420	267							7							14						
3033	Muro Alto	●				287	293		2												14						
3034	Pelada 1	●				390	268												12			15					
3035	Pelada 2	●				390	268												12			15					
3036	Popenas 1	●				327	281		2												14						
3037	Popenas 2	●				333	281		2												14						
3038	Rebouça 1	●				370	292		2													15					
3039	Rebouça 2	●				370	292		2													15					
3040	Represa			▲		410	291	1													14						
3041	Ribeiro do Campo	●				230	305													13					18		
3042	Serra do Vigário			▲		370	305		2														16				
3043	Vale das Favas 1	●				369	305		2														16				
3044	Vale das Favas 2	●				370	305		2														16				
3045	Salgueirinho	●				300	281							7							14						
3046	Silveirinha	●				401	291							7							14						
3047	Tapada da Cidade	●				230	304							7							14						
3048	Risca do Cuco	●				317	267								8						14						
4001	Abelheiros	●				405	306		2														16				
4002	Alares 1	●				280	306							7							14						
4003	Alares 2	●				318	306								8						14						
4004	Alto das Eirinhas	●				332	271		2												14						
4005	Amieiro 1	●				355	294							7							14						
4006	Amieiro 2	●				371	294		2															17			
4007	Amieiro 3	●				365	294		2															17			
4008	Amieiro 4	●				360	294		2															17			
4009	Amieiro 5	●				368	294		2															17			
4010	Amieiro 6			▲																							
4011	Amieiro 7	●				360	294		2															17			

Ref[a]	Topónimo	Ícone				Cota	CMP	Morfologia														Geologia						
								Posições superiores ou culminantes			Posições intermédias ou vertentes								Posições inferiores ou depressionárias										
		Confirmada	Localização hipotética	Qualificação hipotetica	Topónimo			Topo circular lig. alongado ou cabeço	Topo aplanado, planalto ou terraço	Topo muito alongado ou crista	Topo circular lig. alongado ou cabeço	Alargada	Chã	Lomba	Rechã ou terraço	Cabeço em rechã	Colo	Fundo de vale encaixado	Planície	Terraço	Grupo das Beiras	Rochas magmá-ticas intrusivas	Formação de Falagueira	Formação Cabeço Infante	Depósito de terraço	Depósito de vertente	Aluvião moderno
4012	Amieiro 8	●				360	294		2													14						
4013	Amieiro 9	●				324	294	1														14						
4014	Amieiro 10			▲																								
4015	Amieiro 11	●				353	294							7								14						
4016	Arraial da Azinha 1	●				266	306								8							14						
4017	Arraial da Azinha 2	●				260	306							7								14						
4018	Arraial do Cabeço Mouro 1	●				280	306								8							14						
4019	Arraial do Cabeço Mouro 2	●				299	306		2													14						
4020	Arraial do Cabeço Mouro 3	●				280	306					5										14						
4021	Arraial do Cabeço Mouro 4	●				290	306								8							14						
4022	Arraial do Cabeço Mouro 5	●				294	306								8							14						
4023	Arraial do Cabeço Mouro 6 *	●				307	306		2													14						
4024	Arraial do Cabeço Mouro 7		■																									
4025	Arraial de Caféde 1	●				424	270		2													14						
4026	Arraial de Caféde 2	●				424	270		2													14						
4027	Arraial das Calaças 1	●				441	270		2													14						
4028	Arraial das Calaças 2	●				442	270		2													14						
4029	Arraial das Calaças 3	●				438	270		2													14						
4030	Arraial da Poupa	●				295	306									9						14						
4031	Arraial da Serra	●				413	270		2													14						
4032	Atalaia 1	●				291	283	1														14						
4033	Atalaia 2	●				284	282	1																	17			
4034	Boizana	●				294	306									9						14						
4035	Cabeço Alto 1	●				393	306		2																17			
4036	Cabeço Alto 2	●				320	306						6									14						
4037	Cabeço Alto 3	●													8							14						
4038	Cabeço Alto 4	●				324	306						6									14						
4039	Cabeço da Forca	●				304	306						6									14						
4040	Cabeço do Moinho de Vento			▲																								
4041	Cabeço Vermelho 1	●				388	282		2													14						
4042	Cabeço Vermelho 2	●				391	282	1														14						
4043	Caminho da Lomba	●				299	282							7											17			
4044	Campinho	●				260	294					5										14						
4045	Cardais	●				292	306									9						14						
4046	Casa de Caça	●				277	305							7								14						
4047	Casa da Carranca			▲																								
4048	Casa da Praça 1			▲																								
4049	Casa da Praça 2			▲																								
4050	Casa do Ti Moço	●				285	306			3															17			
4051	Caseta Velha	●				265	315B							7								14						
4052	Cegonhas Velhas	●				225	294						6												17			
4053	Chão da Forca	●				280	270													13		14						
4054	Chão do Tanque			▲																								
4055	Clérigos	●				285	305							7								14						
4056	Corgas 1	●				350	294					5										14						
4057	Corgas 2	●				374	294		2													14						
4058	Corgos		■																									
4059	Couto dos Caturros	●				223	294		2																17			
4060	Couto da Espanhola 1	●				340	294		2													14						
4061	Couto da Espanhola 2	●				305	294							7											17			
4062	Couto da Espanhola 3	●				299	294						6												17			

Refª	Topónimo	Ícone				Cota	CMP	Morfologia													Geologia						
								Posições superiores ou culminantes			Posições intermédias ou vertentes								Posições inferiores ou depressionárias									
		Confirmada	Localização hipotética	Qualificação hipotetica	Topónimo			Topo circular lig. alongado ou cabeço	Topo aplanado, planalto ou terraço	Topo muito alongado ou crista	Topo circular lig. alongado ou cabeço	Alargada	Chã	Lomba	Rechã ou terraço	Cabeço em rechã	Colo	Fundo de vale encaixado	Planície	Terraço	Grupo das Beiras	Rochas magmá-ticas intrusivas	Formação de Falagueira	Formação Cabeço Infante	Depósito de terraço	Depósito de vertente	Aluvião moderno
4063	Couto da Espanhola 4	●				293	294	1													14						
4064	Couto da Espanhola 5	●				340	294		2															17			
4065	Couto da Espanhola 6	●				350	294		2												14						
4066	Couto da Espanhola 7			▲																							
4067	Couto dos Mouros	●				270	306							7							14						
4068	Couto de Santa Marina	●				300	306		2												14						
4069	Crespo	●				310	294			3															18		
4070	Cubeira 1	●				330	305		2																18		
4071	Cubeira 2	●				315	305								8						14						
4072	Cubeira 3	●				338	305		2																18		
4073	Cubeira 4	●				325	305			3															18		
4074	Fainina 1	●				280	306A								8						14						
4075	Fainina 2	●				310	306							7							14						
4076	Fainina 3		■																								
4077	Farranhão 1	●				263	315B							7							14						
4078	Farranhão 2			▲																							
4079	Fonte da Alvedeia	●				339	306	1													14						
4080	Fonte do Ferronhão 1			▲																							
4081	Fonte do Ferronhão 2			▲																							
4082	Fonte do Galinha	●				235	306								8						14						
4083	Fonte do Lobo	●				310	294								8						14						
4084	Galricho 1	●				293	306							7										17			
4085	Galricho 2	●				293	306							7										17			
4086	Granja	●				267	270						6									15					
4087	Granja (da Enchacana)	●				236	294													13					18		
4088	Granja de São Pedro		■																								
4089	Grelheira	●				253	306									9					14						
4090	Horta da Serra 1		■																								
4091	Horta da Serra 2		■																								
4092	Maias 1	●				320	306							7							14						
4093	Maias 2	●				340	306					5												17			
4094	Mané	●				330	306								8						14						
4095	Marcelina	●				249	294						6								14						
4096	Marmeleiro 1	●				283	306A	1													14						
4097	Marmeleiro 2	●				274	306A		2												14						
4098	Marota	●				360	306								8									17			
4099	Mesas 1	●				290	306										10				14						
4100	Mesas 2	●				278	315B								8						14						
4101	Matafome	●				400	271					5									14						
4102	Monte da Calqueira 1	●				264	294							7										17			
4103	Monte da Calqueira 2	●				240	294							7										17			
4104	Monte do Campinho	●				344	294							7										17			
4105	Monte dos Zebros 1	●				272	294						6											17			
4106	Monte dos Zebros 2	●				274	294						6											17			
4107	Ovelheiros	●				410	306		2														16				
4108	Pasteira 1	●				275	306						6								14						
4109	Pasteira 2	●				270	306						6								14						
4110	Pedra d´Anta		■																								
4111	Piornal			▲																							
4112	Poço do Campinho			▲																							
4113	Poço do Chibo 1	●				292	306	1													14						

Ref[a]	Topónimo	Ícone				Cota	CMP	Morfologia													Geologia						
								Posições superiores ou culminantes			Posições intermédias ou vertentes								Posições inferiores ou depressionárias									
		Confirmada	Localização hipotética	Qualificação hipotetica	Topónimo			Topo circular lig. alongado ou cabeço	Topo aplanado, planalto ou terraço	Topo muito alongado ou crista	Topo circular lig. alongado ou cabeço	Alargada	Chã	Lomba	Rechã ou terraço	Cabeço em rechã	Colo	Fundo de vale encaixado	Planície	Terraço	Grupo das Beiras	Rochas magmá-ticas intrusivas	Formação de Falagueira	Formação Cabeço Infante	Depósito de terraço	Depósito de vertente	Aluvião moderno
4114	Poço do Chibo 2	●				295	306	1													14						
4115	Poço Ludro	●				324	306								8						14						
4116	Queijeira Velha	●				310	294								8						14						
4117	Ribeiro do Gavião	●				232	294	1													14						
4118	Samarrudo 1	●				313	305	1													14						
4119	Samarrudo 2	●				282	305							7							14						
4120	Santa Catarina	●				167	293						6											17			
4121	São Felizes	●				362	306			3														17			
4122	São Gens	●				260	269								8							15					
4123	São Pedro	●				228	294													13				17			
4124	Sapateiras	●				470	271								8						14						
4125	Serrinha 1	●				329	295			3											14						
4126	Serrinha 2	●				320	295			3											14						
4127	Tábua (1)	●				245	282					5												17			
4128	Tapada da Ordem 1	●				275	306						6								14						
4129	Tapada da Ordem 2	●				275	306						6								14						
4130	Tapada da Ordem 3	●				275	306						6								14						
4131	Torrão (Barragem 3)	●				280	269	1														15					
4132	Torrãozinho 1 (Arraial do)	●				270	269					5										15					
4133	Torrãozinho 2 (Arraial do)		■			260	270					5										15					
4134	Torrãozinho 3 (Arraial do)		■			260	270					5										15					
4135	Tremal 1	●				332	294			2														17			
4136	Tremal 2	●				336	294							7										17			
4137	Vale da Alagoa			▲																							
4138	Vale da Morena	●				295	306								8						14						
4139	Vale Pórros	●				280	306							7										17			
4140	Valtamonte	●				300	306							7										17			
4141	Zambujo 1	●				270	306A							7							14						
4142	Zambujo 2	●				297	306A							7							14						
4143	Zambujo 3	●				299	306A							7							14						
4144	Zebros	●				293	294							7										17			
4145	Arraial da Senhora do Almurtão	●				351	282		2												14						
5001	Alto da Cadavosa	●				660	266			3											14						
5002	Alto da Coelheira	●				889	277			3											14						
5003	Boieiro	●				474	265	1													14						
5004	Cabeço das Cruzes	●				500	266	1													14						
5005	Cabeço do Seixo 1	●				559	278								8						14						
5006	Cabeço do Seixo 2	●				554	278								8						14						
5007	Caniçal 1	●				790	278								8						14						
5008	Caniçal 2	●				800	278			3											14						
5009	Caniçal 3			▲		795	278			3											14						
5010	Castanheira	●				1030	290			3											14						
5011	Cimo da Cova dos Bacelos 1	●				906	277							7							14						
5012	Cimo da Cova dos Bacelos 2	●				906	277							7							14						
5013	Cimo dos Valeiros (Feiteiras)	●				917	277							7							14						
5014	Coval Seixoso			▲		753	277							7							14						
5015	Feteirinha 1	●				800	278			3											14						
5016	Feteirinha 2	●				820	278			3											14						
5017	Lomba das Antas				▬	570	266							7							14						
5018	Lontreira (Serra da)	●				1004	278			3											14						
5019	Lousa	●				566	279							7							14						
5020	Marmoural				▬	790	267	1													14						

Refª	Topónimo	Ícone				Cota	CMP	Morfologia													Geologia						
								Posições superiores ou culminantes			Posições intermédias ou vertentes							Posições inferiores ou depressionárias										
		Confirmada	Localização hipotética	Qualificação hipotetica	Topónimo			Topo circular lig. alongado ou cabeço	Topo aplanado, planalto ou terraço	Topo muito alongado ou crista	Topo circular lig. alongado ou cabeço	Alargada	Chã	Lomba	Rechã ou terraço	Cabeço em rechã	Colo	Fundo de vale encaixado	Planície	Terraço	Grupo das Beiras	Rochas magmá-ticas intrusivas	Formação de Falagueira	Formação Cabeço Infante	Depósito de terraço	Depósito de vertente	Aluvião moderno
5021	Mata do Álvaro 1	●				966	265			3											14						
5022	Mata do Álvaro 2			▲		957	265			3											14						
5023	Monte Fundeiro	●				797	277							7							14						
5024	Mosteiro	●				756	277	1													14						
5025	Mouro	●				659	265	1													14						
5026	Pedintal	●				775	290							7							14						
5027	Porto da Ribeira			▲		830	277								8						14						
5028	Safra	●				830	278	1													14						
5029	Sardeiras			▲		729	278								8						14						
5030	Selada da Póvoa 1	●				810	277								8						14						
5031	Selada da Póvoa 2			▲		800	277								8						14						
5032	Selada da Póvoa 3	●				800	277								8						14						
5033	Selada do Cavalo 1	●				892	265										10				14						
5034	Selada do Cavalo 2	●				892	265										10				14						
5035	Selada do Cavalo 3	●				945	265					5									14						
5036	Serra das Mougueiras 1	●				793	278			3											14						
5037	Serra das Mougueiras 2	●				793	278			3											14						
5038	Serra das Mougueiras 3	●				793	278			3											14						
5039	Serra das Mougueiras 4	●				760	278								8						14						
5040	Serra das Mougueiras 5	●				791	278								8						14						
5041	Serra do Cabril 1			▲		632	266			3											14						
5042	Serra do Cabril 2	●				632	266			3											14						
5043	Serra do Cabril 3	●				630	266			3											14						
5044	Serra do Carujo 1	●				760	278							7							14						
5045	Serra do Carujo 2			▲		760	278							7							14						
5046	Serra do Cabeço Rainha			▲		860	290							7							14						
5047	Serra dos Covões 1	●				860	277			3											14						
5048	Serra dos Covões 2	●				850	277			3											14						
5049	Serra dos Covões 3	●				840	277							7							14						
5050	Serra dos Covões 4	●				795	277			3							10				14						
5051	Serra dos Covões 5	●				790	277			3							10				14						
5052	Serra de Alvelos	●				855	277			3											14						
5053	Sobral de Cima 1	●				630	265									9					14						
5054	Sobral de Cima 2	●				630	265									9					14						
5055	Vale Coelho 1	●				790	290			3							10				14						
5056	Vale Coelho 2	●				790	290			3							10				14						
5057	Vale da Constança 1	●				605	277							7							14						
5058	Vale da Constança 2	●				605	277							7							14						
5059	Vale da Constança 3	●				605	277							7							14						
5060	Vale de Mós 1	●				886	277			3											14						
5061	Vale de Mós 2	●				886	277			3											14						
5062	Vale de Mós 3	●				906	277			3											14						
5063	Vale Redondo 1	●				597	278								8						14						
5064	Vale Redondo 2	●				554	278								8						14						
5065	Vale Redondo 3	●				548	278								8						14						
5066	Voltas da Piçarra	●				759	277								8						14						

Anexo 8. Tabela das características construtivas

Subestrutura funerária central e subestruturas associadas — Grau de conhecimento; Altitude; Subestrutura observável; Câmara

Refª	Topónimo	Grau de conhecimento: Não escavada	Escavada: sem sanja	Escavada: com sanja ou equivalente	Altitude (m)	Subestrutura observável: Indeterminado	Simples (câmara)	Simples, Aberta/fechada: Indeterminada	Aberta	Fechada	Composto	Composto (câmara + corredor), Diferenciação horizontal: Indiferenciado	Diferenciado	Diferenciação vertical: Indiferenciado	Diferenciado	Alinhamento: Alinhado	Desalinhado	Proporcionalidade: Indeterminada	Indiferenciada	Alargada	Alongada	Câmara: Indeterminada	Não ortostática: Negativa (fossa)	Positiva	Ortostática	Ortostática, Geometria: Indeterminada	Quadrangular / Rectangular	Circular	Elíptica	Ovóide	Poligonal	Outras	Litologias (ortóstatos): Indeterminada	Metassedimentar	Quartzito	Quartzo	Granito	Envergadura, Horizontal: Indeterminada	Pequena d<2m	Média 2m≤d<4m	Grande d≥4m	Vertical: Indeterminada	Muito baixa h<0,5m	Baixa 0,5m≤h<1m	Média 1m≤h<1,5m	Alta 1,5m≤h<2m	Muito alta h≥2m
1005	Cabeço d´Ante	0	0	1	230	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0
1009	Charneca das Canas	0	0	1	324	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0
1010	Charneca das Vinhas	0	0	1	359	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0
1012	Eira da Vinha	0	0	1	105	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0
1014	Farranhão	0	1	0	217	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	1	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0
1022	Morouços 1	0	1	0	122	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0
1045	Urgueira	0	1	0	146	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0
2003	Cabeço da Anta 1	0	0	1	383	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
2005	Cão do Ribeiro	0	0	1	367	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0
2010	Cimo do Vale de Alvito 1	0	0	1	369	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
4005	Amieiro 1	0	1	0	355	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0
4006	Amieiro 2	0	1	0	371	0	0	0	1	0	1	0	1	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0
4007	Amieiro 3	0	1	0	365	0	0	0	1	0	1	0	1	0	1	0	1	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0
4009	Amieiro 5a	0	1	0	368	0	0	0	1	0	1	1	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0
4009	Amieiro 5b	0	1	0	368	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0
4012	Amieiro 8	0	1	0	360	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0
4013	Amieiro 9	0	1	0	324	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0
4039	Cabeço da Forca	0	0	1	304	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0
4053	Chão da Forca	0	1	0	280	0	0	0	1	0	0	1	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0
4058	Corgos	0	1	0	ind	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0
4061	Couto da Espanhola 2	0	1	0	305	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0
4065	Couto da Espanhola 6	0	0	1	350	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0
4088	Granja de São Pedro	0	1	0	ind	0	0	0	0	0	1	0	1	1	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0
4090	Horta da Serra 1	0	1	0	ind	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0
4091	Horta da Serra 2	0	1	0	ind	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0
4110	Pedra d´Anta	0	1	0	ind	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	1	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
4113	Poço do Chibo 1	0	1	0	292	0	0	0	0	0	1	0	1	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0
5013	Cimo dos Valeiros	0	0	1	917	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0
5033	Selada do Cavalo 1	0	0	1	892	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0
5060	Vale de Mós 1	0	0	1	886	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0

Subestrutura funerária central e subestruturas associadas (cont.) — Corredor ortostático (CO); Corredor intratumular (CI) / Átrio (A); Contrafortes — and **Mamoa e subestruturas associadas** — Mamoa; Volume geral (Envergadura)

Refª	Topónimo	CO: Ausente ou indeterminado	CO: Presente	Amplitude (CO+CI+A): Indeterminada	Curto	Longo	Litologia: Indeterminada	Metassedimentar	Quartzito	Quartzo	Granito	CI/A: Ausente ou indeterminado	CI/A: Presente	Litologia (ortóstatos): Indeterminada	Metassedimentar	Quartzito	Quartzo	Granito	Contrafortes: Ausente ou indeterminado	Presente (câmara)	Presente (corredor)	Litologia (elementos grosseiros): Indeterminada	Metassedimentar	Quartzito	Quartzo	Granito	Mamoa: Ausente ou indeterminado	Mamoa: Presente	Envergadura, Horizontal: Indeterminada	Muito pequena Ø<5m	Pequena 5m≤Ø<10m	Média baixa 10m≤Ø<15m	Média alta 15m≤Ø<20m	Grande 20m≤Ø<30m	Muito grande Ø≥30m	Vertical (A actual; O original - estimativa): Indeterminada	Muito baixa h<0,5m A	Muito baixa O	Baixa 0,5m≤h<1m A	Baixa O	Média 1m≤h<1,5m A	Média O	Alta 1,5m≤h<2m A	Alta O	Muito alta h≥2m A	Muito alta O
1005	Cabeço d´Ante	0	1	0	0	1	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0
1009	Charneca das Canas	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0
1010	Charneca das Vinhas	0	1	1	0	1	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0
1012	Eira da Vinha	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0
1014	Farranhão	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
1022	Morouços 1	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0
1045	Urgueira	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0
2003	Cabeço da Anta 1	0	1	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
2005	Cão do Ribeiro	0	1	0	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0
2010	Cimo do Vale de Alvito 1	0	1	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0		0	0	0	0	1	0	1	0	0	1
4005	Amieiro 1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0
4006	Amieiro 2	0	1	0	0	1	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0
4007	Amieiro 3	0	1	0	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	
4009	Amieiro 5a	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0
4009	Amieiro 5b	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0
4012	Amieiro 8	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	
4013	Amieiro 9	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0
4039	Cabeço da Forca	0	1	0	0	1	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0
4053	Chão da Forca	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0
4058	Corgos	0	1	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
4061	Couto da Espanhola 2	0	1	0	0	1	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0
4065	Couto da Espanhola 6	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0
4088	Granja de São Pedro	0	1	0	0	1	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0
4090	Horta da Serra 1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
4091	Horta da Serra 2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
4110	Pedra d´Anta	0	1	0	0	1	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
4113	Poço do Chibo 1	0	1	0	0	1	0	1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0
5013	Cimo dos Valeiros	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0
5033	Selada do Cavalo 1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
5060	Vale de Mós 1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0

Mamoa e subestruturas associadas (cont.) — Volume geral (Geometria, Composição, Litologia); Subestruturas (Couraças, Anéis líticos)

Refª	Topónimo	Geometria (actual): Indeterminada	Circular	Elíptica	Composição (maioritária): Indeterminada	Fina (argila e areia)	Mista (argila e clastos)	Gosseira (clastos) cairn	Litologia (elementos grosseiros, acima de seixo): Indeterminada	Metassedimentar	Quartzito	Quartzo	Granito, corneana, outros	Couraças: Ausente ou indeterminado	Couraças: Presente	Superficial: Total	Superficial: Parcial	Intermédia, Uma: Total	Uma: Parcial	Várias: Total	Várias: Parcial	Litologia (elementos grosseiros): Indeterminada	Metassedimentar	Quartzito	Quartzo	Granito	Anéis líticos: Ausente ou indeterminado	Anéis líticos: Presente	Periférico	Intermédio	Litologia (elementos grosseiros): Indeterminada	Metassedimentar	Quartzito	Quartzo	Granito
1005	Cabeço d´Ante	1	0	0	0	0	1	0	0	1	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0
1009	Charneca das Canas	0	1	0	0	0	1	0	0	1	1	1	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	1	1	0	0	1	1	0	0
1010	Charneca das Vinhas	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	1	1	0	0	1	0	0	0
1012	Eira da Vinha	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	1	0
1014	Farranhão	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
1022	Morouços 1	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0
1045	Urgueira	1	0	0	0	o	1	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
2003	Cabeço da Anta 1	0	1	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1	0	0	1	0	0	0
2005	Cão do Ribeiro	0	1	0	0	1	0	0	0	1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0
2010	Cimo do Vale de Alvito 1	0	1	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	0	0	0
4005	Amieiro 1	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
4006	Amieiro 2	0	1	0	0	0	1	0	0	1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
4007	Amieiro 3	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
4009	Amieiro 5a	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
4009	Amieiro 5b	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
4012	Amieiro 8	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
4013	Amieiro 9	0	1	0	0	0	1	0	0	1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
4039	Cabeço da Forca	0	1	0	0	1	0	0	0	1	0	1	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	1	1	1	1	0	1	1	0	0	1	0	1	0
4053	Chão da Forca	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
4058	Corgos	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
4061	Couto da Espanhola 2	0	1	0	0	1	0	0	0	1	0	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1	1	0	0	1	0	0	0
4065	Couto da Espanhola 6	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	0	1	0
4088	Granja de São Pedro	1	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
4090	Horta da Serra 1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
4091	Horta da Serra 2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
4110	Pedra d´Anta	1	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
4113	Poço do Chibo 1	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
5013	Cimo dos Valeiros	0	1	0	0	0	1	0	0	1	0	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1	1	0	0	1	0	0	0
5033	Selada do Cavalo 1	0	1	0	0	0	1	0	0	1	0	1	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
5060	Vale de Mós 1	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0

Anexo 9. Tabela das tipologias construtivas

Tipo	Refª	Topónimo	Subestrutura funerária central e subestruturas associadas																														Mamoa e estruturas associadas																					
			Subestrutura observável																Câmara				Corredor ortostático (CO) incluindo formas incipientes					Corre-dor intratumular (CI) / Átrio (A)		Contrafortes			Subestruturas																					
			Indeterminada	Simples (câmara)	Simples			Composto	Composto (câmara + corredor)										Indeterminada	Não ortostática		Ortostática	Ausente ou indeterminado	Presente	Amplitude (CO+CI+A)			Ausente ou indeterminado	Presente	Ausente ou indeterminado	Presente (câmara)	Presente (corredor)	Couraças													Anéis líticos								
					Aberta/fechada				Diferenciação horizontal		Diferenciação vertical		Alinhamento		Proporcionalidade					Negativa (fossa)	Positiva				Indeterminada	Curto	Longo						Ausente ou indeterminado	Presente	Superficial		Intermédia				Litologia (elementos grosseiros)					Ausente ou indeterminado	Presente	Periférico	Intermédio	Litologia (elementos grosseiros)				
					Indeterminada	Aberta	Fechada		Indiferenciado	Diferenciado	Indiferenciado	Diferenciado	Alinhado	Desalinhado	Indeterminada	Indiferenciada	Alargada	Alongada																	Total	Parcial	Uma		Várias		Indeterminada	Metassedimentar	Quartzito	Quartzo	Granito					Indeterminada	Metassedimentar	Quartzito	Quartzo	Granito
																																					Total	Parcial	Total	Parcial														
A	5033	Selada do Cavalo 1	0	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
B	1009	Charneca das Canas	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0	1	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	1	1	0	0	1	1	0	0
	1012	Eira da Vinha	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	1	0	1	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	1	0
	4009	Amieiro 5b	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
	4013	Amieiro 9	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
	4065	Couto da Espanhola 6	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	0	1	0
	4091	Horta da Serra 2	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
	5013	Cimo dos Valeiros	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	1	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1	1	0	0	1	0	0	0
	5060	Vale de Mós 1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
C	4005	Amieiro 1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
	4012	Amieiro 8	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
	4009	Amieiro 5a	0	0	0	1	0	1	1	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	1	0	1	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
	4058	Corgos	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
D com corredor curto	1014	Farranhão	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	1	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
	1045	Urgueira	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
	4053	Chão da Forca	0	0	0	1	0	0	1	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
D com corredor longo, ortostático e/ou intratumular	1005	Cabeço d´Ante	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0
	1010	Charneca das Vinhas	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	0	1	1	0	1	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	1	1	0	0	1	0	0	0
	4006	Amieiro 2	0	0	0	1	0	1	0	1	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	1	0	0	1	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
	4007	Amieiro 3	0	0	0	1	0	1	0	1	0	1	0	1	0	0	0	1	0	0	0	1	0	1	0	0	1	0	1	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
	4039	Cabeço da Forca	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1	1	0	0	1	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	1	1	1	1	0	1	1	0	0	1	0	1	0
	4088	Granja de São Pedro	0	0	0	0	0	1	0	1	1	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
	2005	Cão do Ribeiro	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1	0	1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0
	4110	Pedra d´Anta	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	1	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
	4113	Poço do Chibo 1	0	0	0	0	0	1	0	1	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
D com corredor hipoteticamente longo	1022	Morouços 1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0	1	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0
	2003	Cabeço da Anta 1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	1	0	0	1	0	1	0	0	0	1	0	1	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1	0	0	1	0	0	0
	2010	Cimo do Vale de Alvito 1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	1	0	0	1	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	0	0	0
E	4061	Couto da Espanhola 2	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1	1	0	1	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1	1	0	0	1	0	0	0
Indeterminado	4090	Horta da Serra 1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0

Anexo 10. Tabela de artefactos provenientes de escavação

Refª (catálogo)	Topónimo	Grau de incidência da escavação arqueológica (N não incidente, P parcial, T total)													Espólio (quantidades; nc = não contabilizada)																
		Câmara			Corredor			Átrio ou entrada			Mamoa			Desmonte total	Pedra lascada													Pedra afeiçoada			Percutor
		N	P	T	N	P	T	N	P	T	N	P	T		Peça afeiçoada núcleo, lasca	Disco	Resto de talhe	Núcleo de lamelas	Lasca	Lamela	Lâmina	Geométrico	Furador	Ponta de seta base não côncava	Ponta de seta base côncava	Punhal	Alabarda	Mó (indiferenc.)	Movente	Dormente	
															1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17
Concelho de Vila Velha de Ródão																															
1005	Cabeço d´Ante			•			•		•			•			14	0	0	2	14	3	14	11	1	43	4	0	0	0	0	1	2
1009	Charneca das Canas			•								•			0	0	1+	9	1+	26	19	5	0	0	10	4	0	1	0	0	1
1010	Charneca das Vinhas			•			•			•		•			0	0	1+	4	6	5	13	3	1	0	25	1	0	0	2	1	0
1012	Eira da Vinha			•									•	•	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1+	1+	0
1014	Farranhão		•									•			1+	0	1+	0	1+	0	3	2	0	4	1	1	1	0	0	1	5+
1043	Urgueira			•			•								0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Concelho de Proença-a-Nova																															
2005	Cão do Ribeiro			•			•		•			•			0	4	0	1	9	2	20	3	1	15	0	0	0	0	2	0	1
Concelho de Idanha-a-Nova																															
4005	Amieiro 1			•	•			•				•			0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
4006	Amieiro 2			•			•	•			•				0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
4007	Amieiro 3			•			•			•	•				0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
4009	Amieiro 5			•								•			0	0	0	0	0	0	2	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0
4012	Amieiro 8			•								•			0	0	0	0	0	1	0	2	0	0	1	0	0	0	0	0	0
4013	Amieiro 9			•								•			0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
4039	Cabeço da Forca			•			•		•			•			3	0	0	1	2	0	4	2	0	0	0	0	0	0	0	3	2
4053	Chão da Forca			•		•		•			•				0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
4058	Corgos			•			•	•			•				0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0
4061	Couto da Espanhola 2			•			•	•				•			0	1	0	2	0	1	2	2	0	20	5	0	0	0	0	0	1
4065	Couto da Espanhola 6			•								•			0	0	0	0	0	1	1	2	0	0	0	0	0	0	1	0	0
4088	Granja de São Pedro			•			•		•		•				1	0	0	1	12	0	2	0	0	4	0	0	0	1+	0	0	0
4090	Horta da Serra 1			•							•				0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
4091	Horta da Serra 2			•							•				0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
4110	Pedra d´Anta			•			•		•		•				0	0	0	0	0	0	7	5	0	1	1	0	1	0	0	0	1+
4113	Poço do Chibo 1			•			•	•				•			2	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1+	2+	1
Concelho de Oleiros																															
5013	Cimo dos Valeiros			•	•			•				•			1	0	0	0	0	0	1	2	0	0	0	0	0	0	0	1	0
5033	Selada do Cavalo 1		•		•			•				•			1	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
5060	Vale de Mós 1			•	•				•				•	•	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
														Quantidades	23	7	3	21	45	39	90	41	3	89	47	6	2	4	7	11	15

Refª (catálogo)	Topónimo	Pedra polida					Polidor	Adornos			Artefactos simbólicos		Cerâmica												Osso humano e dente	Metais		
		Machado	Enxó	Goiva	Sacho Escopro	Braçal de arqueiro		Pendente	Conta discóide	Conta tubular ou elíptica	Placa de xisto ardosiano	Placa de arenito micaxisto	Fragmento		Forma globular, fechada, vaso e pote		Forma hemisférica e taça carenada		Forma aberta, taça		Copo e troncocónicos		Prato		(nº mínimo de indivíduos)	Machado	Punhal	Ponta de seta
													Lisa	Decorada	Lisa	Decorada	Lisa	Decorada	Lisa	Decorada	Lisa	Decorada	Lisa	Decorada				
		18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44
Concelho de Vila Velha de Ródão																												
1005	Cabeço d´Ante	2	2	0	0	0	0	4	7	11	3	1	nc	nc	nc	nc	nc	nc	nc	nc	nc	nc	nc	nc	1	0	0	0
1009	Charneca das Canas	3	2	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1+	1	2	1	1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0
1010	Charneca das Vinhas	2	5	0	2	0	0	0	0	1	1	0	1+	2	6	0	3	0	3	0	4	2	0	0	0	0	0	0
1012	Eira da Vinha	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1+	0	1+	0	1+	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1014	Farranhão	0	3	0	0	0	0	0	1	4	0	0	1+	0	1+	0	1+	0	1+	0	0	0	2	0	0	0	0	0
1043	Urgueira	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	1	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Concelho de Proença-a-Nova																												
2005	Cão do Ribeiro	13	1	0	0	0	0	0	0	1	4	2	1+	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Concelho de Idanha-a-Nova																												
4005	Amieiro 1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1+	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
4006	Amieiro 2	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0
4007	Amieiro 3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
4009	Amieiro 5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
4012	Amieiro 8	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1+	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
4013	Amieiro 9	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
4039	Cabeço da Forca	6	8	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1+	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
4053	Chão da Forca	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
4058	Corgos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
4061	Couto da Espanhola 2	4	0	0	0	1	1	0	1	1	1	0	1	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
4065	Couto da Espanhola 6	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	3	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
4088	Granja de São Pedro	3	1	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1+	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
4090	Horta da Serra 1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
4091	Horta da Serra 2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
4110	Pedra d´Anta	2	1	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	2	0	4	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0
4113	Poço do Chibo 1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Concelho de Oleiros																												
5013	Cimo dos Valeiros	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
5033	Selada do Cavalo 1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1+	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
5060	Vale de Mós 1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	Quantidades	47	26	1	4	1	2	4	10	21	12	3	16	5	16	1	19	1	13	0	5	2	3	0	3	2	1	1